PATRÍSTICA

# SANTO AGOSTINHO

Comentário aos Salmos
*(Enarrationes in psalmos)*
Salmos 51-100

SANTO AGOSTINHO

# COMENTÁRIO AOS SALMOS

## (Enarrationes in psalmos)

### Salmos 51-100

# Índice

# SALMO 51

## SERMÃO AO POVO

**1** O salmo de que pretendemos tratar diante de V. Caridade é curto, mas tem um título um tanto difícil. Tende, pois, paciência, enquanto o explicamos, à medida do possível e do auxílio do Senhor. Não devemos passar por cima destas questões, porquanto aprouve a nossos irmãos apreender o que vamos dizer não só com os ouvidos e o coração, mas também com o estilete. Por isso, devemos pensar não apenas nos ouvintes, mas ainda nos leitores. Deram ocasião a este salmo certos fatos, registrados no livro dos Reis, que mandamos vos fossem lidos. O rei Saul fora escolhido pelo Senhor, mas não de modo permanente. Foi destinado a um povo de coração duro e mau, para sua correção e não para sua utilidade (cf 1Rs 8,7), segundo aquela sentença das Sagradas Escrituras, que refere de Deus: “Ele faz reinar o hipócrita por causa da perversidade do povo” (Jó 34,30, sg. LXX). Sendo assim, portanto, Saul perseguia Davi (cf 1Rs 18,24), figura do reino salvífico e eterno, e que Deus escolhera para que em sua descendência perdurasse esse reino. Com efeito, seria da descendência de Davi, segundo a carne, o nosso rei, rei dos séculos com o qual haveríamos de reinar eternamente. Por conseguinte, tendo Deus escolhido Davi de antemão e predestinado ao reino, não quis que Davi reinasse antes de estar livre dos seus perseguidores. Nisto ele nos figurava, isto é, o corpo do qual Cristo é a Cabeça. Além disso, se nossa própria Cabeça não quis reinar no céu antes de ter realizado na terra o seu trabalho, nem elevar ao céu o corpo que recebeu na terra, a não ser pelo caminho da tribulação, por que hão de pretender seus membros serem mais felizes do que a Cabeça? “Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares” (Mt 10,25)! Não esperemos um caminho mais plano; vamos por onde ele nos precedeu, sigamos por onde nos conduziu. Se perdermos as suas pegadas, nós pereceremos. Vedes portanto, o que Davi prefigurava; vede também de que Saul era figura: o reinado péssimo em Saul, o bom reinado em Davi; a morte em Saul e a vida em Davi. Pois, só a morte nos persegue; dela triunfaremos no fim, dizendo: “Morte onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?” (1Cor 15,55). O que digo? Só a morte nos persegue? Digo isto porque se não fôssemos mortais, o inimigo nada de mal nos poderia fazer. Por acaso faz alguma coisa aos anjos? Portanto, mesmo a morte, da qual sofremos principalmente perseguição, e cujo aguilhão terminará no fim dos tempos, ao ressuscitarmos dos mortos, como acabou em nossa Cabeça, acabará também em nós, se então formos justos. Pois, ao morrer ele matou a morte. Antes morreu a morte nele do que ele, na morte.

**2** Finalmente, se observarmos atentamente, o próprio nome encerra um mistério. Pois, Saul significa desejo, anelo. E como podemos duvidar que nós mesmos causamos a morte? A morte surgiu do pecado do homem. Com razão, portanto, o próprio homem desejou a morte, e por isso desejo seria nome da morte. Pois está escrito: “Deus não fez

a morte, nem tem prazer em destruir os viventes. Tudo criou Deus para que subsista e fez cooperarem na salvação as nações do mundo”. E como se perguntasses de onde vem a morte, responde o livro da Sabedoria: “Mas os ímpios a chamam com gestos e com vozes, por ela se consomem, crendo-a sua amiga” (Sb 1,13.14.16). Por conseguinte, desejando-a eles se consumiram e se precipitaram na morte, como se fosse sua amiga, da mesma forma que o povo de Deus considerou que um rei seria um amigo, e pediram de fato, um inimigo. O povo extorquiu de Deus a possibilidade de ter um rei, e foi-lhe dado Saul. Foi como se o povo fosse entregue às mãos daqueles que chamaram a morte com gestos e palavras. Saul representava a morte. Por isso o salmo 17 tem por título: “No dia em que o Senhor o livrou da mão de todos os seus inimigos e da mão de Saul” (Sl 17,1). Disse primeiro: todos os seus inimigos, e em seguida: “da mão de Saul”, porque o último inimigo a ser destruído será a morte (cf 1Cor 15,26). Que significa: “da mão de Saul?” Que Cristo nos tirou das profundezas e nos libertou das mãos da morte.

**3** Quando, pois, Saul perseguia o santo varão Davi, este fugiu para onde julgava ser um lugar seguro; passando pela casa de certo sacerdote chamado Aquimelec, dele recebeu alguns pães. Ali ele fez o papel não só de rei, mas também de sacerdote, porque comeu os pães da proposição, “que não era lícito comer” (Mt 12,4), conforme declara o Senhor no evangelho, a não ser os sacerdotes. Em seguida, Saul começou a procurá-lo, e encolerizou-se contra os seus porque ninguém queria lho entregar. Isto se lê no livro dos Reis (cf 1Rs 21 e 22). Achava-se ali certo Doeg, idumeu, chefe dos pastores de Saul, quando Davi esteve com o sacerdote Aquimelec. Estando presente quando Saul se encolerizava contra os seus porque nenhum queria trair a Davi, Doeg declarou onde o havia visto. Imediatamente Saul mandou chamar o sacerdote e toda a sua família e ordenou que fossem mortos. Nenhum dos homens do rei Saul ousou, nem mesmo com a ordem do rei, lançar mãos aos sacerdotes do Senhor. Mas aquele que o traíra como Judas, que não desistiu de seu propósito e perseverou nele até o fim, até que daquela raiz viessem os frutos (quais, senão os de uma árvore má?), este Doeg matou com as próprias mãos, obedecendo ao rei, o sacerdote e toda a sua família. Em seguida, foi passada ao fio da espada também a cidade dos sacerdotes. Vimos, portanto, como Doeg era inimigo do rei Davi e do sacerdote Aquimelec. Doeg foi um homem, mas representa determinada espécie de homens, como Davi corporalmente foi rei e sacerdote, um só homem e duas funções, mas representante de outra espécie de homens. Efetivamente, em nosso tempo e lugar vemos estas duas espécies, de sorte que nos é útil o que cantamos ou ouvimos cantar. Agora consideremos quem é Doeg, vejamos a estirpe real e sacerdotal, e pensemos na espécie de homens que é contra o rei e o sacerdote.

**4** Em primeiro lugar verificai como são místicos os próprios nomes. Doeg se traduz por movimento; idumeu significa terreno. Logo verificais qual a espécie de homens representada por Doeg, este movimento, que não durará eternamente, mas partirá daqui. É terreno. Esperas de um homem terreno alguns frutos? O homem celeste é eterno. Existe, portanto, um reino terreno (para falar com brevidade e insinuar num instante) hoje neste mundo, onde está também o reino celeste. Ambos os reinos têm os peregrinos

como seus cidadãos, o reino terreno e o reino celeste, o reino que há de ser arrancado e o reino que há de ser plantado eternamente. Agora, neste mundo, os cidadãos dos dois reinos estão misturados; o corpo do reino terreno e o do reino celeste estão mesclados. O reino celeste geme no meio dos cidadãos do reino terreno, e por vezes (pois nem isto devemos calar) de certo modo o reino terreno angaria os cidadãos do reino dos céus, e o reino celeste angaria os cidadãos do reino terreno. Ambas as coisas nós vos demonstraremos, baseados nas Escrituras de Deus. Daniel e os três jovens em Babilônia, prepostos aos negócios do rei (cf Dn 2,49); José no Egito, no segundo lugar, onde foi posto pelo rei para administrar os bens daquela "república" da qual o povo de Deus devia ser libertado; José era obrigado de certo modo a prestar serviço público ali, como aqueles três jovens, como Daniel (cf Gn 41,40). É manifesto que o rei do reino terreno o empregara em suas obras, isto é, nos trabalhos de seu reino, mas não para os seus feitos malvados, pois era cidadão do reino dos céus. E o reino dos céus, como emprega neste mundo durante certo tempo os cidadãos do reino terreno? Não era deles que o Apóstolo afirma que anunciavam o evangelho não sinceramente, mas desejando bens terrenos pregavam o reino dos céus e procurando os próprios interesses proclamavam a Cristo? E a fim de que saibais que eles foram tomados como mercenários para a obra do reino dos céus, o Apóstolo mesmo assim se regozija e diz a seu respeito: "É verdade que alguns anunciam o Cristo por inveja e porfia, não sinceramente, julgando com isso acrescentar sofrimento às minhas prisões. Mas que importa? De qualquer maneira, ou com segundas intenções ou sinceramente, Cristo é proclamado, e com isso eu me regozijo e me regozijarei" (Fl 1,17.18). Desses também fala Cristo nestes termos: "Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem mas não fazem" (Mt 23,2.3). O que dizem refere-se a Davi; o que fazem, contudo, refere-se a Doeg. Ouvi-me através deles, mas não os imiteis. Existem estas duas espécies de homens atualmente na terra. Deles canta o presente salmo.

**5** [1.2] É o seguinte o título do salmo: "Para o fim. Inteligência. De Davi. Quando Doeg, o idumeu, veio dizer a Saul: Davi esteve na casa de Abimelec" e no entanto lemos que ele esteve na casa de Aquimelec. Talvez não percebamos por causa da semelhança dos nomes e da diferença de uma sílaba, ou antes de uma letra, que divergem os títulos. Nos códices dos salmos que examinamos, porém, encontramos Abimelec em vez de Aquimelec. Em outra passagem, num salmo com muita clareza, encontra-se não uma diferença pequena de nome, mas insinuado de fato outro nome. Efetivamente Davi mudou de fisionomia diante do rei Aquis e não diante de Abimelec. Despediu-se dele e partiu. O título do salmo assim foi re-gistrado: "Quando alterou a expressão do rosto diante de Abimelec" (Sl 33,1). A própria mudança de nome torna-nos atentos ao mistério, a fim de não procurarmos a realidade histórica, desprezando os véus do sentido sagrado. Naquele salmo, pesquisando o sentido do nome de Abimelec, encontramos a interpretação: reino de meu pai. Como foi que Davi deixou o reino de seu pai, e partiu, senão quando Cristo deixou o reino dos judeus e passou para os gentios? Daí também o

espírito profético ao dar um título a este salmo não quis escrever Aquimelec, mas Abimelec, porque Davi foi traído quando foi ao reino de seu pai, a saber, quando veio nosso Senhor Jesus Cristo ao reino dos judeus — instituído por seu Pai, do qual ele disse: “O reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produzirá seus frutos” e a justiça (Mt 21,43) —, então foi entregue à morte, conforme significa Saul. Não foi morto[1] e nem Isaac, que foi uma figura da paixão do Senhor (cf. Gn 22,12); contudo, isso não se realizou sem a figura do derramamento de sangue; no segundo caso o sangue daquele cordeiro, e no primeiro o do sacerdote Aquimelec. Não convinha que fossem mortos aqueles que então não deviam ressuscitar; foi libertada sua vida do perigo de morte, apesar do derramamento de sangue; e ficou representada melhor a ressurreição de Jesus, que eles figuraram desta maneira, mas que era reservada ao Senhor. Muito mais poderia falar a este respeito, se neste sermão houvéssemos empreendido tratar dos mistérios escondidos naqueles fatos.

**6** Agora ouçamos o que toca a essas duas espécies de homens, pois quanto ao título já tratamos, conforme Deus nos concedeu, embora com muito empenho e talvez com palavras demasiadas. Prestai atenção às duas espécies de homens seguintes: uma dos que sofrem, outra daqueles no meio dos quais se padece; uma dos que só pensam na terra, outra que cogita do céu; uma dos que mergulham o coração nas profundezas, outra dos que se unem de coração aos anjos; uma dos que esperam nos bens terrenos, que florescem neste mundo, outra dos que presumem alcançar os celestes, prometidos por um Deus que não mente. Mas estas duas espécies se acham misturadas. Podemos encontrar agora cidadão de Jerusalém, cidadão do reino dos céus cuidando de administração na terra. Quer dizer, usa vestes de púrpura, é magistrado, é edil, é procônsul, é imperador, governa uma república terrena; tem, contudo, o coração ao alto, se é cristão, fiel, piedoso, se despreza as coisas presentes e espera as futuras. Desta espécie foi aquela santa mulher Ester, que sendo esposa do rei, enfrentou o perigo de interceder em favor de seus concidadãos; e quando orava diante de Deus, onde não podia mentir, disse em sua oração que os ornamentos reais eram para ela como panos imundos (cf Est 14,16). Por conseguinte, não percamos a esperança a respeito dos cidadãos do reino dos céus, quando os virmos a administrar negócios em Babilônia, algo de terreno na república terrena; também não, ao contrário, nos congratulemos com todos os que vemos ocupar-se de questões celestes, porque também homens pestilentos sentam-se por vezes na cátedra de Moisés; deles foi dito: “Fazei quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem e não fazem” (Mt 23,3). Aqueles no meio das questões terrenas elevam o coração ao céu, estes ouvem palavras do céu e arrastam o coração pela terra. Virá o tempo de se limpar a eira, e então com diligência se distinguirá a palha do trigo, para que nenhum grão seja levado ao montão de palha para ser queimado, nem palha alguma passe junto com o trigo a ser recolhido no celeiro. Por conseguinte, enquanto estão misturados, ouçamos aqui a nossa voz, isto é, a voz dos cidadãos do reino dos céus (devemos empenhar-nos em tolerar aqui os maus antes que sermos tolerados pelos bons), e juntemos a esta a nossa voz, nosso ouvido, nossa língua, nosso coração e nossas obras. Se assim agirmos, nós é que falaremos com as palavras

que ouvimos. Tratemos primeiro dos maus incorporados do reino da terra.

**7** [3] “Por que te glorias de tua malícia, ó prepoten-te?” Observai, meus irmãos, a glória da perversidade, a glória dos homens malvados. Qual? “Por que te glorias de tua malícia, ó prepotente?” A saber, de que se gloria o pre-potente? É preciso ser poderoso, mas em bondade, não em malícia. É algo de grande gloriar-se na malícia? Poucos são os que sabem construir uma casa; para destruí-la qualquer tolo serve. Também de poucos é semear o trigo, cultivar a plantação, esperar que amadureça, alegrar-se com o resultado de seu trabalho; mas qualquer um pode com uma fagulha incendiar toda a messe. É grande tarefa aceitar um filho, nutri-lo depois de nascer, educá-lo, guiá-lo até a idade juvenil; qualquer um, porém, pode matá-lo num instante. Por conseguinte, tudo o que se faz para destruir é facílimo. Aquele que se gloria, no Senhor se glorie (cf. 1Cor 1,31); aquele que se gloria, glorie-se na bondade. Tu te glorias, ó prepotente, na malícia. Que hás de fazer, ó poderoso, que hás de fazer, tu que tanto te gabas? Hás de matar um homem. Mas, isto pode fazer um escorpião, uma febre, um tumor maligno. A isto se reduz todo o seu poder, a saber, igualar-te a um tumor maligno? Os bons cidadãos de Jerusalém se gloriam da bondade, não da malícia. Em primeiro lugar se gloriam no Senhor, não em si mesmos; em seguida, empenham-se em fazer o que serve para edificação, e ações tais que mereçam perdurar; os atos destru-tivos são realizados em favor da educação dos que aproveitam e não para oprimir inocentes. Comparado aquele corpo terreno a este poder, como não lhe aplicar as palavras: “Por que te glorias de tua malícia, ó prepotente?”

**8** [4] “Todos os dias a tua língua cogitou da injustiça. A injustiça todos os dias”, isto é, em todo tempo, sem cansaço, sem intervalo, sem pausa. E quando não a praticas, nela pensas; quando o mal se afasta das mãos, do coração não se afasta; ou praticas o mal, ou se não o podes fazer, proferes o mal, quer dizer, maldizes; ou quando nem isto é possível, queres e planejas o mal. “Todos os dias”, portanto, isto é, sem interrupção. Ficamos na expectativa do castigo deste homem. É pequeno o castigo para ele? Tu o ameaças; e ao ameaçares, que mal lhe desejas? Deixa-o a si mesmo. Por mais que te enfureças, só poderás lançá-lo às feras. Mas, em si mesmo ele é pior do que elas. A fera pode dilacerar o corpo; ele não deixa sadio o próprio coração. Inteiramente ele se maltrata, e tu procuras infligir-lhe ferimentos externos? Ao contrário, reza por ele a Deus, para que ele se liberte de si mesmo. Por causa disso, meus irmãos, este salmo não é uma oração em favor dos malvados, ou contra eles, mas uma profecia do que lhes acontecerá. Por conseguinte, não julgueis que o salmo emprega palavras malévolas, mas fala o espírito profético.

**9** Como continua? Se toda a tua força, todo o teu pensamento maligno todos os dias, e os planos maldosos estão em tua língua sem interrupção, o que se produz? O que fazes? “Agiste dolosamente como navalha afiada”. Eis o que os maus fazem aos santos; raspam-lhe os cabelos. O que quero dizer? Se são cidadãos de Jerusalém, ouvem a palavra do Senhor, seu rei: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a

alma” (Mt 10,28), e escutam também a palavra que foi lida há pouco do evangelho: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua vida”? (Mt 16,26). Desprezam todos os bens presentes e ainda mais a própria vida. E que pode fazer a navalha de Doeg a um homem que nesta terra medita no reino dos céus e que há de entrar no reino dos céus, tendo Deus consigo e onde há de permanecer para sempre com Deus? Que fará aquela navalha? Raspará os cabelos, e fá-lo-á calvo. E isto se refere a Cristo, crucificado no Calvário. Fá-lo-á também ao filho de Coré, que significa calvície. Pois, os cabelos representam o supérfluo dos bens temporais. Em verdade, os cabelos não foram feitos por Deus como supérfluos no corpo humano, mas servem de algum ornamento; no entanto, como podem ser cortados sem que se sinta, aqueles que aderem de coração ao Senhor, consideram as riquezas terrenas como se fossem cabelos. Mas às vezes é possível praticar algum bem com os cabelos, por exemplo, partindo o pão com o que tem fome, abrigando o sem teto em casa, vestindo o nu (cf Is 58,7). Finalmente, os próprios mártires que imitaram o Senhor, derramando o próprio sangue pela Igreja, e atendendo àquela palavra: Como Cristo “deu a sua vida por nós, nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3,16), de certa maneira fazem o bem com seus cabelos, isto é, com o que aquela navalha pode cortar ou raspar. Também aquela mulher pecadora, que tendo derramado lágrimas sobre os pés do Senhor, enxugou-os com os cabelos, demonstra que com os cabelos é possível praticar algum bem (cf Lc 7,38). O que significava este ato? Significa que, ao te compadeceres de alguém, deves, se possível, igualmente socorrê-lo. Ao te compadeceres, derramas lágrimas; ao socorreres, enxugas com os cabelos. E se fazes isto a qualquer um, quanto mais aos pés do Senhor! Quais são os pés do Senhor? Os santos evangelistas, dos quais se disse: “Quão graciosos são os pés dos mensageiros, dos que anunciam a paz, dos que proclamam boas novas” (Is 52,7; Rm 10,15). Por conseguinte, afie Doeg a língua, qual navalha, aguce quanto puder seu dolo. Há de tirar os supérfluos temporais; acaso conseguirá tirar o necessário eternamente?

**10** [5] “Preferiste o mal ao bem”. Diante de ti estava a bondade, para a amares. Não era preciso gastar alguma coisa, ou ir buscar através de uma longa navegação o que amar. A bondade está diante de ti, e a maldade diante de ti. Compara e escolhe. Mas talvez tenhas olhos para ver a malvadez e não os tenhas para ver a bondade. Ai do coração iníquo! E o que é pior, desvia o olhar para não ver o que poderia ver. Que se diz destes homens em outra passagem? “Não quis entender para agir bem”, não foi dito: não pôde; mas: “Não quis entender para agir bem”, fechou os olhos à luz. Qual a conseqüência? “No leito tramou o crime” (Sl 35,4.5), quer dizer, no íntimo segredo de seu coração. Coisa semelhante se lança em face a Doeg, o idumeu, o corpo maligno, morto e terreno, que não persistirá, não é celeste. “Preferiste o mal ao bem”. Pois, queres saber como o mau vê ambas as coisas, e escolhe uma e rejeita outra? Por que é que grita quando sofre algum mal? Qual o motivo por que então exagera quanto pode a maldade, e louva a bondade, censurando aquele que agiu para com ele, preferindo o mal ao bem? Seja a seguinte a regra para seu modo de viver: será julgado de acordo com o seu modo de ser.

Com efeito, se cumprir o que foi escrito: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39); e: “Tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles” (Mt 7,12), em si mesmo encontrará meios de saber porque não deve fazer a outrem o que não quer que se lhe faça (Tb 4,16). “Preferiste o mal ao bem”. De maneira iníqua, desordenada, perversa queres colocar a água acima do óleo; a água vai para o fundo e o óleo sobe. Queres encobrir a luz com as trevas; afugentam-se as trevas e a luz permanece. Queres colocar a terra acima do céu; por seu peso a terra volta a seu lugar. Tu, portanto, afundas, amando mais o mal que o bem. Mas, a maldade jamais superará a bondade. “Preferiste o mal ao bem, a mentira à eqüidade”. Acha-se diante de ti a eqüidade, e também diante de ti a iniqüidade. Tens uma só língua e a diriges para o lado que escolheres. Por que escolherás a iniqüidade e não a eqüidade? Não ingeres alimentos amargos para o teu estômago, e dás à tua língua maligna alimentos iníquos? Como escolhes o que comer, assim deves escolher o que falar. Portanto, preferes a iniqüidade à eqüidade, e preferes o mal ao bem. Tu, de fato, escolhes, mas o que pode estar em cima a não ser a bondade e a eqüidade? Mas tu, impondo de certo modo a ti mesmo ter em cima as coisas que necessariamente se colocam em baixo, não consegues colocá-las acima do bem, mas, ao invés, tu mergulharás com elas no mal.

**11** [6] Por esta razão continua o salmo: “Só gostas de palavras que submergem”. Livra-te, se puderes, de seres afogado. Foges do naufrágio, e agarras-te a um pedaço de chumbo! Se não queres naufragar, agarra uma tábua, sobe a um pedaço de madeira, e que a cruz te conduza. Agora, porém, como és Doeg, idumeu, movimentado e terreno, que farás? “Só gostas de palavras que submergem, ó língua pérfida”. A língua pérfida precede, em seguida vêm as palavras que afogam. Que é língua pérfida? A língua pérfida é escrava da falácia. É própria dos que têm uma coisa no coração e proferem outra com a boca. Mas em tudo isso há subversão, em tudo naufrágio.

**12** [7] “Por isso Deus te há de destruir para sempre”, apesar de pareceres agora verdejante como o feno no campo antes de o ardor do sol o atingir. Toda carne é feno e toda a sua graça como a flor do campo. Seca o feno e mur-cha a flor, mas a palavra do Senhor subsiste para sempre (cf Is 40,6.8). É a isto que deves visar: o que permanece eternamente. Pois se te apegares ao feno e à flor, uma vez que o feno fenece e a flor murcha, “Deus te há de destruir para sempre”. Apesar de não o fazer agora, certamente no fim há de destruir, quando vier aquela ventilação, e o acervo de palha for separado do trigo. O trigo não irá para o celeiro e a palha para o fogo? Todos os que pertencem a Doeg estarão à esquerda, quando o Senhor há de dizer: “Ide malditos para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”? (Mt 3; 13,40; 25,41). Portanto, “Deus te há de destruir para sempre. Há de te arrancar e remover de tua tenda”. Agora, pois, este idumeu, Doeg, está na tenda; mas o escravo não permanece na casa (cf Jo 8,35). Ele também faz alguma coisa boa; se não por suas ações, ao menos por causa da palavra de Deus, de maneira que se procurar na Igreja apenas seus próprios interesses (Fl 2,21), ao menos profira as palavras de Cristo. “Mas há de te remover de tua tenda. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa” (Mt 6,2). “E de extirpar as tua raízes da terra

dos vivos”. Com efeito, devemos ter as raízes na terra dos vivos. Lá esteja a nossa raiz. A raiz é oculta. Os frutos são visíveis, mas a raiz não. Nossa raiz é a caridade e nossos frutos são nossas obras. É preciso que tuas obras procedam da caridade. Então, tua raiz estará na terra dos vivos. De lá é arrancado este Doeg, e de forma nenhuma ele poderia lá permanecer, porque lá não aprofundou suas raízes; mas como aquelas sementes que caíram sobre a pedra, embora lancem raízes, logo que o sol se levantar murcham, por falta de umidade (cf Mt 13,5). Ao invés, o que ouvem do Apóstolo os que aprofundam suas raízes? “Eu dobro os joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, para que sejais arraigados e fundados no amor”. Aí está a raiz: “para compreenderdes qual é a largura e o cumprimento, e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para vos encherdes com toda a plenitude de Deus” (Ef 3,14.16-19). De tais frutos é digna a grande raiz que é tão simples, tão vigorosa, e cujo germe penetrou tão profundamente. Ao invés, a raiz acima referida será arrancada da terra dos vivos.

1 A saber, Davi.

**13** [8] “Os justos hão de ver e temer. Rir-se-ão dele”. Quando temerão? Quando haverão de rir? Entendamos bem, portanto, e distingamos estes dois termos, de temer e de rir, porque isto é muito útil. Enquanto nos achamos neste mundo, ainda não é tempo de rir, a fim de que depois não tenhamos de chorar. Lemos o que está reservado para Doeg no final. Lemos, e visto que entendemos e cremos, vemos mas tememos. Por isto foi dito: “Os justos hão de ver e temer”. Quando só vemos o que há de advir no final aos maus, por que devemos temer? Porque o Apóstolo disse: “Operai a vossa salvação com temor e tremor” (Fl 2,12). E foi dito no salmo: “Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor” (Sl 2,11). Por que motivo com temor? “Assim, pois, aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). Qual a razão de temer? Porque em outra passagem exorta o Apóstolo: “Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi esse tal com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado” (Gl 6,1). Por isso, os justos de hoje, que vivem da fé, vêem o que há de suceder a este Doeg, e temem por si mesmos. Sabem o que são hoje, mas desconhecem o que serão amanhã. “Agora, portanto, os justos hão de ver e temer”. Quando, porém, é que haverão de rir? Quando houver passado a iniqüidade, quando tiver decorrido, como já em grande parte transcorreu o tempo incerto, quando forem afugentadas as trevas deste século, nas quais andamos tendo por luz apenas as Escrituras; por isso temos medo como quem caminha à noite. Andamos à luz das profecias, das quais declara o apóstolo Pedro: “Temos por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em vossos corações” (11 2Pd 1,19). Efetivamente, enquanto andamos a esta luz, necessariamente vivemos com temor. Ao chegar, porém, o nosso dia, isto é, a manifestação de Cristo, da qual afirma o mesmo Apóstolo: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória” (Cl 3,4). Então, os justos se rirão deste Doeg. Não haverá mais possibilidade

de socorro. Não será como agora, pois se vês um homem de vida má, esforça-te por ajudá-lo a se corrigir. Pois, quem é injusto pode se converter em justo, como também o justo pode se perverter, e tornar-se injusto. Por isso, não presumas de ti mesmo, nem percas a esperança a respeito do injusto. À medida de tuas possibilidades, se és bom, se não preferes o mal ao bem, corrige o homem que segue por um mau caminho e traz o errante para o caminho reto. Então, ao chegar o dia do juízo, não haverá mais possibilidade de correção, mas somente de condenação; haverá remorso, mas sem fruto, porque tardio. Queres que a penitência seja frutuosa? Que não venha tarde demais. Corrige-te hoje. Tu és réu e Cristo é juiz. Corrige a culpa, e alegrar-te-ás diante do juiz. Hoje ele te exorta a fim de não te condenar no juízo. Hoje é teu advogado aquele que será teu juiz. Por conseguinte, irmãos, haverá tempo oportuno para rir. Quanto às zombarias dos maus, em relação aos justos, estão descritas no livro da Sabedoria. Esta fará nos seus, aos quais se comunicou, o que disse: “Recusastes os meus conselhos e não aceitastes minha exortação: por isso rir-me-ei da vossa desgraça” (Pr 1,24-26). É o que farão os justos a este Doeg. Agora, porém, vejamos e temamos, para não nos acontecer o que dissemos contra ele. E se éramos iguais, deixemos de sê-lo, de sorte que agora tenhamos temor e depois riamos.

**14** [9] Que dirão, então, os que haverão de rir? “Rir-se-ão dele e dirão: Eis o homem que não tomou a Deus por protetor”. Vede o corpo terreno. Vales tanto quanto tens! — é provérbio dos avaros, dos ladrões, dos que oprimem os inocentes, dos que invadem os bens alheios, dos que negam o que lhes foi entregue em penhor. Qual o sentido deste provérbio? Vales tanto quanto tens, isto é, quanto mais dinheiro tiveres, quanto mais adquirires, tanto maior poder terás. “Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas depositou confiança na afluência de suas riquezas”. Não diga um pobre, malvado talvez: Não pertenço a este grupo. Ele ouviu o profeta dizer: “Depositou confiança na afluência de suas riquezas”. Logo, se é pobre, olha seus farrapos, vê talvez junto de si um rico do povo de Deus bem vestido e diz em seu coração: O profeta fala dele; mas, de mim? Não te isentes, não separes, a não ser que vejas com temor a fim de depois poderes rir. Pois, que te adianta carecer de bens e arder de cobiça? Quando nosso Senhor Jesus Cristo disse àquele rico, entristecido porque ele lhe dissera: “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21), e predisse aos ricos grande motivo de desânimo, dizendo ser mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus, os discípulos imediatamente se constristaram, dizendo a si mesmos: “Quem poderá então salvar-se?” (Mt 19,24.25). Portanto, ao dizerem: “Quem então poderá salvar-se?” visavam ao pequeno número dos ricos; desconheciam tão grande multidão de pobres? Não podiam dizer a si mesmos: Se é difícil, até impossível que os ricos entrem no reino dos céus, como é impossível que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, todos os pobres entrarão no reino dos céus, com exclusão apenas dos ricos? Quantos são, então, os ricos? Ao invés, os pobres são inumeráveis, aos milhares. Não haveremos de examinar no reino dos céus as túnicas, mas o fulgor da justiça servirá de veste a cada

um. Serão, portanto, os pobres iguais aos anjos de Deus. Vestidos com a túnica da imortalidade, fulgirão como o sol no reino de seu Pai (cf Mt 13,43); por que nos preocuparmos com uns poucos ricos, ou nos empenharmos em seu favor? Não foi assim que pensaram os apóstolos; mas quando o Senhor declarou: "É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus", eles disseram a si mesmos: "Quem então poderá salvar-se?" A que deram atenção? Não às riquezas, mas à cobiça. Eles viram que os próprios pobres, apesar de não terem dinheiro, têm avareza. No intuito de saberdes que é condenada no rico não a riqueza, mas a avareza, ficai atentos ao que digo: Tens a teu lado aquele rico; talvez tenha dinheiro, mas não avareza, enquanto tu não tens dinheiro e és avaro. Certo pobre coberto de úlceras, atribulado, lambido por cães, não tendo recursos, nem alimento e talvez nem mesmo veste, foi levado pelos anjos ao seio de Abraão (cf Lc 16,22). Ó pobre, tu te alegras com isso; deves então desejar as úlceras? Tua saúde não é um patrimônio? O mérito de Lázaro não está na pobreza, mas na piedade. Sabes quem foi levado, mas não vês para onde foi levado. Quem foi levado pelos anjos? Um pobre, atribulado, ferido. Para onde foi levado? Para o seio de Abraão. Lê as Escrituras; verificarás que Abraão era rico (Gn 13,2). Assim reconheces que as riquezas não são culposas. Abraão possuía muito ouro, prata, rebanhos, servos. Era rico, e foi para seu seio que o pobre Lázaro foi levado. Um pobre no seio de um rico. Ou antes, não seriam ambos ricos diante de Deus e pobres de ambições?

**15** Que incrimina a Escritura em Doeg? Não disse: Eis um homem que foi rico; mas: "Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas depositou confiança na afluência de suas riquezas". Não foi pelo fato de possuir riquezas, mas porque nelas depositou confiança e não esperou em Deus que é condenado, punido, removido da tenda, como aquele movimentado e terreno, como a poeira que o vento carrega da superfície da terra (Sl 1,4). Por isso, a sua raiz é extirpada da terra dos vivos. Acaso seriam semelhantes a eles os ricos, dos quais o apóstolo Paulo trata: "Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos, como Doeg; nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, como ele depositou confiança na afluência de suas riquezas; mas em Deus", vivo, não como aquele que "não tomou a Deus por protetor?" Finalmente que ordem lhes dá? "Enriqueçam-se com boas obras; sejam pródigos, capazes de partilhar" (1Tm 6,17.18). E que lhes acontecerá se forem pródigos, capazes de partilhar com os que nada têm? Entrarão pelo buraco da agulha? Certamente entrarão: pois em seu lugar o próprio camelo já entrou. Entrou primeiro aquele que, como a um camelo ninguém imporia o peso da paixão, se ele mesmo não se abaixasse até o chão. Por este motivo é que ele disse: "Ao homem isto é impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mt 19,26). Seja condenado portanto, este Doeg, temam a respeito dele agora os justos, e riam-se depois. É justo que seja condenado quem não "tomou a Deus por protetor", como tu; talvez possuas dinheiro; mas presumes de Deus, não do dinheiro. "Mas depositou confiança na afluência de suas riquezas"; assemelhou-se àqueles que, tendo afirmado: Feliz o povo que possui tais bens, isto é, os bens terrenos, replicou o salmista, atacando a Doeg: "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus". Pois, o salmo 143 enumera os bens aos quais

se atribui a felicidade de um povo. Eles falaram como filhos estranhos, como este Doeg, idumeu, isto é, terreno: "Cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua. Seus filhos são sarmentos, novos, fortes desde a sua juventude. Suas filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transbordantes de toda espécie de frutos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Seus bois são cevados. Não há brechas nas sebes, nem ruína ou clamor em suas praças" (Sl 143,11-15). Parece que consideram como a maior felicidade ter a paz terrena. Mas aquele que é terreno, também é instável, quer dizer, é como a poeira que o vento carrega da superfície da terra. Enfim, o que se censura neles? Não é a posse de bens, porque há também bons que possuem riquezas; então, o quê? Atenção. Não se deve censurar indistintamente os ricos, nem presumir acerca da pobreza e da indigência. Se, pois, não se deve presumir das riquezas, quanto mais da pobreza, e sim do Deus vivo? Em que, portanto, eles são advertidos? Porque "denominam feliz quem goza destes bens". São filhos estranhos estes, "cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua". E tu que dizes? "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus".

**16** [10] Por conseguinte, é condenado aquele que "depositou confiança na afluência de suas riquezas e prevaleceu-se de sua vaidade", pois que pode haver de mais fútil do que pensar que o dinheiro vale mais do que Deus? Com efeito, condenado aquele que declarou: "Feliz quem goza destes bens" tu que, ao contrário, afirmas: "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus" o que pensas de ti mesmo? Que esperas? "Eu, porém" — já se ouve aquele corpo; "Eu, porém, como oliveira verdejante na casa de Deus". Não é um só homem que fala, mas aquela oliveira verdejante, de onde foram tirados os ramos soberbos, e enxertada a oliveira silvestre (cf Rm 11,17). "Como oliveira verdejante na casa de Deus, esperei na misericórdia de Deus". E o outro? "Na afluência de suas riquezas" e em conseqüência sua raiz será extirpada da terra dos vivos. "Eu, porém, como oliveira verdejante na casa de Deus", tenho a raiz alimentada, não arrancada e "esperei na misericórdia de Deus". Mas, seria agora? Nisto erram às vezes os homens. Adoram, de fato, a Deus, e já não são semelhantes a Doeg; mas embora presumam a respeito de Deus, é somente em relação aos bens temporais, de modo que dizem a si mesmos: Adoro a meu Deus, que me fará rico na terra, que me dará filhos, que me concederá uma esposa. Tais bens, efetivamente, somente Deus pode dar, mas não quer ser amado por causa deles. Por isso, freqüentemente os dá também aos maus, a fim de que os bons procurem obter dele dons diferentes. Como, então, dizes: Esperei na misericórdia de Deus? Talvez seria para obter bens temporais? Ao contrário, "para sempre e nos séculos dos séculos". Havendo dito: "para sempre" quis repetir, acrescentando: "nos séculos dos séculos", para confirmar pela repetição quão firme estava no amor ao reino dos céus, e na esperança da felicidade eterna.

**17** [11] "Louvar-te-ei eternamente por aquilo que fizeste. Que fizeste?" Condenaste Doeg e coroaste a Davi. "Louvar-te-ei eternamente por aquilo que fizeste". Grande louvor: que fizeste! Qual a tua obra senão a referida acima: que eu, como oliveira verdejante na casa de Deus, esperasse na misericórdia de Deus para sempre e nos séculos dos séculos? Tu

"fizeste". O ímpio não pode fazer-se justo por si mesmo. Mas quem é que justifica? Diz o Apóstolo: "Ao que crê naquele que justifica o ímpio" (Rm 4,5). "Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer se não o tivesses recebido" (1Cor 4,7), como se o tivesses por ti mesmo? Longe de mim gloriar-me deste modo, declara o opositor de Doeg, que o tolera na terra até que ele emigre da tenda e seja extirpado da terra dos vivos. Não me glorio como se não tivesse recebido, mas glorio-me em Deus. "Louvar-te-ei por aquilo que fizeste, a saber, porque foste tu que fizeste, não por meus méritos, mas devido a tua misericórdia. Eu, portanto, o que fiz? Se te lembras: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Tu porém, o que fizeste? Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância" (1Tm 1,13). "Louvar-te-ei eternamente por aquilo que fizeste".

**18** "E esperarei em teu nome, porque é suave". O mundo é amargo, mas teu nome é suave. E se o mundo oferece alguns alimentos agradáveis, são amargos para digerir. Teu nome está acima, não só em grandeza, mas também em suavidade. Os injustos me falaram de seus deleites, mas eles não igualam a tua lei, Senhor (cf Sl 118,85). Se nada de suave houvesse para os mártires, não suportariam de ânimo tranqüilo tantas amarguras das tribulações. A amargura era sentida por todos; quanto à suavidade não era fácil a qualquer um experimentá-la. O nome de Deus, portanto, é suave para os que o amam, acima de todos os deleites. "Esperarei em teu nome, porque é suave". E como provas que é suave? Mostra-me a qual paladar ele é suave. Louva o mel quanto puderes, exagera sua suavidade com quantas palavras tiveres; ao que ignora o que seja o mel, se não o provar, não perceberá o que dizes. Por isso, outro salmo, ao convidar para experimentares, como se exprime? Provai e vede como é suave o Senhor". Não queres provar e perguntas: É gostoso? Como será gostoso? Se experimentares. O gosto está no fruto que deres e não apenas em tuas palavras, que seriam somente folhas e merecerias a maldição do Senhor e secarias como aquela figueira (cf Mt 21,19). "Provai e vede como é suave o Senhor" (Sl 33,9). "Provai e vede". Verás se provares. Como comprovarás isto a quem não o experimentar? Se louvas a suavidade do nome de Deus, por mais que falares, são palavras; o gosto é outra coisa. Até os ímpios ouvem as palavras de louvor; mas não experimentam quão suave é, não os santos. Por isso, o salmista sentindo a suavidade do nome de Deus, e querendo explicar, mostrar, não encontra como fazê-lo. De fato, aos santos não há necessidade de mostrar porque eles mesmos provam e sabem; os ímpios não podem entender o que não provam. O que fazer então da suavidade do nome de Deus? Ele se separa imediatamente da turba dos ímpios: "E esperarei em teu nome, porque é suave na presença de seus santos". Suave é teu nome, mas não na presença dos ímpios. Eu sei o quanto é suave, mas para aqueles que o experimentaram.

# SALMO 52

## SERMÃO

**1** [1] Aceitamos tratar convosco sobre este salmo, quanto o Senhor nos inspirar. Um irmão nosso deu-nos esta ordem e reza para que possamos cumpri-la. Se por falta de tempo omitir alguma coisa, completará aquele que se digna dar-nos possibilidade de falar. O título é o seguinte: “Para o fim. Segundo Maelet. Inteligência. De Davi. Segundo Maelet”, conforme encontramos na tradução dos nomes hebraicos, parece significar: Segundo a parturiente ou a dolorosa. Os fiéis sabem quem é que neste mundo dá a luz com dores, porque assim nasceram. É Cristo quem aqui dá à luz, Cristo é quem sente dores; a Cabeça está no alto e os membros embaixo. Se não desse à luz com dores não diria: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Aquele que dava à luz o perseguidor, faria depois que ele, convertido, por sua vez desse à luz. Pois, Paulo mesmo depois foi batizado, e incorporado a seus perseguidos; impregnado da mesma caridade, dizia: “Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19). Canta-se, portanto, este salmo em favor dos membros de Cristo, de seu corpo que é a Igreja (cf Cl 1,24), por um só homem, isto é, pela unidade do corpo, cuja Cabeça se acha no alto. Geme, pois, e dá à luz em dores este homem. Por que razão, entre quais? Não foi senão por aquilo que recebeu e conheceu através da Cabeça, que dizia: “Pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará?” Mas, se crescer a iniqüidade e esfriar o amor de muitos, que parturiente restará? Continua o evangelista: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24,12.13). Como é importante perseverar, se não for no meio de incômodos, tentações, perturbações e escândalos? Não se manda a ninguém tolerar coisas boas. Mas vejamos o que é que se diz em prol deste corpo de Cristo, o que se canta em seu favor. Por causa deste corpo aqui se censuram os homens no meio dos quais ele geme, se lastima; e no fim do salmo se enuncia e exprime a consolação da paturiente em dores. Na companhia de quem damos à luz e gememos, se pertencemos ao corpo de Cristo, se vivemos tendo-o por Cabeça, se somos contados entre seus membros? Ouve quem são.

**2** “Disse o insensato em seu coração: Não há Deus”. É no meio desta espécie de homens que o corpo de Cristo se lastima e geme. Não são muitos os que concebemos se como tais são os homens; quanto nos ocorre, são muito poucos. É difícil descobrirmos alguém que diga “em seu coração: Não há Deus”. São tão poucos que receosos de declarar isso na presença de muitos, dizem em seu coração o que não ousam proferir. Por conseguinte, não são muitos os que devemos suportar; mal se encontra um; são raros os que dizem “em seu coração: Não há Deus”. Ou talvez, segundo outra maneira de entender, encontra-se em maioria o que pensávamos achar-se em poucos, raríssimos e em quase ninguém? Apresentem-se os que vivem mal. Examinemos os atos dos malvados, criminosos, celerados, cuja turba é grande; dos que fomentam cotidianamente

seus pecados, dos que transformaram seus atos em hábitos e até perderam a vergonha. Estes constituem tamanha multidão que o corpo de Cristo colocado entre eles, mal ousa criticar o que não admite, e considera grande coisa conservar a integridade da inocência, não fazendo o que já não ousa condenar por hábito; ou se ousar, mais fácil será a repreensão e reclamação dos que vivem mal do que livre a voz dos que vivem bem. E eles são tais que dizem "em seu coração: Não há Deus". A esses tais é que eu convenço. Em quê? Eles pensam que seus atos agradam a Deus. O salmista não disse: Alguns assim falam, mas: "Disse o insensato em seu coração: Não há Deus". Crêem que Deus existe, mas só enquanto julgam agradar a Deus o que eles fazem. Todavia, se prudentemente entenderes que "disse o insensato em seu coração: Não há Deus", se notas, se percebes, se examinas, aquele que julga que os atos maus aprazem a Deus, não o tem por Deus. Se ele é Deus, é justo; se é justo desagrada-lhe a injustiça, desagrada-lhe a iniqüidade. Tu, porém, se julgas que a iniqüidade lhe agrada, negas a Deus. Se, pois, a Deus desagrada a iniqüidade, e a ti, ao contrário, não parece que ela não lhe apraz, e não é Deus senão aquele a quem todo mal desagrada, ao dizeres em teu coração: Deus favorecerá minha maldade, estás declarando: "Não há Deus".

**3** [2] Voltemos àquele sentido referido acima: Trata-se de nosso Senhor Jesus Cristo, de nossa própria Cabeça. A respeito dele, quando apareceu na terra na condição de servo, disseram os que o crucificaram: "Não há Deus". Como era Filho de Deus, era verdadeiramente Deus. Mas aqueles que se corromperam e se fizeram abomináveis, o que disseram? "Não há Deus". Matemo-lo, "não há Deus". São palavras do livro da Sabedoria; mas antes vede-os tão corruptos que podem dizer "em seu coração: Não há Deus". Vem primeiro o versículo: "Disse o insensato em seu coração: Não há Deus", e como se alguém perguntasse qual a causa desta afirmação do insensato, o salmista acrescenta: "Corromperam-se e fizeram-se abomináveis em suas iniqüidades". Escuta aqueles corruptos. Disseram a si mesmos, pensando de maneira errada. Começa a corrupção da má fé, continua pelos costumes torpes, e daí vai às crueis iniqüidades. Estes são os graus. Que dizem entre si, em seus falsos raciocínios? "Breve e triste é nossa vida" (Sb 2,12). Desta ma fé segue-se o que narra o Apóstolo: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos" (1Cor 15,32). No livro da Sabedoria, porém, a luxúria é descrita mais amplamente: "Coroemo-nos com rosas, antes que feneçam; deixemos em toda parte sinais de nossa alegria". Descrita assim mais claramente a luxúria, como continua? "Matemos o justo pobre" (Sb 2,8.10). Equivale isto a dizer: "Não há Deus". Pareciam falar de coisas delicadas: "Coroemo-nos com rosas, antes que feneçam". Que há de mais delicado, de mais suave? Esperarias desta suavidade cruzes, gládios? Não te admires. São suaves as rosas e no entanto, têm espinhos. Se alguém as toca não espetam, mas aí nascem os espinhos que picam. Por conseguinte, eles "corromperam-se e fizeram-se abomináveis em suas iniqüidades. "Disse o insensato em seu coração: Não há Deus. Se é Filho de Deus, desça da cruz" (Mt 27,40). Eis o que é dizer abertamente: "Não há Deus".

**4** Mas como entre eles geme o corpo de Cristo? Gemeram no meio deles os apóstolos de

então, e os discípulos de Cristo. Que representam eles para nós? Como no meio deles nós damos à luz? Ainda existem os que afirmam: Cristo não é Deus. Assim asseguram os pagãos que restaram; e também os judeus, que para testemunho de sua confusão acham-se dispersos por toda parte; isso igualmente afirmam muitos hereges. Pois também os arianos disseram: “Não há Deus”. Os eunomianos afirmaram: “Não há Deus”. Acrescente-se a isso, irmãos, aqueles a quem me referi pouco acima, que vivendo mal nada mais dizem senão: “Não há Deus”. Se lhes afirmamos que Cristo há de vir como juiz para julgar, conforme está nas Escrituras que não falham, eles preferem ouvir a sugestão da serpente: “Não, não morrereis” (Gn 3,4); no paraíso, ela assim falara em oposição à verdade do que Deus estabelecera: “Em verdade, morrereis” (Gn 2,77). Praticam o mal e dizem a si mesmos: Cristo virá e dará o perdão a todos. Então, seria mentiroso aquele que disse que haverá de separar os iníquos à esquerda dos justos à direita? Dirá aos justos: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”; dirá aos iníquos: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,34.41). Como, então? Dará a todos o perdão? Não condenará a ninguém? Portanto, ele mentiu. Isso equivale a dizer: “Não há Deus”. Cuida, portanto, tu mesmo, de não mentir. Pois, tu és homem, e ele é Deus; Deus é verdadeiro e todo homem é mentiroso (cf Sl 115,11). Mas o que tens tu com eles, ó corpo de Cristo? Separa-te por enquanto pelo coração e a vida, não imites, não te acostumes, não concordes, não aproves; ao contrário, até censura. Por que dás atenção aos que assim falam? “Corromperam-se e fizeram-se abomináveis em suas iniqüidades. Não há um só que pratique o bem”.

**5** 3.4 “Do céu o Senhor observa os filhos dos homens, para ver se existe entre eles quem entenda ou busque a Deus”. Qual o sentido da expressão: “Corromperam-se e fizeram-se abomináveis” estes todos que disseram: “Não há Deus?” Como? Deus não sabia que eles se fizeram assim? Ou, de fato, o íntimo do pensamento dêles se nos revelaria, se ele não o dissesse? Se sabia, se conhecia, por que se disse que “do céu Deus observa os filhos dos homens para ver se existe entre eles quem entenda ou busque a Deus?” São de quem procura e não sabe as palavras seguintes: “Do céu Deus observa os filhos dos homens para ver se existe entre eles quem entenda ou busque a Deus”. Como se encontrasse o que procurava observando e olhando do céu, profere seu parecer: “Todos se extraviaram e juntamente se tornaram inúteis. Não há quem faça o bem, nem um sequer”. Originam-se daí duas questões um tanto difíceis. Se do céu Deus observa para ver se existe quem entenda ou busque a Deus, ao imprudente insinua-se o pensamento de que Deus não sabe todas as coisas. Esta é a primeira questão; qual a segunda? Se não existe quem faça o bem, nem um sequer, quem é aquele que está em parto no meio dos maus? Esta pergunta se resolve da maneira seguinte: muitas vezes a Escritura se refere ao bem que a criatura faz por dom de Deus, dizendo que é Deus quem faz. Por exemplo, se te compadeces do pobre, é Deus quem se compadece, porque o fazes por um dom de Deus. Se conheces o que és, como o conheces por uma iluminação de Deus e declaras: “Senhor, farás brilhar a minha lâmpada. Iluminarás, Senhor meu Deus, as minhas trevas”

(Sl 17,29), o que conheces por sua dádiva e sua obra, é ele que conhece. Daí origina-se a afirmação: "É o Senhor vosso Deus que vos experimenta, para saber se de fato amais o Senhor vosso Deus" (Dt 13,4). Que significa: "para saber?" Para que vos faça saber, por seu dom. Assim também aqui: "Do céu Deus observa os filhos dos homens para ver se existe entre eles quem entenda ou busque a Deus". Esteja ele aqui presente, e nos dê a graça de dar à luz aquilo que ele fez nosso coração conceber. O Apóstolo declara: "Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus" (1Cor 2,12). Por meio deste Espírito, portanto, conhecemos os dons da graça de Deus, distinguimos a diferença entre nós e aqueles aos quais estes não foram concedidos, e por aquilo que há em nós os conhecemos. Pois, se entendemos que não pudemos possuir bem algum se não nos for concedido e outorgado por aquele do qual derivam todos os bens, simultaneamente verificamos que nada disso podem ter aqueles aos quais Deus não concedeu estes dons. Estas coisas discernimos por obra do Espírito de Deus; e o que vemos desta maneira é Deus quem vê, porque Deus faz com que vejamos. Daí a palavra: "O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus" (1Cor 2,10); mas não quer dizer que sonda aquele que sabe todas as coisas, mas que o Espírito te foi dado, e te faz sondar; e o que fazes por seu dom, diz-se que é ele quem faz, porque tu não o farias sem ele. Por conseguinte, diz-se que Deus faz quando és tu que fazes. Devido ao dom do Espírito dos filhos, aos quais o Espírito foi concedido, eles observam "os filhos dos homens para verem se existe entre eles quem entenda ou busque a Deus". Mas como eles atuam por dom de Deus e do Espírito de Deus, diz-se que é Deus quem atua, observando e vendo. Por que, então, "do céu", se são os homens quem assim agem? Porque diz o Apóstolo: "A nossa cidade está nos céus" (Fl 3,20). De onde procuras ver, de onde observas para entender? Não é do coração? Se o fazes com o coração, ó cristão, vê se tens o coração ao alto. Se tens o coração ao alto, "do céu" olhas para a terra. E como o fazes por um dom de Deus, "do céu Deus observa os filhos dos homens". A questão, portanto, à medida de nossas forças, está solucionada.

**6** Que é que conhecemos por esta observação? Que conhece Deus? Que conhece aquele que dá tal conhecimento? Escuta o que é: "Todos se extraviaram e juntamente se tornaram inúteis. Não há quem faça o bem, nem um sequer". Qual é, portanto, a segunda questão a que me referi pouco acima? "Se não há quem faça o bem, nem um sequer", não resta homem algum para gemer no meio dos maus? Espera, diz o Senhor. Não vás logo pronunciando a sentença. Dei aos homens a capacidade de praticar o bem, mas proveniente de mim mesmo e não deles. Por si mesmos, eles são maus. São filhos dos homens quando fazem o mal; quando praticam o bem, são meus filhos. Deus faz o seguinte: dos filhos dos homens faz filhos de Deus, porque do Filho de Deus fez filho do homem. Vede qual a participação: Foi-nos prometida a participação na divindade. Mentiria aquele que prometeu, se antes ele não se tivesse feito partícipe da mortalidade. Pois, o Filho de Deus se tornou participante da mortalidade para que o homem mortal se tornasse partícipe da divindade. Quem te prometeu comunicar-te seu bem, primeiro entrou em comunicação com teu mal. Prometeu-te a divindade, mostrou-te a caridade.

Por isso, se tiras dos homens a possibilidade de serem filhos de Deus, só resta que sejam filhos dos homens: "Não há quem faça o bem, nem um sequer".

**7** [5] "Não chegarão a entender esses obreiros do mal, que devoram o meu povo como um bocado de pão?" Não chegarão a entender? Não lhes será mostrado? Fala, ameaça, expressa-te como parturiente em dores. Pois, teu povo é devorado como um bocado de pão. Certamente aqui se trata do povo de Deus que é devorado. De fato, "não há quem faça o bem, nem um sequer". Responde-se conforme aquela norma. Mas deste povo que é devorado, deste povo que suporta os maus, que geme e está em parto entre os maus, os componentes já se tornaram de filhos dos homens em filhos de Deus; por isso são devorados. "Cobris de confusão o pobre nos seus planos, mas a esperança dele é o Senhor" (Sl 13,6). Freqüentes vezes o povo de Deus é desprezado pelo fato mesmo de ser povo de Deus, a fim de ser devorado. Diz o malvado: Roubarei e expoliarei; se é cristão, que me pode fazer? Fala em seu favor aquele que fala em prol da parturiente e ameaça os que o devoram, nesses termos: "Não chegarão a entender esses obreiros do mal?" Pois, aquele que, se via um ladrão corria com ele e aos adúlteros se associava, que se assentava para falar contra seu irmão e punha tropeço ao filho de sua mãe, "disse em seu coração: Não há Deus". Por isso, foi-lhe dito: "Fizeste isto e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti"; quer dizer, não seria Deus se fosse semelhante a ti. Mas como prossegue o salmo? "Censurar-te-ei e manifestarei a ti mesmo diante de teus olhos". Assim também aqui: "Censurar-te-ei e manifestarei a ti mesmo diante de teus olhos" (Sl 49,18-21). Não queres agora te conhecer para não teres desprazer; conhecerás para que chores. Deus não deixará de mostrar aos iníquos a sua iniqüidade. Se não há de demonstrar, quem são os que haverão de declarar: "Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza com arrogância"? (Sb 5,8). Então haverão de reconhecer o que não querem conhecer agora. "Não chegarão a entender esses obreiros do mal que devoram o meu povo como um bocado de pão?" Por que acrescentou: "como um bocado de pão?" Devoram meu povo como se fosse pão. Comemos dos demais alimentos e podemos tomar ora este, ora aquele. Não tomamos sempre deste óleo, desta carne, desta batata; mas sempre comemos pão. Que significa então: "devoram meu povo como um bocado de pão?" É sem interrupção, sem cessar que devoram os "que devoram o meu povo como um pedaço de pão".

**8** [6] "Não invocaram a Deus". É um consolo para aquele que geme, principalmente o que relembramos, a fim de que não imite os maus, os quais muitas vezes prosperam, e não se deleite em tornar-se malvado. Seja reservado para ti o que te foi prometido. A esperança deles é para as coisas presentes e a tua para as futuras; mas a deles é transitória, a tua é segura; a deles é falsa, a tua verdadeira. Pois eles "não invocaram a Deus". Acaso esses tais rogam a Deus todos os dias? Não rogam a Deus. Prestai atenção e vede se posso dizer isto, com o auxílio de Deus. Deus quer ser cultuado gratuitamente, gratuitamente ser amado, isto é, ser castamente amado. Não quer ser amado por dar alguma coisa além de si mesmo, mas porque se dá a si mesmo. Quem, portanto, invoca a Deus para se tornar rico, não invoca a Deus. Invoca-o quem deseja que ele se aproxime. Que significa

invocar se não chamar a si? Por conseguinte, chamar a si é invocar. Pois, ao pedires: Ó Deus, dá-me riquezas, não desejas que Deus venha a ti, mas queres que venham as riquezas. Invocas aquilo que queres que venha a ti. Se, porém, invocares a Deus, e ele a ti vier, ele próprio será a tua riqueza. Agora, ao invés, queres ter a arca cheia, e a consciência vazia. Deus não enche a caixa, mas o peito. De que te servem as riquezas exteriores se te angustia a pobreza interior? Portanto, os que invocam a Deus tendo em vista as comodidades deste mundo, os bens terrenos, a vida presente e a felicidade terrena, estes não invocam a Deus.

**9** [6.7] Qual a conseqüência disso tudo? "Foram tomados de terror onde não havia o que temer". Porventura é para temer a perda das riquezas? Não é, mas tem-se medo disso. A perda da sabedoria é verdadeira causa de temor; contudo, não se teme. Ouve, reconhece, entende a esses tais. Alguém, por exemplo, entrega a outro uma bolsa para que a guarde. Este, depois, não a quer devolver, considera-a sua, não quer que seja reclamada, já a tem por sua, recusa entregar. Considere ele o que receia perder, e o que não quer ter. Hesita entre o dinheiro e a fidelidade. Mais pesado é o prejuízo de um objeto mais precioso. Tu, porém, para guardares o ouro, perdes a fidelidade. Sofreste mais prejuízo, e tu te alegras com o lucro. Foste "tomado de terror onde não havia o que temer". Devolve o dinheiro. Ainda não estou dizendo o bastante: Devolve; perde o dinheiro para não perderes a fidelidade! Temeste perder o dinheiro e preferiste perder a fidelidade! Os mártires não tiraram o alheio, mas para não perderem sua fé, desprezaram o dinheiro; e não bastou perder o dinheiro, quando foram proscritos; perderam também a sua vida quando foram martirizados; perderam a vida para a recuperarem na vida eterna (cf Mt 10,39). Por conseguinte eles temeram quando havia o que temer. Aqueles, porém, que disseram a Cristo: "Não há Deus, foram tomados de terror onde não havia o que temer". Pois disseram: "Se o deixarmos assim, os romanos virão, destruirão o nosso lugar santo e a nação" (Jo 11,48). Ó loucura e imprudência, que diz "em seu coração: Não há Deus!" Tiveste medo de perder a terra e perdeste o céu; temeste que os romanos viessem e te tomassem o lugar santo e o reino; acaso te tirariam Deus? Que resta, então? Senão que confesses que quiseste segurar o que tinhas e segurando-o mal, o perdeste? Perdeste o lugar santo e a nação ao matares a Cristo. Preferiste matar a Cristo e não perder o lugar, mas perdeste o lugar, a nação e o Cristo. Sentindo temor mataram a Cristo; mas por que razão? "Porque Deus esmagou os ossos dos que agradam os homens". Querendo agradar aos homens, recearam perder o lugar. Cristo, contudo, a respeito do qual disseram: "Não há Deus", preferiu desagradar a homens tais quais eles eram; preferiu desagradar aos filhos dos homens, não aos filhos de Deus, por isso seus ossos foram esmagados, enquanto ninguém quebrou os de Cristo. "Foram confundidos porque Deus os rejeitou". Efetivamente, irmãos, grande confusão os atingiu. Não há mais judeus no lugar onde crucificaram o Senhor, e eles o fizeram para não perderem o lugar santo e o reino. "Deus, portanto, os rejeitou". No entanto, ao rejeitá-los exortava-os a se converterem. Agora conheçam a Cristo e digam: É Deus, àquele a quem disseram: "Não há Deus". Voltem à herança paterna, à herança de Abraão, Isaac e Jacó. Possuam com eles a vida

eterna, apesar de terem perdido a vida temporal. E por quê? Porque de filhos dos homens se tornaram filhos de Deus. Pois enquanto permanecem o que eram e não querem mudar, "não há quem faça o bem, nem um sequer. Foram confundidos porque Deus os rejeitou". E o salmo como que se dirigindo a eles, diz: "Quem dará de Sião a salvação a Israel?" Ó insensatos! Censurais, insultais, esbofeteais, cobris de escarros, coroais de espinhos, levan-tais na cruz. A quem? "Quem dará de Sião a salvação a Israel?" Não será aquele a quem dissestes: "Não há Deus? Quando Deus fizer regressar seu povo do cativeiro". Faz voltar seu povo do cativeiro somente aquele que quis fosse cativo em vossas mãos. Mas quais são os que antecederão isso? "Exultará Jacó e alegrar-se-á Israel". O verdadeiro Jacó e verdadeiro Israel, o irmão mais novo que será servido pelo mais velho, exultará, porque há de conhecer (cf Gn 25,23).

# SALMO 53

## SERMÃO AO POVO

**1** Se entendermos bem, este salmo tem no título a compensação, porque é prolixo, enquanto o salmo é curto. Detenhamo-nos no título com vagar, porque não nos demoraremos no salmo. Dele depende cada versículo que é cantado. Se alguém lê o título no frontispício de uma casa, entrará com segurança, porque não entrará em casa errada. Este salmo anota na entrada como acertar sobre o seu sentido interno. O título se apresenta assim: "Para o fim. Entre os hinos inteligência. De Davi. Quando os zifeus vieram dizer a Saul: Não está Davi escondido entre nós?" (cf 1Rs 23,14.15.19). Sabemos muito bem que Saul perseguia o santo varão Davi. Lembramo-nos de ter mencionado a V. Caridade que Saul era figura do reinado temporal, que não se relaciona com a vida e sim com a morte[1]. Deveis conhecer e recordar o que já sabeis: Davi era figura de Cristo, ou do corpo de Cristo. E quem são os zifeus? Zif era uma aldeia, e seus habitantes se chamavam zifeus. Nesta região escondera-se Davi, quando Saul o procurava para o matar. Estes zifeus, sabendo disso, entregaram-no ao rei perseguidor, dizendo: "Não está Davi escondido entre nós?" De nada lhes serviu esta traição, e em nada prejudicaram a Davi. Pois, demonstrou-se que tinham uma disposição maligna. Quanto a Saul, nem após esta traição pode apanhar Davi: ao invés, em certa gruta desta região, Davi tendo em mãos a oportunidade de matar Saul, poupou-o, não utilizando esta possibilidade. Saul tentava fazer, mas não conseguiu (cf 1Rs 24,4-8). Vejam eles, portanto, quem foram os zifeus; vejamos nós o que o salmo nos dá a entender, por causa dos zifeus.

**2** Se procurarmos, então, o sentido da palavra, zifeus significa: florescentes. Não sei bem quais florescentes eram inimigos do santo Davi, florescentes inimigos de quem estava escondido. Encontremo-los no gênero humano, se quisermos entender o salmo. Encontremos primeiro aqui Davi escondido, e depois encontraremos seus adversários florescentes. Ouve quem é Davi que se esconde: "Morrestes", diz o Apóstolo aos membros de Cristo, "e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3). Estes escondidos, quando é que haverão de florescer? "Quando Cristo que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (ib, 4). Quando estes florescerem, então os zifeus murcharão. Notai a que flor se compara a sua glória: "Toda carne é feno e toda a sua graça como a flor do feno". Como termina? "Seca-se o feno e murcha a flor". Onde estará então Davi? Vê como continua: "Mas a palavra do Senhor subsiste para sempre" (Is 40,6.8). Há, portanto, duas espécies de homens, que devemos distinguir e escolher uma delas. De que te adianta saber, se és preguiçoso para escolher? Com efeito, agora tens o poder de escolher; virá o tempo em que este poder te faltará, quando Deus não mais deferirá a sentença. Quem são estes florescentes zifeus, senão o corpo daquele Doeg, idumeu, de que falamos a V. Caridade há poucos dias[2]?

Dele foi dito: “Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas depositou a confiança na afluência de suas riquezas e prevaleceu-se de sua vaidade” (Sl 51,9). São eles os florescentes filhos do século que, como acabastes de ouvir do evangelho são mais espertos com os de sua geração do que os filhos da luz. De fato, estes parecem visar a fatos futuros que não sabem se virão. Ouvistes o que fez a seu dono aquele administrador que lucrava para si com os bens de seu senhor, e que fazia larguezas a seus devedores, para que, ao ser removido da administração, ter quem o recebesse. E apesar de defraudar a seu senhor, este louva seus intentos, não atendendo ao prejuízo próprio, mas à esperteza daquele. Quanto mais devemos nós adquirir amigos com o mamon da iniqüidade, conforme a admoestação do próprio nosso Senhor Jesus Cristo? (cf Lc 16,8.9). Mamon significa riquezas. Nossas riquezas, porém, encontram-se em nossa casa eterna nos céus. Por conseguinte, chamam de riquezas os bens temporais, aqueles que podem florescer apenas temporariamente, e não querem adquirir amigos para sempre com elas, porque não conheceram as verdadeiras riquezas. Apenas a iniqüidade, que floresce por algum tempo como o feno, considera essas riquezas. Estes são os zifeus, inimigos de Davi e que prosperam no mundo.

**3** Dão importância a eles também os filhos da luz que são fracos, de pés vacilantes, ao verificarem que os maus gozam de felicidade; e dizem consigo mesmos: A que me serve a inocência? Que vantagem tenho em servir a Deus, observar seus mandamentos, não oprimir os outros, de ninguém roubar, não prejudicar a ninguém, ajudar no que posso? Eis que faço tudo isso, e eles prosperam, enquanto eu estou atribulado. Como? Querias ser um zifeu? Prosperam agora, pois hão de murchar no juízo, e depois de secos serem lançados no fogo eterno. É isso que queres? Ignoras o que te prometeu aquele que vem e o que demonstrou em si mesmo aqui na terra? Se a flor dos zefeus fosse desejável, teu próprio Senhor não teria florescido neste mundo? Ou não lhe seria possível prosperar aqui? Mas ele preferiu aqui estar oculto no meio dos zifeus e responder à pergunta de Pôncio Pilatos, ele mesmo flor dos zifeus e suspeitoso acerca de seu reino: “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36). Estava oculto, portanto; e todos os bons aqui estão escondidos, porque suas riquezas são interiores e escondidas, e estão no coração, onde se encontram a fé, a caridade, a esperança, seu tesouro. Porventura esses bens se revelam no mundo? Eles estão ocultos, e a recompensa a eles devida também se esconde. Mas, como brilha a dignidade mundana? Brilha por algum tempo; mas brilhará para sempre? É erva do inverno, e é verdejante até que venha o verão. Não apareçam, portanto, no ânimo os sentimentos que encontramos em outro salmo. Alguém confessa que hesitou a ponto de quase cair, e resvalaram seus passos no caminho de Deus, ao considerar as flores e felicidades dos maus; mas depois conhecendo qual o fim reservado para eles por Deus, e o que prometera aos justos aflitos aquele que não pode enganar, deu graças por este conhecimento e exclamou: “Como é bom o Deus de israel para os retos de coração!” Por que motivo assim exclamas? “Os meus pés quase escorregaram”. Por que razão? “Ao ter inveja dos maus, e ao observar a paz dos pecadores”. Seus passos se firmaram depois que entendeu qual a sua sorte. Isto mesmo o salmista exprime pouco abaixo no salmo: “Pareceu-me penosa a tarefa”, isto é, grande questão surgiu-me

no coração: Qual a razão por que homens que praticam o mal prosperam no mundo e muitos fazem o bem e passam trabalhos na terra. Como esta questão fosse difícil diante de meus olhos, e laboriosa para investigar, "pareceu-me penosa a tarefa. Até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sua sorte". Qual é esta sorte final? Qual, senão a que sabemos já anunciada de antemão no evangelho? "Quando o Filho do homem vier, serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda" (Mt 25,31.33). Eis que aqueles zifeus serão separados. E depois da separação, o fogo. Onde está a flor daqueles que ficarão à esquerda? Não haverão de gemer então? Não serão atormentados por tardia penitência, e dirão: "Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza com arrogância? Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,8.9). Oh! zifeus que estareis à es-querda, muito tarde vos arrependeis de ter tido a prosperidade que passou como sombra! Por que não reconhecestes a Davi, que traístes dizendo estar escondido entre vós? Se nesta ocasião vos corrigísseis, não sofreríeis esta dor inútil. Há uma dor frutuosa e outra inútil. Frutuosa é a dor presente, quando te acusas, quando te censuras por teus maus hábitos, persegues os costumes repreensíveis, expulsas esses perseguidos, e tendo-os expulsado tu te convertes, despindo o velho homem e revestindo-te do novo, e preferindo o opróbrio de Cristo à prosperidade dos zifeus. No entanto, se te acontecer teres ocultamente teus bens, e estares escondido no meio dos zifeus, mantém também escondida a promessa de tua recompensa e não te orgulhes por alguma dignidade que tiveres no mundo; pois se te orgulhares dela, recairás na felicidade dos zifeus. Tome por exemplo aquela santa mulher chamada Ester, do povo judaico, que sendo esposa de um rei pagão, submeteu-se ao perigo de seus concidadãos, suplicando ao rei por eles; começou por rezar, e na oração confessou que todas aquelas insígnias reais eram para ela como um pano imundo (Est 14,16). Se as mulheres podem agir assim, os homens não podem? E se pode fazê-lo uma judia, não o poderá a Igreja cristã? Por isso, digo a V. Caridade: "Se afluirem as riquezas, a elas não prendais o coração" (Sl 61,11). Apesar de serem abundantes, e de advir a ti a prosperidade mundana, não acredites no mar, mesmo se te sorrir. Se afluirem as riquezas, se superabundarem, pisa-as e fica suspenso em teu Deus. Se as deixares abaixo, e estiveres suspenso preso a ele, quando forem retiradas, não cairás. Não suceda a teu respeito, devido a um modo de pensar em nada cristão, o que foi dito em outro salmo, tendo em vista a flor destes zifeus: "Quão profundos os teus desígnios!" Repito: "Quão profundos os teus desígnios. O insensato não compreende estas coisas, nem as percebe o estulto". O que é que não compreende? "Ainda que floresçam os pecadores como a relva e resplandeçam os obreiros do mal, são destinados ao extermínio pelos séculos dos séculos" (Sl 91,6-8). A flor dos malvados os deleitou; disseram a si mesmos: Eis que os maus prosperam. Penso que Deus os ama. E deleitando-se com a flor temporal dos iníquos, voltaram-se para o mal, para sua perda. E não uma perda temporal como a prosperidade deles, mas nos séculos dos séculos. Donde vem isto? A razão está em "o insensato não compreende estas coisas, nem as percebe o estulto", porque não entrou no santuário de Deus e não percebeu qual a sua sorte. E como é um tanto difícil

esta compreensão, o presente salmo começa referindo que Davi estava escondido no meio dos zifeus, sem se deleitar com sua flor, mas escolheu de preferência entre eles a humildade, para ter junto de Deus a glória escondida. Qual sua atribuição neste título? "Para o fim. Entre os hinos, isto é, entre louvores". Quais? "O Senhor deu, o Senhor tirou; conforme agradou ao Senhor, assim se fez; seja bendito o nome do Senhor" (Jó 1,21). Parece que ele secou, tendo perdido toda a seiva? De forma alguma. As folhas caíram, mas a raiz vivia. Portanto: "Para o fim. Entre os hinos". Qual o significado de: "Inteligência. De Davi? Inteligência" em paralelo com a palavra: "O insensato não compreende estas coisas, nem as percebe o estulto. Inteligência. De Davi. Quando os zifeus vieram dizer a Saul: Não está Davi escondido entre nós?" Esteja escondido entre vós contanto que não floresça como vós. Escuta, pois, a sua voz.

**4** [3] "Salva-me, ó Deus, pela honra de teu nome; por teu poder, faze-me justiça". Diga-o a Igreja, escondida no meio dos zifeus. Diga-o o corpo dos cristãos, que mantém ocultamente o bem de seus costumes, esperando ocultamente a recompensa de seus méritos. Diga o seguinte: "Salva-me, ó Deus, pela honra de teu nome; por teu poder, faze-me justiça". Vieste, ó Cristo, apareceste em condição humilde, foste desprezado, flagelado, crucificado, morto; mas ao terceiro dia ressuscitaste, subiste ao céu no quadragésimo dia, estás sentado à direita do Pai, e ninguém o vê. De lá enviaste teu Espírito, que os dignos receberam. Cheios de teu amor, pregaram em louvor de tua humildade pelo mundo e entre as gentes. Vejo teu nome brilhar no gênero humano, apesar de nos seres anunciado em condição de fraqueza. Até o Doutor das gentes declarou nada saber entre nós, senão de Cristo Jesus, e este crucificado (cf 1Cor 2,2), a fim de que preferíssemos o opróbrio à glória dos zifeus, florescentes. No entanto, o que disse a respeito dele? "Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus" (2Cor 13,4). Veio, portanto, para morrer em fraqueza, há de vir para julgar, no poder de Deus; mas pela fraqueza da cruz seu nome foi glorificado. Quem não acreditar no nome glorificado em fraqueza, há de se apavorar diante do juiz, quando vier com poder. Aquele que se mostrou na fraqueza outrora, quando vier com poder, naquela ventilação, não nos coloque à esquerda. Salvar-nos-á em seu nome, e julgar-nos-á com seu poder. Quem desejará coisa tão temerária que diga a Deus: "Julga-me?" Não se costuma dizer aos homens, como maldição: Deus te julgue? De fato será maldição se te julgar com seu poder, se não te tiver salvado por seu nome. Se, porém, previamente te salvar em seu nome, julgará com poder em seguida para tua salvação. Fique tranqüilo: aquele juízo não te será punição, mas separação. Pois, em certo salmo se diz: "Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa" (Sl 42,1). O que significa: "Julga-me?" Distingue-me dos zifeus, entre os quais estou escondido: suportei a sua flor, venha agora a minha flor. Efetivamente, sua flor foi temporal, e o feno secando caiu; e a minha flor, qual será? "Plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios de nosso Deus" (Sl 91,14). Resta, portanto, também para nós uma flor, mas esta não cai, como a folhagem daquela árvore plantada à beira das águas correntes, da qual foi dito: "Sua folhagem não murchará" (Sl 1,3). "Salva-me, pois, ó Deus, pela honra de teu

nome, por teu poder, faze-me justiça".

**5** [4] "Escuta, ó Deus, a minha oração, presta ouvidos às palavras de minha boca". Cheguem as palavras de minha boca a teus ouvidos, porque não desejo obter de ti a flor dos zifeus. "Presta ouvidos às palavras de minha boca". Tu as percebes; pois embora ressoe minha oração, os zifeus não a ouvem, porque não a entendem. Com efeito, gozam dos bens temporais, e não sabem anelar pelos eternos. Chegue a ti minha oração, produzida e emitida pelo desejo de teus benefícios eternos. Profiro-a a teus ouvidos. Sustenta-a para que alcance sua meta, sem desfalecer no meio do caminho, nem desvanecer e sumir. Mesmo que agora não me venham os bens que peço, tenho certeza, contudo, de que virão depois. Conta-se ter alguém rogado a Deus, consciente de seus delitos, e não ter sido atendido, para seu próprio bem. Fora incitado a orar, tendo em vista desejos mundanos; estando no meio de tribulações temporais, desejava que elas passassem e voltasse a flor do feno, e disse: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" É a voz de Cristo, mas em favor de seus membros. "As vozes de meus delitos. Clamei durante o dia e não me ouviste; e à noite, e não me será atribuída a loucura" (Sl 21,2.4), isto é, clamei à noite e não me ouviste, mas não para que ficasse louco, e sim para adquirir a sabedoria, para entender o que deveria te pedir. Pedia o que talvez recebesse para meu mal. Tu pedes riquezas, ó homem! Quantos foram derrubados por suas riquezas! Como podes saber se as riquezas te serão proveitosas? Acaso não viviam muitos pobres tranqüilos em seu escondimento? Tornaram-se ricos e mal começaram a se destacar, tornaram-se presa dos mais fortes. Como não seria melhor para eles continuarem ocultos, melhor seria não serem conhecidos, pois começaram a ser procurados, não por causa do que eram, e sim devido ao que tinham! Quanto a essas questões de bens temporais, irmãos, nós vos admoestamos e exortamos no Senhor a não pedir nada de determinado, e sim o que Deus sabe que vos é vantajoso. De modo nenhum sabeis o que vos é útil. Por vezes, o que vos é útil, em vossa opinião, de fato é prejudicial; e o que pensais vos prejudicar, realmente vos ajuda. Pois, sois doentes. Não deveis prescrever ao médico o remédio a vos receitar. Se o doutor das gentes, o apóstolo Paulo declara: "Não sabemos o que pedir como convém" (Rm 8,26), quanto mais nós? Efetivamente, quando lhe parecia prudente pedir que lhe fosse tirado o estímulo da carne, o anjo de satanás que o esbofeteava, para que não se orgulhasse com a grandeza das revelações, o que ouviu do Senhor? Porventura foi-lhe dado o que queria? Não; mas para receber o que lhe servia. O que ouviu, então, do Senhor? "Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder" (2Cor 12,7-9). Fui eu quem aplicou o medicamento à ferida; sabia quando devia pôr e quando devia tirar. O doente não fuja das mãos do médico, não dê conselhos ao médico. Assim é relativamente a todas as coisas temporais. São tribulações; se teu culto a Deus é verdadeiro, estarás ciente de que ele sabe muito bem o que é útil a cada um. Vem a prosperidade. Cuida que ela não corrompa teu espírito, e não te afaste daquele que a deu. O salmista, portanto, ciente de tudo isso, como se exprime? "Escuta, ó Deus, a minha oração; presta ouvidos às

palavras de meus lábios”.

**6** [5] “Porque estranhos insurgiram-se contra mim”. Quais estranhos? O próprio Davi não era judeu da tribo de Judá? Até mesmo a região de Zif pertencia à tribo de Judá, era dos judeus. Como, então, se fala de estrangeiros? Não o são devido à cidade, à tribo, ao parentesco, mas por causa da flor. Queres conhecer esses estranhos? Outro salmo os denomina: filhos dos estranhos: “cuja boca falou o que é vão, sua direita é direita iníqua”. E enumera a flor dos zifeus: “Seus filhos são sarmentos novos, desde a sua juventude. Suas filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transdordantes de toda espécie de frutos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Seus bois são cevados. Não há brechas nas sebes nem ruína nem clamor em suas praças”. Mas, vede os zifeus, vede-os florescentes por algum tempo. “Eles denominam feliz quem goza destes bens”. Com razão são chamados filhos estranhos. E tu, escondido no meio dos zifeus, o que dizes? “Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus” (Sl 143,7-15). Com tais sentimentos é que esta oração alcança os ouvidos do Senhor, quando diz: “Presta ouvidos às palavras de minha boca, porque estranhos insurgiram-se contra mim”.

**7** “E poderosos procuraram tirar-me a vida”. De nova maneira, meus irmãos, os que depositam sua esperança neste mundo querem arruinar a raça dos santos e dos que se abstêm destas expectativas. Certamente são aglomeradas, certamente vivem juntos. Opõem-se intensamente essas duas espécies de homens: uma a daqueles que depositam sua esperança em bens deste mundo e a outra a dos que confiam firmemente no Senhor seu Deus. E se estes zifeus estão de acordo entre si, não creias muito em sua concórdia. As tentações lhes faltam. Logo que surgir uma, para advertir a alguém a respeito da flor deste século, não digo que se aborrecerá com o bispo, mas nem mesmo quer vir à igreja, para não perder um pouco do feno. Porque disse isto, irmãos? Porque agora todos vós ouvis de boa vontade em nome de Cristo, e como entendestes bem, aplaudistes esta minha palavra; não aclamaríeis se não houvésseis entendido. Mas vossa compreensão deve ser frutuosa. A tentação demonstra se é, ou não, frutuosa. Não aconteça que de repente, enquanto sois chamados dos nossos, se veja através da prova que sois estranhos, e se diga a vosso respeito: “Estranhos insurgiram-se contra mim e poderosos buscaram tirar-me a vida” e se acrescente: “Não têm a Deus diante de seus olhos”. Quando haveria de ter a Deus diante de seus olhos quem não tem diante dos olhos senão o mundo? Que olha como terá moedas sobre moedas, como aumentará os rebanhos, como se encherão os depósitos, como dizer à própria alma: “Tens uma quantidade de bens; alegra-te, regala-te, sacia-te”. Acaso quem assim se gloria e brilha com as flores dos zifeus terá diante dos olhos aquele que lhe diz: “Insensato”, quer dizer, sem entendimento, homem imprudente, “nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?” (Lc 12,20). “Não têm a Deus diante de seus olhos”.

**8** [6] “Eis que Deus vem em meu auxílio”. E o desconhecem aqueles entre os quais me

acho oculto. Se, porém, eles tivessem a Deus diante de seus olhos, descobririam como Deus me ajuda. Pois, todos os santos são auxiliados por Deus, mas isto acontece no seu íntimo, onde ninguém penetra. Assim como a consciência dos ímpios é seu maior castigo, a consciência dos homens piedosos lhes acarreta a maior alegria. "O nosso motivo de ufania", diz o Apóstolo, "é este testemunho de nossa consciência" (2Cor 1,12). Gloria-se nela interiormente, não nas flores dos zifeus por fora, aquele que agora declara: "Eis que Deus vem em meu auxílio". Em verdade, apesar de ser a promessa de Deus para um futuro longínquo, hoje o auxílio me é suave e presente, hoje na alegria de meu coração descubro que erram os que dizem: "Quem nos dará a felicidade? Ao invés, está assinalada em nós, Senhor, a luz de tua face. Tu me deste alegria ao coração" (Sl 4,6.7). Deste-me alegria, mas não por causa de minha vinha, de meu rebanho, de minha taça, de minha mesa, e sim a deste "ao coração. Eis que Deus vem em meu auxílio". Como é que ele te ajuda? "E o Senhor toma a defesa de minha alma".

**9** [7] "Faze recair os males sobre os meus inimigos". Da maneira em que agora reverdecem, florescem, são reservados para o fogo. "Por teu poder extermina-os". Supõe que agora floresçam, que brotem como a erva. Não sejas imprudente e estulto, de sorte que atendendo a isto pereças pelos séculos dos séculos (cf Sl 91,7.8). "Faze recair os males sobre os meus inimigos". Se estiveres com Davi, o Senhor exterminá-los-á por seu poder. Eles prosperam com a felicidade deste mundo, mas perecem pelo poder de Deus. Mas não perecem do mesmo modo que florescem; florescem temporariamente, perecem eternamente; florescem com bens falsos, perecem em verdadeiros tormentos. "Por teu poder extermina-os", aqueles que na tua condição de fraqueza toleraste.

**10** [8] "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos". Quem é capaz de compreender como é este bem do coração, através de explicação de outro, se não o tiver experimentado em si? O que significa: "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos?" Contudo, vou dizer; compreenda quem puder, como puder; acredite quem não puder entender, e reze para consegui-lo. Mas, deveríamos omitir este versículo, sem explicação? Declaro-o a V. Caridade. Sinto-me atraído a falar um pouco sobre ele, e agradeço a Deus porque ouvis atentamente. Se vos visse aborrecidos de ouvir, a contragosto me calaria aqui; mas em meu coração, quanto Deus se dignasse me conceder, não calaria. Profira, portanto, a língua o que o coração concebeu; pela voz ressoe o que a mente conserva. À medida do possível expliquemos o sentido da frase: "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos". Qual o significado aqui da palavra sacrifício, irmãos? Qual a vítima digna do Senhor, por sua misericórdia? Hei de procurar vítimas na grei, um carneiro, um touro do rebanho, buscar incenso dos sabeus? Que fazer? Que oferecer senão o sacrifício mencionado em outro salmo: "O sacrifício de louvor me glorificará"? (Sl 49,23). Por que razão, então: "espontâneos?" Porque amo gratuitamente aquilo que louvo. A Deus eu louvo, e alegro-me neste louvor; regozijo-me com seu louvor, e não me acanho de louvá-lo. Meu louvor difere daquele que dão os torcedores das futilidades do teatro, ou do auriga, do caçador ou de qualquer pantomimo. Eles chamam outros para torcer e estimulam outros a também gritar. E depois que todos gritaram, muitas vezes se envergonham da derrota.

Isto não acontece a nosso Deus. Seja louvado voluntariamente, e amado com verdadeira caridade. Seja amado e louvado gratuitamente. Por que gratuitamente? Seja ele mesmo louvado por si mesmo e não por causa de outra coisa. Se dás louvores a Deus para que te conceda algum dom, já não amas gratuitamente a Deus. Tu te envergonharias se tua esposa te amasse tendo em vista tuas riquezas; e talvez se caísses na pobreza, ela pensasse em adultério. Se queres ser amado pela cônjuge gratuitamente, queres amar a Deus por causa de outra coisa? Que prêmio receberás de Deus, ó avaro? Não te reserva a terra, mas reserva-se a si mesmo aquele que fez o céu e a terra. "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos". Não o faças por necessidade. Se louvas a Deus por outra coisa, louvas por obrigação. Se estivesse em tuas mãos o que amas, não louvarias a Deus. Atenção ao que digo: a Deus louvas, por exemplo, para que te dê muito dinheiro; se recebesses muito dinheiro de outra parte, não de Deus, por acaso o louvarias? Se, portanto, é por dinheiro que louvas a Deus, não é voluntariamente que ofereces sacrifício a Deus, mas por necessidade, pois amas não sei o quê além dele. Por isso, diz o salmo: "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos". Despreza a tudo, atende a ele. Seus dons são bens por causa do doador. Pois, ele dá certamente, dá bens temporais; a alguns para seu bem, a outros para sua infelicidade, conforme a altura e a profundidade de seus juízos. O Apóstolo sente pavor diante do abismo desses juízos e exclama: "Oh abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro"? (Rm 11,33.34). Ele sabe quando deve dar, a quem há de dar, quando tira e de quem. Quanto a ti, pede o que te aproveitará depois, pede o que ajudará eternamente. Ama-o, porém, gratuitamente; pois, não encontrarás coisa melhor para receberes em doação do que ele mesmo; ou se encontrares, apresenta-lhe teu pedido. "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos". Por que razão "espontâneos?" Porque gratuitos. O que significa: gratuitamente? "Cantarei a glória de teu nome, Senhor, porque é bom". Por nada mais, a não ser porque é bom. Por acaso disse: Cantarei a glória de teu nome, Senhor, porque me dás propriedades rendosas, porque me concedes ouro e prata, porque me doas grandes riquezas, muito dinheiro, excelente dignidade? Não. Mas, por quê? "Porque é bom". Nada de melhor encontro do que teu nome; por isso, "cantarei a glória de teu nome, Senhor, porque é bom".

**11** [9] "Pois me livraste de todas as tribulações". Por conseguinte, entendi que teu nome é bom. Se, efetivamente, tivesse podido reconhecê-lo antes de virem as tribulações, estas certamente não me teriam sido necessárias. Mas a tribulação foi empregada como um aviso; fui admoestado para te louvar. Não teria entendido onde me achava, se a minha fraqueza não me alertasse. Por conseguinte, livraste-me de todas as tribulações. "E meus olhos viram a confusão de meus inimigos". Meus olhos se detiveram naqueles zifeus. Ultrapassei a sua flor, elevando meu coração. Cheguei a ti, e de lá os fitei, e verifiquei que "toda carne é feno e toda a sua graça como a flor do feno" (Is 40,6), conforme igualmente se acha em outra passagem: "Vi o ímpio sumamente elevado, tão alto como os cedros do Líbano. Passei, e já não existia" (Sl 36,35.36). Por que "já não existia?" Foi

porque passaste? Qual o sentido destas palavras: porque passaste? Foi porque ouviste com razão: Coração ao alto, e não ficaste sobre a terra onde apodrecerias, porque elevaste tua alma a Deus, ultrapassate os cedros do Líbano, e olhaste daquela altura: “e já não existia” e o buscaste, mas não achaste seu lugar. Já não te parece penosa a tarefa, porquanto entraste no santuário de Deus e percebeste qual a sua sorte (Sl 72,16.17). Assim, o salmista conclui o presente salmo: “E meus olhos viram a confusão de meus inimigos”. Procedei desta maneira, meus irmãos, em relação a vossas almas: erguei vossos corações, aguçai o gume de vossa mente, aprendei a amar gratuitamente a Deus, a desprezar as coisas presentes, a sacrificar espontaneamente uma vítima de louvor, para que ultrapassando a flor do feno, vejais a confusão de vossos inimigos.

1 Cf Comentário ao Sl 51,1.2.

2 Comentário ao Sl 51,13.

# SALMO 54

## SERMÃO AO POVO

**1** [1]O título do presente salmo é o seguinte: “Para o fim. Entre hinos. Inteligência. De Davi”. Relembramos brevemente o que significa fim, porque já o sabeis. “O fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Dirija-se nossa intenção para o fim, para Cristo. Por que se lhe dá o nome de fim? Porque referimos a ele tudo o que fazemos; e ao chegarmos a ele, já não teremos o que procurar além. Há um fim de consumo e outro que é aperfeiçoamento. Entendemos a palavra no primeiro sentido, quando se nos diz: Acabou-se o alimento que se comia; e no sentido diverso, quando ouvimos: Está terminada a veste que se tecia. Em ambos os casos se fala de um termo, mas a comida acabou para não existir mais, e a veste para estar pronta. Nosso fim, por conseguinte, deve ser nossa perfeição e nossa perfeição é Cristo. Nele encontramos a perfeição, porque somos membros daquela Cabeça. E foi denominado fim da Lei, porque sem ele ninguém cumpre a Lei. Ao ouvirdes, portanto, num salmo: “Para o fim”, e muitos salmos têm esta inscrição, não cogiteis de consumo, mas de consumação.

**2** “Entre hinos”, com louvores. Quer estejamos aflitos e angustiados, quer alegres e exultantes, devemos louvar aquele que nas tribulações instrui, e na alegria consola. Não se afaste do coração e da boca do cristão o louvor de Deus. Não louve só na prosperidade, e maldiga na adversidade, mas faça conforme prescreve aquele salmo: “bendirei o Senhor em todo tempo; seu louvor estará sempre em minha boca”. Estás alegre: reconhece as carícias de um pai; estás aflito: vê nisso o castigo de um pai que emenda. Quer acaricie, quer corrija, instrui ao futuro herdeiro.

**3** Qual o significado destas expressões: “Inteligência. De Davi?” Com efeito, Davi era, como sabemos, santo profeta, rei de Israel, filho de Jessé (1Rs 16,18); mas como de sua descendência segundo a carne nos veio, para nossa salvação, nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 1,3), freqüentemente este é representado pelo nome de Davi. Davi serve de figura de Cristo, por causa de sua estirpe carnal. Pois, segundo uma natureza é filho de Davi e segundo outra é Senhor de Davi. Filho de Davi segundo a carne, Senhor de Davi segunda a divindade. Se, pois, por ele tudo foi feito (Jo 1,3), por ele também o próprio Davi, de cuja descendência ele veio para os homens, foi feito. Em conseqüência disso, quando o Senhor interrogou os judeus, de quem eles diziam que o Cristo seria filho, eles “responderam: de Davi”. Viu que eles pararam na carne, e não perceberam a divindade; corrige-os, propondo-lhes uma questão: “Como então Davi lhe chama Senhor, falando sob inspiração, ao dizer: O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Ora, se Davi em espírito lhe chama Senhor, como pode ser seu filho?” (Mt 22,42-45). Propôs a questão, mas não negou a filiação. Ouvistes que é Senhor; dizei como é filho. Ouvistes que é filho; explicai como é

Senhor. A fé católica solucionou este problema. Como é Senhor? É Senhor, porque "no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus". Como é filho? Porque "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,1.14). Por conseguinte, Davi é figura de Cristo. Cristo, porém, como freqüentes vezes relembramos a V. Caridade, é Cabeça e corpo. Não devemos dizer-nos alheios a Cristo, cujos membros somos, nem nos contarmos entre estranhos, porque "serão dois numa só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5,31.32), na expressão do Apóstolo. Uma vez que o Cristo total é Cabeça e corpo, ao ouvirmos os termos: "Inteligência. De Davi", entendamos que também nós estamos representados em Davi. Entendam os membros de Cristo, e em seus membros vejam a Cristo e em Cristo vejam seus membros, porque Cabeça e corpo formam um só Cristo. A Cabeça estava no céu e dizia: "Por que me persegues?" (At 9,4). Nós estamos com ele no céu pela esperança, e ele está conosco na terra pela caridade. Por isso: "Inteligência. De Davi". Trata-se de uma admoestação para ouvirmos e entenda a Igreja. Compete-nos empregar o maior cuidado para entendermos como estamos mergulhados no mal e do qual desejamos ser libertados, lembrando-nos da oração do Senhor, em cujo final rezamos: "Livra-nos do mal" (Mt 3,13). Em vista disso, no meio de muitas tribulações neste mundo, deplora algo este salmo de inteligência. Não se lamenta com ele somente quem não tem entendimento. Aliás, caríssimos, devemos nos recordar de que fomos feitos à imagem de Deus, imagem que se encontra no intelecto. Pois, os animais nos superam em muitos pontos; mas como o homem sabe que foi criado à imagem de Deus, vê que ali existe algo mais que não foi dado aos animais. Se considerarmos todas as coisas que o homem possui, veremos que propriamente se distingue do animal por ter intelecto. Daí repreender o Criador a alguns que desprezam em si o que lhes é peculiar e o principal dom do Criador, dizendo: "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9). E em outra passagem diz o salmista: "O homem entre honrarias". A que honras se refere, senão a de ter sido feito à imagem de Deus? Portanto, "o homem entre honrarias, não entendeu. Foi comparado aos jumentos irracionais e se lhes fez semelhante" (Sl 48,13). Reconheçamos, portanto, e entendamos a nossa honra. Se entendermos, veremos que não estamos num lugar de alegrias, e sim de gemidos; ainda não de exultação, mas de choro. Embora em nosso coração habite certa espécie de alegria, ainda não é na realidade, mas em esperança. Alegramo-nos com a promessa, porque sabemos que não falha aquele que prometeu. Quanto ao tempo presente, ouvi no meio de que males, em angústias nos achamos; e se vos mantiverdes neste caminho, reconhecei em vós aquilo que ouvis. Quem ainda não trilha o caminho da piedade, admira-se de que assim gemam os membros de Davi; não vê tais coisas em si. Enquanto não vê em si tais coisas ainda não se encontra no caminho; não sente o que sente o corpo, porque se acha fora dele; incorpore-se e há de sentir. Diga, portanto, o corpo e ouçamos, e ouçamos e digamos também:

**4** [2.3] "Ouve, Senhor, a minha súplica e não desprezes a minha prece. Atende-me e escuta-me". São palavras peculiares a quem está preocupado, solícito, atribulado. Reza porque está sofrendo muito, e desejoso de se libertar de seus males. Resta que ouçamos

qual o seu mal. E ao começar a descrevê-lo, verifiquemos que também dele sofremos, de sorte que participando da aflição, reunamo-nos na oração. “Invadiu-me a tristeza em minha prova e fiquei conturbado”. Porque entristecido? Por que razão conturbado? “Em minha prova”. Vai se referir aos maus que suporta, e chama de prova a este sofrimento que lhe advém da parte dos maus. Não penseis que é inutilmente que existem homens malvados neste mundo, e que Deus não retire disso bem algum. Cada malvado vive para se corrigir, ou vive para exercitar a paciência dos bons. Oxalá os que agora nos exercitam a paciência se convertam e conosco sejam provados; no entanto, enquanto continuam a ser tais que nos servem de provação, não os odiemos, porque apesar de serem maus, não sabemos se assim hão de perseverar até o fim e muitas vezes, enquanto pensamos odiar um inimigo, odiamos sem o saber a um irmão. As Sagradas Escrituras nos revelam que o diabo e seus anjos são destinados ao fogo eterno. Só não devemos esperar a correção daqueles contra os quais temos luta oculta, e para cuja luta nos previne o Apóstolo, ao dizer: “O nosso combate não é contra o sangue e a carne”, isto é, contra os homens que vemos, “mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas” (Ef 6,12). No intuito de evitar que se entenda com tal expressão mundo do qual os demônios são os dominadores do céu e da terra, chama “as trevas de mundo”, chama de “mundo” os que amam o mundo, denomina “mundo” os ímpios e iníquos, “mundo” aquilo que é mencionado no evangelho: “O mundo não o conheceu” (Jo 1,10). Se o mundo não conheceu a luz, porque esta brilhou nas trevas e as trevas não a compreenderam, e as próprias trevas que não compreenderam a luz presente recebem o nome de mundo, os demônios são os dominadores destas trevas. Temos determinada sentença da Escritura a respeito destes dominadores, a saber, que deles absolutamente não se pode esperar conversão alguma. Quanto, porém, às trevas de que são eles os dominadores, não temos certeza de que não seja possível que as trevas se transformem em luz. Afirma o Apóstolo aos fiéis convertidos: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8): trevas em vós mesmos, luz no Senhor. Portanto, irmãos, todos os maus, enquanto são maus servem para exercitar os bons. Em resumo, ouvi e entendei. Se és bom, terás por inimigos apenas os maus. No entanto, tens aquela regra predeterminada de bondade, isto é, que imites a bondade de teu Pai que “faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Não quer dizer que tu tens inimigos, e Deus não. Tens por inimigo alguém que como tu foi criado; ele, porém, tem por inimigo uma criatura sua. Lemos freqüentemente nas Escrituras que os maus e iníquos são inimigos de Deus. Contudo, poupa-os aquele a quem o inimigo nada pode imputar. Todo inimigo seu é um ingrato, pois recebeu dele tudo de bom que tem. Tudo que dele recebe é misericórdia, mesmo aquilo que aflige. É afligido para não se ensoberbecer; é atribulado para que humildemente reconheça que Deus é excelso. Tu, porém, que não toleras teu inimigo, o que lhe deste? Se Deus tem por inimigo aquele a quem tanto beneficiou e “faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e cair a chuva sobre justos e injustos”, tu que não podes fazer o sol nascer, nem cair a chuva sobre a terra, não podes reservar para teu inimigo, apenas que haja paz na terra aos homens de boa vontade (cf Lc 2,14)? Por conseguinte, tal regra de amor te é dada, a

fim de que imitando o Pai ames o inimigo: “Amai os vossos inimigos” (Lc 6,27.35). Como praticarás este preceito se não suportares inimigo algum? Vês, portanto, que te é útil de algum modo. O fato de Deus poupar os maus, seja-te proveitoso para exerceres a misericórdia, porque também tu, se és bom, eras mau e te tornaste bom. Se Deus não poupasse os maus, nem tu te apresentarias, com ações de graças. Perdoe também aos outros, portanto, aquele que te perdoou a ti. Se passaste, não interceptes o caminho da piedade.

**5** [4] Como então é a oração do salmista, que se encontra no meio de homens maus, cujas inimizades exercitam sua paciência? Como se exprime? “Invadiu-me a tristeza em minha prova e fiquei conturbado”. Tendo estendido seu amor até o ponto de amar os inimigos, foi atingido de tédio por causa das inimizades de muitos, da raiva dos que ladravam a seu redor, e sucumbiu devido a certa franqueza humana.
Verifica que começa a penetrar em si a sugestão do diabo de que odeie os inimigos. Relutando entre o ódio e a prática do amor perturba-se nessa luta. Faz sua a palavra de outro salmo: “Tenho os olhos turvados de ira”. E como prossegue? “Envelheci em meio de todos os meus inimigos” (Sl 6,8). Dentro da tempestade, começara a submergir como Pedro (Mt 14,30). Quem ama os inimigos calca as ondas deste mundo. Cristo caminhava intrépido pelas águas do mar, pois de seu coração de forma alguma podia ausentar-se o amor aos inimigos. Pendente da cruz, dizia: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Pedro também quis andar sobre as ondas. Cristo, enquanto Cabeça, Pedro enquanto corpo, pois “sobre esta pedra”, diz o Senhor, “edificarei minha Igreja” (Mt 16,18). Pedro recebeu ordem de andar, e caminhava sobre as ondas pela graça de quem lhe deu esta ordem, não por suas próprias forças. Mas quando sentiu a força do vento, teve medo; e já começava a submergir, perturbado em sua prova. Que vento forte era esse? “A voz do inimigo e a perseguição do pecador.” Por isso, como ele clamou entre as ondas: Senhor, estou perecendo, salva-me (Mt 14,3-30), assim também o salmista emite primeiro as palavras: “Ouve, Senhor, a minha súplica e não desprezes a minha prece”. Qual o motivo? Qual o teu sofrimento? Por que gemes? “Invadiu-me a tristeza em minha prova”. Submeteste-me à prova da parte dos maus, e esta sobreveio acima de minhas forças. Tranqüiliza, Senhor, aquele que está perturbado, estende a mão ao que está afundando. “Invadiu-me a tristeza em minha prova e fiquei conturbado pelos gritos do inimigo e a perseguição do pecador. Porque lançaram males contra mim e furiosos me cercaram de sombras”. Ouvistes a referência a ondas e ventos. Atacavam o que fora humilhado, mas ele orava; de toda parte furiosos gritos e insultos, enquanto ele interiormente invocava aquele que os inimigos não viam.

**6** Ao padecer um cristão coisa semelhante, não deve facilmente enfrentar com ódio aquele que o faz sofrer, nem se deixar vencer pelo vento, mas deve voltar-se para a oração a fim de não perder a caridade. Nem fique receoso de que o inimigo lhe arme alguma cilada. Que pode ele fazer? Falar muito mal, lançar injúrias, enfurecer-se com ultrajes. Mas, que te importas? “Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,12). Na terra o inimigo redobra de injúrias, mas tu lucras no

céu. Mas pode enfurecer-se ainda mais, pode fazer mais. Que segurança maior pode haver que a tua, se te foi dito: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma?” (Mt 10,28). Que há de temível quando o inimigo te ataca? Não se perturbe o amor com o qual amas o inimigo. Efetivamente, aquele homem inimigo, de carne e sangue, ambiciona o que vê em ti. Mas, existe outro inimigo oculto, o dominador das trevas do qual suportas dores na carne e no sangue; ele ambiciona outro bem teu que é oculto. Empenha-se em depredar e devastar teus tesouros interiores. Coloca, por conseguinte, dois tipos de inimigos diante de teus olhos: um às claras e outro às escondidas; às claras um homem; às ocultas o diabo. Este homem é igual a ti segundo a natureza humana, mas segundo a fé e a caridade ainda não é, mas poderá vir a ser. Sendo dois, vê a um e entende quem é o outro; ama o primeiro e precavém-te do segundo. O inimigo visível quer diminuir-te naquilo em que o superas. Por exemplo, se o superas nas riquezas, quer fazer-te pobre; se em honra, quer humilhar-te; se em forças, quer enfraquecer-te; tenciona derrubar ou tirar aquilo em que o vences. Também aquele inimigo oculto quer te roubar aquilo em que o vences. Sendo homem, vences a outrem pela felicidade humana, o diabo, porém, vences pelo amor ao inimigo. Como o homem ambiciona tirar-te, detruncar ou derrubar a felicidade em que o superas, assim também o diabo quer vencer roubando aquilo que o vence. Então, cuida de conservar no coração o amor ao inimigo, que vence o diabo. O homem se enfurece quanto puder, tire o que puder; se for amado o furioso às claras, quem se enfurece às ocultas está vencido.

**7** [5] Mas o salmista orava conturbado e contristado, como se tivesse os olhos turvos pela cólera. Se a ira contra um irmão for inveterada já se transformou em ódio. A ira turva os olhos, o ódio os extingue; a ira é um argueiro e o ódio uma trave no olho. Por vezes tens ódio e corriges um irmão irado; em ti há ódio e naquele a quem corriges existe ira; com razão se te dirá: “Tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão” (Mt 7,5). Para perceberes a diferença entre ira e ódio, pensa que todos os dias se vêem pais irados contra os filhos; apresenta-me quem odeie seu filho. O salmista orava conturbado e constristado, em luta contra as ofensas de seus injuriadores. Não o fazia para vencê-los, retribuindo-lhes as injúrias, mas para a nenhum deles odiar. Daí provém que ora e suplica diante “dos gritos do inimigo e a perseguição do pecador. Porque lançaram males contra mim e furiosos me cercaram de sombras. O coração se me agitou no peito”. É idêntico ao que foi dito noutro lugar: Tenho os olhos turvados de ira (Sl 6,8). E se os olhos se turvaram, qual foi a conseqüência? “Invadiu-me pavor de morte”. Nossa vida é a caridade; se a caridade é vida, o ódio é morte. O homem, ao começar a ter medo de odiar aquele a quem amava, teme a morte; e morte mais cruel, morte interior, que mata a alma, não o corpo. Percebias que alguém estava furioso contra ti; que poderia fazer aquele contra o qual o Senhor te dera segurança, ao dizer: “Não temais os que matam o corpo” (Mt 10,28). Se ele se encarniça, mata o corpo; tu, porém, com o ódio matas tua alma; ele mata o corpo de outro, mas tu a tua própria alma. “Invadiu-me pavor de morte”.

**8** [6.7] “Temor e tremor se aponderaram de mim e trevas me envolveram. E eu disse”:

Quem odeia seu irmão, está nas trevas até agora (cf 1Jo 2,9-11). Se o amor é luz, o ódio é treva. E como fala a si mesmo aquele que se sente tão fraco e perturbado nesta provação? "Quem me dará asas como as da pomba, para voar e repousar?" Desejava a morte ou a solidão. Diz ele: Enquanto isso se passa em mim, recebo o preceito de amar os inimigos; e as injúrias deles aumentam e me cercam de sombras, turvam meus olhos, diminuem minha luz, atacam meu coração, matam-me a alma. Queria fugir, mas sou fraco. Que não aumentem meus pecados, se eu permanecer aqui. Ou então, separar-me-ei do gênero humano, para não reabrir freqüentemente minhas feridas, e curado voltar a enfrentar a prova. Isso acontece, meus irmãos. Surge muitas vezes no ânimo do servo de Deus o desejo da solidão, por nenhum outro motivo senão porque atacam-no muitas atribulações e escândalos; e ele diz: "Quem me dará asas?" Ele se vê sem asas, ou melhor, as asas estão amarradas? Se não tem, que lhe dêem; se estão presas, que se soltem. Quem solta as asas de uma ave, dá-lhe ou devolve-lhe as asas. Não as tinha como suas, porque não podia usá-las para voar. Asas amarradas são um peso. "Quem me dará penas como as da pomba para voar e descansar?" Descançar, mas onde? A expressão pode ter dois sentidos. O primeiro seria conforme se exprime o Apóstolo: "Partir, ir e estar com Cristo, isso me é muito melhor" (Fl 1,23). Com efeito, embora ele fosse forte, grande, firme de coração, soldado de Cristo invicto, perturbou-se em sua provação, conforme lemos, e disse: "Doravante ninguém mais me moleste" (Gl 6,17). Parece repetir a palavra de outro salmo: "Senti tédio por causa dos pecadores que abandonam a tua lei" (Sl 118,53). Esforça-se alguém muitas vezes por corrigir os homens no erro, que são maus, e lhe estão confiados; mas revelam-se inúteis todos os esforços e vigilância. Não pode corrigir e tem de suportar. E este incorrigível é dos teus, seja por pertencer ao gênero humano, ou não raro por estar em comunhão com a Igreja. É de dentro. Que farás? Para onde fugires? Para onde te isolar, a fim de não suportares tudo isso? Ao contrário. Apresenta-te, fala, exorta, atrai, ameaça, repreende. Mas, fiz tudo isso. Gastei todas as minhas forças, falei e em nada adiantou. Esgotaram-se os esforços e ficou o pesar. Como há de descansar meu coração de tudo isso, a não ser que diga: "Quem me dará asas? Como as da pomba", porém; não do corvo. A pomba procura voar para longe das aflições, mas não perde a caridade. A pomba é usada como sinal de amor. Ela gosta de gemer. Ninguém tão amigo de gemidos como a pomba; geme dia e noite, como quem se acha num lugar de gemidos. Que diz então este homem que ama? Não agüento as injúrias dos homens, que gritam, se irritam, inflamam-se de cólera, cercam-me de ira. Não posso ajudá-los. Oxalá possa descansar em algum lugar longe deles corporalmente, não pelo amor, a fim de que não se perturbe o próprio amor. Não posso ser útil com palavras e conversas; talvez o possa com minhas orações. Os homens assim falam, mas muitas vezes de tal modo se amarram que não podem voar. Talvez não fiquem presos no visgo, mas se prendem pelo ofício. Se estão presos pelos ofícios e deveres, e não podem abandonar suas obrigações, digam: "Preferia partir e ir com Cristo, isso me é muito melhor. Mas o permanecer na carne é-me necessário por vossa causa" (Fl 1,23.24). A pomba, presa pelo afeto, não pela ambição, não podia voar por causa do cumprimento do dever e não por mesquinho interesse. No entanto, é necessário que o

coração conserve este desejo. Este desejo atormenta somente aquele que já começou a andar pelo caminho estreito (Mt 7,14) para que saiba não faltarem perseguições à Igreja, mesmo nesta época em que a Igreja goza tranqüilidade, relativamente às perseguições sofridas por nossos mártires. Não faltam as perseguições, porque é bem verdadeira a palavra: "Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo serão perseguidos" (Tm 3,12). Se não queres sofrer perseguição, também não queres viver com piedade em Cristo. Queres experimentar como é verdadeira esta palavra? Começa a viver piedosamente em Cristo. Que significa: viver piedosamente em Cristo? Que sintas em tuas entranhas o que disse o Apóstolo: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu também me abrase"? (2Cor 11,29). As fraquezas dos outros, os escândalos que sofreram foram perseguições para ele. Por acaso, isto falta agora? São mais freqüentes para os que com elas se preocupam. Muitas vezes se olha um homem de longe e se diz: Ele está muito bem. Quem assim se exprime experimenta os próprios sofrimentos, mas não pode saber como são os dos outros. Ou então, não tem o que experimentar e não sabe por isso se compadecer daquele que os sofrimentos provam ou devoram. Comece a viver piamente em Cristo, e experimentará o que digo; comece a desejar ter asas, afastar-se, fugir e permanecer no deserto.

**9** [8] Qual é, irmãos, em vossa opinião, o motivo de estarem cheios os desertos de servos de Deus? Se eles se sentissem bem no meio dos homens, teriam se afastado deles? E no entanto, como vivem eles? Fugiram para longe, permanecem no deserto; mas estão sozinhos? A caridade os obriga a permanecerem na companhia de muitos; e entre estes existem os que exercitam sua paciência. Pois, em toda multidão aglomerada forçoso é que se encontrem alguns malvados. Deus que sabe necessitarmos de exercícios, coloca ao nosso lado alguns que não haverão de perseverar, ou até alguns tão fingidos que nem começam a viver da maneira em que deviam perseverar. Deus sabe ser-nos necessário suportar os maus, para progredirmos no bem. Amemos aos inimigos, corrijamos, castiguemos, excomunguemos, sejam separados de nós, mas por amor. Vede os termos do Apóstolo: "Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, notai-o e não tenhais nenhuma comunicação com ele". Mas, por isso não se introduza insidiosamente em ti a raiva, de sorte a turvar teu olhar. "Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão" (2Ts 3,14.15), para que fique envergonhado. Com isso, prescreveu uma separação, mas não cortou o amor. Vive aquele olhar de caridade, vive por tua vida. Porque a perda da caridade é tua morte. Foi essa caridade que receou perder aquele que disse: "Invadiu-me pavor de morte". Por conseguinte, no intuito de não perder a vida da caridade, "quem dará asas como as da pomba para voar sem repousar?" Para onde queres ir? Para onde voar? Onde repousar? "Ir-me-ia bem longe para morar no deserto". Em que deserto? Para onde quer que fores, outros se unirão a ti, procurarão o deserto contigo, adotarão tua vida. Não podes repelir a companhia de um irmão; mas juntamente virão também alguns maus; ainda precisas de exercício. "Ir-me-ia bem longe para morar no deserto". Em que deserto? Talvez no da consciência, onde nenhum homem possa penetrar, onde ninguém se acha contigo, onde estarás tu com

Deus somente. Pois se falas de um deserto local, que farás dos que aí se unem a ti? Não poderás viver isolado do gênero humano, enquanto viveres entre os homens. Prefere dar atenção àquele consolador, Senhor e rei, imperador e criador nosso e ainda criado no meio de nós; observa que colocou entre os doze um a quem ele teria de suportar.

**10** [9] "Ir-me-ia bem longe para morar no deserto". Provalvemente o salmista, conforme disse, refugia-se em sua consciência, em que de certo modo encontra o deserto onde descansar. Mas aquela caridade o perturba. Estava sozinho com sua consciência, mas não sozinho na caridade. Interiormente a consciência o consolava, mas externamente as tribulações não o deixavam. Portanto, em si mesmo tranqüilo, mas dependendo de outros, como ainda se conturba, o que acrescenta? "Aguardaria aquele que me abrigasse contra o abatimento do espiríto e a tempestade". Existe mar e existe tempestade. Nada te resta senão exclamar: "Senhor, estou perecendo" (Mt 14,30). Estenda a mão aquele que, intrépido, calcava as ondas, retire a tua hesitação, firme-se nele a tua segurança, fale-te ele interiormente, e te diga: Pondera o que suportei; talvez suportes um mau irmão, externamente sofras da parte de um inimigo. E eu não sofri isso? Os judeus se encarniçavam exteriormente, e no interior um discípulo traía. Seja embora impetuosa a tempestade, Cristo liberta do "abatimento do espírito e da tempestade". É provável que tua barca oscile, porque ele dorme dentro de ti. O mar estava enfurecido, e era sacudida a barca em que estavam os discípulos, Cristo, porém, dormia; finalmente perceberam que dormia no meio deles aquele que dominava os ventos por ele criados. Aproximaram-se e acordaram o Cristo. Este ordenou aos ventos e fez-se grande bonança (cf Mt 8,23-26). Talvez seja com razão que se perturbe teu coração, porque te esqueceste daquele em que havias acreditado; sofres com impaciência, porque não te ocorre o que por ti Cristo suportou. Se Cristo não te vem à mente, em ti ele dorme; acorda-o, lembra-te de tua fé. Cristo dorme em ti se esqueceste a sua paixão; estará desperto, se te lembrares de seus padecimentos. Se o olhares, aderires de coração ao que ele padeceu, não tolerarás igualmente de bom grado e até com alegria por teres adquirido alguma semelhança com a paixão de teu rei? Ao começares a te consolar, a te alegrar com estes pensamentos, então ele se levanta, dá ordem aos ventos e faz-se a bonança. "Aguardaria aquele que me abrigasse contra o abatimento do espírito e a tempestade".

**11** [10] "Precipita-os nas águas, Senhor, divide-lhes as línguas". Deu atenção aos que o afligiam e o cercavam de sombras e desejou isto, irmãos, mas não encolerizado. Àqueles que se orgulham é bom que afundem; convém-lhes a divisão das línguas entre si, porque conspiraram. Consintam no bem e suas línguas serão concordes. Se, porém, "todos os meus inimigos juntos murmuravam contra mim" (Sl 40,8), percam-se juntos; dividam-se as suas línguas, não entrem em acordo. "Precipita-os nas águas, Senhor, divide-lhes as línguas". Por que motivo: "precipita-os"? Porque se orgulharam. "Divide", por que razão? Porque conspiraram para fazer o mal. Lembra-te daquela torre erguida pelos soberbos depois do dilúvio; o que disseram os soberbos? Para não perecermos num dilúvio, façamos uma alta torre. Pensavam que estariam defendidos pela soberba e construiram uma torre alta, mas o Senhor dividiu as suas línguas (cf Gn 11,4). Então

começaram a não se entender mutuamente, aí está a origem das muitas línguas. Anteriormente havia uma só língua; mas uma só língua era de utilidade para homens que viviam em concórdia, uma só língua era de proveito para homens humildes. Todavia, logo que aquele grupo se precipitou numa conspiração orgulhosa, Deus os poupou dividindo as línguas, a fim de que se desentendendo não criassem uma unidade perniciosa. Por meio de homens soberbos as línguas se distinguiram, através de humildes apóstolos as línguas se uniram. Um espírito orgulhoso dispersou as línguas, o Espírito Santo reuniu as línguas (At 2,4). Quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos, eles falaram as línguas de todos, e foram entendidos por todos; as línguas dispersas se congregaram numa só. Por isso, se ainda estão encarniçados e são pagãos, é conveniente que tenham línguas diferentes. Se querem ter uma só língua, venham à Igreja; porque se carnalmente há diversidade de línguas, uma só é a língua, segundo a fé do coração. "Precipita-os nas águas, Senhor, divide-lhes as línguas".

**12** "Porque vejo apenas iniqüidade e contradição na cidade". Não é sem razão que o salmista procurava o deserto, porque viu "iniqüidade e contradição na cidade". Existe uma cidade turbulenta, a saber, a que edificara a torre, que foi confudida e se chamou Babilônia, dispersando-se entre inúmeros povos (cf Gn 11,9). Saindo dela, a Igreja se congrega no deserto de uma boa consciência. Ela viu a contradição na cidade. Veio Cristo. E contradizes: Quem é Cristo? É o Filho de Deus. Contradizes: Deus tem Filho? Nasceu da virgem, padeceu e ressuscitou. E como pode ser isto? Contradizes. Atende ao menos à glória da cruz. Já se encontra na fronte dos reis aquela cruz que os inimigos insultaram. O resultado demonstrou o poder. Ele dominou o orbe, não com as armas, mas com o madeiro. O madeiro da cruz pareceu aos inimigos merecer insultos e eles meneavam a cabeça ao pé da cruz e diziam: "Se é Filho de Deus desça da cruz" (cf Mt 27,40). Ele estendia as mãos para um povo infiel e contraditor. Pois, se é justo quem vive da fé (cf Rm 1,17), é iníquio quem não a possui. A "iniqüidade", a que se refere o salmo, significa, a meu ver, a perfídia. O Senhor via, portanto, na cidade iniqüidade e contradição e estendia as mãos para um povo infiel e contraditor; contudo, dizia também esperando por eles: "Pai, perdoa-lhes não sabem o que fazem" (Lc 23,34). De fato, ainda o povo restante daquela cidade se enfurece, ainda contradiz. Estando nas frontes de todos os outros, agora estende as mãos para os restantes que não acreditam e contradizem. "Porque vejo apenas contradição e iniqüidade na cidade".

**13** [11] "Noite e dia ronda em torno das muralhas da cidade a iniqüidade e só labuta. Em torno das muralhas", suas fortificações, isto é, os que lhe servem de chefes, os nobres. Se aquele nobre fosse cristão, ninguém continuaria pagão. Muitas vezes dizem os homens: Nenhum pagão restaria se aquele homem fosse cristão. Não raro se diz: Se ele se torna-se cristão, quem continuaria pagão? Por conseguinte, os que ainda não se tornam cristãos são como as muralhas daquela cidade que não crê e contradiz. Porquanto tempo estas muralhas ficarão de pé? Não ficarão para sempre. A arca da aliança fez a volta junto das muralhas de Jericó (cf Js 6,5). Virá o tempo da sétima volta da arca, quando todas as muralhas da cidade que não crê e contradiz hão de cair. Até que isto não

se realize, o salmista se perturba em sua provação; e suportando o restante dos contraditores, anela por asas para voar e descansar no deserto. Ao invés disso, perdure no meio dos contraditores, suporte as ameaças, beba os opróbrios, espere aquele que o há de salvar do abatimento e da tempestade; fite a Cabeça, exemplo de vida, e tranqüilize-se na esperança, embora na realidade se perturbe. "Noite e dia ronda em torno das muralhas da cidade a iniqüidade e só labuta e injustiça se encontram dentro dela". Há labuta ali porque ali se encontra a iniqüidade; como há injustiça, há labor. Mas que ouça aquele que estende as mãos: "Vinde a mim todos os que estais cansados". Clamais, contradizeis, injuriais; ele, ao contrário chama: "Vinde a mim todos os que estais cansados", em vossa soberba, e descansareis em minha humildade. "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas" (Mt 11,28.29). Por que estão cansados, senão porque não são mansos e humildes de coração? Deus se fez humilde; envergonhe-se o homem de ser soberbo.

**14** [12] "Usura e dolo não deixam suas praças". A usura e o dolo não se escondem ao menos, como males que são, mas publicamente se encarniçam. De fato, quem pratica algum mal em casa, ao menos se envergonha do mal feito. "Usura e dolo não deixam suas praças". A usura se organiza numa profissão, e até é denominada arte. É uma agremiação, que parece necessária à cidade, e retira desta profissão seus juros. Acha-se nas praças o que ao menos devia se esconder. Existe uma usura ainda pior, a de não perdoares o que te é devido; os olhos se turvam naquele versículo da oração: "Perdoa-nos as nossas dívidas". Que vais fazer, quando, ao orares, chegares a este versículo? Ouviste uma palavra injuriosa; queres exigir o suplício da condenação. Pelo menos existe só quanto deste, usurário de injúrias. Levaste um soco e queres matar. Má usura. Como rezarás a oração do Senhor? Se omitires a oração, como te aproximarás do Senhor? Assim rezarás: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Dirás: "O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje". Chegarás à petição: "E perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores" (cf Mt 6,9-12). Mesmo que naquela cidade malvada sejam abundantes estas usuras, que elas não penetrem nestas paredes, dentro das quais se bate no peito. Que farás, uma vez que tu e ele se acham diante do outro? O celeste legislador compôs esta prece; sabia o que haveria de acontecer e te diz: De outro modo não impetrarás o que pedes. Em verdade vos digo, "se perdoardes aos homens os seus delitos, também sereis perdoados; mas, se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos" (Mt 6,14.15). Quem é que assim fala? Quem sabe o que acontece quando tu estás de pé ali a pedir. Vê que ele quis ser teu advogado; ele o teu perito na lei, o assessor do Pai, o teu próprio juiz te declara: De outra forma não receberás. Que farás? Não receberás, se não o disseres; não receberás, se proferires mentira. Por conseguinte, hás de fazer e dizer, ou não merecerás o que suplicas, pois os que não agem assim, têm aquela má usura. Sejam desses os que adoram os ídolos, ou os procuram. Não tu, povo de Deus, povo de Cristo, corpo daquela Cabeça. Dá atenção ao vínculo de tua paz, à promessa de tua vida. O que te adianta

retribuir as injúrias? A injúria te conforta? Alegra-te o mal alheio? Sofreste o mal. Perdoa, para que não sejam dois maus. “Usura e dolo não deixam suas praças.”

**15** [13-15] Procuravas a solidão, querias ter asas e por conseguinte murmuras, não suportas a contradição e a iniqüidade desta cidade. Fica em paz com aqueles que estão contigo dentro e não procures a solidão. Mas, ouve o que é dito a respeito deles: “Pois se me exprobasse um inimigo”. Aliás, mais acima dizia-se perturbado em sua provação, devido à perseguição do pecador, talvez habitando naquela cidade soberba, que levantou a torre, cuja construção fracassou com a divisão das línguas (cf Gn 11,4). Vê, porém, como geme interiormente, por causa dos perigos provenientes dos falsos irmãos. “Pois se me exprobasse um inimigo decerto o suportaria. E se o que me odiava proferisse insolências”, isto é, se em sua soberba me insultasse, se ele se exaltasse acima de mim, me ameaçasse quanto pudesse, “dele me esconderia”. Como te esconderias daquele que está do lado de fora? No meio daqueles que estão dentro. Agora, contudo, vê se não resta outro recurso senão procurar a solidão. Prossegue o salmista: “Mas és tu, meu companheiro, meu conselheiro e amigo”. Talvez tenhas dado alguma vez um bom conselho, talvez em algo me precedeste e me advertiste sobre o que me seria salutar; juntos estivemos na Igreja de Deus. “Mas és tu, meu companheiro, meu conselheiro e amigo, tu que comigo tomavas suaves alimentos”. Que alimentos suaves são estes? Nem todos os presentes sabem; mas os que sabem não os amargurem, a fim de poderem dizer aos que ainda ignoram: “Provai e vede como é suave o Senhor” (Sl 33,9). “Tu que comigo tomavas suaves alimentos. Juntos íamos à casa do Senhor”. De onde, pois, a dissensão? Porquanto ele estava de dentro, e foi para fora. Ia comigo à casa do Senhor, em perfeito acordo. Mas, ele ergueu outra casa, defronte à casa de Deus. Por que razão abandonou aquela aonde íamos juntos? Por que deixou a casa onde juntos tomávamos suaves alimentos?

**16** [16] “Que a morte os colha e desçam vivos à morada dos mortos”. A saber, dos donatistas. O salmista de certo modo desperta nossa lembrança e faz-nos remontar àquele primeiro esforço de cisma nos primórdios do povo judaico, quando alguns soberbos se separaram e quiseram oferecer sacrifícios por si, sem os sacerdotes. Sofreram nova espécie de morte; a terra se fendeu, e engoliu-os vivos. “Que a morte os colha e desçam vivos à morada dos mortos” (cf Nm 16,1-33). Por que motivo se diz: “vivos”? Eles sabem que estão indo à ruína, e no entanto querem perecer. Ouve como há vivos que se perdem e são engolidos pela terra que se abre, isto é, devorados pelas ambições terrenas. Se dizes a alguém: Por que estás sofrendo, irmão? Somos irmãos, invocamos o mesmo Deus, acreditamos em um só Cristo, ouvimos um só evangelho, cantamos os mesmos salmos, respondemos todos Amém, cantamos um só Aleluia, celebramos igualmente a Páscoa. Por que ficas de fora e eu de dentro? Muitas vezes vê-se em apuros e considerando como é verdade o que diz, responde: Que Deus peça contas a nossos maiores. Por conseguinte, ele, vivo, se perde. Em seguida, acrescentas a admoestação: Baste ao menos o mal da separação. Por que acrescentas ainda o de rebatizar? Reconhece em mim o mesmo que tens; e se me odeias, poupa a Cristo em

mim. Também a eles muitas vezes é o que mais desagrada. Respondem: É verdade, é um mal. Antes não acontecesse! Mas o que faremos do que ficou estabelecido por nossos maiores? "Desçam vivos à morada dos mortos". Se descesses já morto, não saberias o que fazias; mas como, de fato, sabes ser um mal o que praticas e no entanto assim ages, não é vivo que desces ao inferno? E por que motivo foi principalmente aos chefes que a terra abriu a boca e engoliu-os vivos, enquanto o povo que estava de acordo com eles foi consumido por um fogo que caiu do céu? (Cf Nm 16,47). O presente salmo, comemorando este castigo, começou pelo fogo e concluiu com os chefes. "Que a morte os colha", é referência àqueles sobre os quais desceu o fogo do céu; e logo completa-se: "Desçam vivos à morada dos mortos", os chefes que a terra se abriu e engoliu. Pois, como desceriam à morada dos mortos ainda vivos, se deles se dissera: "A morte os colha". Se a morte já os colhera, como podiam descer vivos à morada dos mortos? Portanto, começou pelos menores e concluiu com os chefes. "Que a morte os colha" os que consentiram e seguiram. Que sucedeu aos chefes e principais? "Deçam vivos à morada dos mortos", porque eles tratam das Escrituras, e sabem muito bem, lendo-as cada dia, como a Igreja católica se difundiu por todo o orbe da terra, de sorte que absolutamente não têm pretexto para contradição, nem podem encontrar algum testemunho a favor de seu cisma. Sabem-no muito bem. Por isso, descem vivos à morada dos mortos, uma vez que estão bem conscientes do mal que fazem. O fogo da ira divina os consumiu. Inflamaram-se no ardor da disputa, e não quiseram se apartar de seus chefes perversos; caiu o fogo sobre eles, e além do ardor da disputa suportaram o fogo que os consumiu. "Que a morte os colha e desçam vivos à morada dos mortos, porque a perversidade se acha em suas habitações, no meio deles". "Nas habitações", onde moram de maneira transitória e passam. Pois, não ficarão aqui para sempre; e no entanto assim lutam por causa de uma animosidade que não dura. "Em suas habitações" existe iniqüidade, "no meio deles" há iniqüidade; nada está mais dentro deles do que seu coração.

**17** [17] "Eu, porém, clamei ao Senhor". O corpo de Cristo, a unidade de Cristo em angústia, tédio, incômodos, perturbação de sua provação, aquele homem único na unidade de um só corpo, sentindo a alma entediada, clama dos confins da terra: "Dos confins da terra clamei a ti, quando o meu coração se angustiava" (Sl 60,3). Ele é um, mas na unidade; e este único, um só, mas não em um só lugar, clama unido dos confins da terra. Como ele unido clamaria dos confins da terra, se em muitos ele não fosse um só? "Eu, porém, clamei ao Senhor". Está certo. Tu clamas ao Senhor. Não clames a Donato. Não seja teu senhor em lugar do Senhor aquele que não quis ser nosso companheiro de serviço para o Senhor. "Eu, porém, clamei ao Senhor e o Senhor me ouviu".

**18** [18] "À tarde, pela manhã, ao meio dia contarei e anunciarei e ele escutará a minha voz". Prega a boa nova, não cales o que recebeste, "à tarde" relativamente ao passado; "de manhã", sobre o futuro; "ao meio dia" acerca das coisas eternas. Efetivamente, a palavra: "à tarde", pertence a sua narração; o termo: "de manhã" refere-se ao anúncio;

“ao meio dia” é atinente ao atendimento do que se pede. O fim está ao meio dia, mas isto porque não declina, não tem ocaso. Ao meio dia a luz está no auge; é o esplendor da sabedoria, o ardor do amor. “À tarde, pela manhã, ao meio dia”. À tarde, o Senhor na cruz, pela manhã a ressurreição, ao meio dia a ascensão. Discorro à tarde sobre a paciência do moribundo, anuncio de manhã a vida do ressuscitado, pedirei que me atenda ao meio dia aquele que está sentado à direita do Pai. Ouvirá a minha voz nosso intercessor (cf Rm 8,34). Como é grande esta segurança, quanta consolação, como refaz diante do abatimento e da tempestade, contra os maus, contra os iníquios de fora e de dentro, e contra aqueles que são de fora, mas se acham dentro!

**19** [19] Por conseguinte, meus irmãos, são palha na eira do Senhor (Mt 3,12) todos os que vedes na assembléia, reunida dentro dessas paredes, e que são turbulentos, soberbos, que buscam os próprios interesses, altivos, desprovidos do zelo de Deus, casto, sadio, quieto e que atribuem a si mesmos grandes coisas; prontos para disputar, apesar de não terem desculpa para isso. O vento da soberba arrastou daqui uns poucos deles: toda palha não será carregada, a não ser na última ventilação. Mas nós o que faremos, a não ser cantar com o salmista, orar, deplorar e repetir com segurança: “Restituirá a paz a minha alma?” Contra aqueles que não amam a paz: “Restituirá a paz a minha alma”, porque era pacífico com aqueles que odeiam a paz (cf Sl 1,119,7). “Restituirá a paz a minha alma, livrando-me dos que me atacam”. Pois a questão é fácil, em relação aos que estão longe de mim. Não se engana tão logo aquele que me convida: Vem, adora um ídolo. Acha-se muito distante de mim. Mas: és cristão? Sim, diz ele, sou cristão. É um adversário próximo; está bem perto. “Restituirá a paz a minha alma livrando-me dos que se aproximam de mim, porque muitos estavam comigo”. Por que ele disse: “aproxima-se de mim”. Porque “muitos estavam comigo”. Este versículo pode ter duas explicações. A primeira: “em muitas coisas estavam comigo”. Em verdade, tínhamos ambos o batismo. Nisto estavam comigo. Ambos líamos o evangelho. Nisto estavam comigo. Celebrávamos a festa dos mártires. Estavam comigo. Celebrávamos a Páscoa em grande número. Estavam comigo ali. Mas não inteiramente comigo, porque não estava comigo o cisma, nem a heresia. Em muitas coisas estavam comigo, em poucas não estavam comigo. Devido, porém, a estas poucas coisas em que não estavam comigo, não lhes adiantam as muitas que possuem comigo. Com efeito, irmãos, vede quantas coisas enumerou o apóstolo Paulo, mas se faltar uma, as outras se tornam inúteis. “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e falasse as línguas dos anjos, se eu tivesse o dom da profecia e de toda a fé, e toda a ciência, se transportasse montes, ainda que distribuísse todos os meus bens aos pobres, ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas” (1Cor 1,13). Quantas coisas enumerou! Com tudo isso, se faltar apenas a caridade, as outras são em maior número, mas a caridade tem maior peso. Portanto, estão comigo em todos os sacramentos, apenas na caridade não estão comigo: “Em muitas coisas estavam comigo”. Outro sentido: “Porque muitos estavam comigo”. Os que se separam de mim, estavam antes comigo, não em pequeno número, mas eram muitos. De fato, por todo o orbe da terra existem poucos grãos e muitas palhas. Como se exprime o salmista? Quanto

às palhas estavam comigo, quanto ao trigo não estavam comigo. A palha se aproxima do trigo. Sai de uma só semente, radica-se no mesmo terreno, é nutrida pela mesma chuva, é colhida junto, suporta a mesma trituração, espera a mesma ventilação, mas não entra no mesmo celeiro. “Porque muitos estavam comigo”.

**20** 20.21 “Deus há de me escutar e humilhá-los, ele que existe antes dos séculos”. Eles presumem de não sei qual chefe seu que apareceu ontem: “Há de humilhá-los ele que existe antes dos séculos”. Porque, apesar de ter Cristo nascido no tempo de Maria Virgem, antes dos séculos, no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus (cf Jo 1,1). “Há de humilhá-los, ele que existe antes dos séculos. Porquanto eles não se emendam”. Refiro-me aos que não se emendam. O Senhor sabia que alguns haveriam de se manter no erro, e morrer na persistência em sua maldade. Pois, vemos que eles não se emendam, e assim morrem na mesma pervesidade, no mesmo cisma, sem haver emenda. Deus há de humilhá-los, humilhá-los na condenação, porque se orgulharam na dissensão. Não se emendam, porque não mudam para melhor, mas para pior, nem enquanto estão na terra, nem na ressurreição. “Pois todos ressucitaremos, mas nem todos seremos transformados” (1Cor 1,15.51). “Porque eles não se emendam, nem temem a Deus”. Meus irmãos, há somente um remédio: que temam a Deus, e abandonem a Donato. Se lhe dizes: Tu te perdes na heresia, no cisma; forçosamente Deus castigará estes males; procuras a condenação, não te enganes com tuas próprias palavras, não sigas um chefe cego. Um cego que conduz outro cego, caem ambos no buraco (cf Mt 15,14). Que me importa? responde. Vivo hoje como vivi ontem. Sou o que meus pais foram. Então, não temes a Deus. Tenha ele temor de Deus. Então, pensará que é verdade o que se lê, por se tratar da fé em Cristo, que não falha. Como permanecerá na heresia diante de tanta evidência sobre a fé da santa Igreja católica, que Deus difundiu por toda a terra? Prometeu-a antes de sua difusão, anunciou-a previamente e a realidade corresponde à promessa. Por isso, tenham cautela e vigilância aqueles que não temem a Deus. “Estendeu a mão para lhes dar o que merecem.”

**21** 21.22 “Profanaram sua aliança”. Lê a aliança que profanaram: “Por tua prosperidade serão abençoadas todas as nações (Gn 12,3;26,4). Profanaram sua aliança”. Que dizes contra estas palavras do testador? Somente a África mereceu a graça de possuir este santo Donato; nele se encontra a Igreja de Cristo. Dize antes: Igreja de Donato. Como queres acrescentar: de Cristo do qual foi dito: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações”. Queres ir atrás de Donato? Deixa Cristo e afasta-te. Vede, portanto, como continua: “Profanaram sua aliança”. Qual aliança? “As promessas foram asseguradas a Abraão e a sua descendência”. Diz o Apóstolo: “Irmãos, mesmo um testamento humano, legitimamente feito, ninguém o pode invalidar nem modificar. Ora as promessas foram asseguradas a Abraão e a sua decendência. Não se diz: e aos descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e a tua descendência, que é Cristo” (Gl 3,15.16). Qual testamento foi prometido a Cristo? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações”. Tu que deixaste a unidade de todas as gentes, e entraste num partido, profanaste a aliança. Vem, portanto, da ira de Deus o que te

aconteceu: seres exterminado e privado da herança. Atende à continuação: “Profanaram sua aliança. Serão dispersados pela ira de sua face”. Que esperais ainda? Que incriminação maior para os hereges? “Serão dispersados pela ira de sua face”.

**22** [22] “E o seu coração se aproximou”. De quem? Entendemos ser o daqueles que foram dispersados pela ira. “Como se aproximou o seu coração?” Entendamos que se trata de sua vontade. De fato, por causa dos hereges a Igreja católica se reafirmou e os que pensam corretamente foram comprovados em confronto com os que pensam erradamente. Muita coisa estava oculta nas Escrituras. Ao se separarem os hereges, as questões começaram a ser ventiladas na Igreja de Deus. Tornaram-se claras as que eram obscuras, e foi entendido qual a vontade de Deus. Daí os dizeres de outro salmo: “Bando de touros entre os rebanhos dos povos, para serem excluídos aqueles que foram experimentados como a prata (Sl 67,31). “Serem excluídos”, se destaquem, apareçam. Também em ourivesaria chama-se exclusores os que dão forma à massa informe. Efetivamente, muitos que poderiam de modo eminente conhecer e explicar as Escrituras, achavam-se ocultos no meio do povo de Deus; não davam a solução de questões dificílimas enquanto nenhum caluniador as atacava. Acaso foi tratada de modo tão perfeito a questão da Santíssima Trindade antes que ladrassem os arianos? Acaso se falou sobre a penitência exatamente, antes de se oporem os novacianos? Assim também não se retratou perfeitamente do batismo, antes de contradizerem os que do lado de fora rebatizavam. Também não se falara tão explicitamente da unidade de Cristo, a não ser depois que aquela separação começou a pressionar os irmãos fracos, de sorte que os que eram capazes de tratar e resolver estas questões trouxessem à luz as obscuridades da lei por meio de seus sermões e discursos, a fim de não perecerem os fracos cercados das perguntas dos ímpios. Portanto, eles foram dispersados pela ira de sua face, e para que nós entendêssemos, o seu coração se aproximou. Agora quero que entendais a passagem de outro salmo que citei: “Bando de touros”, isto é, de orgulhosos cornípetos, “entre os rebanhos dos povos”. O que é que o salmista denomina “rebanhos”? As almas que se deixam seduzir. Para que isto? A fim de “serem excluídos”, isto é, para que apareçam os que estavam escondidos, “aqueles que foram experimentados como a prata. O que representa a prata?” A palavra de Deus. “Palavras do Senhor, palavras puras. Prata pelo fogo acrisolada de terra, sete vezes depurada” (Sl 11,7). Vede como o Apóstolo pôs às claras o sentido obscuro desta passagem: ”É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos aqueles que são comprovados” (1Cor 1,11.19). Que quer dizer: “comprovados? Comprovados como a prata”, comprovados com a palavra. Que significa: “se tornem manifestos? São excluídos”. Qual a razão disso? Por causa dos hereges. Que significa: por causa dos hereges? Por causa do “bando de touros entre os rebanhos dos povos”. Assim, portanto, também estes foram “dispersados pela ira de sua face e o seu coração se aproximou.”

**23** “Suas palavras parecem untuosas como o óleo, mas são dardos”. Certas passagens da Escritura pareciam duras, enquanto eram obscuras; depois de explicadas amoleceram. Também a primeira separação entre os discípulos de Cristo se realizou devido à

aparência de dureza de sua palavra. Tendo dito o Senhor: "Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós", eles não entenderam e disseram entre si: "Esta palavra é dura! Quem pode escultá-la?" Dizendo ser dura esta palavra, separaram-se dele, ele ficou com os outros doze. Como estes lhe sugerissem que os outros se haviam escandalizado com sua palavra, respondeu-lhes: "Não quereis também vós partir? Replicou Pedro: A quem iremos? Tens palavras de vida eterna" (Jo 6, 52-59). Peço-vos atenção. Sendo pequenos, aprendei a piedade. Porventura já entendia Pedro o segredo daquela palavra do Senhor? Ainda não; mas compreendia que eram palavras boas, e acreditava piamente. Por conseguinte, se uma palavra é dura, e não é entendida, seja dura para o ímpio, mas para ti amoleça-se com piedade. Quando se resolver a questão, se tornar para ti como óleo, penetrará até os ossos.

**24** [23] Por isso, com Pedro, depois que os outros se haviam escandalizado, conforme lhes parecia, pela dureza da palavra do Senhor, respondeu: "A quem iremos? Tens palavras de vida eterna", assim igualmente o salmista aqui prossegue: "Lança sobre o Senhor os teus cuidados, e ele agirá". És pequeno e ainda não entendes os segredos das palavras. Talvez não conheces o pão e ainda precisas ser nutrido de leite (cf 1Cor 3,2). Não recuses o peito, que fará capaz de ir à mesa, para a qual ainda não és idôneo. Eis que pela divisão dos hereges muitas coisas duras amoleceram. Suas palavras duras parecem untuosas como óleo, mas são dardos. Os evangelizadores se armaram. As palavras se dirigiam ao coração de alguns ouvintes, instando oportunamente e a contratempo. Os corações dos homens eram vulnerados no amor da paz por aquelas palavras, que eram como setas. Os ouvintes eram duros e amoleceram. Amolecidos não perderam a força, mas se converteram em dardos. "Suas palavras parecem untuosas como óleo, mas são dardos", mesmo as palavras já suaves. Mas tu, talvez, ainda és capaz de te munir destes dardos, e ainda se esclareceu para ti o que talvez seja obscuro e duro nas palavras. "Lança sobre o Senhor os teus cuidados, e ele agirá". Lança-te nas mãos do Senhor. Eis que queres lançar-te nas mãos do Senhor. Ninguém o substitua. "Lança sobre o Senhor os teus cuidados". Vê como aquele soldado de Cristo não quis que os pequeninos lançassem sobre ele os seus cuidados: "Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?" (1Cor 1,13). Que queria dizer senão: "Lança sobre o Senhor os teus cuidados e ele agirá". Agora, porém, procura um pequenino qualquer lançar sobre o Senhor os seus cuidados, e não sei quem vem ao seu encontro e lhe diz: Deixa que eu o tomo. Vem ao seu encontro como uma nave flutuante e diz: Eu o tomo a meu cuidado. Responde também tu: Desejo encontrar o porto e não um rochedo. "Lança sobre o Senhor os teus cuidados e ele agirá". Vê como o porto te recebe: "Não permitirá jamais que o justo vacile". Pareces flutuar neste mar, mas o porto te acolhe. Tu apenas faze o seguinte: antes de entrares no porto não largues a âncora. Flutua a nave se lançadas as âncoras, mas não é levada para longe da terra; não flutuará para sempre, apesar de vacilar por algum tempo. Pois, a esta oscilação se referem as palavras acima mencionadas. "Invadiu-me a tristeza em minha nova prova e fiquei conturbado. Aguardaria aquele que me abrigasse contra o abatimento do espírito e a

tempestade”. Fala alguém que está flutuando, mas não flutuará eternamente; pois a âncora foi lançada. A âncora é sua esperança. “Não permitirá jamais que o justo vacile”.

**25** 24 Mas, a eles, o que sucederá? “Tu, porém, ó Deus, precipitá-los-ás no poço da perdição”. Poço da perdição equivale a trevas da submersão. “Tu, porém, ó Senhor, precipitá-los-ás no poço da perdição”, porque um cego que conduz outro cego, caem no buraco (cf Mt 15,14). O Senhor os precipita no poço da perdição, mas não é ele o autor da culpa, mas é juiz das iniqüidades deles. Deus os entregou à concupiscência de seu coração (cf Rm 1,24). Eles amaram mais as trevas do que a luz; amaram a cegueira, e não a visão. Pois, o Senhor Jesus brilhou para todo o mundo; cantem eles na unidade, com todo o mundo: “Ninguém se subtrai ao seu calor” (Sl 18,7). Que haverão de sofrer os que passam do todo à parte, do corpo à ferida, da vida à amputação? Não cairão no poço da perdição?

**26** “Os homens sanguinários e enganadores”. Recebem a denominção de homens sanguinários por causa de seus morticínios; e oxalá fossem corporais e não espirituais! Vê-se com horror o sangue a correr do corpo; mas quem pode olhar o sangue do coração daquele que é rebatizado? São precisos outros olhos para aquelas mortes. Embora nem mesmo destas mortes visíveis se abstenham os circunceliões armados, por toda a parte. Se ponderarmos estas mortes visíveis, eles são “homens sanguinários”. Vê se um homem armado é pacífico e não sanguinário. Se ao menos carregassem apenas o açoite. Mas carregam a funda, o machado, as pedras, as lanças. E carregados de tudo isso, andam por toda a parte que podem, sedentos de sangue inocente. Por conseguinte, mesmo relativamente à morte visível eles são “sanguinários”. Mas digamos igualmente a respeito deles: Oxalá fossem somente essas mortes corporais, e não matassem as almas. Estes “homens sanguinários e enganosos” não pensem que erramos em interpretar como homens sanguinários os que matam as almas. Eles também assim entenderam acerca de seus maximianistas. Pois, ao condená-los, na sentença de seu concílio[1] constam estas palavras: “Têm os pés velozes para derramar o sangue dos mensageiros. Acham-se esmagamento e infelicidade em seus caminhos e não conhecem o caminho da paz” (Sl 13,3). Foi o que disseram dos maxi-mianistas. Pergunto-lhes quando foi que os maximia-nistas derramaram sangue corporal, embora não diga que eles não derramariam se fossem em multidão tal que poderiam derramá-lo; mas por medo, devido a seu pequeno número, mais suportaram alguma coisa do que infligiram algo de semelhante. Por este motivo, interrogo ao donatista: Em teu concílio declaraste acerca dos maxi-mianistas: “Têm os pés velozes para derramar sangue”. Aponta-me um somente a quem os maximianistas atingiram? Há de me responder coisa diferente desta que digo? Os que se separam da unidade, seduzindo as almas, matam-nas espiritualmente, sem derramar o sangue do corpo. Falaste muito bem. Mas em tua exposição reconhece teus atos. “Homens sanguinários e mentirosos”. Mentira na fraude, na simulação, na sedução. Que são, portanto, os que foram “dispersados pela ira de sua face?” São “homens sanguinários e enganadores”.

**27** Mas o que diz a respeito deles? “Não alcançarão a metade de seus dias”. Que quer

dizer : “Não alcançarão a metade de seus dias?” Não progredirão quanto esperam; perecerão no espaço de tempo de sua espera. Um homem desses será como aquela perdiz, sobre a qual se disse: “No meio de seus dias, a riqueza injusta o abandonará, e, no fim, ele é um idiota” (Jr 17,11). Prosperam, mas temporariamente. Como se exprime o Apóstolo? “Quanto aos homens maus e impostores, eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados” (Tm 11,3.13). Um cego que guia um cego, ambos caem no buraco (cf Mt 15,14). Com razão caem “no poço da perdição”. Que disse o Apóstolo? “Progredirão no mal”; contudo, não por muito tempo. Pois ele afirmara pouco antes: “Mas eles não irão muito adiante”, eqüivale a: “Não alcançarão a metade de seus dias”. O Apóstolo continua, dizendo por que é assim: “Pois a sua loucura será manifesta a todos, como o foi a daqueles” (Tm 11,3,9). “Os homens sanguinários e enganadores não alcançarão a metade de seus dias. Mas eu esperarei em ti, Senhor”. Merecem não alcançar a metade de seus dias, porque esperaram num homem. Eu, porém, dos dias temporais fui até o dia eterno. Por quê? Porque esperei em ti, Senhor.

1 De bagai, no ano de 394.

# SALMO 55

(Sermão em Cartago, na basílica Restituída, quinta-feira)

**1** [1] Quando queremos entrar numa casa, olhamos no título de quem é, a quem pertence, para não ingressarmos inoportunamente onde não nos convém, nem, ao invés, recusamos por timidez de onde devemos entrar, lendo, ali: Esta propriedade é de fulano ou sicrano. Assim no título deste salmo temos inscritos: “Para o fim, pelo povo que se afastou das coisas santas. De Davi segundo a inscrição do título. Quando estrangeiros o prenderam em Gat”. Reconheçamos o “povo que se afastou das coisas santas, segundo a inscrição do título”. Refere-se a Davi, cujo significado espiritual já conheceis. É relembrado aquele do qual nos foi dito: “O fim da Lei de Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Por conseguinte: ao ouvires a expressão: “Para o fim”, pensa em Cristo, para não te deteres no caminho e assim não alcançares o fim. Seja qual for o lugar inferior em que paras, antes de chegar a Cristo, a palavra de Deus te dirá apenas isto: Avança, ainda não estás em lugar seguro. Há um lugar onde se pode pôr os pés com toda segurança; há uma pedra sobre a qual uma casa se levanta bem firme, desafiando chuvas tempestuosas. Os rios deram contra esta casa e ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha: “e essa rocha era Cristo” (cf Mt 7,25; 1Cor 10,4). Cristo é figurado pelo nome de Davi. Dele foi dito: “nascido da estirpe de Davi segundo a carne” (Rm 1,3).

**2** Qual, então, “o povo que se afastou das coisas santas, segundo a inscrição do título?” O próprio título nô-lo mostre. Havia um título na paixão do Senhor, ao ser ele crucificado. O título estava escrito em hebraico, grego e latim: “Rei dos judeus”. Fora exarado em três línguas, quais três testemunhas, uma vez que uma causa deve ser introduzida segundo o depoimento de duas ou três testemunhas (Dt 19,15). Os judeus, tendo lido este título se mostraram indignados e disseram a Pilatos: “Não escrevas: rei dos judeus, mas: Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus”. Pediram que escrevesse ter ele dito isso, mas que não era verdade. Como, porém, era verdade, acha-se em outro salmo: “Inscrição do título. Não destruas” (Sl 56,1). E Pilatos respondeu: “O que escrevi, está escrito”, como se dissesse: Não destruo a verdade, apesar de vós amardes a falsidade. Mas, como os judeus se indignaram com esta palavra dura dizendo: “Não temos outro rei a não ser César” (cf Jo 19,15-22), ofendidos com o título se afastaram dos santos os que reconhecem e querem ter Cristo por seu rei. Afastem-se dos santos os que, contradizendo ao título, rejeitaram a Deus, seu rei e escolheram por rei um homem. Por isso, todo o povo que pôs suas delícias em ter um homem como rei, rejeitando o reinado do Senhor, todo ele se afastou dos santos. Quem se sujeita ao reinado do Senhor, reina igualmente sobre sua cupidez. Não deveis irmãos, notar isto somente nos judeus. Eles são de certo modo o modelo original, esclarecendo-se assim qual o perigo que todos devem evitar. Claramente recusaram ter Cristo por rei e a ele preferiram César. Este, em

verdade, é um homem, estabelecido como rei de outros homens, em vista das coisas humanas. Mas existe outro rei para as coisas divinas. Um é rei para a vida temporal e outro para a eterna. O rei terreno é subordinado ao rei celeste. Este reina sobre todos. Efetivamente, os judeus que disseram ter César por rei, por isso não pecaram, pecaram, sim, por terem recusado a Cristo por rei. Também agora, muitos não querem ter a Cristo por rei, a ele que está sentado no céu, e reina por toda parte. São estes os que nos afligem. Contra esses tais, o salmo nos fortalece. Forçoso é suportarmos a esses até o fim. Não sofreríamos da parte deles, se não nos fosse de utilidade. Pois, toda tentação é uma provação, e toda provação produz fruto. O homem freqüentemente é um desconhecido para si mesmo e não sabe o que pode suportar e o que não pode. Por vezes presume que é capaz de suportar o que não pode, e por outras perde o ânimo de suportar o que lhe é possível agüentar. Acrescenta-se a prova como uma interrogação, e o homem se encontra a si mesmo. Era uma incógnita para si, mas não para o criador. Foi assim que Pedro presumiu não sei bem como o que ainda não possuía, a saber, a perseverança até a morte ao lado do Senhor Jesus Cristo. Pedro ignorava a extensão de suas forças, mas o Senhor conhecia muito bem. O criador replicou-lhe que não era capaz. Ele daria forças suficientes a sua criatura, mas sabia que ainda não as dera. Pedro, que ainda não as recebera, não o sabia. Aproximou-se a tentação. Ele negou, chorou, aceitou (cf Lc 22,33-62). Como desconhecemos o que devemos pedir por não termos, nem sabemos dar graças se recebemos, precisamos sempre das instruções por meio das tentações e tribulações neste mundo; mas não podemos ser afligidos senão por aqueles que se afastam dos santos. Esta distância, irmãos, é relativa ao coração, não ao corpo. Acontece muitas vezes que alguém está de viagem muito longe de ti corporalmente, e no entanto te está unido, porque ama o mesmo que tu; e outras vezes sucede que está perto de ti, e te está unido por ter amor idêntico ao teu; mas também sucede que está perto de ti, pelo fato de amar o mundo, enquanto tu amas a Deus, está distante de ti.

**3** Qual o significado das palavras que ainda pertencem a este título: “quando estrangeiros o prenderam em Gat?” Gat era certa cidade dos filisteus, isto é, de estrangeiros, de um povo afastado dos santos. Pelo fato mesmo de serem estrangeiros, não se aproximam dos santos, ficam longe. Todos os que recusam a Cristo rei tornam-se estrangeiros. Por que se tornam estrangeiros? Porque mesmo aquela vinha, que apesar de plantada por ele se tornou amarga, o que ouviu? “Como te transformaste em ramos degenerados de uma vinha bastarda?” (Jr 2,21). Não disse: Minha vinha, porque se fosse minha, seria de uvas doces: se são amargas, não são de minha vinha, são de uma vinha bastarda. Por conseguinte, “estrangeiros o prenderam em Gat”. Lemos, na verdade, irmãos, que Davi, o filho de Jessé, rei de Israel, esteve no meio de estrangeiros, quando era perseguido por Saul. E foi nesta cidade e junto do rei desta cidade que esteve; mas não lemos que lá tenha estado preso (cf 1Rs 21,10). Mas nosso Davi, o Senhor Jesus Cristo, nascido da estirpe de Davi, não só foi retido, mas ainda o retêm os estrangeiros de Gat. Dissemos que Gat é uma cidade. Procurando saber a tradução deste nome, foi-nos indicado que é: lagar. Cristo enquanto Salvador e Cabeça de seu corpo, nasceu da virgem, foi crucificado, e já nos mostrou na ressurreição de seu corpo o exemplo de nossa

ressurreição. Ele está sentado à direita do Pai e intercede em nosso favor. Ele está também aqui na terra, mas em seu corpo que é a Igreja. O corpo unido à cabeça e a cabeça clama em lugar do corpo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4). E o corpo está com sua Cabeça, segundo os termos do Apóstolo: "Com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus" (Ef 2,6). Nós estamos sentados lá e ele sofre aqui; nós lá estamos sentados em esperança, e ele está aqui conosco segundo a caridade. Esta união como se fosse um só homem faz dois numa só carne, o esposo e a esposa. Daí vem que o próprio Senhor diz: "De modo que já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19,6). Como então ele está preso em Gat? Está preso no lagar seu corpo, isto é, sua Igreja (cf Ef 1,22-23). O que quer dizer: no lagar? Nas angústias. Mas ser espremido no lagar é útil. A uva na vide não é espremida, parece inteira, mas dela nada sai. É colocada no lagar, calcada, espremida. Parece que se faz uma injúria à uva, mas esta injúria não é estéril; ao contrário, se não sofresse injúria alguma permaneceria estéril.

**4** [2] Todos os santos, portanto, sofrem a pressão daqueles que se tornaram distantes dos santos. Atendam a este salmo, reconheçam-se nele, repitam o que nele se diz, pois padecem o que nele se descreve. De fato, quem não sofre, não diga: Não estou obrigado a repetir esta palavra, porque me vejo fora deste sofrimento. Mas cuide de que, desejando estar longe deste padecimento, não fique longe dos santos. Por conseguinte, pense cada um no inimigo que tem; se é cristão, o mundo é seu inimigo. Não cogite de inimizades particulares quem ouvir as palavras deste salmo; saibamos que a nossa luta não é contra a carne nem contra o sangue, mas contra os Principados e as Potestades e os espíritos do mal, isto é, contra o diabo e seus anjos (cf Ef 6,12). Mesmo quando são os homens que nos importunam, é o diabo quem instiga, quem atiça, quem os move como a seus instrumentos. Prestemos atenção, por conseguinte, a dois inimigos: ao visível e ao invisível. Vemos o homem, o diabo, não vemos; amemos o homem, acautelemo-nos do diabo; rezemos pelo homem, e oremos contra o diabo, dizendo a Deus: "Piedade de mim, porque aos pés o homem me calcou". Não temas, porque o homem te calcou. Assim, hás de produzir vinho. Tu te tornaste uva para seres espremido. "Piedade de mim, ó Deus, porque aos pés o homem me calcou; combatendo-me sem cessar, afligiu-me" todo aquele que se afastou dos santos. Mas por que não entender aqui o próprio diabo? Será ele não porque denominado homem? Então está errado o evangelho que disse: "O homem inimigo é que fez isto"? (Mt 13,28). Mas ele figuradamente pode ser chamado homem, mas de fato não é homem. É possível que o salmista encare aqui o diabo, ou o povo (e qualquer deste povo) que se apartou dos santos. Por eles o diabo atormenta o povo de Deus que adere aos santos, adere ao santo, adere ao rei. Por este título de rei, os judeus se jul-garam atingidos, se indignaram, se apartaram. Por tudo isso, diga o salmista: "Piedade de mim, ó Deus, porque aos pés o homem me calcou", a fim de não desfalecer por causa desta pressão, sabendo a quem invocar, e que exemplo o fortificará. Cristo foi o primeiro cacho de uvas espremido no lagar. Tendo sido espremido na paixão aquele cacho, dele saiu o vinho que encheu o "cálice inebriante. Como é excelente!" (Sl 22,5). Reze, pois, também o seu corpo,

olhando para a Cabeça: “Piedade de mim, ó Deus, porque aos pés o homem me calcou; combatendo-me sem cessar, afligiu-me. Sem cessar”, em todas as épocas. Ninguém diga: Houve tribulações no tempo de nossos pais, no nosso não. Se julgas que não tens tribulações, ainda não começaste a ser cristão. Como se justificaria a palavra do Apóstolo: “Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos”? (2Tm 3,12). Se, portanto, não sofres perseguição alguma por causa de Cristo, vê que ainda não começaste a viver com piedade em Cristo. Ao começares a viver com piedade em Cristo, entras no lagar; prepara-te para angústias, mas não sejas fruto seco, do qual nada saia quando se espreme.

**5** [3.4] “Espezinharam-me os inimigos sem cessar”. Meus inimigos, aqueles que se afastaram dos santos. “Sem cessar”, já foi explicado. “Da altura do dia”. Qual o sentido desta fórmula: “Da altura do dia?” Talvez seja difícil de entender. Não é de admirar, pois se trata da altura do dia. Provavelmente aqueles se afastaram dos santos porque não puderam compreender a altura do dia, do qual os apóstolos são as doze horas brilhantes. Efetivamente, aqueles que crucificaram a Cristo, como se fosse apenas um homem, erraram relativamente ao dia. Por que motivo ficaram nas trevas, de sorte a se afastarem dos santos? Porque o dia brilhava nas alturas, e escondido ali eles não o conheceram; pois se o tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Atingidos, pois, pela altura do dia, e apartando-se dos santos, tornaram-se inimigos, atormentaram e calcaram as uvas no largar. Há outro sentido ainda para a frase: “Da altura do dia, espezinharam-me os inimigos sem cessar”, isto é, durante todo o tempo. “Da altura do dia”, isto é, da soberba temporal. Os orgulhosos espezinham; os humildes são calcados aos pés, e os de cima são os que conculcam. Mas não temais a altura dos que espezinham; a altura do dia é temporal, não é eterna.

**6** “Pois muitos dos que pelejam contra mim, temerão”. Quando? Quando passar o dia em que estão nas alturas. Pois estão nas alturas temporariamente; terminado o tempo de sua elevação, hão de temer. “Eu, porém, em ti esperarei, Senhor”. Não disse: Eu não terei medo mas, “Muitos dos que pelejam contra mim temerão”. Quando vier as tribos da terra, ao aparecer no céu o sinal do Filho do homem, o dia do juízo, então se lamentarão (cf Mt 25,31), então estarão em segurança todos os santos. Virá aquilo que esperavam, que desejavam, em cuja intenção rezavam, para que chegasse; não restará então possibilidade alguma de penitência para que aqueles que, enquanto podiam se arrepender com fruto, endurecerem o coração diante do Senhor que os prevenia. Acaso poderão erguer um muro de proteção diante do Senhor que vem julgar? Reconhece, em verdade, a sua compaixão agora, e se estás em seu corpo, imita-o. O salmo tendo dito: “Muitos dos que pelejam contra mim temerão”, não acrescenta: Mas eu não temerei, a fim de que não atribuísse alguém às suas próprias forças o fato de não ter receio, e se colocasse assim também ele nas alturas temporais, e por causa da soberba temporal não merecesse chegar ao repouso eterno; ao invés, dá a entender o motivo por que não teme: “Eu, porém, em ti esperarei, Senhor”. Não demonstra presunção, mas declara o motivo de sua confiança. Pois, se não tenho medo, pode ser que isto derive de dureza de

coração. Muitos não têm medo por excesso de orgulho. V. Caridade, preste atenção. Uma coisa é a saúde corporal, outra a insensibilidade do corpo, outra a imortalidade deste mesmo corpo. A saúde perfeita consiste na imortalidade; mas de certo modo chama-se saúde aquela de que gozamos nesta vida. Quando alguém não está doente, diz-se que está são; se o médico examina, declara que é sadio. Ao começar a adoecer, a saúde se altera; e quando se cura, volta à saúde. Notai e examinai, portanto, três estados do corpo: a saúde, a insensibilidade, a imortalidade. A saúde está isenta de doenças; mas quando é atingida, o doente sente dor. A letargia é indolor; tira a sensação da dor e quanto mais se tornar insensível, tanto pior. Igualmente a imortalidade é indolor; absorvida toda a corrupção, o corpo corruptível reveste-se da incorrupção, e o que é imortal reveste-se da imortalidade (cf 1Cor 15,53-54). Não sente, portanto, dor alguma o corpo imortal, nem o corpo em letargia. Não se julgue a letargia equivalente à imortalidade. Assemelha-se mais à imortalidade a saúde com dores do que o letargo insensível. Suponha-se, por exemplo, um homem soberbo, cheio de arrogância, que se convence de que nada teme; tu o consideras mais forte do que o Apóstolo que disse: "Por fora, lutas, por dentro, temores"? (2Cor 7,5). Mais forte do que a nossa própria Cabeça, o Senhor nosso Deus, que disse: "A minha alma está triste até a morte"? (Mt 26,38). Ele não é mais forte; não te agrade a sua insensibilidade. Não está revestido da imortalidade e sim desprovido de sensibilidade. Tu, porém, não deves ter a alma desprovida de afetos. São repreensíveis os que não o possuem. Repete, portanto, o senso sadio: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza sem que eu me abrase"? (2Cor 11,29). Se ele não se importasse com o escândalo, com a perdição dos fracos, seria melhor enquanto rígido e insensível? De forma alguma! Seria insensibilidade, não tranqüilidade. Verdadeiramente, irmãos, quando alcançarmos aquele lugar, aquela sede, aquela bem-aventurança, a celeste pátria, onde nossa alma se encherá de segurança, se encherá de tranqüilidade e eterna felicidade, não existirá mais dor alguma; pois, não haverá motivo algum de dor. "Muitos dos que pelejam contra mim, tremerão". E mesmo os insensíveis, que agora nada temem, temerão um dia. Surgirá tamanho terror que há de quebrar e esmagar toda dureza. "Muitos dos que pelejam contra mim, temerão. Eu porém, em ti esperarei."

**7** [5] "Em Deus louvarei as minhas palavras. Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal". Por quê? Porque em Deus esperarei. Porque em Deus louvarei as minhas palavras. Se louvas por ti mesmo tuas palavras, não te digo que não tenhas medo; será impossível que não o tenhas. Pois, tuas palavras, ou serão mentirosas e portanto serão tuas porque mentirosas; ou se forem verdadeiras, e não consideras que recebeste de Deus, mas que falas por ti mesmo, serão verdadeiras, mas tu serás mentiroso. Se, porém, reconheceres que não é possível dizer a verdade, com a sabedoria de Deus, com a fidelidade à verdade, senão quanto recebeste daquele de quem se diz: "Que é que possuis que não tenhas recebido"? (1Cor 4,7). Louvas as tuas palavras em Deus, a fim de em Deus seres louvado pelas palavras de Deus. Com efeito se honras o que há em ti da parte de Deus, tu também, que foste criado por Deus, serás honrado por

Deus. Se, porém, honrares como se fosse teu e não de Deus o que há em ti da parte de Deus, como aquele povo se afastou do santo, tu estás longe do santo. Por conseguinte: "Em Deus louvarei as minhas palavras". Se é "em Deus", como "são minhas"? São "em Deus" e "minhas". "Em Deus", porque provêm dele; "minhas", porque as recebi. Ele quis que fossem minhas, ele o doador, mas para que eu o amasse; porque vieram dele e são minhas, tornaram-se minhas. Daí também a palavra: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (cf Mt 6,11). Como é "nosso"? E como: Pedindo-o a ele não ficarás desprovido, confessando que é teu, não serás ingrato. Pois, se não dizes que é teu, não recebeste, mas se dizes que é teu como se viesse de ti mesmo o que chamas teu, perdes o que receberas, porque és ingrato para com ele que te deu. "Em Deus", portanto, "louvarei as minhas palavras", porque ele é a fonte das palavras verdadeiras; "minhas", pois acerquei-me sedento e bebi. "Em Deus louvarei as minhas palavras. Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal". Não eras tu mesmo que pouco antes dizias: "Piedade de mim, ó Deus, porque aos pés o homem me calcou. Combatendo-me sem cessar afligiu-me?" Como é então que diz aqui: "Não temerei o que me poderá fazer um mortal?" Que poderá te fazer? Tu mesmo disseste acima: "Espezinhou-me, afligiu-me". E isso não é nada? Considera o vinho que mana do lagar e responde: De fato espezinhou-me, de fato afligiu; mas que me importa? Era uva, serei vinho: "Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal".

**8** [6] "Todos os dias minhas palavras eram detestadas". Assim é; vós o sabeis. Dizei a verdade, pregai a verdade, anunciai o Cristo aos pagãos, anunciai a Igreja aos hereges, anunciai a todos a salvação. Eles contradizem, "minhas palavras são detestadas". Mas ao serem detestadas minhas palavras, quem é detestado senão aquele no qual "louvarei minhas palavras? Todos os dias minhas palavras eram detestadas". Baste isso: minhas palavras sejam detestadas. Não avancem mais, repreendam, rejeitem. Longe disso! Por que falar assim? Quando as palavras são rejeitadas, quando detestadas, palavras emanadas da fonte da verdade, o que farão àquele que as profere? O que, senão o seguinte: "Contra mim só planejaram o mal?" Se o próprio pão é rejeitado, como será poupado o prato em que é apresentado? "Contra mim só planejaram o mal". Se assim eles agiram contra o próprio Senhor, não é indigno do corpo o que aconteceu primeiro à Cabeça, de sorte que a ela adira o corpo. Teu Senhor foi desprezado e tu queres ser honrado por aqueles que se afastaram dos santos? Não arrogues para ti o que não lhes sucedeu antes. O discípulo não é maior do que o mestre, nem o servo superior ao seu senhor. Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares? (cf Mt 24,10.25). "Contra mim só planejaram o mal".

**9** [7] "Hospedem-se e se escondam". Hospedar-se é próprio dos peregrinos. Chamam-se peregrinos os que habitam numa pátria que não é sua. Todo homem é peregrino nesta vida; nela vedes que estamos velados pela carne, que não deixa o coração ser visível. Por isso, ordena o Apóstolo: "Não julgueis prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido" (1Cor 4,5). Antes que isto

aconteça, na separação, na peregrinação desta vida cada um carrega o próprio coração, e cada coração está fechado para outro. Por isso, estes que planejam o mal contra o salmista "hospedam-se e se escondem", porque acham-se em peregrinação, carregam a carne, ocultam o dolo no coração, escondem todo o mal de que cogitam. Por que razão? Porque a presente vida ainda é de peregrinos. Escondam; aparecerá aquilo que eles escondem, e eles mesmos não se ocultam. Existe outra maneira de entender este escondimento, que talvez agrade mais. De fato, daqueles que se apartam dos santos, introduzem-se alguns fingidos, que trazem piores tribulações ao corpo de Cristo, porque não são evitados como inteiramente estranhos. O Apóstolo refere-se a estes perigos mais graves, ao enumerar seus múltiplos padecimentos: "Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos"! (2 Cor 11,26). Estes últimos são os mais perigosos. Deles se fala em outro salmo: "Vinham visitar-me para ver" (Sl 40,7). Entravam no intuito de observar, e ninguém dizia: Não entres para olhar. Pois, entram como se fossem dos teus, e não se tomam precauções, como para com um estranho. Estes, portanto, "hospedam-se e se escondem". Entram na grande casa, mas não para perseverar ali; por isso, "hospedam-se". A tais pecadores, o Senhor considera servos, segundo aquela interpretação do evangelho: "Quem comete o pecado é escravo do pecado. Ora, o escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre" (Jo 8,34-35). O filho não entra como hóspede, porque perseverará até o fim (cf Mt 10,22; 24,13). O escravo entra sorrateiro, pecador, para espiar; procura o que roubar, como acusar, ou censurar e quer habitar como hóspede, e não para permanecer e perseverar. Contudo, não tenhamos medo nem destes, irmãos: "Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal". Apesar de hóspedes que entram, fingem, se escondem, são de carne; tu, porém, espera no Senhor e nada te poderá fazer a carne mortal. Mas produz tribulação, conculca. Aparece o vinho porque a uva é espremida. Tua tribulação não será inútil. Outros hão de ver e imitar, pois tu também para aprenderes a suportar essas coisas, contemplaste tua Cabeça, aquele primeiro cacho de uvas, para junto do qual se insinuou o traidor Judas querendo ver, habitar como hóspede, esconder-se. Não tenhas medo, portanto, dos que entram com ânimo fingido, que se hospedam e se escondem. O pai destes foi Judas, que esteve ao lado do teu Senhor, que bem o conhecia. Apesar de ser hóspede, de se esconder o traidor Judas seu coração era bem visível ao Senhor de todas as coisas; bem ciente escolheu um homem que te serviria de consolo quando não soubesses a quem devias evitar. O Senhor poderia não escolher a Judas, pois o conhecia. Ele declarou aos discípulos: "Não vos escolhi, eu, aos Doze? No entanto, um de vós é um demônio" (Jo 6,71). Então o diabo foi escolhido? Ou se ele não foi escolhido, como o Senhor escolheu doze e não onze? Ele também foi escolhido, mas com outra finalidade. Onze foram escolhidos para serem provados, e um para servi-lhes de prova. Daí poder ele apresentar-te um exemplo. Não sabes como evitar os maus, e precaver-te dos falsos e fingidos, que se hospedam e se escondem, a não ser o que ele mesmo te diz: Vê que eu também tive em minha companhia um deles. A tua frente está o exemplo.

Suportei, quis sofrer o que sabia, para oferecer a ti, que o desconheces, um alívio. O que me fez o inimigo, fará também a ti; poderá fazer muitas coisas, enfurecer-se muito, acusar, proferir falso testemunho. Se as falsidades prevalecem, acaso prevalecerá só contra ti, sem terem prevalecido contra mim? Contra mim evidentemente prevaleceram, mas não me tiraram o céu. O corpo de Cristo já estava na sepultura, e ainda o atacaram falsas testemunhas; não lhes bastou o que perpetraram no juízo, mas ainda o perpetraram no sepulcro. Os guardas do sepulcro aceitaram dinheiro para mentir, dizendo: Seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíamos, e o roubaram (cf Mt 28,13). A tal ponto os judeus estavam cegos que acreditaram numa palavra absolutamente inacreditável. Acreditaram em testemunhas que dormiam! Ou era falso que eles dormiam, e os judeus não deveriam acreditar em mentirosos; ou era verdade que dormiam, e não sabiam o que acontecera. "Hospedam-se e se escondem". Hospedem-se e escondam. O que conseguirão? "Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal".

**10** "Eles espreitarão o meu calcanhar". Efetivamente, eles se hopedam e se escondem para observar como o homem há de cair. Ficam atentos ao calcanhar, quando ocorrerá a queda para segurarem os pés que levem a ruína, ou estendem o pé para tropeço; certamente a fim de encontrarem o que acusar. E quem caminha de tal modo que nunca escorregue? Certamente é o que acontece logo também à língua, conforme está escrito: "Aquele que não peca no falar é realmente homem perfeito" (Tg 3,2). Enfim quem ousa dizer-se ou julgar-se a si mesmo perfeito? É, pois, necessário que se caia pela língua. Aqueles que se hospedam e se escondem captam todas as palavras, buscando armar laços e levantar calúnias capciosas, nas quais se envolvem primeiro aqueles que querem envolver os outros, de tal sorte que primeiro sejam apanhados e se percam os que querem apanhar os outros e perdê-los. Por isso, o homem volta-se para seu coração, e de lá recorre a Deus, dizendo: "Em Deus louvarei as minhas palavras". Seja o que for que proferi de bom, qualquer coisa verdadeira que falei, veio de Deus e foi a respeito dele. E tudo que talvez tenha dito e não devia, foi o homem que proferiu, mas com permissão de Deus. É ele quem corrobora o homem que anda, ameaça ao que erra, perdoa a quem perdoa, retifica a língua, chama de novo aquele que caiu. Pois, o justo cai sete vezes e se levanta, mas o ímpio se enfraquece nos males (cf Pr 24,10). Por isso, não receemos os perseguidores astutos, caçadores de palavras, os que medem cada sílaba e são prevaricadores dos preceitos. Atende ao que censurar em ti, mas não cuida de acreditar em Cristo por teu intermédio. Atende às palavras daquele a quem repreendes, pois pode acontecer que ensinem algo de salutar. Mas o que me poderá ensinar de maneira salutar, dizes, quem de tal forma erra em palavra? Talvez te ensinará de modo salutar a não seres caçador de palavras, mas coletor de preceitos. "Eles espreitarão meu calcanhar".

**11** "Como suportou a minha alma". Digo o que suportei. Falava aquele que experimentara: "Como suportou a minha alma. Hospedem-se e se escondam". Suporte minha alma a todos: os que ladram de fora, os que se ocultam do lado de dentro. A

tentação que vem de fora, vem como um rio; encontre a rocha contra a qual invista, mas não a derrube. A casa está construída sobre a rocha (cf Mt 7,25). Está de dentro; hospede-se e se esconda. Como palha se acerque de ti. Entrem os bois para triturar, a tentação que triture; tu serás purificado, e ela esmagada.

**12** [8] "Como suportou a minha alma. Por nada os salvarás". Ensinou também a orar por eles. Isto é, "hospedem-se e se escondam", os dolosos, os fingidos e traiçoeiros. Ora por eles, e digas: Acaso Deus há de corrigir tal homem, tão mau, tão perverso? Não desesperes; olha para aquele a quem hás de rogar e não para aquele para quem rezas. Vias a gravidade da doença. Não vês a capacidade do médico? "Hospedem-se e se escondam. Como suportou minha alma". Suporta, reza: e o que há de acontecer? "Por nada os salvarás". Tu os salvarás, como se nada fosse, nada te custasse. Os homens perderam a esperança, mas tua palavra cura. Não é um esforço para ti esta cura, embora nós fiquemos estupefactos ao contemplá-la. O versículo pode ter outro sentido: "Por nada os salvarás". Salvá-los-ás sem méritos precedentes de sua parte. Conforme diz o Apóstolo: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente" (1Tm 1,13). Recebera cartas dos sacedotes para prender os cristãos onde os encontrasse e os levasse presos (cf At 9,2). Por conseguinte, mérito algum precedera; ao invés, os atos precedentes só mereciam condenação. Nada trouxe de bom, e no entanto foi salvo. "Por nada os salvarás". Não te trarão bodes, carneiros, touros, nem oferecerão dons e aromas em teu templo. Nada de bom derrama sua consciência. Tudo neles é áspero, tudo tétrico, tudo detestável. E enquanto eles nada oferecem que os possa salvar, "por nada os salvarás", por tua graça inteiramente gratuita. O que trouxera o bom ladrão à cruz? Foi do desfiladeiro ao juízo, do julgamento ao madeiro, do madeiro ao paraíso (cf Lc 23,43). Eu acreditei e por isso falei (cf Sl 115,1). Mas quem foi que concedeu a própria fé senão aquele que estava crucificado no meio? "Por nada os salvarás".

**13** "Em tua indignação guiarás os povos". Tu te enco-lerizas e guias, enfureces e salvas, ameaças e chamas. O que significa: "Em tua indignação guiarás os povos?" Enches a todos de tribulações, a fim de que os homens aflitos a ti recorram, sem se deixarem seduzir pelos deleites e pela segurança perversa. Parece-te que o Senhor está cheio de ira, mas é de ira paterna. O pai se encoleriza contra o filho que despreza seus preceitos; irado o esbofeteia, bate, puxa a orelha, arrasta pela mão e o leva à escola. Em tua indignação guiarás os povos. Quantos entraram, quantos encheram a casa do Senhor, guiados pela ira, isto é, aterrorizados pelas tribulações, encheram-se de fé! A tribulação sacode para isto: que o vaso cheio de maldade se esvazie, a fim de que a graça o encha. "Em tua indignação guiarás os povos".

**14** [9] "Ó Deus, narrei-te minha vida". Fizeste com que eu vivesse, e é por isso que te narro minha vida. Então Deus ignora o que havia dado? Que é que lhe contas? Queres ensinar a Deus? De forma alguma. Então, por que é que diz: "narrei-te"? Ou talvez: Que te importa se te narro minha vida? E que é que importa a Deus? Adianta enquanto é riqueza de Deus. Narrei-te minha vida, ó Deus, porque me fizeste viver. Da mesma

maneira que narrou o apóstolo Paulo, dizendo: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente"! Narre sua vida: "Mas obtive misericórdia" (1Tm 1,13). Narrou sua vida, não para si mesmo, mas para Deus, porque a narrou para confiá-la a Deus; não para seu lucro, mas para o de Deus. Ora, Cristo morreu e ressuscitou, "a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressucitou por todos" (2Cor 5,15). Se, pois, vives, mas não tens a vida por ti mesmo, porque tua vida é dom de Cristo, narras tua vida, não por ti, mas por ele. Não procures teus interesses, não vivas para ti mesmo, mas por aquele que morreu por todos. Em verdade, como se exprime o mesmo Apóstolo sobre alguns réprobos? "Procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21). Se, portanto, narras tua vida em teu proveito, e não no de outros, narra por tua própria causa e não por Deus. Se, contudo, narras tua vida a fim de convidares os outros a abraçarem a vida que recebeste, narras tua vida àquele do qual a recebeste, e terás maior recompensa, porque não foste ingrato ao dom recebido. "Ó Deus, narrei-te minha vida. Puseste em tua presença as minhas lágrimas". Ouviste-me quando te supliquei. "Segundo prometeste". Agiste de acordo com tua promessa. Disseste que haverias de ouvir as lágrimas. Acreditei, chorei, fui ouvido. Encontrei-te cheio de misericórdia ao prometer, veraz, ao cumprir. "Segundo prometeste".

**15** [10] "Voltem-se para trás meus inimigos". Isto é bom para eles. Não lhes desejas o mal; queriam ir à frente, portanto, não querem se corrigir. Admoestas teu inimigo, para que viva corretamente e se corrija. Ele despreza, rejeita tua palavra: Eis aí quem me admoesta, eis aí de quem devo ouvir as ordens para viver! Quer te preceder, e precedendo não se corrige. Não percebe que tuas palavras não são tuas. Não percebe que narras tua vida, não por causa de ti mesmo, mas por Deus. Indo à frente, portanto, não se corrige. Seria bom para ele voltar atrás, e seguir aquele que ele queria preceder. Quando o Senhor falava de sua futura paixão aos discípulos, Pedro horrorizado disse: "Deus não o permita, Senhor! Isso jamais acontecerá". Pouco antes, ele declara: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo". Confessou que ele era Deus e teve medo de que morresse, como homem. O Senhor, todavia, que viera para sofrer (nem seriam salvos de outro modo senão redimidos por seu sangue), pouco antes louvara a confissão de Pedro, dizendo: "Não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus". Vede como realizou uma confissão verdadeira, piedosa, cheia de confiança: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo". Logo em seguida o Senhor começou a falar de sua paixão. Teve receio de que ele perecesse morrendo, e no entanto nós é que pereceríamos se ele não morresse. Então, disse: "Deus não o permita, Senhor. Isso jamais acontecerá". E o Senhor que acabara de lhe dizer: "Bem-aventurado és, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja", replicou-lhe: "Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço". Mas, por que motivo chama de Satanás aquele que anteriormente denominara bem-aventurado e pedra? "Porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens"

(Mt 16,16-23). Acima se tratava das coisas de Deus: “porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus”. Quando louvava em Deus suas palavras, não era Satanás, mas Pedro, derivado de pedra; quando, porém, falava de acordo com a fraqueza humana, por amor carnal, pondo um impedimento a sua salvação e a de outro, foi denominado Satanás. Por que razão? Porque queria preceder o Senhor, e dar um conselho terreno ao celeste guia. “Deus não o permita, Senhor. Isso jamais acontecerá”. Dizes: “Deus não o permita”, e acrescentas: “Senhor”. Em verdade, se é senhor, tem poder. Se é mestre, sabe o que faz, o que ensina. Tu, porém, queres conduzir o guia, ensinar ao mestre, ordenar ao Senhor, escolher para Deus. Precedes demais. “Arreda-te”. Acaso não conviria… a estes inimigos ir para trás? “Voltem-se para trás meus inimigos”, mas não fiquem atrás. Voltem para trás para não precederem. Mas para seguirem e não para ficarem atrás. “Voltem-se para trás meus inimigos”.

**16** “Em qualquer dia em que eu te invocar, bem sei que és o meu Deus”. Grande ciência! Não afirmou: Sei que és Deus, mas: “que és o meu Deus”. É teu, pois te socorre; é teu, pois não és alheio a ele. Daí vem a palavra: “Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus” (Sl 143,15). Por que: “tem o Senhor por seu Deus?” De quem ele não o é? De fato, Deus é de todos; mas propriamente diz-se que é Deus dos que o amam, dos que o possuem, dos que o têm, dos que o adoram. São estes de sua casa, de sua grande família, redimidos pelo precioso sangue do Filho único. Quanto Deus nos deu, ao querer que fôssemos dele e ele fosse nosso! Ao contrário, os estrangeiros que se afastaram dos santos, são filhos dos estranhos. Vede o que outro salmo afirma a respeito deles: “Livra-me, Senhor, da mão dos filhos dos estranhos, cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua”. E vê em que altura estão, mas altura do dia, isto é, a soberba temporal. “Seus filhos são sarmentos novos. Sua filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo”. O salmo descreve a felicidade do século presente, durante o qual os homens se enganam e a têm por grandiosa, enquanto descuram da felicidade verdadeira e eterna. Daí provêm, portanto, que estes são filhos estrangeiros, e não filhos de Deus: “Seus filhos são sarmentos novos”. Suas filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transbordantes de toda espécie de frutos. Seus bois são cevados. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Não há brechas nas sebes, nem ruína ou clamor em suas praças”. E como conclui? “Eles denominam feliz quem goza destes bens”. Quem foi que disse isto? Os filhos dos estranhos, “cuja boca falou o que é vão”. Tu, porém, que dizes? “Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus” (Sl 143,11-15). O salmista põe de lado tudo o que Deus dá e apresenta o próprio Deus. Efetivamente, irmãos, tudo o que os filhos dos estranhos referiram é Deus quem dá; mas dá também aos estranhos, dá aos maus, dá aos blasfemos aquele que faz o seu sol se levantar sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Por vezes, Deus dá destes bens aos bons, e por vezes não dá; e aos maus às vezes dá, outras vezes não dá; mas ele reserva aos bons a si mesmo e aos maus, o fogo eterno. Existe, portanto, um mal que ele não envia aos bons, e existe um bem que não dá aos maus; e existem coisas boas e más, que são intermédias, as quais dá aos bons e aos maus.

**17** Amemos, portanto, a Deus, irmãos, pura e castamente. O coração não é casto se honra a Deus por causa da recompensa. E então? Não receberemos recompensa do culto que prestamos a Deus? Receberemos, certamente, mas trata-se do próprio Deus a quem cultuamos. Ele será a nossa recompensa, porque o veremos como ele é (cf 1Jo 3,2). Nota que receberás uma recompensa. Que promete nosso Senhor Jesus Cristo àqueles que o amam? "Quem tem os meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei". E por isso, que lhe darás? "E a ele me manifestarei" (Jo 14,23). Se não amas, parece-te pouco. Se amas, se suspiras, se cultuas gratuitamente aquele por quem foste gratuitamente redimido, pois não o mereceste, se suspiras ao considerares seus benefícios em teu favor, e tens o coração inquieto a anelar por ele, não procures coisa alguma fora dele. Deus te basta. Por mais avaro que sejas, Deus te basta. Com efeito, a avareza queria possuir toda a terra e mais o céu. Maior é aquele que fez o céu e a terra. Direi mais, irmãos. Ponderai através do exemplo do que se passa nos casamentos humanos o que é ter um coração casto relativamente a Deus. Sem dúvida, existem casamentos humanos. Não ama a esposa quem a ama por causa do dote. Não ama castamente o marido aquela que o ama porque lhe fez um presente qualquer, ou porque deu-lhe muito. Tanto é marido o rico, como aquele que se tornou pobre. Quantos proscritos foram mais amados por suas castas esposas? Muitos casamentos provaram que são castos pelas calamidades que sobrevieram aos maridos. Para que não se pensasse que amavam alguma coisa mais do que o marido, não somente não o abandonaram, antes o seguiram melhor. Se, por conseguinte, o marido carnal é amado gratuitamente quando é amado castamente; e a esposa carnal grátis é amada quando é amada castamente, como não se deve amar a Deus verdadeiro e veraz esposo da alma, que a torna fecunda em filhos para a vida eterna, e não a deixa estéril? Por isso, amemo-lo de forma que não seja amada outra coisa fora dele; e se realizará em nós o que dissemos, o que cantamos, pois é nossa esta palavra: "Em qualquer dia em que eu te invocar bem sei que és o meu Deus". Invocar a Deus é chamá-lo gratuitamente. Por isto, que se disse de alguns? "Não invocaram o Senhor". Pareciam invocar o Senhor, e no entanto, pediam-lhe herança, mais dinheiro, vida prolongada, bens temporais; e que diz deles a Escritura? "Não invocaram o Senhor". Qual a conseqüência disso? "Tremeram de medo, quando não havia o que temer" (Sl 13,5). Que significa: "quando não havia o que temer?" Que eles temiam lhes fosse tirado o dinheiro, que diminuísse algo em sua casa; enfim que tivessem menos anos de vida do que esperavam. De fato, "tremeram de medo, quando não havia o que temer". Tais foram aqueles judeus que diziam: "Se o deixarmos assim, os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação (Jo 11,48). Tremeram de medo, quando não havia o que temer. Bem sei que és o meu Deus". Grande riqueza do coração, intensa luz dos olhos interiores, grande confiança e segurança! "Bem sei que és o meu Deus".

**18** [11] "Em Deus louvarei as minhas palavras. Em Deus confio, não temerei o que me poderá fazer um mortal". Já expliquei o sentido deste versículo, repetição de outro mais acima.

**19** [12] “Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei”. Fazei votos ao Senhor vosso Deus e cumpri-os (cf Sl 75,12). Que votos deveis fazer? Como cumpri-los? Oferecendo aqueles animais, como se fazia outrora, nos altares? Nada disso; encontra-se em ti o que deves prometer e cumprir. Da arca do coração tira o incenso de louvor, do celeiro da boa consciência retira o sacrifício da fé. Seja o que for que ofereceres, queima-o com caridade. Em ti estejam os votos que cumprirás em louvor a Deus. Que louvor? Que te concedeu ele? “Porque da morte livraste a minha alma”. Esta é a vida que o salmista narra a Deus: “Ó Deus, narrei-te minha vida”. Como estava eu? Morto. Por mim mesmo estava morto; por tua ação, como estou? Vivo. Portanto, em mim, “ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei”. Então, amo o meu Deus. Ninguém me tira. Ninguém me tira o que devo dar a ele, porque está encerrado no meu coração. Com razão, disse o salmista mais acima, com confiança: “O que me poderá fazer um mortal?” Que o homem se enfureça, seja-lhe permitido encarniçar-se, seja-lhe lícito fazer aquilo em que se empenha; que pode tirar? Ouro, prata, rebanho, escravos, escravas, propriedades, casas. Tire tudo! Acaso tirará os votos que estão em mim, que cumprirei em louvor a Deus? Foi permitido ao tentador tentar o santo varão Jó; num instante tirou-lhe tudo, arrebatou-lhe todas as riquezas, retirou-lhe a herança, matou os herdeiros; e isso não progressivamente ou separadamente, mas de um só golpe, um só ataque, de sorte que tudo lhe fosse anunciado de repente. Tendo perdido tudo, Jó ficou sozinho; mas nele estavam os votos de louvor a Deus que cumpriria; de fato nele estavam. O diabo ladrão não invadira a arca do peito sagrado, que estava cheio do que ele sacrificaria. Ouve o que tinha, ouve o que proferiu: “O Senhor deu, o Senhor tirou; como agradou ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (cf Jó 1,12-21). Oh ri-quezas interiores, às quais o ladrão não tem acesso! O próprio Deus dera aquilo que receberia. Ele enriquecera a Jó, e desse tesouro era-lhe oferecido aquilo que ele amava. Deus quer teu louvor, Deus procura a tua confissão. Mas, haverá de dar alguma coisa de teu campo? Foi ele quem fez chover para que a tivesses. Tirarás de teu tesouro? Ele mesmo forneceu o que darás. Que podes dar que não tenhas recebido dele? Pois, o que tens que não tenhas recebido? (cf 1Cor 4,7). Darás de teu coração? Ele te deu a fé, a esperança e a caridade; é isto que podes obter de lá para sacrificar. Em verdade, o inimigo pode te arrebatar, contra tua vontade, tudo mais; essas três virtudes, porém, só pode tirar de quem o quiser. As primeiras coisas perde alguém mesmo contra a sua vontade: ele quer ter o ouro e o perde; quer ter a casa, e a perde. A fé, ao invés, ninguém a perde se não a tiver desprezado.

**20** [13] “Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei. Porque da morte livraste a minha alma, os meus olhos das lágrimas, da queda os meus pés, para que agrade a Deus na luz dos vivos”. Com razão não lhe agradam os filhos estrangeiros que se afastaram dos santos, que não têm a luz dos vivos, de modo que vejam o que a Deus apraz. Luz dos vivos é a luz dos seres imortais, a luz dos santos. Quem não se acha nas trevas agrada na luz dos vivos. Observa-se o homem e o que possui, mas ninguém sabe como ele é; Deus vê de que espécie é. Às vezes, isto fica oculto até ao próprio diabo. Se

ele não tentar não sabe como aconteceu em relação a este homem que há pouco citei. Deus o conhecia, e dava testemunho sobre ele; o diabo não o conhecia e por isso dissera: "É em vão que Jó teme a Deus"? (Jó 1,9). Olhai como o inimigo provoca: ali se acha a perfeição. Vede que objeção levanta o inimigo. Via Jó servir a Deus, obediente em tudo, fazendo o bem; e como era rico e tinha uma família muito feliz, replica que ele adorava a Deus porque lhe dera tudo isso: "É em vão que Jó teme a Deus?" A verdadeira luz, a luz dos vivos estaria em cultuar a Deus gratuitamente. Deus via no coração de seu servo o culto gratuito. Aquele coração era aprazível na presença do Senhor, na luz dos vivos; ao diabo isso estava oculto, porque estava nas trevas. Deus admitiu o tentador, mas não para que conhecesse o que bem sabia, e sim para que nós ficássemos cientes e nos servisse de exemplo. Se o tentador não tivesse acesso, veríamos em Jó o que deveríamos e desejaríamos imitar? O tentador teve permissão. Tirou tudo. Ele ficou sozinho, sem as riquezas, sem a família, sem os filhos, mas repleto de Deus. De fato, a mulher lhe fora deixada. Pensais que foi misericórdia do diabo ter-lhe deixado a mulher? Ele sabia muito bem que por ela enganara Adão. Deixara, pois, a sua auxiliar, não a consoladora do marido. Este, portanto, estava repleto de Deus; nele estavam os votos de louvor que cumpriria, a fim de demonstrar que servia gratuitamente a Deus e não porque dele recebera tanto. Privado de tudo, permaneceu tal que não perdeu aquele que tudo lhe dera: "O Senhor deu, o Senhor tirou; como agradou ao Senhor, assim se fez; bendito o nome do Senhor". Ferido dos pés à cabeça, contudo íntegro, interiormente, respondeu à tentadora, iluminado pela luz dos vivos, a luz de seu coração: "Falas como uma insensata" (Jó 2,10), isto é, como alguém que não possui a luz dos vivos. Pois, a luz dos vivos é a sabedoria, e as trevas dos insensatos são a estultície. "Falas como uma insensata". Vês minha carne, mas não vês a luz de meu coração. Ela poderia, então, ter maior amor ao esposo se conhecesse sua beleza interior e fitando o que o fazia belo aos olhos de Deus; pois nele estavam os votos de louvor do Senhor que ele cumpriria. O inimigo não invadira aquele patrimônio! Quão íntegro era o que possuía! E para possuí-lo cada vez mais, esperava ir de virtude em virtude. Por conseguinte, irmãos, aproveitemos todos esses ensinamentos: amemos a Deus gratuitamente, nele sempre confiemos, não temamos homem algum, nem o diabo. Nem aquele, nem este pode fazer-nos mal algum, se não lhes for permitido. E essa permissão só pode ser para nosso bem. Toleremos os maus, sejamos bons, porque também já fomos maus. Por nada Deus salvará a todos aqueles a respeito dos quais ousamos perder a esperança. Por isso, não desanimemos a respeito de ninguém. Rezemos por todos que nos fazem sofrer, nunca nos apartemos de Deus. Seja ele mesmo o nosso patrimônio, seja nossa esperança, seja nossa salvação. Aqui na terra ele é nosso consolador, lá no céu será o remunerador, em toda a parte é vivificador e doador de vida; não de qualquer vida, mas daquela à qual o Senhor se referiu: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Aqui à luz da fé, lá à luz da visão, luz dos vivos, possamos ser agradáveis na presença do Senhor.

# SALMO 56

## SERMÃO AO POVO

**1** Acabamos de ouvir no evangelho, irmãos, quanto nos ama nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Deus junto do Pai, homem entre nós, um dos nossos, já à direita do Pai. Ouvistes quanto nos ama. Pois ele mesmo declarou e nos indicou a medida de sua caridade, dizendo ser seu mandamento que nos amemos uns aos outros. E no intuito de que não procurássemos na dúvida e angústia quanto devemos nos amar mutuamente, qual a medida perfeita da caridade que a Deus apraz, ensinou e demonstrou em si mesmo ser perfeita, e não ter outra maior, a seguinte: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (cf Jo 13,34; 15,12). Ele praticou o que ensinou, os apóstolos fizeram conforme dele aprenderam, e façamos nós o que eles ensinaram que se devia fazer. Façamo-lo também nós; porque embora não sejamos como ele é, enquanto criador, somos como ele, de acordo com o que ele se fez por nossa causa. E se apenas ele o fizesse, talvez nenhum de nós ousasse imitá-lo, pois era homem Deus; mas, enquanto é homem, os servos imitaram o Senhor, os discípulos imitaram o Mestre, e assim fizeram os que nos precederam de sua família, aqueles que foram de fato nossos pais, e contudo servos como nós. Deus não nos ordenaria que assim agíssemos se julgasse ser impossível ao homem praticá-lo. Mas se consideras tua fraqueza, desanimas diante do preceito? Que o exemplo te conforte. Mas, mesmo com o exemplo é demais para ti? Está junto de ti aquele que deu o exemplo, oferecendo simultaneamente auxílio. Ouçamos, portanto, os dizeres do salmo. Ocorre oportunamente, por providência do Senhor, fazendo com que concordasse com a leitura do evangelho, a qual nos recomenda o amor de Criso que deu sua vida por nós a fim de que também demos nós a vida pelos irmãos (cf 1Jo 3,16). Concordou e soou em uníssono com este salmo, para que verifiquemos como o próprio Senhor deu a vida por nós; pois este salmo canta a sua paixão. E o Cristo total é Cabeça e corpo, o que não duvido que bem o sabeis, sendo Cabeça o nosso Salvador que sofreu sob Pôncio Pilatos e depois que ressuscitou dos mortos está agora sentado à direita do Pai; e é seu corpo a Igreja, não esta ou aquela, mas a que está difundida por todo o orbe; nem a ela pertencem apenas os homens que estão na vida presente, mas igualmente os que existiram antes de nós e os que virão após, até o fim dos séculos. A Igreja consta de todos os fiéis, e eles são membros de Cristo. A Cabeça que está nos céus governa seu corpo; apesar de separada dele, no que toca à visão, acha-se unida pela caridade. Uma vez que o Cristo total é cabeça e corpo, ouçamos em todos os salmos as vozes da Cabeça, de tal modo que ouçamos igualmente as vozes do corpo. Pois, não quis o Senhor falar separadamente, porque não quis estar separado. Por isso, diz: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). Se está conosco, fala em nós, fala de nós, fala por nós, porque também nós falamos nele; falamos a verdade porque nele é que falamos. Pois se

quisermos falar em nós e por nós mesmos, permaneceremos na mentira.

**2** [1] Visto que o presente salmo canta a paixão do Senhor, eis seu título: “Para o fim”. O fim é o Cristo (cf Rm 10,4). Por que se denomina fim? Não quer dizer o que consome, mas o que dá acabamento. Consumir é perder; consumar é dar perfeição. Se falamos em coisa finita, o termo deriva de fim. Difere dizer: O pão acabou, de: A túnica está acabada. Acabou-se o pão que foi comido, está terminada a túnica que se tecia. O pão acabou-se sendo consumido, e a túnica foi acabada para ficar pronta. O fim de nosso propósito, no entanto, é Cristo. Por mais que nos esforcemos, nele é que somos acabados, por ele chegamos à perfeição. Nossa perfeição consiste em chegarmos até ele. Ao te acercares dele, não procures mais. Ele é o teu fim. Como o fim de teu caminho é o lugar para onde tendes, e tendo ali chegado ali permanecerás, assim o fim de teus esforços, de teu propósito, de teu empenho, de tua intenção é aquele para o qual te diriges. Tendo-o alcançado, nada mais desejarás, porque nada de melhor poderás ter. Ele, portanto, deu-nos o exemplo de como viver nesta vida, e nos dará a recompensa de nossa vida na vida futura.

**3** “Para o fim. Não destruas. De Davi. Inscrição do título. Quando ele, perseguido por Saul, refugiou-se numa caverna”. Referindo-nos às Sagradas Escrituras, encontramos de fato o santo rei de Israel, Davi, que deu o nome de davídico ao saltério, sofrendo a perseguição de Saul, rei daquele povo (cf 1Rs 24,1-4). Muitos de vós que tomaram nas mãos as Escrituras ou as ouviram conhecem o fato. O rei Davi, portanto, teve por perseguidor a Saul. Davi era muito manso, e Saul muito feroz; o primeiro era suave, e o segundo invejoso; aquele era paciente, e este cruel; um benéfico e o outro ingrato. Davi o suportou com tanta mansidão que, tendo-o ao alcance da mão, não o tocou, não o feriu. Do Senhor recebera Davi a possibilidade de matar a Saul, se o quisesse. Preferiu poupá-lo a matá-lo. Saul, no entanto, não se deixou vencer nem por tal benefício, desistindo da perseguição. Verificamos que na ocasião em que Saul perseguia a Davi, em que o rei já reprovado buscava o futuro rei, por Deus predestinado, Davi fugiu da presença de Saul, escondendo-se numa caverna. Que relação tem isso com Cristo? Se todas as coisas que então aconteciam eram figuras de eventos futuros, ali encotramos a Cristo e com Cristo mais razão. Pois, as expressões: “Não destruas. Inscrição do título”, não vejo como possam se referir a Davi. Não existia título inscrito com o nome de Davi, que Saul queria perder. Vemos, porém, que na paixão do Senhor houve a inscrição de um título: “Rei dos judeus”. Este título exprobava a ousadia daqueles que não se abstiveram de lançar as mãos em seu rei. Eles eram representados por Saul, e Cristo por Davi. Pois Cristo, conforme diz o anúncio apostólico, que conhecemos e confessamos, era “nascido da estirpe de Davi segundo a carne” (Rm 1,3; Mt 1,1), porque segundo a divindade estava acima de Davi, acima de todos os homens, acima do céu e da terra, acima dos anjos, acima de todos os seres visíveis e invisíveis. Pois, tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito (cf Jo 1,3). Dignou-se, contudo, fazer-se homem da estirpe de Davi, veio até nós, pois nasceu da tribo de Davi, de onde se origina a virgem Maria, que deu à luz o Cristo (cf Lc 1,27; 2,4). Por conseguinte, é a seguinte a inscrição do título: Rei dos

judeus. Conforme dissemos, Saul representa o povo dos judeus, e Davi a Cristo. Na cruz havia o título : “Rei dos judeus”. Os judeus se indignaram por estar inscrito no título: “Rei dos judeus”. Envergonharam-se de ter por rei aquele que eles crucificaram. Não previram que a mesma cruz em que o pregaram, haveria de estar na fronte dos reis. Tendo se indignado por causa do título, apresentaram-se ao juiz Pilatos, a quem haviam levado Cristo para que o matasse, e lhe disseram: Não escrevas: “O rei dos judeus”, mas: Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus. Já fora cantado pelo Espírito Santo: “Para o fim. Não destruas. Inscrição do título”. Respondeu-lhes Pilatos: “O que escrevi, está escrito” (cf. Jo 19,19-22). Por que me sugeris uma falsidade? Eu não destruo a verdade.

**4** Ouvimos, portanto, o sentido da expressão: “Não destruas. Inscrição do título”. Que significa: “Quando ele, perseguido por Saul, refugiou-se numa caverna?” Isso, de fato, Davi fez; mas como não encontramos uma inscrição de título referente a ele, vejamos a fuga para uma caverna. Aquela caverna figurava alguma coisa. Nela se escondera Davi. Por que, então se escondeu? Para ficar oculto, e não ser encontrado. Que quer dizer esconder-se na caverna? Estar encoberto na terra. Quem foge a uma caverna, fica encoberto pela terra para não ser visto. Jesus carregava terra, a carne que assumira da terra, e sob esta se ocultava, para que os judeus não o encontrassem como Deus. Pois se o tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Por que motivo não encontraram o Senhor da glória? Porque se escondera na caverna, a saber, na fraqueza da carne que apresentava aos olhares, todavia encobria a majestade da divindade sob o véu do corpo, como se fosse um esconderijo sob a terra. Eles, portanto, não conhecendo a Deus, crucificaram o homem. Não poderia morrer senão enquanto homem, nem ser crucificado a não ser como homem, nem mesmo ser preso senão enquanto homem. Mostrou terra aos que o procuravam com mau desígnio, e reservou vida para os que o buscavam com reta intenção. Por conseguinte, segundo a carne, fugiu da perseguição de Saul para uma caverna. Se esta explicação for aceita, o Senhor fugiu para a caverna diante da perseguição de Saul, porque sofreu a paixão; ocultou-se dos judeus, mas também morreu. Por mais que os judeus se encarniçassem contra ele, até a ocasião da morte, havia a opinião de que poderia se libertar, e mostrar por algum milagre que era o Filho de Deus. Isso fora predito no livro da Sabedoria: “Condenemo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite. Pois se é filho de Deus, ele o assistirá e o libertará das mãos de seus adversários” (Sb 2,20.18). Uma vez que foi crucificado e não foi libertado, acreditaram que não era Filho de Deus. Por isso, insultando ao que estava pendente do lenho e meneando a cabeça, diziam os judeus: “Se és Filho de Deus, desce da cruz. A outros salvou, a si mesmo não pode salvar” (Mt 27,40.42). Diziam isto, conforme consta do mesmo livro da Sabedoria: “Assim raciocinam, mas se enganam porque sua maldade os cega” (Sb 2,21). Que importância havia em descer da cruz para aquele que facilmente ressuscitou do sepulcro? Mas por que preferiu sofrer a morte? Para refugiar-se numa caverna, quando perseguido por Saul. Efetivamente, caverna pode ser a parte inferior da terra. Sem dúvida, tornou-se fato manifesto, certo para todos, que seu corpo foi depositado no sepulcro, cavado na pedra. Este sepulcro, portanto, era uma caverna; para lá fugiu de Saul. Pois, os judeus o perseguiram até que fosse colocado na

caverna. Como podemos provar que o perseguiram até que fosse lá depositado? Mesmo depois de morto na cruz foi atravessado pela lança (cf Jo 19,34). Mas, uma vez envolto em lençóis, e terminadas as exéquias, colocado na caverna, nada mais podiam fazer a seu corpo. Por conseguinte, o Senhor ressuscitou ileso, incorrupto daquela caverna, onde se refugiara fugindo de Saul; ocultava-se dos ímpios, prefigurados por Saul e mostrava-se a seus membros. Pois os membros do ressuscitado foram apalpados por seus membros. Os seus membros, os apóstolos, tocaram o ressuscitado e acreditaram (cf Lc 24,39). De nada serviu a perseguição de Saul. Ouçamos agora o salmo, porque já falamos bastante de seu título, conforme o Senhor se dignou conceder-nos.

**5** [2] "Piedade de mim, ó Deus, piedade, porque em ti confia a minha alma". Cristo diz na paixão: "Piedade de mim, ó Deus". Deus diz a Deus: Piedade de mim. Efetivamente, é tua a natureza que clama nele: "Piedade. Foi de ti que a recebeu; revestiu-se de carne para te libertar. Clama a própria carne: "Piedade de mim, ó Deus, piedade". É o próprio homem, alma e corpo. O Verbo assumiu o homem todo, fez-se homem totalmente. Por isso, não se pensa que não tinha alma, pelo fato de dizer o evangelista: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Com efeito, o homem é denominado carne, conforme se lê em outra passagem da Escritura: "E toda a carne verá a salvação de Deus" (Is 40,5; Lc 3,6). Então só a carne verá, e a alma não terá parte na visão? Ainda afirma o próprio Senhor acerca dos homens: "Pelo poder que lhe deste sobre toda carne" (Jo 17,2). Porventura recebera poder sobre a carne apenas, e não especialmente sobre as almas, a parte principal a ser libertada? Portanto, ali estava a alma, ali estava a carne, ali se achava o homem todo; e o homem todo com o Verbo, e o Verbo com o homem. O homem e o Verbo são um só homem, e o Verbo com o homem um só Deus. Diga, portanto: "Piedade de mim, ó Deus, piedade". Não nos assustem as vozes de quem pede misericórdia; ele também a concede. Pede, porque dá; fez-se homem por ser misericordioso. Seu nascimento não foi condição necessária; libertou-nos da coação de nossa condição. "Piedade de mim, ó Deus, piedade, porque em ti confia a minha alma". Ouves como reza o mestre; aprende a orar. Ele orou a fim de ensinar como rezar, assim como sofreu para ensinar a sofrer e ressuscitou para ensinar a esperar a ressurreição.

**6** "À sombra de tuas asas me abrigarei até que passe a iniqüidade". Já o Cristo total começa a falar; aqui se encontra também a nossa voz. A iniqüidade ainda não passou, ainda está fervendo. O próprio Senhor afirmou que no fim a iniqüidade seria superabundante: "E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24,12). Quem, porém, há de perseverar até o fim, até que passe a iniqüidade? Quem estiver no corpo de Cristo, quem for membro de Cristo e aprender da Cabeça a paciência de perseverar. Tu passas, e passaram tuas tentações, e vais para a outra vida, para a qual foram os santos, se fores santo. Para a outra vida foram os mártires; se fores mártir, irás também tu para a outra vida. Porventura porque tu passaste, já passou a iniqüidade da terra? Nascem outros iníquos, como morrem alguns iníquos. Da mesma forma que morrem alguns iníquos e outros nascem, assim alguns justos se vão e outros nascem. Até o fim do mundo não

faltará a iniqüidade que oprime, nem a justiça que padece. "À sombra de tuas asas me abrigarei até que passe a iniqüidade", isto é, tu me proteges, e para não secar com o ardor da iniqüidade, ofereces-me uma sombra.

**7** [3] "Ao Deus Altíssimo subirá o meu clamor". Se ele é altíssimo, como ouvirá teu clamor? A confiança nasceu da experiência. Dizes: "Ao Deus que me cumulou de benefícios". Se me cumulou de benefícios antes que o procurasse, não me há de ouvir quando eu clamar? O Senhor Deus nos cumulou de benefícios, enviando-nos o nosso Salvador, Jesus Cristo, a fim de morrer por nossos pecados, e ressuscitar para nossa jsutificação (cf Rm 4,25). Para que espécie de homens quis Deus que morresse seu Filho? Pelos ímpios. Estes não procuravam a Deus, mas foram procurados por ele. Ele é Altíssimo, mas de tal modo que não está longe de nossa miséria e de nossos gemidos, porque o Senhor está perto dos corações contritos (cf Sl 33,19). "Ao Deus Altíssimo subirá o meu clamor, ao Deus que me cumulou de benefícios".

**8** [4] "Mandou do céu, e me salvou". Já está claro que foi salvo o próprio homem, a própria carne, o Filho de Deus, segundo a nossa natureza. O Pai mandou auxílio do céu que o salvou. Enviou auxílio do céu e o ressuscitou. Mas a fim de que se saiba que o próprio Senhor ressuscitou a si mesmo, ambos os modos de se exprimir encontram-se na Escritura: o Pai o ressuscitou, e ele se ressuscitou. Ouvi que o pai o ressuscitou segundo a palavra do Apóstolo até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobre- exaltou grandemente e o agraciou com o nome que é sobre todo nome" (Fl 2,8.9). Ouvistes que o Pai ressuscita e exalta o Filho. Escutai agora como o Filho ressuscitou a sua carne. Fala aos judeus, empregando a figura do templo: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei". Explica-nos o evangelista o sentido da frase: "Ele, porém, falava do templo do seu corpo" (Jo 2,19.21). E agora fala, suplicante, enquanto homem, carne: "Mandou do céu, e me salvou".

**9** "Encheu de confusão os que me conculcavam". Confundiu aqueles que o conculcaram, insultando-o até depois de morto. Crucificaram-no enquanto homem, sem entenderem, que ele era Deus. Observai se isto não se realizou. Não é num evento futuro em que acreditamos. Reconhecemos que já se realizou. Os judeus, encarniçados contra Cristo, ensoberbeceram-se. Onde? Na cidade de Jerusalém. Ali reinaram, orgulharam-se, endureceram a cerviz. Após a ressurreição do Senhor dali foram arrancados e perderam o reino, no qual não quiseram reconhecer a Cristo por Rei. Vede a que opróbrio foram entregues: dispersos por todos os povos, nunca encontraram estabilidade, domicílio certo. De fato, os judeus, para sua própria confusão, são os portadores de nossos Livros. Pois, se queremos mostrar uma profecia sobre Cristo, são estas Sagradas Letras que apresentamos aos pagãos. Querendo evitar que aqueles que resistem à fé afirmem termos nós, cristãos, composto as Escrituras, acrescentando ao evangelho profetas fictícios que pareçam ter predito o que pregamos, nós os convencemos de que todas essas Escrituras que profetizaram a respeito de Cristo estão nas mãos dos judeus; eles têm todas as Escrituras. Apresentamos códices provenientes de nossos inimigos, para confundir a

outros inimigos. Qual o opróbrio dos judeus? O de serem portadores dos códices, em que os cristãos baseiam a sua fé. São os portadores dos Livros, à guisa dos escravos que costumam carregar os códices, indo atrás de seus senhores. Eles ficam cansados de os carregar, enquanto os seus senhores aproveitam a leitura dos mesmos. Tal o opróbrio dos judeus. Cumpriu-se a profecia, tanto tempo antes proferida. "Encheu de confusão os que me conculcavam. Que opróbrio para os judeus, meus irmãos, lerem este versículo como se fossem cegos diante de um espelho! Os judeus em relação à Sagrada Escritura que carregam assemelham-se à face de um cego refletida num espelho. Outros a vêem; ele mesmo, não. "Encheu de confusão os que me conculcavam".

**10** [4] Talvez perguntes qual o sentido da expressão: "Mandou do céu, e me salvou". O que foi que mandou do céu? A quem? Mandou um anjo para salvar a Cristo? E o Senhor foi salvo por meio de um escravo? Todos os anjos são criaturas que servem a Cristo. Os anjos podiam ser enviados para obséquio, ser enviados para serviço, e não para auxílio. Conforme está escrito que os anjos serviam a Cristo (cf Mt 4,11), não se tratava de um ser misericordioso a servir a um indigente, mas de um subordinado ao onipotente. O que, então, "enviou do céu e me salvou?" Logo ouvimos de outro versículo o que enviou do céu. "Enviou do céu sua misericórdia e sua verdade". Com que finalidade? "E arrancou a minha alma do meio dos leõezinhos. Enviou do céu sua misericórdia e sua verdade". O próprio Cristo disse: "Eu sou a verdade" (Jo 14,6). Por conseguinte, a verdade foi enviada para livrar a minha alma do meio dos leõezinhos; foi enviada a misericórdia. Encontramos a Cristo, a misericórdia e a verdade; misericórdia que de nós se compadece, verdade que nos recompensa. Foi isto que afirmei mais acima: que ele ressuscitou a si mesmo. Se, pois, a verdade ressuscitou a Cristo, e se a verdade tirou a alma de Cristo do meio dos leõezinhos, assim como ele foi misericordioso ao morrer por nós, foi verdadeiro ao ressurgir para nos justificar. Assegurara que haveria de ressuscitar e a verdade não pôde mentir. Como Cristo é a verdade e é veraz, mostrou suas verdadeiras cicatrizes, porque verdadeiras foram suas feridas. Os discípulos tocaram essas chagas, apalparam. Foram-lhes manifestadas. O apóstolo que pôs os dedos no lado aberto exclamou: "Meu Senhor e meu Deus"! (Jo 20,28). Cristo morrera por misericórdia para com ele, e ressuscitara pela verdade em seu favor. "Enviou do céu sua misericórdia e sua verdade. E arrancou a minha alma do meio dos leõezinhos". Quais são esses leõezinhos? O povo miúdo, seduzido e enganado pelos príncipes dos judeus. Esses eram os leões, e os do povo, os leõezinhos. Todos se encarniçaram, todos mataram. Vamos ouvir aqui como mataram, agora, nos versículos seguintes deste salmo.

**11** [5] "E arrancou a minha alma do meio dos leõezinhos". Por que motivo dizes: "E arrancou a minha alma?" O que sofrias para que tua alma fosse arrancada? "Dormi inquieto". Cristo se refere a sua morte. Certamente lemos que Davi fugiu para a caverna, mas não lemos que lá tenha dormido. Um é o Davi que está na caverna, e outro o que diz: "Dormi inquieto". Vejamos qual a sua perturbação. Não que ele se tenha perturbado, mas os judeus o importunavam. Disse que estava inquieto, conforme a opinião dos iracundos inimigos, e não segundo a consciência do que era atingido. Eles pensavam que

Cristo se perturbara, pensavam que tinham vencido. Ele, porém, dormiu inquieto. Estava tão tranqüilo este atribulado que dormia quando queria. Ninguém dorme quando está inquieto. Todos os que se perturbam, ou acordam, ou não podem dormir. Ele, contudo, estava perturbado e dormiu. Grande a humildade daquele que se perturbava, grande o poder do que dormia. De que poder vinha que conseguia dormir? Daquele a que ele mesmo se referiu: "Tenho o poder de dar a minha vida e poder de retomá-la. Ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la" (Jo 10,17.18). Os judeus o perturbaram, e ele dormiu. Tipo desta realidade foi Adão, quando Deus fez cair um sopor sobre ele, para de sua costela plasmar a mulher (cf Gn 2,21). Deus não poderia criar a esposa do primeiro homem, tirando-lhe a costela quando acordado? Ou quis que dormisse para não sentir quando a costela foi extraída? Enfim, quem dorme de tal modo que não acorde se lhe for tirado um osso? Aquele que pôde extrair a costela do homem adormecido, de maneira indolor, poderia tirá-la também estando ele acordado. Mas porque preferiu tirar do homem adormecido? Porque do lado de Cristo na cruz adormecido foi tirada a sua esposa. Foi-lhe transpassado o lado com a lança, enquanto pendia da cruz, e manaram os sacramentos da Igreja (cf Jo 19,34). "Dormi inquieto". Ele manifesta tal fato em outro salmo, dizendo: "Eu adormeci, caí em sono profundo". Nesta passagem exprimiu seu poder. Poderia dizer também ali: "Dormi", conforme se encontra aqui. Que significa: "Eu adormeci?" Dormi porque quis. Não foram eles que, contra minha vontade, obrigaram-me a dormir, mas adormeci conforme minha vontade, segundo a palavra: Tenho o poder de dar a minha vida e poder de retomá-la. Por isso, ali o salmista prossegue: "Eu adormeci, caí em sono profundo. Despertei, porque o Senhor me acolherá" (Sl 3,6).

**12** "Dormi inquieto". Por quê? Quem é que perturba? Vejamos como a consciência pesada cauteriza os judeus, que queriam se escusar da morte do Senhor. Pois, conforme narra o evangelho, eles o entregaram, ao juiz para não parecer que eles o mataram. Como lhes dissesse o juiz de então, Pilatos: "Tomai-o vós mesmos, e julgai-o conforme a vossa Lei", responderam: "Não nos é permitido matar ninguém" (Jo 18,31). Não é permitido matar; será lícito entregar para ser morto? Quem, então, matou? Quem cedeu diante dos clamores, ou quem extorquiu a sentença de morte com seus clamores? O próprio Senhor ateste quem o matou. Teria sido Pilatos que o matou contra a vontade e que, por isso, mandou flagelá-lo e apresentou-o aos judeus depois de flagelado, vestido de uma veste ignominiosa, a fim de que, ao menos saciados com a pena dos flagelos, não quisessem extorquir dele a morte? Por isso, vendo que eles insistiam, conforme lemos, lavou as mãos e disse: "Estou inocente do sangue deste justo" (Mt 27,24). Vede se é inocente quem cedeu diante dos gritos. No entanto, muito mais culpados os que com seus gritos quiseram matá-lo. Mas, nós interroguemos e ouçamos o Senhor. A quem atribui a sua morte, uma vez que disse: "Dormi inquieto?" Interroguemo-lo, dizendo: Se dormiste inquieto, quais foram teus perseguidores? Os que te mataram? Acaso Pilatos, que deu soldados para suspender-te na cruz e traspassar com os cravos? Ouve quem foi: "Os filhos dos homens", aqueles que te perseguiram. Mas como mataram aqueles que não tinham ferros? Os que não empunharam o gládio, os que não investiram contra ele

para matá-lo, como o mataram? “Armas e flechas são os dentes dos filhos dos homens. Espada afiada a sua língua”. Não dês atenção às mãos inermes, mas à boca armada; daí saiu o gládio para matar a Cristo, como também da boca de Cristo sai a espada que há de matar os judeus. Ele tem a espada de dois gumes (cf Ap 1,16), e ao ressuscitar feriu-os, separando deles os que transformariam em fiéis. O gládio dos judeus é mau, e o de Cristo é bom; os primeiros têm setas más e Cristo, boas. Pois, Cristo possui flechas boas, boas palavras, que atingem o coração fiel, para que ame. Por conseguinte, diferem as setas e os gládios. “Armas e flechas são os dentes dos filhos dos homens. Espada afiada a sua língua”. A língua dos filhos dos homens é uma espada afiada, e seus dentes são armas e flechas. Quando foi, portanto, que os judeus feriram, senão quando clamaram: Crucifica-o, crucifica-o? (Mt 27,4; Jo 19,6).

**13** [6] E o que te fizeram, Senhor? Aqui exulte o profeta. Mais acima, em todos os versículos, era o Senhor quem falava. De fato, era o profeta, mas em lugar do Senhor, porque falava o Senhor, através do profeta. E quando o profeta fala por si mesmo, o próprio Senhor fala através dele e dita-lhe a verdade a proferir. Agora, portanto, meus irmãos, ouvi o profeta falar em seu próprio nome. Ele viu em espírito o Senhor humilhado, ferido, flagelado, esbofeteado, batido, cuspido, coroado de espinhos, suspenso do madeiro. Viu os judeus enfurecidos e o Senhor paciente; mas viu em espírito os primeiros exultantes, o segundo como um vencido. E após toda aquela humilhação e furor dos judeus, ele ressuscitou; e tornou-se inútil tudo o que os inimigos irados fizeram. O profeta enche-se de alegria, como se visse com os próprios olhos tudo isso realizar-se e diz: “Sejas exaltado, ó Deus, acima dos céus”. Enquanto homem, pregado à cruz, mas Deus acima dos céus. Na terra fiquem os furiosos; tu, ao invés, estejas no céu, a julgar. Onde estão os inimigos enfurecidos? Onde “os dentes deles, armas e flechas?” Acaso não são “as feridas que eles infligem como as das flechas de crianças” (Sl 63,8)? Esta passagem é de outro salmo e visa a mostrar terem eles inutilmente se enfurecido, em vão terem se enchido de cólera. Nada puderam contra Cristo, crucificado por algumas horas, mas que logo ressuscitou e sentou-se nos céus. “As feridas que eles infligiram são como as das flechas de crianças”. Como é que as crianças fabricam setas? De caniços. Como são? Qual a sua força? Qual o arco? Qual o impulso? Qual a ferida? “Sejas exaltado, ó Deus, acima dos céus, e a tua glória se espalhe por toda a terra”. Como és exaltado acima dos céus, ó Deus? Irmãos, não vemos, porém acreditamos que Deus é exaltado acima dos céus; que sua glória se estende por toda a terra, não apenas vemos, mas igualmente cremos. Peço-vos atenção para com a loucura dos hereges. Separados da sociedade da Igreja de Cristo, e mantendo um partido, enquanto perdem o todo, não querem estar em comunhão com a terra inteira, pela qual se difundiu a glória de Cristo. Nós, católicos, porém, estamos em toda a terra, porque em comunhão com todo o orbe, pelo qual se propagou a glória de Cristo. Vemos, pois, agora realizado o que então cantamos. Nosso Deus está exaltado acima dos céus, e a sua glória se espalhou por toda a terra. Ó loucura herética! Acreditas comigo naquilo que não vês, e negas o que vês. Crês comigo que Cristo está exaltado acima dos

céus, apesar de não o vermos, e negas que a sua glória se espalhou sobre toda a terra, conforme vemos. “Sejas exaltado, ó Deus, acima dos céus e a tua glória se espalhe por toda a terra”.

**14** 7 O salmista volta às palavras do Senhor. O próprio Senhor começa a narrar-nos, como se nos falasse, depois que o profeta exulta e diz: “Sejas exaltado, ó Deus, acima dos céus e a tua glória se espalhe por toda a terra”. O Senhor nos confirma, de certo modo nos dizendo: Que puderam fazer-me aqueles que me perseguiram? Mas, por que nos fala? Porque eles o fazem igualmente a nós. Mas nada conseguem os que nos perseguiram de maneira semelhante. Veja, pois, V. Caridade o Senhor a falar-nos e exortar-nos com seu exemplo. “Eles armaram um laço a meus pés e mantinham curvada a minha alma”. Quiseram baixá-la do céu e empurrá-la para baixo: “Mantinham curvada a minha alma. Cavaram diante de mim uma fossa. E aí caíram eles”. Prejudicaram a mim ou a si mesmos? Eis que Deus está exaltado acima dos céus, e espalhou-se sobre toda a terra a sua glória. Vemos o reino de Cristo. Onde está o reino dos judeus? Fizeram o que não deviam fazer, e sucedeu-lhes aquilo que mereciam sofrer. “Cavaram uma fossa. E aí caíram eles”. Não causou dano a Cristo a sua perseguição; ao contrário, prejudicou-os. E não imagineis, irmãos, que isso aconteceu somente a eles. Todo aquele que cava uma fossa para seu irmão, necessariamente cairá ele mesmo nessa fossa. Atenção, irmãos. Deveis ter olhos de cristãos e não vos deixardes enganar pelas coisas visíveis. Talvez porque afirmei isto, ocorre a alguém dentre vós que ele quis defraudar a seu irmão, planejou insídias contra ele, tramou e realizou, e o irmão caiu em suas ciladas, foi espoliado, ou oprimido, seja num cárcere, ou por um falso testemunho, ou apanhado por maldosa incriminação. Parece-lhe que o irmão foi oprimido e que ele oprimiu; que ele foi vencido, e o primeiro venceu. Então pensa que é falsa nossa afirmação de que todo aquele que cava uma fossa para seu irmão, ele mesmo cai nela. Interrogo-vos como a cristãos, para que tomeis exemplo daquelas coisas que já sabemos. Os pagãos perseguiram os mártires e estes foram presos, algemados, lançados num cárcere, jogados às feras, feridos à espada, queimados na fogueira. Os perseguidores venceram, e os mártires foram vencidos? Longe disso. Procura a glória dos mártires junto de Deus, procura a fossa dos pagãos em sua consciência onerada. A consciência pesada é a fossa onde cai o ímpio. Pensas que não caiu na fossa o que perdeu a luz de Cristo e foi ferido de cegueira? Se não caísse na fossa, veria o que está diante de si. Ele não sabe por onde ir; como aquele que caiu numa fossa enquanto caminhava, perdeu a direção. Por isso, vedes que todos os malfeitores perdem o caminho, implicados no crime. Mas talvez um malfeitor já te entregou às mãos de um ladrão, ou às mãos de um juiz injusto ou comprado por ele; tu estás em angústia, e ele se alegra, exulta. Como já disse, não tenhas olhos de pagão, e sim olhos de cristão. Tu o vês exultante; essa alegria é a sua fossa. É melhor a tristeza de quem sofre a injustiça do que a alegria de quem pratica o mal. A própria alegria de quem pratica o mal é a sua fossa; quem nela cair, perde a visão. Lastimas-te porque perdeste a veste; e não o lastimas por ter perdido a fé? Qual dos dois sofreu maior dano? Ele mata, tu és morto; é ele quem vive e tu quem está morto? Longe

disso. Onde está a fé dos cristãos? Onde está aquele que morre só por algum tempo. Ouça o que diz o seu Senhor: “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11,25). Por conseqüência, quem não crê, embora viva, está morto. “Cavaram diante de mim uma fossa. E aí caíram eles”. Forçosamente isso sucederá a todos os malvados.

**15** [8] A paciência dos bons, contudo, pela preparação do coração acolhe a vontade de Deus e se gloria nas tribulações, dizendo o seguinte: “Meu coração está preparado, ó Deus, está preparado o meu coração. Cantarei e salmo-diarei”. O que foi que ele me fez? Preparou a fossa, mas meu coração está preparado. Ele preparou a fossa para me enganar, e eu não prepararei o coração para sofrer? Ele preparou a fossa para oprimir e eu não preparei o coração para suportar? Por esta razão, ele cairá na fossa, mas eu cantarei e salmodiarei. Ouve como o coração do Apóstolo está preparado. Ele imitou o seu Senhor: “Nós nos gloriamos também nas atribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5). O Apóstolo estava no meio de tribulações, em cadeias, nos cárceres, ferido, com fome e sede, passando frio e despojamento, gasto de trabalhos e dores, mas dizia: “Nós nos gloriamos nas tribulações” (cf 2Cor 11,27). Donde vinha isso, senão porque o seu coração estava preparado? Por esta razão cantava e salmo-diava: “Meu coração está preparado, ó Deus, está preparado o meu coração. Cantarei e salmodiarei”.

**16** [9] “Ergue-te, glória minha”. Aquele que fugira de Saul, refugiando-se numa caverna, diz: “Ergue-te, glória minha”, ou seja, depois da paixão, Jesus seja glorificado. “Ergue-te, saltério e cítara”. O que é que o salmista chama para levantar-se? Vejo dois instrumentos, e ao contrário o corpo de Cristo é um só: uma só carne ressuscitou, e dois instrumentos se levantaram. Um é o saltério e outra a cítara. Denominam-se “órgãos” todos os instrumentos musicais. Não se denomina órgão somente aquele instrumento grande, com foles que se enchem; mas tudo o que acompanha o canto e é material, todo instrumento usado pelo cantor, chama-se “órgão”. São distintos entre si esses órgãos; e quero, se Deus quiser, explicar-vos como são distintos, por que motivo são distintos, e por que se diz a ambos: “Levanta-te”. Já dissemos que uma só foi a carne do Senhor que ressuscitou; e no entanto se diz: “Levanta-te, saltério e cítara”. O saltério é um instrumento sustentado pelas mãos de quem o toca, e que tem cordas esticadas. Mas o saltério tem na parte superior o lugar onde as cordas vibram, aquela cavidade de madeira pendente, caixa de ressonância, onde devido ao ar ressoam as cordas que foram tangidas. A cítara, porém, possui essa parte côncava de madeira que ressoa, do lado de baixo. Por conseguinte, no saltério as cordas emitem som no alto; na cítara, contudo, as cordas ressoam na parte inferior. Essa a diferença entre saltério e cítara. Que significam, então, as figuras destes dois instrumentos? Pois, Cristo, o Senhor nosso Deus, excita seu saltério e sua cítara, dizendo: “Eu me levantarei desde a aurora”. Penso que já reconheceis nessa passagem o Senhor ressuscitado. Lemos o evangelho; notai a hora da ressurreição. Clareou e foi reconhecido; ressuscitou na aurora (cf Mc 16,2). Mas, que é

o saltério? Que é a cítara? Através de sua carne, o Senhor realizou duas espécies de feitos: os milagres e os sofrimentos. Os milagres vinham do alto, os sofrimentos de baixo. Os milagres que operou eram divinos; mas operou-os através de seu corpo, de sua carne. Por isso, a carne a operar obras divinas é o saltério; a carne humana a sofrer é a cítara. Ressoe o saltério: os cegos vejam, os surdos ouçam, os paralíticos se movam, os coxos andem, os doentes se levantem, os mortos ressurjam. Tal é o som do saltério. Soe também a cítara: o Senhor tenha fome, sede, durma, seja preso, flagelado, escarnecido, crucificado, sepultado. Vês que aquela carne fez ressoar certo canto da parte superior e outro da parte inferior. Foi uma só carne que ressuscitou e nesta única carne reconhecemos o saltério e a cítara. E estas duas espécies de feitos encheram o evangelho, que é anunciado aos povos; pois são pregados os milagres e a paixão do Senhor.

**17** [10-12] Por conseguinte levantaram-se saltério e cítara desde a aurora e confessam o Senhor. Como é que se exprime o salmista? "Confessar-te-ei no meio do povo, Senhor, entre as gentes entoarei salmos. Porque a tua misericórdia se elevou até os céus, e até as nuvens a tua verdade". Os céus estão acima das nuvens e estas abaixo dos céus. E no entanto as nuvens pertencem a este céu mais próximo. Mas algumas vezes as nuvens pousam nos montes, e se acumulam no ar mais próximo. O céu, porém, está no alto, e constitui a habitação dos Anjos, dos Tronos, das Dominações, dos Principados, das Potestades. Parece que por isso se deva dizer: "Porque a tua verdade se elevou até os céus e até as nuvens, a tua misericórdia". De fato, nos céus louvam a Deus os anjos, que vêem a própria beleza da verdade, numa visão sem sombras, sem interpolação de falsidade alguma. Eles vêem, amam, louvam, sem se fatigar. Ali se acha a verdade; aqui, porém, em meio a nossa miséria, efetivamente, a misericórdia. Ao mísero deve-se oferecer a misericórdia. Lá no alto a misericórdia é desnecessária, porque lá não existem seres infelizes. Declarei estas coisas porque poderia parecer mais adequado dizer: "A tua verdade se elevou até os céus e até as nuvens a tua misericórdia". Entendemos por nuvens os pregadores da verdade, homens portadores desta carne, de certo modo nebulosa, de onde Deus lança os raios de seus milagres e os trovões de seus preceitos. São as nuvens a que se refere Isaías, falando em nome do Senhor e censurando aquela vinha má, estéril, espinhosa: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela" (Is 5,6). Quer dizer, mandarei a meus apóstolos que deixem os judeus e não os evangelizem, mas preguem a boa nova na terra boa dos gentios, onde não deverão nascer espinhos e sim uvas. Sabemos que as nuvens de Deus são os pregadores da verdade, os profetas, os apóstolos, todos os que retamente proferem a palavra da verdade e conservam em si oculta a luz, como as nuvens podem produzir relâmpagos. Portanto, os homens são nuvens. Que significa, pois, Senhor: "A tua misericórdia se elevou até os céus e até as nuvens, a tua verdade?" A verdade se destaca nos anjos; mas a concedeste também aos homens e a elevaste até as nuvens. Quanto à misericórdia, parece que os anjos dela não precisam; mas como te compadeces dos homens infelizes, e oferecendo-lhes a misericórdia, pela participação na ressurreição os transformas em

anjos, vai até os céus a tua misericórdia. Glória a nosso Senhor e a sua misericórdia, e a sua verdade, porque nem a misericórdia deixou de nos fazer felizes por meio da graça de Deus, nem nos faltou a verdade. Primeiro a verdade encarnada veio até nós e curou por esta carne os olhos interiores de nosso coração, a fim de que depois pudéssemos vê-la face a face (cf 1Cor 13,12). Demos, portanto, graças a Deus, e repitamos com o salmo os últimos versículos que já expliquei: “Eleva-te, Senhor, acima dos céus, e em toda a terra resplandeça a tua glória”. Proferiu o profeta estas palavras há muitos anos. Vemo-las realizadas, e por isso repitamo-las também nós.

# SALMO 57

## SERMÃO AO POVO

(Pronunciado em Cartago na basílica Restituída)

**1** [2] A palavra que cantamos é mais para ser ouvida do que para ser usada como aclamação. A verdade clama a todos, como se fosse uma assembléia de todo o gênero humano: "Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens". Para algum iníquo será difícil falar segundo a justiça? Ou existe quem, interrogado sobre o que é justo, se ele mesmo não estiver em causa, não responda com toda facilidade? Com efeito, a verdade, pela mão de nosso criador, inscreveu em nossos corações: "Não faças a ninguém o que não queres que te façam" (Tb 4,16; Mt 7,12). Este preceito mesmo antes que a Lei fosse promulgada a ninguém era permitido ignorar; era o fundamento do juízo, mesmo para aqueles que não tinham a Lei. Mas a fim de que os homens não se queixassem de ter-lhes faltado algo, foi escrito em tábuas o que eles não liam em seus corações. Não é que não o tinham por escrito, e sim que não queriam lê-lo. Foi posto diante de seus olhos o que eram obrigados a ver em sua consciência. A voz de Deus, vinda de fora, impeliu o homem a entrar em seu íntimo, conforme a palavra da Escritura: "Indagar-se-á sobre os planos do ímpio" (Sb 1,9). Nesta indagação vê-se a lei. Mas como os homens cobiçassem os bens exteriores, e assim desertaram de si mesmos, foi-lhes dada também a Lei escrita. Não digo que não estivesse escrita nos corações, mas tu eras um fugitivo de teu próprio coração. Serás apanhado por aquele que está em toda parte, e reconduzido a teu interior. Então, como clama a Lei escrita àqueles que abandonaram a lei inscrita em seus corações? "Voltai, prevaricadores, aos vossos corações" (cf Rm 2,15; Is 46,8). Quem te ensinou a não querer que outro se aproxime de tua esposa? Quem te ensinou a não querer que te roubem? Quem te ensinou a não querer suportar uma injúria, e tudo mais que se pode dizer em geral e em particular? Existem muitos males que, se forem os homens interrogados a respeito deles, eles não querem suportar. Está bem. Se não queres suportar essas coisas, porventura somente tu és homem? Não vives na sociedade do gênero humano? Aquele que é criatura, como tu, é teu companheiro. E todos os homens foram feitos à imagem de Deus. A não ser que esmaguem, com as cobiças terrenas, o que Deus criou. "Não faças, portanto, a ninguém o que não queres que te façam". Pensas que é um mal aquilo que não queres suportar. Isso te força a reconhecer a lei íntima, inscrita em teu coração. Praticavas essa maldade e o outro gritava sob o peso de tuas mãos. Como não terás de voltar a teu coração, ao padeceres o mesmo de mãos alheias? O furto é bom? Não. Interrogo: O adultério é bom? Todos clamam: Não. O homicídio é bom? Todos gritam que é detestável. Desejar as coisas alheias é bom? Não, é voz de todos. Ou se não queres confessá-lo, aparece algum que deseja o que é teu. Que isto te agrade, e responde como querer. Todos, portanto, se

forem interrogados a propósito dessas coisas, clamam que não são boas. De outro lado, vejamos os atos benéficos. Não só quando se trata de não prejudicar, mas ainda de prestar e conceder benefícios. Interroguem-se os famintos. Tens fome? Alguém tem pães mais do que o suficiente, sabe que te faltam e não dá. Isso te desagrada, quando tens fome; que te desagrade também quando estás saciado, mas sabes que outro passa fome. Vem um peregrino sem teto a tua terra. Não é acolhido. Ele então clama que aquela cidade é desumana, e que facilmente encontraria refúgio junto de bárbaros. Sente a maldade, porque a sofre; tu talvez não a sentes; mas importa que penses que também és peregrino e cogites em como te desagradaria se não te fosse prestado o socorro que não queres em tua pátria dar ao peregrino. Pergunto a todos: Tudo isso é verdade? Sim. E justo? Sim.

**2** Mas ouvi o salmo: "Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens". A justiça não esteja nos lábios, mas nos atos. Se ages de maneira diferente daquela que usas ao falar, falas bem e julgas mal. E se agires conforme julgas? Se fores interrogado sobre o que é melhor: o ouro, ou a fidelidade, não és tão perverso e desviado de toda verdade que respondas que o ouro é melhor. Ao seres interrogado, colocas a fidelidade acima do ouro. Falaste segundo a justiça. Ouviste o salmo? "Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens". Como provarei que não julgas como falas? Já tenho tua resposta de que a fidelidade vale mais do que o ouro. Vamos supor que, não sei de onde, vem um amigo teu, e sem testemunhas confia-te certa quantidade de ouro. Somente ele e tu, dentre os homens, tendes conhecimento disso. Existe, porém, ali outra testemunha que é invisível, mas vê. O amigo te entregou o ouro secretamente, em teu quarto, talvez sem a presença de qualquer árbitro. A testemunha presente, não está dentro das paredes do quarto, mas no recinto de vossas consciências. O amigo entregou e partiu. Não o contou a nenhum dos seus, esperando voltar, e receber de volta o que entregara. Como são as coisas humanas, ele morre. Tem um herdeiro, o filho que deixou. O filho ignora o que o pai possuía e a quem o confiou. Vamos. Volta, volta, prevaricador, ao teu coração, onde está escrita a norma: "Não faças a ninguém o que não queres que te façam". Imagina que foste tu quem confiou o ouro, que não disseste a nenhum dos teus, que morreste e deixaste um filho. Que querias que teu amigo fizesse? Responde, julga a questão, o tribunal do juiz está em tua mente. Ali Deus está sentado, tua consciência é o acusador, e o medo o carrasco. Vives em meio às vicissitudes humanas, na sociedade dos homens. Pensa no que querias que teu amigo prestasse a teu filho. Sei o que te respondem teus pensamentos. Julga, então, conforme ouves. Julga. Haverá uma voz. A voz da verdade não se cala. Não clama com os lábios, mas vocifera no coração. Presta ouvidos. Fica ali com o filho de teu amigo. Tu o vês, provavelmente, a vagar como um indigente, sem saber o que seu pai possuía, onde o colocou, a quem o confiou. Pensa também em teu filho. Pondera que está vivo aquele que desprezas como morto, e pensa nele para viveres. Uma coisa é o que a avareza ordena, ordena contra Deus e outra o que Deus manda. A avareza é diferente. No paraíso, o criador deu uma ordem, e disse o contrário a serpente sedutora. Lembra-te de tua primeira queda. Por causa dela, és mortal,

trabalhador, comes o pão com o suor de teu rosto, e a terra produz para ti espinhos (cf Gn 3,17.18). Aprende com a experiência o que não quiseste aprender com o preceito. Mas a ambição vence. Por que não há de vencer antes a verdade? Onde está o que falavas? Eis que pensas negar que o ouro está contigo, pensas escondê-lo do herdeiro de teu amigo. Antes eu te perguntara o que é mais precioso, melhor: o ouro ou a fidelidade. Por que dizes uma coisa e fazes outra? Não temes diante desta palavra: “Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Tu me disseste que a fidelidade é melhor, e em teu julgamento consideraste que o ouro é melhor. Não julgaste conforme disseste; falaste a verdade, e julgaste falsamente. Portanto, ao falares conforme a justiça, não o falavas verdadeiramente. Pois, “falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Quando me respondias acerca do que é justo, falavas com vergonha e não confessavas com retidão.

**3** [1] Mas, se vos agrada, tratemos agora do presente salmo. É suave e bem conhecida para os ouvidos da Igreja aquela voz, a voz de nosso Senhor Jesus Cristo e também voz de seu corpo, voz da Igreja em trabalhos, peregrina na terra, a viver entre os perigos dos maldizentes e aduladores. Não temerás aquele que ameaça, se não amas quem te adula. Aquele de quem é esta voz observa e verifica que todos falam segundo a justiça. Quem ousaria falar contra ela, de medo de ser denominado injusto? Ouvindo as palavras de todos, e atento a seus lábios, clamava-lhes: “Falarás verdadeiramente segundo a justiça?” Se não falais falsamente segundo a justiça, se não falais em altas vozes uma coisa e escondeis outra no coração, “julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Ouve do evangelho a voz do Senhor, a mesma que se encontra neste salmo. Disse ele aos fariseus: “Hipócritas, como podeis falar coisas boas, se sois maus? Ou declarais que a árvore é boa e o seu fruto é bom, ou declarais que a árvore é má e o seu fruto é mau” (Mt 12,34.33). Por que desejas ser caidada, parede de barro? Conheço o teu interior, não me engano com teu aspecto exterior. Sei o que pretendes, o que encobres. Diz o evangelista: “Não necessitava de que o informassem sobre homem algum, porque conhecia o que havia no homem” (Jo 2,25). “Conhecia o que havia no homem” quem o fizera, e se tornara homem para procurar o homem. Vede, portanto, se não são concordes estas vozes: “Hipócritas, como podeis falar coisas boas, se sois maus?” E: “Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Por acaso não foi segundo a justiça que falastes: “Mestre, sabemos que és justo e não dás preferência a ninguém” (Mt 22,16). Por que ocultáveis o dolo no coração? Por que mostráveis a imagem de César a vosso criador e apagáveis a sua de vossos corações? Não se ouviu o que faláveis e não se experimentou como julgáveis? Não crucificastes aquele que dizíeis ser justo? “Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Como posso ouvir vossa expressão: “Sabemos que és justo”, se prevejo vosso juízo: “Crucifica-o, crucifica-o? Falais verdadei-ramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Que fizestes, enfurecendo-vos contra Deus que era também homem, e matando vosso rei? Por isso não deixaria de

vir a ser rei, porque foi morto por vós para ressuscitar. A respeito do título: "Rei dos judeus", colocado na cruz do Senhor, em três línguas: hebraica, grega e latina, soubera responder o juiz, que era simples homem: "O que escrevi, está escrito" (Jo 19,6.19.20.22) e Deus não saberia dizer: O que escrevi, está escrito? Em verdade, é vosso rei: vivo, é vosso rei; morto, é vosso rei. Eis que ele ressuscitou, e no céu é vosso rei. Eis que há de vir! Ai de vós! É vosso rei. Ide agora, e falai segundo a justiça, e não quereis julgar com retidão, ó filhos dos homens. Não quereis julgar com retidão; com retidão sereis julgados. Vive o vosso rei, e já não há de morrer; a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). Eis que vem; "voltai, prevaricadores, ao coração" (Is 46,8). Eis que ele virá. Corrigi-vos antes que venha, ide ao seu encontro com a confissão (cf Sl 94,2). Eis que virá; é vosso rei. Lembrai-vos do título na cruz. Mesmo que não o vejais escrito, ele contudo permanece; não se lê na terra, mas é conservado no céu. Julgais que aquela inscrição foi destruída? E como se acha no título do presente salmo? "Para o fim. Não destruas. De Davi. Inscrição do título". Não se perde, portanto, a inscrição do título. Vosso rei é Cristo, porque é o rei de todos os povos: "Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos" (Sl 21,29). Se, de fato, é rei, antes de vir, ele vos diz: Ainda falo, ainda não julgo; clamo assim com ameaças porque não quero ferir ao julgar. "Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens".

**4** [3] Agora, porém, o que fazeis? Por que razão vos digo tais coisas? "Mas no coração operais iniqüidades na terra". Talvez somente no coração? Ouve como continua o salmo. As mãos seguem o coração. As mãos servem o coração. Pensa-se e executa-se. Ou talvez, não o fazemos porque não podemos, não porque não queremos. Tudo o que queres e não podes fazer, Deus conta como feito. "Mas no coração operais iniqüidades na terra". Qual a seqüência? "Vossas mãos concatenam injustiças". Que significa: "concatenam?" Vão de pecado em pecado, do pecado ao pecado, por causa do pecado. Como se dá isto? Cometeu um furto, um pecado. Foi visto; então procura matar quem o viu; um pecado puxou o outro. Deus permite, por um juízo oculto, que ele mate aquele que desejou matar; percebe que o fato foi conhecido e procura matar mais outro: concatenou o terceiro. Enquanto se empenha em não ser descoberto, ou em não ser condenado pelo mal que fez, consulta um astrólogo; acrescentou o quarto pecado. O astrólogo provavelmente responde anunciando eventos duros e maus; corre para o agoureiro para obter remissão. O agoureiro replica que não pode aplacar e ele vai procurar o feiticeiro. E quem pode enumerar esses pecados que se concatenam entre si? "Vossas mãos concatenam injustiças". Quando concatenas, ligas pecado a pecado. Livra-te deles. Mas não posso, retrucas. Clama ao Senhor: "Infeliz de mim! Quem me libertará desse corpo de morte"? (Rm 7,24). Virá a graça de Deus, para que te deleite a justiça como te deleitava a iniqüidade. E como um homem que ficou livre de seus vínculos, exclamarás a Deus: "Rompeste as minhas cadeias" (Sl 115,16). Que quer dizer: "Rompeste as minhas cadeias", a não ser, perdoaste os meus pecados? Ouve como são cadeias; diz a Escritura: "Cada um é apanhado pelos laços de seus pecados" (Pr 5,22).

São não somente cadeias, mas também cordões. Os cordões se fazem com fios torcidos; assim também concatenavas os pecados. “Ai dos que arrastam os pecados como cordas compridas” (Is 5,18, sg. LXX), exclama Isaías. “Ai dos que arrastam os pecados como cordas compridas”, que significa senão ai daqueles cujas mãos concatenam iniqüidades? E como cada um fica amarrado por seus pecados, como também é ferido por eles, o Senhor expulsou os que procediam mal no templo com um flagelo feito de cordas (cf Jo 2,15). Mas não queres agora romper tuas cadeias, porque não as sentes. Ao contrário, elas te deleitam, te causam prazer. Mas, sentirás no fim, quando te for dito: “Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 22,13). Sentes pavor, temes, bates no peito. Declaras que os pecados são males e que a justiça é um bem. “Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Em vossa vida estão vossas palavras; mas é pelos fatos que se conhecem vossos lábios. Não concateneis iniqüidades, porque se transformarão em ligaduras os pecados que concatenardes. Existem alguns que não ouvem, mas não são todos. Os que não ouvem revelam-se de antemão.

**5** [4] “Transviaram-se os pecadores desde o berço, desgarraram-se desde o seio materno; disseram falsidade”. Ao falarem iniqüidades, falam falsidades, porque a iniqüidade é falaz; e ao falarem segundo a justiça, também falam falsamente, porque dizem uma coisa com a boca, e escondem outra no coração. “Transviaram-se os pecadores desde o berço”. O que significa isto? Procuremos com mais afinco. Talvez seja que Deus conheceu de antemão os pecadores, já no seio materno. Pois, qual o motivo de se dizer quando Rebeca estava grávida de dois gêmeos: “Amei a Jacó e aborreci a Esaú?” Foi dito: “O maior servirá o menor” (Gn 25,23; Ml 1,2.3; Rm 9,13). Oculto juízo de Deus! No entanto, “desde o berço”, isto é, desde a origem,“transviaram-se os pecadores”. De onde se afastaram? Da verdade. De onde? Da pátria feliz, da vida bem-aventurada. Acaso se afastaram desde o útero? E que pecadores se afastaram do útero materno? Quem nasceria se lá não tivesse sido retido? Quem viveria hoje, de sorte que ouvisse sem motivo essas coisas, a não ser que tivesse nascido? Então, talvez os pecadores se tenham afastado de certo útero, onde a caridade sofria dores, segundo a palavra do Apóstolos: “Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19). Por conseguinte, espera, para seres formado. Não te atribuas um juízo daquilo que talvez não conheças. Ainda és carnal, foste concebido. Por teres recebido o nome de Cristo, nasceste por certo sacramento nas vísceras da mãe. O homem nasce não somente das vísceras, mas ainda nas vísceras. Primeiro nas vísceras, para poder nascer delas. Por este motivo foi dito a Maria: “O que nela foi gerado vem do Espírito Santo” (Mt 1,20). Ainda não nascera dela, mas nela já fora concebido. Por isso, algumas crianças nascem nas vísceras da Igreja; e é bom que saiam de lá já formadas, para não abortarem. Tua mãe te gere; não aborte. Se fores paciente, as vísceras maternas devem te conter até seres formado, até que estejas seguro da doutrina da verdade. Se, porém, por impaciência, ferires o ventre materno, ele te expelirá com dor, para teu prejuízo, não dele.

**6** Transviaram-se os pecadores desde o berço, desgarraram-se desde o berço materno; disseram falsidades. Então, desgarraram-se desde o seio materno porque disseram falsidades? Ou antes disseram falsidades por terem errado desde o seio materno? Efetivamente, no seio da Igreja, permanece a verdade. Quem se separar do seio da Igreja, necessariamente falará falsidades; necessariamente, digo, falará falsidades, quem não quis ser concebido, ou quem a mãe expeliu, depois de o conceber. Daí que alguns hereges clamem contra o evangelho; referindo-nos de preferência àqueles que foram expelidos, para nossa dor. Repetimos-lhes: Eis o que Cristo disse: "O Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia". Reconheço aí nossa Cabeça, reconheço aí nosso esposo; reconhece tu também comigo a esposa. Vê a continuação: "Que, em seu nome, fosse proclamada a conversão para remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém" (Lc 24,46.47). Vem para cá, vem para cá[1]. Eis a Igreja, através de "todas as nações, a começar por Jerusalém"; não digo: Vem para cá; é ela quem vem a ti. Eles, porém, surdos para o evangelho (e não nos permitindo ler as palavras de Deus que eles se gabam de ter preservado da fogueira, mas procuram apagar com a língua), falam palavras suas, palavras vãs: Este entregou, aquele entregou (os livros sagrados). Está bem; também eu digo: Este entregou, aquele entregou. E falo a verdade. Mas que me importa? Nem tu lês do evangelho os nomes dos que acusas, nem eu, os que nomeio, encontro escritos no evangelho. Tirem-se de nossa frente nossas folhas, e apresente-se o códice de Deus. Ouve como Cristo fala, ouve o que profere a verdade: "que em seu nome, fosse proclamada a conversão para remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém". Respondem: Não; mas ouvi o que dizemos; não queremos ouvir o que diz o evangelho. "Transviaram-se os pecadores desde o berço, desgarraram-se desde o seio materno; disseram falsidades". Nós falamos a verdade, porque ouvimos verdades, aquilo que o Senhor diz, e não o que diz o homem. Pode acontecer que um homem minta; impossível que minta a verdade. Pela boca da verdade conheço a Cristo, a própria verdade. Ninguém que haja se apartado desde o berço das vísceras da Igreja diga-me falsidades. Cuidarei primeiro de verificar o que me quer ensinar. Se vejo que se apartou desde o berço, que errou desde o seio materno, o que poderei ouvir dele senão falsidades? "Desgarraram-se desde o seio materno; disseram falsidades".

**7** [5.6] "A fúria deles assemelha-se à da serpente". Ides ouvir uma coisa importante. "A fúria deles assemelha-se à da serpente". Parece que perguntamos: O que foi que disseste? Continua o salmo: "à da víbora surda". Por que é surda? E "que tapa os ouvidos". Surda, porque tapa os ouvidos. "E que tapa os ouvidos, para não ouvir a voz do encantador e a do medicamento preparado pelo sábio". Assim ouvimos dizer, e também dizem-no os homens que adquiriram este conhecimento do modo que puderam; contudo, o Espírito de Deus o conhece muito melhor do que todos os homens. Não é inutilmente que o afirmei; pode ser verdade mesmo aquilo que ouvimos dizer acerca da víbora. Escutai o que faz a víbora, ao começar a sentir a influência do marso encantador[2], que a chama com determinados cantos, além de existirem outras mágicas. Mas, por enquanto, dai atenção ao seguinte, irmãos; primeiro, é preciso falar disso, para

que ninguém tenha dúvidas. Nem sempre que a Escritura emprega uma comparação, louva o termo de comparação, mas apenas o usa como semelhança. Por exemplo, não louva o juiz iníquo, que não queria ouvir aquela viúva, e não temia a Deus nem os homens (cf Lc 18,2); e no entanto o Senhor empregou esta semelhança. Também não elogiu aquele preguiçoso que não deu os três pães ao amigo que o pedia, por amizade, mas vencido pelo aborrecimento (cf Lc 11,8); e apesar disso, apresentou-o como termo de comparação. E de coisas pouco recomendáveis tiram-se por vezes algumas comparações. Se julgardes que se devem procurar os adivinhos porque ouvistes referência a eles na Escritura divina, também se deve ir ao teatro, porque diz o Apóstolo: "É assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar". O pugilato consiste numa luta com socos. Uma vez que ele emprega esta comparação, este espetáculo deve nos aprazer? Ou porque ele disse: "Os atletas se abstêm de tudo" (1Cor 9,26.28), devem importar ao cristão esses jogos e lutas vãos? Pondera o que te é dito como comparação e o que o Apóstolo admoesta a evitar como proibido. Assim, portanto, aqui se apresenta certa comparação com um marso, que encanta para tirar a víbora de tenebrosa caverna. De fato quer tirá-la para fora, para a luz, mas ela prefere as trevas onde se oculta enrolada, diz-se que como não quer sair e recusa ouvir aqueles sons que a atraem aperta uma orelha contra o chão e com a cauda tapa a outra; assim, evitando enquanto pode ouvir aqueles sons, não sai para junto do encantador. Semelhante a ela, diz o Espírito de Deus, são alguns que não ouvem a palavra de Deus. Não somente não a praticam, mas absolutamente não querem ouvir para não terem de praticar.

**8** Isto sucedeu também nos primórdios da fé cristã. O mártir santo Estêvão pregava a verdade, e como que encantava a mentes tenebrosas para levá-las à luz. Quando chegou a fazer memória de Cristo, de quem eles absolutamente não queriam ouvir falar, o que conta sobre eles a Escritura? Que narra? "Eles taparam os ouvidos" (cf At 7,56.57). A narração da paixão de Estêvão mostra o que eles depois fizeram. Não eram surdos, mas se fizeram de surdos. Como não tinham no coração ouvidos atentos, a violência da palavra entrando pelos ouvidos carnais, atingia com força também os ouvidos do coração; taparam igualmente os ouvidos do corpo e foram buscar as pedras. Eis as víboras surdas, mais duras do que as pedras com as quais apedrejaram o encantador. Não ouviram a voz do encantador, e "a do medicamento preparado pelo sábio". Qual é o medicamento preparado pelo sábio? Talvez um medicamento que ele fizera. Mas perguntamos se já era um medicamento, como era aplicado? Havia medicamentos nos profetas, medicamentos na lei. Os próprios preceitos eram medicamentos. E este medicamento ainda não fora aplicado. Com a vinda do Senhor foi aplicado o medicamento. Isto, os judeus não suportaram. Como não eram curados pelo medicamento, este foi aplicado por ocasião da vinda do Senhor. O medicamento aplicado por Estêvão já encantava, mas eles não quiseram ouvir. Como era aplicado o medicamento, eles contra isso taparam os ouvidos. Fizeram-no logo que Cristo foi mencionado. A sua fúria assemelhava-se à da serpente. Por que razão tapais os ouvidos? Esperai, ouvi; e se puderdes, enfurecei-vos. Mas como não queriam senão encarniçar-se, não quiseram ouvir. Se ouvissem, talvez se acalmassem. A sua fúria assemelha-se à da

serpente.

**9** São assim também os que suportamos[3]. Primeiro, pareciam estar com a verdade. Deus, porém, não cessou de falar, não parou. Em sua Igreja a verdade foi pregada. Nas vísceras maternas revelaram-se suas mentiras. Manifestou-se o que brilha. Mostrou-se a cidade estabelecida sobre o monte, que não pôde ficar escondida e a lâmpada foi colocada no candelabro para iluminar a todos os que estão em casa (cf Mt 5,14.15). Pois, onde não se mostra a Igreja de Cristo? Onde se esconde a verdade de Cristo? Não é ela a montanha que se originou de uma pedra pequenina e encheu toda a face da terra? (cf Dn 2,35). Isto os convence. Não têm o que dizer contra a Igreja. Que lhes restou? Por que nos procurais, que quereis de nós? dizem eles. Afastai-vos de nós. Além disso, dizem aos seus: Ninguém fale com eles, ninguém se una a eles, ninguém os ouça. A fúria deles assemelha-se à da serpente: "à da víbora surda e que tapa os ouvidos, para não ouvir a voz do encantador e a do medicamento" (isto é, a voz do medicamento) "preparado pelo sábio". Logo não se entende a que medicamento se refere quando fala em voz? Acaso o medicamento tem voz? Existe certa espécie de medicamento que tem voz. Temos conosco o medicamento. Ouvi a sua voz, mas não como a víbora surda. "Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens". É a voz "do medicamento" e este é "preparado pelo sábio". Já veio Cristo a fim de cumprir a Lei e os profetas e para firmar a própria verdade. Dos dois preceitos sobre a caridade depende toda a Lei e os profetas (cf Mt 5,17; 22,40).

**10** Talvez poderíamos pesquisar se acaso significa mais alguma coisa o que foi dito da víbora, que tapa os ouvidos, apertando um contra o chão e cobrindo o outro com a cauda? Que significa isto? A cauda representa as coisas passadas. As coisas do passado devem ser deixadas para trás, a fim de visarmos ao que nos é prometido. Por conseguinte, não devemos deleitar-nos nem em nossa vida passada, nem na presente. A isto nos admoesta o Apóstolo, com as seguintes palavras: "E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais"? (Rm 6,21). Proíbe a recordação com deleite do passado e com certo desejo de gozo, para não voltarmos de coração ao Egito. E quanto às coisas presentes? Como ordena a desprezá-las? "Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno" (2Cor 4,18). E sobre a vida atual declara: "Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens (1Cor 15,19). Esquece o passado, quando viveste mal; despreza o presente, em que vives temporariamente, a fim de que não te deixando prender, as coisas presentes não te impeçam de alcançar as futuras. Se a vida presente te deleita, puseste o ouvido contra o chão; se te deleitam as coisas passadas, que caíram para trás, tapaste o ouvido com a cauda. Deves, portanto, ir para a luz, sair das trevas, ouvindo a voz do medicamento empregado pelo sábio, de sorte que já andando na luz e exultante, digas: "Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante" (Fl 3,13). Não disse: Esquecendo-me do que fica para trás e alegrando-me com as coisas presentes. Quando declara: "Esquecendo-me do que fica para trás", não tapa o ouvido com a cauda. E

quando fala: “Avançando para o que está diante”, não ensurdece com os bens presentes. Com razão ouve, com razão prega, exulta com a língua, anunciando a verdade sob nova luz, depois de tirar a velha túnica. E para isso vale a astúcia da serpente, que o Senhor nos exorta a imitar. “Sede prudentes como as serpentes” (Mt 10,16). Que significa: “prudentes como as serpentes?” Apresenta teus membros todos a quem te fere, contanto que conserves a cabeça íntegra. “A Cabeça de todo homem é Cristo” (1Cor 11,3). Mas ele sente o peso de certa pele, a vetustez do velho homem. Ouve como se exprime o Apóstolo: “Despindo-vos do velho homem, e revestindo-vos do novo” (cf Cl 3,9.10). Perguntas: Como posso despir o velho homem? Imita a astúcia da serpente. Como faz a serpente para tirar a velha pele? Entra por um buraco apertado. E onde vou encontrar esse buraco apertado? Ouve: “Estreito e apertado é o caminho que conduz à vida. E poucos são os que o encontram” (Mt 7,14). Tens medo dele e não queres andar, porque são poucos a caminhar por ele? Ali se deve despir a velha túnica; em outra parte não se pode tirá-la. Mas se queres ser impedido, sentir peso, ser oprimido por causa da antiga vida, não ingresses no caminho estreito. Se estás onerado por teus antigos hábitos maus e por tua vida passada, não podes passar. Uma vez que o corpo corruptível pesa sobre a alma (cf Sb 9,15), ou não oprimam os desejos do corpo, ou sejam tiradas as concupiscências carnais. Como podem ser repelidas, se não fores pelo caminho estreito, se não te tornares prudente como a serpente?

**11** [7] “Deus lhes quebrou os dentes na própria boca”. De quem? Daqueles cuja fúria é semelhante à da serpente e à da víbora que tapa os ouvidos, para não ouvir a voz do encantador, e a do medicamento ministrado pelo sábio. Que lhes fez o Senhor? “Quebrou-lhes os dentes na própria boca”. Assim sucedeu; assim se fez antes, e faz-se agora. Mas bastaria, meus irmãos, dizer: “Deus lhes quebrou os dentes”. Por que ainda: “na própria boca?” Eles não queriam ouvir a Lei, não queriam ouvir os preceitos da verdade dados por Cristo. Eles, os fariseus, assemelhavam-se àquela serpente e à víbora. Compraziam-se nos pecados passados, e não queriam deixar a vida presente, isto é, as alegrias terrenas, pelas alegrias eternas. Tapavam um dos ouvidos com o deleite das coisas passadas e o outro com o prazer dos bens presentes. Por isso, não queriam ouvir. Pois, de onde provinha a objeção: “Se o deixarmos assim, os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação”? (Jo 11,48). Efetivamente não queriam perder seu lugar; colaram ao chão o seu ouvido e por isso não quiseram ouvir as palavras empregadas pelo sábio. Foi dito a propósito deles que eram avaros e amantes do dinheiro. Toda a sua vida, inclusive a passada, foi descrita pelo Senhor no evangelho. Quem ler atentamente o evangelho, descobrirá onde eles taparam ambos os ouvidos. Preste atenção V. Caridade. Que fez o Senhor? “Quebrou-lhes os dentes na própria boca”. Que quer dizer: “na própria boca?” Que eles proferiram sentença contra si mesmos, com sua própria boca. O Senhor forçou-os a pronunciar a sua própria sentença. Eles queriam caluniá-lo por causa do tributo. Ele não respondeu: É lícito pagar o tributo. Ou: Não é lícito pagar. E queria quebrar-lhes os dentes, com os quais estavam ávidos de morder; mas quis fazê-lo em sua própria boca. Se ele dissesse: Pague-se o tributo a César, os fariseus o caluniariam de ter

amaldiçoado o povo judaico, fazendo-o tributário. Devido a seu pecado, pagavam humilhados o tributo, conforme lhes fora predito na Lei. Diziam: Nós o apanharemos, como maldizente em relação a nosso povo, se nos mandar pagar o tributo. Se, porém, disser: Não deveis pagar, nós o prenderemos porque nos impediu sermos dedicados a César. Armaram este duplo laço para o Senhor, querendo apanhá-lo. Mas a quem atacavam? Àquele que sabia quebrar-lhes os dentes na própria boca. Disse-lhes: “Mostrai-me a moeda do imposto. Hipócritas! Por que me pondes à prova”? (Mt 22,17-21). Estais cogitando de pagar o tributo? Quereis agir segundo a justiça? Procurais um conselho justo? “Falais verdadeiramente segundo a justiça? Julgai com retidão, ó filhos dos homens”. Agora, porém, que dizeis uma coisa e julgais outra, sois hipócritas. “Por que me pondes à prova?” Agora quebrar-vos-ei os dentes na própria boca: “Mostrai-me a moeda do imposto”. E eles lhe apresentaram. Ele não lhes disse: É de César; mas interroga-os: “De quem” é, para quebrar-lhes os dentes na própria boca. Com efeito, tendo ele perguntado de quem era a imagem e a inscrição, eles responderam que era de César. Agora o Senhor já lhes quebra os dentes na própria boca. Já respondestes, já estão quebrados os dentes em vossa boca. “Devolvei o que é de César a César, e o que é de Deus a Deus”. César reclama a sua imagem; devolvei-a! Deus reclama a sua; devolvei-a! por vossa culpa não perca César a sua moeda; em vós não perca Deus a sua. E eles não encontraram o que responder. Haviam sido enviados para caluniá-lo; e voltaram declarando que ninguém tinha resposta a lhe dar. Por quê? Porque seus dentes foram quebrados na própria boca.

**12** Daí também procede a outra palavra: “Com que autoridade fazes estas coisas? E eu vou propor-vos uma só questão. Respondei-me”. A questão era relativa a João: De onde vinha o batismo de João, se do céu, ou dos homens. Qualquer resposta que dessem, seria contra eles. Não quiseram responder: Dos homens, receando serem apedrejados, porque todos consideravam João como profeta. Tinham maior medo de declarar: Do céu, para não confessarem que ele era o Cristo, porque João o anunciara. Sob pressão de ambos os lados, cercados daqui e dali, os que estavam dispostos a acusá-lo de um crime, responderam que ignoravam: “Não sabemos”. Estavam prontos a caluniar, quando perguntaram: “Com que autoridade fazes estas coisas?” Se ele respondesse: Sou o Messias, eles o atacariam como sendo arrogante, soberbo, sacrílego. Não quis dizer: Sou o Messias, mas fez perguntas sobre João, que afirmara ser ele o Cristo. Os fariseus não ousaram censurar a João, com receio de serem mortos pelo povo. Não ousaram asseverar: João falou a verdade, para não ouvirem a objeção: Acreditai, então, nele. Calaram. Disseram que não sabiam. Já não podiam morder. Porque não podiam? Já vos ocorre a resposta: Seus dentes foram quebrados na própria boca (cf Mc 11,28-33).

**13** O fariseu que convidara o Senhor para almoçar com ele, ficou aborrecido porque ele permitiu à mulher pecadora aproximar-se de seus pés. E murmurou contra ele: “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca”. Ó tu que não és profeta, como sabes que ele ignora qual a mulher que está a seus pés? Ele suspeitou isso acerca do Senhor porque ele não observava a lei de pureza dos judeus. Eles a

observavam exteriormente na carne, mas a apartavam do coração. O Senhor, contudo, que conhecia os pecados da mulher, e também auscultava os pensamentos de seu hospedeiro, respondeu como sabeis. E para não me deter nisto, ele quis quebrar os dentes dele na própria boca. Propôs-lhe então a parábola: "Um credor tinha dois devedores; um lhe devia duzentos denários e o outro cinqüenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?" O Senhor pergunta para que o fariseu responda; ele responderá de sorte que seus dentes sejam quebrados na própria boca. Ele respondeu, cheio de confusão, e foi excluído. Mas foi admitida aquela que irrompera na casa alheia a receber a misericórdia. Não lhe era alheio o Deus do qual se aproximara: "O Senhor quebrou-lhe os dentes na própria boca" (cf Lc 7,39-50).

**14** "O Senhor despedaçou os maxilares dos leões". Não somente os das víboras. Como agem as víboras? Elas procuram insidiosamente instilar o veneno, espalhá-lo pelo corpo e sibilar. Os povos enfureceram-se abertamente e encarniçaram-se como leões. "Por que as nações se agitaram e os povos tramaram em vão?" (Sl 2,1). Quando armavam insídias ao Senhor, dizendo: "É lícito pagar imposto a César, ou não?" eram víboras, eram serpentes; os dentes deles foram quebrados na própria boca. Depois gritaram: "Crucifica-o, crucifica-o"! (Mt 27,23; Jo 19,6). Já não se trata de língua de víbora, mas de frêmito de leão. Mas também o "Senhor despedaçou os maxilares dos leões". Talvez não caibam aqui as palavras que não acrescentou: na própria boca. Os que agiam insidiosamente, com perguntas capciosas, foram coagidos a responder, e assim serem vencidos; estes, porém, que abertamente se encarniçavam, precisariam ser convencidos por perguntas? No entanto, também os seus maxilares foram quebrados: Cristo crucificado ressuscitou, subiu ao céu, foi glorificado, é adorado por todos os povos, adorado por todos os reis. Agora se enfureçam os judeus, se possível. Mas não se encarniçam. "O Senhor despedaçou os maxilares dos leões".

**15** Também relativamente aos hereges, temos dessas provas e experiências. Decobrimos que são serpentes surdas de raiva, recusando ouvir o medicamento ministrado pelo sábio; também na própria boca o Senhor quebrou os dentes deles. Como não se enfureciam contra nós, criticando por que nos consideravam perseguidores, uma vez que os excluíamos das basílicas. Agora, interroga-os: Os hereges devem ser expulsos das basílicas, ou não devem? Respondam agora. Dizem que não devem. Então os maximianistas reclamam as suas sedes. Para que os maximianistas não recuperem suas sedes, dizem que devem ser expulsos. Mas, que foi que dissestes contra nós? Não foram quebrados vossos dentes na boca? Eles dizem: Que nos importam os reis? Que nos importam os imperadores? Mas vós presumis do apoio dos imperadores. Igualmente eu vos pergunto: Que tendes a ver com os procônsules, enviados pelos imperadores? Que vos importam as leis promulgadas pelos imperadores contra vós? Os imperadores de nossa comunhão promulgaram leis contra todos os hereges; eles denominam hereges todos os que não estão em comunhão com eles. Vós estais neste número, de fato. Se as leis são autênticas, valham também contra vós, que sois hereges. Se são falsas, por que hão de valer contra vossos hereges? Irmãos, um pouco de atenção, e notai o que

dissemos. Quando os donatistas levantaram uma questão contra os maximianistas, a fim de expulsá-los de suas sedes, como condenados e cismáticos (e no entanto, eles ocupavam há muito tempo aquelas sedes, onde haviam sucedido a seus bispos), querendo expulsá-los dali, precisavam de leis públicas. Recorreram a juízes, dizendo-se católicos para poderem expulsar os hereges. Por que te dizes católico, com a finalidade de expulsar os hereges? Por que não és de preferência católico para não seres expulso como herege? Agora és católico a fim de conseguires excluir um herege. Pois, um juiz não poderia julgar senão segundo as leis. Declararam-se católicos e foi admitido o pleito. Acusaram os maximianistas de hereges. Devendo prová-lo, apresentaram as Atas do Concílio de Bagai, onde os maximianistas foram condenados. Foram inseridos nas Atas Proconsulares, e ficou provado que os condenados não deviam conservar suas sedes. O procônsul proferiu a sentença segundo a lei. Qual lei? A promulgada contra os hereges. Se é contra os hereges, é também contra ti. Responde o donatista: Por que contra mim? Não sou herege. Se não és herege, aquelas leis são falsas. Foram promulgadas por imperadores que não estão em comunhão contigo; todos os que não estão em comunhão com eles, suas leis chamam de hereges. Não quero saber se são verdadeiras ou falsas. A questão foi posta de lado, se ainda existe. Agora pergunto, conforme teu parecer: As leis são genuínas, ou são falsas? Se são verdadeiras, sejam aceitas; se falsas, por que as empregas? Disseste ao procônsul: Sou católico, expulsa o herege. Ele pediu provas de que fosse herege. Aludiste a teu concílio e mostraste porque o tinhas condenado. Ele, conivente, ou sem entender bem, aplicou a lei, como juiz. Fizeste do juiz o que não queres que te seja feito. Pois, se o juiz empregou a lei do imperador segundo sugeriste, porque não a usas para tua correção? Aí está. Expulsou o herege, de acordo com a lei de seu imperador. Por que não queres que te expulse pela mesma lei? Repetimos o que fizestes. As sedes pertenciam aos maximianistas, agora estais de posse delas; foram expulsos delas os maximianistas. Constam as ordens dos procônsoles, as memórias das Atas. Tomam-se guardas, as cidades se abalam, e eles são expulsos de suas sedes. Por quê? Porque são hereges? Em virtude de que lei são expulsos? Responde. Vejamos se ainda não foram quebrados vossos dentes na própria boca. A lei é falsa? Não seja válida contra teu herege. É autêntica? Seja válida também contra ti. Os donatistas não têm o que responder. "Deus lhes quebrou os dentes na própria boca". Por esta razão, onde não podem serpear com a lúbrica falácia, como as víboras, enfurecem-se com violência manifesta como os leões. As turbas armadas dos circunceliões irrompem e encarniçam-se; devastam quanto podem, o mais possível. Mas também "o Senhor despedaçou os maxilares dos leões".

1 Assim diziam os donatistas

2 Marsos eram habitantes do Lácio dados à adivinhação.

3 Isto é, os donatitas.

**16** [8] "Dissipar-se-ão como a água que se escoa". Não vos atemorizem, irmãos, certos rios chamados torrentes; enchem-se com as águas do inverno. Não temais. Logo passam.

A água se escoa, tumultua um pouco. Logo cessará. Não podem durar muito. Muitas heresias já desapareceram. Escoaram-se em rios quanto puderam, decorreram. Os rios secaram. Mal se encontra lembrança deles, ou mesmo que existiram. “Dissipar-se-ão como a água que se escoa”. Mas, não somente eles. O mundo todo faz ruído por algum tempo, buscando a quem atrair. Todos os ímpios, todos os soberbos fazem muito ruído, batendo contra os rochedos de sua soberba, quais águas que fluem e refluem. Não vos atemorizem. São águas hibernais, que não podem manar continuamente. Forçosamente correram para seu lugar, sua meta. E no entanto o Senhor bebeu desta torrente do mundo. Sofreu aqui, bebeu da própria torrente; mas bebeu no caminho, de passagem, porque não se deteve no caminho dos pecadores (cf Sl 1,1). Mas, o que fala a seu respeito a Escritura? “Beberá da torrente no caminho; por isso levantará a cabeça” (Sl 109,7), isto é, foi glorificado porque morreu; ressuscitou porque sofreu. Se não tivesse querido beber da torrente no caminho, não morreria; se não morresse, não ressurgiria; se não ressurgisse, não seria glorificado. Portanto, “beberá da torrente no caminho; por isso levantará a cabeça”. Nossa Cabeça já foi exaltada; os membros a seguirão. “Dissipar-se-ão como a água que se escoa. Entesou o arco até caírem suas forças”. As ameças de Deus não cessam. Arco de Deus são suas ameaças. Entesou o arco; ainda não feriu. “Entesou o arco até caírem suas forças”. Muitos perderam as forças, atemorizados com o arco entesado. Foi por isso que perdeu as forças o Apóstolo, que disse: “Que devo fazer, Senhor?” E ele respondeu: “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem persegues” (At 22,10.8). Jesus, que clamava do céu, entesava o arco. Muitos foram os inimigos, mas perderam as forças, e convertidos não levantaram mais a cabeça contra o arco que permanecia entesado. Pois, assim perdeu as forças aquele que disse que não devemos ter medo de as perdermos: “Quando sou fraco, então é que sou forte”. Que resposta teve quando pediu que lhe fosse retirado o aguilhão na carne?” É na fraqueza que a força se perfaz” (2Cor 12,10.9). “Entesou o arco até caírem suas forças”.

**17** [9] “Desaparecerão como a cera derretida”. Ías dizendo: “Nem todos perdem as forças, como eu, a fim de acreditarem; muitos perseveram em seu pecado e sua malícia. Nada receies da parte deles: “Desaparecerão como cera derretida”. Não se porão de pé contra ti, não perdurarão. Hão de perecer devido ao fogo de suas concupiscências. Aqui na terra existe uma pena oculta; dela falará o salmo daqui até o fim. São poucos versículos. Sede atentos. Existe uma pena futura, o fogo da geena, o fogo eterno. Há duas espécies de penas no futuro. Uma é a dos infernos, onde ardia aquele rico, que pedia fosse-lhe molhada a língua com uma gota d’água no dedo do pobre, que antes desprezara, quando se achava diante de sua porta. Disse: “Pois estou torturado nesta chama” (Lc 16,24). Outra é a final, a propósito da qual ouvirão os que serão colocados à esquerda: “Ide para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). As duas penas se manifestarão, uma quando alguém deixar esta vida, e a outra no fim do mundo, quando vier a ressurreição dos mortos. Agora, então, não há castigo algum, e Deus deixa os pecados impunes até aquele dia? Existe também aqui na terra um castigo oculto; dele agora vamos tratar. O Espírito de Deus a relembra. Devemos entendê-la, precavermo-

nos dela, evitá-la, para não cairmos nas outras penas, muito terríveis. Talvez alguém me diga: aqui também há castigos: cárceres, exílios, tormentos, mortes, diversas espécies de dores e tribulações. Existem, sim, estas penas, e são distribuídas por juízo de Deus; mas muitas servem para prova, muitas para condenação. Vemos, com efeito, muitas vezes, os justos serem afligidos por estas penas, e os injustos delas estarem isentos; por isso, vacilaram os pés daquele que depois se alegrava: "Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração! Os meus pés quase escorregaram, ao ter inveja dos maus e ao observar a paz dos pecadores" (Sl 72,1.2.3). Vira a felicidade dos maus e o mau se deleitava de ser dos maus, vendo que eles reinavam, que tudo lhes corria bem, terem fartura de bens temporais, assim como ele, sendo ainda pequenino, desejava obter do Senhor; e seus pés vacilaram, até que visse o que se podia esperar ou temer para o fim. Disse ele, no mesmo salmo: "Refleti para compreender esse problema. Pareceu-me penosa tarefa. Até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sua sorte" (Sl 72.16.17). Por conseguinte, não sei bem que penas da vida presente quer relembrar o Espírito de Deus, e não falar das penas do inferno, nem das penas do fogo eterno depois da ressurreição, nem dos castigos que ainda neste mundo sofrem indistintamente justos e injustos e mais pesadas às vezes os justos do que os injustos. Notai, ouvi o que vou dizer e que já sabeis. Mas é mais agradável quando se mostra no salmo, o qual anteriormente parecia obscuro. Eis que vou falar o que já sabeis; mas porque eu o retiro de onde não o vias, mesmo o que é conhecido agrada como se fosse novidade. Ouvi qual a pena dos ímpios: "Desaparecerão como a cera derretida". Declarei que isto se dá devido a suas concupiscências. A concupiscência é como o ardor do fogo. O fogo consome as vestes; o desejo de adultério não consome a alma? De um adultério planejado, diz a Escritura: "Pode alguém carregar fogo consigo sem queimar a própria roupa"? (Pr 6,27-29). Carregas brasas contigo no manto e a túnica é perfurada; trazes o adultério no pensamento, e a alma continua íntegra?

**18** Mas são poucos os que vêem estas penas; por isso é que, de modo especial, o Espírito de Deus as relembra. Ouve como fala o Apóstolo: "Por isso Deus os entregou aos desejos dos seus corações". Aí está o fogo, diante do qual como cera derretem-se. Eles deixam a constância da castidade; por isso os que seguem seus maus desejos são chamados dissolutos e frouxos. Por que frouxos? Por que dissolutos? Devido ao fogo das concupiscências. "Por isso Deus os entregou aos desejos de seus corações, para praticarem ações aviltantes". E enumera muitos pecados, dizendo que são castigo dos pecados. Declara que o primeiro castigo é a soberba; ou antes, não é castigo, mas o principal pecado. A soberba é o pecado primordial; o último castigo é o fogo eterno, ou fogo do inferno: pois é próprio dos condenados. Entre o pecado primordial e a última pena, no meio existem pecados que são também castigo. O Apóstolo nomeia pecados detestáveis; contudo, denomina-os penas. "Deus os entregou aos desejos de seus corações, à impureza, para praticarem ações aviltantes". Para que alguém não pensasse que só o aflige, qual castigo, aquilo com que agora se deleita, e não receasse que há de vir no fim, o Apóstolo se refere ao último castigo: "Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as

fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam. Dignos de morte os que praticam"; o quê? O que foi enumerado acima entre os castigos. "Pois, Deus os entregou aos desejos de seus corações, para praticarem ações aviltantes". Ser adúltero já é um castigo; ser mentiroso, avaro, fraudulento, homicida já são castigos. Castigos de que pecado? Da primeira apostasia, a soberba. "O princípio do pecado do homem é o afastar-se de Deus; e a soberba é o princípio de todo pecado" (Eclo 10,14.15). Por isso referiu-se antes ao próprio pecado: "Tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas". O obscurecimento do coração já é uma pena. Mas de onde veio? "Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos". Diziam originar-se de si mesmos o que haviam recebido de Deus; ou se sabiam de quem haviam recebido, não lhe deram glória, embora soubessem de quem tinham recebido; isto é o que significa: "Jactando-se de possuir a sabedoria". E logo receberam o castigo: "Tornaram-se tolos e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos" (cf Rm 1,21-29). Tal pena é insignificante? Para falarmos somente desta, o obscurecimento do coração, a mente obcecada seria pena insignificante? Se alguém que praticasse um furto, logo perdesse os olhos, todos diriam que Deus presente o havia castigado. O pecador perdeu os olhos do coração, e julgar-se-ia que Deus o poupou! "Desaparecerão como a cera derretida".

**19** "Do alto caiu fogo sobre eles e não viram mais o sol". Vede como se refere a certa pena de escuridão. "Do alto caiu fogo", fogo da soberba, fogo fumegante, fogo da concupiscência, fogo da cólera. De que tamanho? Aquele sobre o qual caiu não verá mais o sol. Por isso, foi dito: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira" (Ef 4,26). Por conseguinte, irmãos, temei o fogo da concupiscência, se não quereis derreter como cera, e perecer longe da face de Deus. Pois, este fogo cai do alto e não vereis mais o sol. Qual? Não este sol visível aos animais, às moscas, aos bons e aos maus, porque Deus faz seu sol nascer para bons e maus (cf Mt 5,45). Mas trata-se de outro sol, a propósito do qual dirão os pecadores: "Para nós não nasceu o sol. Tudo isso passou como uma sombra. Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol" (Sb 5,6.9). Por que isso, senão visto que "do alto caiu fogo sobre eles e não viram mais o sol?" Venceu-os a concupiscência da carne. E donde se originou esta concupiscência? Atenção. Por tua origem, nasceste com aquilo que deves vencer. Não aumentes teus inimigos. Vence aquele com o qual nasceste. Vieste ao estádio desta vida com ele; luta com aquele que avançou contigo. Se ele não está vencido, por que provocas a caterva das concupiscências? O deleite carnal, irmãos, nasce com o homem. Mas o que é bem educado, logo vê o inimigo, ataca-o, luta e logo vence; ele é capaz disso, enquanto os inimigos não crescerem. Aquele, porém que descuida de vencer a concupiscência, com a qual devido ao pecado original nasceu, e excita e suscita além disso muitas paixões, dificilmente as supera, e dividido contra si mesmo, queima-se no próprio fogo. Por isso, não esperes as penas futuras, como se fossem as únicas. Vê as presentes. "Do alto caiu fogo sobre eles e não viram mais o sol".

**20** [10] "Antes que as sarças produzam espinhos, como a seres vivos", ele os devorará em sua ira. Que é sarça? É uma espécie de espinheiro, carregado de espinhos. Primeiro é uma erva, e enquanto é tal é macia e bela; no entanto depois brotam dali os espinhos. No momento, portanto, os pecados deleitam e quase não espetam. A sarça é uma erva, mas depois vêm os espinhos. "Antes que as sarças produzam espinhos", antes que manifestos tormentos derivem dos infelizes prazeres e volúpias. Interroguem-se os que amam alguma coisa, sem poder alcançá-la. Vejam se não são torturados pelo desejo; e quando obtiveram o que desejam ilicitamente, observem se não se atormentam com o temor. Notem, portanto, suas penas, antes que venha a ressurreição, quando não serão mudados em seu corpo ressuscitado. "Todos morreremos, mas nem todos seremos transformados" (1Cor 15,51). Efetivamente, os condenados terão um corpo corruptível que lhes cause dor, mas não a morte; de outra forma também aquelas dores terminariam. Então os espinhos daquela sarça, isto é, todas as dores e pontadas dos tormentos brotarão. Que espinhos não sentirão aqueles que haverão de dizer: "São aqueles de quem outrora nos ríamos"? (Cf Sb 5,3). Os espinhos da compunção e penitência, mas tardios e inúteis, como os estéreis espinhos. A penitência atual é a dor medicinal; o arrependimento de então será dor do castigo. Não queres sofrer daqueles espinhos? Arrependete agora com os espinhos da penitência, de sorte a fazeres o que foi dito em outro salmo: "Revolvia-me em minha dor, enquanto o espinho era pungente. Reconheci o meu delito e não dissimulei minha injustiça. Disse: Confessarei contra mim mesmo ao Senhor a minha injustiça, e perdoas-te a impiedade de meu coração" (Sl 31,4-6). Age assim agora, arrepende-te; não te suceda o que foi afirmado de alguns homens detestáveis: "Dispersaram-se, mas não com arrependimento" (Sl 34,16). Vedes alguns dispersos, mas não contritos. Estão fora da Igreja e não se arrependem. Riem por estarem separados. A sarça poste-riormente há de produzir espinhos. Agora não querem ter a compunção medicinal; terão depois a penal. Mas mesmo agora, antes que as sarças produzam espinhos, do alto caiu fogo sobre eles e não viram mais o sol. Como a seres vivos, Deus os devorará em sua ira. O fogo das concupiscências, das honras vãs, da soberba, de sua avareza; e em que os oprimem? Para que não conheçam a verdade, não pareçam vencidos, e nem mesmo a verdade os submeta. Que existe de mais glorioso, irmãos, do que estar submisso, ser vencido pela verdade? Deixa-te de bom grado ser superado pela verdade; pois mesmo contra tua vontade ela te há de superar. De fato, aquele fogo das concupiscências, que cai do alto para que não vejam mais o sol, devora a sarça antes que produza espinhos, isto é, oculta a má vida deles antes que a mesma vida dê à luz os tormentos que se revelarão no fim do mundo; mas, devido a ira de Deus, a sarça fica escondida neste fogo. Não é pequeno castigo para os pecadores não verem o sol agora, nem acreditarem que esta vida má produzirá depois para eles os espinhos das penas. Vós, diz o salmista, sois sarças; estas, quer dizer, vós mesmos que estais vivos, isto é, ainda estais na vida presente, antes que as sarças produzam os espinhos de vossos castigos no futuro juízo, de modo manifesto, agora sois devorados na ira, isto é, ela de certa maneira vos absorve e não vos deixa aparecer. Aqui, portanto, a meu ver, a ordem mais clara das palavras é a seguinte: "Caiu fogo sobre eles e não viram mais o sol; este

fogo, como que em sua ira, como a seres vivos, vos devorará a vós, sarças, antes que produzais espinhos". Quer dizer, a vós, sarças, ele encontrou, devorou antes da morte, antes que as mesmas sarças após a morte produzam vossos espinhos, naquela ressurreição, para vosso castigo. Porque o salmista não diz: seres vivos, mas: "como a seres vivos", senão porque é falsa esta vida dos ímpios? Efetivamente, eles não vivem, mas pensam que vivem. E por que não diz: em sua ira, mas: "como que em sua ira", senão porque Deus assim age com tranqüilidade? Pois, também está escrito: "Mas tu, Senhor das virtudes, julgas com tranqüilidade" (Sb 12,18). Ele, portanto, não se irrita, mesmo quando ameaça. Efetivamente, não se perturba, mas parece irar-se, porque pune e vinga. E os que não querem se corrigir, parecem viver, mas não vivem. A retribuição do primeiro pecado e daqueles que se acrescentaram, cairá sobre eles. Ela se denomina ira de Deus, porque provém de seu julgamento. Daí dizer o Senhor sobre o infiel: "A ira de Deus permanece sobre ele" (Jo 3,36). Nós, mortais, nascemos sob a ira de Deus. Daí declarar o Apóstolo: "Éramos por natureza como os demais, filhos da ira" (Ef 2,3). Que significa: "por natureza filhos da ira", a não ser que trazemos conosco a pena do primeiro pecado? Mas, se nos convertemos, a ira se retira, e apresenta-se a graça. Se não queres te converter, aumentas aquele mal com que nasceste; como que pela ira de Deus serás devorado no presente.

**21** [11] Reconhecei, portanto, qual é esta pena e alegrai-vos, por não serdes sujeitos a ela, todos vós que progredis, todos vós que entendeis e amais a verdade, todos que preferis a vitória da verdade à vossa, que não tapais os ouvidos diante da verdade, e nem com deleite atual, nem com a recordação dos prazeres passados vos torneis como o cão que volta a seu vômito (cf Pd 2,22). Todos vós que sois desses tais, vede o castigo dos que não o são, e alegrai-vos. As penas do inferno ainda não chegaram, ainda não veio o fogo eterno. Compare-se o que progrediu agora no caminho de Deus com o ímpio, o coração cego com o coração que foi iluminado. Comparai os dois: o vidente e o cego carnal. E que importância tem a visão da carne? Acaso Tobias tinha olhos carnais? Seu filho os tinha e ele não; e no entanto, o cego mostrava ao vidente o caminho da vida (cf Tb 4,1). Por conseguinte, ao virdes este castigo, alegrai-vos por não terdes de sofrê-lo. É por isso que diz a Escritura: "Alegrar-se-á o justo ao ver o castigo dos ímpios". Não se trata do castigo futuro, pois assim continua: "Lavará as mãos no sangue dos malvados". Que significa isto? V. Caridade preste atenção. Acaso quando se ferem os homicidas, devem os inocentes ir no seu sangue lavar as mãos? Mas que quer dizer: "Lavará as mãos no sangue dos malvados?" O justo aperfeiçoa-se ao ver o castigo dos pecadores; a morte de um aproveita à vida do outro. Se espiritualmente corre o sangue daqueles que morrem interiormente, tu, ao vires tal castigo, lava ali as tuas mãos. De resto, vive mais puramente. E como lavará suas mãos, se é justo? Que impureza tem nas mãos para lavar, se é justo? Mas o justo vive da fé (cf Rm 1,17). Denomina, portanto, justos, os fiéis. Se começaste a acreditar, já és chamado justo. Pois, realizou-se a remissão dos pecados. Embora no restante da vida existam pecados que não podem deixar de refluir como a água do mar para o esgoto do navio, por assim dizer, no entanto, como tens fé,

ao vires alguém inteiramente afastado de Deus morrer naquela cegueira, e assim do alto cair fogo sobre ele, de sorte que não vê mais o sol, tu, que já pela fé contemplas a Cristo, a fim de vê-lo um dia face a face (porque o justo vive pela fé), observa como morre o ímpio, e purifica-te de teus pecados. Assim, de certo modo lavarás as mãos no sangue do pecador. Por conseguinte, "lavará as mãos no sangue dos malvados".

**22** [12] "E dir-se-á: Há recompensa para o justo". Eis que antes de vir o que é prometido, antes que se dê a vida eterna, antes que os ímpios sejam lançados no fogo eterno, aqui nesta vida há recompensa para o justo. Que recompensa? "Alegrando-nos na esperança, perseverando na tribulação" (Rm 12,12). Qual a recompensa do justo? "Nós nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,3-5). O ébrio se alegra, e não se alegrará o justo? Na caridade está a recompensa do justo. Aquele é infeliz, mesmo quando se inebria; este é feliz, até quando passa fome e sede. Aquele se embriaga com o vinho; este se alimenta de esperança. Veja, pois, o justo o castigo daquele, sua alegria, e pense em Deus. Este que agora concedeu tal alegria pela fé, a esperança, a caridade, a verdade das suas Escrituras, que alegria não prepara para o fim! Se assim alimenta no caminho, como não saciará na pátria! "E dir-se-á: há recompensa para o justo". Sim, acreditem os que vêem, e vejam para entender. "Alegrar-se-á o justo ao ver o castigo dos ímpios". Se, porém, não tiver olhos para ver a recompensa, constristar-se-á e não se corrigirá por causa dela. Se, ao contrário a considerar, compreenderá a diferença entre um olho turvo do coração e um olho iluminado do coração; entre o refrigério da caridade e a chama da luxúria; entre a segurança que trás a esperança e o temor proveniente do crime. Ponderando estas coisas, distinguirá o que é seu e lavará as mãos no sangue do malvado. Aproveite muito com a comparação, e diga: "Há recompensa para o justo. Sim, existe um Deus que faz justiça sobre a terra". Ainda não na outra vida, ainda não no fogo eterno, ainda não no inferno, mas aqui na terra. Eis que aquele rico ainda se veste de púrpura e linho fino, e ainda se banqueteia lautamente cada dia. A sarça ainda não produziu espinhos. Ele ainda não diz: "Estou torturado nesta chama (Lc 16,19.24). Mas já existe a cegueira de espírito, e o olho da mente já se extinguiu. Se chamarias de infeliz o cego quanto aos olhos corporais, que estivesse a sua mesa, por mais lauta que fosse, será feliz o que é cego no seu interior e não vê o pão de Cristo? Não o diria senão que fosse igualmente cego. Portanto, "há recompensa para o justo. Sim, existe um Deus que faz justiça sobre a terra".

**23** Perdoai se fomos um tanto prolixos. Em nome de Cristo, exortamo-vos a que, tendo ouvido tudo isto, cuideis da retribuição. Pregar a verdade nada é se o coração discorda da língua; e nada aproveita ouvir a verdade, se não se edificar sobre a pedra (cf Mt 7,24-26). Edifica sobre a pedra quem ouve e pratica; quem ouve e não pratica edifica sobre areia; quem não ouve nem pratica, nada constrói. Mas como aquele que edifica sobre areia prepara a ruína para si mesmo, assim quem não constrói sobre pedra, quando vem

a enchente, é carregado para fora de casa. Não há outra coisa a fazer senão edificar, e edificar sobre pedra; isto é, ouvir e fazer. Que não se diga: Para que ir à igreja? Os que vão todos os dias à igreja, não fazem o que ouvem. Cuidam, no entanto, de ouvir; assim pode acontecer que ouçam e pratiquem. Tu, porém, quão distante estás da prática, uma vez que tanto foges para não ouvir? Mas, responde ele, eu não edifico sobre areia. A enchente te encontrará desprevenido. E então, não te carregará? E a chuva não pode matar? E o vento, por isso, não arrebatará? Portanto, virei para ouvir, virei para ouvir. Mas ao ouvires, pratica. Pois se ouvires e não fizeres, de fato construíste, mas sobre areia. Se nós, sem casa, estamos desprotegidos, dentro de um edifício construído sobre areia estamos ameaçados de ruína. Só nos resta o recurso de edificar sobre pedra: fazer o que ouvimos.

# SALMO 58

## I SERMÃO

**1** Costuma a Escritura aludir nos títulos dos salmos aos mistérios neles contidos e ornar seu frontispício com sublimes sacramentos, para penetrarmos no seu significado como se lêssemos no título afixado a uma casa o que se encerra lá dentro, ou de quem é a casa, qual o dono da propriedade. Assim este salmo tem no título o sentido de um título: "Para o fim. Não destruas. De Davi. Inscrição do título". Como disse, o título trata de uma inscrição. Qual é a inscrição do título que o salmo ordena não destruir? Indica-nos o evangelho. Pois, ao ser o Senhor crucificado, Pilatos mandou colocar na cruz um título, escrito em três línguas: hebraico, grego e latim: "Rei dos judeus" (Lc 23,38). São as línguas principais, no mundo todo. Por conseguinte, se o rei dos judeus foi crucificado, se os judeus crucificaram seu rei, com isto, mais do que matá-lo, fizeram dele também o rei dos gentios. Efetivamente, enquanto dependia deles, perderam o Cristo para si, não para nós. Ele morreu por nós, e nos remiu com seu sangue. Agora o título não foi destruído, porque ele é rei, não só dos gentios, mas ainda dos próprios judeus. Que aconteceu? Com a sua contradição puderam eliminar o domínio de seu rei? Ele é rei também deles. Pois, aquele rei tem um cetro de ferro para reger e quebrar. Diz o salmo segundo: "Eu, porém, fui por ele constituído rei em Sião, sua montanha santa para pregar o mandamento do Senhor. Disse-me o Senhor: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Pede-me e dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra. Hás de governá-las com cetro de ferro e esmigalhá-las qual vaso de argila" (Sl 2,6-9). A quem ele rege? Quais ele esmaga? Rege os obedientes, esmigalha os que resistem. Portanto: "Não destruas. Ótimo e profético! Com efeito, aqueles judeus então sugeriram a Pilatos: Não escrevas: O rei dos judeus, mas: Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus"; pois, este título, diriam eles, confirma que é nosso rei. Pilatos respondeu: "O que escrevi, está escrito" (Jo 19,21-22). E cumpriu-se a palavra: "Não destruas".

**2** Não é somente este salmo que tem esta inscrição a exigir que o título não seja destruído. Alguns salmos trazem no começo esta anotação (cf Sl 56-58); em todos eles a paixão do Senhor é profetizada. Por conseguinte, também aqui entendamos que se trata da paixão do Senhor, e falem-nos Cristo Cabeça e corpo. Assim sempre, ou quase sempre ouçamos as vozes de Cristo nos salmos. Neles contemplamos não somente a Cabeça, o único mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que, segundo a divindade, no princípio era o Verbo, e Deus junto de Deus, Verbo que se fez carne, e habitou entre nós, carne da descendência de Abraão, da descendência de Davi nascido da virgem Maria (cf 1 Tm 2,5; Jo 1,1.14; Mt 1,1). Não pensemos, portanto, somente naquele que é nossa Cabeça ao ouvirmos falar o nome de Cristo, mas cogitemos em Cristo Cabeça e corpo, homem total. Declarou-nos o Apóstolo Paulo: "Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros" (1Cor 12,27). Igualmente o mesmo Apóstolo afirma

dele que é a Cabeça da Igreja (cf Ef 1,22; Cl 1,18). Se ele é, portanto, a Cabeça, e nós somos o corpo, o Cristo total é Cabeça e corpo. Por vezes, encontras palavras que não convêm à Cabeça, e teu intelecto ficará em dúvida se não as aplicares ao corpo; de outro lado, encontras palavras que não são adequadas ao corpo, e contudo Cristo as profere. Então, não é de se recear um erro; logo adiante-se a referir à Cabeça o que vê não convir ao corpo. Enfim, Cristo na cruz, falou em lugar do corpo: "Meu Deus, meu Deus, olha-me. Porque me desamparaste"? (Cl 21,2; Mt 27,46). Pois, não abandonara a Cristo aquele que não fora abandonado. Teria Cristo vindo até nós, abandonando-o, ou o Pai o teria enviado, afastando-se dele? Mas o homem fora abandonado por Deus, aquele Adão que ao pecar (enquanto anteriormente costumava alegrar-se com a face de Deus), atemorizado com a consciência de seu pecado, fugiu daquele que era a sua alegria; verdadeiramente deixou-o Deus, porque ele de Deus se afastou. Cristo, tendo assumido a carne da descendência de Adão, fala em lugar da mesma carne, porque então o velho homem, que somos nós, foi simultaneamente com ele crucificado (cf Gn 3,8; Rm 6,6).

**3** Ouçamos como continua o salmista: "Quando Saul mandou cercar sua **c**asa para o matar". Isto não se realizou quando o Senhor foi crucificado, contudo pertence à paixão do Senhor. Pois, Cristo foi crucificado, morto e sepultado. Aquela sepultura era uma espécie de casa; e para guardá-la os chefes dos judeus mandaram colocar guardas no sepulcro de Cristo (cf Mt 27,66). Há de fato uma história no livro dos Reis de quando Saul mandou cercar a casa para matar Davi (cf 1Rs 19,11). Mas em que medida hauriu dali quem escreveu o salmo é o que devemos discutir enquanto tratamos do título do salmo. Ele quis dizer apenas que Saul enviou guardas para cercar a casa e matá-lo? Se Davi figurava a Cristo, como então a casa foi cercada para matar a Cristo? Cristo só foi depositado no sepulcro depois de morrer na cruz. Isto, portanto, se refere ao corpo de Cristo. Matar a Cristo seria apagar o nome de Cristo, para que não se acreditasse nele. Isto aconteceria se prevalecesse a mentira dos guardas, que foram corrompidos a fim de dizerem que enquanto dormiam, os discípulos vieram e roubaram o corpo (cf Mt 28,13). Isto é, de fato, querer matar a Cristo: extinguir a lembrança de sua ressurreição, de sorte que a mentira prevalecesse sobre o evangelho. Mas como não se realizou o desejo de Saul de matar a Davi, também não puderam os chefes dos judeus fazer com que mais valesse o testemunho dos guardas adormecidos do que a dos apóstolos despertos. O que eles recomendaram aos guardas que dissessem? Eles prometeram: Nós vos daremos a quantia de dinheiro que quiserdes, para declarardes que enquanto dormíeis vieram os discípulos e roubaram o corpo. Eis que espécie de testemunhas de mentira contra a verdade e a ressurreição de Cristo seus inimigos, figurados por Saul, apresentaram. Interroga, ó infidelidade, a testemunhas que dormem; elas te respondam o que aconteceu no sepulcro. Se elas dormiam, como podiam saber? Se estavam acordadas, por que não prenderam os ladrões? Diga, pois, o salmista o que segue.

**4** [2] "Salva-me de meus inimigos, meu Deus, livra-me dos que se insurgem contra mim". Isto se realizou na carne de Cristo. Faça-se também em nós. Nossos inimigos, o diabo e seus anjos, não cessam cotidianamente de se insurgir contra nós, e de querer enganar a

nossa fraqueza e fragilidade, por meio de decepções, sugestões, tentações, e de armar toda espécie de ciladas, enquanto vivemos na terra. Mas, com nossa voz estejamos vigilantes junto de Deus, e clame pelos membros de Cristo, unidos à sua Cabeça, no céu: "Salva-me de meus inimigos, meu Deus, livra-me dos que se insurgem contra mim".

**5** [3] "Protege-me dos obreiros de iniqüidade, dos homens sanguinários defende-me". Eram, em verdade, homens san-guinários os que mataram o justo, no qual não encontraram culpa alguma; eram homens sanguinários aqueles que, querendo um pagão que lavara as mãos soltar a Cristo, clamaram: "Crucifica-o, crucifica-o"! Eram homens sanguinários aqueles que, ao lhes ser imputado o crime de derramar o sangue de Cristo, responderam, dando-o de beber a seus descendentes: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (cf Mt 27,23-25). Mas nem contra seu corpo deixaram de se levantar esses homens sanguinários, pois ainda depois da ressurreição e ascensão de Cristo a Igreja sofreu perseguições; e isto quanto àquela que primeiro brotou do meio da nação judaica, da qual sairam também os apóstolos. Ali, em primeiro lugar Estêvão foi apedrejado (At 7,58), e recebeu a coroa que tinha no nome. Pois Estêvão significa coroa. Humildemente apedrejado, mas de modo sublime coroado. Em seguida contra os gentios levantaram-se os reinos pagãos, antes de neles se cumprir a predição: "Adorá-lo-ão todos os reis da terra, todas as nações o servirão" (Sl 71,11). Lançou-se com ímpeto e ira aquele reino contra as tetemunhas de Cristo. Foi derramado em grande quantidade o sangue de muitos mártires. Deste sangue derramado, como uma grande semeadura surgiu abundante messe para a Igreja, e ocupou, como agora verificamos, todo o mundo. Foi libertado desses homens sanguinários Cristo; não só a Cabeça, mas também o corpo. Cristo é libertado destes homens sanguinários, que já existiram, que existem no presente e existirão no futuro. É libertado Cristo, que nos precedeu, que existe hoje e que há de vir. Pois Cristo é todo o corpo de Cristo. E todos os bons cristãos do presente, os que existiram antes de nós e que depois de nós hão de vir constituem o Cristo que se livra dos homens sanguinários. Nunca é inútil a palavra: "Dos homens sanguinários defende-me".

**6** [4] "Urdiram insídias contra minha vida". Puderam prender, puderam matar. "Urdiram insídias contra minha vida". Mas onde está a realização da palavra: "Rompeste as minhas cadeias"? (Sl 115,16). Onde: "Quebrou-se" o laço e fomos libertados? Como é que bendizemos a Deus "que não nos entregou como presa aos seus dentes"? (Sl 123,7.6). Eles urdiram insídias; mas não nos entregou como presa aos caçadores aquele que guarda Israel. "Urdiram insídias contra minha vida. Fortes precipitaram-se sobre mim". Não devemos passar por alto dessa expressão: fortes; com cuidado examinemos quais são estes fortes que se insurgem. Fortes contra quem, senão contra os fracos, inválidos, não fortes? E no entanto, louvam-se os fracos e condenam-se os fortes. Entenda-se quais são os fortes. Em primeiro lugar o Senhor chama de forte o próprio diabo: "Como pode alguém entrar na casa de um forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar"? (Mt 12,29). O Senhor amarrou, portanto, o forte com os vínculos de seu domínio; tirou-lhe os instrumentos e fê-los seus. Todos os malvados eram instrumentos

do diabo; começaram a crer e se tornaram instrumentos de Cristo. A eles diz o Apóstolo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor, a fim de que fossem conhecidas as suas riquezas para com os vasos de misericórdia” (Ef 5,8; Rm 9,23). Destes, portanto, podem ser dos fortes. Mas entre os homens existem alguns fortes, de uma fortaleza repreensível e condenável, que de fato presumem da felicidade temporal. Não vos parece que foi desses fortes o rico, há pouco citado no evangelho, cujas terras lhe deram superabundância de frutos? Preocupado, encontrou um plano para armazená-los. Destruiria os velhos celeiros e construiria outros novos maiores, e quando os terminasse diria a sua alma: “Tens uma quantidade de bens, ó minha alma, banqueteia-te, alegra-te, sacia-te” (cf Lc 12,16-19). Como é este forte? “Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas depositou confiança na fluência de suas riquezas”. Vê como é forte: “E prevaleceu-se de sua vaidade” (Sl 51,9).

**7** Há outra espécie de fortes, mas não devido às riquezas, nem às forças corporais, nem ao poder de alta dignidade temporal, mas que presumem de sua justiça. Acautelemo-nos desta espécie de fortes. São temíveis, detestáveis. Não os imitemos. Refiro-me aos que presumem de sua justiça, e não de sua força corporal, de suas riquezas, de sua estirpe, de suas honras. Quem não vê que tudo isto é temporal, fluxo, caduco, transitório? Mas que presumem de sua justiça. Tal fortaleza impediu que os judeus entrassem pelo buraco da agulha (cf Mt 19,21). Presumindo serem justos, e julgando-se sadios, recusaram o tratamento e mataram o próprio médico. O Senhor não viera para chamar tais fortes, firmes, conforme ele mesmo disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores à penitência”. Eram fortes os que atacavam os discípulos de Cristo, porque seu Mestre visitava os enfermos, e convivia com os fracos. Diziam: “Por que o vosso Mestre come com os publicanos e os pecadores”? (Mt 9,11-13). Ó fortes, que não necessitais de médico! Esta fortaleza não é saúde, mas loucura. Pois, nada é mais forte do que os frenéticos. Mais fortes do que os sãos. Mas quanto maiores são as suas forças, tanto mais perto está a morte. Deus nos livre de imitarmos estes fortes. Pois é de recear que alguém queira imitá-los. Mas, o Doutor da humildade, participante de nossa fraqueza e que nos deu participar de sua divindade, desceu para isto: ensinar-nos o caminho e fez-se ele mesmo o nosso caminho. Dignou-se recomendar-nos especialmente a sua humildade. Por isso, não menosprezou ser batizado pelo servo (cf Jo 14,6; Mt 3,13), a fim de nos ensinar a confessarmos nossos pecados, a nos fazermos fracos para sermos fortes, usando de preferência a palavra do Apóstolo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Do mesmo modo, portanto, que ele não quis ser forte. Aqueles, porém, que quiseram ser fortes, isto é, presumir de sua virtude como se fossem justos, tropeçaram na pedra (cf Rm 9,32). O Cordeiro pareceu-lhes um cabrito, e como tal o mataram, não merecendo assim ser redimidos pelo Cordeiro. Por conseguinte, eles são fortes, os que se lançaram contra Cristo, exibindo sua justiça. Ouvi como falam esses fortes. Perguntaram alguns hierosolomitanos àqueles que eles haviam enviado para prender a Cristo, e não ousaram fazê-lo (pois aquele que era na verdade forte foi preso quando quis): “Por que não o trouxestes? Responderam os guardas: Jamais um homem

falou assim!" Responderam os fortes: "Algum dos chefes ou dos fariseus por acaso acreditou nele? Mas este povo, que não conhece a lei…" (Jo 7,43-41). Propuseram-se à sua turba de homens enfermos que procuravam o médico. De que modo, senão por que eram fortes e com sua força, o que é mais grave, arrastaram toda a turba atrás de si, e mataram o médico de todos. Mas aquele que foi morto fez de seu sangue o remédio dos doentes. "Homens fortes precipitaram-se sobre mim". Notai os que são os mais fortes deles. E vede se de alguma coisa pode presumir o homem, quando nem mesmo da justiça se deve presumir. Podeis concluir onde jazem os que presumem das riquezas, das forças corporais, da nobreza da estirpe, da dignidade no século, se cai até quem presumir da própria justiça, como se fosse sua. "Homens fortes precipitaram-se sobre mim". Dentre estes fortes foi aquele fariseu que se gabava de suas forças, da seguinte forma: "Eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros, e nem como este publicano; jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos". Considera o forte que se gaba de suas forças; atende ao fraco, que, ao invés, está de pé ao longe, mas acha-se perto pela humildade. O publicano, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador! Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, mais do que o outro". Vê o que é a justiça: "Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 18,11-14). Irromperam estes fortes, isto é, os soberbos, que desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus (Rm 10,3).

**8** [5] Quem vem depois? "Não há em mim, Senhor, crime nem pecado". Precipitaram-se sobre mim os fortes, presumindo de sua justiça, precipitaram-se, mas em mim não encontraram pecado. Pois, de fato, aqueles fortes, isto é, que pareciam justos, como poderiam perseguir a Cristo, a não ser como se fosse pecador? No entanto, eles hão de verificar que são fortes pela intensidade da febre e não pela firmeza da saúde. Sentir-se-ão fortes e como se fossem justos encarniçam-se contra um pecador. Mas, ao contrário, "não há em mim, Senhor, crime nem pecado. Sem ter cometido injustiça corri e encaminhei-me". Aqueles fortes não conseguiram acompanhar minha corrida. Consideraram-me pecador, porque não perceberam minhas pegadas.

**9** [6] Sem ter cometido injustiça corri e encaminhei-me. Ergue-te, vem ao meu encontro e vê. Ele diz a Deus: "Sem ter cometido injustiça corri e encaminhei-me. Ergue-te, vem ao meu encontro e vê". Como é isto? Se não vir ao encontro, não pode ver? Seria como se andasses por um caminho, e não podendo de longe ser reconhecido por alguém, lhe gritasses: Vem cá e vê como estou andando; pois quando me observas de longe, não podes ver meus passos. Seria assim também que Deus, se não viesse ao encontro do salmista, não veria como ele se encaminhava, sem cometer injustiça, e que corria sem ter pecado? Poderíamos, com efeito, também entender: "Ergue-te, vem ao meu encontro", como sendo: Ajuda-me. O acréscimo: "e vê" pode-se entender do seguinte modo: Faze com que se veja que corro, faze com que se veja que me encaminho, conforme a expressão figurada, usada para com Abraão: "Agora sei que temes a Deus" (Gn 22,12).

Deus lhe diz: “Agora sei”, por que razão senão porque agora te fiz saber? Um desconhecido para si mesmo é cada um até que seja interrogado pela prova, como Pedro, presumindo de si, não se conhecia, e negando aprendeu a qualidade de suas forças. Na sua vacilação entendeu que havia presumido falsamente de si mesmo. Chorou e ao chorar, mereceu utilmente conhecer o que era, e vir a ser o que não tinha sido. Por conseguinte, Abraão foi provado, e conheceu-se a si mesmo. Deus lhe disse: “Agora sei”, isto é, agora te fiz saber. Como se diz que é alegre o dia que faz os homens felizes, e triste o amargor que aborrece quem o prova, assim se diz que Deus vê, quando faz ver. “Ergue-te”, portanto, “vem ao meu encontro, e vê”. Que significa: “E vê?” E ajuda-me, isto é, relativamente a eles, para que vejam meu curso, e me sigam. Não lhes pareça mau o que é reto, não lhes pareça torto o que segue a regra da verdade, porque “sem ter cometido injustiça, corri e encaminhei-me. Ergue-te, vem ao meu encontro e vê”.

**10** A sublimidade de nossa Cabeça leva-me a dizer aqui outra coisa. Ele enfraqueceu-se até a morte, e assumiu a fraqueza da carne, para reunir sob suas asas os pintinhos de Jerusalém, como a galinha que se mostra adoentada quando está com seus pintinhos. Não vemos isto em outras aves, mesmo naquelas que fazem seus ninhos diante de nossos olhos, como os pássaros de nossos muros, como as andorinhas, nossas hóspedes anuais, como as cegonhas, como tantas outras aves que fazem os ninhos diante de nossos olhos, chocam os ovos, alimentam os filhotes, conforme as pombas que vemos todos os dias. Não conhecemos, não observamos, não vemos outra ave ficar choca. Como se comporta a galinha? Certamente estou dizendo coisa bem conhecida, que vemos cada dia diante de nós. Fica rouca, e o corpo todo arrepiado. Caem as asas, as penas, e em relação aos filhotes tem um quê de enfermidade, e uma afeição materna feita de fraqueza. Foi por isso que o Senhor, na Escritura, se compara à galinha, dizendo: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste”! (Mt 23,37). Congregou, porém, todos os povos, como a galinha recolhe os pintinhos, aquele que se fez fraco por nossa causa, assumindo nossa carne, isto é, a do gênero humano; foi crucificado, desprezado, batido, flagelado, suspenso no madeiro, atravessado pela lança. Por conseguinte, foi fraqueza de mãe e não perda da majestade. Assim foi Cristo, e por isso foi desprezado; tornou-se pedra de tropeço e pedra de escândalo, e muitos com ela se escandalizaram (cf Rm 9,32; 1Pd 2,8). Tendo sido, pois, assim, e no entanto, tendo assumido uma carne sem pecado, fez-se partícipe de nossa fraqueza, mas não de nossa iniqüidade, de sorte que, por ter-se unido à nossa fraqueza, apagou a nossa iniqüidade. Por isso. “Sem ter cometido injustiça, corri e encaminhei-me”. Como, então? Não há de ser reconhecido segundo a natureza divina, e só se deve considerar aquilo que ele se fez por nós, e não a natureza segundo a qual nos fez? Sem dúvida, devemos considerar a natureza humana, porque é grande e piedoso juízo reconhecer quem e o que suportou por ti. Não foi algum homem insignificante que sofreu por ti, em sua grandeza, mas foi o ser supremo que sofreu por ti, em tua fraqueza. Como foi isso? Fez-se pequenino: “Humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte. Quem? Ouve o que está mais acima: Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus.

Por conseguinte, igual a Deus, aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens e sendo exteriormente reconhecido como homem" (Fl 2,6-8). De tal forma se aniquilou que assumiu o que não era, mas não perdeu o que era. Como, pois, se aniquilou? Porque assim mostrou-se a ti; porque não demonstrou a dignidade que tem junto do Pai. Apresentou-te agora em estado de fraqueza; reservou para depois de tua purificação mostrar-te o estado glorioso. Ele, portanto, igual ao Pai, fez-se de tal fraqueza; e no entanto, deve ser reconhecido nesta mesma fraqueza, não por visão, mas pela fé. Ao menos acreditemos o que ainda não podemos ver, e crendo o que não vemos, mereçamos também ver. Com razão, após ter ressuscitado, o Senhor disse a Maria Madalena, à qual se dignou aparecer primeiro: "Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai" (Jo 20,17). Que significa isto? Pouco depois as mulheres o tocaram. Pois ao voltar do sepulcro, Jesus veio ao seu encontro e elas o adoraram e abraçaram-lhe os pés; os discípulos apalparam-lhe as cicatrizes (cf Mt 28,9; Lc 24,39). Que significa, portanto: "Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai", senão: não penses que sou apenas o que vês, de modo que a tua visão se limite ao que podes tocar? Apareço-te de forma humilde, "pois ainda não subi ao Pai", de junto do qual sai e desci até vós, sem me afastar dele. Ainda não subi, quando não vos deixei. Ele veio sem se apartar, e subiu sem abandonar. Mas, que quer dizer: subir ao Pai? Que ele se nos manifesta como igual ao Pai. Pois nós subimos progredindo, de sorte que possamos de certo modo ver, entender, aprender. Por conseguinte, difere o ato de tocar. Não tira, não repele, não nega. "Pois ainda não subi ao Pai". Diz outro salmo: "Nasce numa extremidade do céu e seu percurso vai até outra extremidade" (Sl 18,7). "Extremidade do céu", a saber, supremo entre todos os seres espirituais é o Pai: dele procede e seu percurso vai até outra extremidade. Percorrer até outra extremidade, convém somente a um igual. Enfim, quando comparamos coisas desiguais, e colocamos um objeto pequeno ao lado de outro grande, para verificar a diferença de tamanho, se descobrirmos que são desiguais, costumamos dizer: Não faz o mesmo percurso, não correm juntos. E se forem iguais: Fazem o mesmo percurso. Portanto, "seu percurso vai até outra extremidade", porque é igual ao Pai. Como tal, o Senhor queria dar-se a conhecer aos fiéis, tendo dito: "Não me retenhas". Como tal queria que o Pai o apresentasse aos fiéis, a ele que dizia: "Ergue-te, vem ao meu encontro e vê" revela que sou igual a ti. "E vê". Que significa: "E vê?" Faze com que se veja que sou igual a ti. Por quanto tempo Filipe me dirá: "Mostra-nos o Pai e isto nos basta?" Por quanto tempo, em conseqüência responderei: "Há tanto tempo estou convosco, e tu não conheces o Pai? Filipe, quem me viu, viu o Pai; não credes que eu estou no Pai e o Pai em mim"? (Jo 14,8-11). Talvez ainda não acredite que ele é igual ao Pai. "Ergue-te, vem ao meu encontro e vê". Faze com que eu seja conhecido, revela-te, faz notória aos homens a nossa igualdade. Não julguem os judeus que crucificaram um homem. Embora somente tenha sido crucificado enquanto homem, eles contudo não conheceram aquele que crucificaram. Se tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). No intuito de que os fiéis me conheçam, como Senhor da glória, "ergue-te, vem ao meu encontro e vê".

**11** "E tu, Senhor Deus dos exércitos, Deus de Israel". Tu, Deus de Israel, que és tido por

Deus apenas de Israel, Deus de um só povo que te adora, enquanto as nações todas adoram ídolos, tu, Deus de Israel, "cuida de visitar todos os povos". Cumpra-se a profecia, que Isaías em teu nome dirige a tua igreja, a tua santa cidade, àquela estéril, "cujos filhos são mais numerosos do que os filhos de uma esposa". Foi-lhe dito, efetivamente: "Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz; ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa", mais numerosos do que os do povo judaico que foi desposado, que recebeu a lei; mais do que os daquele povo que teve um rei visível. Pois, teu rei está oculto, e mais numerosos são teus filhos, gerados de um esposo escondido. Por isso foi-lhe dito: "Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa". Em seguida, acrescenta o profeta: "Alarga o espaço de tua tenda, estende as cortinas das tuas moradas — nada de sovinice: alonga as cordas, reforça as estacas, pois hás de transbordar para a direita e para a esquerda" (cf Is 54,2-5). À direita põe os bons, à esquerda os maus (cf Mt 25,35), até que venha a ventilação (cf Mt 3,12); possui, no entanto, todos os povos. Bons e maus sejam convidados às núpcias, encham-se as salas de convidados: aos servos compete convidar e ao Senhor, separar (cf Mt 22,9.10). "Hás de transbordar para a direita e para a esquerda, a tua descendência se apoderará de outras terras e repovoará cidades abandonadas", abandonadas por Deus, abandonadas pelos profetas, abandonadas pelos apóstolos, abandonadas pelo evangelho, cheias de demônios. "Repovoarás cidades abandonadas. Não temas, porque prevalecerás; não te envergonhes porque foste detestável". Portanto, não te envergonhes porque "homens fortes se precipitaram contra mim". Quando se promulgavam leis contra o nome dos cristãos, quando era considerado ignomínia e infâmia ser cristão, "não te envergonhes porque foste destestável". Com efeito, hás de esquecer a condição vergonhosa para sempre; "não tornarás a lembrar o opróbrio de tua viuvez, porque eu sou o Senhor que te criou. Seu nome é o Senhor. O Santo de Israel é teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra (Is 54,1-5). E tu, Senhor Deus dos exércitos, Deus de Israel, cuida de visitar todos os povos. Digo, cuida de visitar todos os povos".

**12** "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade". O salmista aqui atemoriza. Quem não teria medo? Quem não sentirá tremor, ao examinar a consciência? Mesmo que alguém esteja cônscio de sua piedade, seria de admirar que não estivesse igualmente cônscio de alguma impiedade. "Todo o que comete pecado, comete também a iniqüidade" (cf 1Jo 3,4). "Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?" (cf Sl 129,3). Todavia, é bem verdade, e não foi dito em vão, nem pode ou poderá absolutamente falhar a palavra: "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade". No entanto, compadeceu-se de Paulo que, anteriormente chamado Saulo, praticava a iniqüidade. Que ato bom praticou para ter merecimento diante de Deus? Não arrastava à morte os seus santos? Não trazia cartas dos príncipes dos sacerdotes para arrebatar, a fim de castigá-los, os cristãos que encontrasse? Enquanto assim agia, com tais intenções, respirando ameaças e morticínios, como a Escritura atesta sobre ele, não foi chamado por uma voz sublime vinda do céu, não foi derrubado, erguido, não perdeu

a vista e a recuperou, não foi morto e vivificado, não foi perdido e recuperado? (At 9). Que mérito teve para isso? Não vamos dizer coisa alguma por nós mesmos. Mas antes, vamos ouvi-lo. Assim se exprime: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia" (1Tm 1,13). Certamente: "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade", pode-se entender de dois modos: ou que de modo algum Deus deixa impune um pecado; ou que Deus não se compadece de modo algum dos que praticam certo tipo de maldade. Vamos falar brevemente a V. Caridade, quanto o tempo permitir, destas duas maneiras.

**13** Toda iniqüidade, seja pequena ou grande, necessaria-mente é punida, ou pelo próprio penitente, ou por castigo de Deus. Pois também quem se penitencia castiga-se a si mesmo. Por isso, irmãos, castiguemos nossos pecados, se procuramos obter a misericórdia de Deus. Deus não pode se compadecer dos obreiros de iniqüidade que fomentam seus pecados, ou não os arrancam. De fato, ou tu mesmo castigas, ou ele castiga. Queres que ele não castigue? Castiga, tu mesmo. Pois fizeste alguma coisa que não pode ficar impune; mas de preferência, castiga-te a ti mesmo, fazendo o que aconselha outro salmo: "Com a confissão saiamos ao seu encontro" (Sl 94,2). Que quer dizer: "saiamos ao seu encontro?" Antes que ele observe para punir, vá ao seu encontro e castiga-te. Que ele não encontre o que punir. Ao punires a iniqüidade, praticas a eqüidade. Então Deus se compadecerá, porque já te encontra obrando a eqüidade. Que quer dizer: fazer a eqüidade? Odiar em ti o que ele odeia, para começares a agradar a Deus, punindo o que lhe desagrada. Pois, não é possível que ele deixe o pecado impune, uma vez que é verdade: "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade".

**14** Mas passemos agora a outra maneira, segundo a qual se pode entender esta sentença. Existe certa espécie de iniqüidade que não pode obter a compaixão de Deus quem a pratica. Perguntais talvez qual é? É escusar-se dos pecados. Quando alguém defende seus pecados, pratica grande iniqüidade; está defendendo aquilo que Deus odeia. E vê com que perversidade, com que iniqüidade. Se fizer algum bem, quer que se lhe impute; se faz o mal, quer imputar a Deus. Pois defendem os homens os seus pecados, lançando a culpa sobre Deus, o que é pior. Como é isto? Ninguém ousa dizer: O adultério é bom, bom é o homicídio, é boa a fraude, bom o perjúrio. Nenhum homem, absolutamente; pois mesmo os que os praticam, gritam quando outros lhos infligem. De forma alguma se encontra alma tão perversa, tão alheia à sociedade do gênero humano e à participação comum do sangue de Adão, que opine ser bom o adultério, a fraude, a rapina, o perjúrio, como disse acima. Mas como defendem estes pecados? Se Deus não houvesse querido, eu não o teria cometido. Que queres que eu faça, se é minha sorte? Já queres saber o que é o destino; recorres às estrelas. Perguntas quem fez e pôs em ordem as estrelas. Foi Deus. Portanto, defendes teu pecado, acusando a Deus. Por conseguinte, desculpa-se o réu e acusa-se o juiz. Com efeito, Deus não se compadece dos que praticam tal iniqüidade. "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade". Diz o salmista: Persegue, castiga seus pecados, incita-os ao arrependimento, faze com que olhem para a frente os que se deixam ficar para trás, envergonhem-se de si mesmos para que possam

alegrar-se em ti. “Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade”.

**15** [7] “Eles se converterão à tarde”. Não sei quais são esses obreiros de iniqüidade, essas trevas, que alguma vez hão de se converter à tarde. Que quer dizer: “à tarde?” Depois. Que quer dizer: “à tarde?” Mais tarde. Pois, deviam ter-se convertido antes, antes de crucificar a Cristo, deviam ter conhecido o médico. No entanto, depois que Cristo foi crucificado, ressurgiu, subiu ao céu, enviou seu Espírito Santo, e depois que este encheu os que estavam numa só casa, os quais começaram a falar as línguas de todos os povos, os judeus que o haviam crucificado se apavoraram, sentiram remorsos na consciência, e pediram aos apóstolos um conselho salutar. Foi-lhes respondido: “Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados” (At 2,38). Cristo foi morto, seu sangue foi derramado. Vossos pecados são perdoados. Ele quis morrer de tal modo que seu sangue redimisse também aqueles que o derramaram. Derramastes com ira, bebei com confissão. Com razão, pois, “eles se converterão à tarde, famintos como cães”. Os judeus chamavam os gentios de cães, porque imundos. Por isso, o próprio Senhor, como certa mulher cananéia, não judia, gritasse atrás dele, querendo atrair sua misericórdia para curar sua filha, ele prevendo tudo, sabendo tudo, mas querendo mostrar a fé da cananéia, adiou a concessão do benefício e deixou-a em suspenso. Como adiou? Respondendo-lhe: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Israel consta de ovelhas; e os gentios? “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”. Aos gentios chamou de cães, por causa da impureza. O que fez, porém, aquela mulher faminta? Não protestou; aceitou humildemente a injúria e mereceu receber o benefício. Mas não se pode chamar de injúria a palavra do Senhor. Se um escravo diz coisa semelhante ao senhor é um ultraje; se o senhor diz ao escravo uma coisa dessas, pode-se dizer que é condescendência. Ela disse: “Isso é verdade, Senhor”. Que quer ela dizer? É verdade o que dizes, inteiramente verdade; sou um cão. “Mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”. Imediatamente disse o Senhor: “Mulher, grande é a tua fé” (cf Mt 15,24-28). Há pouco antes era cão, e agora é mulher. Como se tornou mulher se há pouco era cão? Confessando humildemente, sem repelir o que o Senhor dissera. Portanto, os gentios são cães e por isso famintos. Seria bom também para os judeus reconhecerem-se pecadores, apesar de que “se converterão à tarde, famintos como cães”. Pois estava saturado, em mau sentido, aquele que dizia: “Jejuo duas vezes por semana”. Aquele publicano, porém, era um cão faminto; e daí vinha que tinha fome de benefícios do Senhor, conforme dizia: “Tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,12.13). Também esses, portanto, “se converterão à tarde, famintos como cães”. Desejem a graça de Deus, entendam que são pecadores; aqueles fortes se tornem fracos, aqueles ricos façam-se pobres, aqueles justos se reconheçam por pecadores, aqueles leões se transformem em cães. “Eles se converterão à tarde, famintos como cães, rondando pela cidade inteira”. Que cidade é esta? O mundo, que certas passagens da Escritura denominam cidade circunvizinha (cf Sl 30,22; 59,11; 107,11, seg. LXX). Isto significa que o mundo espalhara entre os povos todos uma nação, a dos judeus, onde

essas coisas eram ditas, e que se denominava cidade circunvizinha. Em torno dessa cidade eles, os convertidos, rondavam, já sendo cães famintos. Como rondavam? Evangelizando. Saulo, que de lobo se transformou em cão à tarde, isto é, tardiamente convertido, alimentado com as migalhas da mesa de seu Senhor, correu por sua graça, e rondou a cidade.

**16** [8] "Eis que falará a sua boca e em seus lábios estará uma espada". Aí está a espada de dois gumes a que se refere o Apóstolo: "A espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6,17). Por que de dois gumes? Por que motivo, senão porque os dois Testamentos ferem? Com tal espada eram mortos aqueles dos quais se dizia a Pedro: "Imola e come (At 10,13). Em seus lábios estará uma espada. Quem ouvirá?" A sua boca falará: "Quem ouvirá?" Isto é, encolerizavam-se contra os preguiçosos em acreditar. Mesmo aqueles que um pouco antes não queriam crer, aborrecem-se por causa dos que não crêem. E, de fato, irmãos, isso acontece. Vês, por exemplo, um homem preguiçoso antes de se tornar cristão; diariamente gritas com ele, mas não se converte; apenas se converta, e já deseja que todos se tornem cristãos e admira-se de que não o sejam. Esquece-se de que se converteu bem tarde; mas como se tornou como um cão faminto, tem também nos lábios uma espada; diz: "Quem ouvirá?" Que significa: "Quem ouvirá?" "Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço do Senhor?" (Is 53,1). "Quem ouvirá?" Os judeus não acreditam; os gentios se converteram e começaram a pregar. Os judeus não acreditavam; e no entanto os judeus que acreditaram faziam o evangelho rondar a cidade, e diziam: "Quem ouvirá?"

**17** [9] "Mas tu, Senhor, deles te rirás. Quem ouvirá?" Todos os povos hão de se tornar cristãos e vós dizeis: "Quem ouvirá?" Que quer dizer: "Deles te rirás? Terás na conta de nada todas as nações". Nada serão diante de ti, porque será facílimo que em ti acreditem todas as nações.

**18** [10] "Guardarei em ti a minha força". Os fortes que mencionei caíram porque não guardaram em ti a sua força, isto é, aqueles que se insurgiram se precipitaram sobre mim, presumiram de si mesmos. Eu, porém, "guardarei em ti a minha força", porque se me afasto de ti caio, e se me aproximo torno-me forte. Vede, irmãos, o que acontece na alma humana. Não tira luz de si mesma, não encontra em si mesma forças. Mas tudo o que há de belo na alma é a virtude e é a sabedoria; contudo a alma não sabe para si mesma, não tem forças para si, não é luz para si mesma, nem é virtude para si mesma. Existe certa origem e fonte da virtude, existe certa raiz da sabedoria, existe, por assim dizer, se é que se deve dizer, uma região da verdade imutável. Se a alma dela se afasta, entenebrece, e se ao contrário aproxima-se, ilumina-se. Acercai-vos dele e sereis iluminados (Sl 33,6), porque se vos afastais, entenebreceis. Por isso "guardarei em ti a minha força". Não me afastarei de ti, não presumirei de mim mesmo. "Guardarei em ti a minha força, porque és tu, ó Deus, o meu defensor". Pois, onde estava e onde estou? De onde me acolheste? Quais os meus pecados que perdoaste? Onde jazia? Para onde me levantei? Por esta razão devo recordar-me do que se encontra em outro salmo: "Meu pai e minha mãe me

abandonaram. O Senhor, porém, me acolheu" (Sl 26,10). "Guardarei em ti a minha força, porque és, ó Deus, o meu defensor".

**19** [11] "Meu Deus! A tua misericórdia antecipa-se a mim". É isto que quer dizer: "Guardarei em ti a minha força". Nada presumirei acerca de mim mesmo. Que bem pude apresentar para te compadeceres de mim e me justificares? Que encontraste em mim a não ser somente pecados? De ti tenha a natureza que criaste; o restante é constituído por meus pecados que apagaste. Não fui eu que me levantei para ir ao teu encontro, mas foste tu que vieste para me acordar; pois, "a tua misericórdia antecipa-se a mim". Antes que faça algum bem, "a tua misericórdia antecipa-se a mim". Que pode responder a isto o infeliz Pelágio?

**20** [12] "Meu Deus revela-me a mim mesmo, no proceder de meus inimigos". Que está dizendo o salmo? Ele me demonstrou em meus inimigos como foi grande a sua misericórdia para comigo. Aquele que foi tomado compare-se aos que foram deixados e o eleito aos rejeitados; compare-se o vaso de misericórdia com os vasos de ira, e veja que de uma só massa Deus formou um "utensílio para uso nobre, outro para uso vil". Qual o sentido da frase: "Revela-se a mim mesmo, no proceder para com meus inimigos? Ora, se Deus, querendo manifestar sua ira e tornar conhecido seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, prontos para a perdição", por que razão agiu assim? "A fim de que fossem conhecidas as suas riquezas para com os vasos de misericórdia" (Rm 9,21-23). Se, portanto, suportou os vasos de ira, e por meio deles fez conhecida a riqueza de sua glória para com os vasos de misericórdia, com justa razão foi dito: "A tua misericórdia antecipa-se a mim. Meu Deus, revelou-me a mim mesmo, no proceder para com meus inimigos". A saber, demonstrou quão grande foi sua misericórdia para comigo, através daqueles com os quais não usou de misericórdia. Se o devedor fica em suspenso, dará menos graças ao que lhe perdoa a dívida. "Meu Deus revelou-me a mim mesmo, no proceder para com meus inimigos".

**21** E o que sucede aos próprios inimigos? "Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei". O salmista cumpre o preceito, rezando pelos inimigos. Como se concilia: "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade"; e: "Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei?" Como não há de se compadecer dos que praticam a iniqüidade e não matá-los para que não se esqueçam da tua lei? Mas aqui ele se refere a seus inimigos. E então? Seus inimigos praticam a eqüidade? Se seus adversários operam a eqüidade, então ele mesmo pratica a eqüidade. Mas, uma vez que ele mesmo pratica a eqüidade, enquanto a pratica, de fato sofre da parte dos inimigos uma iniqüidade; conclui-se que os que se opõem ao justo, fazem a iniqüidade. Donde vem, portanto, dizer o salmista um pouco mais acima: "Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade", e agora, a respeito de seus próprios inimigos: "Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei?" Por conseguinte, não te compadeces deles a fim de matares seus pecados; não mates aqueles cujos pecados matas. Que significa ser morto? Esquecer a lei do Senhor. Esta é a verdadeira morte; ir às profundezas do pecado. Isto

pode-se aplicar também aos judeus. Como se aplica a eles: “Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei?” Não mates estes meus inimigos, estes mesmos que se mataram. Subsista o povo judaico. Certamente foi vencido pelos romanos, certamente sua cidade foi destruída; os judeus não são admitidos em sua própria cidade, e contudo são judeus. Ora, todas estas províncias foram subjugadas pelos romanos. Quem ainda reconhece os povos tais quais eram, agora no império romano, se todos se tornaram romanos, todos se dizem romanos? Os judeus, porém, permanecem assinalados; foram vencidos, mas não absorvidos pelos vencedores. Não foi sem motivo que Caim, havendo matado o irmão recebeu de Deus um sinal para que ninguém o matasse. É o sinal que têm os judeus: mantêm absolutamente o remanescente de sua lei; são circuncidados, observam o sábado, imolam a páscoa, comem pães ázimos. São, portanto, judeus; não foram mortos, pois são necessários aos gentios que abraçaram a fé. Por que razão? Para que Deus nos revele, em nossos inimigos, a sua misericórda. “Meu Deus revelou-me a mim mesmo, no proceder para com meus inimigos”. Revelou a sua misericórdia para com a oliveira silvestre, enxertada com os ramos cortados pela soberba. Eis onde jazem os que eram soberbos, eis onde estás enxertado tu que jazias. Mas não te ensoberbeças para não mereceres ser cortado. Meu Deus, “não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”.

22 12.14 “Dispersa-os com o teu poder”. Já se realizou: os judeus estão dispersos no meio de todos os povos, testemunhas de sua maldade e de nossa verdade. Eles têm os livros, onde Cristo é profetizado, e nós temos o Cristo. E se acaso algum pagão duvidar, ao lhe citarmos as profecias sobre Cristo, cuja evidência o deixa espantado, e em sua admiração pensa que nós as escrevemos, provamos com os códices dos judeus que elas foram preditas tanto tempo antes. Vede; com os nossos inimigos confundimos a outros inimigos. “Dispersa-os com o teu poder”. Tira-lhes a virtude, tira-lhes a força. “Conduze-os, Senhor, meu protetor. Delito de sua boca, as palavras de seus lábios. Sejam colhidos pela sua própria arrogância, pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações, na ira consumidora e não subsistirão”. São palavras obscuras e receio não explicá-las bem. Já estais cansados de ouvir; por isso, se apraz a V. Caridade, adiemos para amanhã o que falta. O Senhor nos ajudará a pagar-vos o débito, porque nossa promessa vem mais dele do que de nós.

## II SERMÃO

**1** [10] O sermão prolongado de ontem deixou-me devedor para hoje; como Deus quis, chegou o momento de pagar. Como somos devotados em solver, deveis ser ávidos em exigir o pagamento; isto é, o que ele dá e nós entregamos (pois ele é o Senhor e nós, seus servos), recebeu de tal modo que o fruto do que ouvirdes seja vossa vida. O campo cultivado que não produz frutos e é ingrato para o agricutor, dando-lhe espinhos em vez de colheita, não está procurando o celeiro, mas o fogo. O Senhor nosso Deus, porém, como vedes, visita esta terra com as chuvas habituais. De igual modo se digna visitar seu

campo, nosso coração, com a sua palavra e procura o fruto de nosso coração, porque sabe o que semeou e quanta chuva mandou. De fato, nada somos sem ele, porque antes de existirmos nada éramos, e todo homem que existe se quiser existir sem ele, nada mais será do que pecador. É verdadeira a palavra: “Guardarei em ti a minha força”, porque tudo aquilo que podemos, se não guardarmos junto dele e para ele, perdemos por causa de nosso afastamento. Nossa mente deve sempre estar vigilante para dele não se apartar, mas se estava longe, cuidar de aproximar-se e achegar-se cada vez mais, não pelos passos de seus pés, nem transportado por um veículo, nem com a velocidade de alguns animais, nem pelo vôo de asas, mas pela pureza dos afetos, e pela probidade dos hábitos santos.

**2** 12-14 Vejamos agora o restante do salmo. Interrom-pemo-lo no trecho em que começa a falar de seus inimigos, dizendo a Deus: “Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”. Embora os declare seus inimigos, pediu a Deus que não fossem mortos e não se esquecessem de sua lei. Manter a lei, isto é, não se esquecer da lei, ainda não é perfeição e certa garantia de obter o prêmio, tirando qualquer receio de suplício. Há alguns que mantêm a lei na memória, mas não a cumprem na vida, ao invés, os que a cumprem na vida, não podem retê-la na memória. Por conseguinte, aquele que cumpre em seus costumes os preceitos de Deus, e de certa maneira, vivendo, sempre pratica em seu coração o que retém para que não se apague da memória, e pela vida se relembra do que está escrito da lei de Deus no coração, este retém com fruto a lembrança da lei de Deus. Ele não será tido na conta de inimigo. Mas, eis que os judeus são os inimigos, aos quais parece aludir este salmo; eles mantêm a lei de Deus e por isto foi dito a respeito deles: “Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”. Deste modo, o povo judeu permanece, e mesmo com sua permanência cresce a multidão dos cristãos. Certamente subsistem por todas as nações, são judeus, e não deixam de ser o que eram; isto é, este povo não aceitou o domínio dos romanos, deixando a condição de judeus; mas de tal forma estão sujeitos a eles que mantêm suas leis, as leis de Deus. Mas, o que lhes sucedeu? “Pagais o dízimo da hortelã e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a misericórdia e a justiça. Coais o mosquito e tragais o camelo!” (Mt 23,23.24). São palavras que o Senhor lhes dirige. E em verdade, eles são assim. Mantêm a lei, mantêm os profetas; lêem tudo, cantam tudo, mas não vêem aí a luz dos profetas, que é o Cristo Jesus. Não somente eles não o vêem agora, quando está sentado nos céus, mas nem então o viram, quando andava humildemente no meio deles, e se tornaram réus derramando seu sangue; mas não são todos. Hoje relembramos este fato a V. Caridade. Não foram todos, porque muitos deles se converteram àquele que eles mataram, e acreditando nele, mereceram o perdão por terem derramado seu sangue. Deram aos homens um exemplo de que não devem perder a esperança de lhes serem perdoados quaisquer pecados, se até a morte de Cristo foi perdoada aos que, contritos, confessaram. “Porque és, ó Deus, o meu defensor. Meu Deus! A tua misericórdia antecipa-se a mim”, a saber, sua misericórdia antecipou-se a todos os meus méritos. Mesmo que nada de bom encontrar em mim, ele me faz bom, ele próprio justifica o

convertido, e admoesta ao que se mostra avesso a se converter. “Meu Deus”, diz de novo, “revelou-me a mim mesmo, no proceder de meus inimigos”, isto é, mostrou-me quanto me ama, quanto me concede de sua bondade, em comparação com os meus inimigos. Sendo de uma só massa que provêm os vasos de ira e os vasos de misericórdia, por meio dos vasos de ira percebem os vasos de misericórdia quantos bens Deus lhes outorgou (cf Rm 9,21). Daí: “Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”. Refere-se aos judeus. Mas, que lhes farás? “Dispersa-os com o teu poder”. Mostra-lhes que és forte e não eles, que presumindo de sua fortaleza, não conheceram tua verdade. Mas não como são fortes aqueles dos quais foi dito: “Homens fortes se precipitaram sobre mim”, e sim como tu és forte para dispersá-los. “Conduze-os, Senhor, meu protetor”, isto é, dispersa-os, mas não os abandones, “a fim de que não se esqueçam de tua lei”, e com isso me protegerás, de tal modo que sua dispersão servir-me-á de testemunho acerca de tua misericórdia.

**3** E continua o salmo: “Delito de sua boca, as palavras de seus lábios”. Onde se une, como se encaixa esta sentença? “Delito de sua boca, as palavras de seus lábios. Sejam colhidos pela sua própria arrogância. Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações na ira consumidora e não subsistirão”. Ontem dizíamos que este trecho é obscuro, e por isso adiamos sua explicação para dá-la a espíritos menos sobrecarregados. Agora então, uma vez que ainda não estais cansados de ouvir, erguei os corações e ajudai-me com vossa atenção, para não acontecer que por sua relativa obscuridade e vossa perplexidade, nossa palavra não seja suficiente para satisfazer a vossa atenção; deveis também dar vossa contribuição para que supra a vossa inteligência o que não dissermos até o fim. Com efeito, acha-se no meio esta sentença, a respeito da qual não vemos facilmente a conexão: “Delito de sua boca, as palavras de seus lábios”. Recorramos, pois, aos versículos mais acima. Após ter dito: “Não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”, e no entanto, os chamara de inimigos, acrescentou dois versículos: “Dispersa-os com o teu poder. Conduze-os, Senhor, meu protetor”: e imediatamente incluiu: “Delito de sua boca, as palavras de seus lábios”, isto é, a este deves matar, não a eles. Portanto, “não os mates, a fim de que não se esqueçam de tua lei”; existe, contudo, alguma coisa que deves matar neles, para que cumpras o que foi dito acima: “Não te compadeças dos que praticam a iniqüidade. Dispersa-os, pois, conduze-os”, a saber, não os abandones ao dispersá-los, porque sem abandoná-los, tens o que fazer, porquanto não os matas. O que matas, então? “Delito de sua boca, as palavras de seus lábios”. O que matas? Os seus gritos: “Crucifica-o, crucifica-o” (Jo 19,6), mas não aqueles que gritaram. Eles quiseram suprimir, matar, perder a Cristo; tu, porém, ressuscitando o Cristo que eles quiseram perder, matas o “delito de sua boca, as palavras de seus lábios”. Efetivamente, eles tiveram pavor de que vivesse aquele que quiseram matar com seus gritos. Admiram-se de que seja adorado no céu por todos os povos aquele que eles desprezaram na terra. Assim estão mortos os delitos de sua boca, as palavras de seus lábios.

**4** “Sejam colhidos pela sua própria arrogância”. Qual o sentido da frase: “Sejam colhidos

pela sua própria arrogância?" Que foi em vão que os fortes se precipitaram sobre Cristo, que pareceu ceder diante deles. Eles pensaram que lhe haviam infligido algo, e prevaleceram contra o Senhor. Eles puderam crucificá-lo enquanto homem. A fraqueza pode prevalecer e a virtude ser morta. E eles pensaram que conseguiram alguma coisa, como sendo fortes, poderosos, prevalentes, leões de emboscada, touros cevados como aqueles citados em outra passagem: "Rodearam-me de touros cevados" (Sl 21,13). Que fizeram a Cristo? Não foi a vida que mataram, e sim a morte. Com efeito, extinta a morte naquele que morria, e ressuscitada a vida através da morte naquele que vivia (de fato, ele ressuscitou a si mesmo, porque a vida estava nele e não pôde morrer), que fizeram eles? Ouve o que fizeram: destruíram o templo, e ele, o que fez? No terceiro dia o reergueu (cf Jo 2,19). Assim foram mortos os delitos de sua boca, e as palavras de seus lábios. E o que aconteceu aos que se converteram? "Sejam colhidos pela sua própria arrogância". Foi-lhe anunciado que ressuscitara aqueles que eles haviam matado. Acreditaram que ele ressuscitou, porque o viram colocado no céu, e de lá enviou o Espírito Santo que encheu aqueles que nele acreditaram (cf Mt 1,9; 2,4) e descobriram que eles em nada o prejudicaram e nada conseguiram. O seu feito deu em nada; mas ficou o pecado. Uma vez que sua ação foi perdida, mas o pecado permaneceu naqueles que o cometeram, eles foram colhidos em sua arrogância, e viram-se sob o peso de sua iniqüidade. Só lhes restava confessar o pecado e que os perdoasse aquele que cedera aos pecadores e oferecera sua morte, sendo morto pelos mortos para vivificar os mortos. Portanto, foram colhidos pela sua própria arrogância.

**5** "Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações, na ira consumidora e não subsistirão". É difícil de entender o acréscimo: "e não subsistirão". Que quer dizer: "e não subsistirão?" Vejamos o texto anterior; tendo sido colhidos pela sua arrogância, "pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações". Que são consumações? Perfeições. Consumar é terminar. Uma coisa é ser consumado, e outra ser consumido. Consuma-se o que é bem acabado; consome-se o que se acaba para deixar de ser. A soberba não permite que o homem seja perfeito; nada impede tanto a perfeição. V. Caridade dê um pouco de atenção ao que digo, e vede este mal em extremo molesto, temível demais. Que mal pensais que seja? Por quanto tempo hei de acentuar que mal é a soberba? Só por ele o diabo teve de ser punido. Certamente ele é o príncipe de todos os pecadores, certamente é o sedutor para o pecado. Não lhe é imputado adultério, nem embriaguez, nem fornicação, nem rapina do bem alheio; caiu apenas pela soberba. E como a inveja é sócia da soberba, não é possível que soberbo como ele é, não inveje. Levado por este vício, que necessariamente acompanha a soberba, tendo caído invejou o homem que estava de pé, e empenhou-se em seduzi-lo, para que não fosse elevado ao lugar de onde ele próprio havia caído. E por isso esforçou-se por persuadir a cometer pecados verdadeiros, porque temos tal juiz que não se pode apresentar-lhe falsas acusações. Pois, se nossa causa fosse julgada por um homem, que pode ser enganado por falsas incriminações, o diabo não se empenharia muito para que pecássemos. Poderia oprimir os inocentes, enganando o juiz; arrastar os acusados a seu lado e fazer com que fossem condenados com ele. Agora, porém, como sabe que é

impossível enganar a tal juiz e que ele sendo justo não pode fazer accepção de pessoas, procura apresentar-lhe tais réus que ele seja forçado a condenar, uma vez que é justo. Esforça-se por fazer-nos pecar, só por inveja, porque forçosamente a inveja acompanha a soberba. Tal é o mal da soberba, que impede a perfeição. Gabe-se, pois, alguém das riquezas, gabe-se da beleza e das forças corporais. Tudo isto é perecível. É irrisório gabar-se de coisas perecíveis. Tais bens abandonam muitas vezes os vivos; ou então os homens ao morrerem, é necessário que as deixem. Quando alguém faz progressos, é tentado pelo vício capital da soberba, de sorte que perca tudo aquilo em que progrediu. Enfim, todos os vícios são de se recear nos atos maus; a soberba, porém, é mais de se temer nos atos bons. Por isso, não é de admirar que o Apóstolo seja humilde a ponto de dizer: “Quando sou fraco, então é que sou forte”. Pois, qual o medicamento que ele diz ter-lhe sido aplicado contra o tumor pelo médico que sabia o que havia de curar, a fim de que ele não fosse tentado deste vício? Diz ele: “Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,7-10). Vede as consumações. O Apóstolo, doutor das gentes, pai dos fiéis pelo evangelho, recebeu um aguilhão da carne para o espancar. Quem de nós ousaria dizer isto, se ele se corasse de o confessar? Se, pois, dissermos que Paulo não sofreu isto, como se o quisessemos honrar, nós o faríamos mentiroso. Mas como é verdadeiro, disse a verdade. Temos de crer que foi-lhe dado um anjo de Satanás, para que não se enchesse de soberba, devido à grandeza das suas revelações. Eis como é temível a serpente da soberba! Que aconteceu, efetivamente, aos judeus? Foram colhidos em seu pecado de ter matado a Cristo, e com a gravidade de seu pecado mais se humilharam, e por uma humildade maior mereceram ser elevados. É isto que significa: “Sejam colhidos em sua própria arrogância. Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações”, isto é, aperfeiçoar-se-ão ainda mais, porque foram apanhados em maldições e mentiras. Com efeito, a soberba não os deixava aperfeiçoar-se; o crime tirou-lhes a soberba, devido a sua confissão. O perdão apagou o crime por comiseração de Deus, e pelas maldições e mentiras que proferiram foram anunciadas as consumações; isto é, foi dito ao homem: Viste o que és, sentiste o que és, erraste, cegaste, pecaste e caíste, reconheceste a tua fraqueza. Suplica ao médico, não te consideres sadio. Onde está teu frenesi? Mataste o médico, mas apesar de matá-lo, não o pudeste arruinar; no entanto, quanto dependeu de ti, tu o mataste. “Pelas mentiras e maldições que proferem serão anunciadas as consumações”. Fizestes o que constituía uma maldição, ó judeus: “O que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21,23; Gl 3,13). Crucificastes a Cristo; como um maldito vós o considerastes. Acrescenta-se a mentira à maldição: colocastes guardas junto do sepulcro e lhes oferecestes dinheiro para mentirem (cf Mt 28,12). Mas, Cristo ressuscitou. Onde está a maldição da cruz que lançastes? Onde se acha a mentira dos guardas que corrompestes?

**6** “Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações, na ira

consumidora e não subsistirão". Qual o sentido da expressão: "na ira consumidora, serão anunciadas as consumações". Existe ira que consuma e ira que consome. Pois, toda vingança de Deus denomina-se ira; mas algumas vezes Deus se vinga aperfeiçoando; por outras vezes vinga-se condenando. Como se vinga aperfeiçoando? "Castiga todo filho que acolhe" (Hb 12,6). Como se vinga condenando? Quando colocar os ímpios à esquerda e lhes disser: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41). É ira que consome, não consuma. "Serão anunciadas as consumações, na ira consumidora", isto é, os apóstolos pregarão que "onde avultou o pecado, a graça supera-bundou" (Rm 5,20), e à fraqueza do homem corresponde a medicina da humilhação. Enquanto eles assim pensam, descobrem e confessam suas iniqüidades, "não subsistirão". Como "não subsistirão?" Em sua soberba. "Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações, na ira consumidora e não subsistirão", a saber, na soberba, na qual foram colhidos.

**7** "E hão de saber que Deus dominará Jacó e até as extremidades da terra". Antes consideravam-se justos, porque o povo judaico recebera a lei, e guardara os preceitos de Deus. Foi-lhes demonstrado que, de fato, não os observaram, porque entre os preceitos de Deus não descobriram o Cristo, uma vez que a cegueira atingiu uma parte de Israel (cf Rm 11,25). Vêem os próprios judeus que não devem desprezar os gentios, que tinham na conta de cães e pecadores. Pois, assim como igualmente se acharam em iniqüidade, de igual modo obterão a salvação. Diz o Apóstolo: "Não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios", Deus os chamou (Rm 9,24). Pois "a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22), reunindo os dois povos em si; de fato, o ângulo reúne duas paredes. Os judeus se julgavam importantes e grandes e consideravam os gentios fracos, pecadores, escravos dos demônios, adoradores dos ídolos; contudo, em ambos os povos havia iniqüidade. Demonstrou-se que os judeus também são pecadores, porque "não há quem faça o bem, não há um sequer" (Rm 3,12). Desistiram da soberba e não invejaram a salvação dos gentios, porque reconheceram que sua fraqueza era igual a deles; e reunidos na pedra angular, simultaneamente adoraram o Senhor. "E hão de saber que o Senhor dominará Jacó e até as extremidades da terra". Não domi-nará somente os judeus, mas também as extremidades da terra. Eles não o saberiam se ainda perseverassem em sua soberba. Estariam ainda em sua soberba se ainda se considerassem justos. No intuito de que não se julgassem justos, foram-lhes anunciadas pelas maldições e mentiras que proferem as consumações, na ira consumidora. Foram colhidos em sua arrogância, praticando uma ação maldita quando mataram a Cristo. Eis o que fez nosso Senhor Jesus Cristo. Morreu às mãos dos judeus, e remiu uma muldição de povos. Deste modo o sangue foi derramado, sendo útil desta maneira, mas aproveitou a todos os que se converteram, porque também os que o mataram o conheceram, e mereceram receber dele o perdão de sua morte e deste grande delito.

**8** [15] O que diz o salmista, então, a respeito deles? O que foi citado acima? "Eles se converterão à tarde", isto é, embora tardiamente, depois da morte de nosso Senhor Jesus

Cristo. “Eles se converterão à tarde, famintos como cães”. “Mas como cães”, não como ovelhas ou novilhos. “Como gentios, pecadores, porque conheceram seu pecado os que se consideravam justos. Deles fala outro salmo: “Depois, precipitaram-se”, enquanto aqui se diz: “à tarde”. Naquele salmo acha-se o seguinte: “As fraquezas deles se multiplicaram; depois, precipitaram-se” (Sl 15,4). Por que “depois, se precipitaram?” Porque “as fraquezas deles se multiplicaram”; pois, se ainda se considerassem sadios, nunca se precipitariam. Lá se encontra a expressão: “As fraquezas deles se multiplicaram”, e aqui se diz o mesmo: “Sejam colhidos pela própria arrogância. Pelas maldições e mentiras que proferem serão anunciadas as consumações, na ira consumidora”. E à frase que lá se encontra: “Depois, precipitaram-se” corresponde aqui: “E não subsistirão, em sua soberba. E hão de saber que Deus dominará Jacó e até as extremidades da terra. Eles se converterão à tarde”. Por conseguinte, é bom para o pecador ser humilhado; e ninguém é tão incurável quanto aquele que se julga sadio. “Rondando pela cidade inteira”. Ontem já explicamos que a expressão cidade, isto é, cidade circunvizinha representa todos os povos.

**9** [16] “Hão de vaguear à busca de alimento”, isto é, para ganhar os outros, para que os fiéis se transformem em seu corpo. “E enquanto não se fartarem murmurarão”. Mais acima o salmista mencionara sua murmuração. Eles diziam: “Quem ouvirá? Mas tu, Senhor, deles te rirás”, porque perguntam: “Quem ouvirá?” Por que razão? Porque “terás na conta de nada todas as nações”. Assim também aqui: “E enquanto não se fartarem murmurarão”.

**10** [17] Terminemos o salmo. Vede como o ângulo exulta, já se alegra por causa de ambos os muros (cf Ef 2). Os judeus se orgulhavam e foram humilhados. Os gentios estavam desanimados e se reergueram. Venham todos ao ângulo. Aí se reúnam, para cá todos corram, e se dêem o ósculo de paz. Venham de diversos pontos, mas não para se oporem. Uns da circuncisão, outros dos gentios. Os muros estavam distantes um do outro, antes de chegarem ao ângulo. Mantenham-se unidos ao ângulo. E a Igreja inteira, formada de ambos os muros, que dirá? “Mas eu cantarei a tua fortaleza, e exultarei de manhã por tua misericórdia. De manhã terão passado as tentações. De manhã, quando terminar a noite deste século, de manhã quando já não temermos as insídias dos ladrões, e do diabo e de seus anjos, de manhã quando não andarmos mais à luz da profecia, mas contemplarmos, como um sol, o próprio Verbo de Deus. “E exultarei de manhã por tua misericórdia”. Com razão se diz em outro salmo: “Desde a manhã estarei de pé diante de ti e verei” (Sl 5,5). Com efeito, a ressurreição do Senhor se deu de manhã, para se realizar a palavra de outro salmo: “Pela tarde se prolongará o pranto, de manhã, a alegria” (Sl 29,6). À tarde, de fato, os discípulos choraram a morte de nosso Senhor Jesus Cristo; de manhã exultaram com a sua ressurreição. “Exultarei de manhã por tua misericórdia”.

**11** [17.18] “Porque te tornaste meu protetor e meu refúgio no dia da tribulação. Meu defensor, eu te glorificarei, porque és o Deus que me protege”. Que seria de mim se não

me socorresses? Como não estaria desesperado se não me curasses? Onde jazeria se não viesses? Certamente estava em perigo de vida devido a minha grave ferida, mas o médico onipotente tratava daquele meu ferimento. Nada é incurável para o médico onipotente; não abandona a ninguém. Só é preciso que queiras ser curado e não recuses o tratamento de suas mãos. Mas, embora não queiras ser tratado, tua ferida te avisa que deves ser tratado; insiste com o renitente, obriga a voltar a si o que de certo modo fugia, e atrai. Em tudo se cumpre a palavra: "A tua misericórdia antecipa-se a mim". Pensa que foi dito: "antecipa-se a mim". Se foste tu que primeiro trouxeste algo, se mereceste a misericórdia de Deus praticando antes algum bem, não foi ela que se antecipou. Quando hás de ao menos entender que a graça foi preveniente, se não aprenderes o que diz o Apóstolo: "Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?" (1Cor 4,7). É o mesmo que o seguinte: "A tua misericórdia antecipa-se a mim". Finalmente, o salmista atendendo a todos os bens que podemos ter, sejam naturais, sejam adquiridos, ou na própria vida, na fé, na esperança, na caridade, nos bons costumes, na justiça, no temor de Deus, todos somente podem provir de seu dom, assim conclui: "Meu Deus, minha misericórdia". Sentindo-se repleto dos bens de Deus, não encontra outro nome a dar a seu Deus senão: misericórdia sua. Oh! nome, que não deixa ninguém desesperar! "Meu Deus, minha misericórdia". Qual o significado de: "minha misericórdia?" Se falas: minha salvação, entendo que ele dá a salvação; se dizes: meu refúgio, entendo que te refugias nele; se dizes: minha força, entendo que te dá força; e: minha misericórda, que será? Tudo o que sou provém de tua misericórdia. Mas te mereci, invocando-te! Para existir, o que fiz? Para existir quem te invocasse, que fiz eu? Se, pois, fiz alguma coisa para existir, já era antes de existir. Ao invés, se nada absolutamente era antes de existir, nada mereci para ser. Fizeste com que eu existisse, e não foste tu que fizeste que fosse bom? Deste-me o ser, e foi possível que outro me desse a capacidade de ser bom? Se tu me deste o ser, e outro me deu a faculdade de ser bom, é melhor aquele que me fez do que aquele que me deu o ser. Uma vez que ninguém é melhor do que tu, ninguém mais potente, ninguém mais pródigo em misericórdia, aquele de quem recebi o ser é o mesmo de quem recebi a faculdade de ser bom. "Meu Deus, minha misericórdia".

# SALMO 59

## SERMÃO AO POVO

(Proferido em Cartago)

**1** [1.2] O título deste salmo é um pouco prolixo: mas não nos assuste, porque o salmo é curto. Prestemos-lhe atenção, como se tratasse de um salmo um pouco mais longo. Falamos na Igreja de Deus aos que foram e devem ser nutridos em nome de Cristo e não a homens alheios ao sabor destas Sagradas Letras, pelas quais o mundo não se interessa. Não as deveis ter como alimentos sem gosto. Se ruminastes no pensamento, com prazer, as coisas que ouvistes com frequência, e não as sepultastes no esquecimento, como se as engolísseis rapidamente, muito poderá vos ajudar a vossa própria recordação e vossa memória; e não precisaremos falar muito para explanar, como se fôsseis ignorantes, coisas que sabemos ser de vosso conhecimento. Certamente lembramo-nos de que ouvistes muitas vezes o que dizemos. No salmo encontrará apenas as vozes de Cristo e da Igreja; ou só de Cristo, ou somente da Igreja, da qual, de fato, fazemos parte. Por este motivo, ao reconhecermos nossa voz, não o podemos fazer sem afeto; e tanto mais nela nos deleitamos quanto percebemos que dela participamos. O rei Davi foi um homem, mas não figurava apenas um só homem, a saber, figurava a Igreja que consta de muitos membros, e se estende até os confins da terra. Ao invés, quando representava só um homem, representava aquele que é o mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus (cf 1Tm 2,5). Neste salmo, portanto, ou antes no título deste salmo se referem alguns feitos vitoriosos de Davi, realizados com vigor, ao debelar certos inimigos, que tornou tributários seus, quando após a morte de seu perseguidor Saul, recebeu publicamente o reino de Israel. Pois, mesmo antes de sofrer perseguição era rei, mas só de Deus conhecido. Depois, portanto, o reinado seu já era manifesto, e tendo-o recebido de forma evidente e sublime, derrotou os inimigos mencionados neste título. Assim está anotado no título deste salmo: “Para o fim, por aqueles que serão mudados. Inscrição do título. De Davi. Para ensino. Quando ele incendiou a Mesopotâmia da Síria e a Síria de Soba e quando Joab, de regresso, desbaratou 12.000 homens de Edom, no vale do Sal”. Lemos nos Livros dos Reis que todos esses aqui mencionados foram vencidos por Davi, isto é, a Mesopotâmia da Síria, a Síria de Soba, Joab, Edom (cf 2Rs 8). Tudo isso se realizou, e foi registrado como se realizou, e assim se lê. Leia quem quiser. No entanto, como costuma o espírito do profeta, no título dos salmos, afastar-se um pouco da expressão dos fatos, e contar algo que não se encontra na história, com isso nos avisa antes que tais inscrições dos títulos não tratam de tornar conhecidos os fatos como se deram, mas são figuras de coisas futuras. Assim, foi dito que Davi alterou a expressão do rosto diante de Abimelec, deixou-o e partiu (cf Sl 33,1), enquanto a Escritura no livro dos Reis indica que ele agiu desta maneira não diante de Abimelec, mas do rei Aquis (cf

1Rs 21,13). Igualmente neste título encontramos algo que aponta para outra coisa. Efetivamente, naquela narração dos feitos valorosos e das guerras do rei Davi, onde foram vencidos todos os que aqui citamos, não lemos que tenha incendiado alguma coisa. Aqui principalmente está escrito, o que lá não se encontra, que ele incendiou a Mesopotâmia da Síria e a Síria de Soba. Comecemos, pois, a discutir estes pontos segundo o significado de coisas futuras, e dissipar a opacidade das sombras com a luz do Verbo.

**2** "Para o fim", sabeis o que significa. "O fim da Lei é Cristo" (Rm 10,4). Conheceis também aqueles que serão mudados. Quais são senão os que passam da antiga vida à nova? Longe de nós pensar que aqui se trata de mudança culpável. Não se refere à mudança de Adão da justiça à iniqüidade e das delícias ao labor, mas à daqueles dos quais foi dito: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). Estes, pois, se mudam segundo a "inscrição do título". Conheceis a inscrição do título. Na cruz do Senhor foi afixado um título, com a inscrição: "Este é o rei dos judeus" (Mt 27,37). Mudam-se segundo a inscrição deste título os que passam do reino do diabo para o reino de Cristo. Mudam-se de maneira louvável, segundo a inscrição deste título. Mudam-se, de fato, como se segue: "Para ensino". Tendo dito o salmista: "Por aqueles que serão mudados. Inscrição do título", acrescentou: "De Davi. Para ensino", isto é, mudam-se não para si, mas para Davi, e mudam-se de acordo com o ensino. Pois, Cristo não é rei deste século, conforme declarou abertamente: "Meu reino não é deste mundo" (Jo 18,36). Por conseguinte, passemos para sua doutrina, se queremos nos transformar conforme a inscrição do título, não para nós mesmos, mas para o próprio Davi, de sorte que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles (cf 2Cor 5,15). Como, pois, poderia Cristo nos transformar se não fizesse o que disse: "Eu vim trazer fogo à terra"? (Lc 12,49). Se Cristo veio trazer fogo à terra, foi efetivamente de modo salutar e útil e não para lançar o mundo no fogo. Mas como trouxe "fogo à terra?" Uma vez que ele veio trazer fogo à terra, investiguemos o que é a Mesopotâmia que foi incen-diada, o que é a Síria de Soba. Interroguemos, pois, a tradução dos nomes de acordo com a língua hebraica, na qual foi proferida em primeiro lugar, esta passagem da Escritura. Diz-se que Mesopotâmia se traduz por vocação elevada. O mundo inteiro já foi elevado por uma vocação. Síria interpreta-se como sublime. Mas aquela que era sublime foi incendiada e humilhada. E como foi humilhada a que fora exaltada, assim se exalte a que fora humilhada. Soba se traduz por beleza vã. Graças a Cristo, que a incendiou. Quando se queimam os velhos matagais brotam novos, e estes nascem mais rapidamente e mais verdejantes quando o fogo passou antes pelos antigos. Não se tenha medo, portanto, do fogo de Cristo; ele consome o feno. Pois, toda carne é feno, e toda a glória do homem é como a flor do feno (cf Is 40,5). Aquele fogo a queima. "E Joab" se voltou. Joab se traduz por inimigos. O inimigo se voltou. Entende isso como quiseres. Se ele se voltou fugindo, trata-se do diabo; se ele se voltou para a fé, é cristão. Como fugindo? Do coração do cristão: "Agora o príncipe deste mundo será lançado fora" (Jo 12,31). Por que se fala em inimigo que se voltou, quando o cristão se voltou para o Senhor? Porque se tornou fiel o que fora inimigo. "Desbaratou Edom".

Edom significa terreno. Este homem terreno precisava ser batido. Como viver o homem terreno se deve viver como homem celeste? Portanto, a vida terrena foi destruída; viva a celeste. Assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também a imagem do homem celeste (cf 1Cor 15,49). Vede como ele morre: "Mortificai, pois, os vossos membros terrenos" (Cl 3,5). Joab, ao desbaratar Edom, desbaratou "doze mil no vale do Sal". Doze mil é número perfeito. A este número perfeito se relaciona o duodenário número dos apóstolos. Não foi sem razão, porque a palavra devia ser anunciada no mundo inteiro. A palavra de Deus, que é o Cristo, encontra-se nas nuvens, isto é, nos pregadores da verdade. O mundo, porém, consta de quatro partes. Suas quatro partes são bem conhecidas de todos, e são relembradas muitas vezes nas Escrituras, sendo também denominadas quatro ventos: oriente, ocidente, norte e sul (cf Ez 37,9). A palavra foi enviada a estas quatro partes, para que todas fossem chamadas em nome da Trindade. Três vezes quatro são doze. Com razão, portanto, doze mil homens terrenos foram mortos; todo o mundo foi ferido; de todo o mundo foi escolhida a Igreja, depois de mortificada sua vida terrena. Por que "no vale do Sal?" Vale representa a humildade; o sal representa o sabor. Pois, muitos são humilhados, mas em vão e de modo insensato: humilham-se mas devido a vetustez vã. Imaginemos que alguém sofre tribulação por causa de dinheiro, sofre tribulação devido a honras temporais, sofre tribulação relativa às comodidades desta vida. Se há de sofrer tribulação e ser humilhado, por que não será por causa de Deus? Por que não por causa de Cristo? Por que não por causa do sabor do sal? Ignorais o que vos foi dito: "Vós sois o sal da terra"; e: "Ora, se o sal se tornar insosso, para nada mais serve, senão para ser lançado fora"? (Mt 5,13). É bom, portanto, ser humilhado com sabedoria. Agora os hereges não são humilhados? Não foram promulgadas leis contra eles, também da parte dos homens? Contra eles não há leis divinas, que anteriormente já os condenaram? Eis que são humilhados, afugentados, sofrem perseguição, mas sem sabor, por insensatez, por vaidade. Pois, o sal já é insosso, e por este motivo foi lançado fora a fim de ser pisado pelos homens. Ouvimos o título do salmo; ouçamos igualmente as palavras do salmo.

**3** [3] "Ó Deus, tu nos rejeitaste e nos arruinaste". Acaso fala aquele Davi que feriu, que incendiu, que desbaratou, e não aqueles aos quais ele infligiu tudo isso, para abater e repelir os que eram maus, e ao contrário ainda vivificá-los, transformando-os em bons? Com efeito, aquele nosso Davi de mão forte, Cristo, fez tal devastação. Davi o figurou. Fez tal façanha, praticou esta devastação, com espada e fogo; ele trouxe ambas as coisas a este mundo. Temos no evangelho: "Eu vim trazer fogo à terra" (Lc 12,49), e: "Vim trazer espada à terra" (Mt 10,34). Trouxe fogo para incendiar a Mesopotâmia da Síria e a Síria de Soba; trouxe espada para ferir Edom. Causou esta devastação por causa daqueles que são mudados, segundo a "inscrição do título. De Davi". Ouçamos, portanto, a sua voz; para sua salvação foram abatidos, e reerguidos falam. Digam, por conseguinte, os que mudaram para melhor; os que mudaram para a inscrição do título, mudaram para a doutrina, de Davi. Digam: "Ó Deus, tu nos rejeitaste e nos arruinaste; tu te iraste e te compadeceste de nós". Tu nos destruíste para nos edificares; tu nos

destruíste porque estávamos mal construídos, destruíste a construção antiga e caduca, substituindo-a pela do homem novo, edificação que há de permanecer eternamente. Com razão, “tu te iraste e te compadeceste de nós”. Não te compadecerias se não te houvesses irado. Tu nos destruíste em tua ira; tua ira, porém, foi contra nossa vetustez para destruí-la. Mas de nós te compadeceste em vista de uma vida nova, por causa daqueles que são mudados, conforme a inscrição do título, uma vez que, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia-a-dia (cf 2Cor 4,16).

**4** “Fizeste tremer a terra e a perturbaste”. Como se perturbou a terra? Foi com a consciência dos pecados. Para onde ir, para onde fugir, quando aquela espada foi brandida: “Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo”? (Mt 3,2). “Fizeste tremer a terra e a perturbaste. Repara suas brechas, porque vacila”. Não merece ser curada, se não se comoveu. Falas, pregas, ameaças da parte de Deus, não deixas de dizer que o juízo virá, admoestas acerca do preceito de Deus. Nada disto omites. Se o ouvinte não teme, não se comove, não merece ser curado. Ouve outro. Comove-se, sente-se estimulado, bate no peito, derrama lágrimas. “Repara suas brechas, porque vacila”.

**5** Depois disso, tendo sido vencido o homem terreno e incendiado o que era velho, foi o homem transformado em melhor; e após serem dissipadas as trevas, tendo brilhado a luz, segue o que se encontra em outra passagem da Escritura: “Filho, se te dedicares a servir o Senhor”, permanece na justiça e no temor, e prepara-te para a prova” (Eclo 2,1). O primeiro esforço consiste em não te comprazeres em ti mesmo, em expulsar o pecado, em mudares para melhor; em segundo lugar, esforçar-te, desde que estás mudado, por suportar tribulações e tentações neste mundo, e no meio delas perseverar até o fim. Depois de dizer estas coisas, e de as indicar, o que acrescenta o salmista? “Impuseste duras provações a teu povo”. Quais? As perseguições suportadas pela Igreja de Cristo, quando tamanha quantidade de sangue dos mártires foi derramada. “Impuseste duras provações a teu povo. Fizeste-nos beber um vinho inebriante”. Que significa: “Inebriante?” Vão mortífero. Não era para perder e matar, mas terapia cauterizante. “Fizeste-nos beber um vinho inebriante”.

**6** [6] Qual a razão disso? “Aos que te temem deste um sinal para fugirem diante do arco”. Por meio das tribulações temporais indicaste aos teus como fugir da ira do fogo eterno. Pois diz o apóstolo Pedro: “É tempo de começar o juízo pela casa de Deus”. Fala o apóstolo Pedro, exortando os mártires à tolerância, quando o mundo se enfurecia, os perseguidores infligiam morticínios, por toda parte o sangue dos fiéis era derramado e os cristãos passavam por duros padecimentos, nas cadeias, nos cárceres, nos tormentos, a fim de não perderem o ânimo nestes pesados sofrimentos: “É tempo de começar o juízo pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a crer no evangelho de Deus? Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e pecador”? (1Pd 4,17.18). Que acontecerá, pois, no juízo? O arco está tenso; por enquanto são apenas ameaças; ainda não veio a realização. E vede o que sucede com o arco. A flecha não é lançada para a frente? A corda, no entanto, é

puxada para trás, ao contrário da direção que a flecha seguirá; e quanto maior for a tensão para trás, com ímpeto tanto mais intenso a flecha corre para a frente. Que quero dizer com isso? Quanto mais demorar o juízo, com ímpeto tanto maior há de vir. Por conseguinte, demos graças a Deus por causa das tribulações temporais, porque ele deu um sinal a seu povo "para fugir diante do arco". Os fiéis, exercitados nestas tribulações temporais, tornem-se dignos de escapar da condenação ao fogo eterno, que atingirá todos os que não acreditarem. "Aos que te temem deste um sinal para fugirem diante do arco".

**7** [6.7] "A fim de serem preservados teus amigos. Salva-me com a tua destra e escuta-me". A tua direita, Senhor, me salve; salva-me de sorte que fique à direita. "Salva-me com a tua destra". Não é a salvação temporal que peço; a respeito desta, faça-se a tua vontade. Ignoramos inteiramente o que nos é útil no tempo; não sabemos o que devemos pedir (cf Rm 8,26). Mas, "salva-me com a tua destra", de tal forma que, apesar de sofrer no tempo algumas tribulações, após haver passado a noite de todas as tribulações, encontre-me à direita entre as ovelhas e não à esquerda entre os cabritos. "Salva-me com a tua destra e escuta-me". Já estou pedindo aquilo que gostas de dar. Não clamo de dia com as palavras de meus delitos, e isso não ouves. E à noite, para não ouvires, e não me ser atribuída a loucura (cf Sl 21,2.3). De fato, é aviso, acrescentando-se a ele sabor, devido ao vale do Sal, para que na tribulação saiba o que devo pedir. Peço, contudo, a vida eterna. Ouve-me, porque peço a tua direita. Entenda, portanto, V. Caridade que o fiel que guarda a palavra de Deus no coração, e com temor receia o juízo futuro, que vive de maneira honesta para que o nome santo de seu Senhor não seja blasfemado por causa dele, suplica muitas coisas temporais e não é atendido; quanto à vida eterna, seus pedidos sempre são atendidos. Quem há que não peça a saúde, quando está doente? Todavia, pode ser-lhe útil estar ainda doente. É possível, então, que não sejas atendido nesta questão; não és ouvido segundo tua vontade, mas és atendido conforme o que te é vantajoso. Ao invés, porém, ao pedires te seja dada por Deus a vida eterna, que Deus te conceda o reino dos céus e te possibilita estar à direita de seu Filho, quando ele vier julgar a terra, fica tranqüilo. Receberás, mesmo se agora não recebes; ainda não chegou o tempo de receberes. És atendido, sem o saberes. Realiza-se o que pedes, embora ignores como. O resultado está na raiz; ainda não em frutos. "Salva-me com a tua destra e escuta-me".

**8** [8] "Deus falou em seu santuário". Por que tens medo de que não se realize o que Deus falou? Se tivesses um amigo grave e sábio, como dirias? Ele disse isso, forçosamente será como ele falou; é um homem sério, não fala levianamente, não muda facilmente de parecer, o que prometeu é seguro. Contudo, é um homem que às vezes quer cumprir o que prometeu e não pode. Relativamente a Deus, não há o que temer. Consta que é veraz. Consta que é onipotente. Não pode te enganar. Tem com que cumprir. Por que hás de recear que serás decepcionado? É preciso que tu não te enganes, e perseveres até o fim, quando ele dará o que prometeu. "Deus falou em seu santuário". Em que "santuário? Era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo" (2Cor 5,19). Naquele santuário, sobre o qual ouviste dizer em outro lugar: "No santuário, ó Deus, é o

teu caminho (Sl 76,14). “Deus falou em seu santuário. Alegrar-me-ei e repartirei Siquém”. Tendo Deus asim falado, assim se fará. É a voz da Igreja: “Deus falou em seu santuário”. Não declara que palavras Deus proferiu; mas como “Deus falou em seu santuário”, e nada pode acontecer senão o que Deus falou, em conseqüência disso, virá o seguinte: “Alegrar-me-ei e repartirei Siquém e medirei o vale dos tabernáculos. Siquém significa ombros. Conforme a história, Jacó, ao voltar de junto de seu sogro Labão com todos os seus, escondeu em Siquém os ídolos que trouxera da Síria, onde peregrinara por muito tempo e de onde vinha afinal. Em Siquém levantou tendas, por causa de suas ovelhas e seus rebanhos, e denominou aquele lugar: Tabernáculos (cf Gn 35,4; 33,17). E estes eu dividirei, diz a Igreja. Qual o sentido da frase: “Repartirei Siquém?” Se é referente à história dos ídolos que foram escondidos significa os povos. Reparto os povos. Qual o significado de: Reparto? Nem todos têm a fé (cf 2Ts 3,2). Que significa: reparto? Uns crêem, outros não crêem; não tenham medo, contudo, os que crêem, no meio daqueles que não crêem. Agora se dis-tinguem pela fé; depois, no juízo, serão separados, as ovelhas à direita, os cabritos à esquerda (cf. Mt 25,33). Aí está como a Igreja reparte Siquém. Como separa os ombros, conforme a tradução do nome? Separam-se os homens de acordo com os ombros, porque a uns pesam seus pecados e a outros é leve o fardo de Cristo. Ele procurava onde encontrar ombros piedosos, quando dizia: “O meu jugo é suave e o meu farod é leve” (Mt 11,30). Os outros fardos te oprimem e pesam sobre ti; o de Cristo, porém, te levanta. Outros fardos têm peso; o de Cristo tem asas. Pois, se tiras as penas de uma ave, pareces tirar-lhe um peso; e quanto mais peso tirares, mais presa à terra ficará. Aquela que quiseste aliviar jaz por terra; não voa porque lhe tiraste o peso; que este volte, e ela voará. Tal é o fardo de Cristo. Que os homens o carreguem; não sejam preguiçosos; não observem aqueles que não o querem carregar. Carreguem-no os que querem e verão como é leve, como é suave, como é agradável, como arrebata para o céu, livrando da terra. “Repartirei Siquém e medirei o vale dos tabernáculos”. Talvez por causa das ovelhas de Jacó, entende-se por vale dos tabernáculos o povo judaico, que também é repartido, porque saíram dali os que acreditaram, enquanto os restantes ficaram.

**9** [9] “Galaad é meu”. Estes nomes se lêem nas Escrituras de Deus. Galaad interpreta-se como sendo um grande mistério; traduz-se por acervo do testemunho. Como são grandes os acervos de testemunho nos mártires! “Galaad é meu”, meu é o acervo do testemunho, meus são os verdadeiros mártires. Morram outros por causa de sua antiga vaidade sem sal; acaso pertencem ao acervo do testemunho? “Ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Cor 13,3). Como o Senhor em certo lugar admoesta a respeito da paz que há de ser mantida, referiu-se antes ao sal: “Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros” (Mc 9,49). Por conseguinte: “Galaad é meu”, mas Galaad, isto é, o acervo do testemunho, evidentemen-te se constituiu em meio a grande tribulação. Então a Igreja era tida entre os homens por uma ignomínia, então se lhe objetava o opróbrio da viúva, porque era de Cristo e trazia na fronte o sinal da cruz. Esta, então, não era ainda uma honra; era um crime. Quando,

pois, ainda não estava cercada de honrarias, mas era considerada um crime, então se produziu o acervo do testemunho; e por este dilatou-se a caridade de Cristo. A dilatação da caridade atingiu os povos. Segue: “Meu é Manassés”, que significa esquecido. Então se dizia à Igreja: “Hás de esquecer a tua condição vergonhosa para sempre, não te lembrarás do opróbrio da tua viuvez” (Is 54,4). Outrora havia para a Igreja condição vergonhosa que agora ela já esqueceu; não se lembra mais da confusão e ignomínia de sua viuvez. Quando havia este opróbrio entre os homens acumulou-se o acervo do testemunho. Agora já ninguém se lembra desta vergonha, de quando era ignomínia ser cristão; já ninguém se lembra, todos já se esqueceram, já “é meu Manassés. Efraim é a força de minha cabeça”. Efraim significa frutificação. É minha a fruti-ficação, e esta frutificação é a força de minha cabeça. Minha Cabeça, efetivamente, é Cristo. E donde vem que a frutificação é sua força? Se o grão não caísse na terra, não se multiplicaria, ficaria só. Na paixão, portanto, Cristo caiu na terra, e seguiu-se a frutificação na ressurreição. “Efraim é a força de minha cabeça”. Pendia Cristo da cruz e era desprezado. O grão estava escondido e tinha força para atrair tudo a si (Jr 12,24.32). No grão se oculta a força de germinação; apresenta-se aos olhos como coisa vil, mas encerra a força de transformar a matéria e produzir fruto. Assim em Cristo crucificado ocultava-se a força e manifestava-se a fraqueza. Oh, grande grão! Certamente é fraco na cruz, de fato diante dele o povo meneava a cabeça, e em verdade disseram: “Se é Filho de Deus, desça da cruz” (cf Mt 27,40). Ouve qual é sua fortaleza: “O que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,25). Com razão obteve tão grande frutifi-cação; ela é minha, diz a Igreja.

**10** [10] “Judá é meu rei, Moab é a ola de minha esperança. Judá é meu rei”. Quem é Judá? O chefe da tribo de Judá. Quem é Judá senão aquele a quem o próprio Jacó disse: “Judá, teus irmãos te louvarão”? (Gn 49,8). “Judá é meu rei”. Que temerei, se Judá, meu rei, disse: “Não temais os que matam o corpo”? (Mt 10,28). “Judá é meu rei, Moab é a ola de minha esperança”. Por que: “ola?” Por causa da tribulação. Por que: “de minha esperança?” Porque precedeu Judá, o meu rei. Por que temes segui-lo pelo caminho por onde te precedeu? Por onde precedeu? Através das tribulações, angústias, opróbrios. O caminho estava impedido, mas antes que ele passasse; depois que ele atravessou, segue-o; o caminho está aberto devido a sua passagem. “Estou só, até que passe”, diz um salmo (Sl 140,10). O grão fica sozinho, até que passe; quando tiver passado, virá a frutificação. “Judá é meu rei”. Portanto, se “Judá é meu rei, Moab é a ola de minha esperança”. Moab representa as nações. Esta nação nasceu de um pecado, nasceu das filhas de Ló, que dormiram com o pai embriagado, abusando do pai (Gn 19,31.38). Era melhor que permanecessem estéreis do que serem mães deste modo. O fato constitui uma figura dos que abusam da lei. Não deis importância a que lei em latim é do gênero feminino; em grego é palavra masculina. Mas seja o gênero feminino na expressão, seja do masculino, a locução não anula a verdade. Pois, a lei tem mais o caráter masculino, porque rege e não é regida. Mas, como se exprime o apóstolo Paulo? “A lei é boa, conquanto seja usada segundo as regras” (1Tm 1,8). As filhas de Ló, porém, não

aproveitaram do pai legitimamente. Como se originam obras boas quando alguém emprega bem a lei, assim se produzem obras más, quando alguém emprega mal a lei. Por isso, elas empregando mal o pai, isto é, utilizando a lei, geraram moabitas, que representam obras más. Daí a tribulação da Igreja, daí a ola que ferve. Desta ola se diz em certa passagem profética: “Vejo uma panela fervendo, cuja boca está voltada para o norte” (Jr 1,13). De onde vem senão das partes do diabo que disse: “Estabelecer-me-ei nos confins do norte” (cf Is 14,13). Por conseguinte as máximas tribulações que advêm à Igreja são as originadas daqueles que usam mal as leis. E então? A Igreja, por isso, há de desfalecer, e por causa da ola, isto é, da abundância dos escândalos, não há de perseverar até o fim? (Mt 24,12). Acaso Judá, seu rei, lhe terá predito essas coisas? Não lhe disse: “E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará”? (Mt 24,12). A panela ferve, e a caridade se esfria. Por que, então, ó caridade, tu não ferves antes contra a panela? Ignoras que te foi dito, quando teu rei falava da abundância dos escândalos: “Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo”? (Mt 24,13). Persevere, portanto, até o fim, contra a ola dos escândalos. A ola da iniqüidade arde; mais intensa é a chama da caridade. Não te deixes vencer; persevera até o fim. Por que receias os moabitas, as obras más daqueles que aplicam mal a lei? Não os suportou teu rei, Judá, que te precedeu? Não sabes que os judeus, aplicando erradamente a lei, mataram a Cristo? Por conseguinte, espera e prossegue pelo caminho para onde teu rei te precedeu. Dize: “Judá é meu rei”. E uma vez que “Judá é meu rei”, que será “Moab? Ola de minha esperança”, não de minha eliminação. Observa a ola da esperança no meio das tribulações, escutando o Apóstolo: “Nós nos gloriamos também nas tribulações”. Já temos a ola; mas vê se a continuação do trecho explica a ola da esperança. “Sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança”. Se a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança, enquanto a ola é a tribulação que produz a esperança, com razão “Moab é a ola de minha esperança”. E a “esperança não decepciona”. E por que motivo? Ferves contra a panela? Sim, “porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5).

**11** “Sobre a Iduméia atirarei as sandálias”. Fala a Igreja: Chegarei até “a Iduméia”. Enfureçam-se as tribulações, fervam os escândalos do mundo, “atirarei as sandálias sobre a Iduméia”, sobre aqules mesmos que levam uma vida terrena (porque Iduméia significa terrena); sobre eles, “sobre a Iduméia atirarei as sandálias”. Quais sandálias, a não ser as dos evangelhos? “Quão maravilhosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam boas notícias”! (cf Is 52,7; Rm 10,15). E: “Calçados os pés com a preparação do evangelho da paz” (Ef 6,15). Finalmente, como “a tribulação produz a perseverança, a perseverança um virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança (que a panela não me consuma), o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo espírito Santo que nos foi dado”, não desistamos de pregar o evangelho, não desistamos de anunciar o Senhor. “Sobre a Iduméia atirarei as sandálias”. Não o servem os próprios homens terrenos? Apesar de presos às ambições terrenas, adoram a Cristo. Hoje vemos,

irmãos, quantos homens terrenos cometem fraudes tendo em vista o lucro, e por causa das fraudes proferem juramentos falsos; levados pelo medo, consultam os agoureiros, os astrólogos. Todos esses são idumeus, são terrenos; contudo, adoram todos eles a Cristo, estão debaixo de seus pés. Ele já atirou suas sandálias sobre a Iduméia. "Os alófilos me estão sujeitos". Quem são esses "alófilos?" São os estrangeiros, que não pertencem a minha raça. "Estão sujeitos", porque muitos adoram a Cristo, mas não reinarão com ele. "Os alófilos me estão sujeitos.

**12** [11] Quem me introduzirá na cidade circunvizinha?" Que é cidade circunvizinha? Se vos recordais, já a mencionei em outro salmo, onde foi dito: "Rondando pela cidade inteira" (Sl 58,7.15).[1] Cidade circunvizinha, porque os povos estavam ao redor. Os povos cercavam um povo que estava no meio, o povo judaico, que adorava um só Deus. Os demais povos, ao redor, suplicavam aos ídolos, serviam os demônios. Misticamente é denominado cidade circunvizinha, porque os povos por todas as partes ao redor se espalharam e cercavam aquele povo que adorava um só Deus. "Quem me introduzirá na cidade circunvi-zinha?" Quem, a não ser Deus? O Senhor quer dizer como conduzirá o povo através daquelas nuvens, das quais foi dito: "O teu trovão rolou" (Sl 76,19). Esta roda é a cidade circunvizinha, que é denominada roda, isto é, o orbe da terra. "Quem me introduzirá na cidade circuvizinha? E me levará até a Iduméia?" isto é, para que reine mesmo no meio dos homens terrenos, a fim de que me venerem até os que não são meus, que não querem aperfeiçoar-se com meu auxílio.

**13** [12] "Quem me levará até a Iduméia? Não serias tu que nos repeliste, ó Deus? E não sairás mais, ó Deus, a frente de nossos exércitos". Não nos conduzirás tu que nos repeliste? Mas por que nos repeliste? Porque "nos destruíste". Por que nos destruíste? Porque "tu te iraste e te compadeceste de nós". Tu, portanto, que nos rejeitaste, que não sairás mais à frente de nossos exércitos, tu nos conduzirás. Que significa: "Não sairás mais à frente de nossos exércitos?" Que o mundio há de se enfurecer, o mundo há de nos calcar aos pés, acumular-se-á o acervo do testemunho, com o sangue derramado dos mártires, e os pagãos encarniçados dirão: "Onde está o seu Deus"? (Sl 78,10). Então, "não sairás à frente de nossos exércitos", não te mostrarás contra eles, não se revelará teu poder, qual mostraste em Davi, em Moisés, em Jesus de Nave, quando os povos foram vencidos por sua força, e depois dos morticínios, de grande devastação, conduziste teu povo à terra prometida. Isto não fazes mais agora, "não sairás à frente de nossos exércitos", mas agirás interiormente. Que quer dizer: "não sairás?" Não aparecerás. Efetivamente, quando os mártires eram conduzidos em cadeias, quando eram fechados no cárcere, quando eram apresentados para serem ludibriados, quando eram lançados às feras, quando feridos com a lança, quando eram queimados na fogueira, não eram desprezados como se estivessem abandonados, sem auxílio? Como Deus agia no seu íntimo? Como os consolava interiormente? Como lhes tornava suave a esperança da vida eterna? Como não abandonava seus corações, onde cada um podia encontrar morada em silêncio, sentindo-se bem se era bom, e mal, se era mau? Porventura porque

não saía à frente de seus exércitos, os abandonava? Ou melhor, se não saía com seus exércitos, não conduziu a Igreja até a Iduméia, não levou a Igreja até à cidade circunvizinha? Se a Igreja quisesse usar da espada e combater, pareceria lutar pela vida presente; mas como desprezava a vida presente, acumulou um acervo de testemunhos acerca da vida futura.

**14** [13] Tu, pois, ó Deus, que não sais à frnete de nossos exércitos, "dá-nos auxílio na tribulação, pois nada vale o socorro humano". Avancem agora os que não têm sal (cf Mc 9,49) e desejem a salvação temporal para os seus, essa vã beleza. "Dá-nos auxílio". Ele nos venha de onde parecias abandonar; daí socorre-nos. Dá-nos auxílio na tribulação. Nada vale o socorro humano".

**15** [14] "Com Deus faremos proezas e ele reduzirá a nada os nossos inimigos". Não faremos proezas com a espada, com os cavalos, as armaduras, os escudos, a força do exército, exteriormente. Mas, onde então? Interiormente, onde temos achado esconderijo. Como interiormente? "Com Deus faremos proezas"; estaremos como seres abjetos, conculcados, homens insignificantes, mas "ele reduzirá a nada os nossos inimigos". Enfim, isto sucedeu a nossos inimigos. Os mártires foram conculcados: sofrendo, suportando, perseverando até o fim, com Deus fizeram proezas. E Deus fez o seguinte: reduziu a nada seus inimigos. Onde estão agora os inimigos dos mártires? Talvez agora, embriagados, ofereçam cálices (nos sepulcros) àqueles que outrora, furiosos, perseguiam com pedras.

1 Cf Com. ao sl. 58, nº 15.

# SALMO 60

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] Empreendemos meditar convosco este salmo. É curto. Esteja presente o Senhor para conseguirmos explicá-lo de maneira suficiente e breve. À medida que nos ajudar aquele que nos ordena falar, procuro atender bem aos que querem ouvir, sem molestar os mais lentos, nem pesar a alguns, nem onerar os mais ocupados. O título não nos detém. Assim se formula: "Para o fim. Entre os hinos. De Davi. Entre os hinos", de louvor. "Para o fim", Cristo. "O fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). "De Davi", não devemos aplicar o nome senão àquele que veio, da estirpe de Davi, para ser homem no meio dos homens, e torná-los iguais aos anjos. Devemos reconhecer neste salmo nossa voz, e não de algum estranho, se somos de seus membros e estamos em seu corpo, como ousamos presumir, seguindo sua exortação. Não disse que é nossa voz, como se fosse somente de nós aqui presentes; mas nossa, dos que estamos espalhados por todo o mundo, do oriente ao ocidente. E para saberdes que assim é nossa voz, fala o salmo aqui como se fosse um só homem; não é, porém, um só homem, mas a unidade fala como se fosse um só. Em Cristo todos nós somos um só homem. A Cabeça deste homem único está no céu, e seus membros ainda labutam na terra, e como labutam, vede como se exprime.

**2** [2.3] "Escuta, ó Deus, a minha súplica, atende a minha oração". Quem é que fala? Parece um só. Vede se é um só: "Dos confins da terra clamei a ti, quando meu coração se angustiava". Por conseguinte, já não é um só. Mas, é um só, porque Cristo, de quem todos somos membros, é um só. Todavia, quem é este homem único que clama dos confins da terra? Não clama dos confins da terra senão aquela herança da qual se disse ao próprio Filho: "Pede-me e dar-te-ei as nações por herança, e como propriedade os confins da terra" (Sl 2,8). Esta propriedade de Cristo, portanto, esta herança de Cristo, esta unidade que nós constituímos, esta única Igreja de Cristo, clama dos confins da terra. O que é que clama? O que disse acima: "Escuta, ó Deus, a minha súplica, atende a minha oração. Dos confins da terra clamei a ti", a saber, isto clamei a ti, "dos confins da terra", isto é, de toda parte.

**3** Mas porque clamou estas coisas? "Quando meu coração se angustiava". Demonstra que se acha no meio de todos os povos por toda a terra em grande glória, mas também envolvida em grande tentação. Pois nossa vida nesta peregrinação não pode se passar sem tentação. Nosso progresso se realiza através da tentação. Ninguém se conhece antes de ser provado, nem pode ser coroado se não vencer, nem pode vencer sem ter combatido, nem lhe é possível lutar se não tiver inimigo e tentações. Portanto, este homem se angustia, clamando dos confins da terra; contudo não está desamparado. Cristo quis prefigurar-nos a nós, que somos seu corpo, em seu próprio corpo, no qual ele

já morreu, ressuscitou, subiu ao céu, a fim de que aonde subiu a Cabeça em primeiro lugar, confiem os membros que hão de segui-lo. Por conseguinte, ele figurou-nos em si quando quis ser tentado por Satanás (cf Mt 4,1). Acabamos de ler no evangelho que Jesus Cristo Senhor era tentado pelo diabo no deserto. De fato, Cristo era tentado pelo diabo. Em Cristo, porém, tu é que eras tentado, porque de ti Cristo assumiu uma carne, e de si te deu a salvação; de ti recebeu a morte, de si te concedeu a vida; de ti aceitou as injúrias, de si te comunicou honras; portanto de ti adveio-lhe a tentação, de si deu-te a vitória. Se nele nós fomos tentados, nele superamos o diabo. Notas que Cristo foi tentado, e não atendes a que ele venceu? Reconhece a ti mesmo nele quando tentado, e reconhece-te nele vencedor. Poderia impedir que o diabo se aproximasse; mas se ele não fosse tentado, não te ensinaria como vencer ao seres tentado. Portanto, não é de admirar que este homem, no meio das tentações, clame dos confins da terra. Mas por que não é vencido? "Sobre um rochedo me elevaste". Por conseguinte, já vemos aqui aquele que clama dos confins da terra. Relembremos o evangelho: "Sobre esta pedra edificarei minha Igreja" (Mt 16,18). Portanto, é a Igreja que clama dos confins da terra; Cristo quis edificá-la sobre a pedra. Quem é que se tornou pedra, a fim de que sobre ela a Igreja fosse edificada? Ouve como Paulo se exprime: "Essa rocha era Cristo" (1Cor 10,4). Nele, pois, é que somos edificados. Por isso, aquela rocha sobre a qual fomos edificados, primeiro foi batida pelos ventos, pelos rios, pelas chuvas, na ocasião em que Cristo era tentado pelo diabo (cf Mt 2,24-25). Eis em que firmeza ele quis te estabelecer. É certo que nossa voz não soa em vão, mas é ouvida. Firmamo-nos numa grande esperança: "Sobre um rochedo me elevaste".

**4** [3.4] "Tu me conduziste, porque és a minha esperança". Se ele não se tivesse tornado a nossa esperança, não nos conduziria. Conduz-nos enquanto guia, conduz-nos através de si mesmo enquanto caminho, e conduz-nos a si enquanto pátria. Por conseguinte, ele nos conduz. Qual a maneira? Tendo-se feito a nossa esperança. Como se tornou ele a nossa esperança? Conforme ouvistes: foi tentado, sofreu, ressuscitou: assim ele se fez a nossa esperança. Que dizemos, pois, a nós mesmos ao lermos estas coisas? Deus não nos condenará; por nossa causa enviou seu Filho para ser tentado, crucificado, morrer, ressuscitar. Efetivamente, Deus não nos despreza; por nossa causa não poupou o próprio Filho, mas entregou-o por todos nós (cf Rm 8,32). Desta forma ele se tornou a nossa esperança. Nele contemplas teu labor e tua recompensa; labor na paixão, recompensa na ressurreição. De tal forma é que ele se fez nossa esperança. Pois, temos duas vidas: uma, esta em que estamos; outra, que esperamos. Notória é esta que agora vivemos; a que esperamos nos é desconhecida. Tolera a vida em que estás, e terás a que ainda não possuis. Tolerar de que modo? De tal modo que não sejas vencido pelo tentador. Cristo te mostrou a vida em que te achas por seus trabalhos, tentações, sofrimentos, morte; por sua ressurreição te apontou a vida que terás. Sabíamos apenas que o homem nasce e morre, mas desconhecíamos que o homem ressuscita e vive eternamente. Ele assumiu os eventos que conhecias, e demonstrou o que ignoravas. Por isso ele se tornou a nossa esperança nas tribulações e tentações. Vê como se pronuncia o Apóstolo: "E não é só.

Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,3-5). Com efeito, ele se fez a nossa esperança, dando-nos o Espírito Santo. Agora andamos com esperança. Não andaríamos se não esperássemos. Como se expressa o Apóstolo? "Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos". E ainda: "Pois fomos salvos em esperança" (Rm 8,24-25).

**5** "Tu me conduziste, porque és a minha esperança, torre forte na presença do inimigo". Meu coração se angustia, declara a unidade que abrange os confins da terra, e labuta no meio de tentações e escândalos. Os pagãos invejam-me, porque foram vencidos. Os hereges armam ciladas, encobertos sob o manto do nome de cristãos. Dentro da própria Igreja o trigo sofre violência da parte da palha. No meio de tudo isso, meu coração se angustia e clamarei desde os confins da terra. Mas não me abandona aquele que me elevou sobre um rochedo, e me conduzirá a si. Apesar de meus trabalhos, pois o diabo em tantos lugares e tempos e ocasiões me arma insídias, o Senhor é para mim uma torre forte. Ao me refugiar nele, não somente evitarei os dardos do inimigo, mas também lançarei contra eles quantos eu quiser. O próprio Cristo é uma torre; ele se tornou para nós uma torre diante do inimigo. Ele é a rocha sobre a qual foi edificada a Igreja. Queres te precaver de ser ferido pelo diabo? Foge para a torre. Os dardos do diabo jamais te alcançarão naquela torre; lá estarás bem armado e firme. Como, porém, há de fugir para a torre? Não aconteça, talvez, que alguém, em tentação, procure corporalmente esta torre; e não a encontrando, se canse, ou seja vencido pela tentação. A torre está diante de ti: lembra-te de Cristo e entra na torre. Como te lembrarás de Cristo para entrar na torre? Em tudo que sofreres, seja o que for, pensa que ele primeiro sofreu, e medita com que finalidade padeceu: morreu para ressuscitar. Espera também tu alcançar tal fim qual obteve ele antes, e entraste na torre, não consentindo na sugestão do inimigo. Se, ao invés, consentires na sugestão do inimigo então te atingirão os dardos do adversário. Ao contrário, tu deves lançar-lhe os dardos que o firam e vençam. Quais são estes dardos? As palavras de Deus, a tua fé, a tua esperança, as boas obras. Não digo: Fica nesta torre, sem fazer nada e que te baste não ser atingido pelos dardos do inimigo. Faze algo ali; as mãos não estejam ociosas; tuas boas obras são espadas que matam o inimigo.

**6** [5] "Serei um forasteiro em teu tabernáculo pelos séculos". Vede: é aquele, ao qual nos referimos, que clama. Quem de nós é forasteiro pelos séculos? Vivemos na terra poucos dias e passamos; aqui somos forasteiros, e no céu seremos habitantes. És forasteiro num lugar, onde ouvirás a voz do Senhor teu Deus, a dizer-te: Emigra. Mas, daquela casa eterna nos céus ninguém te ordenará que emigres. Aqui, portanto, és forasteiro. Daí se dizer em outro salmo: "Sou um forasteiro e um peregrino, como todos os meus pais" (Sl 38,13). Aqui, de fato, somos peregrinos; lá o Senhor nos dará mansões eternas: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (Jo 14,2). Ele dará aquelas moradas não a forasteiros, mas a cidadãos que lá permanecerão eternamente. Na terra, no entanto, irmãos, a Igreja

não haveria de ficar por pouco, mas estará aqui até o fim do mundo; por esta razão o salmista diz: “Serei um forasteiro em teu tabernáculo pelos séculos”. Enfureça-se quanto quiser o inimigo, ataque-me, prepare-me ciladas, aumentem os escândalos, e angustie-se o meu coração: “sou um forasteiro em teu tabernáculo pelos séculos”. A Igreja não será vencida, não será desarraigada, não cederá a tentação alguma, até que venha o fim deste mundo, e aquela habitação eterna nos receba ao sairmos desta morada temporal, aonde nos conduzirá aquele que se tornou a nossa esperança. “Serei um forasteiro em teu tabernáculo pelos séculos”. Se queres ser forasteiro por longo tempo, quase lhe diríamos, hás de pelejar na terra no meio de tantas tentações. Pois, se a Igreja aqui estivesse por poucos dias, logo terminariam as insídias do tentador. Bem. Queres que as tentações durem poucos dias; mas como reuniria a Igreja todos os homens que nascessem, se não ficasse aqui longamente, se não se dilatasse até o fim? Não invejes os que virão futuramente. Porque passaste, não queiras cortar a ponte da misericórdia; permaneça a Igreja até o fim dos séculos. Que fazer das tentações que necessariamente hão de ser tanto mais freqüentes quanto mais escândalos sucederem? De fato, diz o evangelho: “Pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará”. Mas, aquela Igreja que clama dos confins da terra, está naqueles de que fala o versículo seguinte: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24,12.13). Mas como hás de perseverar? Que forças possuis no meio de tantos escândalos, tantas tentações, tantas lutas? Com que forças vences o inimigo que não vês? Acaso com as tuas próprias? Uma vez que este homem é forasteiro pelos séculos, que esperança possui de que há de permanecer firme? “Abrigar-me-ei à sombra de tuas asas”. Aí está por que motivo estamos seguros, embora cercados de tantas tentações, até que venha o fim do mundo, e as moradas eternas nos acolham a nós, que nos abrigamos à sombra de suas asas. O calor vem do século, mas é grande a sombra sob as asas de Deus: “Abrigar-me-ei à sombra de tuas asas”.

**7** [6] “Pois tu, ó Deus, ouviste as minhas preces”. Quais? Aquelas com as quais comecei: “Escuta, ó Deus, a minha súplica, atende a minha oração. Dos confins da terra clamei a ti”. Clamei a ti dos confins da terra. “Por isso abrigar-me-ei à sombra de tuas asas, pois tu, ó Deus, ouviste as minhas preces”. Somos admoestados, irmãos, a não cessar de orar, por todo o tempo da tentação. “Asseguraste a herança aos que temem o teu nome”. Perseveremos, portanto, no temor do nome de Deus. O Pai eterno não nos engana. Os filhos trabalham para receberem a herança de seus pais, dos quais serão sucessores quando eles morrerem. Nós não trabalhamos para recebermos a herança daquele Pai que não morre, e sermos seus sucessores; mas com ele viveremos eternamente de posse da herança! “Asseguraste a herança aos que temem o teu nome”.

**8** [7] Acrescentarás dias aos dias do rei”. Trata-se do rei de quem somos os membros. O rei é Cristo, nossa Cabeça, nosso rei. Acrescentaste dias aos seus dias; não somente estes dias no tempo, que terão fim, mas dias aos dias infinitos. Diz outro salmo: “Habitarei na casa do Senhor por dilatados dias” (Sl 22,6). Por que diz: “dilatados dias, senão porque agora os dias são breves? Tudo o que tem fim é breve. Mas, os dias são acrescentados

aos dias deste rei, de sorte que Cristo reine em sua Igreja somente nestes dias passageiros, mas os santos hão de reinar com ele em dias que não têm fim. Na eternidade há um só dia, e muitos dias. Já disse o salmo por que são muitos dias: "dilatados dias"; mas que haja somente um dia, assim se entende: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Sl 2,7). Um só dia: "Hoje". Mas este dia não se acha entre ontem e amanhã; seu início não é o fim do ontem, nem seu fim o início do amanhã. Pois, é denominado também anos de Deus: "Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminam" (Sl 101,28). Têm o mesmo sentido: anos, dias, um só dia. Refiras-te como quiseres à eternidade. Por isso, fala como quiseres, porque seja o que for que disseres, dirás menos do que é. Mas é preciso dizer alguma coisa, para poderes pensar o que não se pode exprimir. "Acrescentarás dias aos dias do rei e seus anos perdurem por muitas gerações". Por esta geração e pela geração futura. Esta geração é comparada à lua, porque a lua nasce, cresce, fica perfeita, diminui e morre; assim são estas gerações mortais. Mas a geração na qual seremos regenerados ao ressuscitarmos, e permanecermos eternamente com Deus, quando já não seremos como a lua, será o que diz o Senhor: "Então os justos brilharão como o sol no rieno de seu Pai" (Mt 13,43). Na Escritura a lua é figura das vicissitudes deste tempo de mortalidade. Por isso, aquele homem que descia de Jerusalém para Jericó caiu nas mãos dos ladrões. O nome da cidade de Jericó é hebraico e se traduz em vernáculo por lua. O homem descia, portanto, da imortalidade à mortalidade; e com razão no caminho foi ferido por ladrões e abandonado meio morto aquele Adão, do qual provém todo o gênero humano (cf Lc 10,30). Por conseguinte, "acrescentarás dias aos dias do rei, e seus anos perdurem por muitas gerações". Tomo como referência à geração mortal. De que outra geração fizeste menção? De qual? Escuta:

**9** [8] "Permanecerá para sempre na presença do Senhor". Segundo o quê? Ou por causa de quê? "Quem lhe perscrutará a misericórdia e a verdade?" Diz também outro salmo: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade para os que buscam sua aliança e seus testemunhos" (Sl 24,10). Grande seria o sermão sobre a verdade e a misericórdia, mas prometemos ser breves. Ouvi rapidamente o que é verdade e misericórdia. Não é sem importância o que foi dito: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade". Fala-se em misericórdia, porque Deus não dá atenção a nossos méritos, mas à sua bondade, para nos perdoar todos os pecados e nos prometer a vida eterna; fala-se, porém, em verdade, porque ele não deixa de ser o que prometeu. Reconheçamos a ambas, para também fazermos assim. Como Deus nos demonstrou sua misericórdia e sua verdade, misericórdia perdoando nossos pecados e verdade realizando suas promessas, assim também nós pratiquemos a misericórdia e a verdade: misericórdia para com os enfermos, necessitados, e até para com nossos inimigos; verdade, evitando o pecado e não acumulando pecado sobre pecado. Se alguém promete a si mesmo demais acerca da misericórdia de Deus, insinua-se em seu espírito o pensamento de que Deus pode ser injusto; julga que se continuar sendo pecador e não quiser apartar-se de suas maldades, o Senhor quando vier há de colocá-lo no mesmo lugar em que há de

colocar os servos seus obedientes. E será justo que, apesar de perseverares nos pecados, ele te coloque junto daqueles que se afastaram dos pecados? Queres ser injusto, mas de sorte que também faças de Deus um injusto? Queres, então, converter a Deus, para seguir tua vontade. Tu é que deves te converter, segundo a vontade de Deus. Quem é que assim age senão alguém do número daqueles poucos dos quais se diz: "Aquele, porém, que persverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24,13). Com razão, acha-se também no salmo: "Quem lhe perscrutará a misericórdia e a verdade?" Por que motivo a palavra: "lhe?" Bastaria: "Quem perscrutará". Para que o acréscimo de "lhe?" Seria porque muitos procuram a sua misericórdia e verdade ensinadas em seus livros; e quando aprenderem, vivem para si, não para ele, porque muitos procuram atender aos seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo? (cf Fl 2,21). Pregam a misericórdia e a verdade, e não as praticam. Mas se as pregam, conhecem-nas; não as pregariam se não as conhecessem. Mas aquele que ama a Deus e a Cristo, pregando sua misericórdia e sua verdade, procure-as por causa dele e não por causa de si mesmo; isto é, não para adquirir pela pregação comodidades temporais, mas para servir de proveito aos membros de Cristo, a saber, seus fiéis, ministrando seus conhecimentos com verdade. Desta sorte aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por todos morreu (cf 2Cor 5,15). "Quem lhe perscrutará a misericórdia e a verdade?"

**10** [9] Assim "salmodiarei ao teu nome, ó Deus, nos séculos dos séculos, para cumprir os meus votos dia a dia". Se salmodias ao nome de Deus, não salmodias só por algum tempo. Queres salmodiar nos séculos dos séculos? Queres salmodiar eternamente? Cumpre teus votos dia a dia. Que quer dizer: cumpre teus votos dia a dia? Do dia de hoje até aquele dia. Persevera em cumprir os votos neste dia, até chegares àquele dia. Este é o sentido da frase: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo".

# SALMO 61

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] O deleite das palavras divinas e a suavidade que há em entender a palavra de Deus com o auxílio daquele que dá a suavidade para que nossa terra dê seu fruto (cf Sl 84,13), exorta-nos a falar e convida-vos a ouvir. Vejo que ouvis sem vos enfastiar e alegro-me de verificar o bom paladar de vosso coração, que não rejeita o que é salutar, mas ao invés absorve-o com avidez e o retém para vosso proveito. Por conseguinte, vamos vos falar ainda hoje, à medida que o Senhor nos conceder, sobre o salmo que acabamos de cantar. Seu título é o seguinte: "Para o fim, por Iditun, Salmo de Davi". Lembro-me de já ter aludido ao sentido do nome de Iditun[1]. Conforme conseguimos apurar, Iditun se traduz, da língua hebraica para o vernáculo, por: Aquele que atravessa por eles. Este cantor ultrapassou alguns, que ele olha de cima. Vejamos até onde atravessou, quais atravessou, e onde está localizado apesar de ter ultrapassado a alguns; de que espécie de lugar espiritual e seguro olha para baixo. Não olha para baixo com perigo de cair, mas a fim de que, tendo passado, estimule a outros, que são preguiçosos, a segui-lo e elogie o lugar aonde chegou, depois que passou. Assim este que ultrapassou está acima de alguma coisa, mas também debaixo de outra. Com isto, primeiro quis nos dar e entender debaixo de que coisa estará seguro, de tal modo que o fato de ter ultrapassado não lhe seja motivo de soberba, mas de aperfeiçoamento.

**2** [2.3] Em conseqüência disto, achando-se em lugar defendido, diz: "Não se há de submeter a Deus a minha alma?" Pois, o salmista ouvira: "Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado" (Mt 23,12). Receoso de se orgulhar por ter ultrapassado, não se exaltando diante do que lhe é inferior, mas humilhando-se diante daquele que lhe é superior, responde àquela espécie de invejosos que tinham pena de que ele tivesse atravessado e ameaçavam de ruína: "Não se há de submeter a Deus a minha alma?" Por que, enquanto estou para atravessar, procurais armar-me laços? Quereis derrubar-me com insultos, ou enganar com seduções. Por acaso estou lembrado de que sou superior a alguns e esquecido daquele ao qual estou subordinado? "Não se há de submeter a Deus a minha alma?" Por mais que me aproxime, por mais que suba, por mais que ultrapasse, estarei submisso a Deus, não contra Deus. Confiante, portanto, ultrapasso os demais, quando me segura, submisso a si, aquele que está acima de todas as coisas. "Não se há de submeter a Deus a minha alma? Dele depende a minha salvação. Ele é meu Deus e minha salvação. Meu protetor, jamais vacilarei". Sei quem está acima de mim, sei quem é que estende sua misericórdia àqueles que o conhecem, sei quais as asas à cuja sombra esperarei: "Jamais vacilarei". Efetivamente, vós vos empenhais, diz o salmista àqueles que ele ultrapassa: Vós vos empenhais em que eu vacile, mas "não me pisoteie a soberba" (Sl 35,12). Por isso, o mesmo salmo continua:

“Nem as mãos dos pecadores me sacudam”. Concorda com o versículo: “Jamais vacilarei”. Ao que foi dito esse outro salmo: “Nem as mãos dos pecados me sa-cudam”, corresponde aqui: “Jamais vacilarei”. E à expressão do outro salmo: “Não me pisoteie a soberba” é paralelo aqui: “Não se há de submeter a Deus a minha alma?”

**3** Então, o salmista garantido e seguro no lugar mais alto, tendo Deus se tornado o seu refúgio, e sendo Deus mesmo um lugar fortificado para ele, olha para trás, para aqueles que ultrapassou, e menosprezando-os fala, como que de uma elevada torre; pois também isto foi dito a respeito de Deus: “Torre forte na presença do inimigo” (Sl 60,4). Presta atenção a eles, pois, e diz: “Até quando inves-tireis contra um homem?” Insultando, lançando injúrias, armando insídias, perseguindo, impondes fardos a um homem, impondes quanto ele pode suportar; mas para que possa suportar, ele deve estar submisso àquele que criou o homem. “Até quando investireis contra um homem?” Se considerais que é um homem, “matai-o todos juntos”. Sobrecarregai-o, encarniçai-vos, “matai-o todos juntos. Como a uma parede já inclinada ou um muro prestes a cair”. Insisti, empurrai, quase derrubando-o. Mas como será realizada a palavra: “Jamais vacilarei?” Por que razão “jamais vacilarei?” Porque “ele é meu Deus e minha salvação, meu protetor”. Portanto, como homem podeis acumular fardos sobre um homem; mas podereis fazê-lo a Deus que protege o homem?

**4** [4] “Matai-o todos juntos”. De que tamanho é o corpo deste homem para ser morto por todos? Mas devemos entender que se trata de nossa pessoa, a de nossa Igreja, a do corpo de Cristo. Pois, é um só homem, Cabeça e corpo, Jesus Cristo, salvador do corpo com os membros, dois numa só carne, numa só voz, numa só paixão (cf Gn 2,24; Ef 5,31); e quando passar a iniqüidade, num só repouso. A paixão de Cristo, portanto, não é só de Cristo; ao invés, melhor, a paixão de Cristo é somente de Cristo. Se, de fato, entendes Cristo enquanto Cabeça e corpo, a paixão de Cristo é só de Cristo; se ao contrário te referes apenas à Cabeça, a paixão de Cristo não é somente de Cristo. Se a paixão de Cristo fosse somente de Cristo, ou antes, só da Cabeça, como pôde dizer um de seus membros, o apóstolo Paulo: “Completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo”? (Cl 1,24). Com efeito, se és dos membros de Cristo, seja quem fores que ouves ou que não ouves agora (mas hás de ouvir, se és dos membros de Cristo), tudo o que sofreres da parte dos que não são dos membros de Cristo, faltara à paixão de Cristo. Por isso acrescenta-se o que faltara. Completas a medida, sem derramares. Sofrerás na medida que teus sofrimentos devem unir-se à paixão de Cristo toda inteira; ele sofreu como nossa Cabeça e sofre em seus membros, isto é, em nós. Para o bem comum desta nossa sociedade, solvemos à medida de nossas forças nosso débito e conforme nossa capacidade contribuímos com uma parte de sofrimento. O pagamento plenário em sofrimento de todos não se dará senão quando acabarem os séculos. “Até quando investireis contra um homem?” Tudo o que padeceram os profetas, desde o derramamento do sangue do justo Abel até o do sangue de Zacarias (cf Mt 23,35), foi uma investida contra um homem, porque determinados membros de Cristo precederam a vinda da encarnação de Cristo, como em certo nascituro, a cabeça ainda

não saíra do ventre materno e saiu a mão, embora a mão estivesse em união com a cabeça (cf Gn 38,27). Não penseis, portanto, irmãos, que os justos que sofreram a perseguição da parte dos malvados, mesmo aqueles enviados antes da vinda do Senhor para prenunciá-la, não pertencessem aos membros de Cristo. De forma alguma deixam de pertencer aos membros de Cristo os pertencentes à cidade que tem Cristo por rei. Esta é a Jerusalém celeste, cidade santa; esta cidade tem um só rei. Cristo é o rei desta cidade; ela lhe diz: "Sião, minha mãe, dirá um homem". Diz-lhe: "Minha Mãe"; mas é "um homem". Pois, "Sião, minha mãe, dirá um homem: nasceu nela o homem, e o próprio Altíssimo a fundou" (Sl 86,5). Aquele seu rei, portanto, é o Altíssimo que a fundou: nela ele se tornou homem, em condição muito humilde. Com efeito, ele antes da sua encarnação enviou alguns de seus membros; depois que estes prenunciaram que ele haveria de vir, veio ele mesmo, unindo àqueles. Assemelha-se àquele nascimento, porque a mão que sai antes da cabeça está unida à cabeça e lhe é subordinada. Ao se referir o Apóstolo à excelência do povo primitivo, e ao lastimar que os ramos naturais tenham sido quebrados, tratava-se de Cristo. Diz o Apóstolo: "Os israelitas, aos quais pertencem a adoção filial, as alianças, a legislação, aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos (cf Rm 11,21; Rm 9,4.5). Dos quais descende o Cristo, segundo a carne, como proveniente de Sião, porque nasceu nela o homem. O Cristo, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos, porque o próprio Altíssimo a fundou. Dos quais descende o Cristo, segundo a carne", filho de Davi; que é acima de tudo, Deus bendito pelo séculos, senhor de Davi. Quem fala é pois aquela cidade inteira, desde que o sangue do justo Abel foi derramado até o sangue de Zacarias (cf Mt 23,35). Doravante, desde o sangue de João, através do sangue dos apóstolos, do sangue dos mártires, do sangue dos fiéis de Cristo, é uma só cidade que fala, um só homem que diz: "Até quando investireis contra um homem? Matai-o todos juntos". Vejamos se apagais da terra o seu nome, vejamos se o extinguis, vejamos se o tirais, vejamos se os povos não tramaram em vão (Sl 2,1) ao dizerem: "Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome"? (Sl 40,6). "Como a uma parede inclinada ou um muro prestes a cair", investi, empurrai. Ouvi um versículo mais acima: "Meu protetor, jamais vacilarei", porque empurraram-me como a um monte de areia, para que caísse (cf Sl 117,13), mas o Senhor me acolheu.

**5** [5] "Sim, pretenderam, de fato, arrancar-me a honra". Os que feriam, tentando matar, foram vencidos, pois o sangue dos mortos faz com que se multipliquem os fiéis; eles feriam, mas já não podiam matar. "Sim, pretenderam arrancar-me a honra". Uma vez que agora não se pode matar um cristão, cuidam de desonrá-lo. Agora a honra prestada aos cristãos atormenta o coração dos maus. Aquele José, em sentido espiritual, depois de vendido pelos irmãos, depois de transladado da pátria para o meio de gentios como os egípcios, depois da humilhação do cárcere, depois do falso testemunho, depois de sofrer o que foi dito: "O ferro transpassou-lhe a alma" (Sl 104,18), já está glorificado, já não se acha subordinado aos irmãos que o venderam, mas até distribui trigo aos famintos (Gn 37; 39; 41) vencidos por sua humildade, castidade, incorrupção, tentações, padecimentos, já o vêem honrado e cogitam de como repelir suas honras. Entra em suas

cogitações a palavra do salmo: “O pecador verá”. Não pode deixar de ver, visto que não é possível fique escondida uma cidade sobre um monte (cf Mt 5,14). Por conseguinte, “o pecador verá e se irritará. Rangerá os dentes e se consumirá” (Sl 111,10). O veneno dos que se enfurecem e se irritam fica latente no coração e oculto nos pensamentos. Por isso aqui há referência a seus planos: “Pretenderam arrancar-me a honra”. Não ousam manifestar em palavras suas cogitações. Auguremos-lhes bens, apesar de sua opção pelo mal. “Julga-os, ó Deus. Malogrem seus ardis” (Sl 5,11). Que pode haver de melhor, de mais útil do que cair de onde estão mal colocados, e assim corrigidos poderem dizer: “Firmou-se os pés sobre a rocha”? (Sl 39,3).

**6** “Sim, pretenderam arrancar-me a honra”. Todos contra um só, ou um só contra todos, ou todos contra todos, ou um só contra um só? Tendo dito: “Investireis contra um homem”, parece tratar-se de um só; e a locução: “Matai-os todos juntos”, seriam todos contra um; contudo, trata-se também de todos contra todos, porque todos são cristãos, mas unidos em um só. Que acontece com os diversos erros do inimigo de Cristo? Devem ser ditos somente: todos? Ou também: um só? Sem dúvida, ouso dizer que são um só; porque de um lado há uma só cidade e do outro uma só cidade, um só povo e um só povo, um rei e um rei. Por que: uma cidade só e outra cidade uma só? Existe uma só Babilônia e uma só Jerusalém. Sejam quais forem os outros nomes místicos que se lhe derem, continuam a existir uma cidade de um lado, e outra de outro lado. Uma tem por rei o diabo; e outra possui como rei a Cristo. Pondero, então, certa passagem do evangelho que me faz pensar e provavelmente também a vós. Após terem sido convidados para as núpcias muitos bons e maus, e a sala das núpcias se encher de convidados (pois os servos tinham sido enviados e conforme lhes fora ordenado, convidaram bons e maus), o rei entrou para ver os convidados e encontrou um homem que não tinha a veste nupcial e interpelou-o como sabeis: “Amigo, como entraste aqui sem roupa nupcial? Ele, porém, ficou calado”. E mandou amarrá-lo de mãos e pés e lançá-lo nas trevas exteriores. Certo homem foi arrancado do banquete e lançado no lugar do castigo, dentre tão grande multidão de convivas. Todavia, o Senhor, no intuito de mostrar que este único homem era um só corpo constituído de muitos membros, tendo ordenado que fosse lançado fora, e sofresse as devidas penas, acrescentou imediatamente: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos”. Que significa isto? Convocaste as multidões, e veio um grande número; anunciaste, falaste, multiplicaram-se acima de qualquer número (Sl 39,3), as salas do banquete nupcial se encheram de convivas; foi lançado fora apenas um, e dizes: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (cf Mt 22.10-24). Porque não disse: Todos são chamados, muitos escolhidos, um só lançado fora? Se tivesse declarado! Com efeito, muitos são chamados, muitos escolhidos, poucos de fato condenados, nestes poucos com verossimilhança teríamos entendido talvez aquele único homem. Ao contrário, ele afirma que só aquele único homem foi lançado fora dali, e acrescenta: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos”. Quais os escolhidos senão os que ficaram? Expulso um só, ficaram os escolhidos. Como é que, expulso foi um dentre muitos e são poucos os escolhidos, senão porque naquele único estão representados muitos? Todos os que têm gosto pelas coisas

terrenas, todos os que preferem a felicidade terrena a Deus, todos os que procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo (cf 2,21), pertencem àquela única cidade, que misticamente se chama Babilônia, e tem o diabo por rei. Ao invés, todos os que tem gosto pelas coisas do alto, que meditam as coisas celestes, que vivem neste mundo procurando com solicitude não ofender a Deus, que se precavêm de pecar e se pecarem não se coram de confessar, humildes, mansos, santos, justos, piedosos, bons, todos esses pertencem àquela única cidade que tem Cristo por rei. Aquela cidade está na terra como mais antiga no tempo; mas não por sublimidade e honra. Ela nasceu primeiro, enquanto a segunda é mais nova. A primeira começou com Caim; e a segunda com Abel. Estes dois corpos que agem em subordinação a seus respectivos reis, pertencentes a cada uma das cidades, são adversários até o fim do mundo, até que se faça a separação de sua convivência, e um seja colocado à direita e outro à esquerda. Será dito à segunda: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo"; e à outra: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos" (Mt 25,34.41). Cristo, pois, diz o seguinte: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo". É rei de sua cidade, e vitorioso sobre todos. Dirá aos colocados à esquerda, esta cidade dos iníquos: "Ide para o fogo eterno". Por acaso separa-os de seu rei? Não; pois acrescenta: "preparado para o diabo e para seus anjos".

**7** Atenção, irmãos. Peço-vos, prestai atenção. Apraz-me ainda falar-vos algumas coisas a respeito desta suave cidade. "Coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus. Se eu te esquecer, Jerusalém, esqueça-me a minha direita" (Sl 86,3;136,5). Efetivamente, é suave a pátria, uma só pátria e somente a pátria; fora dela, tudo é exílio. Direi o que sabeis, o que aprovais; relembro o que vos é notório. Diz o Apóstolo: "Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois" (1Cor 15,46). Aquela cidade, de fato, é mais velha, porque Caim nasceu primeiro e só depois Abel; mas nisto "o mais velho servirá ao menor" (cf Gn 4,1.2; 25,23). Caim, conforme lemos, edificou uma cidade; antes que houvesse cidade alguma, nos primórdios das coisas humanas, Caim edificou uma cidade. Sem dúvida, entende-se que já haviam nascido muitos homens (cf Gn 4,17) daqueles dois (Adão e Eva), e dos que eles geraram, para haver um número apto e suficiente para se dar ao local o nome de cidade. Por conseguinte, Caim edificou uma cidade, onde não havia cidade. Posteriormente foi edificada também Jerusalém, reino de Deus, cidade santa, cidade de Deus; e esta constituiu certa figura a significar realidades futuras. Entendei, pois, que existe aqui um grande mistério, e retende na memória o que foi dito acima: "Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual vem depois". Por isso, Caim primeiro edificou a cidade e a construiu onde nenhuma cidade havia. Quanto à construção de Jerusalém, contudo, não foi edificada onde nenhuma cidade existia; havia ali anteriormente uma cidade chamada Jebus, de onde se origina o nome de jebuseus. Foi tomada, vencida, subjugada, e foi edificada nova cidade sobre as ruínas da antiga, que foi denominada Jerusalém: Visão de paz, cidade de Deus (cf Js 18,28). Não são, portanto, todos os nascidos de Adão que pertencem a Jerusalém; a descendência da iniqüidade traz consigo a pena do pecado e é

destinada à morte, fazendo parte de certo modo da antiga cidade. Mas se há de se tornar o povo de Deus, destrói-se o que é velho e constrói-se o que é novo. Por este motivo, Caim edificou uma cidade onde nenhuma cidade havia. Cada um de nós começa, pois, na condição mortal e na malícia, para se tornar bom, posteriormente. “De modo que, como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. Todos morrem em Adão” (Rm 5,19; 1Cor 15,22). Todos nós nascemos de Adão. Atravesse Jerusalém; seja destruído o que é velho e edificado o que é novo. Como se os jebuseus tenham sido vencidos, para se edificar Jerusalém, ordena o Apóstolo: “Despi o velho homem e revesti-vos do novo” (cf Cl 3,9.10). Já edificados em Jerusalém, e brilhando pela luz da graça, ouvis a exortação: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). A cidade malvada, portanto, percorre o tempo, do início ao fim; a boa cidade se funda com a conversão dos maus.

**8** Por enquanto, estas duas cidades estão intercaladas uma na outra, para serem separadas no fim. Combatem-se mutuamente. Uma em favor da justiça e outra em favor da iniqüidade; uma em vista da vaidade e a outra em prol da verdade. Por vezes esta mistura temporal faz com que alguns integrantes da cidade de Babilônia administrem bens de Jerusalém; e em sentido contrário, alguns dos membros de Jerusalém administrem bens pertencentes a Babilônia. Parece-me que prometi mostrar algo de difícil. Tende paciência até que demonstre com exemplos. Todas as coisas, pois, naquele povo antigo, como escreve o Apóstolo, acontecia-lhes em figura; “foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Cor 10,11). Considerai, pois, aquele primeiro povo, criado também para representar os pósteros e vede aí o que digo. Houve grandes reis em Jerusalém. Isto é notório. Foram enumerados, citados pelo nome. Mas, todos os que foram iníquos eram cidadãos de Babilônia e administravam os bens de Jerusalém. No fim, serão retirados de lá, e pertencem ao diabo. De outro lado, encontramos cidadãos de Jerusalém cuidando da administração em Babilônia. Assim os três jovens, que o rei Nabucodonosor, vencido pelo milagre, transformou em administradores de seu reino, e estabeleceu-os como sátrapas; eram cidadãos de Jerusalém e administravam em Babilônia (cf Dn 3,97). Observai que agora isso se realiza na Igreja, em nossos dias. Todos aqueles aos quais foi dito: “Observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações”, são cidadãos de Babilônia, a administrarem o bem público da cidade de Jerusalém. Se nada administrassem na cidade de Jerusalém, de onde viria a expressão: “Observai tudo quanto vos disserem?” De onde: “Estão sentados na cátedra de Moisés”? (Mt 23,2.3). Em sentido oposto, se são cidadãos da própria Jerusalém, que reinarão eternamente com Cristo, de onde provém a sentença: “Afastai-vos de mim, vós todos, que sois malfeitores”? (Lc 13,27). Por conseguinte, notais que os cidadãos da cidade malvada administravam em certos atos da cidade boa. Vejamos agora se também os cidadãos da boa cidade administram em certos atos da cidade malvada. Toda república terrena um dia, de fato, há de perecer. Seu domínio há de passar com a chegada daquele reino, acerca do qual rezamos: “Venha o teu reino”, e do qual foi predito: “E o seu reinado não terá fim” (Mt 6,10; Lc 1,33). Por conseguinte, a república

terrena tem nossos cidadãos a administrarem seus bens. Pois, quantos fiéis, quantos homens bons são em suas cidades magistrados, juízes, generais, condes e reis? Todos justos e bons, que não têm no coração senão as coisas gloriosas que são ditas de ti, cidade de Deus. Cumprem a tarefa contratada na cidade transitória, e aí recebem dos doutos da santa cidade a orientação de manter a fidelidade para com seus superiores, "seja ao rei, como soberano, seja aos governadores, como enviados seus para a punição dos malfeitores e para o louvor dos que fazem o bem" (1Pd 2,13.14). Que os escravos sejam submissos a seus senhores, e os cristãos aos pagãos; e o melhor conserve a fidelidade ao pior, servin-do por algum tempo, mas havendo de reinar para sempre. Pois, essas coisas se realizam até que passe a iniqüidade. Os servos recebem o mandamento de suportar os senhores iníquos (cf Sl 56,2) e difíceis (1Pd 2,18). Os ci-dadãos de Babilônia devem ser tolerados pelos cidadãos de Jerusalém, e prestar-lhes mais obséquio do que se fossem cidadãos da mesma Babilônia. Cumprem de certo modo a exortação: "E se alguém te obriga a andar uma milha, caminha com ele duas" (Mt 5,41). O salmo se dirige a toda esta cidade dispersa, difusa, mesclada, com os seguintes dizeres: "Até quando investireis contra um homem? Matai-o todos juntos", vós que estais de fora, como espinhos nas sebes, ou como uma árvore infrutífera nas florestas, vós que sois qual cizânia ou palha. Todos vós que estais separados, mesclados e que tendes de ser suportados, separados, "matai-o todos juntos. Como a uma parede já inclinada ou um muro prestes a cair. Sim, pretenderam arrancar-me a honra". Não o disseram, contudo o planejaram. "Pretenderam arrancar-me a honra".

1 Cr Cr. Com ao salmo 38, nº 1.

**9** "Corri sedento". Pois eles me retribuíam o bem com o mal (cf Sl 34,12). Matavam, repeliam. Eu tinha sede deles. Eles pretenderam arrancar-me a honra; eu tinha sede de enxertá-los em meu corpo. Que fazemos ao beber, senão inserir em nossos membros um líquido que está fora de nós, e introduzi-lo em nosso corpo? Foi isso que fez Moisés com a cabeça do bezerro. A cabeça do bezerro representava um grande mistério. Pois, a cabeça do bezerro era o corpo dos ímpios, semelhante a um boi que come feno (cf Sl 105,20). Eles se interessam só pelos bens terrenos; porque toda carne é como feno (Is 40,6). Era, pois, conforme disse, o corpo dos ímpios. Moisés, irado, jogou o bezerro ao fogo, esmigalhou-o, misturou-o com água e fez o povo beber (cf Ex 32,20). A ira do profeta ministrou a profecia. O corpo do bezerro jogado ao fogo das tribulações, é triturado pela palavra de Deus. Pouco a pouco, os maus se desligam da unidade daquele corpo. Como acontece com a veste, que se gasta com o tempo. Cada um que se faz cristão, separa-se daquele povo, e a massa como que se esmigalha. Os malvados, quando em concórdia, odeiam; esmigalhados, acreditam. Que há de mais evidente? Os homens deviam pelo batismo ingressam naquele corpo da cidade de Jerusalém, cuja imagem era o povo de Israel. Por isso foi misturado com água e dado a beber. Quanto a este, sente sede até o fim; corre e sente sede. Já observou a muitos; mas não deixará jamais de ter sede. Daí provém a palavra: "Mulher, tenho sede. Dá-me de beber" (Jo 4,7). Aquela samaritana percebeu que o Senhor junto do poço tinha sede e foi saciada através daquele

sedento. Primeiro, ela o percebeu sedento, para que depois, sendo já fiel ele a absorvesse. E o Senhor na cruz disse: “Tenho sede!” (Jo 19,28). Apesar disso, não lhe deram aquilo de que sentia sede. Ele tinha sede dos que o cercavam, mas eles lhe deram vinagre; não foi um vinho novo, com que enchesse odres novos (Mt 9,17), mas vinho velho e fermentado. O vinagre é também chamado vinho velho, isto é, representa os homens velhos, dos quais foi dito: “Eles não se emendam” (Sl 54,20), de tal sorte que, derrotados os jebuseus, fosse edificada Jerusalém.

**10** Assim, não só a Cabeça, mas ainda o corpo, do começo até o fim corre com sede. Seria como se lhe fosse dito: Por que tens sede? Que te falta, ó corpo de Cristo, ó Igreja de Cristo? Estabelecida com tantas honras, tanta sublimidade, tanta dignidade mesmo neste século, que te falta? Cumpre-se a predição a teu respeito: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra, todas as nações o servirão” (Sl 71,11). De onde vem, então, a sede? De que tens sede? Não te saciam tantos povos? A que povos te reportas? “Bendiziam-me com a boca, amaldiçoavam-me no coração. Muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22,14). A mulher que sofria de um fluxo sanguíneo, tocou a fímbria de sua veste e foi curada; e como o Senhor se admirasse de ter sido tocado, pois sentira sair de si o poder de curar a mulher, disse: “Quem me tocou”? Os discípulos admirados disseram-lhe: “Estás vendo a multidão que te comprime e perguntas: Quem me tocou?” Mas ele respondeu: “Alguém me tocou” (Mc 5,25-31). Foi como se dissesse: Uma só me tocou; a multidão me comprime. Aqueles que nas solenidades de Jerusalém enchem as igrejas, nas festas de Babilônia enchem os teatros; contudo, servem, honram, prestam obséquio, não somente os que têm os sacramentos de Cristo, mas odeiam seus preceitos, mas também aqueles que nem mesmo têm os sacramentos, sejam pagãos, sejam judeus. Honram, louvam, apregoam, mas só “bendiziam com a boca”. Não dou atenção à boca; conheço bem aquele que me instruiu: “amaldiçoavam no coração”. Amaldiçoavam ali, onde pretenderam arrancar-me a honra.

**11** [6] Que fazes tu, ó Iditun, corpo de Cristo, que os ultrapassas? Como te comportas no meio de tudo isso? Como te portas? Desanimas? Não perseverarás até o fim? Não ouves a palavra: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”, apesar de que, “pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará”? (Mt 24,13.12). E como os ultrapassaste? Como é que nossa cidade está nos céus? (cf Fl 3,20). Os outros se interessam pelas coisas terrenas; como habitantes da terra, têm gosto pelas coisas da terra, e são de terra, alimento da serpente. E tu, no meio de tudo isto? Com efeito, embora eles assim façam, embora assim pensem, apesar de impelirem, de investirem contra uma parede já inclinada, embora percebam que já me ergui e eles pretendam arrancar-me a honra, embora abençoem com a boca, mas amaldiçoem no coração, apesar de armarem insídias onde for possível, e de caluniarem quanto puderem, “todavia, minha alma se há de submeter a Deus”. E quem pode tolerar tantos males, guerras declaradas, insídias ocultas? Quem há de tolerar tantas coisa entre inimigos declarados e falsos irmãos? Quem há de tolerar tantas desgraças? Porventura um homem? Se um homem, acaso com suas próprias forças humanas? Não ultrapassei para

me orgulhar e cair: “Minha alma se há de submeter a Deus. É dele que depende a minha paciência”. Qual paciência, entre tantos escândalos, a não ser que, se esperamos o que não vemos, é na paciência que o esperamos? (cf Rm 8,25). Veio-me a dor, virá também meu repouso; adveio-me a tribulação, virá igualmente minha purificação. Por acaso brilha o ouro no cadinho do ourives? Há de brilhar na jóia, brilhará no adorno; contudo, há de sofrer na fornalha, para voltar à luz purificado das impurezas. Nesta fornalha existe palha, ouro, fogo. Em tal material trabalha o ourives. Na fornalha a palha se queima e purifica-se o ouro. A palha se converte em cinzas, e o ouro se livra das impurezas. O mundo é a fornalha; palhas são os iníquos, ouro os justos; a tribulação é o fogo, Deus o ourives. Faço o que quer o ourives. Onde me coloca, suporto. Recebo a ordem de tolerar. Ele sabe purificar. Apesar de arder a palha, esquentando-me e quase me consumindo, ela se converte em cinzas e eu me purifico dos resíduos. Por que razão? “Porque minha alma se há de submeter a Deus. Dele depende a minha paciência”.

**12** [7] Quem é este de quem depende a tua paciência? “Ele é meu Deus, minha salvação, meu protetor, não emigrarei. Ele é meu Deus”, por isso me chama; “e minha salvação”, portanto me justifica; “meu protetor”, por conseguinte me glorifica. Aqui, na terra, sou chamado e justificado; lá, porém, sou glorificado; e deste céu onde sou glorificado, “não emigrarei”. Também não permanecerei em peregrinação; é um lugar aqui, de onde emigrarei, mas irei para onde não emigrarei. Pois, sou forasteiro na terra diante de ti, como todos os meus pais (Sl 38,13). Por este motivo migrarei de meu exílio, mas não emigrarei da casa celeste.

**13** [8] “Acha-se em Deus a minha salvação e a minha glória”. Em Deus, serei salvo; em Deus serei glorioso. Não apenas salvo, mas glorioso. Salvo, porque de ímpio tornei-me justo, justificado por ele; glorioso, porque não somente justificado, mas ainda honrado. Pois, “os que predestinou, também os chamou”. Tendo chamado, que fez? “Os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou” (Rm 4,5; 8,30). A justificação, portanto, pertence à salvação, a glorificação à honra. Não é preciso explanar como a glorificação se relaciona com a honra. Procuremos, porém, alguma prova de que a justificação pertence à salvação. Eis o que nos ocorre do evangelho: Havia alguns que se consideravam justos, e censuravam o Senhor por admirar a aproximação de pecadores e aceitar convites de comer com publicanos e pecadores. A estes tais soberbos, portanto, fortes na terra e excelsos, que muitos se gabavam da saúde que julgavam ter, mas não tinham de fato, que respondeu o Senhor? “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes”. Quais são os que são denominados sadios? Quais os doentes? Continua o evangelista, com a palavra do Senhor: “Não vim chamar justos, mas pecadores à penitência” (Mt 9,12.13). Denominou sãos, portanto, os justos. Os fariseus não o eram, mas se consideravam tais e por isso se orgulhavam, invejavam aos doentes seu médico e mais doentes ainda, matavam o médico. Mas, o Senhor chamou os justos de sãos e os pecadores de doentes. Para me justificar, diz este homem que atravessa, preciso dele; e para ser glorificado, ele me é necessário: “Acha-se em Deus a minha salvação e a minha glória. Minha salvação”, para

ser salvo; “minha glória”, para ser honrado. Isto se realizará então; e agora? “Deus é meu auxílio. Minha esperança está em Deus”, até que eu chegue à perfeita justificação e salvação, “fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar” (Rm 8,24), até que eu chegue àquela glorificação, quando os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai (cf Mt 13,43). Neste interim, agora, no meio das tentações, iniqüidades, escândalos, ataques abertos ou discursos enganosos, entre aqueles que bendizem com a boca e maldizem no coração, entre os que pretendem arrancar-me a honra, o que importa? “Deus é meu auxílio”, pois auxilia os combatentes. Contra quem? “Nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades” (Ef 6 ,12). “Deus é meu auxílio. A minha esperança está em Deus”. A esperança até a realização da promessa, leva a crer o que não se vê. Realizada esta, virão a glorificação e a salvação. Mas, não ficamos desamparados na demora da realização. “Deus é meu auxílio. A minha esperança está em Deus”.

**14** [9] “Confiai nele assembléia de o todo povo. Imitai a Iditun. Ultrapassai vossos inimigos. Ultrapassai os atacantes, os que põem obstáculos em vosso caminho, os que vos odeiam. “Confiai nele assembléia de todo povo. Expandi o coração diante dele”. Não cedais diante dos que nos interrogam: Onde está vosso Deus? “Minhas lágrimas noite e dia se tornaram o meu pão; quando se me rediz cada dia: Onde está o teu Deus?” Mas, como se exprime o mesmo salmo? “Meditei sobre essas coisas. Minha alma acima de si mesma se expandiu” (Sl 41,4.5). Lembro-me do que ouço: onde está o teu Deus? Lembrei-me disso, “e minha alma acima de si mesma se expandiu”. À procura de meu Deus, expandi minha alma acima de si mesma, a fim de atingi-lo; não parei em mim mesmo. Por isso: “Confiai nele assembléia de todo o povo. Expandi o coração diante dele”, suplicando, confessando, esperando. Vosso coração não se detenha dentro de si mesmo: “Expandi vosso coração diante dele”. Não se perde nesta expansão. Pois, Deus é “meu protetor”. Se ele te acolhe, por que receias expandir o coração? Lança sobre o Senhor os teus cuidados, espera nele (Sl 54,23). “Expandi o coração diante dele. Deus será nosso auxílio”. O que temeis no meio de murmuradores, detratores, odiosos a Deus? (cf Rm 1,29.30). Onde podem, opõem-se abertamente; onde não podem, ocultamente armam insídias. Louvam com falsidade, mas na verdade são inimigos. No meio deles, de que tendes medo? “Deus é nosso auxílio”. Eles agem com emulação relativamente a Deus? Porventura são mais fortes do que ele? “Deus será nosso auxílio”, ficai tranqüilos. Se Deus está conosco, quem estará contra nós? (cf Rm 8,31). “Expandi o coração diante dele”, passando para junto dele, elevando vossas almas: “Deus será nosso auxílio”.

**15** [10] Já estabelecidos num lugar fortificado, numa torre forte diante do inimigo, tende pena daqueles dos quais tínheis medo; pois deveis correr sedentos. Menosprezai-os, pois, visto que vos achais estabelecidos naquele lugar e dizei-lhes: “Vãos, porém, são os filhos dos homens, mentirosos os filhos dos homens”. Filhos dos homens, até quando tereis o coração empedernido? Os filhos dos homens são vãos, os filhos dos homens são mentirosos; por que amais a vaidade e procurais a mentira? (cf Sl 4,3). Repeti isso com comiseração, e sede sábios. Se atraves-sastes, se amais os vossos inimigos, se quereis

destruir para edificar, se amais aquele que julga no meio dos povos (cf Sl 109,6), e repara as ruínas, repeti essas coisas, sem ódio, sem pagar o mal com o mal (cf Rm 12,17). “Mentirosos, porém, são os filhos dos homens na balança, e enganam todos juntos acerca do que é vão”. Certamente são muitos; mas aí está aquele único homem, aquele que foi expulso da multidão dos convivas (cf Mt 22,13). Conspiram, todos procuram os bens temporais, os carnais as coisas carnais, e os que esperam aguardam o futuro; apesar da variedade de opiniões em questões diversas, quanto à vaidade, porém, todos estão de acordo. Efetivamente os erros são diversos e multiformes, e um reino dividido contra si mesmo acaba em ruína (cf Mt 12,25); mas a vontade vã e enganosa é semelhante em todos e pertence a um só rei, com o qual há de ser precipitada no fogo eterno (cf Mt 25,41): “Todos juntos, acerca do que é vão”.

**16** [11] Mas vede que o Senhor tem sede deles; vede que corre sedento. Volta-se para eles, com sede deles: “Não confieis na iniqüidade”. Pois, “a minha esperança está em Deus. Não confieis na iniqüidade”. Vós que não quereis aproximar-vos e ultrapassar, “não confieis na iniqüidade”. Eu, porém, ultrapassei e a minha esperança está em Deus; e pode existir iniqüidade em Deus? (cf Rm 9,14). “Não confieis na iniqüidade”. Façamos isto e aquilo, pensemos naquilo, assim terminemos com as insídias, todas juntas, acerca do que é vão. Tu tens sede: aqueles que absorves manifestam os que contra ti fazem estes planos. “Não confieis na iniqüidade”. A iniqüidade é vã, é nada; poderosa é apenas a justiça. A verdade pode ocultar-se por algum tempo, mas é impossível vencê-la. A iniqüidade pode florescer de modo passageiro, mas não dura. “Não confieis na iniqüidade, nem cobiceis rapinas”. És rico e queres roubar? Que obténs? Que perdes? Oh, lucros prejudiciais! Encontras o dinheiro e perdes a justiça. “Não cobiceis rapinas”. Sou pobre, nada tenho. Por isso queres roubar? Vês o que roubas, mas não vês quem te rouba? Não sabes que o inimigo te rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar? (cf 1Pd 5,8). Aquela presa que queres captar é uma cilada; apanhas e és apanhado. Não cobices rapinas, ó pobre, mas deseja a Deus, que nos dá todas as coisas em abundância para nosso uso (cf Tm 6,17). Alimenta-te aquele que te fez. Quem alimenta o ladrão, não há de sustentar o inocente? Alimenta-te aquele que faz seu sol se levantar sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Se alimenta os futuros condenados, não há de alimentar os que serão libertados? Por conseguinte, não cobices rapinas. Isto foi dito para o pobre, que talvez por necessidade há de tirar alguma coisa. O rico então avança: Eu não tenho necessidade de roubar; nada me falta; tenho fartura de tudo. Também tu escuta: “Se afluírem as riquezas, a elas não prendais o coração”. O primeiro nada tem; o segundo tem. O pobre não procure roubar o que não tem, nem o rico prenda o coração ao que tem. “Se afluirem as riquezas”, isto é, se transbordarem, vindas da fonte. “A elas não prendais o coração”. Não presumas a respeito de ti mesmo, não te prendas a elas; sem dúvida deves temer também isto: “Se afluirem as riquezas”. Não vês que se a elas prenderes o coração, tu também decorres como a água? És rico, e já não cobiças ter mais, porque tens muito. Ouve: “Aos ricos deste mundo, exorta-os à que não sejam orgulhosos. Que significa: A elas não prendais o

coração? Nem ponham a esperança na instabilidade da riqueza" (1Tm 6,17). Por isso: "Se afluirem as riquezas, a elas não prendais o coração". Não confieis nas riquezas, delas não presumais, delas nada espereis, para que não se diga: "Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas depositou confiança na afluência de suas riquezas e prevaleceu-se de sua vaidade" (Sl 51,9). Portanto, são vãos os filhos dos homens, mentirosos os filhos dos homens. Não roubeis. Se afluirem as riquezas a elas não prendais o coração; não ameis a vaidade, nem busqueis a mentira. Feliz o homem que pôs no Senhor Deus a esperança, e não olhou vaidades e enganosas loucuras (cf Sl 39,5). Quereis enganar, quereis defraudar; que meio empregais para enganar? Balanças falsas. "Mentirosos os filhos dos homens na balança". Procuram enganar, usando de balança falsa. Enganas os que olham para um fiel falso. Não sabeis que um é o que pesa e outro o que julga este modo de pesar? Ele não olha aquele para o qual tu pesas; quem vê é aquele que te pesa a ti e a ele. Por isso, não defraudeis, não cobiceis rapinas. Não depositeis confiança no que tendes, conforme admoestou e disse anteriormente este Iditun.

**17** [12.13] Como continua o salmo? "Deus falou uma só vez e estas duas coisas eu ouvi: a Deus pertencem o poder e a misericórdia, porque ele retribuirá a cada um segundo suas obras". Fala Iditun. Sua voz vem do alto, para onde ele passou. Lá ouviu alguma coisa que nos transmite. Mas esta mensagem me perturba um pouco, irmãos. Desejo-vos bem atentos, enquanto participais de minha perturbação, ou de meu alívio. Com efeito, por auxílio do Senhor, vamos até o fim do salmo. Depois do que vamos dizer, nada resta a expor. Por isso, esforçai-vos comigo para podermos entender isso; e se eu não puder, e algum de vós penetra naquilo que não consigo, ficarei mais alegre do que invejoso. É muito difícil investigar o que vem primeiro: "Deus falou uma só vez", e em seguida, tendo ele falado uma só vez, eu "ouvi duas coisas". Se ele houvesse dito: Deus falou uma só vez, e esta única coisa eu ouvi, pareceria estar cortada uma parte desta questão, e só procuraríamos saber o que significa: "Deus falou uma só vez". Agora, todavia, vamos investigar o que significa: "Deus falou uma só vez", e o sentido da palavra: "estas duas coisas eu ouvi", se ele falou uma só vez.

**18** "Deus falou uma só vez". Que dizes, Iditun? Tu, que os atravessastes, falas: "Deus falou uma só vez?" Consulto outra passagem da Escritural que me diz: "Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas" (Hb 1,1). Que quer dizer: "Deus falou uma só vez?" Não é ele o Deus que nos primórdios do gênero humano falou a Adão? Não foi ele que falou a Caim, a Noé, a Abraão, a Isaac, a Jacó, a todos os profetas, e a Moisés? Moisés era um homem só; e quantas vezes Deus lhe falou? Eis que a este único homem Deus falou, não uma só vez, mas freqüentemente. Em seguida, falou ao Filho, aqui na terra: "Este é meu Filho amado" (Mt 3,17). Deus falou aos apóstolos, falou a todos os santos, embora não tenha sido por uma voz saída de uma nuvem, e sim no coração, onde ele mesmo é o mestre. Daí dizer o salmista: "Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo" (Sl 84,9). Como, então: "Deus falou uma só vez". O salmista ultrapassara muitas coisas, para chegar lá onde Deus falou uma só vez. Eis que já o disse brevemente a V. Caridade.

Aqui, no meio dos homens Deus falou aos homens, muitas vezes, de muitos modos, em muitas partes, por muitas criaturas; em si mesmo, Deus falou uma só vez, porque Deus gerou um só Verbo. Este Iditun, portanto, atravessara por eles, ultrapassara pela penetração forte, fiel e válida da mente a terra e tudo o que é terreno, o ar, as nuvens todas, através das quais Deus falara muitas coisas, freqüentemente e a muitos; ultrapassara também todos os anjos pela intensidade da fé. E este Iditun, ao ultrapassar, não se contentara com as coisas terrenas, mas como uma águia a voar, fora além de toda a névoa que envolve toda a terra. Pois, diz a Sabedoria: "Como a neblina cobri a terra" (Eclo 24,3). Chegou a certa parte líquida, além da criação inteira, e buscando a Deus, e expandindo a sua alma acima de si mesma, alcançou o princípio, o Verbo, Deus junto de Deus (cf Jo 1,3); e encontrou o único Verbo de um só Deus Pai; e viu que Deus falou uma só vez; viu o Verbo pelo qual foram feitas todas as coisas, e no qual simultaneamente estão todas, não diversas, não separadas, não de iguais. Pois, Deus, o que fazia por meio do Verbo, também conhecia; se, porém, sabia o que fazia, estavam nele antes que fizesse o que fazia. Se não estivesse nele o que fazia antes que o fizesse, como saberia o que fazia? Pois, não podes dizer que Deus fizesse o que ignorava. Por conseguinte, Deus sabia o que fez. E como sabia antes de fazer, se não se podem conhecer senão as coisas já feitas? O conhecimento das coisas já feitas não é possível antes de que sejam feitas; mas isto, por ti, pelo homem feito na terra, e nela colocado. Antes, porém, que tudo isso fosse feito, era conhecido por aquele que o fez, e fez o que conhecia. Portanto, naquele Verbo pelo qual fez todas as cosias, elas estavam antes de serem feitas; e depois de feitas, nele estão todas. Mas difere o modo aqui e ali. De uma maneira na própria natureza em que foram feitas, e de outra na arte pela qual foram feitas. Quem pode explicar tudo isso? Podemos nos esforçar por fazê-lo. Ide com Iditun, e vede.

**19** Assim, à medida do possível, dissemos como Deus falou uma só vez. Vejamos quais as duas coisas que Iditun ouviu: "Estas duas coisas eu ouvi". Talvez não seja consentâneo que tenha ouvido somente essas duas coisas. Mas ele disse: "Estas duas coisas eu ouvi", ouviu duas coisas que será preciso que nos diga quais são. Talvez tenha ouvido muitas outras coisas; mas não é necessário que nô-las diga. Também o Senhor declarou: "Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender" (Jo 16,12). Que quer dizer, então: "Estas duas coisas eu ouvi?" Estas duas coisas que tenho a vos dizer, não as digo de mim mesmo, mas digo o que ouvi. "Deus falou uma só vez": ele tem uma só Palavra, o unigênito que é Deus. Naquele Verbo estão todas as coisas, porque pelo Verbo tudo foi feito. Tem um só Verbo, em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl 2,3). Tem um só Verbo; "Deus falou uma só vez. Estas duas coisas", que vou vos dizer, "ouvi ali; não falo por mim mesmo; não digo de mim mesmo, por isso: "ouvi". "O amigo do esposo está presente e o ouve", a fim de falar a verdade (Jo 3,29). Ele o ouve, para não dizer mentira, falando do que lhe é próprio (cf Jo 8,44). E para não dizeres: Quem és tu que me falas essas coisas? De onde vem o que me dizes? Ouvi essas duas coisas, e falo-te por que ouvi essas duas coisas, e também conheci que Deus falou uma só vez. Não desprezes aquele que ouviu e

te diz essas duas coisas que te são necessárias, aquele que ultrapassando todas as criaturas ao Verbo unigênito de Deus, onde soube que Deus falou uma só vez.

**20** Fale, portanto, essas duas coisas. Muito nos interessam essas duas. "A Deus pertencem o poder e a misericórdia". São estas duas: poder e misericórdia? Sim, estas; compreende o poder de Deus, compreende a misericórdia de Deus. Nelas estão contidas quase todas as Escrituras. Por causa delas, os profetas; por causa delas duas, os patriarcas, por causa delas, a lei, por causa delas, o próprio nosso Senhor Jesus Cristo; por causa delas os apóstolos; por causa delas todo anúncio e celebração da palavra de Deus na Igreja; por causa destas duas: por causa do poder e da misericórdia de Deus. Temei o seu poder, amai sua misericórdia. Não presumais a tal ponto da sua misericórdia que desprezeis o poder, nem temais de tal modo o poder que percais a esperança acerca da misericórdia. Nele há poder, nele misericórdia. Humilha a um e exalta a outro (cf Sl 74,8); humilha a um pelo poder, exalta a oturo pela misericórdia. "Ora, se Deus, querendo manifestar sua ira e tornar conhecido seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, prontos para a perdição". Ouvistes a referência ao poder: procura a misericórdia. "A fim de que fossem conhecidas as suas riquezas para com os vasos de misericórdia". Compete, pois, a seu poder condenar os iníquos. E quem lhe dirá: Por que fizeste isto? "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus"? (Rm 9,22.23.2.20). Teme, por conseguinte e treme diante de seu poder, mas espera em sua misericórdia. O diabo tem certo poder; muitas vezes, contudo, quer prejudicar e não pode, porque seu poder é subordinado a outro. Pois se o diabo pudesse prejudicar tanto quanto quer, não ficaria justo algum, nem fiel algum sobre a terra. Ele, por meio de seus instrumentos, investe como contra uma parede já inclinada; mas investe tanto quanto recebe para isto poder. Para que a parede não caia, o Senhor a sustenta; porque aquele que dá poder ao tentador, oferece a misericórdia ao tentado. Permite ao diabo tentar com medida. Diz o salmo: "E dar-nos-eis a beber lágrimas com medida" (Sl 79,6). Não tenhas medo de alguma permissão dada ao tentador; pois tens um salvador misericordiosíssimo. Só permite que o diabo tente quanto te for útil, para te exercitar, para te provar. Tu que não te conhecias, descobrirás por ti mesmo como és. Pois, onde e de onde nos devemos sentir seguros senão deste poder e desta misericórdia de Deus, segundo a sentença do Apóstolo: "Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças"? (1Cor 10,13).

**21** Por conseguinte: "A Deus pertence o poder. Não há autoridade que não venha de Deus" (Rm 13,1). Não digas: E porque lhe dá tanto poder? E não dê poder. Quem dá poder, tem eqüidade? Tu podes murmurar maldosamente, mas ele não pode perder a eqüidade. "Há injustiça por parte de Deus? (Rm 9,14). De modo algum". Grava isto no coração; o inimigo não sacuda isto para fora de teu pensamento. Pode Deus fazer alguma coisa que ignoras por que assim age; mas não pode fazer injustiça, pois nele não existe iniqüidade. Ai está. Como que censuras a Deus acusando-o de iniqüidade (estou discutindo contigo; um pouco de atenção); não censurarias como iniqüidade, a não ser que visses a justiça. Não pode ser censor de uma iniqüidade quem não distingue o que é

justiça, em comparação da qual censuraria a iniqüidade. Como podes saber que tal coisa seja injusta, se não sabes o que é justo? E se for justo o que afirmas ser injusto? Respondes: De forma alguma; é injusto; e gritas como se visses com teus olhos que tal fato é injusto segundo alguma norma de justiça, em comparação com a qual o que vês é ruim. Vendo que não condiz com a retidão de tua regra, censuras qual artífice que distingue o justo do injusto. Então, eu te interrogo: Com que base julgas que isto é justo? Como, digo, vês que isto é justo, e segundo esta visão censuras o que é injusto? De onde vem esta luz que se esparge em tua alma, em muitas partes mergulhada em trevas? Que iluminação desconhecida é esta que fulgura em tua mente? Donde provém o que torna a coisa justa? Não terá uma fonte? Vem de ti fazê-la justa, e tu podes dar a ti mesmo a justiça? Ninguém dá o que não tem. Por conseguinte, se és injusto, não é possível te tornares justo senão convertendo-te a uma justiça certa estável. Se dela te apartas, és injusto. Se te acercas dela, és justo. Se te afastas, ela não desaparece; se te aproximas não aumenta. Onde, pois, se encontra tal justiça? Procura-a sobre a terra. Absolutamente não. Ao buscares a justiça, não é ouro, pedras preciosas que procuras. Procura no mar, procura nas nuvens, procura nas estrelas, procura entre os anjos; neles a encontras, mas eles a haurem da própria fonte. Pois, a justiça dos anjos existe em todos eles, mas eles a captam de um só. Olha, portanto, transcende, vá até ali onde uma só vez Deus falou; e lá encontrarás a fonte da justiça, porque lá está a fonte da vida: "Pois em ti está a fonte da vida" (Sl 35,10). Se tu queres, com um pouquinho de orvalho, julgar o que é justo e o que é injusto, haverá acaso iniqüidade em Deus, donde mana este orvalho para ti, como que da fonte da justiça? E tu enquanto percebes uma coisa justa, em muitas outras erras? Deus possui, portanto, a fonte da justiça. Não procures ali iniqüidade; ali existe luz sem sombras. Mas, sem dúvida podes desconhecer a causa de tudo isso. Se não descobres a causa, considera tua ignorância, vê quem és. Atende a essas duas coisas: "A Deus pertencem o poder e a misericórdia. Não procures o que é muito difícil para ti, não investigues o que vai além de tuas forças". Aplica-te sempre ao que te ordenou o Senhor (Eclo 3,21.22). Ao que o Senhor te ordenou pertencem essas duas coisas: "A Deus pertencem o poder e a misericórdia". Não tenhas medo do inimigo. Tanto age quanto de poder recebe. Teme aquele que tem o poder supremo; teme aquele que pode quanto quer, e que nada faz injustamente. Tudo o que ele faz é justo. Se há uma coisa qualquer que consideramos injusta: se foi Deus quem fez, acredita que é justa.

**22** Perguntas: Então, se alguém mata um inocente, age com justiça ou iniquamente? Sem dúvida, iniquamente. Então, por que Deus o permite? Considera primeiro se não deves fazer o seguinte: "Reparte o teu pão com o faminto, recolhe em tua casa os pobres desabrigados, veste aquele que vês nu" (cf Is 58,7). Tal é a justiça que hás de praticar. Foi o que te ordenou o Senhor: "Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista as vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Fazei justiça ao órfão e à viúva! Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor" (Is 1,16-18). Queres disputar, antes de fazeres o que te tornará digno de discutir por que razão Deus permitiu isso. Não posso, ó homem, te dizer qual é o plano de Deus. Somente te digo que o homem que matou um inocente agiu mal, e não o teria feito sem permissão de Deus; e apesar de que

ele agiu mal, Deus não agiu mal por tê-lo permitido. A causa te é oculta deste fato que te abala, acerca desta inocência que te comove. Poderia responder-te por alto: Não seria morto se ele não fosse prejudicial; mas tu o consideras inocente. Poderia dar-te essa rápida resposta. Tu não perscrutarias seu coração, nem discutirias seus feitos, examinarias seus pensamentos, a fim de poderes me retrucar: Foi morto injustamente. Poderia, pois, facilmente responder; mas contrapõe-se a mim um justo, justo sem controvérsia, indubitavelmente o justo, que não tinha pecado e foi morto por pecadores, traído por um pecador. É o próprio Cristo Senhor, do qual não podemos dizer que tinha qualquer iniqüidade, que pagou o que não roubou (cf Sl 68,5), que se me opõe. E que direi de Cristo? Replicas: É o que te pergunto. E eu a ti. Propões uma questão a respeito dele; eu a resolvo, com ele. Sabemos que aqui se trata do plano de Deus, que só podemos conhecer por revelação sua. E ao descobrires que se trata de um desígnio de Deus permitir que o Filho inocente fosse morto por injustos, e tal desígnio te apraz, porque se és justo não pode te desagradar, acredite que também em seus outros planos Deus age do mesmo modo, embora te seja oculto. Eis, irmãos. Era preciso que o sangue do justo fosse derramado para apagar o quirógrafo dos pecados (cf Cl 2,14-15). Era necessário um exemplo de paciência, um exemplo de humildade. Era necessário o signo da cruz para debelar o diabo e seus anjos. Era-nos indispensável a paixão de nosso Senhor, pois pela paixão do Senhor o mundo inteiro foi remido. Quantos bens derivam da paixão do Senhor! E no entanto, essa paixão do justo não teria sucedido se os iníquos não matassem o Senhor. Então os bens que nos advieram da paixão do Senhor hão de ser imputados aos iníquos que mataram a Cristo? De forma nenhuma. Eles quiseram, Deus permitiu. Mesmo que somente o planejassem, eles eram culpados, Deus, porém, não o teria permitido se não fosse justo. Quiseram matar — imagine que não o pudessem — eram iníquos, eram homicidas. Quem duvida disso? “O Senhor interroga o justo e o ímpio” (Sl 10,6). E: “Indagar-se-á sobre os planos do ímpio” (Sb 1,9). Deus examina o que cada um quis, não o que pôde. Por conseguinte, se eles quisessem e não o tivessem podido, e não matassem, seriam iníquos; quanto a ti, não te seria prestado o benefício da paixão de Cristo. Efetivamente, o ímpio quis cometer o crime para ser condenado; foi-lhe permitido para te ser prestado o benefício. A vontade do ímpio foi-lhe imputada como iniqüidade. A permissão é atribuída ao poder de Deus. Ele, portanto, é iníquo porque quis; Deus o permitiu, com justiça. Em conseqüência disso, irmãos, é maligno Judas, traidor de Cristo; os perseguidores de Cristo são todos malignos, todos ímpios, todos iníquos, todos devem ser condenados. Todavia, “o Pai não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós” (Rm 8,32). Dispõe, se podes; distingue, se podes: cumpre os votos feitos a Deus, que teus lábios articularam (cf Sl 65,13). Vê o que fez o iníquo e qual a obra do justo. O primeiro quis, o segundo permitiu. O primeiro quis injustamente; o segundo permitiu com justiça. Seja condenada a vontade injusta e glorificada a permissão justa. Que mal constituiu para Cristo a sua morte? São maus aqueles que quiseram praticar o mal; mas nada de mal sofreu aquele ao qual eles quiseram infligi-lo. Foi morta a carne mortal, que matou a morte com a sua morte, apresentou um exemplo de paciência, e previamente deu uma prova da ressurreição. Quantos bens advieram ao

justo de um mal injusto! É grandeza de Deus criar o bem que te concede fazer, e do mal que praticas tirar o bem. Não te admires. Deus permite, e permite por justiça. Permite com medida, número e peso. Nele não existe iniqüidade. Tu apenas mantém-te na pertença dele, põe nele a tua esperança. Seja ele teu protetor, tua salvação. Ele é um lugar fortificado, torre forte. Seja teu refúgio e não te deixará seres tentado além de tuas forças, mas com a tentação te dará os meios de sair dela (cf 1Cor 10,13). Vem de seu poder deixar que sofras a tentação; e de sua misericórdia não permitir que vão além do que podes suportar: "A Deus pertencem o poder e a misericórdia. Ele retribuirá a cada um segundo suas obras". (Terminada a explanação do salmo, sendo apresentado ao povo um astrólogo, acrescentou a respeito dele:)

**23** A Igreja, em sua sede, quer absorver também a este, que vedes. Sabeis que muitos, misturados aos cristãos, bendizem com a boca, mas maldizem do coração. Sabeis igualmente que este homem era cristão e fiel e volta penitente; atemorizado com o poder do Senhor, volta-se para sua misericórdia. Quando fiel foi seduzido pelo inimigo, e durante muito tempo foi astrólogo. Seduzido seduziu, enganado enganou, aliciou, iludiu, falou muitas mentiras contra Deus, que deu aos homens o poder de fazer o que é bom e de não fazer o que é mau. Ele dizia que o adultério não provinha da vontade própria, mas de Vênus; que o homicídio não se originava da própria vontade, mas de Marte; que não era Deus quem fazia o justo e sim Júpiter; e outras muitas grandes afirmações sacrílegas. De quantos cristãos, pensais que ele tirou dinheiro? Quantos dele compraram mentiras! A estes dizíamos: Filhos dos homens até quando tereis o coração empedernido? Por que amais a vaidade e procurais a mentira? (cf Sl 4,3). Agora, como acreditamos, tem horror da mentira, e tendo sido sedutor de muitos homens, sentiu por fim que estava sendo enganado pelo diabo, e converte-se para Deus, fazendo penitência. Pensamos, irmãos, que isto aconteceu, devido a grande temor do coração. Que dizer? Se fosse um astrólogo pagão que se convertesse grande seria a alegria; mas poderia parecer que se convertesse procurando tornar-se clérigo na Igreja. Mas é um penitente; procura apenas a misericórdia. Torna-se, portanto, recomendável a vossos olhos e a vossos corações. A este que vedes amai de coração, conservai diante de vossos olhos. Vede-o, conhecei-o, e seja para onde for, mostrai-o aos irmãos que agora aqui não estão. Esta providência é misericórdia, a fim de que o sedutor não lhe feche o coração e o ataque. Precaução; seja-vos conhecida sua vida, seus caminhos, para que por vosso testemunho se confirme que ele sinceramente se converteu a Deus. Não se apagará a fama de sua vida, quando ele é assim apresentado a vossa vista e a vossa compaixão. Sabeis que nos Atos dos Apóstolos está escrito que muitos homens perdidos, isto é, homens destes artifícios, seguidores de ensinamentos nefandos, levaram todos os seus códices aos apóstolos; e foram tantos os livros queimados que o escritor fez a estimativa deles e anotou a soma de seu valor (At 19,19). De fato, isto foi pela glória de Deus, para que tais homens perdidos não desesperassem, por causa daquele que sabe procurar o que havia perecido (Lc 15,32). Portanto, este também perecera; agora foi procurado, encontrado, trazido de volta; traz consigo códices que devem ser queimados. Estes códices o queimariam; lançados no fogo, trar-lhe-ão refrigério. Seja-vos notório, irmãos, que ele bateu à porta da Igreja, há

mais tempo, antes da Páscoa; antes da Páscoa começou a pedir à Igreja de Cristo a sua cura. Mas como o ofício em que se empenhara é sempre suspeito de mentira e fraude, foi adiada a admissão, para não haver engano; por fim, foi admitido, para que ele não corresse perigo mais de ser tentado. Rezai por ele a Cristo. Derramai hoje vossas orações diante do Senhor nosso Deus em seu favor. Estamos certos e cientes de que vossa oração apagará todas as suas impiedades. O Senhor esteja convosco.

# SALMO 62

## SERMÃO AO POVO

**1** Em consideração aos que ainda talvez ignorem muitas coisas a respeito do nome de Cristo, pois ele, que por todos deu o seu sangue, reúne gente de todas as partes, convém não me estender muito, a fim de que ouçam de boa vontade os que as conhecem e aprendam os que não sabem. Estes salmos que cantamos foram pronunciados e escritos, sob inspiração do Espírito de Deus, antes que nosso Senhor Jesus Cristo nascesse da virgem Maria. Davi foi rei dos judeus; este povo adorava um só Deus, que fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que eles contêm, visíveis ou invisíveis. Os demais povos, ou adoravam ídolos fabricados por suas mãos, ou qualquer criatura de Deus e não o próprio Criador; isto é, adoravam o sol, a lua, as estrelas, o mar, os montes ou as árvores. Tudo isso foi feito por Deus. E ele quer ser louvado por causa delas e não que sejam adoradas em seu lugar. Em verdade, o rei Davi pertencia ao povo judaico e de sua estirpe nasceu nosso Senhor Jesus Cristo, da virgem Maria (cf Rm 1,3). A virgem Maria que gerou o Cristo era desta estirpe (cf Lc 2,7). Davi compôs estes salmos, que profetizavam a vinda de Cristo após muitos anos. E os profetas daquele povo anunciaram, apesar de viverem antes de nosso Senhor Jesus Cristo nascer de Maria virgem, tudo o que haveria de acontecer em nossos dias. Nós agora lemos e vemos estas coisas, e muito nos alegramos porque vemos o objeto de nossa esperança predito por santos que não as viam realizadas, mas as contemplavam em espírito a se realizar no futuro. E isto lemos e ouvimos ao ser lido; e explicamos. Conforme foi descrito nas Escrituras, vemos cumprir-se por toda a terra. Quem não se alegra com isto? Quem não há de esperar as realizações que ainda não se verificaram, diante de tantas coisas que já se cumpriram? Agora, pois, irmãos, vedes que o mundo inteiro, a terra toda, todos os povos, todas as regiões acorrem para o nome de Cristo e crêem em Cristo. Certamente, o vedes; em toda parte são destruídas as futilidades dos pagãos; vós o vedes; é evidente. Porventura não se cumpre diante de vossos olhos o que lemos no Livro? Todos os eventos que se dão perante vossos olhos foram escritos há um número imenso de anos pelos profetas que agora lemos, enquanto nós os vemos já realizados. Mas, estão escritos também os acontecimentos que ainda não se deram, isto é, que nosso Senhor Jesus Cristo há de vir a julgar, ele que da primeira vez veio para ser julgado, veio primeiro humildemente, mas depois virá de modo sublime, veio para nos dar exemplo de paciência, mas depois há de vir para julgar a todos conforme os méritos de cada um, sejam bons ou maus; por conseguinte, como ainda não veio o que esperamos, a saber, que Cristo virá como juiz dos vivos e dos mortos, tudo isso devemos crer. Este pouco que resta para vir, creiamos que virá, quando já vemos tantos fatos que então eram futuros, agora se realizarem. É loucura não acreditar no pouco que ainda falta, ao se verificar que tanto já se cumpriu e que não existia quando era predito.

**2** Este salmo é recitado, referindo-se a nosso Senhor Jesus Cristo, Cabeça e membros. Aquele que nasceu de Maria, sofreu, foi sepultado, ressuscitou, subiu ao céu, e agora está sentado à direita do Pai e intercede por nós, é nossa Cabeça. Se ele é a Cabeça, nós somos os membros. Toda a sua Igreja espalhada por toda parte é seu corpo, enquanto ele é a Cabeça. Mas, não somente os fiéis de hoje; igualmente os que existiram antes de nós, os que virão depois de nós até o fim do mundo, todos pertencem a seu corpo; deste corpo é Cabeça aquele que subiu ao céu (cf Cl 1,18). Por conseguinte, já sabemos que há uma Cabeça e um corpo; ele é a Cabeça, nós somos o corpo. Ao ouvirmos sua voz, devemos ouvi-la como provinda da Cabeça e do corpo. Tudo o que ele padeceu, nele também nós padecemos, pois também o que nós sofremos, ele sofre em nós. Se a cabeça sofre algo, pode dizer a mão que não sofre? Ou se os pés sofrem algo, diz a cabeça que não sofre? Quando um de nossos membros sofre alguma coisa, todos os membros acodem para socorrer o membro sofredor. Se, portanto, quando ele sofreu, nós sofremos nele, e ele já subiu ao céu e está sentado à direita do Pai, tudo o que sofre sua Igreja nas tribulações deste século, nas tentações, nas necessidades, nas angústias (pois ela deve assim aprender, e ser depurada pelo fogo como o ouro), ele é que sofre. Provamos que nós sofremos nele, pela palavra do Apóstolo: “Se morrestes com Cristo, por que vos sujeitais, como se ainda vivêsseis no mundo, a proibições? (Cl 2,20). E ainda diz ele: “Nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído este velho corpo de pecado” (Rm 6,6). Se, portanto, com ele morremos, com ele também ressuscitaremos. Pois exorta ainda o Apóstolo: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto” (Cl 3,1). Se, portanto, com ele morremos e com ele ressuscitamos, também ele morre conosco e conosco ressurge. Ele é a unidade da Cabeça e do corpo. Com justeza, sua voz é também a nossa, e nossa voz é a dele. Ouçamos, por conseguinte, o salmo, e entendamos que nele Cristo é quem fala.

**3** [1] O salmo tem este título: “Salmo de Davi, ao se achar no deserto da Iduméia”. Pelo nome de Iduméia se entende este mundo. O povo idumeu era nômade e idólatra. Não é em bom sentido que aqui se fala em Iduméia. Em mau setindo refere-se à vida presente, onde sofremos tantos trabalhos, e estamos sujeitos a tantas necessidades.
Aqui é um deserto, onde se passa muita sede, e logo haveis de ouvir a voz de alguém que sofre sede no deserto. Se reconhecemos que estamos sedentos, também reconheçamos que bebemos. Quem aqui, neste século, tem sede, no futuro será desalterado, conforme a palavra do Senhor: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Em conseqüência disso, neste mundo não devemos amar a saciedade. Aqui é preciso ter sede; lá seremos desalterados. Agora, porém, a fim de não desfalecermos neste deserto, Deus destila sobre nós o orvalho de sua palavra, e não nos deixa inteiramente áridos, de tal sorte que não voltemos ao estado inicial, mas tenhamos sede para beber. E para isto, destila-nos sua graça; no entanto, continuamos a ter sede. E o que diz a Deus a nossa alma?

**4** [2] “Deus, meu Deus, desde o raiar da aurora, estou de vigília a procurar-te”. Que quer

dizer estar vigilante? Quer dizer não dormir. Que é dormir? Existe um sono da alma e um sono do corpo. Todos nós devemos ter o sono do corpo, porque se não tivermos sono desfalecemos e o corpo se enfraquece. Nosso corpo frágil não suporta por longo tempo o peso do espírito desperto e empenhado na ação; se o espírtio se empenhar longamente na ação, o corpo frágil e terreno não agüenta, não suporta esta ação contínua, desfalece e sucumbe. Por isso Deus deu ao corpo o sono, reparador das forças corporais, a fim de que seja capaz de suportar o espírito desperto. No entanto, devemos nos precaver de que durma a alma; o sono desta é um mal. É um bem o sono corporal que restaura a saúde corporal. O sono da alma, porém, consiste em se esquecer de seu Deus. Toda alma que se esquece de seu Deus dorme. Por isso o Apóstolo censura a alguns que, esquecidos de seu Deus, como que em sonho, entregam-se ao delírio do culto idolátrico. Os que adoram os ídolos são como os que sonham; quando acordam, entendem quem os criou e não adoram o que eles mesmos fabricaram. Exorta o Apóstolo a alguns: "Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará" (Ef 5,14). Acaso o Apóstolo despertava a alguém entregue a um sono corporal? Ao contrário, acordava a alma adormecida, e a despertava para ser iluminada por Cristo. É de acordo com esta espécie de vigília que reza o salmista: "Deus, meu Deus, desde o raiar da aurora, estou de vigília a procurar-te". Não estarias desperto, se não tivesse raiado tua luz, para te acordar. Pois, Cristo ilumina as almas e as faz vigilantes; se ele subtrai a sua luz, elas adormecem. Por esta razão, pe-de-lhe outro salmo: "Ilumina os meus olhos, a fim de que não adormeça em sono mortal" (Sl 12,4). Pode acontecer também que elas se afastem de Cristo e adormeçam; apesar de estar presente a luz, elas não podem vê-la porque dormem. Assim sucede ao corpo adormecido durante o dia; o sol já nasceu, o dia vai adiantado, mas ele está na noite, porque não está acordado para ver que o dia já raiou. De igual modo, Cristo está presente para alguns, porque a verdade já foi anunciada, mas a alma está mergulhada no sono. Por isso, vós, se estais despertos, dizei-lhe cada dia: "Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará". Vossa vida, então, vossos costumes devem estar despertos para Cristo, a fim de que os outros, os pagãos mergulhados no sono, acordem ao som de vossas vigílias, sa-cudam o torpor, e comecem convosco a repetir: "Deus, meu Deus, desde o raiar da aurora, estou de vigília a procurar-te".

**5** "De ti a minha alma está sequiosa". Aqui o salmista se refere ao deserto da Iduméia. Vede como tem sede o salmista, neste lugar; mas também o bem que aí se encontra: "De ti está sequiosa". Existem os que têm sede, mas não de Deus. Todo aquele que procura algo para si mesmo, sente o ardor do desejo; este desejo é a sede da alma. E observai quantos desejos existem nos corações humanos: um deseja ouro, outro deseja prata, outro deseja as posses, outro heranças, outros muito dinheiro, outro numerosos rebanhos, outro uma grande casa, outro uma esposa, outro honras, outro filhos. Notais como existem tais desejos nos corações dos homens. Os homens todos ardem de desejo; e mal se encontra um que diga: "De ti a minha alma está sequiosa". Os homens no mundo têm sede, e não compreendem que estão no desero da Iduméia, onde sua alma deve estar sequiosa de Deus. Digamos, pois: "De ti a minha alma está sequiosa".

Digamos todos, porque na concórdia de Cristo todos nós somos uma só alma. E esta alma tenha sede, na Iduméia.

**6** "De ti a minha alma está sequiosa e de quantas maneiras também a minha carne". Não basta que minha alma esteja sequiosa; deve ter sede também a minha carne. Mas, pondera. Se a alma está sequiosa de Deus, como também a carne estará? Quando a carne tem sede, tem sede de água; quando é a alma que está sequiosa, tem sede da fonte da sabedoria. Nesta fonte nossas almas se inebriam, conforme diz outro salmo: "Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Na torrente de tuas delícias lhes dás de beber" (Sl 35,9). Por conseguinte, devemos ter sede da sabedoria, ter sede da justiça. Delas não nos saciaremos, não nos fartaremos, a não ser quando terminar a vida presente, e alcançarmos o objeto das promessas de Deus. Pois Deus prometeu a igualdade com os anjos (cf Lc 20,35). Agora os anjos não têm sede como nós, não têm fome como nós, mas se saciam da verdade, da luz, da imortal sabedoria. Por isso, são felizes. Tão grande é a bem-aventurança que possuem que naquela cidade celeste, Jerusalém, da qual estamos como exilados, eles nos esperam, a nós peregrinos, compadecem-se de nós, e por ordem do Senhor nos auxiliam a voltar um dia àquela pátria comum, e lá em companhia deles sermos saciados na fonte da verdade e da eternidade do Senhor. Agora, portanto, nossa alma seja sequiosa; mas como também nossa carne está sedenta e de muitas maneiras? Diz o salmo: "E de quantas maneiras também a minha carne". A ressurreição foi prometida também a nossa carne. Como foi prometida a nossa alma a bem-aventurança, também a nossa carne foi prometida a ressurreição. Tal ressurreição nos é prometida; ouvi, aprendei e retende na memória qual a esperança dos cristãos, por que motivo somos cristãos. Não somos cristãos para ambicionarmos a felicidade terrena, que muitas vezes têm igualmente os ladrões e criminosos. Nós, cristãos, somos destinados a outra felicidade, que receberemos quando houver passado inteiramente a vida neste mundo. Portanto, foi-nos prometida a ressurreição da carne; e tal ressurreição da carne nos é prometida que esta mesma carne que agora temos há de ressurgir no fim. Este fato não vos pareça incrível. Se Deus nos criou quando não existíamos, será grande coisa restaurar-nos no que fomos? Por isso, não vos pareça incrível, pelo fato de notardes que os mortos entram em decomposição, e se tornam cinzas e pó. Ou se algum morto foi incinerado, ou for devorado por cães, julgais que não haverá de ressuscitar? Todos os corpos que forem dilacerados e se desfizerem em pó, continuam íntegros para Deus. Voltam aos elementos da natureza, de onde foram tirados, ao serem criados. Não os vemos; contudo, sabe Deus de onde há de retirá-los, porque antes de existirmos, sabia de onde nos tirar. Por conseguinte, tal ressurreição da carne nos é prometida: embora seja a mesma carne que agora temos que há de ressuscitar, contudo não estará sujeita à corrupção como agora. Agora, devido à corrupção e fragilidade, se não comermos, desfalecemos e temos fome; se não bebermos, desfalecemos e temos sede; se ficarmos longamente despertos, desfalecemos e dormimos; se dormirmos por muito tempo, desfalecemos e por isso ficamos acordados; se comermos e bebermos demais, embora comamos e bebamos para nos refazermos, o excesso torna-se prejudicial; se ficamos de pé por mais tempo cansamo-nos e nos assentamos; e se ficarmos muito tempo sentados,

também ficamos fatigados e nos erguemos. Daí se conclui que nossa carne não permanece em estado algum: a infância logo se transforma em meninice; procuras a infância e já não existe, porque a menenince tomou seu lugar; por sua vez, a meninice se muda em adolescência; procuras a meninice e não a vês; o adolescente se fez jovem; buscas o adolescente e já não existe; o jovem se transforma em velho; procuras o jovem e não o achas; e o velho morre; procuras o velho, e não o encontras. Nossas idades não duram. Por toda parte fadiga, cansaço, corruptibilidade. Atendendo a que esperança de ressurreição nos leva a promessa de Deus, no meio destas nossas múltiplas falhas, ficamos sedentos da incorrupção, e deste modo multíplice se torna nossa sede de Deus. Nesta Iduméia, neste deserto tem nossa carne tanta sede quantos são os trabalhos: tantas vezes tem sede daquela incorrupção sem cansaços quantas são as fadigas que sente agora.

**7** Embora, meus irmãos, a carne dos bons cristãos e fiéis, mesmo neste mundo esteja sequiosa de Deus, se esta mesma carne precisa de pão, se necessita de água, de vinho, de dinheiro, de um jumento, deve pedir a Deus, não aos demônios, aos ídolos, a não sei que potentado deste mundo. Existem os que ao sofrerem fome neste mundo, abandonam a Deus, e rogam a Mercúrio, ou rogam a Júpiter, ou ao denominado Celeste, ou a outros demônios semelhantes a este que lhes dêem pão. A carne deles não está sequiosa de Deus. Os sedentos de Deus, em toda parte devem ter sede, tanto na alma como no corpo, porque Deus dá à alma seu pão, isto é, a palavra da verdade, e ao corpo Deus concede o necessário, porque Deus criou a alma e o corpo. Rogas aos demônios em favor de tua carne; então foi Deus quem fez a alma, e os demônios fizeram tua carne? Quem criou a alma, criou também o corpo; e o Criador de ambas, a ambas alimenta. Nossas duas partes estejam sequiosas de Deus, e devido à múltipla fadiga sejam simplesmente saciadas.

**8** [3] Onde é que nossa alma está sequiosa e também de muitas maneiras a nossa carne, não de qualquer um, mas de ti, ó Senhor, nosso Deus? Onde tem sede? "Em terra deserta, ínvia e sem água". Referimo-nos a este mundo, que se identifica com a Iduméia, ou antes com o deserto da Iduméia, do qual o salmo recebeu o título. "Em terra deserta". Não basta ser "deserta", desabitada; além disso é "ínvia e sem água". Oxalá tivesse o deserto ao menos algum caminho! Oxalá um homem ali soubesse por onde sair! Não encontra para seu alívio estradas pois o deserto delas carece. Por conseguinte ele fica errando por ali. Se ao menos tivesse água para se refazer, uma vez que não consegue sair! Deserto péssimo, horrível, temível! E no entanto, Deus se compadeceu de nós, abriu-nos um caminho no deserto, o próprio Jesus Cristo, nosso Senhor (cf Jo 14,6); e deu-nos um consolo no deserto, enviando-nos os pregadores de sua palavra; e deu-nos água no deserto, enchendo do Espírito Santo os seus pregadores, a fim de que neles se tornasse uma fonte de água que jorra para a vida eterna (cf Jo 4,14). Mas eis que aqui temos tudo; todavia não provém do deserto. Por este motivo, o salmo em primeiro lugar relembrou as propriedades do deserto, de sorte que ao ouvires em que más condições te encontravas, se pudesses aqui ter consolos, companheiros, estradas ou água, não os

atribuísses ao deserto, mas àquele que se dignou te visitar no deserto.

**9** “Apresentei-me diante de ti no santuário para contemplar teu poder e tua glória”. Primeiro minha alma esteve sequiosa de ti no deserto, e de muitas maneiras também a minha carne, numa terra ínvia e sem água e depois “apresentei-me diante de ti no santuário para contemplar teu poder e tua glória”. A não ser que antes tenha sede neste deserto, isto é, nas más condições em que se acha, jamais alguém alcançará o bem, que é Deus. Mas, diz o salmo: “Apresentar-me-ei a ti, no santuário”. Já é grande consolo estar no santuário. O que é: Apresentar-me-ei a ti? Para me veres; tu me viste para que eu te visse. “Apresentei-me a ti para contemplar”. Não disse: Apresentar-me-ei a ti, para veres, mas: “Apresentar-me-ei a ti para contemplar teu poder e tua glória”. Daí vem a palavra do Apóstolo: “Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus” (Gl 4,9). Primeiro, pois aparecestes a Deus, para que Deus vos possa aparecer. “Para contemplar teu poder e tua glória”. Efetivamente, neste deserto, isto é, neste ermo, se do deserto como tal quiser o homem exigir o que lhe é salutar, jamais verá o poder do Senhor e a glória do Senhor, mas ficará ali para morrer de sede, sem encontrar caminho, nem consolo, nem água que o faça suportar o deserto. Ao se erguer, porém, para Deus, dizendo-lhe com todas as forças: “De ti a minha alma está sequiosa e de quantas maneiras também a minha carne”, sem talvez pedir o necessário à manutenção da carne a outros que não seja Deus, ou desejando a ressurreição da carne prometida por Deus; ao se erguer nestas condições, encontrará não pequenas consolações.

**10** Eis, irmãos, como nossa carne, enquanto é mortal, frágil, e antes da ressurreição final encontra alívio nos alimentos de que vivemos: pão, água, frutas, vinho, óleo, apesar de ainda não ter recebido aquela perfeita incolu-midade, em que não há angústia, nem indigência. Se nos faltarem aqueles alívios e subsídios todos, não subsistimos. Assim também nossa alma, enquanto na terra se acha unida a esta carne, no meio das tentações e perigos deste mundo, ainda é fraca, tem o socorro da palavra, o auxílio da oração e do diálogo. Isto é para nossa alma como aquilo é para nossa carne. Ao ressurgir, porém, a nossa carne, terá uma espécie de lugar e de estado de incorrupção de tal maneira que já não precisaremos destes alívios. Igualmente nossa alma terá como seu alimento o próprio Verbo de Deus, pelo qual tudo foi feito (cf Jo 1,3). Demos, contudo, graças a Deus, que agora neste deserto não nos abandona, seja dando-nos o necessário à carne, seja concedendo-nos o necessário à alma. Quando ele nos ensina, através de algumas necessidades, quer que o amemos mais; não aconteça que nos arruinemos devido à saciedade, e dele nos esqueçamos. Por vezes, subtrai-nos coisas necessárias e nos oprime para sabermos que ele é Pai e Senhor e não somente acaricia, mas também castiga. Pois, ele nos prepara uma herança incorruptível e grande. Se cogitas deixar a teu filho um tonel ou uma adega, ou outra coisa que tenhas em tua casa, para que ele não perca esses objetos, tu o educas e corriges com açoites, para ensinar-lhe a não perder nada do que é teu, que, no entanto, ele há de deixar um dia aqui, como tu. Não queres, então, que nosso Pai nos instrua, mesmo com os flagelos das necessidades e tribulações, se nos há de dar tal herança, que não é transitória? Deus se nos dá como herança a ele

mesmo, a fim de que o possuamos e sejamos sua posse eternamente.

**11** Apresentemo-nos, portanto, diante de Deus no santuário, para que ele se apresente a nós; apresentemo-nos a ele com santo desejo, a fim de que ele nos apareça com o poder e a glória do Filho de Deus. A muitos ele não apareceu; estejam no santuário e lhes aparecerá também. Pois, muitos pensam que ele era apenas homem, porque se prega que nasceu como homem, foi crucificado e morreu, andou pela terra, comeu e bebeu, e praticou atos humanos. Pensam que foi igual aos demais homens. Acabastes de ouvir da leitura do evangelho como ele relembrou sua majestade: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Tão grande majestade, tal igualdade com o Pai e desceu até a carne, por causa de nossa fraqueza! Eis como fomos amados, antes de amarmos a Deus! Se antes que amássemos a Deus, fomos tão amados por ele que fez seu Filho igual a si tornar-se homem por nossa causa, que nos reserva agora que já o amamos? De fato, muitos pensam que é coisa sem importância, a um ponto que nem sei, ter aparecido na terra o Filho de Deus. Não estando eles no santuário, não lhes aparecem seu poder e sua glória. Quer dizer, como ainda não têm o coração santificado para entenderem a eminência de seu poder e darem graças a Deus por ter o Filho de tanta grandeza, por causa deles vindo a terra, ter nascido e padecido; por isso, não podem ver sua glória e seu poder.

**12** [4] “Porque mais preciosa que a vida é tua misericórdia”. Há muitas espécies de vidas humanas, mas Deus promete uma só vida; e não nô-la dá por causa de nossos méritos, mas devido a sua misericórdia. Que fizemos de bom para merecê-la? Que atos bons foram precedentes, para que Deus nos desse a sua graça? Por acaso encontrou atos justos para coroar, e não delitos a perdoar? Com efeito, se quisesse punir os delitos que perdoou, não seria injusto. Que há de mais justo do que castigar o pecador? Sendo justo punir o pecador, compete a sua misericórdia não castigar, mas justificar o pecador, e do pecador fazer um justo, e do ímpio fazer um piedoso. Por conseguinte, “mais preciosa que a vida é tua misericórdia”. Que vida? A que os homens haviam escolhido para si. Um escolhe a vida de negócios, outro a de trabalhos no campo, outro a de empréstimos, outro a da milícia. Um esta, outro aquela. Diversas são as vidas, porém “mais preciosa que” as vidas que escolhemos “é a tua misericórdia”. É preferível o que dás aos que se corrigem do que aquilo que os perversos escolhem. Dás uma só vida, superior a todas as espécies de vida que temos, as que podemos escolher neste mundo. “Porque mais preciosa que a vida é tua misericórdia. Meus lábios entoarão os teus louvores”. Meus lábios não entoariam teus louvores se não precedesse a tua misericórdia. Teu dom faz-me louvar-te, em teu louvor por tua misericórdia. Não poderia louvar a Deus, se ele não me fizesse capaz de louvá-lo. “Porque mais preciosa que a vida é tua misericórdia. Meus lábios entoarão os teus louvores”.

**13** [5] “Assim te bendirei em minha vida, com as mãos erguidas em honra de teu nome. Assim te bendirei em minha vida”. Já tenho a vida que me deste e não aquela espécie de vida que eu escolhi, no estilo do mundo com os demais homens, dentre as muitas variedades, mas aquela vida que me deste por tua misericórdia, a fim de que te louvasse.

"Assim te bendirei em minha vida". Que quer dizer este: "Assim?" Que eu atribua a tua misericórdia esta vida, durante a qual te louvo; e não a meus méritos. "Com as mãos erguidas em honra de teu nome". Levanta, pois, as mãos para a oração. Nosso Senhor ergueu as mãos na cruz em nosso favor, e por nós estendeu os braços. Por conseguinte, suas mãos se abriram na cruz. Abramos as nossas às boas obras, porque sua cruz nos ofereceu sua misericórdia. Ele ergueu as mãos e ofereceu por nós o sacrifício de si mesmo a Deus. Por tal sacrifício foram apagados todos os nossos pecados. Ergamos também nós as mãos para Deus em prece. Não nos envergonharemos de erguer as mãos para Deus, se as empregarmos em boas obras. Que faz aquele que ergue as mãos? Onde se acha o preceito de orarmos a Deus com as mãos erguidas? Ordena o Apóstolo: "Erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade" (1Tm 2,8). Ao ergueres as mãos para Deus, venham à tua memória tuas obras. Porque ao ergures as mãos a fim de obteres o que queres, cuida de empregá-las em boas obras, para não teres vergonha de as ergueres para Deus. "Com as mãos erguidas em honra de teu nome". Elevamos estas nossas preces na Iduméia, neste deserto, em terra ínvia e sem água; aí Cristo é o caminho (cf Jo 14,6); mas não caminho desta terra. "Com as mãos erguidas em honra de teu nome".

**14** [6] E que direi, com as mãos erguidas em honra de teu nome? Que pedirei? Vamos, irmãos. Ao erguerdes as mãos, procurai saber o que pedir, pois é ao Onipotente que pedis. Pedi coisa importante; não formuleis pedidos como os que ainda não crêem. Vedes quais os bens concedidos aos maus também. Vais pedir dinheiro a teu Deus? Ele não o dá aos malvados que nele não acreditam? Que grande coisa é esta que vais pedir, se é o que ele dá igualmente aos maus? Não te cause desprazer que sejam tão insignificantes as coisas que Deus dá também aos maus são dignas deles. Não te pareçam grandes coisas esses bens que podem ser doados também a eles. Pertencem a Deus, de fato, todos os dons terrenos; mas considerai que os dons feitos igualmente aos maus não devem ser tidos em grande conta. Outros são os que Deus nos reserva. Ponderemos os dons feitos aos maus, e daí tiremos a conclusão sobre o que reserva aos bons. Observai o que dá aos maus: dá-lhes esta luz, percebida por bons e maus; dá-lhes a chuva que desce sobre a terra e quantos bens ela faz nascer! Estas dádivas são prestadas aos maus e aos bons, conforme declara o evangelho: "Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45). Esses dons que fazem brotar a chuva ou o sol, devemos pedi-los a nosso Senhor, pois são necessários; mas não são os únicos indispensáveis, esses concedidos aos bons e aos maus. Que havemos, pois, de pedir, ao erguermos as mãos? O salmo o exprimiu, à medida do possível. Por que eu disse: à medida do possível? À medida do possível a uma boca humana falar a ouvidos humanos. Essas coisas foram proferidas por boca humana, empregando certas comparações, para que pudessem entender todos os fracos, todos os pequenos. O que disse? O que pediu? "Com as mãos erguidas, em honra de teu nome". E o que há de receber? "Como de manjar gorduroso e suculento há de fartar-se a minha alma". Pensais, meus irmãos, que esta alma desejou uma carne gordurosa? Não desejou como um dom valioso carneiros

gordos, que lhe fossem mortos porcos bem gordos; ou ir a alguma hospedaria onde encontrasse manjares suculentos, para se fartar. Se assim acreditarmos, merecemos ouvir tais coisas. Por conseguinte, devemos entender que se trata de algo de espiritual. Nossa alma busca outra qualidade de gordura. Existe certa saciedade numa grande sabedoria. As almas carentes desta sabedoria definham; e podem a tal ponto serem dela desprovidas que logo abandonem todas as boas obras. Por que logo abandonam todas as boas obras? Porque sua saciedade não as fortalecem. Ouve o Apóstolo falar da alma robusta, ao preceituar que todos pratiquem boas obras. Como se exprime ele? "Deus ama a quem dá com alegria" (2Cor 9,7). Como a alma se robustece, se não for saturada pelo Senhor? Todavia, por mais robusta que seja aqui, como será no século futuro, ao ser alimentada por Deus? Por enquanto, em nossa peregrinação, é inexprimível o que seremos então. Talvez, ao erguermos aqui as nossas mãos, anelamos pela própria saciedade, e seremos lá de tal modo saciados daquela gordura que passará inteiramente toda nossa indigência e nada mais desejaremos. Teremos tudo o que aqui desejamos, tudo o que amamos aqui como sendo coisa valiosa. Nossos pais já morreram; Deus, porém, vive. Aqui não podemos ter para sempre nossos pais; lá, contudo, sempre teremos vivo nosso único Pai, possuindo também nossa pátria. Não ficamos para sempre numa pátria terrena. Forçoso é que nasçam outros homens, e os filhos dos cidadão destas pátrias terrenas excluam dela os seus pais. O menino que nasce dirá a seus maiores: O que fazeis aqui? Necessariamente os que sucedem, os que nascem, vêm ocupar o lugar dos que os precederam. No céu todos viveremos juntos; não haverá ali sucessor, nem antepas-sado. Como será aquela pátria? Amas as riquezas desta? O próprio Deus será tua riqueza. Amas a fonte do bem? Que há de mais ilustre do que aquela sabedoria? De mais luminoso? Em lugar de tudo aquilo que podes amar aqui estará aquele que tudo criou. "Como de manjar gorduroso e suculento há de fartar-se minha alma. Com a alegria nos lábios louvarei teu nome. Neste deserto, erguerei as mãos em honra de teu nome. Como de manjar gorduroso e suculento há de fartar-se a minha alma e com a alegria nos lábios louvarei teu nome". Agora, enquanto dura a sede, tens a oração; ao passar a sede, terminará a prece e sucederá o louvor: "E com a alegria nos lábios louvarei teu nome".

**15** [7.8] "Se no leito de ti me lembrei, de madrugada meditarei sobre ti, porque foste o meu apoio". Chama de leito o seu repouso. Quando alguém estiver quieto, lembre-se de Deus; quando estiver quieto, não se entregue ao descanso, esquecendo-se de Deus. Se alguém se lembra de Deus quando está quieto, pensa em Deus em suas ações. Denomina aurora suas ações, porque é de madrugada que o homem começa a agir. Como, então, se exprime? "Se no leito de ti me lembrei, de madrugada meditava sobre ti". Se, portanto, não me lembrei no leito, também de madrugada não meditava sobre ti. Quem não pensa em Deus quando está ocioso, pode pensar nele no meio da ação? Quem, contudo, se lembra dele quando está quieto, ao agir pensa nele, para não desfalecer na ação. Por isso, o que acrescenta? "De madrugada meditava sobre ti, porque foste o meu apoio". Efetivamente, se Deus não nos ajudar em nossas boas obras, não podemos realizá-las. E devemos praticar ações dignas, a saber, como quem age à luz, quando agimos segundo o

que Cristo nos mostra. Todo aquele que obra mal, age à noite, não de madrugada, conforme diz o Apóstolo: “Quem se embriaga, embriaga-se de noite. Quem dorme, dorme de noite. Nós, pelo contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios”. Exorta-nos a andarmos honestamente, como de dia: “Como de dia, andemos decentemente” (Rm 13,13). E ainda: “Todos vós sois filhos da luz, filhos do dia. Não somos da note, nem das trevas” (1Ts 5,5-8). Quais são os filhos da noite e filhos das trevas? Os obreiros do mal. São filhos da noite a tal ponto que têm medo de serem vistas as suas obras. Os seus malfeitos públicos, fazem-nos às claras porque são muitos que assim agem. Os atos de poucos, são feitos às ocultas. Os que os praticam às claras, estão de fato à luz do sol, mas seu coração está em trevas. Com efeito, só os que agem em Cristo, agem de manhã. Aquele que se lembrou de Cristo em seu repouso, pensa nele em todas as suas ações. Cristo o auxilia em sua boa ação, para que não desanime por fraqueza. “Se no leito me lembrei de ti, de madrugada meditava sobre ti, porque foste o meu apoio”.

**16** “À sombra de tuas asas me regozijarei”. Regozijo-me com as boas obras, porque estou à sombra de tuas asas. Se não proteges a mim pintinho, o gavião me arrebata. O próprio nosso Senhor diz em certa passagem a Jerusalém, aquela cidade, onde ele foi crucificado: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste!” (Mt 23,37) Somos pequeninos; por isso, proteja-nos Deus à sombra de suas asas. Que acontecerá quando crescermos? É bom para nós que mesmo então Deus nos proteja, e continuemos como pintinhos, submissos a este Deus tão grande. Ele sempre será maior, por mais que cresçamos. Ninguém diga: Proteja-me enquanto sou pequeno, como se pudesse alguma vez chegar a tamanha grandeza que se torne auto-suficiente. Sem a proteção de Deus nada és. Queiramos sempre ser protegidos por ele; então sempre poderemos ser grandes nele, se sempre formos pequenos, submissos a ele. “À sombra de tuas asas me regozijarei”.

**17** [9] “A minha alma aderiu a ti”. Notai como adere a Deus este homem desejoso, sedento. Tal afeto nasça em vós. Se já germina, que chova para que cresça. Chegue a tal vigor que possais dizer de todo coração: “A minha alma aderiu a ti”. Onde está o adesivo? Adesivo é a caridade. Possui a caridade; com tal adesivo tua alma adira a Deus. Não somente adira a Deus, mas vá após ele. Ele preceda e tu sigas. Quem quer passar na frente, quer viver segundo sua vontade e não seguir os preceitos de Deus. Por este motivo também Pedro foi repelido, ao tentar dar conselho a Cristo que ia sofrer por nós. Pedro era ainda tão fraco e desconhecia o grande bem que adviria ao gênero humano do sangue de Cristo. Pois, o Senhor, que viera para nos remir e dar seu sangue como preço de nossa redenção, começou a predizer sua paixão. Pedro ficou horrorizado ao pensamento da morte do Senhor, que ele desejava vivesse sempre do modo em que ele o via, porque preso à visão carnal, tinha pelo Senhor um afeto carnal. E respondeu-lhe: “Deus não o permita, Senhor! Isto jamais te acontecerá!” E o Senhor: “Arreda-te de mim”, Satanás! “Tu não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens” (Mt 16,22.23). Por que: “as dos homens?” Porque queres me preceder; vem para trás, para me seguires.

Já seguidor de Cristo diria: “A minha alma aderiu a ti”. Com razão acrescenta: “Tua direita me amparou. A minha alma aderiu a ti. Tua direita me amparou”. Cristo proferiu estas palavras por nós; isto é, na natureza humana que assumira por nós, que oferecia por nós, proferiu estas palavras. Agora também as pronuncia a Igreja em Cristo, pronuncia em sua Cabeça. Ela igualmente sofreu na terra grandes perseguições, e cada um dos fiéis também as suporta agora. Quem é que pertença a Cristo que não seja agitado por várias tentações e cada dia o diabo e seus anjos, não o ataquem para pervertê-lo por alguma ambição, por sugestões, por promessa de lucro ou por medo de prejuízo, por promessa de vida ou ameaça de morte, por poderosas amizades ou potentes inimizades? O diabo insiste de todos os modos para derrubar. Vivemos no meio de perseguições e temos inimigos perpétuos, o diabo e seus anjos; mas não temamos. Assemelham-se o diabo e seus anjos ao gavião; estamos sob as asas daquela galinha, e ele não pode nos tocar. A galinha que nos protege é forte. Fez-se fraca por nossa causa; mas em si é forte nosso Senhor Jesus Cristo, a própria sabedoria de Deus. Por esta razão diz também a Igreja: “A minha alma aderiu a ti. Tua direita me amparou”.

**18** [10] “Quanto a eles, porém, em vão procuraram tirar-me a vida”. Que me fizeram os que procuraram tirar-me a vida? Oxalá procurassem a minha vida para acreditarem comigo! Mas procuraram a minha vida para me perderem. O que hão de fazer? Não hão de arrebatar o adesivo, com o qual a minha alma aderiu a ti. “Quem nos separará do amor do Cristo? A tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, espada”? (Rm 8,35). “Tua direita me amparou”. Portanto, devido àquele adesivo e a tua poderosíssima direita, “em vão procuraram tirar-me a vida”. Estas palavras aplicam-se a quantos perseguiram ou querem perseguir a Igreja; mas referem-se principalmente aos judeus, que procuraram tirar a vida a Cristo, crucificando nossa própria Cabeça e perseguindo depois seus discípulos. “Procuraram tirar-me a vida. Cairão nas profundezas da terra”. Não quiseram perder a terra, e crucificaram a Cristo; cairão nas profundezas da terra. Quais são as “profundezas da terra?” As ambições terrenas. É melhor andar sobre a terra corporalmente do que descer pela ambição às profundezas da terra. Quem prefere a terra a si mesmo, coloca a terra acima de si, e fica abaixo, pois todo aquele que contra sua salvação deseja bens terrenos, está abaixo da terra. Os judeus, portanto, receando perder a terra, o que disseram a respeito do Senhor Jesus Cristo, ao verificarem que as multidões o seguiam, por causa dos milagres que fazia? “Se o deixarmos assim, os romamos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação” (Jo 11,48). Tiveram medo de perder a terra, e desceram às profundezas da terra. Aconteceu-lhes aquilo que recearam. Pois, quiseram matar a Cristo para não perderem o lugar; mas justamente perderam a terra por terem matado a Cristo. O próprio Senhor lhes dissera: “O reino vos será tirado e confiado a um povo que produza seus frutos de justiça” (Mt 21,43). Morto, pois, o Cristo, seguiram-se grandes calamidades de perseguições. Os imperadores romanos e os reis dos gentios os venceram. Foram expulsos do lugar onde crucificaram a Cristo. Agora aquele lugar está cheio de cristãos que louvam a Cristo; nenhum judeu ali se encontra. O lugar está livre dos inimigos de Cristo e encheu-se dos que o louvam. Assim os romanos

lhes tomaram o lugar, porque eles mataram o Cristo; e eles quiseram matá-lo para não lhes ser tirado o lugar pelos romanos. Por conseguinte: “cairão nas profundezas da terra”.

**19** [11] “Serão passados ao fio da espada”. Com efeito, isto lhes sucedeu visivelmente; foram expulsos pelos inimigos invasores. “E se tornarão presa das raposas”. São chamados de raposas os reis do mundo, reinantes então, ao ser debelada a Judéia. Ouvi para ficardes cientes e entenderdes porque são chamados raposas. O próprio Senhor chamou o rei Herodes de raposa: “Ide dizer a esta raposa” (Lc 13,32). Vede, irmãos, dai atenção: os judeus não quiseram ter a Cristo por rei, e se tornaram presa das raposas. Quando o procurador Pilatos, legado na Judéia, matou a Cristo, atendendo aos gritos dos judeus, disse-lhes: “Crucificarei o vosso rei?” Disse isto porque ele era denominado rei dos judeus, e verdadeiramente era rei. Mas os judeus, rejeitando a Cristo, disseram: “Não temos outro rei a não ser César” (Jo 19,15). Rejeitaram o cordeiro e escolheram a raposa; mereceram tornar-se presa das raposas como aconteceu.

**20** “O rei, porém”. Assim fala o salmista porque eles escolheram a raposa e não quiseram o rei. “O rei, porém”, isto é, o verdadeiro rei, cujo nome estava inscrito no título, quando padeceu. Pois, Pilatos mandou colocar este título, acima de sua cabeça; “Rei dos judeus”, em hebraico, grego e latim, para que todos os transeuntes lessem o que constituía a glória do rei e a ignomínia dos próprios judeus, que, rejeitando o verdadeiro rei, escolheram aquela raposa, César. “O rei, porém, alegrar-se-á em Deus”. Eles se tornaram presa das raposas. “O rei, porém, alegrar-se-á em Deus”. Aqueles que, aparentemente eles superaram, ao crucificá-lo, uma vez crucificado pagou o preço da terra inteira. “O rei, porém, alegrar-se-á em Deus. Serão louvados todos os que juram por ele”. Por que serão louvados os que juram por ele? Por terem escolhido a Cristo, não uma raposa. Quando os judeus insultaram a Cristo, ele deu o preço de nossa redenção. Por conseguinte pertencemos àquele que nos remiu, que venceu o mundo por nós, não com armas militares, mas com a cruz ludibriada. “O rei, porém, alegrar-se-á em Deus. Serão louvados todos os que juram por ele”. Quem é que jura por ele? Quem lhe oferece a vida, quem faz um voto e o cumpre, quem se torna cristão. É este o sentido da palavra: “Serão louvados todos os que juram por ele, porque foi tapada a boca dos que falavam iniqüidades”. Quantas iniqüidades proferiram os judeus? Quantas coisas más não disseram não somente os judeus, mas ainda todos aqueles que perseguiram os cristãos por causa dos ídolos? Ao se enfurecerem contra os cristãos, pensavam que poderiam acabar com eles; julgavam que podiam acabar, mas os cristãos aumentaram e foram eles que acabaram. “Foi tapada a boca dos que falavam iniqüidades”. Ninguém ousará agora falar publicamente contra Cristo, porque todos já o temem. “Foi tapada a boca dos que falavam iniqüidades”. Enquanto o Cordeiro se achava em condição de fraqueza, até as raposas ousavam atacá-lo. Venceu o Leão da tribo de Judá (cf Ap 5,5), e as raposas se calaram, “porque foi tapada a boca dos que falavam iniqüidades”.

# SALMO 63

## SERMÃO AO POVO

**1** Sendo hoje a festa da paixão dos santos mártires, alegremo-nos com sua lembrança, recordando-nos do que sofreram e compreendendo o que eles tinham em vista. Pois jamais teriam tolerado tantas tribulações da carne, se não tivessem concebido espiritualmente grande quietude. Percorramos portanto o salmo, em consideração da própria solenidade. V. Caridade ouviu ontem muitas coisas; não pudemos, porém, negar nossa contribuição à festa de hoje. Este salmo, de fato, recomenda especialmente a paixão do Senhor. Os mártires não teriam sido fortes se não olhassem para aquele que foi o primeiro a sofrer. Não suportariam tais sofrimentos, à semelhança dele, se não esperassem tal ressurreição qual ele em si mesmo previamente mostrou. V. Santidade sabe que nossa Cabeça é nosso Senhor Jesus Cristo, e todos os que a ele aderem são membros desta Cabeça. Já conheceis muito bem sua voz, a falar não somente em lugar da Cabeça, mas ainda do corpo. Suas vozes não apenas significam ou pregam o próprio Senhor, Jesus Cristo, que já subiu ao céu, mas também seus membros que haverão de seguir a própria Cabeça. Reconheçamos aqui não só a sua voz, mas igualmente a nossa. E ninguém diga que hoje não sofremos a tribulação da paixão. Pois sempre ouvistes afirmar isto. Nos primeiros tempos quase toda a Igreja simultaneamente era atacada; agora, porém, é tentada em cada um em particular. O diabo está, em verdade, amarrado a fim de não fazer quanto pode, quanto quer; contudo, tem a permissão de tentar tanto quanto é útil àqueles que se aperfeiçoam. Não nos convém viver sem tentação. Nem pedimos a Deus que não sejamos tentados, e sim que não nos deixe cair em tentação.

**2** [2] Digamos, portanto, também nós: "Ouve, Senhor, a minha oração quando sou atribulado. Do temor do inimigo livra a minha alma". Os inimigos encarniçaram-se contra os mártires; como rezava a voz do corpo de Cristo? Rezava que os seus membros fossem libertados dos inimigos, que não pudessem os inimigos matá-los. Por conseguinte, não foram ouvidos, pois foram mortos; então Deus abandonou seus servos de coração contrito, e desprezou os que nele confiavam? De forma alguma. "Quem invocou o Senhor e foi abandonado? Ou quem esperou nele e ele o desprezou"? (Ecl 2,10). Eram ouvidos, portanto, e foram mortos; contudo eram libertados dos inimigos. Outros consentiam por medo e viviam: mas eram absorvidos pelos próprios inimigos. Os mortos eram libertados e os vivos absorvidos. Daí deriva a palavra de gratidão: "Decerto nos teriam devorado vivos" (Sl 123,3). Muitos foram devorados, e devorados vivos; muitos mortos foram devorados. Os que pensaram que era vão a fé cristã, foram devorados mortos; os que sabiam que a pregação do evangelho é verdadeira, que Cristo é o Filho de Deus, e assim crendo, assim pensando interiormente, cederam diante das dores e sacrificaram aos ídolos, foram absorvidos vivos. Os primeiros foram devorados, porque mortos. Os segundos, porém, por terem sido devorados, morreram. Não puderam viver

depois de absorvidos, embora estivessem vivos quando foram devorados. Portanto, reza assim a voz dos mártires; “Do temor do inimigo livra a minha alma”. Não peço que o inimigo não me mate, mas que eu não tema o inimigo que mata. Pede o servo que se realize aquilo que o Senhor ordenava no evangelho. Que é que ele ordenava? “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena de fogo” (Mt 10,28). E repetiu: “Sim, eu vos digo, a este temei” (Lc 12,5). Quais os que matam o corpo? Os inimigos. Qual a ordem do Senhor? Não sejam temidos. Peça-se, portanto, que ele dê aquilo que ordena. “Do temor do inimigo livra a minha alma”. Livra-me do temor do inimigo e submete-me a teu temor. Que eu não tenha medo de quem mata o corpo; mas tema aquele que tem o poder de destruir corpo e alma na geena de fogo. Não quero estar isento de temor; mas quero estar livre do temor do inimigo e tornar-me servo sob o temor do Senhor.

**3** [3] “Protegeste-me da conspiração dos malvados, da multidão dos malfeitores”. Contemplemos nossa Cabeça. Muitos mártires sofreram tais tormentos; mas nenhum deles tem o brilho da Cabeça dos mártires; nela contemplamos melhor o que eles experimentaram. Foi protegido da multidão dos malfeitores, protegido por Deus, protegida sua carne pelo próprio Filho e pela humanidade que possuía. De fato, ele é Filho do homem, e Filho de Deus. Filho de Deus por causa de sua condição divina. Filho do homem por causa da condição de servo, tendo o poder de entregar sua vida e de retomá-la (cf Fl 2,6.7; Jo 10,18). Que puderam fazer-lhe os inimigos? Mataram o corpo, mas não mataram a alma. Atenção. Não bastava que o Senhor exortasse os mártires com a palavra, se não confirmasse as palavras com o exemplo. Sabeis que os judeus se reuniram com desígnios malignos e qual era a multidão dos obreiros da iniqüidade. Que iniqüidade? A de querer matar nosso Senhor Jesus Cristo. “Eu vos mostrei inúmeras boas obras”, disse ele. “Por qual delas quereis lapidar-me”? (Jo 10,32). Sustentou todos os seus enfermos, curou todos os seus doentes, pregou o reino dos céus, não calou seus vícios, de sorte que eles antes os aborrecessem e não o médico que os curava; e eles, ingratos diante de todas essas curas, como os frenéticos devido à febre alta, enlouquecendo contra o médico que viera curá-los, excogitaram o plano de matá-lo. Pareciam querer experimentar se ele era verdadeiramente homem, com a possibilidade de morrer, ou algo acima dos homens, que não permitisse sua morte. Conhecemos quais as suas palavras, pelo livro da Sabedoria, de Salomão: “Conde-nemo-lo a uma morte vergonhosa. Experimentemo-lo, para apreciar a sua serenidade; se é na verdade Filho de Deus, ele o libertará” (Sb 2,18-20). Vejamos os fatos.

**4** [5] “Afiaram, qual espada, suas línguas”. Conforme diz outro salmo: “Armas e flechas são os dentes dos filhos dos homens. Espada afiada, a sua língua” (Sl 56,5), diz aqui o salmista: “Afiaram, qual espada, suas línguas”. Não digam os judeus: Não matamos o Cristo. O motivo por que o entregaram ao juiz Pilatos foi para que eles mesmos parecessem imunes do crime de sua morte. Pois, ao lhes dizer Pilatos: Tomai-o vós mesmos e matai-o, responderam: “Não nos é permitido condenar ninguém à morte” (Jo 18,31). Queriam fazer recair a iniqüidade do crime sobre o juiz, que era um homem; mas

por acaso enganavam ao juiz que é Deus? O ato de Pilatos, pelo fato mesmo, tornou-o partícipe do crime; mas em comparação com os judeus ele é muito mais inocente. Insistiu quanto pôde para libertá-lo de suas mãos. Foi por isso que o apresentou depois de flagelado. Não flagelou o Senhor, para persegui-lo, mas queria acalmar o furor dos judeus, para que ao menos assim amansassem e desistissem de querer matar, ao vê-lo flagelado. Assim fez ele. Mas, como eles persistissem, sabeis que Pilatos lavou as mãos, e disse que ele não o teria feito por si, que era inocente acerca de sua morte (cf Jo 19,1-5; Mt 27,24). No entanto, ele assim fez. Mas, se é réu quem o fez quase contra a vontade, serão inocentes aos que o impeliram a assim agir? De modo algum. Mas, ele proferiu a sentença contrária a Cristo, mandou crucificá-lo e de certo modo foi ele quem matou; mas vós, também, ó judeus, matastes. Como o matastes? Com a espada da língua. Pois afiastes vossas línguas. E quando foi que feristes, senão quando clamastes: "Crucifica-o, crucifica-o"? (Lc 33,21).

**5** Além disso, não devo omitir o que me ocorre, que alguém pode ficar perturbado na leitura dos Livros divinos, porque um evangelista declara que o Senhor foi crucificado à hora sexta, e outro à hora terceira. Se não entendermos bem, perturbamo-nos. Está escrito que a hora sexta já começara quando Pilatos sentou-se no tribunal; e de fato quando o Senhor foi elevado no lenho da cruz, era a hora sexta. Mas outro evangelista, considerando o ânimo dos judeus que queriam parecer imunes acerca da morte do Senhor, em sua narração mostra que eles eram réus, dizendo que o Senhor foi crucificado à hora terceira.[1] Levando em conta todas as circunstâncias da lição, quanto foi-lhes possível fazer, ao ser o Senhor acusado junto de Pilatos, a fim de ser crucificado, encontramos que pode ter sido à hora terceira que os judeus grita-ram: "Crucifica-o, crucifica-o" (cf Mt 26,14-15). Por conseguinte, é mais exato dizer que eles o mataram quando assim gritaram. Os executores do poder o crucificaram à hora sexta; os prevaricadores da Lei clamaram à hora terceira. O que os primeiros executaram à hora sexta, os segundos fizeram com a língua à hora terceira. São piores réus os que clamando se enfureciam do que aqueles que por obediência executaram a ordem. Aí está todo o engenho dos judeus; foi isso que eles procuraram obter como grande feito: Matemos e não matemos; matemos de tal maneira que não sejamos julgados por tê-lo matado. "Afiaram, qual espada suas línguas".

**6** [5] "Entesaram o arco. Que amargor!" O salmista chama de arco as insídias. Os que entram na luta de perto com espadas, combatem abertamente; os que lançam setas, enganam para ferir. A seta fere antes que se possa prever. Mas para quem estão escondidas as insídias do coração humano? Acaso para nosso Senhor Jesus Cristo, que "não necessitava de que o informassem sobre homem algum?" Porque "conhecia o que havia no homem" (Jo 2,25), conforme atesta o evangelista. No entanto, ouçamo-los, vejamo-los, como se o Senhor ignorasse o que eles planejavam. "Entesaram o arco. Que amargor! para flecharem às ocultas o inocente". A palavra: "Entesaram o arco" equivale: "às ocultas", como que enganando com insídias. Sabeis quais as fraudes que empregaram ao agir. Sabeis como corromperam o discípulo que aderira a ele, por meio

de dinheiro, a fim de que o entregasse a suas mãos; como procuraram falsas testemunhas, que insídias e dolos empregaram, “para flecharem às ocultas o inocente.” Grande iniqüidade! Do esconderijo parte a flecha que fere o inocente que não estava manchado nem mesmo num ponto que pudesse ser atingido por uma seta. Efetivamente, era o Cordeiro imaculado, totalmente imaculado, sempre imaculado; e isto, não por lhe terem sido tiradas as manchas, mas porque jamais contraíra máculas. Pois, tornou a muitos imaculados, perdoando-lhes os pecados; ele, porém, é imaculado por não ter cometido pecado. “Para flecharem às ocultas o inocente”.

**7** [6] “De improviso, com destemor, lançarão setas contra ele”. Ó duro coração! Querer matar um homem que ressuscitava mortos! “De improviso”, isto é, insidiosamente, quase de repente, sem previsão. O Senhor achava-se entre eles como um ignorante. No entanto, eles não sabiam o que o Senhor ignorava e o que sabia, ou melhor, não sabiam que ele nada desconhecia, que ele tudo conhecia, e viera para que eles fizessem aquilo que julgavam fazer por seu próprio poder. “De improviso, com destemor, lançarão setas contra ele”.

**8** “Obstinaram-se em seu perverso desígnio. Obstinaram-se”: tantos milagres foram realizados; eles não se comoveram, mas persistiram em seu perverso desígnio. Ele foi entregue ao juiz. Este vacila, e não trepidam os que o entregaram ao juiz. O poder treme, e não treme a crueldade; um lava as mãos e os outros mancham as línguas. Mas por que motivo? “Obstinaram-se em seu perverso desígnio”. Quantos esforços empregou Pilatos? Quantos, para refreá-los? Que disse? Que fez? Mas, eles “obstinaram-se em seu perverso desígnio: Crucifica-o, crucifica-o!” A repetição constitui uma confirmação de seu perverso desígnio. Vejamos como “obstinaram-se em seu perverso desígnio. Crucificarei o vosso rei?” Responderam: “Não temos outro rei a não ser César” (Jo 19,15). “Obstinaram-se em seu perverso desígnio”. Pilatos apresentava-lhes por rei o Filho de Deus; eles recorriam a um homem. Mereciam ter a este e não aquele. Ainda ouve como “obstinaram-se em seu perverso desígnio. Nenhum motivo de morte encontrei nele”, diz o juiz (Lc 23,22). Mas eles, que “se obstinaram em seu perverso desígnio, disseram: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27,25). “Obstinaram-se em seu perverso desígnio. Obstinaram-se em seu perverso desígnio”, não contra o Senhor, mas contra si mesmos. Como não seria contra si, ao dizerem: sobre nós, “e sobre nossos filhos?” A sua obstinação foi contra eles próprios. O mesmo se encontra em outra passagem: “Cavaram diante de mim uma fossa. E aí caíram eles” (Sl 56,7). A morte não atingiu o Senhor, mas foi ele quem matou a morte. Aos judeus, a iniqüidade matou, porque eles não quiseram matar a iniqüidade.

**9** Com efeito, irmãos, é coisa certa: ou matas a iniqüidade, ou ela te mata. Não procures matar a iniqüidade como algo fora de ti. Olha para ti mesmo, vê o que em ti luta contigo. Acautela-te para que a iniqüidade não te vença. Será tua inimiga, se não for morta; vem de ti, e a tua alma se rebela contra ti e não qualquer outra coisa. De um lado aderes a Deus; de outro deleita-te o mundo. A parte que se deleita no mundo, luta contra a mente que adere a Deus. Adira, adira, não desanime, não se omita, tem grande apoio. A alma

vence o que nela se rebela, se perseverar na luta. O pecado habita em teu corpo, mas não reine. “O pecado não impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões” (Rm 6,12). Efetivamente, se não obedeceres, embora exista sugestão, prazer que atrai ao mal, não obedecendo fazes com que não reine o que há, e assim posteriormente não existirá mais o que havia. Quando? Quando a morte for absorvida na vitória, quando o que é corruptível tiver revestido a incorruptibilidade (cf 1Cor 15,54). Então, não haverá ataques, não haverá deleite fora de Deus. Portanto, os judeus invejaram o Senhor; aprazia-lhes o domínio. Parecia a alguns que o principado lhes era tirado, e como este os deleitava, rebeleram-se contra o Senhor. Se eles se rebelassem contra seu prazer perverso, venceriam a inveja, não seriam vencidos por ela, e o Senhor se tornaria seu salvador, ele que viera para curar. Mas eles preferiram a febre e repeliram o médico. Faziam tudo o que lhes sugeria a febre, negligenciando os preceitos contrários do médico. Por isso, mataram antes a si mesmos e não o Senhor. Pois, se no Senhor a morte foi morta, neles vivia a iniqüidade; e vivendo esta, eles morreram.

**10** “Conspiraram como esconder seus laços, dizen-do: Quem os verá?” Pensavam escondê-los daquele que matavam, esconder de Deus. Podes imaginar que Cristo fosse homem como os demais e não soubesse o que pensavam a seu respeito; acaso também Deus não saberia? Oh, coração humano! Por que disseste: Quem me verá, se te vê aquele que te fez? “Dizendo: Quem os verá?” Deus via, via também Cristo, porque Cristo é igualmente Deus. Mas por que lhes parecia que não os via? Ouve a continuação do salmo.

**11** [7] “Planejaram crimes. Os investigadores esgotaram-se em investigar”, isto é, em planos acerbos e sutis. Não seja traído por nós, e sim por um discípulo seu; não seja morto por nós e sim pelo juiz. Façamos tudo, aparentando nada fazer. E os seus gritos: “Crucifica-o, crucifica-o”? Sois cegos a tal ponto que também sejais surdos. Inocência simulada não é inocência; eqüidade simulada não é eqüidade, mas dupla iniqüidade, porque é maldade e simulação. Nisto, portanto, “esgotaram-se em investigar os investigadores”. Quanto mais sutilmente lhes parecia que planejavam, tanto mais perdiam forças, porque deixavam a luz da verdade e da eqüidade e mergulhavam nas profundezas das tramas malignas. A justiça possui certa luz que lhe é peculiar; espalha-se e ilustra quem a ela adere; a alma, porém, que se aparta da luz da justiça, quanto mais busca descobrir algo contra a justiça mais é repelida pela luz, e mergulha nas trevas. Com toda razão, portanto, estes investigadores que urdiam tramas contra o justo, se apartavam da justiça; e quanto mais se apartavam da justiça, tanto mais estafavam-se em investigar. Belo plano de inocentar-se! Quando o próprio Judas arrependeu-se de ter traído a Cristo, e lançou contra eles o dinheiro que eles lhe deram, não quiseram depositá-lo no tesouro do templo, e disseram: “Não é lícito depositá-lo no tesouro do Templo, porque se trata de preço de sangue” (Mt 27,6). Que é este “tesouro do Templo?” É o cofre de Deus, onde se recolhia o que era dado para atender às necessidades dos servos de Deus. Ó homem, seja antes teu coração o depósito de Deus, onde se recolham as riquezas de Deus, a moeda de Deus, pois a tua mente tem gravada a imagem de teu imperador!

Sendo assim, que significa aquela simulação de inocência de não querer recolher no tesouro o preço do sangue, enquanto se punha na consciência o peso do próprio sangue?

**12** Mas que lhes aconteceu? “Os investigadores esgotaram-se em investigar”. Como, uma vez que diz o salmista: “Quem os verá?” Quer dizer que ninguém os via. Isso diziam eles, pensavam consigo mesmos que ninguém os via. Vê o que sucede à alma do malvado: afasta-se da luz da verdade, e como não vê a Deus, pensa que Deus também não a vê. Assim estes, apartando-se, cairam nas trevas, de sorte que não viam a Deus e diziam: Quem nos vê? Via-os igualmente aquele que eles crucificavam; mas eles, falhando, não viam o Filho, nem o Pai. Mas, se o crucificado os via, porque suportava ser preso por eles, ser morto? Por que razão, se ele os via, quis que seus planos vingassem contra ele? Por quê! Porque era homem em benefício do homem, era Deus oculto na humanidade e viera para dar exemplo de fortaleza aos que o desconheciam. Foi por isso que ele bem ciente de tudo, tudo suportava.

**13** [8] Como continua o salmo? “O homem se acercará, e as profundezas do coração; e Deus será exaltado”. Eles disseram: Quem nos verá? “Os investigadores se esgotaram em investigar” planos malvados. O homem se acercou destes planos, e suportou ser preso como homem. Pois, não podia ser preso se não fosse homem, ou ser visto se não fosse homem, ou ser ferido se não fosse homem, ou ser crucificado ou morrer se não fosse homem. Portanto, o homem se acercou de todos aqueles padecimentos, que em nada o atingiriam se não fosse homem. Mas se ele não fosse homem, o homem não seria libertado. “Acercou-se o homem, e as profundezas do coração”, isto é, o coração secreto, apresentando-se aos olhares humanos como homem, e conservando-se interiormente como Deus; escondendo a condição divina, na qual é igual ao Pai e manifestando a condição de escravo, na qual é menor do que o Pai. Ele afirmou ambas as coisas; mas difere a condição divina da condição de escravo. Declarou conforme a condição divina: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). E assegurou conforme a condição de escravo: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). Por que disse segundo a condição divina: “Eu e o Pai somos um? Porque sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. Por que disse segundo a condição de escravo: “O Pai é maior do que eu? Porque aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo” (Fl 2,6.7). O homem, pois, se acercou, e as profundezas do coração, e Deus foi exaltado. O homem é morto, e Deus é exaltado. Morreu devido à fraqueza humana; ressuscitou e subiu ao céu, devido ao poder divino (cf 11Cor 13,4). “O homem se acercará e as profundezas do coração”, o coração secreto, coração escondido, que não mostra o que sabe, não mostra o que é. Eles, julgando ser o todo aquilo que viam, matam o homem no profundo do coração, e Deus é exaltado no coração divino; pois é exaltado pelo poder de sua majestade. E para onde foi quando exaltado? Para lá, de onde não se apartou quando humilhado.

**14** “O homem se acercará, e as profundezas do coração; e Deus será exaltado”. Efetivamente, meus irmãos, agora dai atenção às profundezas do coração humano. De que homem? “Sião, minha mãe, dirá um homem; nasceu nela o homem e o próprio

Altíssimo a fundou" (Sl 86,5). Nesta cidade nasceu um homem. O próprio Altíssimo a fundou, e nela se fez homem. Portanto, "o homem" se acercou, "e as profundezas do coração". Contempla o homem, nas profundezas do coração; vê quanto puderes, se puderes, e Deus nas profundezas do coração. O homem se acercou. E como ele era Deus (havia de sofrer porque queria, de apresentar um exemplo aos fracos, e nada faria aos que se encarniçavam contra ele, qual um Deus que sofresse, mas no homem, na carne), o que vem de conseqüência? "As feridas que eles infligem são como de flechas de crianças"[2]. Onde está sua crueldade? Onde aquela fúria de leão, do povo que rugia dizendo: "Crucifica-o, crucifica-o?" Onde as insídias dos que tendiam o arco? As feridas que eles infligiram não se tornaram "como as de flechas de crianças?" Sabeis que as crianças fazem setas para si de caniços. Como ferem, ou onde ferem? Que mãos, ou que dardo? Que armas ou que membros? "As feridas que eles infligem são como as de flechas de crianças".

**15** [9] "Enfraqueceram-se, recaindo sobre eles mesmos os ataques de suas línguas". Afiem suas línguas agora, quais espadas, obstinem-se em seus desígnios malignos. Com razão obstinaram-se contra si mesmos, porque "recaíram sobre eles mesmos os ataques de suas línguas". Era possível que isso prevalecesse contra Deus?" A iniqüidade mentiu a si mesma, diz o salmo" (Sl 26,12). "Recaíram sobre eles mesmos os ataques de suas línguas". Mas ressuscitou o Senhor, que fora morto. Os judeus passavam diante da cruz, ou ficavam parados e o contemplavam, conforme tanto tempo antes predissera o salmo: "Trans-passaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Estiveram a olhar-me e me examinaram" (Sl 21,17.18). Então meneavam a cabeça dizendo: "Se é Filho de Deus, desça da cruz" (cf Mt 27,40-43). De certa maneira experimentaram se era Filho de Deus, e pareceu-lhes ter descoberto que não era, porque apesar de provocarem-no não descia da cruz. Se descesse da cruz, seria Filho de Deus. Que te parece, pois não desceu da cruz, mas ressuscitou do sepulcro? Que conseguiram eles? Mesmo que o Senhor não tivesse ressucitado, de que lhes serviria, senão o mesmo que adiantou aos perseguidores dos mártires ainda não ressucitaram, e no entanto isso de nada lhes serviu; já celebramos os dias natalícios daqueles que ainda não ressuscitaram. Onde se acha o furor dos perseguidores? "As feridas que eles infligem são como as de flechas de crianças. Enfraqueceram-se, recaindo sobre eles mesmos os ataques de suas línguas". Aonde os levaram suas maquinações, nas quais se esgotaram, de tal sorte que mesmo depois que o Senhor estava morto e sepultado, eles colocaram guardas junto do sepulcro? Pois, disseram a Pilatos: "Aquele impostor". Era o nome que davam a nosso Senhor Jesus Cristo, e serve de alívio a seus servos quando são chamados impostores. De fato, eles disseram a Pilatos: "Lembramo-nos de que aquele impostor disse, quando ainda vivo: Depois de três dias ressurgirei! Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia, para que os discípulos não venham roubá-lo e depois digam ao povo: Ressurgiu dos mortos! e a última impostura será pior do que a primeira. Pilatos respondeu: Tendes uma guarda; ide, guardai o sepulcro, como entendeis. E, saindo, eles puseram em segurança o sepulcro, selando a pedra e montando guarda" (Mt

27,63-66). Puseram soldados para guardarem o sepulcro. A terra tremeu; o Senhor ressuscitou. Aconteceram tais milagres em torno do sepulcro que os próprios soldados que tinham vindo para guardá-lo, se tornariam testemunhas, se quisessem anunciar a verdade; mas aquela avareza que fizera cativo o discípulo e companheiro de Cristo, apossou-se igualmente dos soldados, guardas do sepulcro. Disseram os chefes dos sacerdotes: Nós vos damos dinheiro. "Dizei que os seus discípulos vieram enquanto dormíeis, e o roubaram" (Mt 28,12.13). De fato, "os investigadores esgotaram-se em investigar". Que é que disseste, ó astúcia infeliz? A tal ponto te apartas da luz do ditame da piedade, e mergulhas nas profundezas da falácia que declaras: Dizei que, enquanto dormieis, vieram seus discípulos e o roubaram? Apresentas testemunhas que dormiam; em verdade, tu mesmo dormiste, ao te consumires em tais tramas. Se eles dormiam, que puderam ver? Se nada viram, como são testemunhas? Mas "os investigadores se esgotaram em investigar. Apartaram-se da luz de Deus, esgotaram-se no próprio efeito de seus planos. De fato, perderam as forças quando nada conseguiram do que tramaram. Por que foi assim? Porque "o homem se acercou, e as profundezas do coração; e Deus foi exaltado". Por esta razão, pos-teriormente, ao se revelar a ressurreição de Cristo, e ao descer o Espírito Santo que encheu de confinça certos discípulos intimidados, a tal ponto que ousaram, sem temor da morte, apregoar o que haviam visto, e tendo sido exaltado Deus, em sua majestade, ele que por causa de nossa fraqueza foi humildemente julgado; e logo que começaram as trombetas celestes a anunciar a vinda do juiz que primeiro viram ser julgado: "perturbaram-se todos os que os viam". Depois que Deus foi exaltado, como disse, e Cristo foi anunciado, alguns dos judeus viram que os outros judeus, malvados, se esgotaram em seus planos. Pois, esses verificavam que os primeiros, em nome do Senhor crucificado, que eles haviam matado com suas mãos, realizavam tantos milagres. Afastaram-se de corações dos judeus que permaneceram na impiedade; não lhes aprazia a dureza dos maus; procuraram a própria salvação, e disseram aos apóstolos: "Que devemos fazer"? (cf At 2,1-37). Por conseguinte, "perturbaram-se todos os que os viam", isto é, entendiam que recaíam sobre eles mesmos os ataques de suas línguas, compreendiam que todas as cogitações de seus planos maus falharam completamente. Estes se perturbaram.

1 Cf Aug, de consensu evang. III,13, 42. Cf Jo 19,14; Mc 15 ,25, Jo 2,25

2 Esta parte do v. 8 foi comentada acima, no com. s/sl LVI, nº 13.

**16** [10] "E os homens foram tomados de temor". Não eram homens os que não foram tomados de temor. "E os homens foram tomados de temor", isto é, todos usaram a inteligência para penetrar o sentido dos fatos. Por isso, os que não foram tomados de temor, antes devem ser chamados animais, ou feras cruéis e atrozes. Leão rapace e rugidor, aquele povo. Mas, efetivamente, todos os homens foram tomados de temor, a saber, os que não quiseram acreditar, os que tiveram pavor do juízo futuro. "E os homens foram tomados de temor, anunciaram as obras de Deus". O salmista dizia: "Do terror do inimigo livra a minha alma" (Sl 63,2), "mas os homens foram tomados de temor". Eram libertados do terror do inimigo, mas se submetiam ao temor de Deus. Não

temiam os que matam o corpo, mas aquele que tem poder para lançar corpo e alma na geena (cf Mt 10,28). Os apóstolos anunciaram o Senhor. Mas, primeiro Pedro teve medo, teve medo do inimigo; sua alma ainda não fora libertada do inimigo. Interrogado pela criada como sendo dos discípulos do Senhor, negou-o três vezes (cf Mt 26,69). O Senhor ressuscitou e fortificou a coluna. Pedro já prega sem temor e com temor; sem temor daqueles que matam o corpo, com temor daquele que tem poder de perder corpo e alma na geena de fogo. "E os homens foram tomados de temor, e anunciaram as obras de Deus". Com efeito, ao anunciarem estes apóstolos as obras de Deus, apresentaram-se os príncipes dos sacerdotes e os ameaçaram, dizendo que não pregassem no nome de Jesus. Mas eles responderam: Dizei-nos a quem é preciso obedecer antes, a Deus, ou aos homens? (cf At 5,27-29). Como replicariam eles? Mais aos homens do que a Deus? Sem dúvida não responderiam senão: Antes a Deus. Os apóstolos, porém, sabiam o que Deus ordenava, e desprezaram os sacerdotes que os ameaçavam. Mas, como "os homens foram tomados de temor", não tiveram medo dos homens, e "anunciaram as obras de Deus". Se um homem teme, não se atemorize. O homem há de temer aquele que criou o homem. Teme aquele que está acima dos homens e estes não te aterrarão. Teme a morte eterna, e não terás cuidados com a presente. Deseja aquele deleite incorruptível, e aquele repouso imaculado; e zombarás de quem te prometer esses dons temporais e mesmo o mundo inteiro. Ama, portanto, teme; ama o que Deus promete, teme suas ameaças e não te tornarás corrupto pelas promessas humanas, nem terás medo das ameaças de um homem. "E os homens foram tomados de temor, anunciaram as obras de Deus, e reconheceram seus feitos". Que significa: "Reconheceram seus feitos?" Aqueles, ó Senhor Jesus Cristo, que calavas, e por isso como ovelha eras levado ao matadouro, e não abrias a boca diante do tosquiador, e nós te considerávamos um homem sujeito ao castigo e à dor e que sabia suportar a fraqueza? Era porque escondias tua beleza, tu o mais belo dos filhos dos homens? (cf Sl 44,3). Era por que parecias não ter beleza nem esplendor? (cf Is 53,2-7). Suportavas na cruz os que te insultavam, dizendo: Se é Filho de Deus, desça da cruz (Mt 27,40). Qual dos teus servos, talvez, conhecendo teu poder e te amando, não terá exclamado em seu coração! Oh! Se ele descesse então e confundisse todos os que o insultavam? Não, não havia de ser assim; ele devia morrer por causa dos mortais, e ressurgir por causa daqueles que haveriam de viver para sempre. Isto não entendiam aqueles que queriam vê-lo descer da cruz; ao invés, quando ele ressuscitou e glorificado subiu ao céu, entenderam as obras do Senhor. "Anunciaram as obras de Deus e reconheceram seus feitos".

**17** [11] "Alegrar-se-á o justo no Senhor". O justo não está mais triste. Tristes estavam os discípulos ao verem o Senhor crucificado; contristados, entristecidos eles se afastaram; pensavam que toda esperança estava perdida. Ele ressuscitou e encontrou tristes mesmo aqueles aos quais aparecia. Deixou impedidos os olhos dos dois discípulos que andavam pela estrada, para que não o reconhecessem. O Senhor encontrou-os gemendo e suspirando; e os reteve até expor-lhes as Escrituras, e por meio delas mostrasse que importava tudo sucedesse como de fato aconteceu. Demonstrou-lhes pelas Escrituras que

no terceiro dia o Senhor devia ressuscitar. E como ressurgiria ao terceiro dia se descesse da cruz? Vós que agora estais tristes no caminho, se vísseis o Senhor descer da cruz quando os judeus o insultavam, como não vos exaltaríeis? Alegrar-vos-íeis por terem sido tapadas as bocas dos judeus. Esperai a realização do plano do médico. O fato de não descer, de querer ser morto, é preparação de um antídoto. Eis que ele já ressuscitou, já fala; ainda não é reconhecido, para depois o ser com alegria maior. Abriu-lhes depois os olhos, na fração do pão. Reconhecem-no, alegram-se, exclamam (cf Lc 24,16-46). "Alegrar-se-á o justo no Senhor". Foi também anunciado a um discípulo mais incrédulo: O Senhor apareceu, o Senhor ressuscitou. Ficou ele ainda triste e não acreditou. Declarou: "Se eu não puser a minha mão e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, não acreditarei". O Senhor apresenta-lhe o corpo para que o toque; ele estende a mão, toca, exclama: "Meu Senhor e meu Deus! Alegrar-se-á o justo no Senhor". Aqueles justos, portanto, se alegraram no Senhor. Eles viram, tocaram e creram. Que acontece aos justos do presente, que não vêem, não tocam, não se alegram no Senhor? Mas, e aquela palavra do Senhor ao próprio Tomé: "Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram"? (cf Jo 20,25-29). Por conseguinte, alegremo-nos todos no Senhor: todos nós, segundo a fé, sejamos um só justo, tenhamos todos num só corpo uma só Cabeça, e alegremo-nos no Senhor, não em nós; porque o bem que há em nós não provém de nós mesmos, mas foi ele quem o fez, o nosso criador. Ele mesmo é o nosso bem a nos alegrar. E ninguém se alegre em si mesmo, ninguém presuma, ninguém perca a esperança a respeito de si mesmo, ninguém o faça acerca de nenhum outro homem; antes deve levá-lo a associar-se a sua esperança, embora não possa dá-la.

**18** "Alegrar-se-á o justo no Senhor e nele esperará, e serão louvados todos os de reto coração". Uma vez que o Senhor já ressuscitou, já subiu ao céu, já demonstrou haver outra vida, já manifestou que os desígnios escondidos nas profundezas de seu coração não foram vãos, que aquele sangue foi derramado para ser o preço dos remidos; uma vez que tudo isso já foi apregoado, tudo foi acreditado, debaixo de todos os céus, "alegrar-se-á o justo no Senhor e nele esperará e serão louvados todos os de reto coração". Quais são os retos de coração? Vamos, meus irmãos. Sempre o dizemos, e é bom que o saibais. Quais são os retos de coração? São aqueles que em qualquer sofrimento não o atribuem à falta de sabedoria, mas à providência de Deus para sua própria cura; não presumam de sua justiça, pensando ser injusto o que padecem, ou ser Deus injusto uma vez que não são muitos os que pecam mais que eles a sofrerem. Vede, irmãos. Muitas vezes repetimos essas palavras. Sentes alguma dor, no corpo, ou por prejuízo no patrimônio familiar, ou pela perda de algum ente querido. Não consideres os que sabes serem piores do que tu (pois talvez não ouses afirmar-te justo, mas conheces alguns piores do que tu), e progridem, não são castigados. Então, te desagrada o plano de Deus e dizes: Olha! sou pecador e por isso sou punido; por que, então, não é castigado aquele homem, cujos crimes conheço? Por maiores que sejam os pecados que cometi, acaso fiz tantos quanto ele? Teu coração está distorcido. "Como é bom o Deus de Israel, mas para os retos de coração!" (cf Sl 72,1-3). Teus pés, contudo, resvalam, porque invejas os pecadores, vendo a paz de que gozam. Não tenhas cuidado acerca disso. Sabe o que fazer aquele

que tem conhecimento da ferida. Aquele homem não é operado. Mas, se está perdido? E se tu és operado, porque ainda tens curas? Suporta, pois, tudo o que sofres, com um coração reto. Deus sabe o que te dar, e o que subtrair. Seus dons valham para consolo, não para corrupção; e aquilo que te subtrai valha para aumentares a paciência e não para blasfemares. Se, porém blasfemas, e Deus não te apraz, mas te comprazes em ti mesmo, tens o coração perverso e distorcido. Ainda pior, queres modelar o coração de Deus conforme o teu, de sorte que ele faça o que tu queres, enquanto tu é que deves fazer o que ele quer. Como é, então? Queres distorcer o coração de Deus, sempre reto, segundo a maldade de teu coração? Quanto melhor seria corrigir teu coração segundo a retidão de Deus! Não foi isto que te ensinou o teu Senhor, de cuja paixão acabamos de falar? Não era tua fraqueza que ele carregava, ao dizer: "A minha alma está triste até a morte?" Não te representava, ao rezar: "Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice?" O coração do Pai e do Filho são dois e diferentes; mas na condição de escravo carregou teu coração, para ensinar com seu exemplo. Teu coração, como se já fosse outro, encontrou a tribulação, querendo que passasse o que já estava iminente; mas Deus não quis. Deus não se conforma a teu coração; tu é que deves te conformar ao coração de Deus. Ouve suas palavras: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, Pai" (cf Mt 26,38-39).

**19** "E serão louvados todos os de reto coração". Como prossegue o salmista? Se "serão louvados todos os de reto coração", serão condenados os de coração perverso. Agora te são propostas duas posições; escolhe enquanto é tempo. Se fores de coração reto, estarás à direita e serás louvado. De que modo? "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Se fores de coração perverso, se zombares de Deus, se ridicularizares sua providênca, se disseres interiormente: Com efeito, Deus não cuida dos acontecimentos humanos; se ele cuidasse, aquele ladrão não teria tanto e eu, inocente, não padeceria necessidade, teu coração se perverteu. Virá o dia do juízo; aparecerá a razão por que Deus faz todas estas coisas. Tu, que não quiseste corrigir teu coração segundo a retidão de Deus e te preparares para estar à direita, onde "serão lou-vados todos os de reto coração", estarás à esquerda, onde ouvirás então: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41). Porventura então será ainda tempo de corrigir o coração? Corrigi-o, agora, irmãos; corrigi agora. Quem o impede? O salmo se canta; lê-se o evangelho, soa a voz do leitor, a voz do pregador. O Senhor é paciente. Pecas e ele perdoa; pecas outra vez, Deus ainda poupa e tu ainda aumentas os pecados. Até quando Deus será paciente? Perceberás que Deus é também justo. Ficamos atemorizados, pois tememos; ensinai-nos a não temer e não ficaremos aterrados. É melhor que Deus nos ensine a temer do que alguém a não temer. "Os homens foram tomados de temor; e anunciaram as obras de Deus". Deus nos conte entre aqueles que temeram e anunciaram. Nós vos anunciamos, irmãos, porque tememos. Vimos vosso empenho em ouvir a palava, em exigir o cumprimento de vossos votos, vemos vosso afeto. A terra está bem irrigada de chuvas; brote trigo, não espinhos; prepare-se o celeiro para o trigo e o fogo para os espinhos. Sabes o que fazer de teu campo, e Deus não sabe o que fazer de seu servo? A chuva que

cai na terra fértil é suave; e a que cai num campo cheio de espinhos é suave. A chuva acusa o campo que produz espinhos? Não será aquela chuva uma testemunha no juízo de Deus, e não dirá: Eu fui suave para todos? Tu, portanto, vê o que hás de produzir, e dá atenção ao que te é preparado. Produzes trigo: espera o celeiro. Produzes espinhos: espera o fogo. Mas ainda não chegou o tempo do celeiro, ou o tempo do fogo; por enquanto estão sendo preparados e não assustam. Em nome de Cristo, vivemos nós que falamos, e viveis vós a quem nos dirigimos; não seria a ocasião de planejar a correção e mudança de uma vida má em uma vida boa? Não seria tempo? Se queres, não se realiza hoje? Se queres, não pode ser agora? Que é preciso comprar para realizá-lo? Que bazar hás de procurar? É preciso navegares até as Índias? Que navios terás de preparar? Eis, enquanto falo, muda o coração; e já se fez o que tão freqüentemente e por tanto tempo clamamos para que se faça, ou se está gerando uma pena eterna, se não se fizer.

# SALMO 64

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] No próprio título deste salmo se reconhece a santa voz profética. Traz a inscrição: "Para o fim. Salmo de Davi. Cântico de Jeremias e de Ezequiel, do povo da transmigração, no começo da saída". Os eventos que experimentaram nossos pais no tempo da transmigração de Babi-lônia não são conhecidos de todos, mas somente daqueles que com empenho dão atenção às santas Escrituras, ouvindo-as ou lendo-as. O povo de Israel tornou-se cativo e da cidade de Jerusalém foi levado ao cativeiro de Babilônia. O santo profeta Jeremias predisse que depois de setenta anos o povo voltaria do cativeiro, e restauraria a cidade de Jerusalém, que ele chorara ao ser vencida pelos inimigos (cf 2Rs 24,25; Jr 25,11; 29,10). Naquele tempo, porém, enquanto o povo estava cativo em Babilônia, surgiram profetas, entre os quais o profeta Ezequiel. O povo, porém, esperava que se cumprissem os setenta anos, segundo a profecia de Jeremias. Aconteceu que, completos os setenta anos, o templo que fora destruído foi restaurado, e grande parte daquele povo regressou do cativeiro. Mas, conforme diz o Apóstolo: "Estas coisas lhe aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, para nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos" (1Cor 10,11), devemos também nós primeiro ter conhecimento de nosso cativeiro e em seguida de nossa libertação; devemos conhecer Babilônia, onde estivemos presos, e Jerusalém, para onde suspiramos voltar. Em verdade estas duas cidades, segundo a letra, são duas cidades concretas. Aquela Jerusalém, de fato, atualmente não é habitada por judeus. Depois que o Senhor foi crucificado, a vingança caiu sobre eles, na forma de um grande flagelo. Foram desaraigados do lugar onde, por ímpia liberdade, furiosos contra o médico enlouqueceram, e dispersos por todos os povos, aquela terra foi entregue a cristãos. Realizou-se o que lhes predissera o Senhor: "O reino vos será tirado e confiado a um povo que pratique a justiça" (cf Mt 21,43). Os príncipes daquela cidade, ao considerarem que grandes multidões iam após o Senhor, que pregava o reino dos céus, e fazia milagres, disseram: "Se o deixarmos assim, todos o seguirão; e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação" (Jo 11,48). Para não perderem o lugar, mataram o Senhor e perderam o lugar porque o mataram. Com efeito, aquela cidade terrena era de certo modo sombra da cidade eterna. Mas, logo que a cidade representada em figuras começou a ser mais claramente pregada, a sombra que a assinalava foi afastada; por este motivo, ali agora não existe o templo, que fora fabricado como imagem do futuro corpo do Senhor. Estamos na luz, e a sombra passou; no entanto, ainda estamos em determinado cativeiro: "Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor" (2Cor 5,6).

**2** [2] E vede os nomes destas duas cidades: Babilônia e Jerusalém. Babilônia traduz-se por confusão, e Jerusalém por visão de paz. Prestai atenção à cidade de confusão agora, a

fim de entenderdes a visão de paz. Tolerai a primeira e suspirai pela segunda. Como se podem distinguir estas duas cidades? Acaso podemos separá-las uma da outra? Estão conjuntas e desde os inícios do gênero humano percorrem juntas o tempo até o fim dos séculos. Jerusalém teve seu início em Abel; Babilônia em Caim. Depois, construíram-se cidades. Aquela Jerusalém foi edificada na terra dos jebuseus; de fato, antes denominava-se Jebus (cf 2Rs 5,6; 18,28). Daí foi expulso o povo jebuseu, quando o povo de Deus foi libertado do Egito e introduzido na terra da promissão. Babilônia, porém, foi fundada nas regiões interiores da Pérsia, que por longo tempo levantou a cabeça acima dos demais povos. Portanto, estas duas cidades foram fundadas em tempos distintos, para se manifestar a figura de duas cidades outrora iniciadas e que haverão de permanecer até o fim deste mundo, mas que serão então separadas. De que modo, então, podemos agora mostrá-las, se estão misturadas? O Senhor o mostrará ao colocar uns à direita, outros à esquerda. Jerusalém estará à direita; Babilônia à esquerda. Ouvirá Jerusalém a palavra: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo". Babilônia há de ouvir: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,34.41). Podemos, no entanto, apresentar algo, à medida que o Senhor nos conceder, por meio do qual se distinguem, os fiéis piedosos, já agora, os cidadãos de Jerusalém dos cidadãos de Babilônia. Dois amores constroem estas duas cidades: o amor de Deus constrói Jerusalém; o amor do mundo constrói Babilônia. Interrogue-se, portanto, cada um a si mesmo para saber o que ama, e descobrirá de onde é cidadão. Se perceber que é cidadão de Babilônia, extirpe a cobiça e plante a caridade. Se, porém, verificar que é cidadão de Jerusalém, tolere o cativeiro e espere a liberdade. Pois, muitos cidadãos da santa mãe, Jerusalém, estavam presos às ambições de Babilônia e corruptos, e devido a estas mesmas ambições corruptas haviam se tornado de certa maneira cidadãos desta última. São ainda muitos esses tais, e muitos depois de nós nesta terra existirão assim; mas o Senhor, fundador de Jerusalém, conhece-os, antes que eles mesmos se conheçam, os cidadãos que ele houver predestinado e que estão sob o domínio do diabo ainda, mas devem ser remidos pelo sangue de Cristo. De acordo com esta figura é que se canta o presente salmo. No título do mesmo encontram-se dois profetas, que viveram no tempo do cativeiro, Jeremias e Ezequiel. Cantavam alguns, "no começo da saída". Começa a sair quem começa a amar. Pois, muitos saem ocultamente, e os pés dos que saem são os afetos do coração; e saem de Babilônia. O que significa: de Babilônia? Da confusão. Como se sai de Babi-lônia, isto é, da confusão? Os que antes eram confundidos, devido à semelhança nas ambições, começam a se distinguir pela caridade; já distintos, não são mais confundidos. Embora se achem ainda materialmente misturados, distinguem-se no entanto por um desejo santo. Devido à mescla material ainda não saíram, mas por causa do desejo do coração começaram a sair. Por conseguinte, ouçamos, irmãos; ouçamos e cantemos, desejemos aquilo que nos faz cidadãos. Quais as alegrias que cantamos? Como em nós se forma novamente o amor a nossa cidade, que havíamos esquecido por causa da longa peregrinação? Mas nosso Pai mudou-nos de lá suas cartas, ministrou-nos as Escrituras de Deus, e com estas cartas fez com que nós sentíssemos o desejo de

voltar, uma vez que apegando-nos a nossa peregrinação, olhávamos de frente os inimigos e voltávamos as costas à pátria. Com, então, canta aqui o salmo?

**3** "A ti, ó Deus, convém um hino em Sião". Aquela pátria é Sião. Jerusalém é a mesma coisa que Sião. Deveis conhecer a tradução deste nome. Jerusalém significa: Visão de paz. E Sião: observação, isto é, visão e contemplação. Não sei bem qual é este magnífico espectáculo que nos é prometido. O próprio Deus é quem fundou esta cidade. Bela e formosa cidade que tem um fundador mais belo ainda! "A ti, ó Deus, convém um hino". Mas onde? "Em Sião". Em Babilônia, não. Por isso, quando alguém começa a renovar-se, já canta seu coração em Jerusalém, conforme o dito do Apóstolo: "Mas a nossa cidade está nos céus". Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne (Fl 3,20; 2Cor 10,3). Já nos encontramos lá pelo desejo, já lançamos a esperança, qual âncora, naquela terra, a fim de não naufragarmos nesse mar tormentoso. Quando um navio está ancorado, dizemos com razão que já está em terra firme; ainda flutua, mas foi conduzido de certo modo ao porto, abrigado dos ventos e das tempestades. Assim, abrigados contra as tentações desta nossa peregrinação estamos, por meio de nossa esperança ancorada naquela cidade de Jerusalém, que não nos deixa ser jogados contra os rochedos. Quem, portanto, canta esta esperança, canta em Jerusalém. Diga, por isso: "A ti, ó Deus, convém um hino em Sião. Em Sião" não em Babilônia. Mas, agora lá estás, se ainda te achas em Babilônia? Responde o salmista: Estou lá. Este que ama, este cidadão. Estou lá, mas na carne, não pelo coração. Referi-me a duas condições: estou ali pela carne, não pelo coração. O lugar onde canto não é ali, porque não canto carnalmente, mas pelo coração. Mesmo os cidadãos de Babilônia ouvem o som material; mas o som que provém do coração, ouve-o o fundadaor de Jerusalém. Daí vem dizer o Apóstolo, exortando os próprios cidadãos a empregarem certos cânticos de amor, e a desejarem voltar àquela belíssima cidade, à visão de paz: "Cantando e louvando ao Senhor em vosso coração" (Fl 5,19). Que quer dizer: "Cantando em vosso coração?" Não canteis daí, de onde estais, de Babilônia; mas cantai lá do alto, onde habitais. Por conseguinte: "A ti, ó Deus, convém um hino em Sião". Convém-te um hino em Sião, não em Babilônia. Os cidadãos de Babilônia, que cantam em Babilônia, não cantam convenientemente nem mesmo um hino dedicado a Deus. Ouve a palavra da Escritura: "O louvor não é belo na boca do pecador" (Eclo 15,9). "A ti convém um hino em Sião".

**4** "Diante de ti cumprir-se-ão os votos, em Jerusalém". Aqui fazemos os votos, e é bom cumpri-los ali. Quais os que aqui prometem e não cumprem? Aqueles que não perseveram até o fim naquilo que prometeram. Daí dizer outro salmo: "Fazei votos ao Senhor vosso Deus e cumpri-os" (Sl 75,12). "Diante de ti cumprir-se-ão os votos em Jerusalém". Pois, lá estaremos totalmente, isto é, íntegros na ressurreição dos justos; lá cumprir-se-ão todos os nossos votos. Não somente a alma, mas também a carne não mais corruptível, porque já não está em Babilônia, mas se mudou num corpo celeste. Tal mudança nos é prometida, pois diz o Apóstolo: "Todos ressurgiremos, mas nem todos seremos transformados". Ele próprio disse quais os que serão transformados: "Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, pois a trombeta tocará, e

os mortos ressurgirão incorruptíveis, isto é, íntegros, e nós seremos transformados. Segue-se qual será aquela transformação: “Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está o teu aguilhão”? (1Cor, 51-55). Agora, portanto, tendo começado em nós as primícias do espírito, que não fazem desejar Jerusalém, muita coisa em nós, derivada da carne corruptível, combate contra nós. Não combaterá quando a morte for absorvida pela vitória. A paz vencerá, e terminará a guerra. Quando, de fato, vencer a paz, vencerá aquela cidade denominada: Visão de paz. Não haverá mais luta alguma, provinda da morte. Agora quantos combates com a morte! Dela provêm os deleites carnais, que nos sugerem muitas coisas até ilícitas; não consentimos, contudo lutamos para não consentir. No início a concupiscência da carne nos conduzia a nós seus seguidores; depois, ao resistirmos nos atraía; enfim, depois de recebermos a graça, começou a não nos conduzir, nem atrair, mas continua ainda a lutar conosco; após todas as lutas virá a vitória. Agora embora te ataque, não te vença; depois, quando a morte for absorvida pela vitória, cessará também de atacar. Que foi dito? “O último inimigo a ser destruído será a morte” (1Cor 15,26). Cumprirei meu voto. Que voto? Quase um holocausto. Diz-se que há holocausto quando o fogo consome tudo. Holocausto é um sacrifício em que a vítima inteira é consumida pelo fogo. Pois olon significa todo, kausis combustão. Holocausto é combustão total. Que o fogo nos tome, o fogo divino em Jerusalém: comecemos a arder de caridade, até que se consuma tudo o que é mortal, e aquilo que nos combate, seja sacrificado ao Senhor. Daí vem a palavra de outro salmo: “Senhor, em tua bondade, derrama sobre Sião teus benefícios; reedifica os muros de Jerusalém. Aceitarás então o sacrifício de justiça, as oblações e holocaustos” (Sl 50,20.21). “A ti, ó Deus, convém um hino em Sião. Diante de ti cumprir-se-ão os votos em Jerusalém”. Perguntamos se não se trata do Rei da mesma cidade, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Cantemos, pois, até obtermos maior evidência. Poderia adiantar que é a ele que se diz: “A ti, ó Deus, convém um hino em Sião. Diante de ti cumprir-se-ão os votos em Jerusalém”. Se fosse eu que o dissesse, acreditar-se-ia mais em mim do que na Escritura; e assim talvez não fosse digno de crédito. Ouçamos os versículos seguintes.

**5** “Escuta a minha oração. A ti acorre toda carne”. Temos o Senhor a dizer que foi-lhe dado o poder sobre toda carne (cf Jo 7,2). Começou a aparecer aquele Rei, ao ser dito: “A ti acorre toda carne”. Por que a ele acorre toda carne? Porque ele assumiu a carne. Por onde virá toda carne? Ele retirou as primícias do ventre virginal; e assumidas as primícias, o restante se seguirá a fim de que o holocausto seja completo. Por que então “toda carne”? Todo homem. E por que todo homem? Porventura todos os futuros fiéis foram prenunciados em Cristo? Acaso muitos ímpios que serão condenados? Muitos dos que acreditam cada dia não morrem em sua infidelidade? Em que sentido então entendemos: “A ti acorre toda carne?” O salmista denomina “toda carne”, todo gênero de carne; carne de todo gênero virá a ti. Que quer dizer: de toda espécie de carne? Acaso

vieram os pobres e não vieram os ricos? Vieram os humildes e não os potentados? Vieram os indoutos e não os doutos? Acaso vieram os homens e não as mulheres? Vieram os senhores e não os escravos? Vieram os velhos e não os jovens? Vieram os jovens e não os adolescentes? Vieram os adolescentes e não os meninos? Vieram os meninos e não foram trazidas as crianças? Finalmente, vieram os judeus (pois dentre eles eram os apóstolos, e aqueles muitos milhares que primeiro entregaram o Cristo, mas depois acreditaram nele) e não vieram os gregos? Ou vieram os gregos e não vieram os romanos? Ou vieram os romanos e não os bárbaros? E quem poderá enumerar todas as gentes que vieram àquele ao qual foi dito: "A ti acorre toda carne? Escuta a minha oração. A ti acorre toda carne".

**6** [4] "As palavras dos ímpios prevaleceram sobre nós, mas perdoarás as nossas impiedades". Qual o sentido das palavras: "As palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós, mas perdoarás as nossas impiedades"? Uma vez que nascemos nesta terra, encontramos iníquos que ouvimos falar. V. Caridade me ajude prestando atenção, para ver se posso explicar o que penso. Todo homem, seja onde for que nasça, aprende a língua da terra, ou da região ou da cidade a que pertence; é imbuído de seus costumes, de sua vida. Que haveria de fazer o menino que nasceu no meio de pagãos, se não adorasse as pedras, culto insinuado pelos pais? Deles ouviu as primeiras palavras; sugou o seu erro com o leite materno; e como os que lhe falavam eram seus maiores, e o menino que aprendia a falar era uma criança, que autoridade poderia seguir o pequenino senão a de seus antepassados e considerar como bem aquilo que eles elogiavam? Por este motivo, os gentios que depois se converteram a Cristo, recordando as impiedades de seus pais, repetiam as palavras do profeta Jeremias: "Nossos pais não cultuaram senão mentira, vazio que não serve para nada" (Jr 16,19). Ao se exprimirem desta forma, renunciam às opiniões e sacrilégios de seus iníquos pais. Mas como para serem imbuídos de tais opiniões sacrílegas haviam-se deixado persudir por aqueles que eles julgavam ter tanto mais autoridade quanto precedência na idade, o salmista, desejoso de voltar de Babilônia para Jerusalém, confessa: "As palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós". Nossos guias ensinaram-nos o mal e fizeram de nós cidadãos de Babilônia. Abandonamos o Criador e adoramos a criatura. Deixamos aquele que nos fez e adoramos o que nós mesmos fizemos. Pois "as palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós", contudo não nos oprimiram. Por quê? "Perdoarás as nossas impiedades". Não se diz tal coisa senão a um sacerdote que ofereça algum sacrifício de expiação e propiciação, por causa da impiedade. Diz-se que há propiciação para a impiedade quando Deus se faz propício aos ímpio. Que quer dizer que Deus se torna propício aos ímpios, que perdoa e dá vênia? Para que de Deus se impetre o perdão, a propiciação se faz por meio de um sacrifício. Aliás, existe um sacerdote nosso, enviado pelo Senhor Deus. Ele assumiu de nós a vítima para oferecer a Deus, queremos dizer, as primícias santas da carne assumida no seio da Virgem. Foi este holocausto que ele ofereceu a Deus: estendeu os braços na cruz para dizer: "Como incenso suba a tua presença a minha oração e a elevação de minhas mãos como o sacrifício vespertino" (Sl 140,2). Como sabeis, o

Senhor foi crucificado pela tarde (cf Mt 27,46); e nossas impiedades foram perdoadas, pois do contrário teriam-nos absorvido. “As palavras dos iníquos prevaleceram contra nós”. Haviam sido nossos guias os pregadores de Júpiter, de Saturno, e de Mercúrio: “As palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós”. Mas tu, o que farás? “Perdoarás as nossas impiedades”. Tu, sacerdote, tu vítima, tui oferente, tu oblação. Este é o sacerdote que agora entrou além do véu, e sendo ali o único dentre aqueles que viveram na carne, intercede por nós. Era figurado naquele povo primeiro, naquele primeiro templo pelo único sacerdote que entrava no Santo dos santos, enquanto todo o povo ficava do lado de fora. E ele entrava sozinho além do véu, e oferecia o sacrifício pelo povo que estava do lado de fora (cf Hbr 6,19.20; 9,7). Se isto for bem entendido, o espírito vivifica; se não for entendido, a letra mata. Ouvistes há pouco a leitura do Apóstolo: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida”. Os judeus não souberam o que se realizava em seu povo; nem mesmo agora sabem. Deles foi dito: “Todas as vezes que lêem Moisés, um véu está sobre o seu coração”. Véu aqui é figura; retire-se a figura e aparecerá a realidade. Mas, quando há de ser tirado o véu? Escuta o que diz o Apóstolo: “É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai”. Por conseguinte, enquanto, lendo Moisés, não se converterem ao Senhor, terão o véu sobre o coração. Prefigurando tal mistério, brilhava então a face de Moisés, de tal modo que “os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante de Moisés” (assim ouvistes; acaba de ser lido). O véu estava sobre a face de Moisés a falar, enquanto o povo ouvia. Ouvia as palavras através do véu, mas não viam a face. E que diz o Apóstolo? “Os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante de Moisés”. “Não podiam fixar os olhos, até o fim (2Cor 3,6-16). Que significa: até o fim”? Até que entendessem quem era o Cristo. Na verdade diz o Apóstolo: “O fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Havia, com efeito, um fulgor na face de Moisés, na face carnal e mortal; poderia esse fulgor ser diuturno ou eterno? Sobrevindo a morte, é certo que seria retirado. Mas, o esplendor da glória de nosso bem-aventurado Senhor Jesus Cristo é eterno. Mas aquele fulgor era uma figura temporária, ao passo que este esplendor é a realidade significada pela figura. Os judeus, portanto, lêem e não entendem a Cristo; não persistem no esforço até o fim, porque o véu interposto impede-lhes a visão do esplendor interior. E vê como Cristo se acha sob o véu. Disse o próprio nosso Senhor Jesus Cristo: “Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu” (Jo 5,46). Perdoados, porém, nossos pecados e nossas impiedades por meio daquele sacrifício vespertino, passamos para junto do Senhor, e o véu é retirado. Foi por isso que, crucificado o Senhor, o véu do templo se rasgou (cf Mt 27,51). “Escuta a minha oração. A ti acorre toda carne. As palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós, mas perdoarás as nossas impiedades”.

**7** [5.6] “Feliz aquele que escolheste e assumiste”. Quem é que ele escolheu e assumiu? Alguém foi escolhido por nosso Salvador Jesus Cristo? Ou ele mesmo segundo a carne, enquanto homem, foi escolhido e assumido? De tal modo que, enquanto Verbo de Deus, se diz que era no princípio, conforme a palavra do evangelista: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”, porque ele é o Filho de Deus, o Verbo

de Deus, acerca do qual também diz o evangelista: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). Assim, se diga ao Filho de Deus, uma vez que ele é nosso sacerdote, depois que assumiu a carne: “Feliz aquele que escolheste e assumiste”, a saber, aquele homem que revestiste, que começou no tempo, nascido de mulher como um templo daquele que sempre, eternamente existe e existiu. Ou melhor, Cristo assumiu certo bem-aventurado, e não se refere ao que assumiu no plural, mas no singular? Assumiu um só, porque assumiu a unidade. Ele não assume os cismas, não assume as heresias. Múltiplas partes fizeram-se elas por si mesmas; não são este um só que é assumido. Os que permanecem na união de Cristo, e são seus membros, fazem de certa maneira um só homem, do qual fala o Apóstolo: “Até que alcancemos todos nós o pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Efetivamente, um só homem é assumido, cuja Cabeça é Cristo, porque “a Cabeça de todo homem é Cristo” (1Cor 11,3). Ele é o homem “feliz que não entrou no conselho dos ímpios”, etc., do mesmo salmo (Sl 1,1). Ele é quem é assumido. Não está fora de nós: somos seus membros, uma só Cabeça nos comanda, vivemos de um só espírito, todos desejamos uma só pátria. Vejamos, portanto, o que se diz a Cristo, verificando se nos toca, se nos é atinente; interroguemos nossas consciências, perscrutemos como está aquele amor; e se ainda é pequeno, se acaba de nascer (talvez em alguém agora germinou), com cuidado exterminemos os espinhos ao redor dos brotos, isto é, as preocupações mundanas, para que não sufoquem, crescendo, o germe sagrado. “Feliz aquele que escolheste e assumiste”. Estejamos nele, e seremos assumidos; estejamos nele e seremos eleitos.

**8** E que nos será dado? “Habitará em teus átrios”. Trata-se daquela Jerusalém, à qual cantam os que começam a sair de Babilônia: “Habitará em teus átrios. Seremos cumulados dos bens de tua casa”. Quais os bens da casa de Deus? Irmãos, imaginemos uma casa opulenta. De quantos bens está repleta, que abundância, quantos objetos de ouro e também de prata; quantos escravos, quantos jumentos e animais; a própria casa, enfim, como deleita com pinturas, mármores, tetos com ornatos, colunas, átrios, quartos; e tais coisas são desejadas, mas são ainda da confusão de Babilônia. Corta todos esses desejos, ó cidadão de Jerusalém; corta! Se queres voltar, o cativeiro não te deleite. Mas, já começaste a sair; não olhes para trás, não fiques no caminho. Não faltam os inimigos aqui que te persuadam a amar o cativeiro e a peregrinação; já não prevaleçam contra ti as palavras dos iníquos. Deseja a casa de Deus, deseja os bens de sua casa. Não aneles por bens quais costumas almejar em tua casa, ou na casa de teu vizinho, ou na casa de teu patrono. É bem diferente a riqueza daquela casa. Que necessidade há de dizer quais os bens daquela casa? Indique-nos aquele que canta ao sair de Babilônia: “Seremos cumulados dos bens de tua casa”. Quais são estes bens? Talvez tínhamos posto o coração no ouro, na prata e demais coisas preciosas. Não procure tais coisas. Elas oprimem, não elevam. Empenhemo-nos já aqui em obter aqueles bens de Jerusalém, os bens da casa do Senhor, os bens do templo do Senhor. Porque casa do Senhor e templo do Senhor se identificam. “Seremos cumulados dos bens de tua casa. Santo é teu templo, admirável em justiça”. São essas as riquezas daquela casa. Não disse o salmista: Teu

santo templo é admirável por suas colunas, admirável por seus mármores, admirável pelos tetos dourados; mas "admirável em justiça". Tens olhos exteriores que vêem os mármores e o ouro; interiormente existem olhos para verem a beleza da justiça. Interiormente, disse, existem olhos que vêem a beleza da justiça. Se a justiça não tem beleza alguma, como se pode amar um velho que é justo? Que tem ele no corpo para deleitar os olhos? Os membros encurvados, a fronte enrugada, a cabeça encanecida, inteiramente fraco e cheio de queixumes. Mas, talvez, embora este velho decrépito não deleite os olhos teus, pode deleitar teus ouvidos. Com que voz? Com que canto? É possível que enquanto era jovem cantasse bem, mas com a idade tudo se enfraqueceu. Acaso o som de suas palavras deleita teus ouvidos, se mal pronuncia inteiramente as palavras, porque os dentes cairam? No entanto, se é justo, se não deseja o bem alheio, se dá do que é seu aos necessitados, se dá bons conselhos, se pensa bem, se tem fé íntegra, se está disposto a dar pela verdade da fé até mesmo os ombros alquebrados, pois há muitos mártires entre os velhos, por que o amamos? Que bem vêem nele os olhos carnais? Nada. Por conseguinte, existe certa beleza na justiça, que vemos com os olhos do coração, que amamos com ardor. Os homens intensamente a amaram nos mártires, ao serem seus membros dilacerados pelas feras. Ao estarem manchados de sangue, e serem suas vísceras esparramadas devido as mordeduras dos animais ferozes, não se ofereciam aos olhos apenas motivo de horror? Que havia ali para ser amado, senão que a beleza da justiça permanecia íntegra entre aqueles horríveis membros dilacerados? São estes os bens da casa de Deus; prepara-te para te saciares com eles. Mas, a fim de te saciares ali quando chegares, terás de ter fome e sede durante a peregrinação. Tem sede disso, tem fome disso, porque tais são os bens de Deus. Escuta aquele rei, ao qual se dizem estas coisas. Ele veio te reconduzir e tornou-se o caminho para ti (cf Jo 14,6). O que diz ele? "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6). "Santo é teu templo, admirável em justiça". E não deveis, irmãos, imaginar um templo fora de vós. Amai a justiça e sois o templo de Deus.

**9** "Escuta-nos, ó Deus, nosso salvador". Declara agora quem é que é denominado Deus. É o salvador, propriamente nosso Senhor Jesus Cristo. Apareceu agora mais claramente de quem é que falara: "A ti acorre toda carne. Escuta-nos, ó Deus, nosso salvador". Aquele único homem que é assumido como templo de Deus consiste em muitos e é um só. Como um só disse: "Escuta, ó Deus, a minha oração". E como consta de muitos, agora reza: "Escuta-nos, ó Deus, nosso salvador". Ouve como ele já está sendo mais claramente anunciado: "Escuta-nos, ó Deus, nosso salvador, esperança de todos os confins da terra e dos mares distantes". Eis por que diz o salmista: "A ti acorre toda carne". Acorre-se de todas as partes. "Esperança de todos os confins da terra". Não é esperança apenas de um canto, mas esperança somente da Judéia, nem esperança exclusivamente da África, nem esperança da Panônia, nem esperança do oriente ou do ocidente, mas "esperança de todos os confins da terra e dos mares distantes". Dos próprios confins da terra. "E dos mares distantes". Se é do mar, é longe. O mar é figura deste século, amargo pela salmora, turbulento em suas procelas, onde os homens cheios de ambições perversas e más se tornaram como peixes que se devoram mutuamente.

Observai o mar malvado, o mar amargo, cruel em seus vagalhões; notai de que homens está repleto. Quem ambiciona uma herança, não quer a morte de outro? Quem anelar por um lucro, não procura o prejuízo de outro? Quantos os que querem subir com a queda de muitos! Quantos para comprar ambicionam que os outros vendam o que têm! Como não se oprimem mutuamente, e não devoram os que podem! E depois que um peixe maior devorar um menor, ele também é devorado por outro maior do que ele. Ó peixe malvado, queres fazer do pequeno uma presa; serás presa do grande. Estas coisas acontecem cada dia, diante de nossos olhos; nós as vemos e sentimos horror. Não façamos isto, meus irmãos, porque é Cristo a "esperança de todos os confins da terra". Se ele não fosse a esperança também "dos mares distantes" não teria dito a seus discípulos: "Eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4,19). Já tendo sido capturados no mar pelas redes da fé, alegremo-nos de nadar ainda dentro das redes; pois, o mar ainda está enfurecido e tempestuoso, mas as redes que nos apanharam nos levarão à praia. A praia é o fim do mar; portanto, é a chegada ao fim do mundo. Neste ínterim dentro das redes, irmãos, vivamos bem; não rompamos as redes para saírmos. Muitos romperam as redes, criaram cismas, saíram, porque diziam que não queriam suportar os maus peixes capturados nas redes; e eles se tornaram piores do que aqueles que afirmaram não poder tolerar. Pois, as redes apanham peixes bons e maus. Declara o Senhor: "O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, os pescadores puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. Assim será no fim do mundo. Mostra o que é a praia, mostra o fim do mar. Virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 13,47-50). Vamos, pois, cidadãos de Jerusalém, que estais dentro da rede e sois peixes bons. Tolerai os maus. Não rompais a rede. Estais com eles no mar, porém não estareis com eles nas vasilhas. Ele é a "esperança de todos os confins da terra", ele é a esperança "dos mares distantes". Distantes, porque mares.

**10** [7] "Estabeleces as montanhas em sua fortaleza. Não se trata do poder deles. Pois, o Senhor preparou grandes pregadores e os chamou de montes; humildes em si, elevados nele. "Estabeleces as montanhas em sua fortaleza". Como se exprime um desses montes? "Recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus que ressuscita os mortos" (2Cor 1,9). Quem confia em si mesmo e não em Cristo, não é destes montes que ele estabeleceu em sua fortaleza. "Estabeleces as montanhas em sua fortaleza, cingido de poder". Entendo aqui os potentados. "Cingido", o que é? Os potentados põem Cristo no meio, cingem-no, isto é, cercam-no de todos os lados. Todos nós o possuímos em comum, portanto, ele está no meio. Cercamo-lo todos nós que nele acreditamos. E como nossa fé não provém de nossas forças, mas de seu poder, ele está "cingido de seu poder", não de nossa força.

**11** [8] "Abalas as profundezas do mar". Ele o fez. Vejamos o que fez. Estabeleceu as montanhas em sua fortaleza. Enviou-os a pregar. Foi cercado dos fiéis em poder. E o

mar se abalou. Abalou-se o mundo e começou a perseguir seus santos. “Cingido de poder. Abalas as profundezas do mar”. Não disse: Abalas o mar; mas: “as profundezas do mar”. Profundezas do mar são os corações dos ímpios. Como o movimento que vem do fundo é mais veemente, e as profundezas contêm tudo, assim tudo o que parte da língua, das mãos, das diversas forças para perseguir a Igreja, veio das profundezas. Se a raiz da iniqüidade não estivesse no coração, não se originaria tudo aquilo contra Cristo. Abalou as profundezas, talvez para esgotá-las; pois quanto a certa espécie de males esgotou o fundo do mar e tornou-o vazio. Assim se exprime outro salmo: “Converte o mar em terra firme” (Sl 65,6). Todos os pagãos e ímpios que acreditaram eram um mar e se tornaram terra. Primeiro eram estéreis devido às ondas salgadas, mas depois se tornaram fecundos de frutos de justiça. “Abalas as profundezas do mar”. “Quem suportará o fragor das ondas?” Que quer dizer: “Quem suportará?” Quem suportará o fragor das ondas do mar, as ordens dos magnatas do mundo? Mas por que se suportam? Porque abala o Senhor as montanhas em sua fortaleza. A palavra: “Quem suportará?” é o mesmo que dizer: Nós, por nós mesmos não poderíamos suportar aquelas perseguições, se ele não nos desse a força. “Abalas as profundezas do mar. Quem suportará o fragor das ondas?”

**12** [8.9] “As nações se agitarão”. Primeiro se agitarão; mas aquelas montanhas estabelecidas na fortaleza de Cristo, acaso se perturbaram? O mar se abalou, quebrou-se contra os montes. As ondas se quebraram, mas os montes ficaram inabaláveis. “As nações se agitarão e temerão todos”. Eis que todos já temem; antes se perturbaram e agora já temem. Os cristãos não temeram, mas são temidos depois que se tornaram cristãos. Todos os que perseguiam, agora temem. Superou-os aquele que foi cingido de poder. De tal forma a ele acorre toda carne que os demais em sua pequenez já temem. “À vista de teus portentos temerão os habitantes dos confins da terra”. Pois, os apóstolos fizeram milagres e por isso todos os confins da terra temeram e acreditaram.

**13** “Alegrarás as saídas da manhã e da tarde”, isto é, tornas deleitáveis. Qual a promessa que temos para esta vida? “Alegrarás as saídas de manhã e à tarde”. Há saídas de manhã e saídas à tarde. “De manhã” representa a prosperidade do mundo; “à tarde” a figura a tribulação neste mundo. Atenção, V. Caridade, para não se corromper pela prosperidade, nem se abater pela adversidade. Ambas tentam a alma humana. Por conseguinte, a manhã significa a prosperidade, porque de manhã tudo é alegre, havendo passado a tristeza da noite. Pois as trevas são tristes, ao cair da tarde. Foi, de certo modo, ao anoitecer do mundo que Cristo ofereceu o sacrifício vespertino. Por isso, ninguém tema a tarde, nem se deixe corromper pela manhã. Não sei bem que homem te prometeu lucro se fizeres determinada ação má. É de manhã: uma grande soma de dinheiro te sorri. Faz-se manhã para ti. Não te deixes corromper, e terás uma saída de manhã. Se tens como sair, não te deixes prender. A promessa de lucro serviu de isca na armadilha. Se fores pressionado, sem saída, serás apanhado na armadilha. Mas o Senhor teu Deus te proporcionou ocasião de escapar, de sorte que não sejas apanhado pelo lucro, ao te dizer no coração: Eu sou a tua riqueza. Não atendas às promessas do mundo, e sim às do

Criador do mundo. Presta atenção ao que Deus te prometeu se praticares a justiça e desprezarás as promessas do homem que te quer afastar da justiça. Não atendas, portanto, ao que promete o mundo, e sim ao que promete o Criador do mundo e terás a saída de manhã, através da palavra do Senhor: "Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida"? (Mt 16,26). Mas aquele que, com a promessa de lucro, não pôde te corromper e te levar à iniqüidade, ameaçará com penas e se tornará teu inimigo, começando a te dizer: Se não fizeres isto, hei de te mostrar, hei de agir; ter-me-ás por inimigo. Primeiro, enquanto te prometia lucro, era de manhã; agora já anoitece, tornou-se triste. Mas quem te deu uma saída de manhã, dará também como escapar à tarde. Como desprezaste a manhã do mundo por causa da luz do Senhor, assim despreza também a tarde, devido à paixão do Senhor, dizendo a tua alma: O que me fará este malvado a mais do que aquilo que meu Senhor sofreu por mim? Manterei a justiça, não consentirei na iniqüidade. Seja cruel contra minha carne: quebre-se o laço, e voarei para meu Senhor que me diz: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28). E ele deu garantias ao próprio corpo, dizendo: "Mas nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá" (Lc 21,18). Admiravelmente se exprimiu o salmista: "Alegrarás as saídas de manhã e à tarde". Se a própria saída te deleitar, não te custará sair daqui. Porás a cabeça no lucro prometido se não te deleitar a promessa do salvador. Ainda, cederás ao tentador, que te ameaça, se não te aprouver aquele que primeiro sofreu para te dar como sair. "Alegrarás as saídas de manhã e à tarde".

**14** [10] "Visitaste a terra e a inebriaste". Como inebriou a terra? "E teu cálice inebriante, como é excelente!" (Sl 22,5). "Visitaste a terra e a inebriaste". Enviaste tuas nuvens, caiu a chuva da pregação da verdade, a terra se inebriou. "Cumulando-a de riquezas". Como a cumulaste de riquezas? "O rio de Deus encheu-se de água". Que é este "rio de Deus"? O povo de Deus. O primeiro povo ficou cheio, e por meio dele o restante da terra foi irrigado. Ouve o Senhor a prometer água: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva" (Jo 7,37.38). Rios e um só rio, porque devido à unidade muitos são um só. Muitas Igrejas e uma só Igreja; muitos fiéis, e uma só esposa de Cristo. Assim também muitos rios e um só rio. Muitos israelitas acreditaram, e ficaram repletos do Espírito Santo. Dali se dispersaram por muitos povos; começaram a pregar a verdade, e do rio de Deus que se encheu de água, a terra inteira foi irrigada. "Forneceste-lhes o sustento, quando assim a preparas". Não forneceste porque mereceram aqueles cujos pecados perdoaste, uma vez que só mereciam o mal, mas por causa de tua misericórdia. "Forneceste-lhes o sustento, quando assim a preparas".

**15** [11] "Irriga os seus sulcos". Abram-se primeiro os sulcos que devem ser irrigados; a dureza de nossos corações se amoleça pelo arado da palavra de Deus. "Irriga os seus sulcos, aumenta a sua reprodução". Nós o vemos. Uns acreditam, e através destes fiéis outros acreditam, e por meio desses outros crêem. E não basta a alguém que se tornou fiel lucrar um só. Assim a semente se multiplica. Poucos grãos são lançados e surge a messe. "Irriga os seus sulcos, aumenta a sua reprodução. Alegrar-se-á com o orvalho, ao

nascer". Isto é, antes que seja talvez capaz de receber a água do rio, "ao nascer, com o orvalho", conforme lhe convém, "alegrar-se-á". Orvalho um pouco dos sacramentos para os pequenos e fracos, porque não podem captar a plenitude da verde. Ouve como é que orvalha para os pequeninos, ao nascerem, isto é, aos menos capazes, recém-nascidos. Diz o Apóstolo: "Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo" (1Cor 3,1). Com a expressão: "crianças em Cristo" refere-se aos já nascidos, mas ainda não idôneos a captar aquela sabedoria mais profunda, da qual diz: "É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos" (1Cor 2,6). Alegrar-se-á com o orvalho, ao nascer e crescer; já robusto captará a sabedoria, porque a criancinha se nutre de leite e torna-se capaz de ingerir alimento sólido; no entanto, antes retirou-se o leite do próprio alimento, do qual ainda a criança não era capaz. "Alegrar-se-á com o orvalho, ao nascer".

**16** [12] "Abençoarás a coroa do ano com teus benefícios". Semeia-se agora, cresce o que foi semeado, virá a messe. E então, o inimigo sobre a boa semente semeou o joio; e nasceram os maus entre os bons, os pseudocristãos, tendo folhas semelhantes, mas frutos desiguais. Pois chama-se propriamente joio a planta que nasce semelhante ao trigo, como a cizânia, a aveia e outras que têm as primeiras folhas inteiramente semelhantes. Por isso da semeadura da cizânia diz o Senhor: "Veio o inimigo e semeou o joio no meio do trigo. Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio". Com efeito, "veio o inimigo, e semeou o joio no meio"; mas que fez o trigo? O trigo não ficou oprimido pelo joio; ao contrário, tolerando o joio, o trigo cresceu. O próprio Senhor respondeu a certos operários que queriam arrancar o joio: "Deixai-os crescer juntos até a colheita, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; em seguida, recolhei o trigo no meu celeiro" (Mt 13,24-30). O fim do ano é a messe no fim do mundo. "Abençoarás a coroa do ano com teus benefícios". Ao se falar de coroa, alude-se à glória da vitória. Vence o diabo e terás a coroa. "Abençoarás a coroa do ano com teus benefícios". Recomenda novamente a bondade de Deus, a fim de que ninguém se glorie de seus méritos.

**17** [13] "E teus campos se encherão de fartura. Os confins do deserto reverdecerão e as colinas cingir-se-ão de alegria". Campos, colinas, confins do deserto são os homens. Campos por causa da igualdade; portanto, devido à sua igualdade, os povos justos são denominados campos. Colinas por causa da elevação, porque Deus eleva em si aqueles que se humilham. Confins do deserto, todos os povos. Por que confins do deserto? Eles eram desertos; profeta algum havia sido enviado a eles. Assim eles eram semelhantes ao deserto, por onde ninguém passa. Nenhuma palavra de Deus fora enviada aos gentios; os profetas pregaram apenas ao povo de Israel. Veio o Senhor; creram os que eram trigo no povo judaico. Por isso, o Senhor disse aos discípulos naquela ocasião: "Não dizeis vós que a colheita ainda está longe? Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita". Foi esta a primeira colheita. Haverá outra no fim do mundo. A primeira colheita era a dos judeus, porque foram-lhes enviados os profetas que anunciavam o

Salvador a vir. Por isso, o Senhor disse aos discípulos: Vede os campos: “Estão brancos para a colheita”, de fato, os campos da Judéia. “Outros trabalharam e vós aproveitastes os seus trabalhos”, disse ainda (Jo 4,35.38). Os profetas trabalharam para semear, e vós entrastes com a foice para aproveitar seus trabalhos. Realizou-se, portanto, a primeira colheita; e de lá, do mesmo trigo que então ficou limpo, foram tiradas as sementes para a terra inteira, a fim de que haja outra colheita no fim dos tempos. No segundo plantio foi semeado por cima o joio; por isso agora se tem tanto trabalho. Como naquela primeira messe trabalharam os profetas, até que viesse o Senhor, assim nesta segunda trabalharam os apóstolos e todos os pregadores da verdade ainda trabalham até que no fim do mundo o Senhor envie os seus anjos para a messe. Antes, por conseguinte, era um deserto; mas “os confins do deserto reverdecerão”. Eis que o Senhor dos profetas foi recebido lá onde os profetas não haviam falado. “Os confins do deserto reverdecerão e as colinas cingir-se-ão de alegria”.

**18** [14] “Os cordeirinhos das ovelhas se revestiram”. Subentende-se: “de alegria”. Os cordeirinhos das ovelhas se revestirão da mesma alegria que cingirá as colinas. Cordeirinhos e colinas aqui se identificam. São colinas pela graça superior; cordeirinhos, porque guias do rebanho. Por conseguinte, são cordeirinhos os apóstolos, revestidos de alegria, que se alegram com os frutos que conseguem. Não trabalharam inutilmente, não pregaram sem motivo. “Os cordeirinhos das ovelhas se revestiram; e os vales se encherão de trigais. Também os humildes do povo darão muito fruto. “Elevam-se clamores”. Clamarão e se encherão de trigais. O que clamarão? “Entoam-se hinos”. Uma coisa é clamar contra Deus e outra cantar um hino. Uma coisa gritar palavras sacrílegas, outra clamar os louvores de Deus. Se clamas uma blasfêmia, produziste espinhos; se clamas um hino, tens abundância de trigo.

# SALMO 65

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] Este salmo tem como título: “Para o fim. Cântico do salmo da ressurreição”. Ao se pronunciar no salmo: Para o fim, ouvis uma referência a Cristo, pois diz o Apóstolo: “O fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Ouvireis agora, na medida que o Senhor se dignar me mostrar e esclarecer, como se canta aqui a ressurreição e de que ressurreição se trata. Pois, nós, cristãos, sabemos que a ressurreição já se realizou em nossa Cabeça, e há de se efetuar nos membros. Cristo é a Cabeça da Igreja, e a Igreja consta de membros de Cristo (cf Cl 1,18). Os acontecimentos que precederam na Cabeça, virão em seguida a se darem no corpo. Esta é a nossa esperança; para isso acreditamos, e persistimos, e perseveramos em meio a tão grande maldade neste mundo, consolando-nos a esperança, antes que ela se transforme em realidade. Esta realidade virá ao ressucitarmos, e formos transferidos a uma vida celeste, tornando-nos iguais aos anjos. Quem ousaria esperar isso se a verdade não o houvesse prometido? Os judeus mantinham esta esperança, por causa da promessa que lhes foi feita; e muito se gloriavam de suas boas obras, que consideravam justas. Haviam recebido a Lei, e esperavam que vivendo segundo a Lei teriam aqui bens materiais, e na ressurreição dos mortos teriam bens semelhantes aos que aqui possuíam. Por isso, aos saduceus, que negavam a ressurreição futura, os judeus não podiam responder, quando os mesmos saduceus lhes propunham a questão que haviam apresentado ao Senhor. Sabemos que não haviam podido resolver esta questão, porque ficaram admirados quando o Senhor a resolveu. Os saduceus propuseram a questão de determinada mulher que teve sete maridos; não simultaneamente, mas sucessivos. Havia na Lei a norma, visando ao aumento do povo, de que se alguém morresse sem filhos, e tivesse um irmão, esse devia receber a viúva por mulher, e suscitar descendência para o seu irmão (cf Dt 25,5). Propondo, portanto, o caso daquela viúva que teve sete maridos e todos haviam morrido sem filhos e que a tomaram para cumprir o dever de se casar com a viúva de seu irmão, perguntaram: “Na ressurreição, de qual será a mulher?” Sem dúvida, os judeus não se dariam ao trabalho de fazer tal pergunta, nem ficariam perplexos, se não esperassem ter na ressurreição o mesmo que aqui nesta vida. O Senhor, porém, prometendo a igualdade com os anjos, sem a corrupção da carne humana, disse-lhes: “Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam, e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos de Deus” (Mt 22,23-30; Lc 20,27-36). Demonstrou que é necessária a sucessão, onde se chora a morte. Onde não houver mortos, não se procuram os sucessores. A esse respeito, o Senhor acrescentou: “Nem mesmo podem morrer” (Lc 20,6). Todavia, como os judeus tinham, embora de maneira carnal, a esperança da ressurreição futura, ficaram contentes com a resposta aos saduceus, com os quais eles

mantinham uma disputa acerca desta questão ambígua e obscura. Efetivamente, os judeus tinham a esperança da ressurreição dos mortos. Mas esperavam que só eles haveriam de ressuscitar para a vida bem-aventurada, por causa das obras da Lei, e dos mandamentos das Escrituras, que só os judeus possuíam, e os gentios não. Cristo foi crucificado. Diz o Apóstolo: "o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios" (Rm 11,25). Então, começou a ser prometida a ressurreição dos mortos aos gentios, que acreditavam em Jesus Cristo ressuscitado. Daí vem que este salmo é contrário à presunção e soberba dos judeus, e a favor da fé dos gentios, chamados à mesma esperança da ressurreição.

**2** De certa maneira, meus irmãos, ouvistes o que constitui o âmago do salmo. Toda vossa atenção se concentre no que disse, no que propus. Nenhum pensamento estranho vos afaste do que disse: que o salmo se refere à presunção dos judeus, a esperarem a ressurreição por causa das observâncias legais. Eles crucificaram a Cristo, o primeiro a ressuscitar, que não teria por membros ressuscitados apenas os judeus, e sim os que nele acreditassem, isto é, todos os gentios. Por isso, começa o salmista: "Jubilai diante de Deus". Quem? "Ó terra inteira". Por conseguinte, não apenas a Judéia. Vede, irmãos, como se recomenda a universalidade da Igreja, difundida por toda a terra, e não lamenteis somente os judeus, que invejavam esta graça concedida às nações, mas chorai mais ainda os hereges. Se devemos lamentar os que não foram congregados, quanto mais importa chorar os que estavam unidos e se separaram? "Jubilai diante de Deus, ó terra inteira". Que quer dizer: "Jubilai?" Dai gritos de alegria, se não podeis exprimi-la com palavras. Pois, não se jubila com palavras; mas somente se emitem sons de alegria, que de certo modo são concebidos e gerados pelo coração, como expressão da idéia que for impossível manifestar por palavras. "Jubilai diante de Deus, ó terra inteira"; ninguém jubile só numa porção dela. Ninguém, digo, jubile numa só parte da terra: jubile a terra inteira, jubile a Igreja católica. A Igreja católica possui o todo. Qualquer um que tenha só uma parte, e se separou do todo, quer gritar, mas não jubilar. "Jubilai diante de Deus, ó terra inteira".

**3** [2] "Cantai salmos a seu nome". Que disse o salmista? Bendizei o seu nome com vossa salmodia. Ontem expliquei o que é salmodiar e acredito que V. Caridade se lembra. Salmodiar é tomar um instrumento chamado saltério, e fazer a voz concordar com o toque e o movimento das mãos. Se, pois, jubilais de tal modo que Deus ouça, salmodiai também de sorte que os homens vejam e ouçam; mas não a vosso nome. "Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles" (Mt 6,1). E a que nome, dirás, hei de salmodiar, de sorte que minhas obras não sejam vistas pelos homens? Dai atenção a esta outra passagem: "Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16). "Vendo as vossas boas obras, que eles glorifiquem", não a vós, mas a Deus. Pois, se praticais boas obras para vossa própria glória, ser-vos-á dito o que o Senhor proferiu de alguns que assim agem: "Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa" (Mt 6,2). E ainda: "Se o fizerdes, não recebereis a recompensa do vosso

Pai que está nos céus" (Mt 6,2-1). Por conseguinte, dirás, devo esconder minhas obras, para não fazê-las "diante dos homens?" Não. Mas, então, como? "Brilhem as vossas boas obras diante dos homens". Fico na dúvida. Falas-me assim: "Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens" e aqui me dizes: "Brilhem as vossas boas obras diante dos homens". O que observarei? O que farei? O que deixarei? O homem tanto não pode servir a dois senhores que ordenam coisas diversas quanto lhe é impossível obedecer a um só que mande coisas contrá-rias. Não, diz o Senhor, não estou mandando coisas diversas. Presta atenção ao fim, conta com certa finalidade; considera qual o fim que te move. Se ages assim para seres glorificado, foi o que proibi; se, porém, para que Deus seja glorificado, foi o que mandei. Salmodiai, portanto, não a vosso nome, mas ao nome do Senhor vosso Deus. Salmodiai vós; ele seja louvado; vivei bem e ele seja glorificado. De onde vos vem a possibilidade de viver bem? Se a tivéssies eternamente, jamais viveríeis mal; se a tivésseis de vós mesmos, jamais viveríeis de modo menos bom. "Cantai, pois, salmos a seu nome".

**4** "Rendei-lhe glória e louvor". Ele procura concentrar toda a nossa atenção no louvor de Deus; nada nos deixa para nosso próprio louvor. Por isso, exaltemo-lo mais ainda e alegremo-nos com isso; unamo-nos a ele, louvemo-lo com ele. Ouvistes a leitura do Apóstolo: "Vede, pois, irmãos, a vossa vocação. Não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, como o que é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é" (1Cor 1,26-28). Que quis ele dizer? Que mostrar? Nosso Senhor Jesus Cristo desceu para restaurar o gênero humano e dar sua graça a todos os que entendem que isto provém de sua graça e não dos méritos que tiverem. A fim de que ninguém se gloriasse de qualidades carnais, ele escolheu os fracos. Pois, nem mesmo aquele Natanael foi escolhido. Que te parece, uma vez que o Senhor escolheu o publicano Mateus, sentado na coletoria de impostos, e não escolheu Natanael, a quem o próprio Senhor deu testemunho, dizendo: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento"? (cf Mt 9,9). Entende-se, portanto, que este Natanael foi doutor da Lei. Como não haveria de escolher os doutos, se no início os escolhesse, eles julgariam ter sido escolhidos pelo méritos de seus conhecimentos. Então seria elogiada sua ciência e se diminuiria o louvor à graça de Cristo. Este deu testemunho de que Natanael era um bom fiel, no qual não havia fingimento; contudo, não o tomou entre seus discípulos, pois escolheu primeiro homens rudes. E como sabeis que Natanael era perito na Lei? Porque ao ouvir de um daqueles que haviam seguido o Senhor dizer: "Encontramos o Messias, que se traduz por: Cristo", perguntou de onde era ele e lhe foi dada a resposta: "De Nazaré". Então ele afirmou: "De Nazaré pode sair algo de bom". Sem dúvida, entendeu que de Nazaré podia sair algo de bom, porque era perito na Lei e examinara bem os profetas. Sei que se podem pronunciar aquelas palavras de outro modo, mas não é aceita pelos mais prudentes. Pareceria nada esperar, ao ouvir e dizer: "De Nazaré pode sair algo de bom?" Isto é: Acaso poderia? Pronunciando desta forma, ele nada esperaria. O texto continua: "Vem e vê." Estas palavras: "Vem e vê" podem ser

a continuação de ambos os modos de pronunciar as primeiras palavras. Se disseres, como não acreditando: “De Nazaré pode sair algo de bom?” tens como resposta: “Vem e vê” o que não crês. Se, ao invés, disseres, confirmando: “De Nazaré pode sair algo de bom”, a resposta será: “Vem e vê” como é verdade a boa notícia de Nazaré; vem e experimenta como é certo o que acreditas. Daí, por conseguinte, se considera que ele era perito na Lei, e não foi escolhido para um dos discípulos pelo Senhor, que primeiro escolheu os que o mundo tinha por insensatos. E no entanto, o Senhor dera dele testemunho, dizendo: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento” (Jo 1,41-47). De fato, o Senhor posteriormente escolheu também oradores; mas eles se envaideceriam se ele primeiro não houvesse escolhido os pescadores. Escolheu ricos, mas diriam que foram escolhidos pelo mérito de suas riquezas, se ele antes não houvesse escolhido pobres. Escolheu depois imperadores; mas é melhor que o imperador indo a Roma, tire o diadema e chore junto ao túmulo do pescador, do que o pescador chorar junto ao túmulo do imperador. Pois, “o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, como o que é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é”. E o que segue? O Apóstolo conclui: “A fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus” (1Cor, 27.28). Vede como nos tirou a glória, para dar a glória: tirou a nossa, para dar a sua; tirou a vã para dar a plena; tirou a vacilante para dar a sólida. Quanto mais forte e firme, portanto, será a nossa glória, porque se acha em Deus! Não deves, portanto, gloriar-te em ti mesmo. A Verdade o proibiu; mas o Apóstolo ordenou o mesmo que a Verdade: “Aquele que se gloria, se glorie no Senhor” (1Cor 1,31). “Rendei-lhe, pois, glória e louvor” Não imiteis os judeus, que procuravam atribuir sua justificação quase a seus méritos, e invejavam os gentios que acendiam à graça do evangelho, a fim de obterem o perdão de todos os pecados, como se eles não tivessem o que ser perdoado e esperassem, quais bons operários, a recompensa. Sendo ainda doentes, consideravam-se sadios, e daí vinha que sua doença era mais perigosa. Pois, se ao menos fossem mais calmos na doença, não teriam, como frenéticos, matado o médico. “Rendei-lhe glória e louvor”.

**5** [3] “Dizei a Deus: Como são temíveis as tuas obras!” Por que temíveis e não amáveis? Ouve a palavra de outro salmo: “Servi ao Senhor com temor. E exultai diante dele com tremor” (Sl 2,11). Que significam esses versículos? Ouve como se exprime o Apóstolo: “Operai a vossa salvação com temor e tremor. Por que motivo: com temor e tremor? Ele acrescenta a causa: “Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade” (Fl 2,12.13). Se, portanto, Deus opera em ti, praticas o bem por graça de Deus, não por tuas forças. Por conseguinte, se te alegras, também teme, não aconteça que aquilo que foi dado ao humilde seja retirado ao soberbo. Pois, a fim de saberdes que isto sucedeu ao orgulho dos judeus, que se consideravam justos por causa das obras da Lei, e por isso caíram, afirma outro salmo: “Uns confiam nos carros e outros nos cavalos”, como se confiassem em determiados passos e instrumentos para sua elevação; “nós, porém, exaultaremos no nome do Senhor nosso Deus. Uns confiam nos carros e outros nos cavalos. Nós, porém, exultaremos no nome do Senhor nosso Deus”. Vede como eles

se exaltavam; vede como estes se gloriam em Deus. Por isso, como continua o salmo? “Eles se emaranharam e caíram. Mas nós nos levantamos e ficamos firmes de pé” (Sl 19,8.9). Ouve como o próprio Senhor nosso diz a mesma coisa: “Eu vim para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos”. Vê de um lado a bondade, de outro certa malícia. Mas que há de melhor do que ele? De mais misericordioso? De mais justo? Por que, então, “para que os que não enxergam, vejam?” Por causa da bondade. E por que, “os que vêem tornem-se cegos?” Por causa do orgulho. De fato viam e tornaram-se cegos? Não viam, mas pensavam que viam. Pois, irmãos, vede o seguinte: ao dizerem os próprios judeus: “Acaso também nós somos cegos? Respondeu-lhes o Senhor: Se fôsseis cegos não teríeis culpa; mas dizeis: Nós vemos! Vosso pecado permanece” (Jo 9,39-41). Procuraste o médico; dizes que enxergas? Cortar-se-ão os colírios e continuarás cego; confessa que és cego e merecerás recuperar a vista. Observa os judeus; observa os gentios. “Os que não enxergam, vejam. Vim para que os vêem tornem-se cegos”. Os judeus viam, nosso Senhor Jesus Cristo corporalmente; os gentios, não. Os que o viram, crucificaram-no; os que não o viram, acreditaram. Por conseguinte, que fizeste, ó Cristo, contra os soberbos? Que fizeste? Vemos, porque te dignaste mostrar, e somos teus membros. Vemos: escondeste que és Deus, e apresentaste aos olhares a condição humana. Por quê? Porque o “endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios”. Por isso escondeste que és Deus e mostraste a condição humana. Viam e não viam; viam a natureza assumida e não viam o que eras; viam a condição de escravo e não viam a condição divina (cf Fl 2,6.7); a condição de escravo, da qual o Pai é maior e não a condição de Deus, por causa da qual acabastes de ouvir: “Eu e o Pai somos um” (cf Jo 14,28; 10,30). Prenderam o que viam, crucificaram o que viam; insultaram aquele que viam, não conheceram aquele que estava oculto. Ouve como diz o Apóstolo: “Se tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,8). Por isso, vós, gentios, que fostes chamados, notai os ramos cortados, devido à severidade de Deus; porém, enxertados devido a sua bondade, fostes feitos partícipes da abundância de óleo, mas não ambicioneis uma elevação, isto é, não sejais orgulhosos. “Não és tu que sustentas a raiz”, mas ela é que te sustenta. Antes atemorizai-vos, porque vedes cortados os ramos naturais. Pois, os judeus vieram dos patriarcas; nasceram da descendência de Abraão. Como se exprime o Apóstolo? Porém, dirás: “Foram cortados os ramos para que eu fosse enxertada. Muito bem! Eles foram cortados pela incredulidade e tu estás firme pela fé; não te ensoberbeças, mas teme, porque se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará” (Rm 11,17-25). Olha os ramos cortados, e a ti enxertado; não te exaltes acima dos ramos cortados, mas dize antes a Deus: “Como são terríveis a tuas obras!” Irmãos, se não devemos nós nos exaltar contra os judeus, ramos outrora cortados da raiz dos patriarcas, mas antes temer, e dizer a Deus: “Como são terríveis as tuas obras!” quanto menos havemos nós de nos exaltar diante dos ferimentos de cortes mais recentes? Primeiro foram cortados os judeus e enxertados os gentios; destes ramos enxertados foram cortados os hereges; mas nem diante destes devemos nos ensoberbecer, de receio que mereça ser excluído quem se compraz em injuriar os que foram cortados. Meus irmãos, quaisquer que sejais vós, a

cujos ouvidos sou a voz do bispo, nós vos rogamos que tenhais precaução. Quaisquer que sejais na Igreja, não ataqueis os que não estão dentro; mas antes rezai para que eles venham para dentro. “Pois Deus é capaz de os enxertar novamente” (Rm 11,23). O Apóstolo disse isto a respeito dos próprios judeus; e assim aconteceu. O Senhor ressuscitou e muitos acreditaram. Não haviam entendido ao crucificá-lo; no entanto, posteriormente acreditaram nele, e foi-lhes perdoado tão grande delito. O sangue que o Senhor derramou foi dado aos homicidas, para não dizer, aos deicidas; “porque se o tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória”. Agora aos homicidas foi dado o sangue inocente derramado; pela graça de Deus, beberam o mesmo sangue que por loucura derramaram. Por conseguinte, “dizei a Deus: como são terríveis tuas obras!” Por que terríveis? Porque “o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios” (Rm 11,25). Ó plenitude dos gentios, dize a Deus: “Como são terríveis as tuas obras!” Alegra-te, mas com tremor. Não te orgulhes diante dos ramos cortados. “Dizei a Deus: Como são terríveis as tuas obras!”

**6** “Pela grandeza de teu poder, os teus inimigos te mentirão”. Os inimigos te lisonjeiam para que seja grande teu poder. Que significa isto? Ouvi com maior atenção. O poder de nosso Senhor Jesus Cristo apareceu principal-mente na ressurreição, a qual deu o título ao presente salmo. E tendo ressurgido apareceu a seus discípulos (cf At 10,41). Não apareceu aos inimigos, mas a seus discípulos. Quando estava crucificado mostrou-se a todos; ressuscitado, somente aos fiéis, de tal sorte que posteriormente os que quisessem acreditassem e fosse prometida a ressurreição ao fiel. Muitos santos fizeram numerosos milagres; nenhum deles ressuscitou-se a si próprio, mesmo os que eles ressuscitaram, ressuscitaram para morrer. V. Caridade preste atenção. O Senhor, recomendando suas obras disse: “Mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras” (Jo 10,38). Recomenda igualmente as obras dos apóstolos no passado; se não as mesmas, no entanto muitas delas, muitas de idêntico poder. O Senhor andou sobre as águas do mar e ordenou também a Pedro que o fizesse (cf Mt 14,25.29). Acaso não estava presente o próprio Senhor, quando o mar se dividiu para Moisés passar com o povo de Israel? (cf Ex 14,21). É o mesmo Senhor quem fazia estas coisas. Os primeiros milagres ele os fez corporalmente, estes últimos realizava pela ação corporal de seus servos. Uma coisa não fez por meio de seus servos (pois o Senhor é que fazia tudo isso), não fez com que alguém deles estivesse morto e ressuscitasse para a vida eterna. De fato, os judeus poderiam dizer quando o Senhor realizava milagres: Moisés também fez isto, Elias fez, Eliseu fez. Poderiam dizer essas coisas porque também eles ressuscitaram mortos e fizeram muitos milagres. Por isso, quando eles pediam a Cristo um sinal, ele referiu-se a um sinal peculiar, realizado somente em si: “Uma geração má e implicante busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois, como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra” (Mt 12,39.40). Como esteve Jonas no ventre do monstro marinho? Não foi para depois ser vomitado vivo? O inferno foi para o Senhor o que foi o monstro para Jonas. Foi este sinal que o Senhor citou especialmente, porque é o mais importante. É sinal de maior poder fazer reviver um morto do que não deixá-lo

morrer. A grandeza do poder do Senhor, segundo a natureza humana, revela-se na força da ressurreição. Também o Apóstolo a destaca, dizendo: "Não tendo a justiça da Lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé, para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição" (Fl 3,9.10). Ainda a recomenda em outra passagem: "Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus" (2Cor 13,4). Uma vez que este grande poder do Senhor evidencia-se na ressurreição, de onde este salmo extraiu o título, que quer dizer: "Pela grandeza de teu poder, os teus inimigos te mentirão?" A menos que signifique: Teus inimigos te mentirão para seres crucificado; e és crucificado para ressurgires. Por isso, a mentira deles valerá como recomendação de teu grande poder. Por que motivo costumam mentir os inimigos? Mentem para diminuir o poder de alguém. Tal fato te é adverso. Teu poder pareceria menor se eles não tivessem mentido contra ti.

**7** Considerai a mentira das falsas testemunhas no evangelho, e verificai que trata da ressurreição. Ao ser dito ao Senhor: "Que sinal nos mostras para assim agires?" ele, deixando de lado o que dissera de Jonas, por meio de outra comparação disse o mesmo, de sorte que podeis estar cientes de que este sinal peculiar é o recomendado em grau sumo: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei. Disseram-lhe, então, os judeus: Quarenta e seis anos foram precisos para se construir este templo, e tu o levantarás em três dias?" E o evangelista expondo o que significa isso, disse: "Ele, porém, falava do templo do seu corpo" (Jo 2,18-21). Prometera aos homens que haveria de demonstrar este seu poder, e apresentara por isso a comparação com o templo, tendo em vista sua carne que era um templo da divindade oculta em seu interior. Os judeus viam o templo do lado de fora, mas não viam o espírito que o habitava interiormente. Destas palavras do Senhor as falsas testemunhas teceram a mentira que proferiam contra ele, justamente das palavras em que aludia a sua futura ressurreição, tratando do templo. As falsas testemunhas afirmaram contra ele, ao serem interrogadas sobre o que dele haviam ouvido: Ouvi-mo-lo dizer: "Posso destruir este templo e edificá-lo depois de três dias" (cf Mt 26,61). "Depois de três dias" edificá-lo-ei, isto ouviram; mas não haviam ouvido: "Destruirei", e sim: "Destruí". Mudaram uma só palavra, e poucas letras, para levantar o falso testemunho. Mas de quem é a palavra que mudas, ó vaidade humana, ó humana fraqueza? Mudas a palavra do Verbo imutável! Podes mudar tua palavra; mas, porventura, podes mudar o Verbo de Deus? Daí se dizer em outra passagem: "E a iniqüidade mentiu a si mesma" (Sl 26,12). Por que razão teus inimigos te mentiram, ó Senhor, diante do qual jubila a terra inteira? "Pela grandeza de teu poder, os teus inimigos te mentirão". Eles dizem: "Destruirei", ao passo que tu disseste: "Destruí". Por que declararam que havias dito: "Destruirei", e não declararam que havias dito: "Destruí?" Como se eles se defendessem do crime de destruir o templo, sem motivo. Pois Cristo morreu voluntariamente; contudo, vós o matastes. Eis aí. Nós vos concedemos, ó mentirosos; ele destruiu o templo. Pois, o Apóstolo assegurou: "Que me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2,20). Foi dito a respeito do Pai: "Não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós" (Rm 8,32). Se, portanto, o Pai entregou o Filho, e o Filho se entregou a si mesmo, que fez Judas? O Pai, entregando o

Filho à morte por nós, fez bem; o Cristo entregando-se a si mesmo por nós, fez bem; Judas, entregando o mestre por causa de sua avareza, fez mal. Por conseguinte, o que nos foi concedido em conseqüência da paixão de Cristo, não será deputado à malícia de Judas. Ele terá o que merece sua malícia. Mas Cristo receberá o louvor de sua graça. Efetivamente, Cristo destruiu o templo; destruiu-o aquele que disse: "Tenho poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la. Ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente, para retomá-la" (Jo 10,17.18). Ele destruiu o templo por sua graça, por vossa malícia. "Pela grandeza de teu poder, os teus inimigos te mentirão". Eis que eles mentem, que se lhes deu crédito, que és oprimido, crucificado, insultado e diante de ti se meneia a cabeça: "Se é Filho de Deus, desça da cruz" (cf Mt 27,40). Quando queres, entregas tua vida, és ferido no lado pela lança (cf Jo 19,34), e os sacramentos fluem de teu lado. És deposto do lenho, envolvido em lençóis, colocado no sepulcro, junto do qual se colocam guardas para que os discípulos não tirem o corpo. Veio a hora da ressurreição, a terra treme, os sepulcros se abrem, ressurges ocultamente e apareces manifestamente. Onde estão, então, aqueles mentirosos? Onde está o falso testemunho da malevolência? Pela grandeza de teu poder, não mentiram teus inimigos?

**8** Notem-se também aqueles guardas do sepulcro. Contem o que viram. Recebam dinheiro e mintam também eles. Deponham também eles, perversos exortados por perversos, digam os que os judeus corromperam e que não quiseram manter-se íntegros em Cristo. Deponham, mintam eles também. Que haverão de dizer? Dizei. Vejamos. Menti vós também, diante da grandeza do poder do Senhor. Que haveis de dizer? "Enquanto dormíamos, vieram seus discípulos, e o tiraram do sepulcro" (cf Mt 28,13). Oh, verdadeira loucura adormecida! Ou estavas acordada e devias ter impedido o roubo; ou dormias, e não sabias o que acontecia. Também eles aderiam à mentira dos inimigos: aumentou o número dos mentirosos para crescer a recompensa dos que acreditaram, porque "pela grandeza de teu poder, os teus inimigos te mentirão". Com efeito, mentiram; por causa da grandeza de teu poder, eles mentiram. Em oposição aos mentirosos, apareceste aos que foram verazes, e apareceste a estes verazes, que tu fizeste tais.

**9** [4] Permaneçam os judeus em suas mentiras; a ti, uma vez que eles mentiram por causa da grandeza de teu poder, faça-se o seguinte: "Adore-te toda a terra e salmodie diante de ti; salmodie a teu nome, ó Altíssimo". Pouco antes humílimo, agora "Altíssimo". Humílimo entre as mãos dos inimigos que mentiam; Altíssimo nas alturas, onde os anjos louvavam. "Adore-te toda a terra e salmodie diante de ti; salmodie a teu nome, ó Altíssimo".

**10** [5] "Vinde contemplar as obras do Senhor". Ó gentios, ó últimas das nações, deixai os judeus mentirosos e vinde confessar. "Vinde contemplar as obras do Senhor; ele é terrível em seus desígnios sobre os filhos dos homens". Sem dúvida, ele foi denominado Filho do homem, e de fato tornou-se filho do homem. Verdadeiro Filho de Deus na condição divina; verdadeiro filho do homem na condição de escravo (cf Fl 2,6). Mas não

penseis nesta condição de escravo conforme a condição de outros semelhantes. “É terrível em seus desígnios sobre os filhos dos homens”. Os filhos dos homens urdiram o plano de crucificar a Cristo; o crucificado cegou os que o crucificaram. Que fizestes, pois, filhos dos homens, tramando astutos planos contra vosso Senhor, no qual estava oculta a majestade e aparecia a fraqueza? Vós tramastes planos para perdê-lo, e ele para cegar e salvar; obcecar os orgulhosos e salvar os humildes. Visava, obcecando os soberbos, a que eles uma vez cegos se humilhassem, humilhados confessassem, e tendo confessado recuperassem a visão. “Ele é terrível em seus desígnios sobre os filhos dos homens”. De fato, terrível! Eis que a cegueira atingiu em parte a Israel (cf Rm 11,25); eis que os judeus, dos quais nasceu o Cristo, estão do lado de fora; eis que os gentios, contrários aos judeus, em Cristo estão do lado de dentro. “Ele é terrível em seus desígnios sobre os filhos dos homens”.

**11** [6] Em vista disso, que fez ele em seus terríveis desígnios? “Converte o mar em terra firme”. Assim é que continua o salmo: “Converte o mar em terra firme”. Mar era o mundo; amargo pela salmorra, turbulento em suas tempestades, com as ondas enfurecidas das perseguições, tal era o mar. Por certo, o mar se converte em terra firme. Agora o mundo está sedento de água doce, porque estava cheio de sal. Quem fez isto? Aquele que “converte o mar em terra firme”. E agora, o que diz a alma de todos os gentios? “Como terra sem água minha alma está diante de ti” (Sl 142,6). “Converte o mar em terra firme. Atravessar-se-á o rio a pé enxuto”. Aqueles que se converteram em terra firme, quando anteriormente eram mar, atravessarão “o rio a pé enxuto”. Que é este rio? Rio é a mortalidade que há no mundo. Olhai o rio: vêm algumas águas e passam igualmente. Não é isto que sucede às águas do rio, que da terra nascem e manam? Todo aquele que nasce, há de ceder lugar ao que ainda vai nascer; e esta ordem inteira de coisas transitórias constitui uma espécie de rio. Não se meta nesse rio a alma ambiciosa, não se meta; fique firme. E como há de atravessar os prazeres das coisas perecíveis? Acredite em Cristo, e atravessará a pé enxuto; ele guia na passagem e passa a pé. Que quer dizer: passar a pé? Passar com facilidade. Não procura um cavalo para atravessar; não se eleva orgulhosamente para atravessar o rio; passa humildemente e atravessa com mais segurança. “Atravessar-se-á o rio a pé enxuto”.

**12** “Alegrar-nos-emos nele”. Ó judeus, vós vos gloriais de vossas obras. Tendes o orgulho de vos gabardes. Acolhei a graça de vos alegrardes em Cristo. “Alegrar-nos-emos nele, não em nós. Ali, “alegrar-nos-emos nele”. Quando nos alegraremos? Ao atravessarmos o rio a pé enxuto. Foi-nos prometida a vida eterna; foi-nos prometida a ressurreição. Então, nossa carne já não será um rio; é rio agora, durante a condição mortal. Ponderai se alguma idade permanece. Os meninos querem crescer, sem saberem que a duração de sua vida diminui com o correr dos anos. Enquanto eles crescem, os anos não aumentam, mas subtraem-se, como a água do rio, sem dúvida, se avoluma, mas se afasta da fonte. E, no entanto, os meninos querem crescer, para escaparem do domínio dos maiores. Eis que eles crescem, rapidamente, chegam à juventude. Os que ultrapassam a meninice, retenham, se possível, a juventude. E esta igualmente passa.

Vem a velhice em seguida. Seria eterna? A morte a arrebata. Por conseguinte, a carne que nasce é um rio. Facilmente atravessa este rio da condição mortal, no intuito de não ser arrebatado e derrubado pela ambição dos bens mortais, aquele que passa humildemente, isto é, a pé enxuto, tendo por guia o Senhor que atravessou em primeiro lugar, que bebeu da torrente no caminho até a morte, e por isso ergueu a cabeça (cf Sl 109,7). Se nós, portanto, passarmos este rio a pé enxuto, isto é, facilmente atravessarmos esta condição mortal e passageira, "alegrar-nos-emos nele". Agora, porém, em quem nos alegraremos, a não ser nele, ou na esperança que nele depositamos? Pois, embora nos alegremos agora, é em esperança que nos alegramos; depois, será nele mesmo que nos alegraremos. Também agora é nele, mas pela esperança; então, será face a face.

**13** [7] "Ali, alegrar-nos-emos nele". Em quem? Naquele "que domina por seu poder eternamente". Pois, nós que virtude temos? Acaso eterna? Se nossa virtude fosse eterna, não teríamos caído, não teríamos caído em pecado, não teríamos merecido a mortalidade penal. Cristo assumiu voluntariamente aquela condição onde nos lançou nosso demérito. Ele "que domina por seu poder eternamente". Tornemo-nos partícipes dele, em cuja virtude seremos fortes; ele, contudo, é forte em sua própria virtude. Nós somos iluminados e ele é quem ilumina. Nós, afastados dele, ficamos nas trevas; ele não pode afastar-se de si. Aquecemo-nos em seu calor; apartando-nos dele ficamos enregelados de frio, aproximando-nos de novo aquecemo-nos. Por isso, digamos-lhe que nos guarde em seu poder, porque alegrar-nos-emos nele, que "domina por seu poder eternamente".

**14** Mas, este poder não é concedido apenas aos judeus que acreditam. Eles haviam se orgulhado em excesso, presumindo de seu próprio poder. Depois, conheceram qual o poder que os tornou fortes para sua salvação, e alguns acreditaram. Isto, porém, não bastou a Cristo. Foi muito o que deu, pagou um grande preço, e não devia valer o que pagou somente para os judeus. "Seus olhos observam as nações". Por conseguinte, "seus olhos observam, as nações". Então, que faremos? Os judeus murmuravam. Eles podem dizer: Temos o mesmo que eles; temos a boa nova e eles também; temos a graça da ressurreição e eles possuem a graça da ressurreição. De nada nos adianta termos recebido a Lei, termos vivido segundo a justiça da Lei, e observado os preceitos de nossos pais; nada disso nos vale. Eles têm o mesmo que nós! Não disputem, não abram contendas. "Não se elevem os rebeldes em si mesmos". Ó carne infeliz e doentia, acaso não és pecadora? Como clama tua língua? Atenção à própria consciência. Pois, todos pecaram e necessitam da glória de Deus (cf Rm 3,25). Reconhece-te a ti mesma, ó fraqueza humana. Recebeste a Lei, para que também fosses prevaricadora da Lei; pois não mantiveste, nem cumpriste a Lei que recebeste. Da Lei te adveio, não a justificação que ela ordena, mas a prevaricação que praticaste. Se, portanto, o pecado abundou, por que invejas à graça que superabundou? (cf Rm 6,20). Não sejas rebelde, porque não se devem elevar "os rebeldes em si mesmos". Parece uma maldição: "Não se elevem os rebeldes"; ao invés disso, exaltem-se, mas não "em si mesmos". Humilhem-se em si mesmos; exaltem-se em Cristo. "Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se

humilhar será exaltado” (Mt 23,12). “Não se elevem os rebeldes em si mesmos”.

**15** 8.9 “Bendizei, ó nações, ao nosso Deus”. Aí se vêem repelidos os rebeldes, e se lhes dá razão: uns se converteram, outros continuaram soberbos. Não tenhais medo dos que invejam aos gentios a graça do evangelho; já veio a descendência de Abraão, na qual serão benditas todas as nações (cf Gn 12,3). Bendizei aquele no qual sois abençoados: “Bendizei, ó nações, ao nosso Deus e ouvi a voz de seu louvor”. Não vos louveis a vós mesmos, mas louvai-o. Qual é a voz de seu louvor? Reconhecer que provém de sua graça a bondade que temos em nós. “Ele conservou a minha alma em vida”. A voz de seu louvor é a seguinte: “Ele conservou a minha alma em vida”. Portanto, ela estava na morte; na morte e em ti. Daí vem que não devíeis exaltar-vos em vós mesmos. Ela estava na morte em ti. Onde estava em vida, senão naquele que disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida? (Jo 14,6). Conforme a alguns fiéis declarou o Apóstolo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Trevas, portando, em vós mesmos; luz no Senhor. Morte em vós, vida no Senhor. “Ele conservou a minha alma em vida”. Conservou em vida nossa alma, porque nele acreditamos; em vida conservou a nossa alma; mas doravante que é necessário senão que perseveremos até o fim? E quem o dará senão aquele do qual em seguida foi dito: “E não permitiu que os meus pés resvalassem?” Ele conservou a minha alma em vida, ele dirige meus pés para que não vacilem, não se abalem, nem resvalem. Ele nos faz viver, dá-nos perseverar até o fim, para que vivamos eternamente. “E não permitiu que os meus pés resvalassem”.

**16** 10.12 Por que disseste: “E não permitiu que os meus pés resvalassem?” Que sofreste, ou que pudeste sofrer para que teus pés resvalassem? O quê? Ouve como continua o salmo. Por que disse o salmista: “Não permitiu que os meus pés resvalassem?” Porque sofremos muitas coisas que poderiam levar nossos pés a resvalarem no caminho, se o Senhor mesmo não nos dirigisse e não os deixasse escorregar. Que coisas são estas? “Porque nos provaste, ó Deus. Pelo fogo nos depuraste como a prata”. Não nos queimaste como feno, mas provaste no fogo como a prata. Usando do fogo, não nos converteste em cinzas, mas tiraste as impurezas. “Provaste-nos pelo fogo como se acrisola a prata”. E vê como Deus castiga aqueles cuja alma conservou em vida. “Deixaste-nos cair no laço”, mas não para morrermos presos, mas para experimentarmos de onde fomos libertados. “Descarregaste-nos sobre o dorso grandes aflições”. Pois, estávamos perversamente eretos, éramos soberbos. Fomos curvados quando estávamos perversamente eretos, a fim de que assim curvados, nos reerguêssemos bem. “Descarregaste-nos sobre o dorso grandes aflições. Impuseste homens sobre as nossas cabeças”. Tudo isso a Igreja sofreu em várias e diversas perseguições; sofreu coisa por coisa, e ainda agora sofre. Não há quem possa se dizer imune nesta vida destas provações. Portanto, também sobre nossas cabeças foram impostos homens; toleramos aqueles que não queremos, suportamos como superiores às vezes alguns que sabemos serem piores do que nós. O homem sem pecados é, de fato, superior; quanto mais pecados tiver, tanto é inferior. É bom que nos consideremos pecadores, a fim de tolerarmos os que estão acima de nosss cabeças, e assim confessemos a Deus se é justo

o que sofremos. Por que sofrer com indignação aquilo que faz quem é justo? “Descarregaste-nos sobre o dorso grandes aflições. Impuseste homens sobre as nossas cabeças”. Deus parece cruel ao agir assim. Não tenhas medo. Ele é Pai e nunca se encoleriza para arruinar. Se vives mal e ele poupa, trata-se de cólera maior. Estas tribulações, absolutamente, são os flagelos do pai que corrige, para não ter de sentenciar castigo. “Descarregaste-nos sobre o dorso grandes aflições. Impuseste homens sobre as nossas cabeças”.

**17** “Passamos pelo fogo e pela água”. Fogo e água, ambos são perigosos nesta vida. Certamente a água apaga o fogo e o fogo seca a água. Assim, também acontece nas tentações que abundam nesta vida. O fogo queima, a água estraga. Um e outro devem ser temidos: a queimadura da tribulação, e os estragos da água. Quando há carência e outras dificuldades que se denominam infelicidade neste mundo, seria o fogo; quando há prosperidade e aflui a abundância deste mundo, seria a água. Cuida para que o fogo não te queime, nem a água te corrompa. Fica firme contra o fogo; precisas ser cozido: como vaso modelado és metido no forno, para se consolidar a forma. O vaso já consolidado no fogo não receia a água; se, porém, o vaso não tiver sido queimado, se dissolverá na água, virando barro. Não te apresses a cair na água; através do fogo passa para a água, para atravessares também a água. Por isso, tanto nos sacramentos, como na catequese e nos exorcismos se emprega primeiro o fogo. Pois, por que é que muitas vezes os espíritos imundos clamam: Estou queimando, se aquilo não é fogo? Depois do fogo do exorcismo vem o batismo, como que do fogo à água, da água ao refrigério. Acontece nas provas deste mundo o mesmo que nos sacramentos. Em primeiro lugar vem a angústia do temor, em lugar do fogo; depois, afastado o temor, receia-se que a felicidade do mundo corrompa. Se o fogo, porém, não te arrebentar, se não te afogares na água, mas emergires, pela disciplina passas ao repouso, e passando pelo fogo e pela água, és conduzido ao refrigério. Nos sacramentos se encontram os sinais destas realidades constitutivas da perfeição da vida eterna. Quando já tivermos passado àquele refrigério, irmãos caríssimos, não teremos medo de inimigo algum, de nenhum tentador, de um invejoso, de fogo, de água; lá haverá refrigério perpétuo. Diz-se que há refrigério por causa do repouso. Pois se o denominares: calor, é verdade; se disseres: refrigério, é verdade. Se tomares refrigério em mau sentido, dirias que ficaremos entorpecidos ali. Ali não ficaremos entorpecidos, mas descansaremos. Nem se dissermos que é calor, teremos alta temperatura, mas ficaremos ardorosos de espírtio. Nota a alusão ao calor em outro salmo: “Ninguém se subtrai a seu calor” (Sl 18,7). Que diz o Apóstolo? “Fervorosos de espírito” (Rm 12,11). Por isso, “passamos pelo fogo e pela água, mas nos conduzistes ao refrigério”.

**18** [13] Observa que não omitiu nem o refrigério, nem o fogo desejável: “Entrarei em tua casa com holocausto”. Que é holocausto? Combustão completa, mas pelo fogo divino. Um sacrifício se chama holocausto quando a vítima toda é consumida. Uma coisa é um sacrifício parcial, outra um holocausto. Quando tudo arde, é consumido pelo fogo divino chama-se holocausto; quando só uma parte, tem o nome de sacrifício. Com efeito, todo

holocausto é sacrifício, mas nem todo sacrifício é holocausto. O salmo alude a um holocausto; é o corpo de Cristo que fala, fala a unidade de Cristo: “Entrarei em tua casa com holo-caustos”. Teu fogo me consuma totalmente; nada de meu me reste, seja tudo teu. Assim acontecerá na ressurreição dos justos, “quando este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória” (1Cor 15,54). A vitória é quase um fogo divino; absorvendo nossa morte é um holocausto. Nada de mortal permanece na carne, nada de culpa no espírito. Tudo o que é mortal será consumido pela vida, a fim de se consumar na vida eterna: serão, portanto, holocaustos.

**19** [14] Que serão “os holocaustos? Cumprirei os votos que meus lábios distinguiram”. Qual a distinção entre os votos? Esta a distinção: que te acuses, mas o louves. Entendas que és criatura e ele o criador; tu és trevas, e ele o iluminador, a quem deves dizer: “Senhor, farás brilhar a minha lâmpada, iluminarás, meu Deus, as minhas trevas” (Sl 17,29). Pois, se disseres, ó alma, que a tua luz provém de ti, não distingues. Se não distingues, não cumprirás distintamente os teus votos. Cumpre-os distintamente. Confessa que és mutável, e Deus imutável; confessa que sem ele nada és, mas que ele sem ti é perfeito; que precisas dele, ele, contudo, não necessita de ti. Clama por ele: “Disse ao Senhor: És o meu Deus. Não precisas de meus bens” (Sl 15,2). Pelo fato de Deus te acolher como holocausto, ele não cresce, não aumenta, não se torna mais rico, nem mais instruído. É melhor para ti tudo o que ele faz de ti em teu favor; e não para ele mesmo. Se distingues isto, cumpres os votos a teu Deus, que teus lábios distinguiram. “Cumprirei os votos que meus lábios distinguiram.

**20** [15] Em minha tribulação proferiu a minha boca”. Freqüentemente, como é doce a tribulação! Quão necessária! Que proferiu sua boca na tribulação? “Oferecer-te-ei pingües holocaustos”. Qual o sentido de: “pingües”? Conservarei interiormente a tua caridade; não será na superfície, mas em meu interior que te amarei. Nada de mais interior do que a medula de nossos ossos. Os ossos estão dentro da carne, e a medula dentro dos ossos. Quem, pois, na superfície adora a Deus, quer antes agradar aos homens. Pensando de outro modo em seu íntimo, não oferece um holocausto pingüe, da medula. Quem considera a medula do sacrifício, toma-o totalmente. “Oferecer-te-ei pingües holocaustos, com incensos e cordeiros”. Cordeiros são os chefes na Igreja. Fala o corpo de Cristo inteiro. É isto que ele oferece a Deus. Que é incenso? A oração. “Com incenso e cordeiros?” Principalmente os cordeiros rezam pelo rebanho. “Imolarei bois com cabritos”. Encontramos bois que trituram o grão, e eles são oferecidos a Deus. O Apóstolo declarou que se aplica aos que anunciam o evangelho a palavra: “Não amordaçarás o boi que tritura o grão. Acaso Deus se preocupa com os bois”? (1Cor 9,9). Portanto, são importantes aqueles cordeiros, aqueles bois. Como são os outros, que talvez estejam conscientes de alguns pecados, e que talvez caíram no caminho, e feridos são curados pela penitência? Acaso ficarão ali, e não integrarão os holocaustos? A fim de que não tenham tal receio, o salmista acrescenta os cabritos: “Oferecer-te-ei pingües holocaustos, com incenso e cordeiros. Imolarei bois com cabritos”. Esta junção salva os

cabritos; por si não podem, mas junto aos bois são aceitos. Com efeito, fizeram amigos com o dinheiro da iniqüidade, a fim de que os recebessem nos tabernáculos eternos (cf Lc 16,9). Por conseguinte, estes cabritos não estarão à esquerda, porque fizeram amigos com o dinheiro da iniqüidade. Quais os cabritos da esquerda? Aqueles aos quais se dirá: "Tive fome e não me destes de comer" (Mt 25,42), e não os que obtiveram remissão de seus pecados por meio de esmolas.

**21** 16.17 "Vinde escutar, todos vós que temeis a Deus e narrarei". Vamos, ouçamos o que ele vai contar. "Vinde escutar e narrarei. Vinde escutar", quem? "Todos vós que temeis a Deus". Se não temeis a Deus, não contarei. Não é possível contar onde não existe temor de Deus. O temor de Deus abra os ouvidos, para ter o que entrar, e por onde entrar o que vou contar. Mas o que vai contar? "Quanto ele fez por minha alma". Eis que ele quer narrar; mas o que há de narrar? Acaso qual a extensão da terra, quanto se distende o céu, quantos são os astros, quais as fases do sol e da lua? A criação segue sua ordem. Aqueles que a investigaram com grande curiosidade, ignoraram seu criador. Ouvi-o, aceitai-o: "Todos vós que temeis a Deus, quanto ele fez a minha alma"; se quiserdes, também à vossa. "Quanto ele fez a minha alma. Clamei por ele com minha boca". Também isto foi feito a sua alma; se clamou com sua boca, declara que isto foi feito a sua alma. Aí está, irmãos. Éramos gentios. Se não nós, nossos pais. E como se exprime o Apóstolo? "Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos" (1Cor 12,2). Diga a Igreja agora: "Quanto ele fez por minha alma. Clamei por ele com minha boca". Um homem clamava por uma pedra, gritava por um lenho surdo, falava com imagens surdas e mudas. Agora a imagem de Deus voltou-se para seu Criador. "Eu que dizia à madeira: Tu és meu pai! e à pedra: Tu me geraste!" (Lv 2,27) Agora digo: Pai nosso, que estás nos céus (Mt 6.9). "Clamei por ele com 'minha boca'. Já com minha boca", não com a boca dos outros. Quando clamava pelas pedras, segundo a vida cheia de vaidade da tradição dos pais (cf 1Pd 1,18) clamava pela boca dos outros; quando clamei pelo Senhor, com as palavras que ele me deu, que ele inspirou, "clamei por ele com minha boca e com minha língua o exaltei". Preguei-o publicamente, e às ocultas louvei-o. Não basta exaltar a Deus com a língua; mas também sob a língua, de sorte que aquilo que proferes com certeza, penses igualmente em silêncio. "Clamei por ele com minha boca e com minha língua o exaltei". Vê que ocultamente quer ser íntegro aquele que oferece holocaustos pingües. Assim agi, irmãos. Imitai o salmista, repetindo: Vinde escutar quanto ele faz por minha alma. Tudo o que o salmista narra realiza-se em nossa alma pela graça de Deus. Vede outras afirmações suas.

**22** 18 "Se percebo iniqüidade em meu coração, o Senhor não me ouça". Considerai agora, irmãos, com que facilidade, como diariamente os homens envergonhados acusam as iniqüidades dos outros: É um criminoso, praticou o mal, agiu perversamente; fala assim por causa dos outros homens. Verifica se não encontras em teu coração a iniqüidade, a fim de não suceder que estejas cogitando de fazer aquilo mesmo que censuras em outrem, e gritas contra ele, não porque fez o mal, mas porque foi descoberto. Volta a ti mesmo; sê interiormente teu próprio juiz. Ali, em teu quarto bem

escondido, no íntimo do coração, onde te achas sozinho (mas com aquele que vê), aborrece tua iniqüidade, a fim de agradares a Deus. Não a consideres, isto é, não a ames, mas antes despreza-a, rejeita-a, afasta-te dela. Tudo o que ela te prometer de agradável para te arrastar ao pecado, tudo o que te ameaçar de triste para te impelir a fazer o mal, tudo isto nada é, tudo passa. Merece ser desprezado, calcado e não ser contemplado para ser aceito. [Sugere por vezes, pelos pensamentos, ou pelas conversas más. As más companhias corrompem os bons costumes (cf 1Cor 15,33). Não as contemples. Não basta fazê-lo com o rosto, com a língua. Não olhes com o coração, isto é, não ames, não aceites. É comum usar a palavra: olhar, em vez de amar. Em primeiro lugar, porque dizemos a respeito de Deus: Olhou-me. Que significa: Olhou-me? Antes ele não via? Ou atendeu novamente, e incitado por tuas preces, pôs em ti seus olhos? Ele te via, mesmo anteriormente. Mas dizes: Olhou-me. Amou-me. Mesmo a um homem que te vê e lhe pedes que tenha compaixão de ti, dizes: Olha-me. Ele te vê e tu lhe dizes: Olha-me. Que quer dizer: Olha-me? Ama, atende, tem compaixão de mim. Por isso, não diz: “Se percebo iniqüidade em meu coração”, como se não se sugerissem, absolutamente, iniqüidades ao coração humano. Ali se sugere, a sugestão não cessa; mas não se dê atenção a ela. Se dás atenção à iniqüidade, olhas para trás e incorres na sentença do Senhor, que diz no evangelho: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus” (Lc 9,62). Que fazer, então? O que ordena o Apóstolo: “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante” (Fl 3,13). Para trás fica o que para nós passou, o que é iníquo. Ninguém vem a Cristo já sendo bom. Todos pecaram, mas crendo se justificam (cf Rm 3,22.23). Não haverá perfeita justiça senão na outra vida; no entanto, para nosso aperfeiçoamento, Deus nos inspira os bons costumes, e nô-los dá. Mas não os reputes como méritos teus. Não faças isto. E se a iniqüidade o sugerir, não consintas. Pois, o que diz o salmo?][1] “Se percebo iniqüidade em meu coração, o Senhor não me ouça”.

**23** 19 “Mas Deus me escutou”, porque não percebo iniqüidade em meu coração. “E atendeu às vozes de minha oração”.

**24** 20 “Bendito o meu Deus, que não rejeitou a minha súplica, nem retirou de mim a sua misericórdia”. O sentido da frase se encontra naquele versículo: “Vinde escutar, todos vós que temeis a Deus, e narrarei quanto ele fez por minha alma”. E declarou o que ouvistes, concluindo: “Bendito o meu Deus, que não rejeitou a minha súplica, nem rejeitou de mim a sua misericórdia”. Assim, pois, toca na ressurreição este homem que fala; e nós, em esperança já nos achamos ali; ou melhor, também nós estamos nele, e esta voz é nossa. Pois, enquanto estamos aqui, peçamo a Deus que não rejeite a nossa súplica, nem retire sua misericórdia; isto é, de tal modo supliquemos com perseverança que ele constantemente tenha misericórdia. Pois, muitos desanimam de rezar. No início de sua conversão rezam com fervor, mas depois rezam desanimados, frios, negligentes; sentem-se mais ou menos seguros. O inimigo está vigilante e tu dormes. O próprio Senhor ordenou no evangelho: É necessário “orar sempre, sem jamais esmorecer”. E

apresenta a comparação com aquele juiz iníquo, que não temia a Deus, nem tinha consideração para com os homens, a quem uma viúva interpelava diariamente para que a ouvisse, e que cedeu por aborrecimento, ele que não se dobrava por misericórdia. Disse a si mesmo o juiz malvado: "Embora eu não tema a Deus, nem respeite os homens, como esta viúva está me dando fastio diariamente, vou fazer-lhe justiça". E o Senhor acrescentou: "Se o juiz iníquo assim agiu, vosso Pai não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite? Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve" (Lc 18,1-8). Em vista disso, não esmoreçamos na oração. Deus, que nos há de atender, embora difira, não se omite; seguros por sua promessa, não desanimemos de rezar; e isto é um benefício dele. Por isso, diz o salmo: "Bendito o meu Deus, que não rejeitou a minha súplica, nem retirou de mim a sua misericórdia". Ao verificares que ele não rejeitou a tua súplica, fique certo de que não retirou de ti a sua misericórdia.

1 Muitos mss. omitem o trecho entre colchetes.

# SALMO 66

## SERMÃO AO POVO

**1** [2] V. Caridade está lembrada de que em dois salmos já explanados, exortamos a nossa alma a bendizer o Senhor, num cântico piedoso: "Bendize, minha alma, ao Senhor" (Sl 102,1; 103,1). Se naqueles salmos animamos nossa alma a bendizer ao Senhor, neste salmo com justeza se reza: "Deus se compadeça de nós e nos abençoe". Bendiga nossa alma ao Senhor e Deus nos abençoe. Quando Deus nos abençoa, nós crescemos, e quando bendizemos ao Senhor, também crescemos; ambas as coisas são para nosso proveito. Ele nada ganha quando o bendizemos, nem diminui por nossas maldições. Quem maldiz ao Senhor, ele próprio diminui; quem bendiz ao Senhor, cresce. A bênção do Senhor vem-nos em primeiro lugar, e por conseqüência também nós bendizemos ao Senhor. A primeira é a chuva, e esta é o fruto. Por isso, estamos entregando a Deus, o agricultor, que nos manda a chuva e nos cultiva, o fruto que produzimos. Cantemos estas palavras com devoção, mas não estéril, nem só de voz, mas com um coração sincero. Deus Pai é chamado claramente de agricultor. O Apóstolo o declara: "Vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus" (1Cor 3,9). Neste mundo visível, a videira não é edifício, nem o edifício é vinha. Nós, porém, somos a vinha do Senhor, porque ele nos cultiva para darmos frutos; somos o edifício de Deus, porque aquele que nos cultiva habita em nós. Como se exprime a esse respeito o mesmo Apóstolo? "Eu plantei, Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa tão-somente Deus, que dá o crescimento" (1Cor 3,6-9). Ele, portanto, dá o crescimento. Acaso estes são agricultores? Pois, se chama agricultor aquele que planta, que rega; e o Apóstolo afirma: "Eu plantei; Apolo regou". Perguntamos como ele pôde fazê-lo. Responde o Apóstolo: "Não eu, mas a graça de Deus que está comigo" (1Cor 15,10). Por conseguinte, para qualquer lado que te voltares, seja para os anjos, descobrirás que Deus é teu agricultor; seja para os profetas, ele é teu agricultor; seja para os apóstolos, ele próprio é o teu agricultor. E nós, então? Talvez sejamos operários daquele agricultor, e mesmo isso será por meio das forças que ele distribui, através da graça que ele dá. Ele, portanto, cultiva e dá o crescimento. Um agricultor humano cultiva a sua vinha até esse ponto: ara, limpa, emprega outros meios pertencentes ao trabalho agrícola; mas fazer chover sobre sua vinha, ele não pode. E se pode irrigar, pelo poder de quem o pode? Ele, com efeito, abre o canal para o rio, mas é Deus que enche a fonte. Enfim, não pode fazer crescer os sarmentos em sua vinha, não pode formar os frutos, não pode modificar as sementes, não pode determinar o tempo do nascimento. Deus, porém, que pode tudo isso, é nosso agricultor; fiquemos tranqüilos. É possível que diga alguém: Tu dizes que Deus é nosso agricultor; eu prefiro dizer que agricultores são os apóstolos, que afirmaram: "Eu plantei; Apolo regou". Se sou eu que afirmo, que ninguém acredite. Mas se é Cristo quem o declara, ai de quem não crê. Que é, então, que diz

Cristo Senhor nosso? "Eu sou a videira e vós os ramos e meu Pai é o agricultor" (Jo 15,5.1). Fique sedenta a terra, e emita os gritos de sede, porque está escrito: "Como terra sem água minha alma está diante de ti" (Sl 142,6). Diga, pois, nossa terra, nós mesmos, desejando a chuva de Deus: "Deus se compadeça de nós e nos abençoe".

**2** "Faça luzir sobre nós o brilho de sua face". Provavelmente ias perguntar o sentido da expressão: "nos abençoe". Os homens querem de muitas maneiras serem abençoados por Deus. Um quer ser abençoado a fim de ter uma casa cheia de tudo o que é necessário nesta vida; outro ambiciona ser abençoado para ter uma saúde corporal completa; outro almeja ser abençoado, de sorte que, se adoecer, recupere a saúde; outro deseja filhos, e talvez triste porque não nascem, quer a bênção a fim de conseguir uma posteridade. E quem pode enumerar os diversos anelos dos homens, para cuja obtenção querem ser abençoados pelo Senhor Deus? Quem de nós não há de afirmar que é uma bênção de Deus que o cultivo do campo dê frutos, ou a casa de alguém possua grande abundância de bens temporais, ou a saúde do corpo não se perca, ou seja recuperada? Mesmo a fecundidade das mulheres, e os castos desejos de filhos, de onde vêm senão do Senhor Deus? Pois, aquele que os criou quando eles não existiam, é quem faz subsistir a prole que criou. Deus é quem faz estas coisas, quem as dá. Não basta dizer: Deus faz estas coisas, e as dá; mas ele é o único que as faz e as dá. Que seria se Deus as fizesse, mas também outro que não Deus as fizesse igualmente? Ele as faz, e é o único a fazê-las. É inútil pedi-las aos homens ou aos demônios. Todos os bens que recebem os inimigos de Deus, é dele que os recebem; e se pedem a outros e o recebem, é dele que recebem sem o saberem. Da mesma forma que ao serem castigados e pensam que são castigados por outros, sem o saberem é por ele que são castigados. Assim igualmente quando têm vigor, são saciados, são salvos, libertados, embora o desconheçam e atribuam aos homens, ou aos demônios, ou aos anjos, não o recebem senão dele, em cujas mãos se acha o poder de todos eles. Dissemos estas coisas, irmãos, a fim de que se alguém desejar estes bens terrenos, para suprir uma necessidade ou por alguma fraqueza, não o espere senão daquele que é a fonte de todos os bens, Criador e restaurados do universo.

**3** Mas, uns são os dons que Deus concede também a seus inimigos, e outros os que reserva a seus amigos. Quais as dádivas que concede a seus inimigos? Aqueles que enumerei. Pois, não são apenas os bons que têm casas repletas de todas as coisas necessárias; nem somente os bons que gozam de saúde ou convalescem de uma doença; nem só os bons que têm filhos, só os bons que possuem dinheiro, só os bons que têm tudo o que é adequado a esta vida temporal e passageira. Igualmente os maus o possuem, e por vezes estes bens faltam aos bons; mas faltam também aos maus, e freqüentemente mais a estes que àqueles; de outras vezes são mais abundantes para aqueles do que para estes. Deus quis que estes bens temporais fossem distribuídos em mistura; porque se os desse só aos bons, julgariam os maus que por causa deles deviam adorar a Deus; ao invés, se os concedesse apenas aos maus, os bons, mas fracos, teriam medo de se converterem e de lhes faltarem esses bens. Uma alma ainda fraca é menos idônea para o reino de Deus; Deus, nosso agricultor, deve sustentá-lo. Pois, a árvore que

já suporta com vigor as tempestades, ao brotar da terra era uma erva. Aquele agricultor, portanto, sabe não somente podar e limpar as árvores possantes, mas também cercar as ainda tenras, devido ao recente nascimento. Por isso, caríssimos, conforme começara a dizer, se estes bens fossem dados apenas aos bons, todos, para recebê-los, procurariam converter-se a Deus; ao contrário, se os mau apenas os recebessem, os fracos ficariam com medo de se converterem e perderem aquilo que só os maus possuíssem. Indistintamente, portanto, são dados aos bons e aos maus. E ainda, se fossem negados só aos bons, o mesmo receio tomariam os fracos de se converterem a Deus. E se apenas os maus os perdessem, considerar-se-ia castigo só este que atingiu os maus. O fato de serem dados aos bons consola os viajantes; por serem doados também aos maus, isto serve de admoestação aos bons a desejarem outros bens, que não lhes seja comuns com os maus. Ainda, Deus os retira dos bons quando quer, a fim de que estes se interroguem sobre suas próprias forças; e descubram, o que talvez lhes fosse oculto, se já podem dizer: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme aprouve ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Bendisse o Senhor também aquela alma, e deu frutos após uma chuva reconfortante e abençoada. “O Senhor o deu, o senhor o tirou”. Tirou pois os dons, mas o doador não se subtraiu. Alma bendita a alma simples, que não adere aos bens terrenos, nem jaz por terra com as asas presas no visco, mas brilha com as virtudes e exulta respirando o ar da liberdade e voando com as duas asas do amor. São-lhe tiradas as posses que calcava aos pés, mas não o objeto de seus esforços e diz com segurança: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme aprouve ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor”. Deu e tirou. Permanece o doador e retirou as dávidas; seja bendito o seu nome. Efetivamente, é para isso que são tiradas dos bons. Mas não diga um homem fraco: Quando poderei ter tanta força quanto o santo varão Jó? Admiras o vigor da árvore, porque nasceste agora; esta grande árvore que admiras, sob cujos ramos e sombra te refazes, foi um arbusto. Mas temes que teus bens sejam arrebatados, quando te tornares assim? Observa que também são arrebatados aos maus. Por que, então diferes a conversão? Aquilo que receias perder, se te tornares bom, talvez o percas mesmo continuando a ser malvado. Se o perderes, sendo bom, estará a teu lado o consolador que o tirou. A arca está vazia de ouro, mas o coração está cheio de fé. Por fora és pobre, por dentro és rico. Trazes contigo riquezas que não podes perder, mesmo se saíres despojado de um naufrágio. Daqueles bens que é possível perderes, sendo mau, por que não preferes que o prejuízo te alcance enquanto és bom, quando, de fato, ele atinge também os maus? Mas estes são atingidos por dano maior; têm a casa vazia, e mais vazia ainda a consciência. Todo homem malvado que sofre este prejuízo, não tem exteriormente o que possuir, não tem interiormente onde descansar. Ele foge do lugar onde sofreu o dano, onde costumava se gabar diante dos olhares humanos, com ostentação de suas riquezas. Já não pode se gabar diante dos olhos dos homens; não volta para seu íntimo, porque lá nada tem. Ele não imitou a formiga; não recolheu os grãos, no verão (Pr 6,6; 30,25). O que significa: no verão? Na tranqüilidade de vida, quando possuía a prosperidade neste mundo, quando tinha lazer, quando era denominado feliz por todos, era verão. Teria imitado a formiga, se tivesse ouvido a palavra de Deus.

Teria recolhido os grãos e guardado em reserva interiormente. Viera a tentação da tribulação, sobreviera o inverno do torpor, a tempestade do medo, o frio da tristeza, seja por algum prejuízo, seja por perigo de vida, ou pela perda de entes queridos, ou por alguma injúria e humilhação: era inverno. A formiga volta à reserva que reunira no verão e interiormente, num lugar secreto que ninguém vê, refaz-se com o produto do trabalho do verão. Todos a viam quando o recolhia no verão; ninguém vê quado ela no inverno se alimenta. Que significa isto? Observa a formiga de Deus. Levanta-se diariamente, corre à Igreja de Deus, ora, ouve a leitura, canta o hino, rumina o que ouviu, medita, recolhe no seu íntimo os grãos apanhados na eira. Aqueles que ouvem com prudência o que agora foi dito, agem deste modo, e todos os vêem ir à igreja, voltar da igreja, ouvir o sermão, ouvir a leitura, tomar o livro, abri-lo e lê-lo. Tudo isso se vê fazer. Aquela formiga está trilhando o caminho, carregando e depositando, perante os que a olham. Virá um dia o inverno. Para quem ele não chega? Acontece um prejuízo, a perda de um ente querido. Os outros dele se compadecem, tomando-o por infeliz, porque não sabem que a formiga tem interiormente o que comer, e dizem: Infeliz dele, porque lhe aconteceu isto, ou aquilo! O que não estará sentindo? Como está abatido! Ele mede por si, tem compaixão de acordo com suas próprias forças, e por isso se engana, pois quer aplicar àquele que não conhece a medida com que se mede a si mesmo. Vês que ele sofreu prejuízo, ou foi humilhado, ou atingido pela morte dos seus. O que pensas? Este fez algum mal para lhe suceder tal infelicidade. Tenham meus inimigos tal coração, tal ânimo. Ignoras, ó homem! Em verdade és teu próprio inimigo se no correr do verão não colhes o que este recolheu. Agora a formiga come no formigueiro o fruto do trabalho do verão. Podias vê-la recolhendo, mas não podes vê-la comendo. Isto é, irmãos, o que dissemos, à medida que Deus nos deu, tudo o que ele se dignou sugerir e incutir à nossa fraqueza e humildade e que aprendemos quanto nos foi possível, a respeito da questão por que Deus dá tudo isto indiferentemente aos bons e aos maus, e por que o tira dos bons e dos maus. Se ele te deu, não te orgulhes. Se te retirou, não te abatas. Tens medo de que ele o retire de um bom; pode também tirar de um mau. É melhor perderes um bem de Deus, mas conservares para ti a Deus. Assim sucede também a determinado homem malvado. Exortamo-lo: Hás de sofrer um dano (quem não passa pela privação de um ente querido?), advirá um caso qualquer, alguma calamidade em contrário, pois todas as partes do mundo estão cheias disso; não acabam os exemplos. Falo-te no verão, mas não faltam grãos para recolheres. Preguiçoso, olha a formiga (cf Pr 6,6; 30,25). Acumula no verão, enquanto é possível; o inverno não te permitirá recolher, mas deve comer o que haveria acumulado. Quantos são, de fato, os que sofrem tanta tribulação que não conseguem nem ler, nem ouvir alguma coisa; talvez mesmo nem aceitem consolo. A formiga fica dentro do formigueiro; veja se reúne alguma coisa no verão, com que enfrente o inverno.

**4** Mas, então, se Deus nos abençoa, por que motivo nos abençoa? Qual a bênção pedida por esta palavra: "E nos abençoe?" A bênção reservada a seus amigos, e que ele concede somente aos bons. Não peças como algo de importante aquilo que também os maus recebem; Deus é bom e assim age, pois faz seu sol nascer sobre maus e bons, e chover

sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Qual o dom principal aos bons? Qual o mais importante dom aos justos? “Faça luzir sobre nós o brilho de sua face”. Fazes brilhar o disco do sol sobre bons e maus; sobre nós faze luzir o brilho de tua face. Esta luz do sol é visível aos animais, aos bons e aos maus; mas bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus (cf Mt 5,8). “Faça luzir sobre nós o brilho de sua face”. Há duas maneiras de entender a frase; será útil enunciar as duas. Faze brilhar sobre nós a luz de tua face; mostra-nos a tua face. Não quer dizer que Deus por vezes faça luzir a sua face, como se algumas vezes ficasse privado de luz; mas ilumina sobre nós, a fim de desacobrirmos o que nos estava oculto, o que existia, mas era-nos desconhecido. Seja-nos revelado, isto é, faça-se brilhar. Ou é possível que seja: faze brilhar sobre nós a tua imagem, de tal sorte que teria dito: Faze brilhar teu rosto sobre nós; imprimiste em nós teu rosto, fizeste-nos a tua imagem e semelhança (cf Gn 1,26), fizeste de nós a tua moeda. Mas tua imagem não deve permanecer nas trevas. Envia um raio de tua sabedoria para expelir nossas trevas e fazer luzir em nós a tua imagem. Reconheçamos que somos tua imagem, ouçamos a palavra do Cântico dos cânticos: “Se não te conheces a ti mesma, ó mais bela das mulheres” (cf Ct 1,7). Diz-se à Igreja: Se não te conheces a ti mesma. Qual o sentido desta palavra? Se não sabes que és feita à imagem de Deus. Ó alma preciosa da Igreja, remida com o sangue do Cordeiro imaculado, presta atenção a quanto vales; pensa no que foi pago por ti. Digamos, portanto, e prefiramos o seguinte: “Faça luzir sobre nós o brilho de sua face”. Trazemos em nós o seu rosto. Assim como se fala em rosto do imperador, é uma espécie de rosto sagrado de Deus a sua imagem. Mas os iníquos não reconhecem em si a imagem de Deus. Para que sobre eles brilhe a sua face, o que deve dizer? “Senhor, farás brilhar a minha lâmpada. Iluminarás, meu Deus, as minhas trevas” (Sl 17,29). Estou mergulhado nas trevas dos pecadores, mas o raio de tua sabedoria dissipe minhas trevas; apareça teu rosto, e se acaso aparecer por minha causa um tanto deformado, seja reformado por ti, o que por ti foi formado. Por conseguinte: “Faça luzir sobre nós o brilho de sua face”.

**5** [3] “Para que conheçamos na terra o teu caminho. Na terra”, aqui, nesta vida, “conheçamos o teu caminho”. Que é o teu caminho? Aquele que conduz a ti. Saibamos por onde ir, saibamos para onde ir; ambas as coisas são impossíveis nas trevas. Estás longe dos peregrinos; abriste-nos um caminho para voltar a ti: “Conheçamos na terra o teu caminho”. Qual o seu caminho, uma vez que optamos por ele, “para que conhecer na terra o teu caminho”? Perguntávamos por ele, impossibilitados de descobri-lo por nós mesmos. Podemos aprendê-lo do evangelho: “Eu sou o caminho”, disse o Senhor. Cristo disse: “Eu sou o caminho”. Mas tens medo de errar? Acrescentou: “E a verdade”. Quem erra, possuindo a verdade? Erra aquele que dela se afastou. Cristo é a verdade, Cristo é o caminho. Anda. Temes morrer antes de chegar? “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6); como se dissesse: Por que tens medo? Andas por mim, andas em mim, em mim repousas. Tendo dito: “Para que conheçamos na terra o teu caminho”, não é o mesmo que: Conheçamos na terra o teu Cristo? Mas responda o próprio salmo. Não julgues necessário trazer o testemunho de outras passagens da Escritura que aqui não se

achasse contido; por isso, repetindo, mostra o que significa dizer: “Para que conheçamos na terra o teu caminho”. E como se interrogasses: Em que terra, qual caminho? “Em todos os povos a tua salvação”. Em que terra? perguntas. Ouve: “Em todos os povos”. Que caminho procuras? Ouve: “A tua salvação”. Acaso não é Cristo a própria salvação? E o que foi que disse o velho Simeão? Refiro-me àquele ancião de que fala o evangelho, muito idoso, que viveu até a infância do Verbo. Aquele velho tomou nos braços o Verbo de Deus menino. Aquele que se dignou entrar no seio da virgem, julgaria indigno de si estar nos braços do ancião? É o mesmo no seio da Virgem que nos braços do ancião; criança débil no seio e nos braços do ancião para nos dar firmeza aquele que fez todas as coisas. E se fez tudo, inclui-se a própria mãe. Veio humilde, fraco, mas revestido de uma fraqueza que devia ser transformada: “Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus” (2Cor 13,4), afirma o Apóstolo. Estava, portanto, nos braços do ancião. E o que disse aquele ancião? Que disse, congratulando-se porque já podia ser libertado dos laços da terra, vendo em seus braços aquele por quem e em quem obteria sua salvação? Disse: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,29-30). Em conseqüência: “Deus se compadeça de nós e nos abençoe. Faça luzir sobre nós o brilho de sua face, para que conheçamos na terra o teu caminho”. Em que terra? “Em todos os povos”. Que caminho? “A tua salvação”.

**6** [4] Como continua o salmo? Uma vez que se conhece na terra o caminho de Deus, que se conhece em todos os povos a salvação de Deus? “Confessem-te todos os povos, ó Deus. Confessem-te”, diz o salmo, “todos os povos”. Apresenta-se um herege e diz: Eu na África encontro povos. Outro de diferente região: Eu na Galácia encontro povos. Tu na África, ele na Galácia. Mas eu procuro alguém que os encontre em toda parte. Certamente, vós ousastes pular de alegria ao ouvir esta palavra, porque ouvistes dizer: “Confessem-te todos os povos, ó Deus”. Escuta o versículo seguinte, que não fala de uma parte do mundo: “Todos os povos te confessem”. Andai no caminho com todos os povos, andai pelo caminho com todas as nações, ó filhos da paz, filhos da única Igreja católica. Andai pelo caminho, cantai durante a caminhada. Assim fazem os caminhantes para alívio do cansaço. Cantai neste caminho. Exorto-vos em lugar do próprio caminho, cantai, por este caminho. Cantai o cântico novo. Ninguém se dê aí às velhas canções. Mas cantai os cânticos de amor da pátria. Que ninguém se dedique às velhas canções. Caminho novo, novo viajante, cântico novo. Ouve o Apóstolo a exortar que cantes o cântico novo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas: eis que se fez uma realidade nova” (2Cor 5,17). Cantai o cântico novo no caminho que conhecestes “na terra”. Em que terra? “Em todos os povos”. Por tal razão o cântico novo não pertence só a uma parte da terra. Quem canta com parcialidade, canta canções antigas; qualquer de seus cânticos é velho, é o velho homem que canta. Está dividido, é carnal. Certamente, enquanto é carnal é velho, e à medida em que é espiriual, é novo. Vê como se expressa o Apóstolo: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais. Como prova que são carnais? “Quando alguém declara: Eu sou de Paulo, e outro diz: Eu sou de Apolo, não procedeis de maneira meramente

carnal”? (1Cor 3,1.4). Por isso, canta espiritualmente o cântico novo num caminho seguro. Como cantam os viajantes, e muitas vezes cantam durante a noite. De todos os lados ruídos medonhos, ou melhor, não há barulho, mas um silêncio assustador; e quanto maior o silêncio, tanto mais assusta; no entanto, eles cantam, mesmo com medo dos ladrões. Quanto maior é tua segurança, que cantas em Cristo? Este caminho não tem ladrões, se não te desvias para cair nas mãos de um deles. Canta, digo, com segurança o cântico novo no caminho que conheceste “na terra”, isto é, “em todos os povos”. Observa que não canta contigo o mesmo cântico novo aquele que preferiu ficar só com uma parte da terra. Exorta o salmo: “Cantai ao Senhor um cântico novo”, e continua: “Cantai ao Senhor, terra inteira (Sl 95,1). Confessem-te todos os povos, ó Deus”. Encontraram seu caminho: eles confessam. O próprio canto é uma confissão. Confissão de teus pecados e do poder de Deus. Confessa tua iniqüidade, confessa a graça de Deus. Acusa-te a ti mesmo, glorifica-o. Repreende-te, louva-o, a fim de que ele, quando vier, te encontre punindo-te, e se apresente como teu salvador. Por que, então, receais confessar, vós que encontrastes este caminho em todos os povos? Por que motivo tendes medo de confessar, e em vossa confissão cantar o cântico novo com toda terra, em toda terra, na paz da Igreja católica? Temes confessar a Deus, a fim de que não te condene depois de confessares? Se te escondes quando não confessas, serás condenado ao confessares. Temes confessar. E se não confessando, não podes te ocultar, serás condenado ficando calado quando podias ser libertado confessando. “Confessem-te os povos, ó Deus. Todos os povos te confessem”.

**7** [5.6] Uma vez que esta confissão não conduz ao suplício, continua o salmo: “Alegrem-se e exultem as nações”. Se os ladrões que confessam o roubo se lastimam perante um homem, alegrem-se diante de Deus os fiéis que confessam. Se é um homem que julga, exige do ladrão a confissão, através do carrasco e do medo. Ou antes, às vezes, o medo impede a confissão, mas a dor a arranca. Aquele que geme nos tormentos, tem medo de ser morto se confessar, e suporta os tormentos enquanto pode; e se for vencido pela dor, faz a confissão para sua morte. Por conseguinte, nunca com alegria, nunca exultante. Antes que confesse, as unhas de ferro o rasgam. Se confessar, o carrasco arrasta-o, depois de condenado. Sempre infeliz. Mas, “alegrem-se e exultem as nações”. Como? Devido a própria confissão. Por que motivo? Porque é bom aquele a quem confessam. Exige a confissão para libertar o humilde. Condena o que não se confessa, para punir o soberbo. Por isso, deves ficar triste antes de confessares; uma vez tendo confessado exulta, porque já serás curado. Tua consciência apanhara a infecção, inchara-se com o tumor, atormentava-te, não te deixava sossegado. O médico por vezes emprega os curativos das palavras, e outras vezes corta. Emprega o bisturi medicinal, para correção da tribulação. Reconhece a mão do médico. Confessa. Saia todo puz pela confissão e corra para fora. Já podes exultar, alegrar-te. O restante facilmente ficará curado. “Confessem-te todos os povos, ó Deus. Todos os povos te confessem”. E como se confessa, “alegrem-se e exultem as nações, porque julgas os povos com eqüidade”. Ninguém te engane. Quem teve temor do futuro juiz, alegra-se ao ser julgado, pois

previu e foi ao seu encontro com a confissão (cf Sl 94,2). O Senhor, porém, em sua vinda, julgará os povos com eqüidade. De que servirá a astúcia do acusador, se a testemunha é a consciência, e tu estarás com tua causa lá onde o juiz não exige testemunhas? Ele enviou-te um advogado. Por ele e por causa dele, confessa. Trata de tua causa, é defensor do penitente, pedindo perdão para ele, e é juiz do inocente. Com efeito, podes temer por tua causa, quando teu advogado é teu juiz? "Alegrem-se", portanto, "e exultem as nações, porque julgas os povos com eqüidade". Mas poderão ter medo de serem julgados injustamente. Entreguem-se para a correção, para a direção àquele que vê os que devem ser julgados. Corrijam-se aqui na terra, e não terão medo ao serem julgados. Corrijam-se aqui, e não terão medo do juízo. Vê o que se diz em outro salmo: "Salva-me ó Deus, pela honra de teu nome; por teu poder, faze-me justiça" (Sl 53,3). Que quer dizer com isso? Se não me salvas primeiro em teu nome, devo temer ao me julgares em teu poder. Se, porém, antes me salvas em teu nome, por que hei de temer quem me julga em seu poder, se é em seu nome que minha salvação precedeu? Assim, eqüivale a esta passagem: "Confessem-te todos os povos". No intuito de não pensardes que há o que temer na confissão, acrescenta: "Alegrem-se e exultem as nações". Por que "alegrem-se e exultem?" Porque julgas os povos com eqüidade". Ninguém dá presentes contra nós, ninguém te corrompe, ninguém te engana. Por esta razão, fica tranqüilo. Mas, que sucederá a tua causa? A Deus ninguém corrompe. É evidente. Então, não há o que temer. Ele, de forma alguma, pode ser corrupto. De que modo, então, estás seguro? Conforme o que já foi citado: "Salva-me, ó Deus, pela honra de teu nome; por teu poder, faze-me justiça". Assim igualmente se diz aqui: "Alegrem-se e exultem as nações, porque julgas os povos com eqüidade". E para que os iníquos não temam, acrescentou: "E diriges na terra as nações". As nações eram más, eram tortuosas, as nações eram perversas. Temiam, merecidamente, o juiz que viria, por causa de sua maldade, distorção e perversidade. Ele deu-lhes a mão, estendeu-a misericordiosamente para os povos. São dirigidos para andarem no caminho reto. Por que haverão de temer o futuro juiz, que primeiro reconheceram como aquele que vem corrigir? Entreguem-se a suas mãos; ele dirige as nações na terra. Quanto às nações que são orientadas, andam à luz da fé, e exultam nele, praticam boas obras. E se acaso, uma vez que navegam no mar, entra a água na nave por pequeninos buracos, por veios à sentina, retiram-na por meio das boas obras, a fim de que não continue a entrar e se acumule, e pese na nave. Tiram-na cada dia, jejuando, orando, dando esmolas, repetindo com o coração puro: "Perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12). Se assim rezares, anda com segurança, e exulta no caminho, canta na estrada. Não temas o juiz; antes de seres fiel, encontraste-o como salvador. Procurou-te quando eras ímpio para te redimir; uma vez redimido, há de abandonar para perder? "E dirigirás na terra as nações".

**8** 6.7 O salmista exulta, alegra-se, exorta, repete os mesmos versos em exortação. "Confessem-te todos os povos, ó Deus. Todos os povos te confessem. Deu a terra os seus frutos". Quais? "Confessem-te todos os povos". Era terra, cheia de espinhos.

Acedeu a mão daquele que arranca, chegou o chamado de sua majestade e de sua misericórdia. A terra começou a confessar, a dar seu fruto. Daria seus frutos, se primeiro não chovesse? A terra daria seus frutos, se anteriormente a misericórdia de Deus não viesse do alto? Dizes: onde se lê que a terra, irrigada pela chuva, deu seus frutos? Ouve como o Senhor enviou a chuva: “Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (Mt 3,2). Choveu. Chuva com trovões. Atemorizou. Teme o trovão e recebe a chuva que Deus envia. Depois daquele trovão e daquela chuva que vem de Deus, depois destas vozes, vejamos alguma coisa do próprio evangelho. Temos aquela mulher de má fama, na cidade, que entra em casa alheia, onde não fora convidada pelo dono, mas chamada por um dos convivas; não vocalmente, mas pela graça. Ela sabia que uma doente tinha seu lugar ali onde seu médico estava à mesa. Entrou aquela que era pecadora. Não ousa aproximar-se senão dos pés. Chora a seus pés, rega-os de lágrimas, enxuga com os cabelos, unge-os com ungüento (cf Lc 7,37-38). Por que admirar? “Deu a terra os seus frutos”. Com efeito, isto se realizou. Ali o Senhor fez cair a chuva através de sua boca. Realizou-se o que lemos no evangelho. Ao enviar o Senhor a chuva através de suas nuvens, os apóstolos, que pregaram a verdade, “a terra” mais largamente deu os seus frutos”, e esta messe já encheu a terra inteira.

**9** [8] Examina o que se diz em seguida: “Abençoe-nos Deus, nosso Deus; abençoe-nos Deus. Abençoe-nos”, conforme já disse. Abençoe uma, duas vezes. Multiplique a bênção. Preste atenção V. Caridade. Já precedera o fruto da terra em Jerusalém. Daí começou a Igreja. Veio o Espírito Santo e ficaram repletos os santos reunidos em comum; realizaram-se milagres, e eles falaram as línguas de todos (cf At 2,1-4). Encherram-se do Espírito Santo e converteram-se os que ali estavam; com temor e recebendo a chuva divina, em sua confissão deram tanto fruto que puseram em comum tudo o que tinham, distribuindo-o aos pobres, de tal sorte que ninguém dizia ser sua coisa alguma, mas tudo era comum entre eles, e tinham uma só alma e um só coração em Deus (cf At 4,32). Pois, fora-lhes dado o sangue que o Senhor derramara. Fora-lhes dado, depois do perdão do Senhor, de tal modo que aprenderam a beber o sangue que haviam derramado. Ali houve grande fruto: “Deu a terra os seus frutos”. Grande fruto, ótimo fruto. Porventura somente aquela terra devia dar seus frutos? “Abençoe-nos Deus, nosso Deus. Abençoe-nos Deus”. Ainda abençoe. Pois, a bênção costuma ser aplicada principal e propriamente à multiplicação de seres. Comprovemo-lo pelo Gênesis: vê as obras de Deus. Deus fez a luz. E Deus separou a luz das trevas. Denominou à luz dia, e às trevas deu o nome de noite. Não se disse: Abençoou a luz. Efetivamente, a mesma luz volta e alterna-se dias e noites. Chamou de céu o firmamento entre as águas; não foi dito: Abençoou o céu. Separou o mar da terra firme, e deu a ambos um nome: ao elemento seco denominou terra e à reunião das águas, mar. Nem então se disse: Deus abençoou. Vieram então as aves que haveriam de ter a força da fecundidade, e sairiam das águas. Elas possuem a maior capacidade de multiplicar-se; e o Senhor as abençoou, dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra”. Assim igualmente, ao submeter ao homem todas as coisas, tendo-o feito à

sua imagem, foi escrito: “Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (cf Gn 1). A bênção, portanto, vale propriamente para a multiplicação, para encher a face da terra. Ouve também este salmo: “Abençoe-nos Deus, nosso Deus; abençoe-nos Deus”. De que vale esta bênção? “E o temam todos os confins da terra”. De fato, meus irmãos, Deus nos abençoou assim abundamentemente em nome de Cristo, a fim de encher com seus filhos a face da terra, filhos adotados em vista de seu reino, co-herdeiros de seu Unigênito. Gerou um só filho, mas não quis que ficasse só um. Gerou um só, disse, mas não quis que permanecesse sozinho. Deu-lhe irmãos; não gerando, no entanto, mas adotando-os, tornou-os co-herdeiros. Fez com que ele primeiro fosse participante de nossa condição mortal, a fim de crermos que podemos ser partícipes de sua divindade.

**10** Consideremos qual foi o nosso preço. Todas essas realidades foram preditas, todas se apresentam, o evangelho avança por todo o orbe da terra. Todo o labor humano atual dá testemunho. Cumprem-se todas as predições da Escritura. Como até hoje tudo aconteceu, assim também as restantes predições hão de vir. Temamos o dia do juízo. O Senhor há de vir. Veio humildemente, mas virá exaltado; aquele que veio para ser julgado, há de vir para julgar. Reconheçamo-lo quando humilde, a fim de não temermos quando exaltado. Abracemos o humilde, para desejarmos o excelso. Virá, propício, para aqueles que o desejam. Desejam-no os que mantiverem a fé em Cristo, e praticarem seus mandamentos. Pois, mesmo que não o queiramos, ele virá. Queiramos, portanto, que venha, aquele que virá mesmo contra nossa vontade. Como queremos que venha? Vivendo bem, agindo bem. Não nos aprazam as coisas passadas, as presentes não nos prendam; não tapemos os ouvidos, como a víbora, com a cauda, não comprimamos o ouvido na terra[1]. Não nos retardemos, ouvindo as coisas passadas, a fim de não nos envolvermos no presente e meditarmos as coisas futuras. Avancemos para o que está adiante, esqueçamo-nos do passado (cf Fl 3,13). E obteremos para nosso gozo na ressurreição dos justos aquilo por que agora trabalhamos, gememos, suspiramos, de que falamos, e que percebemos em pequenina parte, mas não podemos abarcar. Nossa juventude renovar-se-á como a da águia (cf Sl 102,5); contanto que esmaguemos nossa velha vida contra a pedra, que é Cristo (cf Sl 136,9; 1Cor 10,4). Quer seja verdade, irmãos, o que se diz da serpente, ou o que se diz da águia, quer seja antes opinião humana do que verdade, contudo, a verdade se encontra nas Escrituras. Não foi em vão que as Escrituras falaram assim. Façamos nós aquilo a que aludem, e não nos empenharemos em saber se é verdade como tal. Sê do número daqueles que podem renovar a juventude como a da águia. E saiba que ela não se poderá renovar, se o que há de velho em ti não for esmagado contra a pedra; isto é, não poderás te renovar sem o auxílio da pedra, sem o auxílio de Cristo. Pelos prazeres da vida passada não ensurdeças diante da palavra de Deus. Não te deixes prender e impedir pelos bens presentes, de modo a dizeres: Não tenho tempo de ler, não tenho tempo de ouvir. É isso comprimir o ouvido no chão. Não sejas, portanto, desses tais; mas sê o contrário, isto é, esquece o passado, avança para o que está adiante, para esmagares contra a pedra o que há de velho em ti. E acredita nas comparações que te forem apresentadas, que encontrares nas

Escrituras; se descobrires que não foram ditas senão por estas opiniões, não acredites muito. Pode ser assim, pode não ser. Tu, porém, tira proveito daí. A comparação sirva para tua salvação. Não queres aceitá-la como meio? Aceita outra, contanto que faças alguma coisa. E aguarda com segurança o reino de Deus, para que tua oração não entre em disputa contigo. Pois, tu, ó cristão, ao dizeres: “Venha o teu reino” (Mt 6,10), de que maneira proferes: “Venha o teu reino?” Examina o teu coração. Vê. Eis: “venha o teu reino”. Ele clama a ti: Venho. Não tens medo? Freqüentemente repetimos a V. Caridade. Nada é pregar a verdade, se o coração discorda da língua. E ouvir a verdade nada é, se os frutos não acompanham a audição. Deste lugar, como sendo mais alto, nós vos falamos; mas quanto estamos, pelo temor, debaixo de vossos pés, conhece-o Deus, que é propício aos humildes. De fato, não nos agradam tanto as vozes dos que nos elogiam quanto a dedicação dos que confessam e as ações retas. E quanto nos aprazem apenas vossos progressos, quanto periclitamos no meio destes louvores sabe-o aquele que nos libertará de todos os perigos e se dignará coroar-nos convosco em seu reino, depois de nos salvar de todas as tentações.

1 Cf Com s/ sl. 57,7,37 ss.

# SALMO 67

## COMENTÁRIO

**1** [1.5] O título deste salmo não parece ser difícil de explicar, pois, à primeira vista, é simples e acessível. Assim se formula: “Para o fim, de Davi. Salmo de cântico”. Já tratamos, em muitos salmos, do sentido da expressão: “Para o fim”, porque “o fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Fim que dá acabamento, e não que consome ou perde. No entanto, se alguém estiver empenhado em verificar o que quer dizer: “Salmo de cântico”, e por que razão não se encontra “salmo” ou “cântico”, mas ambos, ou então, que diferença há entre salmo de cântico ou cântico de salmo (porque assim se intitulam alguns salmos), descobrirá talvez algo que deixamos para os mais perspicazes e que disponham de mais lazer. Alguns comentadores antes de nós distinguiram os salmos dos cânticos. Tendo em vista que o cântico é oral, e o salmo é acompanhado de instrumento visível, isto é, do saltério, parece que o cântico representa o entendimento do espírito, enquanto o salmo representaria as obras corporais. Assim, neste salmo sexagésimo sétimo, que agora empreendemos comentar, o versículo: “Cantai a Deus, salmodiai a seu nome”, foi interpretado por alguns, com uma distinção. Parece ter sido dito: “Cantai a Deus”, porque aquilo que a mente opera em si mesma é conhecido de Deus, mas não é visto pelos homens. Quanto às boas obras, uma vez que devem ser vistas pelos homens para que glorifiquem nosso Pai que está nos céus (cf Mt 5,16), com justeza foi dito: “Salmodiai a seu nome”, isto é, sejam divulgadas, para que o Pai seja nomeado com louvores. Quanto me lembro, eu também, em outro lugar, segui esta interpretação. Lembro-me de que nós também lemos: “Salmodiai a Deus” (Sl 46,7) assim: Agradam as nossas boas obras visíveis não apenas aos homens, mas também a Deus. Pois, nem tudo o que apraz a Deus agrada também aos homens, que não o podem ver. Daí ser de admirar que se leiam ambas as expressões: “Cantai a Deus e salmodiai a Deus”, como também em outro lugar: “Cantai a seu nome”. Se também isto se encontra nas Sagradas Escrituras, foi inútil estabelecer uma diferença. Impressiona-me também que, em geral, sejam chamados salmos de preferência a cânticos. Assim, o Senhor disse: “Tudo o que está escrito sobre mim na Lei, nos profetas e nos salmos” (Lc 24,44). O próprio livro é dito: dos salmos, não: dos cânticos. Ele declarou: “Pois está escrito no livro dos salmos” (At 1,20), enquanto era preferível, conforme esta diferença, chamar de cânticos, uma vez que um cântico pode existir sem ser salmo, mas o salmo sem cântico não existe. Com efeito, podem existir cogitações da mente, sem serem acompanhadas de obras corporais; nenhuma boa obra, porém, é realizada sem que haja antes idéia na mente. Por isso, ambos são cânticos, mas não salmos. Contudo, conforme disse, geralmente são chamados de salmos, não de cânticos; e livro dos salmos, não dos cânticos. E se entendemos e discutimos o sentido das palavras, onde no título se encontra somente: “salmo”, e onde apenas: “cântico” e onde não está: “salmo de

cântico”, como no presente título, mas “cântico de salmo”, não sei se é possível falar de diferença. Por conseguinte, conforme começaremos a dizer, deixando estas questões aos que podem tratá-las, e têm tempo de distinguir e delimitar com base segura estas diferenças, nós, à medida que o Senhor nos ajudar, consideremos e analisemos o texto do salmo.

**2** [2] “Levante-se Deus e dispersem-se os seus inimigos”. Já se realizou. Cristo ressuscitou, ele que é acima de tudo Deus, bendito pelos séculos (cf Rm 9,5), e seus inimigos a saber, os judeus, se dispersaram por todos os povos. No mesmo lugar onde deram expansão a sua inimizade, foram vencidos, e de lá dispersados para todos os lados. Agora odeiam, mas têm medo, e devido a este medo fazem o seguinte: “E fujam de sua face aqueles que o odeiam”. Efetivamente, o temor é espiritualmente uma fuga. Pois, como poderiam fugir corporalmente da presença daquele que demonstra em toda parte os efeitos de sua mesma presença? Diz o salmista: “Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face”? (Sl 138,7). Fogem, portanto, espiritual, não corporalmente, a saber, tendo medo e não se escondendo; nem se trata de uma face invisível, mas de uma face que são forçados a ver. De fato, denomina-se sua face a sua presença na Igreja. Daí declarar o Senhor aos que lhe mostravam hostilidade: “De ora em diante, vereis o Filho do homem, que vem sobre as nuvens do céu” (Mt 26,64), como vem em sua Igreja, difundindo-a por toda a terra, onde estão dispersos os seus inimigos. Vem, contudo, através das nuvens, assim referidas: “Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela ” (Is 5,6). “Fujam, portanto, de sua face aqueles que o odeiam”. Temam a presença dos santos e fiéis, dos quais foi fito: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

**3** [3] “Dissipem-se como se dissipa a fumaça”. Exaltaram-se com o inchaço da soberba, inflamados de ódio; e investindo com a boca contra o céu e clamando: “Crucifica-o, crucifica-o” (Sl 72,9; Jo 19,6), ridicularizavam-no quando preso e zombaram dele quando crucificado. Mas, tendo-se inchado de orgulho quando venceram, logo se dissiparam quando vencidos. “Como ao contato com o fogo se derrete a cera, assim diante de Deus pereçam os pecadores”. Embora talvez essa passagem se refira aos que dissolvem sua dureza nas lágrimas da penitência, todavia, também pode-se tratar da ameaça do futuro juízo. Pois, como neste mundo se exaltam como a fumaça, isto é, perecem por causa da soberba, virá sobre eles no fim a suprema condenação, de modo que perecerão eternamente diante de Deus, por ocasião da manifestação de sua glória; que será como um fogo, para pena dos ímpios e luz dos justos.

**4** [4] Finalmente, continua o salmo: “Mas os justos se regozijem e exultem na presença de Deus e alegres rejubilem”. Pois então ouvirão: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino” (Mt 25,34). “Regozijem-se”, portanto, os que trabalharam, “e exultem na presença de Deus”. Por certo não provirá de uma vã jactância esta exultação, como se fosse na presença dos homens; mas será na presença daquele que, sem perigo de erro,

examina seus dons. “Alegres se rejubilem”, e não mais exultando com tremor, como neste mundo, em que durante todo tempo é uma tentação a vida humana sobre a terra (cf Sl 2,11; Jó 7,1).

**5** 5.6 Em seguida, volta-se o salmista para aqueles aos quais deu tamanha esperança, e enquanto vivem aqui fala-lhes, exortando-os: “Cantai a Deus, salmodiai ao seu nome”. Sobre este versículo, falamos previamente o que pensávamos, na explanação do título. Canta a Deus quem vive para Deus; salmodia a seu nome quem trabalha para sua glória. Assim cantando e salmodiando, isto é, deste modo vivendo e trabalhando, “abri caminho àquele que sobe do poente”. Abri caminho a Cristo de sorte que pelos pés maravilhosos dos que anunciam a boa nova (cf Is 52,7), os corações dos fiéis lhe dêem acesso. É ele quem sobe do poente. E isto porque somente o acolhe o que se converte a ele por uma nova vida e que houver renunciado a este mundo, matando a velha vida; ou então, sobe do ocaso porque ao ressurgir vence a destruição de seu corpo. “Seu nome é o Senhor”. Se o tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8).

**6** “Exultai em sua presença”. Vós, a quem foi dito: “Cantai a Deus, salmodiai ao seu nome; abri caminho àquele que sobe do poente”, igualmente “exultai em sua presença”, como tristes e, não obstante, sempre alegres (cf 2Cor 6,10). Enquanto lhe abris caminho, enquanto lhe preparais a estrada pela qual há de vir e tomar posse das nações, muitos acontecimentos tristes havereis de suportar diante dos homens. Mas, não somente não deveis desanimar, e sim exultar; não na presença dos homens, mas diante de Deus. “Alegrando-vos na esperança, perseverantes na tribulação” (Rm 12,12). “Exultai em sua presença”. Pois, aqueles que vos perturbam diante dos homens, “perturbar-se-ão diante dele. Ele é o pai dos órfãos e juiz das viúvas”. São considerados abandonados os que muitas vezes a espada da palavra de Deus separa, a saber, os pais dos filhos, os maridos das mulheres (Mt 10,34.35); mas estes desprovidos e desamparados são consolados por aquele que “é o pai dos órfãos e juiz das viúvas”; recebem conforto os que dizem ao Senhor: “Pois meu pai e minha mãe me abandonaram. O Senhor, porém, acolheu-me” (Sl 26,10). Puseram a confiança no Senhor e perseveraram nas orações dia e noite (cf 1Tm 5,5); os maus perturbar-se-ão diante do Senhor, vendo que nada conseguem, porque todo o mundo vai atrás dele (cf Jo 12,19).

**7** 7 Com efeito, o Senhor transforma em templo seu estes órfãos e viúvas, isto é, os destituídos pela sociedade de qualquer esperança mundana. Por isso, o salmista continua: “O Senhor, em seu lugar santo”. Revela qual é este lugar, dizendo: “É o Deus que faz habitar numa só casa os de um mesmo modo de viver”, unânimes, de igual maneira de pensar. Este é o lugar santo do Senhor. Tendo dito: “O Senhor, em seu lugar santo”, como se perguntássemos em que lugar, visto que ele está todo inteiro em toda parte, sem estar circunscrito em lugar algum material, o salmista logo acrescenta: Que não o procuremos fora de nós, mas antes, morando “numa casa” de um só estilo de vida, mereçamos que ele se digne habitar em nós. Tal é o lugar santo do Senhor, que muitos homens procuram, a fim de terem onde rezar e ser ouvidos. Sejam eles mesmos aquilo

que buscam. E aquilo que dizem no coração, isto é, em tais leitos, digam-no com compunção (cf Sl 4,5), habitando “numa só casa, com um mesmo modo de viver”, de tal sorte que neles more o Senhor da grande casa, e sejam ouvidos no interior de si mesmos. Pois, existe uma grande casa, onde não há somente vasos de ouro e prata, mas também de madeira e barro; uns para uso nobre, outros para uso vulgar (cf 2Tm 2,20). Aqueles, pois, que se purificarem desses erros, adotarão “um mesmo modo de viver, numa só casa”, e serão um lugar santo para o Senhor. Com efeito, numa grande casa, o dono não descansa em qualquer lugar, mas em algum quarto mais íntimo e honroso; assim também Deus não habita em todos os que estão em sua casa (pois não habita nos vasos de uso vulgar), mas tornam-se seu lugar santo aqueles que ele faz “habitar numa casa” por que têm “um mesmo modo de viver”, ou “os mesmos costumes”. A palavra grega tropoi verte-se para o latim tanto por modo de viver como por costumes. O grego também não traz: aquele que faz morar dentro, mas somente: faz habitar. Por conseguinte, o “Senhor, em seu lugar santo”. Que lugar é este? O próprio Deus o cria para si. Pois, “Deus que faz habitar numa só casa os de um mesmo modo de viver”. Aí está o seu lugar santo.

**8** Considerando que ele edifica este lugar para si por meio de sua graça, sem méritos precedentes daqueles com os quais edifica, vê como continua o salmo: “Que liberta por seu poder os prisioneiros”. O Senhor rompe as cadeias pesadas dos pecados, que os impedia de andar no caminho dos mandamentos; liberta por seu poder aqueles que estavam anteriormente desprovidos de sua graça. “Igualmente os que o irritam e já moram nos sepulcros”, isto é, inteiramente mortos, ocupados em obras mortas. Estes o irritam, resistindo à justiça. Talvez aqueles prisioneiros queiram andar e não possam. Pedem a Deus que lhes dê a possibilidade, dizendo: “Livra-me da necessidade” (Sl 24,17). Quando ouvidos, dão graças, dizendo: “Rompeste as minhas cadeias” (Sl 115,17). Estes, porém, que o irritam e já moram nos sepulcros, são daquela espécie de homens a que alude a Escritura em outra passagem, declarando: “Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou” (Eclo 17,26). Daí a palavra: “O pecador, quando chega às profundezas dos males, despreza” (cf Pr 18,3). Uma coisa é sentir falta da justiça, outra atacá-la; uma coisa é querer ser libertado do mal, outra defender seu pecado ao invés de confessá-lo; ambos, no entanto, a graça de Cristo “liberta por seu poder”. Com que força, senão aquela que os faz combater contra o pecado até o derramamento do sangue? De ambas as espécies de homens ele faz capazes de entrarem na construção de seu lugar santo; a uns, sendo libertados, a outros, ressuscitados. O Senhor rompeu os vínculos da mulher que satanás prendera por dezoito anos, por meio de uma ordem, e venceu a morte em Lázaro, por seu clamor (cf Lc 13,16; Jo 11,43.44). Aquele que realizou isto nos corpos, pode fazer maiores maravilhas nos costumes, e “fazer habitar numa só casa os de um mesmo modo de viver”. “Que liberta por seu poder os prisioneiros; igualmente os que o irritam e já moram nos sepulcros”.

**9** [9.10] “Deus, quando saías à frente de teu povo”. Entende-se por sua saída a sua manifestação em suas obras. Aparece, porém, não a todos, mas àqueles que sabem ver suas obras. Não me refiro agora às obras evidentes a todos, tais o céu, a terra, o mar e

tudo o que eles contêm, mas às realizadas naqueles "prisioneiros que ele liberta por seu poder"; igualmente "nos que o irritam e já moram nos sepulcros", e naqueles "que ele faz habitar numa só casa" e que têm "um mesmo modo de viver". Assim Deus sai à frente de seu povo, isto é, daqueles que compreendem esta graça. Enfim, continua: "Quando atravessavas o deserto, a terra estremeceu". Deserto representa os povos que ignoravam a Deus. Era um deserto, pois ali Deus não promulgara lei alguma; ali nenhum profeta habitara, nem predissera que o Senhor haveria de vir. "Quando atravessavas o deserto", quando eras pregado no meio dos povos, "a terra estremeceu", os homens terrenos foram estimulados a abraçar a fé. Mas como estremeceu? "Pois os céus orvalharam diante da face de Deus". É possível que nesta passagem alguém se recorde do tempo em que Deus atravessava o deserto diante dos filhos de Israel, de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo (cf Ex 13,21); e então, pensará que "os céus orvalharam diante da face de Deus", porque o maná caiu como chuva para seu povo (cf Ex 16,13). Quanto ao que vem em seguida: "O monte Sinai estremeceu perante o Deus de Israel. Chuva benfazeja reservarás, ó Deus, para tua herança", porque no monte Sinai Deus falou a Moisés, ao lhe dar a lei, de tal modo que o maná fosse a chuva benfazeja que Deus reservou para sua herança, isto é, para seu povo, pois alimentou somente a este, não aos demais povos (cf Ex 19,18 etc; Nm 11,5.6). A expressão seguinte: "Ela se enfraqueceu", subentende-se, a própria herança, porque os hebreus murmurando rejeitaram o maná com fastio, desejando comer carne, conforme costumavam comer no Egito. Mas se procurarmos nestas palavras apenas o sentido literal, e não o espiritual, teríamos de entender também literalmente os prisioneiros e os que moravam nos sepulcros, mas foram libertados por seu poder. Em seguida, se aquele povo, a saber, a herança de Deus se enfraqueceu por ter rejeitado com fastio o maná, o salmista não deveria prosseguir: "Tu a restabeleceste", e assim: Tu, porém, a feriste. Efetivamente, aquelas murmurações e aquele fastio ofenderam a Deus, e em conseqüência seguiu-se uma enorme praga. Finalmente todos eles foram prostrados no deserto, e nenhum deles, exceto dois, entrou na terra da promissão (cf Nm 11,33; Nm 14,29.30). Embora se diga que a herança se consumou nos filhos deles, devemos sustentar com certa liberdade o sentido espiritual. Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo, "antes que a brisa sopre e as sombras se dissipem" (cf 1Cor 10,11; Ct 2,17).

**10** Que o Senhor nos abra a porta, ao batermos, e se nos revelem os seus mistérios, á medida que ele se dignar manifestar. De fato, enquanto a terra se abalou, dirigindo-se para a fé, e o evangelho atravessou o deserto dos povos, "os céus orvalharam diante da face de Deus". Quanto a estes céus, canta outro salmo: "Narram os céus a glória de Deus". Pouco adiante, no mesmo salmo está dito: "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis. Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,2-5). Todavia, não é atribuível a estes céus tanta glória que derivasse dos homens a graça para o deserto dos povos, movendo a terra em direção à fé. Pois, os céus não orvalharam por si mesmos, mas "diante de Deus" que, efetivamente, habitava neles, e fazia com que habitassem numa só casa os que tinham um mesmo modo de

viver. Eles também se identificam com os montes, a respeito dos quais se diz: “Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio”. No intuito, porém, de que não parecesse pôr sua esperança nos homens, imediatamente prosseguiu: “O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 120,1.2). Foi-lhe dito, efetivamente, em outro lugar: “Vieste, especialmente de luz, das montanhas eternas” (Sl 75,5). Apesar de vires das montanhas eternas, no entanto és tu mesmo que iluminas. Aqui também: “os céus orvalharam, contudo, diante da face de Deus”. Mesmo os que foram salvos pela fé (cf Ef 2,8-10), não o foram por si mesmos, mas isto veio de um dom de Deus; não provém das obras, a fim de não acontecer que alguém se orgulhe disso. Somos criaturas daquele que “faz habitar numa só casa os de um mesmo modo de viver”.

**11** Qual o motivo por que o salmo prossegue: “O monte Sinai, perante o Deus de Israel?” Subentende-se: orvalhou? Pelo nome de céus o salmista quer que se entenda também o monte Sinai? Diríamos que são montes o que ele denomina céus? Não nos impressionemos pelo fato de encontrar-se: “monte”, e não: montes, enquanto encontramos: céus, e não: céu, uma vez que em outro salmo, tendo ele dito: “Narram os céus a glória de Deus”, conforme o costume da Escritura, repetindo em outras palavras a mesma coisa, acrescenta em seguida: “E proclama o firmamento as obras de suas mãos” (Sl 18,2). Primeiro disse: céus, e não: céu; contudo, em seguida, não usou a palavra: firmamentos, e sim: firmamento. Pois, “Deus chamou ao firmamento céu” (Gn 1,8), conforme se acha escrito no Gênesis. Assim, por certo, céus e céu, montes e monte, não são coisas diferentes, mas idênticas; como muitas Igrejas e uma só Igreja não diferem, mas identificam-se. Então, qual a razão de declarar o Apóstolo: “Uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão”! (Gl 4,24). Talvez represente a própria Lei dada no monte Sinai, “os céus que orvalharam diante da face de Deus”, de tal sorte que a terra estremeceu? E terremoto seria a perturbação dos homens, que não podem cumprir a Lei? Se assim é, seria esta a chuva benfazeja, a que alude em seguida o salmo: “Chuva benfazeja reservarás, ó Deus, para tua herança”. Ele não agiu desta maneira para com outros povos, nem lhes manifestou os seus juízos (cf Sl 147,20). Deus, portanto, reservou esta chuva benfazeja para sua herança, à qual deu a Lei. “E ela se enfraqueceu”: ela é a própria Lei, ou a herança. Pode-se aplicar o verbo: enfraqueceu à Lei, porque não seria cumprida. Não quer isso dizer que ela seja fraca, mas que torna os homens fracos, ameaçando com castigos, sem ajudar com a graça. O próprio Apóstolo usou desta palavra, ao afirmar: “De fato, coisa impossível à Lei, porque enfraquecida pela carne” (Rm 8,3). Queria indicar que pelo espírito ela é cumprida. Todavia, declarou que ela se enfraqueceu, porque não poderia ser praticada pelos fracos. Entende-se, por conseguinte, sem dúvida alguma, que a herança se enfraqueceu, quer dizer, o povo, ao lhe ser dada a Lei. “Ora, a Lei interveio para que avultassem as faltas” (Rm 5,20). Quanto ao versículo seguinte: “Tu a restabeleceste”, refere-se à Lei, pois é perfeita, segundo o acima exposto, isto é, foi cumprida, conforme assevera o Senhor no evangelho: “Não vim revogar, mas dar pleno cumprimento” (Mt 5,17). Daí vem que o Apóstolo, após ter afirmado que a Lei se enfraquecera pela carne, porque a carne não cumpre o que se cumpre pelo espírito, isto é, pela graça espiritual, declara também: “A

fim de que o preceito da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito (Rm 8,3.4). Isto é o que quer dizer: Tu a aperfeiçoaste, porque a caridade é a plenitude da Lei; e o amor de Deus foi derramado em nossos corações, não por nós mesmos, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 13,10; 5,5). "Tu a aperfeiçoaste", isto é, se entendermos que Cristo cumpriu a Lei; se, porém, a referirmos à herança, fica mais fácil de entender. Se, porém, foi dito que a herança de Deus se enfraqueceu, isto é, que o povo de Deus se enfraqueceu com a promulgação da Lei, porque "a Lei interveio para que avultassem as faltas", o versículo: "Tu a aperfeiçoaste" corresponde ao que, em seguida, diz o Apóstolo: "Mas onde avultou o pecado, a graça superabundou" (Rm 5,20). Pois, com a abundância dos pecados, as fraquezas deles se multiplicaram; depois precipitaram-se (Sl 15,4). Eles gemeram, invocaram o Senhor e com o seu auxílio poderiam realizar o que não conseguiam apenas por seu mandamento.

**12** Encerram estas palavras igualmente outro sentido, que, a meu ver, apresenta maiores probabilidades. Convém muito mais dizer que a chuva benfazeja seria a própria graça, concedida gratuitamente sem méritos precedentes. "E se é por graça, não é pelas obras; do contrário, a graça não é mais graça" (Rm 11,6). Diz ainda o Apóstolo: "Nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou" (1Cor 15,9.10). Esta é a chuva benfazeja. "Por vontade própria ele nos gerou pela palavra da verdade" (Tg 1,18). Esta é a chuva benfazeja. Por isso, diz-se em outra passagem: "Como um escudo nos cercaste de benevolência" (Sl 5,13). Quando Deus atravessava o deserto, isto é, quando era anunciado às nações, tal foi a chuva que os céus fizeram cair, não, porém, proveniente de si mesmos, mas "diante da face de Deus", pois também eles são o que são, pela graça de Deus. E, por este motivo, é "o monte Sinai". Trata-se daquele que trabalhou mais do que todos; não ele, mas a graça de Deus que estava com ele, para que, com maior fartura, orvalhasse entre as nações, isto é, no deserto, onde Cristo não fora anunciado, "para não construir sobre alicerces lançados por outros" (cf 1Cor 15,10; Rm 15,20). Ele, digo, era israelita, da raça de Israel, da tribo de Bemjamim (cf Fl 3,5). Fora gerado para a escravidão, sendo da Jerusalém terrena, que é escrava com seus filhos, e por isso, ele perseguia a Igreja. Pois, ele mesmo observou que, "então o nascido segundo a carne perseguia o nascido segundo o espírito; assim também agora" (Gl 4,25.29). Mas obteve misericórdia, porque agiu por ignorância, na incredulidade (1Tm 1,13). Portanto, admiramo-nos, visto que "os céus orvalharam diante da face de Deus"; admiremos antes que o monte Sinai, isto é, aquele que primeiro perseguia, hebreu de hebreus, fariseu segundo a Lei, o faça. Mas, por que razão havemos de admirar? Isso não provém dele mesmo, mas origina-se conforme o que se segue: "diante da face do Deus de Israel", a respeito do qual diz o mesmo Apóstolo: "E sobre o Israel de Deus" (Gl 6,16). Deste, declara o Senhor: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1,47). Deus reservou para sua herança esta chuva benfazeja, sem méritos precedentes de boas obras. "E ela se enfraqueceu". Reconheceu ela que nada era por si mesma e que havia de atribuir à graça de Deus, não às suas forças, o que era. Aceitou para si a palavra: "Prefiro gloriar-me das minhas fraquezas" (2Cor 12,9). Reconheceu a verdade da palavra: "Não te

ensoberbeças, mas teme" (Rm 1,20). Reconheceu também: "Mas Deus dá a graça aos humildes" (Tg 4,6). Ela se enfraqueceu: tu a aperfeiçoaste, "pois é na fraqueza que a força se manifesta" (2Cor 12,9). Com efeito, alguns códices latinos e gregos não trazem: "monte Sinai", mas: "diante da face do Deus do Sinai, perante o Deus de Israel". Isto é: "Os céus orvalharam diante da face de Deus". À possível pergunta: De que Deus? responde o salmista: "Diante da face do Deus Sinai, perante o Deus de Israel", a saber, perante o Deus que promulgou a Lei para o povo de Israel. Por que razão, pois, "os céus orvalharam diante da face de Deus", diante da face deste Deus, senão porque se realizou a predição: "Dará a misericórdia quem deu a lei"? (Sl 83,9). Lei que cause temor em quem presume das forças humanas, "bênção" que liberta quem em Deus espera. Tu, portanto, ó Deus, aperfeiçoaste a tua herança. Enfraquecera-se por si mesma, a fim de ser aperfeiçoada por ti.

**13** [11] "Nela morarão teus animais. Teus", não seus; sujeitos a ti, não livres para si; necessitados de ti, não auto-suficientes. Enfim, o salmista prossegue: "Em tua benignidade, ó Deus, tu preparaste para o pobre. Em tua benignidade", e não por sua capacidade. Pois, ele é pobre, uma vez que se enfraqueceu a fim de ser aperfeiçoado. Reconheceu que é pobre, com o desejo de ser cumulado. Eis a suavidade da qual se fala em outra parte: "O Senhor dará a suavidade, e nossa terra produzirá seu fruto" (Sl 84,13). Então a boa obra será realizada não por temor, mas por amor; não por medo do castigo, mas pelo deleite da justiça. Aí está a verdadeira e genuína liberdade. Mas, o Senhor preparou alguma coisa para este pobre, e não para o rico que considera opróbrio tal pobreza. Destes ricos foi declarado em outra passagem: "É opróbrio para os que vivem na abundância e desprezo para os soberbos" (Sl 122,4). O salmista denomina soberbos os mesmos dos quais afirma que vivem na abundância.

**14** [12] "O Senhor dará uma palavra", a saber, alimento a seus animais que nela moram. Mas, o que farão estes animais, aos quais o Senhor dá uma palavra? Não seria apenas o que segue: Evangelizar, com grande poder? Que poder, senão aquela força com a qual o Senhor liberta os prisioneiros? Talvez também se refira àquele poder de fazer grandes milagres concedido aos evangelizadores.

**15** [13] Quem é que "dará uma palavra aos evangeliza-dores, com grande poder? O rei é o dos exércitos do bem-amado". O Pai, portanto, é o rei dos exércitos do Filho. Bem-amado, quando não se indica qual é, por antonomasia entende-se o Filho único. O rei dos exércitos, isto é, dos poderosos servos, é o próprio Filho? Pois, ele "dará uma palavra aos evangelizadores com grande poder", aquele que "é o rei dos exércitos", a respeito do qual foi dito: "O Senhor dos exércitos é o rei da glória" (Sl 23,10). Se o salmista não usou a expressão: Rei de seus exércitos, mas: "Rei dos exércitos do bem-amado", trata-se de um modo de falar muito comum nas Escrituras, como é fácil de observar. Aparece principalmente quando um nome próprio é citado a fim de que não se possa duvidar absolutamente que se trata do mesmo indivíduo. Em muitas passagens do Pentateuco encontra-se tal locução: "E Moisés fez isto e aquilo, conforme ordenou o Senhor a

Moisés" (Nm 17,11 etc., seg. LXX). Não fala como é costume em nossas expressões: E fez Moisés conforme o que lhe ordenou o Senhor; mas "Moisés fez conforme ordenou o Senhor a Moisés", como se fosse um o Moisés que recebeu a ordem e outro o que a executou, enquanto era um só e mesmo Moisés. Tais locuções dificilmente se encontram no Novo Testamento. Daí vem, contudo, o que diz o Apóstolo: "Que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, predestinado Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor" (Rm 1,3.4), como se fosse um o Filho de Deus, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, e outro Jesus Cristo nosso Senhor, quando, na verdade, é um só e o mesmo. Nos antigos livros esta locução é freqüente; e por isso quando se torna obscura, deve ser explicada por exemplos claros da mesma espécie. Nesta passagem do salmo que explanamos, é muito obscura. Por certo, se estivesse nomeado Jesus Cristo: rei dos exércitos Jesus Cristo, seria tão clara quanto a frase: Moisés fez conforme ordenou o Senhor a Moisés. Mas, como se acha: "Rei dos exércitos do bem-amado", não nos ocorre tão facilmente que o rei dos exércitos se identifica com o bem-amado. Por conseguinte, "rei dos exércitos do bem-amado" pode-se interpretar como sendo: rei dos seus exércitos, porque o rei dos exércitos é Cristo, e o bem-amado é o mesmo Cristo. Embora esta interpretação não seja tão necessária que outra não possa ser aceita, pois é possível aplicar ao Pai a expressão: rei dos exércitos de seu Filho bem-amado, ao qual diz o próprio bem-amado: "Tudo o que é meu é teu" (Jo 17,10). Se acaso alguém quiser saber se Deus, Pai do Senhor Jesus Cristo, pode ser denominado rei, não sei se é possível a ousadia de negar-lhe este nome, uma vez que o Apóstolo diz: "Ao rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único" (1Tm 1,17). Se isto se refere à própria Trindade, nela está incluído Deus Pai. Se, porém, não entendermos literalmente o versículo: "Ó Deus, ao rei concede teu julgamento e a tua justiça ao filho do rei" (Sl 71,2), não sei se tem outro sentido que: teu Filho. Por conseguinte, rei é também o Pai. Daí poder este versículo do presente salmo: "rei dos exércitos do bem-amado", ser interpretado de ambos os modos. De fato, tendo dito: "O Senhor dará uma palavra aos evangelizadores, com grande poder", e visto que ele dirige este grande poder e quem o recebe milita em suas fileiras, "o Senhor" que "dará uma palavra aos evangelizadores, com grande poder", é o rei dos exércitos do bem-amado.

**16** Continua o salmo: "Do bem-amado que divide os despojos àquela que é o ornamento da casa". A repetição constitui uma recomendação, apesar de não se encontrar esta repetição em todos os códices, e os mais exatos trazerem anotada uma estrela, denominada asterisco, querendo dar a conhecer que não se acham na versão dos Setenta, mas estão no texto hebraico, as palavras assim assinaladas. Mas, quer se repita, quer se diga uma só vez o vocábulo: "bem-amado", julgo que as palavras da continuação: "que divide os despojos àquela que é o ornamento da casa" devem se interpretar como se fosse dito: "Bem-amado" mesmo aquele "que divide os despojos àquela que é o ornamento da casa", isto é, ele é bem-amado mesmo quando divide os despojos. Cristo, efetivamente, fez bela a casa, isto é, a Igreja, dividindo os despojos, assim como o corpo é belo pela disposição dos membros. De fato, denominam-se depojos os bens

arrebatados ao inimigo vencido. Quem seja ele, declara-nos o evangelho, onde lemos: “Como pode alguém entrar na casa de um forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar”? (Mt 12,29). Cristo amarrou o diabo com vínculos espirituais, superando a morte, e subindo da região dos mortos aos céus. Amarrou-o pelo mistério de sua encarnação, porque nada se achava nele que fosse digno de morte, no entanto, permitiu que fosse morto. Estando assim o diabo amarrado, ele roubou-lhe os pertences. O diabo operava nos filhos da desobediência (cf Ef 2,2), de sua infidelidade ele usava, segundo sua vontade. O Senhor purificou esses vasos, pela remissão dos pecados, santificou estes despojos que arrancara ao inimigo prostrado e ligado, dividiu-os àquela que é o ornamento de sua casa, constituindo a uns apóstolos, a outros profetas, a outros pastores e doutores, em vista do ministério, para a edificação do corpo de Cristo (cf Ef 4,11-12). “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos realizam milagres? Todos têm o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz” (1Cor 12,12.29.30.11). Em favor deste ornamento da casa os despojos são divididos, de tal sorte que inflamado de amor diante de tal beleza exclama o salmista: “Senhor, amei a beleza de tua casa” (Sl 25,8).

**17** [14.15] Quanto aos versículos seguintes, o salmista se dirige aos próprios membros que constituem o ornamento da casa, com as palavras: “Se repousais no meio das sortes, refulgem as asas de uma pombra prateada e suas penas no dorso têm o brilho do ouro”. Em primeiro lugar, examinemos a ordem das palavras, como termina a sentença; pois, de fato, está pendente: “Se repousais”. Depois, a locução: “asas de uma pomba prateada” acha-se no singular, desta asa, ou no plural, estas asas. Mas o texto grego exclui o singular; lá se lê, sem dúvida alguma, no plural. Mas fica ainda incerto se está no nominativo: estas asas, ou no vocativo; ó vós, asas, de tal modo que pareça dirigir-se às próprias asas. Por conseguinte, se estas palavras terminariam a sentença precedente, sendo desta forma a ordem: “O Senhor dará uma palavra aos evangeliza-dores, com grande poder, se repousais no meio das sortes, ó vós, asas de uma pomba prateada” ou se ligar-se-iam às seguintes, de modo que a ordem seria: “Se repou-sais no meio das sortes, as asas de uma pomba prateada branquearão como a neve no Selmon”; isto é, as próprias asas branquearão, se repousais no meio das sortes. Entender-se-ia então que isto se diria àqueles que são como que despojos e são divididos àquela que é o ornamento da casa, correspondendo a: Se repousais no meio das sortes, ó vós, que dividis os dons àquela que é o ornamento da casa, pela manifestação do Espírito para utilidade de todos, de sorte que a um o Espírito dê a mensagem da sabedoria, a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito, a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas, etc. (Cf 1Cor 12,7-9). Se, portanto, repousais no meio das sortes, então as asas de uma pomba prateada branquearão como a neve no Selmon. É possível ser também assim: “Se vós, ó asas de uma pomba prateada,

repousais no meio das sortes, branquerão como a neve no Selmon”, subentendendo-se homens, que pela graça recebem a remissão dos pecados. Daí vem que igualmente se diz da Igreja no Cântico dos cânticos: “Quem é esta que sobe branqueada”? (Ct 3,6, seg LXX). Realiza-se, de fato, a promessa de Deus, por intermédio do profeta: “Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve” (Is 1,18). Ainda se pode interpretar: “as asas de uma pomba prateada”, subentendendo-se: sereis, com o seguinte sentido: Ó vós, que sois divididos como despojos àquela que é o ornamento da casa, se repousais entre as sortes, sereis as asas prateadas de uma pomba, isto é, elevar-vos-eis às alturas, contanto que permaneçais ligados ao conjunto da Igreja. Com efeito, a nenhuma outra julgo que melhor se aplica a expressão: pomba prateada do que àquela à qual foi dito: “Uma só é minha pomba” (Ct 6,8). Prateada, porém, porque instruída pela palavra de Deus; pois, a palavra do Senhor em outro salmo é denominada: “Prata pelo fogo acrisolada de terra, depurada sete vezes” (Sl 11,7). Por certo, é bem valioso repousar no meio das sortes, que, na opinião de alguns, designam os dois Testamentos, de tal forma que repousar no meio das sortes seria repousar na autoridade destes Testamentos. Quer dizer, aquiescer a ambos os Testamentos. Então, quando algo é deles tirado, ou por eles se prova, termina toda disputa pacificamente. Se assim é, a respeito de que procuram nos advertir os evangelizadores, com grande poder, senão que o Senhor lhes dará uma palavra a fim de que evangelizem, se repousarem no meio das sortes? Então transmite-se-lhes a palavra da verdade, contanto que não larguem a autoridade proveniente dos dois Testamentos. Tornam-se eles, também, as asas de uma pomba prateada. Por sua pregação a glória da Igreja eleva-se até o céu.

**18** “Nas espáduas”. Trata-se evidentemente de uma parte do corpo. Situa-se ao redor do coração, porém nas costas, isto é, acha-se no dorso. Desta parte da pomba prateada se diz que tem o brilho do ouro, isto é, o vigor da sabedoria. Por este vigor nada de melhor entendo do que a caridade. Mas, porque no dorso e não no peito? Embora admire como esta palavra aparece em outro salmo, onde se diz: “Cobrir-te-á com a sombra de suas espáduas (inter scapulas), e sob as suas asas esperarás” (Sl 90,4), visto que não pode estar à sombra das asas senão o que estiver diante do peito. Talvez em latim, “inter scapulas” pode-se entender das duas partes: frente e costas, de modo que espáduas seriam as partes que estão aos lados, tendo no meio a cabeça. Provavelmente em hebraico é ambíguo a que se refere. Mas no grego encontra-se metaphrena que só se aplica ao dorso: “inter scapulas”. Se ali se encontra o brilho do ouro, isto é, a sabedoria e a caridade, seria onde estão as raízes das asas, ou porque ali se carrega o fardo que é leve? (cf Mt 22,40). Que seriam as próprias asas, senão os dois preceitos da caridade, dos quais dependem toda a Lei e os profetas? (Mt 22,40). Qual é este fardo leve senão a própria caridade, que se cumpre de acordo com estes dois preceitos? Leve é para quem ama o que há de difícil no preceito. Não há maneira melhor de entender a palavra: “O meu fardo é leve” (Mt 11,30) senão que o Senhor nos dá o Espírito Santo, pelo qual a caridade se difunde em nossos corações (cf Rm 5,5), e assim praticamos livremente, por amor, o que faríamos servilmente, se o fizéssemos por temor. Não é amigo da retidão quem preferisse, se fosse possível, não ser ordenado o que é reto.

**19** Poder-se-ia questionar por que não se disse: Se repousais nas sortes, mas: “no meio das sortes”; que sentido tem? Se traduzíssemos literalmente do grego, diríamos: no meio das sortes (“inter medium clerorum”). Não o encontrei em versão alguma; por isso, acredito que equivale a: “inter medios cleros”. Vou expor a minha opinião. Muitas vezes a expressão: “no meio de” costuma ser usada para ligar e unir, e não haver separação. Assim é que a Escritura emprega esta palavra para o testamento entre Deus e o povo. Em vez daquilo que se acha no texto latino: “entre nós (inter me et vos)” o grego traz: “no meio de nós (inter medium meum et vestrum)”. Igualmente, ao se tratar do sinal da circuncisão, Deus assim fala a Abraão: “Eu instituo minha aliança entre mim e ti (inter me et te), e a tua raça” (Gn 17,2.7). O texto grego traz: “no meio de mim e de ti (inter medium meum et tuum) e no meio de tua raça (inter medium seminis tui)”. De igual modo, ao se referir ao sinal do arco-íris nas nuvens, quando Deus fala a Noé (cf Gn 9,12), freqüentemente aparece esta palavra. Enquanto os códices latinos usam a expressão: “(inter me et vos) entre mim e vós, ou entre mim e toda alma viva (inter me et omnem animam vivam)” e outras frases semelhantes, encontra-se no grego: “no meio de mim e de vós (inter medium meum et vestrum)”, isto é, anà méson. Davi também e Jonatas combinam entre si um sinal (cf 1Rs 20,20-23), para não discordarem de opinião. Enquanto a versão latina traz: “entre ambos, no meio de ambos (inter ambos, inter medium amborum)”, a grega emprega as mesmas palavras: anà méson. Assim aconteceu exatamente que nossos tradutores neste salmo não usaram: entre as sortes, locução usual em latim, mas “no meio das sortes (inter medios cleros)”, como se fosse: “inter medium clerorum”, como prefere o grego, que costuma assim se exprimir, conforme disse acima, a respeito de coisas que devem concordar entre si. A Escritura, portanto, ordena que repousem no meio das sortes os que constituem as asas da pomba prateada, ou que, estas lhes dão possibilidade de ser. Efetivamente, se estas “sortes” significam os dois Testamentos, somos advertidos a não recusarmos estes dois Testamentos, que estão de acordo ente si. Ao contrário, adiramos pelo entendimento, e nos façamos sinal e prova de sua concordância, admitindo que um nada diz contra o outro, e o demonstramos com pacífica admiração, quase num êxtase. O motivo por que pela expressão: sortes se entendem os Testamentos (e a palavra, de fato, é grega), mas não se fala em Testamento, é que o testamento acarreta uma herança, que se diz em grego kleronomía, e herdeiro, kleronómos. klerros em grego eqüivale a sortes, e chamam-se sortes, segundo as promessas de Deus, as partes da herança distribuídas ao povo. Daí se origina que foi ordenado à tribo de Levi não ter herança no meio de seus irmãos, pois seria sustentada com os dízimos (cf Nm 18,20). Penso que são denominados sortes, clérigos aqueles que foram estabelecidos nos vários graus do ministério na Igreja, porque Matias, o primeiro que foi ordenado pelos apóstolos, conforme lemos, foi escolhido por sorte (cf At 1,26). Por conseguinte, devido ao fato de que se transmite a herança pelo testamento, pelo nome de sortes se designam os próprios Testamentos, como se designa a causa pelos efeitos.

**20** Apesar disso, ocorre-me outro sentido, se não me engano, preferível: é provável que por sortes devamos antes entender as próprias heranças. Mas, como a herança no Antigo

Testamento, embora seja sombra significativa do futuro, designa a felicidade terrena, e a herança no Novo Testamento é a imortalidade eterna, repousar no meio das sortes seria não procurar mais com ardor a primeira e esperar a segunda ainda, com toda paciência. Pois, os que servem a Deus, ou antes não querem servir, procurando a felicidade nesta vida e nesta terra, perdem o sono, não dormem. Agitados pelo ardor das cobiças, são incitados para as maldades e crimes e não repousam. Desejam adquirir, têm medo de perder. Diz a Sabedoria: "Quem me escuta viverá na esperança, e repousará sem temer mal algum" (Pr 1,33). É isto, a meu ver, repousar no meio das sortes, isto é, no meio das heranças; ainda não na realidade, contudo na esperança da herança celeste; estabelecer-se e já se abster da ambição da felicidade terrena. Ao chegar, porém, o que esperamos, já não repousaremos no meio das duas heranças, e sim reinaremos de posse da nova e verdadeira, da qual a antiga era apenas sombra. Por isso, embora entendamos assim: "Se repousais no meio das sortes": Se morrerdes no meio das sortes, da morte da carne que a Escritura costuma denominar sono, é morte excelente aquela em que o homem, refreando as ambições terrenas, e perseverando até o fim na esperança da herança celeste, encerra o último dia de sua vida. Aqueles que assim repousam no meio das sortes, serão as asas da pomba prateada, de sorte que ao ressurgirem, serão arrebatados ao encontro de Cristo nas nuvens, e sempre viverão com o Senhor (cf 1Ts 4,16). Ou então, quer dizer que por intermédio daqueles que morrem desta maneira, a Igreja se propaga com tanto maior segurança quanto maior é a elevação, erguendo-se com as asas de um excelso louvor. Não é ocioso o dito: "Antes da morte não louves a ninguém" (Eclo 11,28). Por conseguinte, todos os santos de Deus, desde o início do gênero humano até o tempo dos apóstolos (porque estes também souberam dizer: "Não desejei o dia fatal, tu o sabes" (Jr 17,16) e: "Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei" [Sl 26,4]), e no tempo dos apóstolos — quando a diferença entre os dois Testamentos foi revelada mais claramente, — os próprios apóstolos, os santos mártires e demais justos, como cordeiros e cordeirinhos das ovelhas repousaram até nosso tempo no meio das sortes, já desprezando a felicidade dos reinos terrenos e esperando o reino eterno dos céus, que ainda não possuem. E visto que repousaram tão bem, a Igreja, pomba prateada, agora emprega suas asas para voar, e é exaltada com louvores. Sua fama convida os pósteros a imitá-los. Enquanto assim os demais igualmente dormem, aumenta o número das asas, através das quais ela é anunciada de modo sublime até o fim do mundo.

**21** [15] "Enquanto o supra-excelso discrimina os reis que estão sobre ela, branquearão como a neve no Selmon": aquele supra-excelso, que subiu acima de todos os céus, a fim de dar plenitude a todas as coisas, "enquanto o supra-excelso discrimina os reis que estão sobre ela", isto é, sobre a pomba prateada. O Apóstolo prossegue: "E ele é que concedeu a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e doutores". Pois, que quer dizer discriminar os reis que estão sobre ela, senão ter "em vista o ministério, para a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4,10-12), sendo ela, de fato, o corpo de Cristo? Eles recebem o nome de "reis" que provém de reger; e o que, senão as concupiscências da carne, para que o pecado não impere em seu corpo mortal,

sujeitando-os as suas paixões, nem entreguem seus membros, como armas de injustiça, ao pecado; pelo contrário, ofereçam-se a Deus como vivos dentre os mortos, e seus membros como armas de justiça a serviço de Deus? (cf Rm 6,12.13). Assim serão reis, anteriormente separados dos estranhos, porque não devem carregar o jugo com os infiéis; depois, são distintos, mas concordes entre si, cada um com o dom que lhe é peculiar. "Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos têm o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz" (1Cor 12,29.30.11). Distribuindo-os, aquele Senhor supra-excelso discrimina os reis que estão sobre a pomba prateada. Ao falar o anjo com sua mãe cheia de graça e esta perguntasse como se faria o parto anunciado, uma vez que ela não conhecia varão, tratava-se deste mesmo Espírito Santo, conforme foi dito: "O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra" (Lc 1,35). Que significa: "cobrir com a sua sombra", a não ser: fará sombra? Por isso, também esses reis, que pela graça do Espírito de Cristo Senhor se distinguem sobre a pomba prateada, "branquearão como a neve no Selmon". De fato, Selmon se traduz por: sombra. Eles não se distinguem por seus méritos ou virtude própria. "Pois quem é que te distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido"? (1Cor 4,7). Para serem distinguidos dos ímpios, recebem a remissão dos pecados da parte daquele que disse: "Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve" (Is 1,18). Eis como "branquearão como a neve no Selmon"; na graça do Espírito de Cristo, que faz distintos os dons peculiares a cada um. Dele foi escrito o que acima relembrei: "O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra", isto é, fará sombra para ti; "por isso o Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus" (Lc 1,35). Com efeito, esta sombra significa uma defesa contra o ardor das concupiscências carnais. Por isso, a virgem concebeu a Cristo, não por concupiscência carnal, mas espiritualmente pela fé. Pois, a sombra consta de luz e de um corpo; em vista disso, aquele Verbo que era no princípio, aquela luz verdadeira, a fim de se tornar para nós uma sombra ao meio dia, fez-se carne e habitou entre nós (cf Jo 1,1.14). O homem se aproximou de Deus, como o corpo se achega à luz, e a sombra protetora recobriu os que nele criam. Esta sombra não é daquelas das quais se disse: "Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,9); nem daquela a que se refere o Apóstolo: "Ninguém vos julgue por questões de comida e de bebida, ou a respeito de festas anuais ou de lua nova ou de sábados, que são apenas sombra de coisas que haviam de vir" (Cl 2,16.17), mas daquela da qual está escrito: "À sombra de tuas asas, protege-me" (Sl 16,8). Por conseguinte, enquanto aquele supra-excelso discrimina os reis que estão sobre a pomba prateada, que eles não se orgulhem de seus méritos, não confiem no próprio valor; de fato, "branquearão como a neve no Selmon", alvejarão pela graça sob a proteção do corpo de Cristo.

**22** [16] Em conseqüência disso, o salmista denomina este monte de "monte de Deus, monte fértil, monte ubérrimo de queijo, ou monte pingüe". Que quer dizer pingüe senão ubérrimo? Pois, o monte está designado por este nome, isto é, "Selmon". Mas, que

representa “o monte de Deus, monte fértil, ubérrimo de queijo” a não ser o mesmo Cristo Senhor, sobre o qual declara outro profeta: “Dias virão em que o monte do Senhor será estabelecido no mais alto das montanhas”? (Is 2,2). Ele é o monte ubérrimo de queijo, em favor dos pequeninos, que devem ser nutridos com leite. Monte fértil que fortifica e enriquece com a excelência dos dons. O leite, com o qual se faz o queijo, representa admiravelmente a graça, pois ele jorra dos seios maternos e é dado a sugar pelos pequeninos por misericórdia deleitável e gratuitamente. No grego é ambíguo se a palavra monte está no nominativo ou no acusativo, porque naquela língua monte é neutro, não masculino; por isso alguns verteram para o latim não no acusativo, montem Dei, mas no nominativo: mons Dei. Minha opinião é que seria melhor: “para o Selmon, monte de Deus”, isto é, para o monte de Deus chamado Selmon, segundo o sentido que acima expusemos, quanto possível.

**23** [17] Em seguida, quanto às expressões: “monte de Deus, monte ubérrimo de queijo, monte fértil”, não se tenha a ousadia de comparar nosso Senhor Jesus Cristo aos demais santos, também eles denominados montes de Deus. De fato, lê-se: “A tua justiça é como as montanhas de Deus” (Sl 35,7); daí dizer o Apóstolo: “A fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21). Acerca destas montanhas, está dito em outra passagem: “Vieste, esplendente de luz, das montanhas eternas” (Sl 75,5), porque lhes foi concedida a vida eterna, e por meio deles a autoridade eminente das Sagradas Escrituras foi estabelecida, mas por inspiração daquele ao qual foi dito: “Tu vieste, esplendente de luz. Ergui os olhos para os montes para ver de onde me viria o auxílio”; meu auxílio, contudo, não se acha propriamente nos montes, mas “o meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 120,1.2). No entanto, um daqueles montes, muito alto, disse que trabalhou mais do que todos os outros: “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10). Visando a que não ousasse alguém comparar o monte mais belo entre os filhos dos homens (cf Sl 44,3) aos montes que são os filhos dos homens — com efeito, não faltaram os que declarassem ser ele João Batista, outros Elias, outros Jeremias, ou um dos profetas (cf Mt 16,14) — o salmista dirige-se a eles com estas palavras: “Por que olhais com inveja, montes ubérrimos de queijo, o monte que Deus escolheu para morar”? Por que olhais com inveja? Como eles, de fato, são luz, pois foi-lhes dito: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14), de Cristo foi afirmado: “A luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1,9); e como eles são montes, muito mais elevado é outro monte, acima de todos os montes. Em verdade, estes montes, na base do outro, são gloriosos. Um deles declara: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. A fim de que aquele que se gloria, se glorie no Senhor” (Gl 6,14; 1Cor 1,31), e não em si mesmo. “Por que olhais com inveja montes ubérrimos de queijo aquele monte que o Senhor escolheu para morar?” Não significa isso que nos outros Deus não habite, mas que habita neles através deste que escolheu. “Pois nele habita toda a plenitude da divindade”, não em figura, como no templo construído pelo rei Salomão, mas “corporalmente”, isto é, sólida e verdadeiramente (Cl 2,9). “Pois era Deus que em Cristo

reconciliava o mundo consigo" (2Cor 5,19), quer apliquemos a palavra ao Pai, porque o Cristo disse: "O Pai, que permanece em mim, realiza suas obras; eu estou no Pai e o Pai está em mim" (Jo 14,10), quer se entenda do modo seguinte: "Deus estava em Cristo", o Verbo na natureza humana; de tal modo o Verbo estava na carne que propriamente só o Verbo se fez carne, isto é, a natureza humana se uniu ao Verbo na única pessoa de Cristo. "Por que olhais com inveja montes ubérrimos de queijo aquele monte que o Senhor escolheu para morar?" Certamente, de maneira muito diferente do que naqueles montes que o invejam, também a ele. Apesar de serem pela graça da adoção, também eles filhos de Deus, nenhum deles é o Unigênito, ao qual foi dito: "Assenta-te a minha direita até que ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés" (Sl 109,1). "Sim, o Senhor habitará nele até o fim", isto é, o Senhor habitará naqueles montes que não podem ser comparados àquele onde habita o próprio Senhor, monte estabelecido acima de todos os montes. Ele os conduzirá ao fim, isto é, a si mesmo, Deus que há de ser contemplado. "O fim da Lei é Cristo para justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). Aprouve a Deus, portanto, habitar neste monte, estabelecido acima dos outros e ao qual ele diz: "Tu és meu Filho amado em quem ponho minha afeição" (Mt 3,17). Este monte é o Senhor, que habita nos outros até o fim, e que se acha estabelecido acima de todos eles. "Há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus" (1Tm 2,5), monte dos montes, assim como é o santo dos santos. Daí dizer ele: "Eu neles e tu em mim" (Jo 17,23). "Por que olhais com inveja, montes ubérrimos de queijo, o monte que Deus escolheu para morar?" Pois, este Senhor, monte ubérrimo de queijo, habitará até o fim naqueles montes que produzem queijo em abundância, de sorte que sejam algo aqueles aos quais ele diz: "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5).

**24** [18] Assim se realiza o seguinte: "O carro de Deus é escoltado de muitas dezenas de milhares" (em latim: decem milium, ou denum milium, ou decies milies). Cada um dos tradutores latinos verteu uma só palavra grega, como pôde. Em latim não se pôde falar exatamente, porque mil para os gregos é csilia, e miriades seria muitas dezenas de milhares. Uma mirias equivale a dez mil. Trata-se, por conseguinte, de enorme multidão de santos e fiéis, que se tornando portadores de Deus, são de certo modo o carro de Deus, e trazem este nome. Deus, dentro dele e dirigindo-o, leva-o à meta, como se fosse um carro que devesse ir a determinado lugar. Pois, "como primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. Em seguida, haverá o fim" (1Cor 15,23.24). Aí se vê a santa Igreja, que consta do que segue: "São milhares que se rejubilam". Efetivamente, estão "alegres na esperança", até que sejam conduzidos ao fim que agora aguardam na perseverança (cf Rm 8,25). Causa estranheza que tendo dito: "São milhares que se rejubilam", imediatamente acrescente o salmo: "O Senhor está no meio deles". Não é de admirar que eles se alegrem: "O Senhor está no meio deles. Pois, é preciso passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus" (At 14,21). Mas, "o Senhor está no meio deles". Por isso, "tidos como tristes e, não obstante, sempre alegres" (2Cor 6,10), ainda não chegaram ao fim, mas estão "se alegrando na esperança, perseverantes na tribulação" (Rm 12,12), porque "o Senhor está no meio deles, como no

Sinai, como no santuário". Na tradução dos nomes hebraicos (cf Hier. Lib. interpr. Hebraic. nom.) encontramos que Sinai significa mandamento. Há ainda outra tradução, mas, a meu ver, esta se adapta melhor à presente passagem. Pois, dando o motivo da alegria daqueles milhares, de que consta o carro de Deus, disse o salmista: "O Senhor está no meio deles como no Sinai, no santuário", isto é, o Senhor está no meio deles, através do mandamento. Este mandamento é santo, segundo o dizer do Apóstolo: "De modo que a Lei é santa, e santo, justo e bom é o preceito" (Rm 7,12). Mas, de que serviria o mandamento, se o Senhor ali não se encontrasse, conforme se diz dele: "Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade"? (Fl 2,13). O mandamento, efetivamente, sem o auxílio do Senhor, é letra que mata (cf 2Cor 3,6). "Ora, a Lei interveio para que avultassem as faltas" (Rm 5,20). "Como a caridade é a plenitude da Lei" (Rm 13,10), cumpre-se a Lei por meio da caridade e não pelo temor. "O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Por isso, alegram-se estes milhares. Eles praticam a justiça da Lei na medida que as graças do Espírito os ajudam; porque "o Senhor está no meio deles, como no Sinai, no santuário".

**25** [19] Em seguida, o salmista volta a falar ao próprio Senhor: "Subiste às alturas, levaste presos os cativos, recebeste dons entre os homens". Isto lembra o Apóstolo, expondo a respeito do Cristo Senhor: "Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo; por isso é que se diz: Tendo subido às alturas, levou cativo o cativeiro, deu dons aos homens. Que significa subiu, senão que ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de cumprir todas as coisas" (Ef 4,7-10). Sem dúvida alguma foi a Cristo que foi dito: "Subiste às alturas, levaste presos os cativos, recebeste dons entre os homens". Não nos cause estranheza que o Apóstolo citando esse testemunho não disse: "Recebeste dons entre os homens", mas: "Deu dons aos homens". Com efeito, ele falou com a autoridade de Apóstolo, considerando que o Filho é Deus com o Pai. De acordo com isso, ele "deu dons aos homens", enviando-lhes o Espírito Santo, que é o Espírito do Pai e do Filho. Segundo a outra expressão, porém, trata-se do mesmo Cristo em seu corpo, que é a Igreja, porque seus membros são os santos e fiéis. Daí ser-lhes dito: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros (1Cor 12,27). Sem dúvida também ele "recebeu dons entre os homens". Cristo, de fato, subiu ao alto e está sentado à direita do Pai (cf Mc 16,19), mas se não estivesse também na terra, não exclamaria: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Tendo ele mesmo dito: "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes" (Mt 25,40), porque duvidaríamos que ele recebe em seus membros os dons que estes mesmos recebem?

**26** Mas o que significa: "Levaste presos os cativos?" Seria porque venceu a morte, que mantinha cativos aqueles sobre os quais reinava? Ou denomina cativeiro os homens, presos pelo diabo? Este mistério acha-se contido no título deste salmo: "Quando se edificava a casa, depois do cativeiro" (Sl 95,1), isto é, a Igreja, depois do paganismo. Chama de cativeiro os próprios homens cativos, como se chama de milícia os soldados.

O salmista diz que o Cristo levou preso o cativeiro. Por que não seria feliz cativeiro, se os homens podem ser presos para seu bem? Daí ter sido dito a Pedro: “Doravante serás pescador de homens” (Lc 5,10). Cativos porque apanhados, e apanhados porque subjugados. Debaixo daquele jugo leve, libertados do pecado de que eram servos e feitos servos da justiça da qual estavam livres (cf Mt 11,30; Rm 6,18). Por este motivo, está neles aquele que “deu dons aos homens e recebeu dons entre os homens”. Por certo neste cativeiro, nesta escravidão, neste carro, sob este jugo não existem milhares em pranto, mas “milhares que se rejubilam”. Efetivamente, “o Senhor está no meio deles, como no Sinai, como no santuário”. Concorda com este sentido a outra interpretação do Sinai, enquanto medida. Pois, o Apóstolo, referindo-se a esses dons de alegria espiritual, disse o que citei acima: “Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo”. E logo a seguir, o mesmo que na continuação do salmo: “Por isso é que se diz: Tendo subido às alturas, levou cativo o cativeiro, deu dons aos homens”, e aqui: “Recebeu dons entre os homens”. Que há de mais concorde do que uma e a outra dessas verdades? Que há de mais evidente?

**27** Mas, o que o salmista acrescenta ainda? “Pois, aqueles que não acrescentam habitar (qui non credunt)”; ou como consta em alguns códices: “Pois os incrédulos quanto a habitar (non credentes)”. Que diferença há entre: os que não acreditam e os incrédulos? Não é fácil de entender. Como se estivesse dando a razão das palavras anteriores, tendo dito: “Levaste presos os cativos, recebeste dons entre os homens”, acrescentou: “Pois aqueles que não acreditam habitar”, isto é, que não acreditam a fim de habitarem. Que significa isto? De quem ele fala? Será que quer mostrar onde está o mau cativeiro antes que ele se transforme em bom cativeiro? Enquanto eles não acreditavam eram possuídos pelo inimigo, “que opera nos filhos da desobediência. Com ele, vós também andáveis outrora, quando vivíeis nos delitos” (cf Ef 2,2.3). Em conseqüência dos dons de sua graça, Cristo recebeu dons entre os homens e levou presos os cativos. Pois, eles não acreditavam a fim de habitarem. Com efeito, a fé os libertou desses vínculos, a fim de que, já fiéis, habitassem na casa de Deus, transformados também eles em casa de Deus, e carro de Deus escoltado de milhares que se rejubilam.

**28** 20.21 Por tudo isso o salmista, ao cantar essas palavras e prevendo no espírito sua realização, repleto também ele de alegria, irrompeu num hino: O Senhor Deus seja bendito, “bendito o Senhor Deus, dia após dia (de die in diem)”. Alguns códices trazem: por dia, cada dia (“die quotidie”), porque assim se encontra nos gregos: eméran kath’ eméron, o que literalmente se exprime de modo mais exato por : “die quotidie”. A meu ver, o sentido é: “dia após dia”. Cotidianamente, de fato, assim se realiza até o fim: levou presos os cativos, recebendo dons entre os homens.

**29** Visto que aquele carro leva ao fim, prossegue o salmo: “Caminho próspero nos abrirá o Deus que tantas vezes nos cura. O nosso Deus é um Deus que tem o poder de salvar”. A graça é muito acentuada. Pois, quem se salvaria se ele não curasse? Mas no intuito de que não ocorra ao pensamento por que razão morremos, se fomos salvos por sua graça, logo acrescenta: “e do Senhor é a saída da morte”, como se dissesse: Por que te sentes

indignado, uma vez que, pela condição humana, passas pela morte? A partida de teu Senhor não foi outra que a da morte. Deves antes ficar consolado do que te indignares; “do Senhor é a saída da morte”. Pois fomos salvos em esperança. E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos (cf Rm 8,24). Por conseguinte, suportemos com paciência a própria morte, segundo o exemplo daquele que, apesar de não ser devedor da morte por não ter pecado algum, e ser o Senhor de quem ninguém podia arrebatar a vida, mas ele mesmo a daria por si mesmo, também esteve sujeito à passagem pela morte.

**30** [22] “Deus, porém, esmagará a cabeça de seus inimigos e o crânio hirsuto dos que persistem em seus delitos”, isto é, dos que se exaltam em demasia, dos que se ensoberbecem demais em seus delitos. Deviam ao menos ser humildes, dizendo: “Senhor, tem piedade de mim, pecador!” (Lc 18,13). Mas, esmagará a cabeça deles, “pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (id 14). Entretanto, embora do Senhor seja a saída da morte, o mesmo Senhor, uma vez que é Deus, e morreu segundo a carne, por própria vontade, e não por necessidade, “esmagará a cabeça de seus inimigos”. E isto, não somente daqueles que diante do crucificado injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: “Se é Filho de Deus, desça da cruz” (cf Mt 27,49.40), mas também dos que exaltavam contra sua doutrina e zombavam dele como de um homem sujeito à morte. Aquele mesmo, do qual foi dito: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar” (cf Mt 18,42), “é o Deus que tantas vezes nos cura; o nosso Deus é um Deus que tem o poder de salvar”. Mas para exemplo de humildade e de paciência, e a fim de apagar com seu sangue o quirógrafo de nossos pecados, quis fosse sua a saída da morte, a fim de não temermos a morte corporal, e sim aquela da qual ele nos livrou por meio desta. Certamente, injuriado e morto, “esmagará a cabeça de seus inimigos”, a respeito dos quais disse: “Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição” (Sl 40,11), seja o bem em troca dos males, submetendo as cabeças dos fiéis; seja a justiça em troca das injustiças, punindo as cabeças dos orgulhosos. De ambas as maneiras são quebradas e esmagadas as cabeças dos inimigos, derrubados por sua soberba, quer corrigidos pela humildade, quer arremessados no profundo do tártaro.

**31** [23.24] O Senhor disse: “De Basan voltarei”, ou conforme alguns manuscritos: “De Basan os farei voltar”. Efetivamente, ele nos faz voltar para sermos salvos, segundo o que foi declarado acima: “O Deus que tantas vezes nos cura e o Deus que tem o poder de salvar”. De fato, em outro lugar, pede-se-lhe: “Senhor, Deus dos exércitos, restabelece-nos. Mostra-nos, propício, a tua face e seremos salvos” (Sl 79,20). E em outro salmo: “Converte-nos, ó Deus, tu que nos curas” (Sl 84,5). Ele, que disse: “De Basan farei voltar”. A tradução de Basan é: confusão. Então, qual o sentido de: farei voltar da confusão? A não ser que afirme estar confundido por causa de seus pecados e pedir a misericórdia de Deus para que seus delitos sejam perdoados. Eis a razão por que aquele publicano nem ousava erguer os olhos para o céu; considerando-se deste modo confundia-se, mas desceu do templo justificado, porque “disse o Senhor: De Basan farei voltar”. Basan também se traduz por aridez; é certo que o Senhor faz voltar da aridez,

isto é, da carência. Pois, os que se julgam na abundância estando famélicos, e saciados quando estão completamente vazios, não se convertem. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6). Desta aridez, o Senhor faz voltar. Dize-lhe a alma árida: "A ti estendi minhas mãos. Como terra sem água minha alma está diante de ti" (Sl 142,6). Igualmente não é absurdo o que contêm outros códices: "De Basan voltarei". Pois, converte-se também para nós aquele que diz: "Retornai a mim e eu retornarei a vós" (Zc 1,3); mas isto não se realiza sem confusão, porque nosso pecado está sempre diante de nós (Sl 50,5), nem fora da aridez, que nos leva a desejar a chuva, chuva benfazeja, reservada a sua herança. Com efeito, a herança se enfraqueceu, mas ele, voltando-se aperfeiçoou aquela à qual foi dito: "voltando-te para mim, deste-me vida" (Sl 70,20). Disse, pois, o Senhor: "De Basan farei voltar, voltar ao fundo do mar". Se diz: Farei voltar" por que razão "ao fundo do mar?" O Senhor, quando volta a fim de trazer a salvação, volta-se para si mesmo, que, evidentemente, não é o fundo do mar. Ou há um erro na tradução latina, e traz "ao fundo" ao invés de: profundamente? De fato, ele não se converte, mas converte aqueles que nas profundezas do mundo jazem afundados devido ao peso dos pecados. Assim convertido, diz o salmista: "Das profundezas clamei a ti, Senhor" (Sl 129,1). Se, porém, não é "farei voltar", mas "voltarei", entende-se que nosso Senhor disse: "ao fundo do mar", porque sua misericórdia se volta até ao fundo do mar, para libertar também aqueles que fossem os piores dos pecadores, sem esperança do arrependimento. Em um manuscrito grego não encontrei: "no fundo", mas: "nas profundezas", en buthois, o que confirma a primeira explicação, a saber, que Deus se volta para os que por ele chamam das profundezas. É exato entendermos que ele se volta para libertar mesmo a esses tais; e de tal modo os converte, ou se volta para libertá-los que seus pés se tingem de sangue. É o que o profeta diz ao Senhor: "Para que se tinjam de sangue os teus pés", isto é, aqueles que se convertem a ti, ou aos quais te voltas para libertá-los, apesar de estarem mergulhados no fundo do mar pelo peso de suas iniqüidades, progridem tanto em tua graça, "porque onde avultou o pecado, a graça superabundou" (Rm 5,20). Assim teus pés se contem entre teus membros, para anunciar teu evangelho, e sofrendo longamente o martírio por teu nome, combatam até o derramamento do sangue. É deste modo, a meu ver, que melhor se explicam os pés tintos no sangue.

**32** Logo acrescenta: "A língua de teus cães, que procedem dos inimigos, por meio dele". Denomina cães os mesmos que haveriam de combater até a efusão do sangue pela fé do evangelho, e de certo modo ladram em favor de seu Senhor. Não se trata dos cães mencionados pelos apóstolos: "Cuidado com os cães" (Fl 3,2), mas aqueles que "comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos". Assim declarou a cananéia, que mereceu ouvir do Senhor: "Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como queres!" (Mt 15,25.28). Cães louváveis e não detestáveis. Fiéis a seu dono, que ladram contra os inimigos para defender-lhe a casa. Não disse o salmista: "cães", e sim "teus cães". Não são elogiados os seus dentes, e sim as suas línguas. E isto, não foi inutilmente. Foi por grande mistério que Gedeão mandou fossem alistados somente os que lambessem como os cães a água do rio. E estes não somaram mais que trezentos, de tão grande multidão

(cf Jz 7,5.6). Neste número assinala-se a cruz, porque a letra r em grego reprenta o número trezentos. De tais cães refere outro salmo: “Eles se converterão à tarde, famintos como cães” (Sl 58,15). Certos cães são repreendidos pelo profeta Isaías, não pelo fato de serem cães, mas porque não sabem ladrar e gostam de dormir (cf Is 56,10). Com isso demonstrou que se vigiassem e ladrassem em benefício de seu dono, seriam cães ótimos, como estes de que aqui se fala: “a língua de teus cães”. O profeta predisse que eles proviriam dos inimigos, que passariam por aquela conversão supra mencionada. Daí a palavra do outro salmo: “Eles se converterão à tarde, famintos como cães”. Depois, como se alguns perguntassem de onde lhes proveio tamanho bem, que apesar de terem sido seus inimigos se tornassem seus cães, obtiveram a resposta: “por meio dele”. Pois, lê-se o seguinte: “A língua de teus cães, que procedem dos inimigos, por meio deles”. Com efeito, é através de seu amor, de sua misericórdia, de sua graça. Pois quando o poderiam por si mesmos? Pois quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho (cf Rm 5,10). Também aqui do Senhor foi a saída da morte.

**33** [25] “Teus passos, ó Deus, foram vistos”. Os passos pelos quais vieste através do mundo, como que disposto a atravessar o orbe da terra naquele carro. Passos e nuvens que no evangelho representam os santos e fiéis: “De ora em diante, vereis o Filho do homem, que vem sobre as nuvens do céu”. Sem falar naquela vinda em que ele será juiz dos vivos e dos mortos (2Tm 4,1). “De ora em diante, vereis o Filho do homem, que vem sobre as nuvens do céu” (Mt 26,64; Mc 13,126). Estes “teus passos, ó Deus, foram vistos”, isto é, manifestados, com a graça da revelação do Novo Testamento. Daí vem a palavra: “Quão maravilhosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam boas notícias!” (Rm 10,15). Esta graça e esses passos estavam latentes no Antigo Testamento; ao vir a plenitude dos tempos, e tendo agradado a Deus revelar seu Filho, a fim de que fosse anunciado entre os gentios (cf Gl 4,4), “teus passos, ó Deus, foram vistos; a entrada de meu Deus, de meu rei no santuário”. Em que “santuário” se não é o seu templo? “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17).

**34** [26] No intuito de que fossem vistos estes passsos, “precediam os príncipes com os cantores, no meio as jovens a tocar tamborins”. Príncipes são os apóstolos; eles vieram na frente, e em seguida os povos. “Precederam”, anunciando o Novo testamento; “com os cantores”, por cujas boas obras, mesmo visíveis, como instrumentos de louvor, Deus fosse glorificado. Os próprios príncipes, tendo “no meio as jovens a tocar tamborins”, isto é, em honroso ministério, pois os chefes das novas igrejas acham-se no meio de ministros. “Jovens”, os que louvam a Deus, depois de vencerem a carne. “Tamborins” feitos de couro curtido e esticado.

**35** [27] Então, tendo em vista que ninguém tome isto em sentido carnal, e imagine por estas palavras coros impuros, o salmista continua: “Bendizei ao Senhor Deus nas igrejas”, como se dissesse: Por que, ouvindo falar de jovens a tocar tamborins, pensais em deleites ilícitos? “Bendizei ao Senhor nas igrejas”. A palavra: igrejas designa o sentido místico. Igrejas são as jovens, decoradas de nova graça. Igrejas são as jovens a tocar

tamborins, sonoros espiritualmente, depois de dominada a carne. Portanto, “bendizei ao Senhor Deus nas igrejas, vós os descendentes das fontes de Israel”. Deste povo Deus escolheu primeiro os que se tornariam fontes. Pois, dele foram escolhidos os apóstolos, que ouviram antes: “Quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna” (Jo 4,13.14).

**36** [28] “Eis Benjamim, o mais jovem, em êxtase”. Eis Paulo, o último dos apóstolos que disse: Pois “também eu sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim” (cf Fl 3,5, 2Cor 11,21). Mas em verdade, “em êxtase”. Todos ficaram apavorados diante do milagre tão grande de seu chamado. Êxtase é arroubo da mente, algumas vezes devido ao pavor; algumas vezes, porém, devido a alguma revelação, feita num arroubo da mente que a torna alheia aos sentidos corporais, a fim de ser mostrado ao espírito o que deve ser mostrado. Assim se pode entender a expressão: “em êxtase”, porque ao ouvir Paulo perseguidor a palavra vinda do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4-7) e tendo perdido a visão dos olhos corporais, respondia ao Senhor que ele via em espírito. Os que se achavam em sua companhia, porém, ouviam a voz a responder, mas não viam a quem ele falava. Pode-se também entender daquele êxtase de que ele fala: “Conheço um homem que foi arrebatado até o terceiro céu — se em seu corpo, se fora do corpo, não sei — foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir” (cf 2Cor 12,2-4). “Judá, seus chefes, os príncipes de Zabulon, os príncipes de Neftali”. Quando o Apóstolo alude a príncipes, inclui também Benjamim, o mais jovem, em êxtase. Se, com tais palavras, ninguém duvida que Paulo quer chamar de príncipes os melhores e merecedores de imitação nas igrejas, a que propósito vêm aqui os nomes das tribos israelíticas? Se ele fizesse menção apenas da tribo de Judá, de onde se originaram os reis e da qual nasceu o Cristo Senhor segundo a carne (cf Rm 9,5), pensaríamos que esta tribo figuraria também os príncipes do Novo Testamento; como, porém, acrescenta: “os príncipes de Zabulon, os príncipes de Neftali”; talvez afirme alguém que os apóstolos eram originários destas tribos e não das outras. Não vejo como se poderia provar isto; no entanto, como também não encontro como refutá-lo, e vejo que neste lugar se recomendam os príncipes das igrejas, e os chefes daqueles que nas igrejas bendizem ao Senhor, não acho absurdo este sentido; mas agrada-me mais o que se evidencia pela tradução destes nomes. De fato, são nomes hebraicos. Deles, Judá diz-se que significa confissão; Zabulon, morada da fortaleza; Neftali, minha dilatação. Tudo isso nos insinuam os verdadeiros príncipes das igrejas, dignos do governo, dignos de imitação, dignos de honras. Pois os mártires detêm nas igrejas os supremos lugares, e se elevam ao ápice da dignidade santa. Mas, no martírio, tem o primero lugar a confissão, e tudo o que se deva tolerar por ela é abrangido pela fortaleza em segundo lugar, depois de tolerados todos os sofrimentos, terminadas as angústias, segue a amplidão do prêmio. Uma vez que o Apóstolo principalmente recomenda essas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, pode-se entender que a confissão refere-se à fé, a fortaleza à esperança e a amplidão à caridade (cf 2Cor 13,13). É peculiar à fé crer de

coração para obter a justiça e confessar com a boca para obter a salvação (cf Rm 10,10). São tristes os sofrimentos das tribulações, mas a esperança é forte. “Pois, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,25). A caridade tem como própria a amplidão, porque alarga o coração; pois, “o perfeito amor lança fora o temor” (1Jo 4,18). Este temor traz consigo tormento, as angústias da alma. Por conseguinte, são “príncipes de Judá, os chefes” que bendizem ao Senhor nas igrejas. “Príncipes de Zabulon, príncipes de Neftali”, príncipes da confissão, da fortaleza, da amplidão; príncipes da fé, da esperança e da caridade.

**37** [29] “Manifesta, ó Deus, o teu poder”. Pois, um só é nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos (1Cor 8,6). Lemos que ele é poder de Deus e sabedoria de Deus (id 1,24). Como, porém, Deus envia seu Cristo, senão demonstrando-o? “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5,8). “Como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?” (Rm 8,32) “Manifesta, ó Deus, o teu poder, confirma o que fizeste por nós”. Manifesta ensinando, confirma ajudando.

**38** [30.31] “De teu santo templo que está em Jerusalém. Os reis te oferecerão presentes. De teu templo em Jerusalém”, nossa mãe, que é livre (cf Gl 4,26)), porque ela mesma é teu santo templo; deste templo “os reis te oferecerão presentes”. Sejam quais forem estes reis, quer se trate dos reis da terra, quer dos reis que o supra-excelso discrimina, na pomba prateada, “os reis te oferecerão presentes”. E que presentes agradáveis, que sacrifícios de louvor! Mas como perturbam este louvor os que têm o nome de cristãos, mas pensam de modo diverso! Faça-se, portanto, o que segue: “Reprime a fera do canavial”. De fato, existem feras, sem inteligência, que causam dano; são feras do canavial, porque erram quanto ao sentido das Escrituras. O caniço representa tão bem as Escrituras quanto a língua representa a palavra. Fala-se em língua hebraica, ou grega, ou latina, ou outra qualquer, pela causa representando o efeito. É comum na língua latina que o escrito se denomine estilo, porque se produz com o estilete; assim também se chama caniço (catamus) o que se faz com o caniço. O apóstolo Pedro afirma que os ignorantes e vacilantes torcem as Escrituras, para a sua própria perdição (cf 2Pd 3,16). São as feras do canavial, aqui mencionadas: “Reprime a fera do canavial”.

**39** Trata-se ainda deles na continuação: “A manada de touros com o rebanho dos povos, para que sejam excluídos os que foram experimentados como a prata[1]. Chama de touros, por causa da soberba e de dura e indômita cerviz, os hereges. “Rebanhos dos povos”, porém, são, a meu ver, as almas que se deixam seduzir, que facilmente seguem estes touros. Pois, eles não seduzem todos os povos, entre os quais existem povos graves e estáveis. Daí estar escrito: “Louvar-te-ei no meio da multidão compacta” (Sl 34,18), mas naqueles povos onde existem rebanhos. “Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecados, possuídas de toda sorte de desejos, sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade” (2Tm 3,6.7). Diz o mesmo Apóstolo: “É preciso que haja até mesmo cisões

entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados" (1Cor 11,19), e o salmo também continua: "Para que sejam excluídos os que foram experimentados como a prata", isto é, que foram experimentados pelas palavras do Senhor. Efetivamente, "palavras do Senhor, palavras puras, prata pelo fogo acrisolada de tarra" (Sl 11,7). Pois, foi dito: "para que sejam excluídos", apareçam, destaquem-se, conforme disse o Apóstolo: "se tornem manifestos". Por isso, em ourivesaria chamam-se extratores (excluídos) os que sabem da massa confusa tirar a forma dos vasos. Muitos dos sentidos das Sagradas Escrituras são ocultos, e a poucos, mais inteligentes, são notórios. São afirmados com mais exatidão e tornam-se mais aceitáveis quando o cuidado de responder aos hereges a isto impele. Então, mesmo os que negligenciam o estudo da doutrina, sacodem o torpor e despertam a solicitude de ouvir para refutarem os adversários. Enfim, quantos sentidos das Sagradas Escrituras sobre a divindade de Cristo foram declarados contra Fotino! Quantos a respeito da humanidade de Cristo contra Manes! Quantos argumentos a respeito da Trindade contra Sabélio! Quantas asserções sobre a unidade da Trindade contra os arianos, eunomianos, macedonianos! Quantas afirmações sobre a Igreja católica espalhada por toda a terra, acerca da mistura de bons e maus até o fim do mundo e de que não prejudica aos bons sua participação nos sacramentos, contra os donatistas e luciferianos e quaisquer outros, que, por erro semelhante, são dissidentes da verdade! Quantos pronunciamentos contra os demais hereges, que seria longo demais enumerar ou lembrar, o que é desnecessário para a presente obra! Os dignos defensores destas verdades, ou ficariam inteiramente escondidos, ou não se destacariam tanto quanto as contradições dos soberbos os pusera em foco. A esses últimos, quais touros, isto é, insubmissos ao jugo pacífico e leve da disciplina, cita o Apóstolo, ao afirmar que para o episcopado dever-se-ia escolher alguém que fosse "capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem" (Tt 1,9). De fato, há muitos insubmissos; são touros, de cabeça erguida, que não suportam arado nem jugo: falam vaidades e seduzem os espíritos. Tais espíritos o presente salmo denominou rebanhos. Para esta finalidade, a providência divina permite que haja manada de touros no rebanho dos povos, "para que sejam excluídos os que foram experimentados como a prata", isto é, para que se destaquem. Foi permitido existirem hereges "a fim de que se tornem manifestos aqueles que são comprovados". Embora também se possa interpretar: "A manada de touros com o rebanho dos povos", de sorte que "do rebanho sejam excluídos os que foram experimentados como a prata". Esta é a intenção dos instruídos entre os hereges: que para longe dos ouvidos das almas que eles se empenham em seduzir sejam excluídos, isto é, separados os que são comprovados como a prata, a saber, que são capazes de ensinar as palavras do Senhor. Seja este ou aquele o sentido desta palavra, continua o salmo: "Dispersa as nações que se comprazem na guerra". Elas não estão empenhadas em se corrigir, e sim em disputar. Por isso, profetiza o salmista que é preferível sejam dispersos os incorrigíveis, que procuram dispersar o rebanho de Cristo. O salmista chamou de nações os dispersos, não por causa das famílias, mas por causa das espécies de seitas, das quais as séries que se sucedem confirmam-nas no erro.

**40** 32.34 “Virão embaixadores do Egito; a Etiópia se adiantará a estender as mãos para Deus”. Sob o nome de Egito ou Etiópia indica todas as gentes que abraçaram a fé, pela parte designando o todo, e chamando de embaixadores os pregadores da reconciliação. “Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20). Deste modo aqui foi misticamente profetizado não somente acerca dos israelitas, de onde foram escolhidos os apóstolos, mas também os futuros pregadores da paz cristã dentre os gentios. Quanto à expressão: “Adiantar-se-á a estender as mãos”, os gentios adiantar-se-ão à vingança, a saber, convertendo-se para Deus, a fim de lhes serem perdoados os pecados e não serem castigados por permanecerem pecadores. É o que exprime igualmente outro salmo: “Com a confissão saiamos ao seu encontro” (Sl 94,2). Assim como as “mãos” representam a vingança, “face” significa revelação e presença, no futuro juízo. Tendo figurado no Egito e na Etiópia os povos da terra inteira, logo acrescenta: “Para Deus, reinos da terra”. Não é para Sabélio, nem Ario, nem Donato, nem outros touros de dura cerviz, mas “para Deus, os reinos da terra”.

**41** Todavia, vários códices latinos e principalmente gregos têm diferenças nestes versículos. Não se acha no mesmo versículo: “Para Deus, reinos da terra”, mas “para Deus” está no final de versículo anterior, da seguinte maneira: “A Etiópia se adiantará a estender as mãos para Deus” e prossegue o outro versículo: “Reinos da terra, cantai a Deus, entoai salmos ao Senhor”. Indubitavel-mente esta diferença, confirmada pela autoridade de muitos dos melhores códices, é preferível, pois, a meu ver, recomenda a fé que precede as obras. Pois, o ímpio se justifica pela fé sem o mérito das boas obras, conforme a palavra do Apóstolo: “A quem, ao invés, crê naquele que justifica o ímpio, é sua fé que é levada em conta de justiça” (Rm 4,5), de sorte que de então em diante a própria fé começa a atuar por amor. Com efeito, somente são denominadas boas obras as que se realizam por amor de Deus. É portanto necessário que preceda a fé e assim daí comecem as boas obras e não o inverso. Ninguém obra por amor a Deus, se primeiro não acreditar nele. De tal fé trata o Apóstolo: “Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé, que age pela caridade” (Gl 5,6). Desta fé se fala à Igreja no Cântico dos cânticos: “Virás e passarás do início da fé” (Ct 4,8, sg. LXX). A Igreja veio como o carro de Deus escoltado de milhares que se rejubilavam, tendo aberto um caminho próspero, e passou deste mundo ao Pai (cf Jo 13,1), realizando-se nela o que disse o próprio esposo, o qual passou deste mundo ao Pai: “Quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo” (Jo 17,24), mas com o início da fé. Para que as boas obras venham em seguida, a fé precede; não existe boa obra, se não for após a fé e por isso parece que: “a Etiópia se adiantará a estender as mãos para Deus” quer dizer apenas: a Etiópia acreditará em Deus. Assim, pois, “estenderá sua mão”, isto é, as suas obras. Quem, senão a Etiópia? Pois, em grego não é ambíguo. “Suas” aqui é bem claro que é do gênero feminino. Por este motivo, nada mais se diz aqui senão “a Etiópia se adiantará a estender as mãos para Deus”, isto é, acreditando em Deus adiantar-se-á a suas obras. “Porquanto nós sustentamos”, diz o Apóstolo, “que o

homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei. Ou acaso ele é Deus só dos judeus? Não é também dos gentios?" (Rm 3,28.29). Assim, portanto, a Etiópia, que parece a nação do ponto extremo, se justifica pela fé, sem as obras da Lei. Pois, não se gloria das obras da Lei para ser jutificada; nem prefere seus méritos à fé, mas a fé antecipa-se às suas obras. De fato, muitos códices não trazem "mãos"; mas são equivalentes, porque vêm em lugar de obras. Preferiria que os tradutores latinos vertessem assim: "A Etiópia se adiantará a estender as suas mãos, ou sua mão para Deus"; ficaria mais claro do que o texto atual: "dela (ejus)"; com isso se poderia conservar a exatidão, porque o pronome grego autes pode ser tanto "dela", como "sua" ou "suas"; "sua", pois se for mão; "suas" se a tradução for: "mãos". Pois, conforme se acha no grego: keira autes se encontra em vários códices, pode significar: "mão dela" e "sua mão". O que é raro nos códices gregos: keiras autes pode-se dizer em latim: "mãos dela" e "suas mãos".

**42** Já tendo percorrido tudo o que encerra a profecia, e como vemos tudo já cumprido, o salmista exorta ao louvor a Cristo, e por isso anuncia sua futura vinda. "Reinos da terra, cantai a Deus, entoai salmos ao Senhor; salmodiai a Deus que sobe ao céu dos céus, para o oriente", ou conforme trazem alguns códices: "Que sobe ao céu do céu, para o oriente". Não verá, nestas palavras, a Cristo quem não acredita em sua ressurreição e ascensão. O acréscimo: "para o oriente", não se refere ao lugar onde se deram, porque foi nas par-tes orientais que ele ressuscitou e subiu ao céu? Por conseguinte, acima do céu do céu senta-se à direita do Pai. Isto afirma o Apóstolo: "É também o que subiu acima de todos os céus" (Ef 4,10). Que céu ainda resta depois do céu do céu? Podemos dizer céus dos céus, assim como Deus chamou ao firmamento céu; quanto a este céu, lemos também céus, no salmo: "Águas que estão acima dos céus, louvem o nome do Senhor" (Sl 148,4). E como ele há de vir de lá a julgar os vivos e os mortos, observe-se o seguinte: "Eis que ele faz ouvir a sua voz, voz poderosa". Ele que, "como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores" (Is 53,7) eis que faz ouvir a sua voz; não uma voz fraca, como se devesse ser julgado, mas "voz poderosa", como quem há de julgar. Pois, não será um Deus oculto, como anteriormente, que não abriu a boca no juízo dos homens; mas "Deus virá manifestamente; nosso Deus, e não se calará" (Sl 49,3). Por que desesperais, ó infiéis? Por que zombais? Como se exprimiu o servo mau: "O meu Senhor tarda a vir"? (Lc 12,45). Eis que ele faz ouvir a sua voz, voz poderosa.

**43** [35] "Rendei glória a Deus por Israel, sua magnifi-cência". Dele fala o Apóstolo: "Sobre o Israel de Deus" (Gl 6,16). "Nem todos os que descendem de Israel são israe-litas" (Rm 9,6), porque existe também o Israel segundo a carne. Daí dizer o Apóstolo: "Considerai o Israel segundo a carne" (1Cor 10,18). "Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes" (Rm 9,8). Quando seu povo estiver livre de qualquer mistura com os maus, como a massa que foi ventilada na eira (Mt 3,12), e como Israel em quem não há fingimento (Jo 1,47), então será evidente "sobre Israel sua magnificência e seu poder se revelará nas nuvens". Ele não virá sozinho para o julgamento, mas com os anciãos de seu povo (cf Is 3,14). Ele

lhes prometeu que haveriam de se sentar sobre tronos para julgar (cf Mt 19,28), e julgariam até os anjos (1Cor 6,3). Estes são os que as nuvens figuram.

**44** [36] Finalmente, para que se entendesse bem de que nuvens se trata, acrescentou logo: "É admirável em seus santos Deus, o Deus de Israel". Então, com toda verdade e plenitude se realizará o nome de Israel, que significa: Aquele que vê a Deus, "porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). "Ele mesmo dará a seu povo poder e força. Bendito seja Deus". Seu povo agora é frágil e fraco. Pois, "trazemos este tesouro em vasos de argila" (2Cor 4,7). No fim, porém, também através da transformação gloriosa dos corpos, "ele mesmo dará a seu povo poder e força". Pois, "este corpo semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força" (1Cor 15,43). "Ele, portanto, dará a força", ele que primeiro deu a sua carne, sobre a qual declarou o Apóstolo: "O poder da sua ressurreição" (Fl 3,10), poder com que destruiu o último inimigo, a morte (cf 1Cor 15,26). Uma vez que, enfim, com o auxílio do Senhor, terminamos este salmo tão longo e difícil de entender, "bendito seja Deus". Amém.

1 Cf Com. ao salmo LIV, 22,8ss.

# SALMO 68

## I SERMÃO

**1** Nascemos e fomos agregados ao povo de Deus numa época deste mundo em que aquele arbusto brotado do grão de mostarda já estendeu seus ramos; em que o fermento, tido por desprezível anteriormente, fez fermentar três medidas de farinha, quer dizer, todo o orbe da terra repovoado pelos três filhos de Noé (cf Mt 13,31-33; Gn 9,19); porque do oriente e do ocidente, do norte e do sul, vêm os que estarão à mesa com os patriarcas, depois que foram excluídos os que deles se originaram segundo a carne, mas não imitaram a sua fé (Mt 8,11). Abrimos os olhos diante desta glória da Igreja de Cristo; e aquela estéril, à qual foi indicado e predito o gozo de que teria mais filhos do que uma casada, nós já a encontramos esquecida dos opróbrios e da vergonha de sua viuvez (cf Jo 54,1; Gl 4,27). Por isso, podemos talvez nos admirar ao ler em alguma profecia as palavras sobre a humilhação de Cristo, ou a nossa. É possível que elas nos comovam menos porque não somos da época em que eram lidas e saboreadas, devido a angústias prementes. Mas ainda podemos ponderar as freqüentes tribulações, e verificar que o caminho pelo qual andamos (se é que andamos por ele), é tão estreito (Mt 7,14), e conduz ao descanso eterno através das angústias e tribulações. Podemos verificar que a chamada felicidade humana deve ser mais temida do que a miséria, visto que a miséria muitas vezes produz bom fruto tirado desta tribulação, enquanto a felicidade corrompe a alma através de uma perversa segurança e dá entrada ao diabo tentador. Por conseguinte, quando cogitarmos com prudência e retidão, como vítima já bem preparada, que é uma tentação a vida humana sobre a terra (Jó 7,1), e que ninguém está absolutamente seguro, nem deve estar, antes de chegar àquela pátria de onde nenhum amigo parte, nenhum inimigo é admitido, mesmo agora, neste período de glória da Igreja, reconhecemos as vozes de nossa tribulação; e como membros de Cristo, na união da caridade submissos a nossa Cabeça e mantendo-nos mutuamente, repetiremos dos salmos o que virmos que repetiram os mártires que nos precederam, porque a tribulação é comum a todos, do princípio ao fim. No entanto, este salmo que empreendemos comentar, e do qual nos propusemos falar a V. Caridade, em nome do Senhor, vamos reconhecê-lo no grão de mostarda. Desviemos um pouco o pensamento da altura do arbusto e da expansão dos ramos e daquela beleza de ramagem, onde as aves do céu pousam; e ouçamos de que pequenez se originou esta grandeza que nos deleita no arbusto. Pois, é Cristo quem fala aqui (falamos aos que já estão cientes); Cristo, não somente Cabeça, mas também corpo. Nós o reconhecemos pelas próprias palavras. De fato, de forma alguma podemos duvidar de que Cristo fale aqui. Encontram-se neste salmo expressamente as palavras realizadas em sua paixão: “Deram-me fel por alimento e em minha sede deram-me vinagre a beber”; na paixão estas palavras cumpriram-se à letra e como foram preditas se realizaram. Não é lícito entender de outro modo, uma vez que Cristo disse: “Tenho

sede", quando crucificado, e a estas palavras lhe ofereceram vinagre numa esponja e ele, tendo-o tomado, disse: "Está consumado", e inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19,28-30); mostrou assim que todas essas coisas preditas a respeito dele foram então consumadas. Os apóstolos igualmente, falando de Cristo, usaram os testemunhos deste salmo. Quem, então, se afastará das declarações deles? Ou que cordeiro não seguirá os carneiros? Por conseguinte, Cristo aqui fala. Antes teríamos de demonstrar onde é que falam seus membros, para mostrarmos que aqui fala o Cristo total, do que duvidar de que Cristo é que fala.

**2** [1] O título do salmo é o seguinte: "Para o fim, em favor daqueles que serão mudados, de Davi". Mudança aqui está usada em melhor sentido. Pois, existe mudança para pior e para melhor. Adão é Eva mudaram para pior; os descendentes de Adão e Eva que aderiram a Cristo, mudaram para melhor. "Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida" (1Cor 15,21.22). Daquele estado em que Deus o formou, Adão mudou para pior, devido a sua maldade; das condições criadas pela iniqüidade, os fiéis mudam para melhor, pela graça de Deus. Em conseqüência de nossa iniqüidade, mudamos para pior; é dom, porém, da graça de Deus mudarmos para melhor, e não devido a nossa justiça. Imputemos, portanto, a nós mesmos, a mudança para pior; quanto a mudarmos para melhor, louvemos a Deus. Portanto, este salmo é "em favor daqueles que serão mudados". De onde se originou esta mudança, senão da paixão de Cristo? A palavra páscoa, vertida para o latim, significa: passagem. Pois, a palavra Páscoa não é nome grego, mas hebraico. Soa em grego como se fosse: paixão, porque parkein quer dizer: sofrer; mas levando-se em conta a língua hebraica, indica outra coisa. Páscoa trata de passagem. O evangelista S. João o relembra acerca do Senhor, nas vésperas da paixão, na ceia em que entregou o sacramento de seu corpo e de seu sangue nesses termos: "Quando chegou a hora de Jesus passar deste mundo para o Pai" (Jo 13,1). Exprimiu, portanto, a passagem da páscoa. Mas se aquele que veio por nossa causa, não passasse daqui para o Pai, como poderíamos nós, que não descemos para levantar alguma coisa e sim caímos, passar deste mundo? Ele não caiu, mas desceu, a fim de reerguer o homem decaído. Por conseguinte, sua e nossa passagem daqui para o Pai, deste mundo para o reino dos céus, da vida mortal para a vida eterna, da vida terrena para a vida celeste, da vida corrruptível para a incorruptível, da convivência no meio das tribulações para a segurança perpétua. Por isso, "em favor daqueles que serão mudados", é o título deste salmo. Notemos, portanto, reconheçamos a causa de nossa mudança, a saber, a paixão do Senhor, e as palavras que exprimem nossas tribulações no texto do salmo, e juntos gemamos; e ao ouvirmos, conhecermos e gemermos juntos, transformemo-nos, tendo em vista que em nós se cumpra o título do salmo: "em favor daqueles que serão mudados".

**3** [2] "Salva-me, ó Deus, porque as águas penetraram até a minha alma". Agora é desprezado aquele grão de mostarda, que parece emitir sons de humildade. É enterrado na horta, mas o mundo haverá de admirar a altura do arbusto, cuja semente foi

desprezada pelos judeus. De fato, considerai a semente da mostarda, minúscula, escura, completamente desprezível; assim se realiza a palavra: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar” (Is 53,2). Diz o salmista que as águas penetraram até a sua alma, porque aquelas turbas representadas sob o nome de águas, puderam prevalecer a ponto de matarem a Cristo. Prevaleceram desprezando, prendendo, amarrando, insultando, esbofeteando, cuspindo. Até onde? Até a morte. Portanto, “as águas penetraram até a minha alma”. Chama de sua alma a sua vida, a que eles puderam ter acesso em seu furor. Mas acaso teriam-no podido se ele não o permitisse? Então porque aqui clama, como se sofresse algo contra sua vontade, se a Cabeça não prefigurasse os seus membros? Efetivamente ele sofreu porque quis; os mártires, contudo, mesmo não o querendo. Pois, assim o Senhor predisse a Pedro a sua paixão: “Quando fores velho, outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres” (Jo 21,18). Apesar de desejarmos unir-nos a Cristo, não queremos morrer; e no entanto, soframos de bom grado, ou antes com paciência, uma vez que não existe outro tipo de passagem para nos unirmos a Cristo. Pois, se pudéssemos de outra maneira chegar a Cristo, isto é, à vida eterna, quem desejaria morrer? O Apóstolo, descrevendo em certa passagem, nossa natureza, isto é, a união da alma e do corpo, e a afinidade, fusão e adesão entre essas duas partes, disse que temos uma habitação que não foi feita pela mão do homem, eterna, nos céus, isto é, a imortalidade que nos foi preparada, e que devemos revestir no fim, por ocasião da nossa ressurreição dentre os mortos; e assim fala: “Não queremos ser despojados de nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida” (2Cor 5,1.4). Se fosse possível, diz ele, queríamos nos tornar imortais, desejávamos que chegasse a imortalidade, e agora tais como somos nos transformasse, de tal forma que o que há de mortal em nós fosse absorvido pela vida e não deixássemos o corpo, através da morte, para no fim de novo o recuperarmos. Embora, por certo, passemos dos males aos bens, a própria passagem é um tanto amarga e tem o fel que os judeus deram ao Senhor na paixão, tem um gosto acre, figurado pelo vinagre que lhe deram da beber (cf Mt 27,34). O salmista diz, então, prefigurando-nos e em nosso lugar: “Salva-me, ó Deus, porque as águas penetraram até a minha alma”. Os perseguidores puderam até mesmo matar; mas não puderam ir além. Preveniu-nos o Senhor com uma exortação: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28). Um medo maior nos leva a desprezar as coisas pequenas, e maior desejo da eternidade nos dá fastio de todas as coisas temporais. Pois, na terra as delícias temporais são doces e as tribulações temporais, amargas. Mas quem não bebe da taça da tribulação temporal, por receio do fogo da geena? E quem não despreza a suavidade mundana, se anela pela suavidade da vida eterna? Em conseqüência, clamemos pedindo libertação, a fim de que não aconteça consentirmos no mal devido às angústias e sermos efetivamente sorvidos de modo irreparável: “Salva-me, ó Deus, as águas penetraram até a minha alma”.

**4** [3] “Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância”. O que o salmista denomina lodo? Acaso os perseguidores? De argila foi feito o homem. Mas estes,

perdendo a justiça, se tornaram lodaçal profundo (cf Gn 2,7). Aquele que não concordar com estes perseguidores que tentam arrastá-lo à iniqüidade, transforma o lodo de que foi feito em ouro. Merecerá o próprio lodo ser mudado, adquirindo hábitos celestes, e tornar-se companheiro daqueles que o título deste salmo menciona: "Em favor daqueles que serão mudados". Àqueles, porém, que se achavam no lodaçal profundo, eu aderi, isto é, eles me apanharam, prevaleceram contra mim, mataram-me. Por isso, "atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância". Que significa: "não há substância?" Porventura o lodo não é substância? Ou, eu atolando-me deixei de ser substância? Que significa: "Atolei-me?" Por acaso, Cristo aderiu desta maneira? Ou aderiu, ou não, conforme está escrito no livro desta maneira? Ou aderiu, ou não, conforme está escrito no livro de Jó: "A terra foi deixada em poder do ímpio" (Jó 9,24). Ou atolou-se segundo a carne, porque pôde ser preso e crucificado? Se não fosse atravessado pelos pregos, não seria um crucificado. Por que, então, "não há substância?" Aquele lodo não é substância? Entenderemos pois, se pudermos, o que quer dizer: "não há substância", se primeiro entendermos o que é substância. As riquezas também têm o nome de substância; de acordo com isso dizemos: ele possui substância, ou: perdeu a substância. Mas pensaremos que aqui se disse: "não há substância", como se eqüivalesse a: não há riquezas se estivéssemos tratando de riquezas, ou de qualquer questão relativa a elas? Ou talvez o próprio lodo constituía uma pobreza, e só existirão riquezas quando nos tornarmos participantes da eternidade? Então as verdadeiras riquezas existirão, pois nada nos faltará. Podemos tomar esta palavra com esta acepção, de tal forma que: "Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância" eqüiva-leria a: fui reduzido à pobreza. Pois, reza este salmo: "Quanto a mim, sou pobre e dolorido", e também diz o Apóstolo: "Jesus Cristo por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2Cor 8,9). Com efeito, o Senhor querendo destacar sua pobreza, talvez tenha dito: "não há substância". Chegou a extrema pobreza quando assumiu a condição de escravo. Quais são as suas riquezas? "Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus" (Fl 2,6). São essas as riquezas grandes e incomparáveis. De onde, então, a pobreza? "Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte", podendo dizer: "As águas penetraram até a minha alma". Acrescenta algo à morte. Mas o que se haveria de acrescentar? A ignomínia na morte, conforme segue: "E morte de cruz" (Sl 2,7-8). Imensa pobreza! mas daí brotarão imensas riquezas. Como se consumou a sua pobreza, assim se cumularão as nossas riquezas, provenientes de sua pobreza. Quão imensas as riquezas que possui, uma vez que sua pobreza nos enriquece! E o que farão de nós suas riquezas, se sua pobreza nos enriqueceu!

**5** "Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância". Há outra maneira de se entender a palavra substância: aquilo que nos faz sermos o que somos. Mas isto é um pouco mais difícil de entender, embora seja usual a realidade; mas como a palavra é pouco usada, é preciso indicá-la e dar uma pequena explicação. Mas se ficardes atentos, talvez não teremos muito trabalho. Dizemos: homem, animal, terra, céu, sol, lua, lápis,

mar, ar: todas essas coisas são substâncias, pelo fato mesmo daquilo que são. As próprias naturezas chamam-se substâncias. Deus é determinada substância; pois o que não é substância alguma, não é nada absolutamente. A substância, portanto, é um ser. Daí também a fé católica, contra o veneno de alguns hereges nos premuniu, dizendo que o Pai, e o Filho e o Espírito Santo são uma só substância. Que quer dizer: uma só substância? Por exemplo: se o Pai é ouro, o Filho é ouro e o Espírito Santo é ouro. O que o Pai é, enquanto Deus, isto é o Filho, isto é o Espírito Santo. Enquanto é Pai, não é aquilo que é, substância. O Pai não é denominado assim em si mesmo, mas em relação ao Filho; em si mesmo é denominado Deus. Por conseguinte, aquilo que Deus é, é substância. E como o Filho tem a mesma substância, sem dúvida alguma o Filho é Deus. Ao invés, enquanto Pai, uma vez que Pai não é nome da substância, mas refere-se ao Filho, não dizemos que o Filho é o Pai, como dizemos que o Filho é Deus. Perguntas o que é o Pai. Responde-se: É Deus. Perguntas o que é o Filho. Responde-se: É Deus. Perguntas o que é o Pai e o Filho. Responde-se: É Deus. Interrogado a respeito do Pai apenas, responde que é Deus; interrogado somente acerca do Filho, responde que é Deus; interrogado sobre os dois, responde que é Deus e não que são deuses. Não é igual ao que acontece aos homens. Perguntas o que é o pai Abraão. Responde-se: É homem. Foi respondido qual a substância. Perguntas o que é o filho, Isaac. A resposta é: É homem. Abraão e Isaac são de igual substância. Perguntas o que são Abraão e Isaac; a resposta não é: É homem, mas: São homens. Isso não acontece na divindade. Tão grande é a sociedade de substância que admite a igualdade, mas não admite a pluralidade. Se, portanto, alguém te disser: Se me dizes que o Filho é o mesmo que o Pai é, então o Filho é o Pai, responde: Foi segundo a substância que te disse que o Filho é a mesma coisa que o Pai, e não segundo a relação de um a outro. Em si mesmo, é chamado Deus, e é denominado Filho em relação ao Pai. De outro lado, o Pai em si é chamado Deus, em relação ao Filho chama-se Pai. Enquanto em relação ao Filho é Pai, não é Filho; enquanto o Filho se relaciona ao Pai, não é Pai. Pai e Filho em si, são Pai e Filho, isto é, Deus significa, então: “não há substância?” Segundo este sentido de substância, como podemos entender esta sentença do salmo: “Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância?” Deus fez o homem; fez uma substância; oxalá houvesse permanecido como Deus o fizera! Se o homem houvesse permanecido naquilo em que Deus o fez, não se haveria atolado aquele que Deus gerou. No entanto, como pela iniqüidade o homem decaiu da substância em que fora feito (a iniqüidade não é substância; pois a iniqüidade não é natureza que Deus criou, mas a iniqüidade é perversidade que o homem fez), veio o Filho de Deus ao lamaçal profundo e atolou-se; e não havia substância lá onde se atolou, porque se atolou na iniqüidade humana. “Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância”. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito (cf Jo 1,3). Todas as naturezas foram feitas por ele; a iniqüidade não foi feita por ele, porque não foi criada. Foram feitas por ele aquelas substâncias que o louvam. Todas as criaturas louvam a Deus, conforme mencionam os três jovens na fornalha (cf Dn 3.24-90). Das criaturas terrenas até às celestes, ou das celestes às terrenas, chegou a Deus o hino de louvor. Não quero dizer que todas elas tenham conhecimento de que louvam,

mas que se pensamos bem de todas elas, isso para o louvor; e o coração pela consideração das criaturas prorrompe num hino ao Criador. Louvam a Deus todas as coisas que Deus criou. Por acaso notastes naquele hino que a avareza louve a Deus? Nele até a serpente louva a Deus; a avareza, contudo, não louva. Todos os répteis são enumerados no louvor a Deus; são nomeados os répteis, mas não são enumerados os vícios. Os vícios provêm de nós e de nossa vontade; e os vícios não são substância. Neles o Senhor foi mergulhado, quando sofreu perseguição; no vício dos judeus, não na substância humana que foi criada por ele. "Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância". Atolei-me e não encontrei aquilo que criei.

**6** "Fui ao alto mar, e a tempestade me submergiu". Demos graças à misericórdia daquele que foi ao alto mar e se dignou deixar-se engolir pelo cetáceo marinho; mas foi expelido ao terceiro dia (cf Mt 12,40). Foi às profundezas do mar, onde estávamos mergulhados, onde sofrêramos naufrágio. Ele foi até aí, e a tempestade o submergiu. Ali estava sob as ondas, isto é, os homens, e na tempestade, a saber, as vozes, os gritos: "Crucifica-o! Crucifica-o!" E quando Pilatos dizia: "Eu não encontro culpa nele" para matá-lo, aumentavam os gritos: "Crucifica-o! Crucifica-o!" (Jo 19,6). E o Senhor padeceu nas mãos dos judeus o que não sofreu ao andar sobre as águas, quando não somente ele não sofreu, mas não permitiu que Pedro sofresse (cf Mt 14,25). "Fui ao alto mar e a tempestade me submergiu".

**7** [4] "Estou cansado de tanto gritar. Enrouqueceu-se-me a garganta". Quando? Onde? Interroguemos o evangelho. Reconhecemos neste salmo alusão à paixão do Senhor. Sabemos com certeza que ele sofreu. As águas penetraram até a sua alma, porque as turbas prevaleceram, levando-o à morte. Lemos isso e acreditamos. A tempestade o submergiu porque prevaleceu a sedução e foi morto. Isto é notório. Quanto a ficar cansado de clamar e à garganta enrouquecida, não somente não o lemos, mas, ao contrário, lemos que não lhes respondia palavra, cumprindo-se o dito de outro salmo: "Semelhante a alguém que não ouve e não tem réplica em sua boca" (Sl 37,15); também de acordo com aquela profecia de Isaías: "Como um cordeiro conduzido ao matadouro, como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca" (Is 53,7). Se ele se tornou como alguém que não ouve e não tem réplica na boca, como é que se cansou de gritar e sua garganta se enrouqueceu? Ou se calava porque estava rouco de ter gritado tanto sem resultado? Conhecemos, de fato, a palavra que ele proferiu na cruz, tirada de outro salmo: "Deus, meu Deus, por que me desamparaste"? (Sl 21,2). Mas, que altura atingiu aquela voz, ou quanto tempo durou, a ponto de sua garganta se enrouquecer? Clamou longamente: "Ai de vós, escribas e fariseus!" (Mt 23,13.14). Por muito tempo clamou: "Ai do mundo por causa dos escândalos"! (Mt 18,7) Em verdade, calava enrouquecido e não era compreendido, quando diziam os judeus: "Que é isto que ele nos diz? Esta palavra é dura! Quem pode escutá-la? Não sabemos de que fala" (Jo 6,61; 16,18). Ele pronunciava todas as palavras; mas para os judeus sua garganta está enrou-quecida, porque não entendiam suas palavras. "Estou cansado de tanto gritar. Enrouqueceu-se-me a garganta.

**8** Meus olhos se obscureceram, enquanto esperava por meu Deus". Longe de nós atribuir estas palavras a nossa Cabeça; longe de nós pensar que seus olhos se obscureceram, enquanto esperava por seu Deus, pois, ao invés, Deus nele reconciliava o mundo consigo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, de sorte que não somente Deus estava nele, mas ele mesmo era Deus (cf 2Cor 5,19; Jo 1,14). Por conseguinte, não sucedeu isto; os olhos de nossa Cabeça não se obscureceram, enquanto esperava por seu Deus; mas obscureceram-se os olhos de seu corpo, isto é, de seus membros. Esta voz é dos membros, é a voz do corpo, não da Cabeça. Como, então, a encontramos em seu corpo e em seus membros? Que dizer a mais? Que relembrar? Quando o Senhor sofreu, quando morreu, todos os discípulos perderam a esperança de que ele fosse o Cristo. Os apóstolos foram vencidos pelo ladrão, que acreditou enquanto eles falharam (Lc 23,42). Considera seus membros desanimados; pensa naqueles dois discípulos que o Senhor após a ressurreição encontrou no caminho e conversaram com ele. Um deles era Cléofas. Seus olhos estavam impedidos de reconhecê-lo. Como o reconheceriam com os olhos se hesitavam espiritualmente? Acontecera-lhes nos olhos algo de semelhante a sua mente. Falavam entre si, e quando interrogados sobre o que conversavam, responderam: "Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram? O que aconteceu a Jesus de Nazaré que foi um profeta poderoso em obra e em palavra e foi morto pelos chefes e os príncipes dos sacerdotes? Nós esperávamos que fosse ele que iria redimir Israel" (Lc 24,13-21). Esperaram e não esperavam mais. Seus olhos se obscureceram, enquanto esperavam por Deus. O salmista fala em lugar deles: "Meus olhos se obscureceram, enquanto esperava por meu Deus". A esperança voltou, quando o Senhor lhes apresentou as cicatrizes para que as tocassem; Tomé, tendo-as tocado recuperou a esperança que perdera, e exclamou: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20,28.29). Teus olhos se obscureceram, enquanto esperavas por teu Deus. Apalpaste as cicatrizes e encontraste teu Deus. Tocaste-o na condição de servo e reconheceste teu Senhor. O próprio Senhor lhe disse: "Porque viste, creste". E prenunciando-nos, com uma palavra de sua misericórdia, declarou: "Felizes os que não viram e creram! (ib 29). Meus olhos se obscureceram, enquanto esperava por meu Deus".

**9** [5] "Mais numerosos que os cabelos de minha cabeça são os que me detestam sem razão". Como se multiplicaram? A ponto de aderir a eles um dos doze (cf Mt 26,14). "Mais numerosos que os cabelos de minha cabeça são os que me detestam sem razão". Comparou seus inimigos aos cabelos de sua cabeça. Com razão foram cortados, quando ele foi crucificado no Calvário. Acolham para si os membros esta palavra; aprendam a suportar ódio gratuito. Uma vez que é forçoso, ó cristão, que o mundo te odeie, porque não ages de tal forma que te odeiem gratuitamente, pois estás no corpo de teu Senhor, e reconheces tua voz neste salmo, que o prenuncia. Como é que o mundo te odeia gratuitamente? Se a ninguém prejudicas, e no entanto és odiado, isto é que é ser odiado gratuitamente, sem razão. Não te baste ser detestado sem razão; além disso, estejas disposto a receber males em retribuição do bem que fazes. "Cobraram forças meus inimigos, que me perseguem injustamente". O mesmo que disse antes: "mais numerosos

que os cabelos de minha cabeça"; vem em seguida: "Cobraram forças meus inimigos". E identifica-se o que vem primeiro: "que me detestam sem razão" e o que acrecenta em seguida: "que me perseguem injustamente. Sem razão" eqüivale a: "injustamente". Esta é a voz dos mártires, que o são devido a sua causa, e não por castigo. Não é digno de louvor sofrer perseguição, ser preso, ser flagelado, ser encarcerado, proscrito, morto, em si mesmo; o louvor consiste em sofrer tudo isso devido a uma causa boa em si. O louvor está na bondade da causa, e não na crueldade da pena. Pois, por maiores que tenham sido os suplícios dos mártires, por acaso se igualam aos tormentos de todos os ladrões, de todos os sacrílegos, de todos os malvados? E então, o mundo não odeia a estes? Certamente. Pois, eles ultrapassam a medida comum do mundo pela extensão de sua malícia, e de certo modo estão fora da sociedade humana, prejudicando à paz terrena; e sofrem muitos males, mas não sem razão. Enfim, considera a palavra daquele ladrão que estava crucificado ao lado do Senhor, quando de outro lado um dos dois ladrões injuriava o Senhor crucificado, dizendo: "Se és Filho de Deus, salva-te a ti mesmo"; mas o outro o repreendeu, dizendo: "Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos" (Lc 23,39-41). Eis que este não sofria injustamente, mas pela confissão eliminou a infecção, e fez-se apto a ingerir o alimento do Senhor. Expeliu sua iniqüidade, acusou-a e ficou livre dela. Eis que aqui estão dois ladrões, e ali está também o Senhor; eles crucificados e este crucificado; aos primeiros o mundo teve ódio, mas não gratuitamente, ao segundo odiou sem razão. "Restituía o que não roubei". Portanto, gratuitamente. Não roubei e restituía; não pequei, e sofria o castigo. Ele é o único dessa espécie, e de fato nada roubou. Não somente nada roubou, mas ainda se despojou do que tinha sem ser roubado, para vir até nós. Pois, "não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, e assumindo a condição de escravo" (Fl 2,6.7). Absolutamente não roubou. Mas quem roubou? Adão. Quem roubou primeiro? Aquele mesmo que seduziu Adão. Como roubou o diabo? "Colocarei o meu trono nos confins do norte, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo" (Is 14,13). Usurpou o que não recebera: eis a rapina. O diabo usurpou o que não recebera e perdeu o que havia recebido. Deu de beber do cálice de sua soberba àquele que queria enganar. Disse-lhe: Comei, "e vós sereis como deuses" (cf Gn 3,5). Quiseram roubar a divindade, e perderam a felicidade. Ele, portanto, roubou e por isso teve de pagar. Eu, porém, diz o Senhor, "restituía o que não roubei". O mesmo Senhor, nas proximidades da paixão, assim fala, como consta do evangelho: "O príncipe do mundo vem", isto é, o diabo, "contra mim, ele nada pode", isto é, não encontrará motivo para me fazer morrer; "mas o mundo saberá que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos! Partamos daqui!" (Jo 14,30), e encaminhou-se para a paixão, a fim de pagar o que não roubou. Que quer dizer: "contra mim" nada achará? Culpa alguma. O diabo teria perdido algo de sua casa? Cristo desmascara os raptores: "contra mim, ele nada pode". No entanto, ele diz que nada usurpou, referindo-se ao pecado. Nada tomou que não fosse seu. A usurpação é própria da rapina, da iniqüidade. Ele extorquiu do diabo o que este roubara. Disse: "Como pode alguém entrar na casa de um forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar? (Mt 12-29). Amarrou o forte e tirou os seus

pertences, mas certamente não roubou. Ele replicará: Estes bens da grande casa, que era minha, estavam perdidos; não pratiquei um furto, mas recuperei o que fora furtado.

**10** [6] "Conheces, ó Deus, a minha loucura". Fala de novo em lugar do corpo. Pois que loucura existe em Cristo? Ele não é o poder de Deus e a sabedoria de Deus? (1Cor 1,24). Ou chama de loucura sua aquela referida pelo Apóstolo: "Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens"? (id 25). "Minha loucura", a mesma que ridicularizaram os que se consideravam sábios. Sabes por que razão isto aconteceu: "Conheces a minha loucura". Que há de mais semelhante à loucura do que ter em seu poder prostrar com uma só palavra os perseguidores e suportar ser preso, flagelado, cuspido, esbofeteado, coroado de espinhos, pregado à cruz? Assemelha-se à loucura, parece estultícia. Mas este louco supera a todos os sábios. Efetivamente, é estulto; mas também quando o grão de trigo cai na terra, parece uma loucura a quem não entende de agricultura. É colhido com grande trabalho, levado à eira, triturado, ventilado; depois de tantas vicissitudes do céu e da temperatura, depois dos trabalhos dos camponeses e dos cuidados do dono, é depositado no celeiro o trigo limpo. Vem o inverno e o que estava limpo é retirado e jogado na terra. Parece loucura; mas a esperança faz com que não seja loucura. Por isso, Cristo não se poupou, porque também "o Pai não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Rm 8,32). E ele mesmo "me amou e se entregou a si mesmo por mim", afirma o Apóstolo (Gl 2,20), porque se "o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só" (Jo 12,24). Isso é loucura. Mas tu a conheces. Os judeus, porém, se a conhecessem, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). "Conheces, ó Deus, a minha loucura e meus delitos não te são ocultos". Este versículo é fluente, claro, evidente, e aplica-se ao corpo. Cristo não cometeu delito algum; suportou-os em si, mas não os cometeu. "E meus delitos não te são ocultos", isto é, confessei-te todos os meus pecados; e antes que os proferissem meus lábios, tu os viste no meu pensamento. Viste as feridas a curar. Mas onde? Certamente no corpo, nos membros; nos fiéis, unidos à Cabeça através daquele membro que confessava seus pecados. "E meus delitos não te são ocultos".

**11** [7] "Não se sintam envergonhados por minha causa os que em ti esperam, Senhor, Deus dos exércitos". Novamente a voz da Cabeça: "Não se sintam envergonhados por minha causa"; não se lhes pergunte: Onde está o objeto de vossa presunção? Não se lhes diga: Onde está aquele que vos dizia: "Credes em Deus, crede também em mim" (Jo 14,1). "Não se sintam envergonhados por minha causa os que em ti esperam, Senhor, Deus dos exércitos. Nem sejam confundidos a meu respeito os que te procuram, Deus de Israel". Isto também se aplica ao corpo, contanto que não tomes por seu corpo um só homem. De fato, um homem não é todo o corpo, mas um minúsculo membro, embora o corpo conste de membros. Por conseguinte trata-se de seu corpo total, de toda a Igreja. Com toda razão, portanto, diz a Igreja: "Não se sintam envergonhados por minha causa os que em ti esperam, Senhor, Deus dos exércitos". Não seja assim atingido pelos perseguidores que se insurgem contra mim, não seja esmagado pelos inimigos que me invejam, pelos hereges que ladram e saíram de junto de mim, mas não eram dos meus

(cf 1Jo 2,19); pois se fossem dos meus, ficariam comigo. Seus escândalos não me oprimam de tal modo que "se sintam envergonhados por minha causa os que em ti esperam, Senhor, Deus dos exércitos. nem sejam confundidos a meu respeito os que te procuram, Deus de Israel".

**12** "Por amor de ti suportei censuras e a irreverência cobriu o meu rosto". O importante não é dizer: "suportei", mas: "suportei por amor de ti". Se suportas porque pecaste, suportas por tua causa, não por amor de Deus. Diz S. Pedro: "Que glória há em suportar com paciência, se sois esbofeteados por terdes pecado?" (1Pd 2,20). Se, porém, suportas censuras por que observas o mandamento de Deus, de fato, é por amor de Deus que suportas; e tua recompensa permanecerá eternamente, uma vez que sofreste injúrias por causa de Deus. Com efeito, ele foi o primeiro a suportar, a fim de que aprendêssemos a sofrer. E se ele, que nada cometera com que se pudesse atacá-lo, quanto mais nós que, mesmo se não tivermos o pecado de que o inimigo possa nos acusar, temos no entanto outro de que podemos merecidamente ser atacados? Um homem qualquer te chama de ladrão e não és ladrão. Escutas a injúria. Não és ladrão, mas existe em ti alguma coisa que desagrada a Deus. No entanto, aquele que nada absolutamente roubara, que dissera com toda verdade: "O príncipe do mundo vem; contra mim ele nada pode" (Jo 14,30) foi denominado pecador (Jo 9,24), foi denominado iníquo, foi denominado Beelzebu (Mt 10,25), foi denominado louco; e tu, escravo, não queres ouvir, devido a teus méritos, o que o Senhor ouviu sem merecer? Ele veio para te dar um exemplo. Foi quase inutilmente que assim agiu, de tal modo não sabes disso tirar proveito. Por que motivo ele ouviu estas ofensas, se não para não desanimares quando as ouvires? Mas tu ouves, e desanimas; foi em vão, então, que ele as ouviu. E não foi por sua causa; mas teu proveito é que visava ao ouvir. "Por amor de ti suportei censuras e a irreverência cobriu meu rosto". Disse: "A irreverência cobriu meu rosto". Que é irreverência? Não se envergonhar. Trata-se de certo vício, quando se diz: É um homem irreverente. É grande irreverência para um homem não ter vergonha. Portanto, irreverência seria falta de vergonha. Um cristão deve ter irreverência quando estiver entre homens que não aceitam o Cristo. Se ele se envergonhar de Cristo, será apagado do livro dos vivos. É necessário que tenhas irreverência quando te atacarem por causa de Cristo. Quando alguém te diz: Adorador de um crucificado, cultuas um malfeitor morto, veneras um assassinado. Se te envergonhas, estás morto. Pondera na sentença daquele a quem ninguém engana: "Quem se envergonhar de mim diante dos homens, eu também me envergonharei dele diante dos anjos de Deus" (cf Lc 9,26). Observa-o, portanto, também tu. Haja emti irreverência, sê ousado ao ouvires uma ofensa a Cristo; sê até descarado. Que receias por tua fronte, que armaste com o sinal da cruz? Isto é o que quer dizer: "Por amor de ti suportei censuras, e a irreverência cobriu meu rosto. Por amor de ti suportei censuras", e como não me corei de ti, ao ser insultado por tua causa, "a irreverência cobriu meu rosto.

**13** 9.10 "Tornei-me um estranho a meus irmãos e um forasteiro aos filhos de minha mãe". Tornou-se um forasteiro para os filhos da sinagoga. Em sua terra natal dizia-se dele: "Não é o filho de José?" (Lc 4,22). E em outro lugar: "Mas este, não sabemos de

onde é” (Jo 9,29). Em conseqüência,“tornei-me um forasteiro aos filhos de minha mãe”. Não sabia de onde eu era, este povo ao qual pertencia minha carne; não sabia que nascera da descendência de Abraão. Nele achava-se oculta minha carne quando o servo jurou pelo Deus do céu, pondo a mão sob a coxa de seu senhor (cf Gn 24,9). “Tornei-me um forasteiro aos filhos de minha mãe”. Por que isto? Por que não o reconheceram? Por que o declararam estranho? Por que ousaram dizer: “Não sabemos de onde é? Porque devorou-me o zelo de tua casa”, isto é, porque persegui sua iniqüidade, porque não tolerei pacientemente aqueles que corrigi, porque procurei tal glória em tua casa, porque flagelei os que se comportavam mal no templo (cf Jo 2,15). Nesta passagem também se acha escrito: “Devorou-me o zelo de tua casa”. Por esta razão, ele é forasteiro, é hóspede; por isto, eles diziam: “Não sabemos de onde é”. Saberiam de onde sou, se cumprissem o que mandaste. Pois, se os encontrasse a observarem os teus preceitos, o zelo de tua casa não me devoraria. “E os ultrajes dos que te insultavam recaíram sobre mim”. O apóstolo Paulo empregou também este testemunho (acabamos de fazer esta leitura), e disse: “Ora tudo o que se escreveu no passado, é para nosso ensinamento que foi escrito, a fim de que, pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15,4). Afirmou, portanto, que era de Cristo a palavra: “Os ultrajes dos que te insultavam recaíram sobre mim”. Por que: “te?” Por acaso é o Pai insultado, e não o próprio Cristo? Por que razão se diz: “Os ultrajes dos que te insultavam recaíram sobre mim?” Porque quem me conhece, conhece também o Pai; ninguém ultraja o Cristo se não ultraja a Deus; e ninguém honra o Pai, sem honrar igualmente o Filho (cf Jo 14,9; 5,23). “Os ultrajes dos que te insultavam recaíram sobre mim”, pois me encontraram.

**14** [11] “Afligi a minha alma com jejuns e isto ocasionou-me opróbrio”. Já nos referimos em outro salmo, que comentamos a V. Caridade, ao jejum de Cristo em seu sentido espiritual.[1] Foi jejum para ele a defecção de todos os que neles haviam acreditado, assim como sua fome consistia em anelar por aqueles que nele acreditariam. Foi sua sede que o fez dizer à mulher samaritana: Tenho sede. “Dá-me de beber!” pois tinha sede de sua fé (Jo 4,7). E quando dizia na cruz: “Tenho sede!” (Jo 19,28), procurava a fé daqueles pelos quais rezara: “Pai perdoa-lhes; não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Mas aqueles homens o que deram de beber ao sedento? Vinagre. O vinho fermentado, velho, chama-se vinagre. Com razão foi-lhe oferecido algo do velho homem, porque eles não quiseram tornar-se novos. Por que não quiseram tornar-se novos? Não foram incluídos entre aqueles mencionados no título deste salmo: “Em favor daqueles que serão mudados”. Por isso, “afligi a minha alma com jejuns”. Finalmente, o Senhor rejeitou também o fel que eles lhe ofereceram; preferiu jejuar a tomar a bebida amarga. Não se incorporam a ele os homens amargos, referidos na passagem de outro salmo: “Não se elevem os rebeldes em si mesmos” (Sl 65,7). Portanto, “afligi a minha alma com jejuns e isto ocasionou-me opróbrio”. Ocasionou-me opróbrio não ter estado em consenso com eles, isto é, eles me deixaram em jejum. Quem não consente numa sugestão má, fica em jejum a respeito dos que o persuadem. E este jejum lhe ocasiona opróbrio, pois é

insultado por não consentir no mal.

**15** [12] “Vesti-me de cilício”. Já falamos alguma coisa acerca de cilício no salmo onde se encontra o versículo: “Eu, porém, quando molestado, vestia-me de cilício, extenuava com o jejum a minha alma” (Sl 34,13). “Vesti-me de cilício”, isto é, apresentei-lhes minha carne, para ser maltratada; ocultei minha divindade. “Cilício”, porque a carne era mortal, a fim de que, em vista do pecado, condenasse o pecado na carne (Rm 8,3). “Vesti-me de cilício e tornei-me parábola para eles”, isto é, objeto de zombaria. Chama-se parábola uma comparação, mas em mau sentido. Assim, por exemplo, se alguém diz: Morra como aquele homem, trata-se de uma parábola. É uma comparação, e assemelha-se a uma maldição. “Tornei-me, portanto, parábola para eles”.

**16** [13] “Ultrajaram-me os que se sentavam à porta”. À porta, não quer dizer senão: em público. “E contra mim entoavam canções os que bebiam vinho”. Julgais, irmãos, que isto sucedeu apenas a Cristo? Todos os dias isto acontece em seus membros a ele. Se acaso um servo de Deus se vê na necessidade de se opor à embriaguez e à luxúria em alguma pro-priedade ou povoado, onde não tiver sido pregada a palavra de Deus, não basta a esses homens cantar, mas além disso começam a cantar contra ele, porque lhes proíbe cantar. Comparai agora o jejum do servo de Deus e a bebida destes. “Contra mim entoavam canções os que bebiam vinho”, o vinho do erro, o vinho da impiedade, o vinho da soberba.

**17** [14] “Eu, porém, Senhor, dirijo-te a minha a oração”. Eu, porém, estava junto de ti. Mas como? Dirijindo-te a minha prece. Quando fores amaldiçoado, e nada puderes fazer; quando te lançar alguém injúrias e não tiveres meios de corrigir o injuriador, nada te resta senão rezar. Mas lembra-te de rezar também por ele. “Eu, porém, Senhor, dirijo-te a minha oração, no tempo favorável, ó Deus”. Eis que o grão é sepultado na terra; o fruto surgirá. “No tempo favorável, ó Deus”. Deste tempo falaram também os profetas e o Apóstolo o relembra: “Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação”. “No tempo favorável, ó Deus. Em tua imensa misericórdia”. Pois se a tua misericórdia não fosse imensa, que faríamos da multidão de nossas iniqüidades? “Em tua imensa misericórdia. Escuta-me segundo a fidelidade de teu socorro”. Tendo mencionado: “tua misericórdia”, acrescentou: fidelidade, porque misericórdia e fidelidade são todos os caminhos do Senhor (cf Sl 24,10). Por que motivo fala em misericórdia? Porque perdoa os pecados. Por que fidelidade? Porque cumpre as promessas. “Escuta-me segundo a fidelidade de teu socorro”.

**18** [15] “Retira-me do lodo. Não fique atolado”. Do lado acima referido: “Atolei-me num lamaçal profundo, onde não há substância”. Como recebestes bem a explicação feita acima, nada mais há para se esclarecer aqui. O salmista quer ser libertado daquele lodo onde antes se atolara. “Retira-me do lodo. Não fique atolado”. E explica: “Livra-me dos que me detestam”. São eles, pois, o lodo, onde me atolara. Isto talvez é sugerido. Pouco acima dissera: “Atolei-me”, e agora: “Retira-me do lodo”. “Não fique atolado”, enquanto

conforme a sentença anterior deveria dizer: Salva-me do lodo onde me atolara, tirando-me; e não: faça com que não me atole. Por conseguinte, atolara-se pela carne, não pelo espírito. Assim fala segundo a fraqueza de seus membros. Se, por acaso, és apanhado por aquele que te impele ao mal, de fato teu corpo está preso; segundo o corpo te atolaste, e num lamaçal profundo; mas enquanto não consentes, não afundas; se consentes, porém, tu te atolaste. Tua prece, pois, seja que apesar de estar preso teu corpo, tua alma não seja agarrada, estejas livre nos vínculos. "Livra-me dos que me detestam e das águas profundas".

**19** [16] "Não me afoguem as tempestades das águas". Já mergulhara. "Fui ao alto mar", tu disseste. "E a tempestade me submergiu", tu disseste. Submergiu quanto à carne, não afogue segundo o espírito. Àqueles aos quais foi dito: "Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra" (Mt 10,23), foram admoestados a não se atolarem nem pela carne, nem pelo espírito. Pois, não é desejável atolar-se nem mesmo quanto à carne, mas à medida do possível, devemos evitá-lo. Se porém formos apreendidos, se cairmos nas mãos dos pecadores, o corpo se atolou num lamaçal profundo; resta pedir pela alma que não se atole, isto é, que não consintamos. Não nos afogue a tempestade das águas, para chegarmos às profundezas do lodo. "Não me trague o abismo, nem a boca do poço se feche sobre mim". Que é isto, meus irmãos? Que súplica é esta? As profundezas da maldade humana são um poço fundo; quem ali cair, cai profundamente. No entanto, já ali, se confessar os seus pecados a seu Deus, a boca do poço não se fechará sobre ele, conforme se exprime outro salmo: "Das profundezas clamei a ti, Senhor; Senhor, escuta a minha voz" (Sl 129,1.2). Se, contudo, nele se realizar o que contém outra sentença da Escritura: "O pecador, se chegar às profundezas dos males, despreza" (Pr 18,3), a boca do poço se fechou sobre ele. Por que o poço fechou a boca? Porque fechou a boca do pecador. Perdeu ele a ocasião de confessar-se; verdadeiramente está morto e nele se realiza o que se encontra em outro lugar: "Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou" (Eclo 17,28). Isto é horroroso, irmãos. Se vires um homem que praticou o mal e por isso está mergulhado num poço, e lhe mostrares seu pecado, se ele responder: Sim, pequei, confesso, o poço não fechou sobre ele a boca. Mas, se disser: Que mal fiz eu? tornou-se defensor de seu pecado, a boca do poço se fechou sobre ele e não há possibilidade de tirá-lo de lá. Para quem perde a ocasião de se confessar, não há mais oportunidade de misericórdia. Tu te fizeste defensor de teu pecado; como Deus pode ser teu libertador? A fim de que ele seja teu libertador, acusa-te a ti mesmo.

## II SERMÃO

**1** [17.18] A segunda parte do salmo que ontem comentamos a V. Caridade, ficou para explicarmos hoje. E vejo que está na hora de pagar nosso débito, se todavia o seu tamanho não deixar hoje ainda devedores. Aviso previamente para não esperardes longa explanação das partes mais claras. Assim poderemos nos deter nos pontos mais obscuros, e talvez completemos o que falta, de tal modo que para outros dias fiquemos

devendo outras explicações e as demos. Vejamos, pois, os versículos seguintes a estes: “Nem a boca do poço se feche sobre mim”, tratados diante de V. Caridade, a fim de nos precavermos com toda intensidade de espírito, fé e piedade, evitando que tal maldição caia sobre nós. A boca do poço se fecha sobre alguém quando ele jaz no profundo da iniqüidade, mergulhado nos pecados, e além disso perde o acesso à confissão. Quando, porém, o homem diz: Sou pecador, entra um raio de luz até mesmo nas profundezas do poço. Continua o salmo, com as exclamações, no meio do sofrimento, de nosso Senhor Jesus Cristo, Cabeça e corpo. Conforme já relembramos, em determinados lugares deveis reconhecer as palavras da Cabeça. Quando as palavras não convêm à Cabeça, deveis referi-las ao corpo. Pois, Cris- to fala como sendo um só homem; verdadeiramente um só, do qual foi dito: “Serão ambos uma só carne” (Ef 5,31). Se são dois numa só carne, por que admirar que o sejam numa só voz? Pois, prossegue o salmo: “Escuta-me, Senhor, porque é benigna a tua misericórdia”. Assegurou que o motivo de ser ouvido está na benigna misericórdia de Deus. Não seria mais consentâneo dizer: Escuta-me, Senhor, para que me seja suave a tua misericórdia? Por que então: “Escuta-me, Senhor, porque é benigna a tua misericórdia?” O salmista acentuou a benignidade da misericórdia do Senhor em sua tribulação, com outras palavras: “Escuta-me, Senhor, porque estou atribulado”. Com efeito, quem diz: “Escuta-me, Senhor, porque estou atribulado” declara o motivo de pedir seja atentido; para o homem atribulado é preciso seja benigna a misericórdia de Deus. Vede como em outro ponto a Escritura se exprime sobre esta suavidade da misericórdia de Deus: “Oportuna é a misericórdia de Deus por ocasião da tribulação, é como a nuvem de chuva no tempo da seca” (Eclo 35,26). “Oportuna” aqui eqüivale a: “suave”. Também o pão é saboroso, se a fome precede. Por isso, quando o Senhor permite ou quer que soframos alguma tribulação, mesmo então é misericordioso; pois não nos tira o alimento, mas move nosso desejo. Por este motivo, que significa agora: “Escuta-me, Senhor, porque é benigna a tua misericórdia”: Não difiras o atendimento; estou tão atribulado. Seja-me suave e tua misericórdia. Diferias o socorro para que ele me fosse suave. Já não há motivo para adiares. Minha tribulação atingiu certa medida. Venha tua misericórdia, com um ato de bondade. “Escuta-me, Senhor, porque é benigna a tua misericórdia. Olha-me em tua imensa compaixão”, e não segundo a multidão de meus pecados.

**2** [18] “Não apartes de teu servo a tua misericórdia”. É manifestação de humildade: “de teu servo”, isto é, deste pequenino; porque já deixei a soberba através do ensinamento da tribulação. “Não apartes de teu servo a tua face.” Esta é a benigna misericórdia de Deus que acima mencionei. No versículo seguinte expõe o que acaba de dizer: “Estou atribulado, apressa-te em ouvir-me”. Por que: apressa-te? Já não podes adiar: estou atribulado. Minha aflição precede; siga a tua misericórdia.

**3** [19] “Atende a minha alma e resgata-a”. Não é necessário explicação; vejamos logo o seguinte. “Por causa de meus inimigos livra-me”. Esta prece de fato causa espanto. Não abreviemos, nem passemos por alto. É mesmo de admirar: “Por causa de meus inimigos livra-me”. Que quer dizer: “Por causa de meus inimigos livra-me?” A fim de que se

envergonhem, e se aflijam por causa de minha libertação. Então, se não houvesse os que se afligissem, com minha libertação, não devia ser socorrido? Uma libertação te é agradável quando consiste na condenação de outro? Pensemos que não existem inimigos que fiquem confundidos, ou atormentados por causa de tua libertação; ficarás preso? Não serás libertado? Ou valerás a teus inimigos a conversão, por meio de tua libertação? Mas mesmo assim é de admirar a causa da petição. Porventura o servo de Deus é libertado pelo Senhor seu Deus para o proveito de outrem? Então, se não houvesse quem tirasse proveito, aquele servo de Deus não devia ser libertado? Seja para onde for que me volte, para o castigo ou para a libertação dos inimigos, não vejo a cau-sa deste pedido: "Por causa de meus inimigos livra-me". A não ser que entendamos outra coisa. Depois que eu vô-la explicar com o auxílio do Senhor, julgará em vós aque-le que em vós habita. Existe uma libertação dos santos que é oculta; esta se realiza em proveito deles mesmos. E existe outra pública e evidente: esta se faz por causa de seus inimigos, seja para castigá-los, seja para libertá-los. Pois, efetivamente, Deus não libertou dos fogos do perseguidor os irmãos Macabeus. Antíoco, em sua raiva contra eles, empregou até a mãe deles. Queria que por suas carícias os levasse ao amor à vida, e amando a vida humana, morressem para Deus. Aquela mãe, ao invés, já não semelhante a Eva, e sim à Igreja, nossa mãe, contemplava com alegria diante da morte aqueles filhos que dera à luz na dor para tê-los vivos. Exortou-os a preferirem morrer pelas leis paternas do Senhor seu Deus a viverem contra elas (cf 2Mc 7). O que podemos acreditar, irmãos, a não ser que tenham sido libertados? Mas sua libertação foi oculta. Enfim, o próprio Antíoco, que os matou, pensava que havia feito o que ditava sua crueldade, ou antes o incitava a fazer. Ao contrário, os três jovens foram libertados manifestamente da fornalha ardente, porque seu corpo foi tirado de lá e sua salvação foi pública (cf Dn 3,49). Os primeiros, portanto, foram coroados ocultamente, e os segundos publicamente libertados; todos, contudo, salvos. Qual o fruto da libertação dos três jovens? Por que sua coroa foi adiada? O próprio Nabucodonosor converteu-se ao Deus deles. Ele anunciou que Deus livrou seus servos que ele havia desprezado, quando os lançou na fornalha ardente. Existe, portanto, libertação oculta; e há libertação manifesta. A libertação oculta pertence à alma e a manifesta ao corpo. Ocultamente a alma é libertada, e publicamente o corpo. Mas, se assim é, reconheçamos neste salmo a voz do Senhor; à libertação oculta pertence o que mencionei supra: "Atende a minha alma e resgata-a". Resta a libertação do corpo, porque quando ele ressurgiu, subiu aos céus, e enviou do alto o Espírito Santo, converteram-se, crendo nele, aqueles que se encarniçaram por ocasião de sua morte; e de inimigos tornaram-se amigos por obra da graça de Deus e não devido a sua própria justiça (cf At 1,9; 2,4). Por isso, continua o salmo: "Por causa de meus inimigos livra-me. Atende a minha alma"; mas isto ocultamente. "Por causa de meus inimigos", porém, livra também o meu corpo. De nada aproveitará a meus inimigos, se livrares apenas a minha alma; pensarão que fizeram alguma coisa, que realizaram algo. Que aproveitará meu sangue, se eu baixar à sepultura? (Sl 29,10). Por isso, "atende a minha alma e resgata-a", sendo isto de teu conhecimento apenas; em seguida, também "por causa de meus inimigos livra-me", para que minha carne não sofra a corrupção.

[1] Cf Com. s/ sl. 34, sermão II,3.

**4** 20.21 "Conheces meu opróbrio, minha confusão e minha ignomínia". Que é opróbrio? Que é confusão? Que é ignomínia? Opróbrio é aquilo que o inimigo lança. Confu-são é aquilo que atormenta a consciência. Ignomínia aquilo que faz uma face nobre se corar mesmo de uma falsa acusação. Não houve crime; ou se houve, não aquele de que alguém é acusado; contudo a fraqueza da alma humana muitas vezes leva à vergonha, mesmo diante de falsa acusação; não por causa da acusação, mas porque assim todo o mundo crê. Essas coisas todas acontecem ao corpo do Senhor. Pois, nele não podia haver confusão, porque não tinha culpa alguma. Os cristãos eram acusados pelo fato mesmo de serem cristãos. Isso constituía para eles uma glória. Os fortes o aceitavam de boa mente, e o aceitavam de tal modo que de forma alguma se envergonhavam do nome de seu Senhor. A irreverência cobrira-lhes o rosto, e tinham a coragem de Paulo para declararem: "Na verdade, eu não me envergonho do evan-gelho; ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crer" (Rm 1,16). Ó Paulo, não és adorador do Crucificado? Pouco importa, diz ele, não me envergonho disso; ao contrário, glorio-me apenas daquilo de que os inimigos pensam que me envergonho. "Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,12). A este rosto, pois, somente o opróbrio podia ser lançado. De fato, não podia haver confusão em sua consciência já curada, nem ignomínia numa fronte tão livre. Mas, quando alguns eram acusados de ter matado o Cristo, com razão se arrependeram do que lhes pesava na consciência, e confusos e convertidos para sua salvação, puderam dizer: "Conheces minha confusão". Tu, portanto, Senhor, conheceste não somente meu opróbrio, mas também minha confusão. Em alguns, conheceste também a ignomínia, porque apesar de crerem em mim, publicamente, diante dos ímpios envergonham-se de me confessar, tendo maior valor para eles a língua humana do que a promessa divina. Vede-os, pois; recomendai-os a Deus, a fim de que não os deixe neste estado, mas ajude-os a melhorarem. Disse ao Senhor certo homem que tinha uma fé hesitante: "Eu creio!", Senhor. "Ajuda a minha incredulidade" (Mc 9,23). "Diante de ti estão todos os que me afligem". Sabes qual o meu opróbrio. Sabes qual minha confusão. Sabes qual a minha ignomínia. Por conseguinte, por causa de meus inimigos, uma vez que conheces estas minhas fraquezas que eles desconhecem, e como elas estão em tua presença, não poderão confundir-se nem corrigir-se os que as desconhecem, se não me livrares manifestamente por causa de meus inimigos.

**5** 21 "Meu coração aguardou apenas invectivas e misérias". Que significa: aguardou? Ele previu o que havia de acontecer e o predisse. Não veio com outra finalidade. Se não quisesse morrer, nem teria nascido; ambas as coisas ele as fez por causa da ressurreição. Os dois fatos eram conhecidos no gênero humano, o outro era desconhecido. Efetivamente, sabíamos que os homens nascem e morrem; mas desconhecíamos que ressuscitariam e viveriam eternamente. No intuito de nos mostrar o que desconhecíamos, assumiu as duas fases que conhecíamos. Veio para este fim. "Meu coração aguardou

apenas invectivas e misérias". Mas, miséria de quem? Aguardou a miséria, mas principalmente a dos que crucificavam, dos perseguidores, de tal forma que a miséria existisse neles e no Senhor houvesse misericórdia. Ele se compadeceu da miséria daqueles, mesmo quando estava crucificado. Disse: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lc 23,34). "Meu coração aguardou apenas invectivas e misérias. Esperei quem comigo se contristasse e não houve". De que serviu ter eu esperado? isto é, que adiantou minha predição? Para que disse o fim de minha vinda? Vim para que se cumprisse o que afirmei: "Esperei quem comigo se contristasse e não houve; quem me consolasse e não achei", isto é, não existiu. No primeiro versículo disse: "Esperei quem comigo se contristasse", e no segundo, o mesmo: "quem me consolasse". No primeiro versículo: "e não houve", e no seguinte: "e não achei". Portanto, não é oração subordinada, mas repetição da primeira sentença. Se reconsiderarmos esta sentença, poderá surgir uma questão. Acaso seus discípulos não se contristaram quando foi conduzido à paixão, quando foi pregado no madeiro, quando morreu? De tal forma se entristeceram que Maria Madalena, que o viu primeiro, com alegria anunciou aos discípulos que choravam aquilo que ela vira (cf Jo 20,18). Assim o declara o evangelho. Não é uma imaginação, uma conjectura minha. Consta que os discípulos estavam mergulhados na dor, que choraram. Mulheres estranhas choravam quando ele era levado à paixão; o Senhor voltando-se para elas, disse: "Chorai, antes, por vós mesmas" (Lc 23,28), não por mim. Como, então, esperou quem com ele se contristasse e não houve? Observamos, e encontramos os discípulos tristes, chorosos, gemendo; daí parecer-nos de admirar esta sentença: "Esperei quem comigo se contristasse e não houve; quem me consolasse e não achei". Observemos mais atantamente e veremos que ele esperou quem com ele se contristasse e não houve. Pois, os discípulos se constris-tavam carnalmente acerca da vida mortal, que mudaria pela morte, mas seria restaurada pela ressurreição. Daí provinha aquela tristeza. Essa devia ter sido a daqueles cegos que mataram o médico, dos frenéticos com febre alta e perniciosa que injuriavam quem lhes dera a saúde. Ele queria curar, mas os outros se enfureciam; daí a tristeza do médico. Examina se ele encontrou quem o acompanhasse nessa tristeza. Não disse: esperei quem se contristasse e não houve, mas: "quem comigo se contristasse", isto é, a respeito do motivo de minha tristeza, "e não houve". Pedro, certamente amou-o muito, se lançou sem hesitar a andar sobre as ondas, e foi libertado a uma palavra do Senhor (Mt 14,29.31). Mas quando este foi levado à paixão, seguiu-o com a audácia do amor; no entanto, perturbou-se e o negou três vezes. Donde veio isto, senão porque parecia-lhe um mal a morte? Então, evitava o que considerava um mal. Doía-lhe ver no Senhor o que evitava para si. Foi por isso que dissera antes: "Deus não o permita, Senhor! Isto jamais te acontecerá" e então mereceu ouvir o nome: Satanás! depois de ter ouvido: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas" (Mt 16,17.122.23). Por conseguinte, na tristeza que sentiu o Senhor por causa daqueles pelos quais orou: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lc 23,34), não encontrou quem lhe fizesse companhia. "Esperei quem comigo se contristasse e não houve". Não houve absolutamente. "Quem me consolasse e não achei". Quais são os consoladores? Os que procuram progredir. Pois estes nos consolam, são um conforto

para todos os pregadores da verdade.

**6** [22] “Deram-me fel por alimento e em minha sede deram-me vinagre a beber”. Realizou-se à letra. O evangelho nô-lo indica. Mas, entendamos, irmãos. O fato de não ter encontrando quem me consolasse, de não ter achado quem comigo se contristasse tornou-se fel para mim, foi amargo, foi vinagre. Amargo devido à tristeza, vinagre por causa de seus antigos costumes. Pois lemos que foi-lhe oferecido fel, mas sgundo o evangelho para beber e não como alimento (Mt 27,34). Todavia, deve-se entender que se cumpriu esta predição: “Deram-me fel por alimento”. Devemos no próprio fato e não somente nas palavras procurar o mistério, investigar os segredos, entrar através do véu rasgado do templo, ali contemplar o sacramento, a razão do que foi dito e realizado. Diz o salmista: “Deram-me fel por alimento”. Não era alimento o que fora dado, pois era bebida; mas deram-no como “alimento”. O Senhor já recebera alimento, misturado com fel. Recebera, porém, um alimento suave, ao comer a páscoa com seus discípulos; então apresentou o sacramento de seu corpo (cf Lc 22,19). Neste alimento tão suave, tão doce da unidade do Cristo, que o Apóstolo recomenda, dizendo: “Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo” (1Cor 10,17), neste alimento tão suave quem é que coloca fel, senão os contraditores do evangelho, como aqueles perseguidores de Cristo? Menos pecaram os judeus que o crucificaram na terra do que aqueles que o desprezam quando já está sentado no céu. Fazem, pois, o mesmo que os judeus, os quais acrescentaram ao alimento que ele já tomara aquela bebida amarga, os que dão escândalo na Igreja, vivendo mal. Assim agem, os hereges rebeldes, mas não se elevem em si mesmos (cf Sl 65,7). Oferecem fel após alimento tão agradável. Mas o que faz o Senhor? Não os admite em seu corpo. Sinal disto é o próprio Senhor, que ao lhe oferecerem fel, provou e não quis beber (cf Mt 27,34). Se não os suportássemos, também de forma alguma os provaríamos; mas como é necessário suportá-los, temos de prová-los. Como esses tais não podem estar entre os membros de Cristo, podem ser provados, não porém ser recebidos no corpo. “Deram-me fel por alimento e em minha sede deram-me vinagre a beber”. Tinha sede e aceitei o vinagre; isto é, desejei a sua fé, mas encontrei os velhos costumes.

**7** [23. 24] “Sua mesa se lhes transforme em armadilha”. Sirva-lhes de armadilha a mesma que me armaram, dando-me tal bebida. Por que: lhes? Bastaria: “Sua mesa se transforme em armadilha”. Eles são dos tais que estão cientes de sua maldade e nela perseveram com pertinácia. Ela se lhes transforme em armadilha. São extremamente perniciosos estes que descem vivos à morada dos mortos (cf Sl 54,16). Finalmente, que se diz dos perseguidores? “Se o Senhor não estivesse conosco, decerto nos teriam devorado vivos” (Sl 123,2.3). Por que: “vivos?” Porque concordamos com eles, certos, no entanto, de que não devíamos consentir. Por isto, transforme-se-lhes em armadilha; e não se corrigem. Uma vez que a armadilha está diante deles, não reincidem? Eles sabem que ali está uma armadilha, põem o pé e dobram o pescoço. Como não seria melhor desviar-se da armadilha, reconhecer o pecado, condenar o erro, estar livre de amargura, entrar no corpo de Cristo, procurar a glória de Deus! Mas a tanto chega a presunção do espírito

que a armadilha está diante deles e eles nela caem. Seus olhos se "obscureçam e não vejam", prossegue o salmo. Uma vez que viram sem proveito, que não vejam mais. "Sua mesa se lhes transforme em armadilha. Transforme-se-lhes em armadilha", não é desejo, mas profecia; não é para que se faça, mas porque há de acontecer. Freqüentemente notamos isto, e deveis vos lembrar, a fim de que não vos pareça malévola impressão o que a mente do profeta declara sob inspiração do Espírito de Deus. Faça-se, portanto; nem poderá ser de outro modo, senão que tais coisas aconteçam a eles. E como vemos que através do Espírito de Deus tais males hão de vir para os maus, entendamos que se referem a eles, de tal sorte que os evitemos. É bom que o entendamos e tiremos proveito do exemplo de nossos inimigos. Venha, pois, sobre eles a "punição, o tropeço. Seria injusto? Não, é justo. Por que razão? Porque é punição". Não lhes acontece o que não mereciam. Torne-se "punição, tropeço", porque eles mesmos são escândalos para si.

**8** "Seus olhos se obscureçam e não vejam e seu dorso se incurve para sempre". É conseqüente. Aqueles cujos olhos se obscureceram para que não vejam, em conseqüência disso, têm o dorso encurvado. Donde provém isto? Como deixaram de conhecer as coisas do alto, necessariamente cogitam das inferiores. Quem ouve bem: Corações ao alto, não curva o dorso. Ereto, aguarda a realização de sua esperança depositada no céu; principalmente se de antemão enviar para lá seu tesouro, aonde seguirá o coração (cf Mt 6,21). Ao invés, os que, já obcecados, não entendem a esperança da vida futura, pensam nas coisas inferiores. Isto é que se chama ter o dorso encurvado. Desta doença o Senhor livrou aquela mulher. Satanás a havia prendido havia dezoito anos. O Senhor ergueu a mulher recurvada; mas como o fizera no sábado, os judeus se escandalizaram. Está certo que os judeus se tenham escandalizado com a mulher reta, pois eles eram recurvados (cf Lc 13,16). "E seu dorso se incurve para sempre".

**9** [25] "Derrama sobre eles tua ira e a indignação de tua cólera os alcance". É claro. Todavia, "os alcance", como se estivessem fugindo. Para onde hão de fugir? Para o céu? Tu lá estás. Para o inferno? Estás presente (cf Sl 138,8). Não querem usar de suas asas, para voarem diretamente: "E a indignação de tua cólera os alcance", não permitindo que fujam.

**10** [26] "Sua habitação fique deserta". Isto já se realiza manifestamente. Como havia aludido a sua libertação não só oculta com as palavras: "Atende a minha alma e resgata-a", mas também à libertação manifesta, quanto ao corpo, acrescentando: "Por causa de meus inimigos livra-me", assim também a eles prediz algumas calamidades futuras, mas ocultas, das quais falava um pouco acima. Pois, quantos são os que entendem a infelicidade do homem cujo coração já está cego? Arranquem-se-lhe os olhos do corpo e todos o chamarão de infeliz; perca os olhos espirituais, embora tenha abundância de bens e chamam-no de feliz, mas apenas os que igualmente perderam os olhos espirituais. Então, qual o castigo evidente, para que todos vejam que é castigo? Pois, a cegueira dos judeus foi punição oculta; qual a pública? "Sua habitação fique deserta e não haja quem

habite em suas tendas”. Assim sucedeu à própria cidade de Jerusalém, na qual se viram os poderosos a clamarem contra o Filho de Deus: “Crucifica-o! Crucifica-o!” (Jo 19,6), e prevaleceram porque puderam matar aquele que ressuscitava mortos. Como se julgaram poderosos, importantes! Seguiu-se a vingança do Senhor. A cidade foi tomada, vencidos os judeus, mortos não sei quantos milhares de homens. Agora a nenhum judeu é permitido ter acesso a ela. Puderam ali clamar contra o Senhor; ali o Senhor não lhes permite habitar. Perderam o lugar onde se mostrou o seu furor; oxalá agora ao menos conheçam o lugar de seu repouso! De que lhes serviu a declaração de Caifás: “Se o deixarmos assim, os romanos virão, destruindo o lugar santo e a nação”? (Jo 11,48). Eis que eles não o deixaram vivo e no entanto ele vive; e vieram os romanos e lhes tomaram o lugar santo e o reino. Acabamos de ouvir na leitura do evangelho: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu juntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará abandonada” (Mt 23,37.38). Identifica-se com o que se diz no salmo: “Sua habitação fique deserta e não haja quem habite em suas tendas. Não haja quem habite” dentre os judeus. Pois aqueles lugares todos estão cheios de homens, mas desprovidos de judeus.

**11** [27] Por que motivo? “Pois perseguiram aquele a quem feriste e agravaram a dor de minhas feridas”. Qual o seu pecado ao perseguir aquele a quem Deus feriu? Que lhe é imputado? A malícia. Pois, realizou-se em Cristo aquilo que importava se realizar. Viera, de fato, para sofrer, mas ele puniu o agente da paixão. O traidor Judas foi castigado, e Cristo foi crucificado, mas redimiu-nos com seu sangue, enquanto puniu a Judas pelo preço que recebeu. Este lançou fora as moedas de prata, pelas quais vendera o Senhor e não conheceu o resgate que o Senhor pagou por ele. Isto se cumpriu em Judas (cf. Mt 27,5). Mas se considerarmos certa medida de retribuição em todos, e que ninguém pode se enfurecer mais além do poder que recebeu, como foi que eles agravaram a sua dor, ou que significa este ferimento infligido ao Senhor? Com efeito, ele fala em lugar daquele do qual recebera ao corpo, de quem assumira a carne, isto é, do gênero humano, do próprio Adão, o primeiro a ser ferido de morte devido a seu pecado (cf Gn 3,19). Por conseguinte, os homens nascem mortais, marcados pela pena; esta pena se agrava em qualquer homem que for perseguido. Pois o homem não haveria de morrer se Deus não o ferisse; porque então, tu, ó homem, te encarniças mais ainda? É pouco que tenha de morrer um dia? Portanto, cada qual carrega a sua pena; e a esta pena querem agravar os que nos perseguem. Esta pena é infligida pelo Senhor. Efetivamente, a sentença do Senhor atingiu o homem: “No dia em que dela comeres terás de morrer” (Gn 2,17). Cristo assumiu esta carne atingida pela morte. Nosso velho homem foi crucificado com ele (cf Rm 6,6). No lugar deste homem o salmista proferiu estas palavras: “Pois perseguiram aquele a quem feriste e agravaram a dor de minhas feridas”. Que dor das feridas eles agravaram? Agravaram a do dos pecados. Chama de feridas os seus pecados. Mas não olhes para a Cabeça, volta a atenção para o corpo, em lugar de quem ele falou naquele salmo, onde sua voz aparece, uma vez que ele recitou da cruz seu primeiro versículo: “Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste?” E continua: “Longe

de minha salvação as vozes de meus delitos” (Sl 21,2). São desta espécie as feridas infligidas pelos ladrões no caminho àquele que o samaritano levou em seu jumento e que o sacerdote e o levita de passagem viram e desprezaram e não puderam cuidar dele. O samaritano que passava teve compaixão dele. Aproximou-se e colocou-o em seu próprio jumento (cf Lc 10,30-34). Samaritano, traduzido para o latim, é guarda. Quem é este guarda, senão nosso Salvador o Senhor Jesus Cristo? Ele ressuscitou dos mortos para não mais morrer (cf Rm 6,9). Não dormita nem há de dormir o que guarda Israel (cf Sl 120,4). “E agravaram a dor de minhas feridas”.

**12** [28] “Acumula iniqüidade sobre iniqüidade”. Que significa isto? Quem não se assustará? Diz-se a Deus: “Acumula iniqüidade sobre iniqüidade”. Como Deus acumulará iniqüidade? Acaso tem alguma para acumular? Sabemos que é verdade o que diz o apóstolo Paulo: “Que di-remos então? Que há injustiça por parte de Deus? De modo algum” (Rm 9,14). Então, como se diz: “Acumula iniqüidade sobre iniqüidade”? Como entender isto? Esteja Deus conosco para o explicarmos, e possamos fazê-lo brevemente, tendo em conta vosso cansaço. A iniqüidade deles consistia em terem matado o justo; acrescente-se ainda que crucificaram o Filho de Deus. Sua fúria se desencadeou contra um homem; mas se o conhecessem, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Eles, em sua iniqüidade, quiseram matá-lo como a um homem; uma iniqüidade se acumulou a outra, ao crucificarem o Filho de Deus. Quem acumulou esta iniqüidade? Aquele que disse: “Irão poupar o meu filho”. Enviá-lo-ei (Mt 21,37). Eles costumavam matar os servos que lhes eram enviados para cobrar o aluguel e os juros. O senhor da vinha enviou o próprio Filho, para que eles o matassem. Deixou que acumulassem iniqüidade sobre iniqüidade. Deus assim agiu, furioso, ou antes retribuindo com justiça? “Transforme-se-lhes em punição, tropeço”. Haviam merecido esta cegueira de não reconhecerem o Filho de Deus. Deus assim agiu, deixando que acumulassem iniqüidade sobre iniqüidade, não ferindo, mas também não curando. Da mesma forma que aumentas a febre, aumentas a doença, não empregando outra doença, mas deixando de socorrer, assim eles eram dos que mereciam ser curados, e aumentaram de certo modo sua malícia, conforme está escrito: “Quanto aos homens maus e impostores, eles progredirão no mal” (2Tm 3,13); e acumulou-se iniqüidade sobre iniqüidade. “E não participem de tua justiça”. Isto é evidente.

**13** [29] “Sejam riscados do livro dos vivos”. Alguma vez eles estavam inscritos neste livro? Irmãos, não devemos pensar que Deus inscreva o nome de alguém no livro da vida, e apague-o. Se um homem declarou: “O que escrevi, está escrito”, a respeito do título: “O rei dos judeus” (Jo 19,22), Deus haveria de escrever e apagar? Ele é presciente. Predestinou antes da criação do mundo todos os que haveriam de reinar com seu Filho na vida eterna (cf Rm 8,29). Finalmente, como fala o Espírito de Deus no Apocalipse, ao se referir às angústias que provocará o anticristo? “Adoraram-na todos cujo nome não está escrito no livro da vida” (Ap 13,8). Em conseqüência, sem dúvida alguma não adorarão aqueles cujo nome está escrito. Como então será apagado o nome se nunca foi escrito? É um modo de se expressar conforme a esperança deles, que se

julgavam inscritos. Que quer dizer: “Sejam riscados do livro da vida?” E no entanto, consta que eles lá não estão. Conforme este modo de se exprimir foi dito em outro salmo: “Mil cairão a teu lado, dez mil a tua direita” (Sl 90,7), isto é, muitos tropeçarão, pois esperavam ser do número dos que se sentarão a teu lado, esperavam ser do número dos que estarão à direita, e serão separados à esquerda, com os cabritos (cf Mt 25,33). Não digo que alguém estará ali primeiro e depois cairá, ou estará sentado junto dele e será rejeitado, mas que muitos cairão, com um choque, quando já se julgavam ali; isto é, muitos que tinham a esperança de sentar-se com Cristo, muitos que esperavam estar à direita, hão de cair. Assim acontece aqui com os que esperavam pelo mérito de sua justiça serem inscritos no livro de Deus, e aos quais se diz: “Vós examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna” (Jo 5,39); ao chegar sua condenação a seu conhecimento, serão apagados do livro dos vivos, isto é, conhecerão que lá não se encontram. Pois, o versículo seguinte expõe o que foi dito: “E não sejam inscritos entre os justos”. Disse, portanto: “Sejam riscados”, o que corresponde à esperança deles; de acordo com a eqüidade do Senhor que digo? “Não sejam inscritos”.

**14** [30] “Quanto a mim, sou pobre e estou dolorido”. Por quê? Será para sabermos que este pobre maldiz devido à amargura do espírito? Proferiu ele muitas coisas que lhe acontecerão. E como se lhe tivéssemos dito: Por que tais coisas? Não queira tantos males, responderá: “Quanto a mim, sou pobre e estou dolorido”. Reduziram-me à pobreza, provocaram em mim tal dor; por isso assim falo. Não é, contudo, raiva de quem maldiz, mas predição de profeta. Pois, mais adiante trata de certas conseqüências de sua pobreza e de sua dor, recomendando-nos a aprendermos a ser pobres e doloridos. Pois, são “bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus”; e: “bem-venturados os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,3.5). Por conseguinte, o próprio Senhor antes já nô-lo mostrou; por isso: “Quanto a mim sou pobre e estou dolorido”. É todo o seu corpo que assim reza. O corpo de Cristo na terra é pobre e dolorido. Mas, haja cristãos ricos. Se são efetivamente cristãos, são pobres; em comparação das riquezas celestes que esperam, todo seu ouro eles o consideram como areia. “Quanto a mim, sou pobre e estou dolorido”.

**15** [31] “A salvação que vem de teu rosto, ó Deus, me amparou”. Acaso este pobre foi abandonado? Quando te dignarás receber em tua mesa um pobre em andrajos? Entretanto, a salvação que vem do rosto de Deus o amparou; em sua face ele escondeu a pobreza dele. Na verdade, foi dito a este respeito: “Abrigá-los-ás no esconderijo de tua face” (Sl 30,21). Quereis saber quais as riquezas escondidas naquele rosto? As riquezas da terra te possibilitam comer o que queres, quando queres, aquelas, porém, de que nunca tenhas fome. “Quanto a mim, sou pobre e estou dolorido. A salvação que vem de teu rosto, ó Deus, me amparou”. Com que finalidade? Para que deixe de ser pobre e sofredor. “Louvarei em cântico o nome de Deus e o engrandecerei com louvor”. Já foi dito: este pobre louva o nome de Deus com cânticos, engrandece-o com louvor. Quando ousaria cantar, se não tivesse saciado sua fome? “Louvarei em cânticos o nome de Deus e o engrandecerei com louvor”. Imensas riquezas! Que gemas de louvor a Deus retirou

do seu tesouro interior! “Engrandecê-lo-ei com louvor”. Eis minhas riquezas. “O Senhor o deu, o Senhor o tirou”. Portanto, permaneceu infeliz? De forma alguma. Vê suas riquezas: conforme agradou ao Senhor, assim se fez “Bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). “Louvarei em cânticos o nome de Deus e o engrandecerei com louvor”.

**16** [32] “Será isto mais grato a Deus” (será agradável que eu o louve) “do que um novilho tenro, já com chifres e unhas”. Mais aprazível lhe será o sacrifício de louvor que o sacrifício de um novilho. “O sacrifício de louvor me glorificará, e ali está o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus. Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os teus votos ao Altíssimo” (Sl 49,43.14). Por conseguinte, louvarei a Deus, e isto lhe será mais grato do que um novilho tenro, “já com chifres e unhas”. Muito mais, portanto, agradará a Deus seu louvor que sai de minha boca do que uma excelente vítima levada a seu altar. Falaríamos algo a respeito dos chifres e unhas deste novilho? Quem for bem treinado e generoso no louvor de Deus deve ter chifres para lançar ao ar o adversário e unhas para arranhar a terra. Sabeis que assim fazem os novilhos já maiores, quando começam a ter a audácia dos touros. Pois, é ainda tenro, pela vida nova que tem. Se então um herege o contradiz, seja atacado com os chifres. Outro não contradiz, mas tem gosto pelas coisas terrenas e abjetas; seja atacado com as unhas. Por conseguinte, agradar-te-á meu louvor mais do que este novilho, naquela eterna sociedade dos anjos, após a pobreza e a dor, quando não haverá adversário a ser projetado longe no combate, nem um preguiçoso a ser levantado da terra.

**17** [33] “Vejam os pobres e se regozijem”. Creiam e se alegrem na esperança. É preferível serem pobres a fim de merecerem ser saciados; não arrotem a saturidade da soberba, pois do contrário ser-lhes-ia negado o pão que lhes traz vida sadia. “Buscai o Senhor”, ó pobres; sede fa-mintos e sedentos. Ele é o pão vivo que desceu do céu (cf Mt 5,6; Jo 6,51). “Buscai o Senhor e vossa alma reviverá”. Procurais o pão para que viva vossa carne; procurai o Senhor a fim que reviva a vossa alma.

**18** [34] “Porque o Senhor ouviu os pobres”. Ouviu os pobres; não os ouviria se não fossem pobres. Queres ser atendido? Sê pobre. Clama por causa da dor e não do fastio. “Porque o Senhor ouviu os pobres; e não se descuidou de seus cativos”. Ofendido pelos escravos, mandou-os prender; mas não se descuidou do clamor de seus cativos. Quais são as suas cadeias? A mortalidade, a corruptibilidade da carne são as cadeias que nos prendem. E queres saber qual a gravidade dessas cadeias? “Um corpo corruptível pesa sobre a alma” (Sb 9,15). Quando os homens querem ser ricos neste mundo, procuram os andrajos, estas cadeias. Mas bastem os andrajos como cadeias; busca somente ter quanto necessário. Se procurares o supérfluo, desejas onerar tuas cadeias. Nesta prisão somente as cadeias. “Baste a cada dia o seu cuidado” (cf Mt 6,34). Desta preocupação brota nosso clamor a Deus: “Porque o Senhor ouviu os pobres; e não se descuidou de seus cativos”.

**19** [35] “Louvem-no os céus e a terra, os mares e tudo o que neles se move”. As

verdadeiras riquezas deste pobre consiste em observar a criação e louvar o Criador. “Louvem-no os céus e a terra, os mares e tudo o que neles se move”. A criação pode louvar a Deus somente quando quem a considera o louva.

**20** 36.37 Ouve além: “Porque Deus salvará Sião”. Ele restaura sua Igreja, incorporando as gentes fiéis a seu Unigênito. Não defrauda os que nele crêem do prêmio prometido. “Porque Deus salvará Sião e reedificará as cidades da Judéia”. Trata-se das igrejas. Ninguém diga: Quando será que serão edificadas as cidades da Judéia? Oh! se quisesses reconhecer a construção, e ser uma pedra viva para nela entrares! Também agora se edificam as cidades da Judéia. Judá se traduz por confissão. Com a confissão da humildade se edificam as cidades da Judéia, de tal sorte que ficam fora os soberbos, os quais se envergonham de confessar. “Porque Deus salvará Sião”. Que Sião? Ouve os versículos seguintes: “E a descendência de seu servo a obterá e os que amam o seu nome nela terão morada”.

**21** Terminamos o salmo; mas por um pouco ainda não deixemos estes dois versículos. Eles nos advertem acerca de alguma coisa, a fim de não perdermos a esperança e entrarmos naquela construção. “A descendência de seu servo a obterá”. Quem é “a descendência de seu servo?” Talvez respondes: Os judeus nascidos de Abraão; nós, porém, que não nascemos de Abraão, como possuiremos esta cidade? Mas não faziam parte da descendência de Abraão aqueles judeus aos quais foi dito: “Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão” (Jo 8,39). “E a descendência de seu servo a obterá”. Os imitadores da fé de seus servos, “a obterão”. Enfim, o último versículo expõe o anterior. No intuito de não julgares, perturbado, aplicar-se aos judeus: “E a descendência de seu servo a obterá”, e replicares: Nós somos descendentes dos gentios, que adoraram os ídolos e serviram os demônios; que podemos esperar desta cidade? O salmista logo acrescenta, para presumires e esperares: “E os que amam o seu nome nela terão morada”, a saber, “a descendência de seu servo, que amam o seu nome”. Seus servos amaram seu nome. Todo aquele que não amar seu nome não diga que pertence à descendência de seus servos; ao invés, os que amam seu nome, não neguem que participam da desdendência de seus servos.

# SALMO 69

## SERMÃO

**1** [2] Graças sejam dadas ao grão de trigo por ter querido morrer e multiplicar-se (cf Jo 12,25); graças ao único Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que se dignou sofrer a morte como nós, a fim de nos tornar dignos de sua vida. Eis que ele ficou sozinho, até que passasse, conforme se diz em outro salmo: “Estou só, até que passe” (Sl 140,10). Era um grão isolado que continha em si imensa fecundidade. Alegremo-nos por causa de tantos grãos que imitaram sua paixão, quando celebramos o aniversário do nascimento para o céu dos mártires! Por conseguinte, muitos de seus membros, unidos pelo vínculo da caridade e da paz, sob a direção de uma só Cabeça, nosso próprio Salvador, como sabeis, pois o ouvistes com freqüência, formam um só homem. E a voz deles, como a de um só homem, ressoa muitas vezes nos salmos. Clama um só, como se fossem todos, porque todos se acham naquele único homem, como sendo um só. Ouçamos, portanto, que os mártires padeceram e no meio de furiosas tempestades de ódio correram perigo neste mundo; não tanto em relação ao corpo, que um dia deixariam, mas por causa da própria fé, que podia desfalecer. Talvez cedessem às fortes dores causadas pelas perseguições, ou pelo amor à vida presente, perdendo o prêmio prometido por Deus. Este lhes tirara todo medo, não somente por palavra, mas por exemplo. Pela palavra, ao exortar: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28). Pelo exemplo, fazendo o que ordenou em palavras, de sorte que não quisessem evitar as mãos dos que flagelavam, nem os tapas dos que feriam, nem a saliva dos que cuspiam, nem a coroa de espinhos, nem a cruz dos que matavam. Nada disso ele quis evitar, embora para ele não fosse necessário, mas por causa daqueles que disso precisavam. Tornava-se ele próprio medicamento para os doentes. Por conseguinte, os mártires sofreram; e se não estivesse com eles sempre aquele que disse: “Eis que estou convosco até a consumação dos séculos” (Mt 28,20), sem dúvida fracassariam.

**2** Encontra-se, pois, neste salmo a voz dos atribulados; de fato, dos mártires em perigo no meio dos padecimentos, mas confiantes em sua Cabeça. Ouçamo-los e falemos unidos a eles com todo o afeto do coração, apesar de não lhes sermos semelhantes na paixão. Pois, eles já estão coroados e nós ainda periclitamos. Não nos oprimem perseguições tais quais os oprimiram; mas são talvez piores, no meio de tantas espécies de variados escândalos. Em nosso tempo são mais abundantes aqueles “Ais” que o Senhor proferiu: “Ai do mundo por causa dos escândalos! E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 18,7; 24,12). Nem aquele santo Ló, em Sodoma, sofria alguma perseguição corporal, ou fora-lhe dito que lá não morasse; perseguição para ele foram os pecados dos sodomitas (cf Gn 19). Agora, pois, quando Cristo já está sentado no céu, já está glorificado, já submeteu as cervizes dos reis a seu jugo, e colocou em suas frontes o sinal da cruz, quando já não resta quem ouse atacar

publicamente os cristãos, ainda gememos entre os instrumentos de música e as flautas; ainda os inimigos dos mártires, uma vez que não podem persegui-los com gritos e espadas, perseguem-nos com uma dissolução. E oxalá lastimássemos isto apenas nos pagãos! Seria certo alívio aguardar que os não ainda assinalados com a cruz de Cristo, sejam assinalados e deixem sua fúria, presos pela autoridade de Cristo. Vemos mesmo os que trazem na fronte o sinal da cruz, com este trazer na própria face a marca de uma vida dissoluta; nos dias e solenidades dos mártires, em vez de exultarem, eles insultam. No meio destes gememos, e nisso consiste a nossa perseguição, se temos aquela caridade que assim se expressa: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me abrase?" (2Cor 11,29) Não há, pois, servo de Deus que não passe por perseguição; é bem verdade a palavra do Apóstolo: "Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo serão perseguidos" (2Tm 3,12). Verás onde, verás como; o diabo apresenta-se com dois aspectos diferentes. É leão em seu ímpeto, e é dragão nas insídias. Leão que ameaça, e é inimigo; dragão que arma ciladas, e é inimigo. Quando estaremos nós seguros? Mesmo que todos se tornem cristãos, acaso o diabo será cristão? Ele não cessa de tentar; não deixa de armar ciladas. Ele está refreado e preso no coração dos ímpios, a fim de não atacar com fúria a Igreja e não fazer quanto quer. Os ímpios rangem os dentes contra a dignidade da Igreja e a paz dos cristãos, e como não podem satisfazer sua fúria arrastando os corpos dos cristãos, por danças, blasfêmias, impurezas, dilaceram as almas dos cristãos. Clamemos, portanto, numa só voz, todos nós, estas palavras: "Deus, vem em meu auxílio". Precisamos sempre de auxílio neste mundo. E quando não? Agora, contudo, estando principalmente em tribulações, digamos: "Deus, vem em meu auxílio".

**3** [3] "Cubram-se de confusão e de vergonha os que buscam tirar-me a vida". É Cristo quem fala. Quer seja a Cabeça, quer o corpo, é ele quem fala: "Por que me persegues?" (At 9,4). É ele quem diz: "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,40). É conhecida a voz deste homem, do homem total, Cabeça e corpo; não é preciso lembrá-lo mais vezes, porque é notória. Diz o salmo: "Cubram-se de confusão e de vergonha os que buscam tirar-me a vida". Em outro salmo declara: "Olhava à direita e examinava, e não havia quem me conhecesse. Faltou-me todo meio de escapar e não há quem cuide de minha vida" (Sl 141,5). Afirma que entre os perseguidores não havia quem cuidasse de sua vida; aqui, porém, neste salmo: "Cubram-se de confusão e de vergonha os que buscam tirar-me a vida". Queixava-se de não ser procurado como exemplo; gemia porque era buscado para ser oprimido. Procuras a alma do justo, quando pensas em imitá-lo; e procuras a alma do justo, cogitando como matá-lo. Uma vez que há duas maneiras de procurar a vida do justo, em cada um desses salmos encontram-se uma ou outra. Naquele salmo queixa-se porque não existe quem o procure para imitar seus sofrimentos; neste, porém: "Cubram-se de confusão e de vergonha os que buscam tirar-me a vida". Procuram sua vida, mas não para terem duas. Não buscavam sua vida da maneira pela qual o ladrão procura a túnica do viajante; ele o mata, para expoliá-lo e ter a sua túnica. Quem, porém, persegue para matar, tira a vida,

mas não se reveste dela. Eles procuram minha vida, querem matar-me. E tu, que lhe desejas? “Cubram-se de confusão e de vergonha”. E onde fica o que ouviste de teu Senhor: “Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem”? (Mt 5,44). Eis que sofres perseguição, e maldizes aqueles que te fazem sofrer. Como é que imitas a paixão precedente de teu Senhor, que dizia da cruz: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”? (Lc 23,34). O mártir responde aos que assim replicam: Propuseste-me o exemplo do Senhor que pediu: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”; reconhece também a minha voz, para que se torne igualmente tua. Como me referi a meus inimigos? “Cubram-se de confusão e de vergonha”. Tal vingança já se efetuou nos inimigos dos mártires. Aquele Saulo que perseguiu Estêvão, ficou confundido e envergonhado. Respirava morticínios, procurava os que havia de arrastar e matar. Tendo ouvido do alto a voz: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Foi confundido e prostrado, e levantou-se para obedecer aquele que era ardoroso em perseguir (cf At 7,57; 9,1.4.6). Enquanto não ficam confundidos e envergonhados, necessariamente defendem seus atos. Consideram uma glória prender, amarrar, flagelar, matar, saltar, insultar. De todas essas ações um dia hão de se confundir e envergonhar. Se, portanto, se confundem e se convertem, uma vez que não podem se converter se não se cobrirem de confusão e de vergonha, optemos isso para nossos inimigos; desejemo-lo com segurança. Eis o que disse, e convosco direi: todos os que ainda saltam e cantam e insultam os mártires, “cubram-se de confusão e de vergonha”; que um dia, dentro dessas paredes, batam no peito, cheios de confusão.

**4** [4] “Voltem-se para trás e fiquem envergonhados os que planejam males para mim”. Anteriormente houve o ímpeto dos perseguidores; agora permaneceu a malevolência dos que planejam o mal. A Igreja, de fato, passa por épocas distintas de perseguição. Atacava-se a Igreja, quando eram os reis que perseguiam. E como estava predito que os reis haveriam de perseguir e de acreditar depois, uma parte se realizou, e a outra se seguiu. Aconteceu o que era conseqüente. Os reis acreditaram, a Igreja ficou em paz, a Igreja chegou ao cume das dignidades, mesmo nesta terra, mesmo nesta vida. Mas não faltam os ataques dos perseguidores. Seus ataques se transformaram em planos. Nesses, o diabo está como que preso no abismo (cf Ap 20,2); enfurece-se, mas não ataca. Foi afirmado acerca desta época da Igreja: “O pecador verá e se irritará”. Que fará? Por acaso o mesmo que anteriormente? Arrasta, prende, fere? Não; isso não. E então? “Rangerá os dentes e se consumirá” (Sl 111,10). Parece, então, que o mártir se encoleriza contra eles; contudo, em seu favor reza o mártir. Como o salmista desejava o bem daqueles sobre os quais disse: “Cubram-se de confusão e de vergonha os que buscam tirar-me a vida”, assim igualmente neste versículo: “Voltem-se para trás e fiquem envergonhados os que planejam males contra mim”. Para quê? Para não precederem, e sim seguirem. Aquele que reprova a religião cristã e quer viver a seu arbítrio, de certo modo quer ir à frente de Cristo; parece-lhe que este errou, foi sem valor e fraco, por ter querido ou podido sofrer nas mãos dos judeus. Pensa que ele próprio é sensato e prudente, por ser cordato, evitando estes males, escapando da morte, mentindo

malignamente para não morrer, matando sua alma para viver corporalmente. Precede a Cristo, reprovando-o; parece ir a sua frente. Creia em Cristo e siga-o. O próprio Senhor disse a Pedro o que é agora desejável a esses perseguidores que planejam o mal. Efetivamente, Pedro quis em certo momento preceder o Senhor. O Salvador falava sobre sua paixão, e que se não a aceitasse, não nos salvaríamos. Pedro, porém, que pouco antes havia confessado que ele era o Filho de Deus, e por causa desta confissão recebera a denominação de Pedra, sobre a qual seria edificada a Igreja, ao falar logo em seguida o Senhor acerca de sua futura paixão, replicou: "Deus não o permita, Senhor! Isto jamais te acontecerá! Imediatamente antes: Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus;" e agora, de repente: "Para trás, Satanás!" Que significa: "Para trás?" Segue-me. Queres me preceder, queres aconselhar-me; é melhor que sigas o meu conselho, a saber: Para trás, vem atrás de mim. Repreende o que vai à frente para que volte e fique atrás; chama-o de Satanás, porque quer preceder o Senhor. Anteriormente: "Bem-venturado", agora: "Satanás". Por que acima: "Bem-aventurado? Porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus". E de onde, agora: "Satanás? Porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens" (cf Mt 16,16-23). Nós que queremos celebrar dignamente a festa dos mártires, desejemos imitá-los. Não procuremos precedê-los, e pensar que somos mais prudentes porque evitamos os sofrimentos em prol da justiça e da fé, que eles não evitaram. Por isso, aqueles que planejam o mal e alimentam seus corações com a impureza, "voltem-se para trás e fiquem envergonhados". Ouçam o Apóstolo a dizer em seguida: "E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais"? (Rm 6,21).

**5** Como continua o salmo? "Retirem-se imediatamente rubros de confusão os que me dizem: Bem feito, bem feito". Há duas espécies de perseguidores: os que criticam e os que adulam. Mais persegue a língua do adulador do que a mão do carrasco; pois a Escritura a denomina também fornalha. Certamente há na Escritura a respeito da perseguição: "Examinou-os como o ouro no crisol" (Sb 3,6) (tratando dos mártires que foram mortos) "e aceitou-os como perfeito holocausto" (Sb 3,6). Ouve como a língua dos aduladores é desta espécie: "Há fornalha para a prata e forno para o ouro e o homem é provado pela boca dos que o louvam" (cf Pr 27,21). Este e aquele são fogo; de ambos precisas sair ileso. Se ficas alquebrado pelas censuras, arrebentaste na fornalha como um vaso de barro. A palavra te plasmou, e veio a tentação da tribulação. Importa seja queimado o vaso depois de plasmado; se está bem feito, vai para o forno para se consolidar. Daí dizer o Senhor na paixão: "Minha força secou-se qual vaso de argila" (Sl 21,16). A paixão e o crisol da tribulação o fizeram mais forte. De outro lado, se és elogiado por aduladores e cordatos, e concordares com eles, como se quisesse comprar o óleo que não trazias contigo, à maneira daquelas cinco virgens estultas (cf Mt 25,3), será uma fornalha, que te fará arrebentar, a boca dos que te elogiam. Mas não podemos evitar essas coisas. Temos de entrar em uma delas e sair dali. Entremos no meio das censuras dos mais, em certo consenso dos aduladores; mas precisamos sair dali. Rezemos àquele do qual foi dito: "Guarde-te o Senhor à entrada e à saída" (Sl 120,8), a fim de que

entrando íntegro, saias íntegro. Pois, afirma o Apóstolo: “Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Ouviste qual a entrada; ouve qual a saída: “Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” (1Cor 10,13). Por isso, também eles “retirem-se imediatamente rubros de confusão os que dizem: Bem feito, bem feito”. Por que razão eles me louvam? Louvem a Deus. Pois, quem sou eu, para ser louvado por mim mesmo? Ou que fiz eu? Que tenho que não tenha recebido? “E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4,7). “Retirem-se imediatamente rubros de confusão os que me dizem: Bem feito, bem feito”. A cabeça dos hereges está bem ungida com este óleo (cf Sl 140,5), quando declaram: Sou eu, sou eu. Responde-se-lhes: Tu, ó Senhor, és. Tomaram para si o dito: “Bem feito, bem feito”; e os que os seguiram: “Bem feito, bem feito”. Cegos que são fizeram-se guias dos cegos que os seguiram (cf Mt 15,14). Abertamente cantam em louvor a Donato: “Bem feito, bem feito”, bom chefe, chefe excelente. Mas, ele não replicou: “Retirem-se imediatamente rubros de confusão os que me dizem: Bem feito, bem feito”. Não os corrigiu, para dizerem a Cristo: Bom chefe, chefe excelente. O Apóstolo, ao invés, temendo o “bem feito” dos homens, e no intuito de ser louvado com verdade em Cristo, não quis que o louvassem em lugar de Cristo. Quando alguns afirmavam: “Eu sou de Paulo!” respondeu com a liberdade que dá o Senhor: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?” (1Cor 1,12.13). Por conseguinte, digam os mártires na perseguição até mesmo aos aduladores: “Retirem-se imediatamente rubros de confusão os que me dizem: Bem feito, bem feito”.

**6** [5] E que acontece quando eles se retiram rubros de confusão, sejam os que buscam tirar-me a vida, ou os que planejam males contra mim, ou os que por benevolência perversa e simulada, querem cobrar por meio de palavras suaves os que vão ferir? Que acontecerá quando se retirarem confusos? “Exultem e rejubilem em ti”, não em mim, não neste ou naquele; mas naquele que os transformou de trevas em luz. “Exultem e rejubilem em ti todos os que te procuram”. Uma coisa é procurar a Deus e outra procurar um homem. “Rejubilem em ti os que te procuram”. Não rejubilarão os que se procuram, e que procuraste antes que te procurassem. Aquela ovelha ainda não buscava o pastor; desgarrara-se do rebanho e o pastor desceu até onde ela estava: procurou-a e carregou-a aos ombros (cf Lc 15,4.5). Será que te desprezará, ó ovelha que curas quem primeiro te procurou quando o desprezavas e não o buscavas? Por isso, começa agora a procurar aquele que foi o primeiro a te procurar e carregou-te aos ombros. Faze o que ele disse: “Minhas ovelhas escutam a minha voz e elas me seguem” (Jo 10,27). Se, de fato, procuras a quem te procurou primeiro, e se te transformas em ovelha dele, e ouves a voz de teu pastor e o segues, nota o que ele te mostrou de si mesmo, o que mostrou de seu corpo, para não errares a seu respeito, nem acerca da Igreja e a fim de que ninguém te assegure: Ele é o Cristo, a respeito de quem não é Cristo; ou: esta é a igreja, enquanto não é a Igreja. Muitos afirmaram que Cristo não teve carne, nem que Cristo ressuscitou corporalmente. Não sigas suas palavras. Ouve a voz do próprio pastor, que se revestiu de

carne a fim de procurar a carne que se perdera. Ele ressuscitou e disse: “Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho”. Mostrou-se a ti; segue a sua voz. Mostrou também a Igreja. Ninguém te engane com aparências de uma igreja. “Era preciso que o Cristo sofresse e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia, e que em seu nome fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém” (Lc 24,39.46.47). Tens a voz de teu pastor; não sigas a voz dos estranhos. Não terás medo de ladrão, se seguires a voz do pastor. Como, porém, seguirás? Não dizendo a alguém, exaltando seus méritos: “Bem feito, bem feito”, nem ouças isto com alegria, a fim de que o óleo do pecador não unja tua cabeça (cf Sl 140,5). “Exultem e rejubilem em ti todos os quem te procuram e digam”. Que dirão os que exultam? “Sempre glorificado seja o Senhor”. Digam-no todos os que exultam e te procuram. O quê? “Sempre glorificado seja o Senhor, todos os que amam a tua salvação”. Não apenas: “seja glorificado o Senhor”, mas ainda: “sempre”. Eis que erravas, e te asfastaras dele. Ele te chamou: “glorificado seja o Senhor”. Ele ainda te inspirou a confissão de teus pecados. Confessaste e ele perdoou: “glorificado seja o Senhor”. Já começaste a viver na justiça; penso que de certo modo já és justo e tu te glorias. Com efeito, quando estavas no erro e ele te chamou, o Senhor devia ser glorificado; quando perdoou os pecados ao confessares, devia ser glorificado; e agora, já começaste a progredir por meio da audição da palavra de Deus, já foste glorificado, chegaste a certa excelência de virtude; és digno de também seres um pouco glorificado. “Digam: Sempre glorificado seja o Senhor”. És pecador; “seja glorificado” para te chamar. Confessas; “seja glorificado” a fim de que perdoe. Já vives com justiça; “seja glorificado” a fim de que te dirija. Perseveras até o fim; seja glorificado para que glorifique. “Sempre”, portanto, “seja glorificado o Senhor. Digam-no os justos, digam-no os que o buscam. Quem assim não se exprime não o procura. “Seja glorificado o Senhor”. Exultem e rejubilem todos os que o procuram” e digam: “Sempre seja glorificado o Senhor, todos os que amam a sua salvação”. A salvação deles vem de Deus, não de si mesmos. Salvação do Senhor nosso Deus, Salvador é nosso Senhor Jesus Cristo. Quem ama o Salvador confessa que foi curado. E quem confessa que foi curado, confessa que estava doente. “Digam”, portanto: “Sempre glorificado seja o Senhor”, todos os que amam a tua salvação; não a sua salvação, como se eles mesmos se salvassem; não como salvação de um homem, como se este pudesse salvar. “Não confieis nos príncipes, nos filhos dos homens que não podem salvar” (Sl 145,2.3). Por que isto? “Do Senhor vem a salvação. Sobre o teu povo, a tua bênção” (Sl 3,9). Por conseguinte, “Sempre glorificado seja o Senhor”. Quem é que assim se exprime? “Os que amam a tua salvação”.

**7** [6] Eis que “o Senhor seja glorificado”. E tu, nunca, em parte alguma? Nele, um tanto, em mim mesmo nada. Tu, como és, então? “Eu, porém, sou desvalido e pobre”. Ele é rico, ele está na fartura, ele de nada precisa. Esta é a minha luz, ele me ilumina. Por isso, clamo: “Senhor, fazes brilhar a minha lâmpada; iluminarás, meu Deus, as minhas trevas” (Sl 17,29). “O Senhor solta os grilhões dos cativos; o Senhor levanta os caídos. O

Senhor torna sábios os cegos; o Senhor protege os prosélitos" (Sl 145,7). E tu? "Eu, porém, sou desvalido e pobre". Sou como um órfão. Minha alma, como uma viúva acha-se desprovida e desolada. Procuro um auxílio. Confesso sempre minha fraqueza. "Eu, porém, sou desvalido e pobre". Meus pecados foram perdoados. Já começei a seguir os preceitos de Deus; no entanto, ainda "sou desvalido e pobre". Por que razão "desvalido e pobre?" Porque "percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão" (Rm 7,23). Por que motivo "desvalido e pobre?" Porque "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5,6). Ainda tenho fome, ainda tenho sede. Minha saturação foi adiada, não tirada. "Eu, porém, sou desvalido e pobre. Socorre-me, ó Deus". Como no começo do salmo: "Deus, vem em meu auxílio. Apressa-te, Deus, em socorrer-me". Não é sem razão que Lázaro significa socorrido, aquele desvalido e pobre, que foi levado ao seio de Abraão (cf Lc 16,22) e é tipo da Igreja de Deus, a qual deve sempre confessar que tem necessidade de auxílio. Tal é a verdade, a piedade. "Disse ao Senhor: És o meu Deus" (Sl; 15,2). Por quê? "Não precisas de meus bens". Ele não precisa de nós, mas nós precisamos dele; por isso, é verdadeiramente Senhor. Pois, tu não és genuíno senhor de teu escravo, pois ambos são homens, ambos necessitados de Deus. Se, porém, achas que teu escravo precisa de ti, para lhe dares o pão, tu também necessitas de teu escravo a fim de te ajudar nos trabalhos. Necessitais mutuamente um do outro. Por conseguinte, nenhum de vós é verdadeiramente senhor, e nenhum efetivamente escravo. Ouve qual o verdadeiro Senhor, do qual és verdadeiro servo: "Disse ao Senhor: És o meu Deus". Por que és o Senhor? "Não precisas de meus bens". E tu, quem és? "Eu, porém, sou desvalido e pobre". Deus nos alimente, Deus nos alivie, Deus nos ajude: "Socorre-me, ó Deus".

**8** "És o meu protetor e libertador, Senhor: não tardes". És meu protetor e libertador. Preciso de auxílio, ajuda-me; estou envolvido, livra-me. Ninguém livra de complicações, senão tu. Cercam-nos os laços de cuidados diversos; somos dilacerados daqui e dali, como que em espinhos e sebes. Andamos num caminho estreito. Talvez ficamos presos nas sebes. Digamos a Deus: "Tu és o meu libertador". Quem mostrou o caminho estreito (cf Mt 7,14), fez com que o seguíssemos. Esta palavra persevere em nós, irmãos. Por maior que seja o tempo em que vivermos na terra, por mais que nos aperfeiçoarmos aqui, ninguém diga: Basta-me; sou justo. Quem assim fala pára no caminho, não sabe alcançar o fim. Se disser: Basta, fica ali. Observa como ao Apóstolo não bastava; vê como quer ser ajudado, até chegar: "Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado". E para que ninguém pense que já o alcançou, diz novamente: "Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber" (1Cor 8,2). Como é que ele se exprime? "Irmãos, eu não julgo que eu mesmo tenha alcançado". Mais acima dissera: "Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito e continua: Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado". Se ainda não recebeu, é "pobre e desvalido"; se ainda não é perfeito, é "desvalido e pobre". Diz com razão: "Socorre-me, ó Deus". Mas entende alguma coisa, e entende-a melhor. Vê, no entanto como se expressa: "Ao que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos" (Ef 3,20). Observa, portanto, que ainda não chegou, ainda não

alcançou. Como, então? “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto” (Fl 3,12-14). Ele, portanto, corre, e tu estás preso. Ele diz que ainda não é perfeito e tu já te glorias de perfeição? Sejam confundidos os que te dizem: “Bem feito, bem feito”. Com eles tu também ficas confundido, porque dizes a ti mesmo: Bem feito, bem feito. Pois, quem louva a si mesmo diz: “Bem feito, bem feito”. Quem aceita o louvor dos outros não traz óleo consigo; apagam-se as lâmpadas, e o Senhor há de fechar a porta (cf Mt 25,3.10).

**9** Foi este o ensinamento do presente salmo, em resumo, caríssimos, por ocasião da solenidade dos mártires, a fim de entendermos que os mártires aqui passaram por tribulações corporais, enquanto nós, por mais que tenhamos paz, necessariamente padecemos tribulações espirituais. Forçoso é que no meio dos escândalos, do joio, da palha, gema a Igreja e aquela massa, até que venha a messe, até que venha a ventilação, a última, para separar a palha do trigo, e este seja recolhido no celeiro (cf Mt 13,20; 3,12). Enquanto isto não se realiza, clamemos: “Eu, porém, sou desvalido e pobre. Socorre-me, ó Deus. És o meu protetor, Senhor: não tardes”. Que quer dizer: “Não tardes?” Há muitos que dizem: Falta muito tempo para a vinda de Cristo. Por que, então, dizemos: “Não tardes”, virá antes do tempo marcado para vir? Qual o sentido deste desejo: “Não tardes?” Não me pareça grande a demora. Pode parecer-te longo; para Deus não é longo, pois para ele mil anos são como um só dia (cf Sl 39,4), ou três horas de vigília. Mas se não tiveres paciência, será demorado para ti; e como te será longo, afastar-te-ás dele e serás semelhante àqueles que no deserto se cansaram, e logo pediram a Deus delícias, reservadas para eles na pátria (cf Ex 16,2; At 7,39). E quando lhes foram dados no caminho os alimentos que apeteciam, e que talvez os pervertessem, murmuraram contra Deus e de coração voltaram ao Egito. Voltaram pelo coração para lá, de onde estavam corporalmente separados. Não faças também tu o mesmo. Não. Teme por causa da palavra do Senhor: “Lembrai-vos da mulher de Ló” (Lc 17,32). Ela, a caminho, já libertada de Sodoma, olhou para trás e ficou retida no lugar de onde olhou. Foi transformada em estátua de sal, a fim de te moderar (cf Gn 19,29). Sirva-te de exemplo a fim de teres ânimo e não ficares insípido no caminho. Observa aqueles que param, mas passa; atende àquele que olha para trás e avança para o que está diante, como Paulo. Que significa não olhar para trás? “Esquecer-se do que fica para trás”. Por isso, prossegue para o prêmio da vocação do alto, do qual depois hás de te gloriar, conforme assevera o mesmo Apóstolo: “Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,8).

# SALMO 70

## I SERMÃO

**1** Em todos os livros das Sagradas Escrituras é-nos recomendada a graça de Deus, que nos liberta, a fim de nos confiarmos a ela. É isto que canta o presente salmo, de que empreendemos falar a V. Caridade. Assista-nos o Senhor, para que eu conceba interiormente o que convém falar, e me exprima de tal sorte que vos seja útil. Muito nos comovem o amor e o temor de Deus. O temor de Deus porque ele é justo. O amor, porque é misericordioso. "Pois, quem pode dizer-te: Que fizeste" (Sb 12,12), se ele condenar o injusto? E como é grande a sua misericórdia quando justifica o injusto! Foi o que acabamos de ler e ouvimos como o Apóstolo recomenda vivamente a graça. Desta recomendação tinha como adversários os judeus, que presumiam da letra da Lei, e amavam a justiça como se fosse deles próprios, gabando-se dela. A respeito disto declara o Apóstolo: "Eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido". E como se alguém o interrogasse: Que quer dizer: zelo não esclarecido? ele prossegue: "Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus" (Rm 10,2.3). Gloriando-se por assim dizer, das obras, excluem a graça; e enquanto presumem de sua saúde, rejeitam o remédio. Dissera o Senhor contra esses: "Eu não vim chamar justos, mas pecadores. Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes" (Mt 9,13.12). A ciência verdadeira consiste em saber o homem que por si mesmo nada é; e que tudo o que é vem de Deus e existe por causa dele. Pois, "que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido"? (1Cor 4,7). O Apóstolo recomenda esta graça, e com isso angariou inimigos entre os judeus, que se gloriavam da letra da Lei e de sua própria justiça. Recomendando-a, portanto, na leitura que acabamos de fazer, assim se exprime: "Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus" (1Cor 15,9). "Mas obtive misericórdia, porque agi por ingnorância, na incredulidade". E pouco mais adiante: "Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro". Porventura, não existiram pecadores antes dele? Então, por que declara: "dos quais eu sou o primeiro?" Estava à frente de todos, não no tempo, mas na malícia. Por isso diz: "Se por esta razão me foi feita misericórdia, foi para que em mim Cristo demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer para a vida eterna" (1Tm 1,13.15.16). Com isso, se diz que qualquer pecador, iníquo, sem esperanças a respeito de si, de ânimo combativo, que faz o que quer uma vez que se julga necessariamente condenado, deve considerar o apóstolo Paulo, a quem Deus perdoou tanta crueldade, tanta malícia, a fim de não desesperar e se converter para Deus. Deus nos recomenda também tal graça, neste salmo. Examinemo-lo e vejamos se assim é, ou se devo entendê-lo de modo

diverso. Efetivamente, penso que são estes os sentimentos que ele exprime, e que isso ressalta de quase todas as palavras, a saber, ele nos recomenda a graça inteiramente gratuita de Deus, que nos livra a nós indignos, por sua própria causa, e não pela nossa. Mesmo que eu não o dissesse, nem previamente o explicasse, qualquer um, de entendimento mediano, prestando atenção às palavras do salmo, compreenderia assim. Talvez, devido a tais palavras, mesmo se fosse de outra opinião, mudasse de parecer e passasse a agir de acordo com elas. Como seria? Seria pôr em Deus toda a nossa esperança, em nada presumir de nossas forças atribuindo-as a nós mesmos, para não perdermos o que dele recebemos, dizendo que é nosso o que dele provém.

**2** [1] O salmo tem por título, conforme o uso de se indicar pelo título no limiar de uma casa o que ela contém, o seguinte: "Salmo de Davi. Dos filhos de Jonadab e dos primeiros que foram levados cativos". Conforme narra a profecia de Jeremias, Jonadab foi um homem que deu aos filhos a ordem de não beberem vinho, e de não morarem em casas e sim em tendas. Os filhos cumpriram o preceito do pai e mereceram com isso serem abençoados por Deus (cf Jr 35,6-10). Não fora o Senhor quem dera o preceito, mas o pai deles. Mas eles o cumpriram, como se fora ordenado pelo Senhor seu Deus. O Senhor não mandara que não bebessem vinho, que habitassem em tendas; no entanto, preceituara o Senhor que os filhos obedecessem ao pai. Não deve um filho obedecer ao pai somente se o pai ordenar algo contra a Lei do Senhor Deus. O pai não pode se encolerizar se for Deus o preferido. Quando, porém, o pai manda algo que não é contra Deus, deve ser obedecido como se fosse o próprio Deus, porque Deus ordenou que se obedecesse ao pai. Por esta razão, Deus abençoou os filhos de Jonadab, em vista de sua obediência, e apresentou seu exemplo ao povo desobediente, exprobrando-o porque os filhos de Jonadab haviam sido obedientes a seu pai, e eles não obedeceram a seu Deus. Jeremias referiu estas coisas quando tratava com o povo de Israel, preparando-o para ser conduzido em cativeiro a Babilônia, e a fim de não resistir à vontade de Deus. Que não esperasse outra coisa senão o cativeiro. Parece, portanto, que esses fatos dão colorido a este salmo, porque havendo dito: "Dos filhos de Jonadab", acrescenta: "e dos primeiros que foram levados cativos"; não quer dizer que os filhos de Jonadab foram levados cativos, mas opõem-se àqueles cativos os filhos de Jonadab, porque eram obedientes ao pai, e assim eles entenderiam que se tornaram cativos, porque desobedeceram a Deus. Acrescente-se ainda que Jonadab significa espontâneo do Senhor. Por que: espontâneo do Senhor? Porque servia a Deus de boa vontade, livremente. Que significa: espontâneo do Senhor? "Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei" (Sl 55,12). Que significa: espontâneo do Senhor? "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos" (Sl 53,8). Se o Apóstolo ensina ao escravo que sirva ao homem, seu senhor, não coagido, mas de boa vontade e que, ao servir de bom grado ele é livre no coração, quanto mais se deve prestar serviço a Deus com vontade inteira plena e livre, uma vez que ele vê a tua vontade? Pois se teu escravo não te serve de coração, podes ver suas mãos, seu rosto, sua presença, mas não vês o coração; contudo, diz-lhes o Apóstolo: "Servindo-os, não quando vigiados". Que quer dizer: "quando vigiados?" Então, meu senhor há de me ver,

como o sirvo, para dizeres: “não quando vigiados?” Ele acrescenta: “Mas como servos de Cristo”. O senhor, que é apenas homem, não vê, mas Cristo senhor vê. “Tende boa vontade” (Ef 6,6.7). Tal foi Jonadab; isto significa seu nome. Quem são, então, “os primeiros que foram levados cativos?” Os filhos de Israel foram feitos prisioneiros uma vez, duas vezes, três vezes; mas o salmo não se refere a estes, nem fala daqueles que foram os primeiros a serem levados; isto é, se examinarmos, perscrutarmos, interrogarmos o salmo, em todos os seus versículos, encontramos coisa diferente. Não fala daqueles homens que não sei por quem, nem quando, com a invasão dos inimigos, foram levados de Jerusalém como cativos para Babilônia. Mas, o que diz o salmo, senão o que ouvistes do Apóstolo? Ele nos recomenda a graça de Deus. Recomenda-nos, porque nós, por nós mesmos, nada somos; recomenda-nos, porque tudo o que somos, nós o somos devido à misericórdia de Deus. Por tudo aquilo que temos de nós mesmos, somos maus. Por que motivo, então, “cativos?” E por que a palavra cativeiro recomenda a própria graça do libertador? O próprio Apóstolo nô-lo descobre: “Apraz-me a Lei de Deus, segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros”. Vê como és arrastado ao cativeiro. O que recomenda então este salmo? Como continua o Apóstolo aquela passagem: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,22-25). Por que, então: “primeiros?” Pois, foi dita a razão de se dizer: “cativos”. A meu ver, também isso é claro. Comparada ao procedimento dos filhos de Jonadab toda desobediência é culpada. Pela desobediência tornamo-nos cativos, porque o próprio Adão pecou por não obedecer. Declarou o mesmo Apóstolo — e é verdade — que “assim a morte passou a todos os homens, porque em Adão todos pecaram” (Rm 5,12). Com razão, “os primeiros foram levados cativos, porque o primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu, e é celeste. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste” (1Cor 15,47-49). O primeiro homem nos fez prisioneiros; o segundo homem nos libertou do cativeiro. “Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,22). Mas em Adão todos morrem através do nascimento corporal; em Cristo são libertados pela fé do coração. Não dependeu de teu poder não nasceres de Adão; mas está em teu poder creres em Cristo. Na medida que quiseres pertencer ao primeiro homem, pertencerás ao cativeiro. E que significa: quiseres pertencer? Ou, que é: pertencer? Já pertences; por isso exclama: “Quem me libertará deste corpo de morte?” (Rm 7,24). Ouçamos, pois, os clamores deste homem.

**3** “Ó Deus, em ti esperei; Senhor, não seja confundido para sempre”. Já estou confundido; mas não o seja eternamente! Como não ficará confundido aquele ao qual se diz: “E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais?” (Rm 6,21). Como se fará, para não nos confundirmos eternamente? “Acercai-vos dele e sereis iluminados e vosso rosto não se cobrirá de confusão” (Sl 33,6). Encheste-vos de confusão em Adão; afastai-vos dele, aproximai-vos de Cristo e já não vos envergo-

nhareis. “Em ti esperei, Senhor; não seja confundido para sempre”. Se em mim sou confundido, em ti não serei confundido para sempre.

**4** [2] “Por tua justiça livra-me e socorre-me”. Não em minha justiça, e sim na tua; se for em minha justiça, serei do número daqueles aos quais se refere o Apóstolo: “Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). Portanto, “por tua justiça”, e não através da minha. Pois, em que consiste a minha? Precedeu a iniqüidade. Se sou justo, isto provém de tua justiça. Pela justiça que me dás torno-me justo, e esta justiça será minha enquanto for tua, isto é, dada por ti. Pois, acredito naquele que justifica o ímpio, para que minha fé me seja imputada como justiça (cf Rm 4,5). Por conseguinte, será assim também minha justiça; não enquanto minha própria, mas enquanto me foi dada por mim mesmo, ao contrário do que pensavam aqueles que se gloriavam da letra e rejeitavam a graça. Foi dito em outro salmo: “Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça” (Sl 7,9). Sem dúvida, não se gloriava de sua justiça. Mas o Apóstolo me relembra: “Que é que possuis que não tenhas recebido”? (1Cor 4,7). Denomina-a tua justiça, mas sem esqueceres que a recebeste e sem invejares os que a recebem. Pois também aquele fariseu dizia, como se a tivesse recebido de Deus: “Eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens. Eu te dou graças”: muito bem. “Porque não sou como o resto dos homens”: por quê? Apraz-te ser bom porque o outro é mau? Afinal, o que acrescentas? “Injustos, ladrões, adúlteros, nem como este publicano”. Agir assim não é exultar e sim insultar. O outro, porém, como um cativo, “não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: Senhor, tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,11.13). Não basta que reconheças provir o bem que há em ti de Deus; também não te deves exaltar acima daquele que ainda não tem esse dom. Talvez ao recebê-lo, ele te ultrapasse no bem. Quando Saulo apedrejava Estêvão, havia muitos cristãos que ele perseguia (cf At 7,59). No entanto, quando ele se converteu, superou a todos os que o precederam. Por isso, repete a Deus o que ouviste no salmo: “Em ti esperei, Senhor; não seja confundido para sempre. Por tua justiça”, não pela minha, “livra-me e socorre-me. Inclina para mim o teu ouvido”. Esta confissão é humilde. Quem pede: “Inclina para mim”, confessa que jaz prostrado, doente, diante do médico que está de pé. Finalmente, vê como fala o doente: “Inclina para mim o teu ouvido e salva-me”.

**5** [3] “Sê para mim um Deus protetor”. Os dardos do inimigo não me alcancem. Não posso proteger-me por mim mesmo. E não basta dizer: “protetor”, mas acrescenta: “uma cidadela forte que me salve”. Sê para mim “cidadela forte”. Tu és a minha cidadela. Para onde, Adão, fugias de Deus, escondendo-te entre as árvores do paraíso? (cf Gn 3,8). Por que temias a presença daquele que costumava ser a tua alegria? Fugiste e pereceste. Foste feito prisioneiro. Eis que Deus te visita, não te abandona. O Senhor, deixa as noventa e nove ovelhas nos montes para procurar a ovelha perdida. E diz da ovelha que encontra: “Estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado” (Lc 15,4.24). Eis que o próprio Deus se fez lugar de teu refúgio; antes, te incutira medo e fugiras. Sê para mim “uma cidadela forte, que me salve”. Apenas em ti encontro

salvação; se não fores meu repouso, não serei curado de minha doença. Levanta-me do chão; esteja prostrado em ti, a fim de levantar-me e ir para uma forte cidadela. Que haverá de mais defendido? Quando te refugiares naquele lugar, dize-me: De que adversários terás medo? Quem te armará ciladas e te alcançará? Diz-se de alguém que clamou do alto de um monte, quando o imperador passava: Não falo de ti. E este olhou para cima e respondeu: Nem eu de ti. Desprezara o imperador bem armado, e com poderoso exército. De onde? De um lugar bem defendido. Se ele se sentia seguro no alto do monte, como não estarás tu junto daquele que fez o céu e a terra? "Sê para mim um Deus protetor, uma cidadela forte, que me salve". Se escolher outro lugar para mim, não poderei me salvar. Escolhe bem, ó homem, se encontrares, um lugar mais defendido. Não é possível fugir dele, senão junto dele. Se queres escapar a sua ira, foge para junto dele, já aplacado. "Porque és, Senhor, minha firmeza, meu refúgio". Que significa: "minha firmeza?" Sou firme por ti e devido a ti. "Porque és minha firmeza, meu refúgio". No intuito de me tornar firme, através de ti, cada vez que me sentir fraco em mim mesmo, refugiar-me-ei em ti. A graça de Cristo te faz firme, e imóvel contra todas as tentações do inimigo. Mas lá onde se acha a fraqueza humana, encontra-se também ainda o primeiro cativeiro, e a lei nos membros que repugna à lei do espírito, querendo levar cativo à lei do pecado (cf Rm 7,23); ainda o corpo que corrompe pesa sobre a alma (cf Sb 9,15). Por mais firme que sejas pela graça de Deus, enquanto ainda carregas este vaso terreno que encerra o tesouro de Deus, deves recear algo até mesmo do próprio vaso de barro (cf 2Cor 4,7). Por conseguinte, tu és Senhor "a minha firmeza", a fim de ser forte neste mundo contra todas as tentações. Mas se forem muitas, e me perturbam, "tu és o meu refúgio". Confesso a minha fraqueza, sendo tímido como a lebre, uma vez que estou coberto de espinhos como o ouriço. Também se diz em outro salmo: "Os rochedos são asilos para os ouriços e as lebres". A pedra, porém, era Cristo (cf Sl 103,18; 1Cor 10,4).

**6** [4] "Meu Deus, tira-me das mãos do pecador". Dos pecadores, em geral, no meio dos quais labuta este homem que já deve ser libertado do cativeiro; este que já grita: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso" (Rm 7,24.25). O inimigo é interno, aquela lei nos membros; existem inimigos também de fora. Por quem clamas? Por aquele ao qual foi dito: "Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos". E dos alheios, poupa teu servo (Sl 18,13.14). Em conseqüência, quando se diz: "Salva-me" é relativo a tua doença interior, isto é, a tua iniqüidade, que te faz cativo e pela qual pertences ao velho homem, de sorte que clamas no meio dos primeiros cativos. Foste salvo de tua iniqüidade, e também já da iniqüidade alheia, da maldade daqueles entre os quais precisas viver até que termine a vida presente. E até quando? Eis que termina para ti. Porventura acaba também para a Igreja? Apenas no fim do mundo? Este homem único, a unidade de Cristo, pois, clama essas palavras. É certo, portanto, que muitos fiéis que deixam o corpo já se encontram naquele repouso que Deus concede aos espíritos dos fiéis; mas aqui na terra ainda há membros de Cristo que vivem a vida presente e os pósteros que ainda hão de nascer. Por isso, até o fim do

mundo estará aqui este homem que clama para ser libertado de seus pecados e da lei de seus membros que luta contra a lei do espírito. Em seguida, por causa dos pecados daqueles entre os quais necessariamente há de viver até o fim. Mas estes pecadores são de duas espécies: uns são os que receberam a lei e outros que não a receberam. Todos os pagãos não receberam a Lei, e todos os judeus e cristãos a receberam. Portanto, o nome de pecador é geral: ou transgressor da Lei, a recebeu; ou simplesmente iníquo sem lei, se não recebeu a Lei. O Apóstolo faz referência a ambas as espécies: "Todos aqueles que pecaram sem Lei, sem Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com a Lei, pela Lei serão julgados" (Rm 2,12). Tu, porém, que gemes no meio de ambos, repete a Deus o que ouves o salmo dizer: "Meu Deus, tira-me das mãos do pecador". De qual? "Do poder do transgressor e do iníquo". Existe, efetivamente, um iníquo que é transgressor da Lei. Pois, não deixa de ser iníquo quem transgride a Lei; mas se todo transgressor da Lei é iníquo, nem todo iníquo é transgressor da Lei. Diz o Apóstolo: "Onde não há Lei, não há transgressores" (Rm 4,15). Os que não receberam a Lei podem ser ditos iníquos, mas não prevaricadores. Cada um é julgado conforme seus méritos. Eu, contudo, que procuro libertar-me do cativeiro por tua graça, por ti clamo: "Tira-me das mãos do pecador". Que são as suas mãos? Seu poder. Não aconteça que me leve ao consentimento, por meio de seu furor; nem por insídias persuada à prática da iniqüidade. "Do poder do transgressor e do iníquo". Responde-lhe: Como queres te libertar da mão do transgressor da Lei e do iníquo? Não consintas; se ele se enfurece, sê paciente, tolera. Mas quem pode tolerar se abandonar aquele que é uma forte cidadela? Por que razão digo, então: "Tira-me das mãos do transgressor da Lei e do iníquo?" Porque por mim mesmo não posso ser paciente, e sim por ti que me dás a paciência.

**7** 5.6 Finalmente, segue o motivo por que digo: "Porque és, Senhor a minha paciência". Uma vez que há paciência, com razão continua o salmista: "Senhor, és a minha esperança desde a minha juventude". Minha paciência, porque minha esperança; ou melhor, minha esperança, porque minha paciência? Declara o Apóstolo: "A tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona" (Rm 5,3.5). Com razão, "em ti esperei, Senhor; não seja confundido para sempre. Senhor, és a minha esperança desde a minha juventude". Desde a tua juventude é que Deus é tua esperança? Não o foi desde a meninice, a infância? Certamente, diz o salmista. Pois, vê como continua; para não pensares que sou eu que afirmo: "Minha esperança desde a minha juventude", como se em nada ajudasse Deus a minha infância ou meninice, ouve o versículo seguinte: "Em ti me apoiei desde o nascer". Ouve ainda: "Desde o seio materno és o meu protetor". Por que diz então: "desde a minha juventude" se não porque então comecei a esperar em ti? Pois, antes não esperava em ti, embora tenhas sido meu protetor, que me conduziu são e salvo ao tempo em que podia aprender a esperar em ti. Por conseguinte, desde a minha juventude comecei a esperar em ti. Desde então armaste o diabo contra mim, a fim de que munido nas fileiras de teu exército com a tua fé, caridade e esperança e demais dons combatesse contra teus inimigos invisíveis, e ouvisse a palavra do Apóstolo: "Pois o

nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal" (Ef 6,12). É, portanto, um jovem que luta contra todos esses; mas enquanto jovem há de cair se não for sua esperança aquele ao qual ele clama: "Senhor, és a minha esperança desde a minha juventude".

**8** "De ti é sempre o meu cantar". Acaso foi desde que comecei a esperar em ti até agora? Mas, diz o salmo: "Sempre". Que significa: "sempre?" Não apenas durante o tempo da fé, mas também na visão. Pois agora, enquanto estamos neste corpo, peregrinamos longe do Senhor (cf 11 Cor 5,6.7); caminhamos pela fé, não pela visão. Virá o tempo de vermos o que acreditamos sem ter visto. Alegrar-nos-emos ao vermos o que cremos, mas os ímpios sentirão confusão ao ver o que não acreditaram. Então virá a realidade, objeto de nossa esperança agora. Ver o que se espera não é esperar. E se esperamos o que não vemos, é na paciência que esperamos (cf Rm 8,24). Agora, portanto, gemes, agora corres para um refúgio a fim de te salvares; agora, cheio de fraquezas pedes um médico. Que será ao receberes também a perfeita saúde? Que será, ao te tornares igual aos anjos de Deus? (cf Mt 22,30). Poderás esquecer esta graça que te libertou? De forma alguma. "De ti é sempre o meu cantar".

**9** [7] "Tornei-me um prodígio para muitos". Que acontece aqui, neste tempo de esperança, tempo de gemidos, tempo de humildade, tempo de dores, tempo de fragilidade, tempo de gritarem os prisioneiros? "Tornei-me um prodígio para muitos". Por que "um prodígio?" Por que me insultam os que me consideram um "prodígio?" Porque acredito naquilo que não vejo. Eles, de fato, contentes com o que vêem, alegram-se com bebida, luxúria, desones-tidade, avareza, riquezas, rapinas, dignidades mundanas, paredes de barro branqueadas; alegram-se com estas coisas. Eu, porém, sigo caminho diferente, desprezando as coisas presentes, tendo medo da prosperidade mundana; não me sinto seguro senão com as promessas de Deus. E eles me dizem: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos" (1Cor 15,32). O que dizes? Repete. "Comamos e bebamos". Muito bem! E o que acrescentaste? "Amanhã morreremos". Tu me aterrorizaste. Não me seduziste. Com efeito, incutiu-me pavor aquilo mesmo que acrescentaste e não consenti. "Amanhã morreremos", disseste; o antes: "Comamos e bebamos". Após: "Comamos e bebamos", acrescentaste: "Amanhã morreremos". Digo o contrário: Ao invés disso, jejuemos e rezemos, pois amanhã morreremos. Mantendo-me neste caminho estreito e apertado, "tornei-me um prodígio para muitos; mas foste para mim poderoso protetor". Assiste-me, Senhor Jesus, que me dizes: Não desanimes na estrada estreita; eu passei primeiro, eu sou o próprio caminho (cf Jo 14,6), eu conduzo, guio em mim, levo a mim mesmo. Portanto, embora me tenha tornado "um prodígio para muitos", não temerei, porque és "para mim poderoso protetor".

**10** [8] "De teu louvor se encha a minha boca, para cantar tua glória e tua grandeza todos os dias". Por que: "todos os dias?" Sem interrupção. Na prosperidade, porque consolas; na adversidade, porque corriges, antes que eu existisse, porque me fizeste; quando já

existia, porque me deste a salvação; quando pequei, porque perdoaste; quando me converti, porque me ajudaste; quando perseverar, porque coroaste. Assim, de fato, “de teu louvor se encha a minha boca, para cantar tua glória e tua grandeza todos os dias”.

**11** [9] “Não me desampares no tempo da velhice. Minha esperança desde a juventude, não me desampares no tempo da velhice”. Que tempo da velhice é este? “Quando me declinarem as forças, não me abandones”. Aqui Deus pode te responder: Ao contrário, declinem tuas forças, para que permaneça em ti a minha força, e digas com o Apóstolo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Não receies ser abandonado na fraqueza, na velhice. O teu Senhor não se debilitou na cruz? Diante dele, como se fosse um homem sem forças, cativo e oprimido, os fortes e os touros cevados não menearam a cabeça e não disseram: “Se é Filho de Deus, desça da cruz”? (Mt 27,39.40). Acaso foi abandonado em sua fraqueza aquele que preferiu não descer da cruz? Não que não quisesse mostrar seu poder, mas para não parecer ceder aos que o injuriavam. Qual o ensinamento do crucificado, que não quis descer da cruz, senão a paciência no meio dos insultos, senão a tua fortaleza no teu Deus? Talvez a ele se refira o versículo: “Tornei-me um prodígio para muitos; mas foste para mim poderoso protetor”. Pode ser atribuído a ele segundo a fraqueza, não segundo o poder; segundo a natureza em que nos representava, não segundo aquela em que ele descera. Tornara-se para muitos um prodígio. Provavelmente nisto consistia sua velhice, porque uma coisa antiga com razão se diz velha, e o Apóstolo declara: “Nosso velho homem foi crucificado com ele” (Rm 6,6). Onde se encontrava o velho homem, ali havia velhice; se antigo, é velho. No entanto, como é verdade que: “Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude” (Sl 102,5), Cristo ressuscitou ao terceiro dia e prometeu-nos a ressurreição no fim do mundo. A Cabeça já nos precedeu; os membros hão de seguir. Por que receias que te abandone, te desampare no tempo da velhice, ao declinarem tuas forças? Muito ao contrário; então estará em ti a sua força, quando faltarem as tuas.

**12** [10.11] Por que falo assim? “Porque falam de mim os meus inimigos. Observam-me e contra mim conspiram, dizendo: Deus o abandonou. Persegui-o e prendei-o; porque não há quem no-lo tire das mãos”. Assim foi dito a respeito de Cristo: aquele que pelo grande poder da divindade, na qual é igual ao Pai, ressucitara mortos, de repente nas mãos dos inimigos se fizera fraco e foi preso como se nada pudesse fazer. Seria preso, se eles primeiro não dissessem no coração: “Deus o abandonou?” De onde provém aquela palavra, dita por ele na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste”? (Sl 21,2). Portanto, Deus abandonou a Cristo, conquanto ele no Cristo reconciliasse o mundo consigo, sendo Cristo também Deus, nascido da raça judaica segundo a carne, mas Deus acima de tudo bendito pelos séculos? (cf 2Cor 5,19; Rm 9,5). Deus o abandonou? De forma alguma. Mas era a nossa voz, de nosso velho homem, porque o velho homem fora crucificado com ele; e ele tomara carne de nosso velho homem, porque Maria era da descendência de Adão. Por conseguinte, ele disse na cruz o que os judeus haviam pensado a seu respeito: “Por que me desamparaste?” (Mt 27,46). Por que eles, em sua maldade, me consideram abandonado? Que significa: em sua maldade, me

consideram abandonado? Pois, se o conhecessem, jamais teriam crucificado o rei da glória (cf 1Cor 2,8). “Persegui-o e prendei-o”. Atribuamos, contudo, essas palavras, meus irmãos, de maneira usual, aos membros de Cristo, e reconheçamos a nossa voz nessas expressões. Cristo usou estas palavras em nosso lugar, não devido a seu poder e majestade, mas devido àquilo que ele se fez por nós; não segundo o que era aquele que nos criou.

**13** [12] “Senhor, meu Deus, não te afastes de mim”. Deste modo acontece, pois ele não se afasta absolutamente. O Senhor está perto dos contritos de coração (Sl 33,19). “Meu Deus, olha-me para me acudir”.

**14** [13] “Sejam confundidos e pereçam os que atentam contra minha vida”. Qual a sua opção? “Sejam confundidos e pereçam”. Por que este desejo? “Atentam contra minha vida”. Que quer dizer: “Atentam contra minha vida?” Entregam-me a uma contenda. Diz-se que atentam os que provocam a uma contenda. Se assim é, acautelemo-nos contra os que atentam contra nossa vida. Que é: atentam contra nossa vida? Em primeiro lugar, os que nos provocam a resistirmos a Deus, sentirmos desprazer acerca de Deus, por causa de nossos males. Quando é que és reto, de sorte que seja bom para ti o Deus de Israel, ele que é bom para os retos de coração? (cf Sl 72,2). Quando és reto? Queres ouvir? Quando fazes o bem e Deus te apraz; e quando sofres algum mal, Deus não te desagrada. Notai o que disse, irmãos, e sede precavidos contra os que atentam contra vossa vida. Todos os que vos estimulam a vos cansardes nas tristezas e tribulações, procuram fazer com que sintais desprazer relativamente a Deus, devido a vossos sofrimentos, e saia de vossos lábios a pergunta: Por que isto? Que fiz eu? Então, nada de mal fizeste e és justo, e Deus injusto? Respondes: Sou pecador, confesso; não digo que sou justo. Mas pecador, até que ponto? Acaso tanto quanto aquele que está tão bem? Quanto Fulano? Sei o mal que fez, conheço suas iniqüidades, das quais eu, apesar de pecador, estou bem longe; e no entanto, vejo que ele possui toda espécie de bens, e eu sofro tanto! Não chego a dizer: Ó Deus, que te fiz? Não quero dizer que não pratiquei mal algum, mas que não fiz tantos pecados que mereça sofrer assim. Então tu és justo e Deus injusto? Cuidado, infeliz! Atenta-se contra tua vida. Não, retruca ele, não disse que sou justo. Então o que dizes? Sou pecador, mas não fiz tais pecados que mereça sofrer tanto. Portanto, não dizes a Deus: Sou justo e tu injusto: mas dizes: Fulano é injusto, mas tu és mais injusto ainda. Eis como se atenta contra tua vida, eis a guerra em tua alma. Qual? Contra quem? Tua alma, contra Deus. A alma criada contra aquele que a criou. Como és alguém que clama contra ele, és ingrata. Volta, pois, à confissão de tua fraqueza; implora a mão do médico. Não julgues felizes os que prosperam por algum tempo. Tu és castigado e eles são poupados; talvez seja reservada para ti, filho castigado e corrigido, a herança. Volta, portanto, volta, prevaricador, ao coração (cf Is 46,8); não se atente contra tua vida. É muito mais forte aquele a quem declaraste guerra. Quanto maiores forem as pedras que jogares contra o céu, tanto maior ruína te oprimirá. Volta; prefira-o. Reconhece-te a ti mesmo. É Deus que está te desagradando: envergonha-te; desagrade-te o que és. Nada de bem farias, se ele não fosse bem; e nada de mal sofrerias

se ele não fosse justo. Sê vigilante, conforme a palavra: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como agradou ao Senhor assim se fez: bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,21). Injustos eram aqueles amigos sadios que estavam sentados junto de Jó, coberto de podridão (cf Jó 2,13); e no entanto, aquele que era para ser acolhido por Deus estava sendo castigado, enquanto os que deviam ser punidos eram poupados. Qualquer que seja, portanto, a tribulação que te suceder, qualquer que seja a injúria, não se atente contra tua vida; não se atente, não só contra Deus, mas nem mesmo contra aqueles que te fazem mal. Se, porém, tiveres ódio contra eles, tua alma foi atacada. Por conseguinte dá graças a Deus e reza pelos malfeitores. Talvez seja também uma oração por eles a que ouviste: "Sejam confundidos e pereçam os que atentam contra minha vida. Sejam confundidos e pereçam": eles muito presumem de sua justiça; portanto; sejam confundidos. Isso lhes é de vantagem, a fim de reconhecerem os próprios pecados, e assim sejam confundidos e pereçam, pois presumiam erradamente de suas forças. E uma vez vencidos, digam: "Pois, quando sou fraco, então é que sou forte" (2Cor 12,10); e vencidos, digam: "Não me desampares no tempo da velhice". Foi, pois, um bem o que lhes desejou: que se envergonhem de seus males, e faltem-lhes suas forças perversas. Já vencidos e confundidos procurem aquele que esclarece o confuso e reconforta o vencido. Finalmente vê a continuação: "Cubram-se de confusão e de vergonha os que planejam males contra mim". "Confusão e vergonha": a confusão provém de uma consciência pesada, e a vergonha do pudor. Aconteça-lhes isto e tornar-se-ão bons. Não opines que se trata de furor; oxalá seja ouvida esta prece por eles! Assim, Estêvão parecia estar encolerizado, quando lançava contra os judeus palavras inflamadas: "Homens de dura cerviz, incircun-cisos de ouvido e de coração, vós sempre resistis ao Espírito Santo". Que cólera inflamada, quão veemente é contra os inimigos! Parece-te que atentava contra sua vida. De forma nenhuma. Estava tratando de sua salvação; amarrava os frenéticos enfurecidos em palavras. Vê que não atentava contra a vida, não era contra Deus, nem contra eles mesmos. Disse: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito". Aprazia-lhe Jesus, porque sofria o apedreja-mento por causa de sua palavra; não atentava contra Deus. Disse ainda: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7,51.58.59). Nem atentava contra seus inimigos. "Cubram-se de confusão e de vergonha os que planejam males contra mim". É o que procuram todos os que me afligem; procuram infligir-me males. Era o mal que queria aquela mulher que sugeriu: "Amaldiçoa a Deus e morre duma vez" (Jó 2,9). E a mulher de Tobias, que disse ao marido; "Onde estão as tuas boas obras?" (Tb 2,22). Assim falava a fim de que se revoltasse contra Deus que o fizera cego; e quando Deus não lhe agradasse mais, atentasse contra sua vida.

**15** [14] Se, portanto, ninguém por meio de tribulações te persuadir, ninguém extorquir de ti desgosto contra Deus por causa de teus sofrimentos, nem odiares do que te fazem sofrer, não atentas contra tua vida; dirás com segurança o que segue: "Eu, porém, hei de esperar sempre em ti e acrescentar louvor a louvor". Qual o sentido disso? Deve despertar nossa atenção a frase: "Hei de acrescentar louvor a louvor". Tornarás mais perfeito o louvor de Deus? Falta-lhe algo que se lhe deva acrescentar? Se o louvor está bem acabado, que

podes acrescentar? Deus é louvado pelos seus benefícios por todas as suas criaturas, por toda a criação, pela instituição de todas as coisas, pelo governo e regime dos séculos, pela ordem dos tempos, pela elevação do céu, pela fecundidade da terra, pela extensão dos mares, pela germinação das sementes de todo o criado, pelos filhos dos homens, pela Lei que foi promulgada, pela libertação de seu povo do cativeiro do Egito, por todas as demais obras maravilhosas que fez. Mas, não tinha ainda sido louvado pela ressurreição da carne para a vida eterna. Refira-se, pois, o louvor complementar à ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Entendamos aqui sua voz, acima de todos os louvores do passado; assim entendemos retamente esta expressão. Que poderias tu, pecador, que receavas um ataque a tua vida, que só de Deus esperavas a libertação daquele primeiro cativeiro, que não presumias de tua justiça, mas de sua graça, como recomenda o presente salmo, que poderias acrescentar ao louvor de Deus? Ele responde: Acrescentarei. Vejamos o que há de acrescentar. Poderia ser completo teu louvor, sem que nada absolutamente parecesse faltar, porque, de fato, nada faltaria, se condenasses todos os iníquos. Não deixaria de ser grande louvor a própria justiça de Deus que condena os iníquos; seria grande louvor. Fizeste o homem, deste-lhe o livre-arbítrio, colocaste-o no paraíso, impuseste-lhe um mandamento, com ameaça de morte por sua violação, e isto era muito justo; fizeste tudo. Ninguém pode exigir mais de ti. No entanto, o homem pecou (cf Gn 2 e 3). O gênero humano se tornou massa pecadora, originária de pecadores. Que será se condenares essa massa iníqua? Quem poderá dizer-te: Foste injusto? Serias, efetivamente, justo mesmo assim, e esse seria todo o teu louvor. Mas, como libertaste o próprio pecador, justificando o ímpio, "hei de acrescentar louvor a louvor".

**16** [15] "Minha boca publicará tua justiça", não a minha. Por isso, acrescentarei louvor a louvor, porque o fato de ser justo, se o sou, é devido a tua justiça em mim e não a minha, pois és tu que justificas o ímpio (Rm 4,5). "Minha boca publicará tua justiça e a tua salvação todo dia". Que significado tem: "tua salvação? Do Senhor vem a salvação" (Sl 3,9). Ninguém usurpe para si a origem de sua própria salvação: Do Senhor vem a salvação. Ninguém se salva por si mesmo. Do Senhor vem a salvação. Nada vale o socorro humano (cf Sl 59,13). "A tua salvação todo dia", em todo o tempo. Advém alguma adversidade: apregoa a salvação do Senhor; vem algo de próspero: apregoa a salvação do Senhor. Não apregoes na prosperidade e cales na adversidade; de outro modo não se realizará o dito: "todo dia". Pois, o dia inteiro inclui a noite. Talvez quando dizemos: trinta dias, por exemplo, se passaram, não falamos também das noites? O próprio nome de dia não inclui a noite? Por que se dizia no Gênesis: "Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia"? (Gn 1,15). Portanto, o dia é inteiro com a noite correspondente, pois a noite serve o dia e não o dia, a noite. Seja o que for que faças na carne mortal, deve servir a justiça; tudo o que fazes para obedecer ao preceito de Deus, não se faça para proveito da carne, a fim de que o dia não sirva a noite. Por conseguinte, canta os louvores de Deus na prosperidade e na adversidade; na prosperidade, como sendo tempo diurno; na adversidade, como tempo noturno; contudo, profere o louvor de

Deus todo dia, a fim de não cantares em vão: “Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,3). Enquanto iam bem os filhos, os rebanhos, os servos e todos os seus bens, Jó louvava a Deus. Era tempo diurno. Vieram os prejuízos, surgiu a privação dos filhos, pereceu o que era guardado, morreram os herdeiros do que era conservado. Era uma espécie de tempo noturno. Vê, todavia, como louva todo dia. Por acaso depois daquele tempo diurno em que se alegrava, quando chegou o ocaso da luz, isto é, da prosperidade, deixou de louvar a Deus? Não era dia no coração iluminado pela palavra: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como agradou ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor”? (Jó 1,21). E isto quando ainda era crepúsculo. Veio noite mais densa, trevas mais profundas, dores corporais, podridão de vermes. Nem assim, na podridão, deixou os louvores de Deus exteriormente na noite, porque interiormente alegrava-se no dia. Pois, à mulher que o incitava à blasfêmia, atentando contra sua alma, mísera sedutora qual sombra noturna, ele respondeu: “Falas como uma insensata” (Jó 2,10). Com efeito, é verdadeira filha da noite! “Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?” Louvamos de dia, deixaremos de louvar à noite? “A tua salvação todo dia”, com a respectiva noite.

**17** “Porque não conheci as negociações”. Diz o salmista: “A tua salvação todo dia, porque não conheci as negociações”. Quais são essas negociações? Ouçam os mercadores, e mudem de vida. Se o foram, não sejam mais. Não conheçam o que foram, esqueçam-se. Finalmente, não aprovem, não louvem. Reprovem, condenem, mudem se a negociação é pecado. Daí vem que, por certa avidez de adquirir, ó negociante, quando sofres prejuízo, blasfemas; e não te sucederá conforme a palavra: “Teu louvor todo dia”. Quando por causa do preço das mercadorias que vendes, não só mentes, mas ainda juras falso, como estará em tua boca o louvor de Deus todo dia? E se és cristão, por causa de tua boca o nome de Deus é blasfemado, de sorte que se diz: Eis como são os cristãos! Por conseguinte, se o salmista profere o louvor de Deus todo dia porque não conhece as negociações, corrijam-se os cristãos; não negociem. Mas pode dizer-me o mercador: Eis que trago de longe as mercadorias para aqueles lugares onde elas não existem, para me manter. Peço o pagamento de meu trabalho, vendendo mais caro do que comprei. Como tirarei minha subsistência, se está escrito: “O operário é digno do seu salário”? (Lc 10,7). Mas, trata-se de mentira, de perjúrio. É meu o vício, e não do comércio; se eu quisesse, poderia negociar sem esse vício. Por isso, não transfiro minha culpa para o negócio; se minto, eu minto, não o negócio. Pois, poderia dizer: Comprei por tanto, mas vendo por tanto; se lhe agrada, compra. O comprador, ao ouvir esta verdade, não se afastaria; antes todos acorreriam, por amarem mais a fidelidade do que a mercadoria. Diz-me, pois, o negociante: Aconselha-me a não mentir, não jurar falso e não a abandonar o comércio, que me dá a subsistência. Exorta-me a empreender que trabalho, quando dele me afastas? Talvez a algum ofício? Serei sapateiro; farei calçados para os homens. Mas eles também não são mentirosos? Eles não perjuram? Acaso não tendo contratado com uns, se receberem de outro o pagamento, não deixam o que estavam fazendo e começam a fazer para este, enganando àquele a quem haviam prometido que o fariam logo? Não dizem muitas vezes: Faço hoje, termino hoje? Em

seguida, na própria fabricação quantas fraudes não praticam? Assim fazem, assim dizem: mas são eles que são maus e não o ofício que exercem. De fato, todos os maus artífices que não temem a Deus, mentem, perjuram, em vista de lucro, ou por meio do prejuízo e da pobreza; o louvor de Deus não é contínuo em sua boca. De que modo queres me tirar do comércio? Seria para me tornar agricultor e murmurar contra Deus por causa das tempestades, para consultar um advinho por receio do granizo, procurando como me defender do tempo? Para desejar a fome para os pobres, a fim de que possa vender o que guardei? É a isto que me levas? Mas, respondes, não agem assim os bons agricultores. Nem daquele modo os bons comerciantes. Então, será um mal ter filhos, porque se eles têm dor de cabeça, as mães más e infiéis procuram as ligaduras sacrílegas e os feitiços? Tais pecados são dos homens, não das coisas. O comerciante pode responder-me assim. Pondera, pois, ó bispo, como deves entender as negociações citadas no saltério, para não suceder que tu não entendas bem e me proíbas as negociações. Exorta, pois, sobre o modo como devo viver. Se for bem, tudo irá bem para mim. Sei apenas uma coisa: se for malvado, não é o comércio que me torna mau, e sim a minha iniqüidade. Quando se fala a verdade, não há como contradizê-la.

**18** Examinemos, pois, as mencionadas negociações. Quem verdadeiramente não as conhece, louva a Deus todo dia. Negociação, em grego deriva de ato, e em latim é negação do ócio; mas seja derivado de ato ou da negação do lazer, discutamos o seu sentido. Os negociantes que são ativos, presumem daquilo que fazem, gloriam-se de suas obras, e não obtêm a graça de Deus. Portanto, contra essa graça, são os negociantes mencionados neste salmo. Este recomenda a graça de Deus, de sorte que ninguém se glorie de suas obras. Conforme se diz em certa passagem: “Os médicos não os ressuscitarão” (Sl 87,11); então, devem os homens negligenciar a medicina? Mas qual o sentido desta frase? Sob tal nome se entendem os soberbos, que prometem a saúde aos homens, enquanto a salvação vem de Deus. Assim como, contra os médicos, isto é, contra os soberbos que prometem salvação, desperta-nos a palavra: “A tua salvação todo dia”. Também contra os comerciantes, isto é, em oposição aos que se alegram com suas ações e obras, previne o dito: “Minha boca publicará tua justiça”, a saber, não a minha. Quais são os negociantes, isto é, os que se comprazem em suas ações? Os que desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus (cf Rm 10,3). Com razão chama-se negócio a negação do ócio. Que mal é este: a negação do ócio? Merecidamente o Senhor expulsou do templo aqueles aos quais declarou: “Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, fazeis dela uma casa de negócio” (Mt 21,13), isto é, gloriando-vos de vossas obras, não procurais o lazer, nem ouvis a Escritura a admoestar contra vossa inquietação e negociação: “Cessai; reconhecei que eu sou Deus” (Sl 45,11). Que quer dizer: “Cessai; reconhecei que eu sou Deus?” senão: Tomai conhecimento de que Deus é quem opera em vós, e não vos exalteis por causa de vossas obras. Não ouves a palavra que se dirige a vós: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas”? (Mt 11,28.29).

Anuncia-se este repouco contra os negociantes, anuncia-se este repouso contra os que odeiam o lazer, agindo e gloriando-se de suas obras, sem descansarem em Deus; e tanto mais longe da graça eles correm quanto se exaltam em suas obras.

**19** Mas encontra-se em alguns exemplares: “Porque não conheci a literatura”. Onde alguns códices trazem: “negociações”, outros têm: “literatura”. É difícil conciliá-los. Contudo, a diversidade dos tradutores talvez mostre o sentido e não induza em erro. Examinemos, pois, como entender “literatura”, sem ofendermos os gramáticos, como pouco mais acima não quisemos ofender os comerciantes. Também um gramático pode viver honestamente de seus conhecimentos, sem perjurar, nem mentir. Vejamos, pois, que literatura o salmista não conheceu, tendo em sua boca todo dia o louvor de Deus. Há determinada literatura dos judeus: refiramos a eles, pois, estas palavras; lá encontraremos o conteúdo das mesmas. Ao nos questionarmos a respeito das negociações, por causa das ações e das obras, encontramos que é detestável aquela negociação a que aponta o Apóstolo, dizendo: “Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). Contra ela declara o mesmo Apóstolo: “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. Como é isto? Então não praticaremos o bem? Praticaremos, mas é ele quem opera em nós: “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras” (Ef 2,9.10). Como, pois, encontramos o ataque aos negociantes, quer dizer, àqueles que se gloriam de suas ações, exaltando-se por seus negócios, que são uma negação do lazer, e sendo operários mais inquietos do que bons (porque bons operários são aqueles nos quais Deus opera), assim não sei bem que literatura podemos encontrar entre os judeus. O Senhor nos assista para que possa explicar com palavras o que ele se dignou manifestar-me ao coração. Os judeus soberbos que presumiam de suas próprias forças e da justiça de suas obras, gloriavam-se da Lei, porque eles haviam recebido a Lei e as demais nações, não. Quanto à Lei, gloriavam-se não da graça, mas da letra. Pois, a Lei, sem a graça é apenas letra. Serve para convencer de iniqüidade e não para dar a salvação. Pois, como é que se exprime o Apóstolo? “Se tivesse sido dada uma Lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da Lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que crêem” (Gl 3,21.22). Desta letra se diz em outra passagem: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6). Tens só a letra, se és prevaricador da lei: “Apesar da letra e da circuncisão, és transgressor da Lei” (Rm 2,21.27). Não é com razão que se canta: “Tira-me do poder do transgressor da lei e do iníquo?” Tens a letra, mas não a cumpres. Como é que não cumpres a letra? “Pregas que não se deve furtar e furtas! Proíbes o adultério e cometes adultério! Abominas os ídolos e cometes sacrilégio. Por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios, como está escrito” (Rm 2,21.27). De que te serviu a letra que não observas? Mas, por que não a observas? Porque presumes de ti mesmo. Por que motivo não a cumpres? Porque és negociante; exaltas tuas obras; não sabes que é necessário o auxílio da graça cooperante para cumprires o preceito daquele que ordena. Eis que Deus ordenou; faze aquilo que ele mandou. Começas a agir como se fosse por tuas próprias forças e cais; sobre ti permanece a Lei que pune, não salva. Com

razão se diz que “a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17). Moisés escreveu cinco livros. Nos cinco pórticos que cercavam a piscina jaziam os doentes, mas não podiam ser curados (cf Jo 5,2). Vê como permanece a letra, convencendo o réu de culpa, mas não salvando o iníquo. Naqueles cinco pórticos, figura dos cinco livros, expunham-se mais doentes do que se curavam. Como é que ali se curava então um doente? Pelo movimento das águas. Quando as águas se moviam naquela piscina, descia um doente e era curado só ele, figura a unidade; se descesse outro, não era curado. Como se representa ali a unidade do corpo que clama desde os confins da terra? Outro doente não era curado, a não ser que de novo se movessem as águas. O movimento das águas da piscina representava a perturbação do povo judaico quando veio o Senhor Jesus Cristo. Pois, pensava-se que vinha um anjo que movia as águas da piscina. A água, portanto, cercada por cinco pórticos era o povo da Judéia, cercado pela Lei. E nos pórticos jaziam os doentes, que só eram curados quando a água se turvava e se movia. Veio o Senhor, a água se turvou, ele foi crucificado; desça, pois, o doente para ser curado. Que quer dizer: desça? Humilhe-se. Por conseguinte, todos os que amais a letra sem a graça, permaneceis nos pórticos; sois doentes, prostrados, não convalescentes; presumis da letra. “Se tivesse sido dada uma Lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da Lei”. Mas foi dada uma Lei que vos fazia réus, vos incutisse medo, e por medo pediríeis indulgência, já não presumiríeis de vossas forças, não vos exaltaríeis por causa da letra. Uma figura disso é também Eliseu que, para ressuscitar um morto, primeiro mandou seu servo levar seu bastão. Havia morrido o filho da viúva que o hospedara. Foi-lhe dada esta notícia, e ele entregou seu báculo a seu servo, dizendo: “Parte. Porás meu bastão sobre o morto” (2Rs 4,29). O profeta não sabia o que estava fazendo? O servo o precedeu, colocou o bastão sobre o morto, que não ressuscitou. “Se tivesse sido dada uma Lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da Lei” (Gl 3,21). Não comunicou vida a Lei, enviada através do servo; e no entanto, Eliseu enviou seu bastão por meio de seu servo, com o qual ele próprio depois comunicou vida. Pois, como o menino não ressuscitasse, foi o próprio Eliseu, como figura do Senhor. Ele havia enviado previamente seu servo com o bastão, figura da Lei. Veio para junto do morto, pôs seus membros sobre ele. O morto era um menino e ele era jovem. Contraiu e de certo modo encurtou o tamanho de seu corpo juvenil, e fez-se pequeno para se adaptar ao morto. De fato, ressuscitou o morto, quando o vivo se adaptou ao morto e o dono fez o que não pôde fazer o bastão; fez a graça o que a letra não pôde fazer. Aqueles pois que permaneceram com o bastão, se gloriam da letra e por isso não são vivificados. Eu, porém, quero gloriar-me da graça de Deus, diz o Apóstolo: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”, a não ser naquele que, estando vivo, se adaptou a mim, que estava morto para que eu ressuscitasse, a fim de que já não fosse eu que viesse, mas viesse Cristo em mim (cf Gl 6,14; 2,20). Gloriando-me da própria graça, “não conheci a literatura”, a saber, reprovei de todo coração os que presumem da letra, recusando a graça.

**20** [16] Com justeza, continua o salmo: “Considerarei os feitos poderosos do Senhor”, do Senhor, não os meus. Pois, os judeus em seu poder se gloriaram da letra; por isso não conheceram a graça adjunta à letra. Pois, “a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17). Ele veio para cumprir a Lei, quando deu a caridade, pela qual se pode cumprir a Lei, pois “a caridade é a plenitude da Lei” (Rm 13,10). Os judeus, não tendo a caridade, isto é, não tendo o Espírito da graça, “porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5), continuaram a se gloriar da letra. Como, porém, a “letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6), “não conheci a literatura e considerarei os feitos poderosos do Senhor”. O versículo seguinte confirma e aperfeiçoa a sentença, imprimindo-a nos corações dos homens, sem permitir outra interpretação: Senhor, “lembrar-me-ei somente de tua justiça”. Oh! este “somente”! Por que ainda disse: “somente?” pergunto-vos. Bastaria: “Lembrar-me-ei de tua justiça”. Com efeito, o salmista diz: “Somente”. Não penso em minha justiça. “Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4,7). Somente tua justiça me liberta; meus são apenas os pecados. Não me gabe portanto de minhas forças, não fique apenas na letra; rejeite a literatura, isto é, os homens que se gloriam da letra, presumindo perversamente, como os frenéticos, de suas forças. Que eu rejeite tais homens, e confie no poder do Senhor, de sorte que quando sou fraco, então me torne forte. Tu em mim sejas forte, porque “eu me lembrarei somente de tua justiça”.

## II SERMÃO

**1** Ontem persuadíamos a V. Caridade de que este salmo nos recomenda a graça de Deus, que nos salvou, sem méritos precedentes, enquanto éramos dignos apenas de suplício. Não tendo conseguido terminar a nossa exposição, deixamos para hoje a parte final, prometendo no nome do Senhor que haveríamos de pagar nosso débito. Como é tempo de solvermos a dívida, sede atentos, qual campo fértil que multiplica a semente, sendo grato às chuvas. Ontem explanamos o sentido de seu título; mas a fim de renovarmos vossa atenção e por causa dos que ontem estiveram ausentes, rapidamente relembramos o que vão reconhecer os que ouviram e aqui de que tomarão conhecimento os que não ouviram. O salmo é dos filhos de Jonadab. Este nome significa Espontâneo do Senhor; porque devemos servir o Senhor com vontade boa, pura, sincera e perfeita (isto é, espontâneo), sem fingimento. Indica-o outro salmo: “Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos” (Sl 53,8). O salmo canta esses filhos, quer dizer, os filhos obedientes, e aqueles que foram os primeiros a serem levados cativos, a fim de que se reconheçam aqui nossos gemidos, e a cada dia baste o seu mal (cf Mt 6,34). E então, se abandonamos o Senhor por soberba, voltemos ao menos devido ao cansaço. Mas não é possível regressar sem a graça. A graça é dada gratuitamente; se não fosse gratuita, não seria graça. Na verdade, se é graça porque gratuita, nenhum mérito precedeu para a receberes. De fato, se precederam tuas boas obras, recebeste a paga, e não foi gratuitamente; a paga, porém, que merecíamos era o castigo. Se fomos libertados, não

foi por nossos méritos, mas por sua graça. Lou-vemo-lo, portanto, reconheçamos que devemos a Deus tudo o que somos e ter sido salvos. O salmo, após ter dito muito a este respeito, concluiu: Senhor, "lembrar-me-ei somente de tua justiça". Com este versículo, terminou a explanação de ontem. Os primeiros que foram levados cativos foram os que pertenciam ao primeiro homem. São cativos, por causa do primeiro homem, no qual todos nós morremos, porque "primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois" (1Cor 15,46). Por causa do primeiro homem, os primeiros cativos; por causa do segundo, os redimidos. Efetivamente, a própria redenção proclama nosso cativeiro. Como somos redimidos, se antes não tivéssemos sido cativos? E aquele cativeiro, expressamente insinuado pelo Apóstolo em sua epístola, nós o relembramos e apontamos, repetindo: "Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros" (Rm 7,23). Tal é o nosso primeiro cativeiro: a carne tem aspirações contrárias ao espírito (cf Gl 5,17). É um castigo do pecado que o homem se veja divido contra si mesmo, porque não quis se submeter àquele que é um só. Nada é mais vantajoso à alma do que obedecer. E se é útil à alma obedecer, o escravo obedeça a seu senhor, o filho obedeça ao pai, a mulher obedeça ao marido quanto mais não será útil ao homem obedecer a Deus? Por conseguinte, Adão experimentou o mal, e todo homem é Adão. Quanto aos fiéis, todos são Cristo, porque membros de Cristo. O homem, porém, experimentou o mal que não devia experimentar, se acreditasse na palavra de Deus: "Não toques" (Gn 2,17); uma vez tendo experimentado o mal, ao menos obedecesse aos preceitos do médico para se curar, pois não quis acreditar nele para não adoecer. Efetivamente, o médico bom e fiel dá instruções ao homem sadio para evitar se torne necessário recorrer a ele. Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes (cf Mt 9,12). Mas os médicos bons e amigos, que não fazem da medicina um comércio, e ficam mais contentes de ver os homens sadios do que doentes, dão instruções aos sãos, a fim de que guardando-as não caiam enfermos. Mas os que desprezam os avisos e caem doentes, pedem o médico; desprezaram-no quando sadios, e procuram-no quando doentes. Oxalá ao menos o peçam! Não aconteça que a febre lhes tire o conhecimento e eles batam no médico. Acabastes de ouvir, pela leitura do evangelho, a parábola proferida contra eles. Seriam bem ajuizados os que disseram: "Este é o herdeiro; vamos! Matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança"? (Mt 21,38). Absolutamente não. Imagine-se que mataram o filho e queriam matar também o pai; isto é ter perdido o juízo. Enfim, eles de fato mataram o filho. O filho ressuscitou, e a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular (cf Sl 117,22). Tropeçaram nela e foram esmagados; ela virá sobre eles e os esmigalhará. Não é desses o que canta neste salmo: "Considerei os feitos poderosos do Senhor"; não os meus e sim os do Senhor. Senhor, "lembrar-me-ei somente de tua justiça". Não vejo em mim justiça alguma; lembrar-me-ei somente da tua. De ti recebi tudo o que tenho de bom; o que tenho de meu é mal. Não me pagaste com o suplício, mas deste-me tua graça gratuitamente. Por isso, "lembrar-me-ei somente de tua justiça".

**2** [17] "Ó Deus, tu me instruíste desde a juventude". Qual o teu ensinamento? Que devo me lembrar apenas de tua justiça. Considerando minha vida passada, vejo o que me era devido, e o que recebi em troca do que me era devido. Merecia o castigo e foi-me concedida a graça. Era-me devida a geena e foi-me dada a vida eterna. "Ó Deus, tu me instruíste desde a juventude". Desde que recebi a fé que me renovou, tu me ensinaste que nenhum mérito meu precedera, de sorte que pudesse dizer ser-me devido teu dom. Quem se converte a Deus, a não ser da iniqüidade? Quem é remido senão da escravidão? Quem pode dizer ter sido injusta sua escravidão, se abandonou o imperador, e passou para outro lado, o do desertor? O imperador é Deus, e o desertor é o diabo. O imperador deu ordens e o desertor sugeriu uma fraude. A que deste ouvidos? Ao preceito ou à fraude? Seria o diabo melhor do que Deus? Melhor aquele que falhou do que teu criador? Acreditaste na promessa do diabo e encontraste a realização da ameaça de Deus (cf Gn 2,17; 3,1). O salmista, porém, já livre do cativeiro, apesar de ser somente na esperança e não ainda na realidade, andando à luz da fé, mas ainda não na visão, diz: Ó Deus, tu me instruíste desde a juventude". Desde que me converti para ti, depois que renovaste aquele que fizeste, reconfortaste aquele que criaste, reformaste aquele que formaste, desde, pois, que me converti, aprendi que não tive méritos precedentes, mas recebi gratuitamente a tua graça, a fim de me lembrar somente de tua justiça.

**3** E o que virá depois da juventude? Visto que o salmista diz: "Tu me instruíste desde a juventude", o que virá após? Na própria primeira conversão aprendeste que antes dela não eras justo, mas precedeu a iniqüidade, de sorte que, expulsa a iniqüidade, sucedeu-lhe a caridade; e após teres sido renovado, tornando-te um novo homem na esperança, não ainda na realidade, aprendeste que não houve bem precedente em ti, mas foi pela graça de Deus que te converteste a Deus. Talvez agora, já convertido, terás algo de teu, e deves presumir de tuas forças? Seria semelhante ao que se costuma dizer: Podes me deixar. Era preciso que me mostrasses o caminho. Basta. Prossigo. E aquele que te mostrou o caminho replica: Não queres que vá contigo? Tu, porém, se és orgulhoso respondes: Não. Basta. Sei prosseguir. Ele te deixará, e por fraqueza de novo perderás a direção. Seria bom para ti que te conduzisse aquele que antes te indicou o caminho. Além disso, se ele não te guiar, de novo perderás o caminho; dize-lhe, pois: "Conduze-me, Senhor, em teu caminho e andarei em tua verdade" (Sl 85,11). Ingressar no caminho é a juventude, a renovação, o início da fé. Anteriormente andavas vagabundo por teus próprios caminhos, errando pelos bosques, por atalhos ásperos, ferido em todos os membros; procuravas a pátria, a saber, certa estabilidade espiritual, para poderes dizer: Estou bem, e dizê-lo com segurança, isento de incomodidades, de tentações, enfim de qualquer escravidão. Mas não encontravas. Que dizer? Aproximou-se de ti aquele que te pode mostrar o caminho? Veio a ti o próprio caminho, e foste colocado nele sem méritos precedentes, porque de fato eras um errante. Então, uma vez que entraste já podes te dirigir? Aquele que te indicou o caminho, já pode te deixar? Não; diz o salmo: "Tu me instruíste desde a juventude e até agora proclamarei as tuas maravilhas". É admirável que ainda me guies, tu que me indicaste o caminho. Essas maravilhas são tuas. Quais são as

maravilhas de Deus? Que há de mais espantoso entre as maravilhas de Deus do que ressuscitar mortos? Mas então estou morto, perguntas? Se não estivesse morto, não te seria dito: "Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará" (Ef 5,14). Mortos estão todos os infiéis, todos os iníquos; vivem corporalmente, mas são defuntos espiritualmente. Quem ressuscita um morto corporalmente, restitui-o à luz e ao ar, mas aquele que o ressuscitou não é assim que a alma ressuscita. A alma é ressuscitada por Deus, embora também seja ele quem ressuscita o corpo. Mas, quando Deus ressuscita um corpo, devolve-o ao mundo; quando ressuscita a alma, esta se volta para Deus. Se falta o ar neste mundo, o corpo morre; se a alma se afasta de Deus, ela morre. Quando Deus ressuscita a alma, se ele não se aproxima, não vive a ressuscitada. Pois, ele não ressuscita e a deixa viver por si, assim como Lázaro, ao ser ressuscitado depois de ter estado morto quatro dias, ressuscitado corporalmente pela presença corporal do Senhor. Este aproximou-se corporalmente do sepulcro e exclamou: "Lázaro, vem para fora!" e Lázaro ressurgiu, saiu do sepulcro com as ligaduras, e depois de desamarrado afastou-se (cf Jo 11,41-44). Foi ressuscitado na presença do Senhor, mas continuou a viver em sua ausência. Embora o Senhor ressuscitasse corporalmente presente o que havia de visível em Lázaro, foi com a presença de sua majestade que o ressuscitou. Essa presença nunca o deixou. Nesta ocasião, contudo, o Senhor ressuscitou Lázaro, por presença visível. O Senhor se afastou da cidade ou daquele lugar. Lázaro deixou de viver? Não é assim que a alma ressurge. Deus a ressuscita, mas ela morre se ele se afastar. Falarei audaciosamente, irmãos; no entanto, é a verdade. Há duas espécies de vida: uma do corpo e outra da alma. Como a alma é a vida do corpo, assim a vida da alma é Deus. Se a alma deixar o corpo, este morre; assim a alma morre se Deus dela se afastar. Provém, portanto de sua graça, que ele nos ressuscite e permaneça conosco. Pelo fato de que nos ressuscita de nossa morte passada e de certa maneira renova nossa vida, nós lhe dizemos: "Ó Deus, tu me instruíste desde a juventude". E tendo em vista que ele não abandona aqueles que ele ressuscita, para que não morram devido a seu afastamento, dizemos: "E até agora proclamarei as tuas maravilhas". Se ficas comigo, eu vivo e tu és a vida de minha alma, pois ela morre se a abandonas a si mesma. Por conseguinte, enquanto está presente minha vida, isto é, meu Deus, "até agora"; como será depois?

**4** [18] "E até a velhice e a decrepitude". Os gregos têm dois nomes distintos para a velhice. A maturidade, após a juventude, tem determinado nome entre os gregos, e depois desta maturidade vem a última idade que tem outra designação. Pois presbítes significa homem maduro, e géron é velho. Como em latim falta esta distinção de dois nomes, usaram-se os dois vocábulos para a velhice: "senectam et senium". Sabeis portanto, que são duas idades. "Tu me instruíste" acerca de tua graça "desde a juventude; e até agora", após a minha juventude, "proclamarei as tuas maravilhas", porque estás comigo a fim de que não morra, pois vieste para erguer-me; e "até a velhice e a decrepitude", isto é, até meu fim, se não estiveres comigo, não terei por mim mesmo mérito algum. Que tua graça permaneça sempre comigo. Assim falaria até o meu fim, se

não estiveres comigo, não terei por mim mesmo mérito algum. Que tua graça permaneça sempre comigo. Assim falaria até mesmo um homem qualquer: tu, ele, eu. Mas, como esta voz é de um homem muito grande, isto é, da própria unidade, como é a voz da Igreja, procuremos saber o que é a juventude da Igreja. Quando Cristo veio, foi crucificado, morreu, ressuscitou, chamou as nações; estas começaram a se converter, apareceram os mártires fortes em Cristo, foi derramado o sangue dos fiéis e surgiu a messe da Igreja. Tal foi a sua juventude. Com o avançar dos tempos, confesse a Igreja, dizendo: "E até agora proclamarei as tuas maravilhas". Não somente na juventude, quando anunciaram a mensagem Paulo, Pedro, os primeiros apóstolos. Com o decorrer do tempo, eu mesmo, isto é, a tua unidade, os teus membros, o teu corpo, "proclamarei as tuas maravilhas". E depois? "E até a velhice e a decrepitude proclamarei as tuas maravilhas"; a Igreja permanecerá aqui até o fim do mundo. Se ela não há de permanecer até o fim do mundo, foi a quem o Senhor declarou: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos? (Mt 28,20). Por que razão foi necessário que a Escritura o afirmasse? Porque surgiriam inimigos da fé cristã que diriam: Os cristão existirão por pouco tempo; depois desaparecerão e retornarão os ídolos, tudo será como antes[1]. Por quanto tempo existirão cristãos? "Até a velhice e a decrepitude", a saber, até o fim do mundo. Tu, ó infeliz infiel, esperas que terminem os cristãos. Tu é que passarás sem os cristãos, enquanto eles permanecerão até o fim do mundo. Ao terminares tua curta vida, devido a tua infidelidade, como terás coragem de comparecer perante o juiz, contra o qual blasfemaste durante tua vida? Portanto, "desde a juventude, e até agora, até a velhice e a decrepitude, Senhor, não me abandones". Não existirão apenas por algum tempo, conforme dizem meus inimigos. "Não me abandones, até que eu anuncie a força de teu braço a toda a geração vindoura". A quem se revelou o braço do Senhor? (cf Is 53,1). Cristo é o braço do Senhor. Portanto, não me desampares, a fim de que não se regozijem os que afirmam: Os cristãos durarão até certo tempo. Haja os que anunciem o poder de teu braço. A quem? "A toda geração vindoura". Se é, por conseguinte, a toda geração vindoura, quer dizer até o fim do mundo; pois, quando o mundo acabar, não sobreviverá mais geração alguma.

**5** "O teu poder e a tua justiça", a saber, anunciará a toda a geração vindoura o poder de teu braço. Qual o benefício que prestará o teu braço? Nossa libertação gratuita. Será esta minha mensagem: a graça para toda geração vindoura. Direi a todo homem que nascer: Nada és por ti mesmo. Invoca a Deus. Os pecados são teus, os méritos são de Deus. Mereces o castigo. E quando chegar a recompensa, Deus coroará seus dons e não os teus méritos. Direi a toda geração vindoura: Vieste do cativeiro; pertencias a Adão. Direi a toda geração vindoura que não vêm de minhas forças, de minha justiça, mas provêm de "teu poder, de tua justiça, ó Deus, as maravilhas que operaste, até as sumas alturas. O teu poder e a tua justiça", até onde? Até a carne e o sangue? Ao contrário, "até as supremas alturas, as maravilhas que operaste". Nas alturas estão os céus; nas alturas estão os anjos, Tronos, Dominações, Principados, Potestades. A ti, Senhor, devem o que são, a ti devem a vida, a ti devem que vivam na justiça, a ti devem que vivam bem-

aventurados. “O teu poder e a tua justiça, até onde? As maravilhas que fizeste, até as supremas alturas”. Não penses que somente o homem foi atingido pela graça de Deus. Que era o anjo antes de ser criado? Que é o anjo se lhe faltar aquele que o criou? Portanto, “o teu poder e a tua justiça, as maravilhas que operaste, até as supremas alturas”.

**6** E o homem se orgulha! E passou para o primeiro cativeiro, ouvindo a sugestão da serpente: “Comei, e vós sereis como deuses!” (Gn 3,5). Homens como deuses! “Ó Deus, quem te é semelhante?” Não há no abismo, nem no inferno, nem na terra, nem no céu; pois foste tu que fizeste todas as coisas. Como a obra pode discutir com o artífice? “Ó Deus, quem te é semelhante?” Eu, responde o infeliz Adão, e com Adão todos os homens. Querendo ser perversamente semelhante a ti, eis o que me tornei e por ti clamo de meu cativeiro. Eu que estava tão bem na sujeição a um bom rei, fiz-me cativo, subordinado a meu sedutor e clamo por ti, porque caí quando me afastei de ti. E quando foi que caí longe de ti? Ao procurar perversamente ser semelhante a ti. Mas, como? Deus não nos chama a ser semelhante a ele? Não foi ele quem disse: “Amai os vossos inimigos; e orai pelos que vos perseguem. Fazei bem as que vos odeiam?” Exprimindo-se assim, exorta-nos a sermos semelhantes a Deus. Enfim, o que acrescenta? “Deste modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus”. Como é que ele age? Sem dúvida, do modo seguinte: “Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus, e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,44-45). Na verdade, quem deseja o bem a seu inimigo é semelhante a Deus; isto não constitui orgulho, e sim obediência. Por quê? Porque fomos feitos à imagem de Deus. “Façamos, disse Deus, o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Assim sendo, não é estranho mantermos em nós a imagem de Deus; oxalá não a percamos por soberba! Mas, como seria querer por soberba ser semelhante a Deus? Imaginemos o cativo a exclamar: Senhor, “quem te é semelhante?” Que seria uma semelhança perversa? Ouvi e entendei, se puderdes. Cremos, porém, que se nos fez dizer-vos tais coisas, vos dará também a capacidade de entenderdes. Deus não necessita de bem algum, mas ele é o bem sumo, e dele provêm todos os bens. Nós, de fato, para sermos bons precisamos de Deus. Deus, contudo, para ser bom, não precisa de nós; mas não somente de nós. Ele que operou “maravilhas até as supremas alturas”, não precisa dos seres celestes, nem dos supracelestes, nem do céu dos céus, como se diz, a fim de se tornar melhor, ou mais poderoso, ou mais feliz. Qual o ser, distinto dele, que existiria, se ele não o tivesse feito? Que pode precisar de ti aquele que existia antes de ti, e era tão poderoso, que te criou quando não existias? Ele te fez como os pais aos filhos? Eles geram por certa concupiscência carnal, mais do que criam; eles geram, mas Deus cria. Com efeito, se crias de igual modo, dize o que tua mulher dará à luz. Por que dizer: Declara tu? Diga-o ela que não sabe o que traz em si. todavia, os homens geram os filhos para seu consolo e socorro na velhice. Deus criou todas as coisas, a fim de ter auxílio na velhice? Deus conhece bem o que cria, o que é cada um por sua bondade, e como há de se tornar pela própria vontade. Deus o sabe muito bem e tudo dispôs. O homem que quiser ser alguma coisa, volta-se para aquele que o criou. Se ele se afasta, esfria-se; se de novo se aproxima, inflama-se. Ao se retirar, ele se

obscurece; ao se aproximar, ilumana-se. Quem lhe dá o ser, dá-lhe também o bem-estar. Enfim, aquele filho mais novo, que quis ter em seu próprio poder os seus bens, muito bem conservados por seu pai, ao se apossar deles, partiu para um país longínquo, aderiu a um chefe malvado, apascentou porcos. A fome corrigiu aquele que se afastara, em sua soberba e saciedade (cf Lc 15,12-16). Efetivamente, quem quiser tornar-se semelhante a Deus, de sorte a permanecer junto dele e guardar nele a sua força, como está escrito (cf Sl 58,10), dele não se aparte, e aderindo a ele como a cera ao anel terá a sua imagem e fará conforme a palavra: "Para mim a felicidade é me aproximar de Deus" (Sl 72,28). Este guarda, na verdade, a semelhança e a imagem, à qual foi feito. Ao invés, porém, se quiser imitar a Deus perversamente e assim como Deus não tem quem o plasme ou governe, queira usar de seu próprio poder, vivendo como Deus sem criador nem guia, que lhe restará, irmãos, senão, estando distante do calor do fogo, entorpecer afastando-se da verdade, cair na vaidade e abandonando o Deus sumo e imutável, piorar e perecer?

**7** Assim agiu o diabo: quis imitar a Deus, mas perversamente, não se submeter a seu poder e sim possuir o poder contra ele. O homem, sujeito ao preceito divino, ouviu a ordem de Deus: "Não toques". Em quê? Nesta árvore (cf Gn 2,17). Que árvore é esta? Se é boa, por que não posso tocar? Se é má, que faz ela no paraíso? Com efeito, está no paraíso porque é boa; mas não quero que a toques. Por que razão não devo tocar? Por que quero ver-te obediente e não contraditor. Ó servo, serve-me deste modo; mas serve bem, ó servo. Servo, escuta primeiro a ordem de teu Senhor, e então entenderás o plano daquele que ordena. A árvore é boa, mas não quero que a toques. Por quê? Porque sou teu Senhor, e tu és servo. Toda a questão está aí. Se é pequena, desdenhas ser servo? Que há de útil para ti senão estar submisso ao Senhor? Como serás submisso ao Senhor, se não obedeces a sua ordem? Mas se é para teu bem ficar submisso ao Senhor e ao seu preceito, que é que Deus haveria de te mandar? Pede algo de ti? Há de te dizer: Oferece-me um sacrifício? Não foi ele quem fez todas as coisas, inclusive a ti? Ele há de te dizer: Presta-me serviços quando repouso no leito, quando tomo as refeições à mesa, quando me lavo nas termas? Como Deus não precisa de ti para nada, nada devia te ordenar? Se, porém, devia dar alguma ordem, a fim de que sentisses o que é um bem para ti, que és subordinado ao Senhor, alguma coisa haveria de te proibir; não devido à malícia daquela árvore, mas por causa de tua obediência. Deus não pôde mostrar de maneira mais perfeita que grande bem é a obediência, a não ser proibir uma coisa que não era má. Somente a obediência aqui tem a palma; só a desobe-diência aqui encontra castigo. É bom. Não quero que toques. Se não tocares, não morrerás por isso. Por acaso, quem fez esta proibição, retirou os outros bens? O paraí-so não estava cheio de árvores frutíferas? Que te falta? Não quero que toques nesta; não quero que proves dela. É boa, mas a obediência é melhor. Por conseguinte, se tocares, aquela árvore se tornará má, para morreres? Foi a desobediência que te sujeitou à morte, porque tocaste no fruto proibido. Por isso, aquela árvore foi denominada árvore da ciência do bem e do mal (cf Gn 2,17), mas não porque o bem e o mal pendessem dele, quais frutos seus; mas seja o que for que aquela árvore fosse, qualquer fosse a fruta, qualquer fosse seu produto, foi assim denominada porque o homem, que não quisesse discernir o bem do mal através do

preceito, haveria de discerni-los pela experiência, de tal modo que tocando no fruto proibido, encontraria o castigo. Por que, então, ele tocou, meus irmãos? Que lhe faltava? Quisera saber o que lhe faltava no paraíso, no meio da opulência, das delícias, da grande delícia que consistia na visão de Deus, cuja presença o atemorizou, como a um inimigo, depois do pecado. Que lhe faltara para que tocasse, senão que quis usar de seu próprio poder, agradou-lhe transgredir o preceito, de modo que sem ter ninguém que o dominasse, se tornasse como Deus, visto que a Deus ninguém domina? Perversamente fugitivo, presunçoso, destinado à morte, deixou o caminho da justiça. Transgrediu o preceito, sacudiu da cerviz o jugo da disciplina, rompeu os freios do governo, levado por sua impetuosidade. Onde se encontra agora? Sem dúvida, grita em seu cativeiro: Senhor, "quem te é semelhante?" Quis ser perversamente semelhante a ti e se fez semelhante aos animais. Sob teu domínio, obediente a teu preceito era, na verdade, semelhante. Mas o homem, entre honrarias, não entendeu. Foi comparado aos jumentos irracionais, e se lhes fez semelhante (cf Sl 48,13). Já semelhante aos jumentos, grita tardiamente e dize: "Ó Deus, quem te é semelhante?"

**8** "Muitas e penosas tribulações me fizeste experimentar"! Merecidamente, servo orgulhoso! Quiseste perversamente ser semelhante a teu Senhor, tu que foste feito à imagem de teu Senhor. Queres sentir-te bem, estando afastado daquele bem? Com razão Deus te dirá: Se te apartas de mim e assim tu te sentes, então não sou o teu bem. Em conseqüência disso, se Deus é bom, o sumo bem, bom por si mesmo e não por causa de um bem alheio, o nosso bem supremo, uma vez que dele te afastas, que serás a não ser mau? E ainda, se ele é a nossa bem-aventurança, que haverá fora dele para quem se afasta senão miséria? Volta, pois, deste estado miserável e dize: "Senhor, quem te é semelhante? Muitas e penosas tribulações me fizeste experimentar".

**9** [20.21] Mas foi um ensinamento; admoestação, não deserção. Enfim, o que diz o salmista, em ação de graças? "Mas voltando-te para mim, deste-me a vida e reconduziste-me novamente dos abismos da terra". Quando aconteceu isto anteriormente? Por quê: "novamente?" Caíste das alturas, ó homem, escravo desobediente, soberbo contra o Senhor, caíste! Aconteceu contigo o seguinte: "Aquele que se exalta será humilhado"; e agora faça-se em ti: "Quem se humilha será exaltado" (Lc 14,11). Volta das profundezas. Responde o salmista: Volto; volto, reconheço: "Ó Deus, quem te é semelhante? Muitas e penosas tribulações me fizeste experimentar, mas voltando-te para mim deste-me vida e reconduziste-me novamente dos abismos da terra". Ouço dizer: Entendemos. Pois, reconduziste dos abismos da terra; reconduziste das profundezas e da imersão no pecado. Mas por quê: "novamente?" Quando isso já sucedera? Continuemos. Talvez os versículos finais dos próprio salmo nos exponham o que ainda não entendemos; por que o salmista disse: "novamente". Então, vamos ouvir: "Muitas e penosas tribulações me fizeste experimentar! mas voltando-te para mim deste-me vida e reconduziste-me novamente dos abismos da terra". Como prossegue? "Manifestaste-me por muitos modos a tua justiça e te voltaste para consolar-me e reconduziste-me dos abismos da terra". Eis outro "novamente". Se tivermos dificuldade com o primeiro, como resolver a

questão da duplicação do termo? A própria expressão: "novamente" já é duplicada, e ainda se repete o "novamente". Assista-nos aquele que concede a graça; assista-nos o braço que anunciamos a toda geração vindoura; assista-nos ele próprio, e revele-nos o mistério oculto, abrindo-o com a chave de sua cruz. Não foi inutilmente que o véu do templo foi rasgado pelo meio ao ser ele crucificado (cf Mt 27,51); por sua paixão os segredos de todos os mistérios se manifestaram. Assista-nos, portanto, ele próprio pois passamos para seu lado; seja retirado o véu (cf 2Cor 3,16); diga-nos nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a razão por que precedeu esta palavra do profeta: "Muitas e penosas tribulações me fizeste experimentar! Mas voltando-te para mim deste-me vida e reconduziste-me novamente dos abismos da terra". Aí está o primeiro: "novamente"; vejamos o sentido do termo e encontraremos a razão do segundo: "novamente".

**10** Que é o Cristo? "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito". Coisa grandiosa! Imensa! E tu, cativo? Onde jazes? Na carne, sob o império da morte. Quem, pois, é ele? Quem és tu? E o que se tornou depois? Por causa de quem? Quem é ele, senão o que foi dito: "o Verbo?" Que Verbo? Talvez soe e passe? O Verbo, Deus que estava com Deus; o Verbo pelo qual tudo foi feito. E o que se fez ele por tua causa? "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1,1.2.3.14). "Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo com ele"? (Rm 8,32). Eis: o que, quem, por causa de quem. O Filho de Deus feito carne por causa do homem pecador, do homem iníquo, do desertor, do soberbo, do perverso imitador de seu Deus! Fez-se ele o que tu és, filho do homem, a fim de que nos tornássemos filhos de Deus! Fez-se carne; de onde lhe veio a carne? De Maria virgem (cf Lc 2,7). E de onde se origina Maria virgem? De Adão. Por conseguinte, daquele primeiro cativo; e a carne de Cristo proveio daquela massa de cativos. E por que isto? Para dar exemplo. Recebeu de ti a natureza, segundo a qual morreria por ti; recebeu de ti o que haveria de oferecer por ti, dando-te um exemplo. O que te ensinaria? Que haveria de ressuscitar. Como acreditarias, se não houvesse um exemplo precedente, relativo à carne que fora assumida da mesma natureza mortal que a tua? Na verdade, em Cristo ressuscitamos primeiro, porque quando ele ressuscitou, ressuscitamos nós também. O Verbo não morreu e ressuscitou; mas a carne, que o Verbo assumiu, morreu e ressuscitou. Assim morreu Cristo e assim também hás de morrer; mas Cristo assim ressuscitou e igualmente tu hás de ressuscitar. Seu exemplo ensina o que não deves temer, o que deves esperar. Temias a morte: ele morreu. Não esperavas a ressurreição: ele ressuscitou. Mas, podes dizer-me: Ele ressuscitou; e eu? Mas, ele ressuscitou na natureza que recebeu de ti, por tua causa. Por conseguinte, a tua natureza nele te precedeu. Assumida de ti, subiu antes de ti; nela tu igualmente subiste. Pois, ele subiu primeiro, e nele nós subimos, porque aquela carne era do gênero humano. Assim pela ressurreição de Cristo, fomos reconduzidos dos abismos da terra. Ao ressuscitar Cristo, portanto, "reconduziste-me dos abismos da terra". Ao acreditarmos, porém, em Cristo "reconduziste-me novamente dos abismos da terra". Aqui está uma vez "novamente". Escuta a declaração do Apóstolo sobre a realização disso: "Se, pois, ressuscitastes com

Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra" (Cl 3,1.2). Logo, ele nos precedeu; também nós já ressuscitamos, mas só em esperança. Escuta o mesmo Apóstolo a dizer: "Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo". Ainda gemes, ainda esperas. Qual o dom que Cristo te concedeu? Ouve o seguinte: "Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,23-25). Fomos recondu-zidos, portanto, "novamente" dos abismos em esperança. Por que: "novamente?" Porque Cristo já nos precedera. Mas como ressurgiremos realmente, agora vivemos na esperança, agora andamos à luz da fé. Fomos recondu-zidos dos abismos da terra, acreditando naquele que antes de nós ressuscitou, vindo dos abismos da terra. Nossa alma ressuscitou da iniqüidade da infidelidade, e em nós se realizou certa ressurreição primeira através da fé. Mas, se for somente esta, como é que o Apóstolo afirma: "Suspirando pela redenção de nosso corpo?" E como é que assegura em outra passagem: "O corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10.11)? Logo, já ressuscitamos pela mente, pela fé, pela esperança, pela caridade; mas resta ainda ressuscitarmos corporalmente. Ouviste um "novamente"; ouviste o segundo "novamente". O primeiro "novamente", por causa de Cristo, que nos precedeu; e o segundo, ainda em esperança, o que resta obter na realidade. "Manifestaste-me por muitos modos a tua justiça". Fiéis, naqueles que ressuscitaram primeiro em esperança. "Manifestaste-me por muitos modos a tua justiça". A esta mesma justiça pertencem também os castigos; "com efeito, é tempo de começar o juízo pela casa de Deus" (1Pd 4,17), diz Pedro, isto é, um de seus santos. Pois o Senhor castiga todo filho que ele acolhe (cf Pr 3,12; Hb 12,6). "Manifestaste-me por muitos modos a tua justiça", porque não poupaste nem mesmo os filhos. Não deixaste de ensinar àqueles aos quais reservavas a herança eterna. "Manifestaste-me por muitos modos a tua justiça e te voltaste para consolar-me". Quanto ao corpo que há de ressuscitar no fim, "recondu-ziste-me novamente dos abismos da terra".

**11** [22] "Por isso também glorificarei ao som dos instrumentos para os salmos a tua verdade". Instrumento para acompanhar os salmos é o saltério. Mas o que é o saltério? É um instrumento de madeira com cordas. Que significa? Há uma diferença entre ele e a cítara. Os que entendem do assunto dizem que a diferença é a seguinte: a cavidade de madeira sobre a qual as cordas são esticadas para ressoarem acha-se na parte superior do saltério e na parte inferior da cítara. E como o espírito é do alto e a carne da terra, parece que o saltério representa o espírito, e a cítara a carne. Como eu havia dito que houve duas reconduções dos abismos da terra, uma segundo o espírito em esperança e outra segundo o corpo na realidade, ouve a referência às duas: "Por isso também glorificarei ao som dos instrumentos para os salmos a tua verdade". Isto quanto ao espírito; e quanto ao

corpo? “Salmodiarei com a cítara a ti, ó santo de Israel”.

**12** 23.24. Ouve ainda, por causa dos “novamente e novamente. A alegria estará em meus lábios, ao te cantar”. Visto que se costuma referir a palavra lábios ao homem interior e exterior, é ambíguo o sentido da palavra aqui; por isso, continua o salmista: “e em minha alma que resgataste”. Por conseguinte, que diremos dos lábios interiores daqueles que se salvaram em esperança, dos que foram reconduzidos dos abismos da terra na fé e na caridade, esperando ainda, no entanto, “a redenção de nosso corpo?” Já disse o salmista: “e em minha alma que resgataste”. No intuito, contudo, de não pensares que só a alma foi resgatada, sobre a qual ouviste agora o primeiro: “novamente”, diz o salmista: “Também”, contudo. Refere-se a quem este também? “Também minha língua discorrerá sobre tua justiça”; portanto, a língua membro do corpo. “Todos os dias”, isto é, na eternidade sem fim. Mas, quando será isto? No fim do mundo, na ressurreição dos corpos, na transformação para o estado angélico. Como se prova que se trata do fim do mundo: “Também minha língua discorrerá sobre tua justiça todos os dias? Quando os que procuravam a minha desgraça forem confundidos e envergonhados”. Quando ficarão confundidos, quando ficarão envergonhados, a não ser no fim do mundo? De duas maneiras serão confundidos: ou quando acreditarem em Cristo, ou quando ele vier. Pois, enquanto a Igreja está na terra, enquanto geme o trigo no meio das palhas, enquanto gemem as espigas entre o joio, enquanto gemem os vasos de misericórdia no meio dos vasos da ira (cf Mt 3,12; 13,30; 11 2Tm 2,20) sofrendo injúrias, enquanto geme o lírio no meio dos espinhos não faltarão os inimigos que digam: “Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome” (Sl 40,6). Quer dizer: Virá tempo em que eles acabarão e não existirão mais os cristãos. Como começaram em determinada época, assim durarão até certo tempo. Eles assim se exprimem, e morrerão para sempre; mas a Igreja permanece, anunciando a força do braço do Senhor a toda geração vindoura. Virá finalmente o próprio Cristo em sua glória. Ressurgirão todos os mortos, cada qual com a sua própria causa a ser julgada. Serão separados os bons à direita, os maus à esquerda (cf Mt 25,33), e serão confundidos os que insultavam, envergonhados os que zombavam. E assim minha língua depois da ressurreição discorrerá sobre tua justiça, todos os dias sobre teu louvor, “quando os que procuravam a minha desgraça forem confundidos e envergonhados”.

1 Cf Com. Sl 82,1.

# SALMO 71

## COMENTÁRIO

**1** [1] O título deste salmo traz anotado: “Sobre Salomão”, mas o que ele descreve não se adapta àquele Salomão, rei de Israel segundo a carne, conforme o que a Escritura dele narra. Pode, contudo, aplicar-se de modo muito adequado a Cristo Senhor. Daí se conclui que o próprio vocábulo Salomão foi empregado para, em sentido figurado, atribuir-se a Cristo. Efetivamente Salomão significa pacífico. Tal vocábulo convém de modo muito real e exato àquele que nos reconcilia com Deus, como mediador, de inimigos que éramos, após a remissão de nossos pecados. “Pois, quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho” (Rm 5,10). Ele é pacífico, que “de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação, suprimindo em sua carne a inimizade — a Lei dos mandamentos expressa em preceitos — a fim de criar em si mesmo dos dois povos um só homem novo, estabelecendo a paz. Assim ele veio e anunciou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto” (Ef 2,14-17). Ele próprio diz no evangelho: “Deixo-vos a paz, a minha paz voz dou” (Jo 14,27). Há muitos outros testemunhos a demonstrarem que Cristo Senhor é pacífico; mas não segundo a paz que o mundo conhece e procura e sim a paz a que se refere o profeta: “Dar-lhes-ei verdadeiro consolo, paz sobre paz” (Is 26,12, sg LXX); à paz da reconciliação une-se a paz da imortalidade. O mesmo profeta indica que, após a realização das promessas de Deus, por fim devemos esperar a paz, em que viveremos eternamente junto de Deus, dizendo: “Senhor nosso Deus, dá-nos a paz; pois tudo nos deste” (Is 26,12, sg LXX). Haverá paz absolutamente perfeita quando “a morte, o último inimigo, for destruída”. E quem o fará, a não ser aquele pacífico, nosso reconciliador? “Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,26.22). Uma vez que já encontramos o verdadeiro Salomão, isto é o genuíno pacífico, demos atenção ao que nos ensina em seguida a respeito dele este salmo.

**2** [2] Ó Deus, ao rei concede teu julgamento, a tua justiça ao filho do rei”. No evangelho declara o próprio Senhor: “O Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento” (Jo 5,22); a saber, “ó Deus, ao rei concede teu julgamento”. Este rei é também filho do rei, porque efetivamente Deus Pai é rei. Está escrito que um rei celebrou as bodas de seu filho (cf Mt 22,2). Como é usual nas Escrituras o salmo repete. Primeiro, se encontra: “teu julgamento” e depois: “tua justiça”, com o mesmo sentido. Emprega a palavra: “rei”, idêntica a: “filho do rei”. Igualmente se dá com o versículo: “Rir-se-á deles o que habita nos céus, e o Senhor zombará deles” (Sl 2,4). “Aquele que habita nos céus” é idêntico a: “Senhor”; “rir-se-á” iguala-se a: “zombará”. O mesmo se dá no versículo: “Narram os céus a glória de Deus e proclama o firmamento as obras de suas mãos” (Sl 18,2). A palavra “firmamento” é repetição do termo: “céus”, e “glória de

Deus” é retomado pela expressão: “obras de suas mãos”; enquanto: “narram” repete-se por: “proclama”. Estas repetições dão muito relevo à palavra de Deus, quer de idênticas palavras, quer por sinônimos. Usam-se principalmente nos salmos e naquelas espécies de exortações que estimulam os afetos.

**3** Continua o salmo logo: “A fim de que ele julgue teu povo com justiça e a teus pobres com eqüidade”. De modo claro revela-se por que razão Deus Pai ao rei seu Filho concedeu seu julgamento e sua justiça, na expressão: “A fim de que ele julgue teu povo com justiça”, quer dizer, para julgar teu povo. Tal locução encontra-se nos Provérbios de Salomão: “Provérbios de Salomão, filho de Davi, para conhecer sabedoria e disciplina” (Pr 1,1), isto é, Provérbios para se adquirir sabedoria e disciplina. Assim também: “Concede teu julgamento, a fim de que ele julgue teu povo”, isto é, dá teu julgamento para que ele saiba julgar teu povo. Primeiro disse: “teu povo”; é o mesmo que ele diz depois: “teus pobres”. E antes: “com justiça”, e em seguida, com idêntico sentido: “com eqüidade”, no estilo daquelas repetições. O salmista aqui demonstra bem que o povo de Deus deve ser pobre, isto é, não soberbo, mas humilde. Pois, “bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3). O bem-aventurado Jó possui este tipo de pobreza, mesmo antes de perder aquelas grandes riquezas terrenas. Achei conveniente relembrar isto, porque há alguns que têm mais facilidade em distribuir suas riquezas aos pobres do que em se tornarem eles próprios pobres de Deus. Estão inchados de jactância, e pensam que devem atribuir a si mesmos e não à graça de Deus o fato de viverem honestamente. E assim, já não vivem bem, por mais que julguem praticar muitas boas obras. De fato, consideram que o têm por si mesmos, e se gloriam como se não o tivessem recebido (cf 1Cor 4,7). São ricos por si mesmos e não pobres de Deus; têm de sobra em si mesmos, e não sentem falta de Deus. Mas declara o Apóstolo: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”. Seria como se dissesse: Se eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, mas não me tornasse pobre de Deus, nada me adiantaria. Pois, “a caridade não se incha de orgulho” (1Cor 13,3.4). Não existe verdadeira caridade de Deus naquele que é ingrato a seu Santo Espírito, por quem se difunde em nossos corações a caridade de Deus (cf Rm 5,5). Por isso, não pertencem ao povo de Deus aqueles que não são pobres de Deus. Com efeito, os pobres de Deus, dizem: “Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus” (1Cor 2,12). Pois, apesar de que neste salmo, devido ao mistério da encarnação, pelo qual o Verbo se fez carne (cf Jo 1,14), se diga a Deus Pai, que é rei: Concede “a tua justiça ao filho do rei”, eles não querem receber como dom a justiça de Deus, mas confiam adquiri-la por si mesmos. Ignorando a justiça de Deus, e querendo estabelecer a sua, não se sujeitam à justiça de Deus (cf Rm 10,3). Por conseguinte, não são, conforme disse acima, pobres de Deus, mas ricos em si mesmos, porque não são humildes e sim soberbos. Cristo, porém, virá julgar o povo de Deus com justiça, e os pobres de Deus com eqüidade; e com eqüidade distinguirá entre esses ricos e seus pobres, que, contudo, com sua própria pobreza transformou em seus ricos. Em verdade, clama por ele o povo dos pobres:

“Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa” (Sl 42,1).

**4** O salmista muda a ordem das palavras aqui. Tendo dito primeiro: “Ó Deus, ao rei concede teu julgamento, a tua justiça ao filho do rei”, põe antes o julgamento e em seguida a justiça; aqui, põe em primeiro lugar a justiça e em segundo o julgamento, dizendo: “A fim de que julgue teu povo com justiça e a teus pobres com julgamento”. Quer mostrar principalmente que chama julgamento de justiça, e que não há importância na ordem das palavras, porque têm o mesmo significado. Costuma-se chamar de julgamento perverso aquele que é injusto; mas não costumamos dizer que a justiça é iníqua ou injusta. Se for perversa e injusta, não deve ser denominada justiça. Portanto, ao dizer julgamento e repetir com o nome de justiça, ou falar de justiça e repetir sob o nome de julgamento, demonstra suficientemente que chama de julgamento o que costuma denominar justiça, termo que não se aplica a um julgamento errado. Ao dizer o Senhor: “Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça” (Jo 7,24), ele demonstra que pode existir juízo perverso, com a expressão: “Julgai conforme a justiça”, pois, enfim, proíbe aquilo e ordena isto. Quando, porém, fala em juízo sem acrescentar qualquer adjetivo, quer que se entenda tratar-se de juízo justo, como nesta sentença: “Omitis as coisas mais importantes da Lei: a justiça e a misericórdia” (Mt 23,23). E as palavras de Jeremias: “Assim aquele que ajunta riqueza sem julgamento” (Jr 17,11). Ele não diz: Que ajunta riquezas com um julgamento mau ou injusto, ou com julgamento reto ou justo; mas: “sem julgamento”, e com isto denomina julgamento apenas o que é reto e justo.

**5** [3] “Recebam os montes a paz para o povo e as colinas a justiça”. Os montes são maiores e as colinas, menores. Com isto, designa os que se acham em outro salmo: “Pequenos e grandes. Estes montes saltaram como carneiros, as colinas como cordeiros, quando Israel saiu do Egito” (Sl 113,13.4.1), isto é, quando o povo de Deus foi libertado da escravidão deste mundo. Os mais eminentes na Igreja, devido a grande santidade, são montes. Eles são idôneos a ensinar aos demais (2Tm 2,2), falando de modo a instruir fielmente, e vivendo de tal modo que possam ser imitados salutarmente. Colinas, porém, são os que seguem a bondade dos primeiros, por sua obediência. Por que razão, então, diz o salmo: “os montes recebam a paz e as colinas a justiça?” Talvez não houvesse diferença se disséssemos: Os montes recebam a justiça para o povo e as colinas a paz? Ambas, a justiça e a paz, são necessárias. E pode acontecer que outro nome da paz seja justiça. Esta é a verdadeira paz, que difere daquela que os injustos têm entre si. Ou seria melhor dizer que não é desprezível esta distinção: “Os montes recebam a paz e as colinas a justiça?” Com efeito, os melhores na Igreja devem atender com grande vigilância à paz, a fim de que não provoquem divisões, agindo com soberba por causa de suas honrarias, e rompam a unidade. E as colinas, assim, imitando-os e obedecendo-lhes, podem referi-los a Cristo. Não suceda que seduzidos por vã autoridade perversos, que parecem excelentes, os menores se separem da unidade de Cristo. Por isso foi dito: “Recebam os montes a paz para o povo”. Digam esses montes: “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1Cor 11,1). E ainda: “Entretanto, se nós mesmos ou um anjo

do céu vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema" (Gl 1,8). Digam igualmente: "Paulo terá sido crucificado em vosso favor? ou fostes batizados em nome de Paulo?" (1Cor 1,13). "Assim, recebam a paz para o povo" de Deus, isto é, os pobres de Deus; não desejem reinar sobre eles, mas com eles. Quanto aos pobres não afirmem: "Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas", mas digam todos: "Eu sou de Cristo" (1Cor 1,12). Nisso consiste a justiça: não preferir os servos ao Senhor, nem igualá-los; ao invés, levantar os olhos para os montes para ver de onde lhes virá auxílio (cf Sl 120,1.2), sem, contudo, esperar auxílio dos montes, mas do Senhor que fez o céu e a terra.

**6** Com muita conveniência é possível entender o versí-culo: "Recebam os montes e paz para o povo" no sentido de reconciliação com Deus. De fato, nos montes a recebem para seu povo. Assim o atesta o Apóstolo: "Passaram-se as coisas antigas; eis que fez uma realidade nova. Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação". É deste modo que os montes recebem a paz para seu povo. "Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e pondo em nós a palavra de reconciliação". Em quem, senão nos montes que recebem a paz para seu povo? Por este motivo, os embaixadores da paz acrescentam em seguida: "Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,17-20). Esta paz os montes recebem para seu povo, isto é, recebem a função de pregadores e de embaixadores de sua paz. As colinas, porém, recebam a justiça, isto é, a obediência, que nos homens e em toda criatura racional é a origem e a perfeição de toda justiça. Assim, alude-se a uma grande diferença entre dois homens, a saber, Adão que foi nosso chefe para nossa morte, e Cristo que é nossa Cabeça para nossa salvação, porque assim "como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um só, todos se tornarão justos" (Rm 5,19). "Recebam, portanto, os montes a paz para o povo e as colinas a justiça", de tal modo que pela concordância entre ambos se realiza a palavra: "A justiça e a paz se oscularam" (Sl 84,11). Quanto à variante de alguns códices: "Recebam os montes e as colinas a paz para o povo", a meu ver, refere-se a ambos como sendo os pregadores da paz evangélica; tanto os primeiros como os segundos. Nestes códices encontra-se em seguida: "Com justiça ele julgará os pobres do povo". Mas têm maior aceitação os códices que trazem conforme o que expusemos acima: "Recebam os montes a paz para o povo, e as colinas a justiça". Alguns têm: "teu povo", enquanto outros não trazem: "teu", mas apenas: "povo".

**7** [4] "Ele julgará os pobres do povo, salvará os filhos dos pobres". Pobres e filhos dos pobres parecem-me idênticos, assim como se trata da mesma cidade quando se diz: Sião e filha de Sião. Se, porém, se deve distinguir, identificamos "os pobres com os montes e os filhos dos pobres com as colinas"; ainda: profetas e apóstolos são "os pobres" e seus filhos, isto é, os que tiram proveito de seus ensinamentos são "os filhos dos pobres". Quanto à expressão: "Julgará", seguida de: "salvará" trata-se de uma exposição de como

julgará. Julgará para salvar, isto é, distinguirá dos que vão se perder e condenar aqueles que receberão a salvação preparada para a revelação nos últimos dias (cf 1Pd 1,5). Com efeito, estes dizem ao Senhor: “Não arruínes com os ímpios a minha alma” (Sl 25,9); e: “Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa” (Sl 42,1). Merece consideração também que o salmista não disse: Julgará o povo pobre, mas: “os pobres do povo”. No trecho em que disse: “Julgue teu povo com justiça e a teus pobres com julgamento” chama de povo de Deus os seus pobres, isto é, somente os bons, destinados ao lado direito. Como, porém, neste mundo, simultaneamente se apascentam os da direita e os da esquerda, que hão de ser separados no fim como cordeiros e cabritos (cf Mt 25,32), o todo assim mesclado recebe o nome de povo. E como aqui a palavra juízo está na sua acepção melhor, a saber, para salvar, diz o salmo: “Julgará os pobres do povo”, quer dizer, distinguirá para salvá-los, aqueles que são pobres dentre o povo. Já expusemos acima (cf nº 3.) quem são esses pobres. Incluamos entre eles os necessitados. “E abaterá o caluniador”. Não há maior caluniador do que o diabo. Uma de suas calúnias é a seguinte: “É em vão que Jó teme a Deus?” (Jó 1,9). O Senhor Jesus, porém, humilha o diabo, ao ajudar os seus com a graça, a fim de que eles o adorem gratuitamente, isto é, deleitem-se no Senhor (cf Sl 36,4). Humilhou-o também de outra maneira, pois o diabo, o príncipe deste mundo, não encontrando nele culpa alguma (cf Jo 14,30), matou-o através das calúnias dos judeus. O caluniador deles se utilizou, quais instrumentos, operando nos filhos da incredulidade (cf Ef 2,2). Humilhou-o também porque aquele que ele matara ressuscitou e tirou-lhe o reino da morte, onde ele exercia o poder de tal sorte que por meio de um só homem que ele seduzira, arrastasse todos à condenação, através da morte. Mas foi humilhado, porque se pela falta de um só a morte imperou através deste único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo (cf Rm 5,17), que humilhou o caluniador, o qual introduzira no intuito de perdê-lo falsa incriminação, juízes iníquos, falsas testemunhas.

**8** [5] “E permanecerá para o sol”, ou: “Durará quanto o sol”. Foi assim que alguns dos nossos julgaram melhor traduzir a palavra grega simparamenei. Se fosse possível verter por uma só palavra em latim, devíamos dizer: compermanebit (co-durará); como não se pode falar assim em latim, para dar ao menos o sentido foi traduzido: permanebit cum sole (durará quanto). Não há diferença entre compermanebit e permanebit cum. Que há de importante em permanecer tanto quanto o sol para aquele por quem tudo foi feito e sem o qual nada se fez? (cf Jo 1,3). A não ser que esta profecia vise àqueles que julgam durar a religião cristã somente certo tempo neste mundo e depois cessará. Por conseguinte, “durará quanto o sol”, por tanto tempo quanto o sol nascer e se pôr, isto é, enquanto os tempos decorrerem, a Igreja de Deus, isto é, o corpo de Cristo na terra, não terminará. O acréscimo: “e antes da lua de geração em geração” poderia ter esta forma: E antes do sol, isto é, com o sol e antes do sol. Significaria: Com os tempos e antes dos tempos. Antes do tempo é a eternidade. De fato, considera-se eterno o que nunca varia, como o Verbo era no princípio. Prefere-se representar com a figura da lua os acréscimos

e descréscimos dos mortais. Enfim, tendo dito: “antes da lua”, o salmista quis de certo modo expor o sentido da palavra lua, dizendo: “geração em geração”. Equivaleria a dizer: “Antes da lua”, isto é, antes das “De gerações das gerações”, que passam pela morte e sucessão dos mortais, quais fases da lua. Que melhor sentido encontramos para permanecer “antes da lua” do que dizer que Cristo precede pela imortalidade a todos os mortais? Há certa conveniência nesta acepção, pois após humilhar o caluniador, ele está sentado à direita do Pai; seria isto permanecer “com o sol”. De fato, o Filho é o esplendor da eterna glória (cf Hb 1,3). O Pai é como o sol, e seu esplendor é o Filho, mas enquanto isto se aplica à substância invisível do Criador, e não como se diz a respeito da criação visível, na qual existem os corpos celestes, entre os quais se destaca com maior brilho o sol. Dele se origina esta comparação, como se usa também tirar comparações das coisas terrestres: da pedra, do leão, do cordeiro, do homem que tem dois filhos, etc. Então, após ter sido humilhado o caluniador, Cristo dura “quanto dura o sol”, porque havendo vencido o diabo por sua ressurreição, está sentado à direita do Pai, onde não mais morrerá e a morte não terá mais domínio sobre ele (cf Mt 16,19; Rm 6,9). E isto, “antes da lua”, precedendo como primogênito dentre os mortos a Igreja, que vai passando pela morte e sucessão dos mortais. Estas são as “gerações das gerações”. Ou talvez sejam gerações a nossa geração para a vida mortal e “gerações das gerações” nossa regeneração para a vida imortal. Esta é a Igreja a quem ele precedeu, o primogênito dentre os mortos, para durar “antes da lua”. Como em grego se encontra genas geneon alguns traduziram não pelo nominativo: “gerações”, mas por “das geração das gerações”, porque em grego é ambíguo o caso de genas: se é genitivo singular, tes geneas, isto é, desta geração, ou acusativo plural tas geneas, isto é, estas gerações. Não é evidente. A não ser que, com razão, se prefira o sentido exposto acima: à “lua” segue: “gerações das gerações”.

**9** [6] “E descerá como a chuva sobre o velo e como as gotas de orvalho sobre a terra”. Relembra com uma exortação o feito do juiz Gedeão, que visava a Cristo, Gedeão pediu um sinal ao Senhor. Queria que chovesse apenas sobre o velo que ele colocara na eira, e não chovesse sobre esta. Depois, que só o velo ficasse seco e chovesse sobre a eira. E assim se fez (cf Jz 6,36-40). Significava que primeiro o povo de Israel foi como o velo seco na eira, isto é, toda a terra. O próprio Cristo desceu como a chuva sobre o velo, enquanto a eira ainda estava seca. Daí vem que ele disse: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). Foi aí que escolheu a mãe da qual receberia a condição de servo, na qual devia aparecer aos homens; aí também escolheu os discípulos, aos quais prescreveu: “Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Dirigi-vos, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,5.6). Ao dizer: “antes, dirigi-vos” a elas, mostra que depois, quando já estivesse molhada de chuva a eira, deviam ir também em busca das outras ovelhas, que não pertencessem ao antigo povo de Israel. A elas assim se refere: “Mas tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também, e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10,16). Daí afirmar também o Apóstolo: “Pois eu vos asseguro que Cristo se

fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais" (Rm 15,8.9). Deste modo, a chuva desceu sobre o velo, quando a eira ainda estava seca. Mas como segue: "Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia" (id 9) de sorte que com o correr do tempo se cumprisse o que diz o profeta: "Um povo que eu não conhecia pôs-se a meu serviço: logo que ouviu, obedeceu-me" (Sl 17,45), já vemos que, pela graça de Cristo o povo judaico permaneceu árido, enquanto em toda a terra por todos os povos cristãos, as nuvens fizeram chover a graça. De fato, em outras palavras, o salmista se refere à mesma chuva, dizendo: "como as gotas da chuva sobre a terra", não sobre o velo. Que é a chuva senão gotas que correm? Por isso considero que aquele povo foi representado pelo nome de velo, ou porque devia ser despojado da autoridade da doutrina, como a ovelha é tosquiada; ou porque escondia e retinha a chuva, que não queria fosse anunciada aos pagãos, isto é, aos povos incircuncisos.

**10** [7] "Surgirá em seus dias justiça e paz profunda até que cesse de existir a lua". Cesse de existir por alguns foi traduzido: "seja retirada", por outros: "seja elevada". Uma só palavra grega: antanairethe foi assim vertida, conforme cada opinião. Mas não são muito discordantes os que escreveram: "seja retirada" e os que disseram: "seja elevada". É mais comum dizer-se: "cesse de existir" de uma coisa que é retirada para não existir mais, do que a respeito do que é elevado. "Seja retirada", de fato, não se pode interpretar senão que se perca, isto é, não exista mais. "Seja elevada", porém, só se refere ao que é colocado mais alto. Em mau sentido costuma significar a soberba, conforme a palavra: "Não te exaltes em tua sabedoria" (cf Eclo 32,6). No bom sentido, contudo, é atinente a honra maior, uma certa exaltação, conforme diz o salmo: "Durante as noites levantai as mãos para o santuário e bendizei o Senhor" (Sl 133,2). No presente salmo, portanto, se optarmos por: seja retirada, que sentido tem: "até que seja retirada a lua" senão que deixe de existir? Talvez quis dar a entender que a mortalidade não existirá mais, ao ser destruída "a última inimiga, a morte" (cf 1Cor 15,26). Então a paz profunda chegará ao ponto de que nada se oponha mais à felicidade dos bem-aventurados, devido à fraqueza da mortalidade. Assim sucederá naquele século, cuja promessa recebemos de Deus, através de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual foi dito: "Surgirá em seus dias justiça e paz profunda", até que vencida e destruída inteiramente a morte, toda mortalidade seja consumida. Noutro sentido, o vocábulo lua se aplica não à mortalidade da carne pela qual passa atualmente a Igreja e sim, de modo absoluto, à própria Igreja, que permanecerá para sempre, quando livre da mortalidade. O versículo: "Surgirá em seus dias justiça e paz profunda até que seja exaltada a lua", nesta forma teria o sentido seguinte: Em seus dias surgirá a justiça, que vencerá a oposição e rebeldia da carne, e haverá paz em aumento e abundância até que a lua seja elevada, isto é, seja exaltada a Igreja, para reinar com Cristo na glória da ressurreição. Nesta glória precedeu-a o primogênito dentre os mortos, a fim de se sentar à direita do Pai (cf Mc 16,19). Assim, Cristo permanece "com o sol e antes da lua", mas a lua posteriormente também será exaltada.

**11** [8] "E dominará de um a outro mar, e desde o rio até os confins da terra", aquele do qual dissera com verdade o salmista: "Surgirá em seus dias justiça e paz profunda até que a lua seja exaltada". Se é exato que o vocábulo lua aqui é referente à Igreja, conseqüentemente o salmista alude à larga difusão da Igreja, acrescentando: "E dominará de um mar a outro mar". Com efeito, a terra está cercada de um grande mar, denominado oceano, do qual uma parte mínima reflui sobre a terra, constituindo estes mares conhecidos, que os navios atravessam. Por conseguinte, com os termos; "de um a outro mar", quer o sal-mista afirmar que o Cristo dominará de determinada extremidade da terra a outra, e que seu nome e poder haverão de ser anunciados na terra inteira, com enorme eficiência. Visando a que não se interprete de outro modo: "De um a outro mar", logo acrescentou: E desde o rio até os confins da terra. A expressão: "até os confins da terra" equivale à locução anterior: "De um a outro mar". Quanto ao termo: "desde o rio" evidentemente alude ao fato de que Cristo quis recomendar seu poder do lugar onde começou a escolher seus discípulos, a saber, do rio Jordão, onde o Espírito Santo desceu sobre o Senhor que acabara de ser batizado, e uma voz veio do céu declarando: "Este é o meu Filho amado" (Mt 3,17). Aí teve início seu ensinamento e a autoridade de seu magistério celeste. Eles se propagam até os confins da terra, ao ser pregado o evangelho do reino em todo o orbe, para testemunho diante de todos os povos. E então virá o fim.

**12** [9] "Os etíopes se prostrarão diante dele e seus inimigos lamberão a terra". Os etíopes figuram todos os povos, a parte representa o todo, de preferência é nomeado o povo que está nos confins da terra. "Diante dele se prostrarão", quer dizer, ajudá-lo-ão. O salmista tem em vista os cismas que haveriam de aparecer em diversos lugares da terra, invejando a Igreja católica difundida por todo o orbe, e que, de fato, os mesmos cismas se classificariam segundo os nomes de seus chefes e que os homens, amando os autores das divisões, atacarão a glória de Cristo a brilhar por todas as terras. Por isso, tendo dito: "Os etíopes se prostrarão diante dele", termina: "e seus inimigos lamberão a terra", isto é, amarão os homens, invejando a glória de Cristo, ao qual foi dito: "Eleva-te, ó Deus, acima dos céus; em toda a terra resplandeça a tua glória" (Sl 107,6). Efetivamente, o homem merecera a sentença: "Pois tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19). Lambendo esta terra, isto é, deleitando-se na autoridade grandiloqüente destes homens, amando-os e estimando sua amizade, eles contradizem à palavra divina que anuncia a Igreja católica estabelecida não apenas em alguma parte da terra, como qualquer cisma, mas a dar fruto e progredir em todo o mundo, havendo de chegar até aos próprios etíopes, isto é, aos últimos e mais escuros dos homens.

**13** [10.11] "Os reis de Társis e as ilhas lhe oferecerão presentes; os reis da Arábia e de Sabá lhe conduzirão seus dons. Adorá-lo-ão todos os reis da terra; todas as nações o servirão". Esse trecho não pede um expositor, mas quem queira contemplar sua realização. Apresenta-se não só aos fiéis que se alegram, mas também aos infiéis que se lamentam. A não ser, talvez, que se pergunte o significado da expressão: "conduzirão seus dons". Costumam-se conduzir seres que podem caminhar. Acaso foi dito de vítimas

a serem imoladas? De forma alguma tal justiça aparece nos dias seus. Mas, os dons que foram trazidos parecem-me significar os homens, que a autoridade dos reis conduz à sociedade da Igreja de Cristo. Mesmo os reis perseguidores trouxeram dons, sem saberem o que faziam ao imolarem os santos mártires.

**14** [12] O salmista expõe o motivo por que tantas honrarias lhe são prestadas pelos reis, e qual a razão por que todos os povos o servem: "Ele livrou o pobre do prepotente e o miserável que não tinha protetor". Pobre e miserável é o povo dos que nele acreditam. No meio deste povo acham-se também os reis que o adoram. Eles não desdenham ser pobres e necessitados, isto é, ser daqueles que humildemente confessam seus pecados e necessitam da glória e da graça de Deus, a fim de que aquele rei, filho do Rei, os liberte do prepotente. Identifica-se o prepotente com aquele que acima foi denominado caluniador. Foram os pecados dos homens e não seu próprio poder que o tornou prepotente para sujeitar os homens e retê-los cativos. Prepotente, na verdade, é aquele que é chamado forte; por isso, aqui igualmente é denominado prepotente. Mas aquele que humilhou o caluniador e entrou na casa do forte, a fim de tomar os seus bens, após tê-lo aprisionado (cf Mt 12,29), aqui "livrou o pobre do prepotente e o miserável que não tinha protetor". Não pôde realizar tal obra a força de qualquer um, nem de qualquer homem justo, ou algum anjo. Como não havia protetor algum, veio o próprio Senhor e os salvou.

**15** [13] Pode surgir a dúvida: Se o homem estava cativo do diabo por causa de seus pecados, a Cristo agradavam os pecados, uma vez que ele livrou o pobre do prepotente? De forma alguma; mas ele "terá compaixão do necessitado e do indigente". Perdoará os pecados ao humilde que não confia nos próprios méritos, nem espera a salvação de seu próprio poder, mas está necessitado da graça do Salvador. O acréscimo: "E salvará a vida dos pobres" alude a ambos os resultados do auxílio da graça: a remissão dos pecados, com as palavras: "Terá compaixão do necessitado e do indigente" e a participação na justiça, com os termos: "E salvará a vida dos pobres". Ninguém é capaz de obter para si mesmo a salvação, esta salvação que consiste na perfeita justiça, se não o ajudar a graça de Deus; pois a plenitude da Lei é somente a caridade, que não existe em nós por nós mesmos, mas é difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf Rm 5,5).

**16** [14] "Resgatará as suas almas da usura e da iniqüidade". Que usura é esta senão os pecados, também denominados débito? (cf Mt 6,12). Penso que foram chamados usura porque há mais males nos suplícios do que nos pecados cometidos. Pois, por exemplo, mata um homicida apenas o corpo de um homem, sem poder atingir-lhe a alma, mas perdem-se seu corpo e sua alma na geena. A estes desprezadores do preceito e zombadores do futuro suplício foi dito: "Ao voltar, eu receberia com juros o que é meu" (Mt 25,27). Desta usura escapam as almas dos pobres, pelos méritos daquele sangue que foi derramado para a remissão dos pecados. Ele resgata da usura, perdoando os pecados, que mereciam maiores suplícios; resgata, porém, da inqüidade, ajudando com a graça a

praticar a justiça. É uma repetição das duas coisas que foram ditas mais acima. Antes fora dito: "Terá compaixão do necessitado e do indigente", e agora: "Da usura"; no outro versículo: "E salvará a vida dos pobres" parece que foi dito: "Da iniqüidade" para que se subentenda em ambos os casos: "Resgatará". Pois, tendo compaixão, resgatará da usura e salvando, resgatará da iniqüidade. "Terá compaixão do necessitado e do indigente e salvará a vida dos pobres", e igualmente "resgatará as suas almas da usura e da iniqüidade. E seu nome será honrado diante deles". Aqueles que respondem ser digno e justo dar graças ao Senhor seu Deus honram seu nome por causa de tão grandes benefícios. Além disso, outros códices tem o seguinte: "E o nome deles será honrado na sua presença", porque apesar de parecerem os cristãos desprezíveis neste mundo, o nome deles é honroso na presença de Deus, que lhes deu este nome. Ele não se recordará de seus nomes, proferindo com os lábios (cf Sl 15,4) sua denominação anterior, quando estavam presos ainda às superstições dos pagãos ou assinalados com os vocábulos de seus deméritos, antes de serem cristãos. O nome deles é honroso na presença de Deus, apesar de parecerem desprezíveis aos inimigos.

**17** [15] "Assim ele viverá. Ser-lhe-á ofertado o ouro da Arábia". Não se diria: "E viverá" (pois de que ser vivente nesta terra, mesmo que seja por qualquer diminuto espaço de tempo, se pode assim afirmar?) se não se tratasse daquela vida "na qual já não morre, e a morte não tem mais domínio sobre ele" (Rm 6,9). E por isso "viverá" quem desprezou morrer; pois conforme afirma outro profeta: "Será cortado da terra dos vivos" (Is 53,8; cf At 8,35). Mas, que significa: "Ser-lhe-á ofertado o ouro da Arábia?" Pois, Salomão recebeu ouro de lá, e neste salmo ele figura o outro Salomão, o verdadeiro, o pacífico realmente. Não foi Salomão que dominou "desde o rio até os confins da terra". Foi profetizado que até os sábios deste mundo haveriam de crer em Cristo. Entendemos por Arábia os povos; por ouro a sabedoria que se destaca entre as ciências como o ouro entre os metais; daí vem que foi escrito: Recebei a prudência como prata e a sabedoria como ouro purificado (cf Pr 8,10.11). "E rezarão sempre a respeito dele". O texto grego traz peri autou que alguns verteram por: "a respeito dele, outros por: a favor dele ou por ele mesmo". Que sentido tem: "a respeito dele" senão o da petição: "Venha teu reino"? (Mt 6,10). De fato, a vinda de Cristo trará aos fiéis o reino de Deus. É difícil entender o que quer dizer "a favor dele", a não ser que ao se rezar pela Igreja, que é seu corpo, se reze em favor dele. É grande o mistério da união de Cristo e da Igreja: "Serão dois numa só carne" (Ef 5,32.31). Quanto ao que vem a seguir: "Todo dia", isto é, durante todo tempo, "o bendirão", é suficientemente claro.

**18** [16] "E haverá fartura na terra, no cimo dos montes; todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim" (1Cor 1,20), isto é, neles foram confirmadas, porque nele se realizou tudo o que foi profetizado acerca de nossa salvação. Convém entender por cimo dos montes os autores das Sagradas Escrituras, quer dizer, os que as ministraram. Nelas, efetivamente, Cristo é a confirmação, porque a ele se referem todas as coisas que foram escritas por inspiração divina. Quis que isto acontecesse na terra, porque elas foram exaradas para aqueles que se acham na terra. Por esse motivo, também ele veio à

terra, para confirmar todas as Escrituras, isto é, mostrar que nele elas se cumprem. “Era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim”, disse ele, “na Lei de Moisés, nos profetas e nos salmos” (Lc 24,44), isto é, “no cimo dos montes”. Assim, portanto, “o monte da casa do Senhor será estabelecido no mais alto das montanhas, nos últimos tempos” (Is 2,2), a saber, “no cimo dos montes. E seus frutos serão mais elevados do que o Líbano”. Costumamos tomar a palavra Líbano no sentido de dignidade deste mundo, porque o Líbano é um monte que tem árvores altíssimas e seu nome significa brancura. Por que nos admirarmos de que Cristo seja exaltado acima de todas as ilustres grandezas deste mundo, e de que os que amam os seus frutos desprezem todas as dignidades do mundo? Se, porém tomarmos a palavra Líbano no bom sentido, por causa dos “cedros que ele plantou” (Sl 103,16) que outro fruto seria o que se exalta acima do Líbano, senão aquele de que trata o Apóstolo ao falar da caridade: “Passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos”? (1Cor 12,31). Esta é proposta em primeiro lugar entre os dons divinos: “O fruto do espírito, porém, é a caridade” (Gl 5,22). E daí ele tira as demais conseqüências. “E florescerá o povo da cidade como a relva dos campos”. O termo: cidade aqui é ambíguo, porque não foi determinado pelo pronome seu ou: de Deus; não está escrito: sua cidade, ou cidade de Deus, mas apenas “da cidade”. No bom sentido seria da cidade de Deus, isto é, na Igreja floresce o povo como a erva; mas erva útil, como é o trigo, visto que também ele é incluído entre as ervas na Sagrada Escritura. No Gênesis, foi ordenado à terra que produzisse toda espécie de árvores e de ervas (cf Gn 1,11), sem nomear trigo. Sem dúvida, este não seria omitido se não se pudesse entender pelo nome de erva também ele. Isto se acha igualmente em muitas outras passagens escriturísticas. Se, porém, devemos tomar: “E florescerá o povo como a relva dos campos” no sentido da frase: “Toda a carne é erva e toda a sua graça como a flor do campo”, entenda-se aqui por cidade a sociedade mundana. Não foi em vão que se diz ter sido Caim o primeiro a edificar uma cidade (Gn 4,17). Além disso, o fruto de Cristo foi elevado acima do Líbano, isto é, de todas as árvores duráveis e de todos os madeiros incorruptíveis, por se tratar de um fruto eterno. Todo esplendor humano proveniente de dignidade temporal mundana compara-se com o feno, porque os fiéis que esperam a vida eterna desprezam a felicidade temporal. Assim se realiza o que foi escrito: “Toda carne é erva e toda a sua graça como a flor do campo. Seca a erva e murcha a flor. Mas a palavra do Senhor subsiste para sempre” (Is 40,6-8). Lá seu fruto foi elevado acima do Líbano. Pois, a carne sempre foi como a erva, e toda a sua graça como a flor do campo, mas não sendo ainda evidente qual felicidade devia ser escolhida e preferida, a flor do feno era tida em grande conta. Não somente não era absolutamente desprezível, mas até era muito apetecível. Por isso, como se apenas agora começasse outro ponto de vista, quando o esplendor mundano começou a ser desprezado e abandonado, foi dito: “Seus frutos serão mais elevados do que o Líbano e florescerá o povo da cidade como a relva dos campos”. Propagar-se-á mais do que tudo o objeto das promessas eternas, e será comparado ao feno dos campos tudo o que era valioso no mundo.

**19** [17] "Pelos séculos seja bendito o seu nome. Ele se perpetuará enquanto brilhar o sol". Por sol simbolizam-se os tempos. Por conseguinte, seu nome permanecerá para sempre. A eternidade precede os tempos, e não se encerra com eles. "Nele serão abençoadas todas as tribos da terra". Nele, na verdade, se cumpre a promessa feita a Abraão. "Não diz: e aos descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo" (Gl 3,16). A Abraão, porém, foi dito: "Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra" (Gn 22,18). "Não são os filhos da carne, mas os filhos da promessa que são tidos como descendentes" (Rm 9,8). "Todas as nações o glorificarão". Expõe, de certo modo repetindo o que dissera mais acima. "Glorificá-lo-ão" porque nele serão abençoadas. As nações não o fazem crescer, pois por si mesmo ele é grande, mas louvam-no e confessam sua grandeza. É assim que glorificamos a Deus. De igual modo pedimos: "Santificado seja teu nome" (Mt 6,9), que efetivamente é sempre santo.

**20** [18] "Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. Só ele opera maravilhas". Pela consideração do que foi dito acima, o salmista irrompe num hino, e bendiz o Senhor Deus de Israel. Cumpre-se a profecia feita àquela mulher estéril: "O Senhor Deus de Israel é teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra" (Is 54,5). "Só ele opera maravilhas". Seja o que for que outros façam, opera neles aquele que é o único a "operar maravilhas".

**21** [19] "E bendito seja o seu nome glorioso eternamente e nos séculos dos séculos". De que modo se exprimiriam os tradutores latinos, uma vez que não podem dizer: eternamente e eternamente do eterno? Parece ser uma coisa: "eternamente" e outra: "nos séculos"; de fato, soa assim. Mas o grego traz: "eis tòn aiona kaí eis tòn aiona tòu aionos"; talvez fosse melhor traduzir: nos séculos e nos séculos dos séculos. "Nos séculos" se entenderia: enquanto dura este século. Nos séculos dos séculos, porém, o que nos é prometido depois do fim do mundo. "De sua glória se encherá toda a terra. Assim seja. Assim seja". Tu ordenaste, Senhor. Assim se faça. Assim seja, até que aquilo que se iniciou "desde o rio" chegue perfeitamente "até os confins da terra".

# SALMO 72

## SERMÃO

(Proferido na Basílica Restituída, em Cartago)

**1** Ouvi, ouvi, caríssimos filhos do coração do corpo de Cristo, que pondes vossa esperança no Senhor vosso Deus, sem consideração pelas vaidades e loucuras mentirosas (cf Sl 39,5). E vós que ainda as olhais, ouvi para não as olhardes mais. Este salmo tem como inscrição, quer dizer, como título: "Terminaram os hinos (Sl 71,20) de Davi, filho de Jessé. Salmo de Asaf". Temos tantos salmos em cujo título encontra-se o nome de Davi, mas nunca foi acrescentado: "filho de Jessé", a não ser neste. Certamente não foi em vão, nem inutilmente; sempre Deus nos faz sinal, e nos convida um zelo piedoso, inspirado pela caridade, a procurarmos entender. Que significa: "Terminaram os hinos de Davi, filho de Jessé?" Os louvores de Deus acompanhados de cânticos chamam-se hinos. Hinos são cantos que contêm louvores a Deus. Se é louvor, mas não de Deus, não se chama hino; se é louvor, e louvor de Deus, mas não é cantado, não é hino. Para merecer o nome de hino deve conter estes três requisitos: ser louvor, e louvor de Deus, e cântico. Que quer dizer, então: "Terminaram os hinos?" Terminaram os louvores cantados a Deus. Parece notícia má e lutuosa. Quem canta o louvor, não apenas canta, mas louva também com alegria; quem canta o louvor, não somente canta, mas ainda ama aquele a quem canta. Constitui uma pregação o louvor de quem confessa, e o cântico de quem ama desperta a afeição. "Terminaram", portanto, "os hinos de Davi"; além disso, diz o salmista: "filho de Jessé". Davi, de fato, rei de Israel, era filho de Jessé (cf 1Rs 16,18), em determinada época do Antigo Testamento. Nesta época achava-se oculto o Novo Testamento, como fruto na raiz. Quem procurar fruto na raiz não encontra; mas também não encontrará nos ramos fruto que não proceda da raiz. Naquela época vivia o primeiro povo, originário de Abraão segundo a carne; pois o segundo povo, pertencente ao Novo Testamento, provém de Abraão, mas espiritualmente. Por conseguinte, o primeiro povo, ainda carnal, onde havia poucos profetas a entenderem o que esperar de Deus, e quando deveriam pregar publicamente, prenunciaram estes tempos que haveriam de vir, e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Como o próprio Cristo, que segundo a carne haveria de nascer, ocultava-se na raiz, a descendência dos patriarcas, e deveria revelar-se em determinada época, qual fruto que brota, conforme foi escrito: "Um ramo sairá do tronco de Jessé" (Is 11,1), também o Novo Testamento, acerca de Cristo, ocultava-se naqueles primeiros tempos e foi conhecido só dos profetas e de poucos varões piedosos, e isso não por manifestação de fatos presentes, mas por revelação de fatos futuros. E para relembrar somente um, que significa, irmãos, ter Abraão enviado seu servo fiel para procurar uma esposa para seu filho único e feito com que ele lhe jurasse, dizendo-lhe para tal: "Põe a tua mão debaixo de minha coxa. Eu te faço jurar"? (Gn 24,2). Que havia na coxa de Abraão, onde o servo pôs a mão para jurar? Que havia, senão o objeto da

promessa: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações”? (Gn 22,18). Pelo nome de coxa figura-se a carne. Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu da carne de Abraão, através de Isaac e Jacó, e para não citarmos muitos nomes, de Maria.

**2** Como demonstrar que os patriarcas foram a raiz? Interroguemos Paulo. Os pagãos que já haviam acreditado em Cristo, de certo modo queriam se orgulhar contra os judeus que haviam crucificado o Cristo. No entanto, daquele povo provinha um dos muros que formaram um ângulo, isto é, o próprio Cristo, sendo o outro, o muro do lado oposto, os pagãos. Então, como os gentios se exaltavam, Paulo assim os reprime: “Se tu, oliveira silvestre, foste enxertada entre os ramos, não te vanglories contra os ramos; e se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz que sustenta a ti?” Assim, ele afirma que da raiz dos patriarcas foram quebrados alguns ramos devido a sua infidelidade, e foi enxertado o ramo da oliveira silvestre, para receber a fecundidade da oliveira, isto é, a Igreja proveniente dos gentios. E quem inseriu a oliveira silvestre na oliveira genuína? Costuma-se enxertar um ramo de oliveira na oliveira silvestre; ao invés, enxertar oliveira silvestre numa oliveira verdadeira, nunca o vimos. Pois se alguém o fizer, não encontrará frutos senão da silvestre. Pois o enxerto cresce e produz seus próprios frutos; os frutos não vêm da raiz, mas do enxerto. O Apóstolo mostra que a onipotência de Deus fez com que o ramo da oliveira silvestre fosse enxertado na oliveira genuína, e desse olivas e não o seu próprio fruto. Referindo-se à onipotência de Deus ele declara o seguinte: “Se tu, oliveira silvestre, contra a natureza, foste enxertada entre os ramos da verdadeira oliveira, não te vanglories contra os ramos. Porém, dirás: Foram cortados os ramos para que eu fosse enxertada. Muito bem! Eles foram cortados pela incredulidade; tu, porém, fica firme pela fé; não te ensoberbeças, mas teme”. Por que diz: “Não te ensoberbeças?” Não te orgulhes por teres sido enxertado; mas teme seres quebrado devido a tua infidelidade, como eles foram cortados. Diz o Apóstolo: “Eles foram cortados pela incredulidade; tu, porém, fica firme pela fé; não te ensoberbeças, mas teme, porque se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará”. E a seguir vem uma passagem excelente, necessária, que convém ouvir com toda atenção: “Vê então a bondade e a severidade de Deus: a severidade para com os que caíram, e a bondade para contigo, que foste enxertado, se perseverares na bondade; do contrário”, isto é, se não perseverares na bondade, “também tu serás cortado; e eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados” (Rm 11,17-24).

**3** Durante o Antigo Testamento, portanto, irmãos, as promessas de nosso Deus, feitas àquele povo carnal, eram terrenas e temporais. Foi prometido um reino terreno; foi prometida aquela terra, onde foram introduzidos os que tinham sido libertados do Egito. Por intermédio de Josué, filho de Nave, foram introduzidos na terra da promissão, onde também foi edificada a Jerusalém terrena e onde reinou Davi. Receberam aquela terra, depois de libertados do Egito e de atravessarem o mar Vermelho. Superadas as dificuldades do deserto por onde erravam, receberam a terra, receberam o reino. Enfim, quando já possuíram o reino, e como haviam recebido riquezas terrenas, começaram em castigo de seus pecados a serem vencidos, atacados, aprisionados; finalmente, foi

destruída a própria cidade. Tais eram aquelas promessas que não haveriam de durar; assim elas eram figuras das futuras e duradouras promessas. As sucessivas promessas temporais tornaram-se figuras e de certo modo profecias das realidades futuras. Por conseguinte, "terminaram os hinos de Davi", quando terminou aquele reino, onde Davi, filho de Jessé, reinou; isto é, certo homem, apesar de santo embora profeta, porque via e previa que Cristo haveria de vir, nascendo de sua descendência, segundo a carne; era homem, contudo, não era ainda o Cristo, ainda não era nosso rei, o Filho de Deus, e sim o rei Davi, filho de Jessé. "Terminaram os hinos de Davi", porque havia de se arruinar aquele reino, por causa do qual os homens carnais louvavam então a Deus; eles consideravam importante somente este reino que os libertara, no tempo, de seus opressores, porque haviam escapado dos inimigos perseguidores, atravessando o mar Vermelho, e porque haviam sido conduzidos através do deserto e tinham encontrado uma pátria e um reino. Só por isso louvavam a Deus, sem entenderem o que Deus lhes apontava e prometia, por meio destas figuras. Perecendo, portanto, tudo isso que fornecia motivo àquele povo carnal de louvar a Deus, povo sobre o qual reinava Davi, "terminaram os hinos de Davi", que não era o Filho de Deus, mas "filho de Jessé". Conseguimos atravessar aquela passagem perigosa do título do presente salmo, como Deus o quis. Recebestes a explicação das palavras: "Terminaram os hinos de Davi, filho de Jessé".

**4** A quem pertence a voz que ressoa neste salmo? A "Asaf". Que quer dizer: "Asaf?" Conforme descobrimos nas traduções do hebraico para o grego, e do grego para o latim, "Asaf" verte-se por sinagoga. Trata-se, portanto, da voz da sinagoga. Mas, tu, ao ouvires falar de sinagoga, não repilas imediatamente como se tratando daquela que matou o Senhor. Ninguém duvida. Mas lembre-se que da sinagoga vieram os cordeiros, de que somos filhos. Daí rezar o salmo: "Trazei ao Senhor os filhos dos cordeiros" (cf Sl 28,1). Quais são estes cordeiros? Pedro, João, Tiago, André, Bartolomeu, e demais apóstolos. Dentre eles, aquele que era primeiro Saulo e depois Paulo, isto é, primeiro soberbo, e em seguida humilde. Saul, de fato, nome do qual deriva Saulo, foi, como sabeis, um rei soberbo e violento. O Apóstolo não trocou de nome por jactância; mas de Paulo tornou-se Paulo, de soberbo fez-se pequeno. Pois, Saulo significa pequeno. Queres saber o que é Saulo? Ouve como o próprio Paulo recorda o que ele próprio foi por sua malícia, e o que já é pela graça de Deus; ouve como era Saulo e como se tornou Paulo: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente" (1Tm 1,13). Ouviste Saulo; ouve também Paulo: "Pois sou o menor dos apóstolos". Quem é este menor, senão eu, Paulo? E continua: "Nem sou digno de ser chamado apóstolo". Por quê? Porque fui Saulo. Que significa: Fui Saulo? Diga-o ele mesmo: "Porque persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou" (1Cor 15,9,10). Renunciou a toda sua grandeza; mínimo em si mesmo, grande em Cristo. E este Paulo, o que diz? "Não repudiou Deus seu povo". Seu povo, povo judaico, "que de antemão conhecera. Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Rm 11,2.1). Assim, também Paulo nos veio da sinagoga; Pedro também e os outros apóstolos originaram-se da sinagoga. Por isso, ao ouvires falar de sinagoga, não dês importância a seus méritos, mas considera-a

como origem. Este salmo, portanto, fala da sinagoga, quando terminaram os hinos de Davi, filho de Jessé, isto é, ao faltarem os bens temporais, que costumavam fazer com que o povo carnal louvasse a Deus. Por que, então, eles faltaram, a não ser a fim de que se procurassem outros? Quais deviam ser procurados? Os que lá não existiam? Não; mas os que ali estavam escondidos sob as figuras. Não quero dizer que ali não existiam, mas ali estavam ocultos na raiz, por certos segredos dos mistérios. Quais? Eles, diz o próprio Apóstolo, serviram-nos de figuras da realidade (1Cor 10,6).

**5** De passagem, dai atenção à própria figura. O povo de Israel estava sob o domínio do faraó e dos egípcios (Ex 1,10); o povo cristão, antes de receber a fé, já era predestinado por Deus, enquanto ainda servia aos demônios e ao diabo, seu chefe: eis o povo sujeito aos egípcios, a servir a seus pecados, pois o diabo pode dominar apenas devido a nossos pecados. O povo é libertado dos egípcios por meio de Moisés; o povo cristão é libertado de sua vida passada de pecados através de nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele povo atravessou o mar Vermelho (cf Ex 14,22.23); o povo cristão passou pelo batismo. No mar Vermelho morreram todos os inimigos daquele povo; morrem no batismo todos os nossos pecados. Atenção, irmãos. Após a passagem do mar Vermelho, não foi dada àquele povo imediatamente uma pátria, nem ele triunfa seguramente, como se os inimigos tivessem desaparecido, mas restava ainda a solidão do deserto, e havia inimigos traiçoeiros no caminho. De igual maneira, após o batismo a vida cristã deve ainda se passar no meio das tentações. Naquele deserto os hebreus suspiravam pela pátria prometida; os cristãos, depois de purificados pelo batismo aspiram por coisa diferente? Porventura já reinam com Cristo? Ainda não chegamos a nossa terra da promissão; mas esta não desaparecerá, pois lá não terminarão os hinos de Davi. Agora, ouçam todos os fiéis. Tenham conhecimento de onde estão: estão num deserto, e anelam pela pátria. No batismo morreram os inimigos que perseguiam pelas costas. Por quê: pelas costas? Temos diante de nós os bens futuros, e atrás os fatos passados. Todos os pecados do passado foram apagados no batismo; nossas tentações não nos seguem pelas costas, mas constituem ciladas no caminho. Daí provêm as palavras do Apóstolo, quando ainda se achava caminhando pelo deserto: “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus” (Fl 3,13.14). Parece asseverar: Para o alto, para a pátria que Deus prometeu. Tudo aquilo que sofreu, irmãos, o povo hebreu no deserto e todos os dons que Deus lhe concedeu, todos os castigos e todos os presentes são figuras de tudo o que na solidão desta vida, enquanto caminhamos com Cristo à busca de nossa pátria, recebemos de consolo e sofremos para provação nossa. Não é, portanto, de admirar que tenha perecido a figura de eventos futuros. Pois, o povo foi conduzido à pátria da promissão; esta devia perdurar para sempre? Se assim fosse, não seria uma figura, mas a realidade. Como, porém, se tratava de uma figura, o povo foi con-duzido a um lugar provisório. Se era temporário o lugar aonde fora conduzido, havia de perecer, e esta ruína impeliria à procura de um lugar que nunca desaparecesse.

**6** Constituíam, portanto, uma sinagoga os que adoravam a Deus com piedade, contudo

tendo em vista bens terrenos, atuais, enquanto são ímpios os que procuram obter dos demônios as riquezas presentes. Aquele povo, de fato, era melhor do que os gentios, porque apesar de serem temporais e atuais os bens que desejavam, esperavam-nos do Deus único, criador de todas as coisas, espirituais e corporais. Aqueles homens piedosos, mas carnalmente, aquela sinagoga constituída de varões bons, bons conforme sua época, porém não espirituais, quais os profetas e uns poucos que entendiam o que é o reino celeste, eterno, aquela sinagoga, digo, considerava o que recebera de Deus, o qual prometera àquele povo abundância de bens terrenos, uma pátria, a paz, a felicidade terrena (e no entanto, tudo isso era uma figura), sem compreender o que se escondia naquelas figuras; pensou que tudo isso era o melhor que Deus podia dar, que ele nada possuía de mais valioso a conceder aos que o amavam e serviam. Efetivamente, aquela sinagoga percebeu por observação que alguns pecadores, ímpios, blasfemos, escravos dos de-mônios, filhos do diabo, vivendo em grande maldade e orgulho, tinham fartura de tais bens terrenos, temporais, os quais eles tinham em vista ao servirem a Deus. E surgiu-lhes no coração péssima reflexão, que fez vacilarem seus pés e quase resvalarem no caminho de Deus. Tais eram os pensamentos do povo no Antigo Testamento; oxalá não sejam também os de nossos irmãos carnais, ao ouvirem tão claramente anunciada a felicidade do Novo Testamento! Como se exprimiu aquela sinagoga? Que disse aquele povo? Nós servimos a Deus, e somos repreendidos e castigados. São-nos subtraídos os bens que amamos, e que havíamos recebido de Deus, considerando-os valiosos. Aqueles homens, porém, celerados, péssimos, soberbos, blasfemos, inquietos, têm essas riquezas abundantemente, enquanto nós servíamos a Deus por causa delas. Parece-me inútil servir a Deus. O salmo apresenta esses sen-timentos do povo desanimado e hesitante. Ao considerar este povo que os bens terrenos, por cuja obtenção eles ser-viam a Deus, são concedidos com abundância aos que a ele não servem, vacila e quase resvala. Ele desaparece juntamente com os hinos, porque em seus corações os hinos terminaram. Que significa terem terminado os hinos em tais corações? Eles já não pensavam nisto e não louvavam a Deus. Como haveriam de louvar a Deus, se este a seu ver era quase mau, ao dar aos ímpios tanta felicidade e retirá-la de seus servidores? Deus não lhes parecia bom. E sendo assim, de fato, não o louvavam, e uma vez que não o louvavam, terminaram para eles os hinos. Posteriormen-te, contudo, este povo entendeu os avisos de Deus acerca do que devia procurar, quando tirara de seus servos estes bens temporais e os concedia a seus inimigos, blasfemos, ímpios. Bem avisado, entendeu que além de todas as coisas que Deus dá aos bons e aos maus, e por vezes tira dos bons e dos maus, além de tudo isso reserva algo para os bons. Qual o bem reservado aos bons? O que guarda para eles? A si mesmo. A meu ver, o caminho foi percorrido com o salmo; este foi entendido, no nome do Senhor. Ouve como aquele que estava no erro recorda-se e se arrepende de ter pensado que Deus não é bom, porque dá bens terrenos aos maus, e os retira de seus servos. Pois, entendeu o que Deus reserva para seus servos; e relembrando contrito, irrompe nas palavras seguintes.

**7** “Como é bom o Deus de Israel!” Para quem? “Para os retos de coração”. E para os perversos? Parece mau. Assim afirma outro salmo: “Com o santo serás santo e com o

ino-cente serás inócuo. Com o perverso serás perverso" (Sl 17, 26.27). O perverso te considerará perverso. Mas, Deus não se perverte de forma alguma. Absolutamente não; é o que é.
O sol parece tranqüilo a quem tem olhos puros, sadios, vigorosos, fortes e aos olhos doentes parece lançar dardos incomodos; enquanto os primeiros se robustecem e os segundos se afligem ao olhá-lo, pois estes diferem entre si e não o sol. Igualmente, Deus te parece perverso, quando começas a ser perverso. Mas és tu que és diferente e não ele. Será um castigo para ti o que faz a alegria de outros. Lembrado destas verdades, diz o salmista: "Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração!"

**8** [2] E a ti, o que acontece? "Os meus pés quase escorregaram". Quando escorregaram os pés, senão quando teu coração não era reto? Por que não era reto o coração? Ouve: "E por um triz não resvalaram os meus passos". Quase equivale a por um triz e "quase escorregaram" a "por um triz" não resvalaram". Quase escorregaram e quase resvalaram. "Os pés escorregaram", mas como os pés escorregaram e os passos resvalaram? "Os pés escorregaram no erro e os passos resvalaram" para uma queda; mas não completamente, "quase". Qual o sentido? Ia caindo no erro, não caí; tombava, mas não caí totalmente.

**9** [3] Por que motivo? "Ao ter inveja dos maus, observando a paz dos pecadores". Observei os pecadores e verifiquei que estão em paz. Que paz é esta? Temporal, transitória, caduca e terrena; contudo, também eu gostaria de recebê-la de Deus. Notei possuírem os que não serviam a Deus aquilo que gostaria de ter para servi-lo; e "os meus pés quase escorregaram e por um triz não resvalaram os meus passos".

**10** [4.5] O salmista narra brevemente por que a possuem os pecadores: "Pois não se subtraem à morte e é firme o seu castigo. Não partilham os sofrimentos dos outros homens e com eles não são atormentados". Já entendi, diz ele, porque gozam de paz e progresso na terra; eles não se subtraem à morte, isto é, está reservada para eles morte certa e eterna, que não foge deles, nem eles podem fugir dela. "Pois não se subtraem à morte, e é firme o seu castigo". É firme o seu castigo, pois não é temporário, mas firme para sempre. Por conseguinte, em vista dos males que os aguardam eternamente, como vivem agora? "Não partilham os sofrimentos dos outros homens e com eles não são atormentados". E o próprio diabo, ao qual está preparado o suplício eterno, não é atormentado com os homens?

**11** [6] Em conseqüência disto, como se comportam os que não são atormentados, castigados com os outros homens? "Por isso a soberba deles se apossa". Observa aqueles soberbos, indisciplinados; nota como um touro destinado a um sacrifício pode pastar livremente e estragar o que está a seu alcance até o dia de ser morto. Já está em boas condições, irmãos. Ouçamos as palavras do profeta referentes a esta espécie de touro, que mencionei. Relativamente a ele é também outra passagem da Escritura, onde se diz que os maus estão preparados para serem sacrificados, sendo-lhes concedida falsa liberdade (cf Pr 7,22). "Por isso a soberba deles se apossa". Que sentido tem: "A

soberba deles se apossa? Envolvem-nos sua iniqüidade e impiedade". Não se diz: cobertos, e sim: "envolvidos", inteiramente encobertos em sua impiedade. Com razão, esses infelizes não podem ver nem ser vistos, porque estão envolvidos e seu interior está encoberto. Pois se alguém pudesse inspecionar o íntimo dos maus, que parecem felizes por certo tempo, se pudesse ver suas consciências cruéis, quem verificasse como suas almas são batidas por tantas perturbações de ambições e temores, constataria que são miseráveis, mesmo quando se chamam felizes. Mas como "envolvem-nos sua iniqüidade e impiedade", não vêem, nem são vistos. O Espírito que assim se exprime a seu respeito conhece-os bem; e com tais olhos devemos olhá-los. Assim saberemos vê-los, se nos for retirado o invólucro da impiedade. Vejamo-los. Fujamos deles enquanto são felizes. Nem os imitemos. Nem desejemos obter do Senhor nosso Deus tais coisas, como se fossem muito importantes, quais mereceram receber os que não o servem. Ele nos reserva outro bem. Outra coisa é desejável. Ouvi qual é.

**12** [7] Primeiro, descrevemos a estes. "Sua iniqüidade bro-tará de sua abundância". Vê esta alusão a um touro cevado. Ouvi, irmãos. Não foi de passagem que disse o salmista: "Sua iniqüidade brotará de sua abundância". Existem alguns que são maus, mas devido a sua penúria. São maus porque magros, isto é, indigentes, na penúria, infeccionados pela miséria. Mesmo estes maus são condenáveis. Deve-se suportar qualquer necessidade antes que perpetrar um crime. No entanto, o pecado é diferente se praticado devido à penúria ou na abundância. Um pobre mendigo pratica um furto; a maldade procede da penúria. Um rico na fartura, por que há de tirar o bem alheio? A iniqüidade de um provém da penúria e a do outro da fartura. Por isso, dizes ao macilento: Por que fizeste isto? Humildemente aflito e envergonhado responde: A necessidade me obrigou a isto. Por que não temeste a Deus? A penúria me impeliu. Dize ao rico: Por que ages assim, e não temes a Deus? Se, contudo, tens autoridade para dizê-lo. Vê se ao menos se digna ouvir; vê se a iniqüidade não brotará contra ti de sua abundância. Logo se tornam inimigos dos que o ensinam e corrigem; fazem-se inimigos dos que dizem a verdade, pois estão acostumados à adulação, sendo de ouvidos delicados e de coração doentio. Quem tem coragem de dizer ao rico: Fizeste mal roubando o alheio? Ou se, por acaso, ousar dizer e o rico não puder resistir-lhe, que responderá? Falará desprezando a Deus. Por quê? Porque tem fartura. Por quê? Porque destinado à matança. "Sua iniqüidade brotará de sua abundância".

**13** "Transbordam devaneios em seu coração". Interiormente transbordam. Que quer dizer: "transbordam?" Ultrapassaram o caminho. Que quer dizer: "transbordam?" Execederam as metas do gênero humano; não se julgam iguais aos outros homens. Ultrapassaram, digo, as metas do gênero humano. Quando falas a tal homem: Este pobre é teu irmão; tivestes os mesmos pais, Adão e Eva, não penses no teu tumor, não penses no inchaço de teu orgulho; embora te cerque uma família, apesar de possuíres uma quantidade grande de ouro e prata, apesar da casa de mármore e dos tetos trabalhados, estás sob o mesmo teto que o pobre: o céu. Diferes do pobre, tem bens que não são teus, mas justapostos exteriormente a ti; considera-te neles, e não eles em ti. Considera a ti

mesmo, quem és junto do pobre; a ti mesmo, não aquilo que tens. Por que razão desprezas teu irmão? Nas vísceras de vossas mães ambos estivestes nus. Sem dúvida igualmente, ao saírdes desta vida, e desta carne, depois que a alma a tiver deixado, se torna putrefacta, não se distinguirão os ossos de um rico e de um pobre! Refiro-me à condição de igualdade, da própria sorte do gênero humano, que acompanha a todos os que nascem. Apesar de estar aqui o rico, e o pobre também, não ficarão sempre aqui; e como rico não nasceu rico, também não morre rico. É idêntica a entrada e a saída deste mundo para ambos. Acrescento o que pode mudar as condições. O evangelho já é pregado em todas as partes do mundo. Nota que certo pobre coberto de úlceras jazia diante da porta de um rico, e desejava saturar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; observa como aquele teu igual se vestia de púrpura e linho fino, e se banqueteava esplendidamente todos os dias. Aconteceu, na verdade, que aquele pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão; o outro, porém morreu e foi sepultado; mas talvez ninguém se tenha preocupado com a sepultura do pobre. Estando aquele rico no inferno, no meio dos tormentos, não levantou os olhos e não viu em alegria infinita aquele que ele desprezara diante de sua porta, e desejou uma gota de água na ponta do dedo daquele que desejara as migalhas que caíam de sua mesa? (cf Lc 19,19-31). Irmãos, como foram grandes os sofrimentos daquele pobre! Como foram longas as delícias daquele rico! Mas, a mudança é eterna. Quanto ao rico, não se subtraiu à morte, e é firme o seu castigo. Ele não partilhou os sofrimentos dos outros homens e com eles não foi atormentado. O pobre, porém, foi afligido na terra e descançou ali, porque Deus castiga todo filho que ele acolhe (cf Hb 12,6). Mas, a quem dizes tais coisas? Ao que se banqueteia cada dia e que se veste sempre de púrpura e linho fino. A quem te diriges? Àquele em cujo "coração transbordam devaneios". Com razão, hás de dizer tarde demais: "Envia Lázaro; que ele advirta meus irmãos", quando ele não tiver mais oportunidade de fazer penitência. Pois, não poderá obter ocasião de penitência; mas haverá uma penitência eterna, que não traz consigo salvação. Portanto, a estes "transbordam devaneios no coração".

**14** [8] "Planejaram e falaram maldades". Os homens referem-se a sua maldade com temor; e estes, como fazem? "Proferiram em alta voz iniqüidades". Não somente proferiram iniqüidades, mas ainda o fazem claramente, aos ouvidos de todos, orgulhosamente: Eu faço, eu mostro; perceberás com quem tens de te haver, não te deixarei mais viver. Se ao menos pensasse, sem o deixar transpa-recer; ao menos o mau desejo seria recalcado nos pensamentos, ou refreado dentro de seus planos. Por quê? Acaso seria um macilento? "Sua iniqüidade brotará de sua abundância. Proferiram em alta voz iniqüidades".

**15** [9] "Investem com a boca contra o céu e a sua língua discorre sobre a terra". Como interpretar: "discorre sobre a terra?" Como a palavra: "Investem com a boca contra o céu. Discorre sobre a terra", passam todas as realidades terrenas. Por que passam todas as realidades terrenas? Não se pensa que alguém possa morrer subitamente, enquanto fala. Quase sempre ameaça como se houvesse de viver. Suas cogitações vão além da fragilidade terrena. Desconhece como é frágil seu invólucro, não sabe o que está escrito

em outra passagem a respeito desses tais: “Vai-se-lhe o espírito e ele volta ao limo da terra. Naquele dia perecem todos os seus desígnios” (Sl 145,4). Eles, porém, sem pensarem no último dia, falam com soberba, investem com a boca contra o céu e discorrem sua língua sobre a terra. Se o ladrão jogado no cárcere não pensasse em seu último dia, isto é, no último dia em que será julgado, nada seria mais terrível para ele que a prisão, de lá ainda poderia fugir. Para onde fugires a fim de não morreres? O dia da morte é certo. Quanto tempo durará tua vida? Será longo o que tem fim, mesmo se durar? Acrescente-se a isso que não é longo; não dura e é incerto mesmo o que se diz durável. Por que o iníquo não pensa nisso? Porque investe com a boca contra o céu e discorre sua língua sobre a terra.

**16** [10] “Por isso meu povo se voltará para eles”. O próprio Asaf volta-se para eles. Tomou conhecimento de que os iníquos têm riquezas em abundância, e observou os soberbos; volta-se para Deus, e começa a questionar e disputar. Mas quando? “Quando chegarem para eles os dias plenos. Que dias plenos são estes? Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho” (Gl 4,4). Plenitude do tempo consiste naquela época em que o Filho veio ensinar a desprezar os bens temporais, a não considerar importantes os objetos dos anelos dos malvados, a sofrer o que eles receiam. Ele se tornou o caminho, convidou a pensamentos íntimos, exortou àquilo que se há de pedir a Deus. E pondera como se passa a preferir os bens verdadeiros, quando o intelecto raciocina e chama a si, de algum modo, o fluxo impetuoso do pensamento. “Por isso meu povo se voltará para eles, quando chegarem para eles os dias plenos”.

**17** [11] “E disseram: Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento?” Vê quais as suas cogitações. Eis que os iníquos são felizes. Deus não se preocupa com os acontecimentos humanos. Saberia ele, de fato, o que fazemos? Vede como falam. Por favor, irmãos. Não digam os cristãos: “Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento?”

**18** [12] Por que razão julgas que Deus não sabe, nem que o Altíssimo tem conhecimento? Responderás: “São assim os pecadores, e opulentos no mundo aumentam suas riquezas”. São pecadores, e conseguiram opulentas riquezas neste mundo. Ele confessa que não queria ser pecador, com o fito de possuir riquezas. A alma carnal havia vendido a justiça em troca de bens visíveis e terrenos. Que justiça essa, conservada em vista de obter ouro! Como se o ouro fosse mais precioso do que a própria justiça, ou que se alguém nega entregar o alheio, sofra maior dano aquele ao qual é recusado do que aquele que o recusa! Um perde a veste, e outro a fidelidade. “São assim os pecadores, e opulentos no mundo, aumentam suas riquezas”. Por isso é que Deus não sabe, e o Altíssimo não tem conhecimento!

**19** [13] E eu disse: “Foi então inutilmente que justifiquei meu coração e lavei minhas mãos entre os inocentes”. Sirvo a Deus e não tenho estas coisas; eles não servem e as possuem com abundância. “Foi então inutilmente que justifiquei meu coração e lavei minhas mãos

entre os inocentes". Foi em vão que assim agi. Onde está a recompensa de uma vida honesta? Onde o prêmio de meu serviço? Vivo bem e passo necessidade; e o iníquo está na fartura. "E lavei minhas mãos entre os inocentes".

**20** [14] "Pois fui açoitado todo dia". Os flagelos de Deus não me deixam. Sirvo bem e sou castigado; aquele outro não serve e está bem provido. É um grande problema. A alma se agita, se abala. Devia passar a desprezar os bens terrenos e a desejar os eternos. Movimenta-se no meio de tais cogitações. Flutua, batida pela tempestade, antes de alcançar o porto. Assim acontece com os doentes, numa moléstia prolongada, com recuperação demorada. À medida que a saúde vai voltando, ficam mais agitados. Os médicos denominam esta fase de momento crítico, de passagem para a saúde. É maior a agitação, mas leva à saúde. Maior o ardor, mas próxima a convalescença. De igual modo a alma se agita. Pois essas palavras, irmãos, são perigosas, molestas e quase blasfemas: "Como sabe Deus?" Igualmente o "quase". Não disse: Deus não sabe. Não disse: O Altíssimo não tem conhecimento. Mas está de algum modo perguntando, hesitando, duvidando. Foi isto que o salmista disse mais acima: "Os meus pés quase escorregaram. Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento?" Não afirma, mas a própria dúvida é perigosa. Através do perigo chega à saúde. Ouve como já está com saúde: "Foi então inutilmente que justifiquei meu coração e lavei minhas mãos entre os inocentes? Pois fui açoitado todo dia e argüído desde o amanhecer". Argüição no sentido de correção. Quem é argüído é corrigido. E: "amanhecer?" Não há delongas. A dos ímpios é adia-da. A minha, não. A deles é tardia, ou nula; a minha, "desde o amanhecer. E fui açoitado todo dia e argüído desde o amanhecer".

**21** [15] "Se eu dissesse: Vou falar assim", isto é, ensinar assim. O que hás de ensinar? Que o Altíssimo não tem conhecimento? Que Deus não sabe? Queres proferir esta opinião, porque em vão vivem na justiça os que vivem bem, porque o homem justo perdeu o resultado de seu serviço, porque Deus favorece mais os maus, ou não se preocupa com os homens? É isto que queres dizer, narrar? O salmista se contém, diante da autoridade. Qual autoridade? O homem às vezes quer proferir de repente essa opinião; mas as Escrituras advertem-no a viver sempre bem, dizendo que Deus cuida dos acontecimentos humanos, e faz distinção entre os que são piedosos ou ímpios. Por conseguinte, também o salmista, ao pensar em manifestar tal opinião, volta atrás. E como se exprime? "Se eu dissesse: Vou falar assim, atraiçoaria a raça de teus filhos". Atraiçoaria a raça de teus filhos, se assim falasse; atraiçoaria a raça dos justos. Conforme também se encontra em alguns exemplares: "Eis a raça de teus filhos, com a qual estou em uníssono". Com quais dentre teus filhos estou em uníssono? Com quais estou de acordo? Adaptei-me? Discordo de todos, se falar assim. Está em uníssomo quem está afinado; quem desafina não está em uníssono. Posso falar de maneira diferente de Abraão, de Isaac, de Jacó, dos profetas? Todos eles afirmaram que Deus cuida dos acontecimentos humanos; direi eu que ele não se preocupa? Tenho maior prudência do que eles? Maior compreensão do que eles? Uma autoridade muito salutar mudou minha ímpia opinião.

**22** [16] Que vem a seguir? “Se eu dissesse: Vou falar assim, atraiçoaria a raça de teus filhos”. Portanto, o que há de fazer para não atraiçoar? “Refleti para compreender”. Ele procura compreender. Deus o assista para que entenda. Por enquanto, irmãos, evita grande queda por não presumir saber, mas reflete para entender o que desconhe-cia. Queria mostrar que sabia e declarar que Deus não cuida dos eventos humanos. Apareceu, pois, esta péssima e ímpia doutrina dos iníquos. Notai, irmãos, que muitos disputam, e dizem que Deus não cuida dos acontecimentos humanos, que tudo se dirige pelo acaso, que nossas vontades estão sujeitas às estrelas, que os homens não agem de forma meritória, mas coagidos por suas próprias estrelas: doutrina má, doutrina ímpia! Seguia esta opinião aquele cujos “pés quase escorregaram, e por um triz não resvalaram os seus passos”. Ele adotara esse erro. Mas como isto não concordava com o parecer da raça dos filhos de Deus, refletiu para conhecer, e rejeitou o modo de pensar diferente do parecer dos justos de Deus. E ouçamos como se exprime, uma vez que refletiu foi auxiliado, aprendeu algo e nô-lo indicou. Diz ele: “Refleti para compreender. Pareceu-me penosa tarefa”. Na verdade, é penosa tarefa procurar saber como Deus cuida das coisas humanas, e no entanto tudo corre bem para os maus e os bons estão em dificuldades. Grande problema! Por isso: “Pareceu-me penosa tarefa”. Está um muro a minha frente, mas tenho a palavra do salmo: “Com meu Deus escalarei a muralha” (Sl 17,30). “Pareceu-me penosa tarefa”.

**23** [17] É verdade o que afirmas: é penosa tarefa; mas diante de Deus não é penosa. Executa-a diante de Deus, e não sentirás o esforço. O salmista assim fez, porque fala enquanto tem o trabalho diante de si: “Até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sorte final”. Isto é importante, irmãos. O salmista assegura que há muito se esforça e tem diante de si uma tarefa inextri-cável, a de saber como é que Deus é justo e provê aos acon-tecimentos humanos, e não é iníquo por que, apesar de pecarem e cometerem crimes, os maus possuem felicidade nessa terra. Os bons, porém, que servem a Deus, se cansam no meio de tentações freqüentes e trabalhos. Há grande dificuldade em se entender este problema. Mas, apenas “até que entre no santuário de Deus”. Então, no santuário de Deus te é dado resolver esta questão? “E perceber qual a sorte final”, não a presente. Eu, diz ele, do santuário de Deus, dirijo os olhos para o fim; vou além do momento presente. Todo esse gênero humano, toda essa massa de seres mortais será submetida a exame, será pesada; então serão avaliadas todas as obras dos homens. Agora, tudo está nublado; mas Deus conhece os méritos de cada um. Percebo “a sorte final”, não por mim mesmo, pois diante de mim tenho apenas uma penosa tarefa. Como perceberei “qual a sorte final?” Devo entrar no santuário de Deus. Ali, portanto, entendi porque eles agora são felizes.

**24** [18] “Sim, colocaste-os entre fraudes”. Visto que são dolosos, isto é, fraudulentos, visto que são dolosos, suportam fraudes. Por que digo que, sendo fraudulentos, sofrem fraudes? Eles querem agir fraudulentamente em suas malícias; igualmente passarão por fraudes, pois preferem os bens terrenos e abandonam os eternos. Portanto, irmãos, se

praticam fraudes, sofrem fraudes. Já lhes expliquei, irmãos, de que espécie é o coração daquele que para obter uma veste perde a fidelidade? Aquele de quem ele roubou a veste sofreu a fraude, ou ele próprio que é ferido por tamanho dano? Se a veste é mais valiosa do que a fidelidade, o roubado sofreu dano maior; se, porém, a fidelidade excede incomparavelmente todo o mundo, o roubado parece ter sofrido o prejuízo da veste; mas ao que rouba se diz: "De fato, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua alma"? (Mt 16,26). Portanto, o que foi que lhes sucedeu? "Sim, colocaste-os entre fraudes; derrubaste-os quando se exaltavam. Não disse o salmista: Derrubaste-os porque se orgulharam, como se os derrubasse depois que se orgulharam, mas no próprio ato de se orgulharem foram derrubados. Orgulhar-se deste modo já é cair: "Derrubaste-os quando se exaltavam".

**25** [19] "Como caíram de repente na desolação". O salmista, ao perceber qual a sorte final, admira-se a respeito deles. "Sumiram", efetivamente; como a fumaça, que ao subir desaparece, eles sumiram. Por que diz o salmista: "Sumiram"? Porque ele percebe qual a sua sorte final. "Sumiram por causa de sua iniqüidade".

**26** "Como ao despertar de um sonho". Como sumiram? Como some o sonho, ao se despertar. Imagina um homem que vê em sonhos um tesouro; é rico até acordar. "Como ao despertar de um sonho"; eles sumiram, qual o sonho de quem desperta. Procura-se e não existe mais. Nada nas mãos, nada na cama. Dormira pobre, tornara-se rico no sonho; se não acordasse era rico; acordou e retornou à penúria que deixara enquanto dormia. Também estes encontrarão a miséria que adquiriram para si; ao acordarem desta vida, o que eles retinham desaparecerá como um sonho, "como ao despertar de um sonho". E o salmista acrescenta, tendo em vista que não se diga: Então? parece-te pouco a sua glória, pequenas as suas pompas, pequenos os títulos, as imagens, as estátuas, os louvores, a turba de seus favorecidos? "Senhor, reduzistes a nada em tua cidade a imagem deles". Portanto, irmãos, falo com liberdade desta cátedra, ou de onde me é permitido, pois quando estamos no meio de vós mais vos ferimos do que ensinamos; em nome de Cristo e com temor eu vos exorto, a todos vós que não possuís tais bens, não os ambi-cioneis; todos os que possuís, não sejais presunçosos. Vede bem o que vos disse. Não disse: Sereis condenados por os possuírdes, mas: Sereis condenados por terdes presunção por causa deles, por vos orgulhardes, por vos conside-rardes grandes, se não derdes atenção aos pobres, se vos esquecerdes de vossa condição comum com o gênero humano, devido a muita vaidade. Então Deus necessariamente retribuirá no final, e em sua cidade reduzirá a nada a imagem deles. Aos ricos, porém, preceitua o Apóstolo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus vivo, que nos provê de tudo com abundância, para que nos alegremos" (1Tm 6,17). Tira a soberba dos ricos; dá conselho. Seria como se eles dissessem: Somos ricos; tu nos proíbes o orgulho, a jactância sobre as pompas de nossas riquezas; que faremos delas? Não têm como empregá-las? Ele reponde: "Eles se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar". Que lucram com isto? "Estarão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para

o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida" (1Tm 6,18.19). Onde devem acumular tesouros para si? Onde pousaram os olhos do Apóstolo, ao entrar no santuário de Deus. Sintam pavor todos os nossos irmãos ricos, que possuem abundância de dinheiro, ouro, prata, escravos, honrarias; tenham pavor do que se diz aqui: "Senhor, reduzirás a nada em tua cidade a imagem deles". Não merecem sofrer assim aqueles que em sua cidade terrena reduziram a nada a imagem de Deus, a saber, que na cidade de Deus sua imagem seja reduzida a nada? "Reduzirás a nada em tua cidade a imagem deles".

**27** [21] "Porque meu coração se deleitou". Declara o que é que o tenta: "Porque meu coração se deleitou e meus rins se alteraram". Ao me deleitarem as riquezas temporais, meus rins se alteraram. É possível também a seguinte interpretação: "Meu coração se deleitou em Deus, e meus rins se alteraram", quer dizer, mudaram-se meus desejos, e tornei-me inteiramente casto. "Meus rins se alteraram". Escuta de que maneira.

**28** [22] "Fui reduzido a nada e não compreendi". Eu, que agora assim me refiro aos ricos, outrora desejei estas riquezas. Por esta razão também eu "fui reduzido a nada", quando por um triz não resvalaram os meus passos. "Fui reduzido a nada e não compreendi". Então, não se deve perder a esperança a respeito daqueles de quem falava.

**29** [23] Por que "não compreendi? Tornei-me como um animal de carga junto de ti, mas estou sempre contigo". O salmista é muito diferente dos outros. Ele se tornou como um animal desejando os bens terrenos, quando foi reduzido a nada e não conheceu os bens eternos, mas não se apartou de seu Deus, porque não quis obtê-los dos demônios, do diabo. Já vos havia relembrado isso. Aí temos a voz da sinagoga, daquele povo que não cultuou os ídolos. Tornei-me, de fato, como um animal de carga, querendo obter de meu Deus bens terrenos; mas dele nunca me afastei.

**30** [24] Por conseguinte, uma vez que, apesar de me ter tornado como animal, não me afastei de meu Deus, continuo com o salmo: "Tomaste-me pela mão de minha direita". Não disse o salmista: minha mão direita, e sim: "a mão de minha direita". Se a mão é da direita, a mão segura outra mão: "Tomaste-me pela mão de minha direita", para me guiares. Por que emprega o termo: "mão?" Significa: poder. Costumamos dizer que alguém tem algo na mão, em vez de: tem em seu poder, conforme o diabo disse a Deus acerca de Jó: "Estende tua mão e toca nos seus bens" (Jó 1,11). Qual o sentido de "estende a tua mão?" Dá-me o poder. Chama de mão de Deus a seu poder; assim também se acha escrito em outro lugar: "Morte e vida estão nas mãos da língua" (Pr 18,21). A língua tem mãos? Mas que significa: "nas mãos da língua?" Em poder da língua. Por que: em poder da língua? "Por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado" (Mt 12,37). "Tomaste-me, pois, pela mão de minha direita", pelo poder de minha direita. Qual era minha direita? "Estou sempre contigo". Estava à esquerda, porque "tornei-me como um animal de carga", tendo concupiscência pelas coisas terrenas. Minha direita, pois estava sempre contigo. Foi esta mão de minha direita que seguraste, isto é, governaste com poder. Que poder? "Deu-lhes o poder de se

tornarem filhos de Deus” (Jo 1,12). O salmista começou a ser contado entre os filhos de Deus, a pertencer ao Novo Testamento. Vê como foi re-tida a mão de sua direita. “E conduziste-me segundo a tua vontade”. Que é: “segundo a tua vontade?” Não foi de acordo com meus méritos. Que é: “segundo a tua vontade?” Ouve o que diz o Apóstolo, anteriormente um animal a desejar bens terrenos e a viver segundo o Antigo Testamento. Como se exprime ele? “A mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia” (1Tm 1,13). Que é: “segundo a tua vontade? Mas pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10). “E acolheste-me na glória”. Quem consegue explicar onde foi acolhido e em que glória? Quem o descreve? Esperemo-lo, porque será na ressurreição, nos últimos dias: “Acolheste-me na glória”.

**31** [25] Começa o salmista a meditar sobre aquela felicidade celeste, e a censurar-se a si mesmo, por ter sido como animal, ambicionando bens terrenos. “Para mim o que há no céu? E que desejei de ti na terra?” Por vossa exclamação, vejo que entendestes. O salmista comparou seus anelos terrenos com o prêmio celeste que há de receber. Considerou o que no céu lhe está reservado, e ponderando com intenso desejo, despertado pelo pensamento de algo inefável, que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem penetrou nos corações humanos (cf 1Cor 2,9), não disse: Tenho no céu reservado isto ou aquilo, mas: “Para mim que há no céu?” Que é que tenho no céu? De que tamanho é? De que qualidade? E, como não se perde o que tenho no céu, “que desejei de ti na terra?” É a ti mesmo que reservas para mim. Procuro exprimi-lo quanto possível, mas perdoai-me; recebei os meus esforços, meu empenho, visto que não há recurso para explicá-lo. Guardas para mim no céu riquezas imortais, a ti mesmo. E eu procurei obter de ti na terra aquilo que têm os ímpios, que têm igualmente os malvados e os criminosos: dinheiro, ouro, prata, pedras preciosas, escravos; aquilo que possuem muitos celerados, que possuem muitas mulheres torpes, muitos homens torpes. Foi isso que pedi de meu Deus sobre a terra, enquanto ele me reserva no céu a si mesmo, meu Deus. “Que há para mim” no céu? Deve mostrar o que é. “E que desejei de ti na terra?”

**32** [26] “Desfaleceram meu coração e minha carne. Deus de meu coração”. No céu acha-se reservado para mim o seguinte: “Deus de meu coração e minha partilha, meu Deus”. Que sentido tem isso, meus irmãos? Saibamos descobrir quais as nossas riquezas. O gênero humano escolha sua parte. Observemos como os homens se dilaceram por várias ambições. Um escolhe o exército, outro a advocacia, outro diversas e várias disciplinas, outro o comércio, outro a agricultura. Tomem para si uma parte destas coisas humanas; mas clame o povo de Deus: “Minha partilha, meu Deus”. Minha partilha, mas não temporária, “minha partilha, Deus, pelos séculos”. Mesmo que tenha sempre ouro, que tenho? Quanto a Deus, mesmo que não o tivesse sempre, que bem imenso teria! Acrescente-se a isso que ele prometeu dar-se a si mesmo, e que o teria eternamente. Terei tudo isso e para sempre! Imensa felicidade! “Minha partilha, meu Deus”. Por quanto tempo? “Pelos séculos”. Eis, pois, como o salmista ama a Deus; seu coração se tornou casto: “Deus de meu coração e minha partilha, meu Deus pelos séculos”. Seu coração se tornou casto; já ama a Deus gratuitamente, sem pedir dele outra recompensa.

Quem pede a Deus outra recompensa e quer servi-lo tendo em vista esta recompensa, aprecia mais aquilo que quer receber do que aquele de quem espera o prêmio. Então, Deus não dá prêmio algum? Nenhum fora dele. O prêmio de Deus é ele mesmo. Isto é o que ele ama, o objeto de sua predileção. Se amar outra coisa, não se trata de amor casto. Se tu te afastas do fogo imortal, esfrias e te arruínas. Não te apartes; seria corrupção, fornicação. O salmista volta-se, arrepende-se, escolhe a penitência e diz: “Minha partilha, meu Deus”. E como se deleita naquele que escolheu para si!

**33** [27] “Eis que perecerão os que se afastam de ti, para longe”. Afastou-se de Deus, mas não para longe, pois “tornei-me como um animal de carga, mas estou sempre contigo”. Foram para bem longe aqueles que não apenas cobiçaram bens terrenos, mas os pediram aos demônios e ao diabo. “Eis que perecerão os que se afastam de ti, para longe”. Que significa ir para longe de Deus? “Exterminaste os que de ti apostatam”. Esta fornicação é contrária ao amor casto. Que é amor casto? Suponhamos que a alma já ama seu esposo. Que pede ao esposo amado? Talvez faça como os homens ao escolherem seus genros, esposos para suas filhas. Escolhem talvez riquezas, e gostam de seu ouro, terras, prata, dinheiro, cavalos, escravos, etc. De forma alguma. O salmista ama somente a Deus; ama gratuitamente, porque tem tudo naquele por quem foram feitas todas as coisas (Jo 1,3). “Exterminaste os que de ti apostatam”.

**34** [28] E tu? O que fazes? “Para mim felicidade é aproximar-me de Deus”. Aí encontro todo bem. Queres mais alguma coisa? Lastimo os que quiserem. Irmãos, que quereis ainda? Nada de mais feliz do que aproximarmo-nos de Deus, quando o virmos face a face (cf 1Cor 12,12). E agora? Como ainda sou peregrino, digo: “Para mim felicidade é aproximar-me de Deus”, mas como ainda estou em peregrinação, e ainda não alcancei a realidade, “é pôr em Deus a minha esperança”. Enquanto, pois, não te aproximaste, coloca nele tua esperança. Estás flutuando; lança âncora. Ainda não aderes à presença; adere em esperança. “Pôr em Deus a minha esperança”. E que deves fazer aqui para depositar em Deus tua esperança? Qual será tua ocupação, a não ser louvar aquele a quem amas, e angariar outros a amá-lo contigo. Se gostas de um auriga, não arrastarias outros para torcerem contigo? Quem gosta de um auriga, em toda parte fala dele, para que os demais também torçam por ele. Os malvados são amados gratuitamente, e pede-se recompensa a Deus para amá-lo! Ama gratuitamente a Deus; não tenhas ciúme. Arrastai para ele a quantos puderdes, a quantos estão em vosso poder. Ele não é mesquinho. Não marqueis limites. Cada um o possuirá inteiramente, e todos vós o possuireis. Por conseguinte, age assim enquanto estás aqui, isto é, enquanto colocas em Deus a tua esperança. O que se seguirá? “Proclamarei teus louvores diante das portas da filha de Sião. Proclamarei teus louvores”; mas onde? “Diante das portas da filha de Sião”. Pregar a Deus fora da Igreja, é inútil. Não basta louvar a Deus e anunciar seus louvores. Anuncia “diante das portas da filha de Sião”. Tende à unidade, não dividas o povo; mas arrasta para a unidade e faze de todos um só. Perdi a noção do tempo ao falar. Terminou o salmo. Tenho a sensação de ter feito um sermão longo demais. Mas não consigo satisfazer a vosso empenho, pois sois exigentes demais. Oxalá com esta

violência arrebateis o reino dos céus!

# SALMO 73

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] O título do salmo é o seguinte: “Inteligência. De Asaf”. Asaph verte-se para o latim por assembléia, e em grego por sinagoga. Vejamos o que entendeu esta sinagoga. Quanto a nós, primeiro entendamos o que é sinagoga; em seguida o que ela entendeu. Toda assembléia em geral tem o nome de sinagoga; e existem reuniões de animais e de homens. Aqui não pode se tratar de um bando de animais, pois fala-se de inteligência. Mas se o homem, entre honrarias, negligenciar a sua inteligência, diz-se a seu respeito: “O homem, entre honrarias, não entendeu. Foi comparado aos jumentos irracionais e se lhes fez semelhante” (Sl 48,13). Não necessitamos dissertar longa-mente, nem relembrar com insistência que o texto não é relativo a um agregado de animais; mas como se trata de homens, devemos entender de que espécie de homens. Não se refere, efetivamente, àqueles homens que entre honrarias não entendem, sendo comparáveis a animais irracionais e assemelhando-se a eles, mas de homens que entendem. O título do salmo o prescreve com os dizeres: Inteligência. De Asaf. Trata-se de uma reunião de seres inteligentes, cuja voz havemos de ouvir. Mas, tendo em vista que propriamente denomina-se sinagoga a assembléia do povo de Israel, de sorte que sempre que escutamos falar de sinagoga, apenas costumamos entendê-lo do povo de Israel, vejamos se acaso é sua a voz ouvida neste salmo. Mas de que judeus, de qual povo de Israel? Com efeito, não se trata de palhas, mas talvez de trigo; não dos ramos cortados, mas talvez dos que se consolidaram (cf Mt 3,12; Rm 11,17). “Nem todos que descendem de Israel são Israel. Mas de Isaac sairá a descendência que terá teu nome. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes” (Rm 8,6-8). São, portanto, determinados israelitas, entre os quais se contava aquele do qual foi dito: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento” (Jo 1,47). Não digo que é deste modo que somos israelitas, quer dizer, que somos descendentes de Abraão carnalmente. O Apóstolo, de fato, falava aos gentios, nesses termos: “Então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3,29). Segundo a promessa, portanto, somos israelitas todos nós que seguimos as pegadas de nosso pai na fé, Abraão. Mas aqui entendemos tratar-se daqueles primeiros israelitas, dos quais fala o Apóstolo: “Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim” (Rm 11,1). Reconheçamos aqui o que disseram os profetas: “O resto é que será salvo” (Rm 9,27). Ouçamos aqui a voz do resto que será salvo, a fala da sinagoga que recebera o Antigo Testamento e visava a promessas carnais, de tal sorte que seus pés vacilaram. De fato, em outro salmo, que traz também no título o nome de Asaf, o que se diz? “Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração! Os meus pés quase escorregaram”. E se perguntássemos: Por que teus pés quase escorregaram? “Por um triz não resvalaram meus passos, ao ter inveja dos maus,

observando a paz dos pecadores". Com efeito, ao esperar a felicidade terrena, de acordo com as promessas de Deus no Antigo Testamento, ele nota que os ímpios a possuem intensamente; os que não adoravam a Deus haviam adquirido todas as coisas que ele esperava obter de Deus; e seus pés vacilaram, parecendo-lhe que fora inútil adorar a Deus. É por isso que diz o salmista: "São assim os pecadores; e opulentos no mundo, aumentam suas riquezas. Foi então inutilmente que justifiquei meu coração"? (Sl 72,1.2. 3.12.13). Vede como foi por um triz que seus pés não resvalaram, ao dizer a si mesmo: Que utilidade retiro em servir a Deus? Aquele não o serve e é feliz; eu sirvo e estou aflito. Enfim, supõe que eu seja feliz; se é também feliz aquele que não serve a Deus, como pensar que sou feliz porque sirvo? O salmo cujos testemunhos apresen-tei precede imediatamente este que agora temos nas mãos.

**2** Oportunamente aconteceu, por disposição de Deus e não por escolha nossa, que tenhamos acabado de ouvir do evangelho: "Porque a Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo" (Jo 1,17). Se, com efeito, examinarmos os dois Testamentos, o Antigo e o Novo, não encontramos os mesmos sacramentos, nem as mesmas promessas; contudo, são muitas vezes os mesmos os preceitos. Pois, foi-nos também ordenado: "Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás. Honra a teu pai e tua mãe. Não dirás falso testemunho. Não cobiçarás as coisas alheias. Não desejarás a mulher de teu próximo" (Ex 20,12-17). Quem não observar estes mandamentos desgarra e torna-se completamente indigno de subir ao santo monte de Deus, do qual foi dito: "Senhor, quem será hóspede em teu tabernáculo e quem repousará em teu monte santo? Quem possui mãos inocentes e coração puro" (Sl 14,1; 23,4). Um exame atento dos preceitos, portanto, revela que todos são idênticos, ou muito pouco se encontra no evangelho que não tenha sido proferido pelos profetas. Os preceitos são os mesmos; quanto aos sacramentos, porém, não são idênticos, nem as promessas. Vejamos quais os preceitos que permanecem porque devemos servir a Deus de acordo com eles. Os mistérios, contudo, não são os mesmos, porque uns são os sacramentos que comunicam a salvação e outros os que prometem o Salvador. Os sacramentos do Novo Testamento dão a Salvação; os do Antigo prometeram o Salvador. Já de posse das promessas, por que procurar outras, se já tens o Salvador? Digo, tens o prometido, mas ainda não recebemos a vida eterna, e sim já veio o Cristo, prenunciado pelos profetas. Os sacramentos mudaram; tornaram-se mais fáceis, em menor número, mais salutares e mais felizes. Por que as promessas não são as mesmas? Porque fora prometida a terra de Canaã, terra fértil, ubertosa, que manava leite e mel; fora prometido o reino temporal, a felicidade neste mundo, a fecundidade de muitos filhos, a sujeição dos inimigos. Tudo isso pertence à felicidade terrena (cf Ex 3,8). Mas qual o motivo por que convinha ser tudo isso primeiramente prometido? "Porque primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste" (1Cor 15,26-29). À imagem do homem terreno corresponde o Antigo

Testamento; à imagem do homem celeste, o Novo Testamento. Mas, no intuito de que ninguém pensasse que um foi que criou o homem terreno e outro, o celeste, Deus demonstrando que é o Criador de ambos, quis ser o autor de ambos os Testamentos. Prometeu bens terrenos no Antigo Testamento, e celestes em o Novo Testamento. Todavia, por quanto tempo és terreno em primeiro lugar? Por quanto tempo terás gosto pelos bens terrenos? Por acaso se damos brinquedinhos ao menino, jogos que ocupem o espírito infantil, depois que estiver crescido não os tiramos de suas mãos, para que ele se entregue a tarefas mais úteis, convenientes a um menino maior? No entanto, foste tu mesmo que deste esses presentes a teu filho: bagatelas quando pequenino e um códice quando maior. Não se pense que não foi Deus quem deu a Lei antiga porque ele a tirou, como se fosse um jogo infantil, das mãos dos filhos, através do Novo Testamento, dando aos mais crecidos coisas mais úteis. Foi Deus quem deu ambas as coisas. Mas a própria "Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo" (Jo 1,17). "Graça", porque se realizam pela caridade os preceitos da letra; "verdade", porque se cumprem as promessas. Foi isto, portanto, que entendeu nosso Asaf. Enfim, tudo o que fora prometido aos judeus lhes foi tirado. Onde se acha seu reino? Onde está o templo? Onde a unção? Onde o sacerdote? Onde o profeta entre eles? Desde que veio aquele que fora prenunciado pelos profetas, naquele povo não há mais estas coisas: já perdeu os bens terrenos e ainda não busca os celestes.

**3** Por conseguinte, não deves apegar-te aos bens terrenos, embora seja Deus quem os concede. Todavia, mesmo que não devamos nos apegar a eles, tampouco havemos de acreditar que outro que não seja Deus podia nô-los dar. É ele quem os dá. Mas não esperes como um dom muito importante aquilo que ele dá mesmo aos maus. Pois, se os desse como algo de importante, não os concederia aos maus. Quis dá-los igualmente aos maus para que os bons saibam pedir dele aquilo que ele não dá também aos maus. Os judeus infelizes, aderindo aos bens terrenos, sem esperá-los daquele que fez o céu e a terra, que lhes fez dádivas terrenas, que os libertou, no tempo, do cativeiro do Egito, que os conduziu através do mar, que afogou seus inimigos e perseguidores nas ondas (cf Ex 14,22.28), os judeus, não confiando naquele que, de fato, dá os bens celestes aos grandes, assim como concedeu os terrenos aos pequenos, e temendo perder o que já haviam recebido, mataram seu doador. Dizemos tais coisas, irmãos, a fim de aprenderdes, enquanto homens do Novo Testamento, a não vos apegardes ao que é terreno. Se eles foram inescusáveis por terem aderido aos bens terrenos, quando o Novo Testamento ainda não fora revelado, quanto mais não serão inescusáveis os que vão atrás dos bens terrenos, tendo já sido reveladas a estes as promessas celestes encerradas em o Novo Testamento! Pois lembrai-vos bem, meus irmãos, do que disseram os perseguidores do Cristo: "Se o deixarmos assim, os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação" (Jo 11,48). Vede que por temor de perder bens terrenos, eles mataram o rei do céu. E o que lhes aconteceu? Perderam também os bens terrenos. Onde eles mataram a Cristo, também eles foram mortos. Por não quererem perder a terra, mataram o doador da vida e estes morto, eles perderam a própria terra. Na mesma época do ano em que o mataram isto aconteceu a fim de que a própria circunstância do

tempo os admoestasse sobre a causa de seus sofrimentos. Pois, ao ser destruída a cidade dos judeus, eles celebravam a Páscoa, e todo o povo concorrera aos milhares para celebrar aquela festa. Ali Deus, de fato por intermédio dos malvados (no entanto, sendo ele bom; por meio de injustos, enquanto ele é justo), com justiça os castigou, de tal sorte que foram mortos muitos milhares de homens e a própria cidade foi destruída. É isto que chora o presente salmo — Inteligência. De Asaf — e com o próprio pranto, entende e discerne os bens terrenos dos celestes, distingue o Antigo do Novo Testamento. Assim, verificas por onde deves passar, o que deves esperar, o que abandonar, a que aderir. Assim, portanto, começa o salmo.

**4** "Por que razão, ó Deus, nos rejeitaste até o fim? Rejeitaste até o fim": fala em lugar do povo judaico, da assembléia propriamente designada por sinagoga. "Por que razão, ó Deus, nos rejeitaste até o fim?" Não repreende, mas pergunta: "Por que razão", por que, qual o motivo de assim procederes? Por que assim agiste? "Nos rejeitaste até o fim". Que significa: "até o fim?" Talvez até o fim do mundo. Ou nos rejeitaste a respeito de Cristo, que é o fim para todo o que crê? (cf Rm 10,4). "Por que razão, ó Deus, nos rejeitaste até o fim? E inflamou-se a tua ira contra as ovelhas de teu rebanho?" Por que te iraste contra as ovelhas de teu rebanho, senão porque aderíamos às coisas terrenas e desconhecíamos nosso pastor?

**5** [2] "Recorda-te de teu povo que possuíste desde o princípio". Poder-se-ia tratar-se aqui da voz dos gentios? Acaso Deus os possuiu desde o início. Ele possuiu, contudo, a descendência de Abraão, o povo de Israel, nascido também segundo a carne dos patriarcas, nossos pais. Deles nos tornamos filhos, não por descendência carnal, mas por imitação de sua fé. Que sucedeu àqueles, porém, que Deus possuiu desde o início? "Recorda-te de teu povo que possuíste desde o princípio. Resgataste a vara de tua herança". Resgataste teu povo e "a vara de tua herança". A este povo o salmista denominou "vara da herança". Consideremos o evento dos primórdios, quando Deus quis tomar posse do povo, libertando-o do Egito. Qual foi o sinal que deu a Moisés, que lhe perguntara: Que sinal lhes apresentarei a fim de que acreditem que me enviaste? "O Senhor perguntou-lhe: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Uma vara. Lança-a na terra. Ele a lançou na terra, e ela se transformou em cobra, e Moisés fugia dela. Disse o Senhor a Moisés: pega-a pela cauda. Ele pegou-a pela cauda, e ela se converteu em vara, como era antes" (Ex 4,1-4). Qual o significado disso? Não foi em vão que assim aconteceu. Interroguemos as Escrituras de Deus. A que a serpente persuadiu o homem? À morte. Por conseguinte, a morte veio por meio da serpente. Se a morte veio através da serpente, e a vara se transformou em serpente, temos Cristo figurado em sua morte (cf Gn 3,4.5). Por isso também, quando no deserto as serpentes causavam mordidas mortais, o Senhor ordenou a Moisés que levantasse no ermo uma serpente de bronze e avisasse o povo que todo aquele que fosse mordido por uma serpente e a olhasse, seria curado. Assim se fez. Os homens envenenados pelas mordidas das serpentes se curavam olhando a serpente de bronze (cf Nm 21,8; Jo 3,14). Ser curado por uma serpente é grande mistério! Que quer dizer ser curado do veneno de uma serpente olhando a

serpente? Crer em um morto para ser salvo da morte. “Moisés, contudo, teve medo e fugiu”. Por que Moisés fugiu daquela serpente? Que será, irmãos, senão o que sabemos ter sido realizado no evangelho? Cristo morreu e os discípulos tiveram pavor e perderam a esperança (Lc 24,21). Mas que diz a Escritura? “Pega-a pela cauda”. Que é a “cauda?” Compreende as coisas que ficaram para trás. É o mesmo sentido que temos na palavra: “Tu me verás pelas costas” (Ex 33,23). A vara primeiro se tornou serpente, que tomada pela cauda voltou a ser vara; Cristo primeiro morreu, depois ressuscitou. A cauda da serpente figura também o fim do mundo, pois até lá vai a mortalidade na Igreja. Vêm uns, outros vão através da morte, como se fosse por meio da serpente, porque foi ela quem deu origem à morte. Mas no fim do mundo, por meio da cauda, voltamos às mãos de Deus, e seremos estabelecidos qual reino de Deus, a fim de que se realize em nós a palavra: “Resgataste a vara de tua herança”. Mas como se trata da voz da sinagoga, a vara da herança que foi resgatada, mais se revela nos gentios. Nos judeus a esperança está oculta, seja nos que acreditarão no futuro, seja nos que acreditaram na ocasião em que foi enviado o Espírito Santo e os discípulos falaram as línguas de todos os povos. Pois, então, alguns milhares dentre os próprios judeus que crucificaram a Cristo acreditaram; e como os fatos ainda eram recentes, creram a tal ponto que venderam tudo o que tinham e depositaram o preço da venda aos pés dos apóstolos (cf At 2,4; 4,34). Mas sendo oculto tudo isso, a redenção da vara de Deus seria mais clara entre os gentios; portanto o salmista explica por que disse: “Resgataste a vara de tua herança”. Não se refere aos gentios, a respeito dos quais está claro. Mas acerca de quem? Do “monte de Sião”. Mas, como monte de Sião pode ter outro sentido, acrescenta: “onde estabeleceste morada”, onde se achava antes o povo, onde se situava o templo, onde se celebravam sacrifícios, onde havia tudo o que era necessário naquela época e que prenunciava a Cristo. A promessa, ao se ver a realização, torna-se supérflua. Pois, antes de ser cumprida é necessária, para não cair no esquecimento daquele que a recebe, e que este morra, sem ter esperança mais. Importa, por conseguinte, que espere, a fim de receber por ocasião da realização da promessa; não deve abandonar a promessa. Foi por isso que as figuras eram mantidas, até que, ao raiar o dia, as sombras se dissipassem: “O monte Sião, onde estabeleceste morada”.

**6** [3] “Ergue as mãos contra a soberba deles para sempre”. Do mesmo modo como nos rejeitavas para sempre, assim “ergue a tua mão contra a soberba deles para sempre”. Que soberba? A que derrubou Jerusalém. Por intermédio de quem, a não ser os reis dos gentios? A mão de Deus se ergueu bem alto contra a soberba deles até o fim: pois até eles já conhecem a Cristo. “Porque o fim da Lei é Cristo para justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Qual o bem que ele lhes deseja? Parece que está irado ao falar e maldiz. Oxalá acontecesse conforme ele maldiz! Ou antes, já podemos nos alegrar de se ter realizado isto em nome de Cristo. Os que seguram o cetro já se submetem ao lenho da cruz; já se cumpre a predição: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra; todas as nações o servirão” (Sl 71,11). Já na fronte dos reis é mais precioso o sinal da cruz do que as gemas do diadema. “Ergue as mãos contra a soberba deles para sempre. Quanta maldade

cometeu o inimigo no santuário". Naquelas coisas que eram sagradas para ti, a saber, no templo, no sacerdócio, em todos aqueles sacramentos existentes nos tempos antigos. "Quanta maldade cometeu o inimigo". Na verdade, o inimigo então agiu. Os gentios que então a cometeram adoravam deuses falsos, adoravam ídolos, serviam os demônios; cometeram, no entanto, muitas maldades contra as coisas santas de Deus. Quando o teriam podido se não lhes tivesse sido permitido? Quando lhes seria permitido, a não ser que aquelas coisas santas, primeiro figura das promessas, não fossem necessárias, uma vez que se tinha aquele que havia prometido? Portanto, "quanta maldade cometeu o inimigo no santuário".

**7** [4] "E gloriaram-se os que te odeiam". Considera os servos dos demônios, os servos dos ídolos, e que espécie de gentios foram os que destruíram o templo e a cidade de Deus, "gloriando-se disso. No meio de tua solenidade". Lembrai-vos do que disse: Jerusalém foi destruída quando se celebrava a solenidade, a solenidade mesma em que crucificaram o Senhor. Congregados eles se enfureceram, e reunidos pereceram.

**8** [5] "Puseram por sinais suas insígnias. E não reconheceram". Eles tinham insígnias para colocar ali: seus estandartes, suas águias, seus dragões, insígnias romanas; ou mesmo suas estátuas, que puseram antes no templo. Ou talvez "sinais", os oráculos de seus demônios. "E não reconheceram". O que não reconheceram? "Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto" (Jo 19,11). Não reconheceram que não era honra para eles afligirem, prenderem e até destruirem a cidade, mas que sua impiedade os tornara uma espécie de machado de Deus. Foram instrumentos da ira de Deus e não o reino de um Deus apaziguado. Deus agiu como muitas vezes faz o homem. Por vezes, um homem encolerizado toma uma vara do chão, ou talvez algum ramo para bater no filho. Mas depois joga o ramo no fogo e faz do filho seu herdeiro. De igual maneira, por vezes Deus educa os bons por meio dos maus, e dando um poder temporal aos que devem ser condenados, ensina os que serão libertados. Mas, então? Imaginais, irmãos, que de fato foi entregue àquele povo a faculdade de ensinar, para que depois se perdesse inteiramente? Quantos dentre eles posteriormente acreditaram! Quantos ainda haverão de crer! Uma coisa é a palha, e outra o trigo. Entre ambos, contudo, entra o trilho; sob um mesmo trilho uma é triturada e o outro sai limpo. Quantos bens Deus nos concedeu através do mal da traição de Judas! A própria crueldade dos judeus quantos bens não acarretou para os fiéis gentios! Cristo foi morto, a fim de que na cruz houvesse a quem olhar os mordidos da serpente (cf Nm 21,8). Assim também, portanto, os romanos talvez tenham tido uma inspiração divina para irem a Jerusalém e a tomarem; e depois de a terem tomado e destruído, disseram a si mesmos que era uma realização de seus demônios: "Puseram por sinais as suas insígnias. E não reconheceram". O que não reconheceram? "Como para a saída do alto". Se não viesse uma ordem do alto, aos gentios jamais teria sido permitido agir deste modo contra os judeus. Mas partiu uma ordem de cima, conforme diz Daniel: "Desde o começo da tua súplica uma palavra foi pronunciada" (Dn 9,23). Assim também aconteceu quando o Senhor estava diante de Pilatos. Ele se orgulhava, e pondo suas insígnias como sinal, sem reconhecer, dizia a

Cristo: “Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te libertar e poder para te crucificar?” E o Senhor respondeu ao orgulhoso, fazendo uma punção no tumor crescido: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (Jo 19,10.11). Assim também aqui: “Puseram por sinais suas insígnias. E não reconheceram”. Como não reconheceram? “Como para a saída do alto”. Como a saída viera do alto, para assim se realizar, acaso eles puderam reconhecê-lo?

**9** [6] Passemos por alto estes versículos, uma vez des-truída Jerusalém. São claros e não nos apraz demorarmo-nos acerca da pena dos inimigos. “Como às árvores de um bosque, despedaçaram todos juntos suas portas com machados. Com achas e martelos abateram-na”, isto é, por uma conspiração, com constância, “abateram-na com achas e martelos”.

**10** [7] “Atearam fogo ao teu santuário e na terra profanaram o tabernáculo de teu nome”.

**11** [8.9] “Disseram em seus corações, eles e os de sua linhagem”. O que disseram? “Vinde. Façamos cessar todas as solenidades do Senhor sobre a terra. Do Senhor”, esse termo foi intercalado, como dito por Asaf. Aqueles homens enfurecidos não denominariam Senhor aquele cujo templo eles destruíam. “Vinde, façamos cessar todas as solenidades do Senhor sobre a terra”. Que faz Asaf? Que “entende Asaf” destas palavras? Que entende? Não tira proveito, mesmo com este ensinamento? Não corrige a malícia do espírito? Foram destruídas todas as coisas existentes nos primeiros tempos: não havia mais sacerdote, nem altar dos judeus, nem vítima alguma, nem templo. Por conseguinte, não se havia de conhecer algo que tomasse o lugar do que perecia? Com efeito, retiravam-se os sinais das promessas, sem se realizar o que fora prometido? Vejamos, pois, agora o que entende Asaf; vejamos se tirou proveito da tribulação. Pondera o que ele diz: “Já não vemos nossos emblemas, já não há profeta; nem mais, entre nós, quem seja conhecido”. Eis estes judeus que dizem não serem mais conhecidos, isto é, que ainda se encontram no cativeiro, que não foram libertados, e que ainda esperam o Cristo. Cristo há de vir, mas virá como juiz. Primeiro ele chama, mas depois há de julgar. Virá, porque veio. É manifesto que há de vir; mas virá do alto. Ele estava diante de ti, ó Israel! Foste esmagado, porque foste de encontro àquele que jazia; para não seres esmigalhado, considera aquele que vem do alto. Pois, já foi predito pelo profeta: “Aquele que cair sobre essa pedra vai se quebrar todo, e aquele sobre quem ela cair, ela o esmagará” (Is 8,14.15; Lc 20,18). Quebra o pequeno, esmaga o grande. Já não vês teus emblemas, já não existe profeta e dizes: “Nem mais, entre nós, quem seja conhecido”, porque vós já não conheceis. “Já não há profeta, nem mais, entre nós quem seja conhecido”.

**12** [10] “Até quando, ó Deus, nos insultará o inimigo?” Clama como um abandonado, um desamparado; clama como o doente que prefere ferir o médico a ser curado; ele não te conhece ainda. Vê como fez quem não te conhece ainda. Efetivamente, verão coisas que não haviam sido anunciadas a respeito dele, e tomarão consciência de coisas que não

tinham ouvido (cf Is 52,15; Rm 15,21). E tu ainda clamas: "Já não há profeta; nem mais, entre nós, quem seja conhecido". Onde está teu entendimento? "O adversário blasfemará o teu nome até o fim". O adversário blasfemaria teu nome até o fim, para que repreendas encolerizado, e ao repreender, tomares conhecimento até o fim; ou talvez "para o fim", até o fim. Até que fim? Até que conheças, até que clames, até que pegues a cauda da serpente, e voltes ao reino.

**13** [11] "Por que retrais a tua mão e tiras do peito a tua direita até o fim?" Novamente outro sinal dado a Moisés. Como acima tratava do sinal da vara, aqui fala da direita. Depois de realizado o milagre da vara, Deus lhe deu outro sinal, dizendo: "Põe a mão no peito. Ele pôs a mão no peito", e ainda: "Tira-a. Ele tirou-a. Eis que a mão estava branca", isto é, impura. Brancura na pele é causada pela lepra, e não a cor natural (cf Lv 13,25). Pois, a própria herança de Deus, isto é, seu povo que ele mandou para fora, se tornou impuro. Mas que disse ainda Deus a Moisés? "Torna a pôr a mão no peito. Ele colocou a mão novamente no peito e a retirou. Ela voltara à cor natural" (Ex 4,6.7). Quando ages assim? pergunta Asaf. Até quando retrais a tua direita, tirando-a de teu peito, e ela fica de fora, impura? Torna a pô-la no peito; que ela recupere sua cor, reconheça o salvador. "Por que retrais a tua mão e tiras do peito a tua direita até o fim?" Assim grita, cego, sem entender; mas Deus sabe o que faz. Pois, qual o motivo da vinda de Cristo? "A cegueira atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo" (Rm 11,25). Em conseqüência disso reconhece, ó Asaf, o que veio antes, a fim de ao menos seguires, se não pudeste vir antes. Não foi em vão que Cristo veio, ou inutilmente que Cristo morreu. Não foi em vão que o grão caiu na terra; foi para germinar multiplicado (cf Jo 12,25). A serpente foi levantada no deserto, para que o povo ferido pelo veneno fosse curado (cf Nm 21,9). Considera os fatos. Não julgues inútil sua vinda, para que não te encontres em péssima situação quando ele voltar.

**14** [12] Asaf entendeu, pois traz o título do salmo: "Inteligência. De Asaf". E que diz ele? "Mas Deus é nosso rei, desde os séculos; levou a termo a salvação, no meio da terra". Por esta salvação clamamos: "Já não há profeta; nem mais, entre nós, quem seja conhecido. Mas Deus é nosso rei, desde os séculos", porque ele é o Verbo no princípio, pelo qual foram criados os séculos; ele "levou a termo a salvação, no meio da terra". Portanto, que fez "Deus, nosso rei desde os séculos? Ele levou a termo a salvação, no meio da terra". Eu, no entanto, ainda clamo como se estivesse abandonado. Ele leva a termo a salvação no meio da terra e eu permaneço como terra. Asaf entendeu bem, porque diz o salmista: "Inteligência. De Asaf". Por que isto, ou que salvação Cristo levou a termo, senão que os homens aprendessem a desejar os bens eternos e não ficarem sempre apegados aos bens temporais? "Mas Deus é nosso rei, desde os séculos; levou a termo a salvação, no meio da terra". Ao clamarmos: "Até quando, ó Senhor, nos insultará o inimigo? Até quando o adversário blasfemará? Até quando retrais a tua mão, tirando-a do peito?" Ao dizermos: "Deus é nosso rei, desde os séculos; levou a termo a salvação, no meio da terra", também nós dormimos. Os povos vigiam; nós roncamos, e como se Deus nos tivesse abandonado, deliramos em sonho. "Ele levou a termo a

salvação, no meio da terra".

**15** [13] Agora, então, Asaf, corrige-te e entende; dize-nos qual foi a salvação que Deus levou a termo, no meio da terra. Visto que a salvação terrena foi perdida para vós, que fez ele? Que prometeu? "Com teu poder firmaste o mar". O povo judaico era um povo estéril, privado das águas do mar. Os gentios constituíam as águas amargas do mar, que banhavam de todos os lados aquela terra. Eis que "firmaste o mar com teu poder", e a terra continuou sedenta por falta de tua chuva. "Com seu poder firmaste o mar. Esmagaste a cabeça dos dragões sobre as ondas". Cabeça dos dragões são os demônios soberbos, que tinham em possessão os gentios. Tu a quebraste sobre as ondas, porque livraste do poder dos demônios através do batismo os que eles possuíam.

**16** [14] Depois de esmagar as cabeças dos dragões, que vem ainda? Pois, aqueles dragões têm seu chefe, e o que ocupa o primeiro lugar entre eles é o grande dragão. E o que dele fez aquele que levou a termo a salvação, no meio da terra? Ouve: "Quebraste a cabeça do dragão". De que dragão? Entendemos por dragões todos os demônios das fileiras do diabo. Qual este dragão especial cuja cabeça foi quebrada, senão o próprio diabo? Que lhe fez o Senhor? "Quebraste a cabeça do dragão". Cabeça é a raiz do pecado. Trata-se da cabeça sobre a qual recaiu a maldição de que a descendência de Eva observaria a cabeça da serpente (cf Gn 3,15). A Igreja recebeu a advertência de evitar a raiz do pecado. Qual a raiz do pecado, a cabeça da serpente? "A origem de todo pecado é a soberba" (Eclo 10,15). Foi, por conseguinte, quebrada a cabeça do dragão; esmagada foi a soberba diabólica. E que lhe fez a ele quem levou a termo a salvação, no meio da terra? "Deste-o em alimento aos povos da Etiópia". Que é isso? Como entender esses povos etíopes? Como, a não ser todos os povos. E é exato representá-los por negros; pois os etíopes são negros. São chamados à fé os que foram negros. Justamente eles, a fim de se lhes dizer: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). Sem dúvida, foram chamados de negros, mas não continuem a ser; deles pois, se forma a Igreja, a qual foi dito: "Quem é esta que sobe toda alva"? (Ct 8,5, sg LXX). Que se fez da que era negra? A não ser que foi dito: "Sou negra, mas formosa"? (Ct 1,4). E como eles receberam em alimento este dragão? Penso que antes se deve dizer que receberam a Cristo em alimento. Mas, Cristo era alimento que os faria perfeitos; o diabo, comida que eles destruiriam em si mesmos. Foi o que sucedeu àquele bezerro a quem adorou o povo infiel, apóstata, anelando pelos deuses dos egípcios e abandonando aquele que os livrara da escravidão do Egito; então se realizou aquele grande sinal. Como se irritasse Moisés contra os que cultuavam e adoravam o ídolo, inflamado pelo zelo por Deus, castigou-os no tempo a fim de os atemorizar e fazê-los evitar a morte eterna. Jogou ao fogo o próprio bezerro, eliminou-o, quebrou-o, misturou o pó com água, que deu ao povo a beber (cf Ex 32,1-20). E realizou-se assim um grande sacramento. Oh, ira profética de uma alma não perturbada, mas iluminada! Como agiu? Primeiro joga ao fogo, para que perdesse sua forma; reduziu a pó, para ser consumido lentamente; misturou com água para dar ao povo a beber. Que significa isto, senão que os adoradores do diabo se tornaram seu corpo? Como aqueles que conhecem a Cristo constituem seu corpo, de

sorte que se lhes diz: “Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros” (1Cor 12,27). O corpo do diabo devia ser consumido, e consumido pelos israelitas. Daquele povo, pois, vieram os apóstolos; dele se origina a Igreja primitiva. Fora dito a Pedro acerca dos gentios: “Imola e come” (At 10,13). Que quer dizer: “Imola e come?” Mata aquilo que eles são, e faze deles o que tu és. A ordem: “Imola e come” equivale a: Reduze a pó e bebe. Ambas as coisas são um mesmo sinal sacramental. Importava, de fato, importava sem dúvida alguma que os que constituíam o corpo do diabo, pela fé, passassem para o corpo de Cristo. Assim o diabo é destruído, pela perda de seus membros. Isso também foi figurado na serpente que Moisés fez surgir. Os magos fizeram coisa semelhante, e jogando por terra suas varas fizeram aparecer dragões; mas o dragão de Moisés absorveu as varas de todos aqueles magos (cf Ex 7,12). Aplique-se isso agora ao corpo do diabo. Acontece o mesmo. É devorado pelas gentes que acreditaram, e torna-se alimento dos etíopes. É possível outra explicação de: “Deste-o em alimento aos povos da Etiopia”, que é a seguinte: eles agora mordem em companhia de todos. Que significa: mordem? Repreendem, inculpam, acusam. Isso foi dito em outra passagem, embora em forma negativa: “Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, não aconteça que vos elimineis uns aos outros” (Gl 5,15). Que sentido tem: “Mordeis e vos devorais reciprocamente?” Ten-des litígios mútuos, sois detratores uns dos outros, injuriais-vos reciprocamente. Notai agora com essas mordidelas como é absorvido o diabo. Quem é que, mesmo sendo pagão, não diga irado a seu servo: Satanás? Vê como o diabo é dado em alimento. Assim fala o cristão, assim fala o judeu, assim fala o pagão. Adora-o e maldiz em seu nome.

**17** [15] Consideremos, portanto, o restante. Irmãos, peço-vos atenção. Ouve-se com prazer o que já se conhece realizado em todo o orbe da terra. Quando isso era anunciado, não era realizado ainda, porque então se tratava da promessa ainda não cumprida; agora que prazer sentimos ao lermos no livro as predições realizadas no mundo! Vejamos o que fez aquele que Asaf já entende ter “levado a termo a salvação, no meio da terra. Fizeste jorrar fontes e torrentes”, manar o licor da sabedoria, manarem as riquezas da fé, irrigarem as águas a salmorra dos povos, e converterem-se todos os infiéis à suavidade da fé por meio desta irrigação. “Fizeste jorrar fontes e torrentes”. Talvez haja diferença entre fontes e torrentes, mas é possível serem idênticas, porque as fontes foram tão abundantes que deram origem a rios. “Fizeste jorrar fontes e torrentes”. Com efeito, se há diferença, em uns a palavra de Deus se torna “uma fonte de água que jorra para a vida eterna” (Jo 4,14); em outros, que ouvem a palavra, mas não se comportam de acordo, vivendo bem, apesar de não a calarem, tornam-se torrentes. Pois, propriamente as chamadas torrentes não são perenes. Às vezes, em sentido translato, fala-se de torrentes, em vez de rios, como no versículo: “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Na torrente de tuas delícias lhes dás de beber” (Sl 35,9); pois esta torrente não seca. Mas propriamente chamam-se torrentes os rios que secam no verão, e no inverno correm e inundam as margens. Se, portanto, vês um homem bem fiel, perseverante até o fim, sem abandonar a Deus nas tentações, suportando toda espécie de incomodidades em

prol da verdade e não pela falsidade ou o erro, de onde vem que se mantém nessas condições senão porque a palavra nele se tornou “uma fonte de água que jorra para a vida eterna?” Outro, contudo, acolhe a palavra, prega, não cala, corre. O verão demonstra se é uma fonte ou uma torrente. No entanto, ambas irrigam a terra, por ação daquele que “levou a termo a salvação, no meio da terra”. Jorrem fontes, corram torrentes: “Fizeste jorrar fontes e torrentes”.

**18** “Secaste os rios de Etam”. Ele faz jorrar fontes e torrentes, e seca rios, a fim de que de um lado corram águas e de outro elas sequem. “Os rios de Etam”. Que significa Etam? É palavra hebraica. Que significa? Forte, robusto. Quem é este forte e robusto, cujos rios Deus seca? Quem, senão o próprio dragão? Diz o evangelho: “Como pode alguém entrar na casa do forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar”? (Mt 12,29). O forte é o diabo, que presume de sua força e abandona a Deus; é o forte aquele que disse: “Colocarei o meu trono no aquilão, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo” (Is 14,13-14). Deste cálice de sua força perversa ele deu de beber ao homem. Quiseram ser fortes os que acreditaram que se tornariam deuses, comendo do fruto proibido. Adão fez-se forte e foi escarnecido: “Eis que Adão já é como um de nós” (Gn 3,22). Fortes também eram os judeus que presumiam de sua justiça: “Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, como homens fortes, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). Vede como o homem desperdiçou sua fortaleza, e ficou fraco, pobre, de longe, sem ousar levantar os olhos para o céu, mas a bater no peito e dizer: “Senhor, tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,13). Já se vê fraco e confessa sua fraqueza. Não é forte. É terra árida que deve ser regada por fontes e torrentes. São ainda fortes os que presumem de sua força. Sequem-se os seus rios; não progridam nas opiniões dos gentios, dos arúspices, dos adivinhos, dos mágicos, porque os rios do forte secaram: “Secaste os rios de Etam”. Desapareçam aqueles ensinamentos e os espíritos sejam inundados pelo evangelho da verdade.

**19** [16] “Teu é o dia e a noite te pertence”. Quem o ignora, uma vez que ele fez todas as coisas, porque pelo Verbo tudo foi feito? (cf Jo 1,3). Àquele mesmo que “levou a termo a salvação, no meio da terra” é que se diz: “Teu é o dia e a noite te pertence”. Aqui há uma alusão à própria “salvação operada no meio da terra. “Teu é o dia”. Quem são eles? Os espirituais. “E a noite te pertence”. E estes? Os homens carnais. “Teu é o dia e a noite te pertence”. Os es-pirituais falem de coisas espirituais aos espirituais. Pois, foi dito: “Exprimindo realidades espirituais em termos espirituais, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos” (1Cor 2,13.6). Os carnais ainda não a captam: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). Com efeito, quando os espirituais falam de realidades espirituais: “O dia ao dia profere a palavra”. Quando, porém, os próprios homens carnais não calam sua fé no Cristo crucificado, que os pequenos podem captar: “A noite à noite anuncia a ciência” (Sl 18,3). “Teu é o dia e a noite te pertence”. Pertencem-te os espirituais e os carnais. Tu os consolas como a lua consola a noite, ilustrando a uns com a sabedoria imutável, a outros confortando com a manifestação da verdade. “Teu é o dia e a noite te pertence”. Queres

ouvir como fala o dia? Vê se apreendes; eleva tua mente tão alto quanto podes. Vejamos se pertences ao dia; observemos se não pestanejas. Podes ver aquilo que acabas de ouvir do evangelho: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus?” Só consegues pensar nas palavras que soam e passam. Poderias captar o Verbo, não enquanto som, mas enquanto Deus? Não ouviste a palavra: “O Verbo era Deus?” Mas, podes pensar nestas palavras: “Tudo foi feito por meio dele” (Jo 1,1-14). Por ele foram feitos também os que falam. Então, como é aquele Verbo? Entendes, ó homem carnal? Responde. Captas? Não captas, ainda estás na noite. Precisas da lua, para não morreres nas trevas. “Eis que os pecadores retesaram o arco, para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração” (Sl 10,3). Obscureceu-se a carne de Cristo, ao ser deposta da cruz e colocada no sepulcro, enquanto o injuriavam os que o mataram. Ainda não ressuscitara e os discípulos, retos de coração, tiveram o coração alvejado, sob uma lua obscura. Por conseguinte, tendo em mira que não somente o dia profira ao dia a palavra, mas ainda a noite anuncie à noite a ciência, e uma vez que “teu é o dia e a noite te pertence”, digna-te descer e permanecer junto daquele onde estavas ao descer, mas também vir àqueles por cuja causa tu desces. Tu que estavas neste mundo, e o mundo por ti foi feito, mas ele não te reconheceu, digna-te descer. Tenha a noite também o seu consolo. Tenha: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). “Teu é o dia e a noite te pertence. Criaste o sol e a lua”, sol são os espirituais; lua, os carnais. Se alguém ainda é carnal, não seja abandonado, para que progrida. “Criaste o sol e a lua”: o sol representa os prudentes e a lua os estultos. Todavia, não os abandonaste. Pois está escrito: “O sábio permanece como o sol; “o insensato, porém, muda como a lua” (Eclo 27,11). Como, portanto, o sol permanece, isto é, o sábio per-manece como o sol e “o insensato muda como a lua”, deve-se abandonar aquele que ainda é carnal, ainda insensato? E onde fica o que disse o Apóstolo: “Eu me sinto devedor a gregos e a bárbaros” (Rm 1,14)? “Criaste o sol e a lua”.

**20** [17] “Marcaste os confins da terra”. Acaso não o fez antes, quando criou a terra? Mas como foi que marcou os confins da terra, aquele que “levou a termo a salvação, no meio da terra?” De que maneira senão a mencionada pelo Apóstolo: “Pela graça somos salvos, e isso não vem de nós, é o dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho?” Então não existiam obras boas? Existiam, mas de que modo? Pela graça de Deus. Ele continua; vejamos. “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras” (Ef 2,8-10). Foi assim que ele marcou os confins da terra, ele que “levou a termo a salvação, no meio da terra. Marcaste os confins da terra. Estabeleceste o verão e o inverno”. O verão figura os fervorosos de espírito. Tu fizeste os que são fervorosos de espírito; criaste também os apenas iniciados na fé. Eis o verão. “Estabeleceste o verão e o inverno”. Não se gloriem como se nada houvessem recebido: “Tu os estabeleceste”.

**21** [18] “Recorda-te de tua criatura”. De qual “criatura tua? O inimigo injuriou o Senhor”. Ó Asaf, lastima-te ao conhecer tua primitiva cegueira! “O inimigo injuriou o Senhor”. Foi seu próprio povo que disse de Cristo: “Sabemos que este homem é pecador. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas este, não sabemos de onde ele é. É um samaritano” (Jo

9,24.29; 8,48). “O inimigo injuriou o Senhor. Um povo insensato ultrajou teu nome”. Então Asaf era esse povo imprudente; mas nesta ocasião Asaf não en-tendeu. O que se encontra no salmo anterior? “Tornei-me como um animal de carga junto de ti, mas estou sempre contigo” (Sl 72,23.24). Assim fala porque não cultua os deuses e os ídolos dos pagãos. Apesar de não compreender como um animal, reconhece enquanto homem. Pois diz: “Estou sempre contigo, como animal de carga”. Como prossegue Asaf neste salmo? “Tomaste-me pela mão de minha direita e conduziste-me segundo a tua vontade e acolheste-me na glória. Segundo a tua vontade”, e não de acordo com minha justiça; por dádiva tua, não por obra minha. Conseqüentemente também aqui: “O inimigo injuriou o Senhor e um povo insensato ultrajou teu nome”. Então pereceram todos? De forma nenhuma. Embora alguns ramos tenham sido quebrados, subsistem alguns onde é enxertada a oliveira silvestre. A raiz permanece e dentre os mesmos ramos, quebrados pela infidelidade de alguns, foram novamente inseridos através da fé (cf Rm 11,17). O próprio Apóstolo Paulo que fora cortado devido a sua incredulidade, pela fé foi restituído à raiz. Com efeito, “o povo insensato ultrajou teu nome” quando disse: “Se é filho de Deus, desça da cruz” (Mt 27,40).

**22** [19] Mas que dizes, Asaf, uma vez que agora já entendes? “Não entregues as almas dos que te louvam às feras”. Reconheço, diz Asaf, como se diz em outro salmo: “Reconheci o meu delito e não dissimulei minha injustiça” (Sl 31,5). Por quê? Acontece como sucedeu através do sermão de Pedro, quando os israelitas se admiravam diante do milagre das línguas (no Pentecostes). Ele lhes dizia que, apesar de Cristo lhes ter sido enviado, eles o mataram. “Ouvindo isto, sentiram o coração transpassado e perguntaram a Pedro e aos apóstolos: Que devemos fazer?” Dizei-nos. Os Apóstolos responderam: “Convertei-vos e seja cada um de vós batizado em nome do Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados” (At 2,37-38). Como através da penitência se fez a confissão: “Não entregues as almas dos que te louvam às feras”. Por que: “Os que te louvam?” Porque “revolvia-me em minha dor, enquanto o espinho era pungente” (Sl 31,4). Compungi-ram-se de coração; e sentiram a tribulação da penitência aqueles que se gloriavam em seu furor. “Não entregues as almas dos que te louvam às feras”. Quais são estas feras senão aqueles cujas cabeças foram esmagadas sobre as ondas? O próprio diabo é denominado fera, leão e dragão. Não entregues ao diabo e a seus anjos as almas dos que te louvam. Devore-me a serpente, se ainda tenho gostos terrenos, se tenho desejos terrenos, se permaneço ainda só com as promessas do Antigo Testamento, apesar de já revelado o Novo. Quando, porém, tiver me despojado da soberba, e não esteja ciente de minha justiça, e sim de tua graça, não tenha poder sobre mim a fera soberba. “Não entregues as almas dos que te louvam às feras. Nem te esqueças para sempre das almas dos teus pobres”. Éramos ricos, éramos fortes, mas tu “secaste os rios de Etam”. Agora, porém, não nos apoiamos em nossa justiça, mas reconhecemos a ação de tua graça. Somos pobres. Escuta teus mendigos. Já não ousamos levantar os olhos para os céus, mas batendo no peito dizemos: Senhor, “tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,13). “Nem te esqueças para sempre das almas de teus pobres”.

**23** [20] “Volta o olhar para tua aliança”. Realiza o que prometeste: temos em nosso poder os documentos, e esperamos a herança. “Volta o olhar para tua aliança”. Não me refiro à antiga. Não reclamo a terra de Canaã. Nem peço a sujeição de inimigos temporais, ou descendência carnal, riquezas terrenas, salvação temporária. “Volta o olhar para tua aliança”, que nos prometeu o reino dos céus. Já conheço teu testamento; Asaf já entendeu, Asaf não é um animal de carga, já enxerga o que foi dito: “Eis que dias virão — oráculo do Senhor — em que selarei com a casa de Israel (e a casa de Judá) uma aliança nova. Não como a aliança que selei com seus pais” (Jr 31,31.32). “Volta o olhar para tua aliança. Porque os que se entregaram às trevas encheram a terra de antros iníquos”. Eles tinham corações iníquos. Nossas casas são nossos corações. De coração que são bem-aventurados nele repousam de bom grado. “Volta, portanto, o olhar para tua aliança”, e um resto se salvará (cf Rm 9,27). Muitos que visavam somente à terra e a encheram, caíram nas trevas. Seus olhos se encheram de poeira, que os cegou. E eles se tornaram como a poeira que o vento carrega da superfície da terra (cf Sl 1,4). “Os que se entregaram às trevas encheram a terra de antros iníquos”. Visando apenas à terra, ficaram nas trevas aqueles dos quais refere outro salmo: “Seus olhos se obscureçam e não vejam e seu dorso se incurve para sempre” (Sl 68,24). São, pois, terra, aqueles “que se entregaram às trevas e encheram a terra de antros iníquos”, tendo corações iníquos. Conforme dissemos mais acima, nossas casas são nossos corações; nele repousaremos de boa vontade, se o limparmos de toda iniqüidade. Ali também se encontra uma consciência carregada, que repele o homem, como o paralítico que recebe ordem de ir, levando seu leito, uma vez perdoados seus pecados. Disse-lhe o Senhor: “Toma o teu leito” e anda para tua casa (Jo 5,8). Carrega o peso de tua carne e penetra numa consciência curada. “Porque os que se entregaram às trevas encheram a terra de antros iníquos”. Caíram nas trevas, encheram-se de terra. Quais são os que caíram nas trevas? Os que têm corações iníquos. Deus lhes retribui conforme as condições de seus corações.

**24** [21] “Não se afaste envergonhado o humilde”. Pois a soberba confunde aqueles. “O pobre e o desamparado possam louvar o teu nome”. Vedes, irmãos, como deve ser suave a pobreza; vedes que os pobres e desamparados pertencem a Deus. Mas, trata-se dos pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus (cf Mt 5,3). Quais são os pobres em espírito? Os humildes, os que tremem diante de minha palavra, os que confessam seus pecados; aqueles que não presumem de seus méritos, nem de sua justiça. Quem são os pobres em espírito? Aqueles que, ao fazerem algo de bom, louvam a Deus; quando praticam o mal, acusam a si mesmos. Sobre quem repousa meu espírito, diz o profeta, senão no humilde, no tranqüilo, “naquele que treme diante de minha palavra”? (Is 66,2). Por conseguinte, Asaf já entende; já não adere à terra, já não procura a realização de promessas de bens terrenos, conforme o Antigo Testamento. Tornou-se teu mendigo, teu pobre. Tem sede da água de teus rios, porque os seus secaram. Uma vez que ele assim se transformou, não seja enganado em sua esperança. À noite ergueu as mãos diante de ti, procurando-te (cf Sl 76,3); não seja decepcionado. “Não se afaste envergonhado o

humilde. O pobre e o desamparado possam louvar o teu nome". Confessando seu pecado, louvarão teu nome. Ao desejarem que se cumpram tuas promessas eternas, louvarão teu nome. Não serão entumescidos com as realidades temporais, nem soberbos e inchados de orgulho devido à própria justiça. Não são desses; mas quem então? "O pobre e o desamparado possam louvar o teu nome".

**25** [22] "Levanta-te, Senhor. Julga a minha causa". Sinto-me abandonado, porque ainda não recebi o objeto de tuas promessas; e minhas lágrimas se tornaram o meu pão dia e noite, enquanto me é dito cada dia. Onde está o teu Deus? (cf Sl 41,4). E como não posso mostrar o meu Deus, como se fosse inútil segui-lo, sou injuriado. Não é apenas o pagão, ou o judeu, ou o herege, mas por vezes é um próprio irmão católico que torce os lábios, ao serem anunciadas as promessas de Deus, ou pregada de antemão a futura ressurreição. E mesmo ele, apesar de ter sido mergulhado na água da salvação eterna, e de ser portador do sinal de Cristo, talvez diga: Quem já ressuscitou? E: Jamais ouvi meu pai falar do sepulcro, desde que o sepultei. Deus deu a lei a seus servos por algum tempo, a que podem se referir; pois quem já voltou da região dos mortos? Que fazer por estes? Mostrar-lhes o que não vêem? Não posso. Por causa deles Deus não vai se tornar visível. Se quiserem, que o façam. Façam-no, enpenhem-se nisso. Uma vez que não querem se converter para melhor, convertam a Deus para o pior. Veja quem puder que Deus existe; acredite quem não puder. Mesmo que a alguém seja possível ver, porventura vê-lo-á com os olhos? Verá com o intelecto, verá com o coração. Não era o sol ou a lua que queria mostrar aquele que dizia: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). Um coração impuro que nem é capaz de ter fé, creia ao menos aquilo que não pode ver. Responderá: Não vejo; por que hei de acreditar? A meu ver, é visível tua alma! Estulto! Teu corpo é visível; mas quem pode ver a tua alma? Se somente teu corpo é visível, por que não és sepultado? Admiras-te por ter eu dito: Se apenas o corpo é visível, por que não és sepultado? Hás de responder (isso tu entendes): porque estou vivo. Como sabes que vives? Não vejo tua alma. Como posso saber? Responderás: Mas falo, ando, trabalho. Insensato! Pelas obras do corpo posso reconhecer que és um ser vivo. Pelas obras da criatura não podes reconhecer o Criador! E talvez aquele que afirma: Depois de morto, nada mais serei, estudou as letras, aprendeu isso de Epicuro, ignoro de que espécie de filósofo insensato, ou antes, amante da vaidade e não da sabedoria, a quem os próprios filósofos chamaram de porco. Ele declarou que a volúpia do corpo é o bem sumo. Os filósofos o chamaram de porco que se revolve na lama carnal. Foi talvez dele que aprendeu esse literato a dizer: Não existirei mais depois da morte. Sequem-se os rios de Etam. Desapareça essa opinião das gentes, brotem os vergéis de Jerusalém. Vejam os que o puderem; de coração creiam os que não podem ver. Certamente ainda não existiam todas essas coisas que agora são visíveis no mundo, quando Deus levava a termo a salvação, no meio da terra, quando essas realidades eram profetizadas. Outrora foram preditas e agora se mostram realizadas. No entanto, o estulto ainda diz em seu coração: "Deus não existe" (Sl 13,1). Ai dos corações perversos! pois ainda hão de vir as coisas que faltem, da mesma forma que vieram as

coisas que outrora não existiam, mas se profetizavam futuras. Acaso Deus nos demonstrou tudo o que prometera, e há de nos enganar somente acerca do dia do juízo? Cristo não vivera na terra. Deus prometeu e o mostrou. A Virgem ainda não dera à luz; ele prometeu e cumpriu. O precioso sangue de Cristo não fora ainda derramado, para apagar o documento de condenação à morte; ele prometeu e cumpriu. Ainda não ressuscitara a carne para a vida eterna; prometeu, cumpriu. Os povos não haviam acreditado; ele prometeu, cumpriu. Os hereges armados com o nome de Cristo ainda não lutavam contra Cristo; ele predisse e o mostrou. Os ídolos dos pagãos ainda não haviam desaparecido da terra; ele predisse e o demonstrou. Tudo isso foi predito e realizado. O Senhor teria mentido somente acerca do dia do juízo? Ele virá, absolutamente, da mesma maneira como todos esses fatos se deram. Todos eles, antes de se realizarem eram futuros, e foram prenunciados anteriormente, e posteriormente aconteceram. O juízo virá, meus irmãos. Ninguém diga: Não virá. Ou: Virá, mas está ainda muito longe. Mas está perto o dia de partires daqui. Baste a primeira decepção. Se não pudemos primeiro observar o preceito, ao menos nos corrijamos diante do exemplo. Não houvera ainda exemplo de queda para os homens quando foi dito a Adão: "No dia em que a tocares, terás de morrer". E veio, em sentido contrário, a serpente, que lhe disse: "Não, não morrerás". Foi-lhe dado crédito, e Deus foi desprezado. O homem acreditou na serpente, tocou o fruto proibido, morreu (Gn 2,17; 3,4.6.19). Não se realizou a ameaça de Deus, ao invés daquilo que o inimigo prometera? Isto, sem dúvida. Nós o sabemos, todos morrem. Sejamos cautelosos, ao menos depois da experiência. Nem agora cessa a serpente de insinuar e dizer: Será que Deus vai condenar tamanha multidão e salvar uns poucos? É o mesmo que dizer: Agi contra o preceito; não haveis de morrer. Mas o que sucedeu outrora, acontece também agora. Se seguires a sugestão do diabo, e desprezares o preceito de Deus, virá o dia do juízo, e descobrirás que é verdade o que Deus ameaçou e mentira o que prometeu o "Levanta-te, Senhor, julga a minha causa". Morreste e foste desprezado. Sou interrogado: "Onde está o teu Deus?" (Sl 41,11). "Levanta-te, Senhor. Julga a minha causa". Virá para julgar aquele que ressurgiu dos mortos. Foi profetizado que ele haveria de vir. Veio e foi desprezado pelos judeus, enquanto vivia na terra; é desprezado pelos falsos cristãos quando está sentado no céu. "Levanta-te, Senhor. Julga a minha causa". Em ti acreditei. Não hei de perecer. Acreditei no que não vi, não serei enganado em minha esperança, receberei o que prometeste. "Julga a minha causa. Lembra-te dos ultrajes que te lançaram e dos que inflige cada dia o insensato". Cristo ainda é injuriado; não faltam os vasos da ira todos os dias, isto é, até o fim dos séculos. Ainda se diz: Os cristãos anunciam coisas vãs. Ainda se diz: É coisa vã falar em ressurreição dos mortos. "Julga a minha causa. Lembra-te dos ultrajes que te lançaram". Dos quais senão "dos que inflige cada dia o insensato". Acaso um homem prudente assim se exprime? Chama-se prudente aquele que vê longe. Se prudente é quem vê longe, vê longe pela fé; pois os olhos mal vêem o que está diante dos pés, "cada dia".

**26** [23] "Não olvides as vozes dos que te imploram. "Gemendo e esperando o que prometeste acerca do Novo Testamento, os quais ainda caminham na fé. Mas a estes

ainda se diz: Onde está o teu Deus? “Sobe continuamente o tumulto dos que se insurgem contra ti”. Não te esqueças de sua soberba. E ele não esquece, de fato: ou castiga, ou corrige.

# SALMO 74

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] Este salmo fornece remédio para o inchaço do orgulho e consola com a esperança os humildes. Assim, faz com que ninguém orgulhosamente presuma de si mesmo, e nenhum humilde desista de esperar no Senhor. Pois, existe uma promessa de Deus ratificada, segura, fixa, inabalável, fiel, não sujeita a dúvida alguma, que consola os aflitos. De fato, conforme foi escrito, a vida inteira do homem sobre a terra é uma tentação (cf Jó 7,1). Nem mesmo se há de preferir uma vida aparentemente próspera e evitar a que está cheia de aflições; mas em ambas deve haver cautela. Na primeira, para que não se arruíne, na segunda, a fim de que não esmague o homem. Refúgio para cada um, quaisquer que sejam as condições da vida que leva, encontra-se apenas em Deus, e de alegria só existe a que é baseada em suas promessas. Esta vida, por mais felicidade que proporcione, decepciona a muitos; Deus a ninguém engana. Para todo aquele que se converte para Deus, muda a espécie de prazer, mudam-se as delícias (não são subtraídas, mas mudadas). Com efeito, todas as delícias nesta vida, ainda não são reais, mas a própria esperança é tão certa que deve ser preferida a todas as delícias deste mundo, conforme está escrito: "Põe tuas delícias no Senhor". Tendo em vista que não penses já possuir o objeto de suas promessas, o salmista logo acrescenta: "E ele atenderá aos pedidos de teu coração (Sl 36,4). Se ainda não recebeste o que pede teu coração, para te deleitares no Senhor, tens como certa garantia aquele que se tornou teu devedor, por meio de sua promessa. No intuito de que permaneça conosco a esperança de obter esses pedidos, e sermos introduzidos na posse do que foi prometido por Deus, fala-nos o título deste salmo: "Para o fim. Não destruas". Que significa: "Não des-truas?" Apresenta o que prometeste. Mas quando? "No fim". Para lá se dirijam os olhos espirituais. "Para o fim". Tudo o que ocorrer no caminho, fique para trás, a fim de se chegar ao fim. Exultem os soberbos com sua felicidade no presente; inchem-se com as honrarias, recubram-se com o brilho do ouro, superabundem seus escravos, estejam impregnados dos obséquios de seus protegidos. Tudo isso passa e passa como sombra. Quando chegar o fim, todos os que agora esperam no Senhor se alegrarão, e terão os outros uma tristeza sem fim. Ao receberem os humildes aquilo de que agora zombam os soberbos, o inchaço destes se converterá em pranto. Então se realizará a palavra que conhecemos do livro da Sabedoria. Eles dirão então, vendo a glória dos santos, que suportaram tudo ao serem humilhados aqui na terra, enquanto eles aqui eram exaltados e não aceitaram os sofrimentos. Então eles dirão: "Estes são os de quem outrora nos ríamos". E ainda: "Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviram riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,3.8.9). Como presumiram a respeito de bens corruptíveis, a sua esperança perecerá; a nossa, porém, se tornará realidade. Em vista de que permaneça para nós íntegra certa e firme a promessa de Deus, dissemos com a fé no

coração: “Para o fim. Não destruas”. Não receies que algum dos potentados destrua o objeto das promessas de Deus. Ele nunca falha, porque é veraz. Não é possível encontrar outro mais forte que impeça o cumprimento de sua promessa. Por isso estejamos certos da realização das promessas de Deus, e cantemos como começa o salmo.

**2** “Nós confessaremos a ti, ó Deus, a ti confessaremos. E invocaremos teu nome”. Não invoques antes de confessares; confessa e invoca. Chamas para junto de ti aquele que invocas. Que é invocar senão chamar para perto de ti? Se o invocas, se o chamas para junto de ti, de quem é que ele se aproxima? Do soberbo, não. Com efeito, ele é excelso; o orgulhoso não o atinge. Para tocarmos o que é sublime, nós nos erguemos; e se não podemos atingir, procuramos algum instrumento ou escadas, a fim de que, nos elevando, o toquemos. O contrário sucede em relação a Deus. Ele é elevado, mas são os humildes que o alcançam. Está escrito: “O Senhor está perto dos corações contritos” (Sl 33,19). A piedade, a humildade, coração triturado. Quem está contrito, está aborrecido consigo mesmo; fique assim a fim de que Deus se torne propício. Sirva de juiz para si mesmo para tê-lo por defensor. Por conseguinte, Deus vem ao ser invocado. Para perto de quem? Para o soberbo, não. Escuta outro testemunho: “Excelso é o Senhor e baixa o olhar para o humilde, mas vê de longe os soberbos” (Sl 137,6). “Excelso é o Senhor e baixa o olhar para os humildes”, mas não de longe. De longe, porém, vê os orgulhosos. O salmista, tendo em vista que, uma vez havendo dito que ele vê os humildes, os soberbos poderiam se regozijar esperando ficar impunes, como se aquele que habita nas alturas não descobrisse os soberbos, atemoriza-os com as seguintes palavras: Ele vos vê e conhece, mas de longe. Ele torna felizes aqueles dos quais se aproxima; quanto a vós, soberbos, exaltados, não ficareis impunes, porque ele vos conhece. Todavia, não sereis felizes, porque é de longe que vos conhece. Vede como deveis agir; porque se vos conhece, não vos perdoa. Seria melhor desconhecer que conhecer. Que seria desconhecer senão não conhecer? Que significa: não conhecer? Não dar atenção, pois também se diz que o que castiga não está atento. Deus ouve aquele que reza, a fim de perdoar: “Desvia a tua face de meus pecados” (Sl 50,11). Que farás se ele desviar a sua face de ti? É molesto. Receia que te abandone. Se não desvia a face, dá atenção. Deus sabe agir assim, pode agir assim: desviar a face do pecador e não desviar daquele que confessa. Em conseqüência, diz-se-lhe num salmo: “Desvia a tua face de meus pecados”, e em outro: “Não desvies de mim a tua face” (Sl 26,9). No primeiro: Desvia de meus pecados; no último: Não desvies de mim. Confessa, portanto, e invoca, confessando, limpas o templo aonde deve vir aquele que é invocado. Confessa e invoca. Desvie a face de teus pecados e não a desvie de ti. Desvie a face do pecado que fizeste, mas não desvie daquele ser que ele mesmo fez. A ti, homem, ele criou; a teus pecados, tu os fizeste. Confessa, portanto, e invoca. Dize: “Nós confessaremos a ti, ó Deus, a ti confessaremos”.

**3** A própria repetição reforça. Não te arrependas de ter confessado. Não te confessaste a um homem cruel; ele não é vingador, injuriador. Confessa com segurança. Escuta outra

exortação do salmo: “Confessai ao Senhor porque ele é bom” (Sl 105,1; 106,1). Que quer dizer: “porque ele é bom?” Por que motivo receias confessar? Ele é bom e perdoa àquele que confessa. Podes ter medo de confessar a um juiz humano, pois talvez castigue aquele que confessa. A Deus, não. Torna-o propício por meio da confissão; se negares, ele não deixa de saber. “Nós confessaremos a ti, ó Deus, a ti confessaremos, e tranqüilos invocaremos o teu nome”. Nossos corações se cansaram de tanto confessar; tu nos atemorizaste, nos purificaste. A confissão nos torna humildes. Aproxima-te dos humildes tu que te afastas dos orgulhosos. Sabemos por muitas passagens da Escritura que é confirmação de uma sentença a sua repetição. Daí vem que o Senhor diz: “Amém, amém” (Jo 1,51 etc.). O mesmo acontece em alguns salmos: (“Fiat, fiat) assim seja, assim, seja” (Sl 71,19; 88,53). Bastava para ter sentido dizer uma só vez: “Assim seja”, mas para reforçar o sentido acrescenta-se outro: “Assim seja”. O rei do Egito, o faraó (sabeis que José estava então no cárcere, devido a seu amor à pureza) viu em sonhos o que todos nós sabemos. Sete vacas gordas consumidas por sete vacas magras; e ainda, sete espigas cheias absorvidas por sete espigas mirradas. E como o interpretou José? Se recordais, estes dois sonhos constituem uma só visão. Ele disse: Uma só é a interpretação deles. Se viste duas vezes, vale como confirmação (cf Gn 41,1-32). Referi-me a isto para não pensardes que a repetição na linguagem sagrada seja loquacidade. Muitas vezes ali a repetição tem a finalidade de um reforço. “Meu coração está preparado, ó Deus, está preparado o meu coração” (Sl 56,8). E em outro salmo: “Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, espera no Senhor” (Sl 26,14). Tais expressões são inúmeras nas Escrituras. Baste que tenhamos relembrado tal modo de falar e podereis anotar as passagens semelhantes; agora, atenção ao assunto. Nós a ti confessaremos e invocaremos. Já expliquei a razão por que a confissão precede à invocação. Convidas aquele a quem invocas. O Senhor não quer atender ao ser invocado, se fores orgulhoso. Orgulhoso, não confessarás. Mas não pode Deus ignorar o que negas. Por conseguinte tua confissão não o instrui, mas te purifica.

**4** E o salmista já confessou e invocou. Ou antes, confessaram e invocaram. Agora continua, como se fosse um só: “Anunciarei todas as tuas maravilhas”. Tendo confessado livrou-se dos males, invocando encheu-se de bens, e narrando manifestou exteriormente aquilo de que estava repleto. E vede, irmãos. Eram muitos a confessarem: “Nós a ti confessaremos, ó Deus; a ti confessaremos e invocaremos o teu nome”. Muitos são os corações dos que confessam, um só o dos que crêem. Por que são muitos os corações dos que confessam, e um só o dos que crêem? Na verdade, os homens confessam diferentes pecados, mas uma só é a fé que professam. Por conseguinte, ao começar Cristo a habitar no interior do homem pela fé (cf Ef 3,17) e a possuir aquele que confessou e o invocou torna-se o Cristo total, Cabeça e corpo. De muitos fez-se um só. Ouvi, pois, as palavras de Cristo. Pois, parecia que não eram suas as palavras. “Nós a ti confessaremos, ó Deus; a ti confessaremos, e invocaremos o teu nome”. A Cabeça já começa a falar. Quer, porém, fale a Cabeça, quer falem os membros, é Cristo quem fala. Fala enquanto Cabeça e fala enquanto corpo. Mas, o que foi dito? “Serão dois numa só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Gn 2,24;

Ef 5,31.32). E o próprio Cristo declarou no evangelho: “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6). Como sabeis, quanto a essas duas pessoas que formam uma pela união matrimonial, Isaías se refere a elas como sendo uma coisa só: “Como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se enfeita com as suas jóias” (Is 61,10). Chama-se esposo por causa da Cabeça e esposa por causa do corpo. Por isso, é um só que fala; ouçamo-lo e falemos também com ele. Sejamos seus membros a fim de que essa voz possa também ser nossa. “Anunciarei todas as tuas maravilhas”. Cristo evangeliza a si mesmo, anuncia-se também em seus membros já existentes, a fim de atrair outros a si, aproximando-se os que não eram seus membros para se incorporarem. Através deles foi pregado o evangelho. Tornem-se todos um só corpo, sob uma só Cabeça, num só Espírito, numa vida só.

**5** [3] Que diz ainda o salmo? “No tempo determinado, julgarei segundo a justiça”. Quando julgarás segundo a justiça? No tempo determinado. Ainda não é tempo. Graças a sua misericórdia: primeiro prega a justiça, e depois julga segundo a justiça. Pois, se quisesse julgar antes de anunciar, quem seria libertado? Quem absolvido? Agora, pois, é o tempo da pregação: “Anunciarei todas as tuas maravilhas”. Ouve Cristo a anunciar, a pregar; pois se desprezares, “no tempo determinado”, diz ele, “julgarei segundo a justiça”. Agora perdôo os pecados daquele que confessa; depois, não pouparei ao desprezador. Diz-se em outro salmo: “Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor” (Sl 100,1). “A misericórdia e a justiça: agora, a misericórdia, depois, a justiça”. Com a misericórdia, perdoam-se os pecados, com a justiça eles são punidos. Queres não temer aquele que pune os pecados? Ama aquele que perdoa. Não o rejeites, não te exaltes, não digas: Não tenho o que me perdoe. Ouve a continuação do salmo: “No tempo determinado, julgarei segundo a justiça”. Para Cristo há tempo determinado? Para o Filho de Deus? Para o Filho de Deus não há tempo; mas o Filho do homem era sujeito ao tempo. Este, porém, é o mesmo Filho de Deus, por quem fomos feitos, o Filho do homem por intermédio do qual fomos restaurados. O Filho de Deus que não foi assumido, assumiu a natureza humana; mudou o homem em melhor, sem se tornar pior ele próprio. Não deixou de ser o que era, mas assumiu o que não era. Que era ele? “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. São palavras do Apóstolo. E o que assumiu? “Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a con-dição de escravo” (Fl 2,6.7). Como assumiu a condição de escravo, também assumiu o tempo. Então, ele se alterou? Diminuiu? Tornou-se mais fraco? Deficiente? Absolutamente não. Por que então “aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo?” Aniquilou-se assumindo a natureza inferior, sem perder a igualdade com Deus. Portanto, irmãos, o que significa: “No tempo determinado, julgarei segundo a justiça?” O Filho do homem assumiu o tempo, mas o governa, enquanto Filho de Deus. Escuta, porém: o Filho do homem assumiu o tempo para julgar. Diz o evangelho: “Deu-lhe o poder de julgar, porque é Filho do homem” (Jo 5,27). Enquanto Filho de Deus jamais recebeu o poder de julgar, porque deste nunca careceu. Enquanto Filho do homem assumiu o tempo: para nascer e sofrer, morrer, ressuscitar e subir ao céu. Assim também o tempo para voltar e julgar. Com ele

profere também estas palavras seu corpo, pois não julgará sem ele; efetivamente, diz o evangelho: “Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Portanto, é o Cristo total que fala, isto é, Cabeça e corpo, nos santos: “No tempo determinado, julgarei segundo a justiça”.

**6** [4] E o que sucede agora? “A terra deslisou”. Se a terra deslisou, por que deslisou, a não ser por causa dos pecados? Estes também se denominam delitos. Delinqüir é fluir, como um líquido, da estabilidade firme da virtude e da justiça. O homem peca pela cupidez de bens inferiores. Como se fortifica pelo amor dos bens superiores, desfalece e quase se liquefaz pelo desejo dos bens inferiores. O misericordioso doador, que perdoa os pecados e ainda não exige os suplícios, atendendo a esse fluxo nos pecados dos homens, diz: “A terra deslisou, com todos os seus habitantes”. A própria terra deslisou, de fato, em seus habitantes. É exposição da conseqüência, não adição. Seria como se dissesses: Como deslisou a terra? Foram-lhe retirados os fundamentos, e ela imergiu nesta fenda? Terra aqui é idêntico a “todos os seus habitantes”. Diz o salmo: Encontrei a terra pecadora, e que fiz? “Eu firmei suas colunas”. Quais as colunas firmadas? Chama de colunas os apóstolos. Assim se exprime o apóstolo Paulo a respeito de seus co-apóstolos: “Eram tidos como colunas” (Gl 2,9). O que seriam destas colunas se o Senhor não as firmasse? Pois um determinado terremoto fez vacilar as próprias colunas; na paixão do Senhor todos os apóstolos perderam a esperança. As colunas, vacilantes durante a paixão do Senhor, firmaram-se por ocasião da ressurreição. A base do edifício clamou por suas colunas; o próprio arquiteto clamou em todas elas. Uma das colunas era o apóstolo Paulo, que dizia: “procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim”? (2Cor 13,3). Efetivamente, “eu firmei suas colunas”. Ressuscitei. Mostrei não ser temível a morte. Demonstrei aos medrosos que nem o próprio corpo dos que morrem perece. Aterrorizam-nos as feridas: as cicatrizes os robusteceram. Poderia o Senhor Jesus Cristo ressuscitar sem cicatriz alguma. Que dificuldade apresentava para seu poder restituir ao corpo a integridade perfeita, sem qualquer vestígio das feridas anteriores? Tinha o poder de curá-lo sem deixar cicatrizes; mas quis conservá-las para firmar as colunas vacilantes.

**7** [5] Ouvimos, irmãos, o que se fala diariamente. Ouçamos o que o Senhor clamou por meio destas colunas. É tempo de ouvir, devido às palavras que nos atemorizam: “Julgarei segundo a justiça, no tempo determinado”. Haverá para ele tempo de julgar segundo a justiça. Quanto a vós, tendes tempo de praticar a justiça. Se ele se calasse, não saberíeis o que fazer, mas ele clama por intermédio das colunas bem firmes. Que clama por meio delas? “Disse aos iníquos: Não pratiqueis mais a iniqüidade”. Ele clama, meus irmãos. Com efeito, vós gritastes. Isso vos agrada. Ouvi o Senhor a clamar. Por causa dele eu vos exorto, que estas palavras vos atemorizem. Elas não são deleitáveis; são terríveis. “Disse aos iníquos: Não pratiques mais a iniqüidade”. Mas eles já praticaram e tornaram-se réus. “A terra já deslisou, com todos os seus habitantes”. Cumpungiram-se de coração os que crucificaram a Cristo (cf At 2,37.38). Reconheceram o próprio pecado, aprenderam alguma coisa através dos apóstolos, a fim de não perderem a esperança sobre a indulgência do pregador. O médico viera, mas não para os sadios: “Não são os

que têm saúde que precisam do médico, mas sim os doentes. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores à penitência" (Mt 9,12.13). Por isso, "disse aos iníquos: Não pratiqueis mais a iniqüidade". Eles não ouviram. Outrora isso nos fora dito. Não ouvimos, caímos, tornamo-nos mortais, fomos gerados mortais: "A terra deslisou". Ao menos agora, ouçam, a fim de se erguerem, o médico que veio ver o doente. Àquele que os sãos não quiseram ouvir para não caírem, ouçam-no agora os doentes a fim de se levantarem. "Disse aos iníquos: Não pratiqueis mais a iniqüidade". Como agimos? Já praticamos o mal. "E aos delinqüentes: Não eleveis a fronte com soberba contra Deus". Qual o sentido da frase? Se fizestes o mal por ambição, não defendais orgulhosamente. Confessai, se o fizestes. Pois quem não confessa é iníquo, exalta a fronte. "Disse aos iníquos: Não pratique mais a iniqüidade, e aos delinqüentes: Não eleveis a fronte com soberba contra Deus". Em vós se exaltará a fronte de Cristo se não se exaltar a vossa. Vossa fronte provém da iniqüidade; a de Cristo origina-se de sua majestade.

**8** 6.8 "Não levanteis tão alto a cabeça. Não blasfemeis contra Deus". Já se ouvem as vozes de muitos. Cada um ouça e se arrependa. Como se exprimem em geral os homens? Deus julga, de verdade, as coisas humanas? Este é o juízo de Deus? Ele providencia o que sucede na terra? Tantos malvados transbordam de felicidade; e os inocentes estão acabrunhados de trabalhos! A alguém sobrevém um mal qualquer, por castigo e aviso da parte de Deus, e ele está cônscio disso. Sabe que pode padecer algo devido a seus pecados. Que argumentos tem contra Deus? Uma vez que não pode afirmar: Sou justo, o que pensamos que ele dirá? Há malvados piores do que eu e no entanto não sofrem estes males. São estas as blasfêmias que os homens proferem contra Deus. Vede, porém, como isso é iníquo: enquanto quer parecer justo, declara-o injusto. Pois quem assevera: É iníquo sofrer o que sofro, chama de iníquo aquele por cujo juízo ele sofre, enquanto seria justo aquele que sofre injustamente. Pergunto-vos, meus irmãos, está certo pensar que Deus é injusto e tu és justo? Se assim te exprimes, blasfemas contra Deus.

**9** Como se exprime outro salmo? "Fizeste isto", depois de enumerar certos pecados. "Fizeste isto e calei". Que quer dizer: "calei?" Ele jamais cala os mandamentos, mas por enquanto cala o castigo; adia a vindicta, não profere sentença condenatória. Então diz o pecador: Fiz isto e aquilo e Deus não castigou; estou sadio, nada de mal me sucede. "Fizeste isto e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti". Que quer dizer: "que sou semelhante a ti?" Que és iníquo e me consideras iníquo, como se aprovasse teus crimes, e não me opusesse e vingasse. Como continua a dizer-te? "Censurar-te-ei e manifestarei a ti mesmo, diante de teus olhos" (Sl 49,21). Que é isto? Agora, ao pecares, colocas a ti mesmo atrás, não te vês, não te examinas. Eu te colocarei diante de ti mesmo, e farei de ti um suplício para ti mesmo. Assim também aqui. "Não blasfemeis contra Deus". Atenção! Muitos proferem essa iniqüidade, mas não ousam fazê-lo abertamente, a fim de que os homens piedosos não se apavorem diante do blasfemo. Roem em seu coração essas palavras; inteiramente se alimentam com esta comida nefasta. Apraz-lhes falar contra Deus, e se essas palavras não saem de sua

língua, no coração eles não calam. Por isso, diz-se em outro salmo: “Disse o insensato em seu coração: Deus não existe” (Sl 13,1). “Diz o insensato”, mas com medo dos homens. Não quis dizer de forma que os outros ouvissem; mas disse onde ouvia aquele do qual falava. Por este motivo, caríssimos, prestai atenção. Também neste salmo, ao dizer o salmista: “Não blasfemeis contra Deus”, viu que muitos assim faziam em seu coração e acrescentou: “Não é do oriente, nem do ocidente, nem das montanhas desertas. Pois o juiz é Deus”. Deus é o juiz de tuas iniqüidades. Se é Deus, ele está presente em toda parte. Onde te ocultarás dos olhos de Deus, de tal sorte que possas falar sem que ele ouça? Se Deus julga do oriente, afasta-te para o ocidente, e profere o que quiseres contra Deus; se no ocidente, vá ao oriente, e ali fala. Se ele julga das montanhas desertas, vá para o meio dos povos, onde sussurres para ti mesmo. Não julga de lugar algum aquele que em toda a parte se oculta, em toda parte se manifesta, a quem ninguém consegue conhecer, e a quem não é permitido a alguém ignorar. Vê o que fazes. Falas blasfêmias contra Deus. Em outra passagem diz a Escritura: “O Espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas, não ignora nenhum som. Por isso quem fala iniquamente não tem desculpa” (Sb 1,7.8). Por isso, não imagines que Deus está em determinado lugar; ele será para contigo conforme aquilo que tu és. Como será de acordo com o que és? Será bom, se fores bom; e parecer-te-á mau, se fores mau; mas auxiliador se fores bom; vingador se fores mau. Tu o tens como juiz no teu íntimo. Quando planejas fazer algo de mal, da rua te recolhes a tua casa, onde nenhum inimigo te pode ver; dos lugares de tua casa de fácil acesso e visíveis vais ao quarto; temes que no quarto alguém o perceba e te retiras para teu coração e ali pensas; Deus, porém, penetra mais fundo do que teu coração. Para onde fugires, o encontrarás. E de ti mesmo, para onde fugirás? Seja para onde quer que fujas, não vais contigo? Visto que ele te é mais íntimo do que tu mesmo, não podes escapar da ira de Deus senão para junto de Deus já aplacado. Absolutamente não há lugar para onde possas fugir. Queres fugir dele? Foge para junto dele. Por conseguinte, não blasfemeis contra Deus, nem no coração de onde falais. “No leito tramou o crime” (Sl 35,5). O que tramou em seu leito? Leito é o coração. “Oferecei um sacrifício de justiça e esperai no Senhor”. Dissera o salmista um pouco antes: “Tende compunção em vossos leitos. O que dizeis em vossos leitos, dizei-o” (Sl 4,6.5). Sintas tanta compunção ao confessar quantos forem os remorsos dos crimes. Portanto, Deus te julga ali onde blasfemas contra ele. Ele não adia o juízo; adia somente o castigo. Agora julga, já conhece, já vê. Falta a pena. Quando ela se apresentar a terás. Sofrerás o castigo, se não te corrigires, ao se manifestar a face daquele homem que aqui foi escarnecido, julgado, crucificado, que compareceu diante do juiz e aparecerá para julgar os réus em sua presença. Que faremos então agora? Vamos ao seu encontro, en ecsomologesei. Previne-te com a confissão (cf Sl 94,2), pois virá assim com mansidão aquele a quem irritaste. “Nem das montanhas desertas. Pois o juiz é Deus”. Não é do oriente, nem do ocidente, nem das montanhas desertas. Por que motivo? “Pois o juiz é Deus”. Se estivesse em algum lugar, não seria Deus. Uma vez que Deus é o juiz e não um homem, não o aguardes vindo de um lugar. Tu mesmo serás o seu lugar, se fores bom, se o invocares com a confissão.

**10** “A um ele abate e a outro exalta”. A quem humilha e a quem exalta aquele juiz? Observai aqueles dois homens que sobem ao templo e vede a quem ele humilha e a quem exalta. “Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu orava: Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros, e nem como este publicano; jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos”. Subira à procura do médico, e mostrava-lhe os membros sadios; escondia, porém, as feridas. Que dizia o outro, que sabia melhor como ser curado? “O publicano, mantendo-se a distância, batia no peito”. Notais que ele se mantinha a distância, mas se aproximava daquele a quem invocava. “E batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador! Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, mais do que o outro. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18,10-14). Está explicado o versículo deste salmo. Deus, ao julgar, como procede? “A um ele abate e a outro exalta”; humilha o soberbo, exalta o humilde.

**11** [9] “Nas mãos do Senhor está um cálice de vinho puro e mesclado. Muito bem. Ele o despeja daqui para ali. Todavia a borra não se esgotou. Hão de sorvê-lo todos os pecadores da terra”. Reanimai-vos um pouco. É um trecho obscuro, mas como ouvimos da mais recente leitura do evangelho: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Mt 7,7). Mas podes replicar: Onde devo bater para que se me abra? “Não é do oriente, nem do ocidente, nem das montanhas desertas. Pois o juiz é Deus”. Se ele está presente aqui e ali, e não se ausenta de parte alguma, bate aí onde estás; somente permanece aí, porque somente ficando, bates. Que significa, então, o versículo? A primeira questão que ocorre é a seguinte: “Vinho puro e mesclado”. Como é puro se “mesclado?” Além disso: “Nas mãos do Senhor está um cálice”, diz o salmo. Falo a fiéis, instruídos na Igreja de Cristo. Não deveis imaginar a Deus numa forma humana. Não aconteça que, estando fechados os templos, fabriqueis ídolos em vossos corações. Este cálice significa alguma coisa. Nós o descobriremos. Está “nas mãos do Senhor”, em poder do Senhor. Mão de Deus alude ao poder de Deus. Pois, em relação aos homens não raro se diz: Tem isso nas mãos, quer dizer, tem em seu poder, faz o que quer. Um cálice de “vinho puro e mesclado”. Em seguida, o próprio salmista explica: “Despeja daqui para ali; todavia a borra não se esgotou”. Eis como estava cheio de vinho mesclado. Não nos assuste por ser puro e mesclado; é puro devido ao fato de ser genuíno, e mesclado por causa da borra. Que é vinho neste cálice, e que é borra? E por que: “ele o despeja daqui para ali”, de tal forma que sua borra não se esgote?

**12** Recordai-vos como chegamos a isto: “A um ele abate e a outro exalta”. Foi daí. O evangelho o representou em dois homens, um fariseu e outro publicano. No sentido lato, trata-se de dois povos, os judeus e os gentios. O povo judaico é aquele fariseu; o povo gentio é o publicano. O povo judaico gabava-se de seus méritos; os gentios confessavam seus pecados. Quem conhece nas Sagradas Letras as epístolas dos apóstolos e os Atos dos Apóstolos, verifica ali o que digo. Não preciso me estender como os apóstolos exortavam os gentios a não perderem a esperança, por jazerem prostrados por causa de

seus grandes pecados, e reprimiam os judeus, a fim de que não se exaltassem, devido à justiça da Lei, e por isso se considerassem justos, porque os judeus tinham a Lei, o templo e o sacerdócio (cf Rm 3,4), enquanto os gentios eram pecadores. Os gentios todos, adoradores dos ídolos, veneradores dos demônios, mantinham-se longe, como aquele publi-cano se conservava distante. Os judeus orgulhosos se apartaram, mas os gentios se aproximaram por meio da confissão. "Um cálice de vinho puro e mesclado, nas mãos do Senhor": vejamos o que o Senhor me concede entender. Pois, outro pode entender melhor, porque a obscuridade das Escrituras produz esse resultado: é difícil obter uma só explicação. Seja qual for, porém, o modo de entender, há de estar de acordo com a regra da fé. Não invejamos os que entendem melhor, nem desanimamos por entendermos menos. Digo à V. Caridade minha opinião, embora não queira obstruir vossos ouvidos impedindo a percepção do que outros talvez expliquem melhor. "Um cálice de vinho puro e mesclado" é, a meu ver, a Lei dada aos judeus, e toda a Escritura denominada Antigo Testamento, onde está o conjunto de todas as sentenças. Nele se oculta o Novo Testamento, como se fosse a borra, os sinais materiais. A circuncisão da carne é um grande sinal e representa a circuncisão do coração. O templo de Jerusalém é um grande sinal, é figura do corpo do Senhor. Terra da promissão é o reino dos céus. O sacrifício das vítimas e animais contém um grande mistério; em todos aqueles sacrifícios é figurado o sacrifício e a única vítima da cruz do Senhor. Temos um só sacrifício no lugar de todos os outros, porque estes figuravam o nosso e o nosso era neles representado. O povo hebraico recebeu a Lei; recebeu mandamentos justos e bons. Que há de mais justo do que os seguintes mandamentos: "Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás. Não dirás falso testemunho. Honra a teu pai e tua mãe. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher. Adorarás a um só Deus e só a ele servirás"? (Ex 20,7-17; Dt. 5,6-21). A todas essas realidades refere-se o vinho de que fala o salmo. Tudo o que havia de carnal nelas se assentou no fundo, para ficar com os judeus, e fosse vertido dali todo sentido espiritual. "Nas mãos do Senhor está um cálice", isto é, em poder do Senhor, "de vinho puro", isto é, da genuína Lei, "e mesclado", isto é, com a borra dos sinais materiais. E "como a um ele abate e a outro exalta", a saber, o judeu soberbo e o gentio que confessa, "ele o despeja daqui para ali", isto é, do povo judaico para o povo pagão. O que despejou? A Lei. Assim destila o sentido espiritual. "Todavia a borra não se esgotou", porque todos os sinais carnais permaneceram com os judeus. "Hão de sorvê-lo todos os pecadores da terra". Quem sorve? "Todos os pecadores da terra". Quais pecadores da terra? Os judeus, de fato, eram pecadores e soberbos; os gentios eram também pecadores, mas humildes: "Todos os pecadores hão de sorver". Vê, porém, que borra e que vinho. Com efeito, os judeus, sorvendo a borra, desfaleceram; os gentios, bebendo o vinho, foram justificados. Ousaria dizer sem receio inebriaram-se; pois, oxalá todos assim se inebriassem! Vós vos recordais da palavra: "E teu cálice inebriante, como é excelente!" (Sl 22,5). E então? Pensais, meus irmãos, que todos aqueles que confessaram a Cristo até a morte, estavam sóbrios? Estavam tão ébrios que não conheciam mais os seus. Os seus parentes, que se esforçaram por meio de carícias para tirar-lhes a esperança dos prêmios eternos, não

foram reconhecidos, nem ouvidos por estes ébrios. Não eram ébrios aqueles cujo coração se transformara? Não eram ébrios aqueles cuja mente se tornava alheia às coisas deste mundo? “Hão de sorvê-lo todos os pecadores da terra”. Mas quais os que bebem o vinho? Os pecadores bebem; não, porém, para continuarem pecadores; bebem a fim de serem justificados e não sofrerem castigo.

**13** [10] “Eu, porém”, todos bebem, mas “eu”, separadamente, a saber, Cristo com seu corpo, “me alegrarei eternamente. Salmodiarei ao Deus de Jacó”, através do que foi prometido para o fim e a respeito do qual se diz: “Não destruas. Eu, porém, me alegrarei eternamente”.

**14** [11] “Abaterei toda a força dos pecadores; exaltado será o poder do justo”. É isto que significa a expressão: “A um ele abate e a outro exalta”. Não querem os pecadores que se abata a sua força, mas sem dúvida no fim ela há de ser quebrada. Queres evitar que ela então se quebre? Quebra-a tu mesmo, hoje. Ouviste o que foi dito mais acima; não o desprezes. “Disse aos iníquos: Não pratiqueis mais a iniqüidade e aos delinqüentes: Não eleveis a fronte, com soberba”. Ao ouvires: “Não eleveis a fronte com soberba”, desprezaste, levantaste a cabeça. Chegarás ao fim, quando se realizará a palavra: “Abaterei toda a força dos pecadores: exaltado será o poder do Justo”. Pecadores são as dig-nidades dos soberbos; fronte dos justos são os dons de Cristo; pois a expressão: fronte designa as posições mais altas. Menosprezas na terra as honrarias terrenas, a fim de obteres as celestes. Amas as dignidades terrenas; o Senhor não te admitirá às celestes. Para tua confusão quebrar-se-á a tua força, enquanto a elevação da cabeça pertence à glória. Portanto, é agora tempo de escolher; depois, no fim esse terminará. Não poderás dizer então: Deixa-me escolher. Já se passou a ocasião de ouvir: “Disse aos iníquos”. Se ele não disse, prepara a desculpa, prepara a defesa. Mas, se ele disse, antecipa-te ao seu encontro com a confissão, a fim de não sofreres a condenação, porque então será tardia a confissão, sem posibilidade alguma de defesa.

# SALMO 75

## SERMÃO AO POVO

**1** [2] Costumam os inimigos de nosso Senhor Jesus Cristo, os judeus, como é sabido, gloriar-se empregando as palavras do salmo que acabamos de cantar: “Deus manifestou-se na Judéia. Grande é o seu nome em Israel”. Eles injuriam os gentios, entre os quais Deus não se manifestou, afirmando que só eles conhecem a Deus, uma vez que assegurou o profeta: “Deus manifestou-se na Judéia”. Por conseguinte, em outras partes, é desconhecido. Efetivamente, Deus é conhecido na Judéia, se entendermos bem o que significa Judéia. Na verdade, ele se manifestou somente na Judéia. Assim falamos porque Deus não pode ser conhecido a não ser na Judéia. Mas como se exprime o Apóstolo? “É judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra” (Rm 2,29). Existem, portanto, judeus pela cricuncisão da carne e judeus pela circuncisão do coração. Muitos de nossos pais eram santos, e tinham a circuncisão da carne como sinal de sua fé, e a circuncisão do coração devido à própria fé. Degeneraram em relação a estes pais os que agora se gloriam do nome, mas não praticam os atos correspondentes. Portanto, os que degeneraram relativamente a eles, continuaram a ser judeus pela carne, mas são pagãos pelo coração. São judeus os descendentes de Abraão, do qual nasceu Isaac, e deste nasceu Jacó, e de Jacó os doze patriarcas, e dos doze patriarcas todo o povo judaico. Principalmente eles se denominam judeus porque Judá era um dos doze filhos de Jacó, um dos patriarcas dentre os doze, e sendo de sua estirpe, o reinado cabia aos judeus. Pois, aquele povo, de acordo com os doze filhos de Jacó, tinha doze tribos. Chamam-se tribos as divisões e agremiações distintas dos povos. Aquele povo, pois, era constituído de doze tribos; dentre elas, uma era a de Judá, da qual saíam os reis, e outra a de Levi donde se tiravam os sacerdotes. Embora aos sacerdotes que serviam no templo não coubesse uma porção da terra (cf Nm 18,20), era contudo necessário que a terra da promissão fosse dividida por doze tribos. Excetuada, portanto, uma tribo de maior dignidade, a tribo de Levi, que era a dos sacerdotes, ficavam onze, se não se completasse o número doze pela adoção dos dois filhos de José. Prestai atenção para saber como foi isto. Um dos doze filhos de Jacó era José. Foi este José que os irmãos venderam para ser levado ao Egito. Ali, devido ao mérito de sua castidade foi elevado a uma sublime dignidade, e Deus o assistiu em todas as suas obras. Ele acolheu seus irmãos, que o haviam vendido, e seu pai; estes padeciam fome e desceram ao Egito para obter pão. José teve dois filhos, Efraim e Manassés. Ao morrer, Jacó, em testamento, adotou os dois netos entre seus filhos e disse a seu filho José: “Quanto aos filhos que geraste depois deles, serão teus”; estes, serão meus e com seus irmãos receberão a herança” (Gn 48,5.6). A terra da promissão ainda não fora dada, nem dividida, mas Jacó assim falava em profecia. Foram acrescentados os dois filhos de José, e no entanto, completaram-se as doze tribos, embora fossem na realidade treze; em

vez de uma tribo de José foram duas, e completaram-se treze. Tirando-se, pois, a tribo de levi, a tribo dos sacerdotes que serviam no templo e vivia dos dízimos das restantes, entre as quais fora dividida a terra, restaram doze. Entre essas doze achava-se a tribo de Judá, de onde se originavam os reis. O primeiro rei, Saul, era de outra tribo, mas foi reprovado porque foi um mau rei (cf 1Rs 9,1). Depois veio o rei Davi, da tribo de Judá, e seus descendentes, da tribo de Judá, foram os reis seguintes (1Rs 16,12). Jacó o predissera, ao abençoar seus filhos: "O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés até que venha o prometido" (Gn 49,10). Da tribo de Judá veio nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é, conforme diz a Escritura e acabastes de ouvir, da "descendência de Davi" (2Tm 2,8), nascido de Maria. Quanto à divindade de nosso Senhor Jesus Cristo, em que ele é igual ao Pai, não apenas é anterior aos judeus, mas até ao próprio Abraão (cf Jo 8,58); não somente antes de Abraão, mas cuida antes de Adão; não apenas existia antes de Adão, mas mesmo antes do céu e da terra, antes dos séculos, porque "tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito" (Jo 1,3). Relativamente à profecia: "O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés, até que venha o prometido", quando se consideram os tempos primitivos, vê-se que os reis dos judeus sempre se originaram da tribo de Judá; dela receberam o nome os judeus. Anteriormente não tiveram reis estrangeiros, até que viesse aquele Herodes que reinava quando o Senhor nasceu (Lc 3,1). Antes de Herodes todos os reis eram da tribo de Judá, mas até que viesse o que fora prometido. Por isso, após a vinda do Senhor, foi destruído o reino judaico e o reinado foi tirado dos judeus. Agora não têm reino porque não querem reconhecer seu verdadeiro rei. Notai se já devem ser chamados judeus. Já percebeis que assim não devem ser denominados. Eles por suas próprias palavras rejeitaram este nome, de sorte que não merecem ser chamados judeus, a não ser segundo a carne. Quando eles rejeitaram tal nome? Falavam, enfureciam-se contra Cristo, isto é, um descendente de Judá; encarniçavam-se contra a estirpe de Davi. Pilatos disse aos judeus: "Crucificarei o vosso rei? Responderam: Não temos outro rei a não ser César!" (Jo 19,15). Ó judeus só de nome, não de fato! Se não tendes outro rei senão César, já se extinguiram os príncipes de Judá; vem, portanto, o "prometido". Em conseqüência disso, são mais verdadeiramente judeus aqueles dentre eles que se fizeram cristãos; os demais judeus, que não acreditaram em Cristo, mereceram até perder o mesmo nome. A verdadeira Judéia, portanto, é a Igreja de Cristo, a acreditar naquele rei que veio da tribo de Judá, nascido da Virgem Maria. Acredita naquele do qual falava o Apóstolo, escrevendo a Timóteo: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi, segundo o meu evangelho" (2Tm 2,8). De Judá, pois, proveio Davi, e de Davi o Senhor Jesus Cristo. Nós, os que acreditamos em Cristo, pertencemos a Judá. Conhecemos a Cristo, que não vimos com nossos olhos, mas retemos pela fé. Por isso não nos injuriem os judeus, que já não são judeus. Eles declararam: "Não temos outro rei a não ser César". Seria melhor para eles ter a Cristo por rei, o qual era proveniente da descendência de Davi, da tribo de Judá. Todavia, visto que o próprio Cristo, da descendência de Davi segundo a carne, é Deus sobre todas as coisas pelos séculos, ele é nosso rei e nosso Deus. Nosso rei, enquanto nascido da tribo

de Judá segundo a carne, Cristo Senhor Salvador; nosso Deus, que existia antes da tribo de Judá, antes do céu e da terra, pelo qual foram criadas todas as coisas, as espirituais e as corporais. Se, pois "por ele todas as coisas foram feitas", mesmo Maria, da qual ele nasceu, foi criada por ele. De que modo, então, ele nasceria como os demais homens, se criou para si a mãe, da qual haveria de nascer? Portanto, ele é o Senhor. O Apóstolo o dizia, ao falar a respeito dos judeus: "Aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos" (Rm 9,5). Os judeus viram a Cristo e o crucificaram; portanto, não o viram como Deus; os gentios que não o viram, acreditaram e entenderam a Deus. Por conseguinte, se Deus se manifestou a eles em Cristo, reconciliando o mundo consigo (2Cor 5,19), e eles o crucifi-caram, por não terem captado que Deus estava escondido sob a carne, aparte-se a que se denomina Judéia e não é; aproxime-se a verdadeira Judéia, à qual se diz: "Acercai-vos dele e sereis iluminados e vosso rosto não se cobrirá de confusão" (Sl 33,6). O rosto da verdadeira Judéia não se co-brirá de confusão. Pois, ouviu, acreditou, e se estabeleceu a Igreja, verdadeira Judéia, onde Cristo, homem da descendência de Davi, Deus acima de Davi, se manifestou.

**2** "Deus manifestou-se na Judéia. Grande é o seu nome em Israel". Quanto a Israel, interpretemos conforme fizemos com a Judéia. Como eles não são os verdadeiros judeus, assim este não é o verdadeiro Israel. Que significa Israel? Aquele que vê a Deus. E como eles viram a Deus, se ele viveu no meio deles encarnado, e tomaram-no por simples homem e o mataram? Tendo ressurgido, ele mostrou-se como Deus a todos aqueles aos quais se dignou aparecer. São dignos do nome de Israel aqueles que mereceram entender a Cristo enquanto Deus encarnado, de tal sorte que não menosprezaram o que viam, e adoraram o que não viam. Os gentios, que não o viram com os próprios olhos, perceberam com sua mente humilde aquele que não viam e aderiram a ele pela fé. Por conseguinte, os que o seguraram com as mãos, o mataram; os que o apreenderam pela fé, o adoraram. "Grande é o seu nome em Israel". Queres pertencer a Israel? Observa como é aquele do qual disse o Senhor: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1,47). Se é "verdadeiro israelita aquele em quem não há fingimento", os fingidos e mentirosos não são verdadeiros israelitas. Não digam, portanto, que o são estes, porque Deus está entre eles, e grande é o seu nome em Israel; provem serem israelitas e concedo que "grande é o seu nome em Israel".

**3** [3] "Na paz fixou o seu lugar e sua morada em Sião". De novo vem Sião, como se fosse a pátria dos judeus. Verdadeira Sião é a Igreja dos cristãos. Diz-se ser esta a tradução dos seguintes nomes hebraicos: Judéia verte-se por Confissão; Israel, por Aquele que vê a Deus. Depois da Judéia vem Israel. Assim também aqui: "Deus manifestou-se na Judéia. Grande é o seu nome em Israel". Queres ver a Deus? Primeiro confessa e deste modo torna-te morada de Deus, porque "na paz fixou o seu lugar". Enquanto não confessares teus pecados, de certo modo estás em contenda com Deus; pois, como não estarias em litígio contra ele, se louvas aquilo que lhe desagrada? Ele castiga o ladrão e tu elogias o fruto. Ele pune o ébrio e tu louvas a embriaguez. Lutas contra Deus. Não lhe deste lugar

em teu coração, porque “na paz fixou ele o seu lugar”. De que forma começas a ter paz com Deus? Começas com a confissão. É palavra de um salmo a seguinte: “Começai cânticos, confessando ao Senhor” (Sl 146,7). Qual o sentido da frase: “Começai cânticos, confessando ao Senhor?” Começai a unir-vos a Deus. De que modo? Desagradando-te o que lhe desagrada. Desagrada-lhe tua vida depravada. Se ela te apraz, separas-te dele; se te desagrada, unir-te-ás a ele pela confissão. Verifica de quantas maneiras diferes, desagradando-lhe, de fato, tua desigualdade em relação a ele. Foste feito, ó homem, à imagem de Deus; contudo, por uma vida perversa e má, esfumaste e apagaste em ti a imagem de teu Criador. Tor-naste-te dela dessemelhante a ti mesmo; examinas-te e sentes desagrado; começas então, por isso mesmo, a te fazeres semelhante, porque te desagrada aquilo que também a Deus desagrada.

**4** Mas como sou semelhante, dizes, se ainda não me agrado a mim mesmo? Por isso foi dito: “Começai”. Começa a confessar a Deus, e terminarás na paz. Ainda tens guerra declarada contra ti. Tens de guerrear não somente contra as sugestões do diabo, contra o príncipe da potestade do ar, que opera nos filhos da incredulidade, contra o diabo e seus anjos, os espíritos do mal (cf Ef 6,12); não apenas contra eles hás de lutar, mas ainda contra ti mesmo. De que maneira contra ti mesmo? Contra teus maus hábitos, contra a tua má vida anterior, que te atrai a teus costumes antigos e traz empecilho aos novos. Uma nova vida te é proposta e tu és velho. Encontra-te a alegria da vida nova, mas és travado pelo peso da vida antiga. Começa a guerra contra ti. Mas a parte que te desagrada leva-te à união com Deus. E nesta parte em que te unes a Deus, serás capaz de vencer-te, porque está contigo aquele que tudo supera. Dá atenção ao que diz o Apóstolo: “Assim, pois, sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado”. Em que “pela razão?” Porque te desagrada tua vida má. Em que “pela carne?” Porque não faltam sugestões e deleites maus. Mas desde que pela razão te unes a Deus, vences aquilo que não a quer seguir. Em parte precedeste, em parte te retardas. Deixa-te atrair por aquilo que te leva para o alto. Ficas oprimido pelo peso da vida antiga; clama, dizendo: “Infeliz de mim! Quem me libertará desse corpo de morte?” Quem me libertará deste peso que me oprime? Pois, o corpo corruptível pesa sobre a alma (Sb 9,15). Quem, portanto, me libertará? “A graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 7,25.24). Por que então ele permite que lutes por longo tempo contra ti, até que sejam consumidos todos os maus desejos? Para que entendas qual o teu castigo em ti mesmo; teu flagelo provém de ti, está em ti mesmo. Tua contenda seja contra ti mesmo. Deste modo é castigado o rebelde contra Deus: ele próprio guerreia contra si, porque não quis ter paz com Deus. Mas contém teus membros, contra tua concupiscência. Irrompe a ira; agarra-te com Deus. Pôde irromper, mas não encontrou armas. Da ira vem o ímpeto; de ti, as armas. Fique inerme o ímpeto, e aprende a não irromper mais, porque inutilmente irrompe.

**5** Falo assim, caríssimos, para que não aconteça por termos dito: “pela carne, à lei do pecado”, que penseis dever consentir a vossos desejos carnais. Embora não seja possível eliminar os desejos carnais, não se deve consentir. Por este motivo, o Apóstolo não disse:

Não haja pecado em vosso corpo mortal; ele sabe que enquanto é mortal é sujeito ao pecado; mas como se exprimiu? "Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal". Que quer dizer: "Não impere?" Ele expôs: "Sujeitando-vos às suas paixões" (Rm 6,12). Há desejos, existem. Não obedeces a teus desejos, não segues, não consentes. Existe o pecado, mas perdeu o império, quando já em ti o pecado não impera; depois, a última inimiga a ser destruída é a morte (cf 1Cor 15,26). Que nos é prometido, com a palavra: Pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado? (cf Rm 7,25). Ouve a promessa de que não existirão para sempre na carne os desejos ilícitos. De fato ressurgirá e será transformada; e quando for transformada esta carne mortal em corpo espiritual, já não se insinuará na alma concupiscência alguma deste mundo, nem prazeres terrenos, que a afastem da contemplação de Deus. Então se realizará o que diz o Apóstolo: "O corpo está morto, pelo pecado, mas o espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10.11). Estando vivificados nossos corpos, haverá paz verdadeira lá onde está; mas preceda a confissão. "Deus se manifestou na Judéia", confessa primeiro. "Grande é o seu nome em Israel", ainda não vês na realidade. Vê na fé, e far-se-á o que segue: Na paz fixou o seu lugar e sua morada em Sião". Traduz-se Sião por contemplação. Já falamos ontem, e ouviram alguns irmãos que hoje estão presentes, o que é contemplação? Pois, contemplaremos Deus face a face (cf 1Cor 13,12). Isto nos é prometido. Ver aquele que agora não vemos, mas em quem acreditamos. Como nos alegraremos quando o virmos? Irmãos, se agora é tão grande a alegria que nos causa a promessa, como não será a do cumprimento da promessa? Ele nos pagará o que prometeu. E o que prometeu? A si mesmo, e alegrar-nos-emos por causa de sua face que contemplaremos. Outra coisa não nos deleitará, porque nada é melhor do que aquele que fez tudo quanto deleita. "Na paz fixou o seu lugar e sua morada em Sião", isto é, através de certa contemplação e visão ele fez sua habitação "em Sião".

**6** [4] "Aí ele quebrou toda a força dos arcos, o escudo, a espada e a guerra". Onde quebrou? Naquela paz eterna, naquela paz perfeita. E agora, meus irmãos, os que acreditaram retamente, vêem que não devem presumir de si mesmos e quebram toda a força de suas ameaças, tudo o que possuem de afiado para ferir. E o Senhor quebrou ali tudo o que eles tinham por grande defesa temporal e a luta em que se empenhavam contra Deus, defendendo seus pecados.

**7** [5] "Vieste tu, esplendente de luz, das montanhas eternas". Quais são estes montes eternos? Aqueles que Deus tornou eternos; são altas montanhas, os pregadores da verdade. Tu iluminas, mas dos montes eternos. Primeiro os altos montes recebem tua luz, e da tua luz que eles recebem, revestem a terra. Mas aqueles grandes montes, os apóstolos, receberam os primórdios da luz do oriente. Acaso retiveram a luz que receberam? Não; não lhes fosse dito: "Servo mau e preguiçoso, devias ter depositado o meu dinheiro junto dos banqueiros" (Mt 25,26.27). Se, na verdade, não retiveram em si

mesmos o que haviam recebido, mas o pregaram por todo o orbe da terra: “Vieste tu, esplendente de luz das montanhas eternas”. Por meio daqueles que fizeste eternos, prometeste a vida eterna aos demais: “Vieste, tu esplendente de luz, das montanhas eternas”. Com elegância e moderação foi dito: “Tu”, a fim de que não se julgue que os montes o iluminem. Muitos partidos, tirados desses montes: dividiram os montes e eles mesmos se quebraram. Alguns escolheram Donato, outros preferiram Maximiano, outros aderiram a este ou àquele. Por que opinam que sua salvação vem dos homens e não de Deus? Ó homem, a luz chegou a ti através dos montes, mas é Deus quem te ilumina e não os montes. “Vieste, tu, esplendente de luz. Tu”, não os montes. “Vieste tu, esplendente de luz, dos montes”. De fato, “eternos”, mas és tu que iluminas. Por esta razão, em outra passagem que diz o salmo? “Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio”. Como é então? Tua esperança são os montes, e de lá te virá o auxílio? Paraste nos montes? Vê o que tens a fazer. Existe algo acima dos montes; acima dos montes e diante de quem os montes trepidam. “Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio”. Mas como continua? “O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 120,1.2). Com efeito, ergui os olhos para os montes, porque por intermédio dos montes se me revelam as Escrituras; mas tenho o coração naquele que ilumina todos os montes.

**8** Por isso, irmãos, tudo isso foi dito para que nenhum de vós queira colocar sua esperança num homem. O homem é alguma coisa só enquanto adere àquele que o fez. Pois, se dele se aparta, nada é; e também quando adere a outros homens. Recebe conselho da parte de um homem, mas considera aquele que o ilumina. Com efeito, tu também podes aproximar-te de Deus, que te fala através de um homem; Deus não fez com que este dele se aproxime e te repele. Quem verdadeiramente assim se acerca de Deus, a fim de que nele habite, não se compraz nos que não põem em Deus sua esperança. Por isso, nos é proposto um exemplo, o daqueles que dividiram entre si os apóstolos, querendo criar um cisma, e diziam: “Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas”, isto é, de Pedro. O Apóstolo os lastima, dizendo-lhes: “Cristo estaria dividido?” E propôs dentre os apóstolos a si mesmo, como desprezível: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?” (1Cor 1,12.13). Considera o monte excelente que não procura a glória para si, mas para aquele que ilumina os montes. Não queria que presumissem eles de si, e sim daquele a respeito do qual ele também presumira. Todo aquele, portanto, que não quiser se recomendar desta maneira ao povo, de tal sorte que, se acontecer algum tumulto, ele dividir o povo para que o siga, dividir a Igreja católica por sua própria causa, não é do número daqueles montes que o Altíssimo ilumina. Quem é, então? Alguém que se obscureceu a si mesmo, não sendo iluminado pelo Senhor. E como se comprovam os montes bons? Se talvez acontecer algum tumulto contra os montes na Igreja, por sedições populares dos homens carnais, ou por falsas suspeitas, o bom monte repele todos os que, por sua causa, querem deixar a unidade da Igreja. Assim, pois, ele permanecerá na unidade, não permitindo que por sua causa se rompa a unidade. Os outros se dividem. Quando o povo se separa do restante da terra, e segue a denominação deles, alegram-se, orgulham-se e são

derrubados. Se eles se humilhassem, seriam exaltados, conforme se humilhou o Apóstolo, ao dizer: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor?” E em outro trecho: Eu plantei, Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa tão-somente Deus, que dá o crescimento” (1Cor 3,6.7). Tais montes, em si, são humildes, mas em Deus são excelsos; os que, porém, em si mesmos são excelsos, são humilhados por Deus: “Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 14,11). Efetivamente, os que se entregam à soberba, amarguram os homens pacíficos na Igreja. Não querem fazer as pazes; entre si provocam dissensões. Como fala deles outro salmo: “Não se elevem os rebeldes em si mesmos” (Sl 65,7). “Vieste tu, esplendente de luz”, atenção! tu mesmo, “das montanhas eternas”.

**9** [6] “Perturbaram-se todos os insensatos de coração”. A verdade foi pregada, foi anunciada a vida eterna; foi dito haver outra vida que não é desta terra. Os homens desprezaram a vida presente e amaram a vida futura, iluminados pelos montes resplandecentes. “Perturbaram-se todos os insensatos de coração”. “Como se perturbaram?” Ao ser pregado o evangelho. E que é a vida eterna? E quem ressuscitou dos mortos? Os atenienses se admiraram, ao se referir Paulo à ressurreição dos mortos, e imaginaram que contava uma fábula qualquer. Mas como afirmava que havia outra vida, e que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem o coração do homem percebeu em que consiste (cf At 17,18.32; 1Cor 2,9), “os insensatos de coração se perturbaram”. Que lhes sucedeu então? Dormiram, sonharam e esses homens ricos nada encontraram nas mãos”. Amaram os bens presentes, e adormeceram repousando neles. Tornou-se-lhes deliciosa a sua posse, assim como alguém que em sonho encontra um tesouro, e sente-se rico enquanto não acorda. Aquele sonho o fez rico; desperto, vê-se pobre. Aquele sonho lhe adveio talvez deitado no chão, jazendo no duro, pobre e até mendigo; em sonhos viu-se deitado num leito de marfim ou de ouro, com um alto colchão de penas. Enquanto dorme, está bem; ao despertar, está no chão duro, onde sonhou. Tais são também estes. Vieram a esta vida, e por causa das ambições temporais de certo modo dormiram e alcançaram riquezas com pompas vãs e transitórias, e passaram eles mesmos. Não entenderam quanto teriam podido tornar-se bons. Pois, se conhecessem a outra vida, entesourariam ali o que aqui seria perecível, como viu Zaqueu, um dos principais publicanos, quando recebeu o Senhor Jesus como hóspede, e lhe disse: “Dou a metade de meus bens aos pobres e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. Não estava na vaidade dos sonhos, mas tinha fé vigilante. Por isso, o Senhor, médico que visi-tava um doente, prognosticou-lhe a saúde, dizendo: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão” (Lc 19,8.9). Ficai sabendo que nós somos filhos de Abraão, quando lhe imitamos a fé; os judeus, porém, que se orgulham da descendência carnal, degeneraram por falta de fé. “Por isso, dormiram, sonharam e esses homens ricos nada encontraram nas mãos”. Dormiram apoiados em suas cobiças; gozam dos prazeres, passa o sonho, acaba esta vida, e eles nada encontram nas mãos, porque nada depositaram nas mãos de Cristo. Queres encontrar algo em tuas mãos mais tarde?

Não desprezes agora a mão do pobre. Olha para as mãos vazias se queres ter as mãos cheias. Pois, disse o Senhor: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes, etc. Eles responderão: Quando foi que te vimos com fome, com sede, ou forasteiro? Retoma o Senhor: Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,35-40). Aquele que é rico no céu quis ter fome nos pobres; e tu hesitas em dar ao homem, embora saibas que é a Cristo que dás e que dele recebeste tudo o que dás. “Mas eles dormiram, sonharam e esses homens ricos nada encontraram nas mãos”.

**10** [7] “Ante a tua ameaça, ó Deus de Jacó, adormeceram todos os que montavam cavalos”. Quais são esses “que mon-tavam cavalos?” Os que não quiseram ser humildes. Não é pecado montar a cavalo; mas é pecado erguer a cerviz de seu poder contra Deus, e pensar que isto é honroso. Montaste porque és rico; Deus repreende e dormes. Grande é a cólera daquele que te repreende, grande cólera. V. Caridade preste atenção a uma coisa tremenda. A repreensão causa ruído e o ruído costuma despertar os homens. De tanto peso é a repreensão de Deus que o salmista diz: “Ante a tua ameaça, ó Deus de Jacó, adormeceram todos os que montam cavalos”. Eis qual foi o sono daquele faraó que montava cavalos (cf Ex 14,8); seu coração não era vi-gilante, porque era duro perante as ameaças. Adormecer é possuir dureza de coração. Por favor, irmãos. Vede como dormem aqueles que, ao ressoar o evangelho, o Amém, o Ale-luia por toda a terra, ainda não querem rejeitar sua antiga vida, e se tornar vigilantes na nova vida. A Escritura de Deus estava depositada na Judéia; agora se canta por toda a terra. Somente no meio de um povo se apregoava o Deus único, que fez todas as coisas, e que devia ser adorado e cultuado; agora, onde não se diz: Cristo ressuscitou? Escarnecido na cruz, a mesma na qual sofreu insultos está marcada na fronte dos reis; e ainda há quem durma! Grande é a ira de Deus, irmãos! É melhor para nós termos ouvido aquele que diz: “Ó tu, que dormes, desperta, que Cristo te iluminará” (Ef 5,14). Mas, quem o ouve? Os que não montam cavalos. Quais são os que não montam cavalos? Os que não se gabam, nem se orgulham de suas honrarias e poderes. “Ante a tua ameaça, ó Deus de Jacó, adormeceram todos os que montavam cavalos”.

**11** [8] “Tu és terrível; quem pode resistir no momento de tua ira?”. Agora dormem e não percebem que o Senhor está irado; mas para que eles dormissem, ele está irado. Agora não sentem que estão dormindo, mas no fim hão de sentir, pois aparecerá o juiz dos vivos e dos mortos, e “quem pode resistir no momento de tua ira? De fato, eles agora falam o que querem, e disputam contra Deus, e dizem: Quem são os cristãos? Ou quem é Cristo? Ou como são ineptos os que acreditam no que não vêem, renunciam aos prazeres que percebem e têm fé naquilo que não se apresenta a seus olhos? Dormis e balis; falai contra Deus quanto puderdes. “Até quando os pecadores, Senhor, até quando os pecadores haverão de se gloriar? Responder e proferir a iniqüidade”? (Sl 93,3.4). Quando é que, de fato, ninguém responde, ninguém fala, a não ser quando se voltam para si mesmos? Quando voltarão contra si os dentes com os quais agora nos roem, nos dilaceram zombando dos cristãos e censurando a vida dos santos? Voltar-se-ão para si, ao

acontecer o que está previsto no livro da Sabedoria: “Dirão entre si, arrependidos, entre soluços e gemidos de angústia, quando virem a glória dos santos. Então dirão: “Estes são aqueles de quem outrora nos ríamos”. Ó vós, que dormistes profundamente! Certamente já acordastes e nada encon-trastes nas mãos. Vede como aqueles dos quais outrora zombastes têm as mãos cheias da glória de Deus. Dizei-o agora a vós mesmos, quando já não resistis à ira de Deus; não com as mãos, nem com a língua, nem pela palavra ou pensamento, porque vos aparecerá claramente aquele que considerastes ridículo na ocasião em que se vos anunciava a sua vinda. E que dirão eles? “Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol”. Como poderia nascer o sol da justiça para aqueles que dormiam? Mas dormem devido à ira e às ameaças do Senhor. Talvez um deles há de se desculpar: Não montei a cavalo. Então eles acusarão seus cavalos. Ouve como acusam seus cavalos, que os levaram a dormir: “Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol. Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviram riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra” (Sb 5,3.6.8.9). Por fim, acordaste. Mas seria melhor não teres montado cavalos, não adormeceres quando devias estar desperto, e ouvir a voz de Cristo, a fim de que ele te iluminasse. “Tu és terrível; quem pode resistir no momento de tua ira?” Que acontecerá então?

**12** [9] “Do céu proferiste a sentença. Tremeu a terra e aquietou-se”. Quem agora se perturba, fala, há de temer e aquietar-se no fim. Seria bem melhor agora aquietar-se para se alegrar no fim.

**13** [10] “Tremeu a terra e aquietou-se”. Quando? “Quando Deus se levantou para julgar e salvar os mansos de coração”. Quais os “mansos de coração?” Os que não montaram cavalos fogosos, mas em sua humildade confessaram os próprios pecados. “Para salvar os mansos de coração”.

**14** [11] “O pensamento do homem te louvará e os pensamentos restantes haverão de te celebrar”. Primeiro, “o pen-samento”; segundo, “os pensamentos restantes”. Qual é o primeiro “pensamento?” Por onde principiamos. É bom o “pensamento” que começa pela confissão. A confissão nos une a Cristo. Com efeito, a própria confissão, isto é, o pri-meiro “pensamento” produz em nós os restantes pensamentos; e “os pensamentos restantes haverão de te celebrar. O pensamento do homem te louvará e os pensamentos restantes haverão de te celebrar”. Qual o “pensamento que louvará?” O que condena a vida anterior, quando a alguém desagrada o que era para se tornar o que não era. Eis o primeiro “pensamento”. Deves afastar-te dos pecados, confessar a Deus com o primeiro pensamento, de tal forma que não percas a lembrança de teres sido pecador, e por teres sido pecador, deves celebrar a Deus. Ainda devemos aprofundar a questão. O primeiro “pensamento” é de confissão e afastamento da vida anterior; mas se te esqueceres de que pecados foste libertado, não dás graças ao libertador, e não celebras a teu Deus. Eis qual foi o primeiro “pensamento”, a confissão de Paulo Apóstolo, quando já transformado em Paulo aquele que primeiro foi Saulo. Ouviu a voz do céu, enquanto

perseguia a Cristo e enfurecia-se contra os cristãos, querendo arrastar à morte todos os que encontrasse. Ouviu a voz que vinha do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” E cercado de luz, adveio-lhe a cegueira, de tal sorte que via só intimamente; emitiu o primeiro pensamento de obediência. Tendo ouvido: “Eu sou Jesus, a quem persegues”, respondeu: “Que devo fazer, Senhor”? (At 9,4-5; 22,10). Eis um “pensamento” de confissão. Ele já chama de Senhor aquele que ele perseguia. Ouvistes contar como em Paulo “os pensamentos restantes haveriam de celebrar”, na leitura de outra carta do mesmo Apóstolo: “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi segundo o meu evangelho”. Por que: “lembra-te?” Não se apague de tua memória o primeiro “pensamento” de confissão; fiquem os “restantes pensamentos” na memória. Vê como o mesmo apóstolo Paulo, em outra passagem, repete a relação do que lhe foi dado: “Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente”. Quem declara: “Outrora fui blasfemo”, ainda o é? Para deixar de ser blasfemo, teve o primeiro “pensamento de confissão; e a fim de relembrar o que lhe foi concedido, teve os “restantes pensamentos” e por eles celebrava o Senhor.

**15** Portanto, irmãos, eis que Cristo nos renovou; perdoou todos os pecados e nós nos convertemos. Se esquecermos o que nos foi doado, e por quem, esquecemo-nos da dádiva do Salvador. Se não nos esquecemos da dádiva do Salvador, Cristo não é imolado por nós diariamente? Cristo foi imolado uma vez por nós, quando cremos; então foi o primeiro “pensamento”; agora, porém, são os “pensamentos restantes”, ao nos recordarmos de quem veio até nós e o que nos deu; pelos próprios restantes pensamentos, isto é, pela própria memória, cotidianamente é de certo modo imolado, como se cada dia renovasse em nós a primeira graça de restauração. O Senhor já nos renovou no batismo, e nos tornamos homens novos, alegres de fato na esperança, para sermos pacientes na tribulação (cf Rm 12,12); contudo, não deve se apagar de nossa memória o que nos foi outorgado. Se agora não é teu “pensamento” mais o que foi (na verdade, o primeiro “pensamento” foi afastar-se do pecado; agora não te afastas, mas outrora te afastaste): existam pensamentos “restantes”, no intuito de não se perder a lembrança de quem curou. Se esqueceres que estiveste ferido, não terás os “pensamentos restantes”. O que pensais que disse Davi? Pois, ele fala em lugar de todos. O santo Davi havia pecado gravemente. Foi-lhe enviado o profeta Natã que o repreendeu, e ele confessou: “Pequei” (2Rs 12,13). Foi um primeiro “pensamento” de confissão: “O pensamento do homem te louvará”. Quais foram “os pensamentos restantes?” Foram os que teve quando disse: “E o meu pecado está sempre diante de mim” (Sl 50,5). Qual foi, portanto, o primeiro “pensamento?” O de abandonar o pecado. E se já abandonara o pecado, como o seu pecado estava sempre diante dele, a não ser porque aquele “pensamento” passou, mas ficaram “os pensamentos restantes”, que haveriam de celebrar? Lembrai-vos, portanto, irmãos caríssimos, por favor: quem se libertou do pecado, recorde-se do que foi; haja nele “Os pensamentos restantes”. Então há de suportar outro que precise de ser curado, se não se esquecer de que foi curado ele também. Por isso, cada um lembre-se do que foi, e se já não é assim; então há de socorrer aquele que ainda é como ele deixou de ser. Se, porém, se gaba de seus méritos e

repele, como sendo indignos, os pecadores, e se encoleriza sem misericórdia, monta a cavalo, mas veja que não durma. Pois, “adormeceram os que montavam cavalos”. Já desceu do cavalo, humilhou-se; não monte de novo, isto é, não se erga novamente com orgulho. Como se fará isto? Se “os pensamentos restantes” celebrarem a Deus.

**16** [12] “Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os”. Cada qual faça os votos que puder, mas cumpra-os. Não façais para não cumprir, mas cada um faça os votos que puder e cumpra-os. Não tenhais preguiça de fazer votos, porque não será com vossas próprias forças que os cumprireis. Falhareis se presumirdes de vós mesmos; se, porém, confiais naquele ao qual fazeis votos, fazei-os, pois, com toda certeza, os cumprireis. “Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os”. Todos nós, em geral, que devemos prometer? Acreditar em Deus, esperar dele a vida eterna, viver bem segundo a maneira habitual. Há certo estilo de vida comum a todos. Não roubar. Não é preceito a continência perfeita, nem o casamento, mas não cometer adultério é preceituado a todos. Igualmente a todos é ordenado não amar a embriaguez, que sufoca a alma e destrói o templo de Deus. É ordenado a todos de igual maneira não se orgulhar. É mandamento comum a todos não cometer homicídio, não odiar um irmão, não planejar a ruína de outrem. Todos nós devemos prometê-lo. Mas existem também votos privados. Um promete a Deus castidade conjugal, não querendo unir-se a outra mulher senão a sua; assim também a mulher, que não se una a outro, senão a seu marido. Outros também prometem, embora tenham experimentado tal união, não empregá-la mais, nem desejá-la ou tê-la; estes fizeram um voto maior. Outros desde jovens prometem a virgindade, de maneira a não ter tal união, que os outros experimentados deixaram; e estes fizeram um voto maior. Outros prometem que sua casa será hospitaleira para todos os santos que advierem a ela; é um grande voto. Outro faz voto de deixar tudo o que é seu e distribuí-lo aos pobres, adotando vida comum, na companhia de santos; fazem um grande voto. “Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os”. Cada qual faça o voto que quiser; cuide somente de cumprir o que prometeu. Se alguém faz um voto a Deus e olha para trás, faz mal. Se uma monja qualquer quiser casar-se, o que faz? O que faz qualquer virgem. O que quer? O mesmo que sua mãe. É um mal? Sim, um mal. Por quê? Porque já fizera um voto a Deus. Que ensinou a respeito delas o apóstolo Paulo? Tendo dito que as viúvas jovens se casassem de novo se o quisessem (cf 1Tm 5,14), fala em determinada passagem: “Todavia será mais feliz, a meu ver, se ficar como está” (1Cor 7,40). Mostra que a virgem será mais feliz se permanecer como está; contudo, não é condenável se quiser se casar. Como se exprime a respeito de alguns que fizeram um voto e não o cumpriram? “Tornam-se censuráveis por terem rompido o seu primeiro compromisso” (1Tm 5,12). Que significa: romperam o seu primeiro compromisso?” Prometeram e não cumpriram. Nenhum monge diga: Saio do mosteiro, pois não somente os que estão no mosteiro alcançarão o reino dos céus, nem deixam de pertencer a Deus os que lá não estão. Seja-lhe dada a resposta: Mas eles não fizeram voto; tu prometeste e olhaste para trás. Como o Senhor ameaça acerca do dia do juízo? “Lembrai-vos da mulher de Lot” (Lc 17,32). Ele se dirige a todos. Que fez a mulher de Lot? Libertada de

Sodoma e tendo ingressado na estrada, olhou para trás. Ficou no lugar de onde olhou. Transformou-se em estátua de sal (Gn 19,26), a fim de que, vendo-a, os homens se temperassem. Tenham ânimo, não sejam insossos, não olhem para trás, para não suceder que, dando mau exemplo, fiquem presos e sirvam para moderação de outros. Pois, também agora dizemos a alguns de nossos irmãos, que vemos talvez fraquejando em seu bom propósito: Queres ser como aquele? Apresentamos-lhes alguns que olharam para trás. Eles são insossos em si, mas servem para moderar os outros quando mencionados, de tal modo que, diante do exemplo que eles deram, estes receiem olhar para trás. "Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os", porque a mulher de Lot adverte a todos. Se, por exemplo, uma mulher casada quiser praticar adultério, olhou para trás do lugar onde se achava. A viúva que já fizera voto de permanecer como estava, quer se casar, querendo o que é lícito à mulher casada, não lhe é lícito, porque de seu lugar olhou para trás. Uma virgem é monja dedicada a Deus; tenha as demais virtudes que verdadeiramente ornam a virgindade, e sem as quais aquela virgindade é vergonhosa. De que vale ter o corpo íntegro e a mente corrupta? Que foi que eu disse? Se ninguém tocar seu corpo, mas ela for dada à embriaguez, for soberba, contenciosa, loquaz? Deus condena tudo isso. Se ela se casasse antes de fazer um voto, não seria condenável. No entanto, escolheu o melhor, foi além do que lhe era lícito, mas ensoberbeceu-se e cometeu tantos atos ilícitos. Afirmo o seguinte: É permitido casar-se antes de fazer um voto; mas ser soberba, nunca. Ó virgem de Deus, não quiseste casar-te, o que era lícito; mas orgulhas-te, o que é ilícito. É melhor uma virgem humilde do que uma casada humilde; mas é melhor a casada humilde do que a virgem soberba. Aquela que se inclinou para as núpcias não é condenada por ter querido casar-se; mas é condenada porque já antecedera o voto e fez como a mulher de Lot, olhando para trás. Não tenhais preguiça, vós que podeis, e que Deus deseja levar a graus melhores. Não falamos estas coisas a fim de não fazerdes votos, mas para que cumprais o que prometestes: "Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os". Depois que tratarmos deste assunto, talvez querias fazer um voto e agora não queres mais. Mas observa o que te diz o salmo. Não disse: Não façais votos, e sim: "Fazei votos e cumpri-os". Porque ouviste: "cumpri", não queres fazer voto? Então querias fazer o voto e não cumprir? Ao invés disso, faze ambas as coisas. Uma seja por teu compromisso; a outra se realizará, com o auxílio de Deus. Olha para aquele que te conduz, e não olharás para trás, de onde ele te tirou. Quem te conduz, anda adiante de ti; o lugar donde te tirou está atrás de ti. Ama teu condutor e ele terá de te condenar por olhares para trás. "Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os".

**17** "Todos os que o cercam, oferecem dons". Quais são os que o cercam? Onde se encontra ele para dizer: "Todos os que o cercam oferecem dons?" Se pensares em Deus Pai, onde não está aquele que em toda parte está presente? Se pensas no Filho, segundo a condição divina, ele com o Pai está em toda parte; porque ele é a Sabedoria de Deus, da qual se disse: "Por sua pureza, tudo atravessa e penetra" (Sb 7,24). Se, porém, atribuis ao Filho, enquanto assumiu a carne, e foi visto entre os homens, foi crucificado, resssucitou, sabemos que ele subiu ao céu. Quais são os que estão a sua volta? Os anjos.

Por conseguinte, nós não oferecemos dons, "porque todos os que o cercam oferecem dons". Se nosso Senhor estivesse sepultado aqui na terra, e seu corpo jazesse como o corpo de um mártir ou apóstolo, observaríamos os que estivessem em volta, quaisquer povos que o cercassem de todas as partes, ou que acorressem àquela sepultura com dádivas. Agora, porém, ele subiu ao céu, está nas alturas. Que significa então: "Todos os que o cercam oferecem dons?" Por enquanto, dir-vos-ei o que Deus me mostra, o que através destas palavras ele se dignou me inspirar; se depois surgir uma opinião melhor, é vossa parte, porque a verdade é comum a todos. Não é minha, nem tua; não é deste nem daquele; é comum a todos. Talvez mesmo esteja no meio, para que a cerquem todos os que amam a verdade. Tudo o que é comum a todos fica no meio. Porque se diz que está no meio? Para distar igualmente de todos, e na mesma medida estar próximo de todos. O que não fica no meio é de certo modo privado. O que é público é colocado no meio, para que todos os que vêm percebam, e fiquem esclarecidos. Ninguém diga: É meu, querendo tornar partilha sua o que está no meio e é de todos. Que significa então: "Todos os que o cercam oferecem dons?" Todos os que entendem que a verdade é comum a todos, e não a tomam como sua, orgulhando-se dela, oferecem dons, porque possuem a humildade; os que, porém, tomam para si o que é comum a todos, e procuram arrastar para uma parte o que está no meio, não oferecem dons: porque "todos os que o cercam oferecem dons ao terrível". Oferecem dons ao terrível; temam, portanto, todos os que o cercam. Todos temerão, e louvarão com tremor, porque estão ao seu redor, de tal sorte que todos o seguem, e publicamente todos a ele tenham acesso e ele os ilumine publicamente. Isto é o que significa temer. Se tu o tomares como próprio e não comum, exaltas-te orgulhosamente, pois está escrito: "Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor" (Sl 2,11). Por conseguinte, oferecem dons os que o cercam; estes são humildes, porque sabem que a verdade é comum a todos.

**18** [13] A quem oferecem dons? "Ao terrível e ao que retira o espírito aos príncipes da terra". Espírito dos príncipes são espíritos soberbos. Estes, portanto, não são espíritos do Senhor, porque se sabem algo, querem que seja seu e não público. Mas aquele que se recomenda como sendo igual para todos, que se coloca no meio para que todos captem quanto puderem, tudo o que puderem, não é de qualquer um, mas de Deus; portanto, é deles, porque eles se tornaram de Deus. Com efeito, necessariamente todos eles são humildes; perderam o seu espírito e possuem o Espírito de Deus. Como perderam seu espírito? Por meio daquele que "retira o espírito dos príncipes"; de fato, diz-se a Deus em outro lugar: "Se lhes retiras o espírito, expiram e voltam para o pó de onde vieram. Enviarás teu Espírito e serão criados e renovarás a face da terra" (Sl 103,29.30). Alguém entende outra coisa; quer ser seu, ainda possui seu próprio espírito; seria bom para ele perder o próprio espírito para possuir o Espírito de Deus. Ele ainda se orgulha no meio dos príncipes; seria bom voltar ao pó a que pertence e dizer: "Lembra-te, Senhor, de que somos pó" (Sl 102,14). Se confessares que és pó, Deus tira um homem do pó da terra. "Todos os que o cercam oferecem dons". Todos os humildes o confessam e adoram. "Ao terrível" oferecem dons. Por que ele é terrível? "Exultai diante dele com tremor" (Sl

2,11). Ele “retira o espírito dos príncipes”, isto é, tira a audácia dos soberbos. “Aterroriza os reis da terra”. São terríveis os reis da terra; mas ele é mais terrível do que todos, e aterroriza os reis da terra. Sê rei da terra, e Deus te aterrorizará. Como, dizes, posso ser rei da terra? Domina a terra e serás rei da terra. Com a avidez de mandar não ponhas diante dos olhos províncias vastíssimas, por onde difundas teu reino; domina a porção de terra que carregas em ti. Ouve como o Apóstolo domina a terra: “É assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,26.27). Por conseguinte, meus irmãos, cercai-o, a fim de que, seja quem for que vos anuncie a verdade, não a atribuais àquele que a transmite; mas do meio chegue a todos, porque se apresenta de igual modo a todos. E sede humildes, a fim de não ausurpardes para vós e por vós mesmos, se acaso apreenderdes dela algum bem. Também quanto a nós, o que entendemos de melhor é vosso, e o que vós enten-derdes de melhor é nosso; desta maneira estamos à volta dele e sejamos humildes. Desta forma, perdendo nosso espírito, oferecemos dons ao terrível, acima de todos os reis da terra, isto é, acima de todos os que dominam sua própria carne, sendo sujeitos a seu Criador.

# SALMO 76

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] No limiar deste salmo acha-se a inscrição: "Para o fim, em favor de Iditun, salmo. De Asaf". Sabeis o significado de: "Para o fim. Porque o fim da Lei é Cristo para justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). Iditun significa aquele que atravessa. Asaf significa assembléia. Portanto, fala aqui a assembléia que atravessa, a fim de chegar ao fim que é Cristo Jesus. O texto do próprio salmo nos demonstra quais os obstáculos a atravessar, a fim de alcançarmos o fim, onde já não teremos o que ultrapassar. Pois, por muito tempo devemos ultrapassar tudo o que nos impede, nos enlaça, nos prende com visco, e deprime pesadamente nosso vôo, até que cheguemos àquilo que nos basta, além do qual nada há, sob o qual se encontram todas as coisas, e do qual tudo provém. Filipe queria ver o próprio Pai, e dizia ao Senhor Jesus Cristo: "Mostra-nos o Pai e isto nos basta". Parecia que haveria de ultrapassar por muito tempo tudo o mais, até chegar ao Pai, onde com segurança contemplaria e nada além teria a procurar; é isto que quer dizer: "Basta". Com efeito, aquele que afirmara com toda verdade: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30), advertiu a Filipe e ensinou a todo homem que entenda quem é o Cristo a ver nele seu fim, porque ele e o Pai são um. Disse: "Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces? Filipe, quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,8.9). Todo aquele, portanto, que quiser apreender, imitar e seguir o sentido deste salmo, ultrapasse todos os desejos carnais, calque aos pés toda a pompa e prazeres deste mundo e não se proponha repousar senão naquele do qual tudo provém. Em tudo isso ele labuta até chegar ao fim. Que nos indica, pois, este homem que ultrapassa?

**2** [2] "Elevei a minha voz ao Senhor e clamei". Mas, muitos clamam ao Senhor, tendo em vista adquirir rique-zas, evitar danos, obter a saúde para os seus, a estabilidade de sua casa, a felicidade temporal, as dignidades mundanas; enfim, a própria saúde corporal, que é o patrimônio do pobre. São muitos os que clamam ao Senhor para obter tais coisas; raros os que pedem o próprio Senhor. É fácil, de fato, para o homem, desejar alcançar alguma coisa do Senhor, e não almejar o próprio Senhor; como se fosse possível ser mais agradável o dom do que o próprio doador. Quem, portanto, clama ao Senhor para conseguir alguma coisa, ainda não ultrapassou. Aquele que ultrapassa, o que diz? "Elevei a minha voz ao Senhor". A fim de não pensares que o salmista eleva a voz ao Senhor visando a outra coisa do que ele mesmo, continua: "Ele-vei a minha voz a Deus". Emite-se um som para clamar a Deus, e no entanto visa a outra coisa, e não a Deus. Clama-se, tendo em vista o motivo da emissão da voz. Quem, porém, amava a Deus gratuitamente, e que de bom grado sacrificava a Deus (Sl 53,8), que ultrapassara tudo o que lhe é inferior, e nada vira acima de si a que apegar-se a sua alma, a não ser aquele de quem, por quem, em quem fora criado, e a quem clamara a sua alma, a este dirigira a

sua voz: “Elevei a minha voz a Deus”. Acaso foi sem razão? Vê como continua: “E ele me atendeu”. Na verdade, ele te atende quando o procuras e não quando procuras obter dele outra coisa. Foi dito a respeito de alguns: “Clamaram e ninguém os salvou, ao Senhor, mas ele não os ouviu” (Sl 17,42). Por quê? Porque não clamaram ao Senhor. A Escritura em outra passagem o exprime: “Não invocaram o Senhor” (Sl 13,5). Não deixaram de clamar por ele; contudo, não invocaram o Senhor. Que significa: “Não invocaram o Senhor?” Não chamaram o Senhor para junto de si; não o convidaram a vir a seu coração; não quiseram que o Senhor habitasse neles. Por isso, que lhes sucedeu? “Tremeram de medo, quando não havia o que temer”. Tremeram de medo de perder os bens presentes, porque não estavam repletos daquele a quem não invocaram. Não amaram gratuitamente, de tal sorte que, tendo perdido os bens temporais pudessem declarar: “Como foi do agrado do Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Por conseguinte, disse o salmista: “Elevei a minha voz ao Senhor e ele me atendeu”. Ensine-nos como isso se faz.

**3** [3] “No dia de minha tribulação procurei a Deus”. Quem é que assim age? Vê o que hás de procurar no dia de tua tribulação. Se é o cárcere que te aflige, procuras sair do cárcere; se a tribulação provém de febre, buscas recuperar a saúde; se sofres de fome, procuras saciar-te; se são os prejuízos que atribulam, procuras obter lucro; se é devi-do a uma peregrinação, procuras voltar a tua pátria temporal. Por que hei de relembrar tudo, ou quando hei de relembrá-lo? Queres ultrapassar? No dia de tua tribulação procura a Deus; não queiras alcançar outro bem por intermédio de Deus, mas por causa da tribulação, procura a Deus. Deus afaste de ti a tribulação, para poderes tranqüilamente aderir a ele. “No dia de minha tribulação procurei a Deus”; não outra coisa qualquer, mas busquei a Deus. E como o buscaste? “De noite, levantei as mãos diante dele”. Repete o que disseste; vejamos, entendamos, imitemos, se o pudermos. No dia de tua tribulação que procuraste? “A Deus”. Como o procuraste? Com “minhas mãos”. Quando foi a tua busca? De noite. Onde? “Diante dele”. E que fruto desejaste? “E não fiquei decepcionado”. Em conseqüência disso, irmãos, vejamos tudo, consideremos tudo, interroguemos a tudo. Que é a tribulação, durante a qual procuraste a Deus, que significa elevar as mãos diante de Deus, que é a noite, e por que diante dele. Segue-se o que todos entendem: “E não fiquei decepcionado”. Que quer dizer: “E não fiquei decepcionado?” Encontrei o que procurava.

**4** Não se pense nesta ou naquela tribulação. Efetivamente, qualquer um que ainda não tenha ultrapassado tudo, considera tribulação apenas o que acontece nesta vida em ocasião triste; no entanto, aquele que já ultrapassou, tem a vida inteira na conta de uma tribulação. Ama de tal modo a pátria celeste que a própria peregrinação terrena é para ele a maior tribulação. Pergunto-vos: Como não será tribulação esta vida? Como não será tribulação se ela toda é denominada uma tentação? Está escrito no livro de Jó: “Não é uma prova a vida humana sobre a terra? (Jó 7,1). Teria ele dito: É provada a vida humana sobre a terra? A própria “vida, é uma prova”; se é prova, é tribulação. Portanto, nesta tribulação, isto é, nesta vida, o salmista que ultrapassa, procura a Deus. Como?

Com “minhas mãos”. Que quer dizer: “minhas mãos?” Minhas obras. Ele não procurava objeto corpóreo, de sorte que pudesse encontrar o que perdera, apalpando. Procuraria com as mãos moedas, ouro, prata, veste, e outras coisas semelhantes que se possam tocar com as mãos. Embora o próprio nosso Senhor Jesus Cristo tenha querido que o discípulo hesitante o tocasse com as mãos, mostrando-lhe as cicatrizes. E ao exclamar ele, tocando as chagas: “Meu Senhor e meu Deus!” não ouviu a resposta: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram”? (Jo 20,27-29). Se, portanto, aquele que o procurava com as mãos, mereceu ouvir esta resposta de Cristo, em censura de ter procurado assim, nós que fomos declarados felizes por termos acreditado sem ter visto, por que haveremos de procurar com as mãos? Conforme disse, temos de procurar com as obras. Quando? “De noite”. Que quer dizer: “De noite?” Neste mundo. É noite enquanto não surge o dia da vinda gloriosa de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois quereis ver como é noite? Se aqui não tivéssemos uma lanterna, ficaríamos nas trevas. Pois, diz Pedro: “Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em vossos corações” (2Pd 1,19). Depois desta noite, portanto, há de surgir o dia; por enquanto, nesta noite, não nos falte a lâmpada. Talvez seja o que agora estamos fazendo: expondo o sentido das Escrituras, trazemos a lâmpada para nos alegrarmos nesta noite. Esteja ela sempre acesa em vossas casas. Pois, vos é dito: “Não extingais o Espírito”. À guisa de explicação, prossegue: “Não desprezeis as profecias” (1Tss 5,19), isto é, brilhe sempre a vossa lâmpada. Mas, esta luz, em comparação com determinado dia, que é indescritível, chama-se noite. A vida dos fiéis, porém, em comparação com a vida dos infiéis é dia. Já dissemos, contudo, como é noite, e apresentamos o testemunho do apóstolo Pedro. Ele se referiu a uma lâmpada, e nos exortou a lhe darmos atenção, quer dizer, à palavra dos “profetas, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações”. Paulo demonstra como a vida dos fiéis já é dia em comparação com a vida dos ímpios, ao dizer: “Deixemos as obras das trevas e vistamos as armas da luz. Como de dia, andemos decentemente” (Rm 13,12). Conseqüentemente, vivendo com honestidade, somos dia em comparação com a vida dos ímpios. Mas este dia da vida dos fiéis não basta a Iditun; quer ir além deste dia, até que venha aquele dia em que não terá de recear absolutamente alguma tentação da noite. Aqui, pois, apesar de ser dia a vida dos fiéis, é “uma prova a vida humana sobre a terra” (Jó 7,1). É noite e é dia: dia em comparação com a vida dos infiéis; noite em comparação com a vida dos anjos. De fato, os anjos têm um dia que nós ainda não temos; nós já possuímos um dia que não possuem os infiéis. Mas, os fiéis ainda não têm o dia que têm os anjos. Te-lo-ão quando forem iguais aos anjos de Deus, conforme lhes foi prometido para a ressurreição (cf Mt 22,30). Nesta vida, portanto, já é dia, e ainda é noite; noite em comparação com o dia que há de vir e que desejamos, dia em comparação com a noite do passado a que renunciamos; nesta noite, portanto, digo, procuremos a Deus, elevando nossas mãos. Não cessem as obras; procuremos a Deus; não tenhamos desejo inútil. Se estamos a caminho, paguemos as despesas para podermos chegar ao fim: procuremos a Deus, erguendo nossas mãos. Apesar de procurarmos na noite o que buscamos com as mãos,

não somos decepcionados, porque procuramos “diante dele”. Que quer dizer: “diante dele? Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Se o fizerdes, não recebereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus. Por isso, quando deres uma esmola, com aquelas mãos que procuram a Deus, não te ponhas a trombetear em público, como fazem os hipócritas; a tua esmola fique em segredo; e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (Mt 6,1.2.4). Portanto, “de noite levantei as mãos diante dele e não fiquei decepcionado”.

**5** Ouçamos atentamente quantas aflições Iditun sofreu nesta terra e nesta noite e como teve necessidade de ir além, pois teve de ultrapassar as tribulações que o atacavam e o incitavam da parte inferior. “Minha alma recusou consolar-se”. Foi tão grande o tédio que me tomou que minha alma se fechou para qualquer consolação. De onde se originou tal tédio? Talvez porque caiu granizo sobre a vinha, ou as oliveiras não deram fruto, ou, a chuva impediu a colheita. De onde proveio tamanho tédio? Ouve a resposta de outro salmo; ali se encontra a palavra: “Senti tédio por causa dos pecadores que abandonam a tua lei” (Sl 118,53). O salmista diz que foi atacado de tamanho tédio que sua alma recusou consolo. O tédio quase o absorveu, e a tristeza irremediavelmente o submergiu; recusa consolo. Que lhe restava, então?

**6** [4] Primeiramente vê como se consola. Não esperara quem com ele se contristasse e não houve? (cf Sl 68,21). Para onde se voltar para encontrar consolo aquele que sentira tédio por causa dos pecadores que abandonam a Lei de Deus? Para onde se voltar? Para algum homem de Deus? Provavelmente já experimentara grande tribulação da parte de muitos, e tanto maior quando deles esperara algum deleite. Por vezes, os homens parecem justos, e eles nos alegram. É preciso que nos alegrem, porque a caridade não pode existir sem esta alegria. Mas, se acaso acontecer algo de mau da parte daqueles com os quais alguém se alegrou, como costuma acontecer freqüente-mente, a tristeza será tanto maior quanto fora grande o prazer. Assim, depois, o homem tem medo de soltar as ré-deas da alegria, receia entregar-se ao prazer, para não acontecer que na medida que se alegrara, tanto mais há de se entristecer, se acontecer alguma coisa. Ferido, portanto, com a freqüência dos escândalos, quais outras feridas, fecha-se a todo consolo humano, e recusa sua alma qualquer consolação. E de onde vem a vida? De onde a respiração? “Lembrei-me de Deus e me deleitei”. As mãos não agiram inutilmente; encontraram um grande consolador. Não foi inativo “que me lembrei de Deus e me deleitei”. Deus, portanto, deve ser anunciado. Lembrando dele deleitei-me e consolei-me em minha tristeza e refiz-me da falta de esperança na salvação. Deus deve ser anunciado. Enfim, consolado, o salmista diz em seguida: “Falei excessivamente”. Pela consolação, lembrou-se de Deus e de prazer falou excessivamente. Que quer dizer: “Falei excessivamente?” Alegrei-me, exsultei ao falar. Propriamente chamam-se loquazes os que vulgarmente são denominados faladores; quando alegres, não podem nem querem calar-se. O salmista se tornou um desses. E que diz ainda? “E meu espírito desfaleceu”.

**7** [5] Consumira-se de tédio, lembrando-se de Deus se deleitara, e novamente ao falar

demais desfalecera; como continua? “Todos os meus inimigos se anteciparam às vigílias”. Os meus inimigos me vigiaram: estavam mais vigilantes do que eu; anteciparam-se a mim nas vigílias. Onde não colocam ciladas? Acaso todos os meus inimigos se anteciparam às vigílias? Quem são pois estes inimigos, a não ser os mencionados pelo Apóstolo: “Pois nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne; mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que povoam as regiões celestiais”? (Ef 6,12). Por conseguinte, temos inimizade com o diabo e seus anjos. O salmista os denomina dominadores do mundo, porque eles governam os que amam o mundo; pois eles não dominam o mundo como se governassem o céu e a terra; mas chama de mundo os pecadores. “O mundo não o conheceu” (Jo 1,10). Eles governam este mundo que não conhece a Cristo. Contra esses temos inimizade perpétua. Finalmente, cuidas de terminar com quaisquer inimizades que tenhas contra um homem, seja por meio da satisfação que ele dê, se te lesou; seja por satisfação de tua parte se tu lesaste; seja de ambos se vos lesastes mutuamente. Esforças-te por satisfazer e entrar em acordo. Com o diabo e seus anjos nenhuma concórdia é possível. Eles nos invejam por causa do reino dos céus. Absolutamente não podem amansar em relação a nós, porque “todos os meus inimigos se anteciparam às vigílias”. Eles foram mais vigilantes em me enganar do que eu em guardar-me. “Todos os meus inimigos se anteciparam às vigílias. Como não se anteciparam às vigílias os que antepuseram em toda parte tropeços e ciladas? O tédio invade o coração. É de temer que a tristeza o absorva, ou que a alegria, com a loquacidade o faça desfalecer: “Todos os meus inimigos se anteciparam às vigílias”. Por fim, na própria loquacidade, enquanto falas e com toda segurança, quanta coisa encontram muitas vezes os inimigos a apreender e censurar, a incriminar e caluniar: Ele disse isso, pensa aquilo, falou assim? Que fará o homem a não ser o seguinte: “Perturbei-me e faltou-me a palavra?” Perturbei-me, portanto, e para não acontecer que os inimigos, antecipando-se às vigílias, procurassem e encontrassem motivo de calúnias, calei-me. Nunca cessaria de falar dentro de si mesmo aquele que atravessa; e se, talvez, desistiu da loquacidade, porque se insinuava nele o desejo de agradar aos homens por esta mesma loquacidade, contudo, não deixou, não cessou de se esforçar por ultrapassar também esse desejo. E como se exprime?

**8** [6] “Pensava nos dias do passado”. Este homem que batia do lado de fora, já entrou, e age no interior de sua mente. Diga-nos ele o que faz ali: “Pensei nos dias do passado”. Ali está bem. Vede, por favor, o que pensa. Está no seu íntimo e pensa nos dias do passado. Ninguém lhe diz: Falaste mal. Ninguém lhe diz: Falaste muito. Ninguém lhe diz: Pensaste maldosamente. Que se sinta bem consigo mesmo, Deus o ajude: pense nos dias do passado e conte-nos o que fez no seu apartamento interior, aonde chegou, o que ultrapassou, onde permanecer: “Pensava nos dias do passado. Repassava na mente os anos eternos”. Quais são os anos eternos? Pensamento sublime! Vede se este pensamento não exige grande silêncio. Quem quiser repassar na mente os anos eternos, renuncie a todo ruído exterior, a todo tumulto interior das coisas humanas. Porventura

são eternos os anos que passamos, ou os de nossos maiores, ou os dos nossos pósteros? De forma alguma os consideremos eternos. O que permanece destes anos? Eis que falamos: Este ano. O que seguramos deste ano além do dia em que estamos? Pois, os dias anteriores deste ano já passaram, não os mantivemos; os futuros ainda não vieram. Estamos num só dia e dizemos: Este ano. Dize melhor: Hoje, se queres exprimir algo de presente. Pois, o que reténs presente de todo o ano? Tudo o que já passou dele, já não existe; todo o futuro ainda não existe. Como, então, dizer: Este ano? Corrige a frase e dize: Hoje. Dizes, de fato: Hoje, concordo. Mas, ainda presta atenção. As horas matutinas de hoje já passaram e as futuras ainda não vieram. Corrige também este modo de falar e dize: Esta hora. Mas, o que reténs desta hora? Certos momentos dela já passaram; ainda não vieram os minutos futuros. Fala: Este minuto. Que minuto? Enquanto pronuncio as sílabas. Se profiro duas sílabas, uma não soa antes que a outra tenha sido pronunciada; enfim, a própria sílaba, se tiver duas letras, não soa a segunda letra antes que a primeira se vá. De fato, o que retemos destes anos? Estes anos são mutáveis. Devemos pensar nos anos eternos, nos anos que permanecem, que não se perfazem com a vinda e partida dos dias. São anos, sobre os quais a Escritura diz a Deus: “Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminam” (Sl 101,28). Este homem que ultrapassa, pensou nos anos em silêncio e não com uma loquacidade externa: “Repassava na mente os anos eternos”.

**9** [7] “Refletia à noite no coração”. Ninguém, mesmo caluniador, procura descobrir ciladas nas palavras daquele que meditou em seu coração. “Falava excessivamente”. Novamente aquele falar. Observa mais uma vez, para não desfaleceres espiritualmente. Não, diz o salmista. Não falava exteriormente; agora falo de outra maneira. Como falo agora? “Falava excessivamente e esquadrinhava meu espírito”. Ninguém diria que está louco aquele que esquadrinhasse a terra para encontrar veios de ouro. Ao contrário, muitos o considerariam sábio, por querer obter ouro. Quantas riquezas o homem tem no seu interior, e não esquadrinha? O salmista esquadrinhava seu espírito, e confabulava com seu espírito, e se excedia nessa conversa. Interrogava-se a si mesmo, examinava-se, era juiz de si mesmo. E continua: “Esquadrinhava meu espírito”. Seria de se recear que parasse em seu próprio espírito; pois falara excessivamente do lado de fora; e como todos os seus inimigos anteciparam-se às vigílias, encontrou tristeza e seu espírito desfaleceu. Aquele que falava excessivamente de fora, começou a falar assim com segurança no seu interior, onde sozinho, em silêncio, repassava na mente os anos eternos: “E esquadrinhava meu espírito”. Agora, é de temer que permaneça parado em seu espírito e não passe além. Já procede melhor do que fazia exteriormente. Ultrapassou algumas coisas; vejamos o quê. Este homem que ultrapassa não pára antes de alcançar “o fim”, que intitula o salmo: “Falava excessivamente e esquadrinhava meu espírito”.

**10** [8] E que encontraste? “Deus não rejeitará para sempre”. Sentira tédio nesta vida; em nenhuma parte consolo seguro e fiável. Em qualquer que examinasse encontrava ocasião de tropeço, ou receava encontrar. Portanto, segurança em parte alguma. Era um mal calar, para não silenciar as coisas boas; falar e expandir-se exteriormente era molesto,

para que todos os inimigos não se antecipassem às vigílias, nem o caluniassem devido a suas palavras. Angustiado demais nesta vida, meditava muito acerca da outra vida, onde não existe tal provação. E quando é que lá se chega? Consta que nossos sofrimentos aqui são provenientes da ira de Deus. É o que afirma Isaías: “Com efeito, não contenderei para sempre, nem estarei perpetuamente encolerizado”. E declara o motivo disso: “Pois o espírito de mim procede e criei todas as almas. Contristei-o um pouco por causa de seu pecado, feri-o, e desviei dele a minha face; e ele se foi triste, e seguiu os seus caminhos” (cf Is 57,16.17). Então esta ira de Deus será perpétua? Não foi isto que o salmista descobriu em seu silêncio. Pois, o que diz? “Deus não rejeitará para sempre; nem se disporá mais a que isto lhe agrade”, isto é, que lhe agrade ainda repelir, e não se disporá a rejeitar para sempre. Forçoso é que chame novamente a si os seus servos, que receba os fugitivos que retornam para o Senhor, forçoso que ouça a voz dos cativos: “Deus não rejeitará para sempre, nem se disporá mais a que isto lhe agrade”.

**11** 9.10 “Ou nos privará de sua misericórdia eternamente, de geração em geração? Ou se esquecerá Deus de ter piedade?” Em ti, por ti mesmo, não tens misericórdia alguma para com os outros, se Deus não te conceder; então; o próprio Deus há de se esquecer da misericórdia? O rio corre e a própria fonte há de secar? “Ou se esquecerá Deus de ter piedade? Ou em sua ira reterá suas comise-rações?”, isto é, há de se encolerizar de tal sorte que não terá mais compaixão? É mais fácil que ele retenha a ira do que a misericórdia. Isso dissera Isaías: “Não conten-derei para sempre, nem estarei perpetuamente encolerizado”. Em seguida, acrescenta: “Ele se foi triste, e seguiu os seus caminhos. Vi o seu caminho e o curarei” (Is 57,18). Ao saber disto, o salmista foi além e deleitou-se em Deus, de sorte que mais falava por estar ali e por causa das obras de Deus. Não o fazia com seu espírito, nem com aquilo que era, mas com aquele que o criara. Daí, portanto, foi além, ultrapassou. Vede aquele que atravessa, vede se pára em alguma parte antes de chegar a Deus.

**12** 11 “Eu disse”. Já tendo ultrapassado a si mesmo, o que disse? “Agora começo”. Excedera-me. “Agora, começo”. Aqui, já não encontro perigo algum; pois foi um perigo ficar em mim mesmo. “Eu disse: Agora começo. Esta mudança vem da direita do Altíssimo”. O Altíssimo começou agora a me transformar. Agora começo a estar seguro, agora entrei em certo palácio de alegrias, onde não temerei inimigo algum, agora comecei a estar naquela região onde todos os meus inimigos não se antecipam às vigílias: “Agora começo. Esta mudança vem da direita do Altíssimo”.

**13** 12 “Trouxe à memória as obras do Senhor”. Vede como se expande nas obras do Senhor. O salmista falava excessivamente do lado de fora, mas seu espírito desfaleceu de tristeza; falou interiormente em seu coração, e com seu espírito, e tendo examinado seu próprio espírito, lembrou-se dos anos eternos, lembrou-se da misericórdia do Senhor, porque ele não rejeita para sempre, e começou a se alegrar, a exultar com segurança em suas obras. Ouçamos quais são as obras e exultemos também nós; mas pelos afetos também nós ultrapassemos tudo, e não ponhamos nossa alegria nos bens temporais.

Temos também nós nosso quarto. Por que não entramos lá? Por que não nos entregamos ao silêncio? Por que não examinamos nosso espírito? Por que não meditamos nos anos eternos? Por que não nos alegramos nas obras de Deus? Agora ouçamos e nos deleitemos com suas palavras, de tal modo que ao sairmos daqui façamos o mesmo que fazíamos ao ouvi-lo; e isto, se começarmos como aquele que disse: "Agora começo". Alegrar-se nas obras de Deus é esquecer-te mesmo de ti, se podes deleitar-te somente nele. Que há de melhor? Não vês que, ao voltares a ti, voltas para um estado pior? "Trouxe à memória as obras do Senhor. Recordar-me-ei de tuas maravilhas desde o início".

**14** [13]"E meditarei sobre todas as tuas obras e falarei excessivamente dos afetos por ti". É o terceiro modo de falar excessivamente. Falou em demasia externamente e desfaleceu; falou demais em seu espírito interiormente, e progrediu; falou excessivamente das obras de Deus, e chegou ao termo do progresso. "E falarei excessivamente dos afetos por ti", e não de meus afetos. Quem vive sem afetos? E pensais, irmãos, que os que amam a Deus, que temem a Deus, que adoram a Deus, não têm afeições? Assim pensais e ousais imaginar que são objeto de afeição a mesa de jogo, o teatro, a caça, a captura de aves, a pescaria, e não o são as obras de Deus? Não terá a meditação sobre Deus suas afeições interiores, quando se olha o mundo, e se põe diante dos olhos o espetáculo da natureza, e se procura seu autor, e se descobre que nunca nos causa desprazer, mas é mais aprazível do que tudo o mais?

**15** [14] "Santos são os teus caminhos, ó Deus". O salmista já considera as obras da misericórdia de Deus para conosco, fala delas em excesso e exulta com esses afetos. Em primeiro lugar, daí começa: "Santos são os teus caminhos". Quais são esses caminhos santos? "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Retornai, ó homens, de vossos afetos. Aonde ides? Para onde correis? Porque fugis não somente de Deus, mas ainda de vós mesmos? Voltai, prevaricadores, ao vosso coração (cf Is 46,8), examinai vosso espírito, relembrai-vos dos anos eternos, encontrai a misericórdia de Deus para covosco, atendei às obras de sua misericórdia. "Santos são os teus caminhos. Filhos dos homens, até quando tereis o coração empedernido?" Que procurais com vossos afetos? "Porque amais a vaidade e procurais a mentira? E compreendei que o Senhor fez maravilhas em seu santo" (Sl 4,3-4). "Santos são os teus caminhos". Voltemos nossa atenção para ele, para Cristo; aí está o caminho de Deus: "Santos são os teus caminhos. Haverá Deus tão grande como nosso Deus?" Os gentios têm afeto a seus deuses, adoram os ídolos, que têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem; têm pés e não andam" (cf Sl 113,5-7). Por que andas em busca de um Deus que não anda? Respondes: Não o adoro. E que adoras? O nume que ele encerra? Certamente adoras aquele do qual foi dito em outra parte: "Porque os deuses das nações são demônios" (Sl 95,5). Adoras os ídolos ou os demônios. Replicas: Nem os ídolos, nem os demônios. E que adoras? As estrelas, o sol, a lua, os corpos celestes. Como não é melhor aquele que fez os seres terrenos e celestes! "Haverá Deus tão grande como nosso Deus?"

**16** [15] “É o único Deus que opera maravilhas”. Tu, verdadeiramente, és o grande Deus, que operas maravilhas nos corpos e nas almas, o único que as opera. Os surdos ouviram, os cegos viram, os doentes sararam, os mortos ressuscitaram, os paralíticos andaram (cf Mt 11,5; Lc 7,22). Mas estes milagres são corporais; vejamos os operados nas almas. Tornaram-se sóbrios os que pouco antes eram beberrões; são fiéis os que pouco antes eram adoradores dos ídolos; dão aos pobres seus próprios bens os que anteriormente roubavam o alheio: “Haverá Deus tão grande como nosso Deus? É o único Deus que opera maravilhas”. Moisés fez milagres, mas não sozinho; operou-os também Elias, Eliseu e os apóstolos; mas nenhum deles os fez só por si mesmo. Para que eles os operassem, estavas com eles; mas os que fizeste, fizeste-os sozinho, sem eles. Pois não estavam contigo quando os fizeste, quando os fizeste a eles mesmos. “É o único Deus que opera maravilhas”. Como estava sozinho? Acaso teria sido o Pai e não o Filho? Ou o Filho e não o Pai? Ao contrário, foi o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo. “É o único Deus que opera maravilhas”. Não são três deuses, mas é um só Deus que faz maravilhas, só ele, mesmo no salmista, que ultrapassa. Pois, a fim de que ele fosse além, e chegasse a este ponto, houve milagre de Deus. Foi ele quem fez maravilhas quando o salmista interiormente falou em excesso, em si mesmo e se deleitava nas obras de Deus. Mas, que fez Deus? “Deste a conhecer aos povos o teu poder”. Visto que ele deu a conhecer o seu poder aos povos, criou-se uma assembléia e Asaf ultrapassou. Qual o poder que ele deu a conhecer aos povos? “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que, para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,23;24). Se, portanto, Cristo é o poder de Deus, ele deu a conhecer aos povos o Cristo. Talvez também nós ainda não o conhecemos? E por isso somos insensatos, jazemos nas coisas inferiores, nada ultrapassamos, para poder vê-lo? “Deste a conhecer aos povos o teu poder”.

**17** [16] “Por teu braço resgataste o teu povo”. Teu braço, isto é, teu poder. “A quem se revelou o braço do Senhor”? (cf Is 53,1). “Por teu braço resgataste o teu povo, os filhos de Israel e de José”. Seriam dois povos, “os filhos de Israel e de José?” Os filhos de José não são filhos de Israel? Certamente. Sabemos, lemos, a Escritura o proclama, a verdade o indica: Israel, isto é, Jacó teve doze filhos, e José era um deles; todos os descendentes desses doze filhos de Israel pertencem ao povo de Israel. Por que então dizer: “Os filhos de Israel e de José?” Não sei a que distinção ele alude. Examinemos nosso espírito; talvez ali tenha Deus depositado alguma coisa que devemos procurar à noite com nossas mãos, para não nos decepcionarmos. Pode ser que nos encontremos nesta diferença entre “filhos de Israel e de José”. Com o nome de José, alude a outro povo, quer dizer, aos gentios. Por que José representa os gentios? Porque foi vendido para ser levado ao Egito, por seus irmãos (cf Gn 37,28). José, que os irmãos invejavam e venderam, foi levado ao Egito, e lá foi vendido, trabalhou, foi humilhado; depois, tornou-se conhecido, foi exaltado, prosperou e governou. Que representava com tudo isso? A quem, senão a Cristo, vendido por irmãos, rejeitado em sua terra, como que levado ao Egito, aos

gentios? Agora, está exaltado, como vemos, tendo se cumprido a profecia: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra; todas as nações o servirão” (Sl 71,11). Por conseguinte, José figura o povo dos gentios; Israel, contudo, é o povo hebreu. Deus resgatou seu povo, “os filhos de Israel e de José”. Por meio de quem? Pela pedra angular, que reuniu os dois muros (Ef 2,14).

**18** Como continua? “As águas te viram, ó Deus”. Quais são estas águas? Os povos. O Apocalipse declara quais são estas águas. A resposta é: “Os povos” (cf Ap 17,15). Ali vemos claramente que as águas figuram os povos. Acima dissera o salmista: “Deste a conhecer aos povos o teu poder”. Com justeza, portanto, diz: “As águas te viram, ó Deus, as águas te viram e temeram”. Portanto, elas mudaram devido ao medo. “As águas te viram, ó Deus, e temeram e os abismos ficaram conturbados”. Que são “abismos?” São as profundezas das águas. Quem dentre o povo não se perturba quando a conciência se agita? Perguntas quais as profundezas do mar. Que de mais profundo do que a consciência humana? Esta profundeza se perturbou, quando Deus resgatou seu povo por seu poder. Como se conturbaram os abismos? Quando todas as suas consciências se manifestaram em confissão: “E os abismos ficaram conturbados”.

**19** [18] “Ruído de muitas águas. Ruído de muitas águas” são os louvores de Deus, a confissão dos pecados, os hinos e cânticos, as orações. “As nuvens fizeram ouvir a sua voz”. Ruído das águas, perturbação dos abismos por causa das vozes emitidas pelas nuvens. Que nuvens? Os pregadores da palavra da verdade. Que nuvens? Aquelas de onde Deus ameaça certa vinha, que deu espinhos em vez de uvas: “Quanto às nuvens ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela” (Is 5,6). Finalmente, os apóstolos, abandonando os judeus, dirigiram-se aos gentios; em todas as nações “as nuvens fizeram ouvir a sua voz”. Pregando a Cristo, “as nuvens fizeram ouvir a sua voz”.

**20** [18.19] “As tuas flexas passaram além”. O salmista chama de flexas as vozes emitidas pelas nuvens. As palavras dos evangelistas foram setas. São comparações. Pois, propriamente nem as flexas são chuva, nem a chuva, setas. Contudo, a palavra de Deus é flexa porque fere a chuva porque irriga. Ninguém, portanto, se admire da perturbação dos abismos, quando “as tuas flexas passaram além”. Que significa: “passaram além?” Não pararam nos ouvidos, mas traspassaram os corações. “O teu trovão rolou”. Que é isto? Como entender? O Senhor nos ajude. “O teu trovão rolou”. Quando éramos crianças pensávamos, ao ouvir os trovões do céu, que saíam veículos da garagem. Pois, os trovões têm batidas semelhantes às dos veículos. Acaso vamos voltar à infância e entendermos: “O teu trovão rolou”, como se Deus tivesse algum veículo nas nuvens e o trânsito dos veículos fizesse muito barulho? De forma nenhuma. Isto seria pueril, vão, errado. Que significa então: “O teu trovão rolou?” A tua voz rola. Nem assim entendo. Que fazer? Interroguemos o próprio Iditun, que talvez explique o que ele mesmo disse: “O teu trovão rolou”. Não entendo. Ouvirei o que dizes: “Teus relâmpagos iluminaram toda a terra”. Dize, portanto: Não havia entendido. O orbe da terra é uma roda, pois o

cricuito do orbe da terra com razão é denominado orbe. Por isso, mesmo uma bola pequena chama-se globo. “O teu trovão rolou. Teus relâmpagos iluminaram toda a terra”. Aquelas nuvens que rolam cercaram o orbe da terra; cercaram trovejando e corruscando, abalaram os abismos, trovejaram preceitos, relampejaram milagres; “seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras” (cf Sl 18,5). “Abalou-se e estremeceu a terra”, isto é, todos os habitantes da terra. Numa comparação, porém, a própria terra é um mar. Por que razão? Porque os povos todos são designados pelo nome de mar, uma vez que a vida humana é amarga e sujeita a procelas e tempestades. Se observas que os homens se devoram como peixes, que o maior absorve o menor, tens o mar. Até ele foram os evangelistas.

**21** [20] “Abriste no mar o teu caminho”. Há pouco vimos que: “santos são os teus caminhos” e agora: “Abriste no mar o teu caminho”, porque o próprio Santo se encontra no mar e até andou sobre as águas do mar (cf Mt 14,25). “Abriste no mar o teu caminho”, isto é, entre os povos é anunciado teu Cristo. Em outro salmo assim se reza: “Deus se compadeça de nós e nos abençoe. Faça luzir sobre nós o brilho de sua face para que conheçamos na terra o teu caminho”. Em que “terra?” “Em todos os povos a tua salvação” (Sl 66,2.3). A saber: “Abriste no mar o teu caminho e por entre muitas águas as tuas veredas”, isto é, entre muitos povos. “E os teus vestígios não são conhecidos”. Não sei a quem se refere, e admiro-me se não forem os próprios judeus. Eis que já se difundiu entre as gentes a misericórdia de Cristo, de tal sorte que “no mar” esteja “teu caminho e por entre muitas águas as tuas veredas, e teus vestígios não são conhecidos”. Onde não são conhecidos, e por quem, senão por aqueles que ainda dizem: Cristo ainda não veio? Por que motivo declaram: Cristo ainda não veio? Porque ainda não conhecem aquele que anda sobre os mares.

**22** [21] “Como ovelhas conduziste o teu povo, pelas mãos de Moisés e de Aarão”. Indagar por que razão o salmista acrescenta este versículo é questão um tanto difícil. Ajudai-nos com vossa atenção, porque depois destes dois versículos vem o fim do salmo e do sermão. Não quero que por achardes que ainda falta muito, presteis menos atenção, de medo do cansaço. Tendo dito: “Abriste no mar o teu caminho”, que entendemos referir-se aos gentios; “e por entre muitas águas, as tuas veredas”, isto é, muitos povos, acrescentou: “E os teus vestígios não são conhecidos”. Perguntávamos por quem não são conhecidos, e o salmista logo acrescenta: “Como ovelhas conduziste o teu povo, pelas mãos de Moisés e de Aarão”, isto é, teus vestígios não são conhecidos por este teu povo conduzido pelas mãos de Moisés e de Aarão. Se está escrito: “Abriste no mar o teu caminho”, qual a razão, senão para censurar e repreender? Por que “abriste no mar o teu caminho”, a não ser porque ele foi excluído de tua terra? Expulsaram a Cristo, não quiseram que fosse seu Salvador, esses doentes. Ele, porém, começou a agir entre os gentios, e em todas as nações, em muitos povos. Salvaram-se também os restos daquele povo. Ficou de fora a multidão ingrata, e Jacó ficou manco de uma coxa (cf Gn 32,31). A coxa representa a multidão da raça, e a maior parte dos israelitas tornou-se uma turba vã e insensata, que não conhece os vestígios de Cristo nas águas. “Como ovelhas

conduziste o teu povo”, que não te conheceu. Tanto bem lhe fizeste! Dividiste o mar, fizeste com que atravessasse as águas a pé enxuto, afogaste nas ondas o inimigo perseguidor, mandaste cair no deserto o maná para os famintos, conduzindo-os “pelas mãos de Moisés e de Aarão”; e eles te repeliram, de tal modo que “abriste no mar o teu caminho e os teus vestígios não fossem conhecidos”.

# SALMO 77

## COMENTÁRIO

**1** [1] Este salmo contém a narrativa das gestas do antigo povo de Israel. O povo mais novo, que veio depois, é advertido a precaver-se de ser ingrato para com os benefícios de Deus e de provocar a ira daquele de quem deve receber com obediência e fidelidade a graça, como diz o salmista: "A fim de não serem, como seus pais, uma geração má e provocadora; geração que não tem o coração reto, nem o espírito fiel a Deus". Este o sentido do salmo, sua utilidade, seus abundantes frutos. Mas, apesar de parecerem claros e evidentes os fatos enumerados e narrados, o título do salmo logo nos toca e torna atentos. Não é em vão que está inscrito: "Inteligência. De Asaf". Se talvez não impressione superficialmente, seu conteúdo interno desafia o leitor inteligente. Em seguida, narra e relembra todos os fatos que parecem exigir mais um ouvinte do que um expositor. "Abrirei", diz o salmista, "a minha boca em parábolas; tratarei de proposições desde o início". Quem não desperta do sono com isto? Quem ousaria ler rapidamente como se fossem claras as parábolas e as proposições, que indicam pelo próprio nome que devem ser examinadas com maior atenção? Efetivamente, a parábola apresenta uma comparação; apesar de ser um vocábulo grego é usado como se fosse latino. É bem sabido que nas parábolas as coisas que se dizem semelhantes servem de ponto de comparação com as coisas reais. As proposições, porém, que em grego se chamam problémata são questões que encerram algo que precisa ser resolvido. Quem, portanto, há de ler superficialmente as parábolas e proposições? Quem, ao ouvi-las, não há de empregar toda a atenção do espírito para entender e chegar a um resultado?

**2** "Escutai, ó meu povo, a minha lei". Quem acreditamos que está falando, a não ser o próprio Deus? Ele deu a lei a seu povo, que ele congregou após havê-lo libertado do Egito. Este aglomerado propriamente chama-se sinagoga, que é tradução do nome de Asaf. Qual o motivo por que foi dito: "Inteligência. De Asaf?" Foi porque Asaf entendeu, ou devemos entender figuradamente que se trata do entendimento da sinagoga, isto é, do mesmo povo ao qual se diz: "Escutai, ó meu povo, a minha lei?" Por que é que, então, o profeta censura o mesmo povo, dizendo: "Israel é incapaz de conhecer, o meu povo não pode entender"? (cf Is 1,3). Todavia existia naquele povo quem entendesse, tendo a fé que posteriormente foi revelada, pertencente à graça do Espírito e não à letra da Lei. Não careciam da fé os que puderam prever e profetizar a futura revelação em Cristo. Aqueles antigos sacramentos significavam os futuros. Acaso somente os profetas tinham tal fé e não o povo? Ao contrário. Aqueles que ouviam fielmente os profetas, com o auxílio da graça, entendiam o que ouviam. Mas na verdade o sacramento do reino dos céus estava velado no Antigo Testamento, que se revelaria na plenitude dos tempos em o Novo Testamento. Diz o Apóstolo: "Não quero que ignoreis, irmãos, que os nosso pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos

foram batizados por Moisés, todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo” (1Cor 10,1-5). Na ordem do mistério, o alimento e a bebida são idênticos aos nossos; mas isso quanto à figura, não segundo a realidade, porque é o mesmo Cristo que para eles foi figurado na rocha e para nós se manifestou na carne. “Apesar disso, nem todos agradaram a Deus. De fato, todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual”, a saber, que significava algo de espiritual; apesar disso, “nem todos agradaram a Deus”. Se afirma: “Nem todos”, havia ali alguns que agradavam a Deus. Apesar de serem comuns os sacramentos, não era comum a todos a graça, que é a virtude dos sacramentos. Agora também, após ter sido revelada a fé outrora velada, é comum o batismo da regeneração a todos os batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf Mt 28,18). Mas a própria graça produzida por estes mesmos sacramentos, que regeneram os membros do corpo de Cristo, unidos à Cabeça, não é comum a todos. Pois, os hereges têm o mesmo batismo, e os falsos irmãos na comunhão católica. Por conseguinte, é com razão que S. Paulo declara: Mas “nem todos agradaram a Deus”.

**3** Nem agora, contudo, nem agora é infrutífera a palavra: “Escutai, ó meu povo, a minha lei”. Esta locução encontra-se em todas as cópias, no plural. Não está: Escuta, mas: “Escutai”. Trata-se de muitos povos. A esses muitos, diz-se no plural: “Inclinai o ouvido às palavras de minha boca”. Do mesmo modo: “Escutai e: Inclinai o ouvido”. Igualmente: “a minha lei” identifica-se com: “as palavras de minha boca”. Pois, escuta piedosamente a lei de Deus e as palavras de sua boca aquele que a humildade faz inclinar o ouvido e não aquele que ergue a cabeça com soberba. Quando se derrama um líquido, o vaso côncavo da humildade o apara, enquanto uma excrescência o expele. Daí encontrar-se em outra passagem: “Inclina teu ouvido e recebe o meu saber” (Pr 22,17). Somos ad-moestados com insistência a recebermos com ouvidos atentos, isto é, com piedosa humildade, o sentido deste salmo de Asaf (porque o título está em genitivo: deste entendimento, e não: esta inteligência). Nem foi dito: De Asaf, mas para Asaf. Verifica-se isto pelo artigo em grego, e que se acha também em alguns códices latinos. Portanto, estas palavras são de entendimento, isto é, da inteligência que foi dada ao próprio Asaf. É melhor tomá-las como dirigidas a todo o povo de Deus reunido, e não a um homem só. Deste povo não devemos de forma alguma alhear-nos. Embora propriamente se diga sinagoga dos judeus e igreja dos cristãos (porque se costuma entender congregação antes relativamente a animais, e convocação relativamente a homens), no entanto vemos que a Igreja aí é denominada congregação, e talvez nos convenha repetir: “Salva-nos, Senhor nosso Deus, e congrega-nos das nações a fim de confessarmos teu nome santo” (Sl 105,47). Não devemos menosprezar, mas antes dar graças inefáveis a Deus por sermos ovelhas de suas mãos, que ele conhecera de antemão, ao dizer: “Mas tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10,16), unindo o fiel povo dos gentios ao fiel povo dos israelitas, a respeito dos quais anteriormente dissera: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). Pois, serão congregadas diante dele

todas as gentes e ele as separará como o pastor separa as ovelhas dos cabritos (cf Mt 25,32). Ouçamos, portanto o que foi dito: “Escutai, ó meu povo, a minha lei, inclinai o ouvido às palavras de minha boca”, não como se fossem palavras dirigidas aos judeus, mas antes a nós, ou certamente também a nós. Tendo dito o Apóstolo: “Nem todos agradaram a Deus”, mostrou que ali achavam-se alguns que apraziam a Deus, e imediatamente acrescentou: Pois caíram mortos no deserto; e em seguida: “Ora, esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. Não vos torneis idólatras como alguns dentre eles, segundo está escrito: O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir. Nem nos entreguemos à fornicação, como alguns deles se entregaram, de modo a perecerem num só dia vinte e três mil. Não tentemos a Cristo, como alguns deles o tentaram, de modo a morrer pelas serpentes. Não murmureis, como alguns deles murmuraram, de modo que pereceram pelo Exterminador. Estas coisas aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Cor 10,5-11). Estas palavras, portanto, foram cantadas mais para nós. Por isto, neste salmo entre outras coisas foi dito: “A fim de que a nova geração as conhecesse e os filhos que dela nascessem se levantassem”. Na verdade, se a mortandade ocasionada pelas serpentes e a ruína trazida pelo Exterminador e as mortes pela espada foram figuras, como diz com evidência o Apóstolo, pois é claro que tudo aquilo lhes sucedeu, ele não afirma: Foram ditas em figura, ou: Foram escritas em figura, mas: “Estas coisas aconteceram para servir de exemplo”, com quanto maior piedade não devemos nos acautelar das penas que aqueles fatos representavam! Sem dúvida alguma, como nas coisas boas encontra-se um bem muito maior naquilo que as figuras representavam do que nas próprias figuras, assim nas coisas más são muito piores, de fato, as coisas que as figuras significam, embora sejam ruins as figuras que servem de exemplo. Pois, como a terra da promissão, para onde o povo hebraico era conduzido nada é em comparação com o reino dos céus, para onde é levado o povo cristão, assim aqueles castigos que eram figuras, apesar de atrozes, nada são em comparação com os castigos que representam. Enquanto o Apóstolo as denomina figuras, este salmo, na medida que podemos julgar, as chama de parábolas e proposições. Não têm seu termo nos fatos que aconteceram, mas referem-se aos eventos que com eles são racionalmente comparados. Ouçamos, pois, a lei de Deus, nós que somos seu povo, e inclinemos nosso ouvido às palavras de sua boca.

**4** [2] “Abrirei a minha boca em parábolas. Falarei de proposições desde o início”. Aparece suficientemente nos versículos seguintes a que início se refere. Pois, não se trata do início em que foram feitos o céu e a terra, ou em que foi criado o gênero humano no primeiro homem, mas daquela multidão de povo que foi tirada do Egito, de tal modo que o sentido é atinente a Asaf, que se traduz por assembléia. Mas, oxalá aquele que disse: “Abrirei a minha boca em parábolas” digne-se também abrir nosso intelecto para compreendê-las! Se, pois, como abriu a boca em parábolas, explicasse também as próprias parábolas; e como profere proposições, pronunciasse igualmente as explicações

das mesmas, não estaríamos aqui suando. Agora, efetivamente, de tal forma estão encobertas e trancadas todas as coisas que mesmo se conseguimos, com seu auxílio, encontrar algo que nos alimente de modo salutar, comeremos o pão com o suor de nosso rosto (cf Gn 3,19), e pagamos a pena da antiga sentença, com o labor do corpo e do espírito. Diga ele, portanto, ouçamos as parábolas e proposições.

**5** [3] "Quantas coisas ouvimos e aprendemos e relataram-nos nossos pais". Mais acima era o Senhor quem falava. Pois, de quem acreditamos serem as palavras: "Escutai, ó meu povo, a minha lei?" Por que é, pois, que agora de repente fala um homem? Pois são palavras de um homem: "Quantas coisas ouvimos e aprendemos e relataram-nos nossos pais". Com efeito, Deus haveria de falar pelo ministério humano, conforme se exprime o Apóstolo: "Pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim"? (2Cor 13,3). Em primeiro lugar quis se manifestar por palavras, a fim de que, falando as palavras de Deus, o homem não fosse desprezado enquanto homem. Assim acontece com as palavras de Deus, que nos são transmitidas pelos sentidos de nosso corpo. O Criador move a criatura que lhe é sujeita, de maneira invisível. Não quero dizer que sua substância se converta em algo de corporal e temporal, como se fosse por sinal corporal e temporal, quer sejam os que atingem os olhos, ou os ouvidos, que faz conhecida sua vontade, na medida que os nomes podem captá-la. O anjo pode utilizar o éter, o ar, a nuvem, o fogo e qualquer outra natureza ou figura corporal. O homem usa do rosto, da língua, da mão, da pena, das letras e de outros sinais para represen-tar os segredos de sua mente. Finalmente, como é homem, envia mensageiros, outros homens, e diz a um: "Vai! e ele vai; e a outro: Vem! e ele vem; e a seu servo: Faze isto! e ele o faz" (Lc 7,8). Com quanto maior poder e mais eficazmente Deus, a cujo domínio tudo se acha sujeito, utilizará um anjo ou um homem para anunciar o que lhe agrada! Embora, portanto, um homem possa dizer: "Quantas coisas ouvimos e aprendemos e relataram-nos nossos pais", ouçamos como sendo palavras de Deus e não como fábulas humanas. Foi por isso que precederam as palavras: "Escutai, ó meu povo, a minha lei. Inclinai o ouvido às palavras de minha boca. Falarei de proposições desde o início. Quantas coisas ouvimos e aprendemos e relataram-nos nossos pais. Ouvimos e aprendemos equivale a: "Ouve, filha, vê" (Sl 44,11). Pois, foram ouvidas no Antigo Testamento e conhecidas em o Novo; ouvidas quando eram profetizadas, conhecidas quando cumpridas. Não se engana a audição quando se cumpre a promessa. "E nossos pais". Moisés e os profetas, "nos relataram".

**6** [4] "Não as ocultaram a seus filhos, à nova geração". Trata-se de nossa geração, à qual foi dada a regeneração. "Publicando os louvores do Senhor, o seu poder e as mara-vilhas que operou". A ordem das palavras é a seguinte: "Relataram-nos nossos pais, publicando os louvores do Senhor". O Senhor é louvado para que seja amado. Que amor seria mais salutar?

**7** [5] "Estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel". Aí temos o início acima mencinado: "Falarei de proposições desde o início". Início é, portanto, o

Antigo Testamento, e fim o Novo. Pois, o temor prevalece na lei: “O começo da sabedoria é o temor do Senhor” (Sl 110,10). “O fim, porém, da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Por seu dom “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5); o perfeito amor lança fora o temor (1Jo 4,18), porque agora, independentemente da Lei, se manifestou a justiça de Deus (Rm 3,21), testemunhada pela Lei e pelos profetas. Por isso, estabeleceu um testemunho em Jacó e instituiu uma lei em Israel”. Aquele tabernáculo constituído de maneira tão insigne e repleta de sentido denomina-se tabernáculo do testemunho, onde havia um véu diante da arca da Lei, do mesmo modo que foi posto um véu sobre o rosto do ministro da Lei (cf Ex 40,2). Isto constituía no plano de Deus parábolas e proposições. Com efeito, tudo o que era anunciado e realizado, continha significados velados, e não se via como revelação clara. Afirma o Apóstolo: “É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai” (2Cor 3,13.16). “Todas as promessas de Deus encontrara nele o seu sim; por isto, é por ele que dizemos: Amém” (2Cor 1,20). Todo aquele, portanto, que adere a Cristo, possui todo bem, mesmo o que não entende sob a letra da Lei; quanto ao que de Cristo se afasta, nem entende nem tem. Por isso, “estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel”. O salmista repete, como lhe é habitual. Pois: “Estabeleceu um testemunho equivale a: instituiu uma lei; e em Jacó” é equivalente a: “em Israel”. Com efeito, estes dois nomes pertencem a um só homem; assim também Lei e testemunho são dois nomes de uma só realidade. Dirá alguém: Há diferença entre: “estabeleceu e instituiu”. Sim; do mesmo modo que há pequena diferença entre “Jacó e Israel”. De fato, não eram dois homens, mas os dois nomes foram impostos a um só homem por diversos motivos. Jacó, por causa da suplantação, pois ao nascer segurou o pé do irmão; Israel, porém, por causa da visão de Deus (cf Gn 25,25; 32,28). Assim diferem: “estabeleceu e instituiu”. Diz o salmista: “estabeleceu um testemunho”, a meu ver, porque ele estabeleceu alguma coisa. Declara o Apóstolo: “Sem a Lei, o pecado está morto. Outrora eu vivia sem Lei; mas sobrevindo o preceito o pecado reviveu”. Eis o que foi estabelecido pelo testemunho, pela Lei, de sorte que apareceu o que estava oculto, conforme o Apóstolo afirma mais adiante: “Mas foi o pecado que, para se revelar pecado, produziu em mim a morte através do que é bom” (Rm 7,8.9.13). “Instituiu uma Lei”, um jugo para os pecadores; daí dizer: “A Lei não é destinada ao justo” (1Tm 1,9). É testemunho, portanto, enquanto demonstra alguma coisa; Lei, porém, enquanto ordena, embora seja uma só e mesma realidade. Da mesma forma, Cristo é uma pedra; mas para os fiéis é pedra angular (cf Sl 117,22), para os que não crêem, pedra de tropeço, pedra de escândalo. Assim o testemunho da Lei é para os que seguem a Lei, mas não legitimamente. É testemunho enquanto convence os pecadores de que devem ser punidos; para os que legitimamente se submetem à Lei, o testemunho demonstra a quem devem os pecadores pedir refúgio para serem libertados. Pois, é em seu favor a “justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos profetas” (Rm 3,21), que justifica o ímpio; alguns “desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3).

**8** 5-8 “Quantas coisas mandou a nossos pais para que as transmitissem a seus filhos; a fim de que a nova geração as conhecesse e os filhos que dela nascessem se levantassem e contassem a seus filhos. Assim poriam em Deus a sua confiança, não se esqueceriam de suas obras e observariam os seus mandamentos. A fim de não serem como seus pais, uma geração má e provocadora; geração que não tem o coração reto, nem seu espírito foi fiel a Deus”. Tais palavras indicam dois povos: um pertencente ao Antigo Testamento e outro ao Novo Testamento. Pois, com as palavras: “Quantas coisas mandou a nosso pais, para que as transmitissem a seus filhos”, assevera que eles receberam mandamentos: “para que as transmitissem a seus filhos”, mas não que eles os conheceram ou praticaram, “a fim de que a nova geração as conhecesse”, o que a primeira não conheceu. “Os filhos que dela nascessem se levantassem”. Pois, aqueles que nasceram não se levantaram, porque não tinham o coração ao alto, mas antes sobre a terra. É de fato com Cristo que se ressuscita; daí vem a palavra: “Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto (Cl 3,1). E contassem a seus filhos. Assim poriam em Deus a sua confiança”. Assim os justos não querem estabelecer a sua própria justiça, mas expõem a Deus o seu caminho; confiam nele para que ele possa agir (cf Sl 36,5). “E não se esqueceriam das obras de Deus”, a saber, exaltando suas próprias obras e gabando-se delas, como se proviessem deles mesmos, quando é Deus quem opera neles o bem que eles fazem, e lhes dá o querer e o agir, segundo a sua vontade (cf Fl 2,13). “E procurariam os seus mandamentos”. Se já haviam aprendido os mandamentos, como os procurariam? “Quantas coisas mandou a nossos pais, para que as transmitissem a seus filhos; a fim de que a nova geração conhecesse”. O quê? Certamente os preceitos que ordenou. Como, portanto, ainda procuram senão pondo em Deus a sua esperança e então busquem observar seus mandamentos e os cumpram, com o auxílio do mesmo Deus? “A fim de não serem como seus pais, geração má e provocadora, que não tem o coração reto”. E profere qual a razão disso, acrescentando imediatamente: “Nem seu espírito foi fiel a Deus”, isto é, não tinha a fé que impetra o que a lei ordena. Pois, quando o espírito do homem coopera com a operação do Espírito de Deus, Deus realiza o que ordena; e isto não se faz senão pela fé naquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Não possuiu tal fé a geração má e provocadora, e por isso foi dito a seu respeito: “Nem seu espírito foi fiel a Deus”. Isto foi dito de maneira muito mais clara a respeito da graça de Deus, que não só opera a remissão dos pecados, mas ainda faz com que o espírito do homem coopere nas boas obras. Seria como se dissesse: Seu espírito não acreditou em Deus. Ter o espírito fiel a Deus é não acreditar que seu espírito possa praticar a justiça sem o auxílio de Deus, mas só com a sua graça. Isto se chama acreditar em Deus, o que é mais do que confiar em Deus. Pois, muitas vezes se deve dar crédito a um homem, embora não se deva nele acreditar. Crer em Deus é aderir com fé a Deus que opera o bem, para cooperar neste mesmo bem. “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Que teria o Apóstolo podido acrescentar a isto, depois de ter dito: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”? (1Cor 6,17). Aliás, a Lei é um testemunho pelo qual o réu não é absolvido, mas condenado. A letra é ameaçadora e convence de mal os prevaricadores; ela não é o espírito que ajuda a livrar e justificar os pecadores.

Aquela geração, portanto, de cujo exemplo devemos nos precaver, foi má e provocadora, porque “seu espírito não foi fiel a Deus”. Embora tenha confiado algum tanto em Deus, contudo não acreditou em Deus; não aderiu a Deus pela fé, a fim de que, depois de curada por Deus, cooperasse bem com Deus que nela obrava.

**9** [9] Finalmente: “Os filhos de Efraim, hábeis em armar e disparar os arcos, retrocederam no dia do combate”. Empenhados em observar a lei da justiça, não chegaram a esta lei da justiça. Por quê? Porque não vinha da fé seu esforço. Pois, era uma geração, cujo espírito não era fiel a Deus, mas confiava de certo modo em suas obras. Se armou e disparou o arco (que é visível exteriormente, figurando as obras da Lei), não fez o mesmo para tornar reto o coração, onde o justo vive da fé, que opera pela caridade, a qual faz com que o homem adira a Deus. Ela também produz no homem o querer e o obrar, segundo a sua vontade. Pois, que significa tender o arco e o lançar, e retroceder no dia do combate, a não ser atender e prometer no dia em que se escuta e abandonar no dia da tentação? Exercitar-se nas armas, e na hora do combate não querer lutar? Quanto ao que, de fato, o salmista disse: “armar e disparar os arcos”, quando parece que devia ter dito: armar o arco e disparar as flechas (efetivamente, não se lança o arco, mas com o arco se projetam as flechas), ou se trata da expressão sobre a qual dissertamos acima, no versículo: “Estabeleceu um testemunho”, porque estabeleceu algo através do testemunho: assim também aqui: “disparar arcos” porque alguma coisa foi lançada por meio dos arcos, ou então a ordem das palavras é obscura, e ainda mais com a omissão de uma palavra que se deve subentender, de tal forma que a ordem seria: “Os filhos de Efraim, hábeis em armar os arcos e disparar” (subentendem-se: as flechas). Mais completo seria: Tender os arcos e disparar as flechas. Pois, se tivesse dito: Tender e disparar as flechas, certamente não deveríamos entender: armar as flechas, mas tendo ouvido dizer: tender, entenderíamos antes: arco, embora não tivesse sido dito. Alguns códices gregos trazem, no dizer de alguns: armar e disparar os arcos; mas sem dúvida devemos subentender: flechas. Se o salmista quis representar por filhos de Efraim toda aquela geração provocadora, é uma locução que pela parte significa o todo. Talvez tenha sido escolhida esta parte, com a qual todo aquele povo era representado, porque deles principalmente devia se esperar algo de bom. Eles nasceram de Efraim, que seu avô Jacó, embora seu pai José o tivesse colocado à esquerda por ser o menor, abençoou com a mão direita, e o preferiu ao irmão mais velho, por meio de uma bênção misteriosa (Gn 48,14). Se, nesta passagem aquela tribo é acusada, e mostra-se que nela não apareceu a realização da promessa contida naquela bênção, entendamos bem que as palavras do patriarca Jacó então figurava coisa bem diferente do que podia esperar a prudência carnal. Estava figurado que os últimos haveriam de ser os primeiros, e os primeiros seriam os últimos (cf Mt 20,16), através da vinda do Salvador, do qual foi dito: “Aquele que vem depois de mim, existia antes de mim” (Jo 1,27.30). Assim o justo Abel foi anteposto a seu irmão mais velho (Gn 4,4.5), assim a Ismael Isaac (Gn 21,12), assim Jacó foi prefrido a seu gêmeo. Esau, que contudo nasceu primeiro (Gn 25,23); assim Farés a seu irmão gêmeo, que primeiro tirara a mão do útero materno e começara a nascer, também precedeu no

nascimento (Gn 28,27-29); assim Davi foi preferido a seus irmãos mais velhos (1Rs 16,12). Como estas parábolas todas e outras semelhantes, não só por palavras, mas também por fatos, foram propostas antes, assim o povo cristão foi preferido ao povo judaico. Para sua redenção, Cristo foi morto pelos judeus, como Caim matou Abel (cf Gn 4,8). Isto também foi prefigurado quando Jacó estendeu as mãos cruzadas, e tocou com a direita Efraim colocado a sua esquerda. Preferiu-o a Manassés, colocado à direita, tocando-o com a esquerda. Pois, segundo a carne, “os filhos de Efraim, hábeis em armar e disparar os arcos, retrocederam no dia do combate”.

**10** [10] Os versículos seguintes instruem a respeito do sentido do versículo: “Retrocederam no dia do combate”. Expõem-no com toda clareza: “Não guardaram a aliança de Deus, recusaram observar a sua lei”. Eis o que significa: “Retrocederam no dia do combate”, não observaram a aliança de Deus. Os que tendiam o arco e disparavam, proferiram também com a maior prontidão as palavras da promessa: “Tudo o que o Senhor nosso Deus disse, nós o faremos” (Ex 19,8). “Retrocederam no dia do combate”, porque comprova a promessa de obediência a tentação, não apenas a audição. Aquele, porém, cujo espírito confia em Deus, Deus o mantém na fidelidade, não permitindo que seja tentado mais do que ele pode suportar, mas com a tentação dará os meios de sair dela e a força para sus-tentá-la (cf 1Cor 10,13), para que não retroceda no dia do combate. Quem se gloria em si mesmo, e não em Deus, por mais que se gabar da promessa, de seu valor, como se armasse o arco e o disparasse, retrocede no dia do combate. Quem não tem o espírito fiel a Deus, também o Espírito de Deus não está com ele, e conforme está escrito: “Não acredita, por isso não será protegido” (Eclo 2,13). Quanto a ter dito: “Não guardaram a aliança de Deus” e acrescentado: “recusaram observar a sua lei”, é repetição da sentença anterior, com alguma explicitação. Denominou: “sua lei” ao que designara sob o termo: “aliança de Deus”; a expressão: “não guardaram” foi repetida com: “recusaram observar”. Mas como se poderia falar mais brevemente: E não observaram a Lei, parece-me que o salmista quis que procurássemos algo sob este modo de se expressar, pois preferiu dizer: não quiseram, “recusaram observar” a: não observaram. Poder-se-ia pensar que bastam as obras da lei para a justificação, pois as coisas que são preceituadas são observadas exteriormente pelos homens que preferem não lhes seja ordenado o que não fazem espontaneamente, apesar de fazê-las; deste modo, parecem observar a lei de Deus, mas não querem observar, pois não a praticam de coração. De forma alguma se faz de coração o que se pratica por medo do castigo e não por amor da justiça. Pois, relativamente a atos exteriores, tanto os que não amam a justiça e os que temem o castigo não roubam; por conseguinte, são iguais no uso das mãos e desiguais no coração; iguais nas obras, desiguais na vontade. Por isso, eles assim foram apontados: “Geração que não tem coração reto”. Não se disse: obras, e sim: “coração”. Pois, se o coração é reto, retas são as obras; se, porém, o coração não é reto, não são retas as obras, em-bora pareçam ser. Suficientemente mostrou o salmista porque a geração má não tem reto o coração, ao dizer: “nem seu espírito foi fiel a Deus”. Efetivamente, Deus é reto; em conseqüência, o

coração do homem, que em si foi perverso, pode tornar-se reto aderindo àquele que é reto, uma regra imutável. Deve o homem aproximar-se dele, não com os pés, mas com a fé, a fim de estar com ele o seu coração, e desta maneira, ser reto. Por isso, a epístola aos Hebreus se refere a esta geração má e provocadora nesses termos: "A palavra que ouviram, contudo, de nada lhes aproveitou, por não se unirem pela fé àqueles que a tinham ouvido" (Hb 4,2). A vontade, portanto, que procede de um coração reto, é preparada pelo Senhor, mas precedida pela fé, que dá acesso ao Deus reto. Assim se torna reto o coração. Esta fé, que é despertada por prévia misericórdia de Deus, é suscitada através da obediência. O coração começa a aderir a Deus, para ser dirigido; e quanto mais é dirigido tanto mais vê o que não via, e pode fazer o que não podia. Não foi assim que agiu Simão, a quem disse o apóstolo Pedro: "Nesta questão, não tens parte nem herança, porque o teu coração não é reto diante de Deus" (At 8,21). Ele mostra aí que não é possível ser reto sem Deus, a fim de que os homens comecem a observar a lei, não como escravos, por medo, mas andar segundo a lei como filhos, voluntariamente. Os outros não quiseram observá-la assim, e ficaram sob a lei. O temor não desperta tal vontade, e sim a caridade, que é difundida em nossos corações fiéis pelo Espírito Santo (cf Rm 5,5). A eles se diz: "Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criadas em Cristo Jesus para as boas obras, que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos" (Ef 2,8-10). Não como estes que "recusaram observar a sua lei", não acreditando nele, nem manifestando-lhes seus caminhos e confiando nele para ele mesmo agir.

**11** [1.12] "Esqueceram-se de seus benefícios e das maravilhas que lhes mostrara. Na presença de seus pais operou maravilhas". Qual o sentido disto não é uma questão desprezível. Pouco acima havia dito que os próprios pais constiuíam uma geração má e provocadora. "A fim de não serem como seus pais, uma geração má e provocadora, que não tem o coração reto", e as demais observações acerca da mesma geração. O salmista preceitua à nova geração que se acautele de imitá-la. "Assim poriam em Deus a sua confiança, não se esqueceriam das obras de Deus, e procurariam os seus mandamentos". Acerca disso já dissertamos suficientemente, dando nosso parecer. Por que motivo, então, ao se referir à mesma geração má, mostrando como "esqueceram-se de seus benefícios e das maravilhas que lhes mostrara", acrescentou o salmista: "Na presença de seus pais operou maravilhas". Que pais são estes, se não quer o salmista que os seus descendentes lhes sejam semelhantes? Se tomamos na acepção de serem aqueles dos quais nasceram estes últimos, como Abraão, Isaac e Jacó, eles já haviam adormecido havia muito quando Deus mostrou maravilhas no Egito. Pois, continua o salmo: "Na terra do Egito, no campo de Tânis", dizendo que aí Deus mostrou-lhes maravilhas, na presença de seus pais. Por acaso estavam presentes em espírito, porque o Senhor no evangelho fala a respeito deles: "Todos, com efeito, vivem para ele"? (Lc 20,38). Ou entendemos serem pais acomodaticiamente Moisés, Aarão e outros anciãos mencionados na Escritura, que diz terem eles recebido o mesmo espírito que Moisés, para ajudá-lo no

governo e no atendimento do mesmo povo? Por que, então, não seriam denominados pais? Não seriam como Deus Pai, o único que regenera pelo seu Espírito aqueles que ele transforma em filhos, para obterem a herança eterna, mas como título honorífico, em vista da idade e do cuidado da piedade filial, conforme dizia Paulo, já ancião: "Não vos escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como a filhos bem-amados" (1Cor 4,14-15). Ele sabia, efetivamente, que o Senhor dissera: "A ninguém na terra chameis pai, pois um só é o vosso Pai, Deus" (Mt 23,9). Ele não se exprimiu assim para que se retirasse este vocábulo honroso do modo humano de falar, mas para que não se atribuísse a graça de Deus, que nos regenera para a vida eterna, à natureza, ou ao poder, ou mesmo à santidade de alguém. Por isso, ao declarar: "Eu vos gerei", disse antes: "em Cristo e pelo evangelho", a fim de que não se pensasse que era dele o que vinha de Deus.

**12** Por conseguinte, aquela "geração má e provocadora" consta daqueles "que se esqueceram de seus benefícios e das maravilhas que lhes mostrara. Na presença de seus pais operou maravilhas, na terra do Egito, do campo de Tânis". E começou a narrar as lembranças daquelas maravilhas. Se elas constituem parábolas e proposições, de fato devem ser relacionadas a alguma comparação. Não devemos desviar nossa atenção daquilo que o salmo se propõe demonstrar. O fruto a retirar das coisas que foram ditas, e a razão do aviso a ouvirmos atentamente as palavras de Deus: "Escutai, ó meu povo, a minha lei. Incli-nai o ouvido às palavras de minha boca", estão em pormos em Deus a nossa esperança, não nos esquecermos das obras de Deus, e procurarmos seus mandamentos; não nos tornemos, como seus pais, uma geração má e pro-vocadora; geração que não tem o coração reto, nem seu espírito foi fiel a Deus. A isto, portanto, essas coisas devem se referir. Tudo o que essas ações figuradamente significam pode-se realizar espiritualmente no homem; pela graça de Deus se são coisas boas, por juízo de Deus se são más, como aqueles eventos bons se realizaram nos israe-litas e os infelizes se deram neles mesmos e em seus inimigos. Não nos tornaremos como seus pais, geração má e provocadora se não nos esquecermos destes fatos, mas poremos em Deus nossa esperança, e não formos ingratos a sua graça; se o temermos sem temor servil, que só tem medo dos males corporais, mas com temor casto, que permanece pelos séculos dos séculos. Este temor considera grande castigo ser privado da luz da justiça. A terra do Egito, portanto, figura o mundo presente. Campo de Tânis é a planície do humilde mandamento. Pois, Tânis significa mandamento humilde. Neste mundo, portanto, acolhamos o mandamento humilde, a fim de que mereçamos receber no outro a exaltação prometida por quem se fez humilde por nossa causa.[1]

**13** [13-16] Pois, aquele que "dividiu o mar para abrir-lhes passagem, e represou as águas como num odre", de tal forma que as ondas parassem como se estivessem represadas, pode por sua graça conter as concupiscências carnais, fluidas e escorregadias, quando o povo fiel renuncia a este mundo; seus pecados todos (seus inimigos) são apagados. Assim, pelo sacramento do batismo, o povo atravessa o mar. Quem "os guiou de dia por uma nuvem e de noite com um clarão de fogo" pode também espiritualmente guiar no

caminho, se a fé clamar por ele: “Dirige os meus passos segundo a tua palavra” (Sl 118,133). Acerca disso encontra-se em outra passagem: “Aplainará o trilho sob os teus passos, e dirigirá na paz todos os teus caminhos” (Pr 4,26), por Jesus Cristo nosso Senhor. Seu mistério se manifestou neste mundo, como que de dia, através da carne, qual nuvem; no juízo, porém, como aparecerá num terror noturno, porque haverá então grande tribulação, qual fogo, que brilhará para os justos e queimará os injustos. Ele “fendeu o rochedo no deserto e deu-lhes de beber em mananciais. Da pedra fez jorrar água, que correu como um rio”, e pode, de fato, fazer jorrar da rocha espiritual que os seguia, quer dizer, Cristo, para os fiéis sedentos o dom do Espírito Santo, que é o sentido espiritual daquele acontecimento (cf 1Cor 10,4). Jesus, de pé, disse em alta voz: “Se alguém tem sede, venha a mim” E: “Quem beber da água que eu lhe darei, de seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37; 4,14; 7,38). “Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem” (Jb, 39). O lenho da paixão tocou a Cristo, qual vara, a fim de que manasse a graça para os fiéis.

**14** [17] E, no entanto, eles, qual “geração má e provocadora, continuaram a pecar contra ele”, isto é, a não acreditar. Este é o pecado, de que o Espírito argue o mundo, conforme se exprime o Senhor: “Do pecado, porque não crêem em mim” (Jo 16,9). “E a se revoltar contra Deus no deserto”; alguns códices trazem: “na terra árida”. Em grego é mais claro, e significa: seca. Seria a seca no deserto, ou antes a aridez em si mesmos? Apesar de beberem da água que brotara da rocha, haviam secado não as entranhas, mas as mentes, que não verdejavam com a fertilidade da justiça. Durante esta seca deviam com maior fidelidade suplicar a Deus que, assim como os saciara corporalmente, desse-lhes costumes justos. A Deus clama a alma fiel: “Meus olhos vejam a eqüidade” (Sl 16,5).

**15** [18-20] “E tentaram a Deus nos seus corações, pedindo-lhe iguarias para suas almas”. Uma coisa é pedir com fé e outra pedir para tentar. Por isso, continua o salmista: “Falaram contra Deus: Deus será capaz de nos preparar a mesa no deserto? Ele feriu o rochedo e romperam as águas e fluíram torrentes. Mas poderia dar-nos pão e preparar a mesa para seu povo?” Como não acreditavam, pediram alimento para suas almas. Não foi assim que o apóstolo S. Tiago mandou pedir o alimento do espírito; mas admoesta a pedi-lo com fé e não tentando a Deus ou falando dele maldosamente: “Se alguém dentre vós tem falta de sabedoria, peça a Deus, que a concede generosamente a todos, sem recriminações, e ela ser-lhe-á dada, contanto que peça com fé, sem duvidar” (Tg 5.6). Não possuía tal fé aquela geração que não tinha coração reto, nem seu espírito era fiel a Deus.

**16** [21] “Mas o Senhor ouviu e aguardou. Acendeu-se o fogo contra Jacó e inflamou-se a ira contra Israel”. O salmo expõe a qual fogo aludia. Deu à ira o nome de fogo, embora tenha mesmo um fogo queimado a muitos. Por que razão se diz: “O Senhor ouviu e aguardou?” Teria diferido a sua introdução na terra prometida, para onde eram conduzidos, pois em poucos dias teria podido realizá-la, mas por causa de seus pecacos

eles deviam ser triturados no deserto, onde de fato o foram por quarenta anos? Se assim é, ele diferiu, relativamente ao povo, não propriamente aqueles que, tentando a Deus, falaram contra eles; pois todos estes pereceram no deserto, e foram seus filhos que entraram na terra prometida. Ou teria aguardado momento para o castigo, de tal modo que primeiro saciou a concupiscência do povo infiel, a fim de que não se pensasse que ele se irritou por não poder atender ao pedido daquele povo, apesar de ser tentador e detrator? "Ouviu", portanto, "e aguardou" para se vingar. Depois, realizando aquilo que se pensara ele não pudesse fazer. "inflamou-se a ira contra Israel".

**17** [23-31] Enfim, brevemente expostos um e outro ponto, daqui em diante prossegue claramente a narração. "Porque não creram em Deus, nem esperaram dele a salvação". Pois, tendo dito a razão por que o fogo acendeu-se contra Jacó e inflamou-se a ira contra Israel, a saber, "porque não creram em Deus, nem esperaram dele a salvação", imediatamente acrescenta como foram ingratos diante de benefícios evidentes: "Do alto deu ordem às nuvens e abriu as portas do céu. Para nutri-los fez chover o maná e deu-lhes um pão do céu. O homem comeu o pão dos anjos.[2] Enviou-lhes manjares abundantes. Fez soprar no céu o vento do sul e por seu poder levantou o vento da África. Sobre eles fez chover carne como pó e aves como areia do mar. Caíram em seu acampamento, ao redor de suas tendas. Eles comeram e fartaram-se; satisfez-lhes o desejo e não foram frustrados". Eis por que aguardara. Ouçamos o que aguardara: "Estando ainda a comida em sua boca, desencadeou-se contra eles a ira de Deus". Eis o que ele adiara. Pois, primeiro "aguardou" e depois "acendeu-se o fogo contra Jacó e inflamou-se a ira contra Israel". Por conseguinte, adiara, para fazer primeiro o que eles haviam acreditado não lhe ser possível fazer, em seguida infligir-lhe o mal que deviam sofrer. Pois, se houvessem depositado em Deus a sua esperança, ele saciaria não somente seus desejos carnais, mas também os do espírito. Aquele, de fato, que "do alto deu ordens às nuvens e abriu as portas do céu, para nutri-los fez chover o maná e deu-lhes um pão do céu", a fim de que "o homem comesse o pão dos anjos, e que lhes enviou manjares abundantes" para saciar os incrédulos, não é incapaz de dar aos fiéis o verdadeiro pão do céu que o maná figurava. Ele é verdadeiramente o alimento dos anjos. O Verbo de Deus os alimenta de maneira incorruptível, pois eles são incorruptíveis. A fim de que o homem comesse este pão, o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf Jo 1,14). É o mesmo pão que as nuvens do evangelho fazem chover em todo orbe. Abrem-se os corações dos pregadores, quais portas celestes, e o anunciam não à sinagoga que murmura e tenta, mas à Igreja que acredita e nele coloca sua esperança. Aquele que "fez soprar no céu o vento do Sul e por seu poder levantou o vento da África, e fez chover sobre eles carne como pó e aves como areia do mar; e caíram em seu acampamento, ao redor de suas tendas; eles comeram e fartaram-se; satisfez-lhes o desejo e não foram frustrados" pode de carne alimentar também os que não o tentam, mas com fé vacilante nele acreditam, emitindo palavras que atravessam o ar, como aves. Elas não provêm do norte, onde prevalecem o frio e a névoa, isto é, eloqüência aprazível ao mundo, mas quando sopra no céu o vento sul. Para onde, senão para a terra? Deste modo os

pequeninos na fé, ouvindo palavras terrestres, são nutridos de maneira a captar as celestes. “Se não acreditais quando vos falo das coisas da terra, como acreditareis quando vos falar das coisas do céu”? (Jo 3,12). O Apóstolo de certo modo fora transladado do céu, aonde seu espírito fora arrebatado para junto de Deus, a fim de governar aqueles aos quais dizia: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). Pois, ali ouvira palavras inefáveis, que não é lícito repetir na terra, por sons perceptíveis (cf 2Cor 12,4), como se fossem “seres alados. Por seu poder levantou o vento da África”, isto é, levantou ventos do meio-dia, os espíritos brilhantes e ardentes dos pregadores, e isto “por seu poder”, a fim de que o vento da África não atribua a si mesmo aquilo que recebeu de Deus. Aliás, esses ventos alcançam os homens e trazem-lhes as palavras enviadas por Deus a fim de que em seu lugar e em torno de suas próprias tendas, cada qual apanhe “as aves”, e prostrem-se diante do Senhor, em seu próprio lugar, todas as ilhas das nações (cf Sf 2,11).

**18** Mas, quanto aos infiéis, geração má e provocadora, estando ainda a comida em sua boca, “desencadeou-se contra eles a ira de Deus e matou a muitos deles”. Muitos deles, ou conforme alguns códices: “os mais robustos dentre eles”. Não encontramos isto, contudo, em alguns códi-ces gregos que temos em nosso poder. Mas se esta forma for a genuína, que entenderemos por: “os mais robustos dentre eles”, senão os que se exaltam com orgulho, acerca dos quais foi dito: “Sua iniqüidade brotará de sua abundância”? (Sl 72,7). “E prostrou o escol de Israel”. Existiam ali também eleitos, cuja fé não era diminuída pela geração má e provocadora. Foram impedidos, porém, de beneficiarem àqueles que desejavam atender com afeição paterna. Que pode dar a misericórdia humana àqueles contra os quais Deus está irado? Ou o salmista quis dizer que os eleitos estavam presos com eles, de tal sorte que os que se distinguiam pelo espírito e pela vida, suportavam os mesmos males, não somente para servirem de modelo de justiça, mas ainda de paciência? Pois, estamos cientes de que os santos foram levados ao cativeiro com os pecadores não por outro motivo, certamente, senão este, porque nos códices gregos não se encontra enepódisan que significa estar preso, mas lemos sounepódisem que seria antes estar preso em companhia de outros.

**19** [32.22] Mas, “geração má e provocadora, apesar disto persistiram em pecar e não acreditaram em suas maravilhas. Seus dias passaram como um sopro”, ao passo que poderiam, se acreditassem, ter dias transcorridos numa verdade indefectível junto daquele a respeito do qual foi dito: “Teus anos não terminam” (Sl 101,28). “Seus dias passaram como um sopro. E rapidamente os seus anos diminuíram”. Com efeito, toda vida dos mortais é rápida, e a que parece mais longa dura pouco mais do que um sopro.

**20** [34.35] Efetivamente, “quando os extinguia, eles o procuravam”, não por terem em vista a vida eterna, mas pelo medo de acabarem mais depressa do que um sopro. Procuravam-no, portanto, não, porém, aqueles que ele extinguira, mas os que, vendo seu exemplo, tinham medo de morrer. A Escritura se refere a eles de tal modo que parece terem procurado a Deus os que eram mortos, porque o povo era um só, e trata-se de um

só corpo. “Convertiam-se e de manhã se voltavam para Deus. Lembravam-se de que Deus era o seu auxílio e o Deus Altíssimo o seu redentor”. Mas tudo isto visava à aquisição de bens temporais e à fuga de males temporais. De fato, os que procuravam a Deus tendo em mira benefícios terrenos, na verdade não procuravam a Deus, mas ambicionavam aqueles benefícios. Assim cultuavam a Deus por temor servil, e não por amor liberal. Não é deste modo que se cultua a Deus; cultua-se a quem se ama. Daí se conclui que Deus é maior e melhor do que todas as coisas e por isto há de ser amado acima de tudo para ser devidamente adorado.

**21** 36.37 Finalmente vejamos a continuação do salmo: “Amavam-no de palavras e mentiam com a língua. Seus corações não eram sinceros, nem se mostraram fiéis à aliança com Deus”. Deus encontrava uma coisa na língua deles e outra em seu coração, porque o íntimo do homem é descoberto para ele, e vê sem dificuldade o que mais ama o homem. Com efeito, o coração é sincero para com Deus quando procura a Deus por causa dele mesmo. Na verdade, pediu ao Senhor uma só coisa e a procurou: habitar na casa do Senhor sempre, para contemplar as delícias do Senhor (cf Sl 26,4). O coração dos fiéis lhe diz: Saciar-me-ei, mas não com as panelas de carne dos egípcios, nem com os melões, pepinos, alhos e cebolas, que uma geração má e provocadora preferia até mesmo ao pão do céu, nem com o maná visível e aves (cf Ex 16,3; Nm 11,5); mas serei saciado ao se manifestar a tua glória (cf Sl 16,15). Tal é a herança do Novo Testamento, que aqueles fiéis não tiveram. Esta fé, contudo, era então velada nos escolhidos, e agora, já revelada, encontra-se em não muitos chamados: “Com efeito, muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22,14). Assim era a geração má e provocadora, mesmo quando parecia procurar a Deus, pois o amava de boca, mentindo com a língua; seu coração não era reto diante de Deus, amando de preferência os bens, em vista dos quais procurava o auxílio de Deus.

**22** 38.39 “Mas ele, misericordioso, perdoará seu pecado e não os exterminará. Não se cansará de reter a sua cólera, nem se entregará inteiramente à ira. Recordou-se de que eles eram carne; sopro que passa e não volta”. Diante dessas palavras, muitos prometem a si mesmos a impunidade, devido à misericórdia divina, apesar de continuarem a ser tal como está descrita à “geração má e provocadora, que não tem o coração reto, nem seu espírito foi fiel a Deus”. Não é lícito concordar com eles. Se, portanto, para falar como eles, Deus talvez não condene nem os maus, sem dúvida não condenará os bons. Então, por que não preferimos tomar o partido que não oferece dúvida alguma? Pois, aqueles que mentem com sua língua, tendo outro desígnio no coração, julgam, de fato, e querem, quando são ameaçados com as penas eternas, que Deus esteja mentindo. Mas, enquanto eles não o enganam ao mentir, ele também não engana ao falar a verdade. Estas palavras, portanto, da Sagrada Escritura não sejam deturpadas, como perverso é o coração da geração má que se lisonjeia com elas. Este coração se deprava, mas elas continuam retas. Em primeiro lugar, elas podem ser entendidas de acordo com o que está escrito no evangelho: “Deste modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus, e cair a chuva sobre justos e

injustos" (Mt 5,45). Quem não vê com quanta misericórdia e paciência Deus poupa os maus! mas antes do juízo. Assim, portanto, poupou o povo hebraico, não permitindo que toda a sua ira se inflamasse para completamente o exterminar e eliminar. Evidencia-se isto nas palavras e na intercessão em favor deles da parte de Moisés, servo de Deus, a quem Deus responde: Eu os consumirei "e farei de ti uma grande nação" (Ex 32,10). Moisés intercede, disposto a perecer em lugar deles, sabendo que tratava com um Deus misericordioso, que de modo algum haveria de exterminá-los, embora os poupasse em consideração a ele. Vejamos, pois, quanto poupou, e ainda poupa. Pois, introduziu-os na terra da promissão, e manteve aquele povo até que, pela morte de Cristo, cometesse o maior dos crimes. Tendo-os tirado daquele reino, dispersou-os por todos os povos. Não os exterminou, mas o mesmo povo permanece, preservado em sua prole, como Caim que recebeu um sinal, a fim de que ninguém o matasse, isto é, perecesse inteiramente (cf Gn 4,15). Eis como se cumpriu o que foi dito: "Mas ele, misericordioso, perdoará seu pecado e não os exterminará. Não se cansará de reter a sua cólera, nem se entregará inteiramente à ira". Se ele quisesse inflamar sua cólera até o ponto que eles mereciam, ninguém restaria daquele povo. Assim Deus, cuja misericórdia e justiça são cantadas (cf Sl 100,1), neste mundo "faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus", e no fim do mundo, pelo juízo, pune os maus, que retira da luz eterna, nas trevas eternas.

**23** Em seguida, para não parecermos forçar o sentido das palavras, em vez do que foi dito: "Não os exterminará", digamos nós: Mas depois, os exterminará. A propósito do que está dito neste salmo, notemos a expressão muito usada na Sagrada Escritura, de sorte a resolver esta questão mais apurada e verdadeiramente. Sem dúvida, o salmo se refere a isto pouco mais adiante, ao lembrar o que os egípcios sofreram por causa dos hebreus, descrevendo a última praga: "Feriu todos os primogênitos na região do Egito, as primícias de todo o seu trabalho nas tendas de Cam. Retirou seu povo como ovelhas e conduziu-o qual rebanho pelo deserto. Dirigiu-os cheios de confiança sem temor e no mar sepultou seus inimigos. Guiou-os até o monte santo, monte que sua direita conquistou. E expulsou diante deles as nações. Distribuiu-lhes por sorte a terra como herança". Se alguém levantar uma questão diante destas palavras, dizendo-nos: Como é que o salmista afirma que tudo isso lhes foi concedido, se não foram levados à terra da promissão aqueles que foram libertados do Egito, porque morreram no deserto? Que responderemos senão que se fala deles, porque o povo era o mesmo, através dos filhos, que lhes sucederam? Assim, portanto, ao ouvirmos estas coisas, principalmente porque os verbos estão no futuro: "Mas ele, misericordioso, perdoará seu pecado e não os exterminará. Não se cansará de reter a sua cólera, nem se entregará inteiramente à ira", entendamos realizada a declaração do Apóstolo: "Assim também no tempo atual constituiu-se um resto segundo a eleição da graça". Por isso, declara ainda: "Pergunto, então: Não teria Deus, porventura, repudiado seu povo? De modo algum! Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim, hebreu, filho de hebreus" (Rm 11,5.1; Fl 3,5). A Escritura, por conseguinte, previu aqueles dentre este povo que haveriam de crer em Cristo e receber a remissão dos pecados, até do máximo delito, o de matar, por loucura, o próprio médico. Daí vem especialmente a palavra:

“Mas ele, misericordioso, perdoará seu pecado e não os exterminará. Não se cansará de reter a sua cólera”, uma vez que perdoou-lhes o delito de matar seu Filho único: “Nem se entregará inteiramente à ira”, porque “um resto foi salvo”.

**24** “Recordou-se de que eles eram carne; sopro que passa e não volta”. Por isso, chamando e tendo compaixão por meio da graça, ele atraiu para junto de si aqueles que não podiam voltar por si mesmos. Como voltará a carne, sopro que passa e não volta, arrastando-a para baixo e para longe o peso de suas culpas, se não pela escolha da graça? Não se trata de recompensa pelos méritos, mas é dom gratuito a justificação do ímpio e a volta da ovelha perdida. Ela não vem por suas próprias forças, mas é carregada nos ombros do pastor. Pôde perder-se ao vagar espontaneamente, mas não pôde encontrar o caminho; de modo nenhum seria encontrada se a misericórdia do pastor não a procurasse (cf Lc 15,5). É também ovelha perdida aquele filho, que voltando a si disse: “Vou-me embora, procurar o meu pai”. Aquele que vivifica todas as coisas, por chamado e inspiração ocultos, procurou-o e ressuscitou-o. Por quem foi encontrado, a não ser por aquele que veio procurar e salvar o que estava perdido? Ele “estava morto e tornou a viver: ele estava perdido e foi reencontrado”? (Lc 15,18.24; 19,10). Com isto resolve-se uma questão difícil, a de estar escrito no livro dos Provérbios, ao aludir a Escritura ao caminho da iniqüidade: “Os que ali entram não retornam” (Pr 2,19). Exprime-se de tal modo que parece necessário perder a esperança acerca de todos os iníquos. De fato, a Escritura recomenda a graça, porque o homem pode por si mesmo seguir o caminho do mal, mas não pode por si mesmo voltar, a não ser que a graça o traga de volta.

**25** 40-51 Estes malvados, portanto, e provocadores “quantas vezes o provocaram no deserto e irritaram-no na terra árida! Recomeçaram a tentar a Deus e a encolerizar o santo de Israel”. Reitera a menção à infidelidade deles, mais acima relatada; mas o motivo da repetição está em relembrar as pragas do Egito, infligidas por causa dos israelitas. Deviam ser rememoradas para que eles não fossem ingratos. Enfim, como prossegue? “Não se lembraram do seu poder, no dia em que os livrou da mão do opressor”. E o salmista começa a enumerar o que Deus fez aos egípcios: “Quando operou os seus sinais no Egito e os seus prodígios na planície de Tânis. E converteu em sangue os seus rios e as chuvas, para que eles não bebessem”, ou antes, “suas águas que manam”, conforme alguns preferem ler o texto grego: tà ombrémata que em latim se denominam fontes, águas que jorram da terra. Pois, os egípcios cavavam e encontravam sangue em vez de água. “Enviou moscas para devorá-los e rãs que infestaram a terra. Abandonou suas colheitas às pragas e os produtos de seu trabalho aos gafanhotos. Arrazou as suas vinhas com granizo e suas figueiras com a geada. Extinguiu o gado com a saraiva e com fogo suas propriedades. Descarregou contra eles o ardor de sua cólera, indignação, furor, tribulação, uma legião de ministros da desgraça. Deu razão a sua ira. Não os preservou da morte. Entregou à peste os seus animais. Feriu todos os primogênitos da terra do Egito, as primícias de todo o seu trabalho nas tendas de Cam”.

**26** Todas essas pragas do Egito podem ser interpretadas alegoricamente, conforme cada um entender ou quiser compará-las com os fatos a que se referem. É o que também nós

tentaremos fazer; nós o executaremos tanto melhor quanto maior for o auxílio divino. Impele-nos a isto as palavras deste salmo: “Abrirei a minha boca em parábolas. Falarei de proposições desde o início”. Esta é a razão por que narram-se aqui eventos que de forma alguma lemos ter sucedido aos egípcios, embora todas as pragas que os atingiram estejam descritas por ordem com muitas minúcias no livro do Êxodo. Em conseqüência disto, tudo o que lá não foi descrito, estejamos certos de que não foi inutilmente dito no presente salmo. Somente no sentido figurado podemos interpretá-lo. Simultaneamente compreendamos ter sido em sentido figurado que foram realizados ou escritos os fatos restantes, que consta terem acontecido. A Escritura assim procede em muitas passagens das profecias. Profere algo que não se encontra naquele feito comemorado, ou até se encontra coisa bem diversa, a fim de que se perceba que não quer dizer o que pode aparentar, e sim o que antes se deve notar, como, por exemplo, no versículo de outro salmo: “E dominará de um a outro mar e desde o rio até os confins da terra” (Sl 71,8). Consta que isto não se cumpriu no reinado de Salomão; pode-se supor que este salmo é relativo a ele, mas, de fato, se refere a Cristo Senhor. Nas pragas do Egito, enumeradas no livro do Êxodo, onde a Escritura cuidou especialmente de narrar por odem todos os castigos que os afligiram, não se encontra o que traz este salmo: “Abandonou suas colheitas à praga da ferrugem”. Igualmente, tendo dito: “Extinguiu o gado com a saraiva”, acrescentou: “e com o fogo as suas propriedades”. Quanto aos animais mortos pela saraiva, lê-se no Êxodo, mas absolutamente não se lê que suas propriedades tenham se incendiado. Apesar de que habitualmente o granizo venha acompanhado de ruídos e raios, e também os trovões vêm com relâmpagos, contudo não está escrito que tenha havido incêndio. Quanto à erva rasteira que o granizo não pudera prejudicar, não se disse que foi batida, isto é, atacada com golpes duros; ela foi posteriormente comida pelos gafanhotos. De igual modo, as “suas figueiras com a geada”, não se vê no Êxodo. A geada é muito diferente do granizo, pois a geada branqueia a terra nas noites serenas do inverno.

1 Cf Hier. Liber interpret. hebr. nom.

2 Os versículos 24 e 25 foram explicados mais acima, no Com. ao Sl 33, s. 1, nº 6.

**27** Quem explanar o salmo diga o que tudo significa, como puder; julgue o leitor e o ouvinte, como é justo. A água que se converteu em sangue, a meu ver, significa o pensar carnalmente a respeito das causas das coisas. As moscas são os costumes semelhantes aos dos cães, que ao nascerem não vêem nem os pais. As rãs representam a loquacidade unida à vaidade. A praga da ferrugem rói ocultamente; alguns traduziram por canícula. Comparam-se a este mal de preferência os vícios que aparecem dificilmente, como, por exemplo, o vício de confiar demais em si mesmo. Os ventos prejudicam se atuam ocultamente nos frutos, como a soberba escondida nos bons costumes, quando alguém pensa que é alguma coisa, mas nada é. O gafanhoto figura a iniqüidade que fere com a boca, a saber, com um testemunho falso. Granizo é a iniqüidade que rouba o bem alheio; dela provêm os furtos, as rapinas, as depredações. Mas, este vício a ninguém mais devasta do que ao próprio devastador. A geada significa o vício que esfria a caridade para

com o próximo com as trevas da insensatez, esse gélido frio noturno. Quanto ao fogo, porém, se não se trata daquele lembrado aqui, o que vinha das nuvens, raios junto com o granizo, conforme diz o salmo: “E com fogo as suas propriedades”, onde ele foi aceso, não está escrito; parece-me que significa a crueldade da raiva, com a qual se pode até cometer homicídio. Pela morte do rebanho é figurada, a meu ver, a perda do pudor. De fato, temos em comum com os animais a concupiscência, que acompanha a origem dos fetos. A virtude da pudicícia a doma e ordena. A morte dos primogênitos é a perda da própria justiça, que possibilita a vida social. Mas, quer sejam tais os significados dessas figuras, quer haja um sentido melhor, quem não perceberá que são dez as pragas infligidas aos egípcios e dez são os preceitos inscritos nas tábuas que regem o povo de Deus? Uma vez que em outra obra[1] comparamos em contraposição as pragas e os mandamentos, não precisamos onerar a explicação deste salmo com esta questão. Basta que notemos serem citadas aqui também, embora não na mesma, as dez pragas do Egito. Relativamente às três que se encontram no Êxodo e não aqui, a saber, os mosquitos, as úlceras e as trevas (cf Ex 8,17; 9,10; 10,22), são mencionadas outras três que lá não constam, isto é, a praga da ferrugem, a geada e o fogo, não dos relâmpagos, mas o que consumiu suas propriedades, e que ali não se lê.

**28** Suficientemente aqui está expresso que estas pragas foram infligidas por juízo de Deus, através de anjos maus, a este mundo maligno, quais outros Egito e planície de Tânis, onde devemos ser humildes, até vir o mundo futuro onde mereceremos ser exaltados devido a nossa humildade. Pois, Egito na língua hebraica significa trevas ou tribulações de Tânis, conforme relembrei, mandamento humilde. Não passemos por alto, terem sido intercalados neste salmo os anjos maus entre as pragas; “Descarregou contra eles o ardor de sua cólera, indignação, furor, tribulação, intervenção de anjos maus”. Nenhum dos fiéis ignora que existam o diabo e seus anjos, de fato tão malvados que lhes está preparado o fogo eterno; mas que o Senhor Deus utilize a intervenção deles junto de alguns, dignos de tal castigo, parece duro aos menos capazes de pensar como a suprema justiça de Deus usa bem até dos maus. No atinente a sua substância, quem a criou senão ele? Mas ele não os fez maus; sendo bom, utiliza-os bem, isto é, conveniente e justamente, da mesma forma que, em sentido contrário, os iníquos usam mal de suas criaturas boas. Por conseguinte, Deus emprega os anjos maus não somente para punir os maus, como vimos nestes acontecimentos narrados pelo salmo, ou como contra o rei Acab, a quem o espírito de mentira, por vontade de Deus, seduziu para que caísse na guerra (cf 1Rs 22,22), mas ainda para provar e manifestar os bons, conforme sucedeu a Jó. Quanto à matéria corporal dos elementos visíveis, penso que podem utilizá-la tanto os anjos bons, quanto os maus, na medida do poder de cada um; igualmente os homens bons e maus a utilizam, quanto é possível à fraqueza humana. Pois, empregamos a terra, a água, o ar, o fogo não somente no necessário a nosso sustento, mas também em muitas coisas supér- fluas, recreativas e em admiráveis obras de arte. Efetivamente, ao se trabalhar com arte esses elementos, modificam-se inumeráveis objetos, denominados mecsanémata. Mas em tudo isso, o poder dos anjos, bons e maus, é muito maior, especialmente o dos bons; mas, somente quanto, por seu sinal ou ordem, Deus manda ou

permite, como acontece também conosco. Também nós não podemos agir sobre eles na medida que queremos. Lemos num livro da Escritura, digno de fé, que o diabo pôde enviar fogo do céu para consumir com admirável e horrível violência o numeroso rebanho do santo varão Jó; nenhum dos fiéis talvez ousaria atribuí-lo ao diabo, não fosse a autoridade da Sagrada Escritura. Mas aquele varão, por dom de Deus justo forte e piedoso, não disse: O Senhor deu o diabo tirou, mas: "O Senhor deu, o Senhor tirou" (cf Jó 1,16.21). Estava bem ciente de que o diabo não faria o que tinha podido fazer a estes elementos e não ao servo de Deus, a não ser o que o Senhor quisesse e permitisse. Ele confundia a malícia do diabo, porque sabia quem usaria dela para prová-lo. Opera o diabo, contudo, nos filhos da desobediência (cf Ef 2,2), como em seus escravos, da mesma forma que os homens atuam sobre os animais; contudo, operam somente enquanto lhes permite o justo juízo de Deus. Mas é bem diferente quando um poder maior proíbe que ele use de seu poder, conforme lhe apraz, até no trato com os seus; e quando lhe é dado poder contra os que lhe são alheios. O homem também faz o que quer de seu animal, conforme entende; mas não fará nem isto, se um poder maior o proibir; para tratar assim um animal que pertence a outrem, espera que este lhe conceda faculdade para tal. Lá, portanto, é impedido o poder que existia; aqui se dá o que não existia.

**29** Sendo assim, se Deus infligiu aos egípcios aquelas pragas, através de anjos maus, ousaremos dizer que os mesmos anjos converteram a água em sangue e que as rãs os infestaram por ação dos mesmos anjos, tendo podido os magos do faraó produzir coisas semelhantes com seus artifícios? Assim os anjos maus estariam presentes nos dois casos, aqui afligindo, ali enganando, segundo o juízo e o plano do Deus justo e onipotente, que utiliza com justiça até mesmo a malícia dos iníquos? Não ouso afirmá-lo (cf Ex 7,20.22; 8,6.7.17.18). Qual o motivo por que os magos do faraó não conseguiram produzir os mosquitos? Seria porque não foi isto permitido aos anjos maus? Ou seria mais verdade dizer que a causa é oculta e transcende as forças de nosso raciocínio? Pois se pensarmos que Deus realizou isto através dos anjos maus porque se tratava de infligir penas e não de prestar benefícios, como se Deus não castigasse por intermédio dos anjos bons, mas empregasse os outros como carrascos do exército celeste, seria consentâneo crer que Sodoma foi destruída por meio dos anjos maus, e opinar que Abraão e Lot receberam como hóspedes também anjos maus; longe de nós pensar assim, de modo contrário à clareza da narração das Escrituras (cf Gn 18,19). Evidencia-se, portanto, que tais coisas podem acontecer aos homens por intermédio de anjos bons ou maus. Ignoro o que ou quando se realizam convenientemente. Não o ignora aquele que assim age, nem aquele a quem ele quiser revelar. Toda-via, na medida que a Sagrada Escritura orienta nossos esforços, lemos que os maus são castigados também por meio de anjos bons, como no caso dos sodomitas, e através de anjos maus, como no caso dos egípcios. Quanto aos justos, não me ocorre que tenham sido experimentados e provados com penas corporais, por meio de anjos bons.

**30** No que toca à presente passagem deste salmo, se não ousamos atribuir aos maus

anjos os prodígios realizados nas criaturas, temos o que lhes atribui, sem dúvida alguma: as mortes dos animais, as mortes dos primogênitos e o pior de tudo, a que se prendem todos esses eventos, o endurecimento de seu coração, não querendo permitir a saída do povo de Deus. Não se diz que Deus é o autor desta tão iníqua e maligna obstinação, instigando e inspirando, mas abandonando-os faz com que se opere nos filhos da desobediência o que Deus devida e justamente permite (cf Ex 4,21; Ef 2,2). Pois, assim se explica a palavra do profeta Isaías: "Senhor tu te irritaste contra nós e, com efeito, nós pecamos; por isso erramos e nos tornamos como seres imundos" (Is 64,4). Precedeu um fato, em vista do qual Deus irado em sua justiça, retira suas luzes, de sorte que a cegueira da humana mente, desviando do caminho da justiça, se fizesse errante e incidisse em pecados que por nenhum pretexto podem se desculpar como se não fossem pecados. Acredita-se com justeza que Deus tenha obrado por intermédio dos anjos maus o que em outro salmo está escrito a respeito dos egípcios, a saber, que Deus mudou-lhes o coração para detestarem o seu povo e empregarem dolo contra os seus servos (cf Sl 104,25), de tal modo que suas já viciadas mentes de filhos da incredulidade, por meio daqueles anjos afins com os vícios, fossem excitadas ao ódio contra o povo de Deus, e aqueles prodígios acontecessem em seguida para atemorizar e corrigir os bons. Com toda razão se acredita que mesmo aqueles costumes viciosos, representados por estas pragas materiais, e a respeito dos quais foi dito acima: "Abrirei a minha boca em parábolas", são incitados pelos anjos maus naqueles que lhes estão sujeitos, por efeito da justiça de Deus. Ao se realizar o que declara o Apóstolo: "Deus os entregou, segundo o desejo de seus corações, à impureza" (Rm 1,24), os anjos maus lidam com o material peculiar a suas obras e se regozijam com isto. Com toda justiça a malícia humana lhes está sujeita, à exceção daqueles que a graça liberta. Quem é capaz disso? (cf 2Cor 2,10). Por isso, após ter dito: "Descarregou contra eles o ardor de sua cólera, indignação, furor, tribulação, intervenção de anjos maus", acrescentou: "Deu vazão a sua ira". Quem terá engenho suficiente para penetrar o sentido das frases, entendendo e apreendendo a sentença que se esconde tão profundamente? Foi numa vazão da cólera de Deus que foi punida a impiedade dos egípcios por uma justiça oculta. Deu vazão à ira de tal maneira que retirando os seus crimes de seus esconderijos para a publicidade, por meio dos anjos maus, castigasse manifestamente os ímpios declarados. Somente a graça de Deus pode libertar o homem do poder dos anjos maus. Dela trata o Apóstolo: "Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado" (Cl 1,13). Deste fato era figura o povo hebraico, ao ser libertado do poder dos egípcios e ser transladado ao reino da terra prometida, onde corria leite e mel, o que significa a suavidade da graça.

**31** [52.53] Após a citação das pragas do Egito o salmo prossegue: "Retirou seu povo como ovelhas e conduziu-o qual rebanho pelo deserto. Dirigiu-os cheios de confiança, sem temor e no mar sepultou seus inimigos". Realiza-se isto tanto melhor quanto mais intimamente. É assim que somos transferidos do poder das trevas para o reino de Deus, e nas pastagens espirituais somos ovelhas de Deus, que caminham neste mundo como num deserto, porque nossa fé não é evidente para os outros; daí a afirmação do

Apóstolo: “A vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Somos conduzidos, porém, na esperança, porque “fomos salvos em esperança” (Rm 8,24) e não devemos temer; pois, “se Deus está conosco, quem estará contra nós”? (Rm 8,31). Ele sepultou no mar os nossos inimigos; aboliu no batismo nossos pecados, perdoando-os.

**32** [54] Em seguida, diz: “guiou-os até o monte santo”. Quanto melhor à santa Igreja? “Monte que sua direita conquistou”. Quão mais sublime a Igreja adquirida por Cristo, do qual foi dito: “A quem se revelou o braço do Senhor”? (Is 53,1). “E expulsou diante deles as nações”, e diante de seus fiéis. De certo modo são nações os espíritos malignos dos erros pagãos. “Distribuiu-lhes por sorte a terra como herança. Em nós isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz” (1Cor 12,11).

**33** [55-58] “Fez habitar em suas tendas as tribos de Israel”. Nas tendas das nações fez habitar as tribos de Israel. A meu ver, esta passagem se explica melhor no sentido espiritual, de sorte que somos elevados pela graça de Cristo à glória celeste, de onde os anjos, ao pecarem, foram expulsos e lançados fora. Pois, os componentes daquela “geração má e provocadora”, uma vez que diante destes benefícios materiais não tiravam a antiga veste, “ainda tentaram a Deus e exasperaram o Deus Altíssimo e não observaram os seus preceitos. Transviaram-se e foram rebeldes ao pacto, como seus pais”. Haviam feito certo pacto e acordo: “Tudo o que o Senhor nosso Deus disse, nós o faremos e ouviremos” (Ex 19,8). É bom notar o que foi dito: “como seus pais”, uma vez que o texto de todo o salmo parece referir-se aos mesmo homens, e contudo aqui se vê que se trata daqueles que já estavam na terra prometida, sendo denominados seus pais aqueles que no deserto provocaram o Senhor.

**34** “Desviaram-se como um arco péssimo”, ou como trazem alguns códices: “arco enganador”. O sentido da frase torna-se claro no versículo seguinte: “Incitaram-no à ira em seus lugares altos”. Quer dizer que eles caíram na ido-latria. “Arco enganador”, portanto, não a favor mas con-tra o nome do Senhor, que ordenou ao mesmo povo: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3). O arco representa a intenção do espírito. Enfim, expõe mais claramente a questão: “Moveram-no ao zelo com seus ídolos”.

**35** [59.60] “Deus ouviu e indignou-se contra eles, isto é, percebeu e castigou, e reduziu a nada Israel”. Que restou deles quando Deus os rejeitou, se com o auxílio de Deus foram o que foram? Efetivamente, comemora-se aquilo que aconteceu quando os israelitas foram vencidos pelos filisteus no tempo do sacerdote Heli, e a arca do Senhor foi aprisionada, tendo sido enorme a devastação (cf 1Rs 4,10.11). Este o sentido do versículo: “Abandonou o taberná-culo de Silo. A tenda onde residia entre os homens”. Expôs com elegância o motivo de ter o Senhor rejeitado seu tabernáculo, nos seguintes termos: “Onde residia entre os homens”. Se eles não eram dignos desta moradia do Senhor, por que não haveria de rejeitar o tabernáculo, que não estabelecera por sua

causa, mas em favor daqueles que o Senhor já julgara indignos de tê-lo a morar entre eles?

**36** [61] “Entregou ao cativeiro a sua força e a sua glória às mãos do inimigo”. Denomina o salmista força e glória deles a arca, que eles supunham torná-los invictos e disso se gloriavam. Posteriormente, enfim, o profeta atemoriza os que viviam mal e ao mesmo tempo se gloriavam do templo do Senhor, dizendo: “Vede o que fiz de Silo, onde estava meu tabernáculo” (cf Jr 7,12).

**37** [62.63] “Abandonou à espada o seu povo e indignou-se contra a sua herança. O fogo devorou os seus jovens”, isto é, a sua ira. “E suas virgens não foram choradas”. O medo do inimigo não o permitia.

**38** [64] “Seus sacerdotes pereceram pelo gládio e suas viú-vas não entoaram lamentações”. Os filhos de Heli caíram, prostrados pelo gládio e a viúva de um deles, que logo morreu de parto, em sua aflição não pôde prestar ao defunto a honra dos funerais (cf 1Rs 4,19.20).

**39** [65] “E o Senhor se despertou como de um sonho”. Ele aparenta dormir quando entrega seu povo às mãos daqueles que os odeiam e que lhes perguntam: “Onde está o teu Deus”? (Sl 41,11). “Despertou como de um sonho, como um guerreiro dominado pelo vinho”. Ninguém ousaria dizer tal a respeito de Deus, a não ser o seu Espírito. Pois, o salmista fala, como opinam os ímpios blasfemadores, que ele dorme como um ébrio, quando não socorre tão depressa como supõem os homens.

**40** [66] “E feriu pelas costas os inimigos”, aqueles que se regozijavam por terem podido cativar a arca; pois foram feridos em seus assentos. Seu castigo, a meu ver, assinala os que atormentarão aqueles que olharem para trás. Essas coisas, como diz o Apóstolo, devem ser consideradas como esterco (cf 1Rs 5,6; Fl 3,8). De fato, os que aceitam o testamento de Deus, sem se despojarem das antigas vaidades, tornam-se semelhantes aos inimigos do povo de Deus que colocaram a arca da aliança, que haviam tomado, junto de seus ídolos. Mas aqueles ídolos antigos, mesmo contra a vontade deles, caem, porque “toda carne é feno e toda a sua graça como a flor do feno. Seca o feno e murcha a flor: a arca do Senhor, porém, subsiste para sempre” (Is 40,6-8), quer dizer, o segredo do testamento, o reino dos céus, onde se encontra a eterna “Palavra de Deus”. Mas aqueles que amaram as coisas que ficaram para trás, por causa delas serão atormentados com toda justiça: “Infligiu-lhes vergonha sempiterna”.

**41** [67.68] “Rejeitou o tabernáculo de José e não escolheu a tribo de Efraim. Mas escolheu a tribo de Judá”. O salmista não disse: Rejeitou o tabernáculo de Rubem, o primogênito de Jacó; nem daqueles que nasceram em seguida, antes de Judá, de tal forma que estes tenham sido repelidos, não escolhidos, e tenha sido eleita a tribo de Judá. Poder-se-ia com razão dizer que eles foram repelidos, porque nas bênçãos outorgadas por Jacó a seus filhos, ele profundamente detesta os pecados deles, embora entre eles a tribo de

Levi tenha-se tornado a tribo sacerdotal, da qual se originou Moisés (cf Gn 49,1-7; Ex 2,1). Também não disse: Rejeitou o tabernáculo de Benjamim; ou: Não escolheu a tribo de Benjamim, da qual teve início o reinado, pois dela foi escolhido Saul (1Rs 9,1.2). Depois, devido à época próxima, quando após ter sido Saul repelido e rejeitado, foi escolhido Davi (1Rs 16,1.13), conviria assim falar; no entanto, isso não foi dito, mas foram nomeados principalmente os que pareciam sobressair-se por méritos mais evidentes. Pois, José alimentou no Egito a seus pais e a seus irmãos. Impiamente vendido, foi exaltado com toda justiça devido ao mérito de sua castidade e sabedoria (Gn 41,40). Efraim, em vista da bênção de seu avô Jacó foi preferido a seu irmão mais velho (cf Gn 48,19). Todavia, Deus “rejeitou o tabernáculo de José e não escolheu a tribo de Efraim”. Com a menção destes ilustres nomes, que entendemos senão aquele povo todo, repelido e reprovado em vista da antiga ambição de pedir ao Senhor prêmios terrenos, enquanto a tribo de Judá, foi escolhida, mas não por causa dos méritos do próprio Judá? Com efeito, os méritos de José são muito maiores; mas citando a tribo de Judá, uma vez que dela se originou o Cristo segundo a carne, a Escritura atesta (isto é, o Senhor abre em parábolas a sua boca), que o novo povo cristão foi preferido ao antigo povo. Daí vem a seqüência: “o monte de Sião que muito amou”, aplicável antes à Igreja de Cristo, que adora a Deus, não tendo em vista os benefícios carnais do tempo presente, mas contemplando de longe com os olhos da fé os futuros prêmios eternos; pois Sião se traduz por contemplação.

**42** [69] Em seguida vem: “E edificou como o dos unicórnios seu santuário (sanctificationem)” ou, conforme alguns tradutores, o neologismo: “sanctificium”. O sentido correto de unicórnios seria: aqueles cuja firme esperança se ancora naquele único bem, mencionado em outro salmo: “Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei” (Sl 26,4). Santuário de Deus, porém, segundo o Apóstolo Pedro, entende-se que é “a nação santa, o sacerdócio real” (1Pd 2,9). Quanto à continuação: “Estável como a terra eternamente”, os códices têm eis tòn aiona. À escolha dos tradutores, é possível verter: “eternamente ou pelos séculos (seculum)”, porque significa ambas as coisas; por isso, nos códices latinos encontra-se uma ou outra expressão. Alguns têm no plural: “pelos séculos (saecula)”. Não encontramos no plural, nos códices gregos que possuímos. Qual dos fiéis, de fato, duvidará de que a Igreja, apesar de saírem uns e outros entrarem, passa de maneira mortal por esta vida, contudo está fundamentada eternamente?

**43** [70.71] “Escolheu Davi, seu servo”. Escolheu, portanto, a tribo de Judá por causa de Davi; Davi por causa de Cristo; por conseguinte, a tribo de Judá por causa de Cristo. À sua passagem clamaram os cegos: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”; e logo, por ação de sua misericórdia, eles receberam a vista, porque gritavam uma verdade (Mt 20,30.34). O Apóstolo não o afirma de passagem, mas cuidadosamente o relembra, escrevendo a Timóteo: “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi, segundo o meu evangelho, pelo qual eu sofro, até às cadeias, como malfeitor. Mas a palavra de Deus não está algemada” (2Tm 2,8.9). O Salvador, por conseguinte, segundo a carne era da descendência de Davi; figura neste lugar sob o

nome de Davi. O Senhor abre em parábolas a sua boca. Não é de admirar que tendo dito: “Escolheu Davi”, assinalando a Cristo, acrescentou: “seu servo” e não: seu filho. Ao invés, reconheçamos aqui não a substância do Unigênito coeterna ao Pai, mas a condição de servo, recebida da descendência de Davi.

**44** “Tirou-o do aprisco das ovelhas, tomou-o do meio das que aleitavam, para apascentar a seu servo Jacó e Israel, sua herança”. Efetivamente, aquele Davi, de cuja descendência é Cristo segundo a carne, foi transferido do ofício de pastor de ovelhas ao de rei entre homens. Nosso Davi, porém, o próprio Jesus transladou-se de homens a outros homens, dos judeus aos gentios; no entanto, segundo a parábola, foi tirado dentre as ovelhas e transladado a outras ovelhas. Agora, pois, não existem naquela terra igrejas da Judéia em Cristo. Pouco depois da paixão e ressurreição de nosso Senhor existiam igrejas de circuncisos ali. Sobre elas diz o Apóstolo: “Eu era desconhecido às igrejas da Judéia que estão em Cristo. Apenas ouviam dizer: quem outrora nos perseguia, agora evangeliza a fé que antes devastava, e por minha causa glorificavam a Deus” (Gl 1,22-24). Ali aquelas igrejas dos circuncisos não existem mais; deste modo, na Judéia atual Cristo não se acha, foi afastado dali; agora ali apascentam os rebanhos dos gentios. Com efeito, foi tomado “do meio das que aleitavam”. Elas antes eram tais quais descreve o Cântico dos cânticos: a Igreja unida que consta de muitos membros, isto é, um rebanho cujos membros são muitos rebanhos. Destes rebanhos se diz ali: “Teus dentes”, que te ajudam a falar, ou a mastigar para teu corpo assimilar alimentos, têm este sentido: “teus dentes, um rebanho tosquiado, que sobe após o banho. Cada ovelha com seus gêmeos; nenhuma delas sem cria” (Ct 4,2). Foram tosquiadas dos encargos deste mundo, quando venderam seus bens e depositaram aos pés dos apóstolos o preço da venda (cf At 2,25; 4,34), subindo daquele banho, acerca do qual os admoesta o apóstolo Pedro, quando estavam preocupados por terem derramado o sangue de Cristo: “Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado em nome do Senhor Jesus Cristo, e serão perdoados os vossos pecados” (At 2,38). Tiveram dois gêmeos, a saber, as obras correspondentes aos dois mandamentos sobre a dupla caridade, o amor a Deus e ao próximo; por isso não havia estéril entre eles. Nosso Davi, tirado do meio das ovelhas que aleitavam, agora apascenta outros rebanhos, os dos gentios, também eles Jacó e Israel. Assim efetivamente foi dito: “Para apascentar o seu servo Jacó e Israel, sua herança”. Não são alheias àquela descendência, isto é, a Jacó e a Israel, estas ovelhas por serem provenientes dos gentios. Constituem a descendência de Abraão, a descendência da promessa, a repeito da qual declarou o Senhor a Abraão: “É por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome” (Gn 21,12). O Apóstolo explicita esta afirmação: “Não são os filhos da carne, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes” (Rm 9,8). Provinham dos gentios os fiéis aos quais se dirigia o Apóstolo: “E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa? (Gl 3,29). Quanto à locução: “Seu servo Jacó e Israel, sua herança”, segundo seu costume, a Escritura repete a mesma sentença. A não ser que alguém queira distinguir assim: no tempo atual Jacó serve, mas receberá a eterna herança de Deus ao contemplar a Deus face a face, de cuja visão deriva o nome de Israel.

**45** [72] "E os apascentou na inocência de seu coração". Quem mais inocente do que aquele que não cometeu pecado algum? Não somente não foi vencido pelo pecado, mas não tinha pecado a vencer. "E conduziu-os na inteligência de suas mãos", ou como em alguns códices: "nas inteligências de suas mãos". Opinaria alguém ser mais conveniente dizer: Na inocência de suas mãos e na inteligência do coração. O salmista, porém, sabia melhor que ninguém como se exprimir; preferiu unir inocência ao coração e inteligência às mãos. Talvez seja, quanto posso julgar, que muitos se consideram inocentes porque não praticam o mal que fariam se não fosse o medo do castigo; gostariam de fazê-lo, mas impunemente. Esses tais podem aparentar inocência de suas mãos, não, contudo, do coração. Que inocência é esta, de que valor, se não vem do coração, onde se acha a imagem de Deus, segundo o qual o homem foi criado? Quanto aos termos: "No intelecto", ou na inteligência "de suas mãos conduziu-os", a meu ver, refere-se à inteligência que ele confere aos fiéis e por isso: "de suas mãos". O fazer liga-se às mãos. É possível entender-se aqui: as mãos de Deus, porque Cristo é homem, mas também Deus. O rei Davi, de cuja descendência é Cristo, certamente não podia fazer isto no meio do povo, sobre o qual reinava como homem; mas realiza-o aquele, ao qual a alma fiel pode dizer com razão: "Dá-me inteligência e perscrutarei a tua lei" (Sl 118,34). Por conseguinte, submetamo-nos pela fé às suas mãos para não suceder que dele nos desviemos, por confiarmos em nosso entendimento, como se proviesse de nós mesmos. Realize ele em nós o seguinte: que a inteligência de suas mãos nos conduza, após libertar-nos do erro e nos faça chegar aonde nenhum erro é mais possível. Tal é o fruto que colhe o povo de Deus, atento à sua lei, com os ouvidos inclinados às palavras de sua boca: ter o coração reto e o espírito fiel a Deus, a fim de não se transformar numa geração má e provocadora. Mas, depois de ouvir todas essas mensagens, deposite sua esperança em Deus, não só durante a presente vida, mas também tendo em vista a eterna, não apenas para receber os prêmios às boas obras, mas ainda para praticar essas mesmas boas obras.

1 Cf Sermo de decem plagis et praeceptis, de Sto. Agostinho, PL 38,67 ss ou ed. emendada de G. Morin, Sermones post Maurinos reperti; pp. 169 ss.

# SALMO 78

## COMENTÁRIO

**1** Não me parece necessário deter-me no título deste salmo, tão breve e simples. Vemos com toda evidência cumprida a profecia aqui de antemão anunciada. Quando este salmo era cantado, no tempo do rei Davi, nada ainda acontecera das adversidades da parte das nações que atingiram a cidade de Jerusalém, o templo de Deus, que então nem fora edificado. Quem ignora que foi após a morte de Davi que seu filho Salomão construiu o templo de Deus? Diz-se, portanto, como se fosse no passado o que o salmista no espírito viu se realizar no futuro: "Ó Deus, invadiram as nações a tua herança". Segue este modo costumeiro de falar a profecia sobre a paixão do Senhor: "Deram-me fel por alimento e em minha sede deram-me vinagre a beber" (Sl 68,22) e demais versículos que neste salmo narram acontecimentos futuros como se fossem passados. Não é de admirar que se digam tais coisas a Deus. Não são indicadas a alguém que as desconheça. Elas foram previamente conhecidas por meio de revelação de Deus. Mas, a alma fala a Deus com afeto filial, que ele bem conhece. Também os anjos, se anunciam algo aos homens, levam mensagens a quem as desconhece; se é a Deus, porém, que anunciam, anunciam a quem o conhece, quando lhe apresentam nossas orações e consultam, de modo inefável, sobre seus atos a verdade eterna, qual lei inalterável. Por isso, este homem de Deus diz a Deus o que deve aprender dele, como o discípulo fala ao mestre que não ignora, mas julga. Deste modo, o homem ou fala a quem aprova os atos que ele próprio ensinou ou a quem repreende os que não ensinou. De modo especial o profeta fala em lugar dos que serão contemporâneos desses eventos futuros e que haverão de suplicar a Deus. Costumam-se mencionar na oração os castigos no passado, ausentando-se o pedido de que se compadeça. Desta forma, aqui são anunciados esses fatos pelo profeta que os prediz, como se fossem proferidos por aqueles aos quais eles acontecerão. E a lamentação e súplica constituem uma profecia.

**2** [1-3] "Ó Deus, invadiram as nações a tua herança, profanaram o teu templo santo e reduziram Jerusalém a um depósito de frutos. Expuseram os cadáveres de teus servos como pasto às aves do céu e os corpos de teus santos às feras da terra. Derramaram o sangue deles como água ao redor de Jerusalém e não havia quem lhes desse sepultura". Se algum dos nossos achar que esta profecia é atinente à devastação de Jerusalém realizada pelo imperador romano Tito, quando, após a ressurreição e ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo, este já fora anunciado aos gentios, não me ocorre como se pode dizer que aquele povo ainda era a herança de Deus. Tendo se transformado em réprobo por não aceitar a Cristo, mas ao contrário, rejeitá-lo e matá-lo, além disso não quis acreditar nele após a ressurreição e ainda matou os seus mártires. Pois, daquele povo de Israel, pertencem à herança de Deus, todos os que acreditaram em Cristo, aos quais Cristo se apresentou e de certo modo cumpriu em seu favor a promessa salutar e

frutuosa, e deles disse o mesmo Senhor: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24). Eles são do número dos filhos da promessa, que são tidos como descendentes" (Rm 9,8). Entre eles encontram-se José, homem justo, e a virgem Maria, que gerou a Cristo (cf Mt 1,16); deles era João Batista e seus pais, Zacarias e Isabel (cf Lc 1,5); igualmente, o velho Simeão e a viúva Ana, que não ouviram com ouvidos corporais Cristo falar, mas o conheceram pelo Espírito quando ainda não falava (id 2,25.36); de seu número eram os santos apóstolos, e Natanael, em quem não havia fingimento (cf Jo 1,47); entre eles estava outro José, que também esperava o reino de Deus (cf Jo 19,38; Lc 23,51); a eles pertencia a grande multidão que precedia e seguia o jumento que Cristo montava, dizendo: "Bendito o que vem em nome do Senhor" (Mt 21,9); nela estava incluído o grupo de meninos, que o Senhor declarou realizar a palavra: "Da boca das crianças e lactentes tiraste um louvor perfeito" (Sl 8,3). A estes pertenciam também os que, depois da ressurreição de Cristo, foram batizados, a saber, num dia três mil e em outro cinco mil (cf At 2,41 e 4,4), tornando-se um só coração e uma só alma; ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles (cf At 4,32). Entre eles achavam-se os santos diáconos, um dos quais era Estêvão, coroado de martírio antes dos apóstolos (cf At 7,58). Deles eram tantas igrejas da Judéia, que estavam em Cristo, às quais Paulo era pessoalmente desconhecido (cf Gl 1,22), mas era assaz conhecido por sua famosa crueldade, e mais conhecido ainda por misericordiosíssima graça de Cristo. Era, segundo uma profecia a seu respeito "lobo rapace, de manhã devora uma presa, até à tarde reparte o despojo" (Gn 49,27), isto é, primeiro é perseguidor rapace até a morte, e depois pastor e pregador que leva à vida. Eram estes dentre aquele povo que constituíam a herança de Deus. Por que diz o último dos apóstolos, o doutor das nações: "Não teria Deus, porventura, repudiado seu povo? De modo algum! Pois eu também sou israelita, da descendência de Israel, da tribo de Benjamim. Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera" (cf 1Cor 15,9; Rm 11,1.2). Esta multidão proveniente daquele povo incorporou-se a Cristo e tornou-se herança de Deus. Pois, o que diz o Apóstolo: "Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera", corresponde ao versículo de outro salmo: "Não há de rejeitar o seu povo, e continua: Nem de desamparar a sua herança" (Sl 93,14). Evidencia-se aqui constituir tal povo e herança de Deus. Para afirmá-lo, o Apóstolo mais acima citara o testemunho do profeta acerca da futura incredulidade do povo de Israel: "Todos os dias estendi as mãos a um povo rebelde e desobediente" (Rm 10,21; Is 65,2). Visando a evitar que se entenda mal esta palavra, pois era possível se considerar que todo aquele povo era culpado de incredulidade e contradição, logo acrescentou: "Pergunto, então: Teria Deus, porven-tura, repudiado seu povo? De modo algum! Pois eu também sou israelita, da raça de Israel, da tribo de Benjamim". Aqui mostra a que povo se refere, a saber, ao povo primitivo; se Deus o reprovasse e condenasse todo inteiro, ele próprio, israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim, não seria apóstolo de Cristo. Ele aduz, porém, outro testemunho, muito necessário, ao dizer: "Ou não sabeis o que diz a Escritura a propósito de Elias, como ele interpela a Deus contra Israel? Senhor, eles mataram teus profetas, arrasaram teus altares; só fiquei eu e querem tirar-me a vida. Mas

o que lhe responde o oráculo divino? Reservei para mim sete mil homens que não dobraram o joelho a Baal. Assim também no tempo atual constituiu-se um resto segundo a eleição da graça". Este resto do povo de Israel constitui herança de Deus; não é do número daqueles mencionados pouco depois: "Os demais ficaram endurecidos". Pois, ele assim se exprime: "Que concluir? Aquilo a que tanto aspira, Israel não conseguiu; conseguiram-no, porém os escolhidos. E os demais ficaram endurecidos" (Rm 11,2-7). Por conseguinte, estes escolhidos, esse resto, este povo de Deus que ele não rejeitou, chamam-se herança de Deus. No Israel, porém, que não conseguiu estas coisas, nos demais que ficaram endurecidos, não se encontrava mais a herança de Deus, da qual se podia dizer, após a glorificação de Cristo no céu, no tempo de Tito: "Ó Deus, invadiram as nações a tua herança", e o restante que se vê predito neste salmo acerca daquele povo, do templo e da destruição da cidade.

**3** Conseqüêntemente, estas predições podem ser entendidas a respeito de feitos realizados por outros inimigos, antes que Cristo viesse na carne. Então, outra não era a herança de Deus senão o povo onde se achavam os santos profetas, quando se deu o cativeiro de Babilônia e o povo foi pesadamente devastado; igualmente sob Antíoco, os Ma-cabeus sofreram horrores e foram gloriosamente coroados (cf 2Rs 24,14; 2Mc 7). Na verdade, o salmo descreve as costumeiras devastações das guerras. Ou então, se as predições são atribuíveis na época após a ressurreição e ascensão do Senhor, à mencionada herança de Deus, devemos entender os sofrimentos infligidos pelos adoradores dos ídolos e inimigos do nome de Cristo à sua Igreja, em tão grande número de mártires. Embora Asaf se traduza por sinagoga, isto é, assembléia, e este homem habitualmente se empregue de preferência em relação ao povo judaico, no entanto, a Igreja pode ser dita assembléia e o antigo povo ser denominado Igreja, conforme em outro salmo (cf Sl 77 n. 3) mostramos com muita clareza. Esta Igreja, portanto, isto é, esta herança de Deus foi congregada de circuncisos e incircuncisos, do povo de Israel e das demais nações, pela "pedra que os construtores rejeitaram e tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22). Neste ângulo eles se reuniram como duas paredes vindas de lados opostos. "Ele é a nossa paz; de ambos os povos fez um só, a fim de criar em si mesmo um só homem novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só corpo" (Ef 2,14-16). Neste corpo somos filhos de Deus, que clamam: "Abbá, Pai" (Rm 8,15; Gl 4,6). "Abbá", em sua língua, "Pai" na nossa. "Abbá" significa "Pai". Por esta razão o Senhor que disse: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24), mostrando que pagava àquele povo a promessa de sua presença, disse igualmente em outra passagem: "Mas tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também, e haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16), aludindo aos povos que ele haveria de conduzir, mas não por sua presença corporal, a fim de se realizar a palavra: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel", todavia por meio de seu evangelho, que haveriam de disseminar os maravilhosos pés dos que anunciam a paz, as boas notícias (Rm 10,15). "Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,5). Concorda com isso a palavra do Apóstolo: "Pois eu vos asseguro que Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a

fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais". Tal o sentido da declaração: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel". Em seguida acrescentou o Apóstolo: "Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia"; eis o que significa: "Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também, e haverá um só rebanho e um só pastor". Ambas as asserções estão contidas brevemente na citação do profeta que faz o mesmo Apóstolo: "Nações, exultai junto com seu povo" (Rm 15,8-10). Este único rebanho, portanto, regido por um só pastor, constitui a herança de Deus, não somente do Pai, mas também do Filho. Pois, é o Filho quem fala: "Caíram meus cordéis em parte esplêndida. A minha herança, portanto, é excelente" (Sl 15,6). E fala a própria herança, segundo o profeta: "Senhor nosso Deus, possui-nos" (Is 26,13, sg LXX). O Pai, que não morre, deixa ao Filho esta herança; mas o próprio Filho admiravelmente a adquiriu por meio de sua morte e dela tomou posse em sua ressurreição.

**4** Se, portanto, a profecia cantada neste salmo: "Ó Deus, invadiram as nações a tua herança" aplica-se à herança de que falamos, de tal sorte que as nações vieram à Igreja, não tendo a fé, mas perseguindo-a, isto é, invadiram-na com o propósito de eliminá-la e arruiná-la completamente, conforme demonstraram os exemplos de tantas perseguições, necessariamente o versículo seguinte: "Profanaram o teu santo templo" refere-se não a madeiras e pedras, mas a homens, dos quais assevera o apóstolo Pedro que entram, quais pedras vivas, na construção da casa de Deus (cf 1Pd 2,5). Daí dizer o apóstolo Paulo: "o templo de Deus é santo e esse templo sois vós" (1Cor 3,17). Os perseguidores profanaram este templo naqueles aos quais incutindo terror e torturando, impeliram a negar a Cristo e com veementes instâncias levaram a suplicar aos ídolos. A penitência restabeleceu a muitos deles e os purificou daquela mácula. É a voz de um penitente que clama: "Purifica-me do meu pecado; e Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em minhas entranhas um espírito reto" (Sl 50,4.12). Quanto ao que segue: "Reduziram Jerusalém a um depósito de frutos", subentende-se bem por este nome a própria Igreja: "Mas a Jerusalém do alto é livre, e esta é a nossa mãe, segundo está escrito: Alegra-te, estéril, que não davas à luz, ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentes as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa" (Gl 4,26; Is 54,1). "A um depósito de frutos", a meu ver, significa o aban-dono subseqüente à devastação da perseguição, a saber, como acontece ao depósito dos frutos, pois fica abandonado quando passa a época dos frutos. Sem dúvida, com a per-seguição dos pagãos, a Igreja parecia abandonada, mas as almas dos mártires foram transladadas do horto do Senhor para a mesa celeste, quais frutos deliciosos e abundantes.

**5** [2] "Expuseram os cadáveres de teus servos, como pasto, às aves do céu e os corpos de teus santos às feras da terra". O termo: "cadáveres" é repetido: "corpos"; e: "teus servos" é reiterado por: "teus santos". Somente variam: "aves do céu e feras da terra". Foi melhor traduzir por morticina do que, segundo outros, por mortalia. Morticina diz-se apenas sobre os mortos; mortalia, porém, é igualmente atribuível a corpos vivos. Quando afirmei que as almas dos mártires foram transladadas para junto de seu agricultor, quais

frutos, e que seus cadáveres e seus corpos foram expostos às aves do céu e às feras da terra, não quis dizer que uma parte deles venha a faltar na ressurreição, pois o todo há de ser reintegrado, depois de retirado dos esconderijos da natureza, por aquele que conta até os nossos cabelos (cf Mt 10,30).

**6** "Derramaram o sangue deles como água", com abundância e desperdício "ao redor de Jerusalém". Se tomamos aqui na accepção de Jerusalém terrena, entendemos ter sido derramado ao redor da cidade o sangue daqueles que os inimigos puderam encontrar fora dos muros. Se, porém, entendermos daquela Jerusalém, sobre a qual foi dito: "Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa", ao redor dela estaria a terra inteira; na lição do profeta, onde se acha escrito: "Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa" acrescenta-se pouco mais abaixo: "O Deus de israel é teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra" (Is 54,1.5). As cercanias de Jerusalém, portanto, neste salmo representam o âmbito que a Igreja atingira frutificando e crescendo por todo o mundo, quando em toda a parte se enfurecia a perseguição e o morticínio dos mártires, cujo sangue era derramado como água, constituía enorme lucro para os tesouros celestes. Quanto ao acréscimo: "E não havia quem lhes desse sepultura", ou não é incrível ter sido tão grande o terror em alguns lugares que não existisse realmente quem enterrasse os corpos dos santos, ou em muitas localidades, sem dúvida, os cadáveres ficaram insepultos muito tempo, até que homens religiosos os tirassem às furtadelas e os sepultassem.

**7** 4 "Chegamos a ser objeto de desprezo para nossos vizinhos". Por isto, era preciosa, não diante dos homens, para os quais era objeto de desprezo, mas na presença do Senhor, a morte de seus santos (cf Sl 115,15). "De escárnio e zombaria", ou conforme alguns traduziram: "ilusão para os povos que nos cercam". É repetição da frase anterior; pois, os termos anteriores: "objeto de desprezo" foram repetidos sob a forma: "escárnio e zombaria"; e o que foi dito mais acima: "nossos vizinhos", na repetição se tornou: "para os povos que nos cercam". Por conseguinte, segundo a Jerusalém terrena são vizinhos e povos que a cercam, as demais nações; segundo, porém a Jerusalém livre, que é nossa mãe, são vizinhos e povos que a cercam os inimigos, entre os quais habita a Igreja em todo o orbe da terra.

**8** 5 Em seguida, faz claramente uma prece que mostra ser a menção acima da tribulação não uma acusação, mas uma lamentação: "Até quando, Senhor? Até o fim irá a tua cólera? Arderá como fogo o teu zelo?" Efetivamente, roga que Deus não se irrite até o fim, isto é, não subsista tão grande aflição, tribulação e devastação até o fim, mas modere sua correção, segundo a palavra de outro salmo: "Nutrir-nos-ás com o pão das lágrimas, dar-nos-ás a beber lágrimas com medida" (Sl 79,6). Pois, "até quando, Senhor? Até o fim irá a tua cólera?" foi proferido de tal modo que soa: Senhor, não te encolerizes até o fim. E nas palavras seguintes: "Arderá como fogo o teu zelo?" deve-se subentender um e outro: "Até quando e até o fim", como se dissesse o salmista: Até quando arderá como fogo o teu zelo até o fim? Pois, devem ser subentendidas estas duas palavras, da

mesma forma como acima um só termo: “Expuseram”. De fato, a primeira frase: “Expuseram os cadáveres de teus servos como pasto às aves do céu” a contém, mas a segunda não: “os corpos de teus santos às feras da terra”; contudo, subentende-se: “Expuseram”, que se acha da primeira frase. Quanto à ira e ao zelo de Deus não são emoções de Deus, conforme alguns acusam as Escrituras de dizer; eles não as entendem[1]. Pelo nome de ira designa-se o castigo da iniqüidade; e a expressão zelo refere-se à exigência de castidade, a fim de que a alma não despreze a lei do Senhor e não se perca abandonando a Deus, por outros deuses. Estes sentimentos, porém, do homem são turbulentos em seus efeitos, na tribulação; nas disposições de Deus, ao contrário, as ações são tranqüilas, e por isso se lhe diz: “Mas tu, dominando a força, julgas com moderação” (Sb 12,18). Fica assim suficientemente demonstrado que as tribulações advêm por causa dos pecados dos homens, embora se trate de fiéis. Todavia, deste modo floresce a glória dos mártires devido ao mérito da paciência e o Senhor modera piedosamente seu castigo instrutivo. Assim aconteceu aos Macabeus, no meio de cruéis tormentos, sucedeu também aos três jovens nas chamas inócuas da fornalha, e ainda se atesta dos santos profetas no cativeiro (cf 11 Mc 7; Dn 3,21). Apesar de suportarem forte e piissimamente a correção paterna, não calam contudo que estes acontecimentos são merecidos por seus pecados. Aplicam-se-lhes as palavras do salmo: “O Senhor me castigou duramente, mas não me entregou à morte (Sl 117,18). Pois, ele castiga todo filho que ele acolhe. Qual o filho a quem o pai não corrige? (cf Hb 12,6.7).

**9** [6] Quanto ao acréscimo: “Desfere a tua ira contra as nações que te não conheceram, e contra os reinos que não invocaram o teu nome”, trata-se também de uma profecia e não de uma imprecação. Não é um voto maligno, mas predição do que se viu em espírito. Assim, a respeito do traidor Judas, foram profetizados os males que lhe adviriam por seus méritos, como se fosse uma imprecação. Igualmente o profeta não emite uma ordem a Cristo, embora fale no modo imperativo: “Cinge a espada a teu flanco, ó poderosíssimo; com tua beleza e teu esplendor, avança, marcha vitorioso e reina” (Sl 44,4.5); aqui também o salmista não deseja, mas profetiza: “Desfere a tua ira contra as nações que te não conheceram”. Repete-o a seu modo, dizendo: “E contra os reinos que não invocaram o teu nome. Reinos” é repetição de: “nações”; e: os “que não invocaram o teu nome”, é repetição de: “não te conheceram”. Como entender então a palavra do Senhor no evangelho: “O Servo que não conheceu a vontade de seu senhor e tiver feito coisas dignas de chicotadas, será açoitado poucas vezes; aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor e fizer coisas dignas de chicotadas, será açoitado muitas vezes” (Lc 12,48-47), se for maior a ira de Deus contra as nações que não conheceram o Senhor? Na verdade, tendo dito: “Desfere a tua ira”, mostra suficientemente por esta palavra a medida da ira que quis significar; daí dizer em seguida: “Retribui a nossos vizinhos sete vezes mais”. Ou será porque existe grande diferença entre os servos que apesar de não conhcerem a vontade de seu Senhor, no entanto, invocam seu nome, e os estranhos à família deste importante pai de família, que de tal maneira ignoram a Deus que nem o invocam? Pois, invocam em seu lugar os ídolos, os demônios, ou qualquer

criatura, mas não o Criador, que é bendito pelos séculos. O salmista não indica serem estes, dos quais profetiza, ignorantes da vontade de seu Senhor, embora ao mesmo tempo o temam; declara que são tão ignorantes que nem invocam o Senhor e são inimigos de seu nome. Inteiramente diferentes são os servos que não conhecem a vontade de seu senhor, mas são de sua família e vivem em sua casa e os inimigos que não querem saber não somente do próprio senhor, mas não invocam seu nome e além disso atacam seus servos.

**10** [7] Enfim, continua o salmista: "Porque eles devoraram Jacó e devastaram a sua morada". Jacó, de fato, foi figura da Igreja, como Esaú figurou a antiga sinagoga; daí ter sido dito: "O mais velho servirá o menor" (Gn 25,23). Sob tal nome pode-se também reconhecer a herança de Deus, à qual vieram os gentios; para persegui-la, invadindo-a e devastando-a, depois da ressurreição e da ascensão do Senhor. Mas entendamos bem como considerar a expressão: "morada de Jacó". O lugar que melhor pode ser tido como morada de Jacó é aquela cidade em que se situava o templo, onde o Senhor ordenara que se reunisse todo o povo, para sacrificar, adorar e celebrar a Páscoa. Pois, se o profeta quisesse aludir às assembléias dos cristãos, proibidas e reprimidas pelos perseguidores, deveria ter dito moradas devastadas e não morada apenas. Mas podemos considerar que o singular foi usado em lugar do plural, como se fala em veste em vez de vestes, em soldado em vez de soldados, em rebanho em vez de rebanhos. É usual expressar-se deste modo, não só na linguagem vulgar, mas até empregam-no autores dotados de grande eloqüência. Nem mesmo da Sagrada Escritura esta espécie de locução está ausente; pois fala em rã em vez de rãs, em gafanhoto em vez de gafanhotos (Sl 77,45), e inúmeros outros casos. Quanto à expressão: "Devoraram Jacó" é boa a interpretação de que eles obrigaram a muitos, com ameaças, a entrar em seu corpo maligno, quer dizer, em sua sociedade.

**11** [8] O salmista recorda que, embora aos maus a ira de Deus há de retribuir conforme os merecimentos de uma vontade pervertida, eles nada teriam podido contra a herança de Deus, se este não a quisesse corrigir, castigando-lhe os pecados. Daí acrescentar o salmista: "Não te recordes de nossos antigos delitos". Não fala em delitos passados, que poderiam ser recentes, mas "antigos", isto é, dos pais. Com efeito, tais delitos merecem condenação, não correção. "Antecipem-se logo em nosso favor as tuas misericórdias". Antecipem-se, de fato, em relação ao juízo, pois "a misericórdia triunfa sobre o juízo. O juízo", porém, será sem misericórdia, mas para aquele que não pratica a misericórdia" (Tg 2,13). O que segue: "Porque fomos reduzidos a miséria extrema", dá a entender que devemos nos antecipar ao encontro das misericórdias de Deus, a fim de que nossa pobreza, isto é, nossa fraqueza seja amparada por sua compaixão no cumprimento dos preceitos, e assim não sermos condenados em seu juízo.

**12** [9] Por isso, continua o salmo: "Deus, nosso salvador, valei-nos". O termo: "nosso salvador" explica suficientemente a que pobreza alude ao dizer: "Porque fomos reduzidos a miséria extrema". Com efeito, trata-se da fraqueza que necessita de um "salvador". Ao

se referir o salmista ao auxílio, não desconhece a graça, nem afasta o livre-arbítrio, pois quem é auxiliado, faz alguma coisa por si mesmo. Acrescenta ainda: “Pela glória de teu nome, Senhor, livra-nos”, e assim sendo, quem se gloria não se glorie em si mesmo, mas no Senhor (cf 1Cor 1,13). “E perdoa-nos os pecados, por causa de teu nome”, não por nossa causa; pois, que merecem nossos pecados, a não ser suplícios correspondentes e condignos? Mas “perdoa-nos os pecados, por causa de teu nome”. Deste modo nos livras, isto é, libertas dos males, ao nos ajudares a praticar a justiça e perdoares os pecados de que nossa vida não está isenta: “Porque não se justifica na tua presença nenhum vivente” (Sl 142,2). “Todo o que comete pecado comete iniqüidade” (1Jo 3,4). “Se observares as nossas iniqüidades, quem poderá subsistir” (Sl 129,3)?

**13** [10] O versículo que segue: “Para que não se diga entre os gentios: Onde está o seu Deus?” é aplicável de preferência aos próprios gentios. Pois, perecem miseravelmente os que perderam a esperança em Deus, pensando que ele não existe, ou não ajuda os seus nem lhes é propício. Quanto à continuação: “Diante de nossos olhos apareça entre as nações a vingança do sangue de teus servos que foi derramado”, entende-se do seguinte modo: Crêem agora em Deus os que perseguiam a sua herança, porque a vingança de Deus consiste em eliminar cruel iniqüidade deles, através da espada da palavra de Deus, acerca da qual foi dito: “Cinge a tua espada” (cf Sl 44,4); ou então, se eles persistem em serem inimigos, serão punidos no fim. Pois, as doenças corporais de que possam sofrer neste mundo são comuns também aos bons. Existe outra espécie de castigo: o pecador, incrédulo e inimigo, verá e se irritará, rangerá os dentes e se consumirá (cf Sl 111,10), diante da dilatação e fecundidade da Igreja neste mundo, após tantas perseguições, com as quais ele pensava que a igreja haveria de perecer. Quem ousará negar que esta será uma gravíssima pena? Não sei se é perfeitamente exato ligar a expressão: “diante de nossos olhos” a esta espécie de castigo que atua nos íntimos dos corações, e atormenta até aqueles que nos adulam, uma vez que não vemos os sofrimentos do íntimo de um homem. O fato, porém, de se extinguir a malícia dos que acreditam, ou de se dar o castigo final aos que perseveram na sua malícia, sem dúvida alguma está assinalado nas palavras: “Diante de nossos olhos apareça entre as nações a vingança”.

**14** Efetivamente, trata-se, como já dissemos, de uma profecia e não de uma imprecação. Tendo em vista, contudo, conforme está escrito no Apocalipse, que os mártires, sob o altar de Deus, clamam por ele, dizendo: “Até quando, Senhor, não vingas o nosso sangue”? (Ap 6,9.10). não devemos omitir a explicação de como o clamor deve ser interpretado, para não se pensar que os santos desejam vingança, visando a saciar um ódio, o que de forma alguma condiz com a perfeição deles. Todavia, está escrito: “Alegrar-se-á o justo ao ver o castigo dos ímpios, lavará as mãos no sangue dos malvados” (Sl 57,11), e o Apóstolo diz: “Não façais justiça por vossa conta, caríssimos, mas dai lugar à ira, pois está escrito: A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12,19). Por conseguinte, ele não preceitua que não queiram um castigo, mas que não se vinguem eles mesmos, dando “lugar à ira” de Deus, que disse: “A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei”. E o Senhor no evangelho propõe a parábola da

viúva, que querendo obter justiça contra o adversário, interpela o juiz injusto, o qual por fim vencido, não pela justiça, mas pelo tédio, a ouviu (cf Lc 18,3-5). O Senhor propôs esta parábola para mostrar que muito mais fará o Deus justo, imediatamente prestando justiça a seus eleitos, que clamam por ele dia e noite. Igual proveniência tem o clamor dos mártires, sob o altar de Deus, pedindo que sejam vingados no juízo de Deus. Onde fica, então, aquele dito: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem"? (Mt 5,44). E esta outra palavra: "Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria" (1Pd 3,9); "A ninguém pagueis o mal com o mal"? (Rm 12,17). Se pois, não se deve pagar mal por mal, não é somente uma ação má por ação má, mas também nem desejo mau por ação má ou desejo mau. Paga, porém, um voto mau quem, embora não se vingue por si mesmo, no entanto espera e deseja que Deus castigue seu inimigo. Por isso, como se distingue o homem justo do homem mau ao desejarem ambos que Deus retribua a seus inimigos? O justo deseja que seu inimigo seja antes corrigido do que punido. E ao verificar que o Senhor o castiga, não se deleita com esta pena, porque não o odeia, mas alegra-se com a justiça divina, porque ama a Deus. Enfim, se ele é castigado neste mundo, o justo ou se alegra com a sua correção, ou por causa dos outros, porque assim receiam imitá-lo. Ele também torna-se melhor, pois não alimenta ódio diante deste suplício, mas quer ver o erro emendado. Assim, o justo não se alegra por malevolência e sim por benevolência. Ao ver o castigo, lava suas mãos, quer dizer, purifica suas obras no sangue, isto é, pela perda do pecador. Dali não retira motivo de alegria com o mal alheio, mas sim exemplo pela advertência divina. Se, porém, será castigado só no século futuro, no último juízo de Deus, compraz-se no que agrada a Deus, a saber, que os maus não sejam recompensados, os ímpios não usufruam dos prêmios reservados aos bons. Do contrário, seria injustiça, e fora da regra da verdade, que o justo ama. O Senhor, ao nos exortar a amar os inimigos, propôs-nos o exemplo de nosso Pai que está nos céus, que "faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus, e faz cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45); acaso, de acordo com isso, ele não emenda por meio de castigos temporais, ou não condena no fim os pertinazes no mal? Por conseguinte, amem-se os inimigos, mas aceitando a justiça de Deus que pune; agrade a justiça punitiva, mas ninguém se alegre do mal infligido ao inimigo, e sim da justiça do juiz bom. Ao contrário, o ânimo malévolo se contrista se o inimigo escapar do castigo por se ter corrigido. Se o vir punido, alegra-se vingativo de tal sorte que não se deleita com a justiça de Deus a quem não ama, mas goza com a infelicidade daquele a quem odeia. Se entrega tudo ao juízo de Deus, deseja que o castigo de Deus seja mais pesado do que o mal que ele poderia fazer ao inimigo. Se der comida ao inimigo faminto e bebida ao sedento, saboreia maliciosamente o que foi escrito: "Agindo desta forma estarás pondo brasas na cabeça dele". Pois, age visando pesar mais sobre ele, e excitar contra ele a indignação de Deus, que, segundo sua opinião, é figurada pelos carvões ardentes, não entendendo que aquele fogo é o ardor da penitência, dor que persiste até que a cabeça erguida pela soberba se dobre diante dos benefícios do inimigo, tornando-se humilde, e assim o mal que havia nele é vencido pelo bem do inimigo. Por isso, o Apóstolo com vigilância acrescenta: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (Rm

12,20.21). Como, porém, pode o bem vencer o mal, se for superficial e a maldade profunda? Se perdoa em obras, mas o coração está enfurecido, a mão é suave, mas a vontade é cruel? Por conseguinte, o presente salmo profetiza, em forma de súplica, a futura vingança contra os ímpios, de tal sorte que entendamos terem os santos homens de Deus amado seus inimigos, desejando a todos apenas o bem, que é a piedade neste mundo e a eternidade no futuro. Diante do castigo dos maus, comprazem-se não nos males que lhes são impostos, mas no justo juízo de Deus. Sempre que se lê nas Escrituras alusão ao ódio que têm aos homens, entenda-se ódio aos vícios. A estes, deve cada qual odiar em si mesmo, se de fato ama a si mesmo.

**15** [11] Em relação ao que segue: "Chegue diante de tua presença" ou conforme alguns códices: "à tua presença o gemido dos cativos em grilhões". É difícil ouvir-se dizer que alguns dos santos tenham sido presos com grilhões pelos perseguidores. Se aconteceu, em tão grande e múltipla variedade de penas, foi tão raro que não é crível tenha o profeta especialmente se referido a eles, neste versículo. Mas grilhões são principalmente a fraqueza e a corruptibilidade do corpo, que pesam sobre a alma. O perseguidor poderia coagir à impiedade, utilizando a fraqueza, matéria de certas dores e incômodos. Destes grilhões queria o Apóstolo ser libertado, e estar com Cristo (cf Fl 1,23); mas permanecer na carne era mais necessário por causa daqueles que ele evangelizava. Portanto, até que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este corpo mortal revista a imortalidade (cf 1Cor 15,53), quais outros grilhões, a carne fraca impede a prontidão do espírito. Não sentem o peso destes grilhões senão aqueles que gemem acabrunhados, porque querem revestir a veste que vem do céu por cima da nossa (cf 2Cor 5,4), por terem horror da morte, e sentirem tristeza na vida mortal o profeta faz seus os gemidos deles a fim de que cheguem à presença de Deus. É possível ainda aplicarem-se os grilhões àqueles que metem seus pés nos grilhões dos preceitos da sabedoria, os quais, suportados com paciência, se transformam em enfeite precioso. Daí estar escrito: "Mete os teus pés em seus grilhões" (cf Eclo 6,25.29). "Com o poder de teu braço acolhe como adotivos os filhos dos condenados à morte", ou conforme se acha em alguns códices: "possui os filhos dos condenados à morte". Parece-me que a Escritura mostra com evidência quais os gemidos desses cativos que pelo nome de Cristo sofreram gravíssimas perseguições, com toda a clareza profetizadas neste salmo. Pois, sujeitos a diversos sofrimentos, rezavam pela Igreja, pedindo não fosse inútil para os pósteros o derramamento de seu sangue. Assim, a messe do Senhor, que os inimigos consideravam perdida, seria por isso mesmo mais abundante. Com efeito, o sal-mista denomina "filhos dos condenados à morte" os que não somente não se atemorizaram com os sofrimentos dos que os precederem, mas ainda inflamados diante da glória deles, a imitá-los, acreditaram, em multidões numerosíssimas, naquele por cujo nome os mártires anteriores haviam sofrido. Por isso, declara o salmista: "Com o poder de teu braço". Esta coisa tão grande aconteceu ao povo cristão; ele não acreditou de forma alguma que sucederia o que os perseguidores esperavam conseguir em parte.

**16** [12] "Retribui a nossos vizinhos em seu seio, sete vezes mais". Não é imprecação; mas

anuncia previamente ações justas e profetiza o que há de acontecer. O salmista dá a entender com o número septenário, isto é, a séptupla retribuição, a perfeição do castigo, porque este número costuma indicar plenitude. De onde se dizer, em relação ao bem: Receberá neste tempo sete vezes mais (cf Mc 10,30). Com isso indica totalidade de bens: "Como nada tendo, embora tudo possuamos" (11 2Cor 6,10). Chama de vizinhos aqueles entre os quais habita a Igreja até o dia da separação; pois agora não se faz a separação naterial. "Em seu seio", agora, de fato, ocultamente; pois, o castigo aqui nesta vida é oculto; depois "diante de nossos olhos apareça entre as nações". Pois, o homem entregue a seus sentimentos perversos, recebe no seu íntimo o que há de merecer dos suplícios futuros. "As injúrias com que te ultrajaram, Senhor". A estas injúrias, retribui com o séptuplo em seu seio, isto é, por estas injúrias, reprova-os inteiramente em oculto. Pois, foi ali que ultrajaram teu nome, pensando eliminar-te da terra, através de teus servos.

**17** 13 "E nós, teu povo", em geral deve ser tomado como sendo toda classe de cristãos verdadeiros e piedosos. "Nós", portanto, que eles pensaram que podiam arruinar, "teu povo e ovelhas de teu rebanho", a fim de que aquele que se gloria, no Senhor se glorie (cf 1Cor 1,31), "havemos de te celebrar pelos séculos". Outros códices, contudo, trazem: "havemos de te celebrar eternamente". A diversidade provém da ambigüidade do texto grego. A expressão grega eis tòn aiona pode ser vertida por "eternamente" e "pelos séculos". Pelo contexto pode-se escolher a melhor versão. O sentido da passagem, a meu ver, exige mais "pelos séculos", isto é, até o fim dos séculos. O versículo seguinte, porém, segundo o costume das Escrituras, especialmente dos salmos, é repetição do anterior, em ordem diferente, trazendo primeiro o que vem depois, e depois o que no versículo primeiro vem antes. Pois, em vez de: "havemos de te celebrar", aqui está: "anunciaremos teu louvor". Lá temos: "pelos séculos", substituído aqui por: "de geração em geração". A repetição da palavra geração significa a perpetuidade. Ou, conforme entendem alguns, duas gerações, a antiga e a nova. Mas isto se realiza em ambos os séculos; pois quem não renascer da água e do Espírito não entrará no reino dos céus (cf Jo 3,5); em seguida, porque neste século anuncia-se o louvor de Deus, pois como no futuro século nós o veremos como ele é (cf 1Jo 3,2), não haverá a quem anunciar ainda. "E nós, teu povo e teu rebanho", que eles, perseguindo, pensaram eliminar, "havemos de te celebrar pelos séculos", pois a Igreja que eles se empenharam por destruir permanecerá até o fim. "De geração em geração anunciaremos teu louvor". No intuito de fazer calar este louvor, esforçaram-se por nos arruinar. Já insinuamos que em muitos lugares das Sagradas Escrituras coloca-se a palavra confissão em vez de louvor, conforme está escrito: Direis em confissão: "Todas as obras do Senhor são boas" (Eclo 39,33); e principalmente o que disse o próprio Salvador, que não tinha pecado algum a confessar: "Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11,25). Declarei-o, para se entender mais claramente que: "anunciaremos teu louvor" é repetição do que fora dito mais acima: "Havemos de te celebrar".

1 Maniqueus.

# SALMO 79

## SERMÃO

**1** [1] Este salmo não apresenta muitas questões difíceis de explicar, nem que impeçam os ouvintes atentos de entender. Por isto, com o auxílio do Senhor, ouçamos e vejamos o que foi profetizado e predito, como alguns instruídos na escola de Cristo, e passemos ligeiramente por aquilo que é claro, de tal modo que se algumas coisas talvez obscuras exijam interpretação, as claras reclamem de mim apenas uma leitura. Cantam-se aqui a vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e sua vinha. Mas canta aquele Asaf que está, parece, iluminado e emendado; seu nome, como sabeis, significa assembléia. Enfim, o título do salmo é: "Para o fim. Por aqueles que serão mudados". Trata-se, de fato, em mudança para melhor, porque Cristo, fim da Lei (cf Rm 10,4) veio, para tran-formar tudo em melhor. E acrescenta o salmista: "Testemunho de Asaf", bom testemunho à verdade. Este testemunho confessa Cristo e sua vinha, a saber, a Cabeça e o corpo, o rei e o povo, o pastor e o rebanho, e o mistério total de Cristo nas Escrituras e a Igreja. O título do salmo conclui-se deste modo: "Em favor dos assírios". A tradução de assírios é: dirigentes. Por conseguinte, não seja uma geração que não tem o coração reto (cf Sl 77,8), mas geração já bem orientada. Agora, ouçamos como reza este testemunho.

2 2 "Pastor de israel, atende". Como interpretar: "Pastor de Israel, atende. Conduzes a José como um rebanho?" É invocado para que venha, é esperado para que venha, é desejado para que venha. Por conseguinte, ele encontre dirigentes: "Conduzes José, como um rebanho". O próprio José é como ovelhas. José é um rebanho, José é uma ovelha. Ao ouvires falar em José, embora a interpretação de seu nome muito ajude, pois significa aumento, e na verdade, ele surgiu para que o grão que morrera brotasse multiplicado (cf Jo 12,25), isto é, crescesse o povo de Deus, no entanto, por aquilo que sabeis que tinha acontecido a José — recordai que foi vendido pelos irmãos, foi injuriado, foi exaltado entre os estrangeiros (cf Gn 37,28; 41,40) — entendereis a qual rebanho devemos pertencer, juntamente com aqueles que têm o coração reto, a fim de que a pedra que os construtores rejeitaram se torne a pedra angular (cf Mt 21,42; Sl 117,22), que sustenta as duas paredes, vindas de direções opostas, mas unidas no ângulo. "Tens o trono sobre os querubins". Os querubins são o trono da glória de Deus, e traduzem-se por plenitude da ciência. O trono de Deus é a plenitude da ciência. Embora os querubins sejam sublimes poderes e virtudes dos céus, se queres, podes tornar-te querubim. Se o querubim é o trono de Deus, ouve o que diz a Escritura: "A alma do justo é o trono da sabedoria" (Sb 7). Como, dizes, poderei ser a plenitude da ciência? Quem pode realizar isto? Tens como fazê-lo: "A caridade é a plenitude da Lei" (Rm 13,10). Não andes por muitos lados, não te disperses. Atemoriza-te a expansão dos ramos; segura-te à raiz, e não penses no tamanho da árvore. Haja caridade em ti, e necessariamente se seguirá a plenitude da ciência. Pois o que ignora quem conhece a

caridade, uma vez que foi dito: “Deus é amor”? (1Cor 4,8).

3 3 “Tens o trono sobre os querubins. Manifesta-te”. Nós errávamos porque não te manifestavas. “Ante Efraim, Benjamim e Manassés”. Manifesta-te diante dos judeus, diante do povo de Israel: ali se encontra Efraim, Manassés e Benjamim. Mas vejamos a interpretação desses nomes. Efraim quer dizer frutificação; Benjamim, filho da direita; Manassés, esquecido. Aparece, pois, diante do fruto, diante do filho da direita, aparece diante do que foi esquecido a fim de que não seja mais esquecido; mas que se lembre aquele que livraste. Pois, se são relembrados os povos, e todos os confins da terra hão de se converter ao Senhor (cf Sl 21,28), o povo originário de Abraão não teria uma parede, que se unirá com alegria no ângulo, se foi escrito: “O resto será salvo”? (Rm 9,27). “Desperta teu poder”. Com efeito, eras fraco quando se dizia: “Se é Filho de Deus, desça da cruz” (Mt 27,40). Aparentemente nada podias. O perseguidor prevaleceu contra ti, e isto foi demonstrado previamente, pois Jacó prevaleceu na luta, um homem contra um anjo. Quando se faria isto, se o anjo não quisesse? O homem prevaleceu e o anjo foi vencido. E o homem vencedor agarrou o anjo e disse: “Eu não te deixarei se não me abençoares” (Gn 32,26.28.25). Grande mistério! É vencido e abençoa o vencedor. Vencido porque quis. Fraco segundo a carne, forte em sua majestade. E o abençoou: “Chamar-te-ás Israel”. Tocou, contudo, o tendão da coxa e esta secou. E o anjo fez dele um homem bendito e coxo. Vês como o povo judaico claudicou; vê entre eles como é abençoada a raça dos apóstolos. Portanto, “desperta teu poder”. Até quando parecerás fraco? Crucificado segundo a fraqueza, ressuscitado pelo seu poder: “Desperta teu poder e vem salvar-nos”.

**4** [4] “Converte-nos, ó Deus”. Voltamos-te as costas e se tu não nos convertes, não nos converteremos. “Mostra-nos a luz de tua face e seremos salvos”. Por acaso ele tem a face no escuro? Não tem a face escura, mas pôs na sua frente a nuvem da carne, como um véu de fraqueza. Não foi reconhecido quando pendia da cruz, mas o foi quando sentado no céu. Pois, assim se fez. Asaf não conheceu a Cristo presente na terra e ao fazer milagres; no entanto, depois de morto, depois que ressuscitou e subiu ao céu, ele o reconheceu e se arrependeu. Teria dito a respeito dele todo esse testemunho que reconhecemos neste salmo: “Mostra-nos a luz de tua face e seremos salvos”. Velaste a tua face e ficamos doentes; mostra-nos tua luz e seremos alvos.

**5** [5] “Senhor, Deus dos exércitos, até quando estarás irritado contra o teu servo a orar?” Já é a oração “de teu servo”. Tu te iravas contra a oração de teu inimigo, e ainda te irritas contra a oração de teu servo! De tal modo te irritarás: como pai que corrige e não como juiz que condena. Tu te irritarás, certamente, porque está escrito: “Filho, se te dedicares a servir ao Senhor, prepara-te para a prova” (Eclo 2,1). Não penses que a ira de Deus já passou, uma vez que te converteste; passa, mas para não te condenar eternamente. Castiga, porém, não poupa, porque castiga todo filho que acolhe (cf Hb 12,6). Se recusas o castigo, por que desejas ser acolhido? Ele castiga todo filho que acolhe; castiga todo filho, ele que não poupou seu Unigênito. Contudo, “até quando

estarás irritado contra teu servo a orar", que já não é teu inimigo; mas "estás irritado contra teu servo a orar". Até quando?

**6** [6] Segue-se: "Nutrir-nos-ás com pão de lágrimas e dar-nos-ás a beber lágrimas com medida". Que quer dizer: "com medida?" Escuta o que diz o Apóstolo: "Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças" (1Cor 10,13). Tal é a medida: as tuas forças; em tal medida, para seres instruído e não para seres oprimido.

**7** [7] "Puseste-nos como alvo de contradição para nossos vizinhos". Efetivamente, assim aconteceu; pois do meio de Asaf foram escolhidos alguns para irem aos gentios, pregarem a Cristo, e ouvirem a réplica: Quem é este pregador de novas divindades? (cf At 17,18). "Puseste-nos como alvo de contradição para nossos vizinhos". Pregavam aquele que era alvo de contradição. A quem pregavam? Cristo que morrera e ressuscitara. Quem pode ouvir isto? Quem o sabia? Coisa inteiramente nova! Mas seguiam-se os milagres, e estes sinais davam crédito a um fato incrível. Eles eram alvo de contradição, mas o contraditor era vencido, e transformava-se de contraditor em fiel. Ali, contudo, era intenso o fogo; ali os mártires eram alimentados com o pão das lágrimas e dessendentados com lágrimas, porém medidas, e não mais do que podiam suportar, a fim de que após estas lágrimas comedidas seguisse a coroa de alegria. "E nossos inimigos zombaram de nós". Onde estão os que zombaram? Por muito tempo se dizia: Quem são estes que adoram um morto, adoram um crucificado? Por muito tempo assim se falou. Onde estão os que torciam o nariz, zombando? Acaso agora os que censuravam não fogem para as cavernas, para não serem vistos? "E nossos inimigos zombaram de nós".

**8** [8.9] Mas vede como prossegue o salmista: "Converte-nos, ó Senhor, Deus dos exércitos. Mostra-nos a luz da tua face e seremos salvos. Transportaste do Egito uma vinha. Expulsaste as nações para replantá-la". Conhecemos o fato. Quantos povos foram derrubados! Amorreus, ceteus, jebuseus, gergeseus e heveus. Depois que foram expulsos e vencidos, foi introduzido na terra da promissão o povo libertado do Egito. Ouvimos de onde foi retirada a vinha e onde foi replantada. Vejamos o que aconteceu em seguida; como acreditaram, em que medida se multiplicaram, que terra ocuparam. "Transportaste do Egito uma vinha; Expulsaste as nações para replantá-la".

**9** [10-12] "Preparaste-lhe o caminho, lançou raízes e espalhou-se pela terra". Porventura encheria a terra se não lhe preparasses um caminho? Que caminho lhe preparaste? Diz o Senhor: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Com razão encheu a terra. Agora se afirmou isto da vinha, mas isto se completará, até o fim. Todavia, o que aconteceu primeiro? "Cobriram-se os montes com a sua sombra e seus arbustos ensombraram os cedros de Deus. Estendeu seus ramos até o mar, e até o rio os seus rebentos". Aqui um expositor deve entrar em ação; não bastam um leitor e um panegirista. Ajudai-me com a vossa atenção. Pois costuma a menção desta vinha do presente salmo causar confusão nos menos atentos. Com efeito, já explicamos o tamanho desta vinha. Foi predito de onde foi tirada, e como cresceu. "Preparaste-lhe

caminho, lançou raízes e espalhou-se pela terra". Trata-se de seu estado perfeito. Mas, a nação judaica anteriormente foi esta vinha. O povo judaico reinou até o mar e até o rio. Até o mar: revela a Escritura que o mar lhe era vizinho (Nm 34,5). E até o rio Jordão. Além do Jordão havia alguns judeus; mas aquém do Jordão estava todo o povo. Portanto, "até o mar e até o rio" o reino judaico, o reino de Israel. Todavia, não era "de um a outro mar, nem desde o rio até os confins da terra" (Sl 71,8). Isto já seria a vinha completa, aqui predita: "Preparaste-lhe o caminho, lançou raízes e espalhou-se pela terra". Tendo predito a sua perfeição, o salmista volta ao início, de onde se originou o estado perfeito. Queres ouvir o início? "Até o mar e até o rio". Queres ouvir qual o fim? "Dominará de um a outro mar, e desde o rio até os confins da terra". Isto é: "espalhou-se pela terra". Vejamos, então, o testemunho de Asaf, o que sucedeu à primeira vinha, o que se espera da segunda, ou melhor, da mesma vinha. Pois, é a mesma, não outra. Dela se origina Cristo, salvação vinda dos judeus, dela os apóstolos, dela os primeiros fiéis, que depositavam aos pés dos apóstolos o preço de seus bens; daí vem tudo isso (cf Jo 4,22; At 2,45; 4,35). E se alguns ramos foram quebrados, "foram cortados pela incredulidade. Tu, porém, povo gentio, fica firme na fé. Não te ensoberbeças, mas teme, porque se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará. E se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti" (Rm 11,18-21). Que era então anteriormente a vinha, a quem Deus preparou o caminho para se espalhar pela terra? "Cobriram-se os montes com a sua sombra". Quais são esses montes? Os profetas. Por que sua sombra os encobriu? Porque os profetas falaram obscuramente prenúncios do futuro. Ouves os profetas ordenarem: observa o sábado, circuncida os meninos ao oitavo dia, oferece sacrifícios de carneiros, novilhos, bodes. Não te espantes. Estas sombras encobrem os montes de Deus. Após a sombra vem a manifestação. "E seus arbustos ensombraram os cedros de Deus", isto é, ensombraram cedros de Deus, altíssimos, mas de Deus. Pois, os cedros representam os soberbos que hão de ser derrubados. Cedros do Líbano, as grandezas deste mundo, foram ensombradas por tal vinha, ao crescer; e montes de Deus são todos os santos profetas, os patriarcas.

**10** [13] Mas, até onde "estendeu os seus ramos? Até o mar, e até o rio os seus rebentos". Em conseqüência, o que aconteceu? "Por que destruíste os seus muros?" Já se vê uma alusão ao povo judaico, que foi arruinado. Já se ouviu em outro salmo: "Com achas e martelos abateram-na" (Sl 73,6). Quando isto se poderia ter feito, se não tivesse sido destruído seu muro? Que muro é este? Sua proteção. Pois, ela se levantou com soberba contra seu agricultor. Os vinhateiros flagelaram, derrubaram, mataram os servos enviados pelo senhor para receberem o pagamento. Veio também o Filho único e eles disseram: "Este é o herdeiro: vamos! Matemo-lo e apoderemo-nos de sua herança. Agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram" (Mt 21,34-39). Lançado fora, possuiu melhor a vinha de onde fora expulso. Pois, assim ameaça por Isaías: "Derrubarei o seu muro". Qual o motivo? "Eu esperava que ela produzisse uvas boas, mas só produziu espinhos"; esperava colher frutos e encontrei pecados. Por que, então perguntas, ó Asaf: "Por que destruíste os seus muros?" Não sabes por quê? "Deles esperava o direito, mas o que

produziram foi a transgressão” (Is 5,5.2.7); não deveria destruir os seus muros? Vieram as nações, destruíram os muros, invadiram a vinha, extinguiu-se o reino dos judeus. Primeiro, assim se lamentou, mas não sem esperanças. Já fala da reta orientação do coração, isto é, em favor dos assírios, pois é um salmo para os dirigentes. “Por que destruíste os seus muros e a vindimam todos os transeuntes?” Quais são os “transeuntes?” Os dominadores temporais.

**11** [14] “O javali das selvas a devastou”. Que entendemos por javali das selvas? Os judeus abominam os porcos, e neles vêem representada a imundície dos gentios. Pelos gentios, porém, foi arruinado o povo da Judéia; mas o rei que a destruiu não era apenas um porco imundo, mas também um javali. Que é o javali, senão um porco cruel, um porco soberbo? “O javali das selvas a devastou”. Das selvas: das nações. Pois, aquela nação era uma vinha e as outras nações eram selvas. Mas quando as nações creram, o que se disse? “Haverão de se rejubilar então as árvores todas das selvas” (Sl 95,12). “O javali das selvas a devastou e a fera singular a devorou”. Qual a fera singular? Este javali que a devastou é singularmente feroz. Singular porque soberbo. Assim se exprime todo soberbo: Eu sou; eu sou e ninguém mais.

**12** [15.16] Mas, qual o fruto de tudo isso? “Converte-nos, ó Deus dos exércitos”. Apesar de tudo isso, “converte-nos” efetivamente. “Olha do céu, e vê, e visita esta vinha. Reforça a vinha que a tua destra plantou”. Não planta outra, mas melhora esta. Ela é descendência de Abraão, a descendência na qual serão abençoadas todas as nações (cf Gn 22,18). Aí está a raiz, que sustenta a oliveira silvestre enxertada. “Reforça a vinha que a tua destra plantou”. Mas como? “E sobre o filho do homem que para ti confirmaste”. Que há de mais evidente? O que esperais ainda que vos exponhamos nessa dissertação? Por que não exclamaremos de admiração juntamente convosco: “Reforça a vinha que a tua destra plantou, e sobre o filho do homem” hás de aperfeiçoá-la? Qual filho do homem? “Que para ti confirmaste”. Grande fundamento! Edifica quanto puderes. “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus” (1Cor 3,11).

**13** [17] “Abrasadas pelo fogo, destruídas, perecerão ante a ameaça de teu rosto”. Quais as coisas que foram abrasadas pelo fogo, destruídas e que haverão de perecer diante da ameaça de seu rosto? Vejamos e compreendamos o que foi abrasado pelo fogo e destruído. Que repreendeu Cristo? Os pecados. Diante das ameaças de seu rosto os pecados desapareceram. Por que, então se diz que os pecados foram abrasados pelo fogo e destruídos? Duas são as origens de todos os pecados humanos: a cupidez e o temor. Refleti, considerai, interrogai vossos corações, examinai vossas consciências. Vede se existem pecados que não se originem na cupidez ou no temor. Se te é proposta uma recompensa para pecares, isto é, um objeto de prazer para ti; tu o cometes porque o desejas. Talvez não te deixes seduzir pelos dons, contudo as ameaças te aterrorizam; cometes o pecado porque temes. Alguém, por exemplo, quer te corromper para proferires um falso testemunho. Há inumeráveis casos, mas proponho os mais simples,

para concluires acerca dos demais. Voltas a atenção para Deus e dizes a tua alma: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua alma”? (Mt 16,26). O prêmio não me seduz a ponto de per-der a minha alma por causa de um lucro pecuniário. Ele então volta-se a incutir medo. Não pôde corromper prometendo um prêmio, e começa a ameaçar de prejuízo, expulsão, talvez de tortura e de morte. Se a ambição não conseguiu coisa alguma, talvez o temor obterá que peques. Todavia, talvez te lembres do que diz a Escritura contra a ambição: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua alma?” Pode vir também à mente o que há contra o temor: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28). Qualquer que queira te matar, pode atingir até o corpo; não lhe é lícito tocar a alma. Tua alma não morrerá, a não ser que tu mesmo queiras matá-la. A iniqüidade alheia mate tua carne, contanto que tua alma seja guardada pela verdade. Se, porém, fugires da verdade, que te fará de mal o inimigo além do que tu mesmo te infliges? O inimigo enfurecido pode matar o corpo; tu, porém, proferindo um falso testemunho matas a alma. Ouve o que diz a Escritura: “A boca mentirosa mata a alma” (Sb 1,11). Conseqüentemente, meus irmãos, é o amor e o temor que conduzem a qualquer obra boa; a todo pecado levam o amor e o temor. Se visas a agir bem, deves amar a Deus e temer a Deus; se, porém, queres agir mal, ama o mundo e teme o mundo. Estas duas atitudes se mudem em boas: amavas a terra, ama a vida eterna; temias a morte, teme a geena. Por mais que te prometa o mundo iníquo, por acaso pode dar tanto quanto dará Deus, que é justo? Por mais que te ameace o mundo, poderá fazer-te o que Deus faz ao malvado? Queres ver o que te dará Deus se viveres na justiça? “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”. Queres saber o que fará aos maus? “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,34-41). Certamente nada queres senão estar bem. Pois, quando amas, queres que tudo esteja bem para ti, e quando temes, não queres o mal; mas não o procuras onde deve ser procurado. Tu te apressas; pois queres que nada te falte, que não sofras dificuldades; é bom o que queres, mas tolera o que não queres, a fim de conseguires o que queres. Conseqüentemente, o que fará a face daquele que apaga os pecados? Quais são os pecados abrasados pelo fogo e destruídos? Que fizera o amor perverso? Queimara como fogo. Que fizera o temor perverso? Destruíra, escavando. De fato, o amor inflama e o temor humilha. Por isso, os pecados provindos de um amor perverso, foram abrasados pelo fogo; os pecados oriundos de um medo perverso foram lançados na fossa. Enquanto o temor bom também humilha, o amor bom inflama, mas de maneira diversa. O agricultor que intercedia em favor da árvore que não produzia frutos, para que não fosse arrancada, disse: “Deixa-a para que eu cave ao redor e coloque adubo” (Lc 13,8). A fossa representa a piedosa humildade do homem que teme a Deus e o cesto de adubo o pano de saco, útil a quem faz penitência. O Senhor alude ao fogo do amor correto, ao dizer: “Eu vim trazer fogo à terra” (Lc 12,49). Inflamem-se neste fogo os fervorosos de espírito, ardentes na caridade ao próximo. É assim que toda obra justa é praticada por meio do temor justo e do amor correto, e ao invés, devido a um amor e um temor perversos é que se cometem todos os pecados. Portanto:

“Abrasados pelo fogo e destruídos” todos os pecados, “perecerão ante a ameaça de teu rosto”.

**14** [8-20] “Estende tua mão sobre o homem de tua direita e sobre o filho do homem que fortaleceste para ti. E de ti não nos apartaremos”. Até quando haverá uma geração perversa e rebelde, que não tem o coração reto? (Sl 77,8.9). Diga Asaf: Manifeste-se a tua misericórdia; faze o bem a tua vinha, reforça-a, porque “o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo” (Rm 11,25.26). Uma vez que mostraste a luz de tua face “ao homem de tua direita que para ti confirmaste, e não nos apartamos de ti”, até quando nos repreenderás? Até quando nos acusarás? Age assim conosco e “não nos apartaremos de ti: Restituir-nos-ás a vida e invocaremos teu nome”. Tu nos serás suave; “restituir-nos-ás a vida”. Pois, anteriormente amávamos a terra e não a ti; mas mortificaste os nossos membros terrenos (cf Cl 3,5). O Antigo Testamento, ao prometer bens terrenos, parecia persuadir a que não se amasse gratuitamente a Deus, mas que ele fosse amado porque dá alguma coisa aqui na terra. Que é que amas, de tal sorte que não amas a Deus? Dize-me. Ama, se é possível, alguma coisa que ele não tenha feito. Olha a criação inteira; verifica se estás preso pelo visco da cupidez que te impede de amar o Criador, senão por causa de uma criatura daquele que menosprezas. Por que amas esses bens, senão por serem belos? E podem ser tão belos quanto aquele por quem foram feitos? Admiras estas realidades, porque não o vês; mas através dos bens que admiras, ama aquele que não vês. Interroga a criação. Se provém de si mesma, pára nela. Se, porém, vem de Deus, ela é perniciosa a quem a ama por ser preferida ao Criador: Por que estou falando dessas coisas? Por causa deste versículo, irmãos. Estavam mortos os que cultuavam a Deus para estarem bem corporalmente; de fato, o desejo da carne é morte (cf Rm 8,6); e estão mortos os que não adoram a Deus gratuitamente, isto é, porque ele é bom e não por dar tais bens, concedidos de igual modo aos maus. Queres obter de Deus dinheiro? O ladrão também o possui. Mulher, filhos, saúde corporal, honrarias mudanas? Observa quantos maus têm tudo isso. É só por causa disso que adoras a Deus? Teus pés vacilavam, pensavas que era em vão que o adoravas, porque vias estes bens possuídos por aqueles que não o adoram (cf Sl 72,2). Portanto, Deus concede tudo isso também aos maus; mas reserva a si mesmo apenas para os bons. “Restituir-nos-ás a vida”, uma vez que estávamos mortos, quando aderíamos aos bens terrenos; estávamos mortos, quando trazíamos a imagem do homem terreno. “Restituir-nos-ás a vida”, renovar-nos-ás, dar-nos-ás a vida do homem interior. “E invocaremos teu nome”, isto é, amar-te-emos. Serás para nós suave, perdoando nossos pecados; serás todo ó prêmio dos que foram justificados. “Converte-nos, o Senhor Deus dos exércitos. Mostra-nos a luz de tua face e seremos salvos”.

# SALMO 80

## SERMÃO

**1** [1] Empreendemos falar-vos deste salmo. Vosso silêncio ajude nossa voz, pois estou um pouco rouco; dar-me-á forças a atenção dos ouvintes e o auxílio daquele que me mandou falar. Este salmo tem por título: "Para o fim, para os lagares, no quinto dia da semana. Salmo. Do mesmo Asaf". Num título estão reunidos muitos mistérios, de tal modo que o limiar do salmo indica seu conteúdo. Tendo de falar sobre lagares, nenhum de vós espere que havemos de tratar da cuba, da prensa, dos cestos, porque nem o salmo alude a isto e antes indica o seu mistério. Pois, se o texto do salmo contivesse algumas destas coisas, não faltaria quem pensasse que devia tomar lagares à letra, e que não era preciso pesquisar mais, nem que tivesse um sentido místico e sagrado, mas diria: O salmo trata simpesmente de lagares, e não sei o que me queres insinuar mais. Agora, nada disto ouvistes na leitura. Portanto, tomai lagares como sinal do mistério da Igreja, que agora se realiza. Nos lagares notamos três pontos: a prensa, e da prensa saem duas espécies de elementos: um a ser recolhido e outro a ser jogado fora. No lagar, portanto, há pisoteio, tribulação, peso; e assim o óleo se destila ocultamente nas almotolias; a borra corre publicamente nas ruas. Prestai atenção a este grande espectáculo. Deus não deixa de nô-lo apresentar para que a ele assistamos com grande prazer; ele pode ser comparado com a loucura do circo? Esta é borra, aquele é óleo. Quando, pois, ouvis os blasfemos gritarem com insistência, e dizerem na época dos cristãos as tribulações abundam, sabeis que eles têm gosto em repetir o antigo provérbio que, contudo, começou nos tempos cristãos: Deus não envia chuvas, a culpa é dos cristãos[1]. Embora tenham sido os antigos que o disseram, os inimigos agora o repetem, mesmo quando Deus envia chuvas: A culpa é dos cristãos. Não chove, não semeamos; chove, não trituramos. E serve-lhes de oportunidade de orgulho o que deveria fazê-los mais suplicantes. Preferem blasfemar a rezar. Não vos perturbeis se eles relembram estas coisas, se eles se gabam, se o dizem com contumácia; não com temor mas com altivez. Pensa que as angústias abundam. Sê óleo. A borra negra injúria devido às trevas de sua ignorância. Lançada nas praças publicamente injurie. Tu, porém, em teu coração, onde aquele que vê o que ali será oculto te recompensará, destila nas almotolias. As azeitonas na árvore são sacudidas pelas tempestades, mas não são esmagadas, imprensadas nos lagares. Da árvore pendem simultaneamente a parte que será jogada fora e a que será recolhida; mas logo que forem colocadas no lagar e na prensa, uma parte se torna distinta da outra, separam-se e uma é desejada e outra rejeitada. Quereis saber qual a força desses lagares? Direi apenas um fato que leva à murmuração aqueles mesmos que o ocasionam: Quanta rapina, dizem eles, em nossos dias, quanta tribulação dos inocentes, quanta exploração das propriedades alheias! Com efeito, prestas atenção à borra, visto que os bens alheios são roubados; não observas o óleo, aqueles que dão aos pobres o que lhes é próprio. A

antiguidade não tinha tais ladrões dos bens alheios; mas também não existiam na antiguidade tais doadores de seus próprios bens. Tem um pouco mais de curiosidade de saber o que passa no lagar; não olhes apenas o que corre publicamente. Há alguma coisa que descobrirás em tua procura. Examina, ouve, conhece quantos são os que praticam aquilo que um rico ouviu da boca do Senhor, mas afastou-se com tristeza. Muitos ouvem do evangelho: “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois vem e segue-me” (Mt 19,21). Não observas quantos são os que assim procedem? São poucos, diz-se. Todavia, esses poucos são óleo. Aqueles que usam bem as riquezas que possuem são óleo; reúne todos e verás cheios os depóstios de teu pai de família. Encontras quem roube os bens alheios como nunca; vê também quem despreza suas riquezas como nunca. Elogia os lagares. Cumpre-se a profecia do Apocalipse: “Que o justo pratique ainda a justiça e o sujo continue a sujar-se” (Ap 22,11). Eis os lagares indicados nesta sentença: “Que o justo pratique ainda a justiça e o sujo continue a sujar-se”.

**2** Por que “quinto dia da semana?” Que é isto? Recorramos às primeiras obras de Deus, pois talvez ali encontremos o que esclareça este mistério. O sábado é o sétimo dia, em que Deus descançou de todas as suas obras (cf Gn 2,2), sugerindo o grande mistério do futuro repouso de todas as nossas obras. Primeiro dia da semana é o primeiro dia que nós denominamos domingo; segundo da semana é a segunda-feira; terceiro, a terça-feira; quarto, a quarta-feira; portanto “quinto-dia” é o quinto a contar do domingo; depois dele o sexto é a sexta-feira; e o sábado é o sétimo dia. Vede, portanto, de que fala aqui o salmo; parece-me que fala aos batizados. Pois, no quinto dia Deus criou os animais aquáticos; no quinto dia, isto é, no “quinto dia da semana” disse Deus: “Fervilhem as águas de seres vivos que rastejam” (Gn 1,20). Vede, portanto, onde as águas produziram seres vivos que rastejam. Pois, vós pertenceis aos lagares. E em vós, que as águas produziram, uma parte destila, outra é lançada fora. Pois, existem muitos que não vivem de maneira digna do batismo que receberam. Quantos batizados hoje enchem o circo, que preferiram a esta basílica! Quantos batizados fazem barracas nas aldeias ou se lastimam porque não são feitas! Este salmo, porém “para os lagares e no quinto dia da semana”, na tribulação que distingue e no sacramento do batismo, é cantado ao mesmo Asaf. Houve certo homem chamado Asaf, como houve Iditun, Coré e outros nomes que encontramos nos títulos dos salmos. No entanto, a tradução desses nomes insinua o mistério da verdade que neles se oculta. Asaf em vernáculo, de fato, significa assembléia. Portanto “para os lagares, no quinto dia da semana” ele é cantado ao “mesmo Asaf”, isto é, separados pela tribulação, os batizados renascidos na água, canta-se o salmo para a assembléia do Senhor. Lemos o título no limiar e entendemos o que significam esses lagares. Agora, se vos apraz, vejamos também a casa de trabalho, isto é, o interior do próprio lagar. Entremos, examinemos, alegremo-nos, temamos, desejemos, fujamos. Tudo isso haveis de encontrar no interior da casa, isto é, no texto do próprio salmo, quando, com o auxílio do Senhor, começarmos a ler e a falar conforme ele nos conceder esse dom.

**3** 2 Vós, ó Asaf, ó assembléia do Senhor, “exultai em Deus, nosso protetor”. Vós que vos reunistes hoje, vós que hoje sois o Asaf do Senhor, se de fato é para vós que se canta o salmo, ao próprio Asaf: “Exultai em Deus, nosso protetor”. Os outros exultam no circo, vós em Deus; os outros exultam em seu sedutor, exultai em vosso protetor; exultam os outros em seu ventre, exultai vós em vosso Deus, vosso protetor. “Cantai jubilosos ao Deus de Jacó”, porque também vós pertenceis a Jacó; ou antes, vós sois Jacó, o povo mais novo que é servido pelo mais velho (cf Gn 25,23). “Cantai jubilosos ao Deus de Jacó”. Tudo aquilo que não podeis explicar com palavras não vos impeça de exultar; clamai o que podeis explicar; o que não podeis vos leve a “cantar jubilosos”. Pois, uma alegria exuberante, à qual as palavras não bastam, costuma irromper no júbilo: “Cantai jubilosos ao Deus de Jacó”.

1 Cf Tert. Apol. 40,2; Ag. de civ. Dei II, 3,3.

**4** 3 “Tomai, entoai um salmo e oferecei, tocai os tím-bales”. O que “tomais?” O que “ofereceis? Tomai um salmo, e oferecei os tímbales”. Em determinada passagem o apóstolo Paulo censura e lastima que ninguém teve con-tacto com ele “em relação de dar e receber”. Que significa: “em relação de dar e receber” (Fl 4,15), senão o que ele explanou claramente em outro lugar: “Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais”? (1Cor 9,11). De fato, os tímbales, feitos de couro, são de proveniência carnal. O saltério é espiritual, o tímbale é carnal. Junto do altar do santo Mártir[1], nós vos exortamos a receber os dons espirituais e a oferecer os carnais. As construções temporá-rias para abrigar os corpos, tanto dos vivos como dos mortos, são necessárias, mas acabam com o tempo. Por acaso, após o juízo de Deus, levantaremos essas edificações? Todavia, não podemos no tempo presente dispensar tais bens que nos ajudam a alcançar o céu. Se, portanto, sois ávidos dos bens espirituais, dedicai-vos a dar os bens materiais. “Tomai um salmo e oferecei os tímbales”. Acolhei nossas palavras, e estendei as vossas mãos.

**5** “O saltério melodioso e a cítara”. Lembro-me de ter, certa vez, explicado a V. Caridade qual a diferença entre o saltério e a cítara. Os mais atentos que se lembrarem, reconheçam a explicação; os que não ouviram, ou os que não se lembram, aprendam. Esses dois instrumentos musicais, o saltério e a cítara, diferem em que o saltério tem a concavidade de madeira, que tornam as cordas canoras, na parte de cima; as cordas são tangidas em baixo para soarem em cima; na cítara, contudo, esta mesma concavidade de madeira ocupa a parte inferior. Seria como se o primeiro fosse do céu, e a segunda da terra. Pois, a pregação da palavra de Deus é celeste; mas se esperamos as coisas celestes, não sejamos negligentes no trabalho terreno, porque “o saltério é melodioso, mas com a cítara”. É outra maneira de dizer o que exprimia o versículo acima: “Tomai um salmo e oferecei os tímbales”. Neste versí-culo, em vez de salmo temos o saltério, e em vez dos tímba-les, a cítara. Com isto, o salmista nos adverte a corres-ponder com as obras materiais à pregação da palavra de Deus.

**6** [4] “Soai a trombeta”. Isto é, pregai com mais clareza e confiança; não vos atemorizeis, conforme diz o profeta em certo lugar: “Grita e levanta a tua voz como uma trombeta” (Is 58,1). “Soai a trombeta no início do mês da trombeta”. Havia um preceito de que no começo do mês se tocasse uma trombeta; e isto até agora os judeus fazem literalmente, e não o entendem espiritualmente. Pois, o início do mês é a lua nova; lua nova é vida nova. Que é lua nova? “Se alguém está em Cristo, é nova criatura” (2Cor 5,17). Que quer dizer: “Soai a trombeta no início do mês da trombeta?” Anunciai a vida nova com toda confiança. Não tenhais medo do estrépito que faz a vida antiga.

**7** [5] “Porque há um preceito para Israel, um juízo do Deus de Jacó”. Onde há preceito, há juízo. Os que estando sob a Lei pecaram, serão julgados pela Lei (cf Rm 2,12). Aquele mesmo que promulgou a lei, Cristo Senhor, o Verbo que se fez carne, disse: “Para julgamento é que vim a este mundo: para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos” (Jo 9,39). Qual o sentido da afirmação: “Para os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos, senão que os humildes sejam exaltados, e os soberbos sejam derrubados?” Não quer isso dizer que os que vêem se tornarão cegos, mas que aqueles que pensam enxergar, serão convencidos de cegueira. Aqui está em ação o mistério do lagar: “para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos”.

**8** [6] “Testemunho, que foi estabelecido em José”. Vamos, irmãos. Que é isto? José se traduz por aumento. Vós nos lembrais, sabeis a história de José que foi vendido e levado para o Egito: Cristo que passa para os gentios. Outrora, José foi exaltado após as tribulações, e agora Cristo é glorificado pelo sofrimento dos mártires. Portanto, José se refere mais aos gentios; por isso é aumento, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa (cf Gn 37,28; 41,37 etc; cf Is 54,1; Gn 4,27). “Testemunho, que foi estabelecido em José, ao sair da terra do Egito”. Vede aqui indicado o quinto dia da semana: Quando José saiu da terra do Egito, isto é, o povo originário de José, que crescera, atravessou o mar Vermelho. E então as águas produziram seres vivos que se arrastam (cf Ex 12,22-31; Gn 1,20). A passagem do povo pelo mar nada mais figurava que o trânsito dos fiéis pelo batismo. O Apóstolo o atesta: “Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés” (1Cor 10,1.2). A passagem pelo mar, portanto, não significava outra coisa senão o sacramento do batismo. A perseguição dos egípcios não indicava outra coisa a não ser a abundância dos delitos no passado. Observais, pois, os sacramentos evidentes: os egípcios oprimem, insistem; os pecados constringem, mas somente até junto das águas. Por que temes, então, tu que ainda não vieste, aproximar-te do batismo de Cristo, atravessar o mar Vermelho? Que é vermelho? O sangue consagrado do Senhor. Por que receias vir? Talvez acusa-te a consciência de delitos enormes e atormenta-te o espírito, dizendo-te que é tão grande o que cometeste que deves perder a esperança do perdão. Podes ter medo de que reste ainda algum pecado, se escapou algum egípcio com vida. Quando

tiveres atravessado o mar Vermelho, quando fores retirado do meio de teus pecados, por mão poderosa e braço forte (cf Sl 135,12), hás de perceber os mistérios que não conhecias, porque também o próprio José, “ao sair da terra do Egito, ouviu uma língua que não conhecia”. Ouvirás uma língua que não conhecias, e que agora ouvem e entendem os que sabem, atestam, conhecem. Ouvirás onde deverás ter o coração. Quando disse isto, muitos entenderam e aclamaram. Os outros ficaram mudos, porque ouviram uma língua que ainda não conhecem. Apressem-se, pois, passem, aprendam: “Ouviu uma língua que não conhecia”.

**9** [7] “Descarregou os fardos de seus ombros”. Quem “descarregou os fardos de seus ombros” a não ser aquele que clamou: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo”? (Mt 11,28). O significado é idêntico, sob formas diferentes. A perseguição dos egípcios produz o mesmo que o peso dos pecados. “Descarregou os fardos dos seus ombros”. E como perguntasses: Quais fardos? “As suas mãos serviram, carregando cestos”. Os cestos representam as obras servis. Limpar, adubar, carregar terra — tudo isso se faz com cestos. São obras servis. Quem comete pecado, é escravo do pecado. Se, pois o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres (cf Jo 8,34.36). Com razão, as coisas vis deste mundo são comparadas a cestos; contudo, Deus encheu os cestos de pedaços de pão (cf Mt 14,20), porque Deus escolheu o que no mundo é vil para confundir o que é forte (cf 1Cor 1,27). Mas, quando José servia, carregando cestos, transportava terra, porque fazia tijolos: “As suas mãos serviam, carregando cestos”.

**10** [8] “Na tribulação me invocaste e eu te livrei”. Reconheça cada consciência cristã, se atravessou devotamente o mar Vermelho, se com fidelidade em crer e praticar ouviu uma língua que não conhecia; reconheça que foi ouvida na tribulação. Pois, era grande a tribulação do remorso pelos fardos dos pecados. Quanto não se alegra a consciência aliviada! Eis que és batizado. A consciência que ontem se angustiava, hoje congratula-se. Foste ouvido na tribulação. Não te esqueças de tua tribulação. Antes de te aproximares da água, que cuidados te ocupavam? Que jejum apresentavas? Que tribulações trazias no coração, que orações internas, pias, devotas? Teus inimigos foram mortos, todos os teus pecados foram apagados: “Na tribulação me invocaste e eu te livrei”.

**11** “Na tempestade oculta, eu te escutei”. Não na tempestade do mar, mas na tempestade do coração. “Na tempestade oculta, eu te escutei; junto às aguas da contradição, eu te provei”. Efetivamente, irmãos, efetivamente, quem foi ouvido na tempestade oculta, deve ser provado junto às águas da contradição. Encontrará as águas da contradição, quando acreditar, for batizado, começar a trilhar os caminhos de Deus, quando destilar nas almo-tolias, e retirar de si a borra que corre publicamente; terá muitos perseguidores, muitos injuriadores, muitos detra-tores, muitos que o desanimem, que ameacem quanto po-dem, atemorizam, deprimam. Penso que hoje aqui isto acontece. Julgo que alguns aqui queriam arrastar seus amigos ao circo e a não sei mais que futilidades hoje; e talvez eles mesmos foram trazidos para a Igreja. Mas quer aqui eles tenham trazido os amigos, quer não tenham sido arrastados para o circo, foram provados nas águas da contradição.

Por conseguinte, não te envergonhes de anunciar o que conheces, de defender mesmo entre os blasfemos aquilo em que acreditaste. Pois, se fores ouvido na tempestade oculta, “quem crê de coração obtém a justiça”; se fores experimentado nas águas da contradição, “quem confessa com a boca obtém a salvação” (cf Rm 10,10). São muitas as águas da contradição? Quase já secaram. Perceberam-nas os nossos maiores, quando os povos resistiam com acrimônia à palavra de Deus, ao mistério de Cristo. As águas se agitavam. A Escritura mostra evidentemente no Apocalipse que as águas às vezes representam os povos. Apareceram ali muitas águas e ao perguntar o vidente que era aquilo, obteve a resposta: “São povos” (Ap 17,15). Nossos maiores, portanto, suportaram as águas da contradição, quando as nações se agitaram e os povos tramaram em vão; quando os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo (Sl 2,1.2). Quando as nações se agitaram, um leão se aproximava rugindo de Sansão, aquele homem forte que fora tomar por esposa uma mulher dentre os filisteus, a saber, Cristo que descera do céu para tomar por esposa a Igreja, oriunda dos gentios. Mas, como agiu? Pegou, segurou, despedaçou, matou o leão, com suas mãos, como se fosse um cabrito. Que se tornaria o povo enraivecido senão um pecador sem forças? Eliminada aquela ferocidade, já não se enfurece de igual modo o poder dos reis, não se enfurece igualmente o povo gentio que vai ao encontro de Cristo; ao invés, no próprio reino dos gentios, encontramos leis em favor da Igreja, como um favo de mel na boca do leão (cf Jz 14,5-8). Por que, então, hei de ter medo das águas da contradição, que já secaram quase totalmente? Quase estão mudas, se a borra não contradisser. Por mais que se enfureçam os maus que nos são estranhos, o que seria se não os auxiliassem os maus que são nossos! “Na tempestade oculta, eu te escutei, junto às águas da contradição eu te provei”. Lembrai-vos de que foi dito a respeito de Cristo: que ele nasceu para a queda e para o soerguimento de muitos e como um sinal de contradição (cf Lc 2,34). Nós o sabemos e vemos: o estandarte da cruz foi elevado e houve contradição. Houve contradição à glória da cruz; mas havia um título incorruptível sobre a cruz. É o título de um salmo: “Inscrição do título. Não destruas” (Sl 57,1). Era sinal de contradição, pois disseram os judeus: “Não escrevas: O rei dos judeus, mas: Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus”. Vencida foi a contradição; obtiveram a resposta: “O que escrevi, está escrito” (Jo 19,19-22). “Na tempestade oculta, eu te escutei, junto às águas da contradição, eu te provei”.

**12** 9.10 Tudo isso que ouvimos do início do salmo até este versículo, trata do óleo do lagar. O restante causa-nos mais dor e precaução; pertencem à borra que sai do lagar os versículos seguintes até o fim; talvez não foi inutilmente que se intercalou o diapsalma. Mas é útil ouvir também isto, de sorte que pode alegrar-se quem se sentir pertencente ao óleo; acautele-se quem está em perigo de correr no meio da borra. Ouvi ambas as coisas; ama a uma e teme a outra. “Ouve meu povo e eu te falarei e atestarei”. Não é, portanto, um povo estrangeiro, não é povo que não pertença ao lagar. “Servi de juízes entre mim e minha vinha” (Is 5,3). “Ouve meu povo e eu te falarei e atestarei”.

**13** “Israel, se me ouvires, não haverá em teu meio um deus recente”. Deus recente é um

deus feito para algum tempo. Nosso Deus, porém, não é um deus recente, mas de eternidade em eternidade. E nosso Cristo talvez seja recente enquanto homem, mas enquanto Deus é eterno. Que era antes do princípio? De fato, no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus; e o próprio Cristo, o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf Jo 1,1.14). Está muito longe, portanto, de ser algum deus recente; deus recente, ou é pedra, ou é fantasma. Responde alguém: Não é de pedra; eu tenho um de prata e ouro. Com razão fala de metais preciosos aquele que disse: "Os ídolos das nações são prata e ouro" (Sl 113,4.5). São grandes os ídolos de ouro e prata; são preciosos, são brilhantes; no entanto têm olhos e não vêem. Eles são deuses recentes. Que de mais recente do que um deus fabricado? Apesar de que os já antigos estejam cobertos de teias de aranha, uma vez que não são eternos, são recentes. Isto relativamente aos deuses pagãos. Alguém, com um conceito vão acerca do nome do Senhor, seu Deus, imaginou um Cristo criatura, um Cristo diferente e desigual em relação ao genitor, dizendo que ele é Filho de Deus, mas negando o Filho de Deus. Pois, se é Filho único, é igual ao Pai, desde a eternidade. Tu, porém, imaginaste outra coisa em teu coração; estabeleceste um deus recente. Outro imaginou um deus em luta contra os habitantes das trevas, receoso de uma invasão e empenhado em evitar sua própria ruina; no entanto, em parte é corrompido para ser salvo o todo, mas não inteiramente, porque uma parte está corrompida. São os maniqueus que têm esta opinião; também estes fabricam para si, no coração que têm esta opinião; também estes fabricam para si, no coração, um deus recente. Não é destes o nosso Deus, não é dos tais a tua porção, ó Jacó, mas é aquele que criou o céu e a terra. Este é teu Deus, que não carece de bens, que não receia o mal.

**14** Muitos hereges, talharam deuses e mais deuses. Embora não os tenham colocado em templos, fizeram o pior: colocaram-nos em seu coração e tornaram-se eles mesmos templos de falsos e ridículos ídolos. É obra grandiosa quebrar interiormente estes ídolos; e purificar o interior para o Deus vivo, e não para um deus recente. Todos eles, pensando de modo diverso entre si, e criando deuses e mais deuses, falsificam a fé de várias maneiras e mostram mútua discordância; mas todos eles não deixam as cogitações terrenas e nestas chegam a um consenso; a opinião difere, mas a vaidade de todas é uma só. A respeito disso pronuncia-se um salmo: "Vãos, todos juntos" (Sl 61,10). Apesar de discordarem, por diversidade de opiniões, congregam-se, no entanto, por serem vãos de maneira semelhante. E sabeis que a vaidade fica para trás, é passada; por isso, aquele que se esquece do que fica para trás, isto é, está esquecido das coisas vãs, avança para o que está diante, isto é, avança para a verdade, prosseguindo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus (cf Fl 3,13-14). Por conseguinte, os hereges estão de acordo no que é pior, embora aparentemente discordem entre si. Igualmente Sansão amarrou cauda com cauda das raposas (cf Jz 15,4). As raposas simbolizam os homens insidiosos, principalmente os hereges; dolosos; fraudulentos, escondidos em cavernas para enganar, exalando cheiro fétido. Ao contrário deste cheiro diz o Apóstolo: "Somos o bom odor de Cristo em toda parte" (1 Cor 2,15). Estas raposas aparecem no Cântico dos cânticos: "Agarrai-nos as raposas, as raposas pequeninas que

devastam nossas vinhas"; estão escondidas em cavernas tortuosas (Ct 2,15). "Agarrai", convencei-os por nós; pois agarras aquele que convences de falsidade. Afinal, quando as raposas pequeninas contradiziam ao Senhor, com a pergunta: "Com que autoridade fazes estas coisas? ele replicou: Também eu vou propor-vos uma só questão. O batismo de João, de onde era? Do céu ou dos homens?" As raposas, de fato, costumam ter tal espécie de tocas: entram de um lado e saem do outro. O caçador de raposas colocou redes em ambos os buracos. Dizei-me: "Do céu ou dos homens?" Eles perceberam que Jesus estendera a rede para apanhá-los dos dois lados, e diziam consigo mesmos: "Se respondermos: Do céu, ele nos dirá: Por que então não crestes nele?" Pois, João prestara testemunho a Cristo. "Se respondermos: Dos homens, a multidão nos apedreja, pois todos consideram João como profeta". Percebendo, pois, que de um lado e de outro havia uma cilada, responderam: "Não sabemos. Ao que o Senhor respondeu: "Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas" (Mt 21,23.27). Dizeis ignorar o que sabeis; eu não digo o que perguntais; como não ousastes sair de nenhum dos dois lados, ficastes em vossas trevas. Obedeçamos, portanto, se pudermos, à palavra de Deus que nos diz: "Agarrai-nos as raposas, as raposas pequeninas que devastam nossas vinhas". Vejamos se também nós podemos agarrar algumas raposas pequeninas; coloquemos armadilhas junto de ambos os buracos para apanhar as raposas que quiserem sair. Por exemplo, a um maniqueu que cria um deus recente para si, e coloca em seu coração aquilo que não é deus, perguntemos: A substância de Deus é corruptível ou incorruptível? Escolhe o que queres, e sai por onde quiseres, mas não fujas. Se disser: É corruptível, serás apedrejado, não pelo povo, mas por ti mesmo; se, porém, disseres que Deus é incorruptível, como é que o incorruptível tem medo dos habitantes das trevas? O que pode fazer um povo corruptível a quem é incorruptível? Que lhe restará senão dizer: "Não sabemos?" Todavia, se responde assim, não por astúcia, mas por ignorância, não permaneça nas trevas; de raposa torne-se ovelha. Creia no Deus invisível, incorruptível, não recente. No único (soli), de: um só (solus), e não da palavra: sol. Não aconteça que aparentemente, abramos outra caverna para a raposa que quer fugir. Embora não tenhamos receio da palavra sol. Pois, acha-se escrito em nossas Escrituras: "O sol de justiça e tem a cura sob suas asas" (Ml 3,20). Fugindo-se do ardor deste sol, procura-se a sombra; mas sob as asas deste sol, escapa-se do calor; a cura está sob suas asas. Trata-se do sol a respeito do qual dirão os ímpios: "Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol" (Sb 5,6). Hão de dizer os adoradores do sol: "Para nós não nasceu o sol", porque adoram o sol que Deus faz nascer sobre bons e maus (cf Mt 5,45), e não nasceu para eles o sol que ilumina apenas os bons. Cada um deles crie para si deuses recentes, quais desejam. Que impede que a oficina de um coração no erro fabrique um fantasma a seu bel prazer? Mas todos estes estão de acordo acerca das coisas que ficaram para trás, isto é, estão presos por igual futilidade. Por isso, nosso Sansão, nome que significa: o sol deles, a saber, daqueles que ele ilumina e não de todos, como é o sol que brilha para bons e maus; mas é o sol de certos homens, o sol de justiça (figura de Cristo). Sansão amarrou, conforme começara a dizer, cauda com cauda das raposas, e ateou-lhes fogo; fogo para incendiar

as colheitas dos filisteus. Assim também, esses que de comum acordo procuram o que ficou para trás, como que ligados pelas caudas, arrastam o fogo destruidor; mas não incendeiam as messes dos nossos. Pois, “o Senhor conhece os que lhe pertencem”. E ainda: “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor. Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar. Aquele, pois, que se purificar destes erros será vaso nobre, útil ao Senhor, preparado para toda boa obra” (2Tm 2,19-21). Por este motivo, não tem medo nem das caudas das raposas, nem de suas tochas. Mas, vejamos algo acerca deste povo: “Se me ouvires, não haverá em teu meio um deus recente”. Desperta-me a atenção a palavra: “em teu meio”; não disse: junto de ti, como um ídolo colocado de fora; mas: “em teu meio”, em teu coração, em tuas idéias, na sedução de teu erro, trarás contigo teu deus recente, enquanto permaneces velho. “Se, portanto, me ouvires (a mim, porque eu sou aquele que é) (Ex 3,14), “não haverá em teu meio um deus recente, nem adorarás um ídolo estranho”. Se, portanto, não estiver em ti, “não adorarás um ídolo estranho”. Se não pensares num deus falso, não adorarás um deus fabricado, pois, “não haverá em teu meio um deus recente”.

**15** “Porque eu sou”. Por que queres adorar o que não existe? “Eu sou o Senhor teu Deus”, porque eu sou aquele que é. E, na verdade, eu sou aquele que é, acima de todas as criaturas; no entanto o que te concedi no tempo? “Que te retirei da terra do Egito”. Não se trata apenas do povo hebreu: todos nós fomos retirados da terra do Egito, todos nós atravessamos o mar Vermelho, e nossos inimigos que nos perseguiam pereceram nas águas. Não sejamos ingratos para com nosso Deus; não nos esqueçamos do Deus que permanece, nem fabriquemos para nós um deus recente. “Que te retirei da terra do Egito”, diz Deus. “Abre bem a tua boca e eu te sacio”. Sofrias angustiado por causa do deus recente estabelecido em teu coração; quebra o ídolo vão, lança fora de tua consciência o ídolo fictício; “abre bem a tua boca”, confessando, amando, “e eu te sacio, porque em mim está a fonte da vida” (Sl 35,10).

**16** [12] Efetivamente, o Senhor assim fala. Mas como prossegue o salmo? “E meu povo não ouviu a minha voz”. Não falaria deste modo, a não ser a seu povo. “Sabemos que tudo o que a Lei diz é para os que estão sob a Lei que o diz” (cf Rm 3,19). “E meu povo não ouviu a minha voz. E Israel não quis saber de me atender”. Quem? A quem? “Israel a mim”. Ó alma ingrata! Alma criada por mim, alma por mim chamada, por mim reconduzida à esperança, por mim purificada dos pecados: “E Israel não quis saber de me atender”. Pois foram batizados e atravessaram o mar Vermelho; mas murmuraram no caminho, contradisseram, queixaram-se, agitaram-se em sedições, ingratos para com aquele que os libertou dos inimigos perseguidores, que os conduziu por terra árida, pelo deserto, dando-lhes alimento e bebida, iluminando-os à noite e colocando-os à sombra durante o dia. “E Israel não quis saber de me atender”.

**17** [13] “E eu os abandonei aos desejos de seu coração”. Eis o lagar. Abertos os buracos, a borra corre. “Eu os abandonei”, não segundo a salvação que trazem meus preceitos, mas

segundo “os desejos de seus corações” entreguei-os a si mesmos. Diz também o Apóstolo: “Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações (Rm 1,24). Eu os abandonei aos desejos de seu coração. Seguirão os seus caprichos”. Daí provém o que pode vos causar horror. Se destilais o óleo nas almotolias escondidas do Senhor, se apreciais os seus depósitos, aí tendes o que pode vos horrorizar. Uns defendem o circo, outros o anfiteatro, outros as barracas nas aldeias, outros o teatro, uns isto, outros aquilo. Outros, enfim, os seus deuses recentes: “Seguirão os seus caprichos”.

**18** [14.15] “Se meu povo me tivesse ouvido, se Israel tivesse trilhado meus caminhos”. Talvez diga este Israel: É verdade, eu peço. Está claro. Sigo os desejos de meu coração. Mas que faço? É o diabo que faz isto, os demônios o fazem. Que é o diabo? Que são os demônios? Certamente teus inimigos. “Se Israel tivesse trilhado meus caminhos. Teria reduzido a nada seus inimigos”. Portanto, “se meu povo me tivesse ouvido”. Por que é “meu”, se não me ouve? “Se meu povo me tivesse ouvido”. Qual o “meu povo? Israel”. Que significa: “me tivesse ouvido? Se tivesse trilhado meus caminhos”. Queixa-se e geme, sujeito aos inimigos: “Teria reduzido a nada seus inimigos e pesaria minha mão sobre os que o afligem”.

**19** [16] Agora, por que se queixam dos inimigos? Eles mesmos se tornaram seus piores inimigos. Como? Como continua o salmo? Queixais-vos dos inimigos; e vós, o que sois? “Os inimigos do Senhor lhe mentiram”. Renuncias? Renuncio. E voltas ao que renuncias. Em verdade, a que renunciastes, senão às obras más, às ações diabólicas, aos feitos que Deus condena: furtos, rapinas, perjúrios, homicídios, adultérios, sacrilégios, abominações sacrílegas, superstições? Renuncias a tudo isso, e de novo és vencido, recaindo. Teu último estado se torna pior do que o primeiro. O cão voltou ao seu próprio vômito e a porca lavada tornou a revolver-se na lama (cf 2Pd 2,20.22). “Os inimigos do Senhor lhe mentiram”. E como é grande a paciência do Senhor! Por que não são prostrados? Por que não são trucidados? Por que a terra não se abre para engoli-los? Por que não desce fogo do céu para queimá-los? Porque é grande a paciência do Senhor. E ficarão impunes? De forma nenhuma. Que eles não se lisonjeiem acerca da misericórdia de Deus apenas, prometendo-se a si mesmos que ele será injusto. Desconheces que a longanimidade de Deus te convida à conversão? (cf Rm 2,4-6). Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras (cf Rm 2,4-6). E se não retribui agora, então retribuirá. Se agora retribui, é retribuição temporária; ao que não se converte, nem se corrige, retribuirá eternamente. Verifica, pois, que não ficarão impunes. Presta atenção ao que segue: “Os inimigos do Senhor lhe mentiram”. Talvez digas: E que lhes fez Deus? Não vivem? Não respiram ar puro? Não gozam da luz? Não bebem das fontes? Não colhem frutos da terra? “Mas sua sorte será para sempre”.

**20** Ninguém, portanto, se iluda, porque pensa pertencer ao lagar. Seria bom para ele, se pertencesse ao óleo que sai do lagar. Não se iluda alguém que cometeu crimes hediondos, os quais impedem a posse do reino de Deus, e diga a si mesmo: Uma vez que sou

assinalado por Cristo e recebi seus sacramentos, não me perderei eternamente; e se for purificado, salvar-me-ei através do fogo. Pois, o que é que diz o Apóstolo sobre os que têm um fundamento? "Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus". Qual o sentido do que segue? "Mas cada um veja como constrói sobre o fundamento. Se alguém sobre esse fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um será posta em evidência. O Dia a tornará conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa", isto é, será recompensado por ter colocado sobre o "fundamento obras justas: ouro, prata, pedras preciosas". Se, porém, colocar pecados: "madeira, feno, palha, será salvo, mas como que através do fogo", devido ao fundamento (1Cor 3,10-15). Irmãos, prefiro ser excessivamente tímido. É melhor não vos dar uma segurança duvidosa. Não darei o que não recebi, porque tenho grande temor. Dar-vos-ia segurança se me tornasse seguro. Tenho medo do fogo eterno. "Mas sua sorte será para sempre". Entendo no sentido de fogo eterno, a respeito do qual declara em outra passagem a Escritura: "O seu verme não morrerá e o seu fogo não se apagará" (Is 66,24). Mas, dirá alguém, ele fala dos ímpios, não de mim, porque apesar de pecador, de adúltero, de fraudulento, de ladrão, de perjuro, tenho Cristo por fundamento, sou cristão, sou batizado. Sou purificado pelo fogo, e por causa do fundamento não me perco. Fala-me novamente: O que és? Sou cristão, respondes. Bem; vai avante. O que mais? Ladrão, adúltero, etc. Destes afirmou o Apóstolo: "Os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus" (Gl 5,21). Certamente esperas obter o reino dos céus, sem te corrigires de tais pecados, sem fazer penitência do que cometeste? Acho que não: "Os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus". Desconheces que a longanimidade de Deus te convida à conversão? Iludindo-te com não sei o quê, com tua obstinação e com o coração impenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras (cf Rm 2,4). Fica atento, portanto, ao juiz que vem. Bem; graças a Deus, porque ele não calou qual a sentença definitiva, não lançou os réus, nem fechou o véu. Primeiro quis prenunciar o que dispusera fazer. De fato, "serão reunidas em sua presença todas as nações". O que lhes fará? "Ele separará os homens, e porá uns à sua direita e outros à sua esquerda". Acaso ficou reservado um meio termo? Que dirá aos da direita? "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino". E aos da esquerda? "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,32.33.34.41). Se não temes ser lançado ali, vê em companhia de quem. Se, por conseguinte, tais coisas não herdarão o reino de Deus, ou antes, não as obras, mas os que as praticam, porque naquele fogo não existirão estas obras, ardendo, naquele fogo, não roubarão, nem cometerão adultério. "Mas, os que tais coisas praticam, herdarão o reino de Deus". Com efeito, não estarão à direita com aqueles sobre os quais foi dito: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino, porque os que tais coisas praticam, não herdarão o reino de Deus". Com efeito, se não estarão à direita, não lhes resta senão ficar à esquerda. Que dirá o Senhor aos da esquerda? "Ide para o fogo eterno, porque a sorte

deles será para sempre".

[1] S. Cipriano.

**21** Explica-nos então, diz alguém, como não perecerão, mas se salvarão os que constroem sobre este fundamento com madeira, feno ou palha; mas como que através do fogo. É uma questão, de fato, obscura, mas explanarei brevemente, como puder. Irmãos, existem homens que desprezam inteiramente as coisas deste mundo, e não se adaptam a coisa alguma transitória; não se apegam a obras terrenas, são santos, castos, continentes, justos, talvez ainda distribuam aos pobres o produto da venda de tudo o que possuíam, ou possuem como se não possuíssem e usam deste mundo como se não usassem (cf 1Cor 7,30.31). Há outros que se apegam um tanto aos bens concedidos a sua fraqueza. Algum deles não rouba a propriedade alheia, mas de tal modo ama a sua que se a perder, perturba-se. Não deseja a mulher do próximo, mas de tal maneira apega-se a sua e a ela se une que não mantém o contrato sobre a procriação dos filhos. Não tira o alheio, mas reclama o que é seu e entra em litígio com seu irmão. A esses tais se diz: "De todo modo, já é para vós uma falta a existência de litígios entre vós" (1Cor 6,7). Efetivamente, o Apóstolo ordena que os litígios se resolvam dentro da Igreja e não sejam levados ao foro; contudo, chama isto de falta. Pois, é um cristão que disputa por causa de bens terrenos mais do que convém àquele ao qual está prometido o reino dos céus. Não tem o coração totalmente ao alto, mas uma parte dele se arrasta pela terra. Finalmente, se vier a prova que leva ao martírio, aqueles que têm Cristo por fundamento, e constroem sobre ele com ouro, prata, pedras preciosas, que dizem desta oportunidade? "O meu desejo é partir e ir estar com Cristo" (Fl 1,23). Correm ligeiros, e em nada ou muito pouco se contristam devido à fragilidade terrena. Os que amam as próprias riquezas, suas próprias casas, gravemente se afligem; o feno, a palha e a madeira ardem. Tenham, portanto, madeira, feno, palha sobre o fundamento; mas das coisas lícitas, não das ilícitas. Por isso, digo-vos, irmãos: possuís o fundamento; aderi ao céu, calcai a terra. Se és desses, não edificas senão com ouro, prata e pedras preciosas. Ao dizeres, porém: Gosto desta propriedade e receio perdê-la. O prejuízo se torna iminente e tu te contristas. Mas não preferes a Cristo, porque a amas de tal forma que, se alguém te disser: O que preferes, esta propriedade ou Cristo? Apesar de a perderes com tristeza, preferes abraçar a Cristo, que colocaste como fundamento. Tu te salvarás, mas como que através do fogo. Escuta outra proposta: Não podes reter esta propriedade, a não ser que profiras um falso testemunho. Não o faças, e terás Cristo como fundamento. Pois, disse aquele que é a Verdade: "A boca mentirosa mata a alma" (Sb 1,11). Por conseguinte, se amas a tua propriedade, nem por isso, por causa dela, cometes rapina, nem proferes um falso testemunho, nem praticas homicídio, nem juras falso, nem negas a Cristo. Uma vez que assim ages, tens a Cristo por fundamento. Todavia, visto que a amas e te afliges por perdê-la, colocaste sobre o fundamento não ouro, nem prata, nem pedras preciosas e sim madeira, feno, palha. Tu te salvarás, portanto, ao começar a arder o que edificaste, mas como que através do fogo. Ninguém, contudo, que sobre este fundamento constrói adultérios, blasfêmias, sacrilégios, idolatrias, perjúrios pense que se salvará como que através do

fogo, como se tudo isso fosse madeira, feno, palha; mas quem constrói com amor dos bens terrenos sobre o fundamento do reino dos céus, isto é, sobre Cristo, arderá o amor das coisas temporais, mas ele mesmo se salvará por causa do fundamento ade- quado.

**22** 16.17 "Os inimigos do Senhor lhe mentiram", dizendo: "Eu irei" à vinha, mas não foi (cf Mt 21,30). Mas sua sorte será para sempre, não temporária, mas para sempre. Quem são eles? "Entretanto, ele os nutriu com a flor do trigo". Sabeis qual é a flor do trigo, que alimenta muitos inimigos que lhe mentiram. "Ele os nutriu com a flor do trigo", acolheu-os em seus sacramentos. Alimentou também a Judas (quando lhe deu o pedaço de pão) com a flor do trigo (cf Jo 13,26); e o inimigo do Senhor lhe mentiu, mas sua sorte será para sempre. "Entretanto, ele os nutriu com a flor do trigo e os fartou com o mel do rochedo". Ó ingratos! "Ele os nutriu com a flor do trigo e os fartou como mel do rochedo". No deserto o Senhor fez brotar água do rochedo, não mel. O mel representa a sabedoria e tem o primeiro lugar em suavidade entre os alimentos do coração. Quantos inimigos do Senhor, mentindo-lhe, alimentam-se não somente da flor do trigo, mas também do mel do rochedo, da sabedoria de Cristo! Quantos se deleitam em sua palavra e no conhecimento de seus sacramentos, na solução de suas parábolas! Quantos se deleitam, quantos aclamam! E, no entanto, este mel não é de um homem qualquer, mas provém do rochedo: "Essa rocha era Cristo" (1Cor 10,4). Quantos se saciam, pois, deste mel, exclamam, dizem: É suave! Dizem: Nada de melhor, nada de mais doce se pode entender ou dizer! Entretanto, os inimigos do Senhor lhe mentiram. Não quero me deter mais em coisas tão tristes. Apesar de que este salmo termine de modo tão terrível, peço-vos, deste fim voltemos ao começo: "Exultai em Deus, nosso protetor". Para Deus voltados…

E, terminado o sermão:

Em nome de Cristo, não foi por pouco tempo que os espetáculos divinos ocuparam vossos espíritos, e vos mantiveram suspensos, não somente a desejar alguns bens, mas também a fugir de alguns males. São estes os espetáculos úteis, salutares, edificantes, não destrutivos. Ou antes, destrutivos e edificantes; destroem os deuses recentes, e constroem a fé no Deus verdadeiro e eterno. Convidamos V. Caridade a voltar amanhã. Amanhã, eles terão, conforme ouvimos dizer, um mar no teatro; tenhamos nós um porto em Cristo. Mas, visto que depois de amanhã, isto é, quarta-feira, não podemos nos reunir junto ao altar de S. Cipriano, porque é a festa dos santos mártires, amanhã tenhamos nossa assembléia junto do mesmo altar.

# SALMO 81

## COMENTÁRIO

**1** [1] "Salmo. De Asaf". O título deste salmo, como de outros que trazem semelhante nota, refere-se ao nome do próprio homem que o escreveu, ou à tradução deste nome, ou seja, à sinagoga (assembléia), significado de Asaf. Principalmente porque o primeiro versículo assinala este sentido. Pois assim inicia: "Deus está de pé na assembléia dos deuses"[1]. Longe de nós pensarmos serem estes deuses os dos gentios, os ídolos ou qualquer criatura celeste ou terrestre, fora dos homens. O próprio salmo, mais abaixo, afirma e quer que se entenda quais os deuses em cuja assembléia Deus está de pé, dizendo abertamente: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo. Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer". Deus está de pé, portanto, nesta sinagoga dos filhos do Altíssimo, a respeito dos quais o mesmo Altíssimo diz, através de Isaías: "Criei filhos e fi-los crescer, mas eles se rebelaram contra mim" (Is 1,2). "Na assembléia", tomamos por: povo de Israel, porque deles propriamente são as sinagogas, embora também chamadas igreja sejam. Quanto a nossa Igreja, os apóstolos nunca a denominaram sinagoga, mas sempre: Igreja, seja para distinguir, seja porque há alguma diferença entre agrupamento donde vem sinagoga e grupo de convocados que deu o nome à Igreja. Costuma-se dizer: congregar, para os animais, e propriamente, porque chamamos seus agrupamentos de rebanhos (greges); convocar é mais adequado a seres racionais, como os homens. Por isso, canta o mesmo Asaf em outro salmo: "Tornei-me como um animal de carga junto de ti, mas estou sempre contigo" (Sl 72,23). E isso quando, embora parecesse o serviço do único e verdadeiro Deus, em vez dos bens grandes e supremos, procurava obter dele bens carnais, terrenos, temporais. Freqüentemente encontramos que eles também eram denominados filhos, segundo a graça que há em o Novo Testamento, mas que existia também no Antigo. Por esta graça foi escolhido Abraão, do qual descende um povo tão numeroso; por ela, Deus amou Isaac e odiou Esaú, antes de nascerem (cf Ml 1,2.3; Rm 9,13). Por ela, livrou o povo do Egito e introduziu-o na terra da promissão, lançando fora seus habitantes. Pois, se não fosse graça tudo isso, o evangelho não diria logo após que nós recebemos graça por graça, isto é, em vez das promessas do Antigo Testamento as do Novo, nós a quem foi dado o poder de nos tornarmos filhos de Deus, não para alcançarmos um reino terrestre, mas o reino dos céus (cf Jo 1,12.16). A meu ver, evidencia-se em que assembléia de deuses está Deus de pé.

**2** Em seguida, interroguemos se devemos entender que foi o Pai, ou o Filho, ou o Espírito Santo, ou a própria Santíssima Trindade que esteve de pé "na assembléia dos deuses e no meio deles instituiu seu julgamento", porque é Deus cada uma dessas Pessoas e a própria Trindade é um só Deus. Não é fácil deslindar esta questão. Pois, não se pode negar a presença de Deus, não corporal, mas espiritual, conforme convém a sua

substância, junto da criação, de maneira admirável e inteligível a poucos. A Deus se diz: "Se subir até o céu lá estás, se descer ao inferno ali estás presente" (Sl 138,8). Daí se conclui que Deus está de pé na assembléia dos homens invisivelmente, assim como ele enche céu e terra, o que ele mesmo, através do profeta, anuncia a seu próprio respeito (cf Jr 23,24). Não somente se conclui, mas, na medida que é possível a mente humana, se conhece de algum modo que Deus está no meio das criaturas, se o homem ficar de pé, ouvi-lo e alegrar-se por causa da voz de Deus em seu íntimo (cf Jo 3,29). No entanto, a meu ver, este salmo procura insinuar algo que se realizou em determinado tempo, de tal sorte que Deus estivesse de pé na assembléia dos deuses. Pois, aquela presença, com a qual ele enche o céu e a terra, não pertence propriamente a uma assembléia, nem varia com o tempo. Por conseguinte, "Deus está de pé na assembléia dos deuses", a saber, aquele que disse de si mesmo: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24). Declara-se também a causa: "E no meio deles instituiu seu julgamento". Reconheço, portanto, que Deus esteve de pé na assembléia dos deuses, "aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne"; deles descende o Cristo segundo a carne, para que Deus estivesse de pé na assembléia dos deuses. Mas que Deus é este? Não é quais são aqueles em cuja assembléia ele esteve de pé, mas qual descreve em seguida o Apóstolo: "Que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos" (Rm 9,5). Reconheço, digo eu, que ele esteve de pé; reconheço que Deus é o esposo que se acha no meio deles, e do qual diz um de seus amigos: "No meio de vós, está alguém que não conheceis" (Jo 1,26). Com efeito, sobre eles, mais adiante diz nosso salmo: "Eles não têm saber, nem inteligência. Andam nas trevas". Atesta o Apóstolo: "O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios" (Rm 11,25).
Viam-no de pé no meio deles; mas não o viam enquanto Deus, conforme ele queria que o vissem, ao dizer: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). Ele distingue os deuses, não segundo seus méritos, mas de acordo com a graça. Da mesma massa faz um utensílio para uso nobre, ou outro para uso vil (cf Rm 9,21). Pois quem é que te distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido? (cf 1Cor 4,7).

**3** 2.3 Ouve a voz de Deus a distinguir (Sl 28,7), ouve a voz do Senhor a dividir a chama de fogo: "Até quando julgareis injustamente, favorecendo a causa dos ímpios?" Como foi dito em outro salmo: "Até quando tereis o coração empedernido"? (Sl 4,3). Acaso até a vinda daquele que é a luz do coração? Dei a Lei: resististes duramente. Enviei profetas: vós os injuriastes, matastes ou concordastes com os que agiram desta maneira. Mas como nem se deve falar com aqueles que mataram os servos de Deus que lhes foram enviados, vós que vos calastes quando estas coisas eram feitas, isto é, vós que quisestes imitar os que então se calaram, como se fossem inocentes, "até quando julgareis injustamente, favorecendo a causa dos ímpios?" Acaso ainda agora deve ser morto o herdeiro que vem? Ele não quis, por vossa causa, tornar-se como um órfão de pai? Por vossa causa não teve fome e sede, como se fosse pobre? Não clamou por vós: "Aprendei

de mim, porque sou manso e humilde de coração"? (Mt 11,29). Por cau-sa de vós não se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza? (cf 2Cor 8,9). "Fazei justiça, portanto, ao humilde e ao pobre, livrai o oprimido e o indigente". Acreditai que é justo, anunciai que é justo aquele que por vossa causa se fez humilde e pobre, e não os que em favor de si mesmos são soberbos e ricos.

**4** [4] Mas, os judeus invejavam a Cristo e de modo algum o pouparam, dizendo: "Este é o herdeiro: vamos! Matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança" (Mt 21,38). "Livrai o oprimido e o indigente; tirai-o das mãos do pecador". Diz-se isto para que se saiba que daquele povo, no qual Cristo nasceu e morreu, não ficaram isentos de tamanho crime os que, embora constituíssem uma multidão (a tal ponto que os judeus os temiam, conforme diz o evangelho, e não ousavam lançar as mãos em Cristo), depois foram coniventes e permitiram que os malignos e invejosos príncipes dos judeus o matassem. Se eles quisessem, os príncipes sempre teriam medo e nunca prevaleceriam as mãos dos celerados contra ele (cf Lc 22,2). Destes, de fato, se diz em outra passagem: "São uns cães mudos, incapazes de latir" (Is 56,10). Destes, também, a palavra: "O justo perece e ninguém se incomoda" (Is 57,1). Perece, na medida que está em poder daqueles que o quiseram perder. Pois, como poderia perecer na morte aquele que procurava antes por meio da morte aquilo que estava perdido? De fato, se com justiça são censurados e repreendidos os que por dissimulação deixaram se cometesse tamanho crime, como serão repreendidos, ou antes não repreendidos, e sim com que severidade serão condenados os que o praticaram com deliberação e malícia?

**5** [5] Todavia, convém inteiramente a todos o versículo seguinte: "Eles não têm saber, nem inteligência. Andam nas trevas". Pois, "se eles o conhecessem, nunca teriam crucificado o Senhor da glória" (cf 1Cor 2,8). Se o conhecessem, jamais consentiriam em pedir a libertação de Barrabás e a crucifixão de Cristo. Mas, como o acima mencionado "endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios" (Rm 11,25), digo, como por este endurecimento do povo Cristo foi crucificado, "vacilam os fundamentos da terra". Assim vacilam e vacilarão, até que chegue a plenitude predestinada dos gentios. Pois, por ocasião da própria morte do Senhor a terra tremeu e as rochas se fenderam (cf Mt 27,51). Pois, se entendermos por fundamentos da terra os homens felizes devido à afluência de bens terrenos, com razão foi predito que se abalariam. Isto se daria porque eles se admirariam de que fosse de tal modo amada e venerada a humildade, a pobreza, a morte, como sendo, conforme sua opinião, a grande infelicidade de Cristo; ou então, eles também, depois de desprezarem a vã felicidade mundana, a amariam e seguiriam. Assim se abalam todos os fundamentos da terra, enquanto de uma parte admiram, e de outra também se transformam. Pois, não é absurdo dizermos que são os fundamentos do céu aqueles sobre os quais se edifica o reino dos céus nos santos e nos fiéis, que a Igreja denomina pedras vivas (cf 1Pd 2,5). O fundamento destes é principalmente o próprio Cristo, nascido da virgem, de quem diz o Apóstolo: "Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus" (1Cor 3,11). Em segundo lugar, os próprios apóstolos e os profetas, por

cuja autoridade se escolhe um lugar no céu, de tal sorte que seguindo esta autoridade somos edificados juntamente com eles. Daí dizer a epístola aos Efésios: "Já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Cristo é a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue em santuário sagrado, no Senhor" (Ef 2,19-22). Por isso, de maneira adequada se entende por fundamentos da terra aqueles que os outros invejam devido a sua felicidade ter-rena exuberante e poderosa, e são arrastados pela autoridade deles a ambicionar tais bens. Se os alcançam, edificam com eles, qual terra sobre terra, como naquele edifício celeste se encontra céu sobre céu. Pois, também foi dito ao pecador: "És pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19). E: "Narram os céus a glória de Deus", uma vez que "seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,2.5).

**6** [6.7] O reino da felicidade terrena é a soberba, contra a qual vem a humildade de Cristo, exprobrando aqueles que ele quer fazer pela humildade filhos do Altíssimo, e exortando-os: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo. Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer". Diria: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo" aos que foram predestinados à vida eterna; aos outros, porém: "Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer". Desta maneira faz uma distinção também entre os deuses. Ou censura a todos simultaneamente, a fim de separar os obedientes que se corrigiram, dizendo: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo", a saber, a todos vós prometi a felicidade celeste; "vós, porém", pela fraqueza da carne, "como homens morrereis", devido ao orgulho do espírito, "caireis como um príncipe qualquer", isto é, como o diabo e não sereis exaltados. Seria como se o salmista dissesse: Apesar de serem tão poucos os dias de vossa vida, de tal sorte que logo morrereis como homens, não vos servem para correção; mas como o diabo, cujos dias neste mundo são muitos, porque não tem corpo mortal, vós vos exaltais, para cairdes. Foi, de fato, pela soberba diabólica que os príncipes dos judeus, perversos e cegos, invejaram a glória de Cristo. Por este vício aconteceu e acontece que a humildade de Cristo, a qual o levou até a morte de cruz, não tenha valor para aqueles que amam as honrarias deste mundo.

**7** [8] Conseqüentemente, tendo em vista a cura deste vício, diz-se pelo profeta: "Levanta-te, ó Deus, julga a terra". A terra inchou-se de orgulho quando te crucificou; levanta-te dos mortos e julga a terra. "Porque aniquilas em todas as nações", o que, a não ser a terra? Isto é, aqueles que têm gosto pelas coisas terrenas. Aniquilas, seja tirando dos fiéis a ambição terrena e o orgulho, seja separando deles os que não crêem, terra a ser pisada e arruinada. Assim, o Senhor, através de seus membros, cuja cidadania está nos céus, julga a terra e a aniquila, em todas as nações. Não devemos omitir que alguns códices trazem: "Porque tu herdarás todas as nações". Não há inconveniente em aceitar esta versão, nem oposição em aceitar as duas simultaneamente. Pois, tornam-se sua herança pela caridade, a qual, aperfeiçoada misericordiosamente pela graça e observância dos preceitos, perde a ambição terrena.

1 Este versículo é também explicado do Com. Sl 94,6.

# SALMO 82

## COMENTÁRIO

**1** [1] O título deste salmo é o seguinte: “Cântico. Salmo de Asaf”. Já dissemos muitas vezes que Asaf se traduz por assembléia. Coloca-se como título de muitos salmos o nome de Asaf, um homem que é figura da assembléia do povo de Deus. Assembléia verte-se para o grego por sinagoga, que o povo judaico tomou como nome próprio, de sorte a ser denominado Sinagoga; como o povo cristão usa chamar-se Igreja, embora também ele se reúna.

**2** [2] O povo de Deus, portanto, diz neste salmo: “Ó Deus, quem será semelhante a ti?” A meu ver, de modo acomo-datício, trata-se de Cristo, porque feito semelhante aos homens (cf Fl 2,7) foi considerado por aqueles que o desprezavam comparável aos demais homens, pois foi contado entre os transgressores (cf Is 53,12); mas isto, a fim de que fosse julgado. Quando, porém, vier para julgar, então se realizará o que foi dito aqui: “Ó Deus, quem será semelhante a ti?” Se os salmos não costumassem falar a Cristo Senhor, não se diria aquilo que nenhum dos fiéis duvida ser endereçado a ele: “Teu trono, ó Deus, permanece pelos séculos dos séculos. De retidão é teu cetro real. Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade, por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus com o óleo da alegria, de preferência a teus companheiros” (Sl 44,7.8). A ele se diz agora: “Ó Deus, quem será semelhante a ti?” Quiseste ser semelhante, em tua condição humilde, até aos ladrões que foram crucificados contigo (cf Lc 23,33); mas ao voltares em tua glória, “quem será semelhante a ti?” Que grande louvor se daria a Deus com estas palavras: “Quem será semelhante a ti?” A menos que se diga àquele que quis ser semelhante aos homens, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens, e sendo exteriormente reconhecido como homem? (cf Fl 2,7). Por isso, não se diz: Quem será semelhante a ti? O que se diria certamente e com razão, se isto fosse referente à divindade. Como, porém, é relativo à condição de escravo, então se manifestará como difere ele dos demais homens, ao aparecer na glória. Por este motivo continua o salmo: “Não te cales, nem fiques mudo, ó Deus”. Ele primeiro se calou, a fim de ser levado a julgamento, quando permaneceu mudo como uma ovelha na presença de seus tosquiadores, não abriu a boca, e reteve seu poder (cf Is 53,7). A fim de demonstrar como ele o retinha, com a resposta: “Sou eu”, aqueles que tinham vindo para prendê-lo, retrocederam e caíram (cf Jo 18,5.6). Quando, portanto, ele seria aprisionado e sofreria se ele não impedisse e retivesse seu poder, mitigando-o de certa maneira? Pois, foi também assim que alguns interpretaram as seguintes palavras: “Nem fiques mudo, ó Deus”. Seria o mesmo que: “Não fiques inerte, ó Deus”. Ele mesmo diz em outra parte: “Calei, guardarei sempre silêncio” (Is 42,14). Aqui se lhe diz: “Não te cales”, e em outra passagem fala-se a seu respeito: “Deus virá manifestamente, nosso Deus, e não se

calará” (Sl 49,3). Aqui foi dito: “Não te cales”, pois ele se calou a fim de poder ser julgado, quando veio ocultamente; mas não se calará, a fim de julgar, quando vier manifestamente.

**3** [3] “Pois os teus inimigos tumultuam e erguem a cabeça os que te odeiam”. A meu ver, trata-se dos últimos dias, quando todas essas coisas que se calam por medo, serão faladas em alta voz, mas de maneira inteiramente desra-zoada, de tal forma que antes se deva chamar tumulto do que fala ou sermão. Efetivamente, não será então que eles começarão a odiar, mas os que te odeiam então hão de levantar a cabeça. Não se disse: as cabeças, mas “a cabeça”, chegando eles a ter por cabeça aquele que se levanta “contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto” (cf 2Ts 2,4), de tal sorte que nele se cumpra especialmente a palavra: “aquele que se exalta será humilhado” (Lc 14,11), quando aquele ao qual se diz: “Não te cales, nem fiques mudo, ó Deus” o destruir com o sopro de sua boca e o suprimir pela manifestação de sua vinda (2Ts 2,8).

4 4 “Armaram tramas contra o teu povo”; ou como se encontra em outros códices: “astutamente formaram maus desígnios, e conspiraram contra os teus santos”. É uma ironia; pois quando poderiam prejudicar o povo, a plebe de Deus, ou seus santos, que sabem dizer: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós”? (Rm 8,31).

5 5 “Disseram: Vinde e risquemo-los da nação”. Está no singular, em vez do plural; como se diz: De quem é este animal? embora se pergunte acerca do rebanho e subentendam-se: animais. Enfim, alguns códices trazem: “nações”, de sorte que os tradutores seguiram mais o sentido do que a letra. “Vinde e risquemo-los da nação”. Este é o grito daqueles que mais tumultuaram do que falaram; em vão gritaram palavras inúteis. “E não mais se recorde do nome de Israel”. Outros traduziram mais simplesmente: “E não haja ainda memória do nome de Israel”. Recordar-se do nome é um modo de falar desusado em latim; costuma-se dizer: não se recorde o nome. Mas o sentido é idêntico. Quem verteu: recordar-se do nome, traduziu literalmente do grego. Por “Israel” aqui entenda-se a raça de Abraão, à qual diz o Apóstolo: “Sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa”, e não Israel segundo a carne do qual ele diz: “Considerai o Israel segundo a carne” (Gl 3,29; 1Cor 10,18).

**6** [5] “Porque unânimes deliberaram e unidos estabeleceram um pacto (testamento) conta ti”, como se pudessem ser mais fortes. Efetivamente, nas Escrituras chama-se testamento não apenas o documento que passa a valer após a morte do testador, mas todo pacto ou convênio. Pois, Labão e Jacó fizeram um testamento, que de fato valia entre vivos (cf Gn 31,44); e inumeráveis casos assim se encontram na palavra de Deus.

**7** [7.8] Em seguida, o salmista começa a relembrar os inimigos de Cristo sob certos vocábulos que designam povos. A tradução destes vocábulos indica muito bem o que se quer dizer. Sob tais nomes, com efeito, de modo muito adequado estão figurados os inimigos da verdade. Efetivamente, idumeus traduz-se por sanguinários ou terrenos; ismaelitas por obedientes a si mesmos, quer dizer, não a Deus, mas a si mesmos. Moab,

aquele que procede do pai e melhor não se pode depreender em mau sentido do que tendo em vista a própria história, uma vez que é proveniente de uma união ilícita entre a filha de Lot e o pai; devido a isto o povo recebeu tal nome (cf Gn 19,36 e 37). O pai seria bom, mas como a Lei, quando é usada legitimamente e não de modo incestuoso ou ilícito (cf 1Tm 1,8). Agarenos significa: prosélitos, isto é, adventícios. Destes estão entre os inimigos do povo de Deus, não aqueles que se tornam cidadãos, mas os que persistem num ânimo de estrangeiro e adventício e se manifestam tais quando se apresenta uma oportunidade de prejudicar. Gebal significa vale vão, isto é, enganosamente humilde; Amon, povo turbulento, ou povo triste; Amalec, povo que lambe, conforme o que foi dito em outro salmo: "E seus inimigos lamberão a terra" (Sl 71,9). Estrangeiros, embora em vernáculo seja nome a indicar os de outro país, e em conseqüência disso, inimigos, contudo em hebraico se chamam filisteus, que significa os que caem bêbados, como os embriagados pela luxúria do mundo. Tiro em herbraico tem a forma: Sor, que se verte por angústia ou tribulação, e de acordo com isto acham-se entre os inimigos do povo de Deus, mencionados pelo Apóstolo: "Tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal" (Rm 2,9). Todos eles assim são nomeados neste salmo: "As tendas dos idumeus, e os ismaelitas, Moab e agarenos, Gebal, Amon e Amalec, estrangeiros com habitantes de Tiro".

**8** [8] E de certo modo indicando o motivo por que são inimigos de Deus, acrescenta: "Com eles veio também Assur". Assur costuma representar o próprio diabo, que opera nos filhos da desobediência (cf Ef 2,2), como seus instrumentos, atacando o povo de Deus. "E apoiaram os filhos de Lot", porque todos os inimigos, por obra de seu chefe, o diabo. "apoiaram os filhos de Lot", que significa aquele que desvia, pois os anjos apóstatas bem merecem o nome de filhos do erro; de fato, desviando-se da verdade, eles se apartaram, e se fizeram satélites do diabo. Destes fala o Apóstolo: "O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que povoam as regiões celestiais" (Ef 6,12). Por isso, os homens infiéis ajudam estes inimigos invisíveis, que eles operam a fim de atacarem o povo de Deus.

**9** [10-13] Agora, notemos o que pede o espírito do profeta, antes predizendo do que maldizendo. "Trata-os como a Madian e a Sísara, como a Jabin na torrente de Cison. Foram exterminados em Endor, tornaram-se o adubo da terra". O povo de Israel, que era então o povo de Deus, segundo a história, combateu e venceu todos eles, assim como também os mencionados em seguida: "Faze a seus príncipes como a Oreb, a Zeb, a Zebee e a Sálmana" (cf Jz 4,7.8). O significado destes nomes são os seguintes: Madian significa aquele que recusa o julgamento; Sísara, extinção da alegria; Jabin, sábio. Mas entre esses inimigos, vencidos pelo povo de Deus, deve-se entender por sábio aquele do qual diz o Apóstolo: "Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo"? (1Cor 1,20). Oreb, seca; Zeb, lobo; Zebee, vítima, mas do lobo, que tem também as suas vítimas; Sálmana, sombra do abalo. Tudo isso convém aos maus, que o povo de Deus vence com o bem. A torrente de Cison, porém, onde

foram vencidos, significa sua dureza. Endor, onde pereceram, se traduz por fonte de geração, mas geração carnal. Pereceram os que se dedicaram a ele, sem se preocuparem com a regeneração, que conduz à vida, onde ninguém se casa, nem é dado em casamento (cf Lc 20,35-36); pois lá não há morte. Com razão, portanto, se declara a respeito destes: “Tornaram-se o adubo da terra”. Deles nada se originou, a não ser a fecundidade terrena. Como, portanto, todos eles em figura foram vencidos pelo povo de Deus, assim pede o salmista que estes inimigos sejam superados pela verdade.

**10** [13] “A todos os seus príncipes que disseram: Apode-remo-nos do santuário de Deus”. Este é o tumulto vão, referido acima: “Os teus inimigos tumultuam”. Que se entende por santuário de Deus senão o templo de Deus, do qual afirma o Apóstolo: “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós”? (1Cor 3,17). Que empenho têm os inimigos, a não ser apoderar-se do povo de Deus, quer dizer, subjugá-lo a fim de que ceda diante de suas ímpias vontades?

**11** [14] Mas como continua? “Meu Deus, coloca seus príncipes quais rodas”. É uma imagem adequada, porque neles nada há de estável; contudo, é possível interpretar esse versículo de maneira correta assim: “Coloca-os quais rodas”, porque a roda se levanta na parte de trás e se abaixa na parte da frente; assim fazem todos os inimigos do povo de Deus. Isso não é imprecação, mas profecia. O salmista também acrescenta: “Como a palha diante do sopro do vento”. Face significa presença; que face teria o vento, se não tem corpo? Se é movimento, isto é, sopro do ar? Representa a tentação que arrasta os corações leves e vãos.

**12** [15.16] A leviandade, de fato, com que facilmente se consente no mal, é acompanhada de pesado tormento; por isso segue-se: “Como o fogo que incendeia a floresta, e a chama que abrasa as montanhas, assim os perseguirás com a tempestade e com a tua ira os assustarás”. Fala em floresta por causa da esterilidade, e em montes por causa da exaltação. Tais são os inimigos do povo de Deus: vazios em relação à justiça, cheios de soberba. Fogo e chama é repetição do mesmo nome, no intuito de se referir a Deus, que julga e castiga. Tendo dito: “com a tempestade”, explana-o logo em seguida: “com a tua ira”. Acima, temos: “perseguirás”, e depois: “assustarás”. Lembramo-nos, de fato, que a ira de Deus não é acompanhada de sentimento turbulento. Chama-se ira de Deus a justa punição; assim se diz que a lei se encoleriza quando seus ministros, movidos por ela, castigam.

**13** [17.19] “Cobre-lhes o rosto de ignomínia, e procurarão o teu nome, Senhor”. O salmista aqui, efetivamente, profe-tiza-lhes algo de bom e desejável; não o profetizaria, se não estivessem na companhia dos inimigos do povo de Deus também tais homens que passarão por isto antes do juízo final. Também agora são os mesmos e constituem o corpo dos inimigos, de acordo com a inveja que têm do povo de Deus. Também agora, quando podem, tumultuam e erguem a cabeça; mas por partes e não universalmente, como no fim do mundo, na iminência do juízo final. Todavia, formam este corpo,

mesmo aqueles que ainda haverão de acreditar e passar a fazer parte de outro corpo o rosto destes se cobrirá de ignomínia de maneira salutar, e haverão de procurar o nome do Senhor); deste corpo são também os que vão perseverar em sua malícia até o fim. Serão como a palha que o vento leva, e serão queimados como as florestas e os montes estéreis. O salmista de novo se dirige a eles com as palavras: “Envergonhem-se e perturbem-se nos séculos dos séculos”. Ao invés, não se perturbam nos séculos dos séculos os que procuram o nome do Senhor; mas considerando a ingnomínia de seus pecados, conturbam-se por isso, e procuram o nome do Senhor, que tira sua perturbação.

**14** Novamente volta-se o salmista para aqueles que, na sociedade dos inimigos se hão de confundir, a fim de não serem envergonhados eternamente. Para tal, hão de perder o que neles há de mal, a fim de que transformados em bons se recuperem eternamente. Acerca destes, depois de ter dito o salmista: “Sejam confundidos e pereçam”, logo acrescenta: “E conheçam que o teu nome é o Senhor e tu somente és o Altíssimo em toda a terra”. Com este conhecimento se confundam, para agradarem a Deus; pereçam para permanecerem. “Conheçam que o teu nome é o Senhor”. Todos os outros que são denominados senhores usam um nome que não é verdadeiro, nem lhes pertence, porque dominam de modo servil e comparados ao verdadeiro Senhor não são senhores. Foi dito: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), como não sendo as criaturas, em comparação com aquele que as criou. O acréscimo: “E tu somente és o Altíssimo em toda a terra”, ou, conforme alguns códices: “acima da terra inteira” e de fato, em todo o céu, ou acima de todos os céus, foi preferido para rebaixar toda soberba terrena. Pois, desiste de orgulhar-se a terra, isto é, o homem, a quem foi dito: “És pó” (Gn 3,19), e: “De que se orgulha quem é terra e cinza”? (Eclo 10,9). Ao reconhecer que o Senhor é o Altíssimo acima de toda a terra, isto é, de nada valem as cogitações humanas contra aqueles que são chamados segundo o desígnio de Deus, e dos quais se diz: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós”? (Rm 8,38.31).

# SALMO 83

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] Intitula-se este salmo: “Para os lagares”. Como pode ter observado V. Caridade (e percebemos que prestáveis a maior atenção), nada se encontra no texto sobre prensa, ou cestos, ou cuba, ou instrumentos, ou construções de um lagar. Nada disso ouvimos. Daí não ser pequeno problema o sentido de seu título: “Para os lagares”. Na verdade, se após o título fosse enumerada qualquer uma dessas coisas que mencionei, podia-se crer que o salmo cantasse esses lagares materiais e visíveis. Uma vez, porém, que traz o título: “Para os lagares”, e depois os versí-culos do salmo nada referem desses lagares familiares a nossos olhos, não há dúvida de que existam outros lagares, que o Espírito de Deus quis que procurássemos e en-tendêssemos aqui. Por conseguinte, relembremos o que se faz nesses lagares visíveis, e vejamos como isto se realiza espiritualmente na Igreja. Ninguém duvida de que as uvas pendem das videiras, e as azeitonas das árvores. Esses dois frutos é que costumam ser tratados nos lagares. Enquanto pendem das árvores, estão ao ar livre. Antes de serem espremidas, nem as uvas dão vinho, nem as azeitonas dão óleo. Assim também são os homens que antes dos séculos Deus “predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho unigênito” (cf Rm 8,29), cacho de uva que principalmente na paixão foi espremido. Estes homens, com efeito, antes de se darem ao serviço de Deus, gozam no mundo de uma espécie de deliciosa liberdade, como as uvas ou as azeitonas nos troncos; mas como foi dito: “Filho, se te dedicares a servir ao Senhor”, firma-te na justiça e no temor, e “prepara-te para a prova” (Eclo 2,1), pois ao se dedicar alguém ao serviço do Senhor, saiba que entrou no lagar, onde será atormentado, esmagado, comprimido, não para perecer neste mundo, mas para correr para os depósitos de Deus. É despojado do invólucro dos desejos carnais, que são as bagas. Assim sucede aos desejos carnais, conforme diz o Apóstolo: “Despi-vos do velho homem e revesti-vos do novo” (Cl 3,9.10). Somente a pressão realiza tudo isso; por este motivo as Igrejas de Deus no tempo presente se denominam lagares.

**2** Mas, nós que estamos nos lagares, quem somos? Filhos de Coré. Houve esta adição: “Para os lagares, para os filhos de Coré”. Filhos de Coré traduz-se por filhos do homem calvo, segundo a explicação de alguns que conhecem o hebraico e fazem desse conhecimento um serviço a Deus. Não deixo de descobrir aí um grande mistério, investigando-o convosco, com o auxílio de Deus. Pois, não é ridícula qualquer calvície, de que zombam homens malvados; não aconteça que alguém ridicularize a calvície de um santo varão e seja arruinado pelos demônios. Com efeito, Eliseu caminhava, e uns meninos insensatos puseram-se a gritar atrás dele: “Careca, careca”; visando a realizar o mistério, ele se dirigiu ao Senhor e pediu que saíssem do bosque ursos para os comerem (cf 2Rs 2,23.24). Foi aniquilada a sua infância, pois veio o termo de sua vida neste mundo; morreram os meninos, que um dia, quando velhos, deveriam morrer; todavia, o

terror ocasionado pelo fato serviria de sinal para os homens. Eliseu então figurava alguém de quem somos filhos, filhos de Coré, a saber, nosso Senhor Jesus Cristo. Já deve ocorrer a V. Caridade, de acordo com o evangelho por que um homem calvo era figura de Cristo; recordai-vos de que ele foi crucificado no Calvário (lugar da caveira) (cf Mt 27,33). Quer, portanto, se interprete "filhos de Coré" segundo o que dissemos de acordo com os tradutores que nos precederam, quer tenha outro sentido que talvez nos escape, entretanto ocorra, observai como tudo está cheio de mistério. Filhos de Coré, filhos de Cristo, pois o esposo os chama de filhos, dizendo: Não podem os filhos do esposo jejuar, enquanto o esposo está com eles (cf Mt 9,15). Estes lagares, portanto, são os dos cristãos.

**3** No meio das angústia, somos esmagados para que, abandonando o amor que nos atraía aos bens mundanos, seculares, temporais, transitórios e caducos (e sofrendo mesmo com a sua posse, nesta vida, tormentos, tribulações, aflições, inúmeras tentações), começássemos a buscar aquele repouso que não cabe nesta vida, nem nesta terra; e o Senhor se torna, conforme está escrito, "o refúgio do pobre" (Sl 9,10). Que pobre? O desvalido, sem ajuda, sem auxílio, nem coisa alguma de que possa presumir na terra. Junto desses pobres acha-se Deus. Os homens, mesmo que tenham abundância de riquezas nesta terra, atendam ao que diz o Apóstolo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza" (1Tm 6,17). Ao considerarem quão incerto era o objeto de suas alegrias, antes de acederem ao serviço de Deus, isto é, antes de entrarem nos lagares, verificam que as próprias riquezas lhes trazem pensamentos de angústia, acerca da maneira de administrá-las e conservá-las; se a ambição os levar um tanto a amá-las, terão mais medo do que lucro. Que há de mais incerto do que uma coisa volúvel? Não é sem razão que a moeda é redonda, porque não pára. Esses ricos, embora tenham alguma coisa, são na verdade pobres. Aqueles, porém, que nada possuem, mas desejam possuir, são contados entre os ricos dignos de censura; pois, Deus não olha as posses, mas a vontade. Por conseguinte, os pobres destituídos de qualquer riqueza mundana (porque embora esta aflua, eles compreendem como ela é incerta), gemendo junto de Deus, nada encontram neste mundo que os deleite, ou prenda, e achando-se cercados de aflições e provas, como se estivessem nos lagares, produzam vinho, produzam óleo. Em que consiste este vinho e este óleo, se não os bons desejos? Já não amam a terra, mas resta-lhes de desejável o próprio Deus. Efetivamente, amam aquele que criou o céu e a terra; amam, mas ainda não estão com ele. O cumprimento de seu desejo é diferido, para que possa crescer; e cresce, para apreender. Não é pouca coisa o que Deus há de dar aquele que deseja. Há de ser exercitado um pouco para ser capaz de tão grande bem. Deus não há de dar alguma criatura, mas a si mesmo que tudo criou. Exercita-te para apreender a Deus; deseja longamente aquilo que hás de possuir para sempre. Eram reprovados no povo de Israel aqueles que se apressavam; assiduamente a Escritura condena a pressa. Quais são os que se apressam? Aqueles que, convertidos para Deus, e não encontrando aqui na terra o repouso que procuravam e a alegria que lhes fora prometida, de certo modo desanimam da caminhada, pensando que lhe resta um longo caminho até que este mundo ou esta vida

acabe, e buscando aqui um repouso que só pode ser enganoso se obtido, olham para trás, e desistem de seu propósito. Não pensam na grande ameaça contida na palavra: "Lembrai-vos da mulher de Lot" (Lc 17,32; cf Gn 19,26). Com que finalidade se tornou uma estátua de sal, se não tempera os homens, a fim de que tenham sabor? Pois, o exemplo do mal que lhe sucedeu se transforma em bem para ti, se te acautelas. "Lembrai-vos da mulher de Lot". Ela olhou para trás, para o lugar de onde fora libertada, Sodoma, e permaneceu naquele lugar para onde olhara; ela permaneceu naquele lugar, a fim de condimentar os que por ali passassem. Por conseguinte, nós que fomos libertados da Sodoma da vida passada, não olhemos para trás. Apressar-te seria não dar atenção às promessas de Deus, porque seu cumprimento é longínquo e olhar para trás, para o que está próximo e de onde se foi libertado. Como se exprime o apóstolo Pedro sobre esses tais? "Cumpriu-se neles aquilo do provérbio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito" (1Pd 2,22). A consciência de teus pecados onerava-te o peito; recebido o perdão de certo modo vomitaste e revelou-se o que tinhas no coração. A consciência de pesada fez-se límpa; por que hás de voltar novamente a teu vômito? Se te causa horror ver o cão fazer isto, tu o que serás aos olhos de Deus?

**4** Cada um de nós, irmãos caríssimos, olha para trás do lugar de sua viagem aonde chegou, com seus progressos, e que dedicou a Deus, quando o abandona. Por exemplo, decidiu guardar a castidade conjugal (por ela começa a justiça); afasta-se da luxúria e daquela ilícita imundície; se volta à luxúria, olha para trás. Outro, por um dom de Deus maior, fez um voto, decidiu não contrair núpcias. Não se condenaria se quisesse se casar, mas depois do voto que fez a Deus, se contrair matrimônio, será condenado por ter feito o mesmo que aquele que não prometera; este último não é condenado, mas o primeiro, sim. Por que motivo, senão por ter olhado para trás? Pois, estava na frente, ao passo que o outro ali não chegara. Assim também a virgem que se casar não peca (cf 1Cor 7,28); a monja se se casar, cometerá adultério em relação a Cristo. Olhou para trás do lugar a que tivera acesso. Assim acontece também àqueles que querem, depois de abandonar qualquer esperança de bens mundanos e as ações terrenas, entrar na sociedade dos santos, naquele tipo de vida em comum em que ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles e eram um só coração e uma só alma em Deus (cf At 2,44; 4,32); quem quiser sair dali não será tal qual aquele que não entrou. Um ainda não se aproximou; outro olhou para trás. Por tal razão, caríssimos, cada um como puder, fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os (cf Sl 75,12), à medida que puder. Ninguém olhe para trás, nem se deleite no que tinha antes. Ninguém desista do que está avante e se volte para trás. Corra até chegar. Não é com os pés que corremos, e sim com o desejo. Ninguém nesta vida diga que alcançou. Quem pode ser tão perfeito como Paulo? E no entanto ele diz: "Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço; esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus" (Fl 3,13.14). Como vês, Paulo ainda corre e tu julgas que já chegaste?

**5** [2] Por conseguinte, se sentes aflições neste mundo, apesar de seres feliz, entendeste

que estás no lagar. Com efeito, meus irmãos, pensais que seja temível a infelicida-de no mundo, e a felicidade não? Muito ao contrário. Nenhuma infelicidade esmaga aquele que não se deixa corromper por felicidade alguma. Como, então, não devemos nos acautelar e ter medo daquela que corrompe, a fim de não sermos seduzidos por suas carícias? Não te apoies num caniço; de fato, está escrito que alguns se apoiam em caniços (cf 2Rs 18,21). Não te fies dele; é frágil o caniço em que te apoias, quebra-se e te mata. Se, portanto, a felicidade te sorri neste mundo, considera-a aflição e dize: "Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor" (Sl 114,3.4). Ao declarar: "Encontrei a tribulação" refere-se a uma tribulação latente, pois existe tribulação latente neste mundo para alguns que julgam estar bem enquanto peregrinam longe do Senhor. Pois, "enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor" (2Cor 7,28). Se estivesses peregrinando longe de teu pai, um simples homem, serias infeliz; peregrinas longe do Senhor, e serás feliz? Portanto, existem alguns que pensam estar bem. Mas, aqueles que entendem que, embora cercados de abundância de bens e prazeres, embora tenham tudo a sua disposição, embora não surjam incômodos, contrariedades, todavia sabem que sofrem males enquanto estiverem longe do Senhor; seu olhar penetrante encontrou tribulação e dor, e eles invocaram o nome do Senhor. É desse número aquele que canta o presente salmo. Quem é ele? O corpo de Cristo. Quem é ele? Se quiserdes, sois vós. Se quisermos, todos nós; todos os filhos de Coré. E todos constituem um só homem, porque é um o corpo de Cristo. Como não seria um só homem se a Cabeça é uma só? Cristo é Cabeça de todos nós e nós todos formamos o corpo daquela Cabeça. E todos nesta vida estamos no lagar. Se entendemos bem as coisas, já entramos no lagar. Por conseguinte, no meio das angústias das tentações, emitamos esta voz, e apresentemos nosso desejo: "Como são amáveis os teus tabernáculos, Senhor dos exércitos!" O salmista achava-se em certas tendas, isto é, nos lagares; mas desejava outros tabernáculos, onde não existe pressão. Suspirava por eles e dali, pelo canal do desejo de certa maneira fluía.

**6** [3] Como continua o salmo? "Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor". Não basta dizer: "Suspira e desfalece". Mas por qual lugar desfalece? "Pelos átrios do Senhor". Desfalece a uva espremida; mas por quê? Para se tornar vinho na cuba, e encontrar repouso no depósito, conservando-se em perfeita tranqüilidade. Aqui deseja, ali obtém; aqui suspira, ali alegra-se; aqui suplica, ali louva; aqui geme, ali exulta. Ninguém rejeite o que disse, tomando-o por coisa dura; ninguém recuse sofrer. É de se recear que a uva, que tem medo do lagar, seja devorada pelas aves e feras. Parece mergulhada em tristeza, ao dizer: "Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor". Não possui aquilo por que anela; mas não terá alegria alguma? Que alegria? A mencionada pelo Apóstolo: "Alegrando-vos na esperança". Ali fruirá da realidade, mas agora alegra-se ainda na esperança. Entretanto, os que se alegram na esperança, visto que estão seguros de que haverão de alcançar, toleram no lagar todas as angústias. Por este motivo, também o Apóstolo, tendo dito: "Alegrando-vos na esperança", como que se dirigindo aos que já estão no lagar, logo acrescenta: "Perseverando na tribulação". Diz:

“Perseverando na tribulação”. E em seguida? “Assíduos na oração (Rm 12,12). Por que: “assíduos?” Porque a oração é atendida com delongas. Orais e o atendimento é adiado. Suportai as delongas. Tolere-se a demora, porque uma vez atendida a súplica, não se perde o que foi dado.

**7** 3.4 Ouviste o gemido no lagar: “Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor”. Ouve de onde vem que persevera aquele que se alegra na esperança: “Meu coração e minha carne se regozijam no Deus vivo”. Exul-taram aqui por outro motivo. De onde procede a exultação, a não ser da esperança? Por que exultaram? “No Deus vivo”. O que exultou em ti? “Meu coração e minha carne”. Por que razão exultaram? “Porque o pássaro encontra uma casa e a rola um ninho onde agasalhar seus filhotes”. Que sentido tem isto? Dissera duas coisas, e fizera duas comparações com aves. Dissera que seu coração e sua carne se regozijavam e relacionou com isto o pássaro e a rola. O coração com o pássaro, a carne com a rola. O pássaro encontrou uma casa, e encontrou uma casa o meu coração. Utiliza asas, as virtudes deste tempo, a fé, esperança e caridade, com as quais voa para sua casa; e quando a alcançar, lá ficará e a voz queixosa do pássaro daqui, não haverá ali. Pois, trata-se do mesmo pássaro queixoso, mencionado em outro salmo: “Como o pássaro solitário no telhado” (Sl 101,8). Do telhado voa para a casa. Enquanto no telhado, pouse na casa material; terá um lugar no céu, uma casa perpétua; acabarão as queixas deste pássaro. A rola, porém, tem seus filhotes, isto é, a carne: “a rola um ninho onde agasalhar seus filhotes”. O pássaro tem uma casa e a rola tem um ninho, um ninho onde agasalhar os filhotes. Escolhe-se uma casa para ali se habitar sempre, e um ninho é trançado para pouco tempo. Com o coração pensamos em Deus, como se fôssemos um pássaro a voar para sua casa, e com a carne praticamos as boas obras. Pois, notais como o corpo dos santos praticam tanto bem: Por meio dele fazemos aquilo que nos foi ordenado fazer, e que nos ajuda nesta vida. “Reparte o teu pão com o faminto e recolhe em tua casa os pobres desabrigados, veste aquele que vês nu” (Is 58,7). Estas e outra boas ações de preceitos não as praticamos senão empregando o corpo. Por isso, aquele pássaro que pensa em sua casa não difere de rola a procurar um ninho onde agasalhar os filhotes: não os abandona em qualquer lugar, mas encontra um ninho onde agasalhá-los. Vamos dizer, irmãos, o que já sabeis: Quantos parecem praticar o bem fora da Igreja? Quantos pagãos também alimentam o faminto, vestem o nu, recebem um hóspede, visitam um enfermo, consolam um cativo? Quanto são os que fazem tudo isso? Aparentemente seguem a rola; mas não encontram um ninho para si. Quanto bem não fazem muitos hereges, mas não dentro da Igreja; não colocam os filhoste dentro do ninho. Serão pisados e esmagados; não serão preservados, guardados. Como figura desta carne que opera o apóstolo Paulo apresenta certa mulher: “Não foi Adão que foi seduzido, mas foi a mulher que foi seduzida” (1Tm 2,14). Em seguida, Adão concordou com a mulher (cf Gn 3,6); pois a mulher foi seduzida pela serpente. Agora também nenhuma persuasão má consegue algo se antes não provocar o desejo da carne; se depois a mente consentir, cai também o pássaro; se, porém, são vencidos os desejos da carne, os membros são mantidos nas boas obras, e a concupiscência perde

suas armas; e a rola começa a ter filhotes. Por esta razão, como se exprime o Apóstolo: “Entretanto, ela será salva pela sua maternidade” (1Tm 2,15). Uma viúva sem filhos que permanecer em sua viuvez (1Cor 7,40) não é mais feliz? Acaso não se salvará, porque não teve filhos? Uma virgem de Deus não será melhor? Acaso não se salvará por não ter filhos? Ou não pertence a Deus? Será salva a mulher, portanto, que é figura da carne, pela maternidade, isto é, se praticar boas obras. Mas, não é em qualquer parte que a rola encontra um ninho onde agasalhar seus filhotes; que pratique suas obras, com uma fé verdadeira, com a fé católica, na unidade da Igreja. Por isso, ao falar dela o Apóstolo acrescenta: “Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e santidade” (1Tm 2,15). Se permaneces, portanto, na fé, na própria fé constitui o ninho para teus filhotes. Pois, tendo em vista a fraqueza dos filhotes de tua rola o Senhor se dignou oferecer-te um lugar para fazeres o ninho; revestiu-se do feno da carne, a fim de vir para junto de ti. Coloca teus filhotes ao abrigo desta fé; neste ninho pratica suas obras. Que ninhos são estes, ou qual é este ninho, vê-se pela continuação do salmo: “Os teus altares, Senhor dos exércitos”. Depois de: “E a rola um ninho onde agasalhar seus filhotes”, como se perguntasses: Que ninho? “Os teus altares, Senhor dos exércitos, meu rei e meu Deus”. Que significa: “meu rei e meu Deus?” Tu me governas, tu me criaste.

**8** [5] Mas este é o ninho, esta a peregrinação, este o suspiro, esta a trituração, esta a pressão porque aqui está o lagar. O que é, porém, que ele deseja? O que ambiciona? Para onde vai? Para onde tende nosso desejo? Para onde nos arrebata? Medita o salmista, aqui estabelecido, no meio de tentação, entre angústias, colocado nos lagares e suspirando pelas promessas do alto. Como se estivesse prestes a agir lá, já está premeditando as alegrias futuras. Diz ele: “Felizes os que habitam em tua casa”. Por que felizes? O que haverão de possuir? O que fazer? Todos os que são chamados felizes aqui na terra têm algo, e algo fazem. Feliz aquele homem: possui tantas propriedades, tantos servos, tanto ouro e prata. É chamado feliz por possuir. Feliz aquele outro: alcançou honrarias, o proconsulado, a prefeitura. Diz-se que é feliz na sua atividade. Por conseguinte, ou por possuir, ou por atuar. Todavia, como são felizes lá, no céu? Que haverão de ter? Como atuarão? Já declarei acima o que haverão de ter: “Felizes os que habitam em tua casa”. Se possuis uma casa, és pobre; se tens a casa de Deus és rico. Em tua casa tens medo dos ladrões. Na casa de Deus, ele mesmo é seu muro. “Felizes os que habitam em tua casa”. Possuem a Jerusalém celeste sem angústias, sem opressões, sem diversidade nem linhas divisórias; todos a possuem, e cada qual a possui toda inteira. Imensas aquelas riquezas! Um irmão não pressiona a outro. Ali não existe indigência alguma. Pois, o que se há de fazer ali? A necessidade é a mão de todas as ações humanas. Irmãos, já o disse resumidamente: percorrei em espírito quaisquer ações. Vede se há quem as produz, a não ser a necessidade. Mesmo aquelas artes dignas de menção, que parecem grandes ao prestarem socorro: o patrocínio da defesa e os remédios da medicina. São excelentes atividades neste mundo. Mas, extermina os que abrem uma demanda, e a quem há de socorrer o advogado? Extirpa as feridas e as doenças, e o que

há de curar o médico? E toda essa atividade na vida cotidiana, que de nós é exigida e por nós realizada, provém da necessidade. Arar, semear, plantar vinha nova, navegar — todas essas obras de onde se originam, a não ser da necessidade e indigência? Extingue a fome, a sede, a nudez; quem precisará de tudo isso? Essas boas obras que nos são preceituadas — pois estas ações que enumerei são honestas, mas são de todos os homens (excetuadas as obras péssimas, detestáveis, maldades e crimes, homicídios, latrocínios, adultérios; nem as considero ações humanas) — essas obras honestas, digo, provêm apenas da necessidade, da necessidade da fragilidade carnal. Também as que disse serem ordenadas: "Reparte o teu pão com o faminto", com quem haverás de repartir, se ninguém tem fome? "Recolhe em tua casa os pobres desabrigados" (cf Is 58,7), — a quem receberás como hóspede, ali onde todos vivem em sua própria pátria? Como visitarás o doente, onde todos gozam de perpétua saúde? Como apaziguarás um litígio, onde existe paz eterna? Que morto hás de sepultar, onde se vive para sempre? Por conseguinte, nada disso farás, dentre as obras honestas para todos os homens; nada praticarás destas boas obras, porque estes filhotes da rola já terão voado do ninho. Que fazer, então? Já disseste o que teremos: "Os que habitam em tua casa, são felizes". Dize também o que hão de fazer, porque lá não encontro necessidades que me impilam a agir. Agora mesmo, se falo e discorro, isso provém da necessidade. Acaso, no céu haverá tais explicações, como se fosse preciso ensinar a ignorantes, ou relembrar aos que estão esquecidos? Ou, de fato, naquela pátria se recitará o evangelho, uma vez que lá se haverá de contemplar o próprio Verbo de Deus? Portanto, uma vez que o salmista, cheio de desejos e suspiros, fala em nosso lugar, o que haveremos de ter na pátria pela qual suspiramos: "Felizes os que habitam em tua casa", fale também o que ali haveremos de fazer. "Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos". Será toda nossa ocupação indefectível, repetir: Aleluia. Não julgueis, irmãos, que ali haverá fastio, visto que agora não agüentais repeti-lo por muito tempo; a necessidade vos retira aquela alegria. E visto que tanto nos deleita o que não se vê, se com tanto empenho louvamos o que acreditamos, mesmo nas angústias e fragilidade da carne, como não haveremos de louvar o que virmos? Quando a morte for absorvida pela vitória, quando o que for mortal revestir a imortalidade, e o que é corruptível revestir a incorruptibilidade (cf 1Cor 15,53-54), ninguém dirá: Fiquei de pé por muito tempo; ninguém dirá: Jejuei demais, fiz longas vigílias. Ali haverá grande estabilidade e nosso próprio corpo imortal estará suspenso na contemplação de Deus. E se agora esta palavra que vos ministramos conserva de pé nosso corpo tão frágil, por tanto tempo, que nos fará aquela alegria? Como não nos transformará? "Seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (cf 1Jo 3,2). Se já formos semelhantes a ele, quando desfaleceremos? Para onde nos voltaremos? Portanto, irmãos, estejamos seguros; não ficaremos saciados do louvor de Deus, do amor de Deus. Se deixares de amar, deixarás de louvar; se, porém, o amor for eterno, porque aquela beleza não nos saciará, não temas que não poderás louvar sempre aquele que poderás eternamente amar. Por conseguinte: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos". Suspiremos por esta vida.

**9** [6] Mas como chegaremos lá? “Feliz o homem que de ti recebe socorro, Senhor”. O salmista entendeu onde estava, porque devido à fragilidade de sua carne não podia voar para aquela bem-aventurança; considerou seu peso, porque foi dito em outra passagem: “Um corpo corruptível pesa sobre a alma e — tenda de argila — oprime a mente pensativa” (Sb 9,15). O espírito chama para o alto, e o peso da carne puxa para baixo; entre as duas tendências, uma para cima e outra para baixo, há certa tensão, e esta tensão pertence à pressão do lagar. Ouve como o Apóstolo exprime a luta que há no lagar, porque também ele ali era esmagado, espremido: “Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros”. Grande luta, e forte falta de esperança de escapar, a não ser que tenha o socorro que vem em seguida: “Infeliz de mim! Quem me libertará desse corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,22-25). Portanto, também neste salmo o autor viu aquela alegria, e a ponderou interiormente: “Felizes os que habitam em tua casa, Senhor. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos”. Mas quem subirá até lá? Que farei do peso da carne? “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos. Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior”. Mas que farei? Como voar? Como alcançar? “Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão”. Declara-se infeliz e diz: “Quem me libertará desse corpo de morte”, para que habite na casa do Senhor e o louve pelos séculos dos séculos? “Quem me libertará? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso”. Assim as palavras do Apóstolo vêm ao encontro daquela dificuldade e luta quase inextrincável, acrescentando: “A graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso”. Igualmente aqui, tendo suspirado em ardente desejo pela casa de Deus e seus louvores, e levando em conta o peso de seu corpo e a constituição de sua carne, insinua-se-lhe certo desânimo, mas desperta para a esperança e declara: “Feliz o homem que de ti recebe socorro, Senhor”.

**10** [6.7] Que socorro traz a graça de Deus àquele que ele tomou para conduzi-lo ao fim? Continua o salmo: “Em seu coração preparou ascensões”. Dá-lhe uma escada para subir. Onde lhe dá a escada? No coração. Quanto mais amares, portanto, tanto mais subirás. “Em seu coração preparou ascensões”. Quem? Aquele que Deus acolheu: “Feliz o homem que de ti recebe socorro, Senhor”. Aquilo que o homem não pode por si, é preciso que da tua graça receba. E que faz tua graça, Senhor? Prepara ascensões no coração. Onde dispõe ascensões? “No coração, no vale de lágrimas”. Eis o lagar, o vale de lágrimas. As lágrimas piedosas dos aflitos são o mosto daqueles que amam. “Em seu coração preparou ascensões”. Onde preparou? “No vale de lágrimas”. Aí, portanto, dispôs ascensões, “no vale de lágrimas”; aí se chora na semeadura, conforme se acha no salmo: “Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes” (Sl 125,6). Por conseguinte, em teu coração Deus dispôs ascensões por meio de sua graça. Sobe pelo amor; assim se cantam os cânticos graduais. E onde ele te preparou essas ascensões? “No coração, no vale de lágrimas”. O salmista diz onde preparou e para que fim preparou. Que preparou? “Ascensões” Onde? Interiormente, “no coração”. Em que

região, em que lugar a servir de moradia? “No vale de lágrimas”. Para onde subir? Ao lugar que ele “preparou”. Que quer dizer isto, irmãos: “Ao lugar que ele determinou?” O salmista diria que lugar é este que Deus determinou, se fosse possível. Ele te disse: “Em seu coração preparou ascensões, no vale de lágrimas”. Perguntas para onde? Que te responderá? “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu” (1Cor 2,9). É colina, é monte, é terra, é prado. Quase tudo isso foi dito sobre aquele lugar. Mas quem pode explicar o que é propriamente e não em figura? Pois, “agora vemos em espelho e de maneira confusa” o que é aquele lugar, “mas, depois, veremos face a face” (1Cor 13,12). Em vista disso, não interrogues onde o “lugar que ele determinou”. Ele sabe onde é, conhece-o aquele que determinou para onde te conduzirá, e que preparou ascensões no coração. Como? Receias subir, de medo que erre aquele que te conduz? Eis que ele no vale de lágrimas preparou ascensões, “ao lugar que ele determinou”. Choramos agora. Onde? Onde nos foram preparadas nossas ascensões. Por que motivo choramos, senão pelo mesmo que fazia o Apóstolo exclamar que era infeliz, vendo outra lei em seus membros a pelejar contra a lei de sua razão? (cf Rm 7,23). E de onde nos vem isto? Em castigo do pecado. Pensávamos que facilmente poderíamos ser justos por nossas próprias forças, antes de termos recebido os mandamentos. Uma vez promulgados estes, o pecado reviveu, mas eu morri. Isto é o que diz o Apóstolo. Aos homens foi dada uma lei, não para salvá-los, mas para que eles reconhecessem como jaziam doentes. Ouve as palavras do Apóstolo: “Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que crêem” (Gl 3,21.22). A graça viria após a Lei, encontraria o homem não somente a jazer, mas ainda a confessar: “Infeliz de mim! Quem me libertará desse corpo de morte”? (Rm 7,24). Oportunamente viria o médico ao vale de lágrimas, e declararia: Certamente sabes que caíste. Para te levantares, ouve-me a mim que desprezaste para caíres. A Lei, portanto, foi promulgada a fim de convencer o doente acerca de sua doença, porque se considerava são. Demonstraria o pecado, mas não o apagaria. Demonstrado o pecado pela promulgação da Lei, este agravou-se, porque seria pecado e contra a Lei. Diz o Apóstolo: “Mas o pecado, aproveitando-se da situação, através do preceito gerou em mim toda espécie de concupiscência” (Rm 7,7.8). Que quer dizer: “Aproveitando-se da situação, através do preceito?” Por ocasião do preceito os homens esforçaram-se por agir empregando suas próprias forças; vencidos pela concupiscência, tornaram-se culpados de transgressão do próprio preceito. Mas o que afirma o Apóstolo? “Onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 5,20), isto é, agravando-se a doença, valorizou-se a medicina. Com efeito, irmãos, aqueles cinco pórticos de Salomão, que encerravam uma piscina no meio, porventura curava os doentes? Lemos no evangelho: “sob esses cinco pórticos, estavam deitados no chão numerosos doentes” (Jo 5,3). Aqueles cinco pórticos são a Lei, contida nos cinco livros de Moisés. Para lá eram levados os doentes, retirados de suas casas, para ficarem deitados no chão sob os pórticos. Portanto, a Lei apresentava os doentes, mas não os curava. Com a bênção de Deus, a água se agitava, como se um anjo para lá descesse. Ao

se agitar a água, o primeiro que podia descia e era curado. Aquelas águas, cercadas de cinco pórticos, representavam o povo judaico encerrado na Lei. O Senhor, com sua presença, agitou esse povo e ele foi morto. Se a vinda do Senhor não tivesse perturbado o povo judaico, acaso seria crucificado? Por isso, a água agitada significava a paixão do Senhor, que foi realizada pelo povo judaico agitado. O doente que acredita nesta paixão, desce à água agitada e se cura. A Lei, isto é, os pórticos, não curava; cura a graça, pela fé na paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Um só é curado, por causa da unidade. Por este motivo, o que diz aqui o salmista? "Em seu coração preparou ascensões, no vale de lágrimas, ao lugar que ele determinou". Ali nos alegraremos.

**11** [8] Por que "no vale de lágrimas?" De que vale de lágrimas passaremos àquele lugar de alegria? Pois, "dará a misericórdia quem deu a lei". A Lei nos afligiu, nos pressionou, mostrou-nos o lagar; experimentamos a opressão, a tribulação de nossa carne, gememos ao se rebelar o pecado contra nossa razão e clamamos: "Infeliz de mim!" (Rm 7,24). Gememos sob a Lei; que resta, senão que dê a benção quem deu a lei? Após a Lei virá a graça; esta é a bênção. E que nos trarão esta graça e esta bênção? "Irão de virtude em virtude". A graça acarreta muitas virtudes: "A um, o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro, a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé; a outro ainda, o dom das curas; a outro, o dom de falar em línguas; a outro, ainda, o dom de as interpretar; a outro a profecia" (1Cor 12,8.10). Muitas virtudes, mas necessárias aqui na terra. E nós vamos de virtude em virtude. Qual? "Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (cf 1Cor 1,24). Ele concede diversas virtudes aqui na terra, mas dará depois em lugar de todas essas virtudes necessárias e úteis no vale de lágrimas uma só virtude, a si mesmo. Pois, muitos autores enumeram (e as encontramos na Escritura), quatro virtudes que atuam em nossa vida. Fala-se em prudência, que nos leva a distinguir entre bem e mal. Trata-se da justiça que dá a cada um o que é seu, a ninguém ficando a dever, mas amando a todos (cf Rm 13,8). Há referência também à temperança, que refreia os incentivos dos prazeres. Chama-se fortaleza a que nos faz tolerar todas as incomodidades. São essas as virtudes que nos são dadas pela graça de Deus agora, no vale de lágrimas. Destas virtudes partimos para aquela única virtude. E qual será ela, senão unicamente a da contemplação de Deus? No céu não precisaremos da prudência, porque não nos ocorrerá mal algum a evitar. Que pensar, irmãos? Não será necessária a justiça onde não haverá indigência alguma a socorrer. Não se precisará de temperança, onde não haverá atrativos a refrear. Nem fortaleza, onde não existirá mal a tolerar. Por conseguinte, dessas virtudes ativas iremos àquela virtude da contemplação, que nos levará a contemplar a Deus, conforme se acha escrito no salmo: "Desde a manhã estarei de pé diante de ti e verei" (Sl 5,5). E ouve também que passaremos dessas virtudes ativas àquela virtude da contemplação. Continua o salmo: "Irão de virtude em virtude". Qual? A de contemplar. Que significa: a virtude de contemplar? "Aparecerá o Deus dos deuses em Sião. Deus dos deuses", o Cristo dos cristãos. Como é "o Deus dos deuses", o Cristo dos cristãos? "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo" (Sl 81,6). Pois, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (cf Jo 1,12), aquele em

quem acreditamos, o esposo belo, que apareceu sem beleza na terra por causa de nossa deformidade, visto que "não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar" (Is 53,2). Terminadas as necessidades todas impostas pela condição mortal, aquele que é Deus junto de Deus, e verbo junto do Pai, por meio do qual tudo foi feito, aparecerá aos puros de coração; "bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). "Aparecerá o Deus dos deuses em Sião".

**12** 9 Novamente o salmista deixa a lembrança daquelas alegrias e volta a seus suspiros. Pondera o que alcançou em esperança e onde se acha a realidade. "Aparecerá" então "o Deus dos deuses em Sião", isto é, onde nos alegra-remos; louvá-lo-emos pelos séculos dos séculos. Mas agora ainda é tempo de rezar, de suplicar; e se um pouco é tempo de se alegrar, é somente em esperança; estamos em peregrinação, no vale de lágrimas. Voltando o salmo a este lugar de gemidos, diz: "Escuta a minha oração, Senhor Deus dos exércitos. Presta ouvidos, Deus de Jacó", uma vez que transformaste o próprio Jacó em Israel. Pois, Deus lhe apareceu, e ele tomou o nome de Israel, aquele que vê a Deus (cf Gn 32,28). Escuta-me, portanto, Deus de Jacó e tranforma-me em Israel. Quando me tornarei Israel? Quando aparecer o Deus dos deuses em Sião.

**13** 10 "Volve teu olhar, ó Deus, nosso protetor". Eles esperarão à sombra de tuas asas (cf Sl 35,8); por isso, "volve teu olhar, ó Deus, nosso protetor e inclina os olhos para a face de teu Cristo". Mas, quando é que Deus não olha a face de seu Cristo? Por que "inclina os olhos para a face de teu Cristo?" É a face que nos torna conhecidos; por que então "inclina os olhos para a face de teu Cristo?" Faze com que teu Cristo chegue ao conhecimento de todos. "Inclina os olhos para a face de teu Cristo": seja teu Cristo conhecido por todos, a fim de que possamos ir de virtude em virtude, a fim de que superabunde a graça, uma vez que o pecado avultou (cf Rm 5,20).

**14** 11 "Porque é melhor um dia em teus átrios do que mil outros". Por esses átrios o salmista suspirava, desfalecia de desejo. Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor; ali um dia é melhor do que mil outros. Os homens desejam milhares de dias, e querem viver muito aqui na terra. Desprezem os milhares de dias e desejem esse único dia que não tem começo nem ocaso, um só dia, o dia eterno, ao qual o dia de ontem não ceda lugar, nem o de amanhã venha empurrar. Anelemos por este único dia. Que temos nós com milhares de dias? Vamos dos milhares a um só, assim como progredimos de virtude em virtude.

**15** "Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores". O salmista descobriu o vale de lágrimas, notou a condição humilde de onde deve subir, sabe que se procurar se exaltar há de cair, e se buscar humilhar-se, será elevado. Quantos são os que fora deste tabernáculo, deste lugar do Senhor, isto é, fora da Igreja católica procuram elevar-se e amando as próprias honrarias não querem conhecer a verdade[1]? Se tivessem no coração este versículo: "Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores", acaso rejeitariam as honras e não correriam na direção do

vale de lágrimas, para ali encontrarem as ascensões no coração e progredirem de virtude em virtude, pondo em Cristo sua esperança e não num homem qualquer? Boa palavra, alegre, preferível: "Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores". Preferiu estar no limiar da cada do Senhor; mas o Senhor que convidou para o banquete, chama o que escolheu um lugar inferior para mais acima, dizendo-lhe: "Vem mais para cima" (Lc 14,10). Ele não escolhera senão estar na casa do Senhor, em qualquer lugar, contudo não fora do limiar.

**16** Por que preferiu estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores? "Porque Deus ama a misericórdia e a verdade". Ama o Senhor a misericórdia, com a qual primeiro me socorreu; ama a verdade, dando ao que acreditar aquilo que prometeu. Ouve como concedeu a misericórdia e a verdade ao apóstolo Paulo, que antes era Saulo, um perseguidor. Precisava da misericórdia e declara que esta lhe foi concedida: "A mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, para que em mim Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna" (1Tm 1,13-16). Tendo Paulo recebido o perdão de tamanhos crimes, ninguém perca a esperança de que lhe possam ser perdoados quaisquer pecados. Aí temos a misericórdia. Deus não quis então exercer a justiça, segundo a verdade, punindo o pecador. De fato, se o pecador fosse punido, não seria agir segundo a verdade? Ou ousaria ele dizer: Não devo ser castigado, se não podia afirmar: Não pequei? E se quisesse asseverar: Não pequei, a quem o diria? A alguém a que pudesse enganar? Conseqüentemente, o Senhor primeiro usou da misericórdia para com ele; e depois da misericórdia, a verdade. Escuta como começa a exigir a verdade. Primeiro, diz o Apóstolo: "Mas obtive misericórdia. Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas pela graça de Deus, sou o que sou" (1Cor 15,10). Declara, depois, já próximo do martírio: "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça". Deus, que usou de misericórdia, age segundo a verdade. E como? "Que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia" (2Tm 4,7.8). Usou de misericórdia, dará a coroa; doador do perdão, devedor da coroa. Como devedor? Ele recebeu alguma coisa? A quem deve Deus alguma coisa? Eis como Paulo o considera devedor, ele que recebeu a misericórdia e exige o cumprimento da justiça segundo a verdade: "Que me dará o Senhor naquele dia". Que te retribuirá, senão o que te deve? De que modo ele te deve? Que lhe deste? Quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? (cf Rm 11,35). O pró-prio Senhor se fez teu devedor, não por ter recebido, mas porque prometeu. Não se lhe pode dizer: Devolve o que recebeste; mas: Paga o que prometeste. Diz o Apóstolo: Fez-me misericórdia, para me tornar inocente; pois primeiro fui blasfemo e insolente, mas sua graça me transformou em inocente. Aquele, porém, que antecipou-se com a misericórdia, poderá negar o débito? "Deus ama a misericórdia e a verdade e dará a graça e a glória". Que graça, a não ser a referida por ele mesmo: "Pela graça de Deus sou o que sou?" Que glória, a não ser a que ele menciona: "Desde já me está reservada a coroa da justiça".

**17** [13] "Não recusa Deus bem algum aos que andam na inocência". Por que, então, ó

homens, não quereis permanecer na inocência, a não ser para assegurardes vossos bens? Não quer manter a inocência aquele que não quer devolver o que lhe foi confiado. Quer ter o ouro e perde a inocência. O que lucra com isso? Qual o prejuízo? Lucra ouro, sofre dano na inocência. Existe algo mais precioso do que a inocência? Mas se me mantenho na inocência, responde, ficarei pobre. A inocência seria pequena riqueza? Se tiveres a caixa repleta de ouro, serás rico; e se tiveres o coração cheio de inocência, serás pobre? Mas, se desejas possuir bens, conserva-te inocente agora, no meio da pobreza, da tribulação, no vale de lágrimas, nas angústias, nas tentações. Posteriormente virá o bem que ambicionas. O repouso, a eternidade, a imortalidade, a impassibilidade virão depois. São estes os bens que Deus reserva para os seus justos. Quanto aos bens que agora consideras importantes, e que te levam a seres nocivo e não inocente, observa que espécie de homens os possuem, e os têm em abundância. Notarás riquezas nas mãos dos ladrões, dos ímpios, dos celerados, dos torpes; nas mãos dos malvados e criminosos encontrarás riquezas. Deus lhes dá desses bens porque eles pertencem ao gênero humano, e devido a sua superabundante bondade, que faz o seu sol brilhar sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Ele dá tão grandes bens também aos maus; e para ti nada conserva? É enganoso o que te promete? Ele reserva, sim; podes ficar tranqüilo. Aquele que de ti se compadeceu quando eras ímpio, há de te abandonar depois que te tornaste piedoso? Quem fez ao pecador o dom da morte de seu Filho, o que não há de reservar para aquele que foi salvo pela morte de seu Filho? Por conseguinte, fica tranqüilo. Detém o teu devedor, pois nele acreditaste ao fazer as promessas. “Não recusa o Senhor bem algum” aos que andam na inocência. Em conseqüência disso, o que nos falta aqui na terra, ao estarmos no lagar, nas aflições, nas coisas duras, nos perigos desta vida? O que nos falta, para chegarmos lá no céu? “Senhor, Deus dos exércitos, feliz o homem que em ti confia”.

1 Talvez ainda não tinha saído o decreto do concílio de Cartago, de 401, de que os clérigos donatistas, “fossem recebidos, conservando seus cargos” (Cod. can. Eccl. Africanae, LXVIII, ed. Bruns, p. 173).

# SALMO 84

## SERMÃO AO POVO

**1** Suplicamos ao Senhor nosso Deus que nos demonstre sua misericórdia, e nos dê a sua salvação. Quando este salmo foi recitado e escrito, essas palavras constituíam uma profecia. No que se refere a nossos dias, Deus já demonstrou aos gentios a sua misericórdia e deu-lhes a sua salvação. Ele, efetivamente, a mostrou, mas muitos não querem ser curados e olhar o que ele mostra. Mas, ele cura os olhos do coração para o verem; por isso, tendo dito: "Demonstra-nos a tua misericórdia", como se estivesse se dirigindo a muitos cegos que replicariam: Como veremos, quando ele começar a mostrar? acrescenta: "E concede-nos a tua salvação". Ao nos conceder a sua salvação, cura-nos para podermos ver aquilo que ele mostra. Ele não age como um médico humano que cura e mostra a luz àqueles que curou. Neste caso, uma coisa é a luz que é mostrada, e outra o próprio médico que cura para que se recobre a vista e mostra a luz, porque ele mesmo não é luz. Não acontece o mesmo ao Senhor nosso Deus. Ele próprio é o médico que cura para podermos ver, e é a luz que podemos ver. Percorramos atentamente, contudo, o salmo inteiro, de maneira abreviada, à medida de nossas forças e do dom do Senhor, devido ao tempo limitado.

**2** [1] O título é o seguinte: "Para o fim, dos filhos de Coré, salmo". Não pensemos em outro fim, senão o mencionado pelo Apóstolo: "Porque o fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). Portanto, o salmista colocando em primeiro lugar no título do salmo: "Para o fim", assinalou Cristo ao nosso coração. Se atendermos a ele, não erraremos; porque ele mesmo é a verdade, para a qual corremos apressados, e é o caminho por onde havemos de correr (cf Jo 14,6). Que significa: "filhos de Coré?" Coré se traduz do hebraico para o vernáculo por calvo. Por conseguinte, "filhos de Coré" são filhos do Calvo. Quem é este calvo? Não o ridicularizemos, mas choremos diante dele (Sl 94,6). Pois, alguns homens zombaram de um calvo e os demônios os perderam: como no livro dos Reis os meninos zombaram de Eliseu, que era calvo, e gritavam atrás dele: "Careca, careca!" Saíram ursos do bosque, e devoraram os meninos zombeteiros, que foram chorados por seus pais (cf 2Rs 2,23-24). Este fato era um sinal, uma profecia de nosso Senhor Jesus Cristo que haveria de vir. Os judeus zombaram dele como se fosse calvo, porque foi crucificado no Calvário, lugar da caveira. Nós, porém, se nele crermos, seremos seus filhos. Para nós, portanto, canta-se este salmo com a inscrição: "Dos filhos de Coré", pois somos filhos do esposo (cf Mt 9,15). Com efeito, este esposo, dando a sua esposa uma penhor, seu sangue e o Espírito Santo, que nos enriquece nesse ínterim de nossa peregrinação, ainda conserva ocultas as suas riquezas. Se nos deu tais penhores, que será o que para nós reserva?

**3** [2] De fato, o profeta fala no futuro, mas usa verbos no tempo pretérito. Profere como

se fossem já realizados os fatos futuros, porque para Deus o que é futuro já está realizado. Ali, portanto, o profeta via o que era futuro para nós, mas, de fato, já realizado pela providência de Deus e pela certíssima predestinação, conforme diz o salmista no salmo 21, que todos reconhecem tratar-se de Cristo. O salmo é recitado de tal modo que parece que se lê o evangelho: "Transpassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Estiveram a olhar-me e me examinaram. Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes" (Sl 21,17-19). Qual o leitor deste salmo que não reconhece aí o evangelho? E no entanto, quando se compôs o salmo, não foi escrito: Haverão de traspassar-me as mãos e os pés, e sim: "Trans-passaram-me as mãos e os pés". Nem foi escrito: Contarão meus ossos, mas: "Contaram os meus ossos". Nem foi escrito: Dividirão as minhas vestes, e sim: "Dividiram entre si as minhas vestes". O profeta via todos esses fatos futuros e os indicava como passados. Assim também aqui: "Abençoaste, Senhor a tua terra", como se já abençoara.

**4** "Afastaste de Jacó o cativeiro". O antigo povo de Jacó, o povo de Israel, oriundo de Abraão, segundo a promessa, haveria de ser um dia o herdeiro de Deus. Efetivamente era o povo que recebera o Antigo Testamento; mas no Antigo Testamento era figurado o Novo Testamento. O primeiro era figura e o segundo a expressão da realidade. Simbolicamente, em certa prefiguração do futuro, foi dada àquele povo a terra da promissão, em determinada região onde habitou o povo judaico, e onde se situa também a cidade de Jerusalém, cujo nome todos nós já ouvimos. Tendo o povo recebido essa terra, sofria muitos ataques dos inimigos seus vizinhos, que o combatiam de todos os lados. Se pecava contra seu Deus era entregue ao cativeiro, mas não para ruína, mas para sua educação. Castigado pelo pai, mas não condenado. Quando obedecia a Deus era libertado. Algumas vezes foi ao cativeiro, mas foi libertada aquela gente. Agora está em cativeiro, devido ao enorme pecado de ter crucificado seu Senhor. Em que sentido tomamos então a palavra: "Afastaste de Jacó o cativeiro?" Porventura entenderíamos aqui outro cativeiro, do qual todos nós queremos ser libertados? Pois, todos nós estamos relacionados com Jacó, se somos da descendência de Abraão. É o que diz o Apóstolo: "De Isaac sairá a descendência que terá teu nome. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes" (Rm 9,7.8). Se os filhos da promessa são tidos como descendentes, ofendendo a Deus os judeus degeneraram. Nós, contudo, granjeando o favor de Deus, tornamo-nos descendência de Abraão, não quanto à carne, mas relativamente à fé. Imitando-lhe a fé, tornamo-nos seus filhos; os judeus, degenerando por falta de fé, mereceram ser deserdados. No entanto, para que saibais que os judeus perderam o que mereciam como descendentes de Abraão, lemos que, ao se jactarem arrogantemente os judeus diante de Jesus Cristo nosso Senhor, gloriando-se do sangue e não do modo de vida e dizendo ao Senhor: "Nosso pai é Abraão, replicou-lhes o Senhor, como a uns degenerados: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão" (Jo 8,39). Se, portanto, eles já não são filhos por causa disso, a saber, por não praticarem as obras de Abrão, nós somos filhos por praticarmos as obras de Abraão. Quais as obras de Abraão que praticamos? Abraão acreditou em Deus e lhe foi tido em conta de justiça (cf Gn 15,6; Gl 3,6). Por

conseguinte, pertencemos todos à raça de Jacó, imitando a fé de Abraão, que acreditou em Deus e lhe foi tido em conta de justiça. Qual o cativeiro, então, de que queremos nos libertar? Acho que nenhum de nós agora mora entre bárbaros, nem foi atacado por um povo armado e levado ao cativeiro. Mas logo mostro certo cativeiro, em que gememos, e do qual queremos nos libertar. Adiante-se o apóstolo Paulo, e diga qual é. Seja ele nosso espelho. Fale, para que nos vejamos ali. Não haverá quem não se reconheça aí. Fala, portanto, o santo Apóstolo: "Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior"; interiormente a lei de Deus me apraz; "mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão". Já ouviste qual a lei, ouviste qual a luta; ainda não ouviras falar de cativeiro. Escuta como ele continua: "Que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros" (Rm 7,22-25). Conhecemos qual o cativeiro; quem de nós não há de querer se libertar deste cativeiro? Como se libertará? Este salmo canta a respeito do futuro: "Afastaste o cativeiro de Jacó". A quem se dirige? A Cristo, porque o salmo é "para o fim", por causa dos filhos de Coré. É Cristo quem afasta o cativeiro de Jacó. Escuta como o próprio Paulo o confessa. Ao declarar que é arrastado cativo pela lei que existe em seus membros, que peleja contra a lei da razão, exclamou sob o peso da escravidão: "Infeliz de mim. Quem me libertará desse corpo de morte?" Procurou o libertador e logo lhe ocorreu quem seria: "A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso" (Rm 7,22-25). Considerando esta graça, diz o profeta a nosso Senhor Jesus Cristo: "Afastaste o cativeiro de Jacó". Ponderai o cativeiro de Jacó, e notai que é o seguinte: Afastaste nosso cativeiro, não livrando-nos dos bárbaros, em cujas mãos não caímos; mas libertando-nos das obras más, de nossos pecados, por meio das quais Satanás nos dominava. Se alguém for libertado de seus pecados, o príncipe dos pecadores não tem como dominá-lo.

**5** [3.4] Como, então, ele afasta o cativeiro de Jacó? Vede que esta libertação é espiritual, observai que ela opera interiormente: "Perdoaste a maldade de teu povo; encobriste todos os seus pecados". Eis de onde afastou o cativeiro: perdoou a maldade. A iniqüidade te mantinha cativo, e perdoada a maldade ficas liberto. Confessa, portanto, que estás no cativeiro, para mereceres ser libertado; pois quem não conhece seu inimigo, como invocará o libertador? "Encobriste todos os seus pecados". Qual o sentido de: "encobriste?" Fizeste como se não os visses. Que é: não os visses? Para que não castigasses. Tu não quiseste ver os nossos pecados; e não os viste, porque não quiseste. "Encobriste todos os seus pecados. Acalmaste toda a tua ira; depuseste o ardor de tua indignação".

**6** [5] E como se fala de fatos futuros, embora os verbos estejam no pretérito, continua: "Converte-nos, ó Deus, que nos curas". O que acabava de narrar como passado, como é que pede que se faça, a não ser para mostrar que os verbos no passado constituem uma profecia? Ainda não estava realizado o que dizia já feito. Mostra-o, porque pede que se faça: "Converte-nos, ó Deus, que nos curas e retira de nós a tua cólera". Há pouco não dizias: "Afastaste de Jacó o cativeiro. Encobriste todos os seus pecados; acalmaste toda a tua ira; depuseste o ardor de tua indignação?" Como suplica aqui: "E retira de nós a tua

cólera?” O profeta te responderá: Pronuncio estas coisas como se já fossem feitas, mas vejo-as futuras. Como, de fato, ainda não se realizaram, suplico que venham conforme já as vi. “Retira de nós a tua cólera”.

**7** [6] “Não te irrites contra nós eternamente”. Por causa da ira de Deus somos mortais, e por causa da ira de Deus nesta terra, comemos nosso pão na penúria e com o suor de nosso rosto (cf Gn 3,19). Isto ouviu Adão quando pecou. E em Adão estávamos todos nós, porque em Adão todos morrem. Ele ouviu, mas em conseqüência também nós. Ainda não existíamos, mas estávamos em Adão; por isso, tudo o que aconteceu ao próprio Adão, teve conseqüência para nós, de sorte que havemos de morrer; de fato, todos estávamos nele. Pois, os pecados dos pais não atingem os filhos, se os pais pecam depois que eles nasceram; os filhos já nascidos respondem por si, e os pais por si. Mas, os filhos já nascidos, que seguirem o caminho de seus pais no mal, necessariamente sofrerão o mesmo que seus pais merecerem, se, porém, se converterem, e não imitarem os pais malvados, começam a ter seu próprio merecimento, e não merecem o que os pais mereceram. O pecado de teu pai não te prejudica, se te converteres, e nem prejudicará ao pai, se ele se converter. Mas o fato de que nossas raízes se tornaram mortais, vem de Adão. Que provém de Adão? Esta fragilidade da carne, este tormento das dores, esta casa de pobreza, este vínculo de morte, e as ciladas das tentações. Trazemos tudo isso em nossa carne. E isto é ira de Deus, porque é castigo de Deus. Mas como haveríamos de nos regenerar, e pela fé nos tornaríamos novos homens, e na ressurreição a mortalidade seria consumida e a vida do homem novo há de ser restaurada; assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida (cf 1Cor 15,22). Verificando isto, diz o profeta: “Não te irrites contra nós eternamente, nem estendas a tua ira de geração em geração”. A primeira geração mortal estava sob tua ira; haverá outra geração imortal, segundo tua misericórdia.

**8** [7] Que acontece, então? Tu mesmo, ó homem, conseguiste, convertendo-te para Deus, merecer sua misericórdia e os que não se converteram, não alcançaram misericórdia, mas encontraram a ira de Deus? Como te converterias, se não fosses chamado? Não foi aquele que te chamou, quando estavas em atitude contrária, a te converteres? Não arrogues a ti mesmo nem a própria conversão; porque se, ao fugires, ele não te chamasse, não poderias te converter. Por isso, o profeta, atribuindo a Deus o benefício da própria conversão, assim reza: “Ó Deus, voltando-te para nós, restituir-nos-ás a vida”. Ele não afirma que nós espontaneamente, sem a misericórdia de Deus, nos convertemos, e Deus nos restituirá a vida: mas, “voltando-te para nós, restituir-nos-ás a vida”, de tal modo que não somente a restituição da vida vem de ti, mas a própria conversão de ti se origina para nos vivificar. “Ó Deus, voltando-te para nós, restituir-nos-ás a vida e o teu povo se alegrará em ti”. Para seu mal alegra-se em si; para seu bem alegra-se em ti. Enquanto preferiu ter a alegria por si mesmo, encontrou o pranto. Agora, porém, uma vez que toda a nossa alegria é Deus, quem quiser alegrar-se seguramente, alegre-se naquele que não pode perecer. Por que, então, meus irmãos, quereis alegrar-vos com o dinheiro? Ou o dinheiro acaba, ou tu, e ninguém sabe quem terminará primeiro. No

entanto, consta que ambos vão perecer; incerto é quem irá primeiro. De fato, nem o homem pode permanecer aqui para sempre, nem o dinheiro dura para sempre; assim sucede ao ouro, à veste, à casa, ao dinheiro, às vastas propriedades, enfim a esta luz. Não ponhas, portanto, tua alegria nestes bens, mas alegra-te com a luz que não tem ocaso; alegra-te com a luz a que não precede um ontem, nem segue um amanhã. Que luz é esta? "Eu sou a luz do mundo", diz o Senhor (Jo 8,12). Aquele que te fala: "Eu sou a luz do mundo" te chama a si. Ao chamar-te, ele te converte; ao converter-te, cura-te; ao curar-te, verás aquele que te converte, e ao qual foi dito: "E o teu povo se alegrará em ti".

**9** [8] "Demonstra-nos, Senhor, a tua misericórdia". Foi isto que cantamos e já o expliquei. "Demonstra-nos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação". A tua salvação, o teu Cristo. Feliz é aquele a quem Deus mostra sua misericórdia. Não pode se orgulhar aquele a quem Deus demonstra sua misericórdia. Pois, ao lhe mostrar sua misericórdia, Deus o persuade de que todo o bem que o homem encontrar em si, recebeu-o daquele que é todo o nosso bem. E ao verificar o homem que todo o bem que possui não vem de si mesmo, mas de seu Deus, vê que tudo o que há de louvável nele provém da misericórdia de Deus e não de seus méritos. Com esta noção, não se ensoberbece, não se ensoberbecendo não se exalta, não se exaltando não cai, não caindo fica de pé, ficando de pé adere, aderindo permanece, permanecendo goza e alegra-se no Senhor seu Deus. Serão suas delícias seu Criador; a estas delícias ninguém pode corromper, interpelar, roubar. Qual o potentado que ameace retirá-lo? Qual vizinho malvado, que ladrão, que homem enganador pode tirar-te teu Deus? Pode tirar-te tudo aquilo que possuis corporalmente, mas não te rouba o que tens no coração. Ele é misericórdia. Oxalá Deus no-la demonstre: "Demonstra-nos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação". Dá-nos teu Cristo; nele se encontra a tua misericórdia. Digamos também nós: Dá-nos o teu Cristo. Com efeito, ele já nos deu seu Cristo; contudo ainda lhe repitamos: Dá-nos teu Cristo, assim como rezamos: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6,11). Qual o nosso pão, senão ele próprio que disse: "Eu sou o pão vivo descido do céu"? (Jo 6,41). Repitamos: Dá-nos o teu Cristo. Pois, ele nos deu Cristo, mas enquanto homem; aquele que no-lo deu como homem, no-lo dará enquanto Deus. Deu um homem aos homens; deu-o de tal forma qual podia ser captado pelos homens; quanto a Cristo-Deus, homem algum podia captar. Fez-se homem para os homens, e conservou-se como Deus para os deuses. Falei com arrogância? Seria arrogância, se ele mesmo não tivesse dito: "Eu disse: Vós sois deuses e sois filhos do Altíssimo" (Sl 81,6; Jo 10,34). Somos renovados em vista da adoção de filhos, para nos tornarmos filhos de Deus. Já o somos, na verdade, mas através da fé. Somos filhos, de fato, na esperança, mas não ainda na realidade. Segundo se exprime o Apóstolo: "Pois fomos salvos em esperança, e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,24,25). "O que aguardamos na perseverança, se não vemos o que acreditamos? Agora, pois, cremos o que não vemos; perseverando na fé naquilo que não vemos, mereceremos

ver o que acreditamos. Por esta razão, como se expressa João em sua epístola? “Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou”. Quem não exulta- ria se de repente lhe fosse dito quando estava viajando em região estranha, sem saber qual sua origem, e sofrendo toda espécie de privações, com tribulações e trabalhos: És filho de um senador. Teu pai tem enorme patrimônio em seu poder para vós todos; venho chamar-te para junto de teu pai? Como não pularia de alegria se isso fosse dito por verídico promissor? Veio, então, o Apóstolo de Cristo que não engana e disse: Por que desanimais acerca de vós mesmos? Por que vos afligis e atormentais de tristeza? Por que, seguindo vossas concupiscências, quereis ser esmagados pela penúria ocasionada por esses prazeres? Tendes um pai, tendes uma pátria, tendes um patrimônio. Quem é este pai? “Caríssimos, desde já somos filhos de Deus”. Por que ainda não vemos nosso pai? “Porque ainda não se manifestou o que nós seremos”. Já somos, mas em esperança; pois “o que nós seremos ainda não se manifestou”. E o que seremos? “Sabemos que por ocasião desta manifestação, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é” (1Jo 3,2). Mas, isto em referência ao Pai; não trata do Filho, o Senhor Jesus Cristo? E acaso, vendo o Pai e não o Filho, seremos felizes? Ouve o que afirma o próprio Cristo: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Pois, quando se vê um só Deus, vê-se a Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo. Ouve mais claramente como a visão do próprio Filho nos trará a bem-aventurança, e de que não existe diferença entre vê-lo e ver o Pai. Ele mesmo disse no evangelho: “Quem observa os meus mandamentos é que me ama. Eu o amarei e a ele me manifestarei” (Jo 14,21). Falava-lhes e dizia-lhes: “A ele me manifestarei”. Como? Não era ele mesmo quem falava? Mas a carne via a carne; o coração não via a divindade. Contudo, a carne via a carne, a fim de que pela fé o coração se purificasse, e visse a Deus. Pois, do Senhor se declarou: “Purificou seus corações pela fé” (At 15,9), e o próprio Senhor afirmou: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Por conseguinte, prometeu-nos manifestar-se a nós. Pensai, irmãos, em sua beleza. Foi ele que criou tudo o que há de belo e que vedes, e amais. Se tudo é belo, que não será ele mesmo? Se é grande, como não será ele grandioso? Portanto, tendo em vista o que amamos aqui na terra, tanto mais o desejemos. Desprezando tudo isso, amemo-lo, a fim de que pelo amor, através da fé, purifiquemos nosso coração, e com o coração puro cheguemos à visão. A luz que se nos manifesta deve nos encontrar sadios; esta é agora a ação da fé. Já o explicamos. “E concede-nos a tua salvação”: dá-nos o teu Cristo. Que conheçamos o teu Cristo, vejamos o teu Cristo, mas não conforme o viram os judeus, que o crucificaram, e sim como o vêem os anjos e se alegram.

**10** [9] “Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus”. Disse o profeta. Deus lhe falava interiormente e o mundo fazia ruído do lado de fora. Por isso, ele se abstinha um pouco da agitação do mundo, afastando-se para seu íntimo; e saindo de si, aproximava-se daquele cuja voz ouvia em seu interior. De certo modo tapando os ouvidos à inquietação tumultuosa desta vida, e opondo-se à alma, sobre a qual pesa o corpo corruptível — tenda de argila — oprime a mente pensativa (cf Sb 9,15), disse: “Ouvirei o que falar em

mim o Senhor Deus"; e o que ouviu? "Porque falará de paz a seu povo". A voz de Cristo, portanto, a voz de Deus é paz e chama à paz. Vamos, diz ele; todos a vós que ainda não estais em paz, amai a paz. Que de melhor podeis encontrar em mim do que a paz? Que é a paz? É a ausência de toda guerra. Que significa esta ausência de toda guerra? Encontra-se onde não há contradições, nem resistências, nem contrariedades. Vede se já nos achamos neste ponto. Vede se não há combate contra o diabo, vede se os santos e fiéis não lutam com o príncipe dos demônios. E como lutam com alguém que eles não vêem? Lutam contra suas concupiscências, por meio das quais ele sugere os pecados; e se não consentem em suas sugestões, embora não sejam vencidos, todavia combatem. Por conseguinte, ainda não há paz, uma vez que ainda existe luta. Ou apresentai-me alguém que não sofra tentação alguma carnal, de sorte que possa assegurar que está em paz. Talvez não sinta tentações acerca de prazeres ilícitos, mas ao menos sofre sugestões. Ou terá de rejeitar sugestões, ou conter deleites. Suponhamos que nada de ilícito deleite, mas terá de lutar cada dia contra a fome e a sede. Que justo está isento disso? Ataca-nos, portanto, a fome e a sede, luta contra nós o cansaço do corpo, luta o prazer do sono, luta a angústia. Queremos estar de vigília e cochilamos. Queremos jejuar, e temos fome e sede. Queremos ficar de pé e ficamos cansados. Procuramos sentar-nos, mas se ficarmos muito tempo sentados, sentimos fadiga. Em qualquer providência que tomarmos para nos refazermos, encontramos cansaço. Alguém te pergunta: Tens fome? Respondes: Tenho. Ele te oferece alimento. Era para te refazeres. Continua a tomar alimento que está diante de ti; certamente querias restaurar tuas forças. Faze-o sem cessar; agindo assim, aquilo que empregavas para tua refeição te causa cansaço. Cansaras de estar sentado por muito tempo; levantas-te para descansar andando. Persevera nesse ato de descansar, e sentir-te-ás fatigado de tanto andar; procuras assentar-te de novo. Apresenta-me algo que te restaure e que não te fatigue novamente, se durar muito. Que paz é esta, então, de que gozam os homens na terra, se lhe resistem tantas incomodidades, desejos, penúrias, cansaços? Não é nisto que consiste a paz verdadeira, perfeita. Qual será a paz perfeita? "Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e este ser mortal revista a imortalidade. Então, cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está o teu aguilhão? Morte, onde está tua vitória?" (1Cor 15,53-55). Onde ainda existe mortalidade, como haverá paz plena? Efetivamente, é um processo de morte esse cansaço que encontramos em nossos atos à procura de refazer-nos. Provém da morte, porque o corpo que temos é mortal. O Apóstolo o considera morte, mesmo antes de sua separação da alma: "O corpo está morto, pelo pecado" (Rm 8,10). Pois, se permaneceres durante muito tempo a te refazeres, morrerás. Fica comendo durante muito tempo; essa própria ação te matará. Persevera longamente no jejum e morrerás. Fica sempre sentado, sem querer te levantar e morrerás por causa disto. Anda seguidamente, sem parar e morrerás. Mantém-te desperto, sem dormir e por este motivo morrerás. Dorme continuamente, sem querer acordar e morrerás precisamente por isso. Mas, quando a morte for absorvida pela vitória, nada disso existirá. Haverá paz plena e eterna. Estaremos numa determinada cidade. Irmãos. Quando começo a falar dela, não tenho

vontade de parar. Principalmente quando aumentam os escândalos. Quem não aspirará por aquela cidade, de onde os amigos não saem, onde os inimigos não entram, onde não existe tentador, sedicioso, causador de divisão no povo de Deus, nem ministro do diabo que canse a Igreja? E quando o chefe deles todos for lançado no fogo eterno e com ele todos os que consentem em seus desejos, sem querer apartar-se dele? Haverá então uma paz inteiramente purificada nos filhos de Deus; todos se amarão mutuamente, vendo-se repletos de Deus, quando Deus for tudo em todos (cf 1Cor 15,28). Deus será uma visão comum para todos nós; teremos Deus como nossa comum posse. Deus será nossa paz, em comum. Ele próprio tomará o lugar de tudo aquilo que agora ele nos dá. Ele mesmo será a perfeita e plena paz. É isto que ele diz a seu povo; era isto que queria ouvir o salmista, ao dizer: "Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo, aos seus santos e aos que se convertem de coração para ele". Vamos, irmãos. Quereis que vos pertença essa paz, de que Deus fala? Convertei-vos para ele de coração; não para mim, nem para outro, ou um homem qualquer. Todo homem que quiser atrair para si os corações dos demais homens, cai com eles. Que é preferível: cair com aquele para o qual te voltas, ou ficar de pé com aquele ao qual te convertes? Nossa alegria, nossa paz, nosso repouso e o fim de todas as nossa aflições só se encontram em Deus, "Felizes os que se convertem de coração para ele".

**11** [10] "Contudo, a salvação está perto dos que o temem". Entre os judeus encontravam-se homens tementes a Deus. Por toda a terra se adoravam os ídolos, temiam-se os demônios e não a Deus; naquele povo temia-se a Deus. Mas por que razão se temia? No Antigo Testamento, temia-se a Deus para que ele não os entregasse ao cativeiro, não lhes retirasse a terra, o granizo não quebrasse as vinhas, suas mulheres não fossem estéreis, eles não perdessem os filhos. Essas promessas temporais ainda prendiam as almas pequenas, e por causa disso temiam a Deus; mas Deus estava próximo delas, pois que ao menos por este motivo o temiam. Quanto aos pagãos pediam a terra ao diabo; os judeus pediam a terra a Deus. Era idêntico o objeto do pedido, mas não a quem pediam. O judeu, pedindo o mesmo que o pagão, distinguia-se dele, porém, porque o pedia ao Criador de todas as coisas. E Deus estava próximo deles, mas distante dos gentios; contudo, Deus olhou os que estavam longe e os que estavam perto, conforme se exprime o Apóstolo: "Assim ele veio e anunciou a paz a vós que estáveis longe e a paz aos que estavam perto" (Ef 2,17). Quais os que ele disse estarem perto? Os judeus que cultuavam um só Deus. Quais os que estavam longe? Os gentios, porque haviam abandonado seu criador e adoravam os ídolos que eles mesmo haviam feito. O que distancia de Deus não são as terras, mas os afetos. Amas a Deus e estás perto; odeias, e estás longe. Ficando no mesmo lugar, podes estar longe ou perto. Por isso, irmãos, o profeta ponderou estas coisas. Embora tenha visto a universal misericórdia de Deus, observou algo de especial e próprio no povo judaico e disse: "Contudo. Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo". Seu povo, não somente na Judéia, mas será constituído de todos os povos. "A seus santos falará de paz, e aos que se convertem de coração para ele", a todos os que haverão de se voltar para ele de

todo o orbe da terra. “Contudo, a salvação está perto dos que o temem, a fim de que a glória habite em nossa terra”, isto é, na terra onde nascera o profeta, haverá glória maior, porque dali começou Cristo a ser pregado. Dali saíram os apóstolos e foram mandados a pregar naquela terra. Dali se originaram os profetas, e ali houve primeiro o templo, ali se ofereciam sacrifícios a Deus, ali moravam os patriarcas, ali o próprio Cristo nasceu da descendência de Abraão, ali ele se manifestou, ali Cristo apareceu; dali é oriunda também a virgem Maria, que gerou a Cristo. Ali ele andou, pisou com seus pés, ali fez milagres. Finalmente, conferiu tamanha honra àquele povo que, ao interpelá-lo certa mulher cananéia, pedindo a cura de sua filha, o Senhor lhe respondeu: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). Vendo essas coisas, disse o profeta: “Contudo, a salvação está perto dos que o temem, a fim de que a glória habite em nossa terra”.

**12** [11] “A misericórdia e a verdade se encontraram”. A verdade em nossa terra diriam os judeus, a misericórdia na terra dos gentios. Então, onde estava a verdade? Onde se encontravam as palavras de Deus. E a misericórdia? Entre aqueles que haviam abandonado seu Deus e se tinham voltado para os demônios. Acaso desprezou a estes? Seria como se dissesse: Chama também esses fugitivos de longe; eles se afastaram muito de mim. Chama a fim de que me encontrem a procurá-los, porque eles mesmos não quiseram procurar-me. Portanto, “a misericórdia e a verdade se encontraram. A justiça e a paz se oscularam”. Pratica a justiça e terás a paz, de tal sorte paz e justiça se oscularão. Se não amares a justiça, não terás a paz. Elas duas se amam, a justiça e a paz, e osculam-se, de tal forma que aquele que praticar a justiça há de encontrar a paz a oscular a justiça. São duas amigas. Talvez queiras uma, mas não pratiques a outra. Não há quem não queira a paz; mas nem todos querem praticar a justiça. Interroga a todos os homens: Queres a paz? Com uma só boca responder-te-á todo o gênero humano: Prefiro, desejo, quero, amo. Ama também a justiça, porque a justiça e a paz são duas amigas e se osculam. Se não amares a amiga da paz, a própria paz não te amará, nem virá a ti. Que vantagem há em desejar a paz? Qualquer malvado a deseja. Pois, a paz é uma boa coisa. Mas, então, pratica a justiça; porque justiça e paz se osculam, não se combatem. Por que entras em litígio com a justiça? Eis que a justiça te ordena: Não roubar, e não ouves. Não adulterar, não queres ouvir. Não fazer a outrem o que não se quer para si, não dizer a outrem o que não queres que te seja dito. A paz te responde: És inimigo de minha amiga; por que me procuras? Sou amiga da justiça. Não me aproximo de quem eu notar que é inimigo de minha amiga. Queres, então, alcançar a paz? Pratica a justiça. Por este motivo, ordena-te outro salmo: “Aparta-te do mal e faze o bem” (Sl 33,15), isto é, ama a justiça. Ao te apartares do mal e praticares o bem, “procura a paz e segue-a”. Então, não a procurarás longamente, porque ela mesma virá a teu encontro, para oscular a justiça.

**13** [12] “A verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu. A verdade germinou da terra”: Cristo nasceu de mulher. “A verdade germinou da terra”: o Filho de Deus brotou da carne. Que é a verdade? O Filho de Deus. Que é a terra? A carne. Interroga de onde nasceu Cristo e verás que “a verdade germinou da terra”. Mas esta verdade que

germinou da terra, existia antes da terra, e por ela foram feitos o céu e a terra; mas para que a justiça olhasse do céu, isto é, justificasse os homens, pela graça de Deus, a verdade nasceu da virgem Maria, a fim de poder oferecer pela justificação dos homens o sacrifício, o sacrifício da paixão, o sacrifício da cruz. E como ofereceria o sacrifício pelos nossos pecados, se não morresse? Como poderia morrer, se não recebesse de nós a carne para morrer? Se não assumisse nossa carne mortal, Cristo não poderia morrer, porque o Verbo não morre, a divindade não morre, a virtude e a sabedoria de Deus não morrem. Como ofereceria em sacrifício a vítima salutar, se não morresse? Como, porém, morreria, se não se revestisse da carne? Como se revestiria da carne, se a verdade não germinasse da terra? "A verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu".

**14** Podemos aqui encontrar outro sentido. "A verdade germinou da terra": a confissão brotou do homem. Pois, ó homem, eras pecador. Ó terra, que ao pecares ouviste a sentença: "És pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19), de ti germine a verdade, a fim de que a justiça olhe do alto do céu. Como a verdade brotará de ti, se és pecador, se és iníquo? Confessa teus pecados, e a verdade germinará de ti. Se, pois, sendo iníquo, te dizes justo, como a verdade germinará de ti? Se, porém, sendo iníquo, te confessas iníquo, "a verdade germinou da terra". Atende àquele publicano, que orava no templo, longe do fariseu, que nem ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: Senhor, "tem piedade de mim, pecador! Eis que a verdade germinou da terra", porque o homem confessou seus pecados. Como continua o evangelho? "Em verdade, eu vos digo que este último desceu para casa justificado, mais do que o outro. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 18,13.14). "A verdade germinou da terra", pela confissão dos pecados; e "a justiça olhou do alto do céu" de tal modo que o publicano desceu para casa mais justificado do que o fariseu. Pois, a fim de que saibais que a verdade se refere à confissão dos pecados, disse o evangelista S. João: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós". Ouve como em seguida ele diz como a verdade germina da terra e a justiça olha do alto do céu: "Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo, para perdoar os nossos pecados e purificar-nos de toda injustiça" (1Jo 1,8.9). Por conseguinte, "a verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu. Que justiça é esta que olhou do alto do céu?" É a de Deus, que fala de certo modo: Perdoemos a este homem, porque ele não poupou a si mesmo; perdoemo-lo, porque ele reconheceu o pecado. Converteu-se para mortificar seu pecado; voltar-me-ei também eu para libertá-lo. "A verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu".

**15** [13] "O Senhor dará a suavidade, e nossa terra produzirá seu fruto". Falta só um versículo. Peço-vos escutar sem tédio o que vou dizer. Dai atenção, irmãos, a uma questão necessária. Dai atenção, apreendei, tomai-a convosco, e não fique estéril a semente de Deus em vossos corações. "A verdade germinou da terra", a confissão feita pelo homem de seus pecados. "E a justiça olhou do alto do céu", isto é, o Senhor Deus justificou o homem que confessa, para que ele reconheça não poder o ímpio tornar-se piedoso, sem a ação daquele a quem o pecador confessa, acreditando no Senhor que

justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Podes, portanto, ter pecados; mas, adquirir frutos bons só o poderás se os conceder aquele ao qual confessas. Por isso, depois da palavra: "A verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu", como se alguém dissesse: Que significa a afirmação: "A justiça olhou do alto do céu? O Senhor dará a suavidade e nossa terra produzirá seu fruto". Examinemo-nos, portanto, e se em nós só encontrarmos pecados, odiemo-los, e anelemos pela justiça. Ao começarmos a odiar os pecados, já o próprio ódio começa a nos tornar semelhantes a Deus, porque odiamos o mesmo que Deus odeia. Quando, pois, começares a odiar os pecados e a confessar a Deus, se deleites ilícitos te arrebatam e levam a ações prejudiciais, geme diante de Deus; e ao confessares diante dele teus pecados, merecerás da parte dele o deleite, a suavidade de praticar a justiça, de tal sorte que a justiça começará a aprazer-te, enquanto anteriormente era a iniqüidade que te deleitava. Primeiro gostavas da embriaguez, agora alegre-te a sobriedade; primeiro gostavas de furtar, tirando a outrem o que não tinhas; agora procures dar ao que não tem o que possuías. Tenha prazer em dar aquele que se comprazia em roubar. Quem gostava dos espectáculos, deleite-se na oração. A quem aprazíam as cantigas vãs e impuras, tenha gosto em cantar hinos a Deus. Acorra à Igreja quem primeiro corria para o teatro. De onde se originou esta suavidade, senão porque "o Senhor dará a suavidade e nossa terra produzirá seu fruto?" Assim vedes o que digo: Nós falamos a palavra de Deus para vosso proveito, espalhamos a semente em corações dedicados, como se o arado da confissão tivesse sulcado vossos corações. Recebestes a semente com devoção e atenção. Meditai na palavra que ouvistes, abrindo sulcos profundos, para que as aves não tirem as sementes, e elas possam germinar onde foram semeadas. Mas, se Deus não mandar as chuvas, que adianta ter semeado? Isto é: "O Senhor dará suavidade e nossa terra produzirá seu fruto". Aceda a vossos corações, onde não penetramos, o Senhor, com suas visitas, seja no lazer, ou na ocupação, em casa, no leito, na refeição, nas conversas, nos passeios. Venha a chuva de Deus, e frutifique o que foi semeado. E quando não estivermos presentes, e descansarmos tranqüilos, ou fizermos outros trabalhos, Deus dê incremento às sementes que espalhamos, de tal modo que ao verificarmos depois vossos bons costumes, possamos nos alegrar também por causa de seus frutos, porque "o Senhor dará a suavidade e nossa terra produzirá seu fruto".

**16** [14] "A justiça caminhará a sua frente, e dará seus passos no caminho". A justiça seria a que existe na confissão dos pecados, enquanto a verdade está na mesma. Deves ser justo, para castigar-te a ti mesmo. A primeira justiça para o homem consiste em castigar o mal em si para que Deus deposite nele o bem. Sendo a primeira justiça do homem, torna-se caminho para Deus, a fim de que Deus dele se aproxime. Abre-se o caminho pela confissão dos pecados. Por isso, também João, quando batizava nas águas da penitência e queria que o procurassem aqueles que se arrependiam de seus pecados passados, dizia: "Preparai o caminho do Senhor, aplanai as suas veredas" (Mt 3,3). Comprazias-te em teus pecados, ó homem, desagrade-te o que eras, para te tornares o que não eras. "Preparai o caminho do Senhor". Preceda a justiça que confessa os

pecados. Ele virá te visitar, “dará seus passos no caminho”. Terá onde pôr os pés, terá acesso a ti. Antes de confessares os pecados, obstruíras o caminho por onde Deus viria a ti; não havia por onde passar. Toma o caminho da confissão e a estrada se abre, Cristo virá, “dará seus passos no caminho”, para te orientar por suas pegadas.

# SALMO 85

## SERMÃO

(Pregado nas vigílias da festa de S. Cipriano, em Mapália)

**1** [1] Dom maior não poderia Deus conceder aos homens do que fazer com que seu Verbo, pelo qual criou todas as coisas, se tornasse Cabeça da humanidade, unindo a si os homens, enquanto seus membros, a ele Filho de Deus e filho do homem, um só Deus com o Pai, um só homem com os homens. Ao nos dirigirmos, suplicantes, a Deus não apartemos o Filho, e ao rezar o corpo do Filho, não se separe da Cabeça. Seja ele o único Salvador de seu corpo, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que suplique por nós, ore em nós, e a quem enderecemos nossas preces. Ora por nós como nosso sacerdote, ora em nós como nossa Cabeça e a ele oramos como a nosso Deus. Reconheçamos, portanto, na sua as nossas vozes, e sua voz em nós. E se algo se diz a respeito de nosso Senhor Jesus Cristo, especialmente nas profecias, atinente a uma humildade indigna de Deus, não duvidemos atribuí-la àquele que não hesitou unir-se a nós. A ele, efetivamente, serve toda a criação, porque por ele foram feitas todas as criaturas. Por isso, se fixamos o olhar em sua sublimidade e majestade, se escutamos a palavra: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1,1-3), se contemplamos a supereminente divindade do Filho de Deus, que excede as mais sublimes criaturas, ouvimo-lo, de outro lado também em algumas partes da Escritura a gemer, a orar, confessar. Hesitamos, então, em atribuir-lhe tais palavras, porque o nosso pensamento há pouco impregnado da contemplação da divindade, recusa descer a sua humildade. Parece-lhe injúria reconhecer essas palavras como provindas de sua humanidade, pois dirigia-se a ele quando suplicava a Deus. A mente hesita muito e procura outro modo de explicar. Mas, a Escritura não lhe deixa outro recurso senão referir a Cristo o sentido, sem dele se apartar. Desperte, portanto, e seja vigilante na fé. Verifique que aquele a quem contemplava pouco antes na condição de Deus, assumiu a condição de escravo, à semelhança do homem. E sendo reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (cf Fl 2,5-8). Crucificado, quis fazer suas as palavras do salmo: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Sl 21,2). A ele se roga, por conseguinte, na condição de Deus, e ele reza na condição de escravo. No primeiro caso, Criador, no segundo, criado, assume a condição de criatura necessariamente mutável, mas permanece imutável e faz de nós consigo um só homem, Cabeça e corpo. Oramos, portanto, a ele, por ele, nele. Falamos com ele e ele fala conosco. Com ele proferimos e ele profere em nós a oração deste salmo, intitulado: "Oração de Davi". Nosso Senhor, segundo a carne, é filho de Davi; segundo a divindade, todavia, é Senhor de Davi e criador de Davi. É anterior não apenas a Davi, mas até a Abraão, do qual descende Davi. Até mesmo anterior a Adão, do qual

se originam todos os homens. Anterior ainda ao céu e a terra, que englobam toda a criação. Ninguém, portanto, ao ouvir estas palavras, assegure: Não é Cristo quem fala. Ou ainda: Não sou eu que falo. Ao contrário se reconhece achar-se no corpo de Cristo, afirme ambas as coisas: Cristo fala, e: Eu falo. Não queiras proferir algo sem ele, e ele nada dirá, excluindo-te. Não é isto que encontramos no evangelho? Ali certamente está escrito: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por ele"; também com toda certeza encontramos ali: Jesus começou a se entristecer (Mt 26,38), Jesus estava fatigado (Jo 4,6), Jesus dormiu (Mt 8,24), teve fome (id 4,2), teve sede (Jo 4,7; 19,28), e pernoitou em oração. "Passou a noite inteira em oração, gotas de sangue escorriam por seu corpo" (Lc 6,12; 22,43-44). O que queria mostrar, quando, ao orar, gotas de sangue escorriam por seu corpo (Lc 22,43.44), senão que o sangue dos mártires começava a ser derramado de seu corpo, a Igreja?

**2** [1] "Inclina, Senhor, teu ouvido e escuta-me". O Senhor fala na condição de escravo e tu, escravo, falas na condição de teu Senhor. "Inclina, Senhor, teu ouvido". Ele inclina o ouvido se tu não levantas a cabeça. Aproxima-se do homem humilhado e afasta-se para longe daquele que se exalta, a não ser de alguém que se humilhara e ele mesmo exaltou. Por conseguinte, Deus inclina seu ouvido para nós. Ele está no alto e nós em baixo; ele nas alturas, e nós no abaixamento, embora não abandonados. Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores. Dificilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem haja talvez alguém que se disponha a morrer" (Rm 5,8.7). Nosso Senhor, porém, morreu pelos ímpios. Não tínhamos méritos precedentes, em vista dos quais morresse o Filho de Deus. Tanto maior foi a misericórdia, por serem nulos os méritos. Com que segura e firme promessa reserva para os justos a sua vida, se deu pelos ímpios a sua morte! "Inclina, Senhor, teu ouvido e escuta-me, porque sou desvalido e pobre". Com efeito, não in-clina seu ouvido para o rico. Inclina-o para o desvalido e pobre, isto é, para o humilde que confessa, para o necessitado de misericórdia. Não o inclina para o saciado, o orgulhoso que se enaltece, como se nada lhe faltasse, dizendo: "Eu te dou graças", porque não sou como este pu-blicano. O fariseu rico gabava-se de seus méritos, e o publicano pobre confessava seus pecados (Lc 18,11-13).

**3** Não quero que interpreteis, irmãos, a afirmação: Não inclina o ouvido para o rico, como se Deus não atendesse os que possuem ouro e prata, família e fundos. Talvez tenham nascido em tal condição e tenham tal posição. Apenas recomendo que se lembrem da palavra do Apóstolo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos" (1Tm 6,17). Aqueles que não têm mente soberba, para Deus são pobres. E ele inclina seu ouvido aos pobres, indigentes e necessitados. Sabem que sua esperança não deve se apoiar em ouro e prata, nem em bens que eles vêem passarem com o tempo. Basta que as riquezas não os levem à perdição, é suficiente que não os prejudiquem, porque, de fato, em nada aproveitam. Sem dúvida, as obras de misericórdia são úteis ao rico e ao pobre. Ao rico devido à boa vontade e às obras, ao pobre somente pela boa vontade. Quem despreza tudo aquilo que costuma encher de soberba é pobre de Deus.

Deus inclina para ele o ouvido, porque conheceu seu coração contrito. Certamente, irmãos, lemos e acreditamos que aquele pobre que jazia coberto de chagas à porta do rico, pelos anjos foi transportado ao seio de Abraão. O rico, porém, que, vestido do púrpura e linho finíssimo, todos os dias se banqueteava e se regalava, foi arrastado ao inferno para ser atormentado (cf Lc 16,19-24). Foi, efetivamente, o pobre, em vista de sua pobreza, levado pelos anjos, enquanto o rico pelo pecado de nadar em riquezas foi entregue aos tormentos? Naquele pobre é honrada a humildade; no rico, no entanto, é condenada a soberba. Brevemente provo que no rico não foram as riquezas que o levaram ao castigo e sim a soberba. Indubitavelmente, o pobre foi levado ao seio de Abraão. Do mesmo Abraão afirma a Escritura que era possuidor de muito ouro e prata, e era muito rico na terra (Gn 13,2). Se qualquer rico é arrastado aos tormentos, como é que Abraão precedera o pobre, para recebê-lo em seu seio, quando este para lá levado? Mas, Abraão, no meio das riquezas, era pobre, humilde, observante dos preceitos e obediente. A tal ponto tinha em conta de nada aquelas riquezas que à ordem do Senhor imolou seu Filho (cf Gn 22,10), para quem reservava as suas riquezas. Aprendei, portanto, a serdes desvalidos e pobres, quer tenhais, quer não alguma coisa neste mundo. Pois, existem também mendigos soberbos, ou, ao invés, possuidores de riquezas que confessam a Deus. Deus resiste aos soberbos, quer revestidos de seda, quer em andrajos; mas dá a graça aos humildes (Tg 4,6), tanto os que têm posses neste mundo quanto os que não possuem. Deus inspeciona o íntimo; ali pesa, ali examina. Não vês a balança de Deus; nela teu pensamento é pesado. Vede o que o salmista apresenta como motivo de ser ouvido, isto é, atendido: “Porque sou desvalido e pobre”. Verifica se és pobre e indigente; se não fores, não serás ouvido. Rejeita tudo o que te diz respeito, ou que há em ti de que possas presumir. Seja Deus todo motivo de pre-sumires. Sente necessidade dele para que ele te cumule. Tudo o que possuíres fora dele é imensamente vazio.

**4** [2] “Guarda a minha alma porque sou santo”. Não sei se poderá algum outro assegurar: “Porque sou santo” a não ser quem viveu sem pecado neste mundo. Não cometeu pecado, mas perdoou todos os pecados. Reconhecemos sua voz nestas palavras: “Porque sou santo, guarda a minha alma”. Trata-se, de fato, da condição de escravo que assumira, alma e corpo. Não foi como alguns afirmaram[1], que era constituído apenas de carne e Verbo, mas era formado de carne, alma e Verbo. E tudo isto constituía o único Filho de Deus, um só Cristo, um só Salvador; na condição de Deus igual ao Pai, na condição de servo Cabeça da Igreja. Portanto, quando ouço: “Porque sou santo”, reconheço sua voz. Dela separo a minha? Sem dúvida ele não se separa de seu corpo ao se exprimir desta maneira. E eu ousarei dizer: “Porque sou santo?” Se disser alguém que é santo enquanto santificador, sem necessitar de quem o santifique, é soberbo e mentiroso. Se, porém, declarar que é santo por ter sido santificado, segundo a palavra: “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 19,2), ouse afirmar o corpo de Cristo, ouse aquele único homem que clama dos confins da terra (cf Sl 60,3) com sua Cabeça, e a ela subordinado: “Porque sou santo”. Pois, recebeu a graça da santidade, a graça do batismo

e da remissão dos pecados. “Eis o que vós fostes”, diz o Apóstolo, enumerando muitos pecados, leves e graves, comuns e horríveis: “Eis o que vós fostes. Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados” (1Cor 6,11). Se, portanto, ele fala em santificados, diga cada um dos fiéis: “Sou santo”. Não se trata de exaltar-se por soberba, mas de confissão cheia de gratidão. Se, pois, afirmares que és santo por ti mesmo, és soberbo; mas se, enquanto fiel em Cristo e membro de Cristo, disseres que não és santo, és ingrato. O Apóstolo, ao censurar a soberba, não disse: Não tens, mas afirmou: “Que é que possuis que não tenhas recebido?” (1Cor 4,7). Não te repreendia por dizeres ter o que não tens, e sim porque querias que procedesse de ti mesmo o que tinhas. Ao invés, reconhece que tens, que de ti mesmo nada tens, a fim de não seres nem soberbo, nem ingrato. Dize a teu Deus: Sou santo, porque me santificaste; porque recebi o que não tinha; porque tu deste sem que eu merecesse. De outro modo, começas a injuriar o próprio nosso Senhor Jesus Cristo. Se todos os cristãos fiéis nele batizados dele se revestiram, conforme assevera o Apóstolo: “Todos vós, que fostes batizados em Cristo vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). Se eles se tornaram membros de seu corpo e afirmam que não são santos, injuriam a Cabeça, que não teria membros santos. Vê, portanto, onde já achas, e apreende a dignidade de tua Cabeça. Com efeito, eras treva, “mas agora luz no Senhor. Outrora éreis treva”, diz o Apóstolo (Ef 5,8), mas continuaste a ser treva? O iluminador terá vindo para perma-necerdes nas trevas, ou para nele vos tornardes luz? Por esta razão diga cada um dos cristãos, ou antes, diga todo o corpo de Cristo, clame por toda parte, onde sofre tribulações, diversas tentações, inúmeros escândalos; diga: “Guarda a minha alma porque sou santo; salva, Senhor teu servo, que em ti espera”. Eis o santo que não é soberbo, porque espera no Senhor.

1 Os apolinaristas.

**5** [3] “Tem piedade de mim, Senhor, porque clamei por ti todos os dias”. Não foi um dia só: “todos os dias”, quer dizer, em todo tempo. Desde que o corpo de Cristo geme no meio das tentações, até o fim do mundo, quando passarão as angústias, geme este homem e clama a Deus. Cada um de nós tem a sua parte neste clamor de todo o corpo. Clamaste em teus dias e teus dias passaram; outro te sucedeu, e clamou em seus dias; tu aqui, ele ali, outro em outra parte. O corpo de Cristo clama todos os dias, enquanto morrem uns membros e outros sucedem. Um só homem atinge até o fim dos séculos. Os membros de Cristo clamam e uns membros já chegaram ao repouso junto dele, e outros agora clamam. Depois que nós obtivemos o repouso, outros clamarão. Após eles, outros clamarão. Aqui o salmista escuta a voz de todo o corpo de Cristo, a proferir: “Clamei por ti todos os dias”. Nossa Cabeça, porém, à direita do Pai, intercede por nós (cf Rm 8,34). Acolhe determinados membros, a outros castiga, purifica a alguns, a outros consola, cria outros, a outros chama, novamente chama a alguns, a outros corrige a alguns restabelece.

**6** [4] “Alegra a alma de teu servo, porque a ti, Senhor, elevo a minha alma”. Alegra a minha alma, porque a ti a elevei. Estava no chão, e ali senti a amargura. Elevei-a a ti para não desfalecer de amargura, não perder a suavidade de tua graça; alegra-a junto de ti.

Somente tu és a alegria; o mundo está cheio de amargura. O Senhor, com razão, adverte a seus membros a que tenham o coração ao alto. Que eles ouçam e o pratiquem; elevem para ele o que se sente mal sobre a terra. Se o coração se eleva para Deus, não se corrompe. Se guardaste trigo em subterrâneos, tirá-lo-ias para cima, a fim de não se estragar. Mudarias o lugar do trigo e deixas o coração se estragar no chão? Suspenderias o trigo; eleva ao céu teu coração. Como poderei fazer isto? perguntas. Precisarei de quantas cordas, de que máquinas, de que espécie de escadas? Os degraus são os afetos, o caminho é tua vontade. Amando sobes, negligenciando desces. Se amas a Deus, estás no céu, mesmo habitando na terra. O coração não se eleva da mesma maneira que o corpo. O corpo para se elevar muda de lugar; o coração para se elevar muda a vontade. "Porque a ti, Senhor, elevo a minha alma".

**7** [5] "Porque, Senhor, és suave e manso". Por isso, alegra-nos. O salmista, aborrecido por causa das amarguras terrenas, quis adoçá-las e procurou a fonte da doçura, mas não a encontrou na terra. Para qualquer lado que se voltasse, achava escândalos, temores, tribulações, tentações. Em quem encontrar segurança? De onde esperar alegria certa? Nem de si mesmo, quanto mais de outro? Ou são maus, e é preciso suportá-los e esperar que mudem de vida; ou são bons, e importa amá-los, mas sempre com receio (uma vez que podem mudar) de se tornarem maus. A malícia dos primeiros amargura a alma; a solicitude e o medo a respeito dos bons também; não resvale quem caminhava bem. Para onde quer que se volte, encontra amargura nas coisas terrenas. Não existe meio de aliviá-la, a não ser elevar-se para Deus. "Porque, Senhor, és suave e manso". Que significa: "manso?" Que me carregas até que alcance a perfeição. É bem verdade, meus irmãos. Falo como homem entre homens, um dentre eles. Cada qual examine seu coração e considere-se sem adulação, sem afagos. Nada há de mais tolo do que alguém iludir-se a si mesmo com afagos e seduções. Observe e verifique quanto se passa no coração humano. Veja como as próprias orações muitas vezes são perturbadas por pensamentos vãos, de tal modo que mal se mantém o coração junto de Deus. Quer conter-se, parar, de certa maneira fugir de si mesmo, mas não encontra cercados que o prendam, nem obstáculos que impeçam suas divagações e movimentos desordenados, de tal sorte que possa estar com alegria perto de seu Deus. Dificilmente não aparece uma oração dessas entre muitas outras. Talvez digam todos que isso lhes sucede, mas não a um ou outro; contudo encontramos nas Escrituras de Deus que Davi suplica em certa passagem: "Porque, Senhor, encontrei meu coração para te dirigir esta oração" (2Rs 7,27). Disse que encontrou seu coração como se este costumasse fugir, e ele o perseguisse qual fugitivo, sem conseguir apanhá-lo; então clama a Deus: "Desfaleceu-me o coração" (Sl 39,13). Por esta razão, meus irmãos, dando atenção ao texto: "Tu és suave e manso" parece-me ser este o sentido da palavra: "manso. Alegra a alma de teu servo, porque a ti, Senhor, elevo a minha alma. Porque, Senhor, és suave e manso". Provavelmente diz o salmista que Deus é manso, porque suporta nossos males e não obstante espera nossa oração a fim de aperfeiçoar-nos. E quando lhes oferecemos nossa oração, recebe-a de bom grado e a atende, sem se lembrar de tantas que proferimos inconvenientemente,

aceitando a única que conseguimos fazer bem. Quem suportaria, meus irmãos, que um amigo comece a lhe falar e quando ele quiser atender, o amigo lhe vire as costas e se ponha a falar com outro de assunto diferente? Ou um juiz há de te tolerar se recorres a ele, marcas um lugar para te ouvir e de repente, ao lhe falares, o deixas e começas a conversar com um amigo? E Deus tolera tantos corações a orarem, mas a cogitarem de coisas diferentes. Já não falo de questões más, nem falo de coisas perversas e opostas a Deus; trato das supérfluas em que pensas, injuriando aquele com quem começaras a falar. Orar é falar com Deus; se lês, Deus te fala, se oras, falas a Deus. Mas, então? Devemos nada mais esperar para o gênero humano, e afirmar que a condenação aguarda todo homem ao qual, enquanto ora, se insinua algum pensamento, que interrompe sua oração? Se o afirmarmos, irmãos, não vejo mais esperança alguma. Com efeito, como existe uma esperança em Deus, porque é grande a sua misericórdia, peçamos: “Alegra a alma de teu servo, porque a ti, Senhor, elevo a minha alma”. Mas, como? Como pude, como tu me deste força, como consegui prendê-la ao querer fugir. Escapou-te, porque todas as vezes que estiveste diante de mim (imagina que é Deus quem assim se exprime), tiveste tantos pensamentos vãos e supérfluos e mal me apresentaste uma oração firme e estável. “Porque és suave, Senhor, e manso”. És manso, pois me toleras. Desfaleço de fraqueza; cura-me e ficarei de pé; confirma e me firmarei. Até que o faças, suportas-me: “Porque, Senhor, és suave e manso”.

**8** “E muito misericordioso”. Não somente misericordioso, mas “muito misericordioso”. Nossa iniqüidade é abundante, mas também abundante é tua misericórdia. “E muito misericordioso para com todos que te invocam”. Então, por que a Escritura afirma em muitas passagens: “Chamar-me-ão, e não os escutarei” (Pr 1,28) (certamente “é misericordioso para com todos que o invocam”), senão porque alguns invocam, mas não invocam a ti? Deles foi dito: “Não invocaram a Deus” (Sl 52,6). Invocam, mas não a Deus. Invocas aquilo que amas; invocas aquilo que chamas a ti, invocas tudo aquilo que queres que venha a ti. De fato, se invocas a Deus, para obteres dinheiro, herança, dignidades mundanas, estás invocando aquilo que ambicionas alcançar; Deus te serve para te ajudar a satisfazer tuas ambições e não para ouvir bons desejos. Deus é bom para contigo, se dá o que queres. Mas, se queres o mal, não seria bom antes se não te conceder o que queres, por misericórdia? Efetivamente, se não te der, Deus não será mais para ti, e dirás: Pedi tanto, tantas vezes e não fui ouvido! Mas, o que pedias? Talvez a morte de teu inimigo. E se ele também pedia a tua? Quem te criou, criou-o igualmente a ele; és homem e ele também. Deus, porém é juiz que ouve a ambos e a ambos não atende. Ficas triste porque não te ouviu contra outro; alegra-te porque não o atendeu contra ti. Mas respondes: Eu não pedia isso. Não pedia a morte de meu inimigo, mas suplicava a vida de meu filho. Que pedia de mal? Nada de mal, conforme teu modo de pensar. Mas, se Deus o arrebatou para que a malícia não lhe pervertesse o julgamento? (cf Sb 4,11). Replicas: Era pecador e queria que continuasse a viver para se corrigir. Tu querias que continuasse a viver para se tornar melhor; e se Deus sabia que no caso de continuar a viver ficaria pior? Como podes saber o que mais útil lhe seria, morrer ou viver? Se, portanto, não sabes, volta a teu coração, entrega a Deus a realização de seu

desígnio. Perguntas: O que hei de fazer? Como rezar? Como rezar? Conforme te ensinou o Senhor, conforme te ensinou o mestre celeste. Invoca a Deus enquanto Deus, ama a Deus enquanto Deus. Nada de melhor. Deseja-o, anela por ele. Vê como o invocou outro salmo: “Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei”. Que coisa é esta? “Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida”. Com que finalidade? “Para contemplar as delícias do Senhor” (Sl 26,4). Se, por conseguinte, queres amar a Deus, ama-o com os mais sinceros, profundos e castos suspiros, com dileção, arde de desejo por ele, anela por ele com tanto maior deleite quanto nada podes encontrar de melhor, de mais aprazível, de mais durável. Pode haver algo de mais durável do que aquilo que é eterno? Não tenhas medo de perder um dia aquele que impede tua ruína. Se, portanto, o invocas como Deus, tem certeza de que serás ouvido. Convém-te este versículo: “E muito misericordioso para todos que te invocam”.

**9** Não digas, portanto: Ele não me deu determinada coisa. Examina tua consciência; pondera, interroga, não te poupes. Se verdadeiramente invocaste a Deus, tem certeza de que não te era proveitoso aquilo que querias obter no tempo, e por isso não te deu. Edifique-se com isso vossos corações, irmãos, corações cristãos, corações fiéis. Não vos entristeçais, como se tivessem sido frustrados vossos desejos. Não vos irriteis contra Deus; não é bom para vós recalcitrar contra o aguilhão (cf At 9,7). Recorrei às Escrituras. O diabo é ouvido, e o Apóstolo não é atendido. Que vos parece? Como é que os demônios são atendidos? Eles pediram para entrar nos porcos e foi-lhes concedido (cf Mt 8,31.32). Como foi ouvido o diabo? Pediu para tentar Jó e recebeu permissão (cf Jó 1,11.12; 2,5.6). Como não foi ouvido o Apóstolo? “Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne — um anjo de Satanás para me espancar. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,7-9). O Senhor ouviu aquele que se dispunha a condenar, e não ouviu a quem queria curar. Pois, o médico não dá ao doente muita coisa que este lhe pede. Não atende a vontade do doente para atender a sua saúde. Pensa então que Deus é teu médico; pede-lhe a saúde e ele mesmo se tornará a tua salvação. Não será uma saúde extrínseca, mas ele mesmo será tua salvação. Não aprecies outra salvação fora dele, mas faze conforme encontras no salmo: “Dize a minha alma: Eu sou a tua salvação” (Sl 34,3). Que existe de importante para ti? Que te dirá ele para se dar a ti? Queres que ele se dê a ti? Como se dará a ti se queres ter o que ele não quer que possuas? Afasta os obstáculos a fim de que ele possa entrar. Refleti e considerai, irmãos, acerca dos bens que Deus concede aos pecadores; e concluireis quais reserva a seus servos. Aos pecadores que o blasfemam cada dia ele dá o céu e a terra, dá as fontes, os frutos, a saúde, os filhos, a fartura, a fertilidade. Somente Deus pode dar todos esses bens. Se aos pecadores concede tais bens, que julgas há de reservar para seus fiéis? Ou talvez deva-se pensar que se dá tais coisas aos maus, nada há de guardar para os bons? Ao contrário, reserva de fato não a terra, mas o céu. Talvez seja muito pouco o que digo, ao falar em céu; ele dará a si mesmo, o criador do céu. O céu é belo; mais belo ainda é quem fez o céu. Mas, vejo o céu, e a ele não vejo. Por conseguinte,

tens olhos para ver o céu e ainda não tens coração para ver o criador do céu. No entanto, ele veio do céu à terra a fim de purificar o coração, com o qual se pode ver quem fez o céu e a terra. Espera, contudo, com paciência a saúde. Ele sabe quais os medicamentos que te haverão de curar; sabe com que cortes e cauterizações. Contraíste a enfermidade ao pecares; ele veio não somente fomentar, mas também cortar e queimar. Não notas como os homens sofrem nas mãos dos médicos? É um homem que promete algo de incerto. Vais sarar, diz o médico. Ficarás bom se eu cortar. É um homem que fala e fala a outro homem. Nem aquele que fala está seguro do que diz, nem o que ouve, porque fala a um homem quem não o fez, nem sabe perfeitamente como ele vai reagir. E no entanto, o doente acredita na palavra de um homem que ignora as reações humanas. Ele apresenta os seus membros, deixa-se amarrar, ou as vezes permite que se corte e queime, mesmo sem amarrá-lo. E talvez recupere a saúde por poucos dias, ignorando quando vai morrer depois do tratamento. É possível que morra durante o tratamento; e talvez não poderá sarar. E Deus? Quando foi que prometeu e enganou?

**10** [6] "Presta ouvidos, Senhor, a minha oração". Oração cheia de sentimento. "Presta ouvidos, Senhor, a minha oração", isto é, guardem teus ouvidos a minha oração. Fixa-a em teus ouvidos. Como proferi-la para gravá-la nos ouvidos de Deus? Responda-nos Deus: Queres que se grave tua oração em meus ouvidos? Grava minha lei em teu coração. "Presta ouvidos, Senhor, a minha oração e atende à voz de minha súplica".

**11** [7] "No dia de minha tribulação clamei por ti, porque me ouviste". A razão por que ouves está em que "no dia da minha tribulação clamei por ti". Pouco mais acima dissera: "Clamei todos os dias", todos os dias estou atribulado. Nenhum cristão, portanto, afirme haver um dia em que não sofra tribulação. Todos os dias, em todo o tempo. Todos os dias sente-se atribulado. Como? Mesmo quando tudo corre bem existe tribulação? Certamente, existe. De onde vem? Porque enquanto habitamos este corpo, estamos fora, longe do Senhor (cf 11 2Cor 5,6). Por maior que seja o bem-estar neste mundo, ainda não estamos naquela pátria, para onde nos apressamos a regressar. Quem acha agradável a peregrinação não ama a pátria. Se a pátria é doce, a peregrinação é amarga; e se é amarga, existe tribulação todos os dias. Quando não haverá mais tribulação? Ao chegarmos aos deleites da pátria. "Delícias infindas acham-se a tua destra. Encher-me-ás de alegria ante a tua face. Para contemplar as delícias do Senhor" (Sl 15,11: Sl 26,4). Ali passarão a labuta e os gemidos; ali não haverá preces e sim louvores. Ali existirá Aleluia, e Amém, em uníssono com os anjos; ali será a visão indefectível e o amor sem tédio. Enquanto lá não chegarmos, verificais que não temos o bem em plenitude. Podes ter abundância de tudo; observa se estás certo de que tudo isso não terminará. Mas, tenho o que não tinha; chegou o dinheiro que não havia. Talvez também tenha chegado o medo que não existia. Provavelmente te sentias mais seguro quando mais pobre. Enfim, haja riquezas, afluam os bens deste mundo; contanto que se tenha garantia de que não acabarão. Deus te dirá do alto: Ficarás eternamente entre essas coisas, elas ficarão eternamente contigo, mas não verás a minha face. Ninguém consulte a carne. Consultai o espírito. Responda vosso coração. Respondam a esperança, a fé, a caridade, que

começaram a existir em vós. Então, se recebermos garantia de afluência de bens deste mundo, para sempre, e Deus nos disser: Não vereis a minha face, teremos alegria nestes bens? Pode ser que alguém preferisse isso e dissesse: Tenho bens em abundância, sinto bem-estar, nada mais procuro. Este ainda não começou a amar a Deus; ainda não começou a suspirar como um peregrino. Longe de nós, longe de nós tudo isso. Afastem-se todas as realidades sedutoras, apartem-se as falsas carícias; para longe as coisas que nos perguntam cada dia: "Onde está o teu Deus"? (Sl 41,11). Expanda-se nossa alma acima de si mesma, confessemos com lágrimas, gemamos em confissão, suspiremos em nossas misérias. Fora de nosso Deus, nada é suave; recusamos tudo o que deu, se ele mesmo, doador de tudo, não se der a nós. "Presta ouvidos, Senhor, a minha oração e atende à voz de minha súplica. No dia de minha tribulação clamei por ti, porque me ouviste".

**12** [8] "Não há entre os deuses quem te seja semelhante, Senhor". Que disse o salmista? "Não há entre os deuses quem te seja semelhante, Senhor". Fabriquem os pagãos para si os deuses que quiserem; procurem artífices que trabalhem em prata, ouro, polimento, escultura e modelem ídolos. Quais? Aqueles que têm olhos e não vêem e tudo o mais que o salmo descreve em seguida (cf Sl 113,5). Mas, nós não adoramos a estes, respondem; não os adoramos. São somente símbolos. E que adorais? Algo de pior: "Porque os deuses das nações são demônios" (Sl 95,5). E então? Replicam: Não adoramos nem os demônios. De fato, não tendes outra coisa nos templos, nada inspira vossos vates senão os demônios. Mas, então, que afirmais? Adoramos os anjos; os anjos são nossos deuses. Com efeito, não conheceis de forma alguma os anjos. Os anjos adoram o Deus único, e não protegem os homens que querem adorar os anjos e não a Deus. Pois, encontramos na Escritura quem honrasse os anjos, mas eles impediram a esses homens que os adorassem, mandando que adorassem ao Deus verdadeiro (cf Ap 19,10). Mas, embora digam que são anjos, que são homens, conforme diz o salmo: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo, não há entre os deuses quem te seja semelhante, Senhor" (Sl 81,6). Pense o homem o que quiser: um ser criado não se compara ao criador. Exceto Deus, tudo o que realmente existe foi feito por Deus. Quem pode calcular exatamente a distância entre o criador e a criatura? O salmista declara, por isto: "Não há entre os deuses quem te seja semelhante, Senhor". Não explicou quanto difere de Deus, porque é impossível dizer. V. Caridade preste atenção. Deus é inefável. É mais fácil exprimir o que não é do que aquilo que é. Pensas na terra. Deus não é isto. Pensas no mar. Deus não é isto. Em tudo que existe na terra, homens e animais. Deus não é isto. Tudo que existe no mar, que voa nos ares. Deus não é isto. Tudo o que brilha no céu, as estrelas, o sol e a lua. Deus não é isto. No próprio céu. Igualmente não é Deus. Pensa nos Anjos, Virtudes, Potestades, Arcanjos, Troncos, Sedes, Dominações. Deus não é isto. E o que é então? Somente pude declarar o que não é. Perguntas o que é? "O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu" (cf 1Cor 2,9). Por que procuras que exprima a língua o que o coração não percebeu? "Não há entre os deuses quem te seja semelhante, Senhor, nem que seja

comparável a tuas obras”.

**13** [9] “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”. Prenuncia a Igreja. “As nações que criaste”. Se existe nação que Deus não criou, esta não o adorará; não há povo que Deus não tenha criado, porque Deus criou a origem de todos os povos. Adão e Eva. Deles descendem todos os povos. Portanto, Deus criou todos os povos. “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”. Quando isto foi anunciado? Quando diante dele não se prostravam senão poucos santos de um só povo, o hebreu, é que isto foi anunciado; e agora vê-se a realização: “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”. Quando isto foi proferido, ainda não se via o fato, mas acreditava-se em sua realização; quando já se verifica, como negá-lo? “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor, e de glorificar o teu nome”.

**14** [10] “Porque és grande e operas maravilhas. És tu somente o grande Deus”. Ninguém se gabe de ser grande. Surgiriam homens que se denominariam grandes. Contra eles se disse: “És tu somente o grande Deus”. Que importância há em se declarar que ele somente é o grande Deus? Quem não sabe que ele é o grande Deus? Mas como surgiriam homens que se denominariam grandes, e queriam diminuir a Deus, contra eles se afirma: “És tu somente o grande Deus”. Esta palavra se realiza e não a daqueles que se denominam grandes a si mesmos. Que declara Deus, através de seu Espírito? “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”. Como se exprime determinado homem que se declara grande? De forma alguma; Deus não é adorado em todas as nações; todas as nações estão perdidas, só escapou a África. É o que afirmas tu, que te dizes grande; aquele que é o único grande Deus assevera outra coisa. Quais as palavras daquele é que é o único grande Deus? “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”. Noto o que disse o único grande Deus; cale-se o homem de falsa grandeza. É enganosamente grande, porque desdenha ser pequeno. Quem é que não se digna ser pequeno? Quem assim fala. O Senhor, porém, diz: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,26). Aquele homem, contudo, se quisesse ser o servo de seus irmãos, não os teria separado da Igreja, sua mãe. Mas como quer ser grande, e não pequeno de maneira salutar, Deus que resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (cf Tg 4,6), porque somente ele é grande, cumpre tudo o que predisse e contradiz aos maldizentes. Maldizem a Cristo esses que dizem ter a Igreja perecido em toda a terra, e ficado apenas na África. Se lhe dissesses: Arruinarás a tua propriedade, certamente não conteria sua mão contra ti; no entanto, ele afirma que Cristo perdeu sua herança, redimida em seu sangue! Vede, irmãos, que enorme injúria! A Escritura declara: “Povo numeroso é glória para o rei, a falta de gente é ruína para o príncipe” (Pr 14,28). Em conseqüência, injurias deste modo a Cristo, quando dizes que seu povo se viu reduzido a esta insignificância. Acaso nasceste, e te dizes cristão para teres inveja da glória de Cristo, cujo sinal afirmas trazer na fronte, mas o eliminaste do coração? “Povo numeroso é glória para o rei”, reconhece teu rei, dá-lhe glória, atribui-lhe povo numeroso. Respondes: Que povo numeroso lhe atribuirei? Não lhe atribuas

segundo teu coração, e acertarás. Com que base lhe atribuirei? replicas. Atribui-lhe de acordo com o seguinte: "As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor". Faze esta afirmação, confessa e atribuis-lhe grande multidão, porque, todas as nações constituem uma só, em um só. Aí está a unidade. Como, existe uma Igreja e igrejas, e estas igrejas se identificam com a Igreja, assim aquele povo identifica-se com as nações. Anteriormente havia nações, muitas nações; agora um só povo. Por que um só povo? Porque há uma só fé, uma só esperança, uma só caridade, uma só expectativa. Enfim, por que não seria um só povo, se é uma só pátria? É a pátria celeste; pátria e Jerusalém. Quem não é cidadão dela, não pertence a este povo; quem, porém, é seu cidadão pertence a um só povo de Deus. E este povo se estende do oriente ao ocidente, do norte até o mar, pelas quatro partes de todo o orbe. Diz Deus: Do oriente ao ocidente, do norte ao mar, dai glória a Deus. Foi isto que ele predisse e cumpriu, ele que é o único grande Deus. Aquele que recusou ser pequeno desista de falar assim contra o único que é grande, porque não podem existir dois grandes, Deus e Donato.

**15** [11] "Conduze-me, Senhor, em teu caminho e andarei em tua verdade". Cristo, teu caminho, tua verdade, tua vida. Por conseguinte, o corpo é para ele, e o corpo provém dele. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Qual caminho? "E andarei na tua verdade". Uma coisa é conduzir ao caminho e outra conduzir no caminho. Olha um homem inteiramente pobre, completamente necessitado de auxílio. Fora do caminho estão os não cristãos, ou ainda não católicos; sejam levados ao caminho; e quando forem levados ao caminho, e se tornarem católicos em Cristo, sejam levados por ele no caminho a fim de não cairem. Certamente já andam no caminho. "Conduze-me, Senhor, em teu caminho". Sem dúvida, estou no caminho. Conduze-me. "E andarei na tua verdade". Sob tua conduta não desviarei; se me abandonares, errarei. Suplica, pois, que ele não te deixe, mas te leve até o fim. Como conduzirá? Sempre admoestando, sempre te estendendo a mão. "E a quem se revelou o braço do Senhor"? (Is 53,1). Ao dar Deus o seu Cristo, estende sua mão; estendendo a mão, dá seu Cristo. Conduz ao caminho, levando a seu Cristo; conduz pelo caminho, conduzindo em seu Cristo: pois Cristo é a verdade. "Conduze-me, Senhor, em teu caminho e andarei em tua verdade", de fato, naquele que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Tu que conduzes pelo caminho e pela verdade, aonde levas senão à vida? Conduzes, pois, em Cristo, para ele. "Conduze-me, Senhor, em teu caminho e andarei em tua verdade".

**16** "Alegre-se meu coração, com temor de teu nome". Logo, há temor misturado à alegria. Como pode haver alegria, onde há temor? O temor não costuma ser amargo? Um dia teremos alegria sem temor algum, mas agora com a alegria vem o temor. Ainda não existe plena segurança, nem perfeita alegria. Se não tivermos alegria alguma, desanimamos; se existir plena segurança, não exultaremos bem. Por conseguinte, derrame o Senhor alegria em nós, mas incuta-nos temor, a fim de nos levar da suavidade da alegria à morada segura. Incutindo-nos temor, não nos deixe cair numa exultação malsã, nem desviarmos. Por isso diz o salmo: "Servi ao Senhor com temor, e exultai diante dele com tremor" (Sl 2,11). Igualmente ordena o apóstolo Paulo: "Operai a vossa

salvação com temor e tremor, pois é Deus quem opera em vós" (Fl 2,12.13). Todo sinal de prosperidade, irmãos, deve causar mais temor, porque o que considerais prosperidade é antes tentação. Veio uma herança, chegaram riquezas, afluíram muitas espécies de acontecimentos felizes. São tentações. Cautela para que não vos corrompam. São acontecimentos agradáveis os que são prósperos de acordo com Cristo e com a genuína caridade de Cristo. Por exemplo, se ganhaste para a Igreja tua esposa que era do partido de Donato; se aderiram à fé teus filhos que eram pagãos; se ganhaste teu amigo que queria te seduzir para ir ao teatro e tu o levaste à igreja; se certo inimigo teu que te contradizia e tinha uma raiva furiosa, acalmou a fúria e ficou manso, reconheceu a Deus, não ladra contra ti, mas grita contigo contra o mal. Se com isto não nos alegramos, com que então? Quais são nossas outras alegrias, se não as dessa espécie? Não obstante, como pululam as tribulações, as tentações, as dissensões, os cismas, etc., que não faltam neste mundo, até que passe a iniqüidade, aquela exultação não nos deixe tranqüilos, mas alegre-se nosso coração de tal modo que tema o nome do Senhor. Não se alegre e ao mesmo tempo se fira. Não é de se esperar segurança durante nossa peregrinação. Se quisermos tê-la aqui na terra, será um visgo para o corpo e não segurança humana. "Alegre-se meu coração, com temor de teu nome".

**17** [12.13] "De todo o meu coração te confessarei, Senhor meu Deus, e glorificarei eternamente o teu nome. Grande foi tua misericórdia para comigo. Arrancaste minha alma das profundezas do inferno". Meus irmãos. Se não vos expomos com muita certeza o que vamos dizer, peço-vos não levardes a mal. Pois, sou homem, e ouso dizer somente quanto me permitem as Sagradas Escrituras. Nada é meu. Não tenho experiência alguma acerca do inferno. Nem vós. E talvez haja outro sentido e não se trate mesmo do inferno. Tudo isso é incerto. Contudo, como a Esritura traz e não se pode contradizê-la: "Arrancaste minha alma das profundezas do inferno", entendemos que existem, de certo modo dois infernos: um mais acima e outro mais abaixo. Pois, como falar de profundezas do inferno, se não há outro mais acima? Não seria denominado inferno a não ser por comparação com uma parte superior. Supõe-se, irmãos, haver certa moradia celeste dos anjos. Ali a vida é de alegrias inefáveis, ali se encontra a imortalidade e a incorrupção, ali tudo é permanente, segundo o dom e a graça de Deus. Se, portanto, esta parte é superior, a terrena onde existem carne e sangue, onde há corruptibilidade, nascimento e mortalidade, morte e sucessão, mutabilidade e inconstância, temores, ambições, horrores, alegrias incertas, esperança frágil, bens transitórios, não é comparável ao céu, de que falava pouco acima. Se, portanto, o céu não se compara com a terra, o céu é superior, e a terra inferior. E depois da morte, para onde descer, se não há inferno inferior a este em que estamos, segundo a carne e a mortalidade? Pois, segundo a palavra do Apóstolo: "O corpo está morto, pelo pecado" (Rm 8,10). Por conseguinte, aqui na terra há mortos; não te admires de ser chamada inferno, uma vez que os mortos são numerosos. Pois, o Apóstolo não disse: O corpo haverá de morrer, mas: " O corpo está morto". Sem dúvida, nosso corpo ainda tem vida; todavia, comparado àquele corpo futuro, quais os dos anjos, encontra-se a verdade de que o

corpo do homem está morto, embora ainda tenha alma. Mas, novamente, deste inferno, quer dizer, desta parte inferior, ainda há outra mais abaixo, para onde vão os mortos. De lá Deus quis arrancar nossas almas, enviando seu Filho até lá. Com efeito, irmãos, o Filho de Deus foi enviado por causa destes dois infernos, libertando-nos de ambos. Ao primeiro enviado ao nascer e ao segundo ao morrer. Por isso, temos sua voz naquele salmo, não segundo uma conjectura humana, mas conforme explicado pelo Apóstolo: "Porque não entregarás ao inferno a minha alma" (Sl 15,10; At 2,27). Portanto, aqui se trata ou de sua voz: "Arrancaste minha alma das profundezas do inferno", ou de nossa voz, por meio do mesmo Cristo, Senhor nosso, porque ele desceu aos infernos para que nós ali não permanecêssemos.

**18** Aludo ainda a outra opinião. Talvez no próprio inferno haja uma parte mais abaixo, onde são arrojados os ímpios que pecaram mais. Com efeito, não podemos afirmar com certeza que Abraão não tenha estado em alguma parte do inferno. O Senhor ainda não descera aos infernos, a fim de retirar dali as almas de todos os santos que o haviam precedido. E no entanto, Abraão estava em repouso ali. Certo rico, ao ser atormentado no inferno, levantou os olhos e viu Abraão. Não o teria visto olhando para cima, se Abraão não estivesse no lugar mais alto e ele em baixo. Qual a resposta de Abraão ao seu pedido? "Pai Abraão, manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama. Ele disse: Filho, lembra-te de que recebeste teus bens em vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre vós e nós existe um grande abismo, de modo que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o podem, e tampouco atravessarem os de lá até nós" (Lc 16,22-26). Por conseguinte, talvez entre esses dois infernos, dos quais em um descansavam as almas dos justos e no outro eram atormentadas as almas dos ímpios, alguém ora aqui. Já se acha no corpo de Cristo, e reza pela voz de Cristo. Declara que Deus libertou sua alma das profundezas do inferno, porque o libertou de tais pecados que o poderiam lançar nos tormentos das profundezas do inferno. É semelhante ao caso de um médico que vê o perigo iminente de adoeceres devido a algum trabalho e te avisa: Poupa-te, faze um tratamento, descança, usa tais alimentos, porque se assim não fizeres ficarás doente. Se atenderes e te curares, com razão dizes ao médico: Tu me livraste desta doença. Não se tratava de uma doença de que já sofrias, mas que te ameaçava. Um homem qualquer, por exemplo, devido a uma causa judicial incômoda, ia ser lançado no cárcere. Vem alguém e o defende. Ao agradecer ao defensor, que dirá? Arrancaste a minha vida do cárcere. Um devedor ia ser enforcado. Alguém paga sua dívida. Diz-se libertado da força. Nenhum deles chegou a sofrer os respectivos males; mas os mereciam, e se não tivessem obtido socorro os sofreriam, com razão se diz que foram libertados daquilo a que seus libertadores não permitiam fossem levados. Portanto, irmãos, seja um ou outro o sentido, considerai-me como sendo alguém que perscruta a palavra de Deus, e não que avança afirmações temerárias. "Arrancaste minha alma das profundezas do inferno".

**19** [14] "Contra mim, ó Deus, levantaram-se os transgres-sores da lei". Quais os

transgressores da lei? Não são os pagãos, pois não receberam uma lei. Ninguém transgride uma lei que não recebeu. O Apóstolo o afirma claramente: "Onde não há lei, não há transgressão" (Rm 4,15). Os transgressores da lei são prevaricadores. Quais são, então os designados aqui, irmãos? Se tomamos a palavra como sendo do Senhor, transgressores da lei eram os judeus. "Contra mim levantaram-se os transgressores da lei". Não observaram a lei e acusaram a Cristo de trans-gressor. "Contra mim levantaram-se os transgressores da lei". E o Senhor sofreu o que sabemos. És de opinião que seu corpo nada disso sofre agora? Como seria isso possível? "Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares! Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor" (Mt 10,25.24). Sofre igualmente o corpo da parte dos transgressores da lei que se levantam contra o corpo de Cristo. Quais são os transgressores da lei? Acaso ousam os judeus levantar-se contra Cristo? Não; porque nem nos causam grande tribulação. Pois, ainda não acreditaram, ainda não conheceram a salvação. Levantam-se contra o corpo de Cristo os maus cristãos, que infligem diariamente tribulação ao corpo de Cristo. Todos os cismas, todas as heresias, todos aqueles que vivem pessimamente, e querem impor seus costumes aos que vivem honestamente, iludi-los, porque as más companhias corrompem os bons costumes (cf 1Cor 15,33). Todos esses "transgres-sores da lei levantaram-se contra mim". Repita-o toda alma piedosa, repita-o toda alma cristã. Não o repita quem não sofre de tais males. Se, porém, é alma cristã, sabe que sofre destes males. Se descobre em si a paixão, reconheça neste versículo a sua voz. Se está isento de sofrimento, fique de fora. Para não estar excluído dos padecimentos, ande pelo caminho estreito (cf Mt 7,14) e comece a viver com piedade em Cristo e há de sofrer esta perseguição. Pois, diz o Apóstolo, "todos os que quiserem viver com piedade em Cristo serão perseguidos (cf 2Tm 3,12). Contra mim, ó Deus, levantaram-se os transgressores na lei e uma assembléia de poderosos atentou contra a minha vida". Assembléia dos poderosos é assembléia dos orgulhosos. Uma assembléia de poderosos atentou contra a Cabeça, isto é, nosso Senhor Jesus Cristo, clamando e gritando unânimes: "Crucifica-o, crucifica-o" (Jo 19,6). A respeito deles foi dito: "Armas e flechas são os dentes dos filhos dos homens, espada afiada, a sua língua" (Sl 56,5). Não feriram, mas gritaram; e gritando feriram, clamando crucificaram. Realizou-se a vontade dos que gritavam, quando o Senhor foi crucificado: "E uma assembléia de poderosos atentou contra a minha vida, sem te proporem diante de seus olhos". Como foi que não propuseram? Não entenderam que era Deus. Que poupassem o homem; agissem de acordo com o que viam. Supõe que não fosse Deus, mas era homem; então devia ser morto? Poupa o homem e reconhece a Deus.

**20** [15] "Mas tu, Senhor Deus, és um Deus compassivo e clemente, muito misericordioso e veraz". Por que se diz que é "clemente e muito misericordioso e compassivo?" Por que estando crucificado, rezou: "Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem" (Lc 23,24). A quem pede? Por quem suplica? Quem pede? Onde pede? O filho suplica ao Pai, o crucificado pelos ímpios, no meio das próprias injúrias, não só de palavras, mas mortais,

e quando pendente da cruz; tinha as mãos estendidas, como a orar por eles, a elevar como incenso a sua oração diante do Pai, e a elevação de suas mãos como um sacrifício vespertino (Sl 140,2). “Clemente, muito misericordioso e veraz”.

**21** [16] Se, portanto, és “veraz, olha-me e compadece-te de mim; comunica poder a teu servo”. Porque és veraz, comunica poder a teu servo. Passe o tempo da paciência e venha o tempo do juízo. Como se realizará a palavra: “Comunica poder a teu servo? O Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento” (Jo 5,22). Ele, o ressuscitado, que virá à terra para julgar. Aparecerá terrível o que teve a aparência de desprezível. Demonstrará poder aquele que mostrou paciência. Na cruz tinha paciência, no juízo terá poder. Efetivamente, aparecerá como homem para julgar, mas em sua glória; porque “do mesmo modo que para o céu o vistes partir”, disseram os anjos, “virá” (At 1,11). Virá com a mesma forma exterior no juízo; e por isso, vê-lo-ão também os ímpios, que não verão na condição de Deus. Pois, “bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Aparecendo na condição de homem, dirá: “Ide para o fogo eterno”, a fim de se cumprir a palavra de Isaías: “Aparte-se o ímpio, sem ver a glória do Senhor” (Is 26,10, seg. LXX). Aparte-se para não vê-lo na condição de Deus. Portanto, vê-lo-ão na condição de homem. Na condição divina era igual a Deus (cf Fl 2,6), e isto os ímpios não verão. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1), isto não verão os ímpios. Se o “Verbo era Deus, e bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”, os ímpios que têm o coração impuro, sem dúvida alguma não verão a Deus. E como está dito: “Olharão para aquele que transpassaram” (Jo 19,37), senão porque aparecerá na condição de homem que eles verão ao serem julgados? A condição divina não será visível senão aos que estão separados à direita. De fato, ao serem separados e colocados à direita, ser-lhes-á dito: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós deste a criação do mundo”. Que será dito aos ímpios à esquerda? “Ide para o fogo eterno, preparado por meu Pai para o diabo e para os seus anjos”. Terminado o julgamento, qual a conclusão? “Irão os ímpios para o fogo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,34.41.46). E estes, da visão da condição humana partem para a visão da condição divina. Diz o evangelista: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). Subentendes. Ele é o único Deus verdadeiro, porque o Pai e o Filho são um só Deus verdadeiro. O sentido da frase é o seguinte: Eles te conheçam a ti e àquele que enviaste, Jesus Cristo, como único Deus verdadeiro. Alcançarão a visão do Pai e ali verão igualmente o Filho. Se o Filho não estivesse incluído na visão do Pai, não diria o Filho a seus discípulos que o Filho está no Pai, e o Pai no Filho. Responderam-lhe os discípulos: “Mostra-nos o Pai e isto nos basta”. Disse-lhes Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? Filipe, quem me viu, viu o Pai”. Observais que na visão do Pai inclui-se a visão do Filho; e na visão do Filho inclui-se igualmente a visão do Pai. Em conseqüência disso acrescentou: “Não sabeis que estou no Pai e o Pai está em mim?” A saber, quem me vê, vê também o Pai, e quem vê o Pai, vê igualmente o Filho. A visão do Pai não se separa

da visão do Filho; não se separa a natureza da substância, portanto, não é possível separar uma visão da outra. Ora, sabeis que deveis preparar o coração para ali ver a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, na qual acreditamos sem ver, e com a fé purificamos o coração para que possa ver. O próprio Senhor diz mais adiante: "Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei" (Jo 14,8.9.10.21). Porventura não o viam aqueles aos quais se dirigia? Viam e não viam. Viam uma coisa e acreditavam em outra. Viam o homem e acreditavam em Deus. No juízo, porém, hão de ver, junto com os ímpios, nosso Senhor Jesus, como homem; depois do juízo, com exclusão dos ímpios, verão a Deus. "Comunica poder a teu servo".

**22** "E salva o filho de tua serva". O Senhor é filho da serva. De qual? daquela que, ao lhe ser anunciado que ele havia de nascer, respondeu: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Deus salvou o Filho de sua serva que é também seu Filho. Seu Filho, na condição de Deus; Filho da serva, na condição de escravo. Da escrava de Deus, portanto, nasceu o Senhor na condição de escravo e disse: "Salva o filho de tua serva". Foi salvo da morte, como sabeis, depois de ressuscitado o corpo que morrera. Mas para concluíres que é Deus, e não foi ressuscitado pelo Pai como se ele mesmo não se ressuscitasse, pois, de fato, ele ressuscitou seu corpo, encontra-se escrito no evangelho: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei". Para que não imaginássemos outra coisa, o evangelista continua: "Ele, porém, falava do templo do seu corpo" (Jo 2,19.21). Portanto, foi salvo o filho da serva. Repita igualmente cada cristão, que se acha no corpo de Cristo: "Salva o filho de tua serva". Talvez não possa dizer: "Comunica poder a teu servo", porque foi o Filho que recebeu o poder. Mas, por que não há de dizer também isso? Por acaso não foi dito a alguns servos: "Também vós, vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19,28)? E dizem os servos: "Não sabeis que julgaremos os anjos"? (1Cor 6,3). Cada um dentre os santos, portanto, recebe o poder, e é cada um deles filho da serva de Deus. Mas, se nasceu de uma pagã, e se tornou cristão? Como é possível o filho de uma pagã ser filho de uma serva de Deus? Na verdade, é carnalmente filho de uma pagã, mas espiritualmente é filho da Igreja. "E salva o filho de tua serva".

**23** [17] "Mostra-me um sinal de tua bondade". Que sinal seria a não ser a ressurreição? O Senhor afirmou: "Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois, como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12,39.40). Uma vez que em nossa Cabeça já mostrou Deus um sinal de sua bondade, diga também cada qual de nós: "Mostra-me um sinal de tua bondade, porque ao som da trombeta final, por ocasião da vinda do Senhor, os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (cf 1Cor 15,52). Será este o sinal da bondade de Deus. "Mostra-me um sinal de tua bondade, para que vejam os que me odeiam e fiquem confundidos". No juízo ficarão confundidos para sua perdição os que agora não querem ficar confundidos de modo salutar. Por conseguinte, que se

confundam agora; acusem seus maus caminhos, mantenham-se no caminho reto. Nenhum de nós vive sem confusão, a não ser que antes se tenha confundido e assim revivido. Deus lhes conceda agora acesso a uma confusão salutar, se eles não menosprezam a medicina da confissão; se, porém, não querem se envergonhar agora, então se envergonharão, quando suas iniqüidades os levarem à ruína (Sb 4,20). Como ficarão confundidos? Quando dirão: “Estes são os de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje, nós insensatos! Considerávamos a sua vida uma loucura. Como agora são contados entre os filhos de Deus? Que proveito nos trouxe o orgulho?” Assim falarão então; que o digam já agora e de maneira salutar. Cada qual humildemente se converta para Deus e diga agora: Que proveito me trouxe o orgulho? E escute o Apóstolo: “E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais”? (Rm 6,21). Verificais haver agora uma vergonha salutar na penitência; então, porém, será tardia, inútil, infrutuosa. “Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviam riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra” (Sb 5,3-9). Como? Quando vivias na terra não vias que tudo passa como uma sombra? Se então deixasses a sombra, ficarias na luz; e não dirias depois: “Tudo passou como uma sombra”, quando da sombra passarás para as trevas. “Mostra-me um sinal de tua bondade, para que vejam os que me odeiam e fiquem confundidos”.

**24** “Porque tu, Senhor, me assistes e consolas. Assistes-me no combate, e consolas-me” na tristeza. Ninguém procura consolo se não se sente infeliz. Não quereis ser consolados? Declarai que sois felizes. E ouvireis a palavra: “Ó meu povo” (Já estais completando a frase, e escuto um mur-múrio daqueles que têm na memória as Escrituras. Deus, que inscreveu estas palavras em vossos corações, confirme sua realização em vossas ações. Vedes, irmãos, que aqueles que vos dizem: Sois felizes, vos seduzem). “Ó meu povo”, os que vos dizem que sois felizes, “vos desencaminham, ba-ralham as veredas em que deveis andar” (Is 3,12). Assim também na epístola do apóstolo S. Tiago: “Entristecei-vos e chorai; transforme-se o vosso riso em luto” (Tg 4,9). Notai o que ouvistes. Quando se diria uma coisa destas se estivéssemos numa região de segurança? De fato, nossa região é de escândalos, tentações e de todos os males. Choremos aqui na terra, para merecermos alegrar-nos no céu. Aqui, somos atribulados para nos consolarmos lá e dizermos: “Preservaste-me da morte a alma, das lágrimas os olhos e da queda os pés. Serei agradável ao Senhor na região dos vivos” (Sl 114,8.9). A terra é a região dos mortos. Passa a região dos mortos e vem a região dos vivos. Na re-gião dos mortos há labuta, dor, temor, tribulação, tentação, gemidos, suspiros. Existem falsos felizes e verdadeiros infelizes, porque uma felicidade enganosa é verdadeira infelicidade. Ora, quem reconhece achar-se em verdadeira mi-séria estará também em verdadeira felicidade. E no entanto, porque agora é mísero, ouça o Senhor a dizer: “Bem-aventurados os que choram” (Mt 5,5). “Ó, bem-aventurados os que choram!” Nada tão ligado à infelicidade como o pranto; nada mais distante da infelicidade, mais contrário a ela do que a bem-aventurança. E tu falas dos que choram e os denominas felizes! Respondes: Entendei bem o que digo: chamo de felizes os que choram; por quê? São felizes na esperança. Por que razão choram? Devido à realidade presente. Com efeito,

choram diante da morte, destas tribulações em sua peregrinação. Visto que reconhecem achar-se em miséria, e por isso gemem, são felizes. Por que motivo choram? S. Cipriano se contristou em seus padecimentos; agora está consolado, de posse da coroa. Consolado e triste ainda. Nosso Senhor Jesus Cristo ainda intercede em nosso favor; todos os mártires que estão em sua companhia intercedem por nós. Somente terminarão suas intercessões quando passarem nossos gemidos. Terminados esses, todos em uma só voz, um só povo, numa só pátria, seremos consolados, uma miríade a salmodiar em conjunto com os anjos, com os coros das potestades celestes, na cidade dos vivos. Quem ali ainda geme? Quem suspira? Quem peleja? Quem sofre penúria? Quem morre? Quem ainda tem misericórdia? Quem parte o pão com algum faminto, se todos se saciam com o pão da justiça? Ninguém te dirá: Recebe um hóspede, pois ali não haverá peregrino algum, uma vez que todos se acham na pátria. Ninguém te dirá: Reconcilia teus amigos que disputam entre si; todos gozam da paz eterna, na presença de Deus. Ninguém te dirá: Visita um doente. Serão permanentes a saúde e a imortalidade. Ninguém te dirá: Sepulta um morto. Todos terão a vida eterna. Cessarão as obras de misericórdia, porque não existirá miséria alguma. E que faremos ali? Talvez dormir? Se agora, enquanto estamos nesta carne, que é moradia do sono, temos de lutar contra nós mesmos para ficarmos despertos, apesar destas luzes e da solenidade que nos dá ânimo para a vigília, naquele dia quais as vigílias que ainda teremos de sustentar? De fato, estaremos de vigília, não dormiremos. Que faremos então? Obras de misericórdia já não existirão, porque não há miséria. É provável que haja obras necessárias como as que fazemos agora: semear, arar, cozinhar, moer, tecer? Nada disso, porque as necessidades acabarão. Assim, não existirão obras de misericórdia, porque toda miséria passou. Onde não existe necessidade, nem miséria, serão desnecessários os trabalhos para atender carências e as obras de misericórdia. Que haverá então? Qual nossa ocupação? Qual nossa atividade? Ou não haverá ação e sim repouso? Ficaremos então sentados, em torpor, sem fazer coisa alguma? Se nosso amor se esfriar, ficará entorpecida nossa atividade. Aquele amor tranqüilo diante de Deus, que agora desejamos, pelo qual anelamos, como não nos abrasará quando o tivermos alcançado? De que modo nos iluminará aquele por quem suspiramos antes de o termos visto, quando chegarmos junto dele? Como nos transformará? Que fará de nós? Que faremos então, irmãos? Diga-nos o salmo: "Felizes os que habitam em tua casa". Por quê? "Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). Será essa nossa ocupação: louvar a Deus. Amas e louvas. Deixarás de louvar, se deixares de amar. Não deixarás, porém, de amar, porque aquele que vês é tal que não causará tédio algum. Ele te saciará e não te saciará. É um paradoxo. Se disser que te sacia, receio que penses em te afastar, como sais saciado do almoço ou do jantar. Então, que dizer? Não te sacia? Receio ainda que se disser: Não te sacia, pensas que sentirás penúria; como se ficasses com fome, e te faltasse algo para a saciedade. Que direi, então, senão o que é possível falar, embora difícil de pensar? Sacia e não sacia. Ambas as afirmações encontro na Escritura. Tendo dito: "Bem-aventurados os que têm fome, porque serão saciados" (Mt 5,6), ainda acrescenta, a respeito da Sabedoria: "Os que me comem terão ainda fome, os que me bebem terão ainda sede" (Eclo 21,29). De fato, não disse: "de novo, mas ainda".

Pois, ter sede de novo seria primeiro terminar satisfeito, ter assimilado e voltar a beber. Assim se exprime: “Os que te comem terão ainda fome”, comem de tal modo que ainda têm apetite; e os que te bebem, bebem, mas ainda têm sede. Que significa ter sede depois de beber? Nunca se enfastiar. Agora, irmão, que pede de nós esta suavidade inefável e eterna, senão uma fé sincera, uma esperança firme, uma caridade pura e que o homem siga pelo caminho que o Senhor lhe oferece, suporte as provas e receba as consolações?

# SALMO 86

## SERMÃO

**1** O salmo que acabamos de cantar, é curto pelo número de palavras, mas longo pelo peso das sentenças. Pois, foi lido por inteiro e vedes como chegou o termo em poucos instantes. Propôs-me nosso beatíssimo pai, aqui presente[1] que o explicasse a V. Caridade, quanto o Senhor se dignar nos conceder. Esta proposta repentina seria um peso para mim se não me amparasse logo a oração de quem a fez. Por conseguinte, V. Caridade dê-me atenção. O salmo cantou e recomendou determinada cidade. Dela somos cidadãos, na qualidade de cristãos e dela estamos ausentes em peregrinação, enquanto formos mortais, e para ela tendermos. O caminho que a ela conduz, achava-se quase completamente interdito por espinhos e abrolhos. O rei desta cidade fez-se ele mesmo o caminho para a alcançarmos. Caminhando, portanto, por Cristo, e ainda peregrinos até chegarmos, suspirando de desejo de possuir o inefável repouso de que gozam os habitantes desta cidade, repouso do qual foi dito que "os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu" (1Cor 2,9), caminhando, portanto, cantemos de maneira a aumentar nosso desejo. Pois, em quem deseja, mesmo que a língua cale, o coração canta; aquele, porém, que não tem desejos, mesmo que fira os ouvidos humanos com seus clamores, está mudo diante de Deus. Notai quanto amavam ardentemente os habitantes desta cidade, aqueles que proferiram estas palavras do salmo, e que nô-las transmitiram. Com quanto afeto eles as cantaram! O amor a sua cidade despertava neles este afeto. Era o Espírito de Deus que infundira o amor a esta cidade: "O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Inflamados por este Espírito, portanto, ouçamos como se descreve esta cidade.

**2** [1.2] "Seus alicerces estão sobre as montanhas santas". O salmo ainda não se referira a ela. Assim inicia: "Seus alicerces estão sobre as montanhas santas". Quais alicer-ces? Não há dúvida de que os fundamentos, principalmente lançados nas montanhas, pertencem a uma cidade. O salmista, cidadão desta cidade, repleto do Espírito Santo, e raciocinando longamente acerca do amor e do desejo desta cidade, e tendo meditado muito, irrompe nessas palavras: "Seus alicerces estão sobre as montanhas santas". Parece já ter dito alguma coisa antes. Mas, como nada dissera, se nunca se calara no coração? Como fala seus, se nada referira a seu respeito? Mas, conforme mencionei, concebera muita coisa em silêncio acerca daquela cidade, e clamando diante de Deus, irrompe igualmente em palavras que atingem os ouvidos humanos: "Seus alicerces estão sobre as montanhas santas". Parece que havia ouvintes que perguntaram: De quem? "Ama o Senhor as portas de Sião". Aí temos a cidade de Sião, cujos fundamentos se situam nas santas montanhas e cujas portas Deus ama, conforme se diz em seguida: "acima de todos os tabernáculos de Jacó". Mas qual o sentido da frase: "Seus alicerces estão sobre as montanhas santas?" Quais as montanhas santas sobre as quais se acha

fundada esta cidade? Outro cidadão, o apóstolo. Ambos falavam para exortarem os demais cidadãos. Mas estes, isto é, os profetas e os apóstolos, como são cidadãos? Talvez porque eles também são os montes, sobre os quais estão os alicerces desta cidade, cujas portas o Senhor ama. Diga, portanto, outro cidadão mais claramente isto que dizemos, para não parecer que inventamos. Falando aos gentios, e exortando-os a voltarem, para que servissem de pedras no levantamento do edifício sagrado, diz o Apóstolo: “Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”. Visto que nem os próprios apóstolos e os profetas, sobre os quais se alicerça a cidade, se mantêm por si mesmos, prossegue a passagem: “Do qual é Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2,20). Não queria que pensassem os pagãos que não pertenciam a Sião. Havia, de fato, uma cidade de Sião terrena, sombra e imagem de outra Sião, aqui mencionada, a Jerusalém celeste, da qual afirma o Apóstolo: “Esta é a nossa mãe” (Gl 4,26). No intuito de que eles não dissessem que não pertenciam a Sião, porque não eram do povo hebreu, disse-lhes o seguinte: Portanto, “já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”. Aí tens a construção desta grande cidade. Mas esta volumosa construção onde se apoia, onde assenta, onde repousa para jamais cair? Diz o Apóstolo: “Do qual é Jesus Cristo a pedra angular” (Ef 20,19.20).

**3** É possível que diga alguém: Se Cristo Jesus é a pedra angular, nele efetivamente se unem as duas paredes. Pois, não se constrói um ângulo a não ser que duas paredes, de lados opostos, se unam. Assim acontece também com os dois povos, um de circuncisos e outro de incircuncisos, que firmam entre si a paz cristã, numa só fé, numa só esperança, numa só caridade. Mas se o Cristo Jesus forma o ângulo superior, fica parecendo que os fundamentos são anteriores e posterior a pedra angular. Então, poder-se-ia dizer que é antes Cristo que se apoia nos profetas e apóstolos, e não o inverso, se estes estão nos fundamentos e Cristo no ângulo superior. Mas pondere quem o afirmar que o ângulo vem desde o alicerce. O ângulo não é só a parte aparente, que se levanta até o Ápice; ele começa nos alicerces. Pois, o Apóstolo declara, dando a conhecer que Cristo constituiu o primeiro e o máximo fundamento: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus” (1Cor 3,11). Como, então, seriam alicerces os profetas e apóstolos, se os fundamento é Cristo e nenhum outro? Como pensar, a não ser que da mesma forma que se diz adequadamente: santo dos santos, se empregue figuradamente a expressão: fundamento dos fundamentos? Se, portanto, pensares no mistério, Cristo é o santo dos santos; se cogitares de um rebanho, Cristo é o pastor dos pastores; se imaginas um edifício, Cristo é o fundamento dos fundamentos. Nos edifícios materiais uma mesma pedra não pode estar bem profundamente colocada e ao mesmo tempo bem no alto. Se estiver no fundo, não pode estar no ápice; e se estiver no ápice não pode estar colocada no fundo. Todos os corpo têm seus limites; não podem estar em toda a parte e sempre. A divindade, contudo, que está presente em toda parte, pode ser comparada a todas as posições. Numa comparação pode-se empregar qualquer posição, porque nenhuma delas se apresenta no sentido próprio. Por acaso seria Cristo uma porta conforme vemos as que o marceneiro fabrica? Absolutamente não. E no entanto, ele

disse: “Eu sou a porta”. Ou seria ele pastor, como os pastores que vemos à frente dos rebanhos? Ele disse: “Eu sou o pastor”. Num mesmo lugar disse ambas as coisas. No evangelho ele disse que o pastor entra pela porta; e também: “Eu sou o bom pastor”, e ainda: “Eu sou a porta” (Jo 10,9.11). O pastor entra pela porta. Qual é o pastor que entra pela porta? “Eu sou o bom pastor”. E qual a porta por onde entras, bom pastor? “Eu sou a porta”. Então, és tudo? Sim, porque tudo foi feito por mim. Por exemplo, se Paulo entra pela porta, não é Cristo que entra pela porta? Por quê? Não digo que Paulo seja Cristo, mas que o Cristo está em Paulo e Paulo entra por Cristo. O próprio Apóstolo disse: “Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim”? (2Cor 13,3). Ao entrarem os santos e fiéis de Cristo pela porta, não é Cristo que entra pela porta? Como se prova isto? Quando Saulo, que ainda não era Paulo, perseguia os santos de Cristo, ele clamou do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Com efeito, ele próprio é o fundamento e a pedra angular, que surge de baixo; se é que é de baixo. Ora, a origem deste alicerce está no cume. Como o fundamento do edifício material acha-se em baixo, o fundamento espiritual do edifício encontra-se no ápice. Se estivéssemos a edificar para a terra, teríamos de colocar o fundamento bem profundo; mas uma vez que o edifício é celeste, nosso alicerce nos precedeu nos céus. Por conseguinte, ele que é a pedra angular, os apóstolos que são os montes, os grandes profetas, que suportam a cidade, constituem de certo modo um edifício vivo. Este edifício agora clama de vossos corações? A habilidosa mão de Deus faz com que, por intermédio de nossas palavras, vós vos adapteis ao volume do edifício. Não foi em vão que a arca de Noé foi construída de madeiras quadradas (cf Gn 6,14 sg, LXX). Ela, efetivamente, era figura da Igreja. Que é cortar em quadro? Observai uma pedra quadrada, para servir de comparação. O cristão lhe deve ser semelhante. Apesar das tentações, o cristão não cai; pode ser empurrado, quase revirado, mas não cai. Pois, uma pedra quadrada, pode ser virada para qualquer lado; ela fica firme. Os mártires pareciam cair, ao serem feridos; mas como se exprime certo cântico? “O justo ainda que caia não ficará prostrado, porque o Senhor o ampara com a mão” (Sl 36,24). Talhados em quadrado, estejais prontos para qualquer provação. Seja para qualquer lado que for que nos revirem, não nos derrubam. Encontre-te firme qualquer acontecimento. Erguer-te-ás nesta construção por piedoso afeto, religião sincera, fé, esperança e caridade. Edificar assim é caminhar. Nas cidades materiais, os edifícios são uma coisa e outra os habitantes. Aquela cidade, é edificada de cidadãos, os próprios cidadãos são as suas pedras, pedras vivas. Diz S. Pedro: “Também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual” (1Pd 2,5). Esta palavra nos foi dirigida. Portanto, acerca desta cidade; sigamo-la.

**4** “Seus alicerces estão sobre as montanhas santas. Ama o Senhor as portas de Sião”. Já vos preveni a fim de não imaginardes que alicerce é uma coisa e porta, outra. Por que motivo os apóstolos e profetas são os alicerces? Porque sua autoridade carrega nossa fraqueza. Por que razão são portas? Porque através deles entramos no reino de Deus. Eles nô-lo anunciam. E ao entrarmos através deles, entramos por Cristo, que é, de fato, a porta. Diz-se que Jerusalém tem doze portas, e uma só porta que é Cristo, porque Cristo se acha nas doze portas; e por isso o número dos apóstolos é doze (Jo 10,9; cf Ap

21,12). Esse número representa um grande mistério. “Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Se ali existem doze tronos, o décimo terceiro apóstolo, Paulo, não tem onde se sentar nem como julgar; e no entanto ele afirmou que há de julgar não apenas os homens, mas também os anjos. Que anjos, senão os apóstatas? “Não sabeis que julgaremos os anjos?” (1Cor 6,3). Mas, poderia responder a multidão: Por que te gabas de que hás de julgar? Onde te sentarás? O Senhor alude a doze tronos para os doze apóstolos. Um, Judas, caiu, no lugar dele foi colocado Matias (cf At 1,15-26); ficou completo o número de doze tronos. Em primeiro lugar, procura onde te sentares, e depois ameaça que hás de julgar. Vejamos o sentido dos doze tronos. É um sinal de universalidade. A Igreja se difundiria por todo o orbe da terra, de onde são chamados os que constituem este edifício, unido a Cristo. Por isso, de todas as partes vêm os que serão julgados; portanto, doze tronos: como de todas as partes se entra naquela cidade, fala-se em doze portas. Não somente, portanto, aqueles doze e o apóstolo Paulo, mas quantos haverão de julgar, por causa do significado de universalidade, referem-se àqueles doze tronos. De igual modo, todos os que entrarem relacionam-se com as doze portas. Com efeito, as partes do mundo são quatro: oriente, ocidente, norte e sul. Estas quatro partes assiduamente são nomeadas nas Escrituras. Em relação a elas estão os quatro ventos, conforme no evangelho diz o Senhor que dos quatro ventos há de reunir seus eleitos (cf Mc 13,27). A Igreja, portanto, se constitui dos que são chamados dos quatro ventos. Como são chamados? De todas as partes são chamados em nome da Trindade. Não se chama senão no batismo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Quatro vezes três produz doze.

1 Talvez Aurélio, bispo de Cartago.

**5** Batei, portanto, com afeto, a estas portas, e Cristo clame em vós: “Abri-me as portas da justiça” (Sl 117,19). Pois, isto se realizou primeiro na Cabeça; seguir-se-á no corpo. Vede o que disse o Apóstolo, porque nele Cristo padecia: “Completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo” (Cl 1,24). “Completo”, o quê? “O que falta”. De quê? “Das tribulações de Cristo”. Onde? “Na minha carne”. Por acaso faltou algo nas tribulações que sofreu a carne, que assumira o Verbo de Deus, nascido da virgem Maria? Pois, ele sofreu tudo o que devia padecer, voluntariamente, não necessariamente devido ao pecado. E parece que tudo. Crucificado, provou por fim o vinagre, e disse: “Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Que quer dizer: “Está consumado?” Nada falta à paixão. Realizou-se tudo o que foi profetizado a meu respeito. Parecia esperar que se cumprisse. Quem parte deste mundo como ele deixou o corpo? Quem pode agir assim? Ele dissera anteriormente: “Tenho o poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la. Ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente para retomá-la” (Jo 10,17.18). Entregou quando quis: retomou-a quando quis. Ninguém a tirou, nem estorquiu. Portanto, cumpriram-se todos os sofrimentos, em nossa Cabeça; restavam vir ainda padecimentos de Cristo em seu corpo. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros (cf 1Cor 12,27). Como o Apóstolo era contado entre esses membros, disse: “Completo, em minha carne, o que falta das tribulações de Cristo”.

Portanto, vamos para onde Cristo nos precedeu, e ainda é Cristo que se dirige para lá onde nos precedeu. Precedeu Cristo enquanto Cabeça, e segue-o o corpo. Cristo aqui na terra ainda labuta; era Cristo que aqui sofria da parte de Saulo, quando este ouviu-o falar: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4). Costuma a língua fazer o mesmo, quando reclama se o pé é pisado: Tu me pisas. Ninguém tocou a língua; ela grita de compaixão, e não por que é pisada. Cristo aqui na terra ainda sofre penúria, Cristo aqui é peregrino, Cristo aqui está doente, Cristo aqui é encerrado no cárcere. É injuriá-lo dizer que não é ele quem assim se exprimiu: "Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes. Então os justos responderão: Quando foi que te vimos sofrendo essas coisas e te servimos? E ele replicará: Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,35-40). Por conseguinte, sejamos edificados em Cristo sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Cristo é a pedra angular (cf Ef 2,20), porque "ama o Senhor as portas de Sião acima de todos os tabernáculos de Jacó". Até parece que Sião não se encontra entre os tabernáculos de Jacó. Onde se situava Sião se não entre o povo de Jacó? Pois Jacó era neto de Abraão, do qual se origina o povo judaico, que se denomina povo de Israel, porque o próprio Jacó foi apelidado Israel. V. Santidade conhece bem tudo isso (cf Gn 32,28). Mas, como se trata de certos tabernáculos temporais e fictícios, o salmista fala de determinada cidade, entendida em sentido espiritual, de que aquela cidade terrena era sombra e figura: "Ama o Senhor as portas de Sião acima de todos os tabernáculos de Jacó". Ama aquela cidade espiritual acima de todas as cidades simbólicas, com as quais se representava aquela cidade permanente, sempre celeste e em paz.

**6** 3.4 "Coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus". Quase já via aquela cidade de Jerusalém na terra. Pois, observai de que cidade fala e de qual são ditas coisas gloriosíssimas. Quanto à Jerusalém da terra, foi destruída. Invadida pelos inimigos, caiu e já não é o que era; a imagem cessou e passou a sombra. Como então: "Coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus?" Ouve qual a razão disso: "Lembrar-me-ei de Raab e recordar-me-ei de Babi-lônia, que me conhecem". Naquela cidade, fala Deus, lembrar-me-ei de Raab e recordar-me-ei de Babilônia. Raab não pertence ao povo judaico; Babilônia não pertence ao povo judaico. Por isso, continua o salmista: "Aí se encontram também os estrangeiros, Tiro, e o povo etíope. De direito, "coisas gloriosas são ditas de ti cidade de Deus". Ali não se encontra apenas o povo judaico, oriundo, segundo a carne, de Abraão; mas acham-se todos os povos, sendo nomeados alguns a fim de que se subentendam todos os povos. Diz o salmista: "Lembrar-me-ei de Raab", a meretriz que morava em Jericó e ali acolheu os mensageiros e os despediu por outro caminho. Ela teve confiança na promessa, temeu a Deus, e foi-lhe dito que pussese na janela um cordão escarlate (Js 2,6,25), isto é, tivesse na fronte o sinal do sangue de Cristo. Ela se salvou assim, e representava a igreja dos gentios. Ora, o Senhor disse aos fariseus soberbos: "Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas estão vos precedendo no reino dos céus" (Mt 21,31). Precedem, porque são violentos; impelem pela fé e todos

cedem à sua fé, sem poderem resistir, porque os violentos se apoderam do reino dos céus, pois encontra-se no evangelho: “O reino dos céus sofre violência, e violentos se apoderam dele” (Mt 11,12). Assim agiu o ladrão, mais forte na cruz do que nas estradas (cf Lc 23,40-43). “Lembrar-me-ei de Raab e Babilônia”. Babilônia é o nome de uma cidade deste mundo. Assim como existe uma cidade santa, Jerusalém, há uma cidade iníqua, Babilônia; todos os iníquos pertencem a Babilônia, como todos os santos a Jerusalém. Mas, também se passa de Babilônia para Jerusalém. De que modo, a não ser por intermédio daquele que justifica o ímpio? (cf Rm 4,5). A cidade dos homens piedosos é Jerusalém e a dos ímpios, Babilônia. Mas veio aquele que justifica o ímpio, porque disse ele: “Lembrar-me-ei” não somente “de Raab”, mas igualmente “de Babilônia”. De quais se lembrará ao recordar-se de Raab e Babilônia? “Dos que me conhecem”. Por este motivo, certa passagem da Escritura diz: “Desfere a tua ira sobre as nações que te não conhecem” (Sl 78,6). Se aqui pede: “Desfere a tua ira sobre as nações que te não conhecem”, suplica em outro salmo: “Estende a tua misericórdia aos que te conhecem” (Sl 35,11). E a fim de que saibais que Raab e Babilônia figuravam os gentios, ao salmista se diz mais ou menos isto: Por que dizes: “Lembrar-me-ei de Raab e Babilônia, que me conhecem?” Por que assim te exprimiste? Responde: “Os estrangeiros”, isto é, os que pertencem a Raab, a Babilônia, “e Tiro”. Até onde? Até os confins da terra. Pois, escolheu um povo que mora nos confins da terra: “E o povo etíope, aí se encontra”. Se, portanto, ali está Raab, alí estão os de Babilônia, porque ali se acham os estrangeiros, ali está Tiro, ali o povo etíope, com toda razão “coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus”.

**7** [5] Já notai um sacramento bem grande. Por meio dele, ali está Raab, por meio dele, Babilônia. Mas já não é Babilônia; deixa de ser Babilônia e começa a ser Jerusalém. A filha se opõe à mãe e passa a ser contada entre os membros daquela rainha, à qual foi dito: “Esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantará o rei” (Sl 44,11.21). Mas, de onde vem que Babilônia anele por Jerusalém? Como Raab alcançaria aqueles alicerces? Como o fariam os estrangeiros, Tiro, o povo etíope? Ouve, como: “Sião, minha mãe, dirá um homem”. Um determinado homem diz: “Sião, minha mãe”; e por meio dele aproximam-se todos esses. Mas quem é este homem? O salmo o diz, se o ouvirmos, se apreendermos: “Sião, minha mãe, dirá um homem”. O salmo prossegue, como se tu perguntasses por meio de quem vieram Raab, Babilônia, os estrangeiros, Tiro, os etíopes. Eis por intermédio de quem eles vieram: “Sião, minha mãe, dirá um homem; nasceu nela e o próprio Altíssimo a fundou”. Podia falar mais claramente, irmãos? Verdadeiramente “coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus”. Eis: “Sião, minha mãe, dirá um homem”. Que homem? “O que nela nasceu”. Nela nasceu, e ele mesmo a fundou. Como nasceu nela e ele mesmo a fundou? Para que nela se fizesse homem, já era fundada. Entende, se podes. De fato, “Sião, minha mãe, dirá”; mas é um “homem”, que “dirá: Sião, minha mãe”. Um homem “nela nasceu”; fundou-a, não um homem, mas o “Altíssimo”. Fundou a cidade em que nasceria, como criou a mãe, da qual nasceria. Que significa isto, irmãos? Que promessas, quanta esperança temos! Eis

que, por nossa causa, o Altíssimo fundou a cidade, e diz a esta cidade: "Minha mãe. Nasceu nela e o próprio Altíssimo a fundou".

**8** [6] Podia alguém dizer: Como conheceis isto? Todos nós cantamos essas palavras, e Cristo homem canta em todos. Homem por nossa causa, Deus muito antes de nós. Mas que importância tem que existisse antes de nós? Existia antes da terra e do céu, antes dos séculos. Este homem, portanto, por nossa causa nasceu nela, e o próprio Altíssimo a fundou. De onde sabemos estas coisas? "No livro dos povos escreverá o Senhor". Continua o salmo: "Sião, minha mãe, dirá um homem; nasceu nela e o próprio Altíssimo a fundou. No livro dos povos e dos príncipes escreverá o Senhor". Quais são esses príncipes? Os que nela nasceram. Os príncipes que nela nasceram, nela se fizeram príncipes. Mas, antes de se fazerem príncipes nela, Deus escolheu o que é vil e desprezado no mundo para confundir o que é forte (1Cor 1,27.28). Acaso o pescador era príncipe? Era príncipe o publicano? Certamente eram príncipes, porque nela nasceram. Quais são estes príncipes? Vieram príncipes de Babilônia, príncipes do mundo que acreditaram, e vieram a Roma, uma espécie de capital de Babilônia. Não foram procurar o templo do imperador, mas o túmulo do pescador. De onde vieram estes príncipes? Deus escolheu o que é fraco no mundo para confundir o que é forte, Deus escolheu o que é vil e o que não é para reduzir a nada o que é. Assim age aquele que levanta do pó o indigente e do estrume o pobre (cf Sl 112,7.8). Para que o levanta? Para colocá-lo com os príncipes, com os príncipes do seu povo. Coisa grandiosa, grande alegria, enorme regozijo. Depois, vieram a esta cidade também os oradores; mas só vieram depois que os pescadores os precederam. É um grande acontecimento. Onde se deu, senão naquela cidade de Deus, da qual foram ditas coisas gloriosas?

**9** [7] Por isso, depois de conferidas e produzidas todas as alegrias, como encerra o salmo? "Habitar em ti é como o conjunto de todas as alegrias". Conjunto de todas as alegrias é habitarem ali todos os que se alegram nesta cidade. Na peregrinação terrestre somos triturados. A única alegria será nossa morada. Perecerão os trabalhos e os gemidos; passarão as preces e a estas sucederão os louvores. Pois, o céu é a morada dos que se regozijam, e não haverá gemidos de quem ainda deseja, e sim a alegria da fruição. Estará presente Deus por quem agora suspiramos. "Seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (cf 1Jo 3,2). Nossa única ocupação será louvar a Deus e dele fruir. Que mais procuraremos? Basta-nos aquele por quem tudo foi feito. Seremos habitados e habitaremos. Tudo estará submisso a Deus, para que ele seja tudo em todos (cf 1Cor 15,28). "Felizes os que habitam em tua casa". Por que felizes? Teriam ouro, prata, numerosa família, muitos filhos? Por que felizes? "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). Felizes devido a esta única ocupação, este lazer. Somente ela, irmãos, desejaremos quando lá estivermos. Preparemo-nos para alegrar-nos junto de Deus, para louvar a Deus. As boas obras que lá nos conduzem, não existirão mais ali. Nós o explicamos ontem[1], o mais possível. Não existirão ali obras de misericórdia, pois não haverá miséria alguma. Não encontrás pobre,

não haverá nu, ninguém virá sedento a teu encontro, nenhum peregrino, nenhum doente para visitares, nenhum morto a ser sepultado, nem contenda a ser apaziguada. Que farás ali? Talvez as necessidades corporais nos obrigarão a plantar vinhas, a arar, negociar, viajar? Ali será completo o repouso, pois ali todas as obras impostas pela necessidade terminarão; extinta a necessidade, eliminam-se os trabalhos impostos por ela. Como será, então? A língua humana, na medida do possível, o declara, nos seguintes termos: "Habitar em ti é como o conjunto de todas as alegrias". Que quer dizer: "como?" Por que disse: "como?" Porque o regozijo será tal como na terra não se conhece. Vejo aqui muito regozijo, e muitos se alegram neste mundo, cada qual a seu modo. Mas, não há comparação com aquele regozijo, que será uma espécie de alegria. Pois, se disser: Alegria, logo ocorre a alguém um prazer qual o ocasionado pela bebida, os banquetes, a avareza, as honrarias mundanas. Os homens se orgulham e parecem loucos de alegria; "mas para os maus não há alegria" (Is 48,22, sg. LXX), diz o Senhor. Existe outra alegria, que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu (cf 1Cor 2,9). "Habitar em ti é como o conjunto de todas as alegrias". Preparemo-nos para outra espécie de alegria, porque aqui na terra encontramos algo semelhante, mas não idêntico. Não nos preparemos, pois, para fruir no céu de alegrias iguais às terrenas. Do contrário, nossa abstinência será avareza. Há homens, convidados a um lauto banquete, onde serão oferecidas muitas e caras iguarias; não almoçam. Se lhes perguntas por que não almoçam, respondem: Estamos jejuando. É uma coisa bem importante o jejum cristão. Mas, não elogies muito depressa. Pergunta qual o motivo do jejum. Trata-se de bom apetite, não de religião. Por que motivo jejuam? Para não encherem o estômago de alimentos comuns, e não poderem ingerir os apetitosos. Portanto, é questão de apetite o seu jejum. De fato, o jejum é importante: é uma luta contra o estômago e a garganta; às vezes luta em favor deles mesmos. Portanto, meus irmãos, se imaginais que tereis algo de semelhante na pátria à qual nos chama a trombeta celeste, e por causa disto vos privais de bens presentes, a fim de os receberdes lá com maior abundância, estais agindo como os que jejuam tendo em vista banquetear-se melhor e abstêm-se devido a maior incontinência. Não procedais desta maneira. Preparai-vos para algo de inefável. Purificai o coração de todas as afeições terrenas e mundanas. O que veremos nos fará felizes, e só isto nos bastará. Que será? Não comeremos? Ao contrário, nós comeremos. O nosso alimento nos há de refazer sem se consumir. "Habitar em ti é como o conjunto de todas as alegrias". Já foi dito como nos alegraremos: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos". Agora também louvemos o Senhor, quanto possível, no meio de gemidos, porque ao louvá-lo aumenta nosso anelo por ele, e ainda não o possuímos. Quando o alcançarmos, cessará todo gemido e permanecerá somente puro e eterno louvor. Voltando-nos para o Senhor, etc.

1 Cf Com. s. Sl 85, 24.

# SALMO 87

## COMENTÁRIO

1 [1] O título deste salmo octogésimo sétimo apresenta ao expositor novo problema. Nunca, nos outros salmos, colocou-se o que aqui se lê: "Em favor de melec. Cântico alternado". Pois, a respeito da expressão: Salmo de cân-tico ou cântico de salmo, em outro comentário (cf. Sl 87) já expusemos nosso parecer. Também: "Dos filhos de Coré" é um título corrente nos salmos e com freqüência o expliquei. Igualmente: "Para o fim. Mas o que segue: Em favor de melec. Cântico alternado" é um título inusitado. "Em favor de melec", pode-se traduzir ao vernáculo: para um coro. "Melec" é palavra hebraica que significa coro. Que será, então: para um coro alternado? Será um coro que responde em consonância com o cantor? Pode-se acreditar que não apenas este salmo, mas ainda outros salmos assim eram cantados, embora tenham títulos diferentes. Penso que isto se fazia para que a variedade evitasse o fastio. Pois, não é somente este salmo que merece resposta de um coro, porque não é o único escrito a respeito da paixão do Senhor. Se existe outra causa de grande variedade de títulos, pois se verifica que todos os salmos têm essa nota prévia, diversa para cada um deles, de tal sorte que o título de um não convém a nenhum outro, eu confesso, que apesar de muitos esforços, não consegui penetrar. E algumas explicações sobre o assunto, da parte dos que antes de nós os expuseram, não satisfizeram a minha expectativa ou a minha lentidão. Exporei, portanto, a minha opinião sobre esse mistério: Para o coro alternado, isto é, para que o coro responda ao cantor. Aqui se profetiza a paixão do Senhor. Com efeito, disse o apóstolo Pedro: "Cristo sofreu por nós, deixando-nos exemplo, a fim de que sigamos os seus passos" (1Pd 2,21). Isto é resposta. Declara também o apóstolo João: "Cristo deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos" (1Jo 3,16). Isto é responder. Coro, porém, significa concórdia, que consiste na caridade. Qualquer, portanto, enquanto imitador da paixão do Senhor, que entregar seu corpo às chamas, se não tiver caridade (cf 1Cor, 13,3), não responde em coro; e por isso nada lhe adiantaria. Por conseguinte, conforme se diz em música, na tradução latina de homens doutos, há um praecentor, cantor, que entoa e um succentor, segundo cantor, que responde. Praecentor, portanto, aquele que emite primeiro seu canto, e succentor que em seguida responde cantando. Assim também no cântico da paixão Cristo precede e o coro dos mártires o segue, até o fim, as coroas celestes. Este salmo é cantado para os "filhos de Coré", isto é, imitadores da paixão de Cristo, porque Cristo foi crucificado no Calvário (cf Mt 27,33), que na língua hebraica corresponde a Coré. E agora vem: "Instrução de Eman israelita", que está em último lugar no título. Aeman, na verdade, se traduz por: seu irmão. Cristo se dignou tornar irmãos aqueles que entendem que a cruz é um mistério e não só não se envergonham dela, mas se gloriam com fé, sem se exaltarem por seus próprios méritos, mas se mostram gratos à graça, de tal modo que se possa dizer de

cada um deles: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento” (Jo 1,47). Pois, a Escritura relembra que o próprio Israel não era doloso. Ouçamos agora a voz de Cristo, a entoar na profecia. Seu coro responda imitando-o, ou em ações de graças.

**2** [2.3] “Senhor Deus de minha salvação, de dia e de noite clamei diante de ti. Chegue a minha oração a tua presença. Inclina teus ouvidos às minhas preces”. O Senhor também rezou, não na condição divina, mas segundo a condição de servo; foi nesta última condição que ele padeceu. Rezou, alias, nos momentos alegres, designados sob o nome de dia; e na adversidade que, a meu ver, assinalou sob o nome de noite. A oração chega à presença de Deus quando é aceita; os ouvidos de Deus se inclinam quando ele escuta com misericórdia; pois Deus não é provido de membros como os nossos, corporais. Aparece aqui a costumeira repetição, pois: “Chegue a minha oração a tua presença” é idêntico a: “Inclina teus ouvidos às minhas preces”.

**3** [4] “Porque minha alma está repleta de males e minha vida aproximou-se do inferno”. Não ousamos afirmar que a alma de Cristo está repleta de males, quando a aflição da paixão atingiu seu corpo o mais possível? Daí provém que ele, inflamando os seus a suportarem os sofrimentos e de certo modo exortando o coro a responder-lhe, disse: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28). Acaso os perseguidores não podem matar a alma, podendo, contudo, enchê-la de males? Se assim é, investiguemos de que males. Na verdade, não pode ser de vícios, pelos quais a iniqüidade domina o homem, que a alma fica repleta. Talvez sejam de dores, porque a alma se compadece do corpo nos sofrimentos. Nem mesmo a chamada dor corporal pode existir onde não está a alma; a dor necessariamente é precedida da tristeza, que é dor apenas da alma. Por conseguinte, a alma pode se condoer mesmo que o corpo não sinta dor; mas é impossível que o corpo tenha dor quando inanimado. Por que, então, não dizer que a alma de Cristo esteve repleta não dos pecados humanos, mas de males humanos? Por isso, outro profeta declara que ele carregou as nossa dores (Is 53,4); e o evange-lista narra: “Levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se”. E o próprio Senhor disse-lhes acerca de si mesmo: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,37-38). O profeta, que compôs este salmo, prevendo esses eventos futuros, apresenta-o a dizer: “Porque minha alma está repleta de males e minha vida aproximou-se do inferno”. O Senhor explicou esta sentença, com palavras inteiramente outras: “A minha alma está triste até a morte”. Quanto a: “A minha alma está triste”, aqui se encontra: “Minha alma está repleta de males”; e a continuação: “até a morte” equivale a: “Minha vida aproximou-se do inferno”. O Senhor Jesus, não obrigado por necessidade, mas por voluntária compaixão assumiu este sentimento de fraqueza humana, como aceitara a própria carne na condição da humana fraqueza, para tomar em si seu corpo, que é a Igreja, isto é, seus membros, os santos e os fiéis. Dele dignou-se fazer-se a Cabeça. Se a algum deles acontecer contristar-se e condoer-se no meio das tentações humanas, julgando-se assim alheio à graça de Deus, aprenda que isso não constitui pecado, mas são indícios de fraqueza humana: como um coro que canta em harmonia com aquele que entoa, assim é o corpo em relação a sua Cabeça. Lemos e

ouvimos que um dos mais destacados membros deste corpo, o apóstolo Paulo, confessa que sua alma está repleta de tais males. Diz que tem uma grande tristeza e uma dor incessante em seu coração, em favor de seus irmãos segundo a carne, que são israelitas (cf Rm 9,2-4). Não julgo fora de propósito dizer que também o Senhor se contristou por causa deles, ao se aproximar a sua pa-xão, por ocasião da qual eles cometeriam enorme crime.

**4** [5.6] Finalmente, as palavras que ele proferiu na cruz: "Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem" (Lc 23,24), são referidas também em seguida neste salmo: "Sou contado entre os que vão descer à fossa". De fato, isso se faria por aqueles que não sabiam o que faziam, que pensavam que ele morreria como morrem os demais, sujeito a uma necessidade e por ela vencido. Chama de "fossa" à profundidade da miséria ou do inferno.

**5** "Sou como um homem sem amparo, livre entre os mortos". Nestas palavras aparece principalmente o Senhor. Pois, quem foi livre entre os mortos, senão o único que não tinha pecado, embora tivesse a semelhança da carne de pecado? (cf Rm 8,3). Por esta razão, o Senhor disse aos que estultamente se consideravam livres de pecado: "Quem comete pecado, é escravo do pecado". E como importava que libertasse dos pecados aquele que não cometera pecado, acrescentou: "Se, pois, o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres" (Jo 8,34.36). Este, portanto, era livre entre os mortos pois tinha a liberdade de dar a sua vida para retomá-la: ninguém a arrebatava, mas ele mesmo a dava livremente; poderia, quando quisesse, ressuscitar seu corpo, como um templo que tivesse sido demolido; estando para sofrer, quando todos o abandonaram, não ficou só, porque o Pai não o deixou, conforme ele mesmo atestou (Jo 10,18; 2,19; 8,29). Todavia, orou pelos inimigos, que não sabiam o que faziam e diziam: "A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Se é Filho de Deus, desça da cruz, e creremos nele. Deus o salve, se é que se interessa por ele" (Mt 27,40-43); tornou-se, isto é, foi considerado, "como um homem sem amparo. Como os feridos que jazem nos sepulcros". Mas acrescenta: "dos quais já não te lembras". Note-se a diferença que há entre Cristo Senhor e os demais mortos. Pois, também ele foi traspassado, e depois de morto, colocado no sepulcro (Mt 27,50.60). Mas aqueles que não sabiam o que faziam, ignorando, de fato, quem era ele, julgaram-no semelhante aos outros feridos e mortos, que jazem nos sepulcros, e dos quais Deus já não se lembra, isto é, para eles ainda não veio o tempo de ressuscitar. Por isso a Escritura costuma chamar os mortos de adormecidos, porque hão de despertar, isto é, ressuscitar. Mas este que foi ferido e dorme no sepulcro, despertou ao terceiro dia, e fez-se como o pássaro solitário no telhado (cf Sl 101,8), isto é, está à direita do Pai no céu. Ele já não morre e a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). Por este motivo, difere muito daqueles dos quais Deus ainda não se lembra para ressuscitá-los. Aquela ressurreição que convinha acontecer primeiro à Cabeça, e no final dos tempos é reservada ao corpo. Diz-se que Deus se lembra quando realiza; e esquece quando não faz; pois, nem cabe esquecimento em Deus, porque de modo algum ele muda, nem recordação, porque não se esquece. Por conseguinte, "sou" para aqueles que não sabiam

o que faziam, “como um homem sem amparo”, embora fosse “livre entre os mortos”. Tornei-me para aqueles que não sabiam o que faziam, “como os feridos que jazem nos sepulcros. E que foram repelidos de tua mão”; isto é, quando para eles tornei-me tudo isso, “foram repelidos de tua mão”. Foram privados do auxílio de tua mão, por me terem considerado sem amparo. Pois, conforme se acha em outro salmo, “cavaram diante de mim uma fossa. E aí caíram eles” (Sl 56,7). Esta passagem é mais inteligível do que a frase que aqui se encontra: “E foram repelidos de tua mão”, relativamente aos que jazem nos sepulcros, dos quais ainda não lembra, porque entre eles há justos, que embora deles ainda não se lembre para ressurgirem, foi dito a seu respeito: “A alma dos justos está nas mãos de Deus” (Sb 3,1), isto é, eles habitam sob a assistência do Altíssimo, e descansam sob a proteção do Deus do céu (cf Sl 90,1). Mas, foram repelidos da mão de Deus os que acreditaram que isto acontecia a Cristo Senhor, e colocando-o entre os iníquos, mataram-no.

**6** [7] “Puseram-me num fosso profundo”, ou antes, “no fosso mais profundo”, pois assim está no texto grego. Que significa fosso mais profundo, senão a mais negra miséria, que não tem outra mais abaixo? Daí se dizer em outra passagem: “Retirou-me da fossa da miséria” (Sl 39,3). “Nos lugares tenebrosos e na sombra da morte”. De fato, puseram-no, em seu modo de conceber, quando não sabiam o que faziam, e desconheciam aquele que nenhum dos príncipes deste mundo conheceu (cf 1Cor 2,8). Quanto à sombra da morte, não sei se aqui se deva entender a morte corporal, ou antes aquela referida na Escritura: “Uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte” (Is 9,2), porque acreditando na luz e na vida, foram retirados das trevas e da morte da impiedade. Aqueles que não sabiam o que faziam pensavam que o Senhor era contado entre estes, e por ignorância o computaram entre os que eram desta espécie e que ele socorreu para não serem mais assim.

**7** [8] “Sobre mim pesou a tua indignação”; ou conforme outros códices: “tua ira”, ou ainda outros: “Teu furor”. Os nossos traduziram de modos diversos a palavra grega: “thimòs”. Pois, onde o texto grego traz orgè nenhum tradutor hesitou em verter por ira; porém, quando vem thimòs muitos pensaram que devia ser ira, porque importantes autores de eloquência latina verteram para o latim com o nome de ira, quando se tratava de livros de filósofos gregos. Não precisamos nos estender muito sobre isto. Mas, se devemos empregar outro termo, prefiro falar em indignação do que em furor. Na verdade, o furor, conforme a índole da língua latina, não se aplica a mentes sadias. Que significa então: “Sobre mim pesou a tua indignação” senão o que pensaram aqueles que não conheceram o Senhor da glória? Sobre eles, de fato, assim aconteceu. A ira de Deus não só se levantou, mas também se confirmou, sobre aquele que eles puderam levar à morte, não, porém, uma morte qualquer, mas aquela que é considerada a mais execrável, isto é, a morte de cruz. Por isto diz o Apóstolo: “Cristo nos remiu da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” (Gl 3,13; Dt 21,23). Por esta razão, querendo recomendar sua obediência até a extrema humildade, disse: “Humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte”, e como se

fosse pouco, acrescentou: "e morte de cruz" (Fl 2,8). Por causa disso, a meu ver, também neste salmo vem em seguida o versículo: "E todos os teus vagalhões"; ou conforme outros traduziram: "todas as tuas ondas"; ou, segundo outros: "Todas as tuas vagas arremeteram contra mim". Encontra-se em outro salmo: "Todas as tuas ondas e vagas sobre mim passaram" (Sl 41,8). Ou conforme outros traduziram melhor: "atravessaram sobre mim". Pois, encontra-se no grego: dielton e não: eiselton. Onde se encontram ambos os termos: vagalhões e ondas, não puderam substituir vagalhões por ondas. Explicamos vaga-lhões como sendo ameaças, e ondas as próprias paixões[2]. Ambas provêm do juízo de Deus. Mas ali foi dito: "Todas sobre mim passaram" e aqui: "Todos arremeteram contra mim". No primeiro, embora certas coisas aconteceram, no entanto todos os males a que alude, "passaram sobre mim", diz o salmo; aqui, porém diz: "arremeteram contra mim". Passam, não atingindo como os vagalhões, ou tocando como as ondas. Após: "todos os vagalhões" não disse: passaram sobre mim, mas "arremeteram contra mim". Quer dizer que todas as ameaças se realizaram; ameaçavam, porém, enquanto estava iminente na profecia do futuro tudo o que foi predito acerca da sua paixão.

**8** 9.10 "De mim apartaste os meus conhecidos". Se tormarmos a expressão: "meus conhecidos" como relativa a todos que o Senhor conhecia, serão todos os homens; pois, a quem ele não conhecia? Mas, a expressão "conhecidos" refere-se aos que o conheciam, na medida que então era possível; certamente sabiam ao menos então que ele era inocente, embora o tivessem por homem apenas, e não por Deus. Aliás, poder-se-ia afirmar que "conhecidos" seriam os bons que aprovaria, enquanto desconhecidos seriam os maus que condenaria, uma vez que lhes dirá no fim do mundo: "Nunca vos conheci" (Mt 7,23). O acréscimo: "Tornei-me para eles objeto de horror", é aplicável ainda àqueles que o salmista chama de seus conhecidos, porque eles também tinham horror daquela espécie de morte; mas melhor se entende daqueles seus perseguidores, que foram mencionados acima. "Fui entregue, sem poder sair". Seria porque os discípulos achavam-se do lado de fora enquanto Cristo era julgado dentro do palácio? (cf Mt 26,56). Ou seria preferível tomar os termos: "sem poder sair" num sentido mais profundo, isto é, quem eu era, achava-se oculto no meu interior, eu não o mostrava, não divulgava, não revelava? Por isso, continua: "Consomem-se de miséria os meus olhos". Que olhos são estes? Se o salmo se refere aos olhos exteriores do corpo em que Cristo sofria, não lemos que na paixão eles se consumiram de miséria, isto é, tenham ficado amortecidos, como costuma acontecer, por causa da fome. Na verdade, ele foi traído depois da ceia e foi crucificado no mesmo dia. Se, porém se trata dos olhos interiores, como se teriam enfraquecido pela miséria, se havia para eles a luz indefectível? Mas, ele denomina especialmente seus olhos os membros do corpo, do qual ele é a Cabeça, que ele amava como sendo os mais ilustres, mais eminentes e principais. O Apóstolo, ao aludir a este corpo, compara-o ao nosso e diz: "Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. Não

pode o olho dizer à mão: Não preciso de ti. E se a mão disser: Olho eu não sou, logo não pertenço ao corpo, nem por isso deixará de fazer parte do corpo". Expressou mais claramente o sentido destas palavras da maneira seguinte: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros" (1Cor 12,12-27). Por isso, também os olhos, isto é, os santos apóstolos, aos quais nem a carne, nem o sangue, mas o Pai que está nos céus revelara, de sorte que Pedro afirmou: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16,16.17), vendo-o entregue e sujeito a tantos males, "consumiram-se de miséria", pois lhes fora arrebatado o alimento, a luz. Assim sucedeu por não o verem conforme desejavam, porque ele estava sem poder sair, isto é, não se revelava com força e poder, mas tudo ocultava interiormente, suportando os padecimentos qual vencido, sem recursos para resistir.

2 Cf Com. s. Sl 41, nº 15.

**9** "Clamei por ti, Senhor". De fato, assim agiu às claras, estando pendente do madeiro. Mas, não seria fora de propósito perguntar qual o sentido do que segue: "Todo o dia estendi minhas mãos a ti". Se relacionarmos a expressão: "estendi minhas mãos" ao patíbulo da cruz, como ex-plicar: "todo o dia?" Terá ficado na cruz o dia inteiro, inclusive a noite? Se, ao invés designa o salmista nesta passagem por dia o que habitualmente tem este nome, deixando de fora a noite, já passara a primeira parte, e não pequena, do dia em que Cristo foi crucificado. Se, de outro lado, tomarmos a palavra dia como sinônimo de tempo, a questão se torna mais intrincada, principalmente porque este nome vem no feminino, que em latim equivale a tempo; em grego é diferente, pois dia em grego é sempre do gênero feminino e por causa disso os nossos, a meu ver, o verteram deste modo. Como, então, seria em todos os tempos, se Cristo nem ao menos esteve um dia inteiro com as mãos estendidas na cruz? Todavia, se dissermos que o todo aí substitui a parte, uma vez que também a Sagrada Escritura costuma usar este modo de falar, não me ocorre exemplo de que o todo é tomado pela parte quando a própria palavra: todo é enunciada. É verdade que o Senhor disse no evangelho: "Assim ficará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12,40); mas aí o todo não substitui impropriamente à parte, porque ele não disse: Três dias inteiros e três noites inteiras. Na verdade, o dia intermediário foi inteiro e os outros dois se reduzem a partes: a última parte do primeiro, e a primeira parte do último. Se, porém, o salmo nesta profecia não designa a cruz, mas a oração que o Senhor, na condição de servo, apresentou a Deus Pai, conforme atesta o evangelho, lembramo-nos de que ele muito antes da paixão, próximo da paixão e na própria cruz rezou; contudo, nunca lemos que o fizesse o dia todo. Por conseguinte, podemos entender de maneira adequada que as mãos estendidas todo o dia representam a continuação das boas obras, que ele nunca interrompeu devido a sua intenção.

**10** [11] Mas, uma vez que suas boas obras foram úteis somente aos predestinados à salvação eterna e não a todos os homens, nem mesmo àqueles entre os quais foram praticadas, o salmo acrescenta: "Talvez farás maravilhas para os mortos?" Se pensarmos que a palavra se refere aos corpos exânimes, grandes maravilhas foram feitas para os

mortos, porque alguns dentre eles ressuscitaram. E ao penetrar o Senhor na região dos mortos e de lá sair vencedor em favor deles, grande maravilha foi realizada. Portanto, esta palavra: "Talvez farás maravilhas para os mortos" é relativa a homens de tal modo espiritualmente mortos que tamanhas maravilhas operadas por Cristo não induziram à vida da fé. O salmista não declara que as maravilhas não são para eles porque não as vêem, mas porque não lhe são proveitosas. Pois, conforme disse aqui: "Todo o dia estendi minhas mãos a ti", porque refere suas obras apenas à vontade do Pai, freqüentemente atestando que veio para cumprir a vontade do Pai, assim também como o povo infiel também viu as mesmas obras, outro profeta declara: "Todos os dias estendi as mãos a um povo rebelde e incrédulo" (cf Jo 6,38; Is 65,2). São mortos aqueles para os quais não foram feitas as maravilhas; eles as viram, mas por meio delas não reviveram. Quanto ao versículo seguinte: "Ou os médicos os ressuscitarão e confessar-te-ão?" isto é, os médicos não ressuscitarão os homens para que estes confessem a Deus. Em hebraico afirma-se que não se acha o mesmo, mas emprega-se a palavra: gigantes em vez de: médicos. Com efeito, os Setenta tradutores, cuja autoridade é tão grande que se crê com razão, devido à admirável concordância da tradução, que verteram por obra do Espírito Santo, quiseram indicar como nesta passagem se poderia tomar a palavra gigantes, baseados na semelhança de som em hebraico dos termos gigantes e médicos, que soam quase de modo igual, e se distinguem só por diferença muito pequena; não o fizeram por engano, mas por conveniência. Se, pois, insinuam eles sob o nome de gigantes os soberbos, aos quais alude o Apóstolo nestes termos: "Onde está o sábio? Onde o homem culto? Onde está o argumentador deste século?" (1Cor 1,20), não foi inadequado chamá-los de médicos, como se eles prometessem através de seus conhecimentos científicos a salvação das almas; contra eles se diz: "Do Senhor vem a salvação" (Sl 3,9). Se, ao invés, tomarmos a palavra gigantes no bom sentido, uma vez que foi dito do próprio Senhor: "Deu saltos de gigante a percorrer seu caminho" (Sl 18,6), ele seria o gigante dos gigantes, a saber, dos grandes e fortíssimos, que se distinguem em sua Igreja por vigor espiritual, da mesma forma que ele é o monte dos montes, porque a seu respeito foi escrito: "Dias virão em que o monte do Senhor será estabelecido no mais alto das montanhas" (Is 2,2); igualmente é denominado santo dos santos. Por tudo isso não é absurdo que os próprios grandes e fortes recebam o nome de médicos. Daí provém a afirmação do apóstolo Paulo: "Na esperança de provocar o ciúme dos da minha raça e de salvar alguns deles" (Rm 11,14). Contudo, mesmo estes médicos, apesar de não curarem por si memos, o que nem os médicos dos corpos fazem, por mais que contribuam para a salvação dos outros através de um ministério fielmente desempenhado, podem curar vivos, mas não ressuscitar mortos. Sobre estes últimos diz o salmo: "Talvez farás maravilhas para os mortos?" A graça de Deus é oculta em extremo. Por meio dela as mentes humanas de certa maneira revivem, de sorte que podem ouvir os preceitos salutares dos ministros de Deus. O evangelho relembra esta graça, ao dizer: "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair"; e um pouco adiante repete isso mesmo: "As palavras que vos disse são espírito e vida. Alguns de vós, porém, não crêem". Em seguida, intercala o evangelista: "Jesus sabia, com efeito,

desde o princípio, quais os que haveriam de crer, e quem era aquele que o entregaria". Em seguida, acrescenta as próprias palavras do Senhor: "E dizia: Por isso vos afirmei que ninguém pode vir a mim, se isto não lhe for concedido pelo Paï". Mais acima dissera: "Alguns de vós, porém, não crêem", e expondo de certa forma a causa deste fato, disse: "Por isso vos afirmei que ninguém pode vir a mim, se isto não lhe for concedido pelo Paï" (Jo 6,44.64.65.66), para mostrar que a própria fé que faz crer e reviver a alma, morta espiritualmente, é um dom de Deus. Por mais excelentes pregadores da palavra que forem, e persuadirem à verdade através de milagres, quais médicos bem capazes, assim ajam entre os homens: se estão mortos e não revi-veram pela graça, "talvez farás maravilhas para os mortos? ou de médicos ressuscitados?" E os que eles ressuscitarão "confessar-te-ão"? Pois, este louvor indica que são vivos e não estão na condição daqueles citados em outra passagem: "Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou" (Eclo 17,28).

**11** [12] "No sepulcro narrará alguém a tua misericórdia e a tua verdade na perdição?" Subentende-se o que foi dito antes, de sorte que este versículo também se formularia assim: Acaso narrará alguém a tua verdade na perdição? A Escritura gosta de unir a verdade e a misericórdia, principalmente nos salmos. Quanto a: "na perdição" é repetição por outra palavra do acima referido: "no sepulcro". Sob a expressão: "no sepulcro" designam-se os que estão no sepulcro, supra representados pelo nome de mortos: "Talvez farás maravilhas para os mortos?" Para a alma morta o corpo é um sepulcro. Daí vem que o Senhor no evangelho afirma desses tais: "Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda imundície. Assim também vós; por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade" (Mt 23,27.28).

**12** [13] "Nas trevas se revelarão tuas maravilhas e a tua justiça na terra do esquecimento? Nas trevas" é idêntico a: "na terra do esquecimento". Os infiéis estão assinalados pelo nome de trevas; conforme diz o Apóstolo: "Outrora éreis treva" (Ef 5,8). Assim terra do esquecimento refere-se ao homem que se esqueceu de Deus; pois, a alma infiel pode cair em tamanhas trevas que diga estultamente em seu coração: "Deus não existe" (Sl 13,1). O sentido completo do salmo tem esta seqüência e contexto: "Clamei por ti, Senhor", no meio de meus sofrimentos; "todo o dia estendi minhas mãos a ti", isto é, não desisti de te glorificar, aumentando minhas obras. Por que razão, então, os ímpios se enfurecem contra mim, senão porque não farás maravilhas para os mortos? isto é, aqueles em que tua graça oculta não atua, atraindo-os para que creiam, não são levados à fé, nem os médicos os ressuscitarão; porque ninguém vem a mim, senão aquele a quem tu atrais (cf Jo 6,44). Pois, "no sepulcro narrará alguém a tua misericórdia", isto é, a alma morta, cuja morte espiritual está subjacente no corpo? "E a tua verdade na perdição", isto é, em tal morte em que se torna incapaz de crer e sentir tais realidade? Pois, "nas trevas" desta morte, isto é, no homem que perdeu a luz da vida por ter-se esquecido de ti, "se revelarão tuas maravilhas e a tua justiça?"

**13** [14] Ocorre-nos, porém, a pergunta: Que utilidade se encontra nestes mortos, que faz Deus com eles para a utilidade do corpo de Cristo, que é a Igreja? Existem a fim de que neles se demonstre qual a graça de Deus nos predestinados, chamados segundo o desígnio de Deus. Daí vem que o próprio corpo diz em outro salmo: "Meu Deus! A tua misericórdia antecipa-se a mim. Deus, revelou-me a mim mesmo, no proceder de meus inimigos" (Sl 58,11.12). Por isso, aqui continua: "Mas eu, Senhor, clamei por ti". Nestas palavras já se percebe Cristo Senhor a falar em lugar de seu corpo, isto é, da Igreja. Que significa: "Mas eu", senão que fomos também nós outrora filhos da ira por natureza, como os demais? (cf Ef 2,3). Mas, "clamei por ti", para me salvar. Pois, o que me distingue dos filhos da ira, quando ouço o Apóstolo a censurar terrivelmente os ingratos, nesses termos: "Pois, quem é que te distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido"? (1Cor 4,7). "Do Senhor vem a salvação" (Sl 3,9). Não se salvará o gigante pela extraordinária força (Sl 32,16), mas como está escrito: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Mas, como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados? Conforme está escrito: Quão maravilhosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam boas notícias!" (Rm 10,13-15; Jl 2,32; Is 52,7). São médicos que curam o homem ferido por ladrões, mas é o Senhor que o leva à hospedaria (cf Lc 10,34). Eles também trabalham no campo do Senhor; contudo, aquele que planta, nada é, aquele que rega, nada é, mas tão-somente Deus, que dá o crescimento (cf 1Cor 3,7). Por isso também eu clamei pelo Senhor; isto é, invoquei o Senhor a fim de me salvar. Como, porém, invocaria, se não acreditasse? Como acreditaria, se não ouvisse? Mas para que acreditasse o que ouvira, ele mesmo me atraiu. Ocultamente, ressuscitou-me da morte do coração não um médico qualquer, mas ele próprio. Pois, muitos ouviram, visto que seu som repercutiu por toda a terra e até os confins do orbe as suas palavras (cf Sl 18,5); mas nem todos têm fé e o Senhor conhece os que lhe pertencem (cf 2Ts 3,2; 2Tm 2,19). Em conseqüência, nem teria podido crer, se Deus não se antecipasse com sua misericórdia, e se ocultamente chamando-me e ressuscitando-me, não me tirasse das trevas e me conduzisse à luz da fé, porque ele ressuscita os mortos e chama o que não é, como o que é (1Cor 1,28). Por isso, prossegue o salmo: "E a minha prece desde a manhã subirá a teu encontro". Já veio a manhã, após terem passado a noite da infidelidade e as trevas. Tua misericórdia veio a meu encontro a fim de que chegasse para mim a manhã. Mas como ainda falta aquela glorificação, quando o Senhor porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações, e então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido (cf 1Cor 4,5), agora, nesta vida, nesta peregrinação, nesta luz da fé, que em comparação com as trevas dos infiéis já é dia, mas ainda é noite em comparação com o dia em que veremos a Deus face a face, ainda "a minha prece subirá a teu encontro".

**14** [15] Tenho em vista que esta oração seja praticada com fervor, e isto, a meu ver, não é possível explicar por palavras, a saber, quanto ela nos é proveitosa, é adiada a concessão

do bem que nos será dado eternamente, e se intensificam os males passageiros. Por isso, continua o salmo: “Por que, Senhor, repeles a minha oração?” Em outras palavras: “Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste? (Sl 21,2). Propõe a causa a conhecer, mas não culpa a sabedoria de Deus de ter agido sem motivo; assim também aqui: “Por que, Senhor, repeles a minha oração?” Se examinarmos atentamente, a causa foi indicada mais acima. Parece que a oração dos santos é repelida, devido à prorrogação de tão grande benefício e à adversidade das tribulações, a fim de que se sopre sobre a chama, e esta se inflame com maior ardor.

**15** 15.19 O salmo toca também rapidamente nas tribulações do corpo de Cristo. Não sobrevieram apenas à Cabeça, conforme foi dito a Saulo: “Por que me persegues”? (At 9,4). O próprio Paulo, membro escolhido do mesmo corpo também diz: “Completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo” (Cl 1,24). Por conseguinte, “por que, Senhor, repeles a minha oração e ocultas de mim o teu rosto? Sou pobre e em labuta desde a juventude. Depois de exaltado fui humilhado e confundido. Sobre mim passaram tuas iras e teus terrores me perturbaram. Cercaram-me como águas todos os dias, cercaram-me simultaneamente. Apartaste de mim o amigo e os meus conhecidos por causa de minha miséria”. Tudo isto aconteceu e acontece aos membros do corpo de Cristo. Deus aparta seu rosto dos que oram, não atendendo seus pedidos, quando suplicam o que não sabem que não lhes convém. E a Igreja é pobre, ao ter fome e sede em sua peregrinação, devendo ser saciada na pátria. Acha-se em labuta desde a sua juventude; pois o próprio corpo de Cristo reza em outro salmo: “Muito me atacaram desde a minha juventude” (Sl 128,1). Alguns de seus membros são exaltados mesmo neste mundo, a fim de que a humildade neles seja maior. E passam sobre o próprio corpo, isto é, sobre a unidade dos santos e fiéis, que têm Cristo por Cabeça, as iras de Deus; mas não permanecem, porque foi dito a respeito dos infiéis, não dos fiéis: “A ira de Deus permanece sobre ele” (Jo 3,36). E os terrores de Deus perturbam a fraqueza dos fiéis, pois é prudente recear tudo o que pode suceder, ainda que não suceda. Por vezes, o terror perturba a alma que reflete nos males iminentes, que parecem cercar de todos os lados como água e simultaneamente rodear aquele que teme. E como não faltam esses males à Igreja peregrina neste mundo, enquanto ora atinge a estes, ora àqueles de seus membros, disse: “todos os dias”, aludindo à continuação do tempo, até que terminem os séculos. Muitas vezes, os amigos e conhecidos, devido a perigos neste mundo, por medo abandonam os santos; acerca destes se exprime o Apóstolo do modo seguinte: “Todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado” (2Tm 4,16). Mas qual a razão disso tudo, senão a fim de que a oração deste santo corpo, de manhã, isto é, depois da noite da infidelidade, alcance a Deus à luz da fé, até que venha aquela salvação, que nos vem em socorro ainda não na plena realidade, mas na esperança e que aguardamos fielmente com paciência? (cf Rm 8,24. 25). Então o Senhor não repelirá nossa oração, porque nada restará a pedir, mas será obtido tudo o que tivermos pedido retamente. Nem apartará de nós a sua face, porque o veremos tal como ele é (cf 1Jo 3,2). Não seremos pobres, porque nossa riqueza será o próprio Deus, tudo em todos (cf

1Cor 15,28). Nem nos afligiremos, porque não permanecerá fraqueza alguma; nem após a exaltação, seremos humilhados e perturbados, porque não haverá mais adversidade. Também não suportaremos a ira de Deus, nem mesmo transitória, porque estaremos de posse de sua duradoura benignidade; nem os terrores do Senhor nos perturbarão, porque estaremos felizes com o cumprimento de suas promessas; nem se apartará de nós, atemorizado, o conhecido e o amigo, pois ali não haverá inimigo algum a temer.

# SALMO 88

## I SERMÃO

**1** Acolhei bem este salmo, do qual nos propusemos falar a V. Caridade, e que trata da esperança que temos em Cristo Jesus nosso Senhor. Tende ânimo, porque aquele que prometeu, tendo realizado muitas de suas promessas, há de cumprir igualmente as restantes. Inculte-nos confiança, não os nossos merecimentos, mas a sua misericórdia. Ele próprio é, a meu ver, a "Instrução de Etan israelita"[1], que intitula este salmo. Verificarás, pois, quem foi que teve o nome de Etan. Este nome traduz-se por Robusto. E ninguém neste mundo é robusto, a não ser apoiado na esperança das promessas de Deus. No que toca a nossos merecimentos, somos fracos; quanto a sua misericórdia, somos robustos. Portanto, este fraco em si mesmo, e robusto pela misericórdia de Deus, assim começa:

**2** [2] "Eternamente cantarei as tuas misericórdias, Senhor. De geração em geração anunciarei por minha boca a tua verdade". Obedeçam meus membros a meu Senhor; falarei, mas do que é teu; "anunciarei por minha boca a tua ver-dade". Se não obedeço, não sou servo; se falo de mim mesmo, sou mentiroso. Em conseqüência, falarei o que vem de ti, e falarei eu mesmo. Duas realidades: uma tua, outra minha; tua verdade, minha boca. Ouçamos qual a verdade que o salmo anunciará, quais as misericórdias que cantará.

**3** [3] "Porque disseste: A misericórdia será edificada para sempre". É isto que canto; tal é tua verdade e minha boca se emprega em anunciá-la. "Porque disseste: A misericór-dia será edificada para sempre". Dizes: Edifico para não destruir, pois destróis a alguns para não edificar, enquanto a outros destróis para edificar. Se alguns não fossem destruídos para serem edificados, não se diria a Jeremias: "Vê! Eu te constituo para destruir e para construir" (cf Jr 1,10). Com efeito, todos os que adoravam a ídolos e serviam a pedras, não eram edificados em Cristo, se não fossem primeiro destruídos, quando estavam no antigo erro. De outro lado, se alguns não fossem destruídos para serem edificados, não se diria: "Tu os destruirás e não os restabelecerás" (Sl 27,5). Tendo em vista aqueles, pois, que são destruídos para serem edificados, a fim de que não pensassem ser apenas temporal a construção em que entram, como foi temporal a ruína que sofreram, prende-se o salmista, cuja boca serve a verdade de Deus, a própria verdade de Deus. Por isso anunciarei, por isso falo: "Porque disseste". Sou homem, mas falo com segurança, porque tu, ó Deus, disseste. Embora hesitasse em minha palavra, serei confirmado pela tua. "Porque disseste". Que disseste? "A misericórdia será edificada para sempre. Nos céus estabeleceste a tua verdade". A continuação é igual ao que foi dito mais acima. "As tuas misericórdias, Senhor", diz o salmista, "cantarei eternamente. De geração em geração anunciarei por minha boca a tua verdade". Falou em misericórdia, falou em

verdade. Novamente põe em conexão as duas: "Porque disseste: A misericórdia será edificada para sempre. Nos céus estabeleceste a tua verdade". Aqui o salmista repetiu misericórdia e verdade. "Pois, todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade" (Sl 24,10). Não apareceria a verdade no cumprimento das promessas, se não precedesse a misericórdia no perdão dos pecados. Em seguida, como ao povo de Israel, mesmo segundo a carne, proveniente da raça de Abraão, profeticamente foram feitas muitas promessas, e assim se propagou o povo em que se cumpririam as promessas de Deus, contudo Deus não exauriu a fonte de sua bondade relativamente aos povos estrangeiros, que deixara sob o governo dos anjos, reservando para si o povo de Israel. Entre esses dois povos o Apóstolo distintamente distribui a misericórdia e a verdade do Senhor. Pois assim se exprime: "Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a verdade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais" (Rm 15,8). Eis que Deus não os enganou; ele não repeliu seu povo, que conheceu de antemão. De fato, ao se tratar da queda dos judeus, a fim de que não se julgasse que eles foram reprovados de tal modo que nada do trigo naquela ventilação restasse para ser colocado nos celeiros, disse o Apóstolo: "Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera. Pois eu também sou israelita" (Rm 11,2.1). Se o povo todo era espinho, como vos falo de grão? Portanto, fora cumprida a verdade de Deus naqueles dentre os israelitas que acreditaram, e veio uma das paredes, a da circuncisão, apoiar-se na pedra angular (cf Ef 2,20). Mas aquela pedra não fecharia o ângulo se outra parede, a dos gentios, não fosse recebida. Portanto, a primeira parede refere-se propriamente à verdade, e a segunda à misericórdia. "Pois eu vos asseguro que Jesus Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a verdade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais; ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a misericórdia" (Rm 15,8.9). Com razão, "no céu estabelecerás a tua verdade". Efetivamente, todos aqueles israelitas que foram chamados apóstolos, se tornaram céus que narram a glória de Deus. Destes céus foi dito: "Narram os céus a glória de Deus e proclama o firmamento a obra de suas mãos". E a fim de que se saiba que se refere a estes céus, é certo que trata deles mais claramente no versículo: "Não são linguagens, nem são discursos, sons imperceptíveis". À pergunta de quem são esses sons, encontra-se apenas por resposta que eles vêm dos céus. Se, portanto, trata-se dos apóstolos, cuja voz se ouve nas línguas de todos, também é relativo a eles o versículo: "Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,2.4.5). Não obstante terem sido enunciadas estas palavras antes que a Igreja enchesse o orbe da terra, suas palavras chegaram até os confins da terra. É exato interpretar que neles se realizou o que agora lemos: "Nos céus estabelecerás a tua verdade".

**4** [4] "Concluí uma aliança com os meus eleitos. Porque disseste" (subtende-se) tudo isso: "Concluí uma aliança com os meus eleitos". Que aliança, testamento, senão o novo? Que testamento senão o que nos renova para obtermos nova herança? Que testamento, a não ser o que nos leva a cantar o cântico novo, devido ao amor e desejo da herança que nos traz? "Concluí uma aliança com os meus eleitos. Jurei a Davi, meu servo". Quem comprende a certeza com que fala aquele cuja boca serve a verdade? Porque disseste,

também falo com toda certeza. Se me sinto seguro porque tu disseste, quanto não será maior a certeza se juraste? Juramento de Deus é a confirmação da promessa. É bom proibir ao homem jurar (cf Mt 5,34) pelo perigo proveniente de cair no perjúrio, levado pelo hábito de jurar, uma vez que o homem pode se enganar. Somente Deus pode jurar com segurança, porque não pode se enganar.

**5** [5] Vejamos, então, o que Deus jurou. “Jurei a Davi, meu servo: Para sempre conservarei a tua linhagem”. Qual a linhagem de Davi, a não ser a descendência de Abraão? Qual a descendência de Abraão? “E à tua descendência, que é Cristo” (Gl 3,16). Mas, talvez aquele Cristo, Cabeça da Igreja, salvador do corpo” (cf Ef 5,23), é da descendência de Abraão e por conseguinte, de Davi, enquanto nós não somos da descendência de Abraão? Ao contrário, somos, conforme afirma o Apóstolo: “E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3,29). Entendamos, irmãos, o presente versículo: “Para sempre conservarei a tua linhagem”, não somente como relativo à carne de Cristo, nascida da virgem Maria, mas também a nós todos, que acreditamos em Cristo; somos membros daquela Cabeça. É impossível degolar este corpo. Se a Cabeça perdura eternamente, eternamente os membros são glorificados, de tal sorte que Cristo permanece íntegro eternamente. “Para sempre conservarei a tua linhagem. De geração em geração firmarei o teu trono”. Temos a opinião de que “para sempre” é sinônimo de: “de geração em geração”. Mais acima, dissera o salmista: “De geração em geração anunciarei por minha boca a tua verdade”. Que significa: “De geração em geração?” Em todas as gerações. Não era preciso repetir a palavra cada vez que uma geração vem e passa. Portanto, a multiplicação das gerações é assinalada pela repetição, que também a relembra. Ou acaso divíamos entender duas gerações, como já sabeis, como vos recordais que foi insinuado a V. Caridade? Pois, existe agora a geração da carne e do sangue: e haverá a geração futura por ocasião da ressurreição dos mortos. Cristo agora é anunciado, e será anunciado então; mas agora é anunciado para que se creia nele, enquanto então será anunciado para ser visto. “De geração em geração firmarei o teu trono”. Agora Cristo em nós tem o seu trono; este foi estabelecido em nós. Se não firmasse em nós o seu trono, não nos governaria. Se por ele não formos governados, por nós mesmos nos lançaremos num precipício. Tenha seu trono em nós, reine em nós. Terá também seu trono em outra geração, a que vem da ressurreição dos mortos. Cristo reinará eternamente em seus santos. Deus o prometeu, o disse. Se ainda é pouco dizer isto, foi Deus quem o jurou. A promessa é firme, não segundo nossos merecimentos, mas segundo sua misericórdia. Ninguém deve anunciar com hesitações, quando não há possibilidade de dúvida. Surja, portanto, em nossos corações aquela força, de onde provém o nome de Etan. Fortes de coração. Preguemos a verdade de Deus, a palavra de Deus, as promessas de Deus, o juramento de Deus; desta forma, robustecidos de todos os lados, e sendo portadores de Deus, sejamos outros céus.

**6** [6] “Celebrarão os céus as tuas maravilhas, Senhor”. Os céus não celebrarão seus próprios méritos, mas “celebrarão os céus as tuas maravilhas, Senhor”. Quando se exerce a misericórdia para com os homens perdidos, e são justificados os ímpios, que

louvamos senão as maravilhas de Deus? Louvas porque alguns mortos ressuscitaram; deves louvar mais ainda porque foram remidos os que estavam perdidos. Que graça, que misericórdia de Deus! Conheces um homem, ontem preso na voragem da embriaguez e hoje ornado de sobriedade; vês um homem ontem no lodo da luxúria, hoje com a beleza da temperança; vês um homem, ontem blasfemador de Deus, hoje a louvá-lo; vês um homem, ontem escravo de uma criatura, hoje adorador do Criador. De todos estes estados desesperadores, convertem-se homens. Não considerem os próprios méritos; tornem-se céus, confessem os céus as maravilhas daquele que fez os céus. "Quando contemplo os céus, lavor de teus dedos" (Sl 8,4). "Celebrarão os céus as tuas maravilhas, Senhor". A fim de tomares conhecimento de que os céus celebrarão, vê onde celebrarão. Pois, continua o salmo: "E na assembléia dos santos a tua verdade". Quanto aos céus não há dúvida, porque representam os pregadores da palavra da verdade. E onde celebrarão os céus as tuas maravilhas e a tua verdade? "Na assembléia dos santos". A Igreja apanhe o orvalho dos céus; os céus derramem a chuva sobre a terra sedenta, e esta recebendo a chuva fará germinar as boas sementes, as boas obras, a fim de que a chuva boa não faça brotar espinhos, e em vez de ir para o celeiro estes sejam lançados no fogo. "Celebrarão os céus as tuas maravilhas, Senhor, e na assembléia dos santos a tua verdade". Conseqüentemente, os céus celebrarão as tuas maravilhas e a tua verdade. Tudo o que anunciam os céus provém de ti, deriva de ti, e por isso anunciam com toda segurança. Estão cientes de quem é aquele que anunciam, e não podem se corar dele.

**7** [7] Que celebram os céus? Que confessa a Igreja dos santos? "Pois quem nas nuvens se igualará ao Senhor?" Isto é que confessam os céus, como fazem chover? O quê? "Quem nas nuvens se igualará ao Senhor?" Daí se origina a segurança dos pregadores, porque ninguém nas nuvens se iguala ao Senhor. Pode parecer-vos, irmãos, grande louvor dizer que nas nuvens não há quem se iguale ao Criador. Se entendermos isso segundo a letra, abstraindo do mistério, não constitui grande louvor não haver quem se iguale ao Senhor, nas nuvens. E então? As estrelas que se situam além das nuvens se igualam ao Senhor? Como? O sol, a lua, os anjos, os céus, podem ao menos eles ser comparados ao Senhor? Que importância tem a declaração: "Quem nas nuvens se igualará ao Senhor?" Opinamos, irmãos, que estas nuvens, assim como os céus, são os pregadores da verdade: profetas, apóstolos, pregadores da palavra de Deus. Pois, todas essas espécies de pregadores são chamadas nuvens, na profecia em que Deus, irado contra sua vinha, disse: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela". O profeta explica que vinha é esta e claramente a designa nestes termos: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel" (Is 5,6.7). No intuito de que não entendas incorretamente, e olhes para a terra em vez de perscrutar os homens aqui representados, disse o profeta: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel". Não se interprete de outra maneira, mas se entenda que minha vinha é a casa de Israel. Compreendia-se que não deu uvas, mas espinhos; que se demonstrou ingrata àquele que a plantou e cultivou, ingrata para quem a irrigou. Portanto, se "a vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel", que proferiu ele em sua ira? "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não

derramem a sua chuva sobre ela". E de fato assim agiu. Os apóstolos foram enviados como nuvens que deviam derramar a chuva sobre os judeus; mas estes, repelindo a palavra de Deus, uma vez que produziram espinhos em lugar de uvas, disseram os apóstolos: "Era primeiro a vós que devíamos anunciar a palavra de Deus. Como a rejeitais, nós nos voltamos para os gentios" (At 13,46). Desde então as nuvens começaram a não derramar mais sua chuva sobre aquela vinha. Se, portanto, as nuvens são os pregadores da verdade, perguntemos primeiro por que são nuvens. São, na verdade, céus e são nuvens: céus devido ao fulgor da verdade, nuvens por causa do esconderijo da carne. Pois, as nuvens são nevoentas, devido à mortalidade; vêm e passam. Devido ao esconderijo da carne, isto é, o que as nuvens ocultam, diz o Apóstolo: "Não julgueis prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas" (1Cor 4,5). Efetivamente, agora ouves o que diz o homem, mas não vês o que ele tem no coração. Ouves o que se exprime de dentro da nuvem, mas não vês o que está reservado dentro dela. Quais os olhos que penetram as nuvens? Por conseguinte, são nuvens os pregadores da verdade em sua carne. O próprio Criador de todos os homens veio encarnado. "Mas quem nas nuvens se igualará ao Senhor? Quem, portanto, nas nuvens se igualará ao Senhor? Quem é semelhante a ele entre os filhos de Deus?" Em conseqüência, ninguém dentre os filhos de Deus será semelhante ao Filho de Deus. Ele foi denominado Filho de Deus, e nós somos chamados filhos de Deus, mas "quem é semelhante a ele entre os filhos de Deus?" Ele é único, nós somos muitos; ele é um só, e nós somos um nele; ele por nascimento, nós por adoção; ele eternamente Filho gerado por natureza, nós no tempo criados por graça; ele sem pecado algum, nós por meio dele libertados do pecado. "Quem, portanto, nas nuvens se igualará ao Senhor? Quem é semelhante a ele entre os filhos de Deus? "Somos denominados nuvens por causa da carne, e somos pregadores da verdade devido à chuva que cai das nuvens; mas nossa carne nos adveio de maneira diferente da carne do Filho de Deus. Chamamo-nos também filhos de Deus, mas ele é Filho de Deus de modo diferente. Sua nuvem provém da virgem, e ele é Filho desde toda eternidade, igual ao Pai. "Quem, portanto, nas nuvens se igualará ao Senhor? Quem é semelhante a ele dentre os filhos de Deus?" Diga-nos o próprio Senhor se ele encontra alguém que lhe seja semelhante. "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" De fato, sou visível, sou visto, porque ando no meio de vós, e talvez depreciado ao estar presente; dizei: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" Eles certamente vêem o Filho do homem, vêem a nuvem; falem; ou antes falai: "Quem dizem os homens que eu sou?" E eles responderam com as palavras dos homens: "Uns afirmam que é Jeremias, outros que é Elias, outros ainda que é João Batista ou um dos profetas" (Mt 16,13-16). Foram mencionadas muitas nuvens e muitos filhos de Deus. Com efeito, são justos e santos, e são filhos de Deus: Jeremias, Elias, João são filhos de Deus; e são nuvens porque pregadores de Deus. Respondestes que espécie de nuvens os homens pensam que eu sou, e entre quais filhos de Deus eles me enumeram; dizei também vós "quem dizeis que eu sou". Pedro respondeu em nome de todos, um respondeu pela unidade: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16,13-16). Porque quem nas nuvens se igualará ao Senhor? Ou quem

será semelhante ao Senhor entre os filhos de Deus? “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”, não, porém, como os demais filhos de Deus que não se igualam a ti. Vieste na carne, mas não de modo semelhante às nuvens, que não se igualam a ti.

1 Cf. Com s/ Sl 97, 1,44.

**8** [8] Quem, então, és tu, que obtiveste a resposta: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo?” Quem és tu que alguns homens que não eram santos, nem justos, pensaram que era Elias, ou Jeremias, ou João Batista? Quem és tu? Ouve como continua o salmo: “Deus há de ser glorificado no conselho dos justos. Quem, portanto, nas nuvens se igualará ao Senhor? Ou quem semelhante a ele entre os filhos de Deus”, quando ele “é Deus que há de ser glorificado no conselho dos justos?” Visto que não podem ser iguais a ele, o conselho dos justos leva a acreditar nele; uma vez que não podem as nuvens ser iguais a ele, nem os filhos de Deus, resta um conselho à fragilidade humana, o de que aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 1,31). “Deus há de ser glorificado no conselho dos justos. Ele é grande e terrível entre todos aqueles que estão ao seu redor”. Deus está em toda parte. Quem, então, está ao redor daquele que está em toda parte? Pois, se tem alguns ao seu redor, entende-se que é finito de algum lado. Contudo, se é verdade o que foi dito a Deus e a seu respeito: “Sua grandeza não tem limites” (Sl 144,3), como os restantes estarão ao seu redor, a não ser que se pense que aquele que está em toda parte quis, segundo a carne, nascer num determinado lugar, viver num determinado povo, ser crucificado em certo lugar, ressuscitar em outra parte, de um monte subir ao céu? Fez tudo isso, e estava cercado de povo. Mas se ele permanecesse nos lugares onde isto aconteceu, não seria “grande e terrível entre todos aqueles que estão ao seu redor”. Ao invés, tendo ali pregado e dali enviado pregadores de seu nome por todas as nações da terra inteira, fazendo milagres por intermédio de seus servos, ele se tornou “grande e terrível entre todos aqueles que estão ao seu redor”.

**9** [9] “Senhor Deus dos exércitos quem te é semelhante? És poderoso, Senhor, e a tua verdade te cerca”. Grande é teu poder; criaste o céu e a terra, e tudo que eles contêm; tua misericórdia, porém, é ainda maior, tendo demonstrado a tua verdade em torno de ti. Se tivesses sido anunciado somente onde quiseste nascer, padecer, ressurgir, e subir ao céu; ter-se-ia verificado a verdade das promessas de Deus, no “cumprimento das promessas feitas aos pais”, mas não se teria realizado a palavra: “Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia” (Rm 15,8.9), a não ser que se expandisse aquela verdade, e partindo daquele lugar onde quiseste aparecer, se difundisse ao redor. Tu, com efeito, naquele lugar trovejaste de uma nuvem própria, mas enviaste outras nuvens para que chovesse ao redor, em benefício das nações. Verdadeiramente, cumpriste com poder o que disseste: “De ora em diante, vereis o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu” (Mt 26,64; 24,30). “És poderoso, Senhor, e a tua verdade te cerca”.

**10** [10] Todavia, ao começar a ser anunciada a tua verdade em torno, as nações se

agitaram e os povos tramaram em vão; os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo (Sl 2,1.2). De fato, ao começar a ser anunciada a tua verdade ao redor, como se viesses para tomar uma esposa no meio de um povo estrangeiro, veio ao teu encontro um leão, a rugir, que tu sufocaste. Isto foi prefigurado em Sansão (cf Jz 14,5.6). Se não conhecêsseis a história, não teríeis aclamado quando proferi aquelas palavras, sem o ter nomeado. Ouvistes, como alguém acostumado a receber as chuvas que caem das nuvens de Deus. Portanto, "a tua verdade te cerca". Mas quando viveu Cristo sem perseguições, sem contradições, tendo sido predito que ele nascera como sinal de contradição? (cf Lc 2,34). Levando em consideração que o povo, onde te dignaste nascer e viver era habitante de uma terra de certa maneira separada das vagas dos gentios, de sorte que parecia sedenta de chuva, as demais nações constituíam um mar devido à amargura de sua esterilidade, como agem os teus pregadores a espalharem a verdade ao redor, enquanto estavam revoltas as ondas do mar? Como agem? "Dominas o poder do mar". Pois qual o resultado da fúria do mar, senão a festa que hoje celebramos? Ele matou os mártires, espargiu as sementes do sangue e foram abundantes as colheitas da Igreja. Por conseguinte, avancem as nuvens com toda segurança; difundam a tua verdade em torno de ti, não temam as ondas raivosas: "Dominas o poder do mar". De fato, o mar se agita, se opõe, ruge, mas Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças (cf 1Cor 10,13). Uma vez que é fiel quem não permite sejais tentados acima de vossas forças: "Amainas as ondas revoltas".

**11** [11] Finalmente, para aplacar o mar, ou antes para acalmar a raiva do mar, que fizeste ao próprio mar? "Humilhaste, como a um ferido, o soberbo". Existe no mar um dragão soberbo, mencionado em outra passagem da Escritura: "Lá eu ordenarei ao dragão que o morda" (Am 9,3). Trata-se do dragão do qual foi dito: "Este dragão que plasmaste para dele zombar" (Sl 103,26), cuja cabeça se debate acima das águas. Tu, diz o salmo, "humilhaste, como a um ferido, o soberbo". Tu te humilhaste e com isto o soberbo foi humilhado. Pois, o soberbo, pela soberba, prendia os orgulhosos. Aquele que é grande se humilhou e quem nele acreditou se fez pequeno. Enquanto se nutre o pequeno com o exemplo daquele que é grande mas se fez pequeno, o diabo perdeu aquele que ele mantinha preso, porque sendo ele soberbo só podia prender os soberbos. Diante de tamanho exemplo de humildade do Senhor, os homens aprenderam a condenar sua própria soberba, e a imitar a humildade de Deus. Desta forma, o diabo perdendo aqueles que ele conservava prisioneiros, também ele foi humilhado. Não que se tenha corrigido, mas porque foi prostrado. "Humilhaste, como a um ferido, o soberbo". Tu te humilhaste e também humilhaste; foste ferido e feriste; teu sangue não podia deixar de atingi-lo, porque foi derramado para apagar o título de dívida de nossos pecados (cf Cl 2,14). Por que o diabo se ensoberbecia, senão por estar de posse da caução contra nós? Esta caução, este título de dívida tu solveste com teu sangue. Feriste aquele de quem tudo tomaste. Pois, entenda-se que o diabo foi ferido, não por ter sido traspassado um corpo que ele não possui, mas porque ferido no coração, onde reside sua soberba. "Com braço

poderoso dispersaste os teus inimigos”.

**12** [12.13] “Teus são os céus, tua é a terra”. Tu lhes dás a chuva, e a chuva cai sobre tua terra. “Teus são os céus” que pregaram a tua verdade em torno; “tua é a terra”, que acolheu a verdade em torno. Finalmente, que produziu aquela chuva? “Criaste o orbe da terra e o que ele contém. Fizeste o aquilão e os mares”. Ele nada consegue contra ti, seu Criador. O mundo, de fato, pode por sua malícia, pela perversidade de sua vontade enfurecer-se; poderia, acaso, exceder a medida imposta pelo Criador, que fez todas as coisas? Então por que receio o aquilão? Por que temo os mares? Com efeito, o diabo acha-se no aquilão, conforme ele declarou: “No aquilão colocarei o meu trono, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo” (Is 14,13.14). Mas, tu humilhaste, como a um ferido, o soberbo. Em conseqüência, mais vale para teu domínio aquilo que tu lhes fizeste do que para malícia deles sua própria vontade. “Fizeste o aquilão e os mares”.

**13** [13] “O Tabor e o Hermon exultarão em teu nome”. Tratam-se de montes, mas com outro sentido. “O Tabor e o Hermon exultarão em teu nome”. Tabor significa a luz que vem. Mas, de onde deriva a luz aqui mencionada: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14) senão daquele do qual foi dito: “Era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo”? (Jo 1,9). Por conseguinte, aquela luz que é a luz do mundo, provém daquela luz que não é acesa por outro, de tal sorte que se tema venha a se extinguir. Portanto, a luz veio dele, da lâmpada que não se coloca sob o alquei-re, mas sobre o candelabro, luz que veio, Tabor. Hermon, porém, se traduz por: seu anátema. Com razão a luz veio e se tornou anátema para ele. Para quem, a não ser, para o diabo, o ferido, o soberbo? Vem de ti a nossa iluminação; e vem de ti, em nosso favor, seja anatematizado aquele que nos retinha presos por seu erro e sua soberba. Por conseguinte, “o Tabor e o Hermon exultarão em teu nome”; contudo, não por meus méritos, mas por “teu nome”. Peçam também estes: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória”, por causa do mar enfurecido, a fim de que “não digam as nações: Onde está o seu Deus” (Sl 113,9.10).

**14** [14] “Vigoroso é teu braço”. Ninguém arrogue algo para si. “Vigoroso é teu braço”. Tu, que nos fizeste, é que nos defendeste. “Vigoroso é teu braço. Seja firme a tua mão, eleve-se tua destra”.

**15** [15] “A justiça e a eqüidade alicerçam o teu trono”. No fim dos tempos aparecerão a tua justiça e o teu juízo. Agora tudo isto está oculto. De teu juízo fala outro salmo: “Pelos segredos do filho” (Sl 9,1). Haverá manifestação de teu juízo e de tua justiça. Alguns serão postos à direita e outros à esquerda (cf Mt 25,33); e os infiéis ficarão apavorados, vendo aquilo de que agora zombam, porque não acreditam. Os justos hão de se alegrar, com a visão do que agora crêem sem ver. “A justiça e a eqüidade alicerçam o teu trono”, isto é, no dia do juízo. E agora? “A misericórdia e a verdade te precedem”. Teria medo do que alicerça o teu trono, tua justiça e teu juízo futuros, se a misericórdia e a tua verdade não te precedessem. Por que hei de temer no fim dos tempos teu

julgamento, se a tua misericórdia precede e apagas os meus pecados, enquanto demonstras tua verdade no cumprimento de tuas promessas? “A misericórdia e a verdade te precedem”. Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade (cf Sl 24,10).

**16** 16.17 Diante de tudo isso não exultaremos? Ou compreendemos aquilo que nos leva a exultar? Ou nossas palavras são idôneas a exprimir nossa alegria? Ou nossa língua é capaz de explicar nosso gáudio? Se, pois, nenhuma palavra é suficiente: “Feliz o povo que entende o júbilo”. Ó povo feliz! Pensas que entendes o júbilo? De forma alguma és feliz se não entendes o júbilo. Que quer dizer: entender o júbilo? Saibas que não podes explicar com palavras o motivo de tua alegria. Teu gaúdio não deriva de ti, de tal sorte que aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 1,31). Por isso, não exultas em teu orgulho, e sim pela graça de Deus. Verifica ser tão grande a graça que a língua não é idônea para a explicar e entendeste o júbilo.

**17** Enfim, se entendeste o júbilo pela graça, ouve a recomendação da mesma graça. Certamente, “feliz o povo que entende o júbilo”. Que júbilo? Examina se não vem da graça, se não provém de Deus, e absolutamente não de ti mesmo. “Andarão, Senhor, à luz de tua face”. Aquele Tabor, luz que vem, se não andar à luz de tua face, verá extinta a sua lâmpada, quando soprar o vento da soberba. “Andarão, Senhor à luz de tua face. E exultarão por teu nome todos os dias”. Estes dois, o Tabor e o Hermon “exultarão por teu nome”. Se o fizerem por teu nome, “todos os dias”; se, porém, exultarem em seu nome, não exultarão todos os dias. Não durará a alegria se eles se alegrarem por si mesmos, e cairão por causa de sua soberba. Portanto, a fim de exultarem todos os dias, “exultarão em teu nome e elevar-se-ão por tua justiça”. Não por sua justiça, mas “por tua”. Que tenham zelo de Deus, mas esclarecido. O Apóstolo denota alguns que têm zelo de Deus, mas não esclarecido; “desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, exultam sem a luz de Deus, e não se sujeitam à justiça de Deus. Por quê? Porque “têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido” (Rm 10,2.3). O povo, porém, que entende o júbilo (pois aqueles não são esclarecidos: feliz, contudo, o povo que entende, não ignora, o júbilo), como deve jubilar, como deve exultar, a não ser por teu nome, andando à luz de teu rosto? Com efeito, merecerá ser exaltado, mas por tua justiça; retire-se a tua justiça e será humilhado; venha a justiça de Deus e será exaltado. “Elevar-se-ão por tua justiça”.

**18** 18 “Porque tu és o esplendor de sua força e com o teu favor aumentará o nosso poder”, porque foi de teu beneplácito e não por sermos dignos.

**19** 19 “Porque o Senhor é o nosso sustentáculo”. Pois, eu como um monte de areia fui empurrado para cair; e cairia se o Senhor não me sustentasse. “Porque o Senhor é nosso sustentáculo; e o santo de Israel, o nosso rei”. Ele é sustentáculo, ele te ilumina; à sua luz estás seguro, andas à sua luz, serás exaltado por sua justiça. Ele te sustenta, guarda a tua fraqueza; ele te faz robusto, não por ti mesmo, por si.

**20** 20 “Falaste outrora em visão a teus santos e disseste. Falaste em visão”, revelaste a

teus profetas. Falaste em visão, isto é, em revelação. Por isso, os profetas tinham o nome de videntes (cf 1Rs 9,9). Interiormente viam algo que deviam proferir exteriormente e ouviam ocultamente o que deviam pregar em público. "Falaste outrora em visão a teus filhos e disseste: Dei a um poderoso o meu auxílio". Entendestes que poderoso é este. "Exaltei um escolhido dentre o povo". Estais cientes de que este escolhido é o mesmo cuja exaltação vos regozijou.

**21** [21] "Encontrei Davi, meu servo". Este Davi é da linhagem de Davi. "Sagrei-o com o meu óleo santo". A respeito dele foi dito: "Ó Deus, te ungiu o teu Deus com o óleo da alegria, de preferência a teus companheiros" (Sl 44,8).

**22** [22] "Assisti-lo-á a minha mão e o meu braço o fortalecerá", quando Cristo aceitou a condição humana, quando assumiu a carne no seio da virgem (cf Sl 1,31), quando ele que na condição divina é igual ao Pai tomou a condição de servo e fez-se obediente até a morte e morte de cruz (cf Fl 2,6-8).

**23** [23] "O inimigo não prevalecerá contra ele". O inimigo, de fato, se enfurece, mas não prevalecerá contra ele; de fato, costuma prejudicar, mas não prejudicará. Então, por que aflige? Exercita, não prejudica. Será útil a sua fúria, porque serão coroados vencedores aqueles contra os quais se enfurece. Em que venceremos, se nada se exaspera contra nós? Como será Deus o nosso auxílio, se não combatemos? O inimigo, portanto, fará o que lhe compete, mas "não prevalecerá contra ele e o filho da iniqüidade não conseguirá prejudicá-lo".

**24** [24] "Esmagarei diante dele seu adversário". Será esmagada a sua conspiração e irão se desfazendo à medida que crêem. Porque irão acreditando paulatinamente; como a cabeça do bezerro de ouro que foi esmigalhada, eles servirão de bebida ao povo de Deus. De fato, Moisés triturou a cabeça do bezerro, dissolveu o pó na água e deu de beber aos filhos de Israel (cf Ex 32,20). Todos os infiéis são triturados, crêem paulatinamente; bebe-os o povo de Deus, e eles são assimilados pelo corpo de Cristo. "Esmagarei diante dele seu adversário e afugentarei os que o odeiam", para que não causem mal. Mas talvez digam alguns desses afugentados: "Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face"? (Sl 138,7). E verificando que não têm aonde fugir do Onipotente, refugiam-se depois de convertidos no Onipotente. "E afugentarei os que o odeiam".

**25** [25] "Minha verdade e minha misericórdia estarão com ele". Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade (Sl 24,10). Lembrai-vos, à medida do possível, como estas duas coisas nos são recomendadas freqüentemente, para retribuirmos com elas a Deus. Pois, como ele demos-trou-nos misericórdia, apagando nossos pecados, e verdade, cumprindo suas promessas, assim também nós seguindo seu caminho, devemos retribuir-lhe com misericórdia e verdade; misericórdia, compadecendo-nos dos infelizes; verdade, não julgando iniquamente. A verdade não aparte de ti a misericórdia, nem a misericórdia impeça a verdade. Se, por misericórdia julgares contra a verdade, ou por certa rigidez na

verdade te esqueceres da misericórdia, não seguirás pelo caminho de Deus, onde a misericórdia e a verdade se encontraram (Sl 84,11). “E em meu nome aumentará o seu poder”. Para que nos determos nisso? Sois cristãos. Reconhecei o Cristo.

**26** [26] “Estenderei a sua mão sobre o mar”, isto é, dominará sobre os povos. “E a sua destra sobre os rios”. Os rios correm para o mar. Os homens ambiciosos resvalarão para a amargura deste mundo. Mas todas essas espécies de povos serão submetidas a Cristo.

**27** [27.28] “Ele me invocará: Tu és meu Pai, meu Deus e o sustento de minha salvação. Constituí-lo-ei meu primo-gênito, excelso entre os reis da terra”. Nossos mártires, cuja festa de martírio celebramos, derramaram seu sangue por estas verdades em que acreditaram sem ver. Quanto mais fortes devemos ser nós, que vemos aquilo em que eles acreditaram? Eles não viam ainda que Cristo seria mais excelso que os reis da terra. Os príncipes ainda unidos conspiravam contra o Senhor e contra o seu Cristo; ainda não se havia realizado o que se encontra na continuação deste salmo: “Agora, ó reis, entendei. Instruí-vos, ó juízes da terra” (Sl 2,2.10). Pois, agora Cristo já se tornou excelso entre os reis da terra.

**28** [29] “Assegurar-lhe-ei sempre a minha misericórdia e meu testamento para com ele permanecerá indissolúvel”. Por causa dele, o testamento é indissolúvel; o testamento foi firmado por meio dele; ele é o mediador do testamento, o signatário do testamento, o fiador do testamento, a testemunha do testamento, a herança do testamento, o cordeiro do testamento.

**29** [30] “Farei subsistir pelos séculos dos séculos a sua descendência”. Não somente neste século, mas nos séculos dos séculos. Neste, passará, de fato, a sua descendência, a sua herança, a descendência de Abraão, que é o Cristo. Se, porém, vós sois de Cristo, sois descendência de Abraão; e se eternamente havereis de receber a herança, ele fará “subsistir pelos séculos dos séculos a sua descendência. E o seu trono terá a duração dos dias do céu”. Os tronos dos reis terrenos têm a duração dos dias da terra. Dias do céu são aqueles anos dos quais se disse: “Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminam” (Sl 101,28). Os dias da terra são impelidos a se sucederem, excluem-se os precedentes, mas nem os que sucedem permanecem. Eles chegam para partirem, e partem quase antes de chegarem. Assim são os dias da terra. Os dias do céu, porém, e aqueles anos que não terminam, não têm início nem termo. Nenhum desses dias se aperta entre um ontem e um amanhã. Ninguém ali espera o futuro, ninguém perde o passado, mas os dias do céu estão sempre presentes. Seu trono será eterno. Adiemos o comentário do restante. O salmo é longo e ainda temos algo a tratar convosco, em nome de Cristo. Por isso, recuperai as forças; não me refiro às do espírito, pois vejo que espiritualmente sois infatigáveis; mas, falo dos servos da alma, a fim de que perdurem no serviço vossos corpos. Descansai um pouco, e já refeitos voltai a receber alimento. Voltando-nos para o Senhor…

## II SERMÃO

(Proferido na vigília da festa de S. Cipriano)

**1** Dai atenção, animosos, ao restante do salmo, de que falamos de manhã e exigi o pagamento da dívida. Pagará em nosso lugar aquele que nos fez, a nós e a vós. Os salmos anteriores anunciavam o Cristo Senhor, segundo as promessas de Deus, e ainda nas palavras que explicaremos ele é anunciado. A respeito dele, entre outras coisas, fora dito acima: “Constituí-lo-ei meu primogênito, excelso entre os reis da terra. Assegurar-lhe-ei sempre a minha misericórdia e meu testamento para com ele permanecerá indissolúvel. Farei subsistir pelos séculos dos séculos a sua descendência. E o seu trono terá a duração dos dias do céu”. Falamos destes e dos versículos anteriores desde o começo, à medida do possível.

**2** 31-35 Prossegue o salmo: “Se abandonarem os seus filhos a minha lei e não seguirem os meus preceitos. Se profanarem as minhas prescrições e não observarem os meus mandamentos. Castigarei com a vara as suas transgressões e com açoites os seus pecados. Mas não hei de retirar-lhe a minha misericórdia, nem o prejudicarei com a minha verdade. Não violarei a minha aliança, nem mu-darei o que proferirem os meus lábios”. Enorme firmeza das promessas de Deus! Os filhos desse Davi são filhos do esposo; portanto, todos os cristãos são chamados seus filhos. É muito o que Deus promete, porque: Se os cristãos, isto é, “os seus filhos abandonarem a minha lei e não seguirem os meus preceitos. Se profanarem as minhas prescrições e não observarem os meus mandamentos”, não os desprezarei, nem os abandonarei na perdição; mas que farei? “Castigarei com a vara as suas transgressões e com açoites os seus pecados”. Pois, não há misericórdia apenas naquele que chama, mas ainda em quem flagela e açoita. Permaneça, pois, a mão paterna sobre ti, e se és bom filho, não repilas a disciplina. Qual é o filho que o pai não educa? Imponha uma disciplina, mas não retire a misericórdia. Fira o contumaz, contanto que lhe atribua a herança. Se tens conhecimento certo das promessas de teu pai, não tenhas medo de ser castigado e sim de ser deserdado. Pois, o Senhor educa a quem ele ama e castiga todo filho que acolhe (cf Hb 12,5-7). Recusará o filho pecador ser castigado, ao contemplar o Filho único, que não tinha pecado, ser flagelado? Pois, “castigarei com a vara as suas transgressões”. É deste modo também que ameaça o Apóstolo: “Que preferis? Que eu vos visite com vara”? (1Cor 4,21). De forma alguma diriam os filhos dedicados: Se é para vir com a vara, não venhas. É preferível ser educado pela vara paterna do que perecer, sendo acariciado, nas mãos do ladrão.

**3** “Castigarei com a vara as suas transgressões e com açoites os seus pecados. Mas não hei de retirar-lhe a minha misericórdia”. De quem? Daquele Davi ao qual fiz tais promessas, que ungi com meu óleo santo, de preferência a seus companheiros (cf Sl 44,8). Reconheceis de quem é que Deus não há de retirar sua misericórdia? No intuito de que alguém talvez preocupado diga: De fato, fala de Cristo, confirma que não há de lhe retirar sua misericórdia. Mas que será de mim, pecador? Acaso teria dito: Não hei de

retirar-lhe a minha misericórdia? Ele disse: “Castigarei com a vara as suas transgressões e com açoites os seus pecados”. Esperavas uma garantia para ti: “Mas não hei de retirar-lhes a minha misericórdia”. Efetivamente, alguns códices têm esta versão, mas os mais corretos não a incluem; no entanto, os que trazem esta forma, não vêm ao caso. De que modo Deus não há de retirar de Cristo a sua misericórdia? Acaso aquele que é o Salvador de seu corpo pecou no céu ou na terra? Ele que está sentado à direita de Deus, e intercede por nós? (cf Rm 8,34). Trata-se de Cristo, mas de seus membros, de seu corpo que é a Igreja. Deste modo, como fato importante, diz que não há de retirar dele a sua misericórdia, como se não reconhecêssemos o Filho unigênito que está no seio do Pai; a natureza humana ali não é contada como se fosse sua pessoa, porque ele é uma pessoa só; Deus e homem. Por conseguinte, Deus não lhe retira a sua misericórdia, quando não retira sua misericórdia de seu corpo, no qual ele também na terra sofria perseguição, quando já estava sentado no céu. E do céu clamava: “Saulo, Saulo”, mas não dizia: Por que persegues os meus servos; nem: Por que persegues os meus santos; nem: Por que persegues os meus discípulos, mas: “Por que me persegues”? (At 9,4). A Cabeça conhece seus membros, e a caridade não separa a Cabeça do corpo todo; assim também, quando Deus não retira dele a sua misericórdia, de fato não retira de nós, que somos seus membros e seu corpo. Nem por isso devemos pecar tranqüilos, e prometer-nos perversamente que não haveremos de nos condenar, seja o que for que fizermos. Pois, existem certos pecados e determinadas iniqüidades, acerca dos quais nos é impossível dizer alguma coisa ou dar uma noção definida, ou, mesmo que fosse possível seria longo demais para o tempo de que dispomos. Ninguém pode afirmar que não tem pecado, porque se o disser, mente: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8). Em conseqüência, cada qual necessariamente é castigado por seus pecados; mas pelo fato de ser cristão, não lhe é retirada a misericórdia de Deus. Com efeito, se praticas tantas faltas, e repeles a vara de quem castiga, se rejeitas a mão que açoita, e te indignas da disciplina de Deus, e foges do Pai que bate, e não queres suportar o pai que não poupa ao que peca, tu te apartas da herança e não é ele que te rejeita, porque se aceitas o castigo, não ficarás deserdado. “Mas não hei de retirar-lhe a minha misericórdia, nem o prejudicarei com a minha verdade”. Deus que liberta, não retira a sua mi-sericórdia, a fim de que não prejudique a verdade de quem castiga o pecado.

**4** “Não violarei a minha aliança, nem mudarei o que proferirem os meus lábios”. Não serei mentiroso, pelo fato de que seus filhos pecam. Prometi e cumpro. Supõe que eles queriam pecar, desesperados, e assim se entreguem intei-ramente aos pecados, ofendendo os olhos do Pai e merecendo ser deserdados. Acaso ele não é o Deus do qual foi dito: “Destas pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão”? (Mt 3,9). Por isso, digo-vos, irmãos: muitos cristãos pecam moderadamente, muitos são corrigidos de seus pecados pelo açoite, emendam-se, curam-se; muitos, ao invés, totalmente opostos, resistem com dura cerviz à disciplina do Pai, e recusando inteiramente a paternidade de Deus, apesar de terem o sinal de Cristo, caem em tais pecados que se pode apenas declarar contra eles: “Os que tais coisas praticam, não herdarão o reino de Deus” (Gl 5,21). Nem

por isso Cristo ficará sem herança, nem por causa da palha também o trigo se perde, nem por causa dos maus peixes nada se retira da rede para colocar nos recipientes (cf Mt 3,12; 13,47.48). O Senhor conhece os que são dele (cf 2Tm 2,19). Pois, prometeu com toda garantia aquele que nos predestinou antes de existirmos: "E os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou também os glorificou" (Rm 8,29-31). Pequem quanto quiserem os que perderam a esperança; respondam os membros de Cristo: "Se Deus está conosco, quem estará contra nós?" Deus, portanto, não os prejudicará com sua verdade, nem violará sua aliança. Seu testamento permanece indissolúvel, porque ele mesmo, em sua presciência, predestinou os herdeiros; e não mudará o que proferiram seus lábios.

**5** [36-38] Ouve para tua confirmação, ouve para tua segurança, se reconheces que estás entre os membros de Cristo. "Jurei uma vez por minha santidade; não mentirei a Davi". Esperas que Deus há de jurar mais uma vez? Quantas vezes deve jurar, se mente ao jurar uma só vez? Jurou uma só vez em favor de nossa vida aquele que enviou para morrer seu Filho Único, por nós. "Jurei uma vez por minha santidade; não mentirei a Davi. A sua posteridade durará eternamente". Eternamente durará a sua posteridade, porque o Senhor conhece os que são dele (cf 2Tm 2,19). "Seu trono subsistirá como o sol na minha presença e como a lua, perfeita para sempre, testemunha fiel no céu". Seu trono, de onde governa, onde se senta, de onde reina. Se são seu trono, aqueles também são seus membros, visto que igualmente em nossos membros assenta nossa cabeça. Vede como os demais membros sustentam nossa cabeça; a cabeça, porém, não carrega coisa alguma, mas é carregada pelos outros membros, como se a cabeça possuísse por trono o corpo humano inteiro. Por conseguinte, seu trono (todos aqueles sobre os quais Deus reina) subsistirá como o sol na minha presença, diz ele, porque então os justos brilharão como o sol no reino de meu Pai (cf Mt 13,43). Mas um sol espiritual, não material, como este que brilha no céu, e que o Pai faz nascer sobre bons e maus (cf Mt 5,45). Enfim, este sol não está apenas diante dos olhos dos homens, mas também dos animais e das moscas insignificantes; pois qual dos animais mais vis não vê este sol? Quanto àquele outro sol, que diz propriamente o salmista? "Como o sol em minha presença". Não diante dos homens, nem da carne, nem de animais mortais, mas "em minha presença. E como a lua", mas de que lua se trata? "Perfeita para sempre". Pois, quanto à lua que conhecemos, aparece perfeita, mas no dia seguinte começa a diminuir, depois de ter estado cheia. "Como a lua", diz o salmo, "perfeita para sempre". Seu trono se aperfeiçoa como a lua; mas a lua é perfeita para sempre. Se é sol, por que é como a lua? Na Escritura costuma-se representar a mortalidade da carne pela lua, porque ela aumenta e diminui, em suas fases transitórias. Finalmente, a palavra Jericó significa lua. De fato, um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu em poder de ladrões (cf Lc 10,30). Descia da imortalidade à mortalidade. Por conseguinte, esta carne é semelhante à lua, que em todas as épocas e em cada mês sofre aumentos e diminuições. Mas nossa carne será perfeita na ressurreição. "Testemunha fiel no céu". Portanto, se nos aperfeiçoássemos somente na alma, seríamos comparados apenas ao sol; de outro lado, se nos

aperfeiçoássemos apenas no corpo, seríamos semelhantes somente à lua; mas como Deus nos aperfeiçoa de alma e corpo, segundo a alma foi dito: “Como o sol em minha presença”, porque a alma não vê senão a Deus; “e como a lua”, já se refere à carne, “perfeita para sempre”, na ressurreição dos mortos. “Testemunha fiel no céu”, porque são verdadeiras todas essas afirmações sobre a ressurreição dos mortos. Por favor, escutai mais uma vez esta explicação mais rápida, e guardai na memória. Sei que alguns entenderam, enquanto outros talvez ainda se interroguem sobre o que disse. Nenhuma questão da fé cristã sofre maior contradição do que a da ressurreição da carne. Com efeito, aquele que nasceu como um sinal de contradição (cf Lc 2,34), ressuscitou a própria carne, indo contra seus opositores; e embora pudesse curar inteiramente seus membros, de sorte que não se visse mais que foram feridos, conservou no corpo as chagas, para curar nos corações a ferida da dúvida. Pois, em nenhum outro ponto se contradiz à fé cristã tão veementemente, tão pertinazmente, de modo tão insistente e contensioso, como a respeito da ressurreição da carne. Pois, quanto à imortalidade da alma, até muitos filósofos gentios têm muitas discussões, e deixaram escrito em vários e muitos livros que a alma humana é imortal; mas chegando à ressurreição da carne, não duvidavam, mas claramente contradiziam, e sua contradição chega ao ponto de dizerem que não é possível que esta carne terrena suba ao céu. Por isto, temos esta lua perfeita, para sempre, e contra todos os contraditores uma testemunha fiel no céu.

**6** [39.46] Estas realidades a respeito de Cristo foram prometidas, e são certas, firmes, manifestas, indubitáveis. Pois, apesar de algumas terem sido ocultas em mistério, outras, contudo, foram tão manifestas que deduzindo delas facilmente se revelam as obscuras. Assim sendo, vede como continua o salmo: “Mas tu o rejeitaste e reduziste a nada, afastaste o teu Cristo. Rompeste a aliança com teu servo, permitiste se profanasse na terra seu santuário. Destruíste todas as muralhas, introduziste o terror em suas fortificações. Espoliaram-no todos os transeuntes pela estrada e tornou-se opróbrio para seus vizinhos. Exaltaste a destra de seus opressores e regozijaste todos os seus inimigos. Tiraste-lhe o apoio de sua espada e não o sustentaste na guerra. Despojaste-o do brilho de sua pureza e puseste por terra o seu trono. Abreviaste os dias de seu reino e o cobriste de confusão”. Que significa isso? Prometeste todas aquelas coisas, e fizeste tudo ao contrário. Onde estão as promessas, que pouco antes nos alegravam, que tão vivamente aplaudíamos, a respeito das quais nos congratulávamos com segurança? Parece que um foi que prometeu e outro que destruiu. Mas, o que causa admiração é que não foi outro, mas “Tu, tu que prometias, tu que confirmavas, tu que diante da dúvida humana até juravas, prometeste aquelas coisas, e assim agiste. Onde apreenderei o teu juramento, onde encontrarei a realização de tua promessa? Que é isto? Deus prometeria falsamente, ou enganosamente juraria? Por que prometeu uma coisa e fez outra? Digo que assim agiu para confirmar sua promessa. Mas quem sou eu que afirmo isto? Vejamos se aquele que é a verdade o disse; então não será vão o que digo. Era a Davi que tudo isto foi prometido, em relação a sua descendência, que é Cristo. Diante das promessas feitas a Davi, esperavam os homens que elas se cumprissem em Davi. Por conseguinte, a fim de

que não acontecesse que ao afirmar um cristão: Referiam-se a Cristo, outro assegurasse: Não, mas são ati-nentes a Davi, e erraria porque vira todas realizadas em Davi. Deus as rompeu em Davi, para que ao se verificar que não foram cumpridas nele, apesar de necessariamente terem de ser cumpridas, se procurasse outro em quem se realizassem. Assim sucedeu também com Esau e Jacó. Vemos o menor se prostrar diante do mais velho, embora esteja escrito: "O mais velho servirá o menor" (Gn 25,23). Ao vires que isto não se realizou naqueles dois homens, mencionados pouco acima, esperarás que se cumpra entre dois povos aquilo que Deus, que não mente, se dignou prometer. Ele disse a Davi: "Do fruto de tuas entranhas, eu porei em teu trono" (Sl 131,11). Fez uma promessa para sempre relativamente à sua descendência. Nasceu Salomão, e se tornou homem de tal sabedoria que se pensava realizada nele a promessa de Deus a respeito da descendência de Davi. Mas Salomão caiu, e deu lugar a que se esperasse o Cristo. Uma vez que Deus não pode se enganar, nem enganar, aquele que ele sabia que haveria de cair não seria o objeto de suas promessas. Mas, depois de sua queda, olhar-se-ia para Deus, pedindo a realização da promessa. Então, Senhor, tu mentiste? Não cumpres o que prometeste? Não mostras aquilo que juraste? Talvez neste ponto te diria Deus: Com efeito, jurei e prometi, mas ele não quis perseverar. E então? Tu, Senhor, não tinhas a presciência de que ele não haveria de perseverar? De fato sabias. Por que, então, me prometias que seria sempre o que não perduraria para mim? Acaso não disseste: "Se abandonarem a minha lei e não seguirem os meus preceitos, e não observarem os meus mandamentos e profanarem a minha aliança", não obstante manterei a minha promessa e cumprirei meu juramento? "Jurei uma vez por minha santidade", interiormente, escondido na própria fonte de onde beberam os profetas, que emitiram para nós essas palavras: "Jurei uma vez, não mentirei a Davi". Mostra o resultado de teu juramento, paga tua promessa. Em Davi não foi realizado, para que não se esperasse o cumprimento nele. Espera, portanto, aquilo que Deus prometeu.

**7** O próprio Davi o reconheceu. Aí está o que ele diz: "Mas tu o rejeitaste e reduziste a nada". Ora, onde está o que prometeste? "Afastaste o teu Cristo". Apesar de encerrar certo motivo de tristeza, contudo esta palavra nos reconforta: está firme o que Deus prometeu; pois não eliminaste o teu Cristo, mas o "afastaste". Vede o que sucedeu a este Davi, em quem esperavam os que ignoravam que Deus haveria de cumprir suas promessas, a fim de que estas se realizassem mais firmemente em outro: "Afastaste o teu Cristo. Rompeste a aliança com teu servo". Onde está, de fato, o Antigo Testamento dos judeus? Onde se acha a terra da promissão, onde pecaram seus habitantes, de onde migraram depois de destruída? Se procuras o reino dos judeus: não existe mais; buscas encontrar o altar dos judeus: não existe mais; o sacrifício dos judeus: já não existe; procuras onde se acha o sacerdócio dos judeus: não existe. "Rompeste a aliança com teu servo; permitiste se profanasse na terra seu santuário". O santuário que possuíam, era terreno, conforme demonstraste. "Destruíste todas as muralhas", com as quais o defendias. Como seria saqueado, se suas muralhas não fossem destruídas? "Introduziste o terror em suas fortificações". Que terror é este? O de se dizer aos pecadores: "Se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará" (Rm 11,21). "Espoliaram-nos todos os

transeuntes pela estrada”, isto é, todos os povos, pela estrada, isto é, por esta vida passaram e espoliaram a Israel, espoliaram Davi. Em primeiro lugar, vede os seus espólios em poder de todos os povos. Destes foi dito: “Eles se tornarão presa das raposas” (Sl 62,11). Com efeito, a Escritura denomina raposas os reis ímpios, astutos e tímidos, atemorizados com a virtude alheia. Por isso, o próprio Senhor, tendo em vista as ameaças de Herodes, disse: “Ide dizer a esta raposa” (Lc 13,32). O rei, que não teme homem algum não é raposa, é o leão da tribo de Judá, do qual está escrito: “Sobe, agacha-se, dorme como um leão” (cf Gn 49,9). Sobe com poder, com poder dorme; dormiu porque o quis. Aliás, encontra-se em outro salmo: “Eu adormeci”. Não estaria completo: “Adormeci, caí em sono profundo. Despertei, porque o Senhor me acolherá” (Sl 3,6). Para que acrescentar: “Eu?” E é proferido com muita ênfase: “Eu; Eu adormeci”. Os inimigos se enfureceram, perseguiram, mas se eu não quisesse, não teria adormecido. “Eu adormeci”. Os mesmos dos quais se falara: Eles se tornarão presa das raposas aqui são citados: “Espoliaram-no todos os transeuntes pela estrada e tornou-se opróbrio para seus vizinhos. Exaltaste a destra de seus opressores e regozijaste todos os seus inimigos”. Notai a sorte dos judeus, e vede como se cumpriu tudo o que foi predito. “Tiraste-lhe o apoio de sua espada”. Como se explica que eles, sendo poucos, costumavam combater e prostrar a muitos? “Tiraste-lhe o apoio de sua espada e não o sustentaste na guerra”. Com toda razão foi vencido, aprisionado, desterrado do reino, disperso; perdeu a terra, por cuja posse ele matou o Senhor. “Tiraste-lhe o apoio de sua espada e não o sustentaste na guerra. Despojaste-o do brilho de sua pureza”. Que significa isto? Entre tantos males, isto causa enorme terror. Por mais que Deus fira, por mais que se ire, por mais que açoite, que flagele, ele castigue, mas unido àquele que é purificado; não o despoje de sua pureza; pois se o despoja de sua pureza, não resta como purificar, e sim como lançar fora. De que pureza foi despojado o judeu? Da fé. Pois, vivemos da fé. Dela foi dito: “Purificou os seus corações pela fé” (cf Gl 3,11; At 15,9). Como é somente a fé em Cristo que purifica, os que não creram em Cristo, foram despojados de sua pureza. “Despojaste-o do brilho de sua pureza e puseste por terra o seu trono”; com todo o direito também o quebraste. “Abreviaste os dias de seu reino”. Eles pensavam que reinariam para sempre. “E o cobriste de confusão”. Tudo isso aconteceu aos judeus. Quanto a Cristo, não foi eliminado, mas afastado por algum tempo.

**8** [47] Vejamos, então se Deus cumpre as suas promessas. Depois de ter o salmista relembrado esses acontecimentos pesados que advieram àquele povo e àquele reino, para que não se pensasse que Deus havia cumprido o que prometera e não daria outro reino a Cristo, cujo reinado não teria fim, o profeta se dirige a Deus nesses termos: “Até quando, Senhor? Afastar-te-ás para sem-pre?” Talvez não seja para sempre e nem deles; o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo (cf Rm 11,25). Nesse interim, contudo, “como fogo se inflamará a tua ira”.

**9** [48.49] “Lembra-te do que sou”. Fala Davi, segundo a carne pelos judeus, em esperança

em lugar de Cristo. “Lembra-te do que sou”. Se os judeus pereceram, nem por isso pereci. De fato, daquele povo saiu a virgem Maria, da virgem Maria veio a carne de Cristo. E aquela carne não é pecadora, mas purificadora dos pecados. Aí está, diz ele, o que sou. “Lembra-te do que sou”. A raiz não secou inteiramente. Virá a descendência, a quem fora feita a promessa, promulgada por anjos, pela mão de um mediador (cf Gl 3,19). “Lembra-te do que sou. Não criaste em vão os filhos dos homens”. Eis que todos os filhos dos homens caíram na vaidade; no entanto, tu não os criaste assim. Tendo os homens, que não criaste para a vaidade, ido após ela, como os purificarias da vaidade? Acaso nada reservaste para ti? Aquilo que reservaste para ti, a fim de purificares os homens da vaidade, o teu santo, eis o que sou. Por meio deste santo todos se purificam, os que não inutilmente criaste isentos da vaidade. A eles se diz: “Filhos dos homens, até quando tereis o coração empedernido? Por que amais a vaidade e procurais a mentira”? Talvez eles se tornem solícitos, se convertam da vaidade, vejam-se manchados pela vaidade, procurem purificar-se. Socorre, Senhor. Dá-lhes segurança. “Compreendei que o Senhor fez maravilhas em seu santo” (Sl 4,3.4). Deus mostrou admirável o seu santo; deste modo purificou a todos de sua vaidade. Aí está, diz ele, o que sou. Lembra-te dele. “Não criaste em vão os filhos dos homens”. Portanto, reservaste algo para purificá-los. Quem é que reservaste? “Qual o homem que viverá sem ver a morte?” Por conseguinte, aquele homem que viverá sem ver a morte, é ele mesmo que purifica da vaidade. Deus não criou os filhos dos homens na vaidade, nem pode desprezá-los aquele que fez, de sorte que não os converta e purifique.

**10** “Qual o homem que viverá sem ver a morte?” Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). Enfim, como se lê em outro salmo: “Não entregarás ao inferno a minha alma, nem permitirás que teu santo experimente a corrupção” (Sl 15,10). O apóstolo Pedro em seu ensino adota este testemunho, e assim nos Atos dos Apóstolos discute com os que não criam: “Meus irmãos, sabemos que o patriarca Davi morreu” e sua carne viu a corrupção. Por conseguinte, não foi dele que foi predito: “Nem permitirás que o teu santo experimente a corrup-ção” (At 2,27-31). Se, portanto, não foi relativamente a ele que foi predito: “Qual o homem que viverá sem ver a morte?” talvez não se refira a nenhum. Ao invés, “Qual é?” leva a procurar e não a perder a esperança de encontrar. Mas, acaso trata de alguém que viverá sem ver a morte, mas não de Cristo, que morreu? Não existe absolutamente alguém que “viverá sem ver a morte”, senão aquele que já morreu em favor dos mortais. Pois, no intuito de ficares ciente de que falou dele, vê a continuação do salmo. “Qual o homem que viverá sem ver a morte?” Então, ele nunca passou pela morte? Passou. Como, então, “viverá sem ver a morte? Livrará a sua alma do poder do inferno”. Eis que está verdadeiramente sozinho, absolutamente singular, é o único que “viverá sem ver a morte. Livrará a sua alma do poder do inferno”, porque embora os demais fiéis ressurjam dentre os mortos, e vivam também eles eternamente sem ver mais a morte, contudo eles próprios não livrarão a própria alma do poder do inferno. Aquele que livrou a própria alma do poder do inferno, livra também as almas de seus fiéis, que não podem livrar-se a si mesmos. Uma prova de que ele próprio livrou sua alma: “Tenho poder de

entregar a minha vida e poder de retomá-la. Ninguém ma arrebata, porque eu adormeci" (Sl 3,6); "mas eu a dou livremente para retomá-la" (Jo 10,17.18), porque ele próprio livra sua alma do poder do inferno.

**11** [50] Mas, a própria fé em Cristo foi um tanto laboriosa. Por muito tempo disseram os povos irados: "Quando há de morrer e extinguir-se o seu nome"? (Sl 40,6). Por causa destes que já acreditam em Cristo, mas que serão um tanto atribulados, segue-se: "Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias?" Já conhecemos Cristo que purifica, já temos aquele no qual cumpres tuas promessas; demonstra nele o que prometeste. É ele quem viverá sem ver a morte, ele quem livra sua alma do poder do inferno; e no entanto, nós ainda pelejamos. Assim falaram os mártires, cujo aniversário celebramos. Ele viverá sem ver a morte, ele livra sua alma do poder do inferno; e nós por tua causa somos entregues à morte todo dia e somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro (cf Sl 43,22). "Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias, que juraste a Davi em tua verdade?"

**12** [51] "Recorda-te, Senhor, do opróbrio de teus servos". Cristo já vive, já está sentado no céu à direita do Pai, e o opróbrio é lançado contra os cristãos; estes foram longamente incriminados por causa de Cristo. Aquela abandonada, cujos filhos são mais numerosos do que os de uma esposa (cf Is 54,1; Gl 4,27), ouviu ignomínias, ouviu injúrias; mas a Igreja propagada, dilatando-se à direita e à esquerda, não se lembra da ignomínia de sua viuvez. "Recorda-te, Senhor", que tens em abundância uma recordação cheia de suavidade. "Recorda-te", não te esqueças. "Recorda-te", de quê? "Recorda-te do opróbrio de teus servos. Conservo em meu seio o ultraje das nações". Ia, diz a Igreja, pregar e ouvia ultrajes, que continha em meu peito; em mim se realizava a palavra: Somos caluniados e rezamos; "somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo" (1Cor 4,13). Longamente contiveram os cristãos os ultrajes em seu peito, em seu coração, sem ousarem resistir aos injuriadores. Anteriormente ao pagão parecia um crime a oposição de um cristão, agora já é um crime permanecer pagão. Graças ao Senhor. Ele se recordou de nossos opróbrios. Ele exaltou a força de seu Cristo, tornou-o admirável aos reis da terra. Agora ninguém ataca os cristãos, ou se insultam não o fazem publicamente; fala de tal modo que parece mais ter medo de ser ouvido do que procurar crédito. "Conservo em meu peito os ultrajes das nações".

**13** [52] "Com os quais insultaram os teus inimigos, Senhor", judeus e pagãos. "Com os quais insultaram", o quê? "A mudança operada em teu Cristo". Foi o que insultaram: "a mudança operada em teu Cristo". Pois, sua objeção é esta: Cristo morreu, Cristo foi crucificado. Por que objetais, insensatos? Apesar de ninguém já objetar. No entanto, se restaram alguns, porque objetais que Cristo morreu? Ele não foi eliminado, mas transformou-se. Diz-se que morreu, por causa dos três dias. Eis o que atacaram os teus inimigos: não a perda da vida, não a ruína, mas de fato a transformação "de teu Cristo". Ele trocou a vida temporal pela eterna, transferiu-se dos judeus para os gentios, mudou-se também da terra para o céu. Os teus inimigos vãos avancem até lá, e ainda insultem a

“mudança operada em teu Cristo”. Oxalá também eles se transformem e não insultarão a mudança operada em Cristo. Mas desagrada-lhes a mudança operada em Cristo, porque eles próprios não querem mudar. Não há mudança para eles, pois não temem a Deus. “Com os quais insultaram os teus inimigos a mudança operada em teu Cristo”.

**14** [53] Insultaram a mudança; e tu, que fizeste? “A bênção do Senhor permaneça para sempre. Assim seja. Assim seja”. Graças sejam dadas à misericórdia do Senhor; graças a sua graça. Pois, nós damos graças; não damos, nem retribuímos, nem referimos, nem restituímos; agradecemos com palavras, retemos em nós a realidade. Ele nos salvou gratuitamente, ele não dá atenção às nossas impiedades. Ele nos procurou quando não o buscávamos, ele nos encontrou, remiu, libertou do jugo do diabo e do poder dos demônios. Prendeu-nos para nos purificar pela fé, e soltos ficaram os inimigos que não crêem e por isso não podem ser purificados. Digam os que ficaram, diariamente, o que quiserem; mas diariamente diminuem. Objetem, zombem, exprobrem. Não se trata de ruína, mas de “mudança de teu Cristo”. Eles não vêem que, ao dizer isto, perecem, seja aceitando a fé, seja morrendo? Sua maldição é temporal; “a bênção, porém, do Senhor, permanece para sempre”. Não haja receio. Confirma-se a bênção: “Assim seja, assim seja”. Esta subscrição é a caução de Deus. Com a garantia, pois, de suas promessas, acreditemos nas realidades passadas, reconheçamos as presentes, esperemos as futuras. O inimigo não nos aparte do caminho. Aquele que nos recolhe como pintinhos sob suas asas, nos agasalha. Não desviemos de suas asas, a fim de que o gavião voador não arrebate pintinhos ainda implumes. O cristão não confie em si mesmo. Se quer firmar-se, fortifique-se com o calor materno. Há uma galinha que agasalha seus pintinhos: aquela que censura à cidade de Jerusalém: “Quantas vezes quis eu recolher os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará abandonada” (Mt 23,27.38). Por isso, disse o salmo: “Introduziste o terror em suas fortificações”. Uma vez que eles não quiseram abrigar-se sob as asas desta galinha, e nos deram tal exemplo que temos medo dos espíritos imundos espalhados no ar, que procuram cada dia a quem arrebatar, refugiemo-nos sob as asas da galinha, a Sabedoria divina, que por nossa causa esteve enferma, até morrer. Amemos o Senhor nosso Deus, amemos sua Igreja; a ele enquanto pai, a esta enquanto mãe. A Deus como Senhor, à Igreja como escrava, porque somos filhos da serva. Mas este matrimônio é contraído por grande caridade. Ninguém ofende a um e apraz ao outro. Ninguém diga: Procuro, na verdade, os ídolos, consulto agoureiros e adivinhos, mas não saio da Igreja de Deus; sou católico. Prendes-te à mãe, mas ofendes o pai. Outro declara, de seu lado: Longe de mim tudo isso; não consulto adivinhos, não procuro agoureiros, não busco adivinhações sacrílegas, não vou adorar demônios, não cultuo pedras; contudo sou do partido de Donato. Que te adianta não ofender o Pai, mas injuriar a mãe? Que utilidade existe em confessar o Senhor, honrar a Deus, anunciá-lo, reconhecer seu Filho, confessar aquele que está sentado à direita do Pai e blasfemar contra sua Igreja? Não servem para tua correção os exemplos dos casamentos humanos? Se tiveres um patrono, ao qual diariamente prestas obséquio, se atravessas sua porta para servi-lo, e

cotidianamente já não digo que saúdas, mas diante de quem te curvas e reverencias fielmente, se acusasses sua esposa de um só crime, acaso poderias ainda entrar em sua casa? Deveis manter, portanto, caríssimos, manter todos unanimemente a Deus como pai e a Igreja como vossa mãe. Celebrai os aniversários dos santos com sobriedade, para imitarmos os que nos precederam e alegrem-se por vossa causa os que intercedem por vós, a fim de que "a bênção do Senhor permaneça eternamente sobre vós. Assim seja. Assim seja".

# SALMO 89

## COMENTÁRIO

**1** [1] "Oração de Moisés, homem de Deus", é a nota prévia deste salmo. Através de Moisés Deus promulgou a lei para seu povo, e por seu intermédio libertou-o da casa da servidão, conduzindo-o pelo deserto por quarenta anos. Moisés, portanto, foi ministro do Antigo Testamento e profeta do Novo Testamento. "Esses fatos lhes aconteceram para servir de exemplo", conforme diz o Apóstolo, "e foram escritos para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos" (1Cor 10,11). Examinemos este salmo, que recebeu o título de oração de Moisés, segundo o desígnio de Deus que nele se realizou.

**2** "Senhor, foste nosso refúgio de geração em geração". É possível tratar-se de todas as gerações, ou de duas gerações, a antiga e a nova. Pois, como disse, Moisés foi ministro do Testamento atinente à antiga geração, e profeta do Testamento referente à geração nova. Jesus Fiador deste Testamento e esposo no matrimônio que saiu daquela geração, declarou: "Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu" (Jo 5,46). Não é de se crer que o próprio Moisés, absolutamente, tenha escrito este salmo, que não está incluído nos livros em que foram inscritos seus cânticos; mas deve ter algum sentido que o nome do tão benemérito servo de Deus aqui tenha sido empregado, de sorte a despertar a atenção de quem lê ou ouve. Portanto, "Senhor, foste nosso refúgio, de geração em geração".

**3** [2] Em seguida o salmo acrescenta que espécie de refúgio ele se tornou, porque efetivamente começou a ser para nós o que não era, isto é, refúgio; mas não quer dizer que ele não existisse antes de ser nosso refúgio e por isso, acrescentou: "Antes que se formassem os montes e se fizessem a terra e o orbe, desde os séculos dos séculos, tu és". Tu, portanto, que sempre eras, mesmo antes de que nós fôssemos, e antes que o mundo existisse, tu te tornaste o nosso refúgio desde que nos convertemos para ti. A meu ver, não se deve entender de qualquer modo a palavra: "Antes que se formassem os montes, e se fizesse a terra"; ou segundo outros códices, traduzindo uma só palavra grega: se "plasmasse a terra". Na verdade, os montes são as partes mais elevadas da terra. Se antes que se fizesse a terra Deus era, ele que fez a terra, que importância tem falar de montes, ou de quaisquer outras partes da terra, pois Deus existia não somente antes da terra, mas ainda antes do céu e da terra, antes de todas as criaturas corporais e espirituais? Mas talvez esta diferença torne distintas as criaturas racionais, de tal forma que sob o nome de montes se representem as mais excelentes, os anjos, e sob o vocábulo de terra a condição humilde dos homens. Por isso, embora todas tenham sido criadas, não é sem certa conveniência que se afirme que foram feitas ou formadas; se há certa propriedade de palavras, os anjos foram feitos, porque ao se enumerarem as obras

de Deus, assim se conclui a mesma enumeração: “Porque ele falou e foram feitas; ele ordenou e foram criadas” (Sl 148,5). Pois, como o homem foi feito segundo o corpo, a terra foi formada. De fato, a Escritura usa essa palavra, conforme lemos, ou: “Deus modelou, ou: Formou o homem com a argila do solo” (Gn 2,7). Portanto, antes de fazer as criaturas supremas e maiores na criação; que há de maior do que a criatura racional celeste? E isso antes que se plasmasse a terra, a fim de existir quem te conhecesse e louvasse na terra. Mas, isto é pouco, porque essas criaturas começaram a ser, seja no tempo, seja com o tempo, enquanto, ó Deus, “desde os séculos dos séculos tu és”. Seria mais conveniente dizer: De eternidade em eternidade; pois Deus não começou num século. Ele é antes dos séculos. Nem até os séculos, o que indica um fim, porque ele é sem fim. Mas, uma palavra grega ambígua, na Escritura, é traduzida muitas vezes ou por século em vez de eterno, ou por eterno em vez de século, pelos tradutores latinos. Todavia, não foi dito e com muita propriedade: Eras desde os séculos e serás até os séculos; mas o verbo está no tempo presente, insinuando que a substância de Deus é inteiramente imutável. A ele não se aplica: foi e será, mas apenas: é. Daí a razão da palavra: “Eu sou aquele que é”: e: “Eu sou me enviou até vós” (Ex 3,14). E ainda: “Mudá-los-ás e se transformarão. Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminarão” (Sl 101,27.28). Eis que a eternidade se tornou o nosso refúgio. Permanecendo nela, fujamos da instabilidade do tempo presente.

**4** [3] Mas como estamos na terra, vivemos no meio de muitas tentações. É de se temer que elas nos afastem deste refúgio; por isso, olhemos o que pede em seguida a oração deste homem de Deus. “Não reduzas o homem à abjeção”, isto é, que o homem, afastando-se das coisas eternas e sublimes, não ambicione as coisas terrenas, saboreando-as. Ele pede a Deus aquilo mesmo que o próprio Deus ordenou; é inteiramente semelhante ao que pedimos na oração: “Não nos deixes cair em tentação” (cf Mt 6,13). Por fim, o salmista prossegue: “E disseste: Filhos dos homens, convertei-vos”. Parece dizer o salmista: peço aquilo mesmo que mandaste fazer. Ele dá glória à sua graça, de sorte que aquele que se gloria, no Senhor se glorifique (cf 1Cor 1,31). Sem o auxílio de Deus, pelo arbítrio da vontade, não podemos superar as tentações desta vida. “Não reduzas o homem à abjeção”, e no entanto, tu “disseste: Filhos dos homens, convertei-vos”. Mas, Senhor, dá aquilo que mandaste fazer, ouvindo a prece do suplicante e ajudando a fé daquele que o quer.

**5** [4] “Mil anos a teus olhos são qual o dia de ontem, que se foi”. Por isso, devemos voltar-nos, das coisas passageiras e fugazes, para refugiar-nos em ti. Tu és, sem qualquer mutabilidade. Por mais que se anele por uma longa vida, “mil anos a teus olhos são qual o dia de ontem, que se foi”, nem ao menos, como o dia de amanhã, que está para vir. Deste modo, tudo o que tem fim no tempo, deve ser tido na conta de passado. Daí vem que a intenção do Apóstolo deixa tudo isso, e ele se esquece do que ficou para trás, a saber, todos os bens temporais; e avança para o que está adiante, isto é, possui o anelo pelos bens eternos (cf Fl 3,13). No intuito de evitar que pensassem alguns que os mil anos Deus os avalia qual um só dia, como se Deus tivesse dias tão longos enquanto a

expressão significa que é desprezível a longa duração do tempo, o salmista acrescentou: “qual uma só vigília noturna”. A vigília não consta de mais de três horas. Todavia, houve homens que ousaram presumir ter conhecimento da duração dos tempos; o Senhor diante do desejo de saber isso da parte dos discípulos, disse: “Não vos compete conhecer os tempos que o Pai reservou a seu poder” (At 1,7). Aqueles, porém, marcaram seis mil anos para este mundo, como se terminasse em seis dias. Não deram atenção à palavra: “como um só dia, que se foi”. Quando isso foi proferido, não haviam transcorrido apenas mil anos. E teve o salmista de exortá-los principalmente para não se deixarem iludir pela incerteza dos “tempos, que são qual uma só vigília noturna”. Assim como não é verossímil a opinião sobre os seis dias, tomando por base os seis primeiros dias, nos quais Deus terminou sua obra, tampouco podem eles ajustar seu parecer a seis vigílias, isto é, a dezoito horas.

**6** [5.6] Em seguida, este homem de Deus, ou antes o espírito do profeta parece narrar o desígnio de Deus inscrito nos segredos de sua sabedoria, onde estabeleceu de antemão o modo de decorrer a vida pecadora dos mortais e as tribulações da mortalidade, ao dizer: “Seus anos são tidos por nada. De manhã passam como a erva, ao amanhecer viceja e passa, à tarde cai, endurece e seca”. Por conseguinte, a felicidade dos herdeiros do Antigo Testamento, que eles pediam ao Senhor seus Deus como imenso bem, mereceu tal desígnio na oculta providência de Deus, que Moisés parece narrar: “Seus anos são tidos por nada”. São tidos por nada os anos que antes de chegarem ainda não são; quando tiverem vindo, já não serão; eles não vêm para serem, mas para não serem. “De manhã”, isto é, ante-riormente, “passam como a erva; ao amanhecer viceja e passa; à tarde”, isto é, “depois, cai, endurece e seca”. Cai, de fato, pela morte; endurece, como um cadáver; seca, reduzida a pó. Quem, senão a carne, onde habita a concupiscência condenada dos carnais? Toda carne é feno, e toda a glória humana é como a flor do feno: seca o feno, cai a flor, mas a palavra do Senhor subsiste para sempre (cf Is 40,6.8).

**7** [7] Declarando que esta pena deriva do pecado, imediatamente o salmista acrescentou: “Somos consumidos por tua ira e perturbados com a tua indignação. Consumidos” de fraqueza; “perturbados”, devido ao medo da morte. Tornamo-nos enfermos e temos medo de que a enfermidade termine. “Outro te cingirá”, diz o evangelista, “e te conduzirá aonde não queres” (cf Jo 21,18), embora o martírio não seja castigo, mas coroa. A alma do Senhor, em lugar de todos nós, estava triste até a morte e do Senhor apenas “são as saídas da morte” (cf Mt 26,38; Sl 67,21).

**8** [8] “Puseste diante de ti os nossos pecados”, isto é, não os dissimulaste. “E a nossa vida à luz de teu rosto”, subentende-se: “puseste”. À luz de teu rosto” equivale ao que disse mais acima: “diante de ti”; e “nossa vida” equivale a: “nossos pecados”.

**9** [9.10] “Porque os nossos dias desvaneceram e sob a tua ira desfalecemos”. Suficientemente demonstram estas pala-vras que a mortalidade presente é penal. Diz o salmista que os nossos dias desvaneceram, ou porque os homens neles desfalecem

amando as coisas transitórias, ou porque foram reduzidos a poucos. Parece declará-lo em seguida, nesses ter-mos: "Nossos anos são como teias de aranha. A duração de nossos anos em si de setenta anos; no máximo para os mais fortes oitenta. Os excedentes são de trabalho e dor". São palavras que evidentemente exprimem a brevidade e miséria da vida presente; é denominado longevidade viver setenta anos. Até aos oitenta ainda se possuem certas forças; mas quem viver mais, viverá com multiplicados trabalhos e dores. Mas muitos são os que aos setenta levam uma velhice cheia de fraquezas e tribulações, e muitas vezes há velhos com mais de oitenta anos que comprovam admirável vitalidade. É preferível, portanto, sob esses números perscrutar algo de espiritual. A ira de Deus não é maior sobre os filhos de Adão, este único homem, por meio do qual o pecado entrou no mundo, e, pelo pecado, a morte, e assim a morte pas-sou a todos os homens (cf Rm 5,12), tendo em vista que eles vivem muito menos do que viveram os antigos. A duração longa de sua vida é objeto de irrisão, comparando-se mil anos com o dia de ontem que se foi, e com as três horas de uma vigília; e, de fato, então viviam muito, quando provocaram a ira de Deus a ponto que pereceram no dilúvio.

**10** Na verdade, setenta mais oitenta anos fazem cento e cinqüenta; o livro dos salmos insinua bastante que este número é sagrado. Têm o mesmo sentido cento e cinqüenta e quinze, número resultante da soma de sete e oito. O primeiro insinua, por causa da observância do sábado, o Antigo Testamento; o segundo, o Novo Testamento tendo em consideração a ressurreição do Senhor. No templo também havia quinze degraus. Os cânticos graduais entre os salmos são igualmente quinze. A água do dilúvio ultrapassou de quinze côvados os mais altos montes (cf Gn 7,20). E este número sagrado é recomendado em algumas outras passagens. Portanto, "nossos anos são como teias de aranha". Estávamos em trabalhos no meio das coisas corruptíveis, e tecíamos obras corruptíveis. Estas, conforme diz Isaías profeta, não nos cobriam de forma alguma (cf Is 59,6). "A duração de nossos anos é em si de setenta anos, no máximo, para os mais fortes oitenta". Difere: "em si" e: "para os mais fortes". "Em si", isto é, por dias e anos se entendem as coisas temporais. Por isso são "setenta", porque o Antigo Testamento parece prometer bens temporais, "E para os mais fortes", não quanto aos anos em si, a saber, não quanto aos bens temporais, mas em relação aos eternos, "oitenta", visto que o Novo Testamento contém a esperança da renovação e da ressurreição eternamente. "Os excedentes são de trabalho e dor", isto é, quem vai além da fé e procura algo mais, encontra trabalho e dor. É possível interpretar também assim: Embora estejamos estabelecidos no Novo Testamento, significado pelo número oitenta, esta nossa vida tem além disso trabalho e dor, porque gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo. Pois fomos salvos em esperança; e se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos (cf Rm 8,23-25). E isto é devido à misericórdia de Deus; daí vem que o salmista prossegue: "Pois sobrevém a debilidade e somos corrigidos". O Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que ele acolhe (cf Hb 12,6). E dá aguilhão na carne, para espancar, a fim de que ele não se encha de soberba devido à grandeza das revelações, de tal sorte que a virtude se aperfeiçoe na fraqueza (cf 2Cor 12,7-9). Na verdade, alguns códices não trazem "somos corrigidos", mas

"instruídos", o que reverte na mesma debilidade. Não se recebe instrução sem trabalho e dor, porque a virtude se aperfeiçoa na fraqueza.

**11** 11.12 "Quem conhece o poder de tua ira e sabe avaliá-la de acordo com o temor que inspiras?" São muito poucos os homens que conhecem o poder de tua ira; porque na maior parte dos casos de tal modo poupas ao te irares que mais convém à tua mansidão o trabalho e a dor, com os quais corriges e instruis aqueles que amas, a fim de não serem eternamente atormentados; pois assim se lê em outro salmo: "O pecador irritou o Senhor. Na intensidade de sua cólera, nada exigirá" (Sl 10,4). "Quem, portanto, conhece", isto é, quantos são os que conhecem "o poder de tua ira e sabe avaliá-la de acordo com o temor que inspiras?" Também aqui se subentende: "Quem conhece?" Como é difícil encontrar quem saiba avaliá-la de acordo com o temor que inspiras, de tal modo que se acrescente (e se entenda que pertence a esta ira) que aparentemente poupas a alguns, contra os quais a tua ira é mais intensa, a fim de que o pecador prospere em seu mau caminho, mas receba castigos maiores nos últimos tempos? Efetivamente, quanto à ira humana, uma vez que mate o corpo não tem mais o que fazer; Deus, porém, tem o poder de punir aqui, e depois da morte lançar na geena (cf Mt 10,28). E poucos são os bem instruídos que compreendem ser maior a ira de Deus quando ele concede aos ímpios uma felicidade vã e sedutora. Não tinha conhecimento disso aquele cujos pés quase escorregaram, ao ter inveja dos maus, observando a paz dos pecadores, mas que o soube ao entrar no santuário de Deus e perceber qual a sua sorte final (cf Sl 72,2.3.17). Poucos entram nesse santuário, de sorte a perceberem como avaliar a ira de Deus de acordo com o temor que ele inspira, e considerarem a prosperidade dos maus como sendo do número de seus castigos.

**12** "Manifesta assim a tua destra". Esta formulação se encontra mais nos códices gregos; não é conforme se acha em alguns latinos: "Manifesta-me a tua destra". Que significa: "Manifesta assim a tua destra", a não ser teu Cristo, do qual foi dito: "A quem se revelou o braço do Senhor?" (Is 53,1). Manifesta de tal modo que aprendam teus fiéis que é de ti que devem pedir e esperar os prêmios concedidos à fé. Eles não aparecem no Antigo Testamento, mas se revelam em o Novo Testamento. Que eles não tenham em grande conta, como algo de desejável e aprazível, a felicidade dos que possuem bens terrenos e temporais. Seus pés não resvalem ao verificarem que a têm mesmo aqueles que não te adoram, e seus passos não os arrastem a uma queda, porque não sabem avaliar qual a tua ira. Enfim, de acordo com a prece deste homem de Deus, ele manifestou seu Cristo, de sorte que na paixão demonstrou não serem desejáveis aqueles dons, sombras dos bens futuros, que o Antigo Testamento parece anunciar, e sim os eternos. É possível ainda entender a destra de Deus no sentido de que ela há de separar os justos dos ímpios. Ela assim se manifesta claramente, quando Deus castiga todo filho que ele acolhe (cf Hb 12,6), não o deixando pro-gredir no meio de seus pecados, por uma ira maior, mas com mansidão o castiga à esquerda, a fim de que, depois de emendado, seja colocado à direita (cf Mt 25,32.33). Também a forma que se encontra em alguns códices: "Manifesta-me a tua direita" pode referir-se aos dois sentidos: a Cristo ou à eterna felicidade; pois Deus

não possui uma direita corporal, como não sofre emoções tumultosas de ira.

**13** Quanto ao acréscimo: “E os corações dos que têm os pés presos nos grilhões pela sabedoria”. Alguns códices não trazem: “presos em grilhões”, mas “instruídos”. As palavras gregas que têm um e outro sentido soam de modo quase igual, diferindo apenas um pouco numa silaba só. Mas, como são instruídos pela sabedoria os que têm presos, conforme está escrito: “os pés nos grilhões” (Eclo 6,25), (não os pés do corpo, mas os do coração), e assim aprisionados como que com vínculos de ouro não desviam do caminho de Deus, nem dele fogem, seja como for que se leia, fica salvo o sentido verdadeiro. Pois, foi a estes “que têm os pés nos grilhões”, ou que não são instruídos pela sabedoria” que Deus fez conhecidos em o Novo Testamento, de tal modo que eles por causa da fé que a impiedade dos judeus e dos gentios detestava, tudo desprezavam. Também suportavam serem privados dos bens prometidos no Antigo Testamento, que eram tidos por muito importantes por aqueles que julgavam carnalmente.

**14** [13] E como eles se mostravam de tal modo que tudo desprezavam e seus sofrimentos atestavam seus anelos pelos bens eternos (daí serem denominados testemunhas, sentido da palavra grega: mártires) padeceram muitos tormentos e muitos males e torturas temporais. A isto dá a atenção devida este homem de Deus, e o espírito profético, figurado no vocábulo Moisés, dizendo: “Volta-te para nós, Senhor. Até quando? E sê propício a teus servos”. Trata-se da voz daqueles (ou de uma voz em seu favor) que, devido às perseguições deste mundo, toleram muitos males, e revelam que estão seus corações presos por grilhões impostos pela sabedoria, de sorte que nem coagidos por tantos males abandonam o Senhor, procurando os bens deste mundo. Conforme as palavras de outra passagem: “Até quando me esconderás a tua face?” (Sl 12,1), aqui se diz: “Volta-te para nós, Senhor. Até quando?” E para que saibam os que de maneira muito carnal atribuem a Deus a forma de um corpo humano que não é por movimentos semelhantes aos de nosso corpo que Deus esconde a sua face ou a volta para nós, recordem-se das palavras mais acima do mesmo salmo: “Puseste diante de ti os nossos pecados e a nossa vida à luz de teu rosto”. Como, então, diz aqui o salmista: “Volta-te para seres propício, como se houvesse escondido a sua face quando estava irado, enquanto ali, no outro versículo, se insinua que ele estava irado de tal modo que não apartava a sua face diante das iniqüidades e da vida que os pecadores levavam irritando-o, mas ao contrário punha os pecados diante de si e à luz de seu rosto? A expressão: “Até quando” demonstra a justiça daquele que ora e não a impaciência de alguém que estivesse indignado. Com efeito, o termo que aqui se encontra: “Sê propício” foi traduzido por alguns por um derivado do verbo “rogar”. Mas a versão: “Sê propício” evita uma ambigüidade, porque o verbo rogar (deprecari) tem sentido ativo e passivo; pois roga (depre-catur) aquele que faz a prece e roga-se aquele que é rogado. Pois, diz-se em latim: Deprecor te, rogo-te, e: Desprecor a te, tu me rogas.

**15** [14.15] Em seguida, declara o salmista, antecipando pela esperança e considerando como já obtidos os bens futuros: “De manhã fomos cumulados com tua misericórdia”.

Por conseguinte, em meio aos labores e dores por assim dizer noturnos, a profecia é para nós uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d'alva em nossos corações (cf 2Pd 1,19). Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Então os justos serão repletos daquele bem pelo qual agora têm fome e sede (cf Mt 5,8.6), pois caminham pela fé, longe do Senhor (cf 2Cor 5,6.7). Daí provém igualmente a palavra: "Encher-me-ás de alegria ante a tua face" (Sl 15,11). Desde a manhã estarão diante de ti e verão (Sl 5,5). Conforme escreveram alguns tradutores: "De manhã fomos saciados com tua misericórdia", então serão saciados, segundo foi dito em outra passagem: "Serei saciado ao se manifestar a tua glória" (Sl 16,15). Daí também: "Mostra-nos o Pai e isto nos basta" e o Senhor disse: "A ele me manifestarei" (Jo 14,8.21). Até que isto se realize, nada de bom nos basta, nem deve bastar, a fim de que nosso desejo não se extinga no caminho, enquanto devia se estender até alcançar o fim. "De manhã fomos cumulados com tua misericórdia. Exultamos e nos alegramos em todos os nossos dias". Aquele dia é o dia sem fim. São dias simultâneos e por isso saciam. Não são dias que se sucedem; e não dias que ainda não existam porque não vieram ainda, e quando chegam deixam de existir. Todos são simultâneos, porque é um só dia que permanece e não passa: isto é eternidade. Desses dias é que se disse: "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (Sl 33,13). Em outro trecho esses dias são denominados anos; ali dirigimo-nos a Deus: "Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminam". Não são anos que são tidos por nada, ou dias que passam como sombra (Sl 101,28.12), mas são dias cujo número queria saber aquele que assim suplicava: "Fazei-me conhecer, Senhor, o meu fim" (que eu o alcance e lá permaneça, sem mais nada desejar), "e qual é o número de meus dias"; isto é, aqueles "que são" e não os que não são. Pois, estes dias, citados logo em seguida: "Eis que reduziste meus dias à velhice" (Sl 38,5.6), não são porque não param, não perduram, mas transcorrem com rapidíssima mutabilidade. Nem uma só hora neles se encontra em que estamos de tal forma que alguma parte dele não deixe de passar, que não venha outra, e que nenhuma persista em existir. Todavia, anos e dias que não passam são aqueles em que nós não desfaleceremos, mas seremos refeitos sem defi-ciências. Que nossa alma se inflame no desejo daqueles dias, com ardor e veemência tenha sede deles, de sorte que lá então sejamos cumulados, saciados e repitamos o que aqui proferimos de antemão: "De manhã fomos cumulados com tua misericórdia. Exultamos e nos alegramos em todos os nossos dias. Regozijamo-nos pelos dias em que nos humilhaste, pelos anos em que experimentamos males".

**16** [16] Agora, porém, em dias que ainda são maus, digamos o que segue: "Olha teus servos e tuas obras". Teus servos são tuas obras, não apenas enquanto homens, mas também como teus servos, isto é, obedientes às tuas ordens. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus (não somente em Adão), para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos (cf Ef 2,10). Pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade (cf Fl 2,13). "E dirige os filhos deles", para que sejam retos de coração. Pois, para eles Deus é bom. Como é bom o Deus de

Israel para os retos de coração. Não como aquele cujos pés se abalaram, porque observando a paz dos pecadores começara a Deus a lhe desagradar; como se Deus desconhecesse estas coisas, ou delas não se preocupasse, descuidando do governo do gênero humano (cf Sl 72,1-14).

**17** [17] "Sobre nós repouse o esplendor do Senhor nosso Deus". Daí também a palavra: "Está assinalada, em nós, Senhor, a luz de tua face" (Sl 4,7). "Governa as obras de nossas mãos", de tal maneira que não obremos tendo em vista lucro terreno, pois então não seriam retas, mas curvas. Assim este salmo consta em muitos códices; mas em alguns lê-se mais outro versículo no fim: "Sim, favorece a obra de nossas mãos". Os estudiosos e peritos marcam este versículo com uma estrela, chamada asterisco, assinalando as palavras que se encontram no texto hebraico, ou em traduções gregas, mas não na versão dos Setenta. Se quisermos expor o sentido deste versículo, a meu ver, tem o significado de que todas as nossas boas obras constituem a obra única da caridade, pois a caridade é a plenitude da lei (cf Rm 13,10). Pois, no versículo anterior tendo dito: "Governa as obras de nossas mãos", neste último não traz: "obras" e sim: "favorece a obra de nossas mãos". Parece no último versículo querer mostrar que as obras constituem uma só, isto é, encaminham para uma só. São retas as obras que se encaminham para um único fim: o fim dos preceitos é a caridade, que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia (cf 1Tm 1,5). Por conseguinte, uma só é a obra, que encerra todas as outras, a fé que age pela caridade (cf Gl 5,6). Por isso, diz o Senhor no evangelho: "A obra de Deus é que acrediteis naquele que ele enviou" (Jo 6,29). Tendo em mira que neste salmo encontram-se bem e claramente distintas a vida antiga e a vida nova, a vida mortal e a vida vital, os anos que são tidos como nada e os dias que contêm a plenitude da mi-sericórdia e da verdadeira alegria, isto é, a pena do primeiro homem e o reino do segundo, julgo que o salmo tem inscrito no título o nome de Moisés, homem de Deus, a fim de que fosse insinuado aos que com piedade e retidão perscrutam as Escrituras que também a lei de Deus, promulgada através de Moisés, onde aparentemente Deus promete em recompensa às boas obras somente ou quase só bens terrenos, sem dúvida contém veladamente tais prêmios quais este salmo manifesta. Mas ao se converter alguém a Cristo, o véu cai (cf 2Cor 3,16), e abrem-se seus olhos para contemplar as maravilhas da lei de Deus, por dom daquele ao qual suplicamos: "Desvenda meus olhos para contemplar as maravilhas de tua lei" (Sl 118,10).

# SALMO 90

## I SERMÃO

**1** Foi este salmo que o demônio ousou empregar para tentar nosso Senhor Jesus Cristo. Ouçamo-lo, portanto, a fim de nos instruirmos e podermos resistir ao tentador, não presumindo de nossas forças, mas confiando naquele que foi tentado em primeiro lugar, a fim de não sermos vencidos na tentação. A tentação não lhe era necessária. A tentação de Cristo faz-se ensinamento para nós. Mas, se dermos atenção ao que Cristo respondeu ao diabo, para que também nós respondamos quando ele nos tentar de maneira semelhante, entramos pela porta, conforme ouvistes na leitura do evangelho. Que significa entrar pela porta? Entrar por Cristo. Pois ele disse: "Eu sou a porta" (Jo 10,7). Que é, então, entrar por Cristo? Imitar as pegadas de Cristo. Em que imitaremos os passos de Cristo? Acaso na magnificência de Deus na carne? Acaso ele nos exorta a praticarmos milagres, quais ele fez, ou exige isto de nós? Ou será que nosso Senhor Jesus Cristo não governa agora e sempre com o Pai todo o universo? Será que chama o homem, que quer fazer seu imitador, a governar com ele o céu e a terra e tudo que eles contêm? Ou a ser também ele criador, por quem fará todas as coisas, como tudo foi feito por Cristo? Deus, nosso salvador e Senhor, Jesus Cristo, não te convida também a fazer o que ele fez no princípio, conforme está escrito: "Tudo foi feito por meio dele" (Jo 1,3), nem a fazer o que ele realizou na terra. Ele não te diz: Não serás meu discípulo se não andares sobre as águas do mar (cf Mt 14,25), se não ressuscitares um morto há quatro dias (cf Jo 11,38-44), se não abrires os olhos de um cego de nascença (cf Jo 9,1-41). Nem isto. Que será, então, entrar pela porta? "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). Deves dar atenção àquilo que ele se tornou por ti, a fim de o imitares. Pois, quanto aos milagres, ele os fez mesmo antes de nascer de Maria; quem os teria feito, senão aquele do qual foi dito: "Só ele opera maravilhas"? (Sl 71,18). Os que anteriormente fizeram milagres, puderam fazer algo devido a seu poder: em virtude de Cristo Elias ressuscitou um morto (cf 1Rs 17,22). Acaso Pedro seria maior do que Cristo, porque Cristo reerguia os doentes com uma palavra, enquanto os doentes eram levados à passagem de Pedro para que sua sombra os tocasse? (cf Jo 5,5-9; At 5,15). Então Pedro era mais poderoso do que Cristo? Qual, o homem completamente louco que o diria? Mas, por que havia tanto poder em Pedro? Porque Cristo estava em Pedro. E por isso, ele disse: "Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e assaltantes" (Jo 10,8), isto é, vieram por sua própria vontade, não foram enviados por mim, vieram sem mim, aqueles com os quais não estava, os que eu não introduzi. Por conseqüência, quaisquer milagres que foram realizados, antes ou depois, foi o próprio Senhor quem os fez, porque efetuados em virtude de sua presença. Nem ele exorta a que se façam os mesmos milagres que ele fez, quando ainda não se fizera homem. Mas a que te exorta? A que imites o que ele não poderia realizar se não fosse homem. Acaso

poderia suportar os padecimentos se não fosse homem? Não poderia morrer, ser crucificado, ser humilhado, a não ser enquanto homem. Assim também tu diante das incomodidades que sofres neste mundo, ocasionadas pelo diabo, ou abertamente através dos homens, ou ocultamente conforme aconteceu a Jó, sê forte, sê paciente. Habitarás sob a assistência do Altíssimo, conforme se expressa este salmo. Se abandonares o auxílio do Altíssimo, como não tens forças para te auxiliares a ti mesmo, cairás.

**2** Muitos se mostram fortes, ao sofrerem perseguições da parte dos homens e virem-nos abertamente enfurecidos contra si; considerem então que imitam a paixão de Cristo, se os homens os perseguem abertamente. Se, porém, são atingidos por oculta perseguição do diabo, julgam que não serão coroados por Cristo. Não temas quando imitas a Cristo. Pois, também quando o diabo tentou o Senhor, ninguém estava no deserto e ele o tentou ocultamente (cf Mt 4,1-11); mas foi superado, e claramente enfurecido foi vencido. Assim também tu, se queres entrar pela porta, ao te tentar ocultamente o inimigo, ao pedir permissão de prejudicar por moléstias corporais, por febres, por doenças, por aflições do corpo, conforme suportou Jó. Ele não via o diabo, mas entendia tratar-se do poder de Deus. Sabia que o diabo nada poderia contra ele, a não ser que o permitisse aquele cujo poder é supremo. Dava a Deus toda glória, e não atribuía poder ao diabo. Pois, mesmo quando o diabo lhe tirou tudo, disse: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou” (Jó, 1,21). Não disse: O Senhor o deu, o diabo o tirou, porque nada teria tirado o diabo sem a permissão do Senhor. Deus o permitiu a fim de provar o homem e o diabo ser vencido. Ainda quando a praga o atingiu foi Deus quem o permitiu. Do alto da cabeça até os pés saíam vermes. Nem assim Jó atribuiu ao diabo algum poder; e quando sua mulher, a única que o diabo lhe deixara (não para consolar o marido mas para ser auxiliar do diabo) lhe sugeriu: “Amaldiçoa a Deus e morre duma vez!” ele retrucou: “Falas como uma insensata. Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males” (Jó 2,9-10)?

**3** [2] Portanto, aquele que imita Cristo de tal modo que suporta todas as aflições deste mundo, que põe em Deus sua esperança, que não se deixa prender pelos atrativos do prazer nem se abater pelo temor, este é “que habita sob a assistência do Altíssimo e descansará sob a proteção do Deus do céu”, segundo o que ouvistes do salmo e cantastes, pois é assim que ele começa. As palavras empregadas pelo diabo para tentar o Senhor, vós as reconhe-cereis quando chegarmos lá; são bem notórias. “Dirá ao Senhor: És o meu protetor e o meu refúgio, meu Deus”. Quem é que assim se dirige ao Senhor? “Aquele que habita sob a assistência do Altíssimo”. Quem é “que habita sob a assistência do Altíssimo?” Quem não procura auxílio de si próprio. Quem é “que habita sob a assistência do Altíssimo?” Quem não é soberbo, à semelhança daqueles que comeram do fruto proibido para serem como deuses, e perderam a imortalidade em que foram criados. Quiseram confiar em seu próprio auxílio e não habitar sob a assistência do Altíssimo; por esta razão ouviram a sugestão da serpente, desprezaram o preceito de Deus e aconteceu-lhes o que Deus ameaçara e não o que prometera o diabo (cf Gn 3,5).

**4** [3] Por conseguinte, repete tu igualmente: “Nele esperarei. Ele me há de livrar”, e não eu próprio. Vê se o sal-mista ensina outra coisa senão que não depositemos em nós mesmos a nossa esperança, nem em homem algum. De que ele há de te livrar? “Do laço dos caçadores e da palavra áspera. Do laço dos caçadores”, é importante; mas “da palavra áspera” que importância tem? Muitos caíram no laço dos caçadores devido a uma palavra áspera. Que estou dizendo? Arma laços o diabo e seus anjos, como caçadores armam laços; longe destes laços caminham os homens que caminham em Cristo. O diabo não ousa armar laços contra Cristo; coloca-os à margem do caminho, não no próprio caminho. Teu caminho, de fato, seja Cristo e não cairás nos laços do diabo. Encontra logo o laço quem se desvia do caminho. O diabo arma laços dos dois lados, daqui e dali; andas entre laços. Mas queres andar com segurança? Não desvies nem para a direita nem para a esquerda. Sirva-te de caminho aquele que por ti se fez caminho (cf Jo 14,6), a fim de te conduzir a si por intermé-dio de si mesmo, e não temerás os laços dos caçadores. Mas que significa: “da palavra áspera?” O diabo joga no laço a muitos através de uma palavra áspera. Por exemplo, os que querem ser cristãos no meio de pagãos, sofrem os insultos destes. Sentem vergonha no meio dos que os insultam, e afastando-se do caminho devido a uma palavra áspera, caem nos laços dos caçadores. E o que te pode fazer uma palavra áspera? Nada. Então, nada te fará o laço, para o qual te lança o inimigo através da palavra áspera? Acontece como alguns que armam por vezes redes, no alto de um cercado para apanhar aves. Eles jogam pedras no cercado, mas não para fazer mal às aves. Pois quando é que fere uma ave quem joga pedra no cercado? Mas, a ave assustada com o ruído vão, cai na rede. Assim acontece com os homens que têm medo das palavras ocas e vãs dos que os insultam. Envergonhando-se das injúrias inúteis, caem nos laços dos caçadores e tornam-se cativos do diabo. Mas por que não hei de falar, irmãos, o que não devo calar, o que Deus me impele a dizer? Seja como for que o receberdes, Deus me obriga a dizer: e se não falar, eu é que caio nos laços dos caçadores. Se receio as detrações dos homens e me calo, eu mesmo devido a uma palavra áspera caio nos laços dos caçadores, enquanto vos exorto a não terdes medo das palavras dos homens. Que é, então que vou dizer? Assim como no meio de pagãos quem é cristão ouve deles palavras ásperas e se ele se envergonhar delas, cai nos laços dos caçadores, também entre cristãos quem quiser ser mais aplicado e melhor, ouvirá da parte dos mesmos cristãos ultrajes. O que adianta, irmãos, encontrares por vezes uma cidade, para morar, onde não existem pagãos? Ninguém ali insulta um cristão por ser cristão, porque lá não se encontram pagãos; mas existem muitos cristãos que vivem mal; e se quiser viver bem no meio deles, ser sóbrio entre beberões, ser casto entre adúlteros, sinceramente adorar a Deus e não procurar sortilégios entre os que consultam os agoureiros, somente ir à igreja no meio dos espectadores das futilidades dos teatros, sofre insultos dos próprios cristãos e ouve palavras ásperas. Eles dizem: Tu és importante, justo, tu és Elias, tu és Pedro, vieste do céu. Insultam. Para qualquer lado que se voltar este cristão, ouve daqui e dali palavras ásperas. Se ele se intimidar e se afastar do caminho de Cristo, cai nos laços dos caçadores. Como não se apartar do caminho ao ouvir tais palavras? Que quer dizer não se afastar do caminho? Ao ouvir palavras

ásperas, onde encontrar consolo para não dar atenção a estas palavras, não se desviar do caminho e entrar pela porta? Dirá: Que palavras ouço eu, servo, pecador? Meu Senhor não ouviu: "Tens um demônio"? (Jo 8,48). Acabais de ouvir a palavra áspera dirigida ao Senhor. Não era preciso que o Senhor ouvisse essas coisas, mas quis te advertir contra as palavras ásperas, a fim de não caíres nos laços dos caçadores.

**5** [4] "Cobrir-te-á com a sombra de suas espáduas, e sob as suas asas esperarás". O salmista assim se exprimiu a fim de que tua proteção não a procures em ti mesmo, nem penses que podes te proteger. Ele te protegerá para te livrar e te livrará do laço dos caçadores e da palavra áspera. "Cobrir-te-á com a sombra de suas espáduas". É possível entender tanto das costas quanto do peito. As espáduas estão perto da cabeça. Mas como disse: "E sob as suas asas esperarás", é claro que a proteção das asas abertas faz com que estejas entre as espáduas de Deus, e as asas de um lado e de outro te põem no meio. E não terás medo de que alguém te prejudique. Apenas não saias, dali, onde inimigo algum ousa se aproximar. Se a galinha protege seus pintinhos sob suas asas, quanto mais tu estarás seguro sob as asas de Deus, e contra o diabo e seus anjos, que são potestades do ar onde voam em círculos como os gaviões, a fim de arrebatar o pintinho fraco? Não foi sem razão que a Sabedoria de Deus foi comparada à galinha, pois o próprio Cristo, nosso Senhor e salvador se comparou à galinha, nesses termos: "Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos, e não o quiseste"! (Mt 23,37). Não o quis aquela Jerusalém; queiramos nós. Ela foi arrebatada pelas potestades espalhadas no ar, ao fugir de debaixo das asas da galinha, presumindo de suas forças, fraca como era. Nós, ao contrário, confessando nossa fraqueza, fujamos para debaixo das asas de Deus. Ele será para nós como galinha que abriga seus pintinhos. O nome de galinha não é injurioso. Observai as demais aves, irmãos. Muitas aves têm os seus filhotes, como vemos. Abrigam, seus filhotes. Mas nenhuma fica choca, como a galinha. Note V. Caridade: andorinhas, pássaros e cegonhas que vemos fora dos respectivos ninhos, não demonstram ter filhotes, ou não; ao invés, conhecemos que a galinha tem pintinhos pela rouquidão e pelas asas caídas. Fica transformada devido ao afeto aos pintinhos. Como eles são fracos, ela se torna fraca. Do mesmo modo, nós éramos fracos, e a Sabedoria de Deus se fez fraca. Uma vez que o Verbo se fez carne, e habitou entre nós (cf Jo 1,14), esperemos sob as suas asas.

**6** [5] "Sua verdade te cercará qual escudo". As asas se identificam com o escudo, porque, de fato, não se trata de asas, nem de escudo. Se fossem tomados em sentido próprio, asas poderiam ser escudo, ou escudo asas? Mas como tudo isso pode ser dito figuradamente, em comparação, pode haver asas e escudo. Se Cristo fosse na verdade pedra, não seria leão; e se fosse leão, não seria cordeiro; no entanto, é leão, e cordeiro, e pedra, e novilho, etc., porque não é efetivamente pedra, nem leão, nem cordeiro, nem novilho, mas é o salvador de todos, Jesus Cristo (cf Ap 5,5; cf Jo 1,29; At 4,10.11; Sl 117,22). Trata-se de semelhanças e não de termos próprios "Sua verdade te cercará". Sua verdade assemelha-se a um escudo, separando os que confiam em si mesmos dos que esperam em Deus. Há pecador e pecador. Mas pensa num pecador que presume de

si, desprezador, que não confessa seus pecados, mas diz: Se a Deus desagradassem meus pecados, não me deixaria continuar a viver. Outro, porém, não ousava levantar os olhos, mas batia no peito, dizendo: "Senhor, tem piedade de mim, pecador"! (Lc 18,13). Ambos eram pecadores; mas um zomba, e o outro chora; um é despre-zador, outro confessa seus pecados. A verdade de Deus, porém, que não faz acepção de pessoas, distingue o penitente daquele que se escusa, distingue o humilde do sober-bo, distingue o que presume de si mesmo do que confia em Deus. Por conseguinte, "sua verdade te cercará qual escudo".

**7** 5.6 "Não temerás os terrores da noite, a flecha que voa de dia, a malignidade que se propaga nas trevas, a ruína e o demônio do meio-dia". Duas coisas que o salmista disse primeiro redundam em duas referidas em seguida. "Não temerás os terrores da noite, a flecha que voa de dia"; e por causa do medo noturno, "da malignidade que se propaga nas trevas"; e por causa da flecha que voa de dia, "a ruína e o demônio do meio-dia". Que representa o medo noturno e o diurno? Ao pecar alguém por ingno-rância, peca como se fosse à noite; ao pecar ciente do que faz, é de dia que peca. Duas coisas, portanto, são mais leves; existem duas mais graves, retomadas em seguida. Atenção, para que possa expor mais cuidadosamente, se o Senhor quiser, essa questão; é obscura, e será de grande vantagem se entenderdes. Chamei de temor noturno as falhas leves cometidas por ignorância; e as leves come-tidas com conhecimento denominei flecha que voa de dia. Quais são as tentações leves? As que não são tão instantes, tão insistentes, por coação, que podem ser logo afastadas e passar. De outro lado, pode haver tentações mais graves. Se o perseguidor insiste e atemoriza com veemência os ignorantes, isto é, os que ainda não estão firmes na fé, nem estão bem cientes de que os cristãos devem esperar a vida futura, ao começarem a ficar apavorados com os males temporais, pensam que Cristo os abandonou e é inutilmente que são cristãos. Ainda não sabem conforme disse, que são cristãos e por isso devem superar os males presentes e esperar os bens futuros. A malignidade que se propaga nas trevas os apanhou. Existem alguns que sabem que são chamados a uma esperança futura, que as promessas de Deus não são para esta terra, não são para esta vida, que todas essas tentações devem ser suportadas para recebermos, para adquirirmos o que Deus nos prometeu eternamente. Sabem estas coisas. Mas quando o perseguidor começar a insistir, a ameaçar de penas e tormentos, cedem um tanto e conscientes caem de dia.

**8** Mas, por que motivo ao meio-dia? Porque a perseguição muito se inflama. Os calores mais intensos são ao meio-dia. Preste atenção, V. Caridade, que provarei com a Escritura. Ao narrar o Senhor a parábola do semeador, que saiu a semear, uma parte das sementes caiu no caminho, outra em lugares pedregosos, outra entre espinhos, ele se dignou explicar a parábola, e tratando dos lugares pedregosos disse: "São aqueles que ouvem a palavra e a recebem imediatamente com alegria; quando surge a tribulação por causa da palavra, logo sucumbem". Que afirmou acerca das sementes que cairam em lugares pedregosos? Mas, ao surgir o sol, queimou-se, e por não ter raiz, secou. Estes são os que recebem imediatamente a palavra com alegria: quando surge a perseguição

por causa da palavra, secam” (Mt 13,3-2). Por que secam? Porque não tinham raízes. Quais? A caridade; pois diz o Apóstolo: Sejais arraigados e fundados no amor (Ef 3,17). Como a raiz de todos os males é a ambição (cf 1Tm 6,10), assim a raiz de todos os bens é a caridade. Vós bem o sabeis e isto foi dito muitas vezes; mas por que motivo quis relembrá-lo? No intuito de perceberdes que neste salmo se fala de demônio meridiano por causa do intenso ardor da perseguição. Pois o Senhor disse: “Ao surgir o sol, queimou-se, por não ter raiz”. E expondo-nos o que significa secar a erva por causa do ardor do sol, declarou que ao surgir a perseguição não persistem os que não têm raiz profunda. É com fundamento que aqui interpretamos o demônio como sendo uma perseguição intensa. Vou re-lembrar, irmãos, que espécie de perseguição houve outrora, e da qual o Senhor libertou a sua Igreja. Digne-se prestar atenção, V. Caridade. Em primeiro lugar, os imperadores e reis do mundo pensavam que conseguiriam por meio da perseguição eliminar da terra o nome de Cristo e o nome dos cristãos. Ordenaram que todo aquele que se confessasse cristão fosse morto. Quem não queria ser executado, negava ser cristão, ciente do mal que fazia; era atingido por aquela flecha que voa de dia. Quem não dava importância à vida presente, mas esperava com segurança a futura, desviara-se da flecha que voa de dia e confessara ser cristão. Ferido era na carne, libertado pelo espírito. Começou a esperar, junto de Deus em repouso, também a redenção de seu corpo, na ressurreição dos mortos; este escapou daquela tentação, da flecha que voa de dia. Por conseguinte, todo aquele que se confessou cristão foi morto; foi a flecha que voa de dia. Ainda não se tratava do demônio meridiano, desencadeando veemente perseguição e provocando calor intenso mesmo para os fortes. Ouvi, pois, o que aconteceu em seguida: Ao observarem os inimigos que muitos se precipitavam para o mar-tírio, e tanto mais aumentavam os que acreditavam em Cristo quanto maior o número dos que padeciam, diziam consigo mesmos: Vamos matar o gênero humano. Tantos milhares acreditam nesse nome. Se matarmos a todos, quase ninguém restará na terra. Começou a arder o sol, começou a se intensificar o calor. Ouvi, pois, quais foram suas ordens. Como antes haviam ordenado: Quem se confessar cristão seja atormentado, e por tanto tempo até que renegue ser cristão[1]. Comparai a flecha que voa de dia com o demônio meridiano. Que era a flecha que voava de dia? Seja morto quem se confessar cristão. Que cristão não escaparia da flecha pela rapidez da morte? Mas de outra forma, se alguém se confessa cristão não seja morto, mas atormentado até negar; se negar, seja libertado: era o demônio meridiano. Muitos, pois, que não haviam negado, desfaleciam nos tormentos; porque eram torturados até que negassem. Mas, os que perseveraram em não negar a Cristo, que lhes faria a espada, que matava o corpo com um só golpe, e enviava a alma para Deus? O mesmo faziam os longos tormentos; mas, enfim, quem suportaria longamente tantos e tão persistentes suplícios? Muitos pereceram; e creio que cairam os que presumiam de si mesmos, os que não habitavam sob a assistência do Altíssimo e sob a proteção do Deus do céu, nem disseram ao Senhor: “Tu és o meu protetor”; eles não esperaram sob as asas, mas atribuiram muito às próprias forças. Foram abandonados por Deus, que lhes mostrou ser ele quem protege, modera as provas, permite que a tentação seja tão grande quanto pode suportar aquele que é

atingido por ela.

**9** [7] Muitos, portanto, cairam devido ao demônio meri-diano. Quereis saber quantos? Continua o salmo: “Mil cairão a teu lado, dez mil a tua direita, mas não serás atin-gido”. A quem se dirigem tais palavras, irmãos, senão ao Senhor Jesus Cristo? Pois, foi ao Senhor Jesus que foram dirigidas, não só em si mesmo, mas também em nós. Re-cordai-vos daquelas palavras! “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4). Ninguém o tocava e ele dizia: “Por que me persegues?” Não seria por se considerar um de nós? Quando dizia: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40), não se incluía entre nós? Os membros não se separam dos outros; a cabeça não se separa do corpo. Qual é a cabeça e qual o corpo? O salvador e a Igreja. Como, então, foi dito: “Mil cairão a teu lado, dez mil a tua direita?” Eles caem por causa do demônio meridiano. Que pavor, irmãos! Cair ao lado de Cristo, cair a sua direita? Como caem ao lado? Por que uns caem ao lado, outros à direita? Por que mil ao lado, dez mil à direita? Por que mil ao lado? Porque mil é número menor do que dez mil, dos que caem à direita. Quem são estes? Agora se tornará claro, em nome de Cristo; será manifesto. Cristo prometeu a alguns que haveriam de julgar com ele, a saber, os apóstolos, que haviam deixado tudo para segui-lo. De fato, Pedro lhe disse: “Eis que deixamos tudo e te seguimos” e ele lhes prometeu: “Vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,27.28). Não deveis pensar que o Senhor prometeu somente a eles. Pois, onde se sentará o apóstolo Paulo, que trabalhou mais que todos (cf 1Cor 15,10), se somente doze se sentarão? Ele é, efetivamente, o décimo terceiro. Dentre os doze caiu Judas; em lugar do traidor Judas foi colocado Matias, conforme lemos nos Atos dos Apóstolos (cf At 1,15,26). Completaram-se os doze tronos. Então, não se sentará o que trabalhou mais que todos eles? Ou será perfeito o tribunal com doze tronos? Pois, mil se sentarão em doze tronos. Mas dirá alguém: Como provas que Paulo também estará entre os juízes? Ouve como ele se exprime: “Não sabeis que julgaremos os anjos?” (1Cor 6,3). “Julgaremos”, disse ele. E ele não hesitou ao presumir, acreditar, contar a si mesmo entre os que julgarão com Cristo. Com efeito, julgarão com Cristo os príncipes da Igreja, os perfeitos. A esses ele disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres”. Que significa: “Queres ser perfeito?” Se queres julgar comigo e não ser julgado. Ele saiu pesaroso (cf Mt 19,21.22). Mas muitos assim agiram, muitos assim fazem; em conseqüência, estes julgarão com Cristo. Muitos esperam que julgarão com Cristo, porque deixam tudo e o seguem, mas presumem de si mesmos, têm certo orgulho e soberba que somente Deus pode conhecer e não evitam o demônio meridiano, isto é, a queda proveniente do calor excessivo de forte perseguição. Tais foram muitos daqueles que naquele tempo haviam distribuído todos os seus bens aos pobres, e tinham esperança que haveriam de sentar-se com Cristo para julgar os povos; no ardor da perseguição, como um demônio meridiano, eles desfaleceram no meio dos tormentos e negaram a Cristo. São estes que caíram ao lado; como se devessem sentar-se com Cristo para julgar o mundo, no entanto, caíram.

**10** Explicarei quais os que caem à direita. Tendes conhecimento de que, ao aparecer o

tribunal, onde com Cristo Senhor julgarão os que quiseram ser e foram verdadeiramente perfeitos, arraigados e fundados na caridade, a fim de não secarem devido ao sol e ao demônio meridiano, será como disse o Senhor: "E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda", e serão julgados. Muitos serão os que julgarão, mas serão em menor número do que os que estarão diante do tribunal; pois eles serão uns mil e estes dez mil. Que dirá Cristo aos que estarão à direita? "Tive fome e me destes de comer; era forasteiro e me recolheste" (Mt 25,32-36). Está claro que ele dirá isto aos que possuem haveres neste mundo, para poderem praticar estes atos de humanidade. No entanto, também estes reinarão com aqueles. Uns como soldados, outros como provedores que distribuem víveres[2]; contudo, tanto o soldado como o provedor no reino estão sujeitos a um só Imperador. O soldado é forte, o provedor dedicado. O soldado forte luta contra o diabo por meio das orações, o dedicado provedor distribui víveres aos soldados. En- tenda bem, V. Caridade. Ouvirão no fim dos tempos, os que estiverem à direita: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (id 34). Havia, portanto, naquela época, quando ardia com veemência o sol da perseguição, o demônio meridiano, muitos que confiavam haveriam eles de julgar com o Cristo; não puderam suportar o ardor da perseguição e caíram a seu lado; existiam outros que não esperavam tronos para julgar, mas confiavam que devido a suas esmolas estariam à direita, entre aqueles aos quais Cristo haveria de dizer: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo". Como dentre os que esperavam julgar muitos caíram, e muitos, muito mais, caíram dos que contavam estar à direita, por isso foi dito a Cristo: "Mil cairão a teu lado, dez mil a tua direita". E uma vez que muitos estavam com ele, que não deram atenção a todas essas coisas, embora Cristo fosse um só e eles fossem seus membros, disse o salmista: "Mas tu não serás atingido". Acaso disse somente à Cabeça: "Não serás atingido"? Não; nem Pedro, nem Paulo, nem os apóstolos todos, nem todos os mártires que não renegaram no meio dos tormentos. Como "não serás atingido", visto que foram atormentados? O tormento atingiu a carne, mas não chegou à base da fé. Na verdade, sua fé estava bem distante dos terrores dos torturadores. Torturem, mas o terror não atingirá; atormentem, eles se rirão dos tormentos, presumindo daquele que venceu primeiro a fim de que os demais também vencessem. Quais os vencedores senão os que não presumiram de si mesmos? Atenta esteja V. Caridade. Foi por isso que o salmo disse tudo aquilo mais acima. "Dirá ao Senhor: És o meu protetor e o meu refúgio"; e: "Nele esperarei. Ele me há de livrar do laço dos caçadores. Ele me há de livrar", não eu mesmo. "Cobrir-te-á com a sombra de suas espáduas". Mas quando? Quando esperares "sob as suas asas. Sua verdade te cercará qual escudo". Uma vez que dele presumiste que depositaste nele a esperança inteiramente, qual a conseqüência? "Não temerás os terrores da noite, a flecha que voa de dia, a malignidade que se propaga nas trevas, a ruína e o demônio do meio dia" (Sl 90,2-6). Quem não terá medo? Quem não presumir de si mesmo, mas confiar em Cristo. Os que, de fato, presumem de si mesmos, embora confiassem estar ao lado de Cristo

para julgar, apesar de já esperarem ser da direita de Cristo e ser-lhes dito: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”, veio o demônio meridiano, isto é, uma perseguição ardente, aterradora por sua veemência, e caíram muitos, perdendo a esperança de obterem o trono judiciário; deles foi dito: “Mil cairão a teu lado”; e muitos perderão a esperança da remuneração de seus serviços, sendo dito a respeito deles: “E dez mil à tua direita, mas tu”, isto é, a Cabeça e o corpo, “não serás atingido” pela ruína e pelo demônio do meio-dia, porque o Senhor conhece os que lhe pertencem (cf 2Tm 2,19).

**11** [8] “No entanto, contemplarás com os teus olhos e verás o castigo dos pecadores”. Como é isto? Por que: “no en-tanto?” Porque foi permitido que os ímpios se ensober-becessem contra teus servos, foi facultado aos malvados perseguir teus servos. Ficarão, de fato, impunes os ímpios que perseguiram teus servos? Não ficarão impunes. Apesar de tua permissão e a coroa dos teus ser maior por isso. “No entanto, contemplarás com os teus olhos e verás o castigo dos pecadores”. Com efeito, serão remunerados pelo mal que quiseram e não pelo bem que fizeram sem saber. Agora necessitamos dos olhos da fé para vermos que eles são exaltados temporariamente e hão de chorar eternamente. Àqueles que receberam tempora-riamente poder contra os servos de Deus, será dito: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). Mas, para quem tem olhos, como disse o salmista: “contemplarás com os teus olhos” não é fácil ver o ímpio prosperar neste mundo e fixar o olhar nele, considerando pela fé o que há de sofrer no fim dos tempos, se não se corrigir; pois os que agora querem trovejar, serão fulminados depois. “No entanto, contemplarás com os teus olhos e verás o castigo dos pecadores”.

**12** [12] “Porque és, Senhor, a minha esperança”. Eis que o salmista vem explicar por que não cairá devido à ruína e ao demônio meridiano: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. Qual a razão de estar no alto o teu refúgio? Muitos pensam que lá se encontra o refúgio em Deus, a fim de escaparem ao calor temporal. No alto está o refúgio de Deus, muito oculto; lá da futura ira. Interiormente “colocaste no Altíssimo o teu refúgio. O mal não se acercará de ti e nenhum flagelo se aproximará de tua tenda. Ele deu ordem a seus anjos, em teu favor, que te guardem em todos os teus caminhos. Levar-te-ão nas mãos, para que teus pés não trope-cem em alguma pedra”. Tais são as palavras que o diabo disse ao Senhor Jesus Cristo, ao tentá-lo. Mas como precisam ser ponderadas mais intensamente, para não vos cansardes adiemos para amanhã (porque também amanhã devo falar-vos), começando desta passagem do salmo, e assim evitarmos tédio de vossa parte. Se quisermos acabar depressa a explicação dos pontos obscuros, seremos precipitados, e não os atingirá a vossa inteli-gência.

## II SERMÃO

**1** Não tenho dúvidas de que V. Caridade se lembra (refiro-me aos que ontem estiveram

presentes) não ter permitido o tempo limitado chegarmos ao fim do salmo que começáramos a comentar. Uma parte ficou para hoje. Os que estiveram ontem presentes recordem-se, e os ausentes fiquem sabendo. Por causa disso, mandamos recitar a lição do evangelho que trata de como o Senhor foi tentado com as mesmas palavras do salmo que aqui ouvistes. Cristo foi tentado a fim de que o cristão não seja vencido pelo tentador. Com efeito o mestre quis sofrer todas as tentações, porque nós também somos tentados; como quis morrer, porque morremos; como quis ressuscitar porque haveremos de ressuscitar. Aquilo que ele manifestou enquanto homem, pois fez-se homem por nossa causa, sendo Deus nosso Criador, ele o mostrou em nosso favor. As coisas que muitas vezes relembramos a V. Caridade, não nos envergonhamos de repeti-las freqüentemente. Talvez muitos de vós não podem ler, porque não têm tempo de ler, ou não sabem ler; ao menos assiduamente ouvindo essas verdades não se esqueçam de sua fé, que lhes é salutar. Certamente a repetição pode parecer aborrecida a alguns, contudo outros se edificam. Temos conhecimento de que muitos têm boa memória e são aplicados ao estudo e à leitura das coisas de Deus; eles conhecem o que havemos de dizer; e talvez preferissem que disséssemos o que não sabem. Mas se são mais rápidos, olhem pelos que andam mais devagar. Quando dois companheiros caminham juntos, sendo um deles mais rápido e outro mais vagaroso, o mais rápido pode acertar o passo com o mais lento, mas este não pode andar com o mais apressado. Se o ligeiro quiser dar quanto pode, o mais lento não conseguirá segui-lo. É preciso, então, que o mais rápido refreie sua velocidade e não deixe para trás o companheiro mais lento. O que expliquei, pois, já o repeti muitas vezes, e novamente o digo, conforme declara o Apóstolo: “Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós” (Fl 3,1). Nosso Senhor Jesus Cristo como um homem inteiramente perfeito consta de Cabeça e corpo. Cabeça sabemos ser aquele que nasceu de Maria virgem, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi sepultado, ressuscitou, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai, de onde o esperamos como juiz dos vivos e dos mortos; ele é Cabeça da Igreja (cf Ef 5,23). Corpo desta Cabeça é a Igreja, não a que se acha neste lugar, mas a que está aqui e por todo o orbe da terra. Nem é aquela que existe em nossa época, mas consta dos que existiram desde Abel aos que haverão de nascer até o fim dos tempos e de crer em Cristo, a saber, todo o povo dos santos que pertence a uma só cidade. Esta cidade identifica-se com o corpo de Cristo, que é Cabeça deste corpo. Nesta cidade encontram-se também os anjos, nossos concidadãos. Mas como ainda somos peregrinos, labutamos; eles, porém, estabelecidos na cidade, esperam nossa chegada. E daquela cidade, de onde estamos ausentes como peregrinos, chegaram-nos cartas. São as Escrituras, que nos exortam a viver bem. Por que digo que vieram cartas? O próprio rei desceu, e tornou-se o caminho de nossa peregrinação; andando por ele, não erraremos, não desanimaremos, não cairemos em poder de ladrões, nem seremos apanhados em armadilhas colocadas na estrada. Conhecemos este Cristo total e universal simultaneamente com a Igreja. Somente ele nasceu da virgem, é Cabeça da Igreja, mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus (cf 1Tm 2,5). Mediador a fim de reconciliar os que se haviam afastado. Pois não há mediador senão entre dois. Havíamos nos apartado da majestade de Deus, e ofendido a

ele com nossos pecados. Foi enviado o Filho como mediador, para apagar os pecados em seu sangue, que nos separavam de Deus. Colocando-se como intermediário, nos reconduziu a ele e nos reconciliou, pois estávamos como seus adversários devido a nossos pecados e aprisionados por nossos delitos. Ele próprio é nossa Cabeça, ele que é Deus, igual ao Pai, Verbo de Deus pelo qual tudo foi feito (cf Jo 1,3). É Deus para criar, homem para nos restaurar; Deus para fazer, homem para refazer. Contemplando-o, ouçamos o salmo. V. Caridade dê atenção. Esta a disciplina, este o ensinamento da escola do Senhor, que vos há de valer não somente para compreender um salmo, mas muitos deles, se vos prenderdes a tal norma. Por vezes o salmo, e não somente os salmos, mas ainda qualquer profecia, fala de Cristo referindo-se apenas à Cabeça, em outros casos vai da Cabeça ao corpo, isto é, à Igreja, sem demonstrar ter mudado a pessoa, porque a Cabeça não se separa do corpo, mas fala como se fosse um só. Note, portanto, V. Caridade, o que estou dizendo. É notório a todos certamente o salmo que alude à paixão do Senhor: "Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes". Os judeus, ao ouvirem estas palavras se coram; é tão evidente que a profecia foi proferida acerca da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Este não cometera pecado, todavia, o salmo começa: "Deus, meu Deus, por que me desamparaste? Longe de minha salvação as vozes de meus delitos" (Sl 21,17.18.19.2). Observai, pois, o que fala a Cabeça, o que fala o corpo. Os delitos nos pertencem, a paixão em nosso favor pertence à Cabeça; mas em consideração de sua paixão em nosso favor, os delitos que nos tocam são perdoados. Assim também acontece neste salmo.

**2** [1-8] Já tratamos dos primeiros versículos ontem; brevemente vamos relembrá-los. "Os que habitam sob a assistência do Altíssimo, descansarão sob a proteção do Deus do céu". Recomendávamos à V. Caridade acerca destes versículos, que ninguém ponha sua esperança em si mesmo, mas a deposite toda inteira naquele do qual provêm nossas forças. Vencemos com seu auxílio e não por presunção nossa. Por conseguinte, o Deus do céu nos protege, se repetirmos ao Senhor o que segue: "Dirá ao Senhor: És o meu protetor e o meu refúgio, meu Deus. Nele esperarei. Ele me há de livrar do laço dos caçadores e da palavra áspera". Dissemos que muitos, por medo da palavra áspera, caem no laço dos caçadores. Insulta-se a alguém por ser cristão; ele se arrepende de se ter feito cristão, e por causa da palavra áspera cai no laço do diabo. Ataca-se ainda outro, por viver melhor no meio de muitos cristãos; e por medo da palavra áspera dos que o insultam, cai nos laços do diabo, e assim não é trigo na eira, mas acompanha a palha. Quem, contudo, espera em Deus, livra-se dos laços dos caçadores e da palavra áspera. De que maneira Deus te protege? "Cobrir-te-á com a sombra de suas espáduas", isto é, colocar-te-á junto do peito para te proteger com suas asas. Se agora reconheces tua fraqueza, fugirás qual pintinho a abrigar-te sob as asas da mãe, a fim de não seres arrebatado pelo gavião. Gaviões são as potestades do ar, o diabo e seus anjos; querem se apossar de nossa fraqueza. Fujamos para debaixo das asas de nossa mãe, a Sabedoria, porque a própria Sabedoria se fez fraca por nossa causa, pois o Verbo se fez carne (cf Jo

1,14). Como a galinha fica doente com seus pintinhos, para protegê-los sob suas asas (cf Mt 23,37), assim nosso Senhor Jesus Cristo, sendo de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas para se tornar fraco conosco e nos proteger sob suas asas, aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, assemelhando-se aos homens e sendo exteriormente reconhecido como homem (Fl 2,6 e 7). "E sob as suas asas esperarás. Sua verdade te cercará qual escudo. Não temerás os terrores da noite". As tentações da ignorância são terrores noturnos; os pecados com conhecimento, flecha que voa de dia, pois noite relaciona-se com ignorância e dia com manifestação da verdade. Existem os que pecam por ignorância, e os que pecam com pleno conhecimento. Os que pecam por ignorância, são suplantados pelos terrores da noite: os que pecam com conhecimento, são feridos pela flecha que voa de dia. Estes fatos se dão durante perseguições mais fortes, até que se atinjam os calores do meio-dia; todos os que caírem devido a este calor, caem por causa do demônio do meio-dia. E foram muitos os que caíram devido a este calor, conforme ontem expusemos a V. Caridade; porque no ardor da perseguição foi determinado: Os cristãos sejam torturados até que neguem serem cristãos. Antes, costumava-se matar quem confessasse; depois eram torturados para negarem. Embora todo réu seja torturado enquanto negar, os cristãos eram atormentados ao confessarem, e libertados ao negarem. Era então grande o ardor dos perseguidores. Todos aqueles que caíram naquela prova, caíram devido ao demônio do meio-dia. E quantos caíram! Muitos que esperavam que haveriam de se sentar junto do Senhor para julgar, caíram a seu lado. De igual modo, muitos que esperaram ser colocados à direita, no meio do povo santo tributário, como provinciais, que oferecem provisões aos soldados, e que ouviriam: "Tive fome e me destes de comer" (pois à direita havia muitos), caíram, perdendo esta esperança. Estes são em maior número que aqueles. De fato, serão em menor número os que julgarão com o Senhor e mais os que comparecerão diante dele; mas a condição deles não é uma só. Uns estão à esquerda, e outros à direita; uns para reinarem, outros para serem castigados. Uns ouvirão: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino"; e os outros: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,32-41). Portanto, os que caem devido à "ruína e ao demônio do meio-dia, são mil a seu lado, dez mil a sua direita, Mas tu não serás atingido". Como? O demônio meridiano não te derruba. Que há de espantoso se ele não derruba a Cabeça? Mas não derruba também os que aderem à Cabeça, conforme declara o Apóstolo: "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2Tm 2,19). Com efeito, são predestinados de sorte que o Senhor conhece os que pertencem a seu corpo. Como não os atinge a tentação que possa derrubá-los, é atinente a eles o que foi escrito: "Mas tu não serás atingido". No intuito de que alguns irmãos fracos não observem os pecadores aos quais foi facultado praticar tanto mal contra os cristãos e não digam: Aí está; por que permitiu Deus aos ímpios e malvados tanto contra seus servos? Considera um pouco com teus próprios olhos, com os olhos da fé, e verás qual a retribuição que será dada aos pecadores no fim dos tempos, apesar de lhes ser permitido fazer tanto mal, para seres exercitado. Daí, pois, a continuação do salmo: "No entanto, contemplarás com os teus olhos e verás o castigo dos pecadores".

**3** “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio. O mal não se acercará de ti”. O salmista diz ao Senhor: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio. O mal não se acercará de ti e nenhum flagelo se aproximará de tua tenda”. Em seguida vêm as palavras que ouvistes terem sido proferidas pelo diabo: “Ele deu ordem a seus anjos, em teu favor, que te guardem em todos os teus caminhos. Levar-te-ão nas mãos, para que teus pés não tropecem em alguma pedra”. A quem se dirigem estas palavras? Ao mesmo a quem se disse: “Porque és, Senhor, a minha esperança”. Já sei que não é preciso explicar a cristãos quem é o Senhor. Se entenderem que se trata de Deus Pai, como os anjos o tomarão nas mãos, para que seus pés não tropecem em alguma pedra? Vedes, portanto, que Senhor é Cristo. Falava do corpo e de repente começou a se referir à Cabeça. Agora, refere-se à Cabeça, ao se dizer: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. Por conseguinte, “colocaste no Altíssimo o teu refúgio, porque tu és, Senhor, a minha esperança”. Que significa isto? V. Caridade preste atenção. “Porque tu és, Senhor a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. Já não é de admirar. Por isso, continua o salmo: “O mal não se acercará de ti, porque colocaste no Altíssimo o teu refúgio. Nenhum flagelo se aproximará de tua tenda”, porque “colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. Contudo, não lemos no evangelho que os anjos tenham em alguma parte carregado o Senhor, para que seus pés não tropeçassem em alguma pedra; mas entendemos isso. Isto realmente se fez, e não foi sem motivo que foi profetizado, senão porque haveria de acontecer. E não podemos dizer: Cristo virá depois, para que seus pés não tropecem em alguma pedra, pois ele virá para julgar. Onde, então, isso aconteceu? V. Caridade preste bem atenção.

**4** Em primeiro lugar, ouvi os versículos: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. O gênero humano sabia que o homem há de morrer; mas não tivera conhecimento de que algum homem ressuscitara. Por isso, tinha o que temer, mas não o que esperar. Nosso Senhor Jesus Cristo foi o primeiro e ressuscitar, de sorte que ele, em vista de nosso ensinamento deu-nos o medo da morte, e por causa do prêmio da vida eterna deu-nos a esperança da ressurreição. Ele morreu depois de muitos, mas ressuscitou antes de todos. Ao morrer, sofreu o que muitos já haviam padecido; ao ressuscitar, fez o que nenhum outro fizera antes dele; pois quando receberá a Igreja o poder de ressuscitar, senão no fim dos tempos? Precedeu na Cabeça o que devem os membros esperar. V. Caridade sabe como falam entre si. Diga, portanto, a Igreja a seu Senhor Jesus Cristo, diga o corpo a sua Cabeça: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”, isto é, ressuscitaste dos mortos e subiste ao céu, para colocares no alto o teu refúgio ao subires, e a fim de te tornares a minha esperança, pois na terra tinha perdido a esperança e não acreditava que eu haveria de ressuscitar. Agora já creio, porque tu, minha Cabeça, subiste ao céu. Aonde a Cabeça precedeu, os membros haverão de seguir. Penso que já se evidencia o que foi dito: “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio”. Vou dizer mais claramente. No intuito de que eu tivesse esperança na ressurreição que não possuía, ele ressuscitou em primeiro lugar, e assim onde ele me precedeu, devo esperar que para

lá o seguirei. Efetivamente, esta é a voz da Igreja que se dirige a seu Senhor, a voz do corpo à sua Cabeça.

**5** Por conseguinte, não fiques admirado: “O mal não se acercará de ti. E nenhum flagelo se aproximará de tua tenda”. Tenda de Deus é a carne. Na carne habitou o Verbo, e a carne se tornou tabernáculo de Deus. Neste tabernáculo o Imperador militou por nós; neste mesmo tabernáculo ele foi tentado pelo inimigo, a fim de que os soldados não perdessem as forças. Uma vez que ele manifestou a carne diante de nossos olhos, pois nossos olhos usufruem desta luz e se deleitam nessa luz visível, e visto que fez sua carne aparecer para que todos a vissem, diz um salmo: “Armou no sol a sua tenda”. Por que motivo: “no sol?” Abertamente, manifestamente, à luz desta terra; isto é, à luz que se difunde do céu sobre a terra, no sol armou seu tabernáculo. Mas como armaria aí seu tabernáculo, se não saísse como esposo de seu tálamo? Pois prossegue o salmo: “Armou no sol a sua tenda”; e como se alguém o interrogasse: Como? “E este qual esposo que sai do tálamo deu saltos de gigante a percorrer o caminho” (Sl 18,6). Tabernáculo e esposa são uma coisa só. O Verbo é o esposo, a carne é a esposa, e o tálamo é o seio da Virgem. Como se exprime o Apóstolo? “Serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,31-32). E o que diz o próprio Senhor no evangelho? Portanto, “já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6). De dois fez-se um só, do Verbo e a carne uma só pessoa, um só Deus. Seu tabernáculo suportou flagelos na terra; é evidente, porque o Senhor foi flagelado (cf Mt 27,26). Acaso sente os flagelos no céu? De forma nenhuma. Por quê? Porque colocou no Altíssimo o seu refúgio, para ser nossa esperança, e o mal não se acercasse dele, nenhum flagelo se aproximasse de sua tenda. Ele está muito acima de todos os céus, mas tem os pés na terra; a Cabeça está no céu, o corpo na terra. Ao serem flagelados seus pés e calcados por Saulo, clamou a Cabeça: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4). Eis que ninguém persegue a Cabeça, eis que a Cabeça está no céu, porque Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). “O mal não se acercará de ti e nenhum flagelo se aproximará de tua tenda”. Mas não pensemos que a Cabeça está separada do corpo; há separação quanto a lugares, mas união no afeto. A união afetiva fez com que ele clamasse do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” A voz que o censurava o prostrou, mas a direita compadecida o reergueu. Aquele que perseguia o corpo de Cristo se tornou membro de Cristo, a fim de sofrer aquilo mesmo que ele infligia.

1 Cf Tert. Apol. 2,13 e 1,9.

2 Cf Trat. sobre João XIII, 17, 11-14; 122, 3, 29/30.

**6** Então, irmãos? Que foi dito de nossa Cabeça? “Porque és, Senhor, a minha esperança. Colocaste no Altíssimo o teu refúgio. O mal não se acercará de ti e nenhum flagelo se aproximará de tua tenda”. Isto foi afirmado. “Ele deu ordem a seus anjos, em teu favor, que te guardem em todos os teus caminhos”. Acabais de ouvir a leitura do evangelho. Atenção. Depois de batizado, o Senhor jejuou (cf Mt 4,2). Porque foi batizado? Para

que não menosprezássemos o batismo. Quando o mesmo João dizia ao Senhor: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim? Jesus, porém respondeu-lhe: Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,14.15). Quis praticar completa humildade, lavando-se aquele que não tinha mácula. Para quê? Por causa da soberba dos futuros fiéis. Por exemplo, pode haver um catecúmeno que vença em ciência e costumes a muitos dos fiéis; ele nota que há entre os batizados muitos ignorantes, e muitos que vivem de modo diferente do seu, que não têm tão grande continência, nem tamanha castidade; ele já não procura esposa, e vê talvez um fiel, que se não comete luxúria, no entanto é intem-perante no casamento. Ele pode levantar a cabeça com soberba e dizer: Que necessidade tenho de batizar-me, para receber o que tem este do qual sou melhor em vida e conhecimentos? E o Senhor lhe responderá? Em que prevaleces? Em quanto mais? Tanto quanto eu estou acima de ti? “Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor. Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor” (Mt 10,24.25). Não te ensoberbeças, recusando o batismo. Pedes o batismo do Senhor, enquanto eu procurei o do servo. Portanto, o Senhor foi batizado e depois do batismo foi tentado, jejuou quarenta dias de modo misterioso, como várias vezes vos relembrei. Nem tudo se pode explicar de uma vez, para não se tomar o tempo necessário a outras questões. Depois de quarenta dias teve fome. Podia também nunca sentir fome; mas como seria tentado? Ou se ele não vencesse o tentador, como aprenderias a lutar com o tentador? Ele teve fome; e disse-lhe logo o tentador: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4,3). Que dificuldade havia para nosso Senhor Jesus Cristo em transformar pedras em pães, se ele saturou com cinco pães tantos mil? (cf Mt 14,17-21). Fez pão do nada. Tamanha quantidade de alimento que pôde saciar tantos mil, de onde proveio? As fontes do pão eram as mãos do Senhor. Não é de admirar, pois de cinco pães tirou uma quantidade suficiente para saciar tantos mil aquele que diariamente retira da terra, de poucos grãos messes fartas. Pois, são estes também milagres do Senhor; mas são depreciados devido a sua assiduidade. Por que seria impossível, irmãos, que o Senhor transformasse pedras em pães? Das pedras tirou homens, conforme a palavra de João Batista: “Mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3,9). Por que razão não o fez? Para te ensinar como responder ao tentador, se acaso estiveres com alguma angústia e o tentador te sugerir: Se fosses cristão e pertencesses a Cristo, ele te abandonaria deste modo agora? Não te mandaria auxílio? Talvez o médico ainda está cortando, e portanto parece que abandona, contudo não está abandonando. Da mesma forma que ele não ouviu Paulo, porque queria atendê-lo. Pois, Paulo declara que não foi ouvido a respeito do aguilhão da carne, com que foi permitido ao anjo de satanás que o espancasse: “A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,7-9). Seria como se um doente dissesse ao médico, que lhe impusera um emplastro: Incomoda-me este emplastro; peço-te que o tires. E o médico: Não, é preciso que fique aí durante algum tempo, se não, não ficarás curado. O médico não atende à vontade do doente, porque atende à sua saúde. Diante disso, irmãos, sede

fortes. Quando fordes provados por alguma carência, quando Deus vos flagela e instrui, porque vos preserva uma herança eterna, não vos sugira o diabo: Se fosses justo, Deus não te enviaria pão por um corvo, conforme mandou a Elias? (cf 1Rs 17,6). Onde está a realização do que leste: “Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão”? (Sl 36,25). Responde ao diabo: É verdadeira a palavra da Escritura: “Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão”; tenho um pão que não conheces. Qual? Ouve o que diz o Senhor: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; Dt 8,3). Pensas que a palavra de Deus não é pão? Se não fosse pão o Verbo de Deus, pelo qual tudo foi feito, ele não teria dito: “Eu sou o pão vivo descido do céu” (Jo 6,51). Aprendeste o que responder ao tentador quando a fome te angustiar.

**7** E se ele te tentar, dizendo: Se fosses cristão, farias milagres como fizeram muitos cristãos? Tu, enganado pela sugestão má, tentarias o Senhor teu Deus, dizendo ao Senhor nosso Deus: se sou cristão, estou diante de teus olhos, e me contas no número dos teus, que eu faça algo conforme muita coisa que teus santos fizeram. Tentaste a teu Deus, como se não fosses cristão se não fizeres tais coisas. Muitos, desejando tais coisas, caíram. Com efeito, aquele Simão mago desejou obter dos apóstolos o poder de fazer milagres, e quis obter o Espírito Santo por meio de dinheiro (cf At 8,18.19). Apreciou o poder de fazer milagres, mas não quis imitar a humildade. Assim, certo discípulo, ou alguém da multidão queria seguir o Senhor, tendo em vista os milagres que ele operava; o Senhor viu que aquele soberbo não procurava o caminho da humildade, mas o inchaço do poder, e lhe disse: “As raposas têm tocas e as aves do céu ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). As raposas têm tocas em ti; as aves do céu têm em ti os seus ninhos. Raposa é o dolo; aves do céu representam a soberba, pois as aves procuram as alturas como os soberbos. As raposas têm cavernas enganadoras; assim também todos os que armam insídias. Como respondeu o Senhor? Em ti podem habitar a soberba e a mentira; Cristo não tem onde habitar em ti, onde reclinar sua cabeça. Reclinar a cabeça é figura da humildade de Cristo. Se ele não reclinasse a cabeça não serias justificado. Até os discípulos tinham tais desejos, e apeteciam os tronos no reino, antes de entenderem o caminho da humildade. Quando a mãe dos dois discípulos insinuou ao Senhor: “Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e o outro à tua esquerda”, estes procuravam o poder; mas pela paixão da humildade se chega ao poder do reino. O Senhor respondeu: “Podeis beber o cálice que estou para beber?” (Mt 20,21.22). Por que pensais na elevação do reino e não imitais a minha humildade? Portanto, se o diabo te tentar assim: Faze um milagre. Para não tentares a Deus, que deves responder? O mesmo que o Senhor respondeu. O diabo lhe disse: “Atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos e eles te tomarão nas mãos, para que não tropeces em alguma pedra”. Se te atirares, os anjos te sustentarão. E era possível, irmãos, se o Senhor se atirasse, que a carne do Senhor recebesse os serviços dos anjos; mas como ele respondeu? “Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus” (Mt 4,6.7: Dt 6,16). Pensas que sou homem. O diabo se aproximou para experimentar se ele era o Filho de Deus. Via a carne; mas a majestade

transparecia nas obras. Os anjos haviam dado testemunho. O diabo o viu como mortal a fim de poder tentá-lo, e Cristo, sendo tentado, servia de ensinamento para o cristão. Como está escrito? “Não tentarás o Senhor teu Deus”. Por isso não tentemos o Senhor, dizendo: Se pertencemos a ti, façamos milagres.

**8** Voltemos às palavras do salmo. “Ele deu ordem a seus anjos, em teu favor, que te guardem em todos os teus caminhos. Levar-te-ão nas mãos, para que teus pés não tropecem em alguma pedra”. Cristo foi levado nas mãos dos anjos, quando subiu ao céu; não significa isto que se os anjos não o levassem, ele cairia; mas que prestavam homenagem a seu rei. Ora, talvez diríeis: São melhores os que levavam do que aquele que era carregado. Então, os jumentos são melhores do que os homens? Mas, os jumentos carregam os homens fracos. Nem isso devemos dizer. De fato, se os jumentos recalcitram, caem os que os montam. Mas como devemos nos exprimir? Pois, também a respeito de Deus foi dito: “O céu é o meu trono” (Is 66,1; At 7,49). Uma vez que o céu sustenta, e Deus está sentado, seria melhor o céu? Assim igualmente podemos entender o versículo deste salmo que fala do serviço dos anjos; não se trata de fraqueza da parte do Senhor, mas da honra, do serviço que os anjos lhe prestam. Com efeito, nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou; por que motivo? Ouvi como se expressa o Apóstolo: “Morreu pelas nossas faltas, e ressuscitou para a nossa justificação” (Rm 4,25). Ainda, encontramos sobre o Espírito Santo no evangelho: “Não havia ainda sido dado o Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado” (Jo 7,39). Qual foi a glorificação de Jesus? Ressuscitou e subiu ao céu. Tendo sido glorificado por Deus por meio da ascensão ao céu, ele enviou o Espírito Santo no dia de Pentecostes. Na lei, de fato, no livro do Êxodo escrito por Moisés, contam-se cinqüenta dias desde a imolação e manducação do cordeiro. A lei foi dada, escrita pelo dedo de Deus em tábuas de pedra. O evangelho nos expõe o que significa dedo de Deus; dedo de Deus é o Espírito Santo. Como prová-lo? O Senhor, em resposta àqueles que lhe objetavam que ele expulsava os demônios em nome de Beelzebu, disse: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios” (Mt 12,28), enquanto outro evangelista narra o fato e declara: “Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios” (Lc 11,20). Um se exprime claramente, e o outro de modo obscuro. Não sabias o que é o dedo de Deus. Outro evangelista o explica, dizendo tratar-se do Espírito de Deus. Por conseguinte, a lei promulgada no qüinquagésimo dia após a imolação do cordeiro, foi escrita pelo dedo de Deus; e o Espírito Santo veio no qüinquagésimo dia a contar da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. O cordeiro foi imolado, celebrou-se a Páscoa, completaram-se os cinqüenta dias, a lei foi promulgada. Mas aquela lei era do temor, não do amor; a fim de que o temor, porém, se convertesse em amor, foi morto o justo já em plena verdade; tipo deste justo era o cordeiro que os judeus imolavam. Cristo ressuscitou. Do dia da Páscoa do Senhor, como a contar do dia da Páscoa da imolação do cordeiro, enumeram-se cinqüenta dias; e veio o Espírito Santo, já na plenitude do amor, não com a pena do temor. Por que me refiro a isto? Porque o Senhor ressurgiu e foi glorificado, a fim de enviar o Espírito Santo (cf At 2,1-4). E já disse que a Cabeça está no céu e os pés na terra. Se a Cabeça está no céu e os pés estão na terra, quais são os pés do Senhor na terra, a não ser seus santos

que estão na terra? Quais são os pés do Senhor? Os Apóstolos enviados a todo o orbe da terra. Quais são os pés do Senhor? Todos os evangelistas, nos quais é o Senhor que visita todos os povos. Era de se temer que os evangelistas tropeçassem na pedra. A Cabeça estava no céu, mas os pés estavam em labuta na terra e poderiam tropeçar na pedra. Em qual? Na lei promulgada em tábuas de pedra. No intuito de que a lei não criasse homens culpados, sem a graça e sob a lei, pois a própria ofensa acarreta a culpa, o Senhor absolveu os réus sob a lei, para que a lei não lhes fosse tropeço. A fim de que os pés que pertencem a esta Cabeça não incorressem em culpa sob a lei, foi enviado o Espírito Santo para infundir-lhes o amor e afastar o temor. O temor não cumpria a lei, mas o amor a cumpriu. Os homens temiam e não cumpriam; começaram a amar e a cumpriram. Como foi que temiam e não cumpriam, começaram a amar e a cumpriram? Os homens temiam e roubavam os bens alheios, começaram a amar e deram os própios bens. Por isso, não é de admirar que pelas mãos dos sanjos o Senhor subiu ao céu, a fim de que seus pés não tropeçassem em alguma pedra, e para que os membros de seu corpo que na terra estavam em trabalhos, percorrendo toda a terra, não se tornassem culpados sob a lei, o Espírito Santo tirou-lhes o temor e encheu-os de amor. Pedro por medo negou três vezes (cf Mt 26,69-75); ainda não havia recebido o Espírito Santo; após recebê-lo, começou a pregar ousadamente. Aquele que negara três vezes por causa da palavra de uma criada (cf At 5,40), depois de receber o Espírito Santo, confessou a Cristo que negara, no meio dos flagelos dos príncipes. Não é espantoso, porque o Senhor fez desaparecer o tríplice medo por meio de um tríplice ato de amor. Havendo ressuscitado dos mortos, perguntou a Pedro: Pedro, “tu me amas?” Não disse: Tu me temes? Pois, se ainda temesse, seus pés tropeçariam na pedra. “Tu me amas”? perguntou. E ele respondeu: “Amo”. Bastava dizer uma vez. Talvez bastasse para mim, que não vejo o coração; quanto mais era suficiente para o Senhor, que via como Pedro respondeu de todo o coração: “Amo?” Não bastou ao Senhor que ele respondesse uma vez; interrogou novamente, e ele respondeu: “Amo”. Interrogou terceira vez, e Pedro já aborrecido, como se o Senhor duvidasse de seu amor, respondeu: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo” (Jo 21,15-17). Mas o Senhor agiu para com ele, como se lhe dissesse: Tu me negaste três vezes por temor, confessa por três vezes por amor. Ele encheu seus discípulos com este amor, esta caridade. Por quê? Porque colocou no Altíssimo o seu refúgio; porque depois de glorificado enviou o Espírito Santo, e libertou os fiéis do reato da lei, a fim de que não tropeçassem seus pés em alguma pedra.

**9** [13] O restante, irmãos, é claro. Já foi explicado muitas vezes. “Andarás sobre a áspide e o basilisco, calcarás o leão e o dragão”[1]. Sabeis que é a serpente; conheceis como a Igreja a calcará, que ela não é vencida, por que se acautela da astúcia da serpente. Como, porém, esta é leão e dragão, creio que também está ciente V. Caridade. O leão se enfurece abertamente; o dragão arma insídias ocultas. O diabo tem ambas as espécies de poder. Quando matava os mártires era leão enfurecido; quando os hereges armam ciladas, ele é o dragão subreptício. Venceste o leão, vence igualmente o dragão. O leão não te esmagou. Não te engane o dragão. Provemos que era leão, ao ser abertamente

cruel. Exortando os mártires, disse Pedro: “Eis que o vosso adversário, o diabo vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar” (1Pd 5,8). Rugindo abertamente, o leão procurava quem devorar. E o dragão, como arma ciladas? Através dos hereges. Temendo Paulo que eles não corrompessem a virgindade da fé da Igreja, que a traz no coração, disse: “Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo” (2Cor 11,2.3). Possuem a virgindade do corpo poucas mulheres na Igreja, mas todos os fiéis possuem a virgindade do coração. Ele temia que o diabo corrompesse a virgindade do coração, que consiste na própria fé; quem a perder, é inútil ser virgem de corpo. Se a corrupção está no coração, que pode conservar no corpo? Por isso, a mulher católica está acima da virgem herética. Aquela não é virgem corporalmente, e esta é esposa no coração; não de Deus, mas da serpente. Que acontece, porém, à Igreja? “Andarás sobre a áspide e o basilisco”. O basilisco é o rei das serpentes, como o diabo é o rei dos demônios. “Calcarás o leão e o dragão”.

**10** [14] Logo vêm as palavras de Deus à Igreja: “Esperou em mim, eu o livrarei”. Não somente, portanto, a Cabeça, que agora está no céu, que colocou no Altíssimo o seu refúgio, à qual não tem acesso os males e nenhum flagelo se aproximará de sua tenda, mas também nós, que pelejamos na terra, ainda vivemos no meio de tentações, cujos passos ainda correm o perigo de resvalarem nos laços, ouçamos a voz do Senhor nosso Deus, a consolar-nos e dizer-nos: “Esperou em mim, eu o livrarei, protegê-lo-ei porque conheceu o meu nome”.

**11** [15] “Invocar-me-á e eu o escutarei. Com ele estou na tribulação”. Não tenhas medo na tribulação, como se Deus não esteja contigo. Esteja a fé contigo, e Deus está contigo na tribulação. São ondas do mar. Perturbas-te no navio, porque Cristo dorme. Cristo dormia na barca (cf Mt 8,24,25), os homens estavam em perigo de perecer. Se tua fé dorme em teu coração, é Cristo que dorme em tua barca; porque Cristo habita em ti pela fé. Ao começares a te perturbar, acorda o Cristo que dorme; desperta a tua fé e verás que ele não te abandona. Mas provavelmente jul-gas que te abandona, porque não te livra no momento que queres. Ele livrou os três jovens da fornalha (cf Dn 3,49.50). Se livrou os três jovens, abandonou os Macabeus? (cf Mc 7). De forma alguma. Livrou a uns e a outros; aos primeiros corporalmente, a fim de confundir os infiéis; a estes espiritualmente, a fim de que os fiéis os imitem. “Com ele estou na tribulação. Hei de livrá-lo e glorificá-lo”.

**12** [16] “De longos dias hei de cumulá-lo”. Que quer dizer: longos dias? A vida eterna. Irmãos, não penseis que o salmista fala em dias longos, conforme falamos de dias curtos no inverno e dias longos no verão. São tais dias que nos serão dados? Trata-se daquela duração que não tem fim, é a vida eterna que nos é prometida nesses dias longos. E na verdade, como bastam, não foi sem motivo que disse o salmista: “Hei de cumulá-lo”. Não nos basta o que é longo no tempo, se tem fim; por isso nem devem ter o nome de

longo. E se somos avaros, devemos ser avaros da vida eterna; desejai tal vida que não tem fim. Eis até onde se estende a nossa avareza. Queres ter dinheiro sem fim? Deseja a vida eterna sem fim. Não queres que tenha fim a tua posse? Procura a vida eterna. “De longos dias hei de cumulá-lo”.

**13** “E mostrar-lhe-ei a minha salvação”. Nem isto, irmãos, devemos ver só de passagem. “Mostrar-lhe-ei a minha salvação”, isto é: Mostrar-lhe-ei o próprio Cristo. Por quê? Não apareceu na terra? Tem algo de importante para nos mostrar? Cristo não apareceu tal como o veremos. Apareceu com o aspecto que viram os que o crucificaram; eis que eles viram e o crucificaram; nós não vimos e cremos. Eles tinham olhos e nós não temos? Ainda mais. Temos os olhos do coração; mas vemos ainda pela fé, não na plena realidade. Quando será na realidade? Quando o virmos “face a face” (1Cor 13,12), segundo diz o Apóstolo, o que Deus nos prometeu como grande prêmio de todos os nossos labores. Seja como for que trabalhes, trabalhas para veres. Não sei dizer o que veremos de tão grande que toda a nossa recompensa consistirá nesta visão; este grande objeto de nossa visão é nosso Senhor Jesus Cristo. Ele que apareceu humilde, aparecerá grandioso e nos alegrará, assim como agora é visto pelos anjos: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Dai atenção a quem prometeu essas coisas, o próprio Senhor a dizer no evangelho: “Quem me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei” (Jo 14,21). E como se alguém lhe dissesse: E que darás a quem te ama? Responde: “A ele me manifestarei” (ib.). Desejemos e amemos; amemos com ardor, se somos a esposa. O esposo está ausente, esperemo-lo: virá aquele por quem anelamos. Deu tal penhor. Não tenha medo a esposa de que será abandonada pelo esposo; não deixará seu penhor. Que penhor ele nos deu? Derramou seu sangue. Que penhor deu? Enviou o Espírito Santo. O esposo abandonará a esposa a quem deu tais penhores? Se ele não amasse, não daria tais penhores. Já ama. Oh! Se amássemos desta maneira! “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). E como podemos dar nossa vida por ele? Que lhe adiantará, se já colocou no Altíssimo o seu refúgio, e o flagelo não se acercará de sua tenda? Mas como se exprime João? “Cristo deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3,16). Todo aquele que dá a vida pelo irmão, é por Cristo que a dá; como alimenta a Cristo quem nutre os irmãos: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Amemos e imitemos; corramos ao odor de seus perfumes, como se diz no Cântico dos cânticos : “Corramos ao odor de seus perfumes” (Ct 1,3). O Senhor veio e exalou seu perfume, e seu odor encheu o mundo. De onde veio o odor? Do céu. Segue-o ao céu, se não é falsamente que respondes à interpelação: Corações ao alto, ao alto os pensamentos, ao alto o amor, ao alto a esperança, para que não se corrompa na terra. Não tens coragem de depositar o trigo sobre a terra úmida para que não apodreça, tendo em vista que trabalhaste, colheste, trituraste e ventilaste. Por que procuras um lugar adequado para teu trigo e não procuras um local próprio para teu coração? Não procuras um lugar para teu tesouro? Faze quanto puderes na terra; dá; não perdes, mas depositas. E quem o guarda? É Cristo, que também te guarda. Ele sabe te guardar e não saberá guardar teu tesouro?

Ora, porque ele quer que mude de lugar o teu tesouro, senão para que mudes igualmente o lugar adequado a teu coração? Pois, ninguém pensa senão em seu tesouro. Quantos são os que aqui me ouvem agora, e seu coração está apenas em seus saquitéis? Estais na terra, porque amais o que é da terra; seja enviado para o céu, e lá estará vosso coração. Pois onde está o teu tesouro aí estará também teu coração (cf Mt 6,21).

1 Sobre este versículo, cf. Com s/sal. 34,1,21ss.

# SALMO 91

## SERMÃO

**1** Prestai atenção ao salmo. O Senhor nos conceda revelarmos os mistérios que ele contém; para evitar que vos enfastieis, explicamos as mesmas coisas de maneira diversa e variada. De fato, Deus não nos ensina outro cântico senão o da fé, da esperança e da caridade: para que nossa fé se firme nele, enquanto não o vemos, acredi-tando, porém, naquele que não vemos: deste modo nos alegraremos ao vê-lo, e a visão de sua luz sucederá à nossa fé. Então não nos será mais dito: Crê no que não vês, mas: alegra-te porque já vês. Nossa esperança igualmente seja indefectível e apoie-se nele. Não vacile, não flutue, não se agite, como o próprio Deus em quem ela se fir-ma não pode se agitar. Ela agora se denomina esperança; depois não haverá mais esperança, mas será plena realidade. Enquanto se chama esperança, não se vê o que se espera, segundo a palavra do Apóstolo: "Ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,24.25). Agora, portanto, é necessária a paciência, até que venha o que foi prometido. Efetivamente, ninguém é paciente nos eventos felizes. O mal é que exige paciência da parte do homem. Então, se lhe diz: Tenha paciência, tolera, suporta; Deus quer que sejas forte, tolerante, longânime, paciente, sob o mal que atinge. Mas, acaso engana aquele que fez a promessa? O médico mete o bisturi para cortar a parte vulnerada, e diz ao paciente que será operado: Tem paciência, suporta, tolera; durante as dores exige a paciência, mas depois das dores promete a saúde. E aquele que tolera as dores sob o bisturi do médico, se não se lhe propõe a saúde que ainda não tem, desanima no meio da dor que o atinge. Com efeito, numerosos são os males neste mundo, interna e externamente. Absolutamente não cessam, os escândalos abundam. Só os percebe aquele que já ingressou pelos caminhos de Deus. Todas as páginas divinas lhe dizem que deve tolerar os males presentes, esperar os bens futuros, amar a Deus que não vê para abraçá-lo ao vê-lo. Mas, a caridade, que vem em terceiro lugar, depois da fé e da esperança, é maior do que a fé e a esperança (cf 1Cor 13,15), porque a fé pertence às coisas que não se vêem. Será a visão quando se manifestarem. A esperança é atinente aos bens que ainda não são possuídos. Ao chegarem os bens reais, já não haverá esperança, porque possuiremos e não esperaremos. Ao invés, a caridade apenas pode crescer cada vez mais. Pois se amamos o que não vemos, como amaremos, ao vermos? Portanto, cresça nosso desejo. Não somos cristãos a não ser em vista do século futuro. Ninguém espere os bens presentes, ninguém prometa a si mesmo a felicidade neste mundo, pois é cristão. Mas, use da felicidade presente, como puder, se puder, quando puder, quanto puder. Quando ela existe, dê graças por causa do consolo que Deus proporciona; se falta, dê graças à justiça de Deus. Seja sempre grato, nunca ingrato. Seja grato ao Pai, quer console e acaricie, quer emende e castigue e ensine. Pois, ele sempre ama, quer acaricie,

quer ameace; e repita o que ouviste no salmo: “É bom confessar ao Senhor e cantar salmos a teu nome, ó Altíssimo”.

**2** [1] O salmo traz o título seguinte: “Salmo de cântico. Para o dia de sábado”. Eis que hoje é sábado. Os judeus celebram este dia atualmente com um lazer corporal lânguido, negligente e dissoluto. Pois eles se dão a futilidades. Deus ordenou o repouso do sábado (cf Ex 20,8), mas eles o passam naquelas coisas que Deus proíbe. Nosso repouso seja em relação às obras más, enquanto eles deixam as obras boas. Pois, é melhor arar do que dançar. Eles descansam em relação às boas obras, mas não se abstêm das obras fúteis. Foi Deus quem promulgou o sábado. Qual? Em primeiro lugar, vede onde ele se encontra. É em nosso íntimo, no coração que está nosso sábado. Muitos deixam os membros em repouso, e agitam-se na consciência. Um homem malvado não pode ter sábado, pois sua consciência nunca repousa; necessariamente viverá no meio de perturbações. Quem tem uma consciência em paz, fica tranqüilo; e esta mesma tranqüilidade é o sábado do coração. Pois, ele considera que Deus foi quem prometeu. E se labuta no presente, em esperança se estende para o futuro, e assim dissipa toda nuvem de tristeza, conforme a palavra do Apóstolo: “Alegrando-nos na esperança” (Rm 12,12). A alegria na tranqüilidade de nossa esperança é que constitui o nosso sábado. É isto que relembra, que canta o presente salmo: como o cristão se comporta no sábado de seu coração, isto é, no lazer, na tranqüilidade e na serenidade de sua consciência, sem perturbação. Daí vem que o salmista aqui descreva como costumam os homens se perturbar, e te ensine como passar o sábado em teu coração.

**3** [2] Em primeiro lugar, que louves a Deus por teus progressos, se progrediste um pouco, porque esse adiantamento é devido a um dom seu e não a teus méritos. Assim começa o sábado: não atribuires a ti como se não tivesses recebido o que recebeste (cf 1Cor 4,7), nem te desculpando do mal que fazes, porque este vem de ti. Pois, os homens perversos e perturbados, que não observam o sábado, atribuem a Deus o mal que em si encontram, e a si o bem. Se fizer algo de bom, logo diz: Fui eu que fiz; se algo de mau, procura a quem acusar, para não se confessar a Deus. E que significa: Procura a quem acusar? Se não é muito incrédulo, tem a seu alcance Satanás para ser acusado. Satanás fez isto, diz ele, persuadindo-me. Como se Satanás tivesse poder de coagir. Ele tem astúcia para persuadir. Mas se Satanás falasse, e Deus se calasse, terias como te desculpar. No entanto, agora teus ouvidos acham-se entre Deus que admoesta e a serpente que sugere. Por que te dobras para um lado e voltas as costas a outro? Satanás não cessa de persuadir em relação ao mal; mas nem Deus deixa de admoestar para o bem. Satanás, contudo, não obriga a quem não quer; em teu poder está consentir ou não consentir. Se por persuasão de Satanás fizeres algum mal, abandona a Satanás, acusa-te e por tua acusação merecerás a misericórdia de Deus. Queres acusar aquele que não tem perdão? Acusa-te e obterás indulgência. Em outros casos, muitos não acusam a Satanás, mas acusam o destino. Meu fado me conduziu, diz alguém. Se lhe perguntas: Por que fizeste isto? Por que pecaste? Responde: Devido a meu malvado destino. Não querendo dizer: Eu é que fiz, estende as mãos para Deus, mas blasfema com a língua. Não o faz

abertamente; mas observa como fala assim. Interroga-o sobre o que é o destino e ele responde: As más estrelas. Pergunta-lhe quem fez as estrelas, quem as pôs em ordem. Não tem outra resposta senão que foi Deus. De resto, quer de passagem, ou longamente, quer pelo caminho mais curto, ele acusa a Deus. Apesar de Deus castigar os pecados, ele declara que Deus é o autor de seus pecados. Não é possível que ele castigue aquilo que ele mesmo tenha feito. Ele pune aquilo que tu fazes, a fim de libertar aquilo que ele mesmo faz. Às vezes, porém, deixando tudo de lado, vão diretamente a Deus e ao pecarem, dizem: Foi Deus quem quis assim; se Deus não o quisesse, eu não teria pecado. Suas admoestações fazem não somente que não seja ouvido para não pecares, mas ainda para que tu o acuses se pecas? Ora, que nos ensina este salmo? "É bom confessar ao Senhor". Que significa: "Confessar ao Senhor?" Em ambos os casos, tanto por causa do pecado que praticaste, como do bem que fizeste, porque vem de Deus, confessa ao Senhor. Cantas salmos ao nome de Deus Altíssimo, se procuras a glória de Deus e não a tua; seu nome, e não o teu. Pois, se procuras o nome de Deus, ele também procura exaltar teu nome; se, porém, negligenciares o nome de Deus, ele também apagará teu nome. Por que motivo eu disse: Ele procura exaltar teu nome? Porque será conforme ao que ele disse a seus discípulos que voltavam da missão de evangelizar. Havendo praticado muitos milagres, e expulsado demônios em nome de Cristo, ao regressar, disseram-lhe: "Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!" Eles afirmaram: "em teu nome". Mas, o Senhor viu que eles se alegravam pela própria glorificação, e se orgulhavam, e daí partiam para a soberba, porque lhes fora facultado expulsar os demônios. Viu que eles procuravam sua própria glória e disse-lhes, procurando, ou antes conservando seus nomes junto de si: "Contudo, não vos alegreis por isso; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc 17,20). Eis onde tens o teu nome, se não te descuidas do nome de Deus. Salmodia, portanto, ao nome de Deus, de tal forma que teu nome esteja inscrito junto de Deus. O que é salmodiar, irmãos? O saltério é uma espécie de instrumento de cordas. Nossas obras são nosso saltério. Quem emprega as mãos em boas obras, salmodia para Deus. Quem confessa com a boca, canta a Deus. Canta com a boca, salmodia com as obras. Com que finalidade?

**4** [3] "Publicar de manhã a tua misericórdia e pela noite a tua verdade". Que significa publicar de manhã a misericórdia de Deus e pela noite sua verdade? Diz-se que é de manhã quando tudo corre bem para nós; e noite, quando chega a tristeza da tribulação. Em resumo, que disse o salmista? Quando estás bem, alegra-te junto de Deus, porque isso provém de sua misericórdia. Talvez já dirias: Se, portanto, alegro-me junto de Deus, quando tudo corre bem, porque isso deriva de sua misericórdia, quando estou em tristeza, em tribulação, que devo fazer? Vem de sua misericórdia o estar bem; então seria crueldade de sua parte, quando as coisas correm mal? Se louvo a misericórdia quando tudo está bem, acusá-lo-ei de crueldade quando as coisas correm mal? Não. Mas, quando tudo prospera, louva a misericórdia; quando dá para trás, louva a verdade, porque não é iníquo quem castiga os pecados. Para Daniel era noite, quando orava; pois Jerusalém estava em cativeiro, estava no poder dos inimigos. Então os santos padeciam

muitos males, e ele mesmo fora lançado na cova dos leões (cf Dn 3,6), e os três jovens foram precipitados na fornalha de fogo. Era isto que padecia o povo de Israel no cativeiro. Era noite, Daniel louvava de noite a verdade de Deus; dizia-lhe na oração: "Nós pecamos, cometemos iniqüidades. A ti, Senhor, a glória; e a nós a vergonha no rosto" (Dn 9,5.7). Ele anunciava a verdade de Deus de noite. Que significa anunciar a verdade de Deus pela noite? Não acusar a Deus, por sofreres algum mal, mas atribuir tudo isso a teus pecados e à correção que vem de Deus: "Publicar de manhã tua misericórdia e pela noite a tua verdade". Ao anunciares de manhã a misericórdia, e a verdade pela noite, sempre louvas a Deus, sempre o confessas e cantas salmos a seu nome.

**5** [4] "No saltério de dez cordas, aos acentos da cítara". Não escutastes agora o saltério de dez cordas. O saltério de dez cordas representa os dez preceitos da Lei. Mas é preciso cantar ao seu som, e não somente carregar o saltério. Pois também os judeus têm a Lei; carregam, mas não salmodiam. Quais são os que salmodiam? Os que praticam obras. Ainda é pouco: os que as praticam com tristeza, ainda não salmodiam. Quais os que salmodiam? Os que fazem o bem com alegria. Na salmodia há alegria. Como diz o Apóstolo? "Pois Deus ama a quem dá com alegria" (2Cor 9,7). Faze com alegria tudo o que fazes; então praticarás bem o que é bom. Se, porém, é com tristeza que o praticas, a obra parte de ti, mas não és tu que a fazes; então, carregas o saltério, mas não cantas. "No saltério de dez cordas, aos acentos da cítara", quer dizer, por palavras e obras. "Aos acentos", palavras; "da cítara", obras. Se somente proferes palavras, tens apenas cânticos, mas não usas a cítara; se obras, e não falas, de certo modo possuis apenas a cítara. Por isso, fala bem, e age bem, se queres ter cânticos e cítara.

**6** [5] "Com teus feitos me deleitaste, exulto com as obras de tuas mãos". Vedes como se exprime o salmista. Tu me fizeste viver bem, tu me formaste; se faço algo de bem, exultarei com as obras de tuas mãos; assim se expressa o Apóstolo: "Pois somos criaturas dele, criados para as boas obras" (Ef 2,10). Se Deus não te tivesse criado para as boas obras, conhecerias apenas tuas obras más. "Pois quem mente, fala do que lhe é próprio" (Jo 8,44). É o que declara o evangelho. Todo pecado é uma mentira. Pois, o que é contra a lei e contra a verdade chama-se mentira. Portanto, o que foi dito? "Quem mente, fala do que lhe é próprio", isto é, quem peca, peca por si mesmo. Notai a sentença contrária. Se, pois, quem mente, fala do que lhe é próprio, a conseqüência é que aquele que fala a verdade, fala do que lhe vem de Deus. Por esta razão, diz-se em outra passagem: "Só Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso" (Rm 3,4; Sl 115,11). Esta sentença não te diz o seguinte: Vá, mente com tranqüilidade, porque és homem; ao invés, vê que és homem, porque és mentiroso. E para seres veraz, bebe a verdade, para exalares o que é de Deus, para seres veraz. Uma vez que não podes ter a veracidade por ti mesmo, resta que a bebas na fonte de onde ela flui. Assim também, se te apartas da luz, ficas nas trevas. A pedra por si mesma não queima, mas seu calor vem do sol ou do fogo, enquanto se esfria se a tirares do calor. Assim se nota que queimava, mas não por si mesma; estava quente devido ao sol ou ao fogo. Da mesma maneira tu,

se te afastas de Deus, esfrias. Se de Deus te aproximas, esquentas, conforme diz o Apóstolo: “Fervorosos de espírito” (Rm 12,11). Ainda, que diz ele a respeito da luz? Se dele te aproximares, estarás na luz; por esta razão encontra-se em um salmo: “Acercai-vos dele e sereis iluminados e vosso rosto não se cobrirá de confusão” (Sl 33,6). Visto que nada de bom podes fazer, a não ser que te tornes esclarecido pela luz de Deus e fervoroso devido ao Espírito de Deus, ao vires o bem que fazes, louva a Deus, e repete a palavra do Apóstolo, repete a ti mesmo a fim de não te orgulhares: “Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4,7). Por isso, aqui se confessa a Deus e o salmista nos instrui a respeito de uma boa confissão, dizendo: “Com teus feitos, Senhor, me deleitaste, exultarei com as obras de tuas mãos”.

**7** Que fazer acerca daqueles que vivem mal e progridem? Daí provém o ânimo perturbado que perde o sábado. Ele vê que diariamente está dedicado às boas obras, e trabalha angustiado, talvez na penúria de bens familiares, provavelmente sofrendo fome, sede e nudez, possivelmente no cárcere, apesar do bem que fez enquanto aquele que o lançou no cárcere está a praticar o mal e a exultar; e em seu coração penetra um pensamento péssimo sobre Deus, e ele diz: Ó Deus, por que te sirvo? Por que obedeço a tuas palavras? Não roubei o alheio, não furtei, não matei, não desejei as coisas alheias, não levantei falso testemunho contra alguém, não injuriei pai e mãe, não me inclinei perante os ídolos, não tomei o nome de Deus em vão. Preservei-me dos pecados. Ele enumera as dez cordas, isto é, os dez preceitos da lei, e interrogando-se a si mesmo em relação a cada um deles, vê que não pecou contra qualquer um deles; e se contrista por padecer tais males. E os outros, não digo que, tocam algumas cordas, mas nem tocam o próprio saltério, nada fazem de bem, consultam os ídolos, e talvez pareçam cristãos, quando sua casa não sofre de mal algum; mas, ao advir qualquer tribulação, correm ao píton, ao adivinho, ao astrólogo. Se o nome de Cristo é proferido diante dele, zomba e torce o nariz. Alguém lhe diz: És um fiel e consultas um astrólogo? Responde: Vá embora; ele entregou-me o que era meu; do contrário o teria perdido e estaria chorando. Bom homem! Não te assinalas com o sinal da cruz de Cristo? A lei proíbe todas essas coisas. Ficas contente porque recuperaste o que era teu; não ficas triste porque perdeste a ti mesmo? Não era muito melhor que se perdesse tua túnica do que a tua alma? Ele ri destas palavras. Injuria os pais, odeia o inimigo, persegue-o até a morte, rouba sempre que pode, não cessa de levantar falso testemunho, arma ciladas ao lar alheio, deseja as coisas de seu próximo. Faz tudo isso, e progride em riquezas, honras, em haveres deste mundo. Ele observa um miserável que age bem, e sofre males; perturba-se e diz: Ó Deus, parece-me que os maus te agradam e odeias os bons; amas os que praticam a iniqüidade. Se ele se abalar, e consentir neste pensamento, perderá o repouso do sábado de seu coração. Começa a não dar atenção ao saltério. Desviou-se. É sem motivo que canta: “É bom confessar ao Senhor e cantar salmos a teu nome, ó Altíssimo”. Tendo já perdido o sábado do homem interior, expulsado a tranqüilidade do coração e repelido os bons pensamentos, começa a imitar aquele que ele nota próspero, apesar de praticar o mal e ele próprio se transforma, querendo fazer o mal. Deus, porém, é paciente, porque

é eterno e sabe qual o dia de seu juízo, quando examinará todas as ações.

**8** [6] O salmista instruindo-nos a este respeito, como se exprime? “Quão grandiosas, Senhor, as tuas obras! Quão profundos os teus desígnios!” De fato, meus irmãos, nenhum mar é tão profundo quanto os desígnios de Deus, determinando que os malvados prosperem e os bons pelejem; nada de mais profundo, de mais elevado; aqui naufraga todo infiel, nesta altura, nesta profundidade. Queres ultrapassar essa profundidade? Não saltes do madeiro de Cristo. Não mergulhes. Segura-te a Cristo. Que significa o que digo, segura-te a Cristo? Foi para isto que ele quis pelejar na terra. Ouvistes, na leitura do profeta, que ele ofereceu o dorso aos flagelos, não afastou a face diante dos escarros dos homens, não ocultou o rosto de suas bofetadas. Por que razão quis sofrer tudo isso, a não ser para consolar os que sofrem? E poderia ressuscitar sua carne somente no fim do mundo; mas tu não o verias ressuscitado e não terías motivo de esperar. Ele não adiou sua ressurreição a fim de não duvidares mais. Tendo em vista este fim, portanto, sofre, tolera as tribulações no mundo; viste este fim em Cristo. Não te abalem as ações dos maus, que prosperam neste mundo. “Quão profundos os teus desígnios!” Como são os pensamentos de Deus? No presente afrouxa os freios; depois os aperta. Não te alegres como o peixe diante da isca; o pescador ainda não puxou o anzol. Ele já tem o anzol nas guelras. E o que te parece longo, na verdade é breve. Tudo isso passa depressa. Qual o comprimento da vida humana em comparação à eternidade de Deus? Queres ser longânime? Considera a eternidade de Deus. Pois consideras teus poucos dias, e queres que tudo se realize dentro desses poucos dias. O quê? Que os ímpios todos sejam condenados e coroados os bons. Queres que tudo isso se realize dentro de teus dias? Deus as cumprirá no tempo devido. Por que te entedias e o importunas? Ele é eterno; tarda, porque é longânime. Tu, porém, dizes: Mas, eu não sou longânime, porque sou temporal. Mas isto está em teu poder; une teu coração à eternidade de Deus, e com ele serás eterno. Como foi dito a respeito das realidades temporais? “Toda carne é feno, e toda a sua graça como a flor do campo. Seca o feno e murcha a flor”. Todas as coisas, portanto, murcham e caem; não, porém, a palavra, pois a “palavra do Senhor subsiste para sempre” (Is 40,6-8). Dize-lhe, portanto: “Quão profundos os teus desígnios!” Agarraste a tábua de salvação, atravessas o mar profundo. Vês algo ali? Entendes alguma coisa? Entendo, respondes. Se já és cristão e bem instruído, dizes: Deus reserva tudo para seu juízo. Os bons lutam, porque são flagelados como filhos; os maus exultam, porque serão condenados como estranhos. Um homem tem dois filhos; castiga a um e deixa o outro. Um age mal e não é corrigido pelo pai; outro, mal se mexe, é esbofeteado, flagelado. Qual a razão por que um é deixado e o outro castigado, a não ser que ao que é batido é reservada a herança, e o que é perdoado será deserdado? Vê o pai que este não dá esperanças de melhora e deixa que faça o que quer. O filho castigado, se não tem entendimento e for imprudente e tolo, considera feliz o irmão que não apanha; e geme, dizendo em seu coração: Meu irmão agiu tão mal, faz o contrário das ordens de meu pai, e ninguém lhe diz uma palavra dura; eu, apenas me mexo, apanho. É tolo, não tem prudência. Nota o que sofre, não dá atenção ao que lhe é

reservado.

**9** 7.8 Por isso, o salmo depois de dizer: “Quão profundos os teus desígnios”, logo acrescenta: “O insensato não compreende estas coisas, nem as percebe o estulto”. O que é que o estulto não percebe, nem compreende o insensato? Ainda que floresçam os pecadores como o feno”. Que significa: “como o feno?” É verdejante no inverno, mas seca no verão. Observas a flor do feno. Que passa mais depressa que ela? Que há de mais viçoso, mais verdejante? Não te deleite seu viço, mas receie que seque. Ouviste dizer que os “pecadores são como o feno”, ouve o que acontece aos justos: “Porque eis”. Neste ínterim observa os pecadores. Eles florescem como o feno. Muito bem. Mas quais são os que não compreendem? Os insensatos e estultos. “Ainda que floresçam os pecadores como o feno e observem todos os obreiros do mal”. Todos os que em seu coração pensam erradamente a respeito de Deus, viram os pecadores florescerem como o feno, isto é, próspero durante certo tempo. Por que os observam? “São destinados ao extermínio pelos séculos dos séculos”. Dão atenção a sua flor temporal, imitam-nos, e querendo florescer com eles temporariamente, são destinados ao extermínio eternamente, isto é, “são destinados ao extermínio pelos séculos dos séculos”.

**10** 9.10 “Mas tu, Senhor, és eternamente o Altíssimo”, e tu olhas do alto, de tua eternidade, o passar do tempo dos malvados, e a vinda do tempo dos justos. “Porque eis”. Atenção, irmãos. Já é Cristo mesmo que fala. Fala em nosso lugar, fala personificando o corpo de Cristo. Cristo fala em seu corpo, isto é, em sua Igreja. Ele já se une à eternidade de Deus; mas como vos dizia um pouco antes, Deus é langânime e paciente, porque tolera todo o mal que praticam os malvados. Por quê? Porque é eterno, e vê o que lhes há de reservar. Queres também tu ser longâ-nime e paciente? Une-te à eternidade de Deus. Olha com ele as coisas inferiores a ti; tendo o teu coração aderido ao Altíssimo, estarão abaixo de ti todas as coisas mortais; e repete o versículo seguinte: “Porque eis que os teus inimigos haverão de perecer”. Agora prosperam, depois perecerão. Quais são os inimigos de Deus? Irmãos, pensais que são inimigos de Deus somente os que blasfemam? De fato, são eles também, e são cruéis estes que não se abstêm de injúrias a Deus, nem de língua, nem de pensamento. E que fazem com isso ao Deus excelso e eterno? Se bates com o punho numa coluna, tu és que te feres. E pensas que proferindo blasfêmias contra Deus não te dilaceras? Pois a Deus nada atinge. Ora, os inimigos de Deus são abertamente blasfemadores, mas diariamente se encontram alguns ocultos. Cautela sobre tais inimizades contra Deus. A Escritura revela certos inimigos ocultos de Deus; de tal modo que se não podes reconhecê-los em teu coração, reconhece-os nas Escrituras de Deus, e acautela-te de te encontrares no meio deles. Tiago diz claramente em sua epístola: “Não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus?” (Tg 4,4). Ouviste. Não queres ser inimigo de Deus? Não sejas amigo deste mundo; pois, se fores amigo deste mundo, serás inimigo de Deus. Como a mulher adúltera só pode ser inimiga de seu marido, assim a alma adúltera, devido ao amor das coisas mundanas, apenas pode ser inimiga de Deus. Teme-o, mas não o ama. Teme o castigo, mas não se deleita na justiça. Portanto, são inimigos de Deus todos os

que amam este mundo, todos os que vão atrás de futilidade, todos os que consultam astrólogos, adivinhos, pítons. Quer entrem nas igrejas, quer não entrem, são inimigos de Deus. Podem prosperar durante algum tempo, como o feno; contudo, perecerão, ao começar o exame de Deus, e de proferir seu juízo sobre toda carne. Adere às Escrituras de Deus, e repete-lhe com este salmo: “Porque eis que os teus inimigos haverão de perecer”. Não estejas tu lá onde eles perecem. “E de dispersar-se os artesões da maldade”.

**11** [11] Porque te afliges agora, se os inimigos de Deus perecerão e haverão de dispersar-se os artesãos da maldade? Que te sucederá a ti que no meio destes escândalos, entre as iniqüidades humanas gemes, que estás atribulado segundo a carne, mas te alegras no coração? Que esperança te caberá, ó corpo de Cristo? Ó Cristo, que estás sentado à direita do Pai, mas labutas na terra em teus pés e em teus membros, e dizes: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4). Que esperança terás, se os teus inimigos haverão de perecer e de dispersar-se os artesões da maldade? Que te acontecerá? “Minha força se erguerá como a do unicórnio”. Por que diz o salmo: “como a do unicórnio?” Às vezes o unicórnio significa a soberba, outras vezes significa a exaltação da unidade. Exaltada a unidade, perecerão as heresias com os inimigos de Deus. “Minha força se erguerá como a da unicórnio”. Quando? “E a minha velhice em copiosa misericórdia”. Que representa: “minha velhice?” Meus últimos fins. Como a velhice é a última de nossas idades, assim tudo o que agora sofre o corpo de Cristo em trabalhos, aflições, vigílias, fome, sede, escândalos, iniqüidades, angústias é ainda na juventude; a velhice, quer dizer, seu final será na alegria. E preste atenção, V. Caridade. Se o salmista fala em velhice, não penseis logo na morte. Pois, o homem carnalmente envelhece para morrer. A velhice da Igreja será cândida pelas ações retas, e não se corromperá na morte. Nossas obras são como a cabeça dos velhos. Observais que à medida que a velhice aumenta a cabeça se cobre de cãs, embranquece. Procuras na cabeça daquele que envelhece normalmente um fio de cabelo negro e não achas; assim se nossa vida for tal que nela não se encontra a cor negra dos pecados, esta velhice será juvenil, esta velhice será viçosa, sempre verdejante. Ouvistes falar do feno dos pecados, ouvi agora o que se diz da velhice dos justos: “E a minha velhice em copiosa misericórdia”.

**12** [12] “Meus olhos fitam com desprezo os inimigos”. Quem é que chama de inimigos? Todos os obreiros da iniqüidade. Não queres acreditar que teu amigo é iníquo. Apareça um negócio e terás uma prova. Começas a atacar sua maldade e verificarás que ao te adular era teu inimigo. Mas ainda não o incitavas para manifestar o que era, embora não quisesses estabelecer no seu coração aquilo que ele não era. “Meus olhos fitaram com desprezo os inimigos. Meus ouvidos escutarão o relato da sorte dos maus que se levantam contra mim”. Quando? Na velhice. Que é: na velhice? Nos últimos fins. E que ouvirá nosso ouvido? De pé à direita, ouviremos o que será dito aos da esquerda: “Ide para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). O justo não receará ouvir esta palavra funesta. Sabeis que diz outro salmo: “A lembrança do justo será eterna; não receará más notícias” (Sl 111,7). Que notícia funesta será? Ide para o

fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. “Meus ouvidos escutarão o relato da sorte dos maus que se levantam contra mim”.

**13** [13] É transitório o feno, transitória a flor dos pecadores; que sucede aos justos? “O justo florescerá como a palmeira”. Eles brotam como o feno; “o justo florescerá como a palmeira”. Na palmeira se representam as alturas. Talvez também a palmeira representa o seguinte: sua beleza se encontra nas suas extremidades. Começa do chão, e seu fim se encontra no cume, onde se situa toda a sua beleza. A raiz na terra é áspera, mas a fronde bela se levanta para o céu. Tua beleza igualmente acha-se no fim. Seja fixa a tua raiz; mas temos no alto a nossa raiz. Pois nossa raiz é Cristo que subiu ao céu. Depois de humilhado, foi exaltado. “Multiplicar-se-á como o cedro do Líbano”. Notai quais as árvores que nomeia: “O justo florescerá como a palmeira. Multiplicar-se-á como o cedro do Líbano”. Por acaso a palmeira seca quando o sol arde? Por acaso murcha o cedro? Mas, ao ardor do sol seca o feno. Virá, portanto o juízo, para que os pecadores sequem e os fiéis reverdeçam. “Multiplicar-se-á como o cedro do Líbano”.

**14** [14.16] “Plantados na casa do Senhor, nos átrios de nosso Deus hão de florir. Darão frutos ainda na velhice, cheios de seiva: estarão tranqüilos, para anunciar”. Este é o sábado que pouco antes vos recomendei e que deu origem ao título do salmo. “Estarão tranqüilos, para anunciar”. Por que anunciam tranqüilos? Porque não os abala o feno dos pecadores. O cedro e a palmeira não se curvam nem durante as tempestades. Por conseguinte, sejam tranqüilos, para anunciarem; de fato, agora deve-se anunciar até aos zombadores. Ó homens infelizes, que amais o mundo. Anunciam-vos aqueles que estão plantados na casa do Senhor, que confessam ao Senhor com cânticos e com a cítara, por palavras e obras. Anunciam-vos, dizendo: Não vos seduza a felicidade dos iníquos, não atendais à flor do feno; não deveis dar atenção aos que são temporariamente felizes, eternamente infelizes. Nem mesmo esta felicidade exterior é verdadeira; nem no coração são felizes, porque atormentados por uma consciência pesada. Tu, porém, estás tranqüilo, à espera da realização das promessas do Senhor teu Deus. Que anuncias com tranqüilidade? “Que o Senhor nosso Deus é reto e nele não há injustiça”. Atenção, irmãos, se estais plantados na casa do Senhor, se quereis florescer como a palmeira e multiplicar-vos como o cedro do líbano e não murchar como o feno ao ardor do sol, como aqueles que aparentemente florescem quando não há sol. Se, portanto, não quereis ser feno e sim palmeira e cedro, que anunciareis? “Que o Senhor nosso Deus é reto e nele não há injustiça”. Como não há injustiça? Com tantos males que faz, alguém é sadio, tem filhos, uma casa cheia, muita glória, honra-rias, vinga-se dos inimigos e pratica toda espécie de peca-dos; outro não prejudica a ninguém em seus negócios, não rouba o alheio, nada faz contra os outros e sofre nos vínculos, no cárcere, sua e suspira em sua penúria. Como “nele não há injustiça?” Fica tranqüilo e entenderás; pois tu te perturbas, e em teu aposento apagas a luz. O Deus eterno quer te iluminar; não te cerques da névoa da perturbação. Fica tranqüilo e vê o que te direi. Como Deus é eterno, agora poupa os maus para levá-los à penitência; castiga os bons, instruindo-os a fim de obterem o reino dos céus. “Nele não há injustiça”. Não temas. Eis que eu sou tão castigado. É claro,

confesso, pequei. Não digo que sou justo. Muitos dizem isto. Talvez ao procurares consolar alguém na infelicidade, na dor, ele replica: Pequei, confesso, reconheço meus pecados; mas pequei tanto quanto aquele? Sei quantos pecados ele cometeu, e sei quantos fiz. Confesso a Deus meus pecados, mas são menores do que os dele, que, no entanto, nada sofre. Não te perturbes, fica sossegado, a fim de saberes "que o Senhor é reto e nele não há injustiça". E se ele te castiga agora, porque não guarda para ti o fogo eterno? E se ele agora te poupa, porque hás de ouvir: "Ide para o fogo eterno?" Mas quando? Quando estiveres à direita, será dito aos da esquerda: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41). Por conseguinte, não te comovas por causa disto. Fica sossegado, observa o sábado, e anuncia "que o Senhor nosso Deus é reto e nele não há injustiça".

# SALMO 92

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] Ouvimos ser enunciado o título deste salmo. Não é difícil saber o que significa por meio da Escritura de Deus, quer dizer, do livro do Gênesis. Pois, o título nos avisa, no limiar, o que devemos procurar lá dentro. Assim é a inscrição: “Cântico de louvor. De Davi. Para o dia anterior ao sábado, quando a terra foi criada”. Recordemos, portanto, o que Deus fez naqueles dias todos em que criou e pôs em ordem o universo, do primeiro ao sexto dia, porque o sétimo ele o santificou, descansando de todas as obras que ele criou muito boas. Descobrimos que no sexto dia (aqui relembrado, porque se diz: “anterior ao sábado”) ele criou todos os animais da terra; em seguida, no mesmo dia fez o homem à sua imagem e semelhança. É por motivo determinado que esses dias assim são dispostos; é deste modo que os séculos hão de decorrer até que repousemos em Deus. Descansaremos então, se praticarmos boas obras. Como exemplo para nós escrito acerca de Deus: “Deus no sétimo dia descansou” (cf Gn 1;2,1-3), depois de ter feito tudo muito bem. Não descansou porque estava cansado; nem deixa agora de obrar, pois Cristo Senhor diz claramente: “Meu Pai trabalha até agora” (Jo 5,17). Dirigia-se aos judeus, que pensavam de modo carnal a respeito de Deus, e não entendiam que Deus opera sem movimento, e sempre trabalha e sempre está em repouso. Portanto, também nós, que Deus então quis prefigurar, depois de todas as obras boas teremos repouso. Na verdade, irmãos, as boas obras que praticamos aqui no mundo antes do repouso, são acompanhadas de certo labor. O repouso, nós o possuímos em esperança, ainda não na realidade. Se não houvesse esta esperança, desanimaríamos no trabalho; mas são transitórias as obras boas laboriosas. Pois, que há de melhor do que dar pão a quem tem fome? Que há de tão bom como o que acabamos de ouvir na leitura do evangelho, que é aconselhado de modo geral: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo”? (Lc 3,11). Vestir o nu é boa obra; porventura será sempre necessária esta boa obra? Dá um pouco de trabalho, mas traz consigo o alívio da esperança do futuro repouso. Que trabalho tem quem veste o nu? A obra boa não dá muito trabalho, mas a má é laboriosa. Quem veste o nu, se tem o que dar, não tem trabalho; se não tem: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que ele ama” (Lc 2,14). Mas quem pode contar o trabalho que tem aquele que quer despojar um homem vestido? No entanto, tudo isto há de passar ao chegarmos àquele repouso, onde ninguém tem fome e é alimentado, nem nu para ser vestido. Por conseguinte, como haverão de passar estas obras boas, também o sexto dia, quando estarão completas as obras muito boas, tem uma tarde. No sábado não há tarde, porque nosso repouso não terá fim; a tarde representa o fim. Como, portanto, Deus fez no sexto dia o homem a sua imagem, assim descobrimos que no sexto século veio nosso Senhor Jesus Cristo para reformar o homem à imagem de Deus. Pois, o primeiro tempo, como

se fosse o primeiro dia, abrange de Adão até Noé; o segundo tempo, como se fosse o segundo dia, de Noé a Abraão; o terceiro tempo, como terceiro dia, de Abraão a Davi; o quarto tempo, como quarto dia, de Davi até o cativeiro de Babilônia; o quinto tempo, como quinto dia, do cativeiro de Babilônia à pregação de João. O sexto dia vai da pregação de João até o fim, e após o fim do sexto dia alcançamos o repouso. Agora, portanto, estamos no sexto dia. Se agora decorre o sexto dia, vede o que en-cerra o título: "Para o dia anterior ao sábado, quando a terra foi criada". Ouçamos agora o próprio salmo. Interro-guemo-lo como foi criada a terra, se acaso então foi feita a terra, pois não lemos isso no Gênesis. Quando, então, foi criada a terra? Quando, a não ser quando se realiza o que foi lido agora do Apóstolo: "Se, contudo, permaneceis na fé", diz ele, "firmes, inabaláveis"? (1Cor 15,58). Quando todos os fiéis por toda a terra permanecem firmes na fé, a terra está fundada; então o homem é feito à imagem de Deus. Este o significado do sexto dia do Gênesis. Mas como o criou Deus? Como fundou a terra? Veio Cristo para fundar a terra. "Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo" (1Cor 3,11). É, portanto, acerca dele que o salmo canta:

**2** 2 "O Senhor reinou, vestiu-se de magnificência. Revestiu-se de poder e pré-cingiu-se". Vemos que se vestiu de duas coisas: poder e magnificência. Para quê? Para fundar a terra. Continua: "Ele firmou o orbe da terra, que será inabalável". Como confirmou? Revestindo-se de magnificência. Não a firmaria se se revestisse somente de magnificência e não de poder. Por que de magnifi-cência? Por que de poder? O salmista afirma ambas as coisas: "O Senhor reinou, vestiu-se de magnificência. Revestiu-se de poder e pré-cingiu-se o Senhor". Tendes conhecimento, irmãos, de que, tendo nosso Senhor vindo, revestido da carne, agradava a uns e desagradava a outros dentre aqueles aos quais pregava a boa nova do reino. Pois, dividiram-se contra ele as opiniões dos judeus: "Uns diziam: Ele é bom. Outros, porém, diziam: Não. Ele engana o povo" (Jo 7,12). Uns, portanto, falavam bem dele, outros eram detratores, dilaceravam sua fama, mordiam, injuriavam. Para aqueles, portanto, aos quais agradava, vestiu-se de magnificência; diante daqueles aos quais não agradava, "revestiu-se de poder". Imita, portanto, também tu, o teu Senhor, a fim de poderes te tornar a sua veste. Apresenta-te com magnificência diante daqueles aos quais tuas boas obras agradam; sê forte contra os detratores. Ouve como o apóstolo Paulo imita seu Senhor, como também ele teve magnificência, teve poder. "Somos o bom odor de Cristo, em toda parte, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem". Salvam-se aqueles que se aprazem no bem; os detratores do bem perecem. De seu lado ele tinha o bom odor; ou antes, era o bom odor; mas ai dos infelizes que morrem até em conseqüência do bom odor. Ele não afirmou: Somos para uns odor, e para outros mau cheiro, mas: "Somos o bom odor de Cristo, em toda parte, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem". E acrescentou imediatamente: "Para uns, odor que da vida leva à vida, para outros, odor que da morte leva à morte" (2Cor 2,14-16). Vestira-se de magnificência para aqueles aos quais ele era odor de vida para a vida; para os que o tinham como odor de morte que levava à morte,

ele se revestia de poder. Todavia, se tu te alegras ao te louvarem os homens e se comprazerem em tuas boas obras, mas ao te censurarem, desanimas de fazer boas obras, e de certo modo achas que perdeste o resultado delas, porque encontras censores, não ficaste imóvel, não pertences ao orbe da terra, que será inabalável. "Revestiu-se de poder e pre-cingiu-se o Senhor". O apóstolo Paulo em outra passagem trata da magnificência e do poder: "Pelas armas ofensivas e defensivas da justiça". Vê onde está a magnificência, onde o poder: "na glória e no desprezo". Na glória magnificência, no desprezo o poder. Alguns o elogiavam como glorioso; outros o desprezavam em sua ignomínia. Apresentava magnificência àqueles aos quais aprazia, força contra aqueles que o aborreciam. E assim enumera tudo até o fim, onde declara: "Como nada tendo, embora tudo possuamos" (2Cor 6,7.8.10). Quando tem tudo, é magnificente; quando nada possui é forte. Não é de admirar que continue o salmo: "Ele firmou o orbe da terra, que será inabalável". Como será inabalável o orbe da terra? Quando todos os fiéis acreditam em Cristo e estão dispostos a ambas as coisas: alegrar-se com os que os louvam, serem fortes contra os que os censuram; não fraquejar diante das línguas dos que os louvam, nem quebrar-se por causa das línguas dos que os injuriam.

**3** Talvez nos questionemos acerca da palavra: "pré-cingiu-se". O cinto representa as obras. Quando alguém quer trabalhar, cinge-se. Mas porque não disse: Cingiu-se, mas: "pré-cingiu-se? Cinge a espada a teu flanco, o poderosís-simo; os povos cairão a teus pés", diz outro salmo (Sl 44, 4.6). Neste não disse: cingir (cingere), nem pré-cingir (praecingere), mas cingir de lado (ascingere). Cinges-te de lado quando apertas algo a teu lado pelo cinto; por isto diz o salmo: "Cinge a espada a teu flanco". A espada do Senhor que venceu o orbe da terra, eliminando a maldade é o Espírito de Deus na verdade da palavra de Deus. Por que se diz que a espada foi cingida ao flanco? Referimo-nos ao ato de cingir, de outro salmo, para explicar uma coisa pela outra; como fizemos esta citação, não devemos passar por cima. Que significa cingir a espada ao flanco? Pelo flanco se figura a carne. O Senhor não venceria o orbe da terra de outra maneira a não ser vindo, segundo a carne, a espada da verdade. Por que, então, se "pré-cingiu?" Quem se pré-cinge põe diante de si alguma coisa com a qual vai se cingir. Daí vem o que foi dito: "Tomando uma toalha, cingiu-se com ela e começou a lavar os pés dos discípulos". Foi um ato de humildade cingir-se e lavar os pés dos discípulos. Toda a fortaleza, porém, encontra-se na humildade, porque toda soberba é frágil; por isso, ao falar de força, acrescentou: "pré-cingiu-se". Lembra-te de que Deus se cingiu, cheio de humildade, ao lavar os pés dos discípulos. Mas, Pedro ficou horrorizado de ver seu Senhor, seu mestre (é menos dizer mestre, do que dizer Senhor), curvado diante de seus pés, e a lavar-lhe os pés. Apavorou-se e disse: "Senhor, tu, lavar-me os pés? O Senhor respondeu: o que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde". Respondeu-lhe Pedro: "Jamais me lavarás os pés! Jesus replicou-lhe: Se eu não te lavar, não terás parte comigo". Pedro, que primeiro se assustara de ver o Senhor a lavar-lhe os pés, mais ainda se assustou com a palavra: "Não terás parte comigo" e acreditou que o Senhor não fazia tal coisa sem motivo, que devia tratar-se de um mistério, e respondeu-lhe: "Senhor, não apenas os meus pés, mas também as mãos, a cabeça e todo o corpo. Jesus lhe disse:

Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro" (Jo 13,4-15). Não se tratava, portanto, de um sacramento de purificação, o ato de lavar-lhes os pés, mas era um exemplo de humildade, pois ele dissera: "O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde". Vejamos se eles compreenderam mais tarde, vejamos se manifestou-lhes o Senhor o sentido do que fazia, a fim de contemplarmos o Senhor cingido de força, porque na humildade está toda a fortaleza. Tendo-lhes lavado os pés, de novo pôs-se à mesa, e disse-lhes: "Vós me chamais mestre e Senhor e dizeis bem; pois eu sou. Se, portanto, eu, o mestre e o Senhor, vos lavei os pés", como deveis fazer uns aos outros? (Jo 13,6-15)? Se, portanto, a força está na humildade, não tenhais medo dos soberbos. Os humildes são como pedra; a pedra se vê no chão, mas é sólida. E os soberbos? São como fumaça; embora no alto, desvanecem. Por conseguinte, devemos atribuir à humildade do Senhor que ele se tenha cindigo, conforme relembra o evangelho. Ele se cingiu para lavar os pés dos discípulos.

**4** Existe outra questão que podemos entender destas palavras. Dissemos que aquele que se pré-cinge, põe diante de si aquilo que ele amarra, a fim de se cingir. Aqueles que querem nos diminuir, em geral o fazem em nossa au-sência, como se fosse por detrás; às vezes, fazem-no peran-te nossa face, conforme faziam ao Senhor crucificado, dizendo: "Se é filho de Deus, desça da cruz" (Mt 27,40). Não precisas de fortaleza quando detraem de ti em tua ausên-cia, porque não ouves, nem sentes; se porém te lançam no rosto, é necessário seres forte. Que quer dizer: Seres forte? Que suportes. Não penses que és forte quando, ao ouvires uma injúria, vingas-te com uma bofetada. Isto não é fortaleza, ferir ao seres injuriado, porque foste vencido pela ira; e é grande tolice chamar de forte um homem vencido, pois declara a Escritura: "Mais vale quem vence a cólera do que o conquistador de uma cidade" (Pr 16,32). Chama de melhor o que vence a ira do que o conquistador de uma cidade. Tens, portanto, em ti mesmo um grande ad-versário. Ao ouvires um ultraje, se começar a surgir a ira, e queres pagar o mal com o mal, recorda-te da palavra do Apóstolo Pedro: "Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria" (1Pd 3,9). Lembrado destas palavras, quebras a ira, manténs a fortaleza. Uma vez que ele te maldiz em face e não por detrás, tu te mostras cingido de fortaleza.

**5** Já podemos ouvir o restante. O salmo é curto. "Ele firmou o orbe da terra, que será inabalável". Notai, irmãos. Muitos acreditam em Cristo; é uma grande multidão. E no entanto, conforme ouvistes na leitura do evangelho, no meio desta grande multidão, o Senhor virá de pá na mão e limpará a sua eira; guardará o trigo no celeiro e queimará a palha no fogo inextinguível (cf Mt 3,12). De fato, por toda a terra há bons e maus. Os bons são grãos e os maus, palha. A joeira entra na eira: a palha cai, e o trigo fica limpo. Que é, então, o orbe da terra, "que será inabalável?" O salmista não diria isto, de fato, se não houvesse um orbe da terra que se abalará. Existe um orbe da terra que não se abalará e há um orbe da terra que se abalará. Existem bons, estáveis na fé que constituem um orbe da terra: não se diga: Parcialmente, sim. E maus, que não ficam firmes na fé ao sentirem qualquer tribulação; acham-se no orbe da terra. Existe, portanto, um orbe da terra móvel, e outro imóvel, mencionados pelo Apóstolo. Eis o orbe da terra

que é móvel. Pergunto-vos, de quem falava o Apóstolo nesses termos: “Entre os quais se acham Himeneu e Fileto. Eles se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários”? Acaso estes pertenciam ao orbe da terra que é inabalável? Ao invés, eram palha: “estão pervertendo a fé de vários”. Não disse: De todos. E se falasse de todos, deveríamos entender tratar-se dos pertencentes à cidade de Babilônia, que deve ser condenada com o diabo; no entanto, disse: “a fé de vários”. E se alguém lhe dissesse: E quem lhes pode resistir? Ele logo acrescenta: “Não obstante, o sólido fundamento colocado por Deus permanece”. Aí está o orbe da terra, que é inabalável. “Marcado pelo selo desta palavra”. Qual o selo que tem firme fundamento? “O Senhor conhece os que lhe pertencem”. Tal o orbe da terra, que é inabalável: “O Senhor conhece os que lhe pertencem”. E qual a marca deste orbe? “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor” (2Tm 2,17-19). Afaste-se agora da iniqüidade; pois não pode apartar-se dos iníquos, uma vez que a palha fica misturada ao trigo até a ventilação. Que dizer, irmãos? Na própria eira acontece uma coisa interessante com o trigo: afasta-se da palha quando debulhado, e não se aparta da eira ao ser triturado. Mas, quando se separará definitivamente? Quando o Senhor vier para ventilar. Por conseguinte, agora a eira é o orbe da terra. Forçoso é, se te aperfeiçoas, viver no meio dos iníquos. Destes não consegues te apartar. Então, afasta-te da iniqüidade. “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor” e estará no orbe da terra, que é inabalável.

**6** [2] “Desde aí está preparado o teu trono, ó Deus”. Que significa: “Desde aí?” Desde então. Seria como se o salmo dissesse: Qual é o trono de Deus? Onde Deus se senta? Em seus santos. Queres ser o trono de Deus? Prepara em teu coração um lugar onde ele se sente. Que é o trono de Deus a não ser o lugar onde Deus habita? Onde Deus habita, senão em templo? Qual o seu templo? É dotado de paredes? De forma nenhuma. Talvez seja seu templo este mundo, porque é muito grande, e um recinto digno de Deus? Criado por ele, não o contém. E onde está Deus? Na alma quieta, na alma justa; esta o porta. Um fato importante, irmãos: certamente Deus é imenso: é pesado para os fortes, leve para os fracos. Quem chamo de fortes? Os soberbos, que presumem de suas forças. Pois a fraqueza da humildade é a maior força. Ouve o Apóstolo a afirmar: “Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Foi isto que recomendei, ao dizer que o Senhor se cingiu de poder quando ensinava a humildade. É este, portanto, o trono de Deus, claramente apontado na passagem do profeta: “Sobre quem repousará o meu Espírito?” Isto é, onde repousará o Espírito de Deus, a não ser no trono de Deus? Ouve como ele descreve este trono. Talvez pensavas em ouvir falar de palácio de mármore, átrios amplos, tetos altos e brilhantes. Ouve o que Deus prepara para si: “Sobre quem repousará o meu Espírito? Sobre aquele que é humilde e quieto e que treme diante de minha palavra” (Is 66,2). Eis que és humilde e quieto e em ti habita Deus. Deus é elevado, mas não habita em ti se quiseres elevar-te. Certamente queres ser elevado a fim de que ele habite em ti; sê humilde e treme diante de sua palavra e ele aí habitará. Não tem medo de uma casa que treme, porque ele mesmo a firma. “Desde aí, está preparado

o teu trono, ó Deus. Desde aí", quer dizer, desde então. Com isso figura um tempo determinado. Desde então. Desde quando? Talvez desde o dia "anterior ao sábado. Desde aí", porque o título do salmo nos conta previamente desde quando. Pois, no sexto dia, isto é, na sexta época deste mundo, o Senhor veio segundo a carne. Desde então, portanto, na verdade deste então, segundo a natureza humana, desde o seio materno. Como se expressa outro salmo: "Entre os esplendores dos santos, do seio. Entre os esplendores dos santos", isto é, para que os santos sejam iluminados, vejam Deus encarnado; o coração se purifique para ver a divindade. "Entre os esplendores dos santos, do seio". Mas, como continua? Não imagines que Cristo começou a existir no seio da virgem. "Antes do raiar da estrela da manhã eu te gerei" (Sl 109,3). Tendo dito: "Entre os esplendores dos santos, do seio", imediatamente acrescenta, para não se pensar que Cristo começou a existir quando nasceu, como começou Adão, Abraão, Davi. "Antes do raiar da estrela da manhã eu te gerei", antes de todos os luzeiros. Pelo nome de estrela da manhã designa ou todas as estrelas, e por elas os tempos, pois Deus fez as estrelas para servirem de sinais a marcar o tempo (cf Gn 1,14), e descobrirás que Cristo nasceu antes dos tempos. Efetivamente, quem nasceu antes dos tempos, não pode parecer nascido no tempo, porque também os tempos são criaturas de Deus. Com efeito, se tudo foi feito por ele (cf Jo 1,3), também os tempos foram feitos por ele. Ou certamente, porque foi gerado antes de todos os espíritos que são iluminados, o salmo fala acerca da Sabedoria: "Antes do raiar da estrela da manhã, eu te gerei". Preste atenção, V. Caridade. Tendo dito: "do seio", torna precavida nossa fé, a fim de não pensarmos que Cristo começou a existir no seio da virgem, e logo acrescenta: "Antes do raiar da estrela da manhã, eu te gerei". Assim também, aqui, tendo dito: "Desde aí", isto é, desde certa ocasião, desde o dia ante-rior ao sábado, desde a sexta idade do mundo, quando veio Cristo Senhor, e nasceu segundo a carne, porque Deus se dignou fazer-se homem por nossa causa, não somente anterior a Abraão, mas anterior ao céu e a terra, ele que disse: "Antes que Abraão nascesse, eu sou" (Jo 8,58). Não somente antes de Abraão, mas antes de Adão; não apenas de Adão, mas antes de todos os anjos, antes do céu e da terra, porque por ele tudo foi feito; acrescentou-o para que tu não penses, em consideração do dia do natal do Senhor, em que nasceu, que ele começou a existir então: "Está preparado o teu trono, ó Deus". Mas que Deus é este? "Desde todos os séculos tu és". Desde toda eternidade, diz o salmo, apò aionos; assim está no texto grego; aion às vezes significa séculos, às vezes eternidade. Portanto, tu que aparentemente começaste então, és desde toda eternidade. Não se cogite de natividade humana, mas se pense em eternidade divina. Portanto, ele começou do nascimento e cresceu; ouvistes o evangelho. Escolheu discípulos, instrui-os, eles começaram a pregar. Talvez seja isto o que o salmo quer dizer em seguida.

**7** [3.4] "Os rios ergueram a sua voz". Que rios são estes que ergueram a sua voz? Não a ouvimos. Não ouvimos os rios falarem nem quando o Senhor nasceu, nem quando foi batizado, nem quando padeceu. Não ouvimos a voz dos rios. Lede o evangelho e não encontrareis vozes de rios. No entanto, não basta que falaram, mas "ergueram a sua

voz”; não somente falaram, mas falaram com força, com grandeza, de maneira elevada. Que rios são estes que falaram? Dissemos que não lemos isto no evangelho; contudo, vamos procurar ali. Pois, se lá não encontrarmos, onde encontraremos? Poderia inventar; e de repente não seria correto administrador, mas um incapaz inventor de fábulas. Procuremos no evangelho, procuremos juntos quais os rios que ergueram a sua voz. “Jesus, de pé, disse em alta voz”, foi dito no evangelho. Que dizia em alta voz? Eis que o principal dos rios clama; ele é a fonte da vida de onde decorrem os rios. Ele primeiro ergueu a sua voz. E que dizia em alta voz Jesus, de pé? “Quem crê em mim, como diz a Escritura, de seu seio jorrarão rios de água viva”. O evangelista imediatamente acrescenta: “Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem; pois não havia ainda sido dado o Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado” (Jo 7,37-39). Depois, porém que Jesus foi glorificado pela ressurreição e ascensão aos céus, como sabeis, irmãos, com mais dez dias, devido a certo mistério, ele enviou seu Espírito Santo (cf At 2,4), que encheu os discípulos. O próprio Espírito é um caudaloso rio, de cujas águas se encheram muitos rios. Do próprio rio diz um salmo, noutra passagem: “Um rio impetuoso alegra a cidade de Deus” (Sl 45,5). Por conseguinte, brotaram rios a jorrarem do seio dos discípulos, quando receberam o Espírito Santo. Rios, porque receberam o Espírito Santo. Quando os rios ergueram a sua voz? Por que ergueram? Porque primeiramente eles tiveram medo. Pedro ainda não era um rio, quando diante da pergunta da criada por três vezes negou a Cristo: “Não conheço o homem” (cf Mt 26,69-74). Aqui ele mente por medo. Ainda não ergue a voz, ainda não é rio. Logo, porém, que os apóstolos foram repletos do Espírito Santo, os judeus os fizeram comparecer diante do sinédrio e ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em nome de Jesus. Pedro, porém, e João responderam: “Julgai se é justo aos olhos de Deus obedecer mais a vós do que a Deus. Pois é impossível deixarmos de falar das coisas que temos visto e ouvido” (At 4,19-20). Portanto, “os rios ergueram a sua voz, ao fragor das grandes águas”. Ainda pertence a esta elevação da voz, o fato descrito nos Atos: “Pedro, de pé com os onze, ergueu a voz e assim lhes falou: “Homens da Judéia” etc. (At 2,14). E anuncia-lhes Jesus sem temor com grande audácia. “Os rios, portanto, ergueram a sua voz, ao fragor das grandes águas”. Pois, quando os apóstolos foram despedidos do sinédrio dos judeus, procuraram os seus e lhes indicaram tudo quanto os sacerdotes e os anciãos lhes haviam dito: mas eles, unanimamente, ergueram a voz ao Senhor, nesses termos: “Senhor, tu fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm” (At 4,23.24) etc.; disseram os rios erguendo a sua voz. “Admiráveis os vagalhões do mar”. Ao elevarem os discípulos a sua voz, muitos acreditaram, muitos receberam o Espírito Santo e muitos rios, de poucos que eram, começaram a erguer a voz. Por isso, continua o salmo: “Ao fragor das grandes águas, admiráveis os vagalhões do mar”, isto é, deste mundo. Ao iniciarem tantas vozes a anunciar o Cristo, o mar começou a enca-pelar-se, começaram a crescer as perseguições. Portanto, quando “ergueram os rios a sua voz, ao fragor das grandes águas, admiráveis os vagalhões do mar”. Os vagalhões se levantam, porque quando o mar se encapela, as ondas se levantam. Levantem-se quanto queiram, o mar pode bramir quanto quiser; de fato, “admiráveis são os vaga-lhões do mar”,

admiráveis as ameaças, admiráveis as perseguições, mas vê como o salmo prossegue: “Magnífico é nas alturas o Senhor”. O mar, portanto, se acalme, faça-se a bonança, dê-se a paz aos cristãos. O mar se agitava, e a barquinha flutuava. A barca é a Igreja, e o mundo é o mar. Veio o Senhor, andou sobre as águas do mar e pisou nas ondas (cf Mt 14,24,25). Como o Senhor andou sobre as águas do mar? Andou sobre os cumes destas grandes ondas espumantes. Os potentados, os reis acreditaram, submeteram-se a Cristo. Portanto, não nos aterremos porque “admiráveis são os vagalhões do mar. Magní-fíco nas alturas é o Senhor”.

**8** “Bem dignos de fé são teus testemunhos”. Mais que admiráveis eram os vagalhões do mar, mas o Senhor é magnífico nas alturas. “Bem dignos de fé são teus testemunhos. Teus testemunhos”, porque o Senhor dissera antes: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações”. Digo-vos, porque no mundo tereis tribulações. Começaram a sofrer e viram confirmado em si o que o Senhor lhes predissera e tornaram-se mais fortes. Vendo que em si se realizavam os padecimentos, esperavam também receber coroas. Portanto, “admiráveis os vagalhões do mar. Magnífico nas alturas é o Senhor. Para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações”. Então, que fazer? O mar se enfurece, erguem-se as ondas, e raivosas soltam bramidos; sofremos tribulações. Acaso desanimaremos? De forma nenhuma. “Magnífico nas alturas é o Senhor”. Por isso, tendo o Senhor dito no evangelho: “Para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações”, como se ouvisse em resposta: Pensas que o mundo não nos angustia e não nos eliminará? Logo acrescenta: “Mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33). Se, portanto, ele diz: “Eu venci o mundo”, aderi àquele que vence o mundo, que vence o mar. Alegrai-vos junto dele, porque magnífico nas alturas é o Senhor, e “bem dignos de fé são teus testemunhos”. E qual o fim de tudo isso? “A santidade convém a tua casa, Senhor”. Tua casa, toda a tua casa: não aqui, ou ali, ou mais adiante, mas tua casa inteira, por todo o orbe da terra? Por que por todo o orbe da terra? Porque ele firmou o orbe da terra, que será inabalável (cf Sl 95,10). A casa do Senhor será forte; será por todo o orbe da terra. Muitos caem, mas aquela casa fica de pé; muitos se perturbarão, mas aquela casa não se abalará. “A santidade convém a tua casa, Senhor”. Acaso por pouco tempo? Absolutamente não. “Em toda duração dos dias”.

# SALMO 93

## SERMÃO

**1** Como ouvimos com toda atenção a leitura deste salmo, ouçamos atentamente também ao nos revelar Deus os mistérios que se dignou ocultar aqui. Certos sinais sacramentais estão escondidos nas Escrituras, não a fim de se furtarem ao nosso entendimento, mas para se manifestarem àqueles que batem à porta (cf Mt 7,7). Se, portanto, bateis com piedoso sentimento e sincero amor do coração, abrir-vós-á aquele que vê o motivo de baterdes. Todos nós estamos cientes (e oxalá não sejamos nós deste número) de que muitos murmuram contra a paciência de Deus e lastimam que vivam nesta terra homens iníquos e ímpios, ou ainda que tenham muito poder. Ainda mais, com freqüência os maus podem fazer muito contra os bons e muitas vezes os maus oprimem os bons; os maus exultam e os bons labutam; os maus se orgulham e os bons são humilhados. Observando esses fatos no gênero humano (pois acontecem copiosamente), os ânimos fracos e impacientes se pervertem, como se fosse inútil ser bom, uma vez que Deus desvia ou parece desviar o olhar das boas obras dos piedosos e fiéis, enquanto os maus prosperam naquilo que amam. Considerando, portanto, os fracos que é inútil viver bem, sentem-se atraídos a imitar a malícia daqueles que vêem prósperos. Se por fraqueza pessoal ou de ânimo, têm medo de praticar o mal a fim de não lhes suceder algum infortúnio por causa das leis civis, abstêm-se, de fato, de fazer o mal, mas não de cogitar o mal; não por amor à justiça, mas, para dizê-lo claramente, por medo de serem condenados entre os homens por outros homens. E entre seus pensamentos malvados, principal lugar ocupa aquela impiedade malígna que os leva a pensar que Deus negligencia e não cuida dos acontecimentos humanos; que tudo é igual para bons e maus; ou ainda, o que é mais pernicioso, que ele persegue os bons e favorece os maus. Os que assim pensam, embora nada de mal façam a outrem, fazem muito mal a si mesmos e são ím-pios no seu íntimo. Sua iniqüidade não prejudica a Deus, mas ela os mata a eles. Não prejudicam os homens, porque são tímidos os que assim pensam; mas Deus vê seus homicídios, seus adultérios, suas fraudes e rapinas e pune seus pensamentos. Ele anota o que eles desejam. A carne não impede que seus olhos vejam a vontade deles. Esses tais, se encontram oportunidade, não se tornam maus, mas manifestam que o são. Não perceberás o que então desperta, mas entenderás o que estava implícito. Há poucos anos, quase ontem, puderam os homens verificar esta verdade e experimentaram-no mesmo os que custam a entender. Pois, havia aqui uma casa poderosíssima temporariamente. Dela fizera Deus para o gênero humano um flagelo, que o castigou, para ver se reconhecia o açoite paterno e tinha medo da sentença do juiz. Como essa casa poderosa estivesse aqui, muitos sob seu jugo ge-miam, murmuravam, censuravam, destestavam, blasfemavam. Como se comportam os homens, e são entregues por juízo divino às concupiscências de seu coração? (cf Rm 1,24). De repente, passaram a

pertencer àquela casa os que murmuravam a respeito dela; e os outros passaram a sofrer deles as mesmas coisas de que eles pouco antes se queixavam. É bom aquele que mesmo quando pode praticar o mal, não o pratica; dele está escrito: "Quem podia pecar e não pecou, fazer o mal e não o fez? Quem é este para que o felicitemos? Porque fez maravilhas em sua vida" (Eclo 31,10.9). A Escritura se referia aos potentados inocentes. Pois o lobo quer fazer tanto mal quanto o leão: são nocivos de maneira diferente, mas desejam a mesma coisa. Pois, o leão não somente despreza o cão a latir, mas ainda o afugenta, vai ao redil, e enquanto os cães ficam mudos ele rouba o que pode; o lobo não ousa fazer isto enquanto os cães ladram. Acaso porque não pôde arrebatar a ovelha de medo dos cães, voltou mais inocente? Portanto, Deus ensina a inocência de sorte que sejamos inocentes não por medo do castigo, mas por amor à justiça. Então não prejudicamos livremente e somos verdadeiramente inocentes. Quem não é nocivo por medo, não é inocente, embora não seja nocivo àquele que ele quer prejudicar. Ele não é nocivo a outrem por um ato mau, mas a si mesmo pelo mau desejo. Ouve da Escritura como prejudica a si mesmo: "Quem ama a iniqüidade, odeia a sua alma" (Sl 10,6). E na verdade muitos são os homens que pensam que sua injustiça faz mal aos outros e não prejudica a si mesmo. A iniqüidade de alguém atinge os outros, prejudicando seus corpos, lesando os seus bens de família, invadindo-lhes a propriedade, tirando-lhes os escravos, roubando-lhes o ouro, a prata, ou qualquer outra coisa que possuam. A isto atinge nos outros a iniqüidade dele. Então, tua iniqüidade é nociva ao corpo de outrem e não prejudica a tua alma?

**2** Os homens murmuram, se não com a voz, ao menos este murmúrio lhes rói o coração, contra essa doutrina simples e verdadeira, que sugere aos bons que amem a justiça e procurem por meio dela agradar a Deus; entendam que ele infunde certa luz inteligível em sua alma a fim de fazerem obras justas e dêem precedência a esta luz da sabedoria em relação a todos os bens amados neste mundo. Que respondem, então? Na verdade, agradarei a Deus pela justiça? Ou agradam os justos àquele, sob cujo governo os maus prosperam? Tantos males eles cometem, e nada lhes acontece de mal. Ou se acaso acontece-lhes algum infortúnio, que te replicam eles, quando começas a lhes dizer: Eis quanto mal este homem fez; como foi castigado? Que fim teve? Eles começam a pensar nos justos que sofreram males e retrucam: Se algo de mal acontece aos maus porque são iníquos, por que sucedeu isto àquele que viveu de modo tão honesto? Ele que praticou tantas esmolas, que fez tanto bem à Igreja, por que teve tal sorte? Por que teve tal fim, igual ao daquele que cometeu tantos crimes? Assim se exprimem, mostrando que não fazem tantos males, porque não podem, ou porque não ousam. Pois, a língua atesta o que quer o coração; e efetivamente, embora se calasse a língua, presa pelo temor, Deus veria o interior do homem, o que pensava, apesar de oculto aos outros homens. Este salmo cura os que quiserem ser curados de tais pensamentos silen-ciosos dos homens, ou mesmo que se manifestem em palavras e fatos. Dêem atenção e serão curados. Oxalá em toda multidão que se acha entre essas paredes agora, e ouve por nosso intermédio a palavra do Senhor, não haja tais feridas que precisem ser curadas; oxalá não existam. No entanto não é supérfluo falar disso, se não houver ferida alguma aqui. Os corações sejam

instruídos para curar os outros, ao começarem a ouvir tais coisas. Acredito que qualquer cristão, ao ouvir alguém dizer tais coisas, se é bom fiel, acredita retamente em Deus, e deposita sua esperança no século futuro, não nesta terra, não nesta vida, e não ouve inutilmente que deve ter o coração ao alto, ri-se e condói-se dos que proferem tais murmurações e diz a si mesmo: Deus sabe o que faz. Não podemos descobrir seus desígnios, por que poupa os maus em determinado tempo, ou por que razão os bons se afligem temporariamente. Basta-me saber que é por algum tempo que os bons labutam, e por algum tempo que os maus prosperam. Quem age assim, está seguro. Suporta pacientemente todas as felicidades dos maus, e com paciência suporta, tolera as dificuldades dos bons, até que termine este mundo, até que passe a iniqüidade. Tal homem já é feliz, e Deus o instruiu sobre a sua lei, e aliviou-o nos dias malignos, até que se abra a fossa para o pecador. Quem, porém, ainda não é assim, ouça de nossos lábios o que agrada ao Senhor. Que diga muito mais nos corações aquele que vê melhor a ferida a curar.

**3** [1] O salmo tem o seguinte título, isto é, a seguinte inscrição: "Salmo de Davi, para o quarto dia a contar do sábado". O salmo vai ensinar a paciência nos trabalhos por que passam os justos; diante da felicidade dos pecadores ensina a paciência, edifica na paciência. Trata do assunto o salmo inteiro, do começo ao fim. Por que traz o título: "quarto dia a contar do sábado?" Um dia depois do sábado é o domingo; segundo, a segunda-feira, que os mundanos denominam dia da Lua: terceiro após o sábado, a terça-feira, denominado dia de Marte. O quarto desde o sábado, portanto, é a quarta-feira, que os pagãos chamam de dia de Mercúrio; e igualmente o fazem muitos cristãos; mas não queremos isto e antes se corrijam, não falem assim. Com efeito eles têm uma linguagem própria, que devem usar. Pois, não são todos os povos que falam deste modo; muitos povos têm denominações diferentes para os dias da semana. Da boca do cristão é muito melhor, portanto, que saia uma linguagem de acordo com o uso da Igreja. No entanto, se alguém se deixar levar pelo costume, saindo de sua boca o que o coração reprova, entenda que aqueles todos que deram nome aos astros foram homens, e que estes astros não começaram a existir no céu desde que eles nasceram, mas já estavam ali antes. Ora, devido a certos banefícios temporais feitos por mortais a mortais, seus coetâneos lhes prestaram honras divinas porque eram muito poderosos e ilustres no mundo, tornando-se caros aos homens, não em vista da vida eterna, e sim de certas facilidades temporais. Os antigos deste mundo enganados e querendo enganar, e adulando aqueles que eram mais poderosos do que eles, segundo o amor ao mundo, mostravam os astros no céu, dizendo que aquele astro era de um e outro astro de outro homem. Os homens, porém, que anteriormente não haviam observado o céu de sorte a verem que lá já estavam aqueles astros antes do nascimento de tais homens, enganados acreditaram. E surgiu esta opinião vã. O diabo confirmou esta opinião errônea, mas Cristo a eliminou. Por conseguinte, segundo nosso modo de falar, "quarto dia a contar do sábado" é o quarto após o domingo. V. Caridade, portanto, preste atenção no sentido deste título. Aqui se esconde grande mistério, verdadeiramente oculto. Pois, muitas expressões deste salmo têm

sentido claro, manifestamente nos incitam e logo são entendidas. O título, contudo, devemos confessá-lo, apresenta não poucas obscuridades. Mas o Senhor estará conosco, dissipará a névoa, e examinareis o salmo, conhecendo-o segundo o título. Pois, o salmo começa: “Salmo de Davi, quarto dia a contar do sábado”. No limiar de uma casa acha-se o título, fixo num umbral. Todos querem conhecer o título antes de entrar na casa. Relembremos, então, da Sagrada Escritura, do Gênesis (cf Gn 1,3-19), o que foi feito no primeiro dia. Descobrimos que é a luz. O que foi feito no segundo dia? Encontramos que foi o firmamento, que Deus chamou de céu. O que foi feito no terceiro dia? Vemos a terra e o mar, e a separação entre eles, de tal sorte que todo o aglomerado das águas foi chamado mar, e a parte árida foi denominada terra. No quarto dia, Deus fez os luzeiros no céu: o sol para presidir o dia, a lua e as estrelas para presidirem a noite (cf Sl 135,8.9); isto ele fez no quarto dia. Que quer dizer então o fato de que o salmo retirou o título do quarto dia, se nesse salmo se ensina a paciência diante da felicidade dos maus e as dificuldades dos bons? Temos o apóstolo Paulo a dizer aos santos fiéis, fortificados em Cristo: “Fazei tudo sem murmurações nem reclamações, para vos tornades irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus, sem defeito, no meio de uma geração má e pervertida, no seio da qual brilhais como astros no mundo, mensageiros da palavra da vida” (Fl 2,14-16). Foi apresentada aos santos a comparação com os luzeiros, a fim de que se mantivessem sem murmuração, no seio de uma geração má e perversa.

**4** Mas, tendo em vista que ninguém pense que os luzeiros do céu devem ser cultuados e adorados, porque deles se tirou um termo de comparação relativamente aos santos, primeiro expliquemos em nome de Cristo não ser conseqüência necessária que o sol, ou a lua, ou as estrelas, ou o céu, que representam por comparação os santos, devem ser adorados, porque há muitos outros objetos que servem de comparação com os santos e não são adorados. Se, de fato, tudo o que é figura dos santos deva ser adorado, conforme opinas, adora as montanhas e as colinas, porque foi dito: “Os montes saltaram como carneiros, as colinas, como cordeiros” (Sl 113,4). Tu te referes aos santos, e eu falo do próprio Cristo. Adora o leão, porque está escrito: “O Leão da tribo de Judá venceu” (Ap 5,5). Adora a pedra, porque foi dito: “Essa rocha era Cristo” (1Cor 10,4). Se, portanto, não adoras em Cristo essas realidades terrenas, embora sejam certas figuras, se para simbolizar os santos tira-se uma comparação de alguma criatura, deves entender a semelhança que a figura apresenta, mas adorar o autor da criação (cf Sb 5,6). Nosso Senhor Jesus Cristo foi denominado sol. Acaso seria este sol que até os animais mais minúsculos vêem como nós? Ao invés, é o sol do qual foi dito: “Era a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem ao mundo” (Jo 1,9). Com efeito, a luz visível ilumina não somente os homens, mas também os jumentos, os rebanhos e todos os animais. A luz que ilumina todo homem, ilumina no coração, onde somente existe entendimento.

**5** Compreenda, portanto, V. Caridade, a quem disse o Apóstolo: “No meio de uma geração má e pervertida”, isto é, no meio dos iníquos, “no seio da qual brilhais como astros no mundo, mensageiros da palavra da vida” (Fl 2,15), e como ele nos adverte a

entender este salmo e a conhecer previamente seu título. Pois, tais santos, que possuem a palavra da vida, devido ao fato de serem cidadãos dos céus, desprezam a iniqüidade que se faz na terra; e quais luzeiros no céu, avançam dia e noite, perfazem seu caminho, têm suas órbitas determinadas, e apesar de serem perpetrados tantos crimes na terra, as estrelas no alto ficam firmes no céu, seguindo o roteiro celeste, preestabelecido e determinado por seu Criador. Assim devem ser os santos, contanto que fixem no céu seus corações, que não ouçam e não respondam em vão terem ao alto os corações, que imitem aquele que disse: "Mas a nossa cidade está nos céus (Fl 3,20). Eles, portanto, estão no alto, e pensam nas coisas do alto, conforme diz o evangelho: "Onde está o teu tesouro aí estará também teu coração" (Mt 6,21). Esses pensamentos celestes os tornam pacientes. Não cuidam do que se comete na terra, enquanto perfazem seu caminho, do mesmo modo que os luzeiros do céu não cuidam senão como passar dias e noites, apesar de todos os males que vêem serem perpetrados na terra. Ora, talvez seja fácil que os justos suportem as iniqüidades dos maus que não são contra eles mesmos; mas como suportam as cometidas contra outrem, suportem as que são contra eles mesmos. Efetivamente, não devem suportar e tolerar, porque são feitas contra os outros, e se cometidas contra eles mesmos, perder a paciência. Pois, quem perde a paciência, cai do céu; quem tem o coração fixo no céu, só a parte que tem de terreno peleja na terra. Quantas coisas inventam os homens dos próprios astros e no entanto, eles suportam pacientemente? Da mesma forma devem os justos suportar pacientemente até as falsas incriminações. Isso mesmo que já mencionei várias vezes, a saber, afirmar: esta estrela é de Mercúrio, a outra é de Saturno, e aquela outra de Júpiter, constitui ofensa para as estrelas. E então? Ao ouvirem elas tantos ultrajes, acaso se movimentam, ou param seus percursos? Assim também o homem que no meio de uma geração má e perversa possui a palavra de Deus, fulgura como um luzeiro no céu. Quantos são os que parecem prestar honras ao sol, e mentem a respeito dele? Os que declaram: é Cristo o sol, mentem acerca do sol. O sol conhece que Cristo é seu Senhor e seu Criador. E se pudesse se indignar, ficaria muito mais indignado contra os que o honram falsamento do que contra os que o injuriam. Pois, para um bom servo é maior ultraje a injúria contra seu senhor. Quantas falsidades proferem alguns acerca dos próprios astros? E eles suportam, toleram, não se comovem. Por quê? Porque estão no céu. Mas, o que é o céu? Não omitiremos nem isso: quantas mentiras dizem os homens quando vêem a luz se esconder e dizem: Os homens maléficos a diminuem? No entanto, ela tem nos tempos marcados, as suas fases, conforme a disposição de Deus. Aquela que se acha no céu, contudo, não dá atenção a estas palavras dos homens. Mas que quer dizer: No céu? No firmamento do céu. Quem tem o coração no firmamento do livro de Deus, não se preocupa com estas coisas.

**6** Pois, o céu, isto é, o firmamento, é figura do livro da lei. Por isto, está escrito numa passagem: "Estende o céu como um pavilhão" (Sl 103,2). Se é estendido como uma pele, assemelha-se a um livro desenrolado para se ler. Passada, porém, a sua época, já não se lê. Por isso, lê-se a lei, porque ainda não chegamos àquela Sabedoria que enche os corações e as mentes dos que a vêem; então não será mais necessário ali que se nos leia alguma coisa. Ao nos ser lido algo, as sílabas soam e passam. Aquela luz da verdade

não passa, mas permanecendo fixa inebria os corações dos que a vêem, conforme foi dito: “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Na torrente de tuas delícias lhes dás de beber. Pois em ti está a fonte da vida”. E vê a própria fonte: “Na tua luz contemplamos a luz” (Sl 35,9.10). Agora nos é necessária a leitura, enquanto é “limitado o nosso conhecimento, e limitada é a nossa profecia”, segundo diz o Apóstolo. “Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá” (1Cor 13,9). Não nos será necessária naquela cidade de Jerusalém, onde vivem os anjos, e longe da qual agora peregrinamos, gemendo em nossa peregrinação. Gememos, de fato, se sabemos que peregrinamos. Pois, não tem amor, de forma alguma, à pátria, quem se sente bem enquanto peregrina. Por acaso naquela cidade onde estão os anjos, lê-se o evangelho, ou o Apóstolo? Lá eles se alimentam do Verbo de Deus. A fim de que o Verbo de Deus ressoasse no tempo para nós, o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf Jo 1,14). Todavia, a própria lei, que foi escrita, é um firmamento para nós. Se nosso coração ali está, não se agita com as maldades humanas. Pois, foi dito: “Estende o céu como um pavilhão” (Sl 103,2). Quando, porém, passar o tempo em que os livros são necessá-rios, o que foi dito? “Os céus se enrolam como um livro” (Is 34,4). Quem, conseqüentemente, tem o coração ao alto, seu próprio coração é um luzeiro: brilha no céu, e não é vencido pelas trevas. Abaixo encontram-se as trevas, as trevas da maldade; não são trevas imutáveis. Já o relem-bramos ontem. Mas os que hoje são trevas, se quiserem, amanhã serão luz; os que entraram aqui sendo trevas, se quiserem, podem se tornar luz. Claramente o diz o Apóstolo, a fim de que ninguém pense que a maldade é natural e não pode mudar: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz” (Ef 5,8). “Luz no Senhor”, não em vós mesmos. O coração, portanto, esteja fixo no livro; se o coração está no livro, está no firmamento do céu. Se lá se acha o coração, brilhe dali, e não se comoverá com as iniqüidades que estão abaixo. Não quer dizer que esteja no céu pelo corpo, mas está ali pela vida, conforme foi dito: “A nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20). Não podes imaginar como é aquela cidade, que ainda não vês. Queres pensar no céu? Medita o livro de Deus. Escuta o que diz o salmo: “Dia e noite meditará a lei do Senhor”. Aí também foi afirmado: “Feliz o homem que não entrou no conselho dos ímpios, não se deteve no caminho dos pecadores, nem se sentou em cátedra pestífera. Mas aderiu à lei do Senhor”. Vê o luzeiro no céu: “Dia e noite meditará a lei do Senhor” (Sl 1,1.2). Quer alguém suportar tudo com paciência? Não desça do céu, e medite a lei do Senhor dia e noite. Assim seu coração estará no céu; se o coração está no céu, todas as iniqüidades que se praticam na terra, por algum tempo, toda a felicidade dos maus, todos os labores dos justos que meditam dia e noite a lei de Deus, nada são; ele tolera tudo pacientemente e será feliz, instruído por Deus. E como estará no firmamento do céu? A lei é o firmamento. “Feliz o homem a quem instruíres, Senhor, e a quem ensinares a tua lei, a fim de lhe suavisares os dias maus, até que se abra a fossa ao pecador” (Sl 93,12.13). Obser-vai, pois, como os luzeiros avançam, desaparecem, voltam, seguem seu curso, distinguem o dia da noite, deixam decorrer anos e tempos. E tantos males se cometem na terra, enquanto eles ficam tranquilamente no céu. Que é então, que Deus nos ensina? Vamos dar atenção ao salmo.

**7** “Deus das vinganças, Senhor, o Deus das vinganças agiu com intrepidez”. Pensas que Deus não se vinga? O Deus das vinganças se vinga. Que significa: “Deus das vinganças?” Deus que castiga. Certamente murmuras, que os maus não são castigados por ele. Não murmures, para não estares entre aqueles que sofrem a vingança. Alguém pratica um furto e continua a viver; tu murmuras contra Deus, porque não morre aquele que te roubou. Se já não furtas, considera. Talvez não furtes mais, mas vê se alguma vez não furtaste. Se já és dia, relembra-te de tua noite. Se já estás fixo no céu, lembra-te de tua terra. Descobres que alguma vez foste ladrão. Talvez alguém se tenha irritado porque viveste furtando e não morreste. Tu quando cometias este pecado, continuaste a viver a fim de não o cometeres mais; não procures, uma vez que tu passaste, derrubar a ponte da misericórdia de Deus. Não sabes que muitos haverão de passar por onde tu passaste? Existirias agora para murmurar, se tivesse sido ouvido aquele que anteriormente murmurou a respeito de ti? E no entanto agora desejas a vingança de Deus contra os maus, que morra o ladrão e murmuras contra Deus se o ladrão não morre. Pesa na balança da eqüidade o ladrão e o blasfemo. Já afirmas que não és ladrão; mas murmurando contra Deus és blasfemo. O ladrão espia quando o homem vai dormir para roubar e tu dizes que Deus dorme e não vê o homem. Se, portanto, queres que ele corrija sua mão, corrige tu primeiro a tua língua. Queres que ele corrija o coração relativamente ao homem; então corrige teu coração que está contra Deus, para não suceder que se vier o castigo de Deus que desejas, não te atinja primeiro. Pois, este castigo virá, virá e julgará os que perseveram em sua malícia, os ingratos para com as delongas de sua misericórdia, os ingratos diante de sua paciência, que estão acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras (cf Rm 2,4-6), porque o “Deus das vinganças, Senhor, o Deus das vinganças agiu com intrepidez”. A ninguém poupou, quando falou aqui. Era Senhor na fraqueza da carne, mas com o poder da palavra. Não usou de acepção de pessoas relativamente aos príncipes dos judeus. Quantas coisas não lhes disse? E como disse? Verdadeiramente com intrepidez, porque num salmo acha-se escrito sobre ele: “Por causa da aflição dos necessitados e dos gemidos dos pobres, hei de me levantar agora, diz o Senhor” (Sl 11,6). Quais são os necessitados? Quais os pobres? Aqueles que depositam sua esperança somente naquele que não decepciona nossa esperança. Notai, irmãos, quais são os necessitados e pobres. A Escritura, ao louvar os pobres, não parece absolutamente se referir aos que são completamente pobres, que nada têm. Conheces, talvez, um pobre que, ao sofrer alguma injustiça, não olha senão para seu patrono, em cuja casa talvez habite, de quem é inquilino, ou colono, ou cliente; e por isso, diz que sofre injustamente, porque pertence àquele. Seu coração está repousando num homem, sua esperança está depositada num homem, cinza em cinzas. Existem outros, porém, que são opulentos, e se apoiam em honrarias humanas por algum tempo; contudo, não depositam sua esperança nem no dinheiro, nem em suas propriedades, nem em sua família, nem na glória transitória de sua dignidade; mas põem toda a sua esperança naquele que não tem sucessor, que não pode morrer, que não pode enganar-se nem enganar; esses, apesar de parecerem ter muito na opinião dos mundanos, administram

bem em favor dos necessitados. São contados no número dos pobres do Senhor. Pois, vêem que vivem no meio de perigos nesta vida, percebem que são peregrinos; de tal modo convivem com a opulência de suas riquezas, que se parecem ao viajante numa hospedaria, onde está de passagem, e não como dono. Portanto, que diz o Senhor? “Por causa da aflição dos necessitados e dos gemidos dos pobres, hei de me levantar agora, diz o Senhor. Porei a salvo”. Salva-nos nosso Salvador; nele quis o salmista depositar a esperança de todos os necessitados e pobres. E como se exprime ele? “Agirei com confiança” (Sl 11,6). Que quer dizer: “Agirei com confiança?” Ele não terá medo, não poupará os vícios e maus desejos dos homens. Verdadeiramente médico fiel, munido do bisturi medicinal da palavra, abriu para curar todos os ferimentos. Tendo assim sido predito e anunciado previamente, foi também assim que se mostrou. Falava na montanha, onde declarou: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus. Ali foram declarados bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, e acrescenta este sermão: porque deles é o reino dos céus”. E a fim de fazer deles luzeiros, isto é, aqueles que toleram todos esses males com paciência, porque são transitórios, disse: “Bem-aventurados sois, quando vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,3.10.11.12). Em seguida, mais adiante no sermão, ao começar a ensinar, embora a multidão o cercasse, disse tais coisas aos discípulos, que feriam os fariseus e judeus na face, a eles que pareciam ter o primeiro lugar na exposição de todas as Escrituras. Não poupou os fariseus e os judeus que se consideravam justos ou queriam parecer tais, e cuja primazia talvez fosse obsequiada pelo povo, nesses termos: “E, quando orardes, não sejais como os hipócritas, porque eles gostam de fazer oração pondo-se em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos homens”, etc. (Mt 6,5). Atingiu a todos, sem medo de ninguém. E no fim do sermão, a Escritura, no evangelho, concluiu acerca do assunto: “Aconteceu que ao terminar Jesus estas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensino, porque ensinava com autoridade e não como os seus escribas e os fariseus” (Mt 7,28.29). Quantas coisas, portanto, não falou aquele do qual foi dito: “ensinava com autoridade”, quantas coisas disse: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas” (Mt 23,13.14, etc.). Quantas coisas não lhes lançou ao rosto? De ninguém teve medo. Por quê? Porque é o Deus das vinganças. Por isso, não poupava palavras, a fim de posteriormente ter a quem perdoar no juízo; porque se eles não quisessem aceitar o remédio da palavra, prosseguiriam de fato e encontrariam a setença do juiz. Por quê? Porque disse o salmista: “Deus das vinganças, Senhor, Deus das vinganças agiu com intrepidez”, isto é, a ninguém poupou em palavras. Se estando para padecer não poupou em palavras, haverá de poupar ao sentenciar no julgamento? A ninguém temeu em sua condição humilde; terá medo quando estiver em sua glória? Ele agiu com intrepidez; é fácil imaginar como será no fim dos séculos. Por isso, não murmures contra Deus, se aparentemente poupa os maus. Sê no número dos bons, que ele talvez castigue, mas há de poupar no juízo final.

**8** [2] Como agiu com intrepidez, eles não suportaram sua ousadia; e como viera

humildemente, revestido da carne mortal, e viera para morrer, para sofrer o mesmo que os pecadores, sem ter feito o que eles fazem, como viera por isso e tendo agido com intrepidez, eles não puderam suportar sua intrepidez, o que fizeram? Prenderam-no, flagelaram-no, zombaram dele, esbofetearam-no, cuspiram-lhe, coroaram-no de espinhos, levantaram-no na cruz e finalmente mataram-no. Mas, qual a seqüência de seu modo intrépido de agir? "Levanta-te, juiz da terra". Pondera que prenderam-no ao se apresentar humilde; prendê-lo-ão ao vir de maneira excelsa? Pensa que julgaram-no qual mortal; porventura não serão julgados quando imortal? Como se exprime o salmista? "Levanta-te", tu que agiste com intrepidez. Os iníquos não toleraram a ousadia de tua palavra, e pensaram que estavam conseguindo alguma coisa, ao te prenderem e crucificarem. Eles, que deviam te apreender pela fé, prenderam-te durante a perseguição. Tu, porém, que agiste com intrepidez no meio dos malvados, sem medo algum, e padeceste, "levanta-te", isto é, ressurge, sobe ao céu. A Igreja igualmente sofre pacientemente o mesmo que sofreu com paciência sua Cabeça. "Levanta-te, juiz da terra; retribui aos soberbos o que merecem". Ele retribuirá, irmãos. Que quer dizer: "Levanta-te, juiz da terra; retribui aos soberbos o que merecem?" É profecia do futuro e não imperativo audacioso. O profeta não disse: "Levanta-te, juiz da terra" e Cristo obedeceu ao profeta, ressurgindo e subindo ao céu; mas, ao contrário como Cristo haveria de realizar isso, o profeta o predisse. Por conseguinte, Cristo não executou o que o profeta predissera; mas o profeta predissera, porque ele haveria de realizar tudo isso. Ele em espírito vê Cristo humilde, vê como é humilde, mas sem medo algum, sem poupar palavras em relação a ninguém, e declara: "Ele agiu com intrepidez". Ele contempla-o a agir com intrepidez, contempla-o preso, crucificado, humilhado, ressuscitado, subindo ao céu, donde há de vir a julgar aqueles em cujas mãos padeceu todos os suplícios e diz: "Levanta-te, juiz da terra; retribui aos soberbos o que merecem". Retribuirá aos soberbos, não aos humildes. Quais soberbos? Aqueles aos quais não bastam os pecados que praticam, mas querem ainda defendê-los. Quanto aos que crucificaram a Cristo, aconteceu-lhes depois um milagre, quando no próprio número dos judeus alguns creram, e receberam o sangue de Cristo. Tinham mãos ímpias e cruentas do sangue de Cristo. Lavou-as o mesmo sangue que haviam derramado. Eles se incorporaram ao corpo de Cristo, isto é, à Igreja, embora hajam perseguido seu corpo mortal visível. Derramaram seu preço, para o beberem depois. Pois, de fato, muitos posteriormente se converteram. Como os apóstolos faziam muitos milagres, alguns milhares de homens creram num só dia. Aproximaram-se tanto de Cristo que vendiam tudo o que possuíam e depositavam o produto da venda aos pés dos apóstolos; e a cada um distribuia-se o necessário. Eles tinham uma só alma e um só coração em Deus (At 4,4), e isso, dentre aqueles que crucificaram o Senhor. Mas, por que não lhes foi retribuído o que fizeram? Porque foi dito: "Retribui aos soberbos" e eles não quiseram ser soberbos. Ao verificarem que muitos milagres se realizavam em nome de Cristo, que eles haviam matado, abalados pelos milagres, ouviram da boca de Pedro em nome de quem estes milagres se realizavam. Os servos não quiseram arrogar-se a si mesmo o poder de seu Senhor, declarando que haviam feito o que ele mesmo realizava por meio

deles. Os servos prestaram honra a seu Senhor. Afirmaram que aquelas maravilhas eram realizadas em nome daquele que os judeus haviam crucificado. E eles se fizeram humildes, contritos de coração, cheios de confusão a confessarem seus pecados. Pediram conselho, com estas palavras: “Que devemos fazer”? (At 2,37-38). Não perdem a esperança de recuperar a saúde, e procuram o remédio. Então, Pedro lhes respondeu: “Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado em nome de Jesus Cristo” (At 2,37.38). Fazendo penitência mostraram-se humildes; por isso, não lhes foi retribuído o mal que fizeram. Pois, observa como se exprime o salmo: “Levanta-te, juiz da terra: retribui aos soberbos o que merecem”. Foram, portanto, extraídos daquele número; não lhes foi retribuído. Valeu-lhes a oração do Senhor na cruz: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,24). “Levanta-te, juiz da terra; retribui aos soberbos o que merecem”. Então, há de retribuir o que merecem? Sim, mas aos soberbos.

**9** [3.4] Mas quando? Quando retribuirá? Por enquanto os maus triunfam, exultam os maus, blasfemam os maus, praticam toda espécie de maldade. Isso te abala? Procura entender com piedade; não repreendas com soberba. Abala-te? O salmo se compadece de ti, procura contigo, mas não por desconhecer a causa. Procura contigo o que ele sabe, para nele encontrares o que desconhecias. Assim como acontece quando alguém quer consolar um aflito. Se não se condoer dele, não o reanima. Primeiro deve condoer-se com ele, e depois animá-lo com palavras de consolo. Se, porém, se aproximar dele rindo de seu pesar, não faz o que acaba de ser lido, uma palavra do Apóstolo: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15). Portanto, a fim de que se alegre contigo, chora primeiro com ele. Deves te contristar com ele para o animares. Assim também o Espírito de Deus, que efetivamente tudo conhece, procura contigo, como que repetindo tuas palavras. “Até quando, Senhor, até quando os pecadores haverão de se gloriar? Responder e proferir a iniqüidade? Falarão todos os obreiros da injustiça?” Que falarão, a não ser contra Deus, os que dizem: De que nos adianta viver assim? Que dizes? Deus cuida de fato do que fazemos? Como continuam a viver, pensam que Deus não sabe o que eles fazem. Olha o mal que lhes sucede! Se o guarda (stationarius)[1] soubesse, prendê-los-ia; por isso se escondem dos olhares dos guardas, para não serem logo presos. Mas, os olhos de Deus ninguém pode evitar, porque vê não somente no quarto, mas até o íntimo de teu coração. Pensam também eles que de Deus nada se esconde. Uma vez que fazem assim mesmo, sabem o que fazem, e notando que continuam a viver apesar de Deus ter conhecimento disso (seriam mortos se o guarda o soubesse) dizem a si mesmos: Estes atos agradam a Deus; de fato, se lhe desagradassem nossos atos, da mesma forma que desagradam aos juízes, como desagradam aos reis, como desagradam aos imperadores, e como desagradam aos escrivães (commentarienses)[2], acaso como nos ocultamos aos olhares desses últimos, não poderíamos evitar os olhares de Deus? Portanto, estas coisas agradam a Deus. No entanto, em outro salmo se diz ao pecador: “Fizeste isto e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade que sou semelhante a ti”. Qual o sentido de: “sou semelhante a ti?” Não penses que me aprazem tuas más ações da mesma maneira que te são aprazíveis. E

ameaça para o futuro: “Censurar-te-ei” (Sl 49,21). Por conseguinte não cala aquele que disse: “Calei”. Tendo dito: “Fizeste isto e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti”, e não calou. Pois, quando nós falamos, ele não cala; quando o leitor faz a leitura, ele não cala; quando o salmo canta esses fatos, ele não cala. Estas vozes todas de Deus se fazem ouvir pelo orbe da terra. Como, então, ele cala e como não cala? Não cala quanto a palavras, mas faz calar a vingança. Que quer dizer, então: “Fizeste isto e calei?” Fizeste isso e não me vinguei. “Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti”. Quanto a fazer calar a vingança, isto é, à cessação do castigo, diz em outra passagem: “Calei; acaso sempre calarei”? (Is 42,14). “Até quando, Senhor, até quando os pecadores haverão de se gloriar? Responder e proferir a iniqüidade? Falarão todos os obreiros da injustiça?” E diz todas as obras. “Responder e proferir a iniqüi-dade?” Que é: “Responder?” Eles têm o que responder contra o justo. Vem um justo e diz: Não pratiques a iniqüidade. Por quê? A fim de não morreres. Mas eu pratiquei a iniqüidade; por que não morri? Aquele outro praticou a justiça e morreu; por que ele morreu? Eu fiz o mal; Por que Deus não me tirou do mundo? Eis, aquele outro praticou a justiça; e por que assim o castigou? Por que ele peleja tanto? respondem, isto é, “responderão” porque têm o que dizer; visto que a paciência de Deus os poupa, encontram argumentos em resposta. Deus poupa por certo motivo, e eles respondem por outro, porque vivem. O Apóstolo explica porque Deus poupa, expondo o desígnio paciente de Deus: “Ou pensas tu, que praticas tais ações, que escaparás no juízo de Deus?” Ou desprezas a riqueza da sua bondade e longanimidade, desconhecendo que a paciência de Deus te convida à conversão?” Tu, porém, a saber, aquele que responde: Se desagradasse a Deus, Deus não me pouparia; vê o que ele faz contra si mesmo, escuta o Apóstolo: “ora, tu, com tua obstinação e com teu coração inpenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus que retribuirá a cada um segundo suas obras” (Rm 2,3-6). Ele, pois, aumenta a longanimidade e tu aumentas a maldade. Haverá um tesouro de misericórdia eterna para com aqueles que não desprezaram a misericórdia; teu tesouro, contudo, será de ira. Cada dia ajuntas um pouquinho, mas depois encontrarás um grande volume; colocas pouco a pouco, mas encontrarás um acúmulo. Não consideres pequenos teus pecados cotidianos; de gotas minúsculas enchem-se os rios.

**10** [5.6] Que estão fazendo aqueles que respondem e proferem a iniqüidade, porque cometem o mal e são poupados? “Eles humilharam teu povo, Senhor”, a saber, todos os que vivem na justiça, e contra os quais querem orgulhar-se todos os malvados. “Eles humilharam teu povo, Senhor, maltrataram a tua herança. Mataram a viúva e os órfãos, e tiraram a vida ao prosélito”, isto é, ao peregrino, ao adventício, ao estrangeiro; é o que significa aqui prosélito. Cada uma dessas expressões é clara e não precisamos nos deter nelas.

**11** [7] “E disseram: O Senhor não o verá”. Não dá atenção a estas coisas, negligencia, cuida de outras questões, não entende. Essas duas vozes vêm dos maus; uma é a que já citei: “Fizeste isso e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti”.

Que é: “sou semelhante a ti?” Pensas que eu vejo teus feitos e eles me agradam, pois não me vingo. A outra é a voz dos iníquos: Uma vez que Deus não observa estas ações, nem examina para saber como vivo, Deus não se preocupa comigo. Por isso, Deus me conta entre os outros? Ou de fato Deus me inclui no seu número? Ou enumera os próprios homens? Ó infeliz! Ele cuidou de que existisses; não há de cuidar de que vivas no bem? Por conseguinte, assim falam eles. E disseram: “O Senhor não o verá, nem o perceberá o Deus de Jacó”.

**12** [8] “Entendei agora, néscios dentre o povo, e insensatos, quando é que entendereis bem”. Instrui Deus a seu povo, porque pode o homem sentir resvalarem-lhe os pés, diante das felicidades dos malvados, quando ele já está vivendo bem no número dos santos de Deus, isto é, no número dos filhos da Igreja. Ele vê que os maus prosperam enquanto praticam a maldade e sente inveja, sendo levado a imitar seus atos. Parece-lhe que nada adianta viver o homem humilde honestamente, esperando obter aqui uma recompensa. Pois, se esperar a recompensa futura, não a perderá; mas ainda não chegou o tempo de recebê-la. Trabalhas na vinha. Faze tua tarefa e receberás tua paga. Não exigirias pagamento de um pai de família antes de trabalhares, e queres exigi-lo de Deus antes do trabalho? Também esta paciência faz parte de tua tarefa e pertence à recompensa. Queres trabalhar menos na vinha, uma vez que não queres pacientar; a própria tolerância faz parte da obra que te valerá a recompen- sa. Se és fraudulento, não somente não receberás recompensa, mas encontrarás castigo, porque quiseste ser um operário fraudulento. Com efeito, um operário doloso quando começa a agir mal, observa os olhos do pai de fa-mília, olha aquele que o contrata a trabalhar na vinha. Logo que ele tirar os olhos de cima dele, pára e trabalha mal; quando volta a olhar, trabalha bem. Deus, porém, que te contratou, não tira os olhos. Não te é lícito trabalhar com dolo. Os olhos do pai de família estão sempre fixos em ti. Procura um lugar onde possas enganá-lo e interrompe o trabalho se puderes. Conseqüêntemente, se talvez cogitáveis alguma coisa, ao virdes os maus progredirem e vossas cogitações faziam vacilar vossos pés no caminho de Deus, é a vós que se dirige o presente salmo. Se nenhum de vós pensa assim, falei aos demais: “Entendei agora”, porque eles haviam dito: “O Senhor não o verá, nem o perceberá o Deus de Jacó. Entendei agora, néscios dentre o povo, e insensatos, quando é que entendereis bem”.

**13** [9.10] “Quem plasmou o ouvido não ouvirá?” Não tem com que ouvir aquele que fez com que ouças? “Quem plasmou o ouvido não ouvirá? Ou quem formou o olho não verá? Quem educa as nações não argüirá?” Prestai maior atenção a isso, meus irmãos: “Quem educa as nações não argüirá?” Atualmente Deus assim age. Ele educa as nações. Para tanto enviou sua palavra por todo o orbe da terra aos homens. Enviou-a por intermédio dos anjos, dos patriarcas, dos profetas, de seus servos, de tantos pregoeiros a precederem a vinda do juiz. Enviou Deus também o seu próprio Verbo, enviou o próprio Filho. Enviou os servos de seu Filho e nos servos o seu Filho. Por todo o orbe da terra se anuncia a palavra de Deus. Onde é que não se prega aos homens: Abandonai vossas anteriores maldades, convertei-vos ao caminho reto? Deus poupa para que vos corrijais;

ontem não castigou para que vivais honestamente hoje. Ele educa as nações; por isso não argüe? Não haverá de ouvir aqueles que ele educa? Não haverá de julgar aqueles aos quais previamente enviou a palavra, de antemão semeou a palavra entre eles? Se estivesse na escola, receberias e não retribuirias? Com efeito, ao receberes do mestre, ficas instruído; o mestre te entrega aquilo que ele apresenta, e não exigirá de volta por ocasião da repetição? Ou quando começares a repetir, estarás sem medo da palmatória? Agora, portanto, recebemos; depois estaremos perante o mestre, para restituír-mos tudo o que recebemos no passado, isto é, para prestarmos contas de tudo o que agora nos é entregue. Ouve como fala o Apóstolo: "Porquanto todos nós teremos de comparecer perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal" (Rm 14,10; 2Cor 5,10). "Quem educa as nações não augüirá? Ele que ensina aos homens o saber?" Não saberia aquele que te fez saber: "que ensina aos homens o saber?"

1 Chamavam-se "stationarii" os soldados e guardas estabelecidos em províncias e cidades, que denunciavam os crimes notórios aos magistrados (Maurinos).

2 "Commentarienses" (escrivães) eram os guardas-chefes e notários que deviam anotar as folhas dos presos e dos réus e receber os relatórios dos crimes (Maurinos)

**14** [11] "O Senhor conhece os pensamentos do homem, sabe que são vãos". Pois, apesar de desconheceres os desígnios de Deus, que são justos, ele "conhece os pensamentos do homem, sabe que são vãos". Existiram homens que conheceram os pensamentos de Deus, mas são aqueles de quem ele era amigo e aos quais revelou seu desígnio. Mas também vós, meus irmãos, não vos menosprezeis. Se com fé vos aproximais de Deus, ouvireis quais os seus pensamentos. Aprendei-os agora, quando vos são manifestados, e instrui-vos acerca do motivo por que Deus agora poupa os maus, a fim de não murmurardes contra Deus, que "ensina aos homens o saber. O Senhor conhece os pensamentos do homem, sabe que são vãos". Abandonai, portanto, os pensamentos do homem, que são vãos, a fim de compreenderdes os pensamentos de Deus, que são sábios. Mas, quem é que compreende os pensamentos de Deus? Quem está no firmamento do céu. Já cantamos estas palavras, já as repetimos e expusemos.

**15** [12.13] "Feliz o homem a quem ensinas, Senhor, e instruis na tua lei, a fim de lhe suavizares os dias maus, até que se abra a fossa ao pecador". Aí está o desígnio de Deus, o motivo por que poupa os maus: abre-se a fossa ao pecador. Tu já querias sepultá-lo; a fossa ainda está sendo aberta; não tenhas pressa de sepultá-lo. Que quer dizer: "até que se abra a fossa ao pecador?" Quem é esse pecador? Um só homem? Não. Quem, então? Todo o gênero dos homens pecadores, mas orgulhosos; o salmo já declarou antes: "Retribui aos soberbos o que merecem". Pois pecador era também o publicano, que baixara os olhos para o chão e batia no peito dizendo: "Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!" Mas, como não era soberbo, e Deus retribuirá aos soberbos o que merecem, a fossa não se abre para ele, mas para os orgulhosos, até que lhes seja retribuído o que merecem. Portanto, a palavra: "Até que se abra a fossa ao pecador" deve ser entendida

relativamente aos soberbos. Quem é soberbo? Aquele que não faz penitência, não confessa seus pecados, de sorte que possa ser curado pela humildade. Quem é soberbo? Aquele que quer arrogar a si mesmo os poucos bens que parece ter, e procura diminuir a misericórdia de Deus. Quem é soberbo? Aquele que, embora atribua a Deus o bem que faz, injuria contudo aqueles que não o fazem, e exalta-se acima deles. Pois também o fariseu dizia: "Eu te dou graças"; não disse: Eu faço. Dava graças a Deus pelo bem que praticava; percebia que fazia o bem, e o fazia com o auxílio de Deus. Então, por que foi reprovado? Porque injuriava o publicano. Prestai atenção a fim de tirardes proveito. Primeiro, nos homens e nas mulheres, deve preceder a confissão dos pecados, uma penitência salutar, que valha para corrigir o homem e não para zombar de Deus. Ao começar alguém, depois da penitência, a viver bem, deve ainda não atribuir a si o bem que faz, mas dê graças a Deus, por cujo auxílio pôde viver bem. Pois, Deus o chamou, o iluminou. Então, ele já é perfeito? Não; falta-lhe ainda algo. Que lhe falta? Que não se ensoberbeça acima daqueles que ainda não vivem de igual modo. Quem agir assim, está seguro; não lhe será retribuído conforme foi dito: "Retribui aos soberbos o que merecem". Não está entre aqueles para os quais se abre a fossa. Pois, vede como se exaltou aquele que assim rezava: "Eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros, nem como este publicano"; quanto se exaltou, ao dizer: "nem como este publicano?" O publicano, com o rosto inclinado para o chão, batia no peito, dizendo: "Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!" O fariseu era soberbo no meio de suas boas ações, e o publicano humilde por causa de suas ações más. Vede, irmãos. Mais agradou a Deus a humildade no meio das más ações do que a soberba com as boas ações. De tal modo Deus odeia os soberbos. Por isso assim conclui a parábola: "Eu vos digo que o publicano desceu para casa justificado, mais do que o fariseu. E declara a razão: "Todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (cf Lc 18,10-14). Meus irmãos, ao menos por isso aprendemos que Cristo nos ensinou a humildade, porque Deus se fez homem. Esta humildade desagrada aos pagãos e por causa disso nos injuriam: Adorais um Deus que nasceu? Adorais um Deus que foi crucificado? A humildade de Cristo desagrada aos soberbos. Tu, porém, ó cristão, se te apraz, imita-a. Se a imitares, não terás tribulações, porque ele mesmo disse: "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11,28.29). Assim é a disciplina cristã: ninguém pratica algum bem, a não ser pela graça de Deus. O mal praticado pelo homem, provém dele mesmo: o bem é obra da graça de Deus. Ao começar a agir bem, não atribua o cristão o que faz a si mesmo; e não o atribuindo a si, dê graças àquele do qual deriva. Ao agir bem não injurie a quem não age de igual maneira, nem se exalte acima dele. A graça de Deus não terminou nele, de tal sorte que não possa atingir a outrem.

**16** "A fim de lhe suavizares os dias maus, até que se abra a fossa ao pecador". Ó cristão, seja quem fores, sê manso diante dos dias maus. Ora, são maus os dias em que os pecadores parecem prosperar e os justos afligir-se; mas o labor dos justos é o flagelo do Pai, ao invés da felicidade dos pecadores, que constitui uma fossa para eles. Visto que Deus vos suaviza os dias maus, até que se abra a fossa ao pecador, não deveis imaginar

que os anjos estejam em qualquer parte com enxadas a cavar uma grande fossa, capaz de conter todos os iníquos. E ponderando que são tantos os iníquos, não comeceis a dizer-vos de modo carnal: De fato, que fossa pode conter tamanha multidão de pecadores, essa turba de iníquos? Quando ficará pronta essa fossa com capacidade para todos? Portanto, Deus perdoa. Nada disso. A fossa dos pecadores é sua própria felicidade; pois eles aí caem como se lhes abrisse uma fossa. Atenção, irmãos. É importante saber que a felicidade é denominada fossa: "Até que se abra a fossa ao pecador". Com efeito, Deus poupa a alguém que ele conhece por pecador e ímpio. Trata-se de uma justiça oculta. Pelo fato mesmo de poupá-lo, Deus através da impunidade deixa-o tornar-se orgulhoso. Ele pensa que está muito elevado e cai. Cai porque se julga nas alturas. Ele imagina que está subindo ao cume e Deus denomina a este fato fossa. A fossa aprofunda-se e não vai para o céu. Os pecadores, contudo, cheios de soberba, pensam que vão para o céu e se enterram. Ao contrário, os humildes abaixam-se até o chão e sobem ao céu. Amansa-te, portanto, ó fiel, se és bem instruído na lei de Deus, de tal forma que teu coração se fixe no firmamento do céu; porque Deus fez os luzeiros no "quarto dia a contar do sábado", conforme consta do título do presente salmo. Da mesma forma que vês os luzeiros continuarem a percorrer pacientemente a sua órbita, sem cuidarem do que dizem os homens a seu respeito, assim também tu não te preocupes com o que te fizer a carne. Pois, todo homem é carne e sangue. Não és pior do que qualquer homem carnal que te oprima, pois foi por tua causa que Cristo assumiu a carne, e por ti derramou seu sangue, ele que há de submeter ao futuro exame a ti e àquele homem. E se ele te concedeu previamente tantos dons quando eras ímpio, que não há de reservar depois de te tornares fiel? Por esta razão acalma-te. Como te acalmarás? Dizendo: Os maus prosperam porque Deus assim o quer. Ele quer poupar os maus, a fim de levá-los à penitência, mas eles não se corrigem; Deus sabe como há de julgá-los. Efetivamente, o homem é impaciente quando quer opor-se à bondade do Senhor, ou à paciência, ao poder, à justiça do juíz. O soberbo se levanta contra Deus, mas Deus o abaixa; e o humilha no ato mesmo de sua revolta contra Deus. Pois, num outro salmo se encontra dito: "Derrubaste-os quando se exaltavam" (Sl 72,18). Não disse: Derrubaste-os porque se exaltaram; ou, Derrubaste-os, depois que se exaltaram, de sorte que difiram as ocasiões de seu orgulho e as de sua humilhação; mas no ato mesmo de se exaltarem eles foram derrubados. O coração do homem se afasta de Deus na medida mesma de sua soberba; e apartando-se de Deus, mergulha nas profundezas. Ao invés, o coração humilde atrai a Deus do alto do céu a se tornar próximo dele. Certamente Deus é excelso, está acima de todos os céus, transcende a todos os anjos; quanto deves subir para atingir a este Deus excelso? Não arrebentes esticando-te. Dou-te outro conselho, a fim de não estourares pela soberba no esforço de te estenderes. Certamente Deus é excelso. Humilha-te e ele descerá a ti.

**17** [14] Ouvimos dizer o motivo por que ele poupa os maus. Trata-se de se lhes abrir a fossa. Deus te declara: Não te compete saber como se lhes abre a fossa, nem por que razão; mas aprende de minha lei que deves ser paciente, "até que se abra a fossa ao

pecador”. E que me sucederá, dizes, a mim que trabalho, e labuto no meio dos próprios pecadores? A resposta é a seguinte: “Porque o Senhor não há de rejeitar o seu povo”. Exercita-o; não o rejeita. Como se expressa em outra passagem a Escritura? “Pois o Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que acolhe” (Hb 12,6). Ele acolhe o filho castigado e tu dizes que ele rejeita? Notamos que entre os homens acontece que ajam desta maneira em relação aos filhos; por vezes, tendo perdido a esperança de correção de seus filhos, deixam-nos viver do modo que quiserem. Castigam aqueles nos quais têm esperanças. Os outros, porém, que inteiramente se mostrarem sem sinais de melhora e rebeldes, deixam-nos fazerem como quiserem. O pai não admite à posse da herança aquele a quem abandona à própria vontade; mas castiga o filho para o qual reserva a herança. Quando Deus castigar um filho, corra e fique sob as mãos do Pai que o açoita, porque o pai que castiga prepara à obtenção da herança. Ele não há de repelir da herança o filho que é castigado, mas castiga-o para que a receba. O filho não tenha um senso tão tolo e pueril que diga: Meu pai ama meu irmão mais do que a mim, pois permite que ele faça o que quiser; eu se me mover contra sua ordem, recebo logo açoites. Alegra-te de ser submetido ao castigo, porque te é reservada a herança, uma vez que “o Senhor não há de rejeitar o seu povo”. Emenda temporariamente, mas não condena para sempre; àqueles, porém, que ele poupa por algum tempo, condenda-los-á eternamente. Escolhe, pois: Queres um trabalho temporal, ou um castigo eterno? Uma felicidade temporal, ou uma vida eterna? De que te ameaça Deus? De um castigo eterno. Que te promete Deus? Um repouso eterno. O castigo dos bons é temporário; e se poupa os maus é por algum tempo. “Porque o Senhor não há de rejeitar o seu povo, nem de desamparar a sua herança”.

**18** [15] “Até que a justiça se converta em juízo e os que a possuem são corações retos”. Dá atenção agora; possui a justiça, porque ainda não podes ter o juízo. Primeiro é necessário que possuas a justiça; mas a própria justiça se converterá em juízo. Os apóstolos tiveram na terra a justiça e suportaram os pecadores. Mas que lhes foi dito? “Vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Portanto, a justiça deles se converterá em juízo. De fato, agora qualquer dos justos deve sofrer e tolerar os males; suporte no tempo da paixão, pois virá o dia do juízo. Mas, porque falo dos servos de Deus? O próprio Senhor, juiz dos vivos e dos mortos, primeiro quis ser julgado, para julgar depois. “Até que a justiça se converta em juízo e os que a possuem são corações retos”. Os que agora possuem a justiça ainda não julgam. Em primeiro lugar devem ter a justiça e depois julgar. Primeiro se deve suportar os maus e depois julgá-los. Agora, exista a justiça; posteriormente se converterá em juízo. Enquanto isso suportem-se os maus, quanto Deus o quiser, quanto os tolerar a Igreja de Deus, a fim de ser instruída através da malícia deles. Deus, contudo, não há de rejeitar o seu povo “até que a justiça se converta em juízo e os que a possuem são corações retos”. Quais são os “corações retos?” Os que querem o que Deus quer. Ele poupa os pecadores, e tu queres que já condene os pecadores. Tens o coração distorcido e a vontade pervertida, se queres coisa diferente daquela que Deus quer. Ora, Deus quer

poupar os maus, e tu não o queres; Deus é paciente em relação aos pecadores, mas tu não queres tolerar os pescadores. Mas, conforme eu começara a dizer, queres coisa diferente do que Deus quer. Converte teu coração, dirige-o para Deus, pois Deus se compadeceu dos fracos. Ele nota em seu corpo, isto é, em sua Igreja os fracos, que anteriormente tentavam seguir sua própria vontade; mas ao verificarem ser outra a vontade de Deus, corrigiram-se a si e a seus corações para aceitar a vontade de Deus e segui-la. Não procures torcer a vontade de Deus segundo tua própria vontade, mas corrige tua vontade conforme a vontade de Deus. A vontade de Deus é uma espécie de régua: eis que, pensa nisso, torceste a régua; de que te servirás para corrigir? Ela, porém, permanece íntegra: a régua é imutável. Enquanto ela permanecer íntegra, tens com que te converter e corrigir tua maldade, tens como corrigir o que está torto. Pois, o que querem os homens? Não lhes basta terem uma vontade tortuosa; mas ainda querem fazer a vontade de Deus se entortar segundo o coração deles, de tal modo que Deus faça o que eles querem, conquanto devessem eles fazer aquilo que Deus quer.

**19** Como, porém, o Senhor entrelaçou as duas vontades em uma só, quando se fez homem? Prefigurava que em seu corpo, isto é, em sua Igreja, haveriam alguns que tentassem fazer a própria vontade, mas depois seguissem a vontade de Deus; manifestou alguns fracos que lhe pertencem e prefigurou-os em si mesmo. Por isso também ele suou sangue em todo o corpo (cf Lc 22,44), mostrando em seu corpo, isto é, em sua Igreja o sangue dos mártires. O sangue escorria por todo o corpo; da mesma forma a Igreja tem seus mártires e por todo o seu corpo correu o sangue. Preferindo alguns dos mais fracos em seu corpo, fala em nome deles, compartilhando seu sofrimento: “Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice” (Mt 26,39). Demonstra ter vontade humana; se persistisse nesta vontade, teria coração perverso. Mas, uma vez que de ti se compadeceu, e em si te liberta, imita a palavra que proferiu em seguida: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, ó Pai”. Se a vontade humana começar a te insinuar: Oh! Se Deus matasse este meu inimigo para que não me perseguisse! Oh! se fosse possível que não me fizese sofrer tanto! Se persistires nesses desejos, se consentires, sabendo que Deus não o quer, tens o coração perverso, não possuis a justiça que se há de converter em juízo, pois os que a possuem são corações retos. E quais são os “corações retos?” Os que se portam como Jó, que disse: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme agradou ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Eis um coração reto. E ainda, como respondeu à mulher, estando ele gravemente ferido? O diabo a deixara, não a matara, para a ter por auxiliar e não para consolo do marido. Lembrava-se de que por Eva havia sido enganado Adão (cf Gn 3,6), e tinha necessidade desta outra vez. Esta se aproximou de Jó, qual outra Eva; mas Adão no meio do estrume venceu e foi superior a Adão no paraíso, que foi vencido. Pois, que respondeu Jó a sua mulher? Observa como tem o coração preparado, o coração reto. Acaso não sofria graves perseguições? E todos os cristãos as sofrem. Se os homens não se enfurecem, enfurece-se o diabo; e se os imperadores se tornaram cristãos, porventura ler-se-á o diabo feito cristão? Notai, portanto, V. caridade, que sentido tem a expressão: coração reto. A mulher se aproximou de Jó e lhe disse: “Amaldiçoa a Deus e morre de

uma vez!” Enumerou todas as suas tribulações e as dele: Amaldiçoa a Deus e morre de uma vez! Mas ele, já conhecedor de Eva, querendo voltar ao lugar de onde caiu, e tendo o coração fixo em Deus, como um luzeiro no céu, familiar em seu coração do Livro da palavra de Deus, replicou: “Falas como uma insensata. Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males”? (Jó 2,9.10). É um coração reto porque fixo em Deus. Deus é reto, e quando nele firmas teu coração, ele te dará forma e teu coração reto. Fixa, portanto, nele teu coração e ele será reto. Mas, talvez se insinue a vontade humana. Alguma coisa, proveniente da fraqueza da carne, alimentava tua mente; não desesperes. O Senhor te prefigurou em sua fraqueza e não a si mesmo; pois ele não tinha medo de sofrer, havendo de ressuscitar ao terceiro dia. Se verdadeiramente sofria enquanto homem, e não era como Deus que viera para sofrer, e se sabia que haveria de ressuscitar ao terceiro dia, absolutamente não temeria a morte, como nem teve medo dela o apóstolo Paulo, que só ressuscitaria no fim do mundo. Pois, ele declarou: “Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23.24). Causava-lhe tédio permanecer na carne; sentia-se impelido de duas partes. Partir e estar com Cristo, dizia que seria muito melhor. Ao se aproximar a sua morte, como exultava! Como se gloriava! “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,7.8). Paulo se alegra porque deve ser coroado, e triste está o Senhor que haverá de dar as coroas; o Apóstolo de tal forma se alegra e diz Cristo Senhor nosso: “Meu Pai, se é possível que passe de mim este cálice”. Assumiu a tristeza da mesma forma que assumiu a carne. Não penseis diante do que dizemos que o Senhor não tivesse sentido tristeza. Pois, se dissermos que não ficara triste, quando o evangelho afirma: “A minha alma está triste até a morte!” e ainda quando o evangelho assevera: Jesus dormiu (cf Mt 8,24), dissermos que Jesus não dormiu, e também quando o evangelho declara: Jesus comeu (cf Lc 14,1), dissermos que Jesus não comeu, insinua-se um micróbrio infeccioso e nada deixa sem contaminação, dizendo que seu corpo não era verdadeiro, nem teve carne verdadeira. Tudo aquilo, portanto, que está escrito a respeito dele, irmãos, é um fato, é verdadeiro. Portanto, esteve triste? Triste de fato, mas aceitou voluntariamente a tristeza, assim como voluntariamente assumiu a carne; como voluntariamente escolheu carne verdadeira, voluntariamente era verdadeira a tristeza. De tal maneira mostrou-a voluntariamente em si que se acaso a fraqueza humana se insinuar em ti, e começar a querer coisa diferente do que Deus quer, reconheças a maldade de teu coração fora da regra, firmas-te na regra para que encaminhe para Deus teu coração, que começara a perverter-se. Com efeito, o Senhor, figurando-te, disse: “A minha alma está triste até a morte!” e acresentou: “Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice”. Ora tu deves imediatamente fazer o que ele fez para te ensinar: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,38.39), ó Pai. Se assim agirdes, tereis a justiça e se tiverdes a justiça, o coração será reto; se o coração é reto, aquela justiça que agora pacienta, se converterá em juízo. Posteriormente, ao julgar teu Senhor, não somente não terás pavor dos males, mas ainda te gloriarás por causa da coroa. Então verás como

serviu a paciência de Deus para castigo deles, ou para tua coroa. Agora nada vês. Acredita no que ainda não vês a fim de não te envergonhares ao veres. “Até que a justiça se converta em juízo e os que a possuem são corações retos”.

**20** [16] “Quem te levantará por mim contra os malfeitores? Ou quem estará comigo contra os obreiros de iniqüidade?” Os maus querem te persuadir a praticares muitos pecados, a serpente não desiste de sussurar para fazeres a iniqüidade. Se acaso progrides no bem, procuras um companheiro de vida honesta e seja para onde for que te voltares, mal o encontras. Cercam-te muitos malvados, porque os grãos são poucos e a palha é muita. Esta eira contém teus grãos, mas estes ainda sofrem. O total da massa, separada da palha, é volumoso; os grãos são poucos em comparação com a palha, mas em si mesmos são muitos. Por conseguinte, como os maus gritam de todos os lados, e dizem: Por que vives desta maneira? Tu somente és cristão? Por que não ages como os outros? Por que não assistes aos espectáculos como os demais? Por que não usas remédios e ligaduras? Por que não consultas astrólogos e adivinhos como os outros homens? E tu fazes o sinal da cruz e respondes: Sou cristão, no intuito de repelires a esses tais. Mas o adversário insiste, aperta o cerco; e o que é pior, sufoca os cristãos com o exemplo de outros cristãos. O cristão sua, se inflama, fica atribulado. Tem, contudo, com que vencer. Mas, por si mesmo? Vê o que pode responder. Pois, há de replicar: De que serve usar agora esses remédios e lucrar com isto poucos dias? Devo sair deste mundo e ir para junto de meu Senhor, que me lançará no fogo; se prefiro uns poucos dias à vida eterna, ele me mandará para a geena. Qual? A do eterno juízo de Deus. De fato, pensas que Deus cuida da maneira de viver dos homens? E isso talvez te diz não o amigo na rua, mas a mulher em casa, ou o marido à mulher fiel, boa e santa, seduzindo-a. Se é a mulher que diz ao marido, será Eva para ele; se é o marido à mulher, será o diabo para ela. Ou ela será Eva para ti, ou tu serpente para ela. Por vezes é um pai que pondera o modo de viver de um filho e verifica que é mau, péssimo; abala-se, hesita, procura como vencer, quase se deixa levar, quase consente, mas Deus o assiste. Portanto, ouvi como se exprime o salmo: “Quem se levantará por mim contra os malfei-tores?” São tantos! Para qualquer lado que olhe, encontro-os. Quem se oporá ao príncipe da maldade, o diabo com seus anjos e aos homens seduzidos por ele?

**21** [19] “Se o Senhor não me tivesse ajudado, por pouco minha alma teria habitado no inferno”. Por pouco caía na fossa preparada para os pecadores; equivale a dizer: “por pouco minha alma teria habitado no inferno”. Já vacilava, quase consentia; por isso olhei para o Senhor. Imagina, por exemplo, que já era injuriado para que praticasse a iniqüidade. Por vezes os maus se congregam para insultar os bons; principalmente se eles forem em maior número, e cercam a um só, como às vezes muita palha está ao redor de um único grão (não estarão juntos quando a massa for ventilada). Este homem isolado é apanhado no meio de muitos iníquos e é insultado, pressionado; querem superá-lo, atacam-no como sendo justo, e de certo modo injuriam-no acerca de sua própria justiça. Dizem-lhe: És um grande apóstolo; subiste ao céu como Elias. Assim agem os homens algumas vezes para que este homem, dando importância às palavras dos homens,

envergonhe-se de ser bom no meio de malvados. Que ele resista, no entanto, aos maus; não por suas forças, para não se tornar soberbo ao tentar escapar dos soberbos e não aumentar o número deles. Mas o que dirá? "Quem se levantará por mim contra os malfeitores? Ou quem estará comigo contra os obreiros de iniqüidade? Se o Senhor não me tivesse ajudado, por pouco minha alma teria habitado no inferno".

**22** [18.19] "Se eu dissesse: Meus pés titubearam, tua misericórdia, Senhor, me ajudaria". Vê como Deus aprecia uma confissão. Teus pés se abalam e não dizes: Meus pés titubeiam, mas declaras que estás firme de pé, quando já estás caindo. Ao invés, se já começaste a ficar abalado, se já começaste a hesitar, confessa o abalo para não lastimares depois a ruína, tendo em vista que Deus te ajude para que a tua alma não habite no inferno. Deus quer a confissão, quer a humildade. Tu te abalaste, enquanto homem; ele te ajuda, sendo Deus; mas confessa, no entanto: "Meus pés titubearam". Por que já te abalas, e dizes: Estou firme? "Se dissesse: Meus pés titubearam, tua misericórdia, Senhor, me ajudaria". Do mesmo modo que Pedro presumiu, mas não de suas forças. Via-se o Senhor andar sobre o mar, calcando as cabeças de todos os soberbos deste mundo. Andando sobre as ondas encapeladas representava sua caminhada a calcar as cabeças do soberbos. Também a Igreja calca, pois ela é Pedro. Todavia, Pedro não ousou caminhar sobre as águas por si mesmo; mas como falou? "Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas". O Senhor o fazia por próprio poder, Pedro segundo sua ordem. Disse ele: "Manda que eu vá ao teu encontro". O Senhor respondeu: "Vem". Portanto, também a Igreja calca as cabeças dos soberbos. Mas, como é a Igreja e tem em si fraqueza humana, para se cumprir a palavra: "Se eu dissesse: Meus pés titubearam", Pedro titubeou no mar e exlcamou: "Senhor, eu pereço". O mesmo que: "Se dissesse: Meus pés titubearam" é o pedido: "Senhor, eu pereço". O salmo diz: "Tua misericórdia, Senhor, me ajudaria", e o evangelho: "Jesus estendeu a mão, repreendendo-o: Homem fraco na fé, por que duvidaste"? (Mt 14,25-31). É admirável como Deus experimenta os homens. O próprio perigo nos torna mais suave o libertador. Pois, vede como continua o salmo. Se dissesse: "Meus pés titubearam, tua misericórdia, Senhor, me ajudaria". Estas palavras fizeram com que o Senhor se mostrasse suave, livrando-o dos perigos; por isso, expondo a suavidade do Senhor, o salmista exclama: "Senhor, à medida que se multiplicaram as dores de meu coração, tuas exortações alegraram-me a alma". Muitas dores, mas muitas consolações também; amargos os ferimentos, suaves os medicamentos.

**23** [20] "És acaso, cúmplice do tribunal da injustiça, tu que estabeleces (fingis) dor no preceito?" Isto é: Nenhum iníquo senta-se a teu lado, nem és cúmplice do tribunal da injustiça. Explica em seguida como entende isso: "Que estabeleces dor no preceito". Compreendo que não és cúmplice do tribunal da injustiça, pois nem a nós poupaste. Encontra-se provado na epístola do apóstolo Pedro, que para tal apresenta o testemunho da Escritura: "Com efeito, é tempo de começar o juízo pela casa do Senhor", isto é, tempo de serem julgados os que pertencem à casa do Senhor. Se os filhos são castigados, que não devem esperar os servos péssimos? Por isso, se o juízo "começa por nós, qual

será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho de Deus?" (1Pd 4,17.18). Logo acrescenta o testemunho: "Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficarão o ímpio e o pecador"? (ib; Pr 11,31). Em que situação, portanto, ficará diante de ti o iníquo, se nem a teus fiéis poupas e de tal maneira os experimentas e instrues? Mas, visto que não poupas para instruir, diz o salmo: "Que esbeleces dor no preceito. Estabeleces (fingis), isto é, formas, plasmas. Daí também: oleiro (figulus) e vaso de barro (fictile). Não é relativo à ficção, mentira, mas ao objeto formado para vir a ser, ter forma, como em outro versículo deste salmo: "Quem formou o olho, não verá?" Acaso: formou (finxit) o olho, aqui, trata-se de uma mentira? Mas, subentenda-se: plasmou o olho, fez o olho. Porventura não se denomina figulus o oleiro, por fazer vasos frágeis, fracos, terrenos? Ouve como se exprime o Apóstolo: "Trazemos, porém, esse tesouro em vasos de argila (fictilibus)" (2Cor 4,7). Mas seria outro quem fez estes vasos? Escuta o Apóstolo: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Vai acaso a obra dizer ao artífice: Por que me fizeste assim? O oleiro não pode formar da sua massa seja um utensílio para uso nobre, seja outro para uso vil"? (Rm 9,20.21). Observa que o próprio Senhor Jesus Cristo apresenta-se como oleiro. Pois, assim como modelara o homem com argila (cf Gn 2,7), ungiu com lodo os olhos do cego de nascença (cf Jo 9,1-6). Portanto, o versículo: "És, acaso, cumplice do tribunal da injustiça, tu que estabeleces dor no preceito?" pode-se exprimir assim: És acaso, cúmplice do tribunal da injustiça, tu que plasmas dor no preceito? Plasmas dor no preceito, isto é, fazes das dores um preceito, de sorte que a própria dor seja um preceito para nós. Como a dor é um preceito para nós? Quando o Senhor te flagela, ele que por ti morreu, e não te promete a felicidade nesta vida. Ele não pode enganar, e não dá aqui o que procuras. Que dará? Onde dará? Quanto dará aquele que aqui não dá, que na terra nos instrui, que plasma dor no preceito? Na terra te compete trabalhar, mas te é prometido o repouso. Ponderas que tens aqui trabalhos, mas atende qual repouso te é prometido. Podes imaginá-lo? Se pudesses, verias que o trabalho em nada conta em vista da compensação. Escuta aquele que o contemplou em parte e disse: "Agora o meu conhecimento é limitado" (1Cor 13,12). Que diz mais o Apóstolo? "Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso". Que significa: "peso eterno de glória que elas nos preparam?" Para quem elas preparam? "Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (2Cor 4,17.18). Não tenhas preguiça no trabalho que passa brevemente, e terás uma alegria incessante. Deus te dará a vida eterna; pondera com quanto trabalho hás de obtê-la.

**24** Atenção, irmãos. Está à venda. Está à venda o que tenho, Deus te diz; compra-o. Que é que ele tem à venda? Tenho à venda o repouso. Adquire-o com teu trabalho. Atenção. Sejamos cristãos fortes em nome de Cristo. É bem pouco o que falta do salmo. Não nos cansemos. Como poderá ser forte na ação, quem desfalece na audição? O Senhor nos assista para que vos expliquemos o restante. Atenção. Como é que o Senhor nos propôs a venda o reino dos céus. Dize-lhe: Quanto vale? O seu preço é o teu trabalho. Se ele dissesse: É pago em ouro, não bastava esta resposta, mas perguntarias

quanto ouro? Pois, há ouro em moeda, meia onça, libra. etc. Por isso, ele declarou o preço, a fim de não teres o trabalho de perguntar até descobrir. O preço é o teu trabalho; em que quantidade? Pergunta quanto é preciso trabalhar. Não te é declarado quanto trabalho será, ou quanto trabalho será exigido de ti. Deus te diz: Eu te mostro a duração daquele repouso; julga tu a quantidade de trabalho necessária para adquiri-lo. Diga, portanto, Deus a duração do repouso. "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). É um repouso eterno. Sem fim será o repouso, sem fim a alegria, sem fim o regozijo, sem fim a incorrupção. Terás a vida eterna, o repouso infinito. Quanto trabalho merece a aquisição de um repouso infinito? Se queres uma comparação exata, julgar segundo a verdade, um repouso eterno se adquire exatamente com um trabalho eterno. A verdade é esta; mas não tenhas medo porque Deus é misericordioso. Pois se tivesses de fazer um trabalho eterno, jamais chegarias ao repouso eterno. Sempre trabalhando, quando alcançarias aquilo que mereceria ser comprado com um trabalho eterno, porque o repouso é eterno? Um preço justo: comprar com um trabalho eterno um repouso eterno. Mas se sempre trabalhasses, jamais chegarias ao repouso. Por conseguinte, a fim de alcançares um dia o que compras, não hás de trabalhar eternamente; não quero dizer que não tenha tal valor, mas deves adquirir o que compras. É digno de fato o repouso de ser comprado, com um trabalho perpétuo; mas necessariamente há de ser obtido por um trabalho temporal. Certamente deveria ser tão longo, isto é, trabalho eterno em troca de repouso eterno. Que vale um milhão de anos a trabalhar? Um milhão de anos tem fim. O que eu te darei, diz Deus, não terá fim. Como é a misericórdia de Deus? Não diz: Trabalha um milhão de anos. Não diz: Trabalha mil anos. Não diz: Trabalha quinhentos anos. Mas: Trabalha enquanto vives, uns poucos anos; depois virá o repouso e este não terá fim. Escuta ainda como continua o salmo: "Senhor, à medida que se multiplicaram as dores de meu coração, tuas exortações alegraram-me a alma". Trabalhas por poucos anos, e no meio destes mesmos trabalhos não falta o consolo, não faltam as alegrias cotidianas. Mas não te alegres segundo o mundo; alegra-te em Cristo, alegra-te em sua palavra, alegra-te em sua lei. A esta alegria pertence o que vos falamos e o que vós ouvis. Quantas, portanto, são as consolações no meio de tantos trabalhos? É verdade o que diz o Apóstolo: "Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso" (2Cor 4,17). Eis o valor que damos, uma insignificância, para recebermos tesouros eternos; uma migalha de trabalho para um repouso inacreditável, conforme foi dito: "São leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso". Alegras-te por algum tempo? Não confies nisso. Estás triste por algum tempo? Não desesperes. A felicidade não te corrompa, a adversidade não te deixe alquebrado, de tal maneira que digas interiormente: Não é possível que Deus admita junto de si iníquos, e que emende os justos para salvá-los, que emende para instruí-los. "Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e o pecador"? (Pr 11,31; 1Pd 4,18). "És acaso, cúmplice do tribunal da injustiça, tu que estabeleces dor no preceito"? Isto é, acaso és cúmplice do tribunal dos ímpios, tu que quiseste de tal modo exercitar e instruir estes teus filhos, que quiseste dar-lhes preceitos a fim de que não

estivessem sem temor, a ponto de amarem a outros bens e esquecerem-se de ti, seu verdadeiro bem? Deus é bom. Se Deus deixasse de misturar amarguras às felicidades deste mundo, nós o esqueceríamos.

**25** Mas quando as angústias das aflições fazem levantar-se as ondas na alma, desperte-se a fé que ali dormia. O mar estava tranqüilo quando Cristo dormia: enquanto ele dormia armou-se uma tempestade e a nave começou a periclitar. Também no coração do cristão haverá tranqüi-lidade e paz enquanto estiver vigilante a fé; se nossa fé está adormecida, periclitamos. É isto que significa Cristo a dormir, a saber, alguns esquecem-se de sua fé e correm perigo. Mas como aquela nave flutuava, e Cristo foi despertado pelos que hesitavam e lhe diziam: “Senhor, esta-mos perecendo” (cf Mt 8,23-26), mas ele se ergueu, ordenou à tempestade, ordenou às ondas e o perigo cessou, voltando a bonança, assim também em ti, quando te perturbam os maus desejos, as persuasões malvadas, são ondas que serão amainadas. Já perdes a esperança, e pensas que não perteces ao Senhor. Desperte-se a tua fé, acorda o Cristo em teu coração. Ao se reanimar a fé, já reconheces onde te achas. E se te tentam as ondas da concupiscência, volta os olhos para as promessas de Deus, e a suavidade delas te fará desprezar a do mundo. Se muito me pressionarem as ameaças dos poderosos e malvados, e estas expelirem a justiça, atende às ameaças de Deus: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25,41) e não abandonarás a justiça. Temendo, pois, o fogo eterno, desprezas as dores temporais. Em vista do que Deus prometeu, desprezas a felicidade temporal. Ele prometeu o repouso; sofre as incomodidades. Ameaça com o fogo eterno; despreza as dores temporais. E quando Cristo está vigilante, tranqüilize-se teu coração, a fim de também chegares ao porto. Não deixaria de preparar o porto quem preparou a nave. “És, acaso, cúmplice do tribunal da injustiça, tu que estabeleces dor no preceito?” Ele nos exercita por intermédio dos homens malvados e instrui-nos por meio das perseguições deles. Com a malícia do malvado o bom é castigado, e por meio do escravo o filho é corrigido; é assim que ele plasma a dor no preceito. Os maus fazem o que Deus lhes permite fazer; ele os poupa por certo tempo.

**26** [21] Como continua o salmo? “Eles atentarão contra a vida do justo”. Por que atentarão? Porque não encontram verdadeiro crime para acusá-lo. Que atentaram contra o Senhor? Inventaram crimes falsos, porque não puderam encontrar verdadeiros (cf Mt 26,59). “E condenarão o sangue inocente”. Declarará em seguida o motivo por que tudo isso se faz.

**27** [22] “Mas o Senhor se fez o meu refúgio”. Não buscarias tal refúgio se não te sentisses em perigo; mas periclitaste para procurar, porque ele forma a dor no preceito. A malícia dos maus acarreta-me tribulação; atingido por ela comecei a procurar aquele refúgio que desistira de buscar na felicidade mundana. Quem facilmente se recordará de Deus, se é sempre feliz e goza das esperanças presentes? Retire-se a esperança neste mundo, e venha a esperança em Deus, a fim de poderes dizer: “Mas o Senhor se fez o meu refúgio”. Sinta dor, a fim de que o Senhor se faça o meu refúgio. “E meu Deus veio em

auxílio de minha esperança". Pois agora o Senhor é nossa esperança enquanto estamos na terra; estamos na esperança, não ainda na realidade. Mas a fim de não desfalecermos, assiste-nos aquele que fez a promessa, animando-nos e moderando os males que nos atingem. Não foi em vão que foi dito: "Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar" (1Cor 10,13). Ele coloca o vaso na fornalha da tribulação para que fique cozido e não a fim de que rebente. "Mas o Senhor se fez o meu refúgio e meu Deus veio em auxílio de minha esperança". Então, por que te parece injusto que ele poupe os maus? Vê como o salmo já se retrata. Tu também deves corrigir-te com o salmo, pois no salmo estavam tuas vozes. Quais? "Até quando, Senhor, até quando os pecadores haverão de se gloriar?" O salmo se exprimia com tuas palavras; agora tu também emprega as palavras do salmo. Quais? "Mas o Senhor se fez o meu refúgio e meu Deus veio em auxílio de minha esperança".

**28** [23] "O Senhor lhes retribuirá segundo suas obras e pela sua própria malícia há de exterminá-los o Senhor nosso Deus". Não é inutilmente que disse o salmista: "pela sua própria malícia". Eu ganho com isso; no entanto, se diz que é pela malícia e não por benefício deles. Certamente os males nos experimentam, nos flagelam. Com que finalidade? Na verdade, por causa do reino dos céus. "Pois, o Senhor castiga todo filho que acolhe. Qual é, com efeito, o filho que o pai não educa" (Hb 12,6.7)? Ao agir assim, Deus nos instrui em vista da herança eterna. E isto ele nos presta com freqüência por meio dos homens perversos; assim nos exercita e aperfeiçoa no amor, que deve se estender até os inimigos. Não é perfeito o amor do cristão se não cumpre o preceito de Cristo: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5,44). Com isso venceis o próprio diabo, e alcançais a coroa da vitória. Eis quantos bens Deus nos concede através dos homens maus; contudo, não lhes retribui de acordo com o bem que nos prestam, mas segundo sua malícia. Pois, vede quantos bens nos prestou com o enorme crime do traidor Judas. Judas entregou à paixão o Filho de Deus e pela paixão do Filho de Deus todos os povos redimidos obtiveram a salvação; todavia, Judas não recebeu recompensa pela salvação dos povos, mas o suplício merecido por sua malícia. Pois, se considerarmos a entrega de Cristo, e não o ânimo do traidor, Judas fez o mesmo que Deus Pai, do qual foi escrito: "Não poupou o próprio Filho e o entregou por todos nós" (Rm 8,32). Judas fez o mesmo que o próprio Cristo Senhor, do qual foi escrito: "Cristo se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave"; e ainda: "Como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef 5,2.25). E no entanto, damos graças a Deus Pai, que não poupou o Filho único, mas entregou-o por nós; damos graças ao próprio Filho, que se entregou a si mesmo por nós, cumprindo a vontade do Pai, e detestamos Judas, de cuja ação resultou tão grande benefício para nós. É com razão que dizemos: O Senhor lhe retribuiu segundo suas obras e pela sua própria malícia o exterminou. Com efeito, ele não entregou Cristo por nós, mas o vendeu para obter dinheiro, embora a traição feita a Cristo tenha servido para nosso acolhimento e Cristo foi vendido para nossa redenção. Assim também aqueles que perseguiram os

mártires, perseguindo-os na terra, enviavam-nos ao céu. Estavam cônscios de lhes infligirem dano da vida presente, mas sem saberem conferiam-lhes o lucro da vida futura. No entanto, todos os que perseveraram no ódio injusto aos justos, o Senhor lhes retribuirá segundo sua própria iniqüidade, e os exterminará devido a sua malícia. Assim como a bondade dos justos se opõe aos maus, a iniqüidade dos maus aproveita aos bons. De fato, diz o Senhor: “Eu vim para que os que não enxergam vejam, e os que vêem tornem-se cegos” (Jo 9,39) e o Apóstolo: “Para uns somos odor que da vida leva à vida; para outros, odor que da morte leva à morte” (2Cor 2,16). Efetivamente, a malícia dos iníquos são as armas defensivas dos justos; conforme diz o mesmo Apóstolo: “Pelas armas ofensivas e defensivas da justiça, isto é, na glória e no desprezo” (2Cor 3,7.8). Em seguida, trata do restante demonstrando que armas ofensivas da direita são a glória de Deus, a boa fama, a verdade, pela qual os cristãos conheciam que viviam, que não estavam morrendo, que se alegravam, que enriqueciam a muitos e possuíam tudo. Armas da esquerda, porém, constituíam o fato de serem tidos por vis e de má fama, serem reputados sedutores, serem ignorados, mortos, coagidos, aparentemente se entristecerem, sofrerem penúria e nada terem. Por que nos admirarmos de que os soldados de Cristo vençam o diabo com armas ofensivas e defensivas? Como as armas da direita são paz para os homens de boa vontade (cf Lc 2,14), mesmo quando são odor de morte que leva à morte para outros, assim a morte dos homens de má vontade são armas defensivas para a salvação dos justos. No entanto, Deus lhes retribuirá não segundo a utilidade que disso tiramos, mas de acordo com a iniqüidade que eles amaram, odiando deste modo a própria alma. Deus não lhes dará honra segundo o benefício que deles tira para nós, pois ele emprega bem até os maus, mas “pela sua própria malícia, há de exterminá-lo o Senhor nosso Deus”.

**29** O justo, portanto, tolere o injusto; tolere a impunidade temporal do injusto, as dificuldades temporais do justo; mas o justo vive da fé (cf Rm 1,17). Não há outra justiça para o homem nesta vida, a não ser viver da fé, que age pela caridade (cf Gl 5,6). Se, porém, o justo vive da fé, acredite também que gozará do futuro repouso depois do labor presente, e os injustos terão os eternos suplícios depois da exultação no presente. E se a fé age pela caridade, ame também os inimigos, e à medida do possível, queira ser-lhes útil; desta forma fará com que eles não o prejudiquem, mesmo se o quiserem. E se acaso eles conseguirem o poder, com possibilidade de fazer mal e de dominar, tenha o justo o coração ao alto, onde ninguém poderá prejudicá-lo, educado e instruído na lei de Deus, a fim de que os dias lhe seja suavizados, até que se abra a fossa ao pecador. Se aderir à lei do Senhor e meditá-la dia e noite (cf Sl 1,2), tendo sua cidade nos céus (cf Fl 3,20), do firmamento do céu brilhará sobre a terra. Daí vem o título do presente salmo: “quarto dia a contar do sábado”, quando foram criados os luzeiros (cf Gn 1,14), para fazerem tudo sem murmuração, tendo a palavra de vida no meio de uma geração má e pervertida (cf Fl 2,14-16). Como a noite não extingue as estrelas no céu, a mente dos fiéis, aderindo ao firmamento das Escrituras de Deus não são vencidas pela iniqüidade. E o fato mesmo de que nossos bens terrenos caem por vezes em poder dos maus, não só pertence a nossa instrução (de sorte que o Senhor se torne nosso refúgio e Deus o auxílio

de nossa esperança), mas ainda aumenta a fossa do pecador, do qual fala outro salmo: “Curvar-se-á e cairá, ao se apossar do pobre” (Sl 9,10).

**30** Talvez vos tenha sido onerosa a extensão do sermão, embora não o demonstre todo o vosso empenho. Mas apesar de ser assim, perdoai-me. Primeiro, porque cumpri uma ordem; pois o Senhor nosso Deus me ordenou por meio destes irmãos, nos quais ele habita. Deus não dá ordens apenas de seu trono. Em seguida, nós o confessamos, porque vos mostrastes tão ávidos de nossas palavras quanto nós o fomos de nos ouvirdes. Nosso Deus, portanto, console-nos por este esforço, de tal sorte que nosso suor seja proveitoso à vossa salvação, e não sirva de prova de acusação. Assim me exprimo, irmãos, a fim de aproveitardes bem o que ouvistes e o rumineis. Não vos permitais esquecê-lo, não somente relembrando, falando sobre isso, mas ainda vivendo assim. Uma vida honesta, levada segundo os preceitos de Deus é como um estilete que escreve no coração o que ouve. Se escrevêsseis sobre cera, logo se apagaria; escrevei-o em vossos corações, em vossos costumes, e jamais se apagará.

# SALMO 94

## SERMÃO

**1** [1] Preferia, irmãos, que ouvíssemos nosso pai falar; mas é bom igualmente obedecer-lhe. Uma vez que ele nô-lo ordenou, dignando-se rezar por nós, falaremos a V. Caridade tudo o que o Senhor nosso Deus se dignar nos conceder. O salmo tem por título: "Cântico de louvor. De Davi. Cântico de louvor" refere-se à alegria, porque é um canto, e à devoção, porque é louvor. Que deve o homem louvar melhor do que aquele que tanto lhe apraz que de forma alguma lhe desagrade? Há, pois, inteira segurança em louvar a Deus. Quem louva sente-se seguro quando não precisa recear ter de se envergonhar daquele que ele louva. Louvemos, portanto, cantemos, isto é, com gáudio e com alegria louvemos. O próprio salmo, nos ver-sículos seguintes, nos indica o que haveremos de louvar.

**2** "Vinde, exultemos no Senhor". Convida-nos a um grande banquete de alegrias, não no mundo, mas no Senhor. Se não houvesse no mundo uma alegria perversa, distinta da alegria no bom sentido, bastaria dizer: "Vinde, exultemos". Mas, o salmista faz uma curta distinção. Que é exultar bem? Exultar no Senhor. Por conseguinte, má exultação é exultar de acordo com o mundo; boa exultação é exultar no Senhor. Deves exultar com piedade, se queres com segurança zombar do mundo. Que significa: "Vinde?" Por que chama companheiros para exultarem diante do Senhor, a não ser porque eles estão longe e a fim de que se aproximem, aproximando-se cheguem aonde ele está e chegando exultem? Qual o lugar longíquo onde estão? Pode o homem estar longe daquele que está em toda parte? Queres estar longe dele? Aonde irás para ficares longe? Pois, certo pecador que no entanto estava arrependido e esperançoso de obter a salvação, chorando seus pecados e temendo a ira de Deus, no intuito de aplacar a Deus, diz em outro salmo: "Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face? Se subir até o céu lá estás". Que falta ainda? Pois, se subir ao céu, lá encontra a Deus; para fugir bem longe de Deus, aonde há de ir? Vê o que diz: "Se descer ao inferno ali estás presente" (Sl 138,7.8). Se, portanto, subindo ao céu, lá encontra Deus e descendo ao inferno não foge dele, para onde ir, aonde fugir de sua ira, a não ser refugiando-se nele, depois de aplacá-lo? Entretanto, apesar de ninguém absolutamente conseguir fugir daquele que está em toda parte, se alguns não estivessem longe de Deus, não teria dito o profeta: "Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29,13). Efetivamente, ninguém está longe localmente de Deus, mas é a falta de semelhança que o afasta. Que é dessemelhança? A vida má, os maus costumes. Se, pois, os bons costumes aproximam de Deus, os maus dele apartam. Um e mesmo homem estando corporalmente num lugar e amando a Deus aproxima-se dele, mas amando a iniqüidade dele se afasta. De forma alguma move os pés, contudo pode aproximar-se e afastar-se. Ora, os nossos pés neste caminho são nossos afetos. Segundo os afetos, o amor, alguém se aproxima ou se afasta

de Deus. Acaso não afirmamos ao encontrarmos objetos diferentes: Este objeto está muito longe daquele? Quando comparamos, por exemplo, dois homens, dois cavalos, duas vestes, e alguém declara: Como se parece esta veste com aquela, tal qual! Ou: Este homem é tal qual aquele. Como se responde, se contradiz? De forma nenhuma; longe disso. Que quer dizer: Longe disso? É completamente diferente. Estão juntos, e no entanto longe um do outro. Dois malvados, iguais em vida e costumes, se estão um no oriente e outro no ocidente, estão perto um do outro. E dois justos, igualmente, que se acham um no oriente, outro no ocidente, estão um ao lado do outro, porque estão em Deus. Ao invés, um justo e um pecador, embora ligados por uma corrente, estão inteiramente separados um do outro. Por conseguinte, se pela dessemelhança nos apartamos de Deus, a semelhança nos aproxima. Qual? Aquele segundo a qual fomos feitos e que corrompemos pelo pecado, que recuperamos pela remissão dos pecados, que se renova interiormente em nosso espírito, de sorte que seja de certo modo regravada na moeda, a saber, em nossa alma, a imagem de nosso Deus, e assim voltemos a seus tesouros. Pois, qual o motivo, irmãos, por que nosso Senhor Jesus Cristo quis mostrar por meio de uma moeda aos tentadores o que Deus deseja? De fato, quando a propósito do tributo devido a César, os judeus procuravam um motivo de caluniá-lo, quiseram consultar o mestre da verdade, e com essa consulta tentá-lo se era lícito pagar o tributo a César. Que lhes respondeu? “Hipócritas! Por que me pondes à prova?” Pediu que lhe apresentassem uma moeda, e troxeram-lhe uma. “De quem é esta imagem?” Responderam: “De César” Então lhes disse: “Pois devolvei o que é de César a César, e o que é de Deus a Deus” (Mt 22,15-21). Seria como se dissesse: Se César procura na moeda a sua imagem, Deus não há de buscar no homem a sua? Nosso Senhor Jesus Cristo ao convidar-nos a tal semelhança, ordena amarmos até mesmo os inimigos, apresentando-nos o exemplo do próprio Deus: “Como vosso Pai, que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus e cair a chuva sobre justos e injustos. Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,45.48). A expressão: “Deveis ser perfeitos como ele”, convida-nos à semelhança. Se, portanto, somos convidados à semelhança, consta que sendo diferentes nos havíamos afastado de Deus, e estávamos longe pela dessemelhança; aproximamo-nos pela semelhança, de tal sorte que nos aconteça o que foi escrito: “Acercai-vos dele e sereis inimigos” (Sl 33,6). Conseqüêntemente, este salmo se dirige a alguns que estão longe e vivem mal: “Vinde, exultemos no Senhor”. Aonde ides? Para onde vos afastais? Aonde vos apartais? Para onde fugis, exultando conforme o mundo? “Vinde, exultemos no Senhor”. Aonde ides para exultar e lá desfalecerdes? Vinde, exultemos naquele que nos criou. “Vinde, exultemos no Senhor”.

**3** “Jubilemos diante de Deus, nosso Salvador”. Que é jubilar? Jubilar é ter um gáudio inexplicável em palavras, que, todavia, a voz demonstra haver interiormente, mas não pode exprimir. Considere V. Caridade aqueles que jubilam em certas cantilenas, quase num certame de alegrias mundanas. Verificais que no meio de cânticos expressos com palavras, transborda uma alegria que a língua não consegue traduzir; então os homens jubilam, indicando por aqueles sons os afetos interiores, porque não são capazes de

explicar o que o coração concebe. Se, portanto, eles jubilam devido ao gáudio terreno, nós não devemos jubilar por causa do gáudio celeste, que não podemos expressar por palavras?

**4** [2] "Com a confissão saiamos ao seu encontro". A Escritura toma a palavra confissão em duas acepções. Há confissão de louvor, e confissão com gemidos. Confissão de louvor consiste em prestar honra àquele que é louvado. A confissão com gemidos pertence à penitência de quem confessa seus pecados. Pois, os homens confessam ao louvar a Deus; confessam ao se acusarem. Nada de mais nobre faz a língua. Na verdade, considero serem esses os votos referidos em outro salmo: "Cumprirei os votos que meus lábios dintinguiram" (Sl 65,13.14). Nada mais sublime do que esta distinção, nada tão necessário, tanto para se entender, como para se realizar. Como, então, distingues os votos que cumpres diante de Deus? Que o louves e te acuses; porque é próprio de sua misericórdia perdoar-nos os pecados. Pois, se ele quisesse atender aos méritos, só encontraria a quem condenar. "Vinde", disse por isso o salmista, de tal modo que nos afastemos de nossos pecados, e não tenhamos de prestar contas do passado; mas, a fim de recebermos tábuas novas, são queimados todos os documentos de nosso débito. Confessemos, louvando-o efetivamente, pois tão grande é seu louvor, tão grande sua misericórdia. De fato, se a confissão sempre fosse própria a um penitente, não diria o evangelho a respeito do próprio Senhor: "Naquele momento Jesus exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e a revelaste aos pequeninos" (Lc 10,21). Cristo confessava porque era penitente? De nada podia se arrepender porque nada de culpável havia feito; mas confessava o Pai, louvando-o. Por conseguinte, como o salmo trata de exultação, talvez devamos entender aquela confissão que consiste no louvor de Deus. Daí também o título: "Cântico de louvor"; entenda-se: confissão dos que louvam e não dos que se penitenciam. Então, porque logo nos adverte sobre certa confissão, nesses termos: "Com a confissão saiamos ao seu encontro?" Que sentido tem o versículo: "Com a confissão saiamos ao seu encontro?" O Senhor virá: "Com a confissão saiamos ao seu encontro primeiro". Antes que ele venha, condenemos por nossa confissão o que fizemos, a fim de que ele encontre o que coroar e não o que condenar. Acaso não pertence ao louvor de Deus a confissão de teus pecados? Ao contrário, pertence em máximo grau ao louvor de Deus. Por que pertence principalmente ao louvor de Deus? Porque o médico é tanto mais louvado quanto mais estavas doente gravemente atingido. Confessa, portanto, teus pecados, quanto mais tinhas perdido a esperança em vista de teus pecados. O louvor daquele que perdoa deve ser maior, em proporção da gravidade dos pecados daquele que confessa. Não pensemos, com efeito, termos deixado o cântico de louvor, se aqui entendemos por confissão a de nossos pecados. Também isso pertence ao cântico de louvor, porque ao reconhecermos nossos pecados, recomendamos a glória de Deus. "Com a confissão saiamos ao seu encontro".

**5** [3.5] "E com salmos jubilemos diante dele". Já explicamos o que é jubilar. Repete-se, a fim de confirmar por obras. A própria repetição constitui uma exortação. Não quero dizer

que tenhamos esquecido, de tal modo que queiramos ser advertidos do que foi dito acima, a saber, que jubilemos; mas muitas vezes, para aumentar o afeto, repete-se a palavra já conhecida, não a fim de se saber, e sim porque a própria repetição confirma. Repete-se para dar a entender o afeto de quem fala. Daí provém o modo de se expressar do Senhor: "Em verdade, em verdade vos digo" (Jo 1,51). Bastava uma só vez: "Em verdade"; por que: "Em verdade, em verdade", senão porque a própria repetição é uma confirmação? Por isso, diz o salmo: "Com salmos jubilemos diante dele". E que dizemos nos salmos? Que dizemos, ou antes, que sentimos no jubilo? Que comporta esse cântico de louvor? Escutai: "Porque o Senhor é o Deus supremo, o rei que ultrapassa todos os deuses"; por isso, jubilemos diante dele. "Porque o Senhor, não repele o seu povo", jubilemos diante dele. "Porque estão em suas mãos os limites da terra e os cumes das montanhas lhe pertencem", por causa disso tudo jubilemos diante dele. "Porque seu é o mar e ele mesmo o fez e suas mãos estabeleceram a terra firme", jubilemos diante dele. Mas se quisermos explicar convenientemente o sentido de tudo isso, com certeza o tempo não será suficiente; mas, se ao contrário deixarmos tudo, ficaremos devendo. Brevemente, portanto, quanto o tempo permitir e pudermos resumir, recebei o que oferecermos; pois mesmo sendo poucas as sementes, a messe será farta se a terra for fértil.

**6** Em primeiro lugar, deu o seguinte motivo de louvor, de júbilo: "Porque o Senhor é o Deus supremo e rei que ultrapassa todos os deuses". Existem, portanto, deuses que nosso Deus ultrapassa, esse Deus diante do qual jubilamos, exultamos, proferimos cânticos de louvor, mas não para nós. Com efeito, diz o Apóstolo: "Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores —, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos" (1Cor 8,5.6). Se, portanto, não existem para nós, para quem existem? Escuta o que diz outro salmo: "Porque os deuses das nações são demônios. Mas o Senhor fez os céus" (Sl 95,5). O Espírito Santo, através do profeta não podia de maneira mais magnífica e breve te recomendar teu Deus e Senhor. Era pouco que Deus fosse terrível acima de todos os demônios. Que importância há em estar acima de todos os demônios? "Porque os deuses das nações são demônios. E o teu Deus? Mas o Senhor fez os céus". Teu Senhor fez a morada onde os demônios não podem habitar. Eles foram expulsos dos céus. Os céus ultrapassam os demônios, teu Senhor ultrapassa os céus, porque teu Senhor fez os céus. Quanto, por conseguinte, não é mais alto que os demônios, deuses das nações, aquele que é mais elevado que os céus, de onde os demônios caíram para se transformarem em demônios? E no entanto, todos os povos estavam sujeitos aos demônios. Para eles foram construídos templos, para os demônios foram levantados altares, foram instituídos sacerdotes, oferecidos sacrifícios e possessos apresentados como vates. Aos demônios exibiram tudo isso as nações. Todas essas coisas, no sentido verdadeiro, eram devidas ao grande e único Deus. Os povos fizeram templos para os demônios. Deus tem um templo. As nações deram sacerdotes aos demônios. Deus tem o seu sacerdote. As nações ofereceram sacrifício aos demônios.

Deus tem seu sacrifício. Efetivamente, os demônios, querendo parecer deuses, não exigiriam tudo isso no intuito de enganar, se não soubessem que era devido ao Deus verdadeiro. Habitualmente se deve ao Deus verdadeiro aquilo que um deus falso exige para si. Por isso, reconhecemos o verdadeiro templo de Deus. "Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós" (1Cor 3,17). Se, portanto, somos o templo de Deus, nossa alma é o altar de Deus. E que é o sacrifício a Deus? Talvez o que fazemos agora. Impomos um sacrifício no altar quando louvamos a Deus. O salmo nos ensina ao dizer: "O sacrifício de louvor me glorificará e ali está o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus" (Sl 49,23). Mas, se procuras qual o sacerdote, está acima dos céus; ele intercede por ti (cf Rm 8,34), tendo na terra morrido por ti. Portanto, "o Senhor é o Deus supremo e rei que ultrapassa todos os deuses". Toma aqui "deuses" no sentido de homens, porque o Senhor não é rei acima dos demônios. Para tal, temos o testemunho da Escritura: "Deus está de pé na assembléia dos deuses e no meio deles instituiu seu julgamento" (Sl 81,1). Chamou-os deuses por participação, não por natureza; pela graça, com a qual Deus os quis tornar deuses. Como não é grande o Deus que cria deuses? Ou, de que espécie são os deuses fabricados pelo homem? Assim como ele é grande fazendo deuses, tanto são nada os deuses fabricados pelos homens. O Deus verdadeiro fez deuses que nele crêem, e deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (cf Jo 1,12). Por isso, ele é verdadeiro Deus, porque Deus não foi feito. Nós, porém, fomos feitos, não somos verdadeiros deuses, no entanto somos melhores do que os que o homem faz. Porque "os ídolos das nações são ouro e prata, obra das mãos dos homens: têm boca e não falam, têm olhos e não vêem" (cf Sl 113,4.5). Nosso Deus, porém, nos deu olhos que vêem. Nem por isso nos fez deuses, tendo nos dado olhos que vêem, porque deu-os também aos animais. Mas fez-nos deuses, porque nos iluminou os olhos interiores. Por conseguinte, louvor a ele, confissão, júbilo: "Porque o Senhor é o Deus supremo e rei que ultrapassa todos os deuses".

**7** "Porque o Senhor não repele o seu povo". A ele louvor, júbilo. Qual o povo que ele não repele? Aqui não temos o que interpretar; já o temos solto pelo Apóstolo; ele expôs por que foi dito assim (Rm 1,1). Havia o povo da Judéia, o povo onde existiram os profetas, o povo que teve os patriarcas, o povo também segundo a carne da descendência de Abraão; povo no meio do qual encontraram-se de antemão todos os sinais que prometiam nosso Salvador; povo onde fora estabelecido o templo, a unção, o sacerdócio figurativo, de tal sorte que tudo isso passasse como sombras uma vez que a luz chegasse. Era, portanto, esse o povo de Deus; para ele foram enviados os profetas, que ali nasceram para serem enviados; foram-lhe entregues e confiadas as palavras de Deus. E então? Todo ele foi condenado? De forma nenhuma. O Apóstolo chama de oliveira esta árvore, árvore que começou com os patriarcas. Mas houve ramos secos, porque estavam alto demais pela soberba. Foram cortados devido a sua esterilidade e enxertada a oliveira silvestre, devido a sua condição humilde. Contudo, caríssimos, a fim de que a oliveira silvestre não se orgulhasse, que diz o Apóstolo? "Com efeito, se tu foste cortado da oliveira silvestre por natureza e contra a natureza foste enxertado na oliveira mansa, com maior razão os ramos naturais serão enxertados na oliveira a que

pertencem" (Rm 11,16-24). Da mesma forma que tu, não permanecendo na infidelidade, mereceste ser enxertado na oliveira boa, embora fosses da oliveira silvestre, assim também estes, uma vez emendados, mais facilmente serão enxertados na oliveira que lhes pertence naturalmente. Assim se exprime o Apóstolo sobre o assunto. Portanto, esta é a árvore; apesar de terem sido cortados alguns ramos, nem todos o foram. Pois, se todos os ramos tivessem sido cortados, de onde viria Pedro? E João? E Tomé? E Mateus? E André? E todos os apóstolos? De onde o próprio apóstolo Paulo que falava e atestava ser da oliveira por seus frutos? Todos estes não vieram dali? De onde sairam os quinhentos irmãos aos quais apareceu o Senhor após a ressurreição? (cf 1Cor 15,6). De onde vieram tantos mil que devido à palavra de Pedro, quando os apóstolos repletos de Espírito Santo falaram as línguas de todos os povos, se converteram, tão ávidos de louvarem a Deus e de acusarem a si mesmos que, tendo anteriormente derramado o sangue do Senhor, cheios de furor, aprenderam a bebê-lo, após terem crido? Igualmente converteram-se milhares que venderam seus bens, e depositaram o preço da venda aos pés dos apóstolos (cf At 4,4.34-35). Realizaram imediatamente tantos mil daqueles por cujas mãos fora Cristo crucificado, o que o jovem rico não fez, apesar de ter ouvido o chamado da boca do Senhor; mas se afastou com tristeza (cf Mt 19,21.22). Profunda era a ferida no coração deles; por isso procuraram o médico com desejo tanto maior. Como, pois, todos se originaram deste povo, agora diz o salmo a seu respeito: "Porque o Senhor não repele o seu povo". Efetivamente, o Apóstolo emprega o testemunho deste salmo, ao falar deste povo: "Pergunto, então, irmãos: Não teria Deus, porventura, repudiado seu povo, que de antemão conhecera? De modo algum! Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera" (Rm 11,1.2). Com efeito, se Deus tivesse repudiado seu povo, não haveria de onde sair o próprio Apóstolo; e sua origem é a mesma dos outros. Eles eram do povo de Deus, mas não todos os outros, conforme foi escrito: "O resto é que será salvo" (Is 10,22; Rm 9,27). Não todos; mas depois da ventilação da eira, os grãos foram recolhidos no celeiro e a palha ficou fora. Vês o conjunto dos judeus repudiados; são palha. Dali, onde está a palha, já foi retirado o grão e depositado no celeiro. Vejamos ambas as coisas e façamos a distinção devida.

**8** Que acrescenta o salmo? "Porque estão em suas mãos os limites da terra". Reconhecemos aí a pedra angular; pedra angular é o Cristo. Não pode haver ângulo se duas paredes não se encontrarem; elas vêm de partes diversas ao ângulo, mas aí não se opõem mais. De um lado veio a circuncisão e do outro, os gentios. Em Cristo ambos os povos chegaram a uma concórdia, porque ele se tornou a pedra, da qual foi escrito: "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22). Então, se Cristo é a pedra angular, não advirtamos na diversidade daqueles que vêm de longe, mas a proximidade dos que aderem a Cristo, unidos entre si. Ali se realiza. Vejamos: "Porque o Senhor não repele o seu povo". Eis uma das paredes, acerca do qual dissemos que "o Senhor não repele o seu povo". A este pertencem os apóstolos, e todos os israelitas que acreditam e depositaram aos pés dos apóstolos o preço da venda de suas propriedades (cf At 4,34.35). Foram pobres voluntários, ricos diante de Deus. Reconhecemos uma das

paredes; realizou-se a palavra: “Porque o Senhor não repele o seu povo”. Vejamos também a outra parede. “Porque estão em suas mãos os limites da terra”. Eis a outra parede, constituída de todos os povos: “Estão em suas mãos os limites da terra”. Vieram também todos os povos para junto da pedra angular, onde receberam o ósculo da paz, naquele único Cristo que de dois povos fez um só, ao contrário dos hereges que de um povo fizeram dois. É isso mesmo que o Apóstolo afirma acerca de Cristo Senhor: “Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só” (Ef 2,14). Por conseguinte, jubilemos diante dele. Por que motivo? “Porque o Senhor não repele o seu povo”. E ainda, por que razão? “Porque estão em suas mãos os limites da terra e os cumes das montanhas lhe pertencem”. Cumes das montanhas são as sublimidades terrenas. Algumas vezes essas sublimidades, isto é, os potentados da terra se opuseram à Igreja; promulgaram leis contra a Igreja e empenharam-se em apagar da terra o nome cristão; mas depois de realizada a profecia: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra” (Sl 71,11), cumpriu-se a palavra: “Os cumes das montanhas lhe pertencem”.

**9** Mas talvez te alarmem as tentações, de tal sorte que apesar de tamanha graça das promessas de Deus, por causa dos escândalos do mundo tu te perturbas? Nem os próprios escândalos podem causar-te mal, porque Deus lhes impôs uma medida: “Porque seu é o mar”. Este mundo é, de fato, um mar, mas também o mar foi Deus quem o fez. Suas ondas podem encapelar-se, mas não além das praias, que Deus lhes estabeleceu por limite. Em conseqüência, nenhuma tentação existe que não tenha sido regulada pelo Senhor. Haja, por conseguinte, tentações, existam tribulações; chegarás a uma consumação, mas não serás consumido. Observa se as tentações não são úteis. Presta atenção ao que diz o Apóstolo: “Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” (1Cor 10,13). Ele não afirmou: De forma alguma vos deixará serdes tentados. Se recusas a tentação, recusas o reconforto. Portanto, és refeito; e se fores refeito, estarás nas mãos do artífice. Tira algo, corrige outro ponto, ali aplaina, aqui limpa. Trabalha com determinadas ferramentas, que são os escândalos deste mundo. Tu apenas não escapes da mão do artífice. Nenhuma tentação te advirá acima de tuas forças. Deus a permite para teu bem, teu progresso. Enfim, escuta o acréscimo do Apóstolo: “Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar”. Efetivamente, o mar te causava medo? Não temas: “Porque seu é o mar e ele mesmo o fez”. Atemorizam-te os escândalos das nações? Ele fez os povos; não permitirá que seu furor ultrapasse a medida que ele sabe te ser útil. Não declara outro salmo: “As nações que criaste hão de vir e prostrar-se diante de ti, Senhor”? (Sl 85,9). Se está declarado: as nações que criaste, é claro que foi ele quem criou as nações, e portanto, “seu é o mar e ele mesmo o fez e suas mãos estabeleceram a terra firme”. Sê uma terra seca, tem sede de graça de Deus e cairá sobre ti uma chuva suave, e darás fruto. Ele não permite que as ondas inundem o que ele semeou: “E suas mãos estabeleceram a terra firme”. Por isso também jubilemos diante dele.

**10** [6] Visto que as coisas assim se dão, e que explicamos tantas coisas referentes ao

louvor de Deus, voltai ao pensamento do salmo: “Vinde, adoremos, prostremo-nos e choremos diante do Senhor que nos criou”. Exultemos, uma vez que Deus fez isto e aquilo. O salmo menciona muitas ações, e agora repete a exortação: “Vinde, adoremos, prostremo-nos e choremos diante do Senhor que nos criou”. Tendo eu relembrado os louvores de Deus, não tenhais preguiça, nem fiqueis longe pela vida e costumes: “Vinde, adoremos, prostremo-nos diante dele”. Mas, é pos-sível que vos preocupem vossos pecados, que vos afastaram de Deus. Façamos o seguinte: “Choremos diante do Senhor que nos criou”. Queima-te talvez a consciência do delito; extingue com lágrimas a chama do pecado, chora diante do Senhor. Chora com segurança diante do Deus que te fez, pois ele não despreza a obra de suas mãos em ti. Não penses que podes refazer-te a ti mesmo. Podes desfazer-te, mas refazer-te não podes. Restaura-te aquele que te fez. “Choremos diante do Senhor que nos fez”. Derrama lágrimas diante dele, confessa, sai ao seu encontro com a confissão. Quem és tu que choras diante dele, que confessas, senão aquele que ele fez? Não é pequena a confiança que inspira o artífice a seu artefacto, principalmente quando não foi feito de qualquer modo e sim à sua imagem e semelhança: “Vinde, adoremos, prostremo-nos e choremos diante do Senhor que nos criou”.

**11** [7] “Porque ele é o Senhor nosso Deus”. Para que tranqüilamente possamos prostrar-nos e chorar diante dele, quem somos nós? “Nós, porém, somos o povo que ele apascenta e as ovelhas de suas mãos”. Anota com que elegância mudou a ordem das palavas, não as unindo do modo mais apropriado, a fim de entendermos que as ovelhas aqui se identificam com os povos. Ele não disse: Ovelhas que ele apascenta, e povo que sua mão conduz, o que seria mais congruente, porque pastar é próprio das ovelhas; e sim; “povo que ele apascenta”. Por conseguinte, os povos aqui são ovelhas, pois diz: “povo que ele apascenta”: o próprio povo constitui as ovelhas. Mas, de outro lado, temos ovelhas que compramos, e não que tenhamos feito. Dissera mais acima: “Prostremo-nos diante daquele que nos criou”, e com razão foi dito: “ovelhas de suas mãos”. Nenhum homem pode fazer ovelhas. Pode comprar, pode ganhar, pode achar, pode acumular, finalmente pode roubar; mas não pode fazê-las. Ao invés, o Senhor nos fez; por isso somos “povo que ele apascenta e ovelhas de suas mãos”, que ele se dignou criar por sua graça. O Cântico dos cânticos elogia essas ovelhas, dizendo que lhes são semelhantes os dentes perfeitos da Igreja, sua esposa: “Teus dentes, um rebanho tosquiado, subindo após o banho, cada ovelha com seus gêmeos, nenhuma delas sem cria” (Ct 4,2; 6,5). Que significa: “Teus dentes?” Os que te ajudam a falar. São dentes da Igreja aqueles através dos quais ela fala. De que espécie são os teus dentes? São “como um rebanho tosquiado”. Por que “tosquiado?” Porque tiraram os fardos do mundo. Não são tosquiadas as ovelhas, da quais pouco acima falava, tosquiadas pelo preceito de Deus. “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”? (Mt 19,21). Obedeceram ao preceito e vieram tosquiados. Tendo sido batizados e crendo em Cristo, que se diz? Subindo após o banho, isto é, subindo purificados. “Cada ovelha com seus gêmeos”. Por que gêmeos? Trata-se dos dois

preceitos, dos quais dependem a lei e os profetas. Por isso, “nós somos o povo que ele apascenta e as ovelhas de suas mãos”.

**12** [8] Em vista disso: “Hoje, se ouvirdes a sua voz”. Povo meu, povo de Deus! Deus fala a seu povo, não somente àquele povo que ele não repele, mas a todo o seu povo. Fala do ângulo das duas paredes (cf Ef 2,20), isto é, a profecia fala em Cristo ao povo dos judeus e ao povo dos gentios. “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”. De fato, outrora ouvistes a sua voz, através de Moisés, e endurecestes os vossos corações; agora fala por si mesmo, que vossos corações se suavizem. Dignou-se vir em pessoa aquele que enviava adiante de si os arautos; fala por sua própria boca quem falava pela boca dos profetas. Por isso: “hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”.

**13** [9] Por que disseste: “Não endureçais os vossos corações?” Porque recordais como costumavam agir vossos pais. “Não endureçais os vossos corações, como no dia da irritação, da tentação no deserto”. Com certeza, irmãos, vós vos lembrais de que o povo judaico tentou a Deus (cf Ex 16,2.3; 17,2.7), recebeu o castigo e foi domado no deserto como por um ótimo cavaleiro, pelos freios das leis, os freios dos preceitos. Não foi, contudo, abandonado por Deus, apesar de indômito, não apenas por meio de benefícios, mas ainda não faltou a vara que emenda. Por isso, “não endureçais os vossos corações, como no dia da irritação, da tentação no deserto, em que vossos pais me provocaram”. Não sejam esses vossos pais; não os imiteis. Eram vossos pais; mas se não os imitardes, não serão vossos pais; no entanto, uma vez que nascestes deles, eram vossos pais. Efetivamente, vieram povos dos confins da terra, conforme diz Jeremias: “Para ti acorrem as nações das extremidades da terra. Elas dirão: Nossos pais não cultuaram senão mentira, vazio que não serve para nada” (Jr 16,19). As nações deixaram seus ídolos, para adotarem o Deus de Israel. Então, deveriam os hebreus deixar seu Deus, quando as nações adotaram-no, aqueles que o próprio Deus de Israel tirou do Egito e conduziu através do mar Vermelho, onde afogou os inimigos que os perseguiam (cf Ex 14,21-31); que levou pelo deserto, alimentou com o maná, nunca retirou a vara de cima deles para sua instrução nem lhe subtraiu os benefícios de sua misericórdia? (cf Ex 16,13-35). “Em que vossos pais me provocaram e tentaram, apesar de terem visto as minhas obras”. Durante quarenta anos viram minhas obras, durante quarenta anos me provocaram. Diante deles fazia milagres pela mão de Moisés, e eles cada vez mais endureciam seus corações.

**14** [10] “Por quarenta anos estive próximo desta geração”. Qual o sentido da expressão: “estive próximo?” Apresentei-me com sinais e milagres. Não foi um dia, ou dois, mas: “Por quarenta anos estive próximo desta geração e disse: Eles têm sempre o coração transviado”. Quarenta anos equivalem a “sempre”. Pois, o número quadragenário indica a integridade dos séculos, visto que os séculos se perfazem por este número. Igualmente, o Senhor jejuou por quarenta dias, foi tentado por quarenta dias no deserto, e por quarenta dias esteve com os discípulos depois da ressurreição (cf Mt 4,1-11; At 1,3).

Demonstrou nos primeiros quarenta dias a tentação e nos segundos, a consolação, porque quando somos tentados, sem dúvida somos também consolados. Com efeito, é necessário que seu corpo, isto é, a Igreja sofra tentações neste mundo; mas não lhe falta aquele consolador que disse: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). "E disse: Eles têm sempre o coração transviado". Estive com eles por quarenta anos, a fim de mostrar a espécie de homens que sempre me provoca até o fim dos séculos; porque por aqueles quarenta anos quis representar todos os séculos.

**15** [11] E então? Não existirão outros que entrem em seu lugar no repouso de Deus? Foram reprovados aqueles aos quais desagradou a misericórdia de Deus, que resistiram a Deus, com o coração endurecido. Tendo sido esses repudiados, Deus perdeu seu povo? Não será verdadeira a palavra: "Mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos da Abraão"? (Mt 3,9). Portanto, disse: "Eles têm sempre o coração transviado e não conhecem os meus caminhos. Por isso jurei em minha ira: Não entrarão no lugar de meu repouso. Jurei em minha ira: Não entrarão no lugar de meu repouso". Que terror! O salmo começou com exul-tação e conclui com grande terror: "Jurei em minha ira. Não entrarão no lugar de meu repouso". É grandioso quando o Senhor fala; quanto mais quando jura? Deves ter medo do homem que jura, pois pode fazer contra sua vontade aquilo que jurou. Quanto mais a Deus, que não pode fazer juramento temerário? Quis jurar para confirmar. E por quem Deus jura? Por si mesmo; não encontra outro maior por quem jurar (cf Hb 6,13). Por si mesmo confirma suas promessas, por si mesmo confirma suas ameaças. Ninguém diga em seu coração: É verdade, aquilo que promete; falso o que ameaça. Como é verdade o que promete, é certo aquilo que ameaça. Deves estar tão certo do repouso, da felicidade, da eternidade, da imortalidade se cumprires seus preceitos quanto deves estar certo da perdição, do ardor do fogo eterno, da condenação com o diabo, se desprezares seus mandamentos. Por isso jurou em sua ira que não entrarão em seu repouso. Todavia, importa que entrem alguns em seu repouso; ele não diz que ninguém receberá este repouso. Os outros serão reprovados e nós entraremos; porque, apesar de serem alguns ramos quebrados por causa de sua dessemelhança e falta de fé, nós devido à fé e à humildade seremos enxertados (cf Rm 11,19.20). Entremos, portanto, em seu repouso. Por que entraram aqueles que deviam entrar, que foram escolhidos, que não resistiram de coração endurecido? Porque é verdade que "o Senhor não repele o seu povo".

# SALMO 95

## SERMÃO

**1** [1] Meu irmão e meu Senhor, Severo[1], ainda adia a alegria que nos deve dar com seu sermão; ele reconhece que é devedor. O Senhor alegrou a todas as igrejas por onde ele passou, com as palavras de sua boca. Deve, pois, muito mais alegrar a esta Igreja, de onde Deus o fez bem conhecido às demais. Mas que fazer, senão atender a seu desejo? Disse que ele adiou, irmãos, mas não que nos queira privar de sua palavra. Por isso, prendei o devedor e não o solteis antes de pagar. Note, portanto, Vossa Caridade. À medida que o Senhor nos conceder, digamos alguma coisa sobre este salmo, apesar de já saberdes; é doce a lembrança da verdade. Provavelmente, ao ser lido seu título, alguns ouviram admirados. Traz como título: "Quando se edificava a casa, depois do cativeiro". Anunciado este título, talvez esperaríeis no texto do salmo encontrar alusão a pedras extraídas das montanhas, a volumes pesados arrastados, alicerces lançados, traves colocadas por cima, colunas erguidas. Nada disso se canta; e se o assunto é outro, o salmo não está de acordo com o título, e ele tem uma coisa no frontal e outra nas palavras? Absolutamente não, mas pede que se entenda bem. De fato, fala da edificação da casa. Entendam todas as pedras desta casa o que contaram. Pois, edifica-se a casa de Deus, mas não no lugar onde Salomão a construiu (cf 2Rs 3,1). Efetivamente, ele edificou o templo; e ouvistes o que disse o Senhor do próprio templo. Ao admirarem os discípulos as pedras e a enorme construção do templo, manifestaram ao Senhor sua admiração e espanto; e o Senhor lhes respondeu: "Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida" (Mt 24,1.2). Não se edifica aqui uma casa dessas. Pois, vede onde é edificada. Não é num só lugar, em qualquer parte. Começa o salmo da maneira seguinte:

**2** "Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira". Se toda a terra canta um cântico novo, a casa se edifica enquanto se canta. O próprio cantar é um modo de edificar, mas se não se canta um cântico velho. Os desejos da carne cantam o cântico velho; o novo é cantado pela caridade que vem de Deus. Seja qual for o cântico proveniente da cupidez é velho; embora ressoe na boca o cântico novo, o louvor não é belo na boca do pecador (cf Eclo 15,9). É preferível calar o canto novo a cantar o velho; porque se fores novo, e calares, não ressoa o canto aos ouvidos dos homens. Teu coração não cala o cântico novo e ele alcançará os ouvidos de Deus, que te fez homem novo. Amas e calas. O próprio amor é voz diante de Deus, o próprio amor é o cântico novo. Escuta por que ele é o cântico novo. Diz o Senhor: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros" (Jo 13,34). A terra inteira, portanto, canta o cântico novo e edifica-se a casa. Pois, toda a terra é casa de Deus. Se toda a terra é casa de Deus, a que não está unida a toda a terra torna-se uma ruína e não uma casa; aquela antiga ruína, cuja sombra era o antigo templo. Ali, efetivamente, ruía o que era velho, a

fim de se edificar o que é novo. E como ruía o que era antigo? "Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida". Cristo é a pedra. Diz, porém, o Apóstolo: Todos vós, "que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo" (Gl 3,27). Se é revestido de Cristo todo aquele que é batizado em Cristo, quem é que põe pedra sobre pedra, senão o que impõe batismo sobre batismo? Mas, não temais; "não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida". Na construção nova que se levanta depois do cativeiro, as pedras se sobrepõem de tal modo, a caridade de tal maneira as congrega na unidade que uma pedra não fica sobre a outra, mas todas as pedras se tornam uma só. Não há de que se espantar. Foi obra do cântico novo, isto é, da caridade que renova. O Apóstolo nos integra na própria estrutura, e nos liga estreitamente naquela unidade, dizendo: "Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4,2.3). Onde há unidade do Espírito, a pedra é uma só; mas uma pedra constituída de muitas. Como constituída de muitas? Suportando-vos uns aos outros com amor. Por conseguinte, a casa do Senhor nosso Deus é edificada. É edificada, realiza-se, faz-se. Realizam-na estas vozes, estas leituras, a pregação do evangelho em todo o orbe da terra; ela ainda se edifica. Cresceu muito esta casa, e abrange muitos povos; contudo, ainda não a todos. Crescendo abrangeu a muitos povos, mas há de abranger a todos. E os que se gloriam de ser seus familiares contradizem, nesses termos: Já diminui. Ainda há de se propagar, haverão de crer muitos povos que ainda não crêem. Ninguém diga: E os povos que falam tal língua hão de acreditar? E os bárbaros vão crer? Por que, então, o Espírito Santo apareceu na forma de línguas de fogo, senão porque não existe dureza de língua alguma que não amoleça ao calor daquele fogo? (cf At 2,3). Já temos muitos povos bárbaros que acreditaram em Cristo. Lugares ainda não atingidos pelo Império Romano, Cristo já os possui. Regiões ainda fechadas àqueles que empunham a espada, não estão fechadas àquele que empunha o madeiro da cruz. Pois, o Senhor reina do madeiro. Quem é que empunha o madeiro? Cristo. Da cruz venceu os reis, e depois de subjugados, assinalou-os na fronte com a própria cruz. E eles se gloriam da cruz, porque nela está a sua salvação. Está a realidade. Assim cresce a casa, assim se edifica. E a fim de estarem bem cônscios disso, ouvi a continuação do salmo. Contemplai os que estão trabalhando e construindo a casa. "Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira".

**3** 2.3 "Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome, anunciai de dia em dia a sua salvação". Como se eleva o edifício? "Anunciai de dia em dia sua salvação". De dia em dia se anuncie, de dia em dia se edifique; cresça, diz Deus, a minha casa. E como se os operários lhe perguntassem: Onde queres que se edifique? Onde queres que se eleve tua casa? Escolhe-nos um lugar plano, um lugar espaçoso, se queres que se edifique para ti uma casa ampla. Onde ordenas que anunciemos de dia em dia? Ele mostra o lugar: "Anunciai entre as nações a sua glória". Diz: "Anunciai entre as nações a sua glória", a sua glória, não a vossa. Ó construtores, anunciai a sua glória entre as nações. Se quiserdes anunciar a vossa glória caireis; se for a sua, sereis edificados, ao construírdes. Portanto, os que quiseram anunciar a sua própria glória, não quiseram estar nesta casa, e

por isso não cantam o cântico novo com a terra inteira. Pois, não têm comunicação com todo o orbe da terra, e assim não estão edificando a casa, mas levantaram uma parede caiada. Como ameaça Deus à parede caiada? Há inúmeros testemunhos dos profetas, que amaldiçoam a parede caiada. Que é parede caiada, senão a hipocrisia, a simulação? (cf Ez 13,14; At 23,3). Brilha por fora, e por dentro é lodo. O que direi já foi dito, mas como foi proferido com o mesmo espírito que o Senhor se dignou nos conceder, nós também o dizemos. E tudo aquilo que agora dizemos no mesmo Espírito, disseram aqueles que existiram antes de nós. Por isso, não devemos omiti-lo, mas repetir o que foi dito por dom de Deus. Alguém, referindo-se a esta parede caiada, assim falou: Como numa parede não unida a outras, mas levantada isoladamente, se fizeres uma porta, seja quem for que entrar fica fora; assim os daquele partido que não quiseram cantar na casa o cântico novo, mas quiseram construir para si uma parede, ainda por cima caiada, sem solidez, que lhes adianta abrir uma porta? Quem a atravessar, fica fora. De fato, eles não entraram pela porta, nem sua porta introduz quem por ela passa. Pois, diz o Senhor: "Eu sou a porta; quem entrar por mim…" Quais são os que entram pela porta? Aqueles que procuram a glória do Senhor e não a sua. Quais os que entram pela porta? Os que fazem o que foi dito: "Anunciai entre as nações a sua glória. O que entra pela porta é o pastor das ovelhas, diz o Senhor, mas quem sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante" (Jo 10,7.9.1.2). O humilde entra pela porta; o soberbo sobe por outro lugar; por isso, diz o evangelho que um entra e outro sobe. Um entra e é recebido; outro sobe e é precipitado para baixo. "Anunciai entre as nações a sua glória". Que significa: "entre as nações?" Talvez se enumerem as nações e poucas delas. E ainda tem o que declarar aquele partido que ergueu uma parede caiada: Por que não seriam nações a Getúlia, a Numídia, a Mauritânia e a Bizacina? Essas províncias são nações. A palavra de Deus, que edifica sua casa por todo o orbe da terra exclui a palavra hipócrita da parede caiada. Não foi suficiente dizer: "Anunciai entre as nações a sua glória"; no intuito de evitar que penses serem excluídas algumas nações, o salmo acrescenta: "A todos os povos as suas maravilhas".

**4** [4] "Porque o Senhor é grande e muito digno de louvor. Que Senhor é grande e muito digno de louvor", senão Jesus Cristo? Sabeis certamente que se manifestou como homem; estais sem dúvida cientes de que foi concebido no seio da uma mulher, que nasceu, foi amamentado, carregado nos braços, circuncidado, que foi oferecida em lugar dele uma vítima, que ele cresceu; finalmente, sabeis que foi esbofeteado, cuspido, coroado de espinhos, crucificado, morto, traspassado pela lança. Tendes conhecimento de que sofreu tudo isso: "grande e muito digno de louvor". Não desprezeis sua pequenez, mas compreendei como é grande. Fez-se pequeno, porque vós também éreis pequenos; compreendei como é grande, e nele vos tornareis grandes. É assim que se edifica a casa, se levanta a construção. Aumentam as pedras, que são levadas para o edifício. Crescei, portanto, e entendei que Cristo é grande. Apesar de pequeno, é grande, imenso. As palavras me faltam. Queria exprimir o quanto ele é grande. Embora dissesse o dia inteiro: Grande, grande, que diria? Se falasse o dia todo: Grande, acabaria enfim, porque o dia

termina. Sua grandeza é anterior aos dias, além dos dias, sem dia. Por isso, qual o motivo de dizer o salmo: “Porque o Senhor é grande e muito digno de louvor”. Que pode proferir uma pequena língua, a fim de louvar aquele que é grande? Dizendo: “muito”, pronuncia uma palavra e entrega ao intelecto algo para que o saboreie. Seria como se declarasse: Pensa aquilo que os sons não exprimem; e por mais que pensares será pouco. O pensamento não o pode explicar, poderia explaná-lo a língua? “O Senhor é grande e muito digno de louvor”. Seja ele louvado, apregoado, anuncie-se a sua glória e com isso se edifica a casa.

**5** “É temível sobre todos os deuses”. Existem, então, deuses, em relação aos quais ele é muito mais temível? Vejamos quais os denominados deuses, e veremos a razão por que o afirma. Por enquanto, antes que o profira, caríssimos, atenção. Aquele que parecia atemorizado no meio dos homens, “é temível sobre todos os deuses”. Acaso as nações não se agitaram? Porventura os povos não tramaram em vão contra o Senhor e contra o seu Cristo? (cf Sl 2,1). Não o rodearam touros cevados? Não abriu contra ele a boca aquele leão a rugir? (cf Sl 21,13.14). Entrando este no coração dos judeus enfurecidos, exclamou: “Crucifica-o, crucifica-o” (Mt 27,23), como se com esse rugido tivesse medo aquele que “é temível”, não sobre todos os homens, mas “sobre todos os deuses?” O lugar da construção da casa é uma floresta, sobre a qual foi dito ontem: “Encontramo-la nos campos do bosque” (Sl 131,6)[2]. O salmista procurava a casa, ao dizer: “Nos campos do bosque”. E onde estava este bosque? Os homens cultuavam os ídolos; não é de admirar que cuidassem de porcos. Aquele filho que abandonou o pai e dissipou sua herança numa vida devassa, gastando tudo, cuidava de porcos (cf Lc 15,12-15), isto é, cultuava os demônios; e de-vido à superstição dos pagãos, a terra toda se tornara uma floresta. Mas elimina a floresta aquele que constrói a casa; também foi dito: “Quando se edificava a casa, depois do cativeiro”. Os homens eram mantidos cativos sob o diabo e serviam aos demônios, mas foram redimidos do cativeiro. Puderam vender-se a si mesmos, mas não conseguiram redimir-se. Veio o redentor e pagou o resgate; derramou seu sangue e comprou o orbe da terra. Queres saber o que ele comprou? Vede quanto pagou, e descobrirás o que comprou. O preço é o sangue de Cristo. Qual o objeto que vale tanto? Qual, senão todo o orbe? Qual, senão todas as nações? Muito ingratos são ao preço de seu resgate, ou por demais soberbos os que afirmam ser ele tão pequeno que só adquiriu os africanos; ou seriam eles tão importantes que tenha sido pago somente por eles[3]? Por conseguinte, não exultem, não se orgulhem. Deu por todos tudo aquilo que deu. Está ciente do que comprou, porque sabe por quanto foi. Tendo sido nós remidos, depois do cativeiro edifica-se a casa. Quem é que nos retinha no cativeiro? Aqueles aos quais se dirige a palavra: “Anunciai” são os que eliminam a floresta. Tendo a meta de terminar com a floresta, libertem do cativeiro a terra, construam, edifiquem, anunciando a grandeza da casa do Senhor. Como se extirpa a floresta dos demônios, a não ser anunciando aquele que está acima de todos? Pois, todas as nações tinham os demônios como seus deuses. Chamavam de deuses os demônios, segundo diz claramente o Apóstolo: “Mas aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a

Deus” (1Cor 10,20). Uma vez que eles estavam no cativeiro, imolavam aos demônios, deixando por isso toda a terra coberta de florestas, o salmista anuncia aquele que “é grande e muito digno de louvor”.

1 Bispo de Mileve, que é citado também no Com. s/salmo 131,1, etc.

2 Cf Com sobre o sl. 131, nº 11.

3 Os donatistas.

**6** [5] E como se revela a sua grandeza, arrancando aquelas superstições que mantinham o povo cativo, o qual foi redimido por aquele que “é temível sobre todos os deuses?” E supondo que se lhe respondesse: Mas por que motivo disseste: “sobre todos os deuses?” Acaso eles são deuses? prossegue o salmo: “Porque os deuses das nações são demônios”. V. Caridade dê-me atenção”. Pouco acima era declarado que ele é grande: “O Senhor é grande” e sentindo-se o salmista incapaz de louvá-lo, acrescentou: “e muito digno de louvor”. Não te dissera eu que deixava que pensasses o que era impossível explicar em palavras? Continuando a falar, que se disse de valioso sobre nosso Senhor Jesus Cristo? Que ele está acima de todos os demônios? Pois, o salmo, tendo declarado: “É temível sobre todos os deuses”, prosseguiu: “Porque os deuses das nações são demônios”. Não tem importância estar sobre os demônios; também tu, se quiseres, estarás; mas se acreditares em Cristo. Seria esta a grandeza do louvor: “O Senhor é grande e muito digno de louvor?” Querendo explicar, quanto possível à linguagem humana, e apesar de ser o Espírito Santo bom organista, no entanto as sílabas atingem as limitações do espírito humano, embora produza ali alguns pensamentos. Querendo, então, o salmista explicar por meio da linguagem, como se exprime? “O Senhor é grande e muito digno de louvor”. Fala, fala, profere em que medida é digno de louvor. “É temível sobre todos os deuses”. Por que dizes: “sobre todos os deuses? Porque os deuses das nações são demônios”. Todo o louvor daquele que é muito digno de louvor consiste apenas em superar todos os deuses dos gentios, que são demônios? Espera um pouco e escuta o que segue: “Mas o Senhor fez os céus”. Já não estás somente acima dos demônios, mas sobre todos os céus que ele mesmo fez. Se tivesse dito: “Sobre todos os deuses, porque os deuses das nações são demônios” e parasse nisso o louvor ao Senhor, teria dito menos do que costumamos pensar a respeito de Cristo; porém, como disse: “Mas o Senhor fez os céus”, vede qual a diferença entre os céus e os demônios; vede a distância que separa os próprios céus de seu criador; eis como o Senhor é excelso. Não disse o salmista: O Senhor, porém, está sentado acima dos céus, porque provavelmente se pensaria que outro teria feito o trono onde se sentar; mas declarou: “O Senhor fez os céus”. Se fez os céus, criou igualmente os anjos; ele criou os anjos, os apóstolos, e a estes os demônios cediam o passo. Mas, os próprios apóstolos eram céus que carregavam o Senhor. Qual o Senhor que eles carregavam? Aquele que os fez. Escuta como eles são outros céus: “Narram os céus a glória de Deus” (Sl 18,2). Diz o salmista aos céus: Anunciai entre as nações a sua glória, a todos os povos as suas maravilhas. Porque o Senhor é grande e muito digno de louvor, é temível sobre todos os

deuses". Que deuses? "Porque os deuses das nações são demônios". E ele é terrível sobre todos estes deuses. "Mas o Senhor fez os céus". Ó céus, criados por ele, "anunciai entre as nações a sua glória!" Edifique-se a casa do Senhor por toda a terra, cante a terra inteira o cântico novo.

**7** [6] "Precedem-nos a confissão e o esplendor". Amas o esplendor? Queres ser belo? Confessa. Não disse: Esplendor e confissão, mas: "Confissão e esplendor". Eras feio, confessa para te tornares belo; eras pecador, confessa para te tornares justo. Pudeste manchar-te, mas não podes fazer-te belo. Que esposo é o nosso, pois ele amou a esposa feia, para fazê-la formosa? Como, perguntará alguém, amou uma esposa feia? Com efeito, "eu não vim", diz o Senhor, "chamar justos, mas pecadores" (Mt 9,13). Chamas pecadores, para permanecerem assim? Não, responde. E como deixarão de ser pecadores? "Precedem-no a confissão e o esplendor". Confessem os pecadores seus pecados, vomitem os males que avidamente haviam devorado. Não voltem a seu vômito, como um cão imundo (cf 2Pd 2,22), e haverá confissão e esplendor. Amamos o esplendor. Primeiro optemos pela confissão, para que se siga o esplendor. Existe ainda quem ame o poder, a magnificência; quer ser grande como os anjos. Há magnificência nos anjos; e tão grande poder, que se eles fize-rem tudo o que podem, não será possível suportá-lo. No entanto, todo homem deseja ter o poder dos anjos, embora não ame a justiça dos anjos. Ama primeiro a justiça, e virá em seguida o poder. Como prossegue o salmo? "A santidade e a magnificência enchem seu santuário". Tu buscavas a magnificência. Ama primeiro a santidade. Se te santificares, serás magnífico. Pois, se apressadamen-te quiseres ser primeiro magnífico, cairás e não erguerás; não te elevas, mas te orgulhas. Elevar-te-ás melhor se te erguer aquele que não cai. Pois, desceu para junto de ti aquele que não cai. Tu caíras, mas ele desceu e estendeu-te a mão; não podes erguer-te por tuas forças. Pega a mão daquele que desce, para que ele, que é forte, te levante.

**8** [7] E então? Se "precedem-no a confissão e o esplendor, a santidade e a magnificência enchem seu santuário" (conforme anunciamos, quando edificávamos a casa; eis que já o anunciamos às nações), que devem fazer as nações, às quais anunciaram aqueles que eliminaram a floresta? Ele já diz às mesmas nações: "Tributai ao Senhor, ó família dos povos. Tributai ao Senhor, glória e honra". Não a vós mesmos, porque os vossos pregadores não vos anunciaram sua própria glória mas a do Senhor. Também vós "tributai ao Senhor, glória e honra" e dizei: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória" (Sl 113,1). Não depositeis a esperança num homem. Cada um que é batizado diga: Batiza-me aquele do qual disse o amigo do esposo: "Este é que batiza" (Jo 1,33). Se assim vos exprimirdes, tributareis ao Senhor glória e honra: "Tributai ao Senhor glória e honra".

**9** [8] "Dai ao Senhor a glória devida a seu nome". Dai glória a seu nome e não ao nome dos homens, não a vosso nome. "Tomai vítimas e entrai nos seus átrios. Tomai vítimas". Que vítimas trareis a fim de entrardes nos seus átrios? A casa já se elevou e foram

construídos os átrios. Os que trazem vítimas, entrem nos átrios. Traremos touros, bodes ou ovelhas? De forma nenhuma. “Pois se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria”. O salmista nos relembrava qual vítima devíamos oferecer. Verificai se não trata da vítima a que me referia há pouco: “Precedem-no a confissão e o esplendor”. A confissão é uma vítima oferecida a Deus. Portanto, ó povos, se quereis entrar em seus átrios, não entreis de mãos vazias: “Tomai vítimas”. Que vítimas levaremos conosco? “Sacrifício a Deus é o espírito contrito; ao coração arrependido e humilhado Deus não despreza” (Sl 50,18.19). Entra na casa de Deus com coração humilhado, e entraste com uma vítima. Se és soberbo, entras de mãos vazias. Pois, como te orgulharias, se não fosses vão? Pois se estivesses cheio, não te incharias. Como estarias cheio? Se contigo tomares vítimas, que levarias aos átrios do Senhor. Não nos detenhamos mais longamente; vamos de passagem quanto ao restante. Vede a casa se elevar, vede o edifício estender-se por toda a terra. Alegrai-vos, porque entrastes nos átrios; alegrai-vos, porque entrais na construção do templo de Deus. Quem entra, faz parte do edifício, constitui também a casa de Deus. Habita nela aquele para o qual se edifica a casa por todo o orbe da terra, e isto depois do cativeiro. “Tomai vítimas e entrai nos seus átrios”.

**10** 9.10 “Adorai-o em seu átrio santo”, na Igreja católica. Ele é o seu átrio santo. Ninguém diga: “Olha o Messias aqui! ou: ali! Pois hão de surgir falsos profetas”. Dize-lhes: “Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida” (Mt 24,23.24.2). Chamais para junto de uma parede caiada, mas eu adoro no átrio santo a meu Deus.

**11** “Trema em sua presença a terra inteira. Dizei entre as nações: O Senhor reina pelo madeiro. Ele estabilizou o orbe da terra para que não vacile”. Que testemunhos da construção da casa de Deus! As nuvens do céu proclamam por todo o orbe da terra que a casa de Deus está sendo construída; e clamam as rãs do brejo: somente nós somos cristãos. Que testemunhos hei de apresentar? Os do saltério. Profiro aquilo que tu também cantas, mas estando surdo. Abre os ouvidos. Tu cantas estas palavras. Cantas comigo, e não concordas comigo. Tua língua faz soar o mesmo que a minha e teu coração discorda do meu. Não cantas estes versículos? Vê os testemunhos da terra inteira: “Trema em sua presença a terra inteira”, e tu afirmas que ela não se abala. “Dizei entre as nações: O Senhor reina pelo madeiro”. Acaso se apossam disso e dizem que reinam pelo madeiro, os que dominam com os açoites dos circunceliões? Reina com a cruz de Cristo, se queres reinar pelo madeiro. Pois, o teu madeiro te torna lenhoso, enquanto o madeiro de Cristo te faz atravessar o mar. Escuta o salmo a dizer: “Estabilizou o orbe da terra para que não vacile”. E tu afirmas que não somente se abalou após sua correção, mas ainda diminuiu. Tu o dizes; o salmo mente? Os falsos profetas que clamam: “Olha o Messias aqui! ou: ali!” estão dizendo a verdade e o profeta está mentindo? Irmãos, em oposição a essas palavras tão claras, ouvis nas ruas o grito: Ele entregou, aqui ele também entregou. Que dizes? Devem-se ouvir as tuas palavras, ou as de Deus. “Ele estabilizou o orbe da terra para que não vacile”. Eu te demonstro o orbe da terra todo edificado; toma vítimas, entra nos átrios do Senhor. Não tens vítimas e por isso não queres entrar. Como? Se Deus te impusesse trazer como vítimas touro, ou

cabrito ou carneiro, encontrarias o que trazer; ele te manda trazer um coração humilhado e não queres entrar. Não o encontras em ti, porque inchaste de soberba. "Ele estabilizou o orbe da terra para que não vacile. Julgará os povos com eqüidade". Então se lamentem os que não querem amar a eqüidade.

**12** [11] "Alegrem-se os céus e exulte a terra". Alegrem-se os céus que narram a glória de Deus; alegrem-se os céus, que o Senhor fez; exulte a terra, sobre a qual se derrama a chuva do céu. Pois os céus são os pregadores, e a terra os ouvintes. "Agite-se o mar e tudo o que ele contém". Que mar? O mundo. Abalou-se o mar e tudo o que ele contém. O mundo inteiro sublevou-se contra a Igreja, quando ela se propagava e era construída em toda a terra. Deste abalo ouvistes falar no evangelho: "Entregar-vos-ão aos sinédrios" (Mc 13,9). O mar se agitou; mas quando o mar poderia vencer aquele que fez os céus?

**13** [12] "Alegrar-se-ão os campos e tudo o que neles existe". Todos os cordatos, todos os mansos, todos os justos são campos de Deus. "Haverão de rejubilar então as árvores todas das selvas". Árvores das selvas são os pagãos. Por que já rejubilam? Porque foram cortados da oliveira silvestre e enxertados na genuína (cf Rm 11,1.7). "Haverão de rejubilar então as árvores todas das selvas" porque foram cortadas árvores imensas de cedro e cipreste, e sendo madeiras incorruptíveis foram transportadas para a construção da casa (cf 1Rs 5,5.6). Eram árvores da floresta antes de serem levadas para a construção; eram árvores da floresta antes de pertencerem à oliveira.

**14** [13] "Haverão de rejubilar então as árvores todas das selvas, na presença do Senhor, porque ele vem, vem julgar a terra". Veio uma vez, e virá uma segunda vez. Primeiro veio à sua Igreja através de nuvens. Quais são as nuvens que o carregaram? Os apóstolos pregadores de que ouvistes falar na leitura do Apóstolo: "Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores: em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,20). São estas as nuvens que o trazem, sem contar o último advento, quando virá a julgar os vivos e os mortos. Veio primeiro nas nuvens. Em primeiro lugar, sua palavra ressoou no evangelho: "Em breve vereis o Filho do homem vir entre nuvens". Que quer dizer: "Em breve?" O Senhor não virá depois, quando se lamentarão todas as tribos da terra? Veio primeiro através de seus pregadores e encheu todo o orbe. Não resistamos ao primeiro advento, para não nos atemorizarmos com o segundo. "Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!" Acabastes de ouvir do evangelho: "Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento" (Mc 13,26.17.33). São expressões figuradas. Quais são as que estão grávidas e as que amamentam? Chamam-se grávidas as almas que depositam sua esperança neste mundo. Se já alcançaram o que desejavam são mães que amamentam. Por exemplo: Compra-se uma propriedade: houve gravidez, útero dilatado pela esperança, até se conseguir o intento. Feita a compra, foi dada à luz, amamentada. "Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando", ai das que depositam esperança neste mundo, agarradas aos bens que lhes advieram pela confiança mundana. Que fazer, então, o cristão? Usar do mundo, sem o servir. Que significa isto? Ter como se não tivesse. Para

não haver naquele dia nem grávidas, nem mães que amamentam, o Apóstolo assim fala, assim nos exorta, admoesta: “Enfim, irmãos, o tempo se fez curto. Resta, pois, que aqueles que têm esposa, sejam como se não tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se regozijam, como se não se regozijassem; aqueles que compram, como se não possuíssem; aqueles que usam deste mundo, como se não usassem plenamente. Pois passa a figura deste mundo. Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações” (1Cor 7,29-32). A isenção de preocupações faz esperar com segurança a vinda do Senhor. Pois, que amor de Cristo é esse, acompanhado do temor de sua vinda? Irmãos, não nos envergonhamos? Amamos e temos medo que ele venha. Amamos de verdade? Ou preferimos os nossos pecados? Odiemos os pecados e amemos aquele que virá puni-los. Ele virá, quer queiramos, quer não. Se agora não vem, não significa que não virá. Virá, sem que o saibas; e se estás preparado, não importa esta ignorância. “Haverão de rejubilar na presença do Senhor então todas as árvores das selvas, porque ele vem”, primeiro. E depois? “Vem julgar a terra. Haverão de rejubilar então as árvores todas das selvas”. Veio uma vez; vem depois julgar a terra. Encontrá-lo-ão exultantes os que creram em seu primeiro advento, “porque ele vem”.

**15** Pois, “julgará o orbe da terra com eqüidade”: e não uma parte, porque não foi só uma parte que comprou. Deve julgar o todo, porque pagou o resgate total. Ouviste o evangelho. Quando ele vier, “reunirá os eleitos, dos quatro ventos” (Mc 13,27). Reúne os eleitos dos quatro ventos, por conseguinte de todo o orbe da terra. O próprio nome de Adão (já disse o nome uma vez)[1] em grego, representa o orbe da terra. São quatro letras: A, D, A e M. Na língua grega, as quatro partes da terra começam por estas letras: Anatolén é o oriente; Dípin, o ocidente; Árkton, o norte; Mesembeían, o sul; portanto, forma a palavra ADAM. Adão, por conseguinte, está por toda a terra. Viveu num só lugar, caiu, e de certo modo pulverizado encheu a terra inteira; mas a misericórdia de Deus reuniu os pedacinhos, fundiu-os no fogo da caridade e deles fez um só. O criador sabe fazê-lo. Ninguém desanime. É, de fato, muito, mas pensai em quem é o artífice. Refez quem fez; reformou quem formou. “Julgará o orbe da terra com eqüidade e os povos segundo a sua verdade”. Em que empregará eqüidade e verdade? Reunirá os eleitos para julgá-los, separando-os dos demais. Colocará uns à direita e outros à esquerda. Que haverá de mais justo e verdadeiro do que não poderem esperar misericórdia do juiz aqueles que não quiseram praticar a misericórdia antes que ele viesse? Os que quiseram ter misericórdia, serão julgados com misericórdia. Dir-se-á aos colocados à direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”. E são-lhes imputadas as obras de misericórdia: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber”, etc. De outro lado, que é atribuído aos da esquerda? Que não quiseram praticar a misericórdia. E para onde irão? “Ide para o fogo eterno”. Esta palavra áspera causará grandes gemidos. Mas, como se exprime outro salmo? “A lembrança do justo será eterna. Não receará más notícias” (Sl 111,7). Quais são as más notícias! “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25,31-46). Quem vai se alegrar com uma sentença boa não terá receio de uma sentença má. Como se alegrarão com uma sentença favorável? “Vinde,

benditos de meu Pai". Que sentença não recearão? "Ide para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos". Aí temos a eqüidade, a verdade. "Julgará o orbe da terra com eqüidade e os povos segundo a sua verdade". Pelo fato de não seres justo, o juiz não o será? Ou porque é mentiroso, a verdade não será veraz? Mas se queres encontrá-lo misericordioso, sê misericordioso antes que ele venha. Perdoa se algo foi cometido contra ti, dá aquilo que tens demais. E o que dás não é do Senhor? Se desses do que é teu, seria prodigalidade; mas como dás do que é dele, é devolução. Pois, o que tens que não tenhas recebido? (1Cor 4,7). Vítimas agradabilíssimas a Deus são a misericórdia, a humildade, a confissão, a paz, a caridade. Ofereçamos estas vítimas e aguardaremos cheios de confiança a vinda do juiz, que "julgará o orbe da terra com eqüidade e os povos segundo a sua verdade".

1 Cf Com. sobre Jo 9, 14,6 6ss, 10,12,4ss.

# SALMO 96

## SERMÃO AO POVO

(Proferido Em Cartago)

**1** Oferece Deus ao coração do cristão grandiosos espetáculos e a nada de mais agradável pode-se assistir, quando se tem o paladar da fé, que saboreie o mel de Deus. Cremos possuírdes todos vós o seu Espírito, pois acredi-tastes de todo coração em nosso Salvador. Este Espírito vos deleita na leitura das profecias prenunciadas há tantos anos pela boca dos santos e realizadas tanto tempo depois, para fé dos gentios. Então já alimentavam grande alegria aqueles mesmos santos profetas, ao contemplarem espiritualmente não uma realização atual, e sim futura. Tinham então grande alegria; contudo, pelo amor por nós que os inflamava, apesar de não nos verem quando nos geravam espiritualmente, queriam, se fosse possível, viver agora conosco e verem cumpridas as realidades que no espírito profetizavam. Daí vem o Senhor dizer a seus discípulos que começavam a vê-las: "Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram" (Mt 13,17). Apesar de as verem em espírito, viam-nas de certo modo futuras; aos apóstolos, ao invés, estavam presentes. Por esta razão, o velho Simeão, que era justo, exultou intensamente ao contemplar o menino Jesus, reconhecendo naquele pequenino o grande Senhor, e naquele corpinho vendo o Criador do céu e da terra. Com efeito, exultou intensamente, porque recebera a revelação de que não morreria sem ver a salvação enviada por Deus. Reconheceu-o, pois, alegrou-se, exultou cheio de gozo e disse: "Senhor, agora podes despedir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a tua salvação" (Lc 2,25-30). Intenso, portanto, foi este regozijo, produzido pela caridade. Nós nos deleitamos ao ser cantado este salmo. Certas expressões foram entendidas por todos. Algumas, contudo, a meu ver, somente por poucos, ou certamente não por todos. Consideremos, portanto, juntamente aquele que nos leva a vos servir e vejamos como Deus se dignou nos alegrar, apresentando o objeto de suas promessas e demonstrando que em nós foram realizadas.

**2** [1] O Salmo tem por título: "De Davi, quando lhe foi restituída sua terra". Atribuamos tudo a Cristo, se queremos manter-nos no caminho do entendimento reto. Não nos apartemos da pedra angular, a fim de que não se arruíne o nosso intelecto. Consolide-se nela tudo o que oscilava na instabilidade; repouse sobre ela tudo o que pendia na incerteza. Qualquer dúvida que surgir no ânimo, ao ouvir o homem as Escrituras de Deus, não se aparte de Cristo. Se aquelas palavras lhe revelarem o Cristo, saiba que entendeu; não presuma ter compreendido antes de chegar ao conhecimento de Cristo. "O fim da lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). E Então, como se atribui a Cristo a expressão: "Quando lhe foi restituída sua terra?" Pois, não é díficil ver referência a Cristo em Davi. De fato, Cristo nasceu de Maria, da descendência de Davi;

e como viria desta estirpe, pelo nome de Davi ele era profetizado em figura. Portanto, em Davi temos Cristo, mesmo porque o siginificado do nome de Davi é Mão forte. Quem possui mão mais forte do que aquele que venceu o mundo na cruz? Ora, após sua ressurreição e ascensão e tendo os apóstolos com a vinda do Espírito Santo recebido o dom de falar em várias línguas, a multidão dos que haviam crucificado o Cristo se comoveu e procurou alcançar a salvação (cf At 2,4). Aceitou-a, acreditou. Foi absolvida, tendo sido perdoado o reato do sangue de Cristo e foi-lhe concedido beber do sangue de Cristo. Tornaram-se fiéis os que haviam sido perseguidores. Acreditaram naquele que haviam crucificado e diante do qual meneavam a cabeça, como insulto; quiseram tê-lo por sua Cabeça. Assim, pois, "foi-lhe restituída sua terra", de acordo com o título do salmo. Efetivamente, a Judéia era sua terra, e toda ela perecera, quando crucificaram seu Senhor aqueles ignorantes, frenéticos, enfurecidos contra o médico, que repeliam em sua loucura a sua própria salvação. De certo modo perecera toda a Judéia. Por que toda? Até mesmo os apóstolos hesitaram. Pedro que seguia a Cristo preso, com amor audacioso, negou-o três vezes por timidez e medo. O Senhor Jesus Cristo ressuscitado encontrou na estrada de Emaús os discípulos que falavam entre si a respeito dele; de tal modo que responderam a sua pergunta sobre qual seria o assunto de que falavam: "Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias? Quais? Responderam: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos príncipes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel" (Lc 24,18.21). Já haviam perdido a esperança em Cristo. Pois, não disseram: Esperamos que há de redimir, e sim: "Esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel". Tinham-no consigo, mas não possuíam esperança nele. Cristo se mostrou a eles, manifestou-se também aos demais discípulos. Foi visto, tocado, encontrado por aqueles que pensavam que ele perecera. Recuperaram a fé os que haviam caído: "foi-lhe restituída sua terra". Em seguida, após quarenta dias com eles, subiu ao céu (cf At 1,3-9); e conforme há pouco relembrei, enviou o Espírito Santo que fez com que seus discípulos, homens sem instrução, falassem as línguas de todos os povos. Então, aqueles pelos quais rezara eficazmente: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lc 23,34). Abalados, conforme dissemos, procuraram obter a salvação e aceitaram a exortação a crerem nele. Creram num só dia três mil, e de outra vez, cinco mil (cf At 2,41; 4,4); a Igreja de Cristo começou a fervilhar na Judéia, onde fervilhara o opróbrio de Cristo, e "foi-lhe restituída sua terra". Mas, segundo o que ele mesmo dissera: "Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também e haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16), os apóstolos foram enviados também aos gentios, aos quais os profetas não tinham sido enviados. Foram procurados os que não o buscavam, e encontrados os que nada esperavam. Eles não tinham as promessas de Deus, mas encontraram-no como seu redentor. No entanto, os judeus tinham as promessas de Deus, porque entre eles os profetas prenunciaram e prometeram o Cristo. Ouviram as promessas sobre ele, mas não o conheceram quando esteve presente. Aos gentios, porém, nada fora prometido,

contudo, os profetas falaram acerca de sua fé. Se as profecias não foram para eles, eram a respeito deles. Houve uma missão para eles e ouviste qual foi, por disposição de Deus. Pois, a leitura há pouco ouvida é tirada dos Atos dos Apóstolos e trata da maneira como o centurião Cornélio acreditou. Cornélio não era centurião do povo judaico. Orava, jejuava, dava esmolas. Deus não o abandonou, apesar de ser gentio; foi-lhe enviado um anjo que lhe anunciou terem sido aceitas junto de Deus suas esmolas e suas orações. Ele acreditou e chamou Pedro para junto de si (cf At 10). Por acaso o anjo não poderia instruí-lo? O Senhor, que se dignara visitar os homens, enviou-o a Pedro, a fim de que sua fé fosse esclarecida por meio de um homem. Não desdenhou ensinar por intermédio de um homem aquele que se dignara fazer-se homem. Assim, portanto, "foi-lhe restituída sua terra". Uma parede vinha do lado dos judeus, e outra do lado dos gentios; ele seria a pedra angular a unir os dois povos, as duas paredes que vinham de lados diferentes (cf Ef 2,20).

**3** Mais uma vez, como entendemos: "Quando lhe foi restituída sua terra?" Quando sua carne ressuscitou. Então, ocorre-nos outro sentido, embora igualmente se refira a Cristo. A terra restituída seria a carne ressuscitada. Após sua ressurreição realizaram-se todos esses eventos cantados pelo salmo. Ouçamos o salmo que está repleto da alegria por causa da restituição de sua terra. O próprio Senhor nosso Deus excite em nós uma expectativa e uma alegria dignas de tão grande fato. Ele dirija nossa palavra de maneira apta a vossos corações, de tal forma que a alegria que tais espetáculos despertam em nosso coração, ele a transmita em nossa língua e desta a vossos ouvidos e em seguida a vosso coração e depois a vossas ações.

**4** "O Senhor é rei". Aquele que compareceu diante de um juiz, que recebeu tapas, foi flagelado, cuspido, coroado de espinhos, esbofeteado, suspenso no madeiro, crucificado e insultado, morreu na cruz, foi ferido com a lança, sepultado, ele mesmo ressuscitou: "O Senhor é rei". Os reinos enfureçam-se quanto puderem; que podem fazer ao Rei dos reinos, ao Senhor de todos os reis, ao Criador de todos os séculos? Ou será desprezado, por ter aparecido tão submisso, tão humilde? Foi misericórdia, não carência. Mostrou-se humilde a fim de se pôr a nossa altura. Mas, vejamos: "O Senhor é rei, exulte a terra. Alegre-se a multidão das ilhas". Assim é, porque a palavra de Deus foi anunciada não só no continente, mas também nas ilhas do meio do mar. Elas estão cheias de cristãos, de servos de Deus. O mar não constitui uma separação para aquele que fez o mar. As palavras de Deus não atingem os lugares aonde os navios têm acesso? As ilhas estão cheias. Todavia, é possível tomar figuradamente a palavra: ilhas, como sendo todas as igrejas. Por que são denominadas ilhas? Por que ao redor delas ouve-se o bramido das ondas de todas as tentações. Mas, assim como uma ilha pode ser batida de todos os lados pelo fragor das ondas, mas não se quebra, ou antes as ondas é que se quebram na praia e não vice-versa, também as igrejas de Deus, propagadas por toda a terra, sofreram perseguições dos infiéis enfurecidos, de todos os lados. E as ilhas estão firmes, e o mar em bonança. "Alegre-se a multidão das ilhas".

**5** [2] "Ele está envolvido em nuvem escura. A justiça e o direito sustentam o seu trono".

Como “está envolvido em nuvem escura?” Como “a justiça e o direito sustentam o seu trono?” Nuvem escura para os ímpios, que não o compreenderam; justiça e direito para os fiéis que nele acreditaram; os primeiros não viram por causa da soberba, os segundos mereceram ser orientados em vista de sua humildade. Escuta qual é a nuvem escura, quais a justiça e o direito. O próprio Senhor o declara: “Para julgamento é que vim a este mundo; para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos” (Jo 9,39). Que significa: “os que vêem tornem-se cegos?” Tornem-se cegos, não entendam aqueles que julgam ver, que se consideram sábios, que não pensam necessitarem de remédio. “Os que não enxergam, vejam”: os que confessam sua cegueira mereçam ser iluminados. Sejam, portanto, “envolvidos em nuvem escura” os que não o conheceram; mas aos que o confessam e se humilham, “a justiça e o direito sustentem o seu trono”. Chama de seu trono aqueles mesmos que nele acreditaram; o Senhor fez deles o seu trono, pois a Sabedoria neles se senta; pois o Filho de Deus é a Sabedoria de Deus” (cf 1Cor 1,24). Encontramos, porém, em outra passagem da Escritura a melhor prova deste modo de entender. “A alma do justo é o trono da Sabedoria” (Sb 12,13). Por conseguinte, tornaram-se justos os que nele creram; justificados pela fé, fizeram-se seu trono. Ele neles se senta, julga por meio deles, e os orienta. Por quê? Porque encontrou-os mansos, quais jumentos mansinhos, não recalcitrantes, não soberbos a sacudirem o jugo ou recusarem o castigo. Tornaram-se jumentos dele, bons e mansos e mereceram a recompensa citada em outro salmo: “Dirigirá os mansos no juízo. Ensinará aos dóceis os seus caminhos” (Sl 24,9). Em conseqüência disso, são nuvens escuras os que não são retos; os mansos, porém, terão “a justiça e o direito a sustentarem o seu trono”.

**6** [3] “Um fogo arderá a sua frente e abrasará ao redor seus inimigos”. De que fogo fala, irmãos, com esses termos: “Um fogo arderá a sua frente e abrasará ao redor seus inimigos?” Não creio que se trata do fogo em que serão lançados os ímpios após a última sentença do juiz, aos quais, separados e postos à esquerda, conforme recordamos ter sido lido no evangelho, se dirá: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). A meu ver, não se trata deste fogo. Que base tenho para esse parecer? Porque se trata de determinado fogo, que o precederá, antes que ele venha para o juízo. Pois, foi dito que será precedido por fogo que queimará tudo em redor, isto é, seus inimigos pela terra inteira. Aquele fogo será após a sua vinda, este, contudo, o precederá. Que fogo, então, é este? É possível entender do castigo dos maus, e da salvação dos justos redimidos. Como será castigado para os maus? Ao ser anunciado o Cristo, os povos se agitaram, e se abalaram, perseguindo. Sua ira foi um fogo, que mais consumia os perseguidores do que os perseguidos. Ao notarmos dois homens dos quais um está irado e o outro o suporta com paciência, qual deles queima-se mais? Julgai. É possível ver tal espetáculo entre os homens. Imaginai um homem iníquo, com o ânimo perturbado, o rosto cruel, olhos inflamados, com palavras ardentes, ser levado a matar outro, não se contendo, não se abstendo de depredações, de injúrias, de insultos; o outro pacientemente recebendo as palavras, os ferimentos, tudo o que ele quiser lhe infligir, e ao que lhe bate numa face oferecendo a outra; ao vires de um lado a fúria e de outro a

mansidão; daqui a ira, dali a paciência, daqui as chamas e dali a tolerância, terias ainda dúvidas de qual deles está queimando e sofre o suplício? É aquele que é maltratado corporalmente ou o outro com a alma devastada? Por causa disso, diz também o profeta Isaías: “E agora o fogo preparado para os teus adversários os consumirá” (Is 26,11). Que significa: “E agora?” Antes de chegar aquele dia do grande juízo, já ardem em seu furor aqueles que hão de queimar naquele fogo que causa um suplício eterno. A não ser, irmãos, que em vossa opinião, a injustiça que parte de alguém para prejudicar a outrem, atinja a quem é dirigida e não seja nociva àquele de onde parte. Como pode ser isto? Por vezes, achega-se um facho ardente à lenha úmida e verde, que não deixa o fogo pegar, no entanto o facho arde: assim acontece igualmente a teu inimigo. Se existe algum que te trama insídias, ou te opõe dificuldades, ele é injusto; tu, se fores lenha verde, isto é, se és um ramo viçoso, verde, cheio de seiva espiritual, resistirás às chamas da inimizade, rezando por aquele que te persegue; ele arde, mas tu permaneces íntegro; sua injustiça o prejudica, não a ti. A não ser que consideres prejuízo o que ataca teu corpo, conquanto a alma paciente e incorrupta chegue até Deus para ser coroada, tendo seguido o exemplo do seu Senhor que preferiu sofrer da parte dos judeus, e que apesar de poder não morrer, morreu, e de poder não nascer, nasceu. Em ti o nascimento é natural, nele é voluntário; tu hás de morrer devido a tua condição humana, e ele por misericórdia. Da mesma forma que os judeus em nada o prejudicaram, nem o inimigo perseguidor te fará mal se preferires ser membro daquela Cabeça.

**7** Já entendemos que o fogo que precede, agora indica certo castigo dos infiéis e iníquos. Vejamos também, se é possível, como denota a salvação dos remidos; pois era isso que nos propuséramos. O próprio Senhor disse: “Eu vim trazer fogo à terra” (Lc 12,49). Fogo, da mesma forma que a espada; pois em certa passagem disse que não veio trazer a paz a terra, mas a espada (cf Mt 10,34). Espada para separação, fogo para cauterização; mas ambas salutares, porque também a espada da palavra nos separou salutarmente dos hábitos maus. O Senhor trouxe a espada e separou cada fiel ou de pai que não acreditara em Cristo, ou de mãe igualmente infiel; ou certamente, se nasceu de pais cristãos, ao menos de seus antepassados. Nenhum de nós há que não tenha tido um avô, ou bisavô, ou alguma antiga origem gentílica, seguidores daquela detestável infidelidade a Deus. Fomos separados daquilo que éramos, mas a espada interveio distinguindo, sem matar. Do mesmo modo o fogo: “Eu vim trazer fogo à terra”. Arderam nele os que acreditaram, receberam o fogo da caridade; por esta razão igualmente o Espírito Santo foi enviado aos apóstolos e “apareceram umas como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles” (At 2,3). Inflamados neste fogo, começaram a ir pelo mundo, queimar e incendiar ao redor de si os seus inimigos. Quais inimigos? Os que haviam abandonado o Deus que os fizera, para adorarem os ídolos que haviam fabricado. Incendiavam os maus para serem consumidos e os bons a fim de os restaurarem. Era queimado aquele que não queria acredita, pois tendo ouvido a palavra de Deus se tornara pior e por aquele fogo era queimado, consumido, por causa de sua inveja. Se, ao contrário, se convertesse e acreditasse, nem assim deixaria de arder alguma coisa. Pois, ardia o feno, a fim de que o ouro ficasse purificado. O ouro é a fé, e o feno é a

concupiscência carnal. Diz Isaías: “Toda carne é feno, e toda a sua graça como a flor do feno” (Is 40,6). Tudo aquilo que o homem carnal deseja de vão e mundano é feno. Quantos, talvez, irmãos nossos foram ao teatro? Foram arrastados pelo feno. Não seria desejável que passassem por este fogo, a fim de que o feno seja queimado e o ouro purificado? O feno oprime toda a fé que há neles. Seria um bem arderem neste fogo santo, para que após ter sido consumido o feno, brilhe a parte preciosa, remida por Cristo. Portanto, “um fogo arderá a sua frente a abrasará ao redor seus inimigos”. Alguns foram abrasados de maneira salutar e hoje são fiéis. Eram do número de seus inimigos e agora já são fiéis. Procuras os inimigos e já não existem; foram consumidos, abrasados. A caridade consumiu os perseguidores de Cristo e purificou-os para crerem em Cristo: “E abrasará ao redor seus inimigos”.

**8** [4] “Seus relâmpagos iluminaram o orbe da terra”. Grande exultação. Não o vemos? Não é coisa manifesta? Seus relâmpagos iluminaram toda a terra. Os inimigos inflamaram-se, abrasaram-se. Ardeu toda contradição “e seus relâmpagos iluminaram o orbe da terra”. Como apareceram? Fazendo com que eles cressem. De onde vieram os relâmpagos? Das nuvens. Quais são as nuvens de Deus? Os pregadores da verdade. Vês uma nuvem no céu nebulosa, obscura, mas contendo alguma coisa escondida. Se corusca da nuvem, brila com esplendor. Desprezavas o que dali surgiu em teu pavor. Nosso Senhor Jesus Cristo, pois, enviou seus apóstolos, seus pregadores, quais nuvens. Os homens os olhavam e desprezavam-nos, tal como se vêem as nuvens e são menosprezadas até que de lá surja o relâmpago que te causa admiração. Os apóstolos, primeiramente eram homens, carnais, fracos; além disso, ignorantes, indoutos, vulgares; mas havia neles algo que podia fulgurar, que podia coruscar. Aproximava-se Pedro, o pescador; rezava e ressuscitava um morto (cf At 9,40). O aspecto humano era uma nuvem e o esplendor do milagre um relâmpago coruscante. Em palavras e obras, ao falarem e fazerem eram admiráveis. “Seus relâmpagos iluminaram o orbe da terra. A terra estremeceu ao vê-los”. Não é verdade? Toda a terra, já cristã, não clama: Amém, abalada pelos relâmpagos que surgem daquelas nuvens? “A terra estremeceu ao vê-los”.

**9** [5] “Os montes derreteram como cera na presença do Senhor”. Que montes? Os soberbos. Toda grandeza que se exalta contra Deus, diante dos feitos de Cristo e dos cristãos tremeu, sucumbiu, e quando repito a palavra acima: Derreteu não posso encontrar verbo melhor. “Os montes derreteram como cera na presença do Senhor”. Onde está a grandeza dos potentados? Onde a dureza dos infiéis? “Os montes derreteram como cera na presença do Senhor”. O Senhor apresentou-se a eles como fogo, e eles derreteram como cera na sua presença. Persistiam na dureza, até que se lhes aproximasse o fogo. Toda elevação foi aplainada e agora não ousa blasfemar contra Cristo. Também o pagão não acredita, mas não blasfema; embora não se tenha tornado pedra viva, no entanto a dureza da montanha foi superada. “Os montes derreteram como cera na presença do Senhor”. Na presença do Senhor de toda a terra”: não somente dos judeus, mas também dos gentios segundo a palavra do Apóstolo. Pois Deus não é Deus somente dos judeus, mas também dos gentios (cf Rm 3,29). Efetivamente, o Senhor de

toda a terra, nosso Senhor Jesus Cristo nasceu na Judéia. Mas não somente para a Judéia, porque antes de nascido fez a todos e quem fez a todos, todos restaurou. "Na presença do Senhor de toda a terra".

**10** [6] "Os céus anunciaram a sua justiça. Viram todos os povos a sua glória". Quais os céus que anunciaram? "Narram os céus a glória de Deus!" (Sl 18,2). Que céus? Os que se tornaram o trono de Deus. Da mesma forma que Deus se senta nos céus, assim o fazem também os apóstolos, nos pregadores do evangelho. Também tu, se quiseres, te tornarás um céu. Queres ser um céu? Purifica teu coração do que é da terra. Se não tiveres concupiscências terrenas, e não responderes em vão que tens o coração ao alto, serás um céu. O Apóstolo assim se dirige aos fiéis: "Se, pois, ressucsitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, e não as da terra" (Cl 3,1.2). Começaste a ter gosto pelas coisas do alto, e não pelas da terra; não te tornastes um céu? Tens um corpo, mas já estás de coração no céu; tua cidade está nos céus (cf Fl 3,20). Sendo assim, anuncias também tu a Cristo; pois, qual fiel cala-se a respeito de Cristo? V. Caridade esteja atenta. Pensais que nós apenas, aqui de pé, anunciamos a Cristo e vós não? Como se explica que nos procurem, com desejo de se tornarem cristãos, alguns que nunca vimos, que não conhecemos, aos quais jamais pregamos? Teriam crido sem que ninguém lhes anunciasse o Cristo? Fala o Apóstolo: "E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador"? (Rm 10,14). Com efeito, a Igreja inteira anuncia Cristo, e os céus anunciam sua justiça. Todos os fiéis que cuidam de ganhar para Deus aqueles que ainda não acreditaram e fazem-no por amor, são céus. Deus, por intermédio deles, faz trovejar o terror de seu juízo; treme o que era infiel, sente pavor, acredita. Mostrai aos homens o que pôde Cristo fazer na terra inteira; falai, levai-os ao amor de Cristo. Quantos hoje levaram seus amigos ao pantomimo, ou ao flautista e aos coros? Como, senão porque os amam? Também vós, amai a Cristo. Aquele que venceu o mundo e que ninguém pode acusar de qualquer culpa, exibiu tantos espetáculos! Acontece, porém, às vezes no teatro que alguém perde na torcida. Ninguém perde relativamente a Cristo. Não tem de que se envegonhar. Arrastai, levai, atrai todos os que puderdes. Ficai tranqüilos, porque os levais àquele que nunca desagrada aos assistentes; e pedi-lhe que os ilumine, para assistirem bem. "Os céus anunciaram a sua justiça. Viram todos os povos a sua glória".

**11** [7] "Sejam confundidos todos os que adoram ídolos". Não foi isso que aconteceu? Não ficaram confundidos? Não se coram diariamente? Imagens esculpidas são os ídolos, obra das mãos dos homens. Por que são confundidos os que adoram estas imagens esculpidas? Porque todos os povos viram a glória de Cristo. Já confessam todos os povos a glória de Cristo; corem-se os que adoram pedras. Aquelas pedras eram mortas e nós encontramos a pedra viva. Ou antes, aquelas pedras nunca tiveram vida, e por isso não se pode dizer que morreram. Ao contrário, nossa pedra é viva, sempre viveu junto do Pai, e tendo morrido por nossa causa ressurgiu, agora vive, e a morte não o dominará mais (cf Rm 6,9). Os povos reconheceram-lhe tal glória; abandonam os templos e acorrem às igrejas. "Sejam confundidos todos os que adoram ídolos". Ainda tentam

adorar ídolos? Eles não quiseram abandonar os ídolos; estes os deixaram. “Sejam confundidos todos os que adoram ídolos e os que se gloriam de seus simulacros”. Mas aparece não sei quem para disputar, pensando que é sábio e diz: Não adoro aquela pedra, nem aquela estátua sem sensibilidade. Não foi apenas vosso profeta que pôde saber que eles têm olhos e não vêem (cf Sl 113,5); também eu sei que aquela estátua não tem alma, não vê com seus olhos, nem ouve com seus ouvidos. Não a adora, mas adoro o que vejo e sirvo aquele que não vejo. Quem é ele? Uma divindade invisível, responde ele, que preside àquele simulacro. Dando assim satisfação a respeito de seus simulacros, pensam que são espertos, que não adoram ídolos e no entanto cultuam os demônios. De fato, irmãos, segundo a palavra do Apóstolo: “Aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios, pois sabemos que o ídolo nada é”. O próprio Apóstolo o disse: “Sabemos que um ídolo nada é, mas aquilo que os gentios imolam eles o imolam a demônios e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios” (1Cor 10,19.20; 1Cor 8,4). Não tirem, pois, daí razões para se escusarem, como se não se devotassem a ídolos insensíveis; mais perigoso ainda é terem antes se devotado aos demônios. Pois, se apenas cultuassem os ídolos, estes assim como não os auxiliariam, tampouco os prejudicariam; mas se adoras e serves os demônios, eles serão teus senhores. E como serão esses teus senhores? Cheios de inveja. Necessariamente invejarão a tua liberdade, sempre procurarão apossar-se de ti, sempre te tornar tal que possam eles te arrastar consigo. Estes maus espíritos possuem entranhada malevolência e maldade para prejudicar. Alegram-se com o mal que infligem aos homens e se fartam de nos enganar, se o conseguem. Qual o seu fito? Não procuram súditos eternos, mas quem possa ser condenado eternamente com eles, assim como costuma um malévolo ladrão acusar um inocente. Acaso se for queimado vivo, queimará menos se forem dois a arder? Morrerá menos, se forem dois a morrer? O castigo não lhe é diminuído, mas sua malevolência se satisfaz. Morra comigo. Não diz que morrerá menos, mas sente alívio com o mal de outrem. Assim é o diabo. Quer seduzir aqueles que serão punidos com ele. Como não pode enganar a Deus ao julgar (não denuncia perante ele um inocente), e querendo ter verdadeiros crimes para denunciar, persua-de o homem a pecar. Eis os senhores que arrajam para si os que cultuam os ídolos e demônios: “Aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios”.

**12** Quanto a nós, que Deus temos? Escutai como continua o salmo. Tendo dito: “Sejam confundidos todos os que adoram ídolos e os que se gloriam de seus simulacros”, tem em vista que não haja alguns que de certo modo se escusam a respeito dos simulacros e declarem: Não cultua-mos pedras, mas divindades. Que divindades adorais: dize-me. Cultuas os demônios, ou espíritos bons, como os anjos? Existem, de fato, anjos santos e espíritos malignos. Afirmo que em teus templos são adorados apenas os espíritos malignos; aqueles que exigem sacrifícios oferecidos a si orgulhosamente, e querem ser adorados como deuses são malignos, são soberbos. Tais são igualmente os maus, que procuram a própria glória e desprezam a glória de Deus. Observai, porém, os santos; são

semelhantes aos anjos. Ao encontrares algum santo servo de Deus, se quiseres cultuá-lo e adorá-lo, em lugar de Deus, ele te impedirá. Não quer arrogar-se a honra, devida a Deus, não quer ser tido por Deus, e sim estar contigo submisso a Deus. Assim agiram os santos apóstolos Paulo e Barnabé. Eles pregavam a palavra de Deus na Licaônia. Tendo realizado alguns milagres, os cidadãos desta região trouxeram-lhes vítimas e quiseram sacrificá-las em sua honra, chamando Barnabé de Júpiter e Paulo, de Mercúrio. Eles não se deleitaram com isso. Acaso não quiseram que fossem imoladas em sua honra, por detestarem serem comparados aos demônios? Não; mas porque tiveram horror de que os homens lhes prestassem honras divinas. Indicam-no suas próprias palavras. Não é opinião nossa. Segue a leitura do texto do mesmo livro, que narra como eles se assustaram: "Então os apóstolos Paulo e Barnabé rasgaram as vestes, clamando: Amigos, que fazeis: Nós também somos homens, passíveis da mesma sorte que vós" (At 14,13.14). Atenção. Do mesmo modo que os bons impediram aqueles que queriam adorá-los como deuses, e preferiram fosse cultuado o Deus único, fosse o Deus único adorado, ao Deus único se oferecesse sacrifício e não a si, assim igualmente todos os santos anjos buscam a glória daquele a quem amam. Eles se aplicam a levar a seu culto, a sua adoração, a sua contemplação todos os que eles amam e que nisso se inflamem. Sendo soldados, nada mais sabem que procurar a glória de seu imperador. Se, porém, procurassem a própria glória, seriam condenados como tiranos. Tal aconteceu ao diabo e aos demônios, isto é, a seus anjos: arrogou para si e para todos os demônios as honras divinas. Encheu o templo dos pagãos e persuadiu-os a fabricarem ídolos e a lhe oferecerem sacrifícios. Não seria preferível que cultuassem os anjos santos a cultuarem os demônios? Eles respondem: Não adoramos os demônios perversos; adoramos aqueles que chamais de anjos, poderes do grande Deus e ministros do grande Deus. Oxalá quisésseis adorá-los: facilmente eles vos dissuadiriam de adorá-los. Ouvi um anjo ensinar. Um anjo instruía a certo discípulo de Cristo e mostrava-lhe muitos milagres, no Apocalipse de João. Ele, porém, diante da visão miraculosa que lhe era mostrada apavorou-se, e prostrou-se aos pés do anjo. O anjo, que não procurava senão a glória de seu Senhor, disse: "Levanta-te. O que fazes? "É a Deus que deves adorar! Sou servo como tu e como teus irmãos" (Ap 9,10). E, então, meus irmãos? Ninguém diga: Receio que o anjo se irrite contra mim porque não o adoro como meu deus. Ele se irritará se o quiseres adorar, pois ele é bom e ama a Deus. Os demônios se encolerizam quando não são adorados, mas os anjos ficam indignados se são adorados em vez de Deus. Mas, a fim de que não suceda que um coração fraco, um coração medroso, diga a si mesmo: Então se os demônios se encolerizam por não serem adorados, tenho medo de ofendê-los. Que te pode fazer até mesmo o príncipe dos demônios, o diabo? Se pudesse alguma coisa, nenhum de nós subsistiria. Porventura as bocas dos cristãos não proferem diariamente contra ele tantas palavras e não cresce a messe dos cristãos? Quando um péssimo escravo teu te aborrece, não o chamas com esse nome: Satanás, diabo? Assim lhe gritas. Talvez nisso erres, porque o dizes a um homem, e por imoderada ira és arrastado a injuriar a imagem de Deus; no entanto escolhes para lhe dizer o que mais detestas. Se o diabo pudesse, não se vingaria? Mas não lho é permitido. E só o faz

quando lhe é permitido. Pois, também quis tentar a Jó, e pediu poder para isso; e nada faria, se não o recebesse (cf Jó 1,11). Então, por que não adoras bem tranqüilo a Deus, sem cuja vontade ninguém te faz mal, e com cuja permissão és corrigido, mas não derrubado? Se agradar ao Senhor teu Deus permitir que alguém te prejudique, ou algum espírito te cause dano, ele te corrige a fim de clamares por ele: “O Senhor me castigou duramente, mas não me entregou à morte” (Sl 117,18). Portanto, “sejam confundidos todos os que adoram ídolos e os que se gloriam de seus simulacros. Adorai-o, vós todos os seus anjos”. Aprendam os pagãos como adorar a Deus. Eles querem adorar os anjos; imitem os anjos, e adorem aquele que os anjos adoram. “Adorai-o, vós todos, anjos seus”. Adore como o anjo que foi enviado a Cornélio (cf At 10,3ss); enquanto adorava, mandou a Cornélio que chamasse Pedro. Servo como Pedro, adore a Cristo, Senhor de Pedro. “Adorai-o, vós todos, anjos seus”.

**13** [8] “Sião ouviu e regozijou-se”. Que foi que Sião ouviu? Que todos os anjos o adoram. Que ouviu Sião? Eis o que ouviu: “Os céus anunciaram a sua justiça. Viram todos os povos a sua glória. Sejam confundidos todos os que adoram ídolos e os que se gloriam de seus simulacros”. Com efeito, a Igreja ainda não se propagara entre os gentios. Na Judéia havia fiéis dentre os judeus, e eles pensavam que eram os únicos pertencentes a Cristo. Os apóstolos foram enviados aos gentios, foi pregado o evangelho a Cornélio; Cornélio acreditou, foi batizado, e foram igualmente batizados os que estavam com Cornélio. Mas sabeis o que foi feito para que eles fossem batizados. O leitor ainda não chegou a este ponto, contudo alguns disso se recordam; e os que não se lembram, ouçam de mim rapidamente. O anjo foi enviado a Cornélio, e enviou Cornélio a Pedro; Pedro veio até Cornélio. E como Cornélio era gentio, ele e os que estavam em sua casa, não eram circuncisos. Que Pedro não hesitasse transmitir o evangelho a incircuncisos. Antes que fossem batizados Cornélio e os seus, veio o Espírito Santo, encheu-os e eles começaram a falar várias línguas. Até então o Espírito Santo não descera sobre ninguém que não fosse batizado; sobre estes, porém, desceu antes do batismo. Pois, seria possível que Pedro duvidasse batizar incircuncisos; veio o Espírito Santo e começaram a falar em línguas. Foi concedido o dom invisível e dissipou a dúvida acerca do sacramento visível; todos foram batizados. Tens ali escrito: “Todavia, os apóstolos e os irmãos da Judéia souberam que os gentios haviam recebido a palavra de Deus, e bendiziam a Deus”. É isto que é relembrado aqui: “Sião ouviu e regozijou-se. E as filhas de Judéia exultaram”. Que foi que “ouviu Sião e regozijou-se? Que os gentios haviam recebido a palavra de Deus”. Aparecera uma parede, mas ainda não se formara o ângulo. Propriamente é aqui denominada Sião a Igreja que estava na Judéia. “Sião ouviu e regozijou-se e as filhas da Judéia exultaram”. Assim está escrito: “Os apóstolos e os irmãos da Judéia souberam”. Vede se não “exultaram as filhas da Judéia”. Que vieram a saber? “Que os gentios haviam recebido a palavra de Deus”. Onde o disse o presente salmo? “Os céus anunciaram a sua justiça. Viram todos os povos a sua glória”. E como acreditaram os gentios que adoraram os ídolos, continua: “Sejam confundidos todos os que adoram ídolos e os que se gloriam de seus simulacros. Sião ouviu e regozijou-se e as filhas da

Judéia exultaram". Depois alguns dos circuncisos quiseram caluniar Pedro e disseram-lhe: "Entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles!" Pedro, porém, explicou-lhes o motivo, como ao orar aparecera-lhe um prato sustentado por uma toalha, presa pelas quatro pontas. Aquele prato continha todos os animais, que representavam todos os povos. As quatro pontas presas eram figura das quatro partes da terra, de onde viriam os povos; por isso, os quatro evangelhos anunciam o Cristo, a fim de demonstrar que a sua graça pertence às quatro partes da terra. Pedro, que tivera tal visão, indicou-lhes, explicou-lhes tudo: como Cornélio acreditou e que antes de ser batizado esse pagão, veio sobre ele o Espírito Santo. Tendo ouvido isso, calaram e deram glória a Deus nesses termos: "Deus, portanto, concedeu também aos gentios a conversão que conduz à vida!" (cf At 11,1-18). Eis: "Sião ouviu e regozijou-se e as filhas da Judéia exultaram, Senhor, à vista de teus juízos". Quais? Que Deus não faz acepção de pessoas. Pois, o próprio Pedro tendo visto que o centurião Cornélio e os seus, ficaram repletos do Espírito Santo exclamou: "Verifico que Deus não faz acepção de pessoas". Portanto, "as filhas da Judéia exultaram, Senhor, à vista de teus juízos". Que significa: "à vista de teus juízos?" Porque "em qualquer nação" e em qualquer povo, quem o servir, "lhe é agradável" (cf At 10 e 11). Pois, Deus não é apenas dos judeus, mas também dos gentios.

**14** [9] Vede se não têm razão de exultar as filhas da Judéia. "E as filhas da Judéia exultaram, Senhor, à vista de teus juízos. Porque tu és, Senhor, o Altíssimo sobre toda a terra". Não apenas sobre a Judéia, nem somente sobre Jerusalém, nem sobre Sião apenas, mas "sobre toda a terra". Os juízos de Deus foram válidos em toda a terra, de sorte que em toda a parte os povos foram convocados. Os que se separaram, não têm comunicação com eles. Não ouvem a predição, nem vêem a realização: "Porque tu és, Senhor, o Altíssimo sobre toda a terra. Elevado muito acima de todos os deuses". Por que "muito acima?" Trata-se de Cristo. Que quer dizer: "muito acima", senão igual ao Pai? Que é: "acima de todos os deuses?" Quem são eles? Os ídolos que não têm sensibilidade, não têm vida. Os demônios percebem, têm vida; mas são malvados. Que importância há em ser Cristo elevado acima de todos os ídolos? Elevado muito acima de todos os demônios. Mas isto também não tem muita importância. Os demônios, de fato, são os deuses dos gentios (cf Sl 95,5), mas ele está elevado muito acima de todos os deuses. Os homens também são chamados deuses: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo"; e ainda foi escrito: "Deus está de pé na assembléia dos deuses e no meio deles institui seu julgamento" (Sl 81,6.1). Acima de todos está exaltado Jesus Cristo nosso Senhor; não somente sobre os ídolos, nem somente sobre os demônios, mas ainda sobre todos os homens justos. E isto ainda é pouco; igualmente acima de todos os anjos; pois, qual a razão da palavra: "Adorai-o, vós todos, anjos seus? Elevado muito acima de todos os deuses".

**15** [10] Que fazemos todos que nos reunimos com ele, com aquele que é elevado muito acima de todos os deuses? Ele nos deu um breve preceito: "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno". Não é consentâneo amar juntamente com Cristo a avareza. Tu o amas; deves odiar o que ele odeia. Suponhamos que tens um inimigo, que é homem, o

mesmo que tu. Fostes criados pelo mesmo Criador, numa mesma condição humana; e no entanto, se teu filho fala com teu inimigo, vai a sua casa, tem assíduas conversas com ele, queres deserdá-lo, porque fala com teu inimigo. Como? Pensas que proferes uma palavra justa: És amigo de meu inimigo, e queres algo de meus bens! Por isso, atende o que digo. Amas a Cristo. A avareza é inimiga de Cristo. Por que fala com ela? Não digo: Falas com ela; por que queres servi-la? Pois, Cristo ordena muitas coisas e não fazes; a avareza manda e fazes. Cristo ordena que vistas o pobre e não o praticas; a avareza manda que cometas uma fraude e preferes cometê-la. Se as coisas correm assim, se és desses tais, não esperes muito a herança de Cristo. Mas respondes: Amo a Cristo. "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno". Revela-se que amas o que é bom, se mostras odiar o mal: "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno".

**16** Mas ao começarmos a odiar o maligno, conseqüentemente vêm as perseguições. Odiamos o maligno. Propõe-nos um perseguidor: comete uma fraude. Dize-nos: Adora o ídolo. Fala-nos: Oferece incenso aos demônios. Mas nós ouvimos a palavra: "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno". Ouvimos, de fato, mas se não atendermos, o maligno se enfurece. Até onde vai seu furor? Que pode tirar? Responde: Porque és cristão? Por causa da herança eterna, ou para alcançar uma felicidade terrena? Interroga tua fé, põe tua alma no palanque de tua cons-ciência, atormenta-te com o temor do juízo, responde em que é que acreditaste, por que acreditaste. Replicas: Acreditei em Cristo. Que te prometeu Cristo, a não ser aquilo que mostrou em si mesmo? Que demonstrou em si? Morreu, ressuscitou, subiu ao céu. Queres segui-lo? Imita a paixão, espera a promessa. Que pode te tirar o maligno enfurecido, ao começares a odiá-lo e amar o Senhor? Que te arrebatará? O patrimônio. Será o céu? Enfim, que tire tudo o que Deus te deu. De fato, não tira, se Deus não quiser; se ele quiser, porém, arrebata o que Deus deu. Contanto que Deus não se aparte de ti. Ninguém pode tirar-te Deus, mas tu és que o afastas, se foges dele.

**17** Talvez respondas: Não me preocupo com meu patri-mônio: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou"; posso acrescentar: Como agradou ao Senhor, assim se fez" (Jó 1,21), mas tenho medo de que me mate. Isto é o máximo. Escuta, então, o consolo que dá o salmo: "O Senhor vela pelas almas de seus justos". Tendo dito mais acima: "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno", a fim de não teres medo de odiar o maligno, para que não te mate, logo acrescentou: "O Senhor vela pelas almas de seus servos". Nota como ele guarda as almas de seus servos, pois diz: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28). Mata o corpo aquele que puder te fazer muito mal. Que te fez? O mesmo que ao Senhor teu Deus. Porque gostarias de ter o mesmo que Cristo, se tens medo de sofrer igual a ele? Ele vem tirar-te a vida temporal, fraca, sujeita à morte. Teme, sem dúvida, a morte, mas se puderes não morrer. O que não podes evitar naturalmente, por que não aceitas por causa de tua fé? O adversário, que te ameaça, tire-te esta vida, mas Deus te dará outra vida. Ele mesmo te deu a vida presente, e se quiser, nem esta será retirada; se, porém, quiser que te seja tirada ele tem o que mudar em ti; não receies ser espoliado por causa dele. Não queres tirar esta veste

maltrapilha? Ele te dará a veste da glória. Que veste é esta, perguntas-me? "Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade" (1Cor 15,53). Tua própria carne não perecerá. O inimigo pode se enfurecer até a morte; além disso não tem poder, nem sobre a alma, nem sobre o próprio corpo; porque mesmo que mutile o corpo não impede a ressurreição. Os homens tinham medo a respeito de sua vida; que lhes disse o Senhor? "Até mesmo os vossos cabelos foram todos contados" (Mt 10,30). Temes perder a vida, se não perdes os cabelos? Para Deus tudo está contado. Ele restaurará tudo, ele que tudo criou. As coisas não existiam e foram criadas; existiam e não serão reparadas? Acreditai, portanto, de todo o coração, meus irmãos e "vós que amais o Senhor, detestai o maligno". Sede fortes, não somente no amor a Deus, mas ainda no ódio ao maligno. Ninguém vos atemorize. É mais poderoso aquele que vos chamou, ele é onipotente. É mais forte que todos os fortes, superior a todos os seres excelsos. O Filho de Deus morreu por nossa causa; tenha certeza de receberes em ti sua vida, pois tens por penhor a sua morte. Por quem morreu ele? Acaso pelos justos? Interroga a Paulo. "Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios" (Rm 5,6). Eras ímpio, e ele morreu por ti; estás justificado, ele te abandonará? Quem justificou o ímpio, desamparará o piedoso? "Vós que amais o Senhor, detestai o maligno". Ninguém se atemorize: "O Senhor vela pelas almas de seus servos e livra-las-á das mãos do pecador".

**18** [11] Mas talvez dirás: Perco esta luz. "Resplandece a luz para o justo". Que luz estás receando perder? Tens medo de ficar no escuro? Não tenhas medo de perder a luz, ou antes teme que, ao te acuatelares para não perder esta luz, percas a verdadeira luz. A luz que temes perder, sabemos a quem é dada, com quem ela te é comum. Por acaso somente os bons vêem este sol, quando Deus faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos? (cf Mt 5,45). Os iníquos contigo contemplam esta luz, vêem contigo os ladrões, vêem-na contigo os impudicos, vêem-na contigo os animais, as moscas, os vermezinhos. Qual a luz que ele reserva para os justos, aquele que dá a luz visível a todos estes? Com razão, os mártires pela fé contemplaram esta luz. Tendo desprezado a luz visível, contemplaram outra luz que desejaram os que menosprezaram a primeira. "Resplandeceu a luz para o justo e para os corações retos surgiu a alegria". Não penses que verdadeiramente estavam na miséria aqueles que andavam presos com cadeias. O cárcere se alargou para os fiéis, e eles foram as cadeias aos que confessaram a fé. Tinham alegria nas camas de ferro aqueles que anunciavam a Cristo no meio dos tormentos. "Resplandeceu a luz para o justo". Que luz resplandeceu para o justo? Aquela que não nasce para o injusto; não esta luz que Deus faz nascer para bons e maus. Existe outra luz que resplandece para o justo; desta luz que não nasce para eles, dirão no fim os injustos: "Sim, extra-viamo-nos do caminho da verdade; para nós não nasceu o sol, a luz da justiça não brilhou para nós" (Sb 5,6). Eis que amando este sol, ficaram a jazer nas trevas do coração. Que lhes serviu terem visto esta luz com seus olhos, e não verem com a mente a outra? Tobias era cego, e ensinava ao filho o caminho de Deus. Conheceis isto. Tobias admoestava o filho: "Filho, toma de teus bens para dar

esmola. A esmola impede que se caia nas trevas" (Tb 4,7.10). Quem falava estava nas trevas. Verificais como existe outra luz que resplandece para o justo, e uma alegria que surge para os corações retos? Não tinha visão e dizia ao filho: "Toma de teus bens para dar esmola. A esmola impede que se caia nas trevas". Não teve receio de que dissesse seu filho no próprio coração: Então, não fizeste esmolas? Por que me falas assim, estando cego? Eis que as esmolas te levaram à cegueira e como afirmas: "A esmola impede que se caia nas trevas?" Por que ele afirmava isto com confiança, senão porque contemplava outra luz? O filho segurava a mão do pai a andar; mas o pai ensinava ao filho o caminho para que vivesse. Existe, portanto, outra luz, que resplandece para o justo: "Resplandeceu a luz para o justo, e para os corações retos surgiu a alegria". Queres conhecê-la? Sê reto de coração. Que significa: Sê reto de coração? Não tenhas o coração torto perante Deus, resistindo a sua vontade, querendo dobrá-lo à tua, em vez de te corrigires conforme o seu querer. Sentirás, então, a alegria que conhecem todos os que têm o coração reto. "Resplandeceu a luz para o justo e para os corações retos surgiu a alegria".

**19** [12] "Alegrai-vos, ó justos". Talvez os fiéis ao ouvirem dizer: Alegrai-vos, comecem a pensar em banquetes, preparem cálices, esperem um tempo de rosas, porque foi dito: "Alegrai-vos, ó justos". Mas, observa como continua o salmo: "no Senhor. Alegrai-vos, ó justos, no Senhor". Esperas a primavera para te alegrares. Põe no Senhor a tua alegria. O Senhor está sempre contigo. Para ele não há tempo; tu o tens de noite, tu o tens de dia. Sê reto de coração e sempre estará contigo a alegria que ele traz. A alegria, segundo o mundo, não é verdadeira alegria. Escuta o profeta Isaías: "Mas para os maus não há alegria, diz o Senhor" (Is 48,22; 57,21). O que os ímpios denominam alegria não o é. Que espécie de alegria conhecia aquele que censurava este gozo? Acreditemos nele, irmãos. Era homem, mas conhecia as duas espécies de gozo. Efetivamente, conhecia o prazer da bebida porque era homem, conhecia o prazer da mesa, do leito, conhecia todos esses prazeres mundanos e sensuais. Ele que os conhecia, disse com certeza: "Para os maus não há alegria, diz o Senhor". Mas não é um homem quem o diz: "Diz o Senhor", segundo a veracidade do Senhor: "Para os maus não há alegria". Pois, eles pensam que se alegram: "Para os maus não há alegria, diz", não um homem, "mas o Senhor". Por este motivo, o profeta vendo este mesmo gaúdio, disse: "Não desejei o dia dos homens, tu o sabes" (Jr 17,16). Fizeste-me não desejar o dia dos homens tu que me mostras outro dia, que me ensinas haver outra luz, que infundes em mim outra alegria, que me insinuas interiormente outra coisa. De fato, Isaías via os homens na embriaguez, na devassidão, nos teatros, nos espetáculos, e o mundo todo entregue licenciosamente a várias futilidades e, no entanto, clamava: "Para os maus não há alegria, diz o Senhor". Se nisto não consiste a alegria, qual o regozijo que contemplava, em comparação do qual tudo isso não é prazer? Seria como se tu conhecesses o sol, e dirias a alguém que o louvasse: Isto não é luz. Por que não é luz? Ele tem pelo sol o maior apreço, alegra-se a sua vista, exulta, e tu dizes: Isso não é luz. Ou se alguém se admira-se ao ver uma macaca, e tu lhe dissesses: Não é bonita. E se ele, talvez, observasse a disposição dos membros deste

animal e se admirasse de sua boa estrutura, tu que conheces outro tipo de beleza, discordasses: Não é bonita. Por quê? Por que conheces outra espécie de beleza. Mas replicas: Não vejo a luz que Isaías via. Crê e verás. Talvez não tenhas recursos para vê-la; existem olhos que vêem aquela beleza. Os olhos do coração que contemplam aquela alegria difere dos olhos carnais que vêem a luz do sol. Talvez os olhos do coração estejam sujos, manchados, perturbados pela ira, pela avareza, pela ambição, pelo prazer insensato; o olho turvado não te deixa ver aquela luz. Crê antes de veres: serás curado e verás. "Resplandeceu a luz para o justo e para os corações retos surgiu a alegria".

**20** "Alegrai-vos, ó justos, no Senhor e celebrai a memória de sua santidade". Já alegres no Senhor, jubilosos no Senhor, confessai a ele: pois, se não quisesse não nos alegraríamos nele. Pois declarou o mesmo Senhor: "Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações" (Jo 16,33). Se sois cristãos, esperai tribulações neste mundo; não fiqueis na expectativa de tempos mais tranqüilos e melhores. Irmãos, não vos enganeis. Não queirais fazer-vos promessas que o evangelho não fez. Sabeis como se exprime o evangelho. Falamos a cristãos. Não devemos ser prevaricadores da fé. O evangelho afirma que nos últimos tempos serão abundantes muitos males, muitos escândalos, muitas tribulações, muitas iniqüidades; aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. "O amor de muitos esfriará" (Mt 24,3-13). Quem tiver, portanto, com perseverança um espírito ardente, segundo a expressão do Apóstolo: "fervorosos de espírito", não deixará esfriar seu amor; pois, o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 12,1; 5,5). Ninguém, portanto, prometa a si mesmo o que o evangelho não promete. Eis que virão tempos melhores, farei isto, cumpro aquilo. É melhor para ti atenderes àquele que não se engana, nem engana os outros, que te prometeu alegria, não na terra, mas em si; e quando passarem todas essas coisas, esperes reinar com ele eternamente. Não suceda que, desejando reinar aqui na terra, não encontres alegria nem aqui nem na eternidade.

# SALMO 97

## SERMÃO AO POVO

**1** [1] "Cantai ao Senhor um cântico novo". O homem novo sabe cantar, o homem velho não. Velho homem é a vida antiga, e homem novo é a vida nova. A vida antiga vem de Adão, e a nova se forma em Cristo. Este salmo convida a terra inteira a cantar o cântico novo. Mais claramente o diz outra passagem: "Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira" (Sl 95,1), a fim de que entendam os que se separam da comunhão com a terra inteira que não podem cantar o cântico novo, porque o cântico novo se canta em toda a terra e não só numa parte dela. Prestai atenção ao que se diz aqui e vede que também o afirma. Ao se convidar toda a terra a cantar o cântico novo, compreende-se que a paz canta o cântico novo. "Cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele fez maravilhas". Quais? Acabamos de ler o evangelho, e ouvimos narrar os milagres do Senhor. Era transportado num esquife um morto filho único de sua mãe, que era viúva. Compadecido, o Senhor os fez parar; puseram o esquife no chão. Disse-lhe, então, o Senhor: "Jovem, eu te ordeno, levanta-te!" E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe (cf Lc 7,12-15). Eis maravilhas que o Senhor fez; mas muito maiores maravilhas são ressurgirem muitos da morte eterna em toda a terra do que ressuscitar o filho único de mãe viúva. Por conseguinte, "cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele fez maravilhas". Quais? Escuta: "Restaurou-o para si a sua direita e o seu braço santo". Qual é o braço santo do Senhor? Nosso Senhor Jesus Cristo. Escuta Isaías: "Quem creu naquilo que ouvimos e a quem se revelou o braço do Senhor"? (Is 53,1). Braço santo, portanto, e sua direita são ele mesmo. Com efeito, nosso Senhor Jesus Cristo é o braço de Deus e a direita de Deus; por isso, diz o salmo: "Restaurou para si". Não disse apenas: Restaurou o orbe da terra a sua direita, mas: "Restaurou para si". Muitos, de fato, se curam para si, não para ele. Quantos desejam a saúde corporal e recebem-na dele; são curados por ele, e não curados para ele? Como são curados por ele e não para ele? Recuperada a saúde, entregam-se à lascívia; enquanto estavam doentes eram castos, mas curados tornam-se adúlteros. Enquanto doentes não causavam prejuízo a ninguém, recuperadas as forças tornam-se invasores e opressores dos inocentes. Foram curados, mas não para ele. Quem é curado para ele? Aquele que é curado interiormente. Quem é que é curado interiormente? Quem acredita em Cristo de tal sorte que depois de interiormente curado, e reformado para se tornar um homem novo, adoece por algum tempo sua carne mortal, a fim de receber no fim dos tempos a saúde integral. Sejamos, portanto, curados para ele. E para sermos curados para ele, acreditemos em sua direita, porque "restaurou-o para si a sua direita e o seu braço santo".

**2** [2] "Manifestou o Senhor a sua salvação". Identifiquem-se direita, braço e salvação de

nosso Senhor Jesus Cristo, do qual foi dito: “E toda carne verá a salvação de Deus” (Lc 3,6). Sobre ele disse também aquele Simeão que tomou o menino nos braços: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,28-30). “Manifestou o Senhor a sua salvação”. A quem manifestou? A uma parte da terra, ou ao universo? Não foi só a uma parte qualquer. Ninguém engane, ninguém induza em erro, ninguém diga: “Olha o Messias aqui! ou: ali!” (Mt 24,23). Quem fala: “Olha aqui, olha ali”, mostra uma parte da terra. A quem “manifestou o Senhor a sua salvação?” Ouve a continuação: “Aos olhos das nações revelou a sua justiça”. Direita de Deus, braço de Deus, salvação de Deus e justiça de Deus: nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

**3** [3] “Recordou-se de sua misericórdia para com Jacó e de sua verdade para com a casa de Israel”. Que quer dizer: “Recordou-se de sua misericórdia e de sua verdade?” Compadeceu-se para prometer. Como prometeu e mostrou misericórdia, veio em seguida a verdade. A misericórdia precedeu a promessa, a promessa trouxe a realidade. “Recordou-se de sua misericórdia para com Jacó e de sua verdade para com a casa de Israel”. Como? Só para com Jacó e apenas para com a casa de Israel? A casa dos judeus e a descendência de Abraão segundo a carne habitualmente são denominadas casa de Israel, e Israel é Jacó. Pois, Jacó é filho de Isaac, Isaac, porém, filho de Abraão. Portanto, Jacó é neto de Abraão; e de Jacó nasceram doze filhos, e dos doze filhos descende toda a raça judaica. Porventura somente a ela foi prometido o Cristo? Se examinas o que é Israel, foi a Israel que Cristo foi prometido. Israel significa aquele que vê a Deus. Vemos em imagem, se agora vemos pela fé. Nossa fé tenha olhos, e a verdade da fé se revelará. Creiamos naquele que não vemos e alegres veremos. Desejemos aquele que não vemos e fruiremos de sua visão. Portanto, também agora Israel vê pela fé; no fim, porém, haverá Israel na realidade, face a face. Não em espelho, e de maneira confusa (cf 1Cor 13,12), mas conforme disse João: “Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1Jo 3,2). Preparai vossos corações para esta visão, vossas almas para essa elegria. Seria como se Deus quisesse mostrar-nos o sol, e nos admoestasse a prepararmos os olhos carnais; mas como se digna mostrar-vos a realidade de sua sabedoria, preparai os olhos do coração. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). “Recordou-se de sua misericórdia para com Jacó e de sua verdade para com a casa de Israel”. Quem é este Israel? Visando a que não penses apenas no povo dos judeus, escuta o que segue: “Viram todos os confins da terra a salvação de nosso Deus”. Não disse: toda a terra, mas: “todos os confins da terra”, assim como se diz: de um termo a outro. Ninguém divida, ninguém dissipe; é forte a unidade de Cristo. Deu tamanho preço para comprar o todo: “Viram todos os confins da terra a salvação do nosso Deus”.

**4** Uma vez que viram, “jubilai diante de Deus, terra inteira”. Já sabeis o que é jubilar. Alegrai-vos e falai. Se não podeis explicar vossa alegria, jubilai; o júbilo exprima vosso gaúdio, se não o pode a linguagem. Não seja um gáudio mudo. O coração não cale a

respeito de seu Deus, não cale seus dons. Se falas a ti mesmo, és curado para ti; mas se te curou a sua direita, fala àquele para quem foste curado. “Viram todos os confins da terra a salvação de nosso Deus. Jubilai diante de Deus, terra inteira. Cantai, exultai, salmodiai”.

**5** “Entoai salmos ao Senhor nosso Deus na cítara e à cítara uni a voz dos salmos”. Salmodiai, não apenas com a voz; empreendei obras, a fim de não vos limitardes a cantar, mas além disso praticardes boas obras. Quem canta e trabalha, salmodia com a cítara e o saltério.

**6** [6] E olha que instrumentos vêm em seguida, para servir de termo de comparação: “Com trombetas dúcteis e sons de corneta”. Que representam essas trombetas dúcteis e cornetas? As trombetas dúcteis são de bronze e são fabricadas com batidas. Se, pois, fabricam-se batendo, são açoitadas. Sereis trombetas dúcteis, produzidas para o louvor de Deus, se progredis com as tribulações. A tribulação é uma batida; o resultado é a produção da trombeta. Jó era uma trombeta dúctil. Ferido repentinamente por tantos danos e pela morte dos filhos tornou-se, pelas batidas de tantas tribulações, uma trombeta dúctil e emitiu este som: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme agradou ao Senhor assim se fez”. Bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Como resoou! Que som suave emitiu! Esta trombeta dúctil ainda é batida; foi entregue ao poder de Satanás, a fim de que este ferisse a carne de Jó; foi ferida, começou a grangrenar, a encher-se de vermes. Além disso, aproximou-se Eva para seduzi-lo, sua mulher, preservada para servir o diabo, não para alívio do marido, lhe sugeriu uma blasfêmia; ele não a atendeu. Adão obedeceu a Eva no paraíso (cf Gn 3,6); Adão no meio do esterco repeliu Eva. Pois, Jó estava sentado no esterco e estava coberto de vermes e grangrenado. Jó putrefacto no esterco era melhor do que Adão íntegro no paraíso. Mas, a mulher ainda era Eva, enquanto Jó não era mais Adão. Respondeu a Eva preparada para vencê-lo e tentá-lo. Eis que agora ouvimos como foi batida esta trombeta. O diabo o feriu da cabeça aos pés com graves úlceras e, putrefacto devido aos vermes, estava sentado no esterco. Ouvimos como foi ferido; ouçamos agora que som emitiu, ouçamos, se vos apraz, o som suave desta trombeta dúctil: “Falas como uma insensata. Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males”? (Jó 2,10). Que som forte! Que som suave! Quem é que, estando adormecido, não desperte com este som? Em quem não excitará confiança em Deus, a fim de proceder com segurança para combater contra o diabo, não apoiado em suas próprias forças, e sim nas daquele que o experimenta? Porque é Deus quem bate; o martelo não o faria por si mesmo. Pois, o profeta relembra a pena futura do diabo: “como foi quebrado o martelo de toda a terra”? (Jr 50,23). Martelo de toda a terra; é alusão ao diabo. Com esse martelo na mão de Deus, isto é, com o poder de Deus. São batidas as trombetas dúcteis, para ressoarem os louvores de Deus. Vede como (ouso dizê-lo, meus irmãos), este martelo batia também no Apóstolo. Diz ele: “Já que estas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne — um anjo de Satanás para me espancar”. Eis como é batido; vejamos que som emite: “A este respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de

mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder". Eu sou uma trombeta, diz ele, e Deus é o artífice; quero ser bem acabado; não serei perfeito se não for batido: "na fraqueza a força manifesta todo o seu poder". Escuta o agradável som desta trombeta dúctil: "Pois, quando sou fraco, então é que sou forte" (2Cor 12,7-10). E o mesmo Apóstolo (enquanto apóstolo unido a Cristo, unido àquela direita que sustenta o martelo para produzir a trombeta), sustentado por aquela direita, também maneja o martelo e diz de alguns homens: "Os quais entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não blasfemar" (1Tm 1,20). Entregou-os para serem malhados. Soavam mal antes de serem fabricados; talvez depois de prontos e transformados em trombetas dúcteis, tenham desistido de blasfemar, e emitiram louvores ao Senhor. São estas as trombetas dúcteis.

**7** Quais são as cornetas? O corno sai além da carne. É preciso que indo para fora da cabeça seja firme, firme para perdurar e capaz de produzir som. Mas donde vem isto? Porque superou a carne. Quem quiser ser uma corneta, supere a carne. Que quer dizer: supere a carne? Transcenda os afetos carnais, vença os desejos carnais. Ouve as cornetas: "Se, pois, diz o Apóstolo, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra" (Cl 3,1.2). Que é: "procurai as coisas do alto?" Ide além da carne, não penseis nas coisas carnais. Ainda não eram cornetas aqueles aos quais assim o Apóstolo falava: "Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnais" (1Cor 3,1.2). Por conseguinte, não eram cornetas, pois não tinham superado a carne. O corno adere à carne, mas a excede; embora brote da carne, supera a carne. Se tu, portanto, te tornaste de carnal espiritual, pela carne ainda pisas o chão, mas pelo espírito irrompes no céu: "embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne" (2Cor 10,3). Não passemos por alto, irmãos, sobre aquilo que o Apóstolo afirma. Que lhes diz ele, para provar que os homens carnais tem gosto pelo que é carnal, e ainda não se transformaram em cornetas? "Explico-me: cada um de vós diz: Eu sou de Paulo! ou: Eu sou de Apolo! ou: Eu sou de Cefas! não sois carnais e não vos comportais de maneira meramente humana? Quem é, portanto, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé. Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer" (1Cor 1,12; 3.1-6). O Apóstolo quer tirá-los da esperança que haviam depositado num homem, e fazê-los tocar os bens espirituais em Cristo, para poderem se transformar em cornetas, superando a carne. Irmãos, não ataqueis os irmãos, que a misericórdia de Deus ainda não converteu. Ficai cientes de que agindo assim, tendes gosto pelo que é carnal. Não é esta trombeta que deleita os ouvidos de Deus; a trombeta do insulto chama para uma guerra estéril. Uma corneta faça com que te levantes contra o diabo e não uma trombeta carnal te instigue contra um irmão. "Com trombetas dúcteis e sons de corneta, regozijai-vos diante do Senhor, que é rei".

**8** [7.9] E o que vem depois que jubilardes e exultardes com as trombetas dúcteis e ao som

da corneta? “Agite-se o mar e tudo o que ele contém”. Irmãos, depois que os apóstolos pregaram a verdade, quais trombetas dúcteis e cornetas, o mar se abalou, as ondas se encapelaram, as tempestades aumentaram, vieram as perseguições à Igreja. Quando se abalou o mar? Enquanto a Igreja jubilava, salmodiava em honra a Deus. Os ouvidos de Deus se deleitavam, mas os vagalhões do mar se erguiam. “Abale-se o mar e tudo o que ele contém, o orbe da terra e todos os seus habitantes”. Abale-se o mar nas perseguições. “Aplaudirão os rios juntamente”. Agite-se o mar e aplaudam os rios juntamente: vêm as perseguições e os santos se alegraram em Deus. Por que os rios aplaudirão? Que significa: bater palmas? Alegrar-se nas obras. Bater palmas, é alegrar-se com as mãos, com as obras. Por que se fala em rios? Porque Deus fez que os santos fossem rios, dando-lhes daquela água, o Espírito Santo. “Se alguém tem sede, diz o Senhor, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37-39). Estes rios aplaudiam, estes rios alegravam-se com as obras e bendiziam a Deus.

**9** “Os montes exultarão diante do Senhor, porque vem, vem julgar a terra”. Os montes são os grandes. Deus vem julgar a terra e eles se alegram. Existem montes que tremem porque o Senhor há de vir julgar a terra. Conseqüentemente, existem montes bons e montes maus. Montes bons são as grandezas espirituais; montes maus, os tumores da soberba. “Os montes exultarão diante do Senhor porque vem, vem julgar a terra”. Por que virá e como virá? “Porque vem julgar a terra. Julgará o orbe da terra com justiça e os povos com eqüidade”. Alegrem-se, pois, os montes, pois ele não julgará de maneira injusta. Suponhamos que venha algum juiz humano, ao qual as consciências não estão abertas; tremam os homens, mesmo os inocentes que podem esperar prêmio e louvor, mas têm medo de uma sentença de condenação. Quando vier aquele que não se pode enganar, alegrem-se os montes, alegrem-se com segurança. Serão por ele iluminados, não condenados. Alegrem-se porque o Senhor virá julgar o orbe da terra com eqüidade. Se os montes justos se alegram, os iníquos tremam. Mas ainda não veio, que necessidade há de tremer? Corrijam-se para que se alegrem. Está em teu poder como hás de esperar o Cristo que vem. Ele adia sua vinda, a fim de não te condenar quando vier. Eis que ainda não veio. Ele está no céu e tu na terra. Ele adia a vinda; tu não difiras seguir meu conselho. Sua vinda é dura para os duros, suave para os piedosos. Vê agora o que és. Se és duro, é possível amansar; se és manso, já podes alegrar-te com a vinda. Pois és cristão. Sim, respondes. Creio que oras, com as palavras: “Venha a nós o teu reino” (Mt 6,10). Desejas que venha, aquele cuja vinda não te causa temor. Corrige-te, para não rezares contra ti mesmo.

# SALMO 98

## SERMÃO AO POVO

(Pregado em Cartago)

**1** Irmãos, deve ser notório a V. Caridade, como a filhos da Igreja, e instruídos na escola de Cristo através de todas as Escrituras de nossos antigos Pais, que escreveram as palavras de Deus e suas maravilhas, que eles procuraram o bem de todos nós, futuros fiéis em Cristo. Este, no tempo determinado, veio para nós, primeiro na humildade, mas depois há de vir em sua glorificação. Da primeira vez, veio para comparecer diante de um juiz; depois há de vir para se sentar no tribunal como juiz, e perante ele comparecerá o gênero humano, conforme o que merecer. Precederam-no muitos arautos, como sendo um grande juiz, e isto quando ainda viria em condição humilde. Muitos arautos o precederam quando ainda nasceria da virgem Maria, como criança que suga o leite materno. Viria pequenino o Verbo de Deus, pelo qual tudo foi feito. Precederam-no muitos arautos e predisseram o que aconteceria hoje; mas o proferiram, de maneira encoberta em suas sentenças, sob certas figuras. O véu que encobria a verdade nos livros antigos, é levantado agora quando a própria verdade já surge da terra. Pois assim afirma o salmo: "A verdade germinou da terra e a justiça olhou do alto do céu" (Sl 84,12). Agora, ao ouvirmos o salmo, o profeta, a lei, tudo isso escrito antes que aparecesse na carne nosso Senhor Jesus Cristo, toda a nossa atenção se volta para ver aí o Cristo, para aí entendê-lo. V. Caridade conosco preste atenção a este salmo e procuremos nele a Cristo. Com efeito, ele aparecerá aos que o buscam, tendo-se manifestado primeiro aos que não o procuravam, e não abandonará os que anelam por ele, tendo remido os que o menosprezavam. Eis como começa o salmo a falar acerca dele:

**2** [1]"O Senhor é rei, irritem-se os povos". Nosso Senhor Jesus Cristo começou a reinar, começou a ser anunciado, depois que ressuscitou dos mortos e subiu ao céu, depois que encheu seus discípulos na confiança que o Espírito Santo incute, a fim de não terem medo da morte, que ele absorvera em si. Começou, portanto, a ser anunciado Cristo Senhor, de sorte que nele acreditassem os que quisessem obter a salvação. E iraram-se os povos adoradores dos ídolos. Irritavam-se os que adoravam os ídolos que haviam fabricado, por ser anunciado aquele por quem eles mesmos foram feitos. De fato, o Senhor anunciava através de seus discípulos a si mesmo. Queria que se convertessem para aquele que os fizera, e se apartassem os ídolos que haviam fabricado. Eles, por causa de seu ídolo irritavam-se contra seu senhor. Se, por causa de seu ídolo se irritassem contra seu escravo, eram condenáveis. Pois, é melhor um escravo do que um ídolo; o escravo foi feito por Deus, enquanto o ídolo foi feito pelo artífice. Irritavam-se por causa de seu ídolo, sem temerem a ira de seu Senhor. Mas: "irritem-se", não é ordem; é predição. Foi dito profeticamente: "O Senhor é rei, irritem-se os povos". Para

alguma coisa serve a ira dos povos; eles se irritam e por causa da ira deles os mártires são coroados. Que fizeram eles aos pregadores da palavra da verdade, às nuvens de Cristo que percorriam o orbe da terra e faziam chover sobre o campo de Deus? Que lhe infligiram os homens encolerizados, a não ser que entre suas mãos a carne fosse afligida e nas mãos de Cristo o espírito fosse coroado? Nem a própria carne que os perseguidores puderam matar, morreu de tal modo que perecesse para sempre. Virá o tempo oportuno para que ressurja também ela, porque o Senhor em si mesmo já demonstrou a realidade da ressurreição da carne. Ele quis receber de nós uma carne humana, para que pudéssemos não perder a esperança acerca de nossa própria carne. Portanto, irmãos, a carne dos servos que os adoradores dos ídolos mataram, ressuscitará a seu tempo; quanto aos ídolos quebrados por Cristo, jamais o artífice os fará de novo. Ouvistes a leitura do profeta Jeremias antes da leitura do Apóstolo, se tivestes ouvidos atentos; contemplastes ali os tempos que agora decorrem. Pois, ele disse: “Os deuses que não criaram o céu e a terra desaparecerão da terra e de debaixo dos céus” (Jr 10,11). Não disse: Os deuses que não criaram o céu e a terra desaparecerão do céu e da terra, porque nunca estiveram no céu; mas como se exprimiu? “Os deuses que não criaram o céu e a terra desaparecerão da terra”. Seria como se a terra respondesse e não houvesse quem respondesse do céu, porque eles lá não estiveram; mas indicou duas vezes a terra, porque a terra está debaixo do céu. “Perecerão da terra e de debaixo dos céus”, de seus templos. Notai se isso não aconteceu, se já não sucedeu em maior parte; o que falta ou quanto falta? Os ídolos persistem mais nos corações dos pagãos do que nos templos.

**3** Portanto, “o Senhor é rei, irritem-se os povos. Tem seu trono sobre os querubins”. Subentende-se: “é rei. Abale-se a terra”. De novo diz: “Irritem-se os povos”. Tendo dito: “O Senhor”, repete: “Tem seu trono sobre os querubins”. E as palavras: “é rei” estão subentendidas em outro versículo. Quanto a: “Irritem-se os povos” torna-se aqui: “Abale-se a terra”. Pois que são os povos senão a terra? Irrite-se quanto puder a terra contra aquele que tem seu trono no céu. O Senhor esteve também na terra, e assumiu um pouco de terra, com a qual pudesse estar na terra. Revestiu-se da carne e quis primeiro suportar que os povos se irassem. Quis sofrer a ira dos povos em primeiro lugar, a fim de que seus servos não tivessem medo e como era necessária a ira dos povos a seus servos, a fim de serem curados por meio das tribulações de todos os seus pecados e recuperassem a saúde, o médico em primeiro lugar bebeu o copo amargo, para que o doente não tivesse medo de beber. Por conseguinte: “O Senhor é rei, irritem-se os povos”. Irritem-se os povos, porque de sua ira, Deus retira muito bem. Eles se irritam, e os servos de Deus se purificam; e como são exercitados, são coroados. “Irritem-se os povos. Tem seu trono sobre os querubins”, é rei. “Abale-se a terra”. O querubim é o trono de Deus, conforme traz a Escritura. Uma espécie de trono celeste e sublime, que nós não vemos; mas a palavra de Deus o conhece, conhece-o como seu trono, e o próprio Verbo de Deus, o Espírito de Deus, diz aos servos de Deus onde Deus se senta. Não significa isto que Deus ali se senta como um homem. Mas se queres ser o trono de Deus, se fores bom, tu o serás. Pois, assim está escrito: “A alma do justo é o trono da sabedoria” (Sb 12,13 [?]). Trono em latim é sedes. Alguns, que sabem o hebraico,

quiseram traduzir a palavra querubim para o latim, porque o nome é hebraico, e afirmaram que querubim quer dizer: plenitude da ciência. Portanto, como Deus supera toda a ciência, diz-se que ele se senta sobre a plenitude da ciência. Haja, pois, em ti, a plenitude da ciência e serás também tu o trono de Deus. Mas talvez repliques: E quando haverá em mim a plenitude da ciência? E quem pode chegar a tal cume que haja nele a plenitude da ciência? Pensas que Deus queira que haja em nós esta plenitude da ciência de sorte que saibamos quantas são as estrelas, ou quantos sãos os grãos, não digo de areia, mas de trigo, ou quantos frutos pendem das árvores? Ele sabe tudo, porque nossos cabelos são contados para ele. Mas é outra a plenitude da ciência que ele quis para o homem; pertence à lei de Deus a ciência que ele quis que tivesses. E quem pode, talvez me digas, conhecer perfeitamente a lei, de tal maneira que possua a plenitude da ciência da lei e possa se tornar o trono de Deus? Não te perturbes; dir-te-ei brevemente o que deves ter para possuir a plenitude da ciência e te tornar o trono de Deus. Diz o Apóstolo: "é a caridade a plenitude da lei" (cf Mt 10.30; Rm 13,10). E então? Não encontras desculpa alguma. Interroga teu coração; vê se possuis a caridade. Se ali existe a caridade, há plenitude da lei, Deus já habita em ti, e te tornaste trono de Deus. "Irritem-se os povos". Os povos irados que podem fazer ao que se tornou o trono de Deus? Observas os que se enfurecem contra ti, mas não entendes ao que se senta sobre ti. Tu te transformaste em céu e tens medo da terra? Outra passagem da Escritura declara que Deus disse: "O céu é o meu trono" (Is 66,1). Se, portanto, possuíres a plenitude da ciência e a caridade tu te tornaste trono de Deus, tu te transformaste em céu. Não, porém, este céu que nossos olhos contemplam lá em cima é muito precioso para Deus. Céu para Deus são as almas santas, céu de Deus as mentes dos anjos, e todas as mentes de seus servos. Por conseguinte, "irritem-se os povos. Abale-se a terra". Que farão eles, que fará a terra ao trono de Deus e ao céu onde Deus se senta?

**4** [2] "É grande em Sião o Senhor, elevado acima de todos os povos". É grande e elevado em Sião o Senhor. Eis que, se era obscuro para ti o que foi dito: "Tem seu trono sobre os querubins", e não sabias o que era querubim, e talvez imaginavas uma espécie de trono celeste, imenso, coberto de gemas preciosas, e o chamavas de querubim, esvoaçando no meio de idéias com senso carnal, já te foi dito que querubim significa plenitude da ciência. Além disso, que era plenitude não de qualquer ciência, mas plenitude da ciência da lei útil ao homem; e a fim de não desanimares acerca da própria ciência da lei, foi-te dito brevemente: "A caridade é a plenitude da lei". Tem, pois, caridade para com Deus e para com o próximo e serás trono de Deus: participarás da natureza do querubim. Mas se ainda não entendes, ouve o que vem em seguida: "É grande em Sião o Senhor". Aquele que disse estar sobre os querubins, é grande em Sião. Já me interrogas o quer dizer Sião? Sabemos que Sião é a cidade de Deus. É denominada Sião a cidade de Jerusalém. É chamada Sião por certa interpretação do nome, pois Sião quer dizer observação, isto é, visão e contemplação. Observar é olhar para a frente, ou ver detidamente, ou olhar com atenção para ver bem. Sião é toda alma que se empenha em ver a luz que deve ser vista. Pois, se der atenção a sua própria luz, ficará em trevas; mas se voltar sua atenção para a

luz divina, será iluminada. Uma vez, porém, que está claro ser Sião a cidade de Deus, qual é a cidade de Deus, senão a santa Igreja? Os homens que se amam mutuamente e que amam o seu Deus, que neles habita, constituem a cidade de Deus. Uma cidade se rege por determinada lei. A lei desta cidade é a caridade. E Deus é amor; está claramente escrito: "Deus é amor" (1Jo 4,8). Quem, pois, está repleto de caridade, está repleto de Deus; e muitos homens cheios de caridade constituem a cidade de Deus. Esta cidade de Deus se chama Sião; portanto, a Igreja é Sião. Nela, grande é Deus. Estabelece-te nela, e Deus não estará longe de ti. Quando, porém, estiver Deus em ti, porque te tornaste cidadão de Sião, membro de Sião, pertencente à sociedade do povo de Deus, Deus será em ti excelso acima de todos os povos, acima daqueles que se irritam, ou acima daqueles que se irritavam. Pensais, então, que eles outrora se iravam e agora não? Então se irritavam. Como eram em grande número, iravam-se publicamente; agora, como se tornaram poucos, ocultamente se encolerizam. Por enquanto quebrou-se a audácia; terminará também a raiva.

**5** Pensais, irmãos, que aqueles que ontem tocavam seus instrumentos não se aborrecem com nossos jejuns? Não nos irritemos contra eles, mas jejuemos por eles. O Senhor nosso Deus, que tem em nós seu trono, disse, mandou-nos que rezemos por nossos inimigos, oremos pelos que nos perseguem; e quando a Igreja assim age, quase terminam seus perseguidores. Foi entendida ao agir assim, e ainda é ouvida quando assim procede. Eles prevaleciam em sua maldade, mas terminaram devido ao bem da Igreja. Quereis saber como terminaram? Foram devorados pela Igreja. Procuras e não os encontras. Procura-os naquela que os devorou e acham-se em suas entranhas. Pois, ao passarem para a Igreja tornaram-se cristãos; pereceram os perseguidores, aumentaram os pregadores. Por isso, nas suas festas, vendo os que restaram como loucos em seus prazeres maus e perversos, rogamos a Deus por eles, a fim de que, se ouvem encantados o seu instrumento, ouçam com prazer maior a voz de Deus. Se alguns sons desordenados dão prazer ao ouvido, a palavra de Deus não deixa de deleitar o coração. Por esta razão rezamos por eles, quando não jejuamos nos seus dias de festa, para que eles vejam a si mesmos. Vendo-se a si mesmos, sentirão desgosto; não o sentem porque não se observam a si mesmos. Um ébrio não desagrada a si mesmo, mas desagrada ao sóbrio. Vejamos, por exemplo, um homem que já se alegra em Deus, que vive com seriedade, suspira pela paz eterna prometida por Deus; e nota que se ele vê um homem a dançar ao som de um instrumento, tem mais pena deste louco do que de um frenético febril. Em vista disto, se conhecemos seus males, e destes mesmos males estamos isentos, tenhamos compaixão deles; e se os lastimamos, rezemos por eles; e para sermos atendidos, jejuemos por eles. Com efeito, não celebramos nossos jejuns por ocasião de suas festas. Nossos jejuns são outros. Nós os celebramos na expectativa da Páscoa, e outros dias de solenidades, em Cristo. Nestes dias jejuamos, porém, visando a oferecer a Deus nossos gemidos em seu favor, enquanto eles se alegram. Pois, sua alegria desperta nossa dor, e recordam-nos como eles ainda são infelizes. Mas não devemos perder a esperança relativamente a eles, porque vemos que muitos se libertam daquilo que nos prendia também a nós. E se ainda por cima eles se irritam, devemos rezar. Se ainda se

abala a restante partícula da terra, persistamos em nossos gemidos em favor deles, para que Deus lhes dê compreensão e eles possam ouvir conosco estas palavras que agora nos alegram. "É grande o Senhor em Sião, elevado acima de todos os povos".

**6** [3.4] "Celebrem o teu grande nome". Os mesmos povos, acima dos quais em Sião o Senhor é grande, já "celebram o teu grande nome". Pequeno era para eles este nome quando eles se irritavam; tornou-se grande, e eles já o confessam. Como dizemos que foi pequeno o nome de Cristo, antes que a fama de Cristo se divulgasse amplamente? Porque chamamos de nome a sua fama. Era pequeno o nome; agora já se tornou grande. Qual o povo que não tenha ouvido o nome de Cristo? Por conseguinte, já se tornou grande e os povos que diante de teu nome pequeno se iravam, agora o celebram: "Celebrem o teu grande nome". Por quê? "Porque é terrível e santo". O próprio nome é terrível e santo. Assim é anunciado o Cristo crucificado, é anunciado o que foi humilhado, o que foi julgado, mas virá excelso, virá vivo, virá para julgar com poder. Agora poupa os povos que blasfemam, porque a paciência de Deus induz à penitência (cf Rm 2,4). Se agora poupa, nem sempre haverá de poupar; ou se agora é anunciado para ser temido, não deixará de vir para julgar. Há de vir, meus irmãos, há de vir. Temamo-lo, e vivamos de tal modo que nos encontremos a sua direita. Pois, há de vir e julgar, pondo uns à esquerda e outros à direita (cf Mt 25,31-25). Ele não o fará de qualquer maneira, de tal sorte que erre acerca dos homens, pondo os que deviam estar à direita, do lado esquerdo. Ou os que deviam estar à esquerda, por engano de Deus, são colocados à direita. Deus não pode errar, colocando um mau onde devia estar um bom, nem colocando um bom onde devia estar um mau. Se ele não pode errar, erramos nós se não tememos; se, porém, agora temermos, não teremos então por que temer. "Porque é terrível e santo. É honra do rei amar a justiça". Temam, portanto, os povos, para se corrigirem. Não presumam demais de sua misericórdia, afastando-se dele e vivendo mal, pois ele ama a misericórdia, mas ama igualmente o juízo. Que é a misericórdia? Que eles agora te anunciem a verdade, que clamem para que te convertas. Seria pequena misericórdia se vives fazendo o mal e ele não te retira do mundo ao pecares, a fim de te perdoar os pecados quando creres? Seria pequena misericórdia? Pensas que haverá sempre misericórdia de tal forma que a ninguém castigue? Não é assim. Seu nome é terrível e santo. "É honra do rei amar a justiça". Pois, seria julgamento injusto, ou antes absolutamente não seria julgamento, se não fosse dado a cada um conforme seus méritos, segundo as obras de cada um enquanto estava no corpo, sejam boas ou más (cf 2Cor 5,10). "É honra do rei amar a justiça". Por conseguinte, temamos, pratiquemos a justiça, façamos o que é segundo a eqüidade.

**7** Mas quem pratica a eqüidade? Quem faz a justiça? O homem pecador, o homem iníquo, o perverso, o adversário da luz da verdade? Que deve fazer o homem? Converter-se apenas para Deus, a fim de que este o forme para a eqüidade, porque ele mesmo não pode formar e sim deformar. O homem é capaz de ferir-se; mas será capaz de curar-se? Quando quiser pode adoecer, mas não se cura quando quer. Se quiser pode viver sem moderar o frio ou o calor; adoece quando quiser. Tendo vivido sem

temperança começa a adoecer; recupere-se quando quiser. Aquele que caiu doente quando quis, levante-se, se puder, quando o desejar. Precisou de sua intemperança para cair doente; para recuperar a saúde, porém, precisa de recurso da medicina. Assim também quanto ao pecado, o homem basta a si mesmo para pecar, mas para se justificar não basta; tem de ser justificado por aquele que é o único justo. Tendo este salmo atemorizado os povos, dizendo: "Celebrem o teu grande nome, porque é terrível e santo. É honra do rei amar a justiça", e tendo em vista que os homens se entreguem para serem formados relativamente à justiça, parece que os povos assustados perguntam como devem viver para serem justos (uma vez que em si mesmos não podem possuir a justiça); então o salmo relembra-lhes quem é que plasma a justiça neles e continua: "Estabeleceste a eqüidade, exerceste o julgamento e a justiça em Jacó". Pois, devemos ter a capacidade de julgar, devemos ter a justiça; mas é ele que em nós exerce o julgamento e a justiça. Ele nos fez, e os exerce em nós. Como também nós devemos exercer o julgamento e a justiça? Exerces o julgamento quando distingues o bem do mal; a justiça, porém, quando segues o bem e te apartas do mal. Distinguindo, exerces o julgamento; fazendo, tens a justiça. "Aparta-te do mal e faze o bem; procura a paz e segue-a" (Sl 33,15). Primeiro deves ter o julgamento, e depois a justiça. Que julgamento? Que primeiro julgues o que é o mal e o que é o bem. E que justiça? Aparta-te do mal e faze o bem. Isto, contudo, não se origina de ti mesmo; pois vê o que disse o salmo: "Exerceste o julgamento e a justiça em Jacó".

**8** [5] "Exaltai ao Senhor nosso Deus". Exaltai verdadeiramente, exaltai bem. Louvemo-lo, exaltemos aquele que nos deu a justiça que temos; foi ele quem nos fez. Quem exerceu a justiça em nós, senão aquele que nos justificou? Foi dito a respeito de Cristo: Aquele "que justifica o ímpio" (Rm 4,5). Por conseguinte, nós somos ímpios e ele é quem justifica, porquanto ele mesmo é quem exerce em nós a justiça, pela qual lhe agradamos, de tal modo que nos porá à direita e não à esquerda. Dirá aos da direita: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo"; e não os colocará à esquerda, entre aqueles aos quais se dirá: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos" (Mt 25,34.41). Quanto não deve ser exaltado aquele que há de coroar seus dons e não os nossos méritos? "Exaltai ao Senhor nosso Deus".

**9** "Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés. Ele é santo". Que haveremos de adorar? "O escabelo de seus pés". Escabelo é o mesmo que supedâneo. Os gregos denominam-no hipopodiom, enquanto os latinos dizem-no "escabelo", e outros chamam-no de "supedâneo". Mas, notai, irmãos, o que o salmista nos manda adorar. Em outro trecho da Escritura se diz: "O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés" (Is 66,1). Em conseqüência, ele nos manda adorar a terra, porque outra passagem diz que ela é o escabelo dos pés de Deus? E como adoraremos a terra, se a Escritura diz claramente: "Ao Senhor teu Deus adorarás"? (Dt 6,13; Mt 4,10). E o salmo diz: "Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés". Expõe-me a Escritura o que é o escabelo de seus pés: "A terra o escabelo de meus pés". Fico em dúvida. Tenho medo de adorar a terra, e que me

condene aquele que fez o céu e a terra; de outro lado, receio não adorar o escabelo dos pés de meu Senhor, porque me diz o salmo: “Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés”. Interrogo o que é o escabelo de seus pés e a Escritura me responde: “E a terra é o escabelo de meus pés”. Hesitante, volto-me para Cristo, porque é ele quem eu procuro aqui. E descubro como a terra pode ser adorada sem impiedade, como sem impiedade se adora o escabelo de seus pés. Cristo assumiu um pouco de terra da terra; porque a carne vem da terra, e da carne de Maria ele assumiu a carne. E como andou na terra segundo a carne, deu-nos a comer a própria carne para nossa salvação, e como ninguém recebe a sua carne sem primeiro adorá-la, descobrimos de que modo se adora o escabelo dos pés do Senhor. Não somente não pecamos por adorá-lo, mas pecaríamos se não o adorássemos. Acaso a carne vivifica? O próprio Senhor afirmou, ao recomendar essa mesma terra: “O espírito é que vivifica, a carne para nada serve”. Por conseguinte, ao te inclinares e prostrares diante desta terra, não a olhes como terra, mas considera aquele Santo de quem adoras o escabelo de seus pés. Adoras por causa dele; por isso, aqui acrescenta o salmo: “Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés. Ele é santo”. Quem é santo? Aquele em cuja honra adoras o escabelo de seus pés. E ao te prostrares ante ele, teu pensamento não se detenha na carne para seres vivificado pelo espírito: “Pois o espírito é que vivifica, a carne para nada serve”. Na ocasião em que o Senhor relembrava estas coisas, havia declarado a respeito de sua carne: Se não comerdes a minha carne, não tereis a vida eterna. Muitos de seus discípulos, escandalizados (eram quase setenta), disseram: “Esta palavra é dura. Quem pode escutá-la?” Muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele”. Pareceu-lhes duro ouvir: Se não comerdes a minha carne, não tereis a vida eterna. Tomaram essas palavras de maneira insensata, pensaram nelas carnalmente, e julgaram que o Senhor iria cortar uns pedacinhos de seu corpo, para lhes dar, e responderam: “Esta palavra é dura”. Eles é que eram duros, não a palavra. Pois, se não fossem duros e sim mansos, diriam a si mesmos: Ele não fala deste modo sem motivo; talvez haja aí algum mistério latente. Teriam se mostrado mansos para com ele e não duros e dele aprenderiam o mesmo que aprenderam os discípulos que ficaram com ele, enquanto os demais se afastavam. Pois, tendo doze discípulos permanecido com ele, enquanto os outros se afastavam, sugeriram-lhe algo, mostrando-os pesarosos acerca da morte daqueles discípulos, que se escandalizaram diante de sua palavra e se afastaram. Jesus, porém, instruiu-os: “O espírito é que vivifica, a carne para nada serve. As palavras que vos disse são espírito e vida” (cf Jo 6,54-64). Entendei espiritualmente o que falei; não haveis de comer o corpo visível e de beber o sangue que derramarão os que me crucificarem. Referi-me a certo mistério; entendido espiritualmente ele vos vivificará. Apesar de necessariamente ser celebrado de modo visível, importa entendê-lo invisivelmente. “Exaltai ao Senhor nosso Deus. Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés”.

**10** 6.8 “Moisés e Aarão contam-se entre os seus sacerdotes e Samuel entre os que invocavam o seu nome. Invocavam o Senhor e ele os atendia. Falava-lhes da coluna de nuvem”. Estes antigos, Moisés, Aarão e Samuel, servos de Deus, eram grandes entre os

antigos. Estais cientes de que Moisés, pelo poder de Deus, retirou o povo de Israel do Egito, através do mar Vermelho, e conduziu-o pelo deserto; e quantos milagres fez Deus naquele tempo pelas mãos de Moisés, sabem-no todos os que ouvem com gosto estas Escrituras na Igreja, ou lêem-nas em casa, ou aprenderam-nas de qualquer outro modo. Aarão era irmão de Moisés, que ele estabeleceu como sacerdote. De fato, então não aparece outro sacerdote, a não ser Aarão (cf Ex 28,1, etc). Claramente nas Sagradas Letras Aarão é denominado sacerdote de Deus; nelas não se diz que Moisés fosse sacerdote. Mas se não o era, que era ele? Acaso poderia ser mais do que sacerdote? Este salmo diz expressamente que ele também era sacerdote: "Moisés e Aarão contam-se entre os seus sacerdotes". Eram, portanto, sacerdotes do Senhor. Samuel posteriormente aparece, já no livro dos Reis; Samuel viveu no tempo de Davi, pois foi ele quem ungiu o santo rei Davi. Samuel desde criança viveu e cresceu no templo. Sua mãe era estéril. (1Rs 16,13). Desejando um filho, pediu-o ao Senhor com muitos gemidos, e ao suplicar a Deus que lhe desse um filho mostrou que não o desejava carnalmente, pois quis que fosse de Deus, que lho dera. Dedicou-o, pois, ao Senhor Deus e disse: Se me deres um filho homem, servirá em teu templo (cf 1Rs 1,11). E assim aconteceu. Nasceu o santo Samuel e a mãe o guardou consigo enquanto o amamentava; logo que o desmamou, entregou-o no templo, para ali crescer, ali se fortificar no espírito, ali servir a Deus. Tornou-se um grande sacerdote, um santo sacerdote naquele tempo. O salmo menciona estes santos, e através deles quer que vejamos todos os santos. Por que, então, os nomeou aqui? Porque dissemos que devemos ver referência a Cristo aqui. Preste atenção, V. Caridade. O Salmista disse mais acima: "Exaltai ao Senhor nosso Deus. Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés. Ele é santo", recomendando alguém, isto é, nosso Senhor Jesus Cristo, cujo escabelo deve ser adorado, porque ele assumiu a carne, na qual apareceu ao gênero humano. Queren-do nos demonstrar que também os antigos pais o anunciaram, porque nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro sacer-dote, mencionou estes justos, porque Deus lhes falava da coluna de nuvem. Que é: "coluna de nuvem?" Falava-lhes por figuras. Se, pois, falava de uma nuvenzinha, aquelas palavras obscuras prenunciavam alguém que se revelaria. Este alguém já não é um desconhecido, porque nós o conhecemos, nosso Senhor Jesus Cristo. "Moisés e Aarão contam-se entre os seus sacerdotes e Samuel entre os que invocam o seu nome. Invocavam o Senhor e ele os atendia. Falava-lhes da coluna de nuvem". Aquele que antes falava da coluna de nuvem, falou-nos do escabelo de seus pés, isto é, da terra assumida, a carne, donde vem que nos prostramos ante o escabelo de seus pés, porque ele é santo. Ele mesmo falava da nuvem e então não era compreendido; falou do escabelo de seus pés, e foram compreendidas as palavras desta nuvem. "Falava-lhes da coluna de nuvem".

**11** Atenção, irmãos. Vede quais e que santos o salmista nomeou. "Eles guardavam seu testemunho e os preceitos que lhes deu". Guardavam, certamente. Atenção! "guardavam seu testemunho e os preceitos que lhes deu". Isso afirma o salmista e não se pode negar. Não tinham pecados? Como? Quando guardavam seus preceitos, guardavam seus testemunhos. Vede como nos quer formar, a fim de não presumirmos de uma quase perfeita justiça. Eis Moisés e Aarão contados entre os seus sacerdotes e Samuel entre os

que invocam o nome de Deus. A eles falava Deus da coluna de nuvem e tão abertamente os atendia que eles guardavam os testemunhos e os preceitos que lhes dera. “Senhor, nosso Deus, tu os escutavas. Foste para eles um Deus propício”. Não se diz que Deus é propício senão relativamente aos pecados. É denominado propício quando perdoa. E o que encontrava nestes para castigar, de sorte que devia ser propício, perdoando? Era propício perdoando os pecados e propício castigando-os. Como continua o salmo? “Foste para ele um Deus propício, mesmo ao castigares todas as suas faltas”. Mesmo castigando, foste propício; não somente perdoando foste propício, mas também castigando. Notai, irmãos, a recomendação aqui feita; tomai nota. Deus se encolerizava contra aquele que peca e não castiga; pois, ao ser efetivamente propício, não apenas perdoa os pecados para não condenar no mundo futuro, mas ainda castiga, a fim de que o pecador não tenha sempre complacência para com os pecados.

**12** Vamos, irmãos. Indaguemos como Deus os castigou. Que ele me assista nesta explicação. Indaguemos, pois, acerca destas três pessoas, Moisés, Aarão e Samuel, como foram castigados, pois diz o salmo: “Mesmo ao castigares as suas faltas”. De fato, cita as falhas que o Senhor conhecera haver em seus corações, ocultas aos homens. Com efeito, viviam de maneira irrepreensível no meio do povo de Deus. Mas que dizemos? Moisés teve primeiro talvez uma vida de pecado? De fato, matou um homem e fugiu do Egito. Aarão também teve primeiro uma vida que desagradou a Deus. Pois, ele permitiu ao povo enlouquecido e enfurecido que fabricasse um ídolo, e foi feito um ídolo para o povo de Deus o adorar. Que fez Samuel, desde criança dedicado a Deus no templo? Passou todas as fases da vida no meio dos sacramentos santos de Deus, sendo servo de Deus desde a infância. Nunca se disse algo contra Samuel, nada foi dito da parte dos homens. Talvez soubesse Deus de alguma coisa a purificar, porque mesmo o que parece perfeito aos homens, ainda é imperfeito diante da perfeição de Deus. Muitas vezes os artistas fazem uma obra e a mostram a não conhecedores daquela arte. E quando os imperitos a declaram perfeita, os artistas a retocam, sabendo o que ainda falta, de tal forma que os homens ficam admirados de tantos retoques na obra que eles haviam declarado estar perfeita. O mesmo acontece nos edifícios, nas pinturas, nas vestes e quase em toda espécie de arte. Primeiro os ignorantes julgam a obra já quase perfeita, porque seus olhos de nada sentem falta; mas difere o juízo de um olho imperito do critério da arte. Assim também aqueles santos viviam perante os olhos de Deus, como se não tivessem culpa, como sendo perfeitos, como anjos; aquele que castigava todas as suas faltas sabia o que lhes faltava. Castigava sem cólera, mas propício; castigava para completar o que fora começado, e não para condenar o que era rejeitado. Deus, portanto, castigava todas as suas culpas. Como castigou a Samuel? Onde está o castigo? Digo-o, para que saibam os cristãos, que já conheceram a Cristo e para os quais veio Cristo no escabelo de seus pés; amou-os de tal forma que por eles deu o próprio sangue. Saibam como são flagelados, quando estiverem muito adiantados. Indagamos qual o castigo de Moisés; foi quase nulo, a não ser que no fim da vida lhe disse Deus: “Sobe a esta montanha. Morrerás”. Deus disse ao ancião: “Morrerás”. Já passara por todas as idades; por acaso jamais morreria? Que castigo é este? Ele lhe mostrou qual o seu

castigo, nestes termos: “Não poderás entrar na terra prometida” (cf Dt 42,49.52; 34,4), onde entraria aquele povo? Moisés era figura de alguns outros. Pois, aquele que entrou no reino dos céus, teria como grande castigo não entrar naquela terra, prometida temporariamente, como uma sombra que passaria? Porventura não entraram muitos pérfidos naquela terra? Acaso os que viviam naquela terra não praticaram muitos pecados e ofenderam a Deus? Não praticaram a idolatria naquela mesma terra? Era coisa importante que a Moisés não fosse dada aquela terra? Mas Moisés era uma figura dos que estavam sob a lei, porque a lei foi dada por Moisés (Jo 1,17), e representava que os que queriam estar sob a lei e não sob a graça, não entrariam na terra da promissão. Por conseguinte, o que foi dito a Moisés era uma figura e não um castigo. Que castigo seria para um ancião a morte? Qual a pena de não entrar naquela terra onde entraram os indignos? Que, porém, foi dito de Aarão? Morreu velho, e seus filhos foram seus sucessores no sacerdócio; seu filho depois exerceu o sacerdócio (Nm 20,24-28); como então castigou também a este? Samuel também, um santo ancião morreu e deixou os filhos como seus sucessores (1Rs 8,1; 25,1). Investigo qual o seu castigo e humanamente não encontro; mas segundo o que sei como sofrem os servos de Deus, eles eram castigados diariamente. Lede e vereis os castigos, e vós que procurais progredir, suportai esses castigos. Cada dia suportavam as contradições do povo, cada dia sofriam por causa dos que viviam perversamente. Eram obrigados a viver no meio deles e diariamente reprovavam sua vida. Este era o castigo. Quem o considera insignificante, ainda não progrediu. À medida que deixas a tua injustiça, a dos outros te atormentará. Pois, ao te tornares trigo, isto é, planta boa de uma boa semente, filho do reino, ao começares a dar grãos, então aparece o joio; porque, “quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio”. Ao aparecer o joio, verificarás que estás no meio dos maus. Quase preferes separar-te dos maus, e tirar da Igreja todos os maus; o Senhor te responderá com a sentença: “Deixai-os crescer juntos até a colheita, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo” (Mt 13,26-30). A sentença do Senhor mostra ser necessário poupar o joio, e é condição do servo viver obrigatoriamente no meio do joio. Não podes separá-lo; é preciso tolerá-lo. Vê as feridas que tens no coração, apesar de teres o corpo íntegro, no meio dos maus. Vós todos que estais adiantados no caminho, provais o vosso progresso. Tudo isso deve ser tolerado; talvez tenha referência à palavra: “Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes” (Lc 12,47). Quando a vontade de Deus nos é conhecida em muitos pontos, na mesma medida aparecem-nos nossas culpas; e quanto mais as conhecemos, tanto mais aumentam nossos prantos e lágrimas. Verificamos como é justo o que Deus exige de nós, em quantas imperfeições estamos prostrados; realiza-se em nós a palavra: “Aumentando o saber, aumenta-se o sofrer” (Ecl 1,18). Aumente em ti a caridade e mais terá dor por ter pecado. À medida que a caridade em ti for maior, atormentar-te-á aquele que suportas. Ele não te atormentará encolerizando-te, mas fazendo com que te condoas de seus males.

**13** Vê como o apóstolo Paulo sofria; vê quem e o que sofria. Diz ele: “E isto sem contar o mais”, externamente (dissera muitos de seus padecimentos e começou a descrever os

internos, além dos externos, que lhe adivinham dos maus, perseguidores de Cristo), "a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!" E vê qual é a sua solicitude, como é paterna, como é materna. Notai como era batido, para serem castigadas todas as suas faltas; diremos também quais as suas culpas, que Deus castigava. Diz ele: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu me abrase"? (2Cor 11,28.29). Quanto maior a caridade, tanto mais profundas as chagas por causa dos pecados alheios. Foi-lhe dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para o espancar. Eis como Deus lhe era propício, castigando todas as suas faltas. Quais as faltas que lhe eram castigadas? Ele mesmo expôs, disse: "Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar". Apesar de tão perfeito, todavia era de se temer que se ensoberbecesse; pois Deus não aplicaria um remédio onde não houvesse ferimento. E ele pediu que lho fosse retirado; o doente pedia que se retirasse o medicamento: "A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim", isto é, o aguilhão na carne que o espancava, talvez alguma dor corporal, "pedi, disse que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder" (2Cor 12,7-9). Eu conheço aquele de quem estou tratando; o doente não me dê conselho. Como um emplastro mordente arde, mas cura. Ele suplica ao médico que tire o emplastro; mas ele não o retira a não ser quando estiver curada a parte do corpo onde o colocara. "É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder". Ora, irmãos, todos nós que progredimos em Cristo, não pensemos que podemos ficar sem os açoites; porque, por mais que nos aperfeiçoemos, Deus conhece nossos pecados. Por vezes, ele nos mostra também os pecados e nós os vemos. E quando começarmos a viver entre tais homens, que os outros já não tenham em que nos censurar, censura-nos aquele que tudo sabe e castiga todas as culpas, porque nos é propício. Efetivamente, se não castiga e nos deixa de lado, estamos perdidos. "Deus, foste para eles um Deus propício, mesmo ao castigares todas as suas faltas".

**14** [9] "Exaltai ao Senhor nosso Deus". Novamente o exaltamos. Como deve ser louvado, como deve ser exaltado aquele que é bom, apesar de ferir? Tu podes agir assim para com teu filho e Deus não pode? De fato, não és bom quando acaricias teu filho e mau quando bates em teu filho. És pai quando acaricias e és pai quando castigas. Acaricias a fim de que ele não desanime; bates, para que não se perca. "Exaltai ao Senhor nosso Deus e adorai-o em seu monte santo, porque é santo o Senhor nosso Deus". Mais acima dizia o salmo: "Exaltai ao Senhor nosso Deus. Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés", e nós entendemos o que é adorar o escabelo de seus pés. Assim também agora, após aludir à exaltação do Senhor nosso Deus, a fim de que ninguém o exalte fora de seu monte, nomeou o mesmo monte. Quem é seu monte? Lemos em outra passagem da Escritura que uma pedra se destacou do monte sem intervenção de mão alguma, quebrou todos os reinos da terra e cresceu a própria pedra. Foi Daniel quem teve esta visão que narro. Cresceu esta pedra destacada do monte sem intervenção de mão alguma e "tornou-se

uma grande montanha, que ocupou a terra inteira” (Dn 2,34.35). Adoremos neste grande monte, se queremos ser atendidos. Os hereges não adoram neste monte, porque esta montanha ocupou a terra inteira. Aderiram a um partido e perderam o todo. Se reconhecerem a Igreja católica, adorarão conosco neste monte. Com efeito, já notamos como aquela pedra destacada do monte sem intervenção de mão alguma cresceu, quantas regiões da terra ocupou e até que povos atingiu. Que é o monte donde foi destacada a pedra sem intervenção de mão alguma? O reino dos judeus. Anteriormente eles adoravam um só Deus. De lá foi destacada a pedra, nosso Senhor Jesus Cristo. Dele disse: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” (Sl 117,22; At 4,11). Esta pedra destacada do monte sem intervenção de mão alguma quebrou todos os reinos da terra. Verificamos que todos os reinos da terra foram quebrados por aquela pedra. Quais foram os reinos da terra? Os reinos dos ídolos, os reinos dos demônios foram esmagados. Reinava Saturno entre muitos homens; onde se acha seu reino? Foi esmagado, foram reduzidos todos eles ao reino de Cristo, nos lugares onde este reinava. Que importância tinha o reino de Celeste em Cartago! Onde está agora o reino de Celeste? Aquela pedra quebrou todos os reinos da terra, a pedra destacada do monte sem intervenção de mão alguma. Que quer dizer: destacada do monte sem intervenção de mão alguma? Cristo, nascido do povo judaico, sem atuação humana. Pois, todos os homens nascem de um matrimônio; ele nasceu da virgem, sem intervenção humana; pois, por mãos se indicam as obras humanas. Não houve intervenção de mão humana alguma, não houve cópula conjugal, no entanto foi concebido. Nasceu, portanto, do monte sem intervenção de mão alguma aquela pedra: cresceu, e crescendo esmagou todos os reinos da terra. Tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira. Tal é a Igreja católica, da qual vos alegrais de participar. Os outros, porém, que não têm comunhão com ela, que adoram e louvam a Deus, fora do próprio monte, não são atendidos no que importa à vida eterna, apesar de serem atendidos em relação a determinados bens temporais. Não se iludam, portanto, por serem ouvidos em determinadas questões por Deus; pois ele atende também aos pagãos em certos pontos. Os pagãos não clamam por Deus e obtêm as chuvas? Por quê? Porque Deus faz nascer seu sol sobre bons e maus e faz cair a chuva sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Não te gabes, portanto, ó pagão, visto que, ao clamares por Deus, dele obténs a chuva, porque ele faz cair a chuva sobre justos e injustos. Ele te ouviu a respeito de bens temporais; não te escutará quanto aos bens eternos, se não adorares em seu monte santo. “Adorai o Senhor em seu monte santo, porque é santo o Senhor nosso Deus”.

**15** Estas palavras bastem à V. Caridade, sobre o presente salmo. Falamos quanto Deus permitiu. E tudo o que falamos em nome de Deus, visto que é Deus quem fala por nós, constitui uma chuva de Deus. Examinai que espécie de terra sois vós. Pois, quando a chuva cai sobre a terra, se a terra é boa, produz bons frutos; se a terra é má, germinam espinhos. No entanto, a chuva é suave, tanto para os frutos quanto para os espinhos. Quem se tornar pior, depois de ouvir estas palavras, e com a chuva produzir espinhos, aguarde o fogo, sem acusar a chuva. Quem melhorar, e produzir bons frutos de uma terra boa, aguarde o celeiro, louve a chuva. Com efeito, quais são as nuvens, ou o que é

a chuva, a não ser a misericórdia de Deus, que tudo fez para os que ama, e tudo lhes deu para ser amado?

# SALMO 99

## SERMÃO AO POVO

(Proferido em Cartago na basílica Celerina)

**1** [1] Ouvistes, irmãos, cantar o salmo, que é curto, mas não obscuro. Asseguro-o para não terdes medo de cansaço. Vejamos, contudo, atentamente — com cuidado tanto maior quanto mais livres estamos — o significado das palavras como soam de maneira evidente, a fim de apreendermos, à medida do dom de Deus, seu sentido espiritual. A voz de Deus, seja qual for o instrumento que emprega, é sempre a voz de Deus e somente ela apraz a seus ouvidos. Por isso, também nós ao falarmos lhe somos agradáveis, se é ele quem fala por nossos lábios.

**2** [2] "Salmo de confissão". Tal a inscrição, o título. "Salmo de confissão". Poucos versículos, carregados de muito sentido. Germinem em vossos corações estas sementes e prepare-se o celeiro para a colheita do Senhor. Este salmo de confissão constitui uma palavra de ordem, um convite a apresentarmo-nos jubilosos diante de Deus. Não se dirige apenas a um recanto da terra, ou a uma só habitação ou grupo humano. Mas, como a bênção se espalhou por toda a parte, de toda a parte exige o júbilo.

**3** [2] "Jubilai, pois, diante do Senhor, terra inteira". Neste momento, a terra inteira ouve a minha voz? No entanto, a terra inteira ouviu essa voz. A terra inteira jubila diante do Senhor; e a parte que ainda não jubila, jubilará um dia. Estende-se a bênção, a Igreja começa em Jerusalém (cf Lc 24,47), propaga-se por todas as nações, prostra por toda parte a impiedade, estabelece a piedade. Misturam-se bons e maus. Há maus na terra inteira, bons em toda a terra. Nos maus a terra toda murmura, nos bons jubila a terra inteira. Que é jubilar? O título deste salmo chama a atenção para essa palavra. Intitula-se: "De confissão". Que significa jubilar em confissão? Encontra-se em outro salmo a expressão: "Feliz o povo que entende o júbilo" (Sl 88,16). Deve ser algo de grandioso, porque torna felizes os que o entendem. O Senhor nosso Deus, que torna felizes os homens, conceda-me entender o que tenho a dizer e vos dê compreender o que ouvis: "Feliz o povo que entende o júbilo". Acorramos, pois, ao encontro desta felicidade. Entendamos o que é jubilar. Não o comecemos antes de haver entendido. O que adianta jubilar, atender ao salmo que diz: "jubilai diante do Senhor, terra inteira" e não entender o que é júbilo, de tal modo que só a voz jubile, não o coração? O entendimento é voz do coração.

**4** Vou repetir o que já vos é notório. Quem jubila não pronuncia palavras. O júbilo é som alegre, sem palavras. É a voz da alma, transbordante de alegria, a exprimir quanto possível seu afeto, sem dar-lhe sentido preciso. O homem, com alegria e exultação inexprimíveis e ininteligíveis, deixa tranbordar sua alegria, sem palavras. Demonstra na

voz a alegria, mas repleto de excessivo gáudio, não o explica oralmente. Verifica-se o fato, mesmo nos que cantam canções desonestas. Sem dúvida, não é dessa espécie o nosso júbilo. Jubilamos na justiça e eles na iniqüidade. Nós na confissão, eles na confusão. Mas, a fim de entendermos bem o que digo, basta relembrardes um fato conhecido. Os trabalhadores do campo são os que mais se dão ao júbilo. Os ceifeiros, os vindimadores, os que colhem frutos, contentes com a abundância da messe, satisfeitos com a fecundidade e a fertilidade da terra, cantam exultantes; entremeiam nos cânticos sons sem palavras, em expansão alegre. A isso denominam júbilo. Se alguém não o sabe, por não ter aplicado a atenção ao fato, advirta agora. Oxalá não encontre o que advertir, não descubra Deus a quem punir. Como, no entanto, não cessam de nascer os espinhos, reconheçamos o júbilo reprovável nos que se regozijam mal, e a Deus ofereçamos o júbilo merecedor de coroa.

**5** Quando é, pois, que jubilamos? Quando louvamos o que é inefável. Observamos toda a criação, a terra, o mar e o céu, e tudo o que eles encerram. Notamos a origem peculiar a cada coisa, suas causas; vemos a força germinal das sementes, o modo bem ordenado de nascer e de subsistir, o tempo de morrer. Verificamos que os séculos perfazem seu percurso impertubáveis, que as estrelas parecem girar do oriente ao ocidente, a marcar o decurso dos anos. Percebemos também a duração dos meses, a extensão das horas. Além disso, existir, em todos os animais, algo de invisível, chamado espírito ou alma, que os induz a desejar o prazer e fugir da dor, assim como certo vestígio de unidade, o instinto de conservação. Constatamos ainda possuir o homem algo de comum com os anjos de Deus (não o que lhes é comum com os animais, como viver, ouvir, ver, etc.), mas sim o conhecimento de Deus, peculiar à mente, a qual distingue o bem do mal, da mesma forma que vê o olho a diferença entre branco e preto. Após considerarmos as criaturas que, de algum modo, nomeamos e percorremos, interrogue-se a alma a si mesma: quem fez tudo isso? Quem criou todas as coisas? E entre elas, quem te criou? Que são esses seres que consideras? Quem és tu que meditas? Quem as fez para serem vistas e a ti que as observas? Quem é ele? Dize-o. Pensa antes de explicar. Às vezes pode-se pensar em alguma realidade, sem conseguir exprimi-la; de modo nenhum, porém, falar o que não se consegue pensar. Por conseguinte, pensa nele, antes de dizer o que ele é. Para pensares, acerca-te dele. Se queres ver bem um objeto para descrevê-lo, aproximas-te para olhar, a fim de não te enganares, observando só de longe. Vemos os corpos com esses olhos corporais; a Deus, contemplamo-lo com a mente, consideramos e vemos com o coração. Qual o coração que o vê? “Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Escuto, creio, entendo como posso, que o coração vê a Deus, que só os corações puros podem ver a Deus. Mas, ouço igualmente outra passagem da Escritura: “Quem pode dizer: Purifiquei meu coração, de meu pecado estou puro”? (Pr 20,9). Examinei quanto pude as Escrituras; notei as corporais no céu e na terra, as espirituais em mim mesmo que falo, que animo meus membros, que emito a voz, movo a língua, pronuncio palavras e percebo o sentido das mesmas. E quando chego a compreender-me a mim mesmo? Como então entender o que está acima de mim. Não obstante, ao coração humano está prometida a visão de Deus e ele é

convidado a certa purificação. Diz a Escritura: Prepara-te para ver aquele a quem amas antes de ver. A quem não é suave ouvir falar de Deus, pronunciar seu nome, a não ser o ímpio muito longe, muito distante? "Eis que perecerão os que se afastam de ti". E prossegue: "Exterminaste os que de ti apostatam" (Sl 72,27). E nós? Eles estão longe, nas trevas, com os olhos de tal modo ofuscados pelas trevas que não apenas não anelam pela luz, mas até a odeiam. Nós também estávamos longe. Que nos diz a Escritura? "Acercai-vos dele e sereis iluminados" (Sl 33,6). Desagradem-te tuas trevas e assim te aproximes e sejas iluminado; condena o que és, a fim de mereceres tornar-te o que não és. És iníquo e deves ser justo. Jamais obterás a justiça enquanto a iniqüidade te agradar. Esmaga-a no coração e purifica-o; expele-a do coração, onde quer habitar aquele a quem desejas ver. Vai se aproximando, pois, a alma humana, o homem interior, criado novamente à imagem de Deus. Fora criado à imagem de Deus; tanto se distanciara quanto se tornara dessemelhante. Não são as distâncias que nos afastam ou nos aproximam de Deus. Dessemelhante, foste para longe; se te fizeste semelhante, ficaste próximo. Vê de que maneira quer o Senhor que nos aproximemos. Primeiro faz-nos semelhantes e depois próximos. Sede como "vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45). Aprende a amar o inimigo, se dele te queres precaver. À medida que em ti crescer a caridade transformando-te, chamando-te novamente à semelhança de Deus, o amor se estenderá até os inimigos e te tornarás semelhante àquele que faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus, não só sobre bons, e cair a chuva não apenas sobre os justos, mas sobre justos e injustos. Quanto mais te assemelhares, mais progredirás na caridade e começarás a perceber a Deus. A quem experimentas? Aquele que a ti vem ou aquele ao qual voltas? Ele jamais se afasta de ti. Deus de ti se afasta quando tu dele te apartas. Todas as coisas estão igualmente presentes para um cego e um que goza da visão. Estando num mesmo lugar um cego e um que vê, cercam-nos os mesmos seres. Um está presente e o outro acha-se ausente. Ambos no mesmo local: um presente, outro ausente. Não são as coisas que se aproximam ou se afastam. Os olhos é que são diferentes. O cego, extinta a faculdade de apreender a luz que tudo reveste, em vão se acha em presença daquilo que não vê. Seria mais exato dizer que se acha ausente do que presente. É com toda razão que se diz estar ausente do lugar que sua percepção não alcança. Ausentar-se é alhear-se, interceptar os sentidos. Ao invés, Deus está presente em toda a parte, está todo em toda parte. "A sabedoria alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o universo com suavidade" (Sb 8,1). A Sabedoria, o Verbo, luz de luz, Deus de Deus é igual a Deus Pai. Que desejas ver? Não está longe de ti aquele que queres ver. O Apóstolo afirma que não está longe de nós: "Nele, com efeito, temos a vida, o movimento e o ser" (At 17,27.28). Enorme miséria é estar longe daquele que está em toda parte!

**6** Assemelha-te, pois, através da piedade; conhece e ama. "Sua realidade visível torna-se inteligível, através das criaturas" (cf Rm 1,20). Contempla, admira as coisas criadas, procura o Criador. Se fores dessemelhante, serás repelido; se semelhante, exultarás. E quando pela semelhança começares a te aproximar e a pressentir melhor a presença de

Deus, à medida que em ti crescer a caridade, porque “Deus é amor” (1Jo 4,8), sentirás algo que dizias e não podias exprimir. Antes de experimentar, julgavas poder falar de Deus; começas a perceber, e verificas ser impossível traduzir o que experimentas. Sabendo ser impossível explicar o que percebes, calarás? Não louvarás? Emudecerás os louvores de Deus e não darás graças àquele que se deu a conhecer? Louvavas quando buscavas; ao encontrares, calarás? De modo nenhum. Não serás ingrato. Devem-se-lhe honra, respeito, muito louvor. Considera o que és. Terra e cinza. Vê quem mereceu e o que mereceu ver. Quem? E o quê? O homem a Deus. Reconheço. Não é mérito do homem, mas trata-se de misericórdia de Deus. Louva, portanto, aquele que foi compassivo. Louvar, mas como? O pouco que chego a experimentar é “em espelho e de maneira confusa” (cf 1Cor 13,12); não consigo explicá-lo. Escuta, contudo, o salmo: “Jubilai diante do Senhor, terra inteira”. Ouviste o júbilo da terra inteira, se teu júbilo se expande diante do Senhor. Jubila diante do Senhor. Não dividas teu júbilo por este ou aquele objeto. Enfim, as criaturas podem ser descritas de algum modo. Só ele é inefável, ele que “disse e tudo foi feito” (cf Sl 32,9). Disse e fomos feitos; mas nós não podemos dizer o que ele é. Seu Verbo, no qual ele nos criou, é seu Filho para que nós, em nossa fraqueza, de algum modo o exprimíssemos, ele se fez fraco. Podemos pôr o júbilo no lugar da palavra; trocar o verbo por uma palavra, não podemos. “Jubilai, pois, diante do Senhor, terra inteira”.

**7** “Servi o Senhor, com alegria”. A servidão é repleta de amargura. Os escravos servem murmurando. Não tenhais medo de servir a este Senhor. Não será com gemido, murmuração, indignação. Ninguém será vendido, pois suavemente fomos resgatados. É enorme felicidade, irmãos, ser escravo nessa grande casa, não obstante os grilhões. Não temas, escravo acorrentado, confessa a teu Senhor. Atribui os grilhões a teus próprios méritos; confessa nas cadeias, se queres que elas se convertam em ornamentos. Não foi em vão (pois a súplica é atendida) que foi dito: “Chegue a tua presença o gemido dos cativos” (Sl 78,11). “Servi o Senhor, com alegria”. Perto do Senhor, a escravidão é livre; escravidão livre, porque se serve com caridade, não por necessidade. “Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto à carne, mas pela caridade, ponde-vos a serviço uns dos outros” (Gl 5,13). A verdade te fez livre; faça-te escravo a caridade. “Se permanecerdes na minha palavra, sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,31.32). És simultaneamente servo e livre. Servo enquanto criatura; livre, porque amado por Deus que te fez. Mais livre ainda por amares aquele que te fez. Não sirvas murmurando. A murmuração não te livra de servir; apenas faz com que sirvas mal. És servo do Senhor, liberto do Senhor. Não ambiciones alforria, que te afastaria da casa do Senhor que te liberta.

**8** “Servi o Senhor, com alegria”. Haverá plena, perfeita alegria “quando este ser corruptível tiver revestido a incor-ruptibilidade, e este ser mortal tiver revestido a imortali-dade” (cf 1Cor 15,54). Existirá, então, perfeita alegria, júbi-lo consumado, louvor indefectível, amor sem escândalo, frutos sem temor, vida sem morte. E agora?

Não existe gáudio? Se não há gáudio, não há júbilo. Como, então, se diz: "Jubi-lai diante do Senhor, terra inteira?" Aqui na terra, certamente, existe também um gáudio, o da esperança da vida futura. Aqui é antegozo, lá saciedade. Mas, é preciso que o trigo sofra muito no meio do joio; há grãos no meio da palha (cf Mt 3,12; 13,30), lírio entre os espinhos. Que palavra é dita à Igreja? "Como lírio entre espinhos, é minha amada entre as filhas" (Ct 2,2). Não se disse: entre as estranhas, e sim: "entre as filhas". Ó Senhor, é assim que con-solas, que confortas, que atemorizas? O que dizes? "Como lírio entre espinhos", que espinhos? "Assim é minha amada entre que filhas?" Espinhos identificam-se a filhas? Ele responde: São espinhos, por causa de seus costumes, filhas por causa de meus sacramentos. Antes gemesse entre estrangeiros; gemeria menos. Esse gemido é mais agudo. "Pois se me exprobasse um inimigo, decerto o suportaria. E se o que me odiava proferisse insolências, dele me esconderia". São palavras de um salmo. Quem conhece nos-sas Escrituras, sabe continuar; quem não conhece, aprenda como continua: "E se o que me odiava proferisse isolên-cias, dele me esconderia. Mas és tu, meu companheiro, meu conselheiro e amigo, tu que comigo tomavas suaves alimentos" (Sl 54,13-15). Quais são esses alimentos suaves que partilham aqueles que não ficarão conosco para sempre? Quais? Senão: "Provai e vede como é suave o Senhor"? (Sl 33,9). Vivendo entre eles, forçoso é gemermos.

**9** Mas, para onde há de retirar-se o cristão que não quer gemer entre falsos irmãos? Aonde ir? Que fazer? Procurar a solidão? Segui-lo-ão os escândalos. Quem progrediu, há de apartar-se para não ter de suportar absolutamente a outro? Que teria acontecido, se antes de haver feito progresso, ninguém tivesse querido suportá-lo? Se alguém, por ter progredido, não quer suportar os outros, pelo fato mesmo de não querer tolerar, dá provas de que não avançou. V. Caridade esteja atenta. "Suportai-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4,2.3). Suportai-vos uns aos outros. Não tens algum defeito que os outros tenham de tolerar? Admiro-me muito se não houver. Mas, concedo. Não existe. Tanto mais forte hás de ser para suportar os demais, se já não dás motivo a outrem de te suportar. Não és tolerado. Suporta. Não posso, respondes. Então, já existe em ti alguma coisa que os outros suportem. "Suportai-vos uns aos outros com amor". Abandonas o con-vívio humano, separas-te de tal forma que ninguém te veja. A quem serás útil? Chegarias a este ponto se ninguém te houvesse ajudado? Julgas que tiveste pés rápidos para atravessar; então vais cortar a ponte? Exorto a todos, a todos exorta a voz de Deus: "Suportai-vos uns aos outros com amor".

**10** Vou isolar-me, diz alguém, com alguns, poucos mas bons; estarei bem em sua companhia. Não ter a quem ajudar é impiedoso, é cruel. Não foi isso que me ensinou o meu Senhor. Ele não condenou o servo que lucrou com o que recebera, mas condenou aquele que não empregou o dinheiro. Pelo castigo do preguiçoso entende-se qual será o do infiel. "Servo mau e preguiçoso" (Mt 25,14-30), condena o Senhor. Não declara: Empregaste mal o meu dinheiro. Não diz: Dei-te e não me devolveste na íntegra. Diz: Punir-te-ei porque não lucraste, não empregaste. Deus é avaro de nossa salvação. Isolar-

me-ei, então, com poucos, mas bons. Que tenho a ver com as multidões? Está bem. Mas esses poucos que são bons, de que multidão foram escolhidos? Se já são todos bons, é bom e louvável estar na companhia dos que escolheram uma vida tranqüila; separados do bulício do povo, das turbas inquietas, dos vagalhões do século, acham-se no porto. Já possuem aí o gáudio? Já têm o júbilo prometido? Ainda não. Ainda há gemidos, ainda existe a tribulação das tentações. Também o porto tem acesso de algum lado. Se não houvesse acesso, nave alguma poderia penetrar. É preciso, portanto, estar aberto de alguma parte. Às vezes, porém, do lado aberto irrompe o vento e onde não há escolhos, as naves se entrechocam e se partem. Onde então encontrar segurança, se nem no porto? Entretanto, é melhor estar no porto do que no alto mar. Temos de confessar isso, de conceder. É verdade. Amem-se. As naves no porto fiquem bem situadas, não se entrechoquem. Conservem-se a igualdade, a eqüidade, a constância na caridade. E se acaso do lado aberto irromper o vento, seja cautelosa a direção.

**11** Que me dirá aquele que preside, ou antes, que serve os irmãos, nestes lugares denominados mosteiros? Que dirá? Serei precavido. Não admitirei nenhum malvado, nenhum irmão perverso que queira entrar. Estarei bem na companhia de poucos, mas bons. De onde conheces aquele que por acaso queres excluir? Para se saber se é mau, precisa ser experimentado no mosteiro. Como excluis o candidato que deve ser experimentado e não pode ser experimentado se não entrar? Repeles os maus? Assim falas. Sabes conhecê-los? Todos vêm a ti com o coração descoberto? Nem eles mesmos, os candidatos, se conhecem; quanto menos tu! Muitos prometeram levar uma vida santa, ter tudo em comum, numa vida onde ninguém diz ser sua coisa alguma e todos têm um só coração e uma só alma em Deus (cf At 4,32.35); mas lançados na fornalha, racharam. Como hás de conhecer quem a si mesmo se desconhece? Excluirás os maus irmãos do convívio dos bons? Tu que afirmas isso, expulsa, se puderes, de teu coração todos os maus pensamentos; não entre em teu coração nem mesmo a sugestão má. Mas, não consinto, respondes. A sugestão, contudo, entrou. Todos nós queremos ter o coração bem defendido de qualquer sugestão má. Quem sabe, porém, por onde ela entra? Lutamos cotidianamente em nosso coração, que é um só; um homem só, em seu coração, luta com multidão. Sugere a avareza, sugere a volúpia, sugere a voracidade, sugere o contentamento vulgar. Todos sugerem. Contém-te, replica a todos, escapa de todos; difícil é não ser ferido de algum modo. Onde existe, então, segurança? Aqui, em parte alguma. Nessa vida, jamais, a não ser apenas na esperança das promessas de Deus. Lá, porém, no céu, quando lá chegarmos, haverá perfeita segurança, ao se fecharem as portas e "se reforçarem os ferrolhos de tuas portas, ó Jerusalém" (Sl 147,13); lá haverá pleno júbilo e grande alegria. Agora, porém, não é seguro louvar vida alguma. Antes da morte não louves homem algum (cf Eclo 11,30).

**12** Por isso, enganam-se os homens ao aconselharem a não se escolher a vida melhor, ou a optar por ela de modo temerário. Se querem elogiar, elogiam sem declarar o mal que existe mesclado e os que querem censurar, fazem-no com ânimo tão invejoso e perverso que fecham os olhos ao que há de bom, exagerando o mal que existe ou julgam existir.

Daí vem que toda profissão falsamente elogiada, isto é, louvada sem reservas, atrai os homens por causa desses elogios. Eles a adotam, mas verificam depois serem alguns como eles não suspeitavam; escandalizados com os maus, fogem dos bons. Irmãos, aplicai a seguinte regra a vossa vida; escutai-a para vivê-la. De modo geral, louva-se a Igreja de Deus. Grandes homens esses cristãos! E somente eles! É grandiosa a Igreja católica. Todos se amam e quanto possível entregam-se à oração, aos jejuns, aos hinos. Por toda a terra Deus é louvado na concórdia da paz. Quem ouve, sem saber que se calou a existência de maus no meio deles, aproxima-se atraído pelos louvores. Encontra maus entre eles, sem estar prevenido. Escandaliza-se com os maus cristãos, foge dos verdadeiros. De outro lado, os que os odeiam maldizem, lançam vitupérios. Que espécie de cristãos! Que cristãos! Avaros, usurários. Não são os mesmos que enchem os teatros e anfiteatros, nos jogos e outros espetáculos, que freqüentam as igrejas nos dias de festa? Ébrios, vorazes, invejosos, perseguidores uns dos outros. Existem tais cristãos; mas não somente desses. E o censor, cego de espírito, não fala dos bons, enquanto aquele admirador incauto não trata dos maus. Se, porém, for louvada agora a Igreja de Deus, conforme a louvam as Escrituras de Deus, eis como será: “Como lírio entre espinhos, é minha amada entre as filhas” (Ct 2,2). Alguém escuta, considera, agrada-lhe o lírio, entra, adere ao lírio, tolera os espinhos. Merecera o louvor e o ósculo do esposo, que diz: “Como lírio entre espinhos, é minha amada entre as filhas”. Coisa idêntica acontece relativamente aos clérigos. Os que querem elogiar observam que existem bons ministros, dispensadores fiéis, pacientes com todos, dando-se inteiramente aos que querem progredir, não buscando os próprios interesses e sim os de Jesus Cristo (cf Fl 2,21). Louvam-nos e se esquecem de que entre eles há mistura de alguns maus. De outro lado, os censores da avareza dos clérigos, de sua falta de probidade, das demandas, da ambição do alheio, atacam-nos porque são ébrios, vorazes. Um louva incautamente; outro inveja por censura. Se louvas, declara que existem juntamente maus; se criticas, verifica que há também alguns bons. Assim sucede igualmente a respeito da vida comum dos irmãos em mosteiros. São grandes homens, santos! Passam os dias em hinos, em orações, no louvor de Deus. Absorvem-se na leitura. Trabalham com as próprias mãos para viver. Nada pedem avaramente. Usam moderadamente e com caridade os donativos de irmãos piedosos. Ninguém exige para si o que os outros não têm. Todos se amam, todos se apoiam mutuamente. Louvor e mais louvor! Quem não sabe o que se passa lá dentro, quem ignora que ao irrom-per o vento até mesmo os navios no porto se colidem, entra contando obter segurança, sem precisar tolerar os outros. Encontra maus irmãos. Não se verificaria que são maus se não houvessem sido admitidos. É preciso serem tolerados inicialmente a fim de se corrigirem. Não podem logo ser excluídos, antes de serem tolerados. Então, o candidato não tolera por impaciência. Quem é que me chamava para cá? Pensava que havia aqui muita caridade. E irritado com os aborrecimentos causados por poucos, não persevera no cumprimento do que prometeu e deserta de tão santo propósito, tornando-se réu, trans-gressor de um voto. Depois de sair, faz-se crítico e maldizente. Conta apenas aquilo que afirma não ter podido suportar, e por vezes com verdade. Mas, toleram-se os males reais, por causa da convivência com

os bons. Diz-lhes a Escritura: “Ai de vós que perdestes a paciência” (Eclo 2,14). E o que é pior, exala o mau odor da indignação, assustando os que planejavam entrar, porque ele entrou e não pôde ficar. Como são eles? Invejosos, contensiosos, intolerantes, avaros; um fez isto, outro aquilo. Ó malvado, porque não falas dos bons? Censuras os que não pudeste tolerar; calas os que te suportaram a ti, que és mau.

**13** Efetivamente, é magnífica no evangelho do Senhor, irmãos caríssimos, a palavra do Senhor: “Estarão dois no campo; um será tomado, e o outro deixado. Estarão duas moendo no moinho; uma será tomada e a outra deixada; dois estarão num leito; um será tomado e o outro deixado” (Mt 24,40.41; Lc 17,34.35). Quem são os dois no campo? É o que diz o Apóstolo: “eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Vós sois a seara de Deus” (1Cor 3,6.9). Trabalhamos no campo. “Os dois no campo” são os clérigos. “Um é tomado, e o outro deixado: é tomado o bom e deixado o mau. “duas no moinho” é a plebe. Por que no moinho? Porque, presas ao século, estão como que detidas pela mó, pelo circuito das coisas temporais. E assim, “uma será tomada e a outra deixada”. Quem será tomada? Quem pratica boas obras, quem atende às necessidades dos servos de Deus, à indigência dos pobres. Quem se mostra fiel no louvor, na alegria certa da esperança, vigilante junto de Deus, sem desejar mal a ninguém, amando o mais possível, não só os amigos, mas até os inimigos, não cobiçando a mulher do próximo, não desejando outro marido a não ser o seu. Esta será também tomada do moinho. A outra, muito diferente, será deixada. Outros dizem: Queremos sossego; não queremos suportar a ninguém. Separemo-nos da multidão e estaremos bem, em relativa segurança. Se é sossego que procuras estás buscando um leito, a fim de descansares sem preocupações. E por isso, “um será tomado e o outro deixado”. Ninguém vos engane, irmãos. Se não quereis vos iludir e desejar amar os irmãos, sabei que em qualquer estado na Igreja há fingidos. Não disse que todos são fingidos e sim que em todos os estados há fingidos. Existem maus cristãos; há, porém, bons igualmente. Parece que vês maus em maior número. São palha que te impedem de alcançar os grãos. Existem grãos também. Aproxima-te, experimenta, sacode, julga. Encontrarás monjas indisciplinadas; por isso vamos criticar o estado monástico? Muitas não param em casa, aprendem a correr de casa em casa, desocupadas, tagarelas, soberbas, intrigantes, dadas à bebida (cf 1Tm 5,13); e se são virgens, de que serve a integridade da carne, se a mente é corrupta? É melhor o matrimônio humilde do que a virgindade soberba (cf 1Cor 7,34). Se fossem casadas, não teriam título de que se orgulhar e sim freio para governá-las. Por causa das virgens más, iremos condenar as que são santas no corpo e no espírito? Ou, diante das que merecem louvor, seremos obrigados a elogiar até mesmo as indignas? Em toda parte, uma será tomada, e outra deixada.

**14** Mas, irmãos, terminemos o salmo. É muito claro. “Servi o Senhor, com alegria”. Dirige-se a vós todos que na caridade tudo suportais, alegres na esperança. “Servi o Senhor”, não com a amargura da murmuração, mas “com a alegria” do amor. “Entrai exultantes em sua presença”. É fácil exultar exteriormente. Exulta na presença do Senhor. Não tanto seja a boca a exultar. Exulte a consciência. “Entrai exultantes em sua

presença".

**15** [3] "Sabei que o Senhor é Deus". Quem não sabe que o Senhor é Deus? O salmo se refere ao Senhor, que os homens julgavam não ser Deus. "Sabei que o Senhor é Deus". Não menosprezeis aquele Senhor. Vós o crucificastes, fla-gelastes, cobristes de escarros, coroastes de espinhos, vestistes com a veste ignominosa, suspendestes no madeiro, atravessastes com os cravos, feristes com a lança, pusestes guardas em seu sepulcro. Ele é Deus. "Sabei que o Senhor é Deus. Ele nos fez e não nós mesmos nos fizemos". Ele nos fez. "Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito" (cf Jo 1,3). Por que exultais? De que vos orgulhais? Outro vos criou. Fizeste sofrer vosso criador. E vós vos gabais, gloriais, ensoberbeceis, como se vos tivésseis feito a vós mesmos. É bom para vós que termine sua obra aquele que vos criou. "Ele nos fez e não nós mesmos nos fizemos". Não nos orgulhemos. Recebemos de nosso criador todo bem que possuímos. Conceda-nos o que fizemos em nós e coroe-nos o que ele mesmo fez em nós. "Somos povo seu e ovelhas de seu rebanho". Somos ovelhas e ovelha. As ovelhas constituem uma só ovelha. E que pastor é tão amante quanto nosso pastor? Deixou as noventa e nove ovelhas e foi em busca de uma só, aquela que foi remida com seu sangue. Carrega-a nos ombros e volta (cf Lc 15,4.5). O pastor morreu confiante pela ovelha e tendo ressuscitado a possui. "Somos povo seu e ovelhas de seu rebanho".

**16** "Transponde seus pórticos com cânticos de confissão". Os pórticos são o começo. Começai pela confissão. Por isso é que o salmo se intitula: "De confissão". Aí jubilai. Confes-sai que não vos fizestes a vós mesmos, louvai vosso criador. Ele seja teu bem, pois ao te afastares dele, praticaste o mal que vem de ti. "Transponde seus pórticos com cântico de confissão". O rebanho atravesse os pórticos. Não fique fora, em poder dos lobos. E como há de entrar? "Pela confissão". A porta, isto é, o início seja a confissão. Por isso, diz outro salmo: "Começai cânticos, confessando ao Senhor" (Sl 146,7). "Começai" é idêntico a "pórticos" deste salmo. "Transponde seus pórticos com cânticos de confissão". Tendo entrado, não confessaremos mais? Confessa sempre; há sempre o que confessar. Difícil é nessa vida transformar-se o homem de tal maneira que nada mais de repreensível nele se encontre. Importa que te acuses a ti mesmo, a fim de que não te censure quem pode condenar. Portanto, mesmo depois de entrares nos átrios, confessa. Quando não haverá mais confissão de pecados? Naquele repouso, naquela igualdade com os anjos. Mas, notai o que afirmei: Não haverá mais confissão de pecados. Não disse: Não haverá mais confissão. Haverá a confissão do louvor. Sempre haverás de confessar que ele é Deus e tu, criatura; ele é protetor e tu o protegido. Nele, de certo modo, estarás escondido, conforme se disse: "Abrigá-los-ás no esconderijo de tua face" (Sl 30,21). "E seus átrios com hinos. Confessai-o". Nos pórticos, confessai; e tendo entrado em seus átrios, confessai-o com hinos. Os hinos são louvores. Ao entrares censura-te a ti mesmo; lá dentro louva-o. "Abri-me as portas da justiça", diz outro salmo. "Entrarei por elas para confessar o Senhor" (Sl 117,19). Acaso diz: Quando tiver entrado, já não confessarei? Mesmo havendo entrado, confessará. Que pecados confessou nosso Senhor Jesus Cristo, quando disse: "Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra"? (Mt 11,25). Confessava

a louvar, não a se acusar.

**17** 4.5 "Louvai o seu nome, porque o Senhor é suave". Não penseis que ides desfalecer, se louvardes assim. Vosso louvor vos servirá de alimento; à medida que louvardes, adquirireis forças e vos será suave aquele a quem louvais. "Louvai o seu nome, porque o Senhor é suave. Sua misericórdia é eterna". Com a tua libertação não se extinguirá sua misericórdia. Compete a sua misericórdia proteger-te sempre na vida eterna. Portanto, "sua misericórdia é eterna e sua verdade se estende de geração em geração. De geração em geração", isto é, em todas as gerações; ou duas gerações, uma terrena e outra celeste. Aqui na terra é a primeira geração, que gera seres mortais; a outra produz seres eternos. Sua verdade existe aqui e lá. Não se pense que não exista aqui sua verdade. Se aqui não houvesse verdade, não teria dito outro salmo: "A verdade germinou da terra" (Sl 84,14); nem teria afirmado a própria verdade: "E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20).

# SALMO 100

## SERMÃO DO POVO

**1** [1] Devemos procurar em todo o texto deste salmo centésimo o conteúdo do primeiro versículo. “Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor”. Ninguém se iluda acerca de sua impunidade apoiado na misericórdia de Deus, porque existe também a justiça; e ninguém que se tiver convertido para melhor tenha pavor do juízo de Deus, porque precedeu a misericórdia. Pois, os homens em seus julgamentos, por vezes se deixam vencer pela misericórdia e agem contra a justiça; parecem ter misericórdia, mas não justiça; outras vezes, com efeito, querendo manter a justiça com todo o rigor, perdem a misericórdia. Deus, porém, nem perde a severidade do julgamento quando age com bondade e misericórdia, nem ao julgar severamente perde a bondade e a misericórdia. E se distinguimos as duas coisas, a misericórdia e a justiça, quanto ao tempo, talvez veremos que não foi sem motivo que foram apresentadas nesta ordem, de tal forma que não se disse: Justiça e misericórdia, mas “misericórdia e justiça”. Se, conseqüentemente, distinguirmos as duas coisas, quanto à ordem no tempo, provavelmente descobriremos que agora é tempo de misericórdia, e futuramente será o tempo do juízo. Como se explica que primeiro vem o tempo da misericórdia? Primeiro considera a questão em Deus, a fim de também tu, à medida que ele te conceder, imites o Pai. Não é arrogância de nossa parte dizer que devemos imitar nosso Pai; com efeito, o próprio Senhor, o Filho único de Deus, a isso nos exorta, nesses termos: “Deveis ser perfeitos como o vosso Pai é perfeito”. Tendo ele dito: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; deste modo”, prossegue ele, “vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus e cair chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,48.44.45). Eis a misericórdia. Ao verificares que justos e injustos contemplam o mesmo sol, gozam da mesma luz, bebem das mesmas fontes, fartam-se com a mesma chuva, enchem-se dos mesmos frutos da terra, igualmente respiram o mesmo ar e possuem com igualdade os bens deste mundo, não julgues que Deus é injusto, por dar estes bens igualmente a justos e injustos. Agora é tempo de misericórdia; ainda não de julgamento. Pois, se Deus primeiro não poupasse por misericórdia, não encontraria a quem coroar por ocasião do juízo. É, portanto, tempo da misericórdia este em que a paciência de Deus induz os homens pecadores à penitência.

**2** Escuta como o Apóstolo distingue os dois tempos a fim de os distinguires, também tu. Diz ele: “Ou pensas tu, ó homem, que julgas os que tais ações praticam e tu mesmo as praticas, que escaparás ao juízo de Deus?” Atenção. Pois, o Apóstolo via que ele (aquele ao qual se dirige. Não fala a um homem só, mas ao gênero humano como tal), via que ele cometia muitos pecados diariamente, e no entanto continuava a viver, sem que mal algum o atingisse e por isso pensava que Deus estava dormindo, ou não dava importância às coisas humanas, ou gostasse do mal que os homens faziam. O Apóstolo tira dos

corações dos que entendem bem as coisas, tal pensamento. Como se exprime? "Ou pensas tu, ó homem, que julgas os que tais ações praticam e tu mesmo as praticas, que escaparás ao juízo de Deus?" Seria como se dissesse: Por que cometo tantos pecados diariamente, e nada de mal me acontece? Ele prossegue, mostrando-lhe o tempo da misericórdia: "Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longaminidade". E na verdade, desprezava tudo isso; mas o Apóstolo desperta-lhe a solicitude: "Desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão?" Eis o tempo da misericórdia. Mas, tendo em mira que ele não pensasse que seria sempre assim, como o atemoriza na continuação da epístola? Ora, tu (já se refere ao tempo do juízo; ouviste referência ao tempo da misericórdia, uma vez que: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor): Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus que retribuirá a cada um segundo suas obras" (Rm 2,3-6). Eis que: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor". Mas, ele ameaçou com o juízo; então o juízo de Deus só deve ser temido e não amado? Quanto aos maus, devem temê-lo por causa do castigo, mas os bons devem amá-lo devido à coroa. Uma vez que o Apóstolo atemorizou os maus no testemunho que citei, escuta agora como alimenta a esperança dos bons a respeito do juízo. Apresenta seu caso, e afirma, mostra em si mesmo o tempo da misericórdia. Pois, se não tivesse encontrado o tempo da misericórdia, como o acharia o tempo da justiça? Blasfemo, perseguidor, insolente. Pois, é assim que fala, recomendando o tempo da misericórdia, em que estamos. Diz ele: "Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia". Mas talvez ele sozinho obteve misericórdia? Escuta como ele nos reanima: "Para que em mim, o primeiro, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longaminidade, como exemplo para quantos hão de crer, para a vida eterna" (1Tm 1,13.16). Que significa: "Para que em mim demonstrasse a longaminidade?" Assim, cada pecador e criminoso pode ver que Paulo recebeu o perdão, e não desespere de si mesmo. Ele apresentou-se a si mesmo em exemplo e com isso reconfortou os outros. Quando? No tempo da misericórdia. Quanto ao tempo do juízo, escuta o que ele fala acerca dos bons, referindo-se a si e aos outros. Primeiro, consegui misericórdia. Por quê? Porque foi blasfemo, perseguidor e insolente. O Senhor veio para perdoar a Paulo e não para dar-lhe o que merecia. Se quisesse retribuir, que encontraria para dar ao pecador, a não ser a pena e o suplício? Não quis dar castigo, mas concedeu a graça. Ouve como aquele que foi perdoado tem o Senhor também por devedor. Encontrou-o como doador no tempo da misericórdia, e mantém-no como devedor no tempo da justiça. Vede como se exprime: "Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé". Este é o tempo da misericórdia; ouve, agora, o do juízo. "Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me retribuirá o Senhor, justo juiz, naquele dia". Não disse: dará, mas: "retribuirá". Quando perdoava era misericordioso; quando retribuir será juiz, porque: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor". Ora, perdoando os pecados fez-se devedor da coroa. Daí: "Obtive misericórdia". Em primeiro lugar, portanto, o Senhor é misericordioso, depois "me retribuirá com a coroa da justiça". Por que motivo retribuirá? Porque é

"justo juiz". Por que é justo juiz? "Porque combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé". Se é justo não pode deixar de coroar essas ações. Ele encontrou estas ações para coroar; anteriormente, porém, o que encontrara? "Outrora era blasfemo, perseguidor". Foi isto que Deus perdoou; aquelas ações coroará, perdoou no tempo da misericórdia, coroará no tempo do juízo; por isso: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor". Mas, foi apenas Paulo que assim mereceu? Pois, mencionei estas coisas, como ele nos atemorizou com seu testemunho; agora nos anima; tendo dito: "Que me retribuirá o Senhor, justo juiz, naquele dia", acrescentou: "e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua aparição" (2Tm 4,6-8).

**3** Em conseqüência disso, irmãos, visto que estamos no tempo da misericórdia, não nos iludamos, não nos omitamos, não digamos: Deus sempre poupa. Pequei ontem, e Deus perdoou; peco hoje e Deus me poupa; pecarei amanhã, porque Deus perdoa. Dás atenção à misericórdia e não temes o juízo. Se queres cantar a misericórdia e a justiça, compreende que ele poupara a fim de te corrigires e não para permanceres na malignidade. Não ente-soures ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus. Quanto ao tempo da misericórdia, diz outro salmo: "Ao pecador, porém, Deus diz: Por que enumeras as minhas justiças e tens na boca a minha aliança? Pois, tu detestas a disciplina e atiraste para trás as minhas palavras. Se vias um ladrão, corrias com ele e aos adúlteros te associavas. Tu te assentastes para falar contra teus irmãos e para pôr tropeço ao filho de tua mãe. Fizeste isto e calei". Olha o tempo da misericórdia. Que quer dizer: "Calei?" Seria: Não corrigi? Mas: Não julguei. Pois como cala quem cotidianamente clama nas Escrituras, no evangelho, nos seus pregadores? Calei quanto ao suplício, não quanto às palavras. "Fizeste isto e calei". E visto que Deus calou, isto é, não castigou, que diz o pecador em seu coração? Ouve: "Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti". Quer dizer, não bastou seres tal qual és; e imaginaste que sou igual. E mostrando-lhe o salmista o tempo da misericórdia, atemorizou-o acerca do tempo do juízo: "Censurar-te-ei e manifestarei a ti mesmo diante de teus olhos" (Sl 49,16-21). Tu te colocas atrás, mas eu te porei diante de ti mesmo. Todo aquele que não quer ver seus pecados coloca-se por detrás e examina atentamente os pecados dos outros, não por diligência, mas por inveja. Não quer curar e sim acusar. Esquece-se, porém, de si mesmo. Daí vem que o Senhor diz a esses tais: "Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu"? (Mt 7,3). Uma vez que cantamos a misericórdia e o juízo, praticando a misericórdia, esperemos com segurança o juízo; estejamos no corpo de Cristo e cantemos assim. Pois, Cristo o canta; se somente a Cabeça canta, este cântico é do Senhor e não nos pertence; se, porém, o Cristo total, isto é, Cabeça e corpo, canta, que estejas entre seus membros, adere a ele pela fé, pela esperança e pela caridade. Nele cantas, nele exultas. Ele em ti trabalha, em ti tem sede, em ti tem fome e é atribulado. Ele em ti ainda morre, e tu nele já ressuscitaste. Pois, se ele não morresse em ti, não teria querido que o perseguidor o poupasse em ti, quando dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Por conseguinte, irmãos, Cristo canta; mas sabeis como; assiduamente vos relembramos quem é Cristo, e sei que vos é notório. Cristo Senhor é o Verbo de Deus, pelo qual tudo foi dito. Este Verbo, a

fim de nos redimir, fez-se carne, e habitou entre nós (cf Jo 1,3.14). Fez-se homem o Deus que está acima de todas as coisas, o Filho de Deus igual ao Pai; fez-se homem, a fim de que o Deus homem fosse mediador entre os homens e Deus, e reconciliasse os que estavam longe, reunisse os separados, chamasse de novo os alheados, reconduzisse os peregrinos. Para tudo isso se fez homem. Tornou-se a Cabeça da Igreja, corpo e membros. Procura tu os seus membros. Agora gemem por toda a terra; no final se alegrarão com a coroa da justiça, da qual disse Paulo: “Que me retribuirá o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,8). Agora, portanto, cantemos na esperança, todos reunidos, unânimes. Pois, revestidos de Cristo, somos Cristo com nossa Cabeça; de fato, somos descendência de Abraão. O Apóstolo o diz. Porque disse: somos Cristo. Afirma o Apóstolo: “então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa”. Somos da descendência de Abraão; vejamos se Cristo é da descendência de Abraão. “Em ti serão abençoadas todas as gentes”. Não diz: “e aos descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a uma só: e à tua descendência, que é Cristo” (Gl 3,29.8.16). E a nós diz: “Então sois descendência de Abraão”. É claro, porque pertencemos a Cristo. E como somos seus membros e seu corpo, com a nossa Cabeça formamos um só homem. Cantemos, portanto: “Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor”.

**4** [2] “Entoarei salmos e procurarei entender no caminho sem mácula. Quando virás a mim?” Fora do caminho sem mácula, não podes salmodiar, nem entender. Se queres entender, salmodia no caminho imaculado, isto é, opera com alegria para teu Deus. Qual é o caminho sem mácula? Escuta como continua o salmo: “Eu procedia com coração inocente, no interior de minha casa”. Este caminho sem mancha começa da inocência, e também com ela é que termina. Por que procuras muitas palavras? Sê inocente, e cumpres a justiça. Mas que é ser inocente? De dois modos pode o homem causar dano, enquanto depende dele: ou fazendo alguém infeliz, ou abandonando-o, pois tu também não queres que outro te torne infeliz, nem queres ser abandonado por ele se estiveres na infelicidade. Quem é que torna os outros infelizes? Aquele que inflige violências ou insídias, rouba os bens alheios, oprime os pobres, furta, seduz a esposa do próximo, é caluniador, causa dor nos homens por malevolência. Quem é que abandona os infelizes? Quem vê um pobre necessitado de auxílio e tendo como ajudar menospreza, despreza, afasta-se dele de coração. Pois, se alguém está inteiramente bem, sem necessitar de qualquer obra de misericórdia, seria soberbo se abandonasse os infelizes. Ainda se encontra na tribulação da carne, sem saber o que pode lhe suceder amanhã, e despreza as lágrimas dos infelizes; não é inocente. Mas quem é inocente? Quem não faz mal a outrem, nem a si mesmo. Efetivamente, quem se prejudica a si, não é inocente. Pode dizer alguém: Não tirei coisa alguma dos outros, não oprimi a ninguém; do que é meu, do meu justo trabalho farei o bem a mim mesmo. Quero preparar um banquete, gastar quanto me agrada, beber com quem quiser quanto me apraz. A quem roubei? A quem oprimi? Quem se queixa de mim? Parece inocente. Mas se ele se corrompe a si mesmo, se derruba em si o templo de Deus, como esperar que pratique a misericórdia para com os outros e poupe os miseráveis? Quem é cruel para si mesmo, pode ser misericordioso

com outro? De fato, a justiça se resume numa só palavra acerca da inocência; “Quem ama a iniqüidade, odeia a sua alma” (Sl 10,6). Quando amava a iniqüidade, pensava que prejudicava os outros. Mas vê se é aos outros que prejudica: “Quem ama a iniqüidade, odeia sua alma”. Prejudica-se, portanto, em primeiro lugar a si mesmo quem quer causar dano aos demais; nem caminha, pois não tem onde andar. Toda malícia sente-se apertada; somente a inocência está ao largo, pode andar. “Eu procedia com coração inocente no interior de minha casa”. Interior de sua casa seria a própria Igreja, pois nela Cristo caminha. Ou o seu coração, pois o interior de nossa casa é nosso coração. Eu o expus acima: “com coração inocente”. Que é a inocência do coração? O interior de sua casa. Quem não possui um interior bom é expulso dali. Quem tem o coração opresso, devido a uma consciência onerada (como alguém que sai de casa por causa de uma goteira, ou da fumaça), não agüenta ficar lá no seu interior, porque fica inquieto, não consegue concentrar-se com gosto. Esses tais, por sua intenção, saem e se deleitam fora, nos prazeres corporais. Procuram descanso em futilidades, em espetáculos, na luxúria, em todos os males. Por que desejam sentir-se bem lá fora? Por que não estão bem em seu interior, não se alegram em sua consciência. Foi por isso que o Senhor disse, ao curar o paralítico: “Toma o teu catre e vai para casa” (Mt 9,6). Assim proceda a alma, mais ou menos paralisada; submeta seus membros às boas obras, pratique o bem, tome seu catre, domine seu corpo; vá para casa, entre em sua consciência; já a terá ampla, e pode andar, salmodiar, entender.

**5** [3.4] “Não admitia diante de meus olhos nenhuma ação má”. Que significa: “Não admitia diante de meus olhos nenhuma ação má?” Não amava. Pois, costuma-se afirmar, como sabeis, a respeito de alguém que é amado por outro: Ele o tem diante dos olhos. E quem é desprezado, assim costuma se queixar: Não me tem diante dos olhos. Que quer dizer, portanto, ter diante dos olhos? Amar. Que significa: não amar? Não estar no coração. Por esta razão, diz o salmista: “Não admitia diante de meus olhos nenhuma ação má ”, não amava ação má. E expõe o que é ação má: “Detestava os transgressores da lei”. Atenção, meus irmãos! Se caminhais com Cristo no interior de sua casa, isto é, se ao menos em vosso coração encontrais justo repouso, ou na própria Igreja caminhais por sendas sem mácula, não deveis odiar apenas os transgressores externos, mas qualquer deles que encontrardes interiormente. Quais são os transgressores? Os que odeiam a lei de Deus; os que a escutam, mas não a praticam, são denominados prevaricadores. Odeia os transgressores, repele-os de ti. Mas deves odiar os transgressores e não os homens. Um só é homem e transgressor; como verificais, tem dois nomes: homem e transgressor. Deus criou o homem, mas ele próprio fez-se transgressor. Ama nele a obra de Deus, persegue nele o que ele mesmo fez. Ao perseguires sua transgressão, matas o que o homem fez, e liberta-se o que Deuz fez. “Detestava os transgressores da lei”.

**6** “Não se unia a mim o coração depravado”. Que é coração depravado? O coração torto. Que é coração torto? O coração que não é reto. Qual o coração que não é reto? Pondera o que é um coração reto e descobrirás o que é um coração que não é reto. Diz-

se que um homem tem o coração reto quando quer tudo o que Deus quer. Atenção! Por exemplo, reza um homem qualquer, pedindo que não aconteça determinada coisa; reza, e não é proibido rezar. Peça quanto puder; mas contra sua vontade aquilo acontece. Submeta-se à vontade de Deus, não resista a uma vontade superior. O próprio Senhor assim explica, mostrando em si mesmo a nossa fraqueza, por ocasião de sua paixão, ao dizer: "A minha alma está triste até a morte" (Mt 26,38). Com efeito, não tinha medo da morte aquele que tinha o poder de entregar a sua vida e poder de retomá-la (cf Jo 10,18). E o apóstolo Paulo, seu soldado, seu servo, clama: "combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia" (2Tm 4,7.8). Exulta porque vai morrer; e seu Senhor, seu Imperador está triste diante da morte? Então o servo é melhor que o Senhor? E porque disse o próprio Senhor: "Basta que o servo se torne como o seu senhor e o discípulo como o seu mestre"? (Mt 10,25). Eis que Paulo é forte perante a morte e o Senhor fica triste? Diz o Apóstolo: "Meu desejo é partir para estar com Cristo, e o próprio Cristo sente-se triste, apesar de Paulo se alegrar por ir estar com ele? Mas que sentido tinha aquela palavra, a não ser que nela ressoava nossa fraqueza? Muitos ainda fracos se contristam com a vinda da morte. Mas tenham o coração reto. Evitem a morte quando puderem. Mas se já não podem evitar, repitam o que disse o próprio Senhor, não por sua causa, mas por nós. Como se exprimiu ele? "Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice". Aí vem expressa a vontade humana; mas já aparece o coração reto: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, Pai" (Mt 26,39). Se, portanto, o coração reto segue a Deus, o coração depravado resiste a ele. Se algo de adverso lhe sucede, logo clama: Ó Deus, que te fiz? Que mal cometi? Em que pequei? Quer parecer justo, e Deus injusto. Que há de tão perverso? Não basta ser torto, mas julga que a régua está torta. Corrige-te, e descobrirás que é reto aquele do qual te desviaste. Ele é justo, tu injusto. És perverso, porque dizes que o homem é justo e que Deus é injusto. Qual o homem que chamas de justo? A ti mesmo. Pois, ao dizeres: Que te fiz? Julgas-te justo. Mas Deus te responderá: Dizes a verdade; nada me fizeste; tudo o que fizeste é contra ti. Com efeito, se fizesses algo por mim, farias bem. De fato, tudo que se faz de bem, faz-se para mim, porque é realizado devido ao meu preceito. Tudo aquilo, porém, que se faz de mal, é feito para ti, não para mim, porque o mau nada faz senão para si, visto que eu não o mandei. Ao considerardes, meus irmãos, os que assim agem, censurai, argüí, corrigi e se não podeis repreender ou corrigir, não concordeis, a fim de poderdes afirmar: "Não se unia a mim o coração depravado".

**7** "Não conhecia o maligno que se apartava de mim". Que é: "não conhecia?" Não aprovava, não louvava, não me agradava. Efetivamente, descobrimos que nas Escrituras às vezes conhecer tem o sentido de agradar. Pois, que pode estar oculto a Deus, irmãos? Porventura conhece os justos e não conhece os injustos? Que pensas que ele desconhece? Não digo: Que fazes? mas: Que pensas que ele desconhece? Nem pergunto: Que pensas? mas: Que pensarás que ele não tenha previsto? Por conseguinte, Deus sabe todas as coisas; e no entanto, no final, isto é, no juízo que vem depois da misericórdia, ele afirma a respeito de alguns: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não foi

em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres? Em teu nome comemos e bebemos? Então eu lhes direi: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mt 7,22.23). Existe alguém que ele não conheça? Mas, por que, então: "Nunca vos conheci?" Segundo minha regra, não vos conheço. Pois, conheço a regra de minha justiça; não concordastes com ela, dela vos apartastes, sois distorcidos. Por isso, também está no salmo: "Não conhecia. Não conhecia o maligno que se apartava de mim". Que significa: Não conhecia? Por acaso o malvado se encontrar um justo numa rua estreita, repete o que está escrito no livro da Sabedoria de Salomão: "Basta vê-lo para nos importunar" (Sb 2,14) e muda de direção para não ver aquele que ele não quer ver? Mas quantos são os malvados que vemos e que nos vêem? Eles não apenas se afastam de nós, mas correm para nós, e por vezes querem por nosso intermédio cometer suas iniqüidades. Isso nos acontece várias vezes. Como, então, dizer que eles se apartam? Aparta-se de ti quem é diferente de ti. Que quer dizer: aparta-se de ti? Não te segue. Que seria: Não te segue? Não te imita. Por conseguinte, "apartava-se de mim o maligno", isto é, quando o maligno era diferente de mim, não queria imitar meus caminhos, não queria viver conforme o que lhe propunha imitar, eu "não o conhecia". Que significa: "Não conhecia?" Não digo que desconhecia, mas que não aprovava.

**8** [5] "Perseguia aquele que ocultamente falava mal do próximo". Aí está um bom perseguidor, não de um homem, mas do pecado. "Não era conviva do homem de olhar orgulhoso e de coração insaciável". Que significa: "Não era conviva?" Não comia em sua companhia. V. Caridade preste atenção. Vai ouvir algo de espantoso. Se não era conviva dele, não comia em sua companhia. Alimentar-se é comer. Por que, então, em primeiro lugar, encontramos que o próprio Senhor comeu na companhia dos soberbos? Não me refiro aos publicanos e pecadores, porque eles eram humildes. Eles conheciam a própria doença e procuravam o médico. Encontramos no evangelho que ele comeu na casa de fariseus soberbos. Pois um fariseu soberbo o convidara; trata-se daquele a quem desagradou ter a mulher pecadora, conhecida na cidade, se aproximado dos pés do Senhor; e disse em seu coração (porque a pureza dos fariseus consistia em que nenhum iníquo os tocasse; se alguém imundo os tocasse, mesmo de leve, tinham horror, como se o toque imundo os tornasse imundos. Então, logo que aquela pecadora, que tinha má fama na cidade, a chorar aproximou-se dos pés do Senhor, vendo-a, disse em seu coração): "Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca". Como poderia ele saber que Cristo o ignorava, senão por ter suspeitado que ele ignorava, porque não a repeliu? Se fosse ele, a repeliria. O Senhor, porém, conhecia não somente aquela pecadora, mas, qual médico, via que eram incuráveis as feridas daquele soberbo. Disse então, tendo entendido seu pensamento, e mostrando que ele era soberbo: "Simão, tenho uma coisa a dizer-te: Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinqüenta. Como não tivesse com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?" E ele proferiu a sentença contra si, pois a verdade lhe extorquiu a confissão: "Suponho que aquele, Senhor, ao qual mais perdoou. E, voltando-se para a

mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em sua casa e não me derramaste água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas" (Lc 7,36-44), e o restante, como sabeis. Não precisamos deter-nos nas outras partes, por causa do que já empregamos como testemunho. Este fariseu era soberbo, e o Senhor era seu conviva; então como é que diz o salmo: "Não era conviva do homem de olhar orgulhoso e de coração insaciável?" Que quer dizer: "Não era conviva?" Não comia com ele. Como nos propõe o que ele mesmo não fez? Ele nos exorta a imitá-lo. Vemos que foi conviva dos soberbos, e como nos proíbe tomar parte em seus banquetes? Nós, de fato, irmãos, devemos, tendo em vista a correção, nos abstermos de comer com nossos irmãos, a fim de que eles se corrijam. É preferível ser conviva de estranhos e pagãos a ser daqueles que estão perto de nós, se virmos que eles vivem mal, a fim de que se envergonhem e se corrijam, conforme a palavra do Apóstolo: "Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, notai-o, e não tenhais comunicação com ele; e não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão" (2Ts 3,14.15). Assim agimos muitas vezes, para seu remédio; no entanto, com muitos estranhos e ímpios freqüentemente comemos.

**9** Por que diz o salmo: "Não era conviva do homem de olhar orgulhoso e de coração insaciável?" O coração piedoso tem seus banquetes, e o coração soberbo os que lhe são peculiares; o salmista disse, tendo em mira os alimentos do coração soberbo: "de coração insaciável". De que se alimenta o coração soberbo? Se é soberbo, é invejoso; não pode ser de outro modo. A soberba é mãe da inveja; é impossível que não a gere, e sempre aparece com ela. Portanto, todo soberbo é invejoso; se é invejoso, alimenta-se dos males alheios. Daí vem que diz o Apóstolo: "Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros" (Gl 5,15). Vedes, portanto, os que estão comendo; não deveis ser convivas deles. Fugi de tal convívio. Nem ao menos se saciam alegrando-se com os males alheios, porque têm coração insaciável. Acautela-te para não seres apanhado, em seus banquetes nos laços do diabo. Os judeus se alimentavam de tais iguarias, quando crucificaram o Senhor. Pareciam saciar-se com os padecimentos do Senhor (Pois também nós nos alimentamos do fruto da cruz do Senhor, porque comemos o seu corpo). Insultavam-no ao vê-lo crucificado, porque tinham o coração insaciável; proferiam, portanto, essas palavras: "Se é Filho de Deus, desça da cruz! A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!" (Mt 27,40.42). Alimentavam-se de sua crueldade, enquanto Cristo se nutria de sua misericórdia. Dizia: "Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem" (Lc 23,34). Os judeus tinham suas iguarias, e Cristo as suas, muito diferentes. Mas escutai o que se diz da mesa dos soberbos: "Sua mesa se lhes transforme" em armadilha, punição, tropeço (Sl 68,23). Saciaram-se e foram colhidos. Pois, como as aves caem no laço, ou os peixes comem a isca, mas são apanhados, assim lhes acontece. Têm, portanto, os ímpios as suas iguarias e têm os piedosos as suas. Escuta quais são os banquetes dos piedosos: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6). Efetivamente, se o piedoso toma o alimento da justiça, e o ímpio o da soberba, não é de admirar que esse tenha o coração insaciável. Alimenta-se da iniqüidade. Não tomes o

alimento da iniqüidade, e não serás conviva do homem de olhar orgulhoso e de coração insaciável.

**10** [6] E tu, de que te alimentavas? Que te deleitava, quando não eras conviva do malvado? "Punha os olhos nos fiéis da região para que refletissem comigo". O Senhor diz: "Punha os olhos nos fiéis da região para que refletissem comigo", isto é, se sentassem junto de mim. Como se sentariam? "Vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19,28). Julgam os fiéis da terra, aos quais foi dito: "Não sabeis que julgaremos os anjos?" (1Cor 6,3). "Punha os olhos nos fiéis da terra para que refletissem comigo. Servia-me aquele que trilhava sendas sem mácula. Servia-me", não a si. Muitos servem o evangelho, mas servindo a si mesmos, porque procuram seus interesses e não os de Jesus Cristo (cf Fl 2,21). Que é servir a Cristo? Procurar os interesses de Cristo. Efetivamente, quando são maus que anunciam o evangelho, uns se salvam e outros são castigados. Pois, foi dito: "Fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações" (Mt 23,3). Não tenhas, medo, portanto, ao ouvires um homem malvado pregar o evangelho. Ai deles porque servem a si mesmos, isto é, procuram seus interesses; tu, porém, acolhe a Cristo, recebe dele. "Servia-me aquele que trilhava sendas sem mácula".

**11** [7] "Não habitava em minha casa aquele que agia orgulhosamente". Referi àquela casa, isto é, ao coração. Não habitava em meu coração o que agia orgulhosamente. Desses tais, nenhum habitava em meu coração. Pois, saltava dali. Ninguém habitava em seu coração, a não ser o manso e tranqüilo; o soberbo ali não descansava. O injusto não pode habitar no coração do justo. Se um justo estiver longe de ti não sei quantas milhas e casas, habi-tareis juntos se tendes um só coração. "Não habitava em minha casa aquele que agia orgulhosamente. Aquele que proferia iniqüidade não permanecia diante de meus olhos". Esta é a via sem mácula, na qual percebemos quando o Senhor se aproxima de nós.

**12** [8] "De madrugada matava todos os pecadores da terra". Isso é obscuro. Prestai atenção. O salmo já está no fim. "De madrugada matava todos os pecadores da terra". Para quê? "A fim de exterminar da cidade do Senhor todos os malfeitores". Existem, portanto, na cidade do Senhor malfeitores, e parece que ainda são poupados. Por quê? Porque é tempo de misericórdia; mas virá o tempo da justiça, porque o salmo assim começa: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor". O salmista já declarara acima que somente os bons a ele se uniam. Não aderia aos malvados, nem se deleitava nos banquetes da iniqüidade entre aqueles que serviam a si mesmos, e não ao Senhor, isto é, procuravam os próprios interesses. E se perguntássemos ao Senhor: Então, por que toleraste por tanto tempo em tua cidade a esses tais? Responderia: Agora é tempo da misericórdia. Que significa: é tempo da misericórdia? Ainda não se manifestou o juízo; é noite. Aparecerá o dia, aparecerá o juízo. Escuta as palavras do Apóstolo: "Por conseguinte, não julgueis prematuramente". Que é: "prematuramente?" Antes do dia determinado. Escuta por que disse: prematuramente: "Antes que venha o Senhor. Ele

porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido" (1Cor 4,5). Pois, agora, enquanto não vês meu coração e eu não vejo o teu, é noite. Por exemplo, pedes alguma coisa a alguém. Ele não dá e achas que é por desprezo. Talvez não seja, mas não vês seu coração e logo xingas. De noite, deves perdoar aquele que erra. Outro qualquer te estima e pensas que não gosta de ti; ou não gosta e pensas que ele te estima; mas seja como for, é noite. Não tenhas medo. Tem confiança em Cristo, e nele terás o dia. Não há motivo de pensares mal acerca dele, porque temos segurança, temos certeza que ele não pode se enganar; ele nos ama. A respeito de nós, mutuamente, não temos certeza. Mas, Deus conhece nosso amor recíproco. Nós, porém, embora nos amemos mutuamente, quem vê como isto se faz praticamente? Por que ninguém vê os corações? Porque é noite. Nesta noite, as tentações são abundantes. Outro salmo parece referir-se a esta noite: "Estendeste as trevas e fez-se noite; rondam todas as feras da selva. Os leõezinhos rugem pela presa e pedem a Deus o seu sustento" (Sl 103,20.21). À noite os leõezinhos buscam a presa. Quais são os leõezinhos? Os príncipes e as potestades do ar (cf Ef 2,2), os demônios e os anjos do diabo. Como buscam alimento? Quando tentam. Mas como não podem ter acesso, se Deus não lhes der poder para isso, foi dito: "pedem a Deus o seu sustento". O diabo pediu licença para tentar Jó. Que alimento era esse? Opulento, saboroso; um justo de Deus, do qual o próprio Deus deu testemunho: "Um homem íntegro e reto, que cultua a Deus" (cf Jó 1,8-12). O diabo pediu permissão de tentá-lo, suplicando alimento a Deus. Teve permissão de tentar, mas não de oprimir; de purificar, e não de derrubar; ou talvez de não purificar, mas de provar. No entanto, os que são tentados, algumas vezes são entregues, por merecerem ocultamente, às mãos do tentador, porque talvez se deram a suas concupiscências. Pois, o diabo a ninguém prejudica se não receber poder da parte de Deus. Mas, quando? De noite. Que é: de noite? No tempo presente. Quando, porém, passar a noite e vier o dia, os maus serão lançados com o diabo no fogo eterno, e os justos irão para a vida eterna (cf Mt 25,46). Ali não haverá tentador algum, ali não existem leõezinhos, porque a noite já passou. Por isso, O Senhor disse a seus discípulos: "Nesta noite, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, ó Pedro, a fim de que tua fé não desfaleça" (Lc 22,31.32). Que é: "peneirar como trigo?" Assim como o homem não come o trigo antes de triturá-lo para fazer o pão, assim o diabo não absorve a ninguém, antes de derrubá-lo pela tentação. Ele esmaga para comer. Tu, porém, ao seres afligido, se permaneceres grão inteiro, não te perturbes; nada te sucederá. Os bois para triturarem, entram onde está sozinho o trigo? Entram na eira com o trilho. Mas acaso o trigo precisa ter medo? De forma alguma. Só é esmagada a palha; tira-se o supérfluo do trigo, faz-se a ventilação, e fica a massa pura. O tigo vai para o celeiro, e o acervo de palha é queimada num fogo enextinguível (cf Mt 3,12).

**13** Por que falei assim? Porque temos em esperança o dia. Devemos ter o dia em Cristo. Pois, enquanto estamos no meio das tentações é noite. Nesta noite Deus poupa os pecadores, não os põe fora. Castiga-os com as provas, para se corrigirem. Ainda os tolera em sua cidade. Pensamos que sempre há de tolerar? Se tiver sempre misericórdia,

não haverá justiça; se, porém, “cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor”, agora poupa, e no fim julgará. Mas quando julgará? Quando tiver passado a noite. Por isso disse: “De madrugada matava todos os pecadores da terra”. Que significa: “De madrugada?” Quando despontar o dia, depois que a noite tiver passado. “De madrugada matava todos os pecadores da terra”. Por que os poupa até de manhã? Porque era noite. Que significa: era noite? Era o tempo em que o Senhor poupava. Poupava enquanto os corações dos homens estavam ocultos. Vês alguém que leva má vida e o toleras. Não sabes como será amanhã, porque é noite. Quem hoje vive bem, amanhã pode se tornar malvado. Pois é noite. E Deus suporta a todos, visto que é longânime. Tolera, a fim de que os pecadores se convertam. Mas serão mortos os que não se corrigirem no tempo da misericórdia. E por quê? A fim de serem expulsos da cidade do Senhor, da sociedade de Jerusalém, da sociedade dos santos, da sociedade da Igreja. Quando, porém, serão mortos? De madrugada. Que quer dizer: “De madrugada?” Quando a noite passar. Por que o Senhor poupa agora? Porque é tempo da misericórdia. Por que não poupa sempre? Porque “Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor”. Ninguém se iluda, meus irmãos: serão mortos todos os malfeitores. Cristo os haverá de matar de madrugada, e exterminá-los-á de sua cidade. Mas, agora, tempo da misericórdia, que eles o ouçam. Cristo clama em toda parte, pela lei, pelos profetas, pelos salmos, pelas epístolas, pelos evangelhos. Vede que ele não cala, porque poupa, porque concede misericórdia. Mas, acautelai-vos. Virá o juízo.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital
*Erivaldo Dantas*

Tradução
*Monjas beneditinas*
*Mosteiro Maria Mãe do Cristo - Caxambu (MG)*

Revisão
*H. Dalbosco*

Introdução
*Roque Frangiotti*

Capa
*Visa*

Os manuscritos, mesmo os mais antigos, usam diversos títulos. Encontram-se, quase sem diferença: exposição, sermão, tratado, além de, algumas vezes, comentários e explanação. Contudo, tratado se reserva de ordinário a verdadeiros sermões, e é esta a verdadeira tradição, atestada por Possídio.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.

Comentário aos Salmos / Santo Agostinho; revisão de H. Dalbosco. — São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística).

Título original
*Enarrationes in psalmos.*

Contéudo
Salmos 51-100

eISBN 9788534938846

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430 2. Bíblia. A.T. Salmos — Comentários I. Dalbosco, Honório, II. Série.
96-1495 CDD-223.207

Índices para catálogo sistemático
1. Salmos : Comentários : Antigo Testamento 223.207

Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

# Scivias

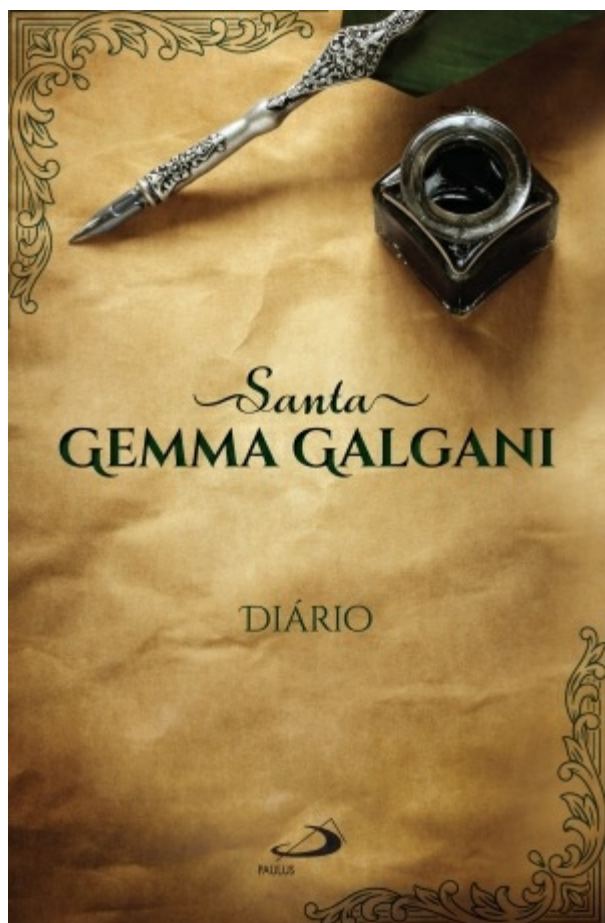
de Bingen, Hildegarda

9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia

Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

# Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

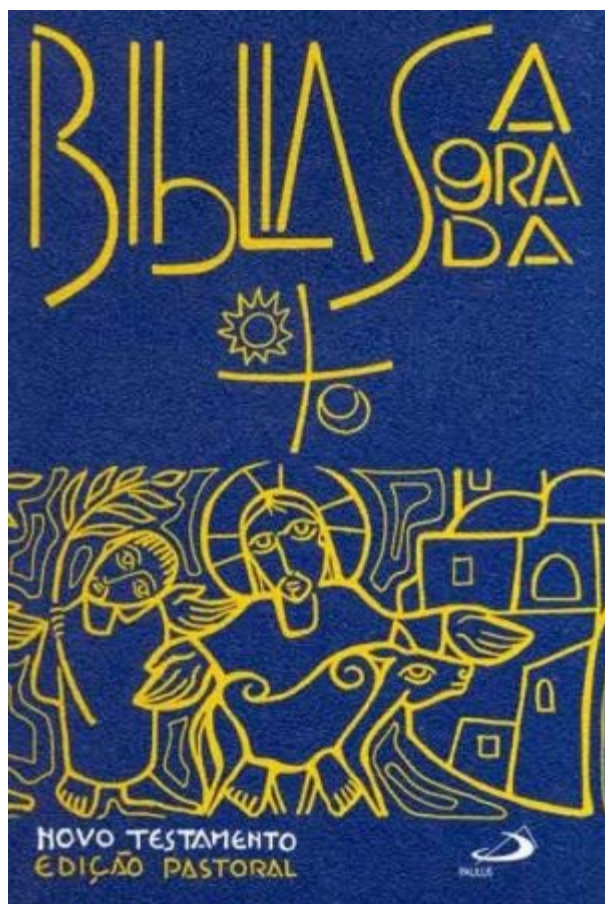
9788534945714

248 páginas



Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

DOCAT
Como agir?

BIBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL
PAULUS

# Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas



A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

LEE MARTIN MCDONALD
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

# A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

# Índice